3 1761 07149192 2

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mappadeportuga01cast

MAPPA

DE

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

PELO PADRE

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO

BENEFICIADO NA SANTA BASILICA PATRIARCHAL DE LISBOA

TOMO PRIMEIRO

PARTE I E II

3.ª EDIÇÃO REVISTA E ACCRESCENTADA

POR

MANOEL BERNARDES BRANCO

LISBOA

TYP. DO PANORAMA — Rua do Arco do Bandeira — 112

MDCCCLXX

41-3

DP
520
C3
1870
v.1-3

NOV 2 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

INTRODUCÇÃO Á OBRA

Entrei na laboriosa empresa d'este mappa não só para instruir aos nacionaes principiantes, mas especialmente para informar com individuação sincera aos estrangeiros do estado verdadeiro do nosso paiz; considerando, que só assim poderiamos atalhar os continuos erros, e descuidos, que se observam ainda nos authores modernos, que sem conhecimento das nossas terras chegam a fallar de Portugal.

Elles attribuem esta ignorancia á falta de quem lhes communique uma exacta geografia do nosso continente, e ao menos um epitome historico das mais importantes, e publicas acções. Atrevi-me a cultivar este meu projecto, não obstante ver-me suspenso com o embaraço de não ter cabedal sufficiente para desempenhar a idéa; porem, como ha assumptos, cuja utilidade unida á boa intenção do escriptor costuma supprir os defeitos da obra, cheguei a publicar cinco partes, que correndo pelo mundo, tiveram a felicidade do benigno acolhimento que experimentaram dos curiosos. (1)

Agora porem que se fez precisa esta nova, e segunda edição por falta de exemplares da primeira, achei conveniente augmental-a com opportunos retoques, e novas especies proprias do assumpto; entre as quaes me pareceu indispensavel fazer algumas observações sobre o Mappa.

Com razão disse Justo Lipsio (2) que o invento dos Mappas fôra a mais engenhosa idéa, em que os homens tinham dado: pois em breve espaço, e a uma vista nos mostra todo o mundo, e por elle conhecemos o sitio, e grandeza de cada reino, provincia, ou lugar. Attribue-se esta invenção aos egypcios, e particularmente a elrei Sesostris, como diz Diodoro Siculo, (3) posto que Diogenes dê a primazia a Anaximandro (4) discipulo de Thales Milesio.

(1) Vejase ao P. Azered. no Trat. Ilias in nuce p. 52. (2) Lips. l. 2. ep. 51.
(3) Diod. Sic. l. 1. sect. 2. (4) Laertius in ejus vita.

Porem, ou fosse um, ou outro, é infallivel que os Mappas n aquelle tempo não eram delineados, como agora são as cartas geograficas, mas eram umas taboas dispostas em columnas, em que se demarcava a altura das terras: assim como vemos nas de Ptolomeu, e nas chamadas Theodosianas. (1) Depois se foram expressando em globos, ou esferas, de que faz menção o mesmo Ptolomeu, (2) e de Roma se divulgou este uso para todas as mais terras do universo.

Costumam pois os Mappas ser ordinariamente delineados em dois circulos, que representam dois meios globos com uma linha, que os atravessa pelo meio, que significa a Equinocial, e elles o globo terrestre expressado em plano. No alto está o polo Arctico, a que tambem chamam polo septentrional, ou do norte. Na parte mais infima está outro polo chamado Antarctico, ou do sul. A mão direita fica o oriente, e á esquerda o occidente.

Para cada uma das partes da Equinocial correm outras duas linhas, que significam os tropicos. A, que está para a parte do norte, é o tropico de Cancro: e a, que está para a parte do sul, é o de Capricornio. A linha que corre obliquamente de um dos tropicos para o outro, cortando a Equinocial, significa a Ecliptica; ainda que esta não se pinta em todos os Mappas.

As linhas, ou riscos, que correm de norte a sul, denotam os graus de longitude, e as que correm de nascente a poente, cortam e mostram os graus de latitude, os quaes começam da linha Equinocial, e acabam de uma parte do norte, da outra no sul. De modo, que da Equinocial para o norte ficam oito linhas das sobreditas, as quaes estão distantes uma da outra 10 graus; e assim denotam os 90 graus, que ha da linha Equinocial ao norte. Na mesma fórma se contam outras tantas linhas da Equinocial para o sul.

Estas linhas, em que se mostram os graus, tambem costumam escrever-se pela orla dos Mappas; e advirta-se que as linhas de norte sul, ou meridianos, sempre se vão chegando umas a outras cada vez mais, quanto mais se vão chegando para algum dos polos: e assim desde que passam da Equinocial, nunca os graus tem a mesma quantidade; d'onde é certo, que as terras, que estão v. g. debaixo do circulo Arctico, não podem estar entre si tão remotaas, como as que estão debaixo da Equinocial, ou de cada um dos tropicos.

O mais util dos Mappas é a intelligencia da sua graduação; para o que se hade saber que o grau é o espaço de 18 leguas. (3) E foi necessario inventar a conta dos graus, para declarar a parte onde está arrumada a cidade, ou lugar, que queremos saber, e onde o havemos buscar no Mappa; e para isto é preciso não só o grau de altura, ou latitude, mas o de leste oeste, ou de longitude.

(1) A Elian. l. 3. c. 28. apud Cellar. l. 1. c. 1. Geogr. ant. (2) Ptolomeu l. 1 c. 21. (3) Pimentel na Arte da Navegação part. 1 c. 3.

Chama-se grau de latitude, porque, ainda que o mundo seja redondo, e nos globos não haja mais largura que comprimento, com tudo como estes graus se contém da linha para cada um dos polos, a este respeito se diz esta a largura, ou latitude do mundo; e contém sómente a quarta parte do comprimento. De sorte que tendo o mundo 360 graus de comprimento, ou de leste oeste, tem só da linha para o norte 90, e outros tantos da linha para o sul.

Os graus de altura começam da linha: de sorte que se estivermos 18 leguas affastados da linha para o norte, diremos que estamos em um grau de altura do polo da parte do norte: e se estivermos 36 leguas, diremos que estamos em dois graus de altura do polo: e d'aqui por diante até 90 graus; e do mesmo modo da parte do sul. Chamam-se graus de altura do polo, porque, assim como elles vão crescendo, assim se vai levantando para nós o polo sobre o horisonte.

São os graus de longitude, ou comprimento 360, e, porque de oriente para occidente, ou vice versa, não ha signal algum fixo, a respeito do qual se podessem assentar os graus, e começar a conta d'elles, de consentimento de homens sabios, uns assentaram o principio, e fim d'estes graus na ilha do Corvo, outros na de Tenarife; porem modernamente o estabeleceram na ilha do Ferro, que é a mais occidental das Canarias, e corre do occidente para o oriente. (1)

Para assentar estas distancias, e graus, foi necessario o conhecimento dos eclipses da lua; porque, como sejam no mesmo ponto em toda a parte, Ptolomeu, e outros companheiros desejosos de alcançar quantos graus uma terra ficava mais oriental que outra, nos tempos, em que haviam succeder os eclipses, se iam áquelles lugares, e observavam a hora da noite, que n'elles era o eclipse, e sabida ella, ficavam entendendo quanto uma terra estava mais oriental que a outra; porque aquelles lugares, onde o eclipse apparecia mais tarde, é certo que ficavam mais orientaes, pois n'elles mais cedo anoitece, que nos outros mais occidentaes.

Todavia parece que n'estes graus, e no assento dos lugares, e terras a respeito d'elles não póde haver muita certeza; porque ella não podia achar-se senão pela dita experiencia, que não seria possivel fazer-se em todos os lugares; e menos n'aquelles, que depois se descobriram. Assim advertimos que nos Mappas se acha entre uns, e outros diversidade nos graus de longitude, porque uns principiando por differente Meridiano põem os lugares em mais, outros em menos gráus. Vê-se isto n'esta observação que fiz sobre a longitude de Lisboa, segundo as cartas geograficas de varios authores.

(1) Vallemont nos Elem. da Hist. l. 2. c. 3

Altura de polo de Lisboa conforme diversos geografos nas cartas de Portugal

Latitud.		*Longit.*		*Carta geografica de*
gr.	m.	gr.	m.	
38	58	7	12	Fernando Alvares Seco.
38	26	9	54	Mons. Sanson.
38	33	—	—	P. Du-Val.
38	53	10	5	Pedro Mortier.
38	55	5	15	Francisco Halma.
38	40	7	45	Carlos Allard.
38	40	10	14	João de Ram.
38	48	7	42	Nicolau Vischer.
38	35	7	37	P. Placido Agostinho.
38	40	12	—	João Bautista Lavanha.
38	35	9	52	João Bautista Nolim.
38	48	8	6	Mons. Tailot.
38	50	9	45	Jacome Canteli.
38	40	12	—	Gaspar Baillieu.
38	48	9	12	João Bautista Homannu.
38	40	7	—	Pedro Teixeira.
38	48	9	15	Manoel Pimentel.
38	45	—	—	P. Capassi.
38	39	—	—	P. Dechales.
38	40	—	—	P. Ricciolo, e Tosca.
39	38	5	10	Petavio.

De sorte que em todas as cartas geograficas se encontra differença nas longitudes. Advirto que para a formatura d'este Mappa me vali da Carta de João Bautista Hommannu, impressa no anno de 1737, por ser a que mais se ajusta ás computações da arte de navegar do nosso insigne cosmografo Manoel Pimentel, tidas pelas mais exactas.

Da intelligencia do grau de longitude em que estiver algum lugar, segue-se o effeito de se saber quanto está oriental, ou occidental a respeito de outros, e quantas leguas ha de um a outro, estando na mesma altura de polo, contando 18 leguas por cada grau nas terras, que ficam perto da linha. Segue-se tambem saber-se quanto nasce, ou põem o sol mais cedo em uma terra, que em outra: pois n'aquella que está mais oriental um grau que outra, nasce, e se põe o sol primeiro quatro minutos de hora, e na que está mais oriental 15 graus, nasce, e se põe o sol uma hora primeiro. Isto se entende em iguaes alturas do polo; por quanto póde uma terra ser mais occidental que outra, e nascer-lhe

muito mais cedo o sol no verão, por causa da sua maior altura do polo.

Maiores effeitos resultam do conhecimento dos graus de latitude: porque se sabe se o lugar está muito chegado á linha, ou pelo contrario ao norte: se a terra será quente, temperada, ou fria: se a gente será alva, negra, ou morena, segundo a observação ordinaria fundada na maior visinhança, ou distancia do sol. Tambem fica manifesta a quantidade dos dias do anno; porque quanto menos são os graus de altura, tanto mais são iguaes os dias com as noites.

Finalmente do conhecimento do grau de longitude, e latitude juntamente resulta uma apta noticia para buscar no Mappa a terra, que sabemos está em tal grau, e as leguas que dista uma da outra. Mas porque é util saber a diversidade que ha de medidas itinerarias, conforme as varias accepções das provincias, informarei d'ellas com a melhor exacção que me foi possivel extrahir dos authores.

Braça portugueza, 10 palmos de craveira, ou 6 pés, ou 80 pollegadas.
Covado portuguez, 3 palmos, ou 2 pés portuguezes.
Dedo, 4 grãos de cevada lateralmente unidos.
Grau em Portugal, 18 leguas.
—Em Alemanha, 10 leguas das grandes, 12 das medianas, 15 das pequenas, conforme diz Briecio, porem segundo Cluverto em Alemanha um grau da esfera corresponde na terra a 5 leguas das grandes, ou a 10 das medianas, ou a 15 das pequenas.
—Em Italia, 60 milhas.
—Em França, 20 leguas das grandes, e 25 das communs.
—Em Inglaterra, 27 leguas das grandes, 50 das medianas, 60 das pequenas.
Legua portugueza, 28:168 palmos craveiros, ou 2:818 braças de 10 palmos cada uma, ou 3:000 milhas italicas.
—Allemã grande, 6:000 passos geometricos.
Mediana, 5:000 passos.
Pequena, 4:000 passos, segundo Briecio.
—Italica, 1:000 passos.
—Franceza, 3:000 passos.
—Ingleza, 2:181 passos geometricos.
—Castelhana, o mesmo que a portugueza.
Milha, 1:000 passos.
Palmo craveiro, 8 polegadas
Passo commum, 4 palmos e meio, ou 3 pés.
—Andante, 3 palmos, ou 2 pés.
—Geometrico, 7 palmos e meio de craveira escassos, ou 5 pés geometricos.
Pé portuguez, 12 pollegadas, ou palmo e meio de craveira.

—Francez, o mesmo.
Polegada, 10 pontos, ou linhas.
Toeza, 6 pés regios. É propriamente medida franceza.
Vara portugueza, 5 palmos.
—Valenciana, 4 palmos.
Verga, 10 pés geometricos.

Entendida a configuração dos Mappas, ou cartas geographicas universaes, facilmente se entendem as particulares, as quaes, se forem de um reino, se chamam corographicas, e se representarem uma só provincia, ou cidade, se chamam topographicas. N'estas, para se saber a distancia que ha de um lugar a outro, o modo mais facil é applicar no Mappa um pé do compasso ao centro da cifrasinha, que em todos os lugares costuma vir expressada na sua verdadeira situação local, e o outro pé á outra terra, e depois transferindo assim o compasso aberto ao petipé, ou escala das leguas, que se põe na parte mais desembaraçada da carta, este lhe mostrará a distancia.

Porem, se a distancia dos lugares achados fôr maior na abertura do compasso, que a graduação do petipé, então se tomará n'este uma distancia arbitraria de 10 ou 20 leguas, e transferindo o compasso ao corpo do Mappa, irá regulando por linha recta de um a outro lugar, até fazer justa a medição.

Ha outros modos de achar a distancia de um lugar a outro, sabidas as suas latitudes, e longitudes verdadeiras, os quaes modos ensina a Trignometria por via das taboadas dos senos, e tangentes. Tambem pelo quarto de circulo de reducção, sabidas as differenças das latitudes, e longitudes, é muito facil, e exacto, cujo uso se póde ver na Arte de navegar do famoso Manoel Pimentel.

Pelo exame, e calculo d'estes modos formei as taboas topographicas, e itinerarias das principaes terras de Portugal, advertindo que as distancias das leguas de um lugar a outro em as ditas taboas são tiradas por linha recta, conformando-me com as cartas geograficas de Pedro Teixeira, e João Bautista Hommannu, como já disse.

No mais estou certo, que assim como descubro defeitos nas obras dos outros, não ficarei tambem isento da censura, e reparos que os doutos me fizerem, a cujo racionavel juizo me submetto: esperando que as suas advertencias me sirvam de instrucção para a emenda. Sobre tudo protesto não haver escripto n'esta obra palavra, ou clausula que não seja totalmente sujeita á correcção da santa igreja catholica romana, a cujo infallivel dictame rendo de boa vontade o meu entendimento.

MAPPA

DE

PORTUGAL

CAPITULO I

Da situação, etymologia, e clima d'este reino

Na parte mais occidental da Europa, como corôa de toda a Hespanha, sitio estabelecido da clemencia do ceu para cabeça do mais dilatado imperio, está collocado o famoso Reino de Portugal entre o parallelo de 37, e 42 graus de latitude septentrional, e entre os 9, e 13 graus de longitude, (1) cuja distancia intermedia reduzida a leguas, commensuradas pela margem maritima, vem a fazer 100 no seu justo comprimento, e 35 na sua maior largura. De circumferencia tem 285 leguas: as 135 de ribeira maritima, respeitando alguns angulos: e as 150 de raia terrestre, conforme a Geographia Blaviana. (2)

Este calculo vai formado na hypothese de que damos 18 leguas a cada grau do Meridiano, e 14 a cada grau do parallelo; e que o Reino tem de latitude 5 graus com alguns minutos, e 3 de longitude.

As partes, ou limites confinantes são estes: Galiza fica-lhe ao Norte, ou Septentrião: a costa do Algarve ao Sul, ou Meio dia: o mar Oceano, chamado de Portugal, pelo Occidente; e Castella a velha, Leão, e Andaluzia confinam pelo Oriente.

O primeiro nome, que teve este Reino, foi o de *Lusitania*, querendo os mais dos geographos, e historiadores que Luso, ou Lysias, filho de Bacco, fosse o que pelos annos 800 do diluvio universal lhe conferisse o nome, deduzido com pouca differença do seu proprio. (3) Porem este systema tão constantemente recebido, e patrocinado padece as contradicções que occasionam as fabulas em que se funda.

Quem quizer dar credito ao doutissimo Samuel Bocharto, (4) a palavra *Lusitania* é vocabulo Fenicio, derivado da raiz *Luz*, que se inter-

(1) Sanson. e João Bapt. Hom. Mappa de Port. (2) Geograf. Blavian. (3) Plin. lib. 1. cap. 3. Resend. 1. de Antiq. Moced. Flor de Hesp. c. 13. Exc. n. 1. Baudrand. Diccion. Geogr. Lucte Monarc. Tr. 1. p. 1. lib. 1. (4) Bochart. l. 1. c. 25. Geogr. Sacr.

preta *Amygdalum*, isto é, *Amendoa*, dos quaes fructos foi sempre fertil Portugal: (1) e como os Fenices costumavam dar nome ás terras que habitavam, conforme os fructos de que eram mais abundantes, (2) não parecia improvavel, nem incongruente esta conjectura, por ser estabelecida em historia verdadeira, se acaso não tivera tambem a objecção de serem os Fenices os que só povoaram a costa do cabo de S. Vicente, que n'aquelle tempo não se chamava Lusitania, mas Celtica.

Mons. de La Clede (3) tem por etymologia mais certa deduzir a palavra *Lusitania* dos antigos povos chamados *Lusos*, que habitaram este nosso continente, a qual na lingua Celtica significava homem de alta e robusta disposição, vocabulo conveniente ao valor, e esforço dos antigos portuguezes.

Quanto ao nome de *Portugal*, por não darmos derivação antiga a um vocabulo moderno, temos por mais certo que se deduziu da povoação chamada *Cale*, que antigamente houve na margem austral do rio Douro, fronteira á cidade do Porto: a qual povoação pela frequencia das gentes, que alli concorriam, se foi fazendo afamada. Depois com o progresso do tempo se deu este mesmo nome á cidade do Porto, que se fundou defronte; e como a fortuna tambem favorece aos lugares, desde o anno 1037 pouco mais, ou menos, como quer Estaço, ou 1059, como dizem outros, se estendeu a todo o reino aquelle nome de Portugal, que era proprio de uma só cidade. (4)

Não averiguamos se a palavra *Cale*, como quer João Salgado de Araujo, (5) foi imposta por aquelles gregos, que fizeram transito a estas partes com o principe Menelao, e fundaram uma povoação na foz do Douro com o nome de Cale, que significa *Porto ameno e seguro*; porque não sabemos que haja historia verdadeira, em que esta memoria se possa fundar. Da mesma fórma rejeitamos todas as mais etymologias, como improvaveis e nugatorias.

Inclue-se Portugal no clima sexto, e principio do setimo, e por isso é o seu maior dia de 15 horas: mostrando-se n'este breve espaço de terra tão benigna a inclinação do ceu, que em algumas das nossas provincias tempera de sorte os extremos do frio e do calor, que faz confundir os tempos com suavissima equivocação. (6) Com esta favoravel temperança influem Sagittario, Capricornio e Piscis com tão feliz aspecto, respirando n'este reino ares tão benevolos, que o constituem patria de todos: pois vemos que as gentes das mais remotas partes do mundo attrahidas da benignidade d'este clima, para aqui veem, e aqui vivem

(1) Ludov. Nonius Hisp. Cap. Commerc. t. 2. pag. 22. (2) Resende. De Antiq. verb. «Lusit.» (3) De La Clede Hist. de Portug. tom. 1 p. 6 mihi. (4) Cellar. na Geogr. antiq. tom. 1 l. 2. c. 1. § 49. Argot. Antig. de Brag. liv. 2 c. 7. e 9. Estaç. Antig. de Portug. c. 92 n. 2. Brandão. Hist. de Hesp. tom. 1 l. 5. 1 c. 4. Lima Geogr. de Portug. t. 1. pag. 188. (5) Araujo Mart. Lusit. Concion. 1 num. 5 pag. 83. Tournel. ad ann. 1341 num. 2. (6) Maced. Excel. de Port. cap. 1 Exc. 1 § 6.

longo tempo satisfeitos, sem estranharem a mudança dos ares, nem com a saudade da patria, nem com a ausencia de seus patricios.

D'este influxo celeste nasce a fertilidade de terreno tão fecundo em todo o genero de fructos, summamente encarecidos dos escriptores antigos: (1) e se agora não experimentamos tão grande abundancia, é porque nas comarcas do reino se poupam mais ao trabalho da cultura com a esperança da providencia alheia: e quando as terras estão vagas e ociosas, não pódem corresponder a seus donos com fertilidades sufficientes. (2)

CAPITULO II

Memorias de algumas povoações que existiram em Portugal, as quaes ou se mudaram em outras, ou totalmente se extinguiram.

Esta respeitosa noticia, a que Plinio (3) dá o titulo de sagrada, é conveniente saber-se, não só para se conferir melhor o moderno com o antigo, mas para se conhecer a excellencia dos logares, a honra que tiveram, a situação em que existiram, que tudo assás contribue para a verdadeira geographia e historia do Reino. É bem verdade, que a antiguidade dos tempos, e a incuria dos homens fez perder muitas memorias que nos podiam servir de muito; e outros as involveram em fabulas que não nos servem de nada. Assim que, quanto nos for possivel, manifestaremos a posição mais verosimil de alguns logares notaveis de Portugal, especialmente do tempo dos romanos, que os vandalos e mouros arruinaram, demoliram e escureceram.

Aguas Celenas, Cilinas, ou *Celanas*. Era povoação, que esteve na provincia do Minho. Lembram-se d'ella Ptolomeu, (4) e Antonino em seu Itinerario no segundo caminho de Braga para Astorga. Dos geographos modernos querem uns (5) que fosse onde está hoje o logar de *Fão*, meia legua acima da barra do rio Cávado da parte do Sul, e onde se celebrou o famoso concilio contra os Priscilianistas, em que presidio S. Toribio em tempo de S. Leão Papa. Outros porem (6) o constituem em Barcellos, persuadidos da semelhança do vocabulo do rio *Celano*, que por alli passa, chamado hoje Cávado; porém estas conjecturas são mui falliveis para estabelecer a geographia verdadeira. Tenho por mais certo o sitio que constitue Antonino, que é quatro leguas antes de chegar ao Padrão, como bem explica o Padre Mestre Flores na *Espanha sagrada*, *tom.* 15. *pag.* 75.

Aguas Flavias. Todos concordam na verdadeira situação d'esta terra,

(1) Strab. lib. 3. Polyb. lib. 38. Athen. lib. 4. (2) Mallet. Descripc. del Univ. tom. 4. pag. 175. (3) Plin. lib. 8. Epist. 24. «Revertere gloriam veterem, & hanc ipsam senectutem, quae in homine venerabilis, in urbibus sacra est» (4) Ptolom. apud. Cellar. lib. 2. cap. 1. Geogr. antiq. Veja-se Botelho no Alfonso liv. 3. est. 77. (5) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 627. Corogr. Port. tom. 1. p. 310. Argot. Antig. de Brag. t. 1. cap 2. (6) Villalob. Notitiarch. Portug. pag. 89. Corogr. Port. t. 4. pag. 296.

que era onde vemos hoje a villa de *Chaves*. (1) Dizem que tomou este nome dos banhos, que alli havia, e do imperador Flavio Velpasiano, a quem se dedicára uma notavel inscripção. Foi colonia dos romanos mui frequentada e ennobrecida por elles, como larga, e eruditamente mostra o insigne indagador de antiguidades (2) lusitanicas, o reverendo D. Jeronymo Contador de Argote. Veja-se tambem o Padre Mestre Flores allegado.

Aguas Layas, ou *Leenas*. Na carta geografica de Abrahão Ortelio achamos demarcado este lugar com o nome de *Aquæ Leæ Turudorum* quasi em 41 graus de latitude, e 12 de longitude. Alguns (3) querem que estivessem entre as villas de *Monção* e *Valladares*: o que não póde ser pela arrumação d'aquelle insigne geografo. Nosso famoso Argote persuade-se com razão (4) que esta era a cidade de *Lais*, capital dos povos Turolicos, e que existira onde hoje chamam a freguezia de S. Martinho de *Lanhoso*, termo da villa de Caminha.

Ambracia. O illustrissimo D. Rodrigo da Cunha (5) diz que esta cidade estivera no sitio de *Barcellos*, a qual foi fundação dos gregos. Funda-se na authoridade de Rodrigo Caro, (6) que diz que a *Ambracia* em Portugal, onde foi martyrisado Santo Epitecto, estava em um logar perto de Braga. Porem o author do Agiologio Lusitano, seguindo a Sandoval, não assente a isso, (7) porque diz que é Placencia. Finalmente João Salgado de Araujo no *liv. 1 dos Successos militares, pag. 5, v.* diz que Ambracia estivera em Grecia, onde hoje chamam Larta: o mesmo diz Poyares no *Diccionario Geographico* com Cellario na *Geografia antiga, l. 2, c. 13, § 177.*

Araduca. Convem alguns dos geographos (8) que estivesse esta cidade collocada, onde hoje vemos a nobre villa de *Guimarães*. E seguindo esta opinião Manoel de Faria, fallando da sobredita villa de Guimarães, diz: (9)

Na aldeia d'Araduca celebrada
Pela rara belleza das pastoras.

O mesmo diz Filippe de la Gandera nas *Armas, e Triumfos de Galliza, cap. 17, num. 3.* Porem Gaspar Estaço (10) segue o contrario, e o intenta provar com a arrumação, que lhe dá Ptolomeu na altura de 41 graus e 50 minutos, e com 17 leguas e meia da bocca do Douro, dis-

(1) Resend. lib. 1. Antiq. Lusit. Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. c. 1. § 31. Vasaeus Chron. Hispan. pag. 254. Gruter. pag. 156. n. 4. (2) Argot. Antig. de Brag. t. 1. lib. 2. c. 3. 4. 5. Et de antiq. Convent. Brachar. lib. 1. cap. 3. (3) Gaspar Barreir. na Corogr. (4) Argot. Mem. do Arceb. de Brag. tom. 1. pag. 323. (5) Cunha Hist. Eccl. de Braga, part. 1. cap. 1. Villasboas Nobil. Port. pag. 79. (6) Rodr. Caro in notis ad Dextr. ann. 265. «Ambrasiae in Lusitania S. Epitectus ejusdem Civitatis civis, & Pontifex Martyr Christi». (7) Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 58. (8) O Campo Chron. p. 1. liv. 3. cap. 27. Argot. Antig. de Brag. t. 1. lib. 2. c. 6. n. 513. D. Franc. Man. Cent. 3. Cart. 62. p. 425. (9) Faria Fonte de Aganip. p. 2. Eclog. 2. Est. 10. (10) Estaç. nas Antig. de Port. c. 29.

tancia mui differente da que tem Guimarães, pois dista da bocca do Douro 8 leguas sómente. Fr. Bernardo de Brito (1) diz que o que antigamente foi *Araduca*, é hoje *Amarante*: e já houve quem disse que era *Aljubarrota*. Eu pudera dizer muito mais, sobre ser Guimarães a antiga Araduca, mas por ora basta o que está dito. Vejam os curiosos ao Padre Mestre Flores, author moderno, *tom.* 15, da *Espaõa Sagrada*, *pag.* 286.

Araducta. Conforme a situação do Mappa de Abrahão Ortelio, parece ser a *Arouca* que hoje existe.

Aracor. O author da Corographia Portugueza (2) quer que fosse esta uma cidade em tempo dos imperadores Trajano e Adriano, em cujo sitio está hoje a villa de *Marialva*: porem esta noticia só n'este auctor a achámos.

Aricio Pretorio, ou *Ayre*. D'esta povoação se faz memoria no Itinerario de Antonino Pio na terceira Via militar que ia de Lisboa para Merida, e se persuadem Resende e Vasconcellos, (3) que existia nas ribeiras do Tejo, onde hoje está Benavente: porem, como advertio fr. Bernardo de Brito, o sitio de Benavente tem algumas particularidades, que não se compadecem com as confrontações do Itinerario de Antonino. Gaspar Barreiros tem para si (4) que distava uma legua de Coruche, onde agora está a villa de *Erra*; porem Jorge Cardoso (5) diz que estivera esta povoação duas legoas affastada de Abrantes, onde chamam *Alcega*, porque n'este sitio ha vestigios antigos, que assim o persuadem. Na carta geographica de Ortelio vemos demarcada *Aricio* entre a Feira e Arouca: e na altura de *Benavente*, ou *Salvaterra* se vê *Aritium Prætorium*, em que parece convir com Resende.

Aroche. Consta ser esta uma notavel cidade, sobre cujas ruinas se levantou depois a villa de Moura no Alemtejo, como eruditamente provam fr. Manoel de Sá, (6) e Resende com alguns cippos alli descobertos.

Aunona. O dr. D. João Ferreras (7) persuade-se que esta cidade estava situada na provincia do Minho junto ao rio Ave; porém nosso Argote (8) não é d'esta opinião.

Aurauca. Existio esta povoação não longe do rio Vouga, 9 leguas de Coimbra, segundo nos informam Brandão na Monarquia, liv. 10. c. 18., e Jorge Cardoso no Agiologio. (9)

Balsa. Tem para si o famoso antiquario Resende (10) que estivera esta cidade no Algarve, onde agora reside *Tavira*: mas, segundo Ptolomeu e Ortelio, parece ser *Castro-Marim*. Todavia Christovão Cellario se-

1) Monarc. Lusit liv. 2. cap. 11. 2) Corogr. Portug. tom 2. pag. 308. 3) Resend. de Antiq. Lusit. 4) Gasp. Barr. na Corogr. 5) Cardos. no Agiol. tom. 3. p. 371. 6) Sa Mem. Hist. part. 2. p. 1. & seq. Resend. de antiq. lib. 4 pag. mihi 171. 7) Ferreras Histor de Hesp. part. 3. ad ann. 466. 8) Argot Antig. de Braga tom. 1. p. 376. 9) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 344. 10) Res. lib. 4.

gue a conjectura de Resende: (1) e Gaspar Barreiros em um manuscripto diz que é a aldeia chamada *Simine*. Porém ou Balsa seja Castro-marim ou Tavira, o certo é que no termo de Beja na horta chamada do Bacello, não longe de *Baleizam*, achou no anno de 1742 o incansavel padre fr. Francisco de Oliveira Religioso Dominico, grande imitador de Resende no descobrimento das antiguidades do nosso reino, um cippo romano sepulchral de Cayo Blosio Saturnino, habitador de Balsa, erecto a sua filha; cuja inscripção vem no 2. *tom.* do *Diccionario Geographico* do P. Cardoso *a pag.* 23, e na Gazeta de 20 de Setembro de 1742. Donde sem muita violencia se póde conjecturar pela semelhança do nome, que Balsa estivera no sitio de Baleizam. Não me intrometto n'esta antigualha; a qual acabaremos de entender, quando o sobredito religioso fr. Francisco, nosso amigo, divulgar as antiguidades, e grandezas d'esta provincia, de que tem junto grosso cabedal.

Benis. Por algumas congruencias parece ao laborioso D. Jeronymo Contador de Argote (2) que era esta uma cidade episcopal existente perto da villa de Caminha.

Beselga. Dentro dos termos de Thomar e Torres Novas existio esta povoação com titulo, e grandeza de cidade. Hoje é um logar pobre e pequeno, que para memoria lamentavel do que foi, ainda conserva o appellido em um monte fronteiro, a que os moradores chamam *Monte da Cividade*. Muitas ruinas antigas se descobriram n'estes contornos, de que se prova a sua verdadeira situação, como se persuade Cardoso. (3) Fr. Leão de S. Thomaz persuade se que é *Agueda*, uma legua de Thomar.

Britonia. Grande controversia ha entre os geografos sobre a verdadeira situação d'esta cidade. Que ella foi povoação florentissima em tempo dos suevos e godos, e gozou a honra de cathedral com bispos dentro de Hespanha, é infallivel. Os auctores castelhanos querem que ella estivesse em Galiza, onde hoje está Oviedo ou Mondonhedo, de que os despersuade Jorge Cardoso. (4) Muitos dos nossos insistem, (5) em que esta cidade estivera no sitio de *Britiandos*, abbadia de Ponte de Lima. O author da Corographia Portugueza a constitue no logar da freguezia de S. Martinho de *Birtello*, termo da villa da Ponte da Barca. (6) Ultimamente o incançavel e erudito Padre Argote convem em que existio junto do rio Lima, (7) fundando-se em mais provaveis documentos.

Calandia. Querem que existisse esta povoação no Alemtejo, e no mesmo terreno de *Arrayalos*, dando-lhe por fundadores os Celtas. (8)

Caldelas. Na freguezia da Magdalena, termo de Thomar, existe um

(1) Cellar. lib. 2. Geogr. antiq. c. p. 1. (2) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. lib. 2. c. 6. n. 516. (3) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 760. V. Aguas na Poblacion Ecclesiast. de Hespanh. ad ann. 893. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 2[illegible]. (5) Monarq. Lus. l. 7. c. 23. Fr. Leão Benedict. tr. 2. p. 2. c. 21. (6) Corogr. Port. t. 1. p. 237. (7) Argot. Mem. de Brag. tom. 2. p. 652. (8) Vasconc. in not. ad Resend. [illegible] p. 238. Rodr. Mond. Poblac. gen. de Hesp. p. 155. D. Franc. Man. cent. 3. cart. 62. Corogr. Port. t. 2. p. 525. Agiol. Lus. tom. 3. p. 86. Cardoso no Diccion. Geogr. tom. 1. p. 487.

logar com este mesmo nome, de que infere o author da Corographia (1) houvera alli antigamente a cidade *Caldede*. E junto da ermida de S. Pedro se descobrem ainda muitas pedrinhas quadradas de varias côres, que parece serviam em templos, ao modo dos nossos azulejos. Descendo do sobredito logar, apparecem por algumas quebradas pedaços de arcos de pedra, e canos de metal, por onde lhe vinha agua de longe. Tambem seus moradores teem achado algumas ferramentas de lavoura, e moedas de cobre, das quaes confessa Jorge Cardoso (2) conservava uma com a effigie de Antonino Pio de uma parte, e da outra a figura do rio Tibre.

Calabria. Foi uma grande povoação dos romanos, que existio na comarca de Riba Coa sobre o rio Douro no cimo de um monte, que dista uma legua de Villa Nova de Foscoa entre o norte e o nascente, a cujo sitio com pouca corrupção seus moradores ainda hoje chamam *Calabre*. As ruinas de suas muralhas dão claros indicios da sua grandeza, como bem diz a *Monarquia Lusitana liv. 5. c. 24*.

Cambeto. O doutissimo Padre Argote intenta mostrar (3) que esta cidade estava situada onde agora chamam S. Salvador de *Cambezes* no Couto do Luzio, termo de Monção; porem no Mappa da antiga Lusitania, composto por Abrahão Ortelio, a vemos situada com o nome de *Cambetum Lubenorum* na altura de 41 graus de latitude, e 13 de longitude, que deita mais para a provincia de Tras-os-Montes, que do Minho.

Campos Elysios. Anda introduzida nas historias de Hespanha a antiga existencia d'estes campos constituidos de ameno e delicioso temperamento; mas como cada um os leva para o terreno, que lhe figura o desejo, é justo que averiguemos isto em beneficio da verdade com alguma maior extensão. Pertendem os authores castelhanos (4) collocal-os uns em Sevilha, outros em Andaluzia, outros em Cordova, e em diversas outras provincias. Os nossos escriptores (5) querem uns que estivessem na provincia do Minho, outros no Algarve, e outros na Estremadura nos campos visinhos de Lisboa, chamados *Lysirias*, como se dissessemos *Elysirios*, ou *Elysirias*; porem o certo é que não estiveram em parte alguma de Hespanha.

Dizem mais, que estes campos eram cheios de summa delicia, onde todo o anno havia perpetua primavera, e estação florente, para o qual iam as almas dos varões famosos descançar, como em premio de suas proezas. O primeiro author que innovou esta fabula foi Home-

(1) Corogr. Port. tom. 3. p. 175. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 761. (3) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. p. 316. (4) Rodr. Car. Antig. de Sevilh. Caram. Explicac. Mystic. de las armas de Hespanh. p. 72. (5) Heit. Pint. in Ezech. cap. 13. Maced. Flor. de Hespanh. c. 1. exc. 6. Far. Epit. p. 4. l. b. 5. cap. 4. Becan. in Hermat. p. 229. Luiz Mar. Antig. de Lisb. D. Franc. Man. cent. 3. cart. 62. Corogr. Port. tom. 1. p. 209. Lacerd. in l. 6. Virgil. Æneid.

ro, (1) o qual introduzindo a Ulysses nas praias do Oceano, lhe encarece a bondade do clima: porem o sentido d'aquelle grande poeta, segundo a mais racionavel conjectura, foi encobrir com a supposição dos campos Elysios a noticia, que aprendeu em os livros de Moysés do sagrado Paraiso.

Prova-se com o que diz S. Gregorio Nazianzeno, (2) que os gregos, offerecendo-se-lhes no animo certa especie do nosso paraiso, o deram a entender (ainda que discrepando alguma cousa em o nome) com outros vocabulos, tomando-o de Moysés e dos nossos livros. O mesmo reconheceu Proclo de Hesiodo, pois ainda que confunde com o commum erro dos demais gregos as ilhas dos Bemaventurados com os campos Elysios, escreve, (3) que quando aquelle poeta nomeia as ilhas dos Bemaventurados, parece significar o Paraiso ou o campo Elysio, chamado assim, porque conservava indissoluveis os corpos. Christiano Becmano (4) comprova o mesmo parecer, convindo em que o campo Elysio dos gentios não foi outra cousa que expressado debaixo de alguma sombra.

E pois é constante foi Homero o primeiro, em quem se offerece celebrada a amena felicidade dos campos Elysios, não parece dubitavel expressar n'elle o Paraiso, quando S. Justino Martyr constantemente assegura (5) tivera noticia d'elle o tal poeta: ajuntando-se a isto o quanto se conforma o aprazivel clima, e deliciosa morada dos campos Elysios de Homero com o que referem as sagradas lettras, teve o Paraiso, que a nossa vulgata chama do *Deleite*, substituindo assim a voz *Eden*, que conserva o Hebreu, como adverte S. Jeronymo. (6)

D'isto se collige que o animo de Homero não foi collocar os campos Elysios na Hespanha, como julgou Estrabo, (7) a quem seguiram os mais, que os situam n'ella, porem só quiz expressar com este nome o Paraiso sagrado, de que faz memoria Moysés. (8) A causa porem, que commoveu ao poeta para collocar os sobreditos campos no ultimo Oceano, foi por seguir a opinião dos Orientaes, que affirmavam estivera o Paraiso distante da terra habitada no mesmo oceano, como seguio Santo Efrem, conforme allega Moysés Barcepha, (9) e Malvenda. (10) Com esta

(1) «Elysium in campum, terrarumque ultima tandem
Dii te transmittent, stat flavus ubi Rhadamanthus
Existitque viris, ubi vita facillima durans
Non hyemis vis multa: nives non ingruit imber
Stridula, sed semper Zephyrorum flamina mittit
Ingens Oceanus, [illegible] grata virorum. Homer Odyss. 4. vers. 563.

(2) S. Gregor. Nazianz. orat. 20. p. 333. «Paradisi voluptuosi nostri speciem quamdam animo intuentes, atque ex Mosaicis, ut opinor, nostrisque libris, tametsi in nomine nonnihil discreparit, aliis tamen vocabulis, hoc ipsum indicantes.» (3) Proclus in Hesiod. fol. 27. «Beatorum insulas cum dicit Paradisum, aut campum Elysium significare videtur sic dictum, quod corpora servet indissolubilia.» (4) Becman. de origin. ling. Latin. p. 333. (5) S. Justin. in Cohortat. ad Graecos p. 27. «Permulta esse a Poeta, ex Divinis quoque Prophetarum libris in opus suum relata... Deinde vero, ut Paradisi effigiem Alcinoi horti conservarent, ferit illos florentes, & fructuum ubertate scatentes. (6) Div. Hieron. in Genes. cap. 2. vers. 15. (7) Strab. de Situ Orbis l. 3. p. mihi 143. (8) Genes. 3. 23. (9) Barcepha de Parad. cap. 12. (10) Malvend. de Parad. lib. 1. cap. 5.

breve demonstração nos parece ficaram estes campos phantasticos excluidos inteiramente das nossas provincias.

Canace ou *Canali*. Conforme diz Rodrigo Caro, (1) foi esta uma cidade, que Ptolomeu situa no Algarve, e assim a vemos collocada na carta de Ortelio por cima de Tavira: porem Severim de Faria escreveu ao author da Benedictina Lusitana, dizendo-lhe que a cidade de *Canace* estivera no sitio da Serra d'Ossa, onde chamam Val de infante, quatro leguas afastada de Evora. (2) Hauberto tambem a constitue junto de Evora, e faz memoria de S. Mauricio abbade Basiliense, que padecera aqui martyrio. (3)

Capara. Padeceu engano Hauberto em dizer que ficava esta cidade junto de Evora, (4) porque, segundo a melhor conjectura, foi cidade habitada pelos povos Vetones, segundo Ptolomeu; e Ortelio a poem quasi na latitude de 40 graus, e 13 de longitude. Hoje fica fóra dos limites de Portugal, e como diz Argaes, (5) pertence ao bispado de Placencia.

Carmona. O author da Benedictina Lusitana diz, (6) que cinco leguas de Braga, junto á estrada que vai para Vianna, duas leguas pouco mais ou menos, antes d'ella ao pé de um monte existira antigamente uma povoação grande com o nome de *Carmona*, cujas ruinas e vestigios se vão de quando em quando descubrindo.

Cauca. Tenho para mim que padeceu engano Jorge Cardoso (7) em collocar esta cidade no sitio de Villa Pouca de Aguiar, entre Chaves, e Villa Real, a quem seguiram Macedo, (8) e outros: porque mais me accommodo ao exame do estudiosissimo Argote, (9) e tambem porque vejo no Mappa de Ortelio arrumada esta cidade na altura de 41 graus de latitude, e perto de 15 de longitude, não pouco distante de Segovia.

Ceciliana. O Itinerario de Antonino sitúa esta povoação entre Setubal e Alcacer do Sal. Plinio lhe chama *Castra Ceciliana*, talvez deduzido de Cicilio Metelo, que deu nome a este logar. Uns querem que seja hoje Agualva, tres leguas de Setubal, outros Alcaçovas, o que não póde ser. D. Francisco Manuel diz que é ou a Galveia ou Agua de Moura. Com o mesmo nome de *Castra Celicis* vejo uma povoação situada na carta de Abrahão Ortelio junto de Meribriga, que é em 38 graus, e 5 minutos de latitude, e 12 graus, e 5 minutos de longitude, e outra quasi na mesma latitude, e 14 graus de longitude.

Celtobriga. Foi o que agora é *Celorico de Basto*, ou nas suas visinhanças. Consta da inscripção, que se achou em uma pedra na egreja de Santa Senhorinha de Basto, que allega Argote nas Memorias do arcebispado de Braga. (10)

(1) Rodr. Car. ad Lamb. Christ. 119. (2) Benedict. Lusit. tom. 1. pag. 301. (3) Haub. Chron. ad ann. 420. (4) Haubert. ad ann. 85. (5) Argaes Poblacion Eccles. do Hesp. tom. 1 fol. 10. (6) Benedict. Lus. tom. 2. n. 109. (7) Cardos. Agiol. Lus. tom. 1. p. 172. (8) Maced Flor. de Hesp. excel. 10. n. 3. Purific. Chron. de S. Agost. p. 2. liv. 7 tit. 1 §. 1. (9) Argot. Antig. de Brag. part. 1. p. 377. (10) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. p. 318.

Centocellas. Defende Jorge Cardoso (1) a situação d'esta cidade junto ao rio Zezere no bispado da Guarda, e perto de *Belmonte*, onde permanece uma ermida de S. Cornelio, proxima a uma torre quadrada de obra romana, onde diz estivera preso este Santo; o que tambem confirma João Salgado de Araujo no liv. 3. das guerras da provincia da Beira pag. 100: porem o padre fr. Antonio da Purificação, (2) e os incansaveis antiquarios Argote e Leal (3) mostram com evidencia ser erro de Cardoso.

Cinania. D'esta cidade faz menção Valerio Maximo, (4) encarecendo muito o valor de seus moradores, e dizendo que ficava na Lusitania. Fr. Bernardo de Brito, (5) e seu abreviador Manoel de Faria (6) mostram que estivera fundada junto de *Horiz.* Pertende porem Gaspar Estaço mostrar, (7) e o Padre Henrique de Abreu no discurso, que faz sobre esta cidade, que estivera junto da serra do Marão, (8) onde ha passagem aos que vão da Beira para o Minho pela estrada, que da villa de Teixeira vae a Amarante. Aqui ao pé da serra está a villa de Mezão Frio, e uma legua pela ribeira do Douro acima está o logar de Cidadelhe, e ao norte ha ruinas de grande povoação: aqui prova o dito author foi Cinania. Jorge Cardoso (9) a poem na eminencia de um monte sobre o rio Ave, legua e meia distante de Guimarães. O author da Corographia Portugueza (10) a descobrio entre Lanhoso, e o Couto de Pedralva. Modernamente o Padre D. Jeronymo nas Memorias eruditissimas de Braga (11) confessa que é incerta a precisa situação de Cinania.

Cetobriga. Foi uma cidade do Gentilismo, em cujas ruinas se fundou a villa de Setubal. Fr. Bernardo de Brito, (12) seguindo a Florião do Campo, e a outros, diz que fora fundada e povoada por Tubal no anno 145 depois do diluvio, e lhe chamára *Cethubala* ou *Cetum Tubalis*, que quer dizer ajuntamento de Tubal, de cujo nome com pouca mudança se deduzio *Setubal*. Porém André de Resende, (13) e Diogo de Paiva dizem, que não póde ser; antes o Paiva com tenacidade a constitue em Andaluzia. O que temos por mais provavel é o que diz o famoso Resende, que houve duas povoações d'este nome: a antiga, onde agora está o sitio chamado Troya, que n'aquelle tempo se dizia *Cetobriga*, e significava cidade de muito e grande peixe; porque *Briga* na lingua dos antigos lusitanos queria dizer cidade ou fortaleza, e *Cete* peixes grandes. D'esta opinião é Gaspar Barreiros, (14) o qual affirma, que no seu tempo havia no sitio d'esta Troia vestigios de umas salgadeiras, em que sec-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1 p. 338. (2) Purific. Chron. August. tom. 1 p. 215 vers. (3) Argot. Mem. de Brag. tom. 2. p. 695 Leal. Mem. do Bispad. da Guard. part. 1 tit. 3 c. 2. n. 202 203. 204 (4) Valer. Maxim. l. 6 cap. 4. (5) Monarq. Lusit. part. 1 liv. 3. cap. 13. (6) Far. Epit. n. 1. 110. part. 2 cap. 10. (7) Estaç. Antig. de Portug. cap. 39. (8) P. Abreu no fim da vida de S. Quiteria p. 397. (9) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1 p. 320 e tom. 3 p. 17. (10) Corog. Port. tom. 1. p. 162. (11) Argot. Mem. de Brag. p. 386 e 457. (12) Monarq. Lusit. p. 1. cap. 3. Heit. Pint. in Ezech. cap. 27 Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 1 cap. 3. (13) Resend. l. 4. de Antiq. p. mihi 216. Paiv. no Exame de Antiguid. p. 9. (14) Barreir. Corogr. p. 63.

cavam o peixe, porque se fazia aqui uma grande pescaria d'elle; e que debaixo da agua se mostravam ainda ruinas de edificios, cousa que tambem testifica Resende. Extincta finalmente a antiga *Setabal* ou *Cetobriga* na geral destruição de Hespanha, se passaram alguns moradores dos que restaram para defronte, e principiaram a povoar nova colonia n'aquelle sitio, intitulando-a da mesma fórma *Cetobriga*. Correndo depois o tempo, se veio a chamar *Cetobala*, e d'ahi *Citabala*, e hoje *Setubal*. D'esta opinião é Luiz Nunes. (1) Christovão Cellario, (2) e convem no mesmo Villalpando *in Ezechielem tom. 2. p. 16*. Affirma tambem o allegado Resende, que no sitio de Troya, ou antiga Cetobriga está por cima da porta da egreja de Nossa Senhora uma cabeça de carneiro em pedra, e lhe parece que houvera alli um templo de Jupiter. De outras pedras ali descubertas faz tambem memoria o sobredito antiquario.

Collipo. Foi esta cidade municipio romano, e nas suas ruinas se levantou a cidade de *Leiria*, como é constante entre todos os geografos. (3)

Concordia. Teve esta cidade seu assento uma legua affastada de Thomar para o occidente, onde se descobrem ainda vestigios de sua antiguidade. Ptolomeu se lembra d'esta povoação, pondo-a na Lusitania, e quasi com elle concordam Bivar, (4) Plinio e outros. (5) Houve outra Concordia junto ao rio Guadiana, que antigamente se chamou Bertobriga. Bocoris ou Nortobriga, de que falla Pedro de Medina. (6) Jorge Cardoso (7) diz, que guardava em seu poder algumas moedas achadas no sitio da primeira Concordia, que bem provam a antiga certeza d'esta povoação. Author ha, que diz é *Tentugal*.

Contraleucos conforme Ortelio: ou *Catraleucus* segundo Ptolomeu, foi povoação romana, de cujas ruinas se origiu a villa do Crato, como o mostra fr. Leão de S. Thomaz na *Benedictina Lusitana*. Outros querem que seja Castello Branco. Verdade seja que esta povoação, no conceito de D. Francisco Manoel é uma das que por nenhum modo são hoje por nós conhecidas.

Egitania. Foi no sitio de Idanha a Velha uma cidade nobilissima no tempo dos romanos, e municipio seu mui estimado. O doutor Manoel Pereira da Silva Leal, dignissimo academico regio, escreve d'ella eruditamente nas Memorias da Guarda. (8)

Eminio. Hoje é o logar de *Agueda* no termo de Aveiro. Foi povoação notavel da Lusitania, e cidade Episcopal. Teve prelados, de que se acha a memoria de Gelasio pelos annos 411 de Christo, e de Possido-

(1) Luiz Nunes cap. 38. (2) Cellario Geograf. Antiq. liv. 2. cap. 4. § 16. (2) Plin. liv. 4. cap. 21. Grutet. p. 1153. Vasconcel. lib. 3. de Eborensi. Municip. n. mihi 24. Duarte Nun. Desc. de Portug. p. 13. Brandão t. 3. Cardos. no Agiol. t. 2. p. 371. Barreiros na Corograf. p. 30. v. (3) Rivar ad ann. 143. (4) Plin. liv. 4. cap. 22. Benedict. Lusit. part. 1. trat. 2. p. 173. Abreo Vid. de S. Quit. p. 203. (5) Medin. liv. 2. (6) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 760. & tom. 4. p. 457. (7) Leal, Mem. do Bisp. da Guard. p. 14. & seq.

nio pelos annos 580. Ortelio lhe dá tambem o nome de *Colabria*. O academico Manoel Pereira da Silva Leal (1) pertende mostrar que não tivera bispos, como alguns affirmaram. Fallam d'ella Plinio e Ptolomeu *apud Cellarium l. 2. c. 1. § 9.*

Equabona. É hoje a villa de Coina. Por aqui continuava a primeira via militar dos romanos, que ia de Lisboa para Merida.

Eritreia ou *Erythia*. Encontramos muito embaraçada entre os authores a situação d'esta ilha. Fr. Bernardo de Brito, (2) seguindo a Pomponio Mela, (3) diz, que estivera na costa de Portugal, e que havendo aqui pelos annos de Christo 582 um grande terremoto, se apartára da terra firme, e o que ficou é ao que agora chamamos *Berlengas*, talvez deduzido da palavra *Londobris*, que tambem lhe dá Ortelio. Esta opinião seguem Resende, Baudrand, Luiz Marinho de Azevedo, e outros que este allega. (4)

Porem Diogo de Paiva (5) persuadido com a geral confusão de alguns authores em não distinguirem a ilha Erythia da de Cadis e Tarteso, é de contrario parecer. Os romanos tiveram o abuso de chamar com o mesmo nome de Cadis as outras ilhas, que estavam immediatas a ella, da maneira que se chamam hoje ilhas de Cabo Verde, e das Canarias todas as que se conservam sujeitas ás duas principaes, como cabeças de todas as outras suffraganeas, como bem observa o marquez de Montejar nas suas eruditas Disquisições: (6) e assim é infallivel ser diversa esta ilha das outras, e o mostram Salmacio, Rufo Festo Avieno, Samuel Bocharto, Rodrigo Caro, Christovão Cellario e outros. (7)

Eburobricio. Questionam os geographos sobre a verdadeira situação d'esta terra. Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Barreiros (8) dizem que estivera no sitio, onde hoje está *Evora de Alcobaça*; porém Fr. Bernardo de Brito, (9) reprovando a Vasconcellos, diz que fôra em *Alfezeirão*, mas em outra parte duvida. (10) Mons. de La Cled. (11) no mappa da antiga Lusitania nenhuma duvida põe em situar a *Alfezeirão* no mesmo logar de *Eburobricio*, e quasi na mesma altura se conformam os mappas de Ortelio e Cellario. Do antigo templo que houve aqui dedicado a Neptuno pelo famoso capitão Decio Junio Bruto, consta a grande resistencia que os seus moradores fizeram ao poder romano pelos annos 130 antes de Christo Senhor nosso vir ao mundo. (12)

Evandria. É Olivença. Antonino lhe chama Evandriana.

Flaviobriga. O Doutor João de Barros na Descripção do Minho tem

(1) Id Dissertaç Exegetic not. 5. n 28 (2) Monarq Lusit liv 5. cap 21 (3) Mela liv. 5. cap. 21. (4) Resend lib. 2. Antiq p 66 mihi Baudrand Diction. geogr. verb. «Erythia». Marinh. de Azevedo. Antig idades de Lisb p. 105 (5) Paiv Exame de Antig p. 42 (6) Montejar. Antig. de Hesp. part 2 disquis 5. § 2 cap 2 (7) Salmac. Exercit Plinian. p. 284 Avien in Oraeum vers 298 Bochart Geograf Sacr p. 679 Car Antig de Sevilh. l. 3. cap. 25 Cellar. Geogr antiq liv 2 cap 1 § 127 (8) Vasconcel in Annotat. ad Resend Barreir Corograf p. 50 (9) Monarq Lusit liv 3 cap 11. (10) Ibid liv. 5. cap. 17. (11) De la Cled. Hist. de Portug. tom 1. (12) Monarq ut supr

para si que estivera esta povoação no sitio de *Favayos*, villa da provincia Trasmontana, onde affirma que vira letreiros, que assim o testemunhavam. Foi uma das cidades que edificou el-rei Brigo.

Foro dos Limicos. Era uma cidade collocada junto do rio Lima. O Padre Argote persuade-se que estivera no sitio, a que hoje chamam *Santo Estevão da Faxa*. (1)

Foro dos Narbassos. Foi cidade cabeça de uns povos assim chamados, que existio perto de Braga, conforme a conjectura do incançavel Argote. (3)

Gerabrica ou *Jerabrica*. Segundo a geografia de Fr. Bernardo de Brito (3) esteve esta cidade situada onde vemos hoje a villa de *Povos*. Prova-o este author com o Itinerario de Antonino, o qual assigna de Lisboa a Jerabrica trinta mil passos, que fazem as sete leguas, que se contam d'esta cidade áquella villa. Porem Gaspar Estaço, Gaspar Barreiros e Brandão mostram com o mesmo Itinerario, que *Jerabrica* foi o que hoje é *Alemquer*. (4)

Lacobriga. Em tempo dos romanos foi cidade mui famosa, e lembra-se d'ella Baptista Mantuano, (5) quando diz, que erigira o senado d'esta povoação sete estatuas a Ardiboro, capitão insigne do imperador Valentiniano, as quaes prostraram os vandalos, quando a tomaram. Das suas ruinas se edificou a cidade de *Lagos* no Algarve, e n'este sitio vemos collocada a sua arrumação no mappa de Ortelio e de Pomponio Mela, com quem se conforma Vasconcellos, (6) d'onde parece receber engano Vasco Mousinho de Quevedo, equivocando Lagos com Lamego, (7) e a mesma equivocação encontro em Gabriel Pereira, (8) porque une os povos da serra da Estrella com os de Lacobriga, que sendo Lagos eram provincias mui distantes. Talvez que tudo proceda de se equivocarem com outra povoação, que ficava junto de Lamego, porem mais encostada para o mar, a que Ortelio chama *Langobrica*, que Vasconcellos tem pela villa da *Feira*. Ha quem diga que *Lacobriga* é a villa de *Abrantes*, outros do *Landroal*, e João de Mariana diz que é a villa de *Alvor*, fundada por Anibal. Parece a outros ser Santiago de Cacem, como diz D. Francisco Manoel na carta 62 da centuria 3.

Magneto. Foi na opinião de alguns uma cidade em tempo de romanos, e existio onde hoje chamam *Santa Maria de Meinedo*, que é um lugar do bispado do Porto. (9)

(1) Argot. nas antiguid. da Chancellar. de Brag. p. 128. (2) Argot. Mem. do Arceb. de Brag. liv. 2. cap. 6. n. 525. (3) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 4. (4) Estaç. Antig. de Portug. cap. 87. Barreir. Corog. tit. de Talaver. Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 34.

(5) «Dicitur Ardiburi posuisse Lacobriga septem
Victori toties statuas, totiesque per illum
Eruta Wandalicis bello insurgente procellis.»

Mantuan. in Agelaric.

(6) Vasconcel. Descr. Regn. Lusitan. p. 797. (7) Mousinh. no Afric. cant. 3. est. 14. (8) Gabr. Pereir. na Ulyss. cant. 8. est. 146. (9) Argot. Mem. de Brag. liv. 4. cap. 4. p. 670.

Merobriga. De duas povoações com este mesmo nome achamos memoria em Portugal: uma no sitio onde está Montemôr o velho, outra em Santiago de Cacem. Consta da Carta Geografica de Abrahão Ortelio. Plinio as confunde; porem nosso Resende assenta, que a verdadeira foi onde agora é *Santiago de Cacem.* (1) Aqui se venera na Matriz a notavel reliquia do Santo Lenho, que D. Bataza lhe deixou. Tambem na escada exterior da casa da camara se vê a inscripção do famoso Medico Cassio Januario natural de Beja. Resende se persuade que esta terra fôra conquistada aos mouros por D. Bataza; o que não foi assim, como declara Brandão na Monarquia liv. 16. cap. 35

Myrtilis Julia. Esteve esta famosa cidade e municipio no sitio de *Mertola.* É indubitavel. Antonino assigna 36000 passos até Beja, que são nove leguas das nossas, distancia verdadeira que ha de uma a outra parte. Quasi todos os geografos se conformam n'esta situação. (2)

Moro foi uma antiga cidade situada nas ribeiras do Tejo, de cujas ruinas a maior parte dos geographos dizem se levantou o castello de Almourol, posto que pela semelhança do nome parece mais fundação dos arabes. Cuidam alguns que existira onde agora vemos, ou Punhete, ou Tancos, ou Paio de Pelle. Estrabo no *liv. 3. da sua Geografia* se lembra d'ella, quando disse que M. Bruto fizera de Moro fronteira para conquistar os lusitanos.

Nabancia. Era uma povoação que ficava para a parte do Nascente da villa de *Thomar*, onde affirmam nascera a gloriosa virgem e martyr Santa Iria (3) Na divisão dos bispados, que fez Wamba, se lhe dá o nome de *Naba*, (4) conforme a intelligencia de Argote.

Norba Cesarea. O capitão Braz Garcia Mascarenhas, governando a praça de Alfaiates na Beira, diz que descobrira os claros vestigios d'esta cidade entre Alafões e Salvaterra, e entre os rios Elja e Ponsul, onde chamam os Toulões. (5) Hoje é *Alcantara.*

Numancia. Não é facil julgar o verdadeiro sitio d'esta famosa cidade pela nimia variedade de opiniões, que achamos nos escriptores. Nenhum melhor que o eruditissimo Argote (6) soube aclarar esta confusão, distinguindo tres cidades com este proprio nome; e com bons fundamentos mostra que nenhuma existio no sitio, em que alguns dos nossos authores pertendem anciosamente collocal-a, que é onde chamam *Nemão*, meia legua distante da villa de Freixo junto ao Douro: e são d'este parecer Brito, Brandão, Cardoso, e João Salgado de Araujo com maior tenacidade. (7) a cujos fundamentos responde bem o sobredito Padre Argote.

(1) Resend. de Antiq. Lusitan. lib. 4. p. mihi 188. e 209. (2) Andr. Schott. Isaac. Vosio, Plinio, Antonin. e out. os apud Cellar. lib. 2. cap. 1. §. 20. Geograf. antiq. (3) Monarq. liv. 9. cap. 27. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 68. (4) Argot. Mem. do Arc. de Bag. p. 649. (5) P. Henriq. de Abreu Vid. de S. Quiter. p. 203. (6) Argot. Mem. do Arc. de Brag. l. 2. cap. 14. dissert. 3. (7) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 2. & 16. cap. 45. Cardos. Agiol. Lusitan. tom. 2. a 20 de Abril, & tom. 3. p. 726. Araujo nos Success. milit. p. 109. et seqq.

Obobriga. Padeceu erro o author da Corographia Portugueza (1) em collocar esta povoação na villa de *Monção*: mais ajustada congruencia tem em dizer que foi *Crosta*, posto que o insigne Argote o tem por fabula. (2)

Offel ou *Ossel*. Tambem não lidam pouco os historiadores e geographos em averiguar a genuina situação local d'esta cidade. Fr. Bernardo de Brito tem para si que estivera no valle Ossella, tres leguas distante de Arouca, bispado de Lamego: (3) e accrescenta que n'este sitio achára vestigios d'aquelle notavel templo, onde havia a pia baptismal milagrosa, e que no meio de uns cumulos de pedra, estava uma cova feita ao comprido, coberta de silvas, a que chamavam o banho, onde parece que n'aquella consumida reliquia perseverava ainda a tradição do tal prodigio.

Todavia Fr. Antonio da Purificação mostra (4) que esta terra teve sua existencia não longe de Vizeu: que na sua principal egreja houvera uma reliquia de Santo Estevão muito milagrosa: que ainda no seu tempo havia uma ermida de fabrica antiquissima: que pouco adiante para a parte do mar está uma fonte, que chamam das virtudes: que mais para baixo estão n'aquelles contornos uns campos chamados de *Assem*, que bem mostra ser vocabulo derivado de *Ossem*.

Jorge Cardoso (5) julga que ficava Ossel junto de Agueda, e que era cidade tão forte, que a ella se fôra refugiar Santo Hermenegildo o anno 581 para rebater a furia de Leovigildo, como dizem alguns historiadores. (6) D. Joseph de Santa Maria Carthusiano, Vigario do convento de Nossa Senhora de las Cuevas em Sevilha, saiu á luz o anno de 1630 com um livro sobre a situação de *Ossel*, e a colloca na Betica, seguindo a opinião de Rodrigo Caro, a que João Franco Barreto lhe responde na Historia dos bispos de Evora cap. 11. 12. 13. Porem uma das razões que ha para desfazer estas conjecturas, é a authoridade de S. Maximo, que expressamente diz ficava a tal povoação e baptisterio no bispado de *Pax Augusta*, (7) que é Badajoz.

Ossonoba, a que Plinio chama *Luciuria*, (8) e Bochart (9) interpreta Formosura de Baal, esteve nas visinhanças de Faro no Algarve, onde hoje chamam *Estoy*. Foi cidade famosa e nobre, pois teve cadeira episcopal, como se collige de alguns concilios em que se vêem assignados varios bispos com o titulo de Ussonobenses, os quaes numéra o catalogo dos bispos do Algarve, que vem no fim das suas constituições. Em tempo dos romanos foi republica. Consta de um cippo, que está na muralha da fortificação de Faro, cujas letras se podem ver em Resende e

(1) Corogr. Port. tom. 1. p. 210. (2) Argot. Mem. do Arc. de Brag. p. 396. (3) Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 11. (4) Purific. Chronic. August. tom. 1. p. 131. vers. (5) Cardos. Agiol. Lusitan. tom. 2. p. 516. (6) Fr. Leão de S. Thom. Benedictin. Lusit. tom 2. p. 279. Sarvedr. Coron. Gothic. part. 1. cap. 12. (7) S. Max ad ann. 550. «Prope Ossel oppidum Lusitaniae in Ecclesi Pacis Augustae fontes baptismatis in pervigilio Paschatis excitabat.» (8) Plin. l. 3 cap. 1. (9) Bochart. Geogr. Sacr. lib. 1. cap. 31. tom. 2.

Grutero. (1) Strabo (2) lhe chama Sonoba, se acaso não é outro lugar, como escrupulisa Bocharto. Na invasão dos Mouros padeceu não só a ruina das suas fabricas e muros, mas do nome, porque lhe chamaram *Exubona*. Duarte Nunes (3) e o Padre Poyares não distinguem Estoy de Estombar, sendo elles tão diversos. D. Rodrigo da Cunha (4) e Jorge Cardoso cairam na mesma confusão, sendo que este emendou o erro, retratando-o em outro lugar. (5)

Panonias. Foi uma cidade que no tempo dos romanos existio no terreno de Villa Real, onde hoje está a aldeia chamada o *Assento*, da freguezia de S. Pedro de Val de Nogueiras: assim o mostra largamente o reverendo Padre Argote. (6)

Pineto. Era outra cidade situada no lugar, que hoje chamam *Val de Telhas*, cinco leguas distantes da villa de Chaves, e foi povoação romana como affirma o mesmo erudito Argote. (7)

Salacia. De duas cidades com este mesmo nome achamos memorias que existiram em nosso continente: uma cinco leguas de Braga no sitio onde chamam *Salamonde*, assim o prova Argote (8) com o Itinerario de Antonino: a outra *Salacia* esteve onde hoje vemos *Alcacer do Sal*, e foi cidade que os romanos chamaram imperatoria, honra que lhe deu Augusto Cesar fazendo-a tambem municipio. (9)

Scalabis. E sem controversia a villa de Santarem, a que os romanos tambem chamaram *Julium Præsidium*. Em tempo dos godos mudou o nome de Scalabis no que hoje possue, adquirindo-o da Santa virgem e martyr Irena, cujo tumulo, não sem mysterio, se conserva nas aguas do Tejo defronte de Santarem, o qual melhor pronunciado é o mesmo que *Santa-Irene*.

Talabrica. Quasi todos os geografos convem em ser esta cidade collocada antigamente onde está hoje *Aveiro*: (10) só Rodrigo Mendes da Silva, segundo a Florião do Campo, (11) diz que Aveiro não foi a *Talabrica*, mas sim a *Labara*, o que não é provavel, porque Labara é um lugar pequeno sobre o mar no termo do Porto. Duarte Nunes a constitue junto de Aveiro na ribeira do Vouga, onde ha o lugar chamado Cacia, e na parte da ermida de S. Julião: com quem se conforma Gaspar Barreiros pag. 51.

Tubuci foi povoação dos romanos, de cujas ruinas, conforme diz Resende, se erigiu Abrantes, e se comprova com o Itinerario de Antonino; o qual na segunda via militar que descreve de Lisboa para Merida, assigna de Scalabis a Tubuci trinta e dois mil passos, que fazem as oito leguas que ha de Santarem a Abrantes. Alguns attribuem Tubuci a Tancos.

(1) Resend. l. 4. p. 201. Gruter. p. 271. (2) Strab. liv. 3. p. 59. (3) Nun. Descr. de Portug. pag. 13. Poyar. Dicion. Geogr. pag. 184. (4) Rodr. da Cunh. Hist. de Brag. part. 2. cap. 61. Card. Agiol. Lusit. Tom. 1. prolog. § 6. (5) Id. Card. Tom. 2. Agiol. p. 10. Vide etiam Argaes Dialog. 3. cap. 8. (6) Arget. Mem. do Arc. de Brag. p. 325. (7) Id. ibid. p. 359. (8) Ibid. p. 370. (9) Plin. lib. 4. cap. 22. Barreiros Geogr. p. 63. (10) Cellar. Geogr. Antiq. lib. 2. cap. 1. §. 9. (11) Mend. da Silv. Poblac. gen. de Hesp.

Tautobriga. Foi uma cidade, que pertencia á chancellaria de Braga, e de que se não sabe mais que o nome.

Vacca. Persuade-se Jorge Cardoso no tom. 2. do Agiologio pag. 65. que esta antiga cidade estivesse onde hoje vemos erecta a de Vizeu; porem Plinio e Ptolomeu não fazem d'ella menção. O author da Corographia Portugueza diz, que por tradicção a cidade antiga chamada *Vacca* estivéra onde hoje é a villa de Vouga na comarca de Aveiro: porem quando trata da cidade de Viseu, traslada tudo que achou em Jorge Cardoso, convindo com elle em ser Viseu a antiga Vacca.

Outras muitas povoações existiram em nosso reino em tempo dos romanos, que se acham mencionadas nas Taboas de Ptolomeu, e Cartas de cosmographos, posto que nós não conhecemos, nem lhe podemos saber o verdadeiro significado, mais que por conjectura, assim como fez Argote com algumas da provincia Bracarense. Das quaes sem muita controversia podemos declarar situadas em varias partes do nosso continente, são as que numeram Resende e Vasconcellos a saber:

Ad septem Aras	Actirar ou Alegrete,
Amaia	Portalegre.
Aquæ Flaviæ	Chaves.
Aritium Prætorium	Benavente
Arucitana	Moura.
Balsa	Tavira.
Bracara Augusta	Braga.
Brætoleum	[illegible] de Caminha
Budua	[illegible] ou Ouguella
Calantica	Arrayolos.
Calem	Porto.
Ce[illegible]lana	[illegible]
Celium	[illegible] de Thomar
Cetobriga	Setubal.
Collipo	Leiria.
Concia	Miranda do Douro
Conimbrica	Condeixa a velha
Ebora ou Liberalitas Julia	Evora.
Eburobritium	Evora d'Alcobaça
Elteri	Alter do Chão
Eminium	Agueda.
Equabona	Coina.
Forum Limicorum	Ponte de Lima
Fraxinum	Alpalhão ou Gavião
Helvij	Elvas
Ierabrica	Póvos ou Alemquer
Igedita	Idanha, ou Guarda

Lacobrica	Lagos
Lama ou *Lameca*	Lamego
Lancobriga	Feira
Malceca	Marateca
Matusaro	Ponte de Sor
Medobrica	Aramenha
Merobriga	Santiago de Cacem
Moro	Almorol ou Punhete
Myrtilis Julia	Mertola
Nebia	Neiva
Olisipo ou *Fœlicitas Julia*	Lisboa
Ossonoba	Estoi junto de Faro
Pax Julia	Beja
Portus Anibalis	Villa Nova de Portimão
Salacia ou *Urbs Imperatoria*	Alcacer do Sal
Saurium	Soure
Scalabis ou *Julium Præsidium*	Santarem
Serpa	Serpa
Talabrica	Aveiro
Tabuca	Abrantes

CAPITULO III

Descripção circular pela margem maritima, e raia terrestre

Antes de entrarmos a ver o reino interiormente, faremos pela parte de fora um giro ou descripção hydrographica e geographica, rodeando-o todo, e informando dos principaes portos, surgidouros e praças fronteiras, de que consta. Principiando pois pela margem septentrional, o primeiro porto, que se nos offerece, é

Caminha. Fica esta barra sobre o rio Minho, e é o termo, que divide Portugal de Galliza, ficando-lhe opposta a villa da Guarda, e os lugares de Tamugem, Rosal e outros dos galegos. Na entrada tem uma ilha, onde está o forte de Nossa Senhora da Insoa. Faz esta ilha duas barras pequenas: uma para o Norte, e é perigosa; outra para o Sul; e continuando a distancia de tres leguas para o Meio dia, segue-se

Vianna na foz do rio Lima: e barra estreita, e da parte de fóra da ponta do Norte ha um recife, que corre ao Sul, e dá capacidade para ancorarem embarcações não muito grandes, porque hoje está mais entupida de areias. Sobre a barra tem um castello com cinco baluartes, dois revelins, e defronte da mesma barra tem mais uma plataforma para sua defensa. D'aqui se continua até

Esposende, que dista de Vianna tres leguas para o Sul. N'esta barra, onde desagua o rio Cávado, não ha surgidouro capaz de embarca-

ções grandes, porque de maré cheia não tem mais que duas braças escaças de agua, e assim só caravellas lhe frequentam o porto. Corre o rio Cávado por entre a villa de Esposende, e o lugar do Fão, ficando aquella para a parte do norte, e este do sul. Defronte d'este lugar, quasi meia legoa da barra, estão uns penhascos que correm de norte a sul um quarto de legoa em tres fileiras, a que os mareantes chamam *cavallos de Fão*, entre os quaes podem bordejar navios, pois tem cinco ou seis braças de fundo em preamar. O author da Corographia Portugueza tom. 1, pag. 350, diz, que este era o porto, em que se carregavam de ouro as frotas d'el-rei Salomão, ácerca do qual veja se tambem a Antonio de Sousa de Macedo nas Flores de Hespanha cap. 4, excel. 2. O mais certo é que foi este o porto d'onde saiam as armadas dos romanos para fazerem as suas conquistas. Vindo caminhando para o sul o espaço de tres leguas, segue-se a

Villa do Conde. Dá entrada a esta barra a foz do rio Ave, porem estreita. Na bocca da barra tem um forte de cinco baluartes delineado pelo insigne engenheiro italiano Filippe Tersio. D'aqui vai correndo a marinha até o

Porto, quatro leguas para o sul, deixando n'este caminho o porto de Leça ou de Mattosinhos. Faz n esta barra sua foz o rio Douro, e fica distante da cidade meia legua. Ha na barra duas lages, uma da parte do norte, e outra do sul, por entre as quaes é a carreira ordinaria de entrar e sair, mas ha-de ser com tres quartos de agua cheia, sendo navio grande, e entrando de verão; porque de inverno sempre é perigosa pela maior quantidade de areias, que se ajuntam. Perto da entrada da barra para a parte do norte está o castello de S. João da Foz em quadro prolongado; consta de quatro baluartes pequenos. Um dos seus lados estreitos, que olha ao poente, cai sobre o mar, e no outro lado opposto está a porta coberta com um pequeno revelim. Aqui se termina a provincia do Minho; e continuando da barra do Porto sempre para o sul o espaço de dez leguas, se encontra a primeira barra da Beira, que é

Aveiro. Desagua aqui o rio Vouga, e fica a barra distante da cidade tres leguas: é larga na bocca, e chega a ter em preamar vinte e quatro palmos de agua de alto, porem é mudavel, por ser de areia. Corre da ponta da barra até a villa de Ovar um canal profundo pela distancia de sete leguas, e retalhando a terra com varios braços, e esteiros no ambito de quinze leguas, se reparte em muitas peninsulas e lezirias, onde se fabricam marinhas de sal clarissimo, e se cultiva todo o genero de lavoura. Proseguindo o espaço de oito leguas ao Sudoeste, encontramos a barra do

Mondego. É na entrada baixa e para dentro montuosa. Na bocca da barra para o norte está o forte de Santa Catharina, e fóra do forte meia legua na costa fica a villa de *Bourcos*, onde tambem ha surgidouro com seis ou sete braças de fundo de areia. Na distancia de dez le-

guas tambem para o sudoeste segue-se ja na provincia da Estremadura a

Pederneira. É enseada pequena, onde só entram patachos e caravelas. Para a parte do norte está na eminencia do monte a igreja de Nossa Senhora de Nazareth, imagem milagrosa e bem conhecida pelo concurso de muitas romagens. D'aqui pela mesma linha a pouco espaço de duas leguas está

Selir, pequeno porto. Verdadeiramente esta barra pertence á villa de S. Martinho, e está entre duas serras de grandes penhascos, por onde entra um braço de mar, que pela parte da terra faz uma enseada, que terá meia legua de circuito, onde se abrigam caravelas e patachos. De Selir, continuando a costa para o sudoeste cinco leguas, segue-se

Peniche, onde tambem chamam *Cabo de Carvoeiro*. Fica, estando a maré cheia, a modo de peninsula, d'onde tomou o nome. Da banda do norte é terra baixa, e do sul é onde tem o surgidouro em seis ou sete braças de fundo. Duas leguas para o oeste do cabo de Peniche estão duas ilhas pequenas com muitos penhascos ao redor, a que chamam as *Berlengas*, onde ha a fortaleza de S. João. Do cabo de Peniche para o sul, caminhando onze leguas, está a *Ericeira* e a pouco espaço o *Cabo da Roca*. Para diante mais duas leguas está *Cascaes*, onde ha capacidade de se dar fundo, pois tem dezoito até vinte braças de alto. D'aqui proseguindo, interposto o espaço de duas leguas, se encontra o famoso porto de

Lisboa. Esta barra, onde desemboca o Tejo, está no meio de duas fortalezas, chamadas vulgarmente de S. Gião ou Julião, e S. Lourenço ou Torre do bugio, que outros dizem cabeça secca, em distancia uma da outra de 980 passos geometricos de sete palmos e meio cada passo. Em tempo do insigne geographo Estrabo tinha a bocca d'esta barra 2:500 passos: agora se tem estreitado muito mais, e por causa dos cachopos que existem no meio d'ella, se faz differença a entrada, a qual se divide em dois canaes: o que passa por entre os cachopos e a fortaleza de S. Gião, chama-se canal da terra, e é perigoso: o que vai por entre os cachopos da Trafaria e a Caleira secca, e fortaleza de S. Lourenço chama-se carreira da alcaçova, e é mais seguro, porque tem 500 braças de largo e 9 de alto com bom fundo. Entrando pela barra dentro, a duas leguas se vê a famosa Torre de Belem, obra d'el-rei D. Manoel, fundada 200 passos sobre o Tejo; e continuando a pequena distancia de uma legua da parte do norte, se vê a grande cidade de Lisboa: mas como o Tejo fórma aqui o mais famoso porto do mundo e um grande seio, fazendo-se navegavel no espaço de vinte leguas, posto que não continúe na mesma largura, daremos noticia de todos os portos, que ha desde a barra pela ribeira do Tejo de uma e outra parte.

Portos do Tejo da parte do sul

Trafaria, Portinho de Costa, Torre Velha, Porto Brandão, Manatoga, Alfarsina, Arrabida, Arialva, Fonte da pipa, Cassilhas, Caramujo, Motella, Oliveirinha, Corroyos, Santa Martha, Tafaninho, Amora, Rio dos Judeus, Arrentella, Seixal, Rosario, Porto dos PP. Paulistas, Aldeia, Cabo da Linha, Coina, Fornos d'el-rei, Palhaes, A Telha, A Verderena, Barreiro, Lavradio, Barra a barra, Alhos Vedros, Moita, Esteiro furado, Sarilhos grandes, Sarilhos pequenos, Aldeia Gallega, Lançada, Quinta de D. Maria, Sanhouco, Alcochete, Barroca d'Alva, Pancas, Camora Correia, Benavente, Salvaterra, Escaroupim, Mugem, Santa Martha, Almeirim, Chamusca, Pinheiro, Moita, Barca, Brito, Santa Margarida, Crucifixo, etc.

Portos do Tejo da parte do norte

S. Gião, Oeiras, Caxias, Carnavelos, Paço d'Arcos, Cartuxa, Boa Viagem, Santa Catharina, Pedrouços, Belem, Junqueira, Santo Amaro, Alcantara, Pampulha, Santos velhos, Caes do Tejo, A Dizima, Remolares, Corpo Santo, Caes da Pedra, Alfama, Caes do Carvão, Bica do Sapato, Santa Apolloma, Cruz da Pedra, Madre de Deus, Xabregas, Grillo, Beato Antonio, Paço do Bispo, A Martinha, Braço de Prata, Cabo ruivo, Unho de D. Garcia, Marvilla, Olivaes, Sacavem.

Aqui desagua este rio no Tejo por uma grande bocca, fazendo uma profundissima foz: e ficando quasi ao norte da cidade, volta contra o noroeste, onde se encontram os vistosos portos de *Unhos*, *Frielles*, *Mealhada*, *Granja*, *Mornotas*, *Santo Antonio do Tojal*, *etc.* Continuando pela marinha direita segue-se:

Massaroca, Santa Iria, Povoa, Alverca, Alhandra, Villa Franca, Povos, Castanheira, Villa Nova, Azambuja, Casa branca, Valada, Porto de Mugem, Santarem, Azanhaga, Labruja, Cardiga, Barquinha, Tancos, Payo de pelles, Praia, Punhete, Redemoinhos, Abrantes.

Tornando agora a seguir o progresso da marinha do Oceano Lusitanico prosegue a Costa da Roca de Cintra até o

Cabo de Espichel na distancia de oito leguas ao sudoeste. Em outro tempo se chamou Promontorio Barbarico, habitação dos povos Sarrios. No cimo d'esta serra esta um templo dedicado á milagrosa imagem de Nossa Senhora do Cabo. Pouco mais para diante uma legua está

Cezimbra, em que ha fortaleza, e se póde surgir. D'aqui á Arrabida ha duas leguas, e junto d'ella a *Torre de Outão*, e uma enseada para setias, e barcos de tres velas. Na distancia de uma boa legua para leste se offerece a barra de

Setubal, que tem em preamar cinco braças, e em baixamar vinte e seis palmos. Faz aqui o Oceano uma grande enseada, e vem n'ella mergulhar suas correntes o rio Sadão. Distante de Setubal quinze leguas fica

Sines ja no reino e provincia do Algarve, onde ha surgidouro em dez ou quinze braças. Vai d'aqui correndo a costa ao sul vinte leguas até o cabo de S. Vicente, chamado Promontorio Sacro; mas n'este caminho mais tres leguas se vê a

Ilha do Pessegueiro, antigamente chamada Petanio, como diz João de Mariana liv. 1, cap. 21, entre a qual e a terra ha surgidouro em duas e tres braças. Para diante ao sul mais duas leguas está a barra de

Odemira, capaz sómente de caravelas, e tem duas varas de fundo. Caminhando-se para diante sete leguas está

Arrifana, onde ha uma enseada, na qual se póde surgir em oito até doze braças. Segue-se em distancia de cinco leguas o cabo de S. Vicente, e na pequena distancia de uma legua para o lesnoeste está

Sagres, que da parte de leste em uma enseada abrigada tem surgidouro com quatorze e quinze braças de fundo. Cinco leguas para diante continúa

Lagos. Tem um porto capaz de receber grandes armadas em sete para oito braças de fundo, e defendido da fortaleza chamada da *Bandeira*, bem guarnecida de artilheria, encontrando-se por esta costa outras muitas fortalezas que a defendem. Não está muito longe de Lagos a foz de

Alvor. Foi na opinião verosimil fundação de Annibal, chamada *Portus Anibalis*. Navega-se da sua foz até á villa em lanchas. Defronte de Alvor meia legua ao mar está uma pedra, que não apparece senão em baixamar de aguas vivas. Uma legua para leste segue-se

Villa Nova de Portimão, em cuja barra por causa dos bancos de areia movidos se não entra sem pilôto practico. Tem na entrada dois fortes, um ao poente chamado de Santa Catharina, e outro ao nascente a que chamam de S. João, com duas baterias. Terá a barra de preamar vinte e tres palmos e de baixamar dez, com que tem capacidade para bastantes embarcações grandes. D'aqui se navega até Silves, que lhe dista duas leguas, mas sómente se póde ir em barcos, porque esta bahia tem só meia legua de comprimento capaz. Descobre-se logo

Albufeira, onde está o cabo de Carvoeiro, e n'elle um forte da senhora da Encarnação. D'aqui tres leguas para leste está a villa de Albufeira no fundo de uma enseada feita por dois cabos, um da parte de leste, outro de oeste. Segue-se

Faro, a entrada de cuja barra é estreita, e fica para a parte de leste da cidade, da qual dista legua e meia. Mais adiante cinco leguas vemos

Tavira, cuja barra terá de surgidouro cinco braças de fundo, e é

defendida por duas fortalezas bem artilhadas. Está para diante a villa de Cacella, e logo mais tres leguas continuando a mesma costa do Algarve, está ultimamente.

Castro Marim defronte de Ayamonte, que lhe fica da outra parte do rio Guadiana, o qual desemboca por aqui no mar oceano, e separa o reino do Algarve de Andaluzia. Costeando e subindo por este rio cinco leguas com os olhos ao norte, vemos a villa de

Alcoutim, ultima do reino do Algarve, e fronteira a S. Lucar do Guadiana. Tem seu castello e recinto de muros antigos em terreno levantado. Pouco mais para cima entra o rio Vascão no Guadiana, e separa o Algarve do Campo de Ourique. Segue-se a praça de

Mertola já no Alemtejo, e junto ao Guadiana, onde tem tres vãos, o do Carvoeiro, o dos Moinhos e o das Vaccas. Seguindo para cima a margem do Guadiana, encontramos na distancia de seis leguas a praça e villa de

Serpa, a qual com as de *Moura*, *Mourão*, *Olivença*, *Ouguella* e *Noudar* estão no districto de Andaluzia em uma lisonja ou cotovello de terra, que alli se fórma da parte directa, pondo-nos voltados ao norte, deixando á mão esquerda o Guadiana, cujas terras ficarão sendo nossas desde o anno de 1297 pela concordata ou tratado de Alcanisses, que fez el-rei D. Diniz com el-rei D. Fernando IV de Castella. Pela margem do mesmo Guadiana está *Juramenha*, e depois segue-se

Elvas, fronteira a Badajoz, d'onde dista tres leguas, e duas da ribeira do Caya, que divide Castella de Portugal. É praça bem fortificada e de notavel aqueducto. Para diante logo duas leguas está a praça de

Campo Mayor em uma grande planicie mui bem fortificada ao moderno com lago de agua nativa no seu fosso. D'aqui para diante seguem-se *Arronches*, *Alegrete*, *Portalegre*, *Marvão*, *Castello de Vide*, e *Montalvão*, praças todas fronteiras de Castella. Faz por aqui o Tejo a separação das duas provincias Alemtejo e Beira, entrando ou correndo por entre Malpica, e Monforte. Passando o Tejo, a primeira praça que se encontra na Beira, indo por esta parte é

Rosmaninhal, que de uma parte está fortificada com o Tejo, e de outro lado com o rio Elja, que faz aqui sua foz. No demais é cercada de espessura, que a faz mui defensavel. Para diante duas leguas junto ao rio Elja está a villa de

Segura com seu castello pequeno, porem que descortina bem o campo. Vem por aqui o Elja fazendo a raia terminativa de Portugal, e Castella de norte a sul. Adiante para o norte legua e meia está a villa de

Salvaterra da Beira com castello forte bem descortinado e guarnecido de presidio. Tem opposta a villa de Sarça, e tambem mais para dentro a villa de Alcantara, praça de armas castelhana, que se oppõem

ás tres villas nossas Salvaterra, Segura e Rosmaninhal. Nas costas de Salvaterra cinco leguas fica *Idanha Nova*, cuja aspereza de sitio serve de fortaleza. Caminhando tres leguas para o nascente segue-se

Penagarcia com castello forte sobre penhasco. Tem umas montanhas, que lhe servem de grande defensa e confiança contra qualquer temeridade inimiga que intentar invadir nos por aqui. Nas costas de Penagarcia está situada

Idanha a Velha quasi em peninsula, que fórma o rio Ponsul: é sitio doentio, mas tem muros fortes. Na distancia de uma legua segue-se a villa de

Monsanto com seu castello fundado em um monte das mais raras asperezas e altura, que dizem ha em Hespanha, porque se despenha a todos os lados por mais de uma legua. Tem esta villa a singularidade de que sendo situada desde donde lhe podem deitar o cordão, póde para dentro d'elle lavrar pão, vinho e azeite para se sustentar, sem o inimigo lh'o poder impedir: por isso entre os castelhanos anda um adagio, que diz: *Monsanto, Monsanto, orejas de mulo, el que te ganare, ganar puede el mundo*; e já os mesmos a tiveram sete annos de cerco. Tem por opposto o castello de Trabejo. Passadas tres leguas, segue-se ao Norte

Penamacor, cuja villa e castello está sobre um eminente penhasco, e é por sitio inexpugnavel. Oppõem-se-lhe o castello de Elges. A tres leguas de Penamacor está a villa do

Sabugal com muito bom castello, e detraz d'elle a villa de Sortelha inexpugnavel. Do Tejo até perto do Sabugal se corre a raia com Castella de norte a sul, e desde o lugar de Mencão corre leste oeste pela serra de Malcata até o lugar de Lagiosa, quatro leguas do Sabugal. De Lagiosa até o Douro corre a raia Nornordeste a sumdoeste, e onde começa a fazer-se esta raia fica a villa e praça de

Alfaiates, tres leguas do Sabugal. Sendo governador d'esta praça o capitão Braz Garcia Mascarenhas, foi cercada com muro de 4680 pés geometricos, excepto as voltas dos baluartes, que tem altura de vinte e cinco pés. Foi obra de importancia. Tem por oppostos os castellos de Paio e Albergaria. Seguem-se *Villar Maior* e *Castello Mendo*, duas leguas em distancia um do outro, sempre ao norte. Outras duas para diante está *Castello Bom*, e mais outras duas a praça de

Almeida, a quem faz frente Cidade Rodrigo. É das melhores praças do reino. Está em uma campina raza, que se descobre por alcance de vista desde uma legua: e com ser terra chã, se descobrem d'ella terras de onze bispados, Lamego, Guarda, Coimbra, Viseu, Braga, Miranda, Porto, Coria, Ciudad Rodrigo, Plasencia e Salamanca. Na maior eminencia tem sua fortaleza, que domina bastantemente o terreno. Tres leguas para o norte segue-se

Castel Rodrigo em sitio alto e forte. Tem esta villa as armas reaes

d'este reino ao revez o elmo para baixo, por não querer dar entrada a D. João I passando por alli para Chaves, porque seus moradores seguiam o partido da rainha de Castella D. Brites. Acabada de costear a provincia da Beira, se passa aqui o Douro, que a divide de Traz os Montes, onde vemos logo o *Castello d'Alca* e *Freixo de Espada a cinta* em sitio baixo, mas com cinco torres, e fortaleza grandiosa. Segue-se o *Mogadouro*, a *Bemposta*, *Peaus Royas*, *Algoso*, terras todas fronteiras do reino de Leão. Depois segue-se

Miranda do Douro collocada sobre asperos penhascos, a quem o rio, que lhe dá o nome, a separa pelo nascente de Castella. Tem bom castello com artelharia, e faz frente a Carvalhaes. Segue-se *Vimioso*, *Outeiro*, cinco leguas cada uma de Miranda; e contaremos nove, se passarmos d'aqui Nornoroeste a

Bragança, a qual existe nas margens do rio Fervença, que a aparta da raia de Galliza, tendo por opposta a Puebla de Senabria na distancia de quatro leguas. Seguem-se já na raia de Galiza

Vinhaes, *Monforte do Rio livre*, *Chaves*; *Montalegre*; e avisinhando pelo rio Lima, deixando a serra do Marão e entrando na do Gerez, em cujo encontro se dividem as duas provincias Minho e Traz os Montes, se avistam n'esta linha alguns castellos, como o de *Lanhoso* em correspondencia da fortaleza de Araujo; o *Castello da Nobrega* com as terras de Entrimo por fronteiras; o *Castello de Lindoso*, a quem se oppõem o logar de Ferreiros; o *Castello Laboreiro*, que tem por opposto o da Lobeira, tudo na raia de Galiza fronteira do Minho. Segue-se a villa de

Melgaço com excellente castello, a quem se oppõem os lugares Crecente, Formelos e outros. Legua e meia para diante *Valladares*, que tem opposto em Galiza os lugares de Cella, e Marcella. Outra legua e meia está *Monção* em sitio eminente. Uma legua para diante segue-se *Lapella* e outra

Valença, fronteira á cidade de Tuy. Logo outras duas leguas se offerece *Villa Nova de Cerveira*, fundada, e cercada de muros de cantaria. Oppoem-se ao lugar da Barca de Goyão, presidio Galiziano; e d'aqui outras duas leguas se encontra outra vez com *Caminha*, d'onde principiámos o gyro d'esta demarcação

CAPITULO IV

Divisão antiga

Muitas foram as repartições, que antigamente houve n'este nosso paiz. Antes de conquistarem e habitar Hespanha os carthaginezes e romanos, toda ella estava dividida em muitas provincias de povos agrestes que debaixo do nome geral de Ibéros se dividiam em Turdetanos, Celtas, Cantabros, Turdulos e infinitos outros de que depois trataremos.

Vieram os carthaginezes, e como se confederaram com a maior parte d'aquellas gentes, conservaram as repartições das suas comarcas.

Porem tanto que os romanos metteram o pé em Hespanha, e começaram a contender com os carthaginezes sobre o dominio das terras, que foi pelos annos 537 da fundação de Roma, dividirão toda ella em duas partes, a que chamaram Hespanha citerior e Hespanha ulterior. (1) A citerior ficava para a parte de Italia, ou mais oriental ao rio Ebro, e foi a que os romanos mais habitaram: a ulterior é a que ficava para o lado occidental do mesmo rio, e ficou na sujeição dos carthaginezes. Todavia esta repartição se variava pela republica romana, conforme parecia aos seus interesses, accrescentando ou diminuindo as terras de uma ou de outra parte.

Acabou finalmente Octaviano Augusto de vencer na celebrada guerra Cantabrica aquelles povos e mudando-lhes o governo e limites, dividio a Hespanha em tres provincias, a saber, *Lusitanica*, *Betica e Tarraconcusi*. A Lusitanica incluia a maior parte do que hoje chamamos Portugal, com outras muitas terras, que hoje pertencem ao reino de Leão e provincia da Estremadura castellana. O rio Douro a separava pelo lado septentrional da Tarraconense, pelo oriental uma linha, que sahia do Douro quasi n'aquella parte, donde se incorpora com o rio Pisuerga, a qual linha descia a buscar o Guadiana, e este depois dividia a Lusitania da Betica até entrar no Oceano, cuja costa cercava o restante da Lusitania.

N'esta divisão de Augusto se confundiram os limites da primitiva Lusitania: porque elles começavam na foz do rio Tejo, e desde alli corria até o cabo de *Finis Terræ*, e aquelle espaço depois situado entre os rios Tejo e Guadiana, a que hoje chamamos Alemtejo e Algarve, não se chamava Lusitania, mas sim Celtica. Da mesma fórma padeceram alteração os confins da Betica e Tarraconense, e d'aqui nasce a confusão entre os authores como bem adverte o estudiosissimo Padre Argote. (2)

Corria o anno de Christo 118, quando o imperador Elio Adriano, visitando as terras do seu imperio, dividio a Hespanha em seis provincias: Tarraconense, Cartaginense, Betica, Lusitana, Galiza e Tingitania; e n'esta divisão a provincia do Minho ficava fóra da Lusitania, e se incluia na de Galiza, como bem mostra Estrão do Campo com particularidade e certeza. (3) Constantino Magno fez outra divisão em sete provincias, mas sem alterar as demarcações anteriores. Outras divisões querem alguns que fizessem os romanos, mas são duvidas.

O que temos por certo, é que os romanos alem d'estas repartições

(1) Tit. Liv. liv. 36. cap. 28. Mela lib. 2. cap. 6. Salin. cap. 23. Strab. liv. 3. pag. 146. (2) P. Argot. Antigüid. da Chancel. de Brag. p. 38. e nas Mem. do Arceb. de Brag. pag. 40. e 41. (3) Isaac Vossio nas Notas a Pompon. Mela liv. 2. cap. 6. Flor. do Campo liv. 1. cap. 3. Moral. liv. 7. cap. 2. Osorius no Prolog. de reb. Emman. Resend. Antiq. Lib. 3. Estac. Antig. de Portug. cap. 19. e 20. Plin. lib. 4. cap. 20. Volaterran Geograph. lib. 1. Barreir. Corogr. p. 99. João Salgad. Successos Milit. p. 168. vers.

tinham dividida cada uma das provincias em Chancellarias, a que chamavam *Conventos Juridicos*, collocados nas cidades mais insignes da provincia, ás quaes acudiam os povos da comarca para administração da justiça. D'estes conventos juridicos, a que correspondem hoje as nossas relações, havia quatorze em toda a Hespanha: as que tocaram ás nossas terras, foram tres: *Braga*, *Beja* e *Santarem*.

Havia tambem algumas cidades privilegiadas com o titulo de *Municipios*. Colonias eram aquellas, que tinham sido fundadas por familias romanas, e taes foram em nosso terreno *Beja* e *Santarem*, alem de outras tres, que hoje nos não pertencem, e gozavam seus cidadãos do privilegio de cidadãos romanos. Municipios eram os que se governavam por leis proprias, e estes foram *Lisboa*, *Evora*, *Mertola* e *Alcacer do Sal*.

Extincto o dominio romano, invadiram os barbaros as Hespanhas o anno de 409 depois de Christo, e d'aqui por diante se alteraram notavelmente os limites das nossas provincias em todas as subsequentes sujeições até o reinado d'elrei D. Fernando o Magno, o qual falleceu no anno de 1067, deixando repartido entre seus filhos as terras dos seus dominios; e cabendo as de Portugal a elrei D. Garcia, desde então se principiou a chamar Portugal o que era Lusitania. Declaradas pois as divisões antigas, passemos a expressar as modernas.

CAPITULO V

Divisão moderna pelas provincias

Presentemente se divide Portugal em seis provincias ou regiões: duas ficam na parte septentrional, e se chamam *Entre Douro e Minho*, e *Traz os Montes*: duas no coração do reino, chamadas *Beira*, e *Estremadura*: e outras duas na parte meridional, a que chamam *Alemtejo*, e *Algarve*, que tambem logra o titulo de reino. Cada provincia d'estas se subdivide em comarcas ou ouvidorias para boa administração da justiça: e cada comarca tem debaixo da sua jurisdição certo numero de villas e logares, em que existem seus juizes, que governam subordinados aos corregedores das comarcas. Supposta esta prejacente noticia, entremos a descrever a primeira região da parte do norte, chamada

Provincia do Minho

Como esta provincia está encerrada entre as famosas correntes dos dois rios, Douro e Minho no occidente septentrional de Hespanha, da tal situação tomou nome de Entre Douro e Minho, que em latim se diz *Interamnensis*, ou *Durimineæ*. Quasi todos os geogra-

fos (1) lhe dão de comprido de norte a sul dezoito leguas, e de nascente a poente doze de largo na sua maior largura, porque em algumas partes não tem mais que oito.

Confina esta provincia da banda do Meio dia com o rio Douro, que a separa da Beira: da banda do occidente parte com o mar oceano, começando em S. João da Foz, o acabando na villa de Caminha, onde o rio Minho diz de Portugal de Galiza. D'ahi para cima, que é a parte do norte, vai pelo dito rio até o termo da villa de Monção, e ali passa o termo de Galiza o rio Minho, e se raparte por marcos até o castello de Castro-Laboreiro, que são doze leguas desde a villa de Caminha. D'alli atravessa o resto pelo monte do Gerez, que está da parte do nascente, e vai pela terra de Barrozo até á ponte de Cavez, que está no rio Tamega, e d'ahi pelo rio abaixo até a villa de Amarante; e deixando o rio, vai pelo monte do Bayão dar no Douro, d'onde começámos.

O clima é o mais temperado, porque está entre o parallelo de 41 e 42 graus de altura do Polo Arctico. D'aqui nasce, que sendo tão pequena esta região, é summamente fertil; e a benignidade dos seus ares, a affluencia dos seus rios, as abundancias e delicias dos seus campos comprovam a fama do seu admiravel temperamento; d'onde se animou a dizer Manoel de Faria, (2) que se no mundo houve Campos Elysios, existiram n'esta provincia; e se os não houve, merecia que sómente os houvesse n'ella, se é que este titulo se deve dar a sitio ameno e delicioso.

Assim o vemos, porque a maior parte d'esta provincia está sempre cheia de arvoredos de todo o genero, que organisam um continuado bosque perpetuo e mui aprazivel, composto de loureiros, azinheiros, platanos, buxos, murtas, teixos, pinheiros e ciprestes, que todos nem de Inverno perdem a folha, alem de castanheiros, carvalhos, sovereiros e outras arvores, d'onde se criam as mais robustas madeiras do mundo, (3) tão ferteis, que ha castanheiro, que dá trinta e quarenta alqueires de castanha, e ainda um moio, como affirma João Salgado de Araujo: (4) pé de vide em latada ou em arvore, que dá pipa de vinho: pé de nogueira que dá moio de noz: laranjeira, que dá cinco carros de laranja: pé de carvalho, que dá meio moio de bolota, e alguns tão grandes, que não o abrangem quatro homens, como é na quinta de Mouro de S. João de Ataens da villa de Pico de Regalados. Testifica o doutor João de Barros na descripção que fez d'esta provincia, capitulo 7, que vira um, em cujo oco cabiam cincoenta cabras, e outro onde cabiam dez homens a ca-

(1) Duarte Nun. Descripc. de Portug. cap. 28. João de Barr. na Descripc. do Minho cap. 6. Far. Europ. Port. tom. 3. part. 2. cap. 2. n. 4. João Salgad. de Arauj. nos Success. Milit. liv. 1. cap. 1. Geograf. Blaviano. Const. Corogr. Port. tom. 1. c. 1. Lim. Geogr. Histor. tom. 1. p. 2. (2) Far. no Epitom. part. 4. cap. 3. n. 4. Maced. Flor. de Hesp. cap. 1. excel. 6. (3) D. Franc. Man. Epanafor. 4. p. 518. (4) João Salgad. de Arauj. nos Success. Milit. liv. 1. cap. 1. pag. 3. vers.

vallo, dando por testemunha ao marquaz de Villa Real, que foi uma das pessoas, que entrara dentro, o que parece encarecimento, posto que o mesmo escreve Manoel de Faria. (1)

Esta abundancia é igual em tudo. De bois e vaccas sustenta quatrocentos mil, e mais de um milhão de ovelhas e carneiros, segundo dizem Duarte Nunes, (2) e outros. O doutor João de Barros, sendo ouvidor de Braga o anno de 1509 e tantos, diz, que por ordem d'elrei mandára fazer a conta do gado, que havia só no termo d'aquella cidade, e achára treze mil cabeças de gado miudo, e de bois e vaccas onze mil. A mesma fecundidade corresponde a todo o genero de caça, carnes, e peixes, tudo de excellente sabor, principalmente havendo tantos rios povoados de gostosos salmões, lampreias, trutas, salmonetes, saveis, bogas e tainhas, com infinitos outros igualmente admiraveis. Criam-se tambem todo o genero de legumes e hortaliça: tem muito mel, e lacticinios, muito milho, o pão que basta, e até minas de ouro, prata, ferro e estanho. Lavra-se o linho mais fino, de que se fabrica o panno branco mui estimado na Europa. Só azeite ha pouco n'esta provincia, não porque a terra deixe de criar oliveiras, mas porque não as plantam; porque lisongeados os seus naturaes com o prestimo, e sabor do chamado unto, de que usam tanto nos guisados, como ás vezes nas luzes, esqueceram-se de as cultivar.

São seus habitadores de fecundissima propagação, e larga vida; e até nos tempos que a natureza constitue estereis, são aqui fecundas as mulheres. Muitos exemplos e casos ajuntou para confirmação d'esta raridade e excellencia Gaspar Estaço, (3) e Antonio de Sousa de Macedo. (4) Basta dizer, que da gente innumeravel, que não póde sustentar este paiz, se tem povoado o mundo, e com especialidade o Brasil e as Minas, e que é mais a gente, que a terra, onde não ha parte alguma, em que se não ouça tanger algum sino, e cantar um gallo. (5) Parece toda a provincia uma cidade continuada.

Conduz muito para esta geral fertilidade a grande copia de boas aguas, que, como se esta região fôra toda perenne tanque, assim brota e rega seus campos e pomares por vinte e cinco mil fontes, (6) e innumeraveis rios grandes e pequenos, sendo os de maior nome os seguintes: *Ave, Basto, Benade, Bitarim, Cabrão, Caldas, Campanhão, Cávado, Celho, Celinho, Côa, Cosme, Coura, Deiriz, Deste, Dolo, Douro, Enfesta, Ensalde, Fato, Ferreira, Fulias, Gadanha, Gifães, Gojim, Herdeiro, Homem, Landim, Lavoreiro, Leça, Lima, Lovia, Maçarelos, Mejavelhas, Melres, Minho, Moles, Mouro, Neiva, Olo, Ovelha, Ouvir, Pontido, Prado,*

(1) Far. no Epitom. part. 4. cap. 17. (2) Nun. Descripç. de Portug. cap. 28. e 29. Vasconcell. in Descript. Lusitan. (2) Estaç. Antig. de Portug. cap. 72. (3) Macedo Flor. de Hespan. cap. 3. excel. 1. (4) João Salgad. Success. Milit. pag. 3. vers. (5) Macedo Flor. de Hesp. cap. 2. excel. 3. Barbos. de Potestat. Episcop. part. 1. tit. 3. cap. [illegible] Gil Gonçal. de Avila no Theatro de las grandez. de Madrid. p. 5[illegible]0.

Ramada, Rellas, Siguel's, Sousa, Tamega, Taveira, Teixeira, Torto, Torrella, Tua, Valengo, Varzeas, Vendões, Vez, Vizella, Zezere pequeno, e outros que se diffundem nos capitaes

Dezenas são as pontes de cantaria, a que estes rios obedecem, e as mais famosas a de *Caeez* mui larga e mui alta, com cinco arcos de pedras tão admiravelmente lavradas, que todas são de um tamanho: a de *Mondim* com seis arcos: a de *Amarante* feita por diligencias de . Gonçalo; e outras muitas. Contam-se lhe seis portos de mar capazes de receber navios: *Caminha, Vianna, Esposende, Leça, Villa do Conde*, e *Porto*.

As praças de armas cercadas e acastelladas são dezaseis: *Porto, S. João da Foz, Villa do Conde, Vianna, Caminha, Villa Nova, Valença, Lapela, Monção, Melgaço, Castello Laroeiro, Lindoso, Nobrega, Lanhoso, Aguiar de Pena, Celorico de Basto*: e pelo Certão tem: *Braga, Guimarães, Ponte de Lima*, e *Barcellos*, de todas as quaes se faz preito e homenagem. E segundo o calculo de João Salgado de Araujo, (1) tinha no anno de 1644 seis mil homens capazes de tomar armas. Mas pelo que toca ao militar, accrescento uma singularidade d esta provincia. e é, que pelos muitos rios menores, que comprehende, pontes d'elles, barcas dos maiores e grande abundancia de bosques, sem duvida que causará uma grande difficuldade para se deixar penetrar de inimigos; e já estes embaraços remiram muitas vezes este paiz da invasão dos romanos, aos quaes lhe custou tempo, trabalho, e gente a sua conquista, quando tudo rendiam suas armas então victoriosas contra as mais nações do mundo todo.

Pelo que pertence ao estado ecclesiastico, ha n'esta provincia duas igrejas cathedraes: *Braga*, archiepiscopado, e *Porto*, bispado. Cinco collegiadas: *Guimarães, Barcellos, Valença, Cedofeita, Vianna*. Parochias, conforme o calculo de alguns antiores, (2) tem 1460, e de outros tem 1500. (3) Conventos e mosteiros de diversas Ordens mais de 150. De ermidas e igrejas não parochiaes um grande numero Corpos de santos que venera, tem quatorze. Santos nacionaes tem grande quantidade: *S. Damazo, S. Gonçalo de Amorante, S. Torcato, S. Pedro de Rates, S. Gerardo, S. Vitouro, S. Fructuoso, S. Martinho de Dume, S. Rozendo, Santa Senhorinha, Santa Suzana, o Irmão Pedro de Basto*, e outros muitos, de que o Agiologio Lusitano faz memoria. De homens insignes já em lettras, já em armas tem produzido, e produz numero grandissimo, de que nós, quando fallarmos das suas patrias particulares, nos lembraremos.

Não é para esquecer uma excellente gloria, que esta provincia tem, qual è dar-se n'ella principio á vida eremitica muitos annos antes que S. Paulo primeiro ermitão a introduzisse no reino: pois sendo S. Felix

(1) Araujo. Serress. Milit. liv. 1. cap. 1. (2) August Barb. de Potest. Episcop. part. 1. tit. 3. cap. 8. (3) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 2 cap. 2. Lim. Geogr. Histor. tom. 2. pag. 3.

o que deu sepultura a S. Pedro de Rates, como consta das suas lições, e que vivia nos desertos d'esta provincia em um alto monte de S. Miguel de Laundos, abbadia da villa de Esposende, (1) fica precedendo S. Felix a S. Paulo o que vai do anno 46, em que morreu S. Pedro de Rates, ao de 300 em que floreceu S. Paulo. A causa porem que houve para chamar a S. Paulo primeiro ermitão, veja-se no Agiologio Lusitano tom. 1.

Divide-se finalmente esta provincia em seis comarcas, que vem a ser: *Guimarães, Braga, Porto, Vianna, Barcellos* e *Valença*. Cada uma d'ellas tem varias povoações debaixo da sua jurisdicção. Tudo d'esta provincia resumiu n'estas duas estancias a musa de um engenho hespanhol:

Es Entre Duero, y Miño la primera
Porcion del Reyno, en rios muy bañada,
D'onde Braga *magnanima prospera*
De los Brachatos hija sublimada.
Al Romano dificil, y guerrera:
A los de Porto altiva, y respetada:
De Augusto honor, Juridico Convento,
Corte Sueva, y Arçobispal assiento.

Del Duero ilustra el margen atractivo
Porto, *que de Gatelo pueblo raro*
Con mitra Episcopal se ostenta altivo,
Dandole a Portugal nombre preclaro.
Guimarães *Villa es noble, y primitivo*
Solio de Reys Lusos. Tiene claro
Timbre Puente de Lima: *altas belleças*
Vianna, *de partido ambas cabeças.*

Comarcas da provincia do Minho

I — Guimarães, Correição consta de:

Cinco villas. — Aguiar da Penha, Amarante, Canavezes, Guimarães, Povoa.

Dezenove concelhos. — Atey, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Santa Cruz de Riba Tamega, Felgueiras, Gestaço, Gouveia de Riba Tamega, Hermello, S. João de Rey, Lanhoso, Mondim, Montelongo, Ribeira de Pena, Ribeira de Soás, Roças, Serva, Vieira, Villaboa da Roda, Unhão.

Quatorze coutos. — Abbadim, Fonte Arcada, Mancellos, Moreira de

(1) Corograf. Portug. tom. 1. p. 313. Padilha. Histor. Eccles. cent. 1. cap. 16. Monarq. Lusitan. part. 3. liv. 8. cap. 32. Rodrig. Mend. da Silv. na Descripç. de Portug.

Rei, Parada de Bouro, Pedraido, Pombeiro, Pousadela, Refoios de Basto, Taboado, Tibães, Travanca, Tugas, Vimieiro.

Quatro honras. — Cepães, Meinedo, Ovelha, Villacahiz.

Um julgado — Lagiosa.

II — Vianna, Correição consta de:

Sete villas. — Arcos de Valdevez, Monção, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Prado, Vianna, Villa Nova de Cerveira.

Doze concelhos — Albergaria de Penella, Bouro, Coura, Entre Homem e Cávado, Geraz do Lima, Lindoso, Santa Martha do Bouro, Santo Estevão da Faxa, Soajó, Souto de Roberdãos, Villa Garcia, Pico de Regalados.

Quinze coutos. — Aboim da Nobrega, Azevedo, Baldreu, Boilhosa, Bouro, Cervães ou Villar de Areas, S. Fins, Freiriz, Luzio, Manhente, Nogueira, Queimada, Sabariz, Souto, Rendufe.

III. — Barcellos Ouvidoria consta de

Sete villas. — Barcellos, Castro Laboreiro, Esposende, Famelicão, Melgaço, Rates, Villa do Conde.

Tres concelhos. — Larim, Portella das Cabras, Villachã.

Cinco coutos. — Cornelã, Fragoso, Gondufe, Palmeira, Villar de Frades.

Um julgado. — Vermoim.

Uma honra. — Fralães.

IV. — Valença, Ouvidoria consta de

Tres villas. — Caminha, Valença, Valladares.

Dois coutos. — Feães, Paderne.

V. — Braga, Ouvidoria consta de

Uma cidade. — Braga.

Treze coutos — Arentim, Cabaços, Cambezes, Capareiros, Dornelas, Ervededo, Feitosa, Goivães, Moure, Pedralva, Provesende, Pulha, Ribatua.

VI. — Porto, Correição consta de

Uma cidade. — Porto.

Tres villas. — Melres, Povoa de Varzim, Villanova.

Treze concelhos. — Aguiar de Sousa, Avintes, Bayão, Bemviver,

Gaya, Gondomar, Lousada, Maya, Penafiel de Sousa, Penaguião, Portocarreiro, Refoyos de Ribadave, Soalhães.

Sete contos. — Ansede, Entre ambos os rios, Ferreira, Meinedo, Paço de Sousa, Pendorada, Villaboa de Quires.

Seis Behetr. e honras. — Baltar, Barbosa, Frasão, Gallegos, Louredo, Sabrosa.

Provincia de Tras os Montes

A segunda região, ou provincia do Reino, é chamada *Tras os Montes*, porque do Reino de Galiza até o Douro de norte a sul atravessam uns montes mui altos, que parece estão cercando a provincia do Minho, como fazem os Alpes á Italia; e são de tanta eminencia estes montes, que em muitas partes tem uma legua de subida aspera, como se experimenta nas serranias do Gerez, e altura do Marão; e assim havendo respeito ao Minho, fica esta provincia além d'aquelles montes, que lhe deram o nome.

Sua demarcação costuma fazer-se da Portela de Homem pela banda do norte até á ponte de Cavez; e continuando do ponente pelo rio Tamega até entrar no Douro, faz este a divisão com a provincia da Beira até Vilvestre. D'aqui olhando para o norte, o mesmo rio Douro a aparta do Reino de Leão até quatro leguas depois de se chegar a Miranda; e d'aqui por divisas, e marcos até dar no rio Mação não longe de Maid, onde inclina a ponente com a serra chamada de Teixeira, e as de Senabria, e Gerez até vir incorporar-se onde começou.

O commum dos geografos (1) dá a esta provincia trinta leguas de comprido, e vinte de largo; porém o Abbade de Pera (2) diz, que não fizeram boa medição; porque da Portella de Homem até Urros defronte de Vilvestre são trinta e quatro leguas, e de Canavezes até o rio Mação fazem trinta e seis (é erro, porque verdadeiramente não devem ser mais que vinte e seis conforme os Mappas de Fernão Alvares Seco, e Pedro Teixeira) e assim lhe dá de circuito cento e trinta leguas.

Muito mal se informou Florião do Campo não só na demarcação, que dá a esta Provincia, mas em dizer que é terra infructifera; porque supposto não ser tão fértil como Entre Douro e Minho, a verdade é haver aqui muitos valles deliciosos, e muitas villas abastadas de pão, vinho, azeite, mel, frutas, gados, caças, legumes, e sedas. Tal é a villa de Chaves mui amena, na qual habitaram os romanos muito tempo, por ser boa terra, e Villa Real, e outros muitos lugares d'esta região: só de frutas de espinho não tem abundancia.

O clima não ha duvida, que é frio em extremo: tem nove mezes de inverno, e tres de verão ardentissimo, por não ser arejada do norte,

(1) Colmenar. Del. os du Port. tom. 1. pag. 713. Lim Geograf. Histor. tom. 2. pag. 61.
(2) Arauj. Success. Milit. p. 68. vers.

que embaça nas montanhas, e com tudo é terra sadia, e de boas aguas, excepto em Bragança, e Miranda, que são pessimas. Os rios mais nomeados são estes:

Angueira, Alvedrinha, Azibo Beça, Corgo, Calda, Calvo, Douro, Ferrença, Frio, Fresno, Lobos, Mação, Mente, Pinhão, Rabaçal, Sabor, Tamega, Tinhella, Tua, Tuella, Villariça, Vallarca, Zacharias. Fontes medicinaes tem quarenta e tres.

A gente, que habita esta provincia, é pela maior parte robusta, e corpolenta: as pessoas nobres são dotadas de grande primor, e brio; são valentes, e honrados; aptos para a guerra, e tem grande exercicio da gineta e brida, em que fazem sumptuosas festas. São mui devotos da igreja, e veneram com estimação a seus ministros: conservam as cruzadas, e com os estranhos são attenciosos. As mulheres nobres tem grande recolhimento, as outras ajudam a cultivar as terras a seus maridos, e ás vezes mais trabalham ellas que elles: em fim diz o Abbade João Salgado de Araujo, que não se sabe d'esta provincia vicio algum nativo d'ella.

Inclue esta provincia duas cidades: *Miranda*, que tem bispo, e *Bragança*, que o não tem. Ha tres igrejas que parecem collegiadas: *Chaves, Villa Real e Torre de Moncorvo*, e consta de muitas abbadias, reitorias e vigairarias. As villas que teem fortalezas confinantes com Galiza e Castella são estas:

Montalegre, Ervededo, Chaves, Monforte do rio livre, Bragança, Outeiro, Miranda, Folgoso, Penas de Royas, Mogadouro, Freixo de Espada a cinta, e de todas se dá homenagem.

Divide-se finalmente esta provincia em quatro correições: *Moncorvo, Miranda, Bragança* e *Villa Real*. Servem de epitome das suas grandezas estas duas oitavas:

Es Tras los Montes la porcion segunda
De heroicas poblaciones adornada,
Donde Miranda *Episcopal se funda*
Sobre peñascos bien encastillada.
Delrey Brigo Bragança *hija segunda,*
De la Inez bella, como desdichada,
Talamo, en llano delicioso brilla,
De esclarecidos Duques alta silla.

Entre otras villas sale floreciente
La Torre de Moncorvo; *la apacible*
Villa Flor: Mirandela *con gran puente:*
Belica Chaves, Villa Real *plausible,*

Freixo de Espadacinta *muy valiente,*
Alfandega da Fé *apeticible,*
Mascareñas *en frutas deliciosa*
Fertil Chacim, *y en trato generosa.*

Comarcas da provincia de Tras os Montes

I. — Torre do Moncorvo, Correição consta de

Vinte e seis villas. — Abreiro, Agua revez, Alfandega da Fé, Anciães, Castro Vicente, Chacim, Cortiços, Frechas, Freixiel, Freixo de Espada-cinta, Lamas de Orelhão, Linhares, Moncorvo, Mirandella, Mouforte de rio livre, Mós, Murça de Panoya, Nuzellos, Pinhovelo, Sampayo, Sezulfe, Torre de D. Chama, Valdasnes, Villas-boas, Villaflor, Villarinho da Castanheira.

II. — Miranda, Correição consta de

Uma cidade. — Miranda.
Quatorze villas. — Algoso, Azinhoso, Bemposta, Carrocedo, Failde, Frieira, Mogadoiro, Penas de Royas, Rebordainhos, Sanseriz, Val de Passó, Villar Seco da Lomba, Vimioso, Vinhaes.

III. — Bragança, Ouvidoria consta de

Uma cidade. — Bragança.
Dez villas. — Chaves, Ervedosa, Gustey, Montalegre, Outeiro, Rebordãos, Ruivães, Val de Nogueira, Val de Prados, Villafranca.

IV. — Villa Real, Ouvidoria consta de

Nove villas e contos. — Alijó, Dornellas, Ervededo, Favayos, Lordelo, S. Mamede de Riba-Tua, Provezende, Ranhados, Villa Real.
Duas honras. — Gallegos, Sabrosa

Provincia da Beira

Quasi no coração do Reino está situada esta provincia, e com a extensão de trinta e quatro leguas desde Punhete até Villa Nova do Porto; e se contarmos de Buarcos até Val de la mula, são trinta e seis, e de Punhete até a foz do Agueda são quarenta e cinco, e da foz do Douro até Rosmaninhal fazem cincoenta e uma. Por esta demarcação, que o Abbade de Pera tem por certa, e exacta, vem a ter esta provincia de circumferencia duzentas leguas pouco mais, ou menos, com o que tor-

ce para costear a Estremadura; porem communmente se lhe dá trinta e seis leguas de comprido, e outro tanto de largo, e assim fórma uma figura quadrada, tendo algumas entradas em Alemtejo, e Estremadura Lusitana.

Confina pelo oriente com a Estremadura castelhana e leoneza, e parte da provincia de Traz os Montes, cujos limites continua pelo norte com os da região de Entre Douro, e Minho. Pelo occidente recebe as aguas do oceano, e pelo Meio Dia confina com a Estremadura de Portugal e Alemtejo. Chama-se Beira, ou porque seus primeiros habitadores se chamavam Berones, como diz Fr. Bernardo de Brito, (1) ou porque respeitando-se a sua situação, por ser toda cercada de agua dos rios Douro, Tejo, Coa e Oceano, significa o mesmo que Margem, Borda ou Beira. (2) João Salgado diz que o seu verdadeiro nome é *Vera*, que se converteu em Beira.

Reparte-se em duas largas porções de terra: uma, que se diffunde desde a serra da Estrella até o rio Tejo e se diz *Beira baixa*; outra, que desde a mesma serra se espalha até o rio Douro, e desde a cidade de Coimbra até a do Porto, que aqui se diz Beiramar, e no restante *Beira alta*. (3) Esta dilatada extensão de terreno grangeou a esta provincia o honroso titulo de Principado, que desde o anno de 1734 anda nos netos primogenitos dos monarchas portuguezes. (4)

É terra mui fertil de centeio, milho, castanha, vinho, gados, caças, e gostosos peixes, produzindo a amenidade d'este paiz toda a diversidade de saborosissimas fructas, especialmente os celebrados verdeaes de inverno, ajudando muito para esta abundancia a grande copia de aguas de fontes e rios, sendo os mais nomeados os seguintes:

Agueda, Alva, Alfusqueiro, Aravil, Arda, Balsamão, Berosa, Ceira, Coa, Dão, Dansos, Douro, Elja, Fresnandas, Lomba, Lorvo, Marnel, Mondego, Paiva, Ponsal, Ramalhão, Sardão, Soberbo, Tourões, Tripeiro, Veroza, Vouga, Andruro, Zezere.

Tem produzido esta provincia homens famosissimos. D'aqui foi el-rei Wamba e o famoso Viriato, posto que Entre Douro e Minho contenda sobre a naturalidade d'este segundo; porque diz o Gerudense, que os soldados que aquelle insigne capitão trazia comsigo, eram Duriminios. Os mais d'aquelles celebrados aventureiros, que foram a Inglaterra em defensa das doze damas motejadas de feias, d'aqui eram naturaes, como tambem o foram oito reis portuguezes, dois Sanchos, tres Affonsos, D. Pedro, D. Fernando e D. Duarte; e por não se gloriar só do nascimento, honra-se não pouco de ser conservatorio de tres corpos veneraveis e regios, como é o d'elrei D. Affonso Henriques, da rainha

(1) Brit. na Geograf. Lusitan. cap. 4. Fr. Man. da Esper. na 1. part. da Hist. Serafic. liv. 4. cap. 13. (2) Povar Diccionar. Geogr. p. 76. Lim. Geograf. Histor. tom. 2. pag. 83. (3) Fr. Man. da Roch. Portug. renascid. part. 1. p. 109. (4) Histor. Genealog. da casa real Port. tom. 8. p. 351.

Santa Isabel e de D. Sancho I, e tambem do d'el-rei D. Rodrigo, ultimo rei Godo.

Manoel de Faria mal affecto porem á gente d'esta região, com injurioso conceito critica absolutamente a todos os nacionaes d'ella de pedintes, e de pouco asseados. (1) O defeito particular de algmns individuos não deve ser motivo para deteriorar a opinião commum de uma provincia inteira. Eu bem sei que ja fr. Bernardo de Brito, (2) tratando dos antigos habitadores da serra da Estrella, chamados herminios, diz, que eram homens asperos e duros de condição, indomitos pelas armas, mui rusticos no traje e modo de vestir, amigos de roubar o alheio, e pouco ficis no que tratavam, porem a cultura dos tempos e a mesma experiencia tem mostrado quanto se deve desvanecer este conceito, pois o que vemos hoje nos seus naturaes, principalmente nos da primeira esfera, é um animo valente e lirioso, amigos de buscar honras e fortuna, ou pela carreira das lettras, ou das armas, em que tem feito progressos de grande credito para todo o reino.

Continuando a descrever suas grandezas, incluem-se n'esta provincia cinco cidades; quatro com bispo: *Coimbra, Viseu, Lamego, Guarda:* e *Aveiro* modernamente erecta em cidade, que o não tem. Divide-se em nove comarcas: de quatro são cabeças as quatro cidades; e das cinco é: *Castello Branco, Pinhel, Esgueira, Montemór o velha* e *Feira*. Tem duzentas e trinta e quatro villas, das quaes cincoenta e oito são acastellanas, alem das cinco cidades. As que confinam com Castella são estas: *Castello Branco*, que no anno de 1704 foi accommettida de castelhanos, e fica opposta á villa de Herrera: *Rosmaninhal, Segura, Salvaterra da Beira*, que todas tres se oppõem á villa de Alcantara, praça de armas de Castella: *Penagarcia, Idanha a velha, Monsanto* defensavel por natureza, *Proença, Belmonte, Penamacor, Sabugal, Sortelha, Alfaiates, Villar-Maior, Castello Mendo, Castello Bom, Almeida, Pinhel, Castello Rodrigo.*

Tem mais de sete mil homens, que podem tomar armas: ha n'esta provincia a maior porção das comendas d'este reino: sustenta mais de quarenta e quatro conventos de religiosos de varias Ordens, e vinte e tres de religiosas: muitas egrejas com coro em que se reza o officio divino: innumeraveis abbadias e ermidas. Uma das singularidades, de que se póde gloriar, é comprehender as duas mais admiraveis officinas da virtude, e letras, que tem o reino, quaes são Bussaco e a Universidade de Coimbra, d'onde tem saido varões portentosos na santidade e nas sciencias. Comprehendemos tudo succintamente nas seguintes estancias:

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. pag. 3. cap. 2. (1) Brit. Geogr. Lusitan. cap. 2.

Es Beira la tercera region, que ostenta
De Viriato el nombre formidable,
Donde Coimbra *Episcopal se assienta*
De Mondego en la orilla deleitable.
Produxo siete Reyes opulenta
Grande en lo noble en letras admirable.
Yaze Obispal Vizeu *en gran llanura*
Del infeliz Rodrigo sepultura.

Lamego, *Episcopal sale gallarda,*
Aveiro *en territorio es abundante.*
Sobre peñascos asperos la Guarda
Con Iglesia pastoral luze brillante.
Sin Mitra Idaña, *solo el timbre guarda,*
Que de Wamba adquirió patria elegante;
Mas poblacion la nueva Idaña tiene,
Que en el sitio cercano se contiene.

Castello Branco *entre otras cobra fama:*
Tentugal *por la fuente, que ay en ella,*
Montemaior *de Brigo obra se acclama.*
Fuerte Almeida, *que en armas tiene estrella.*
Celorico *el laurel de Apolo enrama:*
Por sus duques Lafões, *y* Avero *es bella*
Cobillan *gosa celebre fortuna*
De la Cava fatal illustre cuna.

Comarcas da provincia da Beira

I — Coimbra, Correição consta de

Uma cidade. — Coimbra.

32 villas. — Alvaiazere, Ançã, Ancião, Arganil, Avó, Bobadella, Botão, Buarcos, Cantanhede, Carvalho, Celavisa, Cernache, Santa Combadão, Coja, Santa Christina, Esgueira, Fadeira, Fajão, Goes, Mra, Miranda do Corvo, Pena Cova, Pereira, Podentes, Pombalinho, Pombeiro, Rabaçal, Redondos, Tentugal, Vacariça, Villa Nova de Anços, Villa Nova de Monçarros.

II — Esgueira, Provedoria consta de

Uma cidade — Aveiro.

Vinte e seis villas. — Agueira, Anadia, Angeja, Assequins, Avelãs de caminho, Avelãs de cima, Bempesta, Brunhido, Eixo, Estarreja, Fer-

reiros, Ilhavo, S. Lourenço do Bairro, Oiz da Ribeira, Oliveira do Bairro, Paos, Prestimo, Recardães, Sangalhos, Segadães, Serem, Sousa, Trofa, Villarinho do Bairro, Vagos, Vouga.

Um concelho. — Fermedo.

Um couto. — Esteve.

III — Viseu, Correição consta de

Uma cidade. — Vizeu

Vinte e duas villas. — Alva, Banho, Candosa, Coja, Enfias, Ferreira d'Aves, Lagares, Mortagoa, Nogueira, Oliveira do Conde, Oliveira de Frades, Oliveira do Hospital, Penalva d'Alva, Perselada, Reriz, Sabugosa, Sandomil, Santa Comba Dão, S. Pedro do Sul, Taboa, Trapa, Tondela.

Trinta concelhos. — Azere, Azurara, Barreiro, Besteiros, Canas de Sabugosa, Canas de Senhorim, Carrellos, Folhadal, Foz de Piodão, Gafanhão, Guardão, Gulfar, S. João de Areas, S. João do Monte, Lafões, Mões, Mouraz, Ovoa, Penalva do Castello, Pinheiro de Azere, Povolide, Ranhados, Satão, Senhorim, Sever, Silvares, Sinde, Tavares, Treixedo, Villa Cova de Subavó.

Dois coutos. — Maceiradão, Moimenta.

IV — Feira, Ouvidoria consta de

Cinco villas. — Cambra, Castanheira, Feira, Ovar, Pereira de Sasão.

V — Lamego, Correição consta de

Uma cidade. — Lamego.

Trinta e duas villas. — Arcos, Armamar, Arouca, Barcos, Britiande, Castello, Castrodairo, Chavães, S. Cosmado, Fantello, Fragoas, Goujim, Granja do Tedo, Lalim, Lazarim, Leomil, Longa, Lumiares, Moimenta da Beira, Mondim, Nagosa, Parada do Bispo, Passó, Pendilho, Sande, Taboaço, Tarouca, Valdigem, Varzea da serra, Veanha, Villacova, Villa-seca.

Vinte concelhos. — Alvarenga, Aregos, Barqueiros, Cabril, Caria, Couto da Ermida, S. Christovão da Nogueira, Ferreiros, S. Martinho de Mouros, Mossão, Paiva, Parada d'Ester, Pera e Peva, Pezo da Regoa, Pinheiro, Resende, Sanfins, Sinfães, Teixeira, Tendaes.

VI — Pinhel, Correição, consta de

Cincoenta e quatro villas. — Aguiar, Alfaiates, Algodres, Almeida, Almendra, Castanheira, Casteição, Castello bom, Castello melhor, Cas-

tello mendo, Castello Rodrigo, Cedavim, Cinco Villas, Ervedosa, Escalhão, Figueiró da Granja, Fonte Arcada, Fornos, Guilheiro, Horta, S. João da Pesqueira, Lumegal, Langroiva, Marialva, Matança, Meda, Moreira, Muxagata, Nemão, Paradella, Paredes, Penaverde, Penedono, Penella, Pinhel, Ponto, Povoa, Rabiados, Reigada, Sernancelhe, Sindim, Soutelo, Souto, Tavora, Touça, Trancoso, Trovões, Valença do Douro, Val de coelha, Vallongo, Vargeas, Veloso, Villa Nova de Foscoa, Villar maior.

Um concelho. — Carapito.

VII = Guarda, Correição consta de

Uma cidade. — Guarda.

Vinte e nove villas. — Açores, Alvoco da Serra, Baraçal, Cabra, Castro verde, Ceia, Celorico, Codeceiro, Covilhã, Folgosinho, Forno Telheiro, Gouveia, Jarmello, Lagos, Linhares, Loriga, Lourosa, Manteigas, Santa Marinha, Mello, Mesquitella, Moliões, Oliveirinha, Seixo, S. Romão, Torrozello, Vallazim, Valhelhas, Villacova.

Um couto. — Mosteiro.

VIII — Castello Branco, Correição consta de

Vinte e duas villas. — Alpedrinha, Atalaya, Belmonte, Bemposta, Castello Branco, Castello Novo, Idanha a nova, Idanha a velha, Monsanto, Penagarcia, Penamacor, Proença a velha, Rosmaninhal, Sabugal, Salvaterra do Estremo, Sarzedas, Segura, Sortelha, Touro, S. Vicente, Villa velha do Rodão, Zibreira.

IX — Montemór o velho, Ouvidoria consta de

Cinco villas. — Louriçal, Louzã, Montemór o velho, Penella, Serpins.

Provincia da Estremadura

Esta provincia se fórma de uma faxa de terra, que corre desde a bocca do rio Mondego até o caudaloso Tejo, e continua pela comarca de Setubal até entestar com Santiago de Cacem. Comprehende em toda esta longitude, conforme uns, quarenta leguas; e segundo outros, trinta e tres. De largo uns lhe dão dezoito, outros dezaseis (1) leguas na sua maior largura, porem se lançarmos uma linha de Cascaes, até a Pampilhosa, acharemos trinta e seis leguas de latitude. Pelo occidente o mar

(1) Geograf. Blavian. Mendes da Silv. Mons. de La Clede tom. 2 pag. mihi 59. Corogr. Port. tom. 3. Lim. Geogr. Histor. tom. 2. p. 136. Far Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 2. p. 166.

occeano a termina: pelo Meio dia confina com o Alemtejo a travez, e pelo norte com a Beira.

É o clima d'esta região o mais saudavel e temperado de todo o reino, porque a benignidade do ceu faz aqui ser insensiveis aquellas estações do tempo, que gradualmente succedem umas ás outras com mudança suave; e assim participando quasi sempre de ar puro, e ceu sereno, produz n'ella a natureza com abundancia os fructos de todos os generos. Fertil é de azeites, bastando só a villa de Santarem para prover o reino e suas conquistas: fertil é de vinhos, e dos melhores, chamados de barra a barra, tão estimados das nações septentrionaes: fertil é de fructas, das quaes sómente a villa de Collares todo o anno provê a côrte de Lisboa, e se conduzem para outras muitas terras da Europa. De trigo, legumes e hortaliças tem o que lhe basta. Cria caças de toda a especie, e das mais gostosas, porque comprehende as melhores coutadas do reino. Peixe em abundancia e saborosissimo: e finalmente sem exaggeração podemos dizer, que é a provincia mais fertil e farta de Portugal, concorrendo tambem as outras com os seus productos para mais a fertilizar e enriquecer, tratando-a verdadeiramente como rainha, pois existe no meio do reino coroada de todas.

Muito conduz para toda esta abundancia os seus famosos portos, especialmente o de Lisboa, por onde todos os annos entram as ricas frotas do Brazil, e em pouco mais tempo as preciosas mercadorias da Asia, e quasi todos os dias innumeraveis embarcações estrangeiras para commodidade do commercio, que é n'esta provincia o maior de todo o reino. Conduz tambem não pouco a grande copia de boas aguas de suas fontes, e rios, os quaes, segundo seu maior nome são estes:

Aguas livres, Alcantara, Alferradede, Alfusqueiro, Aljés, Alpiaça, Alviella, Arunca, Barcarena, Bezelga, Broya, Cadavás, Cambra, Canha, Castellãos, Cera, Caranque, Chileiros, Crins, Esporão, Guardão, Lago, Lena, Liten, Liça, Liz, Montijo, Nabão, Pernes, Rezes, Sado, Sizandro, Tejo, Val de lobos, Unhaes, Zezere, a que podemos accrescentar por singularidade as virtuosas aguas das que chamamos Caldas, que n'esta provincia existem as de melhor fama.

Quanto ao estado ecclesiastico, tem duas igrejas cathedraes: *Lisboa* que logra a dignidade de patriarchado; e *Leiria* a de bispado. Numeram-se-lhe quatrocentas e sessenta e duas parochias, alem de outras muitas igrejas, que o não são. Tres insignes collegiadas: *Santa Maria Maior* em Lisboa, *Nossa Senhora da Misericordia* em Ourem, e *Santa Maria da Alcaçova* em Santarem, com outras, que o parecem, como na igreja de Santo Antonio de Lisboa, Santo Antonio do Tojal, etc. Dois grandes priorados das Ordens Militares: de *Santiago* em Palmella, de *Christo* em Thomar. Seis templos regios os mais insignes: *Alcobaça*, *Batalha*, *Belem*, *Mafra*, *Thomar*, *S. Vicente de Fóra*. Conventos e mosteiros mais de cento e setenta. Um supremo Tribunal do Santo Officio. E

finalmente é onde com maior culto, aceio e grandeza se executam todas as festividades, funcções ecclesiasticas, e officios divinos, augmentando-se mais a devoção com os prodigiosos santuarios, que encerra cheios de continuadas maravilhas.

As sciencias nos seus frequentados collegios, e academias: as artes liberaes nas suas grandes e opulentas fabricas: a politica, o trato, e a civilidade florecem n'esta região: até o idioma se pronuncia com maior pureza e cadencia do que nas outras provincias: pois n'ella reside a côrte de Lisboa, que como princeza de todas as do mundo, como lhe chamou o nosso poeta, infunde qualidades para a melhor cultura e perfeição. Finalmente

Es la quarta provincia Estremadura,
Que contiene a Lisboa, *donde cria*
Del claro lis beviendo la dulçura
Con Episcopal Baculo Leiria.
La villa de Batalla *se assegura*
De Reyes Portuguezes urna umbria.
Santarem *con portentos se corona,*
Y de aver sido throno real blasona.

Con gran juridicion Thomar *se ofrece*
Al dulce Naban, que sus campos baña.
Alemquer *del Alano permanece*
Fundacion en frutifera campaña.
Cintra *del quinto Alonso patria crece.*
Primera poblacion sale de España.
Setubal *al mar grande dirigida*
Morada de Tubal apetecida.

Comarcas da provincia da Estremadura

I — Lisboa, capital do reino consta de

Quarenta e uma paroquias. — Senhora da Ajuda, Santo André, Senhora dos Anjos, S. Bartholomeu, Santa Catharina, Chagas de Jesus, S. Christovão, Senhora da Conceição, Santa Cruz do Castello, Senhora da Encarnação, Santa Engracia, Santo Estevão, S. João da Praça, S. Jorge, S. Joseph, Santa Isabel, S. Julião, Santa Justa, Senhora do Loreto, S. Lourenço, S. Mamede, Santa Maria, Santa Maria Magdalena, Santa Marinha, S. Martinho, Senhora dos Martyres, Senhora das Mercês, S. Miguel, S. Nicolau, Patriarchal, S. Paulo, S. Pedro, Senhora da Pena, Santissimo Sacramento, Salvador, Santiago, Santos, S. Sebastião, Senhora do Soccorro, S. Thomé, S. Vicente.

II — Torres Vedras, Correição consta de

Dezoito villas. — Alhandra, Alverca, Arruda, Bellas, Cadaval, Cascaes, Castanheira, Chileiros, Collares, Enxara dos Cavalleiros, Ericeira, Lourinhã, Mafra, Povos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras, Villa Franca de Xira, Villa Verde.

III — Alemquer, Ouvidoria consta de

Oito villas. — Aldeia Galega da Merciana, Alemquer, Caldas, Chamusca, Cintra, Obidos, Salir do Porto, Ulme.

IV — Leiria, Correição consta de

Uma cidade — Leiria.
Onze villas. — Alcobaça, Alfeizeirão, Aljubarrota, Alpedriz, Alvorninha, Atouguia, Batalha, S. Catharina, Cella, Coz, Ega, Evora de Alcobaça, S. Martinho, Mayorga, Pederneira, Peniche, Pombal, Redinha, Salir do Mato, Soure, Turquel

V — Thomar, Correição consta de

Vinte e oito villas.—Abiul, Abrantes, Aguas Bellas, Aguda, Alvaro, Alvares, Amendoa, Arega, Assinceira, Atalaia, Chão de couce, Dornes, Ferreira, Figueiró dos vinhos, Maçãs de caminho, Mação, Pampilhosa, Paio de pelle, Pedrogão grande, Pias, Ponte de Sor, Punhete, Pussos, Sardoal, Sovereira formosa, Tancos, Thomar, Villa de Rei.

VI — Ourem, Ouvidoria consta de

Sete villas. — Aguda, Avelar, Chão de Couce, Maçãs de D. Maria, Ourem, Porto de Moz, Pousa Flores.

VII — Santarem, Correição consta de

Quinze villas. — Alcanede, Alcoentre, Almeirim, Aveiras de cima, Aveiras de baixo, Azambuja, Azambugeira, Erra, Golegã, Lamarosa, Montargil, Mugem, Salvaterra de Magos, Santarem, Torres Novas.

VIII — Setubal, Correição consta de

Dezaseis villas — Alcacer do Sal, Alcochete, Aldeia Galega, Alhos Vedros, Almada, Barreiro, Cabrella, Çamora Correia, Canha, Coina, Grandola, Lavradio, Moita, Palmella, Setubal, Sezimbra.

Provincia do Alemtejo

Chama-se esta provincia *Alemtejo*, respeitando as outras provincias de Portugal, que ficam ao norte do rio Tejo; mas isto é conforme a divisão politica, e não fisica. Dilata-se entre os limites da Estremadura castelhana, reino do Algarve, mar oceano, Tejo e Guadiana, quasi em fórma quadrada, pelo que lhe dão muitos trinta e quatro leguas de uma e outra parte: (1) porem o seu maior cumprimento pelo certão são trinta e nove leguas, pela costa vinte e oito, e tendo pela margem do Tejo trinta e cinco de largura, se estreita e reduz na raia do Algarve a vinte e uma. (2)

E o seu terreno pela maior parte plano, posto que o atravessam algumas serras, a de Ossa, Caldeirão, Portalegre, Montemuro, Marvão, e outras, d'onde nascem fontes e rios, não em tanta abundancia, como nas outras provincias, porque tambem o ardente sol no verão consome aqui muito sua humidade, mas todavia sempre se lhe numeram de maior nome os seguintes:

Abrilongo, Alcarapinha, Alcaraviça, Alcarache, Algale, Anheloura, Aramenho, Aviz, Benavile, Bonafide, Botova, Cabaça, Caya, Cayola, Campilhas, Canha, Carreiras, Cobrinhas, Corbes, Corona, Dejebe, Detença, Enxarrama, Erra, Ervedal, Figueiró, Fonte boa, Galego, Guadiana, Lavra, Lamarosa, Leça, Limas, Lixosa, Lucefece, Machede, Marataca, Mourinho, Niza, Odemira, Odivellas, Odivor, Peramança, Regalvo, S. Romão, Sarrazola, Seda, Sever, Severa, Sor, Sorraya, Taleigão, Tejo, Tera, Terjes, Videgão, Xever, Xevora, Xola, Xouxou, Zata.

E fertilissima, pois correspondem os fructos com grande abundancia. De trigo, diz Macedo, (3) que só a freguezia da cathedral de Evora dá ao dizimo cada anno setecentos moios, com a circumstancia de que os lavradores não cultivam todas as terras capazes de sementeira, senão escolhem algumas a que chamam folhas, para fazerem a lavoura de tres em tres annos; isto é, a que se semeou este anno, não se torna a affolhar senão passados tres annos; porque se Alemtejo cultivasse annualmente todas as dilatadas campinas e charnecas que tem, daria trigo, centeio e cevada para todo o mundo. A esta abundancia attendeu Camões, quando cantou:

E vos tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co dom da Flava Ceres.

Alem dos trigos é abundante de boas fructas, azeite, vinho, mel, cera, lãs, caças, gados, excellentes queijos, finos marmores, affamados e

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 3. cap. 2. Rodrig. Mend. da Silv. na Descripç. de Portug. Geograf. Blavian. tom. de Hespanh. pag. 403. (2) Abbad. de Per. Success. Milit. p. 179. (3) Sousa de Macedo nas Flor. de Hespanh. cap. 3 excel. 3. (4) Cam. cant. 3. est. 62

cheirosos barros; de sorte que esta provincia não necessita de cousa alguma, que em si não tenha com abundancia: até peixe colhe abundantemente da ribeira do Sado, que entra no rio de Alcarere, e na da Fonte Santa, que está no caminho de Estremoz, alem de outros rios, que temos nomeado.

Ha em Alemtejo quatro cidades: *Evora*, que tem arcebispo: *Elvas* e *Portalegre*, que tem bispos: *Beja* que o não tem. Contam-se mais de cem villas: dois grandes priorados das Ordens militares de *Aviz* e de *Malta*. Divide-se em oito comarcas, que são: *Evora*, *Beja*, *Campo de Ourique*, *Villa Viçosa*, *Elvas*, *Portalegre*, *Crato*, *Aviz*, das quaes algumas são ouvidorias.

Sempre n'esta provincia floreceram homens de singulares engenhos: em tempos antigos Aprigio, Isidoro Pacense e outros muitos: nos mais proximos aos nossos André de Resende, o Padre Maldonado, o Padre Manoel de Goes, o Doutor Pedro Nunes, rarissimo na mathematica, Thomaz Rodrigues, insigne medico, alem de muitos outros em todas as faculdades. E no valor teve tambem homens assignalados, como foi D. Payo Peres Correia, Josué Portuguez, D. Nuno Alvares Pereira, D. Vasco da Gama, primeiro descubridor das Indias, os quaes bastam para credito da provincia. Tudo se recopila n'estas duas estancias.

Sigue quinta Region la de Alemtejo,
Cuya cabeça, y Metropolitana
Es Evora, *de Roma claro espejo,*
Del gran Givaldo gloria soberana.
Tiene noble dominio, y fiel consejo
Portalegre *risueña Diocesana.*
Elvas *con Mitra luze venerable,*
Siendo por su Castillo inexpugnable.

Beja *ciudad insigne se publica,*
Y el precioso licòr de Baco enseña.
Entre otras villas Estremoz *mui rica*
Es invencible, y fuerte Jurumeña.
Por sus inclytos Nobles a Belona
Montemayor *el Nuevo el ser dedica.*
Villa Viçosa *en llano esta florido*
Templo de Proserpina y de Cupido,

Comarcas da provincia do Alemtejo

I — Evora, Correição consta de

Uma cidade. — Evora.

Onze villas. — Aguias, Alcaçovas, Canal, Estremoz, Lavre, Montemór o Novo, Montoito, Pavia, Redondo, Vianna, Vimieiro.

II — Beja, Ouvidoria consta de

Uma cidade. — Beja.
Dezoito villas. — Agua de Peixes, Aguiar, Albergaria dos Fuzos, Alvito, Beringel, Faro, Ferreira, Ficalho, Frades, Moura, Odemira, Oriolas, Serpa, Torrão, Vidigueira, Villa Alva, Villa Nova de Alvito, Villa Ruiva.

III — Campo d'Ourique, Ouvidoria consta de

Quinze villas. — Aljustrel, Almodovar, Alvalade, Castro Verde, Collos, Entradas, Gravão, Mertola, Messejana, Ourique, Padrões, Panoyas, Santiago de Cacem, Sines, Villa Nova de mil fontes.

IV — Villa Viçosa, Ouvidoria consta de

Quatorze villas. — Alter do chão, Arrayolos, Borba, Chancellaria, Evora Monte, Lagomel, Margem, Mousarás, Monforte, Portel, Souzel, Villa Boim, Villa Viçosa, Villa Fernando.

V — Elvas, Correição consta de

Uma cidade. — Elvas.
Sete villas. — Barbacena, Campo Mayor, Mourão, Olivença, Ouguela, Terena.

VI — Portalegre, Correição consta de

Uma cidade — Portalegre.
Doze villas. — Alegrete, Alpalhão, Arronches, Assumar, Arez, Castello de Vide, Marvão, Meadas, Montalvão, Niza, Povoa, Villa Flor.

VI — Crato, Ouvidoria consta de

Doze villas. — Amieira, Belver, Cardigos, Carvoeiro, Certã, Crato, Envendos, S. João de Gafete, Oleiros, Pedrogão pequeno, Proença a Nova, Tolosa.

VIII — Aviz, Ouvidoria consta de

Dezassete villas. — Alandroal, Alter Pedroso, Aviz, Benavente, Be-

navilla, Cabeço de Vide, Cabeção, Cano, Coruche, Figueira, Fronteira, Galveias, Jurumenha, Mora, Noudar, Seda, Veiros.

Provincia e reino do Algarve

Forma esta região do Algarve um dos principaes angulos da peninsula lusitana no cabo de S. Vicente com a concurrencia das linhas meridional e occidental até a foz do Guadiana. Dão-lhe os geographos vinte e sete legnas de comprido, e nove de largo. Os mouros lhe chamaram Algarve, que quer dizer *Terra Occidental*, (1) mas outros interpretam *Terra plana e fertil;* porque sem embargo de comprehender algumas serras pelo certão, occupa pela costa do mar planicies mui ferteis e deliciosas.

Constitue-se reino forte e separado de Portugal pelos montes Caldeirão e Monchique, e de Andalusia pelo rio Guadiana: de sorte que a sua situação é a mais vantajosa de todas as nossas provincias. Sua primeira conquista foi intentada por elrei D. Affonso Henriques: continnou-a com grandes progressos elrei D. Sancho I, e a acabou de conseguir elrei D. Affonso III, ficando desde então o reino do Algarve incorporado com permanencia na coroa de Portugal, que organisa suas reaes armas com a orla dos sete castellos dourados em campo vermello. (2)

Consta de quatro cidades: *Faro*, onde hoje está a sé cathedral: *Silves*, d'onde foi mudada: *Tavira* e *Lagos*. Tem mais doze villas, a saber: *Albufeira*, *Alcoutim*, *Aljezur*, *Alvor*, *Cassella*, *Castro Marim*, *Loule*, *Odeseixe*, *Paderne*, *Sagres*, *Villa do Bispo*, *Villa Nova*. Tem dois promontorios o cabo de S. Vicente e o de Santa Maria. Tem cem pontes de pedra, sessenta e duas pias de baptisar, e outras particularidades, que reservamos para lugar mais proprio.

Faz ser esta provincia abundante com especialidade a grande copia de figos, passas e amendoas, de que se extrahem todos os annos por negocio para differentes partes de Levante, Italia e Flandes consideraveis sommas: e assim como em outras terras estão semeados os campos de trigo, cevada e centeio, esta os tem cubertos de vinhas, amendoeiras, figueiras e tambem palmeiras, de cujos ramos tecem seus moradores varias curiosidades. (3) A pescaria de atum não serve de pequeno lucro, e com que fazem um grave negocio. Os rios que cortam e regam este reino, são muitos, porem pequenos, sendo os de maior nome o *Adoleite*, *Belixari*, *Guadiana*, *Lampas* e *Vascão*.

Seus habitadores são esforçados e aptos para a guerra; e já em tempos antigos venceram valerosamente ao capitão romano Sergio Gal-

(1) Colmen. Delices de Hesp. tom. 4. p. 309 (2) Monarq. Lusit. liv. 16 cap. 4 (3) Rodrig. Mend. da Silv. Descripç. de Hesp.

ba. São mui dados á sciencia maritima, e se prezam muito de que no seu terreno escolhessem o primeiro patriarcha e fundador de Hespanha *Tubal*, e o famoso *Hercules* os seus jazigos, se é certo o que diz fr. Bernardo de Brito. Divide-se finalmente o Algarve em duas comarcas, conforme a Geografia moderna do Padre D. Luiz de Lima, e vem a ser: *Lagos* e *Tavira*. Tem sete fontes medicinaes: tres praças de armas que são: *Lagos*, *Faro*, *Castro Marim*, bem fortificadas com quatro mil homens de guarnição; e até o presente numera quarenta governadores, ou capitães generaes com o segundo marquez do Louriçal D. Francisco de Menezes seu actual e benemerito governador.

El reino del Algarbe es la postrera
Porcion, cuyas ciudades son Tavira
Dorea Arico gallarda Primavera,
Donde herido del viento el mar suspira.
Faro *Obispal adorna su ribera,*
Al oceano fuerte Lagos *mira.*
Con poca vezindad nombre difuso
Alcança Silves *Paraiso Luso.*

Comarcas da provincia e reino do Algarve

I — Lagos, Correição consta de

Duas cidades. — Lagos, Silves.

Sete villas — Aljezur, Alvor, Odeseixe, Paderne, Sagres, Villa Nova de Portimão, Villa do Bispo.

II — Tavira, Correição consta de

Duas cidades. — Tavira, Faro.

Cinco villas. — Albufeira, Alcoutim, Cacella, Castro Marim, Loulé.

MAPPA

DO QUE COMPREHENDEM AS SEIS PROVINCIAS DE PORTUGAL

Provincias	Minho	Tr. os M.	Beira	Estrem.	Alemtejo	Algarve
Comarcas	6	4	8	8	8	2
Cidades	2	2	5	2	4	4
Villas	26	50	234	114	100	12
Patriarc.	—	—	—	1	—	—
Arcebisp.	1	—	—	—	1	—
Bispados	1	1	4	1	2	1
Inquisiç.	—	—	1	1	1	—
Univers.	—	—	1	—	1	—
Paroquias	1500	620	1090	460	350	67
Cid. capit.	Porto	Miranda	Coimb.	Lisboa	Evora	Faro
Pr. d'arm.	Vianna	Chaves	Alm.	Lisboa	Elvas	Lagos
L.de comp.	18	34	36	40	39	28
L. de largo	12	26	36	18	35	8

CAPITULO VI

Dos montes, promontorios e serras de maior nome

Quasi todos os principaes montes e serranias, que fortalecem e ornam este nosso continente, são ramos e esgalhos dos celebres Pyrineus, que dividem França de Hespanha, os quaes, entrando por varias partes do reino, adquirem o nome conforme as terras por onde se vão descubrindo: e com tal elevação em alguns sitios, que justamente lhes chamou Athlantes o famoso Caramuel, (1) pois com sua altivez pertendem coroar-se de estrellas, e suster os ceus em seus hombros. Dos mais afamados daremos a breve informação, a que o nosso methodo nos obriga.

Abelheira. Descobre-se esta serra no termo da villa de Moura em o Alemtejo, e participa da serra da Adiça, communicando-se tambem com a dos Machados, que lhe fica meia legua distante. Dá pastos a muitos gados, e cria-se n'ella caça de todo o genero, e muitas ervas de grande virtude medicinal. Ha outra serra d'este mesmo nome na provincia de

(1) Caram. no seu Philip. Prud. Proem. §. 1. n. 3.

Traz os Montes no sitio da Igrejinha, onde se descobrem ruinas de edificios aral es.

Aboboreira. Fica na provincia do Minho perto do concelho de Gouveia. E inculta e inhabitavel em todos os quatro mil passos de ambito que occupa ó seu terreno, posto que não é esteril para a muita caça, que alli se cria.

Achada. Começa esta serra desde a ribeira de Cascaes, e se vai unir com a de Montejunto. Participa de aspero temperamento, não obstante admittir cultura pelas suas raizes.

Açor. Ha no reino duas serras com este mesmo nome; uma na Beira, que principia no termo da villa de Coja, e acaba na de Arganil, occupando o espaço de quasi sete leguas de comprido e duas de largo, e lança varios braços por diversos sitios. A outra serra jaz no Algarve.

Albardos. Serra aspera da Estremadura, lançada desde o termo de Santarem até Porto de Moz. É de clima destemperado, e n'ella nascem alguns rios e canteiras de pedra lina. Os religiosos de Alcobaça são senhores de todos os limites d'esta serra.

Alcacovas. Está junto da villa do seu mesmo nome na comarca de Evora. Levanta-se em desmedida altura, pois do cimo d'ella se descobrem povoações mui distantes. O insigne fr. Luiz de Sousa diz (1) ser provavel haver aqui no tempo dos romanos algum edificio nobre, segundo se collige de algumas moedas, que se tem descoberto, e de outros vestigios de antiguidade que refere o Diccionario Geografico do Padre Cardoso. A ribeira chamada Odiege ou Diege, que discorre por esta serra, fertilisa grandemente aquellas porções, que se deixam cultivar, e onde se cria abundancia de caça e de gado.

Alcubertas. Fica no termo da villa de Alcanede, onde se descobre uma grande concavidade, e dentro d'ella uma casta de pedra brilhante que parece cristal: e outras, que congeladas da neve com a mistura da terra são mui galantes e procuradas para ornar embrechados e grutescos.

Alcidões. Apparece no Alemtejo e no termo de Grandola, estendendo-se até Santiago de Cacem. Participa de ares saudaveis, e consta de muitas carvalheiras, dando pasto a bastante gado, que alli se cria, e a innumeraveis colmeias para a producção do mel.

Algáres. Principia esta serra a descobrir-se uma legua distante da villa de Grandola para a parte do Levante, e continuando contra o nascente vai acabar, onde chamam o castello velho pelo espaço de duas leguas. É quasi toda minada por baixo, e foi d'onde os romanos extrahiram bastantes riquezas. Fica sobranceira ao rio Corona, que separa pelo meio os termos de Grandola e Alvalade. A *Corografia Portugueza no*

(1) Sousa na Histor. de S. Domingos part. 3 liv. 3. cap. 30.

tom. 3. *pag.* 336 refere outras circumstancias d'esta serra, da qual não trata o Diccionario Geografico.

Alpedreira. Fica no arcebispado de Evora e se communica com a serra de Portel. É secca e esteril. Cria muito lobo pelas concavidades que tem; e em algumas partes se cultiva com trabalho para sementeira de centeio.

Alqueidão. É da Estremadura, e fica no territorio de Leiria. A sua temperie é fria, e em parte se cultiva trigo, milho e linho. Cria tambem alguma caça miuda.

Altar de Trecim. É uma serra, que fica no termo da Lousã, demasiadamente aspera e empinada, de cuja eminencia se avistam muitas villas e lugares, que causam aos olhos agradavel perspectiva. Tem muita caça, e cria porcos montezes e lobos, não sem prejuiso dos gados, que por alli pastam.

Alcão. Na provincia Transmontana, e na comarca de Guimarães. É fria e no inverno cheia de neve. Cria muito lobo e muito mato rasteiro; cultiva-se em partes, e tem caça de perdizes, coelhos e lebres.

Alcayazere. Fica junto á villa de seu nome no bispado de Coimbra. É serra aspera e pedregosa com quatro legnas de comprido. Cria muito alecrim, e por isso o muito mel, que as abelhas fabricam da sua flor é o mais estimavel. Está aqui uma grande gruta mui espaçosa, onde se entra, e onde nasce agua capaz de se beber. Suppõem-se que seria habitação dos romanos, segundo vestigios, que no cimo da serra se descobrem.

Airó. Esta serra, que fica a um lado da villa de Barcellos, tem bastante eminencia, e no mais alto se estende uma planicie banhada por diversas fontes de bella agua, onde ha uma ermida com uma devota imagem da Senhora da Fé. Em outro tempo se denominava monte aureo, de que se derivou o nome, que tem presentemente a serra. Em pouca distancia da dita ermida ainda existem as ruinas de outra dedicada a S. Silvestre, obra do servo de Deus Joanne o Pobre, natural de Catalunha, varão penitente e virtuoso, que ali viveu solitario e morreu com signaes de predestinado.

Na raiz d'esta serra, encostado ao norte está o convento de Villar de Frades, hoje dos conegos seculares de S. João Evangelista, e antigamente dos monges de S. Bento, onde acontecen aquelle prodigioso caso a um monge, que reflectindo sobre as palavras de David no Psalmo 89 onde diz: *Que mil annos diante de Deus são como um dia que passou*, se foi contemplando atraz da harmonia de um passarinho, que com a suavidade da sua voz o enterteve extatico na cerca do convento o espaço de sessenta annos, sem ser visto, nem achado de ninguem: dando-lhe Deus a entender pelo engodo transitorio d'aquella ave canora, quanto na sua adoravel presença as eternidades de gloria, parecem instantes, como bem diz o doutor Villas Boas, que refere este caso na Nobiliarquia

Portugueza cap. 9 e o Agiologio Lusitano tom. 1.º Toda esta serra é fertil de pastos e arvores, em que se dá o melhor vinho de enforcado que d'este genero ha no reino.

Amarella. É serra do Minho mui despenhada, e quasi principio da do Gerez. Descobrem-se da sua maior altura muitas povoações distantes, e do mar oceano quanto a potencia da vista póde alcançar: alargando-se tambem a vista até grande parte de Galiza, que lhe serve de termo. Cria muito lobo cervaz e javalizes, que damnificam os gados, por cujo motivo os moradores dos concelhos alli proximos lhes vão fazer montaria em tempos determinados por obrigação.

Amoreira. Fica na provincia da Estremadura, e nos limites de Odivellas, de cujo cume se descobrem por todas as partes muitas povoações. Todo o seu mato são fetos, e consta de excellentes pedreiras negras para alvenaria, d'onde se extrahe muita parte para varias obras de primor.

Anciam. Tem seu assento na Beira entre as villas do Rabaçal e Pombal, e corre de Thomar até Coimbra. Em algumas partes é mais eminente, que em outras, mas sempre de vista alegre, pois cria muito alecrim e variedade de boninas, e outras flores, que servem de pasto aos muitos enxames de abelhas, de que fabricam excellente mel. Dizem que fôra habitada pelos mouros, de que ha ainda alguns vestigios. Aqui se vê uma grande lapa chamada *Algar da agua* aberta em um penhasco tão espaçosamente, que podem caber dentro quinhentos homens. Cria tambem abundancia de perdizes, coelhos, lebres e raposas. O author da Corografia chama a esta serra a Carreira. (1)

Araceli. É uma serra do Alemtejo no arcebispado de Evora, que tem meia legua de comprido, despovoada, e que em algumas partes admitte cultura. O seu mato é rasteiro, e n'elle se criam ervas medicinaes, a agrimonia, a douradinha, e com especialidade o arbusto Daro, de cujas bagas se faz azeite muito bom para as luzes, e tambem para o prato, e tem particular virtude para as dores de flatos. Ha aqui muita caça de toda a casta, e muitas colmeias de abelhas, de que se tira bastante mel. No cimo da serra se logra uma boa vista desafogada, e se adora a imagem da senhora com o titulo de *Araceli*, que deu nome à serra.

Arada. Serra junto ao concelho de Lafões, que terá tres leguas de comprido. Tem grandes despenhadeiros e perigosos. Na planicie da sua maior altura, que é espaçosa, está o lugar da Coelheira. Consta toda esta serra de mato real, onde se cria muita caça, até aguias, e ervas medicinaes,

Arga. Chama Ptolomeu a esta serra Promontorio Avaro. (2) Divide ella os termos de Vianna, Ponte de Lima, Coura e Caminha, e deu ter-

(1) Menarq. Lusit. tom. 1. na Geogr. Resende liv. 1. de Antiq. Corograf. Port. tom 2. pag. 89. e 92. (2) Ptolom. lib 2. Geogr. tab. 2 Corograf. Portug. tom. 1. p. 282 Argote de Antiq. Bracar. lib. 1. cap. 3. e nas Memor. de Braga tom 1. lib. 1. cap 10.

reno antigamente a um convento Benedictino entre as densas matas do seu ambito, o qual hoje é paroquia, cujo reitor assiste em Filgueiras. Tem esta serra cousas muito especiaes, que mais extensamente se podem ver na Corografia Portugueza e no Diccionario Geografico. (1)

Arrabida. É esta serra uma aspera montanha da Estremadura, que corre direita de nordeste a sudueste no mais desabrido d'ella pelo espaço de duas leguas, e continua mais tres até o cabo de Espichel por sitio menos agreste, fazendo varias quebradas. Fica-lhe na raiz para a banda do norte o sitio de Azeitão: para a parte do sul as praias do Sado. Olhando de cima para o mar oceano se vê Cezimbra á mão direita, e Setubal á esquerda: e d'esta mesma parte quasi no meio da serra, está o convento dos padres Arrabidos da mais estreita observancia franciscana, mui penitentes, e onde viveu muitos annos S. Pedro de Alcantara.

Conforme diz Gaspar Barreiros (2) o nome de Arrabida é derivado da antiga *Arabriga*, que Ptolomeu e Ortelio situam com igual demarcação perto da dita serra; e mostra ter mais probabilidade que o, que dizem o doutor Alvaro Gonçalves de Camões, a quem seguem fr. Antonio da Piedade, e João de Brito de Mello. (3) os quaes a derivam do nome *Errabundus*: porque os, que subiam a esta serra, sempre erravam o caminho. O padre fr. Francisco Gonzaga diz, (4) que os mouros, quando aqui habitaram, lhe pozeram este nome, que no seu idioma significa o mesmo que oratorio, ou lugar solitario e proprio de fazer penitencia.

Os romanos chamaram a esta serra *Promontorio Barbarico*; ou, porque os seus habitadores chamados Sarrios levaram d'aqui para Roma muita grã, de que a serra abunda, com a qual os romanos tingiam os seus vestidos, a cuja côr encarnada davam o nome de barbara, e aos conductores barbaros, como diz André de Resende; (5) ou, porque os povos, que primeiramente aqui viviam, tinham costumes barbaros e rusticos, como observa fr. Bernardo de Brito e Florião do Campo. (6)

Na bella descripção d'esta serra, que vem no Diccionario Geografico, se diz, que á sua vertente, onde se erigio a torre de Outão, se chamou antigamente o Promontorio de Neptuno; e que se presume havia alli templo dedicado áquella falsa divindade, segundo uma estatua de bronze com varias inscripções, e outros nobres vestigios, que se descobriram, e hoje se não acham pela barbaridade dos que fizeram pouco caso d'ellas.

De muitas cousas notaveis é fertil todo o corpo d'esta montanha, que os estreitos limites, a que me cingi, me não permittem relatar com miudeza. Os desejosos de maiores noticias podem ver o primeiro tomo

(1) Corograf. loc. supr. citat. Cardoso Diccion. Geogr. tom. 1. (2) Barreir. na Corograf. pag. 62. Santuar. Marian. tom. 2. paz. 465. (3) Piedad. Chron. da Arrab. part. 1. liv. 1 cap. 5. Brito de Mello Chron. da Arrab. m. s. p. 1. c. 6. (4) Gonzag. de Origin. Relig. Seraph. part. 3. pag. 1123. (5) Resende lib. 1. de Antiquit. pag mihi 37. (6) Monarq. Lusit liv. 1. c. 28.

da Chronica da Arrabida do padre fr. Antonio da Piedade, que no cap. 5.º faz uma descripsão d'esta serra extensamente, posto que em stylo mais poetico do que historico. Excede a todas as descripções, a que vem no primeiro tomo do Diccionario Geografico de Portugal feita pelo padre Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio, e que publicou seu irmão o padre Luiz Cardoso. Não nos esqueçamos porem da admiravel circumstancia de ser toda a serra limpa de bichos venenosos; nem da pedra, que d'aqui se extrahe, salpicada de côres diversas, que á maneira de remendinhos pardos, brancos, vermelhos, e negros a esmaltam e matizam galantemente. D'ella se fabricou o exquisito retabulo ou frontaria exterior da igreja do Hospital Real no rocio de Lisboa, presentemente arruinado e extincto.

Atalaya. Ha no reino tres serras com este nome: duas na Estremadura, e uma na Beira. A que fica no termo de Pombal, consta de canteiras de excellente pedra, e admitte cultura e criação de alguma caça. A que se vê junto da freguezia de Santo Estevão das Galés, tem um quarto de legua de comprido, e toda de admiravel vista. É regada com algumas fontes, que nascem alli mesmo, e dá terreno para habitação de dois lugares, e pasto para os seus gados. Cria com especialidade muita erva medicinal, e outros varios fructos e caça. A da provincia da Beira fica no termo de Trancoso, e é mui destemperada, mas abundante de lenha e caça miuda.

Barregudo. É uma serra, que fica no termo de Torres Vedras, e que na distancia de tres leguas caminha a entestar com a de Montejunto. Adquire nomes differentes segundo os sitios. No de Penedos negros se encontram varias pedrinhas miudas, mui resplandecentes; e uma casta de areia mui brilhante. Dá passagem ao rio Sizandro, e se deixa cultivar com utilidade, produzindo tambem caça rasteira e do ar.

Barris. É um braço da serra da Arrabida, que fica ao poente da villa de Palmella. Abunda de aguas com boa qualidade, e cria muitas ervas medicinaes e a finissima grã, sendo todo o seu terreno um admiravel composto de alegre divertimento para os passageiros, a quem suavisam tambem muito a continua harmonia dos passaros, que por alli se criam.

Besteiros. É uma serra aspera e cheia de penedia escabrosa pela distancia de uma legua no bispado de Vizeu, onde se acha uma fonte de agua tão fria, que não se póde aturar n'ella a mão. Cria mato rasteiro, e se lhe cultiva centeio e milho, que o produz em abundancia. Pastam n'ella muitos rebanhos de gado miudo e grosso.

Bornes de Monte mel. Fica no termo de Braga, e tem duas leguas de comprido. Recebe muita neve em tempo de inverno. O mais especial d'ella é ser tão alta, que se descobrem do sitio chamado Miradouro, povoações de treze bispados.

Borralheira. Dão este nome a uma serra, que com bastante emi-

nencia se levanta junto da villa da Ponte, comarca de Pinhel. No mais alto está uma ermida de Santa Barbara, que a camara da villa mandou edificar por causa dos muitos raios e coriscos, que alli cahiam, os quaes depois da ermida erecta nunca mais offenderam o sitio, nem atemorisaram aos moradores. (1) O Diccionario Geografico, não fazendo menção d'esta serra, dá noticia de outra com o mesmo nome na provincia de Traz os Montes, e na freguezia de S. Pedro de Paradella, e não tem cousa notavel.

Bussaco. Jaz esta famosa serra na provincia da Beira, e é parte da serra da Estrella. Dista de Coimbra tres legoas para o nordeste, e meia da villa de Vacariça. Lança-se de nascente a poente pelo espaço de tres leguas, e do seu cume se descobre grande parte do reino; porque para o lado oriental se avistam as serras da Estrella e a de Castello Rodrigo, que lhe ficam na distancia de trinta leguas. Para a parte do Meio dia se vêem as serras de Mindo e de Marvão, que lhe ficam quarenta leguas distantes. Para o norte se divisa a serra de Grijó, affastada quinze leguas: podendo-se livremente da sua altura apontar com o dedo para terras de sete bispados, estando os dias claros.

Tres etymologias assigna fr. João do Sacramento (2) ao nome d'esta serra, das quaes a mais verosimil é, por haver na sua raiz um convento de Religiosos Benedictinos, erecto em memoria da cova de Sublaco, que aquelle grande patriarcha escolhera para sua primeira habitação, e que de *Sublaco* vieram a alterar a palavra, vertendo-a em *Bussaco*.

N'esta alta montanha se criam finissimos marmores, toda a casta de arvoredo, plantas, flores e ervas medicinaes, regadas com muitas fontes de excellente agua artificiosamente conduzida e repartida por engenhosa industria do memoravel bispo de Coimbra D. João de Mello. Sobre tudo dá terreno ao devotissimo convento de Carmelitas Descalços, que exercitam aqui, como os Anacoretas da antiga Thebaida, a vida contemplativa. (3)

Cabreira Fica na provincia de Traz os Montes, e tem duas leguas de comprido. É demasiadamente fria por causa da muita neve, que recebe de inverno. D'ella nascem varios regatos, de que se forma o rio Ave. Avistam-se da sua maior altura as praias do oceano para a banda de Fão e Esposende. Ha no reino outras serras d'este nome, de menos consideração, que se podem ver no Diccionario Geografico do padre Luiz Cardoso.

Cantaro. No mais alto da serra da Estrella se levanta uma eminente pyramide formada de rochedos calvos e escarpados, a que chamam serra do Cantaro; porque, segundo diz o padre Carvalho na sua Corografia (4) costumavam os antigos senhores da villa de Carvalho, que lhe fica situada

(1) Santuar. Marian. tom. 3. pag. 235. (2) Chron. dos Carmel. Descalç. part. 2. liv. 1. c. 14. (3) Idem tom. 2. pag. 76. Bened. Lusit. tom. 2. pag. 283. Corogr. Port. tom. 2. pag. 69. Dicc. Geogr. de Cardos. tom. 2. (4) Corogr. Portug. tom. 2. pag. 76.

nas suas raizes, ter prompto um cantaro de agua para beberem os passageiros, que por alli passavam. Cria-se n'esta montanha a herva Argenciana, ou a Argenteira, boa para as febres. O mais, que ha n'esta serra, diremos quando tratarmos da lagoa *Escura*.

Caramullo. Fica esta serra quatro leguas distante de Vizeu, e diz o author da Corografia Portugueza, que alguns lhe dão o nome de Besteiros, e antigamente lhe chamavam o Monte de Alcoba. No mais alto d'este outeiro, que é todo composto de penedos uns sobre outros, ao modo de columna, está uma planicie, em que podem caber trezentos homens, e d'elle se descortina quanto a vista póde alcançar, excepto para o oriente, que lh'a embaraça a serra da Estrella, d'onde dista doze leguas. Em tempo claro se vem as embarcações no mar, e se ouvem os tiros de artilharia na barra de Aveiro, estando distante oito leguas.

Carpento. Fica esta montanha no Algarve, de quem se denominou o lugar de Moncarapacho. É aspera por natureza, composta de grandes penedias, e habitação de muitos bichos e lobos. Na raiz d'este monte está um sitio chamado o *Abismo*. É uma cova como um poço de quatro varas de profundo. A este sitio descem os curiosos, os quaes dizem que se descobre lá um boqueirão, pelo qual se entra e caminha por uma mina muito profunda, sem se saber até hoje o seu fim, porque ninguem até agora se animou a descobril-o.

Cintra. Esta serra, que dista de Lisboa cinco leguas, é uma das mais famosas do reino pela composição rara, com que a natureza a organisou; pois consta de calhaus tão grandes, que alguns teem vinte pés de diametro, postos uns sobre outros como se fossem montes de nozes; mas com tal ligação, que parecendo estarem ameaçando eminente ruina, elles se sustentam no seu natural equilibrio. No cume da serra se descobrem vestigios de antiga fortificação com cinco torres arruinadas, que se suppoe ser fabrica de Mouros. Em tempo dos romanos foi chamada esta serra *Promontorio da Lua*, d'onde Camões veio a dizer:

E nas ssrras da Lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço.

Teve principio este nome desde que os habitadores gentios d'esta serra determinando dedicar a Octaviano Augusto um templo, que o imperador não quiz acceitar, elles o offereceram como idolatras ao sol e á lua; e, porque a esta chamavam *Cynthia*, se derivou d'ella o nome de *Cintra*.

De Cynthia *tomou* Cintra *celebrada*
O nome que em rochedos é famosa.

Disse Gabriel Pereira; e Francisco Botelho no seu Alfonso:

Diola nombre um gran templo, que aun expone
De Cynthia tan magnifico, y notable,
Que ser pudo d'el risco aia oportuna
Casa del Sol el templo de la Luna.

D'isto ha memoria em varios cippos, que n'este sitio se descobriram, referidos pelos nossos escriptores, de que daremos noticia, quando tratarmos d'esta villa. Só quero advertir que o insigne Damião de Goes n'aquella admiravel Descripção de Lisboa, que fez em latim, confunde o Montejunto com a serra de Cintra. (1) E o nosso grande poeta Francisco Botelho erradamente dá a esta serra o nome de Promontorio *Artabro*, (2) o qual, conforme o melhor parecer dos geografos, é o cabo de *Finis terræ*. Quem quizer mais largas informações d'esta serra, leia os authores abaixo nomeados. (3)

Estrella. Existe esta serra na provincia da Beira, e foi antigamente conhecida com o nome de monte *Herminio*, que queria dizer aspero e intratavel. (4) Hoje conserva o de Estrella, porque dizem ter no mais alto um penedo do feitio de estrella. É esta serra um ramo dos Pyrineus, deduzido d'aquelle grosso e grande braço, que aparta Castella velha de Castella nova: está continuamente coberta de neve, que por isso disse um nosso poeta: (5)

Que é de Herminia senhor serra nevada,
Onde o quente verão nunca começa.

Para a parte do poente se despenha com escabrosos precipicios sobre as villas de S. Romão, Valezim, Loriga, e Arouca da serra, que lhe fica nas raizes: da parte do sul fica a villa da Covilhã: do sueste as de Manteigas e Balhelhas: do nascente a cidade da Guarda: do norte as villas de Linhares, Mello, Gouveia, Santa Marinha e Ceia. D'esta serra nascem os tres celebrados rios Zezere, Alva, e Mondego, perto uns dos outros, e se encaminham a tres differentes partes.

Falperra. Fica esta serra servindo de atalaia á villa de Aguiar da Penha, que lhe nasce das raizes, e se utilisa das fertilidades do ameno valle em que existe. (6)

S. Gens. Pouco distante da cidade de Braga corre esta serra, que tomou o nome de uma ermida antiga, a qual ainda está no alto d'ella,

(1) «Mons vero Tagrus, cujus Varro meminit meo quidem judicio ille idem est, quem nos Sintreum vocamus, & à quo Lunae promontorium in mare prorumpit millia passuum ab Olisipone plus, minusve, quod nostris hodie Rocham appellari placuit, &c.» Goes tract. de Olisipone. (2) Botelho no Alfonso l. 1. est. 7. da impress. de Roma. (3) Resend. lib. 1. de Antiq. Monarq. Lus. liv. 1. c. 22. e liv. 5. c. 15. Duart. Nun. Descripç. de Portug. c. 10. Faria sobre a Ode 1. de Cam. Franc. d'Almeida Jordão em especial relação que imprimiu d'esta serra no anu. de 1748. (4) Monarq. Lusit. t. 1. liv. 1. cap. 1. Esperança tom. 1. da Chronic. p. 421. Resende de Antiq. lib. 1. (5) Maced. no Olisip. cant. 4. est. 11. (6) Cary. Corogr. Portug. tom. 1. p. 171.

da invocação do mesmo santo, e que dizem fôra edificada por Theodomiro rei suevo. Ao pé d'esta serra se vê o convento de Tibães de religiosos Bentos. Ha outra serra com este mesmo nome no Alemtejo, que é parte da serra de Ossa, e summamente alta. (1)

Gerez. Os antigos chamaram a esta serra *Juressum*, que Antonio de Sousa de Macedo (2) diz ser deduzido dos tres celebres Geriões, que alli habitaram: fabula, a que não devemos dar credito. Principia algumas leguas distante de Braga para a parte do norte, e caminhando encostada ao oriente, entra por Galiza. É de summa elevação e por algumas partes tão aspera que é intratavel: sómente a habitam cabras montezes, javalis, e lobos, sendo que por algumas partes é aprazivel. O padre D. Jeronymo Contador de Argote faz d'este monte dois especiaes capitulos. (3)

Guardunha. Em distancia de cinco leguas da serra da Estrella, e em sete de Idanha a velha fica esta montanha cercada de muitas povoações, arvores, fontes, ervas, e fructas deliciosas. A palavra *Guardunha* é arabica, e significa refugio ou guarda da Idanha; porque sendo os moradores d'esta povoação expulsos pelos mouros, se foram refugiar a esta serra para se defenderem d'elles. (4)

Hermello. É montanha do Minho, que tem uma legua de alto, e no cume ainda apparecem vestigios da cidade do Marão, quartel de Decio Bruto

Labruja, ou laboriosa pelo trabalho que causa aos caminhantes. Fica esta serra na estrada real, que vai de Ponte de Lima para Valença (5)

Lousã. É ramo da serra da Estrella, e muita parte do anno está cuberta de neve. (6)

Marão. Esta serra é uma união de montes altos, que se vão abraçando uns aos outros. Chega ao Douro, e lança o monte de Teixeira e o Entrillio, povoado bastantemente de feras, onde está o grande penedo, que uma criança póde fazer bulir, e tange, quando se bole. (7) Consente o Marão que o rio Douro o atravesse; e posto já na provincia da Beira, se chama Serra de Almofala, Monte de Muros, Serra de Touro, Serra de Pera, Serra de Fragoas, de Manhouce, de Besteiros, de Cantaro, de Miranda, do Espinhal, e montes de Penela, onde se une com a serra da Estrella: e chamada serra de Ancião e de Albardos, se precipita no mar desde a rocha de Cintra. (8)

Marvão. Esta serra é o Herminio menor, onde ha minas de ouro e de chumbo, e ainda se vêem ruinas da cidade Meidobriga, se havemos de dar credito a Resende. (9)

(1) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 168. e tom. 2. pag. 447. (2) Maced. Olisip. cant. 2. est. 18. (3) Argot. Antig. de Brag. p. 372. (4) Santuar. Marian. tom. 3. p. 59. Corogr. Portug. tom. 2. p. 412. (5) Corogr. Port. tom. 1. p. 201. (6) Leit nas Miscelan. pag. 15 (7) João Salgad. dos Success. Milit. p. 106. (8) Sousa, Chronic. de S. Dom. part. 3. pag. 189. (9) Resend. liv. 1. de Antiquitat.

Minde Na villa de Porto de Mos se prolonga esta serra do norte para o sul, e da parte meridional nasce um pequeno rio, que faz sua corrente para o norte. Fr. Bernardo de Brito (1) não distingue esta serra de outra chamada Albardos, de que tambem se lembra Manoel de Faria. (2)

Monchique ou *Monsico*. Levanta-se no Algarve com eminencia tal que excede á de Cintra. É fertil e aprazivel, com abundancia de agua admiravel. Corre de oriente a poente, d'onde se descobre a maior parte do campo de Ourique e do oceano, servindo de signal aos navegantes para demandarem seguramente a nossa barra; de sorte que principia de Castro Marim, e finalisa junto de Aljezur. Alguns authores lhe dão o nome de *Sico*, ou secco por antifrase. Resende diz que é braço da Serra Morena. (3)

Monte do figo. No Algarve junto do lugar de Moncarapacho existe esta montanha meia legua distante para o norte. É de aspera subida, em que se gastam algumas horas, por ter quasi um quarto de legua. Em cima tem uma admiravel planicie com muitas aguas e arvores de todas as castas silvestres e fructiferas. Sobre esta planicie se levanta outro monte, a que se sobe com maior difficuldade, e no cume está uma cruz e uma cova d'onde se tira muita terra por devoção, e para remedio de varias enfermidades, porque affirmam que apparecera alli o archanjo S. Miguel, o qual é venerado em uma ermida do seu nome, que por este motivo os fieis lhe edificaram. É este monte o primeiro que avistam os navegantes, que vem das Indias de Castella, muitas leguas ao mar, por ser de immensa altura.

Montejunto. Duas leguas e meia de Alemquer contra o norte se estende esta serra, a que antigamente chamavam monte *Tagro*, de que talvez se originaria o nome de *Tagarro* a uma povoação edificada nas suas visinhanças. (4) Dizem alguns, (5) que é a mais alta serra de Portugal, e que terá de circuito mais de quatro leguas, e de altura meia legua. No alto é terra fertil, e ha duas lagôas de boa agua. Venera-se uma ermida de Nossa Senhora das Neves, e o primeiro convento dos religiosos Dominicos n'este reino, que fundou o veneravel fr. Sueiro Gomes. (6)

Das eguas, que por esta montanha pastavam e concebiam do zefiro, escreveram maravilhas os antigos, e ainda modernos, (7) e em outra obra (8) nós o reprovamos, como fabula originada da grande velocidade

(1) Monarq. Lusitan. liv. 11. cap. 70 e na Geogr. cap. 2. (2) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 3. cap. 6. (3) Resend. lib. 1. Antiquit. Vide Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 654. Far. no Epitom. part. 1. cap. 9. Diccionar. Geogr. tom. 1. verb «Algarve.» (4) Fr. Luiz de Sousa. Histor. de S. Dom. part. 1. liv. 1. cap. 12. (5) Far. na Europ. Portug. part. 3. tom. 3. cap. 6. (6) Santuar. Marian. tom. 2. p. 215. (7) Plin. Columel. e outros apud. Mayol. part. 1. colloq. 7. Fonseca na Medic. Lusit. disp. 2. cap. 5. (8) Recreação Proveit. part. 1. colloq. 4. p. 251. Veja-se tambem Gernandens. no Paralipoem. n. da Histor. de Hesp. lib. 1. pag. 6. Kormanni tract. de Virgin. jure cap. 12. Resend. lib. 1. Bernard. Florest. tom. 1. p. 267. Maced. Flor. de Hespanh. cap. 3.

e ligeireza, com que correm os cavallos que por esta serra se criam. O mais certo é haver aqui canteiras de finissima pedra e minas de azeviche. (1)

Monte de Minhoto. Junto ao rio Zezere está esta serra, mui alta e povoada de grandes penhascos bastantemente debruçados para a parte do rio. Em cima ha uma ermida de Nossa Senhora da Estrella, e um poço de agua admiravel, porque nunca se sécca. Dizem (2) que antigamente houvera aqui uma azinheira, que em lugar de bolotas dava umas contas a modo de azeviche, as quaes pisadas serviam de remedio para muitas enfermidades.

Monte-Muro. Está junto a Evora, e é parte da serra de Besteiros: os antigos lhe chamaram *Mons Maurus.* Toma grande distancia de terra, mas em si é aspero, e da mesma grosseria, e rusticidade participa a gente, que o habita.

Ossa. Fica esta famosa serra entre Evora, e Estremoz pelo espaço de sete leguas de comprido, e duas e meia de largo. Compõe-se de muitos oiteiros, que parecem montes de ossos, d'onde talvez lhe viria o nome. Manoel de Faria lhe buscou derivação poetica. (3) Comprehende em si muitas terras, o Canal, Evoramonte, Terena, Alandroal, Pomares, Borba, e Villa-Viçosa, regadas todas pela maior parte das perennes fontes, que d'ella precedem.

No mais alto d'este monte, d'onde se descobre quasi todo o Alemtejo, e parte das duas Estremaduras portugueza, e castelhana, esta a ermida de S. Gens em uma planicie tão eminente, que ás vezes se vê chover pelas abas da serra, e ella ficar enxuta. Descendo a uma val ameno, estão fundados os dois celebres conventos dos eremitas de S. Paulo, e Val de infantes, verdadeira thebaida portugueza.

Tem esta serra tantas fontes, que só em uma herdade do convento se contam mais de oitenta. Ha no meio da serra pé de limeira, que chegou a dar dez mil limas, segundo affirma João Salgado de Araujo, na *Descripção d'esta provincia* pag. 173 v. Descobrem-se tambem n'esta serra minas de pedra de cores escuras, pedras de afiar, enxofre, e almagre.

Pomares. Antigamente se chamou *Monte de Venus.* Está junto a Evora, onde agora se chama o lugar de Pomares. Foi mui celebre pelos trofeos, que o famoso Viriato n'elle levantou. (4) Da sepultura de Lucio

(1) Brit. Geogr. Lusitan. cap. 2. (2) Santuar. Marian. tom. 3. p. 135.

(3) «Es nombre desta horrifica montana
El de la que fue patria de Centauros,
Que contra el Cielo puestos en campana
Amontonaron Oetas, Pindos, Tauros.
El nombre desta finalmente es Ossa,
Que aun aora escalar los Cielos osa.
Faria na 1. p. da Fonte de Aganipe Eglog. 5,

(4) Monarq. Lusit. tom. 1. liv. 1. c. 8. Vasconcel. lib. 5. de Labor. Municip.

Silo Sabino, de que Resende lib. 3 de Antiq. e a Evora gloriosa pag. 17 fazem memoria, já hoje não ha noticia alguma.

Saudonho. Fica dominando Villapouca de Aguiar, e fronteira de outra serra chamada Falperra.

Estes são os montes, que ha no reino de maior fama. Póde ser que ainda encontremos occasião no discurso d'esta obra, em que demos noticia de outros.

CAPITULO VII

Dos rios, ribeiras, e lagoas mais consideraveis

É tanta a abundancia de rios, que fertilisam, e regam nossas Provincias, que por este motivo deu Estrabo á Lusitania o titulo de feliz. (1) Dos capitaes, e de alguns, que se diffundem n'elles, faremos uma succinta e hydrografica narração pelo mesmo estylo, que vamos observando.

Abbadia. Passando por Alcobaça, vai inundar os campos da villa de Mayorga.

Abrancalha ou *Abrancaida.* É ribeira, que corre distante de Abrantes uma legua para o norte, fertilisando com suas aguas muitos pomares e hortas deliciosas.

Abrilongo. Entra no rio Sêvera ou Névora junto da villa de Ouguella, e cria mui gostoso peixe, por serem suas aguas frigidissimas. Veja-se o que dizemos do Botova.

Agualva. Ribeira, que passa junto da villa de Bellas.

Agua santa. É um grande ribeiro, que nasce da serra de Ossa, e se mette no rio Tera.

Aguas livres. É uma formosa ribeira de abundantes aguas, que corre pela freguezia de Bellas, termo de Lisboa. Em algumas partes é caudalosa, e não se passa sem ponte, como é no lugar chamado Ninha a Pastora, e no forte da Cruz quebrada. São conduzidas estas aguas para Lisboa em soberbo e forte aqueducto, que por ora descreveremos brevemente.

Tem elle o seu primeiro manancial n'esta ribeira em distancia de boa meia legua da ponte, a que alguns chamam de Bellas. A abundancia de agua n'este nascimento por si só vence os tres principaes chafarizes de Alfama, que ha na cidade. Manifestou-se pois este famoso aqueducto para se pôr prompto em 6 de Agosto de 1732; e logo ao principio da ribeira em distancia de 1800 palmos se lhe introduzio uma boa fonte, a que chamam a Fonte santa do leão; e continuando o aqueducto ao lado direito da ribeira, (que logo a atravessou junto ao nascimento, que fica á parte do poente) caminha até avistar a ponte de Caranque, e aqui se

(1) Strab. apud Resend. lib 2. de Antiquit. tit. de Flumin. Duart. Nun. Descripç. de Port. cap 21.

aparta da mesma ribeira para o lugar da Porcalhota, encostando-se ao outeiro de S. Braz.

N'este progresso vai mais para diante recolher a agua, que lança a fonte chamada de S. Braz para a parte da Porcalhota, e logo atravessa por baixo da estrada junto á quinta do Galvão proximamente á ermida de Santo Antonio da mesma quinta, d'onde salvando sobre uma ponte a ribeira, que passa por dentro da dita quinta, se inclina a buscar a raiz do lugar da Fragosa; e continuando pela mesma encosta até o lugar de Calhariz, fronteiro á freguezia de Bemfica, se vai prolongando por defronte do convento de S. Domingos até o monte, que chamam das tres cruzes, d'onde se passa a ribeira de Alcantara para se introduzir no Bairro alto, recolhendo por este caminho (que é o da mais baixa nivelação, que permittia o calice, em que a agua deve cair no dito bairro) varias fontes, que se vão encontrando, e descubrindo nos alicerces da mesma obra.

A fórma d'este aqueducto é de um corredor, ou mina artificial de sete palmos de largo e quatorze de alto, a que não chegou algum dos aqueductos romanos. Tem pelo meio um passeio de tres palmos de vão, fabricado de finissimo lagedo, e a cada lado um encanamento de marmore, que recebem ambos quarenta e duas manilhas de agua em palmo e meio de bocca, e palmo e quarto de alto.

Uma das cousas singulares d'este aqueducto é vir correndo a agua horisontalmente por estes encanamentos sem declividade alguma; mas esta se lhe vai dando a certas distancias por linhas perpendiculares,como por degraus de escada, para total segurança e conhecimento do quanto se sobe, ou desce; cousa que tambem não se acha executada em aqueducto algum. D'esta sorte conduzidas á custa do povo, ainda que perdem o antigo nome de aguas livres, mereceram outro maior e mais conhecido na utilidade publica de uma tão populosa cidade, e na graça de um tão inclyto monarcha, para cujo ardor em sollicitar a commoda conservação de seus vassallos ainda é pouco todo o manancial d'esta ribeira.

Os romanos, quando Lisboa era seu municipio, intentaram introduzir-lhe estas aguas por aqueductos subterraneos, abrindo a este fim muitos rochedos; e entre as penedias asperissimas de dois montes, que n'aquelle sitio existem, fizeram um muro larguissimo e forte, que lhe servia para represar a agua de um valle em uma lagôa, em que traziam bateis, como diz Francisco de Ollanda em um tratado manuscripto, intitulado: *Fabrica, que falta a Lisboa*, o qual vimos, e se conserva na livraria do excellentissimo conde do Redondo.

Tambem o senhor rei D. Manuel determinou encaminhar estas aguas para Lisboa, e que corressem na praça do Rocio. Para isso mandou fazer ao allegado Francisco de Ollanda o desenho de um chafariz, que nós vimos e constava da figura de Lisboa em cima de uma columna cercada de quatro elefantes, que pelas trombas expulsavam a agua. Estes

desejos não tiveram effeito, nem ainda em tempo do infante D. Luiz, que tanto apeteceu conduzir esta agua para a ribeira das naus, em fórma que as da India d'ella fizessem as suas aguadas. Consta tambem pelo que diz Luiz Marinho de Azevedo, que o senado de Lisboa tinha junto para a obra d'esta conducção mais de seis centos mil cruzados, os quaes se divertiram nas festas, que se fizeram com a entrada de Filippe III. Todos estes embaraços estiveram esperando pela providente resolução d'elrei D. João V para fazer mais feliz o seu reinado, escolhendo e approvando para a sumptuosidade d'esta fabrica o risco e desenho do brigadeiro Manuel da Maya, que por sua sciencia, engenho, e outros attrativos de bondade merece immortaes elogios.

Agueda. N'este reino ha dois rios d'este proprio nome: um, que passa por Agueda, e este é o *Eminеum* dos antigos, que vai morrer em Aveiro: outro, que divide Portugal de Castella na comarca de Riba-Coa. Nasce na serra da Estrella, passa pela Ciudad Rodrigo, vai á ponte da villa de S. Felizes, d'onde a pouco espaço por entre altos montes em Vilvestre entra no Douro.

Aguilhão. Nasce na serra do Marão formado de tres fontes, e com arrebatado curso se mette no rio Corgo. Cria muitos e gostosos peixes, especialmente bordallos, que se apanham aos cardumes. Pelas margens ha copia de arvoredos e vinhas, que fazem toda a sua corrente agradavel e amena; dando que fazer a mais de vinte açudes, deixa-se atravessar por tres pontes de pau, e uma de cantaria.

Alborrel. Nasce na serra de Portalegre. Vem circulando Aremanha, e divide Portugal de Castella. N'elle se pescam gostosos barbos.

Alcantara. Esta formosa ribeira quasi que cerca Lisboa, e se mette no Tejo pela parte do poente. Luiz Mendes de Vasconcellos no livro, que compoz, intitulado: *Sitio de Lisboa*, mostra de quanta utilidade seria communicar-se este rio com o de Sacavem, do qual não dista mais que legua e meia, para que ficando dentro d'este circulo Lisboa, conseguisse o mais seguro e fertil terreno, que houvesse no mundo. N'este sitio está a fabrica real da polvora reedificada por Antonio Cremer.

Alcaraviça. É ribeira, que corre pela aldeia chamada dos Gallegos no termo da villa de Borba, onde tem seu nascimento em duas fontes tão abundantes de agua, que fazem moer muitas azenhas.

Alcarabouça. Provê este rio de bastante peixe a villa de Ficalho, por onde corre quatro leguas distante de Serpa.

Alcarapinha. Corre junto a Elvas, e nasce na serra de Aviz. Suas aguas augmentam muito a ribeira de Cornche.

Alcarque. Conforme a Geografia Blaviana é rio, que no seu Mappa vem assignado na provincia do Alemtejo.

Alcarrache. É uma ribeira, que nasce em Castella na serra de Santa Maria, e vem sair ao termo de Mourão, trazendo de jornada quinze leguas; até que engrossada sua corrente com as aguas de outros ribeiros,

e fazendo trabalhar muitos moinhos, vai morrer no Guadiana. Pescam-se n'elle excellentes e grandes barbos, e outros peixes mais miudos: e se vadeia por duas boas pontes de pedra.

Alcoa, antigamente *Coa*. É o que unindo-se com o chamado *Baça*, deu nome ao sitio de *Alcobaça*, onde os religiosos Bernardos teem o famoso e magnifico templo, que alli fez edificar o santo rei D. Affonso Henriques.

Alcofra. É rio caudaloso da Beira no termo de Lafões, e que se mette no Alfusqueiro. As suas margens estão cheias de carvalhos e castanheiros enlaçados com muitas vides, de que se faz o bom vinho de embarrado. Cria saborosas fructas, e se deixa vadear por quatro pontes de pau.

Alemquer. Nasce ao pé da serra de Montejunto, e caminhando norte sul o espaço de uma legua vem buscar nome á villa de Alemquer. Aqui fertilisa as suas quintas e hortas com a abundancia de suas aguas saudaveis, e aos seus moradores com a copia das suas trutas, barbos e bogas: até que incorporado com o rio de Ota se mette no Tejo, junto de Villa Nova da Rainha.

Alferradede. É ribeira, que rega muitos pomares e hortas do termo da villa do Sardoal, e vai morrer ao Tejo.

Alfusqueiro. Passa este rio junto do lugar dos Ferreiros, termo da villa de Vouga, e tem uma grande ponte de um só olhal, muito alta, fabricada de cantaria. Discorre tambem pela villa de Assequins, e vai descançar no rio Vouga.

Algés. Nasce este rio em um outeiro, que fica defronte do lugar de Monsanto, termo de Lisboa; e augmentado com as aguas de um regato que brota por cima de Ontorella, entra a fertilisar a quinta das Romeiras até ir mergulhar-se no mar pelo pé do forte da Conceição, onde está uma ponte de pedra, que parte com a nobre quinta do duque de Cadaval.

Algodea. Banha e fecunda esta ribeira as hortas e pomares, que ficam fóra da villa de Setubal; depois entra no Sado.

Alja ou *Alje*. É uma caudalosa e arrebatada ribeira, que discorre pela villa de Arega, cinco leguas de Thomar, e se vai esconder no rio Zezere. Pe cam-se n'elle excellentes trutas, e outros peixes mui gostosos. Os antigos lhe chamavam ribeira fria.

Almaceda. É rio, que cerca a villa de Sarzedas, e entra no Ocreza sempre arrebatado.

Almansor. Divide esta ribeira do Alemtejo os limites da freguezia de Nossa Senhora da Repreza, dos de Santa Sofia: e chegando até o termo de Montemór o Novo, onde troca o nome pelo de Canha, se esconde no Tejo perto de Benavente; deixando com a benignidade das suas aguas ferteis os pomares e as terras, por onde passa.

Almonda. Tem sua origem este rio na serra d'Aire, legua e meia

da villa de Torres Novas. São as aguas no seu nascimento e matriz tão claras, e é tanto o peixe que se cria n'ellas, que ainda que o pégo é fundo, se está vendo de cima das barreiras andarem a saltar: por isso é aqui mui agrazivel a pescaria. Os romanos acharam n'este rio muita semelhança com o Mondego, por cuja causa lhe chamaram *Alias munda*, d'onde se originou com pouca corrupção *Almonda*. Mette-se no Tejo junto do lugar da Azinhaga, como bem o diz o reverendo padre Luiz Cardoso no Diccionario Geografico, emendando-me.

Alpiaça. É rio da Estremadura, que nasce perto da villa de Ulme; de inverno corre arrebatado, e cria excellentes barbos e fataças. Mette-se no Tejo.

Alpreade. Nasce esta ribeira na serra da Gardunha, e correndo sempre d'assocegada, vai acabar no rio Ponsul, passando por quatro pontes de pedra, e fazendo trabalhar trinta e quatro azenhas, tres lagares e um pizão. Cria muitas trutas e bordallos.

Alra. Este rio tem o nascimento na serra da Estrella; e fazendo logo seu caminho ao poente por baixo de um monte, discorrendo em algumas partes mui claro, vem cercar as villas de Arganil, Coja, Pombeiro, Penalva, Sandomil, Villa Cova de Subavó, e S. Romão, onde tem duas pontes, uma chamada de Peramol, pela qual vai o caminho de Verão para a Covilhã, outra de cantaria lavrada na estrada, que vai para Valezim. Pescam-se n'elle boas bogas, trutas, lampreias, e saveis. Finalmente entrando no Mondego rico de outras ribeiras, acaba no oceano.

Alvar. Nasce esta ribeira na serra de Montemel pela parte do lugar de Covellas; e passando junto da villa de Alfandega da Fé, vem ao lugar de Santa Justa, d'onde caminhando quatro leguas, desagua na ribeira Vellarva.

Alvaro. No termo da villa de Alvaro pela banda do sul tem seu nascimento esta ribeira, que dá o nome á villa; e passando por duas pontes de pedra rodeia o monte da villa, e se mette no Zezere, fazendo parecer aquella povoação uma peninsula.

Alviella. A boa opinião, que fiz da Corografia Portugueza composta pelo padre Antonio Carvalho, me obrigou seguir-lhe as pizadas em muitas noticias, que d'elle tirei, e a elle me refiro. Entre ellas foi a maravilhosa voragem, ou sorvedouro, que diz acontecer nos olhos de agua em a nascente d'este rio de Alviella; mas como o reverendo padre Luiz Cardoso, natural de Pernes, pode examinar melhor esta particularidade, e a reconhece agora no Diccionario Geografico por fabulosa, é justo que eu n'esta segunda impressão do meu mappa, agradecendo-lhe a advertencia melhore a noticia.

Nasce pois este rio nas vertentes da serra do Patello junto do lugar da Louriceira, debaixo de um grande rochedo; e logo em seu nascimento vem com abundancia de peixes, especialmente bordallos, engrossando-se com varios ribeiros até desembocar no Tejo junto ao lu-

gar do Regnengo. Cria outras muitas castas de peixes saborosos em todo o tempo: faz moer muitos moinhos e lagares de azeite; e as suas ribeiras e margens estão cheias de arvoredo silvestre e fructifero, que as fazem vistosissimas. Sujeita-se porem a oito pontes; e dá abrigo a bastante caça miuda de arribação.

Almioso. É uma ribeira da Estremadura, que nascendo pobre no Troviscal, vai desaguar caudaloso no fim da cerca dos religiosos Capuchos da Certã. Cria muitos peixes miudos, e admitte algumas pontes. As suas margens são incultas por fragosas, mas entre as suas areias se acha ouro.

Analoura ou *Anhaloura*. Nasce entre as villas de Borba e Villa Viçosa, rega a villa de Veiros, e misturada com a ribeira de Fronteira, vai engrossar a de Sauzel, e entram ambas por Aviz, até desembocar no Sorraya.

Ancora. As aguas d'este rio, que nascem na serra de Arga, dividem o concelho de Caminha do de Vianna. Dizem que adquirira o nome que possue, desde que el-rei Ramiro II lançara n'elle sua mulher D. Urraca atada em uma ancora para ir mais depressa ao fundo. Authores ha que teem isto por fabula. Morre finalmente no mar junto de Caminha, onde fórma uma pequena barra com o fortim da Lagarteira.

Anços, antigamente *Anceo*. Vem da Redinha banhar a villa de Soure, e dar nome a Villa Nova de Anços; e junto com outras correntes se mette no Mondego abaixo de Coimbra.

Araril. Nasce junto de Castello Branco, e morre no Tejo. Pelo inverno corre arrebatado, e no verão sécca. É constante levar nas suas correntes algum ouro, e por isso procurado de gandaeiros.

Arcão. Nasce no celebre olho de agua Borbolegão na villa de Grandola, e se mette no Sado acima de Alcacer.

Ardila, ou *Ardita*. É uma ribeira furiosa da villa de Moura. Fazem-n'a opulenta as enchentes das ribeiras Brunhos e Lavandeira. Desemboca no Guadiana, passando primeiro pela villa de Noudar, que a deixa quasi reduzida a ilha, juntando-se com a ribeira da Murtiga.

Arestal. É uma lagôa profunda, que fica na Beira e na serra do seu mesmo nome. Em todo o anno lança agua por todas as partes, e faz nascer d'ella dois ribeiros. Dizem que se communica com o mar.

Arnuca. Nasce na ribeira de Gaia, e augmentando-se com as aguas de outras ribeiras, vae correndo até á villa de Pombal pelo espaço de tres leguas, fertilisando de caminho muitos pomares, e quintas. Antes de se metter no Mondego, passa pelas villas de Soure, e Villanova de Anços. No tempo de inverno se infurece, e corre com tanto impeto, que leva comsigo searas, e edificios. Os antigos lhe chamaram Tapiço. (1)

Asturãos. Rio do Minho, que nasce no sitio de Azevosa com muita

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 305.

humildade, e continuando com a mesma brandura, vae acabar no Lima, deixando de si saudades nas diliciosas, e frescas margens, por onde passou.

Ave. Procede da serra de Agra, e de uma ribeira, a que chamam da Lage; e, unindo-se com um regato ao pé da serra de Cabreira, já com bastante cabedal separa o concelho de Vieira das montanhas de Barroso, e quatro leguas antes de entrar no Oceano, divide o arcebispado de Braga do bispado do Porto. Rega os conventos de Bairão, e de S. Tyrso, e os campos do lugar Celeirô. Tendo recebido abaixo de Guimarães o Vizella, ou Avizella, que passa por Pombeiro, caminha apressadamente por baixo de varias pontes muito boas, e finalmente vae sepultar se no mar por entre a villa de Conde, e Azurara. O padre Vasconcellos, como traductor de Duarte Nunes, o faz erradamente, como elle, nascer junto de Guimarães, como bem repara fr. Leão de Santo Thomaz. (1) Em algumas partes corre com tanta doçura, e suavidade, que obrigou a cantar d'elle Manoel de Faria: (2)

De donde ouvindo estava o som divino,
Que faz correndo o Ave crystalino.

Todas as terras, por onde este rio passa, e vae regando, são diliciosas, e elle abundante de barbos mui grandes, e saborosissimos.

Aviz. E' uma ribeira, que nasce acima de Monforte, e passando pela villa de Fronteira, e outras terras, em que recebe varios riachos, com que se engrossa, chega á villa de Aviz, onde adquire o nome, e passa por uma ponte de boa fabrica, até ir acabar ao Tejo incorporado com o Sarroga, e Divor.

Azibo. Com forças medianas discorre pelos limites da villa de Chachim, sete leguas de Moncorvo. Principia no lugar de Podense, termo de Bragança, e, depois de caminhar quasi sete leguas, vae introduzir se no rio Sabor por cima da ponte de Remondes, limite da villa de Castro-Vicente.

Baça. Este rio, juntando-se com outro chamado Coa, nasce da parte Oriental de Alcobaça, e fazendo volta para o Occidente, rega por grande espaço os fertilissimos campos de Maiorca, e Abbadia, até que junto da villa da Pederneira se mergulha no Oceano.

Balocas. Ribeira, que se mette no rio Alva.

Balsemão. Em distancia de quatro leguas da cidade de Lamego nasce este rio na serra da Rosa, mas elle o não parece; porque, tanto que póde correr, caminha furioso, rompendo, e lavrando pedras com tal estrondo, que ensurdece ainda pelo verão, quando leva menos agua. Vai á ponte de Lamego, atravessando o sitio da maior fertilidade, a que

(1) Fr. Leão, Benedictin. Lusitan. tom. 2. p. 15. Monarq. Lusitan. liv. 14. cap. 5.
(2) Far. Font. de Aganip. part. 1 Egloz. 1

chamam da Ribeira, e se mergulha impetuoso no Douro juntamente com o Barosa, com quem se havia communicado. Antigamente lhe chamavam Unguio.

Barcarena. Nasce esta ribeira nos limites de Bellas, termo de Lisboa, e fertilisando os lugares da Aguaiva e de Laveiras, aqui se esconde no Tejo por baixo do convento da Cartuxa. Faz trabalhar com a sua agua no sitio de Barcarena a magestosa fabrica da polvora reedificada no anno de 1729 pelo hollandez Antonio Cremer.

Baroza. Nasce este rio de dois principios: um é no monte de S. João de Tarouca, e nasce mui bravo, mordendo pedras até a ponte de Mondim, que muitas vezes alluvia. Mais para baixo lhe entra outro braço, que nasce em Barcos da Serra, donde chega a Lazarim á ponte de Baroza. Banha aos campos de Tarouca muito brando, mas com a aprazivel serenidade sclapa nocivo terras, e campos muito bons, e os leva. Unido vai a Ucanha adornar a nobre ponte da torre, mui grandiosa, e adiante lhe entra a ribeira de Salzedas, com que em fim morre no Douro.

Barroco. Nasce este rio na serra da Arada em a Beira, e fazendo varias voltas, e passagens, se precipita por entre penhas no escuro pego do Vourão até ir acabar no Vouga. As suas margens são deliciosas pelas grandes sombras de arvoredos, com que convida aos passageiros.

Barqueda, ou Besadega. Tem o seu nascimento este rio na serra Marvana, tres leguas distante de Penamacor, onde tem uma ponte de cantaria com cinco olhaes. A sua corrente é mui socegada, excepto no inverno, que corre arrebatada. Cria excellentes trutas, e rega pelas suas margens vistosos e frescos arvoredos; e, deixando nos saudades com as suas areias de ouro, vai morrer castellhano em o rio Erga.

Beça. É rio do Minho, e nasce em Traz os Montes; corre sempre arrebatado e furioso por penedia, e por isso é infructifera a sua corrente. Depois de caminhar seis leguas se mette no Tamega com bastante copia de boas bogas e trutas.

Bezelga. Nasce junto da villa de Ourem; e correndo mais de legua e meia, vai descançar no rio Nabão por entre Thomar e Cincora.

Bilurim. Entra no Douro pela provincia do Minho.

Borbolegão. É este um celebre olho de agua, que nasce na villa de Granzola, e passa pela natural ponte dos Aivados, que suas mesmas aguas formaram galantemente em uma rocha. Mais para baixo vão tão violentas no sitio chamado Batroeira, que fazem moer a um moinho entre dia e noite inteiro e meio de trigo. N'este olho de agua, que será do tamanho de uma roda de ceiro, se lança de alto um homem a pique, e cravando-se n'elle até os peitos, o impeto das aguas o faz vir pouco a pouco para cima, até que arrenneça com elle na margem com tanta furia, como se fôra uma leve cortiça. O mesmo faz a qualquer pezado

madeiro, que lhe lançam. Dentro n'elle se ouve estrondo como o que faz na costa o mar bravo. Finalmente vai morrer no oceano pela villa de Sines.

Botova. O nascimento d'este rio é nas serras de Albuquerque, e se augmenta com as enchentes do Névora, que nascendo ao pé da serra de S. Mamede, e correndo pelos penhascos do monte chamado dos Sete, passa por S. Julião da Codiceira, onde recolhe as aguas do Abrilongo. D'esta sorte juntos vão communicar-se com o Guadiana á vista da cidade de Badajoz. D'este rio faz menção Antonino em o seu Itinerario com o nome de *Budua*.

Brescos. Na freguezia de Santo André, termo da villa de Santiago de Cacem, existe esta lagoa, que tem de circuito meia legua, cujo especial peixe, que d'elle se tira em abundancia, se arrenda todos os annos. Muitas pessoas distinctas vão fazer alli por divertimento suas pescarias. Devemos esta noticia ao M. R. Padre fr. Francisco de Oliveira, Dominicano, que por carta nos communicou.

Briteiros. Nasce no Minho, na freguezia e coito de Pedralva, e fenece no Ave. No seu principio é pobre, mas enriquecido com varias levadas, se faz rio opulento, cheio de muitas trútas, e escalhos saborosissimos.

Bugão. Tem este rio a sua origem na freguezia de Santiago de villa Chã, termo da villa da Barca, e se mette no Lima arrebatadamente. Todo o peixe, que n'elle se cria, é de admiravel gosto.

Cabrão. É um pequeno regato, que corre pela freguezia de S. Lourenço, termo da villa dos Arcos de Valdevez. Com a pouca enchente, que leva, caminha com arrebatada furia, e passando pela ponte de cantaria, a que chamam do Rodalho, divide as aguas do Lima, onde finalisa. Criam-se n'elle boas trutas, porem tambem não lhe faltam sanguisugas.

Cabrella. É ribeira do Alemtejo, que nasce nas Silveiras, termo de Montemór. Recolhe as correntes de outras duas ribeiras chamadas da Salira e S. Romão, que lhe ficam ao nascente, e da parte do norte se engrossa com outras duas, e se mette no mar com o nome de Maratéca. O seu curso em partes é furioso, pelo embaraço, que lhe fazem os penedias, por onde corre.

Cachoeiras. Nasce na comarca de Alemquer formado de varios regatos, e vai acabar no Tejo entre a Villa Nova da Rainha, e a Castanheira. Tem duas pontes, uma de pau, outra de pedra no lugar do Carregado.

Cadavai. É ribeira, que fertilisa as hortas no termo da villa do Sardoal, e se mette no Tejo.

Caldo. Corre pela villa de Monte Alegre na provincia Trasmontana, provendo de peixe os seus habitadores.

Cambas. É pequeno rio, que entra no Zezere.

Campanhão. Entra no Douro.

Campilhas. Entra no rio Sadão mui corpulento em Alvalade.

Canã. Faz d'elle menção Macedo. (1)

Canal. É ribeira da serra de Ossa, d'onde procede, e enriquece a ribeira de Tera.

Canha. Rega esta ribeira os valles e os campos de Montemór o novo, e se submette a duas pontes, uma chamada de Alcacere, e outra de Evora, e fenece no Tejo. A esta ribeira foi parar o corpo da gloriosa virgem e martyr Santa Quiteria, da qual a lançaram os barbaros com uma mó de moinho ao pescoço pelos annos 300 pouco mais, ou menos depois de Christo, cujo corpo sendo achado pelos christãos, o foram occultar em uma cova no sitio de Monfurado, para baixo de um monte, onde está uma ermida da invocação de S. Christovão; mas até agora está tão occulto, que ninguem tem dado com elle. Nos fins de Julho de 1738 correu a noticia, que um tal Manoel da Costa Pedreiro, natural da mesma villa, achára muito por acaso a mó, com que a santa foi lançada no mesmo rio. Tinha de diametro dois palmos, e de altura seis dedos, e era de pedra branca com salpicos pretos; mas não se assentou em cousa certa. Veneram-se hoje tres imagens de Santa Quiteria na provincia do Alemtejo. Uma em Montemór o novo, na igreja de S. João de Deos: outra na ermida de S. Christovão: e outra em a nova egreja dos monges das Covas no Altar collateral da parte da epistola, collocada no anno de 1759.

Carbuncas, ou *Cabruncas*. Nasce na serra de Freixedas do bispado de Leiria. Diffunde-se até a villa de Pombal, onde adiante com o Danços caminha a Soure, e vai finalisar no Mondego.

Carcedo. Faz menção d'este rio Macedo nas Flores de Hespanha, sem dizer onde nasce, ou por onde corre.

Cardeira. Nasce esta ribeira das vinhas de Beja, e correndo de norte a sul, depois de passar pela ponte de um arco, expira no Guadiana em a freguezia de Santa Catharina de Quintos, termo da mesma cidade de Beja.

Carnide. É uma ribeira, que nasce no termo de Leiria, e vai buscar o Louriçal, onde tem uma ponte, e depois de andar seis leguas, vai morrer no Mondego por cima da barra da Figueira.

Castellãos. Nasce no lugar de Cadraço, que fica no concelho de Guardão, e, correndo por entre montes e penhascos, vem a formar o rio Crins, que se mette no Mondego.

Carado, a quem os romanos chamavam *Celado*, e Ptolomeu appellida *Cavus*. Nasce nas Asturias, conforme alguns, ou na serra do Gerez, segundo outros: e precipitando-se ao valle para receber outras ribeiras, especialmente o chamado *Homem*, cerca e põe em peninsula as mes-

(1) Macedo nas Flor. de Hesp. cap. 2. excel. 2.

mas terras, por onde passa uma legua de Braga. Rega com suas aguas frigidissimas as villas de Prado, onde tem ponte; os muros de Barcellos, onde tem outra formosa ponte, e vai acabar no mar por entre Fão e Esposende; e de Fão até a barra dá uma volta para o norte quasi do feitio de um C, e n'esta volta quebram muito sua força as marés. Vejam os curiosos as perguntas e respostas, que ácerca d'este rio fez o reverendo padre Argote. (1) Pescam-se n'este rio muitos salmões, relhos, e outra variedade de peixe, e se acham tambem n'elle amethystos, jacinthos, e crystaes mui finos. Entre todas as pontes por onde se deixa vadear, é mui famosa e magnifica a que existe na freguezia de S. Thomé de Perozelo; pois consta de doze arcos de cantaria, obra romana; e por aqui fazia transito uma das vias militares, que sahiam de Braga para Astorga.

Ca-vay. Este rio passa pelo termo de Castello Branco não mui distante da igreja de Nossa Senhora de Mercoles.

Caya. Nasce em Castella na serra de S. Mamede junto do monte chamado dos Sete, termo da Villa de Marvão: e correndo pelo meio dos soutos da villa de Alegrete, e perto de Arronches, vem separar Campo Maior da cidade de Elvas, e passa pela celebrada ponte de Caya antes de entrar no Guadiana proximo a Badajoz. É esta ribeira mui conhecida, porque sobre a ponte, que alli se levanta, se costuma fazer a entrega das pessoas reaes de Portugal e Castella, que por casamento mudam de reino: assim o vimos em 19 de Janeiro de 1729 nas reaes entregas das serenissimas princezas do Brasil, e das Asturias.

Cayde. É um ribeiro, que nasce no monte de Santo Antonio perto da villa de Guimarães, e se mette no Celho.

Ceife. Ribeira, que corre pela freguezia de Santa Margarida do termo da villa de Proença a velha.

Cellinho. Desde o lugar do Reboto junto a Guimarães corre com o Celho, e se esconde no lugar dos Sumes, e torna a surgir no lugar de Sercedelo para se intrometter com o Ave.

Celano. O mesmo que o *Cavado.*

Celho. Tem seu nascimento na fonte de S. Torcato perto de Guimarães, e conduzido com o augmento de outros riachos, vai passando triumphante pelos arcos de diversas pontes, a da Madre de Deos, a de Caneiros, a do Miradouro, a do Soeiro, e se vai esconder no rio Ave por baixo da ponte de Servás, conservando sempre o mesmo nome. No lugar de Penouços deram as aguas d'este rio de beber ás tropas portuguezas e castelhanas, que se acharam na batalha da Veiga das Favas.

Ceiça. Ribeira, que entra no Nabão, e nasce no termo da villa das Pias.

Cerdeira. Ribeira, que corre pela villa de Coja, e entra no Alva.

(1) Argot. nas Memor. do Arcebispado de Braga tom. 2. pag. 865.

Ceras, antigamente *Ceres*. Entra no Nabão.

Cértoma. Nasce no couto da Vacariça, perto do Bussaco, e vai acabar no Agadão mui soberbo. As suas aguas antigamente eram pessimas: depois que tiveram a felicidade de beber d'ellas Santa Isabel, ficaram com tal virtude, que até os gados, que alli bebem, são as suas carnes de melhor sabor que os de outra parte. (1)

Ceira. Rega as villas de Goes e Cerpins, fertilisando seus campos, e enriquecendo seus moradores de grãos de ouro, que suas correntes levam.

Chança. Esta ribeira fica distante meia legua da villa de Ficalho, e divide por esta parte o nosso reino do de Castella.

Chinches. Corre ao norte da cidade de Elvas por um amenissimo valle povoado de fresquissimo arvoredo, hortas, e pomares, e repartindo os montes de Nossa Senhora da Graça e do Castello. Visto este rio da cidade, faz uma agradavel perspectiva.

Chileiros. Nasce este rio na lagôa de Malveira, lugar da freguezia de Alcainça, termo da villa de Cintra; e discorrendo pelas margens do monte Malhamartello, passa por baixo da estrada real de Mafra, onde se augmenta com os riachos Sexeira, e Pinheiro, que lhe dão forças para cortar com maior efficacia o alto monte chamado de Moncharro. Depois entra pelas terras da freguezia da Igreja nova, e passa pelos lugares de Moinhos, Granja, Lage, e Farello, onde recebe as aguas do ribeiro *Bocco* da banda do sul, e da mesma parte recolhe outro, que nasce na fonte de Danços. D'aqui vai caminhando até o moinho das Peras pardas, onde se lhe introduzem as correntes do rio Mourão, e as do Almargem do Bispo. Alli faz um salto, de cujo impulso formam as aguas um profundo poço, que está sempre provido de muito e bom peixe: e mettendo-se pela freguezia de Chileiros, e Carvoeira, vai até á igreja de Nossa Senhora do Porto occultar-se no mar. Tem este rio mais de quatro leguas de comprido, em cuja distancia fertilisa boas terras, que todas se fabricam. Da Mouxeira para baixo vai banhando deliciosas planicies cheias de muitas vinhas, que só a freguezia da Carvoeira dizima um anno por outro trezentas pipas de vinho. Criam-se n'elle muitos bordallos, mugens e fataças, que entram pela foz, quando se rompe com as cheias.

Chanchas. A ribeira, que banha a villa de Serpa.

Coa. No reino temos dois rios d'este nome: um, que corre junto de Alcobaça, e que se préza de dar nome á dita villa: outro, que nasce na serra de Xalapa, porção da da Gata, e entra em nosso reino por Folgosinho. Outros lhe dão o nascimento mais perto de Alfayates, e concordam em se metter no Douro em Villa Nova de Foscôa. Os romanos lhe chamavam *Coda*, e aos povos, por cujas terras passava, davam o nome

(1) Cardos. Diccionar. Geogr. tom. 2. pag. 613.

de cudanos e transcudanos. As aguas d'este rio são boas para fingir lãs e caldear ferro: porém pessimas para se beber, porque causam melancolia e dores de cabeça.

Cobres. Nasce esta ribeira pouco abaixo de Castro Verde, e unindo-se com o Terges, se vão incorporar ambos com o Guadiana, onde perdem o nome.

Corgo. Nasce perto da Villa Pouca, discorre pelos limites de Villa Real, e vai sepultar-se no Douro abaixo de Canellas e Poyares. Os romanos lhe chamavam *Corrugo*.

Corona. Em distancia de uma legua de Grandola corre este rio pelas raizes da serra dos Algares, e serve de linha divisoria dos termos de Grandola e Alvalade.

Coura. Corre este rio de nascente para o poente, e cerca juntamente com o Minho a villa de Caminha, e se mettem no mar ambos, formando duas barras, e a ilha Insoa.

Cris. É um rio composto de muitas ribeiras, o qual passando pela villa de Santa Comba Dão, se mette no Mondego.

Dão. Nasce na serra de Carapito pela parte do sul, ficando-lhe da parte do norte a serra da Estrella; e dando volta ao poente, vai ao castello de Penalva com furia bastante. Faz as extremas dos bispados de Viseu e Coimbra pelas terras do concelho de Besteiros, e por baixo da villa de Santa Comba Dão, a que dá o nome, se mette no Mondego.

Danços. Tem sua origem junto da igreja de Nossa Senhora da Estrella por cima da Redinha, bispado de Coimbra. Mistura-se com o Mondego.

Davino. Tem seu nascimento na serra, que fica para a parte do sul da villa de Grandola, e corre do poente para o nascente; e junto da villa, atravessa uma formosa varzea de vinhas, e muitas arvores de fructa, que fazem deliciosa vista, dando por aqui passagem sobre ponte de pedra para o Algarve e Campo de Ourique.

Degebe, ou *Odigebe*. Nasce este rio na herdade do Passo, freguezia de S. Bento do Mato do Alemtejo. Atravessam-n'o tres pontes em outros tantos braços no camiolho de Estremoz. Tem outra ponte por onde passam os que vão de Monte de Trigo, termo de Portel, para a villa do Redondo. No Verão corre pouco, e conserva a agua só em alguns pègos, ou poços, por cuja causa os mouros lhe deram o nome que tem, que na sua lingua significa fosso, ou cisterna. (1)

Deste. Nasce acima de Braga uma legua pouco mais ou menos para a parte do nascente: rega os arrebaldes de Braga: tem uma ponte de pouca fabrica, e logo adiante se ajunta com o Ave. Antigamente se chamava *Aleste*.

Diabroria. É uma lagôa, que ha no termo da villa de Grandola por

(1) Fonsec. Evor. glor. p. 89. fin.

baixo do olho de agua chamado *Borbolegão*, de que já fallamos, a qual se fórma de uma corrente de agua, que se despenha de uma altissima rocha: e sem já mais ter diminuição em tempo algum, nem se lhe achar fundo, cria muitos saſios, cirozes, e outras castas de peixes, que se pescam á cana. Chama-se esta lagôa Diabroria por causa de um moinho que alli ha, o qual moe entre dia e noite dois moios e meio de pão. (1)

Douro. Conforme as melhores informações nasce este grande rio nas montanhas de Cantabria junto á cidade de Soria, cujos povos antigamente eram chamados *Duraços*. Surte de uma portentosa lagôa, e descendo por alcantiladas penedias, discorre pelo reino de Leão, onde se lhe agregam o Pisuerga, Carrion, e Tormes. Com este augmento chega a Çamora, e d'aqui se introduz em Portugal, passando primeiro por Miranda, e Freixo. Logo desce ao Porto, e recolhe os rios Coa, Tua, Tinheiro, Barroza, Tamega, Ferreira, Sousa, e outros, até ir lançar-se no mar em S. João da Foz. É tão grande a magestade d'este rio, que, quando n'elle se introduzem as aguas dos outros, posto que opulentos, não fazem demonstração alguma na sua entrada.

Em Portugal é dos que não admittem ponte, porque sempre corre precipitado, e por isso nunca lh'a poderam fazer. Só nas Caldas abaixo de Lamego, onde chamam os Piares, estão signaes de arcos de ponte, e por não se poderem proseguir, deixaram a empreza. Fertilisa muito as terras, por onde corre, com fructos de todo o genero mui excellentes. Pescam-se n'elle grande numero de saveis, e lampreias, que na primavera saem do mar, e desovam pelo rio acima vinte leguas até S. João da Pesqueira, onde no meio está um fragoso cachão, que embaraça a passagem para diante. Em tempo de André de Resende intentou o desembargador Martinho de Figueiredo desimpedir este precipicio e fazer navegavel o Douro mais para cima: porém encontrou taes contratempos, e resistencia na inveja dos homens, mais duros, que o mesmo rochedo, que se deixou da empreza começada.

Tem fama de trazer areias de ouro, e de facto ha pessoas, que no lugar, onde o Tua entra no Douro, vão alli gandaiar, e não debalde, como affirma o grande Argote. (2) O doutor Francisco da Fonseca Henriques, fallando d'este rio, diz, que as suas aguas tem virtude deobstruente, porque passam por muita tamargueira, e assim são uteis para os opilados do baço. Tambem se affirma, que a vista das suas aguas causa melancolia e dores de cabeça.

Elja, ou *Elga*. Corre direito ao sul, e passa por entre Valverde, e Castello das Eljas. Divide por dez leguas Portugal de Castella, e se diffunde no Tejo entre Rosmaninhal, e Alcantara.

Enfesta. Pequeno ribeiro, que desagua no Minho.

(1) Corograf. Port. tom. 3. p. 336. Bluteau tom. 1. do Suplem. ao Vocab. p. 315.
(2) Argote nas Antiguidades da Chancellar. de Braga. pag. 20.

Enguias. Corre esta ribeira por um lugar do seu nome, que fica no termo da villa de Belmonte.

Enxarrama, ou *Xarrama*, nasce do ribeiro do Louredo, e se junta depois com o da Lage, perto do convento do Espinheiro de Evora. Tem sete pontes pequenas, e uma grande. A primeira da cidade para o Espinheiro: a segunda no caminho, que conduz para Villa Viçosa: a terceira na estrada para Beja: a quarta da quinta do Sande: a quinta a dos fornos da cal: a sexta a que vai para Portel: a setima do Louredo: a oitava grande e sumptuosa, que fica da parte do norte da villa do Torrão. Por ella passa quem vai para Alcacer do Sal, e para Alcaçovas, ficando no meio d'esta o grande ribeiro das Banhas. Depois finalmente que desagua na ribeira do Sado, vai com ella o Enxarrama metter-se no rio de Alcacer do Sal.

Enxurro. Corre perto da villa da Pedrneira este ribeiro, que lhe serve de grande utilidade.

Erra. Rega esta ribeira os campos de Coruche, e n'ella se mette a do Odivor.

Escura. É uma lagôa assim chamada, e mui celebre no mais aspero da serra da Estrella, que tem muitos passos de circuito, e consta de aguas tristes, e verdenegras, a que nunca se lhe achou fundo, nem cria cousa alguma. Quando o mar anda bravo, se embravece tambem a agua da lagôa, dando bramidos a modo de trovão, que se ouvem d'alli muitas leguas: d'onde querem dizer os naturaes que se communica com o mar, não obstante estar d'elle muito affastado, e serem doces as suas aguas; porque affirma João Vaseu terem se-lhe achado mastros de navio. Perto d'esta lagôa nascem os celebres rios Mondego, Zezere, e Alva.

Mons. Marvellu, que teve a curiosidade de ver, e observar o melhor d'este reino para a sua Historia natural que intentava compôr, escreve nas suas Memorias, (1) que subindo, e penetrando a altura d'esta serra, e fazendo lançar dentro da lagôa Escura um moço atado com uma corda, observara este, que tendo andado cento e cincoenta passos, sentira que as aguas puxavam fortemente por elle; d'onde se póde inferir, que as aguas, que alli formam aquelle lago, tem alguma abertura, ou voragem, por onde desagnam impetuosamente.

Esporão. Nasce na Povoa da Margem da parte do sul do concelho de Guardão, e se mette no Criz.

Fervença. Banha a cidade de Bragança.

Figueiró. A ribeira, que se diffunde pela villa de Niza, e nasce na serra de Portalegre.

Filvida. Corre pelo concelho de Sever, e faz parte da divisão dos bispados de Viseu e Coimbra

(1) Mem. instr. tom. 1. pag. 204.

Folques. É uma ribeira de Arganil, que entra no Alva.

Freixiandas. Discorre por Alvayazere.

Freixo. Atravessa este grande ribeiro a mata da Bardeira da villa do Vimieiro. Passa por entre Selmes, e Cuba, aldeias no termo de Beja. Corre sempre por penedias, de que procede criar singulares bordalos.

Fresno. Mantem, e fertilisa este rio a cidade de Miranda, a quem cerca pela parte do occidente, e onde é recebido em ponte de pedra lavrada. Ha aqui proxima uma fonte, cuja agua vem por arcos conduzida do lugar de Villarinho.

Fulros. Desagua no Minho.

Gafaria. Entra no Douro.

Garcia menino. É um celebre pego, cujas aguas enriquecem o rio Sadão, e onde se acha em todo o anno muito peixe, especialmente as nonnadas tainhas de bocca vermelha.

Germunde. Entra no Douro.

Gebe. Entra no Guadiana da parte de Portugal.

Grefões. D. Francisco Manoel cuida que é o Celando, que nós apropriamos ao Cávado. Veja-se o padre Poyares no Diccionario pag. 317.

Gegios. Faz este rio com suas aguas, que banham a freguezia do Salvador de Sabadim, comarca de Vianna, augmentar grandemente o rio Vez, com o qual se incorpora.

Guadiana. Nasce quatro leguas de Montiel em uma lagôa chamada Roidera da terra de Alhambra; e, sumindo-se junto de Argamasilha, resurge d'ali sete leguas perto de Daimiel, onde chamam os ollhos do Guadiana; e correndo do oriente para poente, entra em Estremadura. Chegando a Medalhim, muda seu curso para Meio dia até chegar uma legua antes de Merida, d'onde torna ao poente, banhando seus muros, e os do castello de Lobon, e cidade de Badajoz, a uma legua da qual, e duas da cidade de Elvas, divide os termos de ambas por uma parte, e o rio Caya por outra.

O nome proprio antigo de Guadiana foi *Ana*, derivado, conforme a opinião de alguns, de *Sic-ano*, que dizem ser rei de Hespanha: porém, segundo Samuel Bocharto, (1) é palavra Syriaca, a qual significa ovelha, porque nas margens d'este rio se apascentam grandes rebanhos d'esse gado. Os mouros lhe chamam *Guad-kana*, que quer dizer corsa, que se esconde. Entra em fim em Portugal abundante de aguas de outros menores rios, que se lhe introduzem, e perdem n'elle o nome. Continua seu curso, dividindo a antiga Betica da Lusitania, e se lança no oceano athlantico entre Ayamonte e Castro Marim.

Enobrecem-n'o tres formosas pontes, a de Merida, Badajoz, e Oli-

(1) Bochart. Geogr. Sacr. l.v. 1. cap. 33.

vença. N'esta ponte mandou el-rei D. João II edificar uma torre de tres sobrados com suas janellas, e seteiras, que defendiam a passagem do rio. Depois a mandou reedificar el-rei D. Manoel, ficando uma das mais galhardas, e formosas pontes de todo o reino por sua fortaleza, arquitectura, e fabrica, a qual assenta sobre os penhascos do rio, que n'aquella parte corre alcantilado sobre dezoito arcos, e tudo é passo importantissimo para soccorrer Ciudad Rodrigo, em que os passageiros pagavam certo direito, que já não permanece. No principio das ultimas guerras de Castella, que aconteceram o anno de 1709, a arruinaram os castelhanos. Fr. Bernardo de Brito na Geografia de Portugal, fallando das aguas d'este rio, diz, que costumam fazer negra a farinha do trigo, que com ellas se moe. Tem ellas virtude diuretica, e deobstruente, como nos diz o *Aquilegio Medicinal*.

Herdeiro. Corre este rio chegado aos muros de Guimarães. Traz sua origem da fonte do Bom-Nome, que está no Casal, que chamam d'Entre as vinhas, na freguezia de S. Pedro de Azurey. Tem uma só ponte de pedra lavrada, que chamam de Santa Luzia, mais magestosa do que convinha á pobreza das suas aguas. Vai acabar no rocio de S. Lazaro, aonde ajudando-o outro regato, vão ambos incorporar-se com o Celho no lugar do Reboto.

Homem. Tem seu berço na serra do Gerez, e no sitio chamado *Lamas de Homem*. D'alli correndo direito ao poente precipitado por entre penedias, vai engrossando com os cabedaes de outras ribeiras até se despenhar estrondosamente na Portela de Homem; d'onde voltando a corrente para o Meio dia dentro do espaço de meia legua, torna a enriquecer-se com as aguas de treze rios, com as quaes muito mais poderoso vai desembocar no rio Cávado a uma legua de Braga.

Jarda. Ribeira bem conhecida no termo de Lisboa, e na freguezia de Bellas, por onde corre.

Inha. É uma ribeira mui impetuosa, que corre de altos precipicios, e onde se criam aguias. Mette-se no Douro.

Jocete. Mette-se no Guadiana.

Isna. Divide os termos das villas da Certã e Abrantes.

Junqueira. Rio, que desagua na enseada da villa de Sines.

Lamas. A Geografia Blaviana o assigna no Alemtejo.

Lampas. Entra no Guadiana da parte de Portugal.

Lanrede. Tambem entra no Guadiana da mesma parte.

Lavandeiras. Corre pela villa de Moura, e faz um profundo fosso a um dos seus baluartes, a que dá nome, e se mette no Ardila para ir desembocar no Guadiana.

Leça. Principia doze leguas acima da foz do Douro. Outros lhe descobrem a origem no monte Corva, e concordam em que elle depois de discorrer pelo termo da cidade do Porto, se vai lançar no mar em Matozinhos, fazendo apraziveis os campos, por onde passa. D'este rio to-

mou nome o mosteiro de Leça, da Ordem de S. João de Malta, e foi mui celebrado na lyra do insigne Sá de Miranda. Ha n'elle tres pontes de pedra boas, e grandes, em Matozinhos, no mosteiro de Leça, e em Alfena. Alguns authores equivocam este rio com o Celando, especialmente Manoel de Faria, e ainda com o Lethes, chegando a dizer não só na Europa Portugueza tom. 3. pag. 3. cap. 7. mas na Fonte de Aganippe part. 2. Poema 8.

El Leça, que por hondo, y fresco valle
Corriendo con sociego grave, y blando
Occupa angosta, y tortuosa calle
Con los nombres de Lethes, y Celando;
Pero si del olvido se appellida,
Quien una vez le ve, ja mais le olvida.

Equivocação, em que tambem caiu Resende, como bem notam João Salgado de Araujo, e o incansavel academico D. Jeronymo Contador de Argote na Geografia de Braga.

Lena. Nasce perto da villa de Porto de Mós, e caminhando até Leiria se incorpora com o Lis, e ambos se vão esconder no oceano.

Lima. É rio de grande fama. Nasce nas Asturias, conforme Estrabo, vem por Galiza passar a Portugal pela ponte da Barca, e Ponte de Lima até ir fazer foz propria em Vianna. Pescam-se n'elle, alem de outros peixes, os grandes salmões, e solhos. Fr. Bernardo de Brito (1) deduz o nome d'este rio da terra, onde nasce, que é *Limia* em Galiza, a qual se chama assim por causa dos muitos lamarões, e lagôas, que tem, chamadas em grego *Lymnas*, e em latim *Lymum*, d'onde se derivou o *Lima* em portuguez.

Pomponio Mella, e Hermolão Barbaro dizem, que se chamou *Belion*, e depois *Lethes*. Assim cantou o mellifluo Bernardes na Eglog. 7.

Junto do Lima claro, e fresco rio,
Que Lethes se chamou antigamente.

A causa d'este nome *Lethes*, que significa esquecimento, foi pela sabida desavença, que entre si tiveram os celtas, e os turdulos nas passagens das suas margens, chegando a alterar-se em fórma, que mataram seu general, de cujo delicto envergonhada a gente, determinaram logo ausentar-se, impondo ao rio um nome de esquecimento, para que ficasse desvanecida, e sepultada a memoria de semelhante insulto.

Assim permaneceu este nome expressivo do successo, e proprio ao idioma dos turdulos. Vieram depois os gregos, e os latinos, e perdida

(1) Brito Monarq. Lusitan. liv. 2. cap. 4.

já a noticia do vocabulo, mas não do acontecimento, que por tradição perseverava, se contentaram de lhe chamar rio *Lethes*. De tudo vimos a concluir contra a persuasão vulgar, que ainda que o nosso rio *Lima* fosse em algum tempo chamado *Lethes*, nem por isso tem dependencia com o Lethes fabuloso dos antigos, de que fallam os authores abaixo; (1) porque este nome *Lethes* se acha imposto a outros rios illustres, como diz Claudiano: (2) e todos os rios, que tem adquirido semilhante nome, é porque houve n'elles motivos, ainda que incognitos, de especial esquecimento, e taes são os que signala Estrabo (3) em Macedonia, e em Candia, sem que por este principio haja dependencia, que faça perverter o certo com o fabuloso.

Porem, se nos argumentarem com o caso dos Romanos referido por Lucio Floro, (4) que chegando ás praias d'este rio, repugnaram atravessal-o, crendo que se esqueceriam das suas patrias, porque estavam persuadidos era elle o verdadeiro *Lethes;* respondemos, que este conceito era futil e aereo: pois Junio Bruto, Proconsul, que os governava, para lhes offuscar o panico terror, que os surprendia, passou-se da outra parte do Lima, e de lá recitou muitas cousas particulares de Roma, para que vissem ser falso que aquelle rio fazia esquecer, pois elle atravessando-o, se lembrara do seu paiz, e dos successos anteriores: e, como adverte Adão Ruperto, commentando Lucio Floro, toda aquella repugnancia dos soldados nasceu da infamia do nome, que lhes offerecia o rio, e não de causa, que n'elle houvesse para produzir o esquecimento: no que tambem se conforma Isacio Vossio, commentando a Mella pag. 229 contra cujo parecer, mas sem fundamento, está o famoso Carammel, que no prologo do seu *Filippe Prudente*, fallando do Lima, attribue ás suas aguas serem nocivas á memoria, e que d'aqui se occasionara a fabula. O certo é, que este rio corre com tal brandura, que não só parece que corre esquecido de correr, mas que faz esquecer os olhos, que o vem, de que o vissem correr alguma hora, como galantemente disse D. Francisco Manoel em uma das suas cartas, e o imitou nosso insigne Botelho, e o padre Reis. (5)

Liria. È ribeira de Castello Branco.

Lis Nasce no termo de Leiria no lugar das Côrtes, que fica uma legua distante da cidade. Rodeia-lhe o castello, e deixando a cidade, e o castello á mão esquerda, vai dobrando contra o norte, onde estão os arrebaldes da cidade, até se ajuntar com o rio Lena.

Lixosa. Nasce esta ribeira na serra de S. Mamede, d'onde vem circulando pelo espaço de uma legua ametade dos pomares de Portalegre, fazendo trabalhar os seus moinhos, e lagares. Toma o nome de Lixosa,

(1) Virgil. liv. 7. Æneid. Silio Italico liv. 1. Lactancio Firmiano lib. 7. c. 22. de Div. Instit. et alii. (2) Claudian. liv. 2. de Raptu Proserpinae v. 218. (3) Strab. lib. 10. e 14. (4) Lucio Flor. liv. 2. cap. 17. (5) Botelh. no 7. do Alfonso est. 31. Reys em a Nota 121. da Epistol. ad Jametem.

porque passa por uma quinta assim chamada. D'ahi a duas leguas entra pelo Crato, onde tem ponte de nove arcos, e se lhe ajuntam os ribeiros de Linhares, e Nocanal. No fim de quatro leguas passa pela villa de Seda, onde toma este nome; e caminhando tres leguas se incorpora com as ribeiras da Fronteira, e Sarrazola para entrar em Aviz mais opulento. Todas estas correntes quando chegam a cerca dos Freires, fazem um grande pégo, a que chamam do Barco, e d'ahi por diante fica sendo uma só ribeira com o nome de Aviz. Finalmente entra no Tejo com o nome de Sorraya depois de ter enriquecido as suas margens com abundancia de peixes, especialmente de saveis, que no mez de Maio se matam a espada.

Lobos. Ribeira, que nasce na serra do lugar de Bornes, termo de Bragança; e tendo caminhado tres leguas, entra no rio Tua junto a Mirandella.

Lousão. É uma ribeira no termo da villa de Thomar da parte do Meio dia, que rega uma formosa e amena planicie.

Lucia. É um pequeno regato, que passa pelo meio da villa de Amarante

Lucefece. Nasce na serra d'Ossa, e correndo junto da villa de Terena da parte do norte, fertilisando o Alandroal, e Redondo, se vai metter no Guadiana.

Mação. Nasce perto da serra chamada Teixeira, e entra no Douro.

Marateca. É uma das grandes ribeiras do Alemtejo, não muito longe da Aguilva. Por ella se passa para a Moita.

Marcalrin. Serve esta ribeira de separar os termos de villa Alva, e de villa de Frades. Por outra parte divide os limites de Beja dos de vila Ruiva, e Alvito: mette-se no de Odivellas, que vai parar ao Sado.

Marel. Discorre pelo lado meridional da villa de Vouga

Mendo-Marques. No termo de Arrayolos, e no sitio da freguezia de S. Gregorio corre esta ribeira.

Mente, ou *Rabagal*. É rio, que nasce perto de Pentes, lugar de Galliza, e rega o termo da villa de Mondoiro, d'onde caminha para o Tua, no qual se mergulha junto ao lugar de Cholas em Mirandella, depois de caminhar doze leguas. Pescam-se nelle boas trutas.

Merce. É uma ribeira, que nasce junto do lugar de Val de Prados, termo de Bragança; e correndo perto da villa de Cortiços, passa por uma ponte de dois arcos, para se ir incorporar com o Tua.

Minho. Para diante do Lima tres leguas ao norte corre o Minho quasi tão opulento como o Douro. Estrabo lhe dá o nome de *Benis*. Nasce perto da cidade de Lugo, e caminhando o espaço de trinta e seis leguas, rega em Portugal as villas de Melgaço, Monção, Valença, Cerveira, e vem fenecer no mar entre a cidade de Tuy, e a villa de Caminha. Dizem que o chamar-se Minho é por causa da côr, que as suas aguas recebem do limo, que traz um pouco a vermelho: outros o attribuem ao verme-

lhão, que nasce n'elle, porem João Salgado na Hydrografia d'este rio diz, que se deriva da fonte Minhão, onde nasce, quatro leguas ao norte de Lugo. Fallam d'este rio os authores abaixo allegados. (1)

Mondego. Tem sua origem na serra da Estrella; e discorrendo pela cidade de Coimbra, lhe communicam suas aguas fecundidade, e recreio nos campos, e nos bosques; e depois de banhar todo o terreno, e passar pela famosa, e formosa ponte, vai concluir seu curso, e formar o porto de Buarcos. Da serenidade do seu progresso se lembrou Camões, quando cantou: (2)

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param.

Falla o poeta de quando elle corre no tempo do estio: porque no inverno se precipita furioso, causando muitos estragos e ruinas; d'onde Vasco Mousinho veio a dizer: (3)

Mondego no verão sereno e brando,
Turvo no inverno, bravo, e dissoluto.
Té lá onde na foz, que vai buscando,
Paga de suas aguas o tributo. (4)

Montijo. É rio da villa de Aldeia Gallega. Nasce em um bom porto, uma legua antes que se sepulte no mar: é mui espaçoso e navegavel quasi com todo o vento: com baixamar espraia, mas nem por isso (se fôr preciso) deixarão a toda a hora de receber os seus canaes com segurança as embarcações, que vão de Lisboa.

Mos. É uma pequena ribeira, que corre perto da villa de Mós. Caminha quatro leguas antes de se metter no Douro: um quarto de legua affastado da villa tem ponte de tres arcos.

Murtigão. Ribeira, que passa junto ao convento da Tomina.

Nabão, antigamente chamado *Nava de Juncoso.* (5) Corre este venturoso rio pela villa de Thomar; e damos lhe o nome de venturoso, não só porque deu fama, e nome á insigne cidade de Nabancia, que esteve aqui fundada, e foi regada com suas aguas, mas porque ellas tiveram a sagrada prerogativa de conduzirem até Santarem o bemaventurado cor-

(1) Plinio lib. 33. cap. 7. Vitruvio liv. 7. cap. 9. Strab. lib. 3. Pompon. Mella lib. 3. cap. 1. Bochart. tom. 2. pag. 626. Nicol. de Santa Maria na Chronic. dos Conig. Bugrant. liv. 6. cap. 1. Maced. Poema Olisip. cant. 2. est. 80. João Salgad. nos Successos Militar. p. 40. D. Francisco Xavier da Garma no Theatro de Hespanh. tom. 1. p. 76. Argot. Mem. de Brag. pag. 105. e nas Antiguid. da Chancel. de Brag. pag. 32. e outros, que deixo de allegar. (2) Cam. cant. 4. (3) Mousinh. cant. 3. est. 38. do African. (4) Veja-se a Monarq. Lusitan. pag. 4. liv. 4. cap. 18. João Salgad. Success. Milit. p. 106. Corograf. Portug. tom. 2. pag. 2. (5) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 27.

po da gloriosa Santa Iria, que junto d'ellas martyrisou o cruel Banho, por ordem de Britaldo, filho do governador de Nabancia; d'onde fr. João Felix disse: (1)

Præcipitat Nuban, Irenes Virginis olim,
Qui sacra mærenti corpora vexit aqua.

Nasce elle na fonte do Agroal junto da foz da ribeira das Pias; e entrando com arrogancia pela villa dentro de Thomar, e pela ponte da Granja, sae por outra, que fica para o sul, chamada das Ferrarias; e engrossado com outros riachos, se occulta no Zezere para entrarem ambos no Tejo junto á villa de Punhete.

Neira. Este rio sae das montanhas de Avoim, e vem fertilisando os campos da Ponte da Barca, e Ponte de Lima: e depois de se sujeitar a quatro pontes, entra no mar oceano pela foz, que não dista muito de Vianna. Duarte Nunes diz, (2) que este rio se mette no Cávado, para ambos entrarem no mar entre Fão e Esposende; porem outros (3) emendam esta equivocação com a noticia mais certa, que temos expendido; porque as duas povoações de Fão e Esposende ficam para a parte do norte muito mais adiante, d'onde o rio desemboca.

Niza. Cerca por um lado a villa de seu nome, e nasce na serra de Portalegre.

Noeime. Nasce junto da Guarda com dois braços: um d'elles na fonte Dorna, que corre ao Poente, vira para o norte, e depois continúa ao nascente; o outro principia no lugar de Porcas pela parte do sul, e se mette no rio Coa por baixo da Miuzella: é a informação, que nos dá João Salgado de Araujo pag. 108.

Obidos. No termo d'esta villa está a celebre lagôa, que tem de norte a sul uma legua de comprido, de nascente a poente tres quartos de legua, de sorte que faz a fórma de uma cruz com os braços de mar que umas vezes se lhe communica, e outras não. Serve de pé a esta cruz a barra a que chamam foz, a qual com os ventos nortes se entupe tanto de areia, que divide o mar da mesma lagôa. N'ella entram tres rios, dois pelo sul, e um pelo nascente: os dois são os que passam pelo arrabalde de Obidos, e pelo lugar da Amoreira, onde chamam Aboboriz: o terceiro vem das Caldas.

Quando esta lagôa está communicavel com o mar, é fertil de toda a qualidade de peixe; pescando-se n'ella muitas douradas, robalos, solhos, tainhas, safios; e até excellente marisco, de ostras, amejoas, berbigões, e admiraveis camarões; de cuja fertilidade se utilisam as duas villas de Obidos, e Caldas, e mais terras circumvisinhas; tomando to-

(1) Fr. João Fel. na Isagoge pag. 35. (2) Duart. Nun. Descripç. de Port. (3) Araujo Success. Milit. liv. 1. cap. 1. Benedictin. Lusit. tom. 2. p. 109.

dos o deleitavel divertimento de fazerem alli repetidos lanços; e juntando-se ás vezes na lagôa mais de vinte bateiras para esse effeito.

No sitio, a que chamam da Cabana, memoravel não só pela ermida da Senhora do Bom Successo, de muita devoção: mas pelo ameno e delicioso do lugar povoado de grande arvoredo, o senhor rei D. João IV teve o gosto de jantar alli, como consta de um padrão aberto em lamina de pedra, que diz: *O serenissimo, e feliz restaurador d'este reino el-rei D. João IV jantou n'esta cabana a 14 de Setembro de* 1645 *foi feita.* Em outro padrão está outro letreiro, que diz assim: *O magnanimo monarcha D. João V e os serenissimos infantes D. Antonio e D. Manoel jantaram n'esta cabana a 14 de Abril de* 1714.

Acha-se no meio d'este bosque uma mesa de pedra lavrada, simplesmente inteiriça, que tem duas varas e meia de comprido, e vara e meia de largo: por ambos os lados ha dois bancos tambem de pedra do mesmo comprimento, e nas cabeceiras outros dois. Defronte da mesa corre uma fonte de cinco bicas de agua perenne, que faz o lugar mais aprazivel. Aqui se divertiram na caça dos galeirões, e adens em outubro de 1764 o fidelissimo D. Joseph I. com a rainha nossa senhora, o serenissimo infante D. Pedro, a serenissima princeza, e mais pessoas reaes com a maior parte da côrte.

Ocreza. É uma ribeira, que corre junto da villa de Sarzedas.

Odemira. Banha Villa Nova de Mil fontes no Algarve, e a pouco espaço se mette no mar.

Odiège. Fórma-se de duas ribeiras nas freguezias de S. Brissos, termo de Montemór o Novo, e de S. Sebastião da Gesteira, termo de Evora. Tem ponte, e passada ella, se vê no alto de um oiteiro da parte do sul a milagrosa fonte da Senhora da Esperança das Alcaçovas, de que fallam o *Santuario Mariano tom.* 6, *pag.* 320, e o *Diccionario Geografico* de Cardoso *tom.* 1, *pag.* 143.

Odivellas. Nasce na serra de Portel, e vai regar a villa de Alvito. Tem duas pontes, uma da banda do sul no caminho que faz o correio d'esta villa para Beja: d'onde dista cinco leguas: outra em villa Ruiva na estrada por onde se vai d'esta villa para Evora: esta ponte foi fabrica dos romanos, por ser transito da via militar de Evora para Beja. Para diante da Aldeia de Alfundão separa o termo de Beja do Torrão, e incorporado com a ribeira do Marcabrou, vai morrer ao Sado.

Odivor. Fertilisa pela parte do norte os campos da villa das Aguias; e discorrendo pelo termo de Arrayolos, tem na freguezia de Santa Anna duas pontes, e dá movimento a sete moinhos. Esta ribeira é a mesma que a de Arrayolos.

Oliveuça. Passa esta ribeira pelo termo da villa de seu nome. Alguns dizem, que nasce nas serras de Salvaterra, outros na de Salva Leon: mas sempre concluem, que tem sua origem em Castella, cujas correntes fazem apartar aquelle reino do nosso: mette-se no Guadiana.

Olho de Pedralva. É uma pequena ribeira, que nasce de uma fonte no lugar de Pedralva, termo da villa de S. Lourenço do Bairro, bispado de Coimbra.

Orãos. É um dos rios, que banham a villa de Soure, e vem da villa de Pombal para se metter no Mondego.

Paiva. Nasce este rio em o sitio de Nossa Senhora da Lapa; e chegando á freguezia de S. Martinho do Gafanhão, divide o bispado de Lamego do de Viseu: depois correndo até o castello de Paiva, perde o nome entrando no Douro cançado de ter andado doze leguas. Escreve d'elle Jorge Cardoso, (1) d'onde tirou o que diz a Corografia Portugueza. (2)

Palhas. É um rio, que corre por Villar Maior, conforme vemos no mappa de João Bautista Lavanha.

Paul. Rio, que entra no Zezere.

Pega. Ribeira, que corre perto da villa de Pinhel, e desagua no Coa.

Pedonde. Nasce em Arouca abundante de gostosas lampreias, e acaba no Douro.

Pera. É rio menor que o Zezere, onde se embebe; cerca a villa de Pedrogão, e utilisa a de Figueiró com a copia de seu peixe. D'este rio se lembra Camões. (3)

Pera-manca. Tem seu nascimento nas vinhas de Evora, e corre junto da cerca dos Capuchos de Valverde, e se mette no Odiege depois de passar por uma ponte.

Pernes. Esta famosa ribeira deu o nome, ou o tomou do lugar, que fica no termo de Alcanede: é abundante de agua, e assim a communica por muitos moinhos, que anima, e a muitas hortas, e pomares, que fertilisa. A agua da levada, que corre mais junto da ponte, dizem, que por intercessão de um bispo, que por alli passára, lhe infundiu virtude para sarar toda a casta de chagas. Cria bom peixe, e desagua no Tejo.

Pias. Dá esta fertilissima ribeira nome a uma villa, e nasce em um lago junto da ermida de S. Marcos dentro da quinta chamada da Figueira, de uns formosos olhos de agua: e costeando a serra de Monchique, se mette no Nabão, fertilisando em tal fórma as terras, por onde corre, que lhes faz duplicar dentro de um anno todo o genero de fructos.

Piodão. Corta pelo meio o concelho de Vide de Foz de Piodão, e entra no Alva.

Pipa. Rega pela parte do norte a villa da Arruda.

Pisco. Pela parte do oriente da villa de Langroiva corre este rio, que fertilisa seus campos de pão, azeite, e fructas.

Ponsul. De tal fórma cerca a villa de Idanha a velha, que a reduz a peninsula. Em distancia de uma legua para o nascente de Castello Branco tem ponte.

1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3 p. 373. 2) Costa, Corograf. Portug. tom. 3. p. 230. 3) Cam. canç. 12 est. 2.

Pontega. Passa pelas freguezias de S. Gregorio, e Nossa Senhora da Consolação, termo de Arrayolos, e se mette no Odivor.

Quarteira. Este rio é do Algarve, e corre junto a Faro.

Rabaçal. É o mesmo que o rio *Mente.*

Ramalhoso. Ribeiro, que passa pela villa de S. Vicente, e seu termo.

Regalvo. Desagua na enseada da villa de Sines.

Rezes. Ribeira do termo do Sardoal.

Riba-Pinhel. Nasce perto da igreja de Nossa Senhora da Lagôa: começa sua corrente pelo termo da Guarda encaminhado ao sul: passa ao termo de Jarmelo direito ao nascente, e torna a voltar para o norte por entre Jarmejo, e Castello Mendo. Vai á ponte de Pinhel, e uma legua adiante entra no Côa.

Ribeira de Freixas. É um pequeno rio, que corre meia legua distante da villa de Tramoôso.

Ribeira dos Gallegos. Corre pelo termo da villa de Vinhaes, e junto da freguezia de Santa Cecilia dos Casares, onde se pescam muitas, e boas trutas.

Ribeira da Murta. No termo de Alvayazere discorre esta ribeira pela freguezia de S. Pedro do Rego, e divide este termo do da villa das Pias.

Rio das Maçãs. É uma ribeira, que corre junto á villa de Collares.

Rio Mourinho. Passa pelo termo de Montemór o Novo, e por junto do convento dos religiosos paulistas, que os provê de grandes pardellas.

Rio Tinto. Corre uma legua distante do Porto. Chama-se tinto, porque, quando foi a geral destruição de Hespanha, mataram os cidadãos do Porto tantos mouros, que o sangue chegou a tingir a agua. (1) Mette-se no Douro.

S. Romão. Nasce na freguezia de S. Martinho das Amoreiras, termo de Ourique. Corre pelas villas de Alvalade, Garvão, e termo de Panoyas, até desaguar no porto d'elRei, termo da villa de Alcacer do Sal.

Sabor. Nasce por cima do lugar de Rabal, que fica na raia de Galiza, mas é termo de Bragança, d'onde dista duas leguas. Discorre sempre por altas, e alcantiladas penedias, até chegar aos confins da villa de Castro Vicente: e, depois de ter andado dezaseis leguas, e obedecer a cinco pontes, algumas de cantaria, e de perfeita architectura, com orgulho desagua no Douro.

Sacavem. Este rio, que discorre pelo lugar de seu nome duas leguas distante de Lisboa, desemboca no Tejo, e faz uma profundissima foz, na qual podem entrar os maiores navios d'este porto; e ficando

(1) Benedictin. Lusit. tom. 2. p. 256.

quasi ao norte da cidade, volta contra o noroeste, navegando-se até a Mealhada, e da sua ribeira se levantam uns montes, que a cultura tem feito aprazíveis, os quaes se vão estendendo com uma larga volta contra o poente, levando sempre ao pé um fundo valle aberto por muitas partes com regatos, que por elle correm. Por ordem d'elrei D. João V se reformou a barca da passagem d'este rio pela admiravel idéa do nosso insigne maquinista Bento de Moura, com grande commodidade para os passageiros.

Sadão, ou *Sado*. O nascimento d'este rio foi ignorado por Duarte Nunes na Descripção de Portugal; porém João Salgado de Araujo diz, que nasce nas faldas da serra de Monchique junto á villa de Almodovar, e passando por Ourique, recebe as ribeiras de Aivados, Gracido, Ferrarias, Campilhas, Figueira, Boxo, e Garcia menino, onde faz um grande lago, e mais para diante outro, que chamam de Santa Margarida, até que copioso vai acabar em Setubal. André de Resende ignorando lhe tambem o principio, e dando-lhe o nome de Callipode, que o tiron de Ptolomeu, diz que depois de se ajuntarem as torrentes do Enxarrama, Santa Detença, e Odivellas acima de Porto de Rei, é que se começa a chamar Sado: nome que usurpa pela demora que faz no esteiro de Alcacere, antigamente Salacia; e por não viver muito tempo soberbo, e desvanecido com tanto roubo, morre d'ahi a pouco em Setubal, formando-lhe uma grande foz, e bahia. É navegavel este rio por doze leguas até Porto de Rey; e as terras por onde passa, adornadas de muitas fontes, e arvoredos, ficam ferteis, e cheias de nata para corresponderem abundantes na breve producção dos seus fructos.

Safrus. Corre em distancia de meia legua da villa de Ferreira, e a provê de bordallos tão bons, que se mandam dar aos doentes.

Sarmenha. É uma ribeira, que dista do rio Douro duas leguas, e nasce nas raizes da serra do Marão.

Sarrazola. Caudalosa ribeira, que banha Benavilla, uma legua distante de Aviz.

Seda. Nasce esta ribeira nas serras de Portalegre, e rega a villa, a que dá o nome.

Sertima Rio, que corre pelo termo da villa de S. Lourenço do Bairro, e que se augmenta com muitos ribeiros, que fertilisam o mesmo termo

Sequa. Divide, ou corta pelo meio a cidade de Tavira, o qual nascendo do sertão, faz este transito por uma boa ponte de sete arcos.

Sever, ou *Severa*. Tem sua origem na serra de S Mamede no Alemtejo, e com as fontes, que se despenham das serras de S. Braz, e Portalegre, se faz copioso. D'esta sorte correndo pela villa de Ongnela, paga seu tributo ao Tejo junto a villa Velha, onde se pescam as mais excellentes trutas. O padre Poyares no Diccionario Geografico lhe dá o fim no Guadiana á vista de Badajoz.

Silveira. Pequena ribeira, que se despenha da serra d'Ossa da banda do sul.

Sizandro. Principia a descubrir-se na Sapataria de uma fonte chamada Sizandro, e vem cercar Torres Vedras, que para maior commodidade se atravessa com cinco pontes.

Sobrena. É uma ribeira do Alemtejo, que nasce entre Vianna, e Villa Nova da Baronia, a qual, regando os seus pomares, se mette em Odivellas.

Sorraya. É uma ribeira, que pela parte do sul banha a villa de Erra.

Sor. É uma caudalosa ribeira, que banha a villa da Ponte de Sor pela banda do oriente, e se mette no Tejo ao pé de Coruche. Os romanos fundarani aqui uma grandissima ponte, para por ella fazerem a estrada de Santarem para Merida.

Sordo. Na freguezia de Santa Eulalia da Comieira do concelho de Penaguião corre este rio da parte do norte; e passando pelo lugar de Relvas, se vai esconder no Corgo.

Sozeis. Dista esta ribeira duas leguas de Evora no caminho de Beja, e se recolhe no Enxarrama.

Sousa. Nasce junto á igreja de Moura entre o mosteiro de Pombeiro, e o de Cramos; e d'aqui descendo a fertilisar todas as terras, a que vai dando nome por espaço de oito leguas, vai acabar no Douro defronte do lugar de Arnelas, duas leguas acima do Porto.

Soberbo. Deixou este rio de ser Tavora por ser Soberbo, depois que o ultimo marquez d'aquelle titulo Francisco de Assis padeceu no caes de Belem a 13 de Janeiro de 1759 a injuriosa morte pela conjuração, em que entrou contra o fidelissimo D. Joseph I. E. porque não corresse mais com o nome de Tavora, cujo appellido recebia, tanto que fazia alto na venda do Cepo, d'aquelle dia por diante se mandou chamar o rio Soberbo. Origina-se elle de uma fonte chamada de João Durão, perto de Trancoso, e do mosteiro de S. Francisco. Augmentado com outros pequenos rios alcança nome: e caminhando para o norte até a ponte do Abbade, divide os dois bispados de Viseu, e Lamego. Avista Sernancelhe, e o mosteiro da Ribeira, que é de Freiras de Santa Clara, e com ponte de madeira se vai indo direito nornordeste ao Villar, e por ponte de pedra se diffunde a Fonte Arcada: e voltando outra vez para o norte, marcha por entre Paredes, e castello de Cabriz até descer ao mosteiro de S. Pedro das Aguias. Estende-se a Espinhosa, e vai buscar sua ponte de pedra, onde é chamado o poço do fumo. Visita a villa de Tavora, e o lugar de Taboaço, e d'aqui caminha para o Douro. (1)

Sul. Rega a villa de S. Pedro do Sul, a que deu nome, e consen-

(1) João Salgad Success. Milit. p. 108. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2.°p. 714. Santuar. Marian. tom. 3. p. 172.

te vadear-se com duas pontes de pedra, que mandou fazer o infante D. Luiz, que foi senhor do concelho de Lafões.

Tamega. É dos principaes rios do reino. Nasce em Galiza junto da serra do Larouco na fonte, a que chamam Tamega, de que herdou o nome. Atravessa grande parte do Minho de norte a sul, até que entra pela villa de Chaves por uma excellente ponte feita pelos naturaes da villa, em tempo, que governava o imperador Trajano, como consta do letreiro, que se lê esculpido em um pilar d'ella, o qual transcreve Grutero, e Argote, (1) e vem a ser:

IMP. CÆS. NERVÆ.
TRAJANO. AUG. GER.
DACICO. PONT. MAX.
TRIB. POT. COS. V. P. P.
AQUIFLAVIENSES
PONTEM LAPIDEUM.
D. S. F. C.

Quer dizer: *Imperatori Cæsari Nervæ Trajano Augusto Germanico Dacico Pontifici Maximo Tribunitiæ Potestatis Consuli quinto Patri Patriæ Aquiflavienses Pontem lapideum de suo fieri curarunt.*

O doutor João de Barras infere, que esta ponte devia ser feita antecedentemente de madeira, porque a inscripção diz: *Pontem lapideum*; e, como aquella estrada era mui frequentada dos romanos para Braga, mandaram fabrical-a de pedra. O certo é, que esta ponte tem já dezaseis seculos de duração, e é toda de cantaria mui forte com noventa e tres passos de comprido, vinte e seis de largo, e trinta e dois de alto.

Passa este rio pela villa de Canavezes, e de Amarante, onde tem outra ponte feita, e ordenada pelo glorioso S. Gonçalo. Chegando em fim á villa de Entre ambos os rios, se mette no Douro, seis leguas pouco mais, ou menos acima do Porto; e duas leguas para baixo de Amarante ha outra ponte de cantaria nobre sobre o mesmo rio, á qual chamam de Canavezes, que mandou fazer a rainha D. Mafalda, filha d'elrei D. Sancho I. Tem mais a ponte de Cavez mui alta com cinco arcos. Chama-se de Cavez, porque o architecto que a fabricou, assim se chamava. Consta de um monumento, onde jaz o seu corpo, que é no fim da ponte, em que se lem as lettras da Era, em que se acabou de fazer, que foi pelos annos de Christo 1226. Ha mais a ponte de Mondim, que parece mais moderna do que as outras; e, porque o rio é n'esta parte fundo, se vai damnificando pouco a pouco.

No anno de 1109 aconteceu n este rio um admiravel prodigio, que

(1) Gruter. p. 162. n. 1. Argot. nas Antig. da Chancel. de Brag. p. 108. e João de Barr. na Descrip. do Minho.

referem a Monarquia, e a Benedictina Lusitana, (1) e foi dividirom-se suas aguas pelo mez de Dezembro para darem passagem ao sagrado corpo do glorioso S. Giraldo, e a toda a mais gente, que o acompanhava, quando lhe foram dar sepultura na cidade de Braga.

Taveiró. É ribeira, que banha as villas da Bemposta da Beira, e de Castello Novo, e entra no Ponsul.

Tedo. Nasce em Caria, onde chamam Granja do Tedo. Recebe o ribeiro de Leomil, avista a villa de Nagoza, e vai ao Douro por baixo de Santo Adrião.

Teja. Provê esta ribeira de peixe a villa de Nomão.

Tejo. Entre escriptores gregos, e latinos foi sempre mui celebrado o Tejo, e por isso alguns lhes dão a primazia entre os mais rios do reino. Nasce nas serras de Molina, junto da cidade de Cuenca: outros o fazem natural de Mancha de Aragão: outros das serras de Albarracim; e discorrendo pelo reino de Castella a nova, e provincia da Estremadura castelhana, rega os povos de Zurita, Aranjuez, Toledo, Talavera de la Reyna, Almaraz, e Alcantara, em cujo progresso recebe as correntes de muitos rios, principalmente o Henares, Xarrama, Mançanares, e Guadarrama: e com cento e vinte legoas de jornada vem por Santarem descançar em Lisboa, fazendo na melhor cidade o melhor porto do mundo: e, se a vulgar fama dos antigos, que lhe attribuia areias de ouro, (2) nos serve sómente hoje de admiração, e não de experiencia, fica semelhante falta bem supprida com os avanços das copiosas riquezas, que todos os annos lhe estão entrando pela sua famosa barra nas opulentas frotas do Brasil.

E quando nem isso fôra, bastava para estimação e riqueza, encerrar em si o preciosissimo thesouro do glorioso corpo de Santa Iria, sepultado debaixo de suas aguas defronte de Santarem. Duas vezes foi visto milagrosamente: a primeira, quando o tio da santa, chamado Celio, com a maior parte do povo de Nabancia, assim ecclesiasticos, como seculares, o foram ver por permissão de Deus, fazendo com que se separassem as aguas, e Celio chegou a abrir o sepulchro, e tirar da santa parte de seus cabellos, e pedaços da tunica: a segunda no anno 1324 pela rainha Santa Isabel, e elrei D. Diniz, em cuja occasião se abriram tambem as aguas para dar passagem á santa rainha, e tempo a se fazer um padrão de pedra, que indica o sitio do sepulchro, (3) que o senado de Santarem mandou aperfeiçoar no anno de 1644. Do Tejo escrevem os authores abaixo allegados. (4)

(1) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 8 cap. 25. Benedictin. Lusit. tom. 2. pag. 299.
(2) Catul. Juven. Estaço, Ovid. e outros apud Macedo nas Flor. de Hesp. cap. 1. excel. 2. (3) Vasconcell. Histor. de Santar. part. 1. liv. 2. cap. 23. (4) Plin. liv. 4 cap. 22. e lib. 33. cap. 3. Mela lib. 3. cap. 1. Ludovic. Nun. Hispan. illustrat. tom. 3. cap. 35. Rodrig. dos Santos Histor. Hispan. part. 1. cap. 3. Resend. lib. 2. de Antiquit. Vasconcel. Descr. Lusitan. p. 407. Duart. Nun. Descr. de Port. p. 33. Nicolau de Oliveir. Grand. de Lisb. p. 21. João Salgad. Success. Mil. t. p. 175. D. Francisc. Xavier de Carma no Theatr. de Hesp. tom. 1. p. 68. e outros muitos.

Temitólas. Nasce em Lumiares, e pela villa de Armamar se vai direito ao Douro.

Tera. Tem seu nascimento na serra d'Ossa n'aquella parte, que olha para Estremoz, e corre junto da villa de Pavia: tem ponte, por onde se vai para Aviz, e paga seu tributo ao Guadiana.

Terena. Esta ribeira é a mesma que a Lucéfece: dá nome a uma villa, e mette-se no Guadiana.

Tinhella. Nas serras de Carrezedo de Monte Negro, termo da villa de Chaves, tem este rio o seu berço. Fertilisa a villa de Murça de Panoya, e depois de caminhar oito leguas vai desaguar no Tua.

Tourões. Esta ribeira nasce perto do lugar de S. Pedro do Rio Seco, termo da villa de Almeida; e vindo separando o reino de Leão, entra no Agueda abaixo de Escarigo.

Trancão. É uma ribeira no termo de Lisboa, que passando pelo Milharado, Sapataria, e Bussellas, vem regar, e fertilisar a grande quinta dos conegos regulares de S. Vicente acima do Tojal, entrando-lhe pelo meio d'ella; e correndo por penedias furioso no tempo de inverno vai buscar Unhos para morrer no Tejo; fazendo primeiro trabalhar muitas azenhas, e lagares com as suas correntes precipitadas.

Trogalha. Corre entre Sarzedas, e Castello Branco, e entra no Tejo.

Trovella. Fertilisa os coutos de Correlhã, e o da Feitosa pouco distante de Ponte de Lima.

Tua. Nasce em Galiza proximo ao lugar de Pias: corre por Mirandella, onde é recebido em ponte de dezanove arcos de cantaria; e fertilisando muitas terras, vai fenecer no Douro no porto de Foz-Tua.

Vade. Fertilisa com saborosas trutas o termo da villa da Ponte da Barca.

Val de Abrahão. Pequena ribeira, que nasce, e desce da serra d'Ossa da parte do sul.

Val de lobos. Ribeira, que passa por um lugar da freguezia de Bellas, e faz animar muitas azenhas, e fertilisar muitos pomares.

Valdouro. Corre esta ribeira uma legua distante da villa de Ferreira, e a enriquece de grandes bordalos, e pardellhas.

Valla. Discorre junto da villa de Mayorga, e com prejuiso de um formoso campo, que pelo inverno padece suas inundações.

Varche. Meia legua distante da cidade de Elvas corre este ribeiro pelo valle de seu mesmo nome.

Varzeas. Faz dividir Melgaço de Galiza pela parte do oriente, e desagua no Minho.

Vascão. Corre por Alcoutim, e entra no Guadiana, separando o reino do Algarve de Campo de Ourique.

Vez. Banha este rio primeiramente o val de Poldros, termo da villa dos Arcos, onde nasce nas montanhas de Penella; e continuando seu

caminho pelos campos de Valdevez, a que dá nome, vai logo perdel-o d'ahi a uma legua, por se misturar com o Lima junto de S. Pedro do Souto, posto que já caudaloso com os muitos regatos, que entram n'elle.

Vellarva. É uma ribeira, que rega o lugar de Santa Justa, que fica no termo de Alfandega da Fé, onde desagua a ribeira Alvar.

Velariça. Nasce na serra de Montemel acima do lugar da Burga, termo de Bragança. Despenha-se pela serra até parar em um valle, a que dá o nome, e por elle detido o espaço de seis leguas, fertilisa todo aquelle terreno bastantemente. Depois vai pagar o tributo ao Sabor meia legua acima do Douro.

Vereza. No cimo da serra da Gardunha nasce esta ribeira, e vem logo refrescando o lugar do Louriçal, que fica no termo da villa de S. Vicente, e vai avistar Castello Branco, passando por boa ponte.

Videgão. Passa esta ribeira não mui distante da villa de Cabeço de Vide, fertilisando muitas hortas e pomares.

Vide. Cerca esta ribeira a villa de Castello de Vide.

Vizella. Fórma-se de tres regatos, que nascem no concelho Monte Longo; e lavando com suas aguas a aldeia de Arricanha, se mistura com o Ave, e perdem ambos o nome, mergulhando-se no mar pela villa do Conde. Alguns lhe chamam *Avizella*. D'elle cantou Manoel de Faria: (1)

Corre el Visela amado
Progresso sonoroso,
O crystalino parto de una peña,
A ser favor de un prado.

Vulnaes. Pequeno ribeiro, que passa pelo pé da villa de Alvares, e se mette no Zezere.

Voliarça. Nasce esta ribeira na freguezia de S. Brissos, termo de Beja, e correndo de poente a nascente, se mette no Guadiana, passando primeiro entre Beja e Cuba, da qual dista uma legua

Vouga. Assignam o nascimento d'este rio na fonte da Senhora da Lapa, ou na serra de Alcoba. D'aqui vem descendo ao mosteiro de S. Bento, que ha em Ferreira de Aves, pela parte do poente, rega muitos lugares, até que misturado com os rios Sul e Agueda, entra em Aveiro com bastante soberba, segundo diz fr. João Felix na Isagoge:

Amnibus innumeris. Agathoque superbus in æquor
Piscoso latè gurgite Vacca fluit.

Tem uma grandiosa ponte, acabada no anno de 1713 por ordem do fidelissimo rei D. João V.

(1) Far. Font. de Aganip. part. 3. canç. 5.

Xever, *Xevera*, *Xeverete*, e *Xola*. São ribeiras, que procedem da serra de Portalegre.

Xudruro. Ribeiro, que nasce na fonte Freja, do concelho do Guardão, e fertilisa muito o lugar de Janardo.

Zacharias. Com este nome corre uma ribeira pelo termo da villa de Alfandega da Fé sujeita a uma ponte de quatro arcos, e tem seu nascimento na serra de Sambade, que outros chamam de Montemel. Tendo corrido seis leguas, vai acabar no rio Sabor, junto do lugar dos Picões.

Zezere. A este rio chama Camões caudaloso, e na verdade o é com as enchentes de outros, que entram n'elle. Nasce na serra da Estrella sobre a villa de Manteigas pela parte de Levante; e dando volta ao poente, recebendo varios rios, e ribeiros, enfadado da jornada se vai a sudoeste, e se torna para o sul receber outros riachos, e dá entrada ao Nabão, que com o ribeiro da Cortiça, e regatos d'aquelles montes fertilisa Thomar. Na aldeia da Matta se deixa atravessar com a barca da Esteveira: e pela famosa ponte do Cabril, que faz a divisão dos termos de Pedrogão grande e pequeno. Vai finalmente acabar em Punhete, mergulhando-se no Tejo com tanto impeto, que na distancia de mil e quinhentos passos ainda conserva a mesma côr azul, e sabor doce das suas aguas, como bem advertem Resende, e outros.

CAPITULO VIII

Das fontes mais notaveis

N'este capitolo fazemos só memoria d'aquellas fontes, que por alguma particularidade se fazem dignas de admiração; pois seria intentarmos um quasi impossivel querer dar noticia de todas as que circulam por nossas terras, sendo verdadeiramente innumeraveis. Nós em outra obra (1) já referimos algumas, e o doutor Francisco da Fonseca Henriques em o seu curioso *Aquilegio* faz menção de outras. Repetiremos outra vez as mais singulares, pois que assim o pede o assumpto, e a ordem que seguimos, nomeando primeiramente para maior clareza as terras d'onde emanam, e onde correm.

Abrantes. Na distancia de quatro leguas d'esta villa sobre a ribeira de Sor ha uma fonte, a que chamam da Fedegosa, a qual nascendo em mineral de enxofre tem qualidades frescas, e sara muitos achaques, que peccam em quentura. E no seu termo junto da ermida de Nossa Senhora do Tojo ha outra fonte de tão excellente agua, que a mandam buscar para os doentes beber: e accrescentam os moradores uma cousa (diz a Corografia Portugueza, que para mim é incrivel) e vem a ser: que ha-

(1) Recreação Proveitosa part. 1. p. 309. e seq.

vendo algumas differenças sobre quem ha de encher primeiro, visivelmente se diminue a agua na mesma fonte. (1)

Aguiar de Sousa. Na freguezia de S. Mamede de Val-Longo ha no mais alto da montanha um poço mui profundo, que de inverno seeca-se, e de verão tem tanta abundancia de agua frigidissima, que serve não só de regalo á gente, mas tambem aos millhos, que com ella se regam.

Alandroal. A fonte d'esta villa é memoravel pela grande copia de agua, que expulsa, a qual dizem que se lhe communica de um rio subterraneo. Formou aqui a natureza uma larga concavidade, a que os moradores chamam *Algar*, em cujo fundo se acha um poço com bocal feito ao picão, e d'elle sahe uma levada de agua muito grande. (2) N'esta mesma villa, na estrada que vai para Terena, ha outra fonte, que não corre de inverno, senão no estio. (3)

Alcacer do Sal. Na herdade das Praxanas, distante duas grandes leguas da villa, existe uma fonte, cuja agua é buscada de muitas leguas para remedio contra o mal da pedra; e tem as mesmas virtudes da que ha na villa de Almada.

Alcanede. No termo d'esta villa, e no lugar dos Amiaes debaixo corre uma fonte, que bebendo da sua agua qualquer pessoa, que tiver sanguisugas na garganta, immediatamente lh'as faz expellir, e se comprova com muitas experiencias.

Aljustrel. Em distancia de meia legua d'esta villa, chegado á ermida de S. João do Deserto, ha uma fonte de agua tão azeda, que ninguem a bebe, nem ainda os animaes; porem tomada como medicina, serve de excellente vomitorio, e boa para lançar fóra sezões.

Almada. N'esta villa ha uma fonte, cuja agua tem conhecida virtude para os achaques de pedra e areias. (4)

Amarante. No campo chamado da Feitoria, que fica defronte do convento de S. Gonçalo d'esta villa, brota uma fonte abundantes aguas, que tambem tem notoria analogia, e semilhante virtude á de Almada.

Anção. N'esta villa se acha uma fonte, que lança de verão agua frigidissima, e pelo inverno tepida. Tambem por experiencia se tem observado, que a sua agua bebida facilita os partos, e preserva dos achaques de pedra, e outras enfermidades.

Armamar. Uma fonte ha no termo d'esta villa, que tem virtude as suas aguas para varias enfermidades. No sitio, onde nasce, ha muitas pedrinhas quadradas semelhantes áquellas, que vem da India, e se attribue, que a virtude, que tem a agua, será communicada das pedras

Batalha. Perto d'esta villa ha uma fonte no lugar das Brancas, cuja agua com facilidade, e em breve tempo se transmuta em sal.

(1) Corograf Portug. tom 3. p. 190. (2) Novaes na Relação dos Bisp. de Elv
(3) Fonseca, Aquileg. p. 194. (4) Duart. Nun. Descripç. de Port. p. 11. Vasconc.
ib pag 404.

Besteiros. Fica este lugar no termo da villa de Anciães, e aqui existe uma fonte de agua tão delgada, que com ella não se póde fabricar azeite.

Braga. Em distancia de um quarto de legua d'esta cidade, na quinta dos religiosos de Santo Agostinho corre de uma fonte agua tão fria, que no tempo mais ardente do verão mal se póde aturar a mão dentro d'ella, nem ainda em quanto se reza uma Ave Maria; e em poucos minutos reduz a vinagre um frasco de vinho, se o metterem dentro d'ella.

Bragança. Além de outras fontes, que ha n'esta cidade, notaveis, ha uma na quinta de Val de Flores, que a sua agua é efficacissima para facilitar a digestão, e abrir a vontade de comer.

Cadima. Ha aqui n'este lugar, que fica em distancia de Tentugal duas leguas, a celebre fonte chamada *Fervença*, de que fallam muitos authores, (1) a qual sorve quanto lhe deitam dentro da voragem, que sempre está em continua fervura. A causa d'este fenomeno é, porque alli ha alguma occulta cataracta ou precipicio, como bem explica o doutissimo Feijó. (2) Tambem na freguezia de S. Mamede, termo de Alcacer do Sal, d'onde dista quatro leguas, está da parte do poente um grande olho de agua, que corre para o rio Sado, o qual sorve tudo quanto lhe lançam dentro: chamam-lhe a *Anceira*.

Caldezes. Fica este lugar no concelho da Povoa de Lanhoso, e tem uma fonte chamada do *Tojal*, da qual saem misturadas com a agua muitas pedras quadradas, como já dissemos das de Armamar, e que tem a mesma virtude alexifarmara.

Cano. Junto d'esta villa ha uma fonte, a que chamam dos *Olhos*, porque em seu nascimento está sempre a agua fervendo, e tem a particularidade de converter sua agua facilmente em pedra as cousas, que lhe lançam dentro.

Castello de Vide. Entre a grande quantidade de fontes, que regam esta villa, pois passam de trezentas, ha especialmente uma no arrabalde, que chamam da *Mealhada*, com a excellente virtude de livrar de dores nefriticas aos que costumam beber da sua agua: e no termo da villa de Oiteiro ha outra, que dizem ter a propriedade, e natureza do vinho.

Coimbra. Perto d'esta cidade, e no meio da estrada poucas leguas antes de chegar a ella, está a celebre fonte de *Alcabedeque* uma das mais copiosas que ha no reino, cujo nome lhe deram os mouros pela sua virtude, pois *Alcabedeque* na lingua arabe quer dizer *Agua de Deus*. Elles que lhe sabiam o prestimo mais do que nós, a estimavam tanto, que ti-

(1) Monarq. Lusitan. tom. 1. liv. 2. cap. 5. Resend. lib. 2. de Antiquit. Duart. Nun. Desc. de Portug. p. 30 Costa, Corograf. Portug. tom. 2. p. 85. Caram. no seu Philipp. Prud. Prolem. §. 1. num. 3. Plinio lib 2. cap. 103. (2) Feijo, Theatr. Critic. tom. 9. pag. 43.

zeram junto d'ella um forte para a guardar. Veja-se a *Corografia Portugueza* no tom. 2.º pag. 34.

Covilhã. Na cerca dos religiosos de S. Francisco d'esta villa está uma fonte de agua frigidissima; e já tem acontecido algumas vezes acharem convertido em vinagre, o vinho que mandavam aqui resfriar.

Envendros. Existe uma fonte no sitio do Alpalhão, termo d'esta villa, cuja agua bebida no lugar, em que brota, é ingrata ao gosto, mas estando em casa, se faz de bom sabor. Attribuem os moradores, que a causa de se viver aqui muito, e com saude, procede da boa qualidade d'esta agua.

Ervedal. Quasi chegado á estrada, que vai do Ervedal para Benavilla, termo de Aviz, corre uma fonte, que no mez de Outubro secca, e vindo Março torna a correr, e dura todo o estio, por mais ardente que seja. Reduz tambem a pedra quanto lhe deitam dentro. (1)

Estremoz. A fonte da Lagôa, que ha na herdade dos Alens no termo d'esta villa, tem a mesma analogia que a antecedente, pois secca-se de inverno, e corre de verão.

Ferreirim. Uma legua distante de Lamego, na cerca do convento de Santo Antonio de Ferreirim, ha uma fonte de agua tão fria, que tambem converte promptamente o vinho em vinagre.

Freixeda. Este lugar, que fica no termo de Miranda, comprehende com admiração uma fonte de agua muito fria, e tão corrosiva, que consome no espaço de meia hora a carne, que se lhe lança dentro, deixando os ossos esburgados.

Grandola. Da serra dos Algarves, que dista uma legua d'esta villa, manam dois olhos de agua com duas propriedades bem contrarias, sendo irmãs no nascimento; porque as que saem para a parte do sul, são excellentes, e as que correm para o norte, não ha quem as possa beber, e por isso lhe chamam agua azeda. De outro olho de agua, que sae com maior abundancia, se tem observado, que toda a terra, que banha a sua corrente, fica infructifera, deixando tambem um fortissimo gelo, por onde passa.

Guarda. Por baixo da Cruz da Faya, nos limites d'esta cidade, emana uma fonte de agua fria com qualidades tão nocivas, que passam a mortiferas.

Guardão. Fertilissimo é este concelho de aguas admiraveis: tal é a fonte da Pipa junto da Povoa da Longera, a do lugar das Paredes, a fonte das Amexieiras, a chamada das Donas, e outras de singular qualidade, que refere a Corografia Portugueza. (2)

Guimarães. Afastado da villa para o sul fica a milagrosa fonte de S. Gualter, cuja virtude para varias enfermidades faz attrahir muita gen-

(1) Leit. nas Miscelan. p. 347. (2) Corograf Port. tom. 8. p. 192.

te, que ou bebendo, ou lavando-se em sua agua, experimentam conhecida melhoria.

Marmellos. É este um lugar, que fica no termo da villa de Lamas de Orelhão, onde existe uma fonte de igual virtude curativa de varias enfermidades, que a experiencia tem mostrado infallivel.

Massouco. Junto da igreja matriz d'este lugar, que é do termo da villa de Freixo de Espadacinta, ha uma fonte, a que chamam do Xido, a qual principia a correr do mez de Março por diante: e tem os moradores feito observação, que, se o anno ha de ser fertil, expulsa mui pouca agua: e, quando ha de ser esteril, brota com abundancia; e d'esta fórma vem a ser um quasi reportorio para as gentes d'aquelles contornos.

Monchique. Com a mesma propriedade ha outra fonte n este lugar, que fica no Algarve, a qual em Dezembro totalmente se secca. De igual singularidade se admira outra em Monforte, meia legua distante da villa, a qual se secca no mez de Setembro, e em Maio torna a rebentar com grande torrente. Em Monsanto tambem corre outra com as mesmas circumstancias do tempo.

Olmos. A fonte chamada do Gogo, que fica no termo d'esta villa, lança agua de fórma, que faz fio como clara de ovo, e affirma-se ter virtudes medicinaes.

Ouguella. Bebem os moradores d'esta villa a agua de uma fonte, que dizem não cria cousa viva dentro em si, senão sómente rãs. São presentaneas para matar sanguisugas e lombrigas. Se por acaso, ou inadvertencia põem a coser legumes com esta agua, é escusado gastar tempo, porque nunca os coze.

Santarem. Nos limites d'esta villa, e no lugar de Rio-Mayor ha um olho de agua salgada seis leguas distante do mar.

Sardoal. Aqui ha a fonte de Penha, que tem a circumstancia de não correr, senão tambem de verão, e seccar-se pelo inverno. Tal é a providencia de Deos.

Serra da Estrella. Emana do sitio chamado Valderosim uma fonte de agua tão fria, que em pouco espaço de tempo transmuta em vinagre o vinho, quando o querem resfriar.

Setubal. Tem a praça d'esta villa uma formosa fonte, cuja agua é petrificante: por isso o seu aqueducto é aberto, para se desimpedir desembaraçadamente.

Thomar. Em a freguezia dos Formiguaes, que é no termo d'esta insigne villa, e no lugar da Quebrada rebenta de inverno uma fonte com alguns olhos de agua, pelos quaes saem alguns ouriços de castanha, não havendo d'alli a tres leguas castanheiros.

Valverde. Só em dia de S. João Baptista lança agua uma fonte chamada por este motivo Santa, que existe n'este lugar do termo da villa de Alfandega da Fé.

Vinhaes. Affirma-se que a melhor agua, que ha na provincia de Tras os Montes, é a que existe no rocio d'esta villa em uma fonte admiravel. Por mais que se beba d'ella, nunca offende o estomago, e facilita muito a exclusão de areias e pedra. No lugar dos Casares, termo da dita villa, ha outra fonte de agua tão fria, que mettendo-lhe dentro um quarto de carneiro, o come todo sem lhe deixar mais que os ossos; e não faz damno aos moradores que d'ella bebem.

Urros. Chamam á fonte, que ha n'esta abbadia da comarca da villa de Moncorvo, a fonte Santa, porque dizem que Santo Apollinario a fizera rebentar n'este sitio: e muita gente se aproveita de suas aguas para algumas molestias, usando d'ellas com fé: mas não consiste aqui só a maravilha, porque estando uma legua distante do Douro, se communica de sorte com elle, que tambem se altera, quando elle se ensoberbece.

Com estas, e outras innumeraveis fontes enriqueceu a Providencia divina este nosso terreno, encontrando-se pelas provincias do reino aguas nativas de exquisitas propriedades, que se a alguns dos leitores, ou estranhos, ou forasteiros, fizerem duvida, offerecemos a fé e credito dos mesmos naturaes, que o affirmam, quando a verdade d'esta sincera narração não baste: p is o nosso objecto por agora não attende a sondar, nem a averiguar os occultos arcanos da natureza, como cousa impropria ao intento geografico. O doutor Francisco da Fonseca Henriques escreveu d'este assumpto um livro, que intitulou «Aquilegio Medicinal», a que os curiosos podem recorrer.

CAPITULO IX

Das Caldas

Da abundancia das aguas saudaveis procede o beneficio dos banhos, ou Caldas, de que o reino tambem gosa, de cujo assumpto, supposto escreveram alguns dos nossos, (1) daremos informação das mais especiaes, por não defraudarmos d'este apontamento o nosso mappa.

Alcafache. Uma legua de Viseu, e no termo de Azurara nascem de uma fonte, que está chegada ao rio Dão, aguas sulfureas, que fazem o mesmo effeito com sua virtude medicinal, como as de S. Pedro do Sul, ainda transferidas para outras partes distantes.

Alcor. Afastado quatro leguas d'esta villa no lugar de Monchique estão uns banhos medicinaes, onde se foi curar elrei D. João II de uma hydropezia.

(1) Jacob. de Castr. Histor. Medic. Fonsec. Aquileg. Medicin. Curv. na Polyanth. etc. Vasconcel. Descript. Lusit. p. 102. Duart. Nun cap. 12.

Anciães. Junto ao lugar do Pombal, termo da villa de Anciães, ha umas caldas, que nascem de uma fonte em serra aspera, e as suas aguas são sulfureas, que tomadas em banhos servem para debilidades de nervos, estupores, vertigens e outros achaques d'esta classe: ha occasiões, em que a experiencia tem mostrado bastar ao doente um só banho para sarar de todo.

Aregos. No concelho de Aregos, comarca de Lamego, ha muitas caldas da mesma natureza que as referidas.

Cascaes. As caldas d'esta villa estão na quinta do Estoril junto ao convento dos religiosos de Santo Antonio: nascem de tres olhos de agua, e servem para paralysias, rheumatismos, convulsões, e para todas as queixas espurias, e de calor.

Chaves. Para achaques frios de nervos são estas as melhores caldas do reino. Nascem entre a muralha da Praça, e o rio Tamega: procedem de mineraes de enxofre, caparrosa, salitre, e pedra hume. Os romanos usavam muito d'ellas para as suas molestias.

Covilhã. No termo d'esta villa, e no lugar chamado Unhães da serra ha caldas procedidas de uma fonte de agua sulfurea, presentanea para achaques frios de juntas e nervos.

Evendros. Debaixo de um penedo n'esta villa brota um chorro de agua mais que tepida, a qual tomada em banhos tem grande virtude para achaques frios e cutaneos.

Favayos. Estão no termo d'esta villa umas caldas, que nascem de mineraes de enxofre, e usam os naturaes d'ellas para quaesquer molestias, que padecem, porque para todas encontram virtude n'aquellas aguas.

Gerez. N'esta serra ha algumas aguas calidas, e sulfureas, que tem prestimo para achaques frios de nervos.

Guimarães. Estão estas caldas na freguezia de S. Miguel, distante uma legua da villa, e se compõem das aguas calidas, que nascem de uma fonte por sete olhos: applicam-se a achaques frios.

Lagiosa. No areal do rio Dão, que corre por esta freguezia duas leguas affastada de Viseu, se acha em qualquer parte d'elle agua tepida, e sulfurea, tomando muita gente os banhos na abertura de covas, que costumam abrir na mesma area, e são admiraveis para frialdades.

Leiria. Brotam no rocio d'esta cidade duas fontes, que parecem uma só pela união, e lançam dois tornos de agua differentes, porque um é frio, outro tepido, e d'elles se formam as caldas, boas para achaques frios.

Lisboa. Entre os chafarizes d'elrei, e dos Paus estão estas caldas, chamadas vulgarmente os banhos das Alcaçarias: são estas aguas admiraveis para intemperanças quentes das entranhas, e mais partes do corpo. A continuação dos enfermos, que a ellas concorrem sempre, acreditam muito o seu prestimo.

Longroiva, e *Monção*. Participam estas villas de suas caldas admiraveis para enfermidades frias, e para convulsões, estupores, paralysias e vertigens.

Obidos. Chamam-se os banhos, que ha junto d'esta villa, caldas da rainha, porque a rainha D. Leonor, mulher d'elrei D. João II, mandou fazer alli hospital para os enfermos se curarem. Vem as suas aguas por mineraes de enxofre, e salitre, infundindo-lhe tal virtude para differentes achaques, como a experiencia frequentadissima o publica. Elrei D. João V tomou aqui banhos em Agosto de 1742 com a assistencia de toda a corte, e continuou nos dois annos seguintes para remedio do ataque da paralysia, que lhe debilitou a parte esquerda. Vendo porem o quanto estava destruido o edificio, o mandou reedificar desde o anno de 1747 com toda a magnificencia, e commodidade para os doentes, que alli vão curar-se n'aquelle verdadeiramente regio hospital. Diogo Patulhet, francez, sargento mór da artelharia, mas muito curioso, e de grandes experiencias medicas, compoz no anno de 1752 um excellente livro de observações d'estas caldas, a cujas aguas justamente intitula divinas, e os seus banhos prodigiosa Piscina.

S. Pedro do Sul. Tambem estas caldas são famosas. Ficam tres leguas distantes de Viseu, e se compõem de aguas sulfureas, e nitrosas, e tão calidas, que mettendo-se no lugar, onde nascem, qualquer animal, logo o pellam. Servem para estupores, paralysias, e outros achaques. Elrei D. Affonso Henriques tomou aqui banhos, e d'elles ha uma descripção impressa em livro de quarto muito boa e erudita.

Pena-garcia. Na comarca de Castello Branco, e na raiz da serra de Pena-garcia se admiram varias fontes de agua tepida com a prodigiosa virtude de sarar varias enfermidades, ou bebida, ou applicada em banhos.

Penaguião. N'este concelho ha duas caldas sulfureas, que remedeiam achaques frios de nervos.

Ponte de Cavez. Ao pé d'esta ponte ha um nascimento de agua com a mesma virtude, que as que nascem de mineraes sulfureos.

Nossa Senhora do Pranto. No termo da villa de Montemór o velho, e no lugar da Azenha Iva as caldas de Nossa Senhora do Pranto, cujas aguas são salitrosas, e sulfureas, e com a mesma virtude analoga, que ja temos referido.

Ribeira do Boy. Estas caldas estão no termo da villa de Touro, comarca de Castello Branco: compõem-se de aguas sulfureas, onde se tem descuberto remedio para estupores, e debilidades de nervos.

Villar da Veiga. Na freguezia de Santa Anna, que está n'este lugar situado no monte Gerez, ha pouco tempo se descubriram estas caldas, que dizem são as melhores do reino. Veja-se ao reverendo padre Argote. (1)

(1) Argot. nas Antiguid. da Chancellaria de Brag. pag. 382.

CAPITULO X

Da fertilidade do reino em commum

Quando fallámos de cada provincia em particular, dissémos a benigna qualidade do sitio, e clima favoravel, que pertencia a cada uma; e pelo que vimos, não ha em Portugal palmo de terra, que seja esteril em quasi todo genero de fructos. Os authores antigos não só lhe dão o titulo de paiz pingue, senão do mais delicioso do mundo; (1) e, porque esta verdade necessita de mais individual expressão para inteirar o conceito dos estranhos, comecemos pelos mantimentos, e pelo mais preciso.

Trigo. Todos os nossos escriptores affirmam, (2) que em outro tempo houve mais trigo no reino, que no tempo de agora; e já Luiz Nunes na sua Lusitania, (3) comparando sómente Santarem com Sicilia, não quiz que esta villa cedesse áquelle reino na fecundidade d'este producto. Esta abundancia não só de Santarem, mas de outras muitas terras nossas puderam os naturaes experimental-a da mesma sorte presentemente, se não houvera tanta extracção de farinhas para as conquistas, e houvera mais applicação para a agricultura. Tambem este ponto é mui lamentado pelos zelosos da patria. (4)

A verdade é, que temos muitas terras baldias, que, se quizeramos aproveitar-nos d'ellas, cultivando-as, dariamos trigo a todo o mundo. No reino do Algarve ha grandes valles, e fertilissimos, porem devolutos. No Alemtejo ha charnecas, que nunca viram arado, nem enxada, e por causa da ociosidade se acham infructiferas, que de si o não são; e n'este sentido se deve entender o padre Mariana, que chama a esta provincia esteril. (5) Na mesma provincia, e no sitio das Vendas Novas, que é terreno de areia solta, e até aqui tida por infructifera, desde que el-rei D. João V mandou fabricar alli um grande palacio no anno de 1729, se principiou a plantar vinhas, pomares, e hortas muito boas, de que se colhe grande renda.

Certos authores (6) dizem, que se abrirem o lamarão de Sacavem até Alverca com vallos por dentro, e fizerem diques pela parte do rio, dará pão para meia Lisboa, e linho canamo para enxarcias, e amarras. O mesmo se poderá fazer em outras muitas partes do reino, onde se acham lamarões, sapaes, e terras alagadiças, tomando o exemplo dos

(1) Strab. lib. 3. Athen lib. 4. Gymnosoph. Polyb. lib. 38. (2) Apud. Duart. Nun. Descr. de Port. (3) «Jactitet se Cereris domo Sicilia, nihil video cur Santareno praeferan-tur. (4) Duart. Nun. Descripc. de Portug. cap. 31. (5) P. Mariana. Histor. de Hesp. liv. 10. p. 1. cap. 13. (6) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisb. O A. dos Serões do Principe part. 1. disc. 6. § 9. Severi. de Far. Notic. de Portug. disc. 1.

romanos, venezianos, e senhores de Ferrara, os quaes, como diz Botero, (1) assim o executaram com as lagôas Pontinas, campos de Polesene, e valles de Comachio em grande proveito de seus vassallos, e interesse dos direitos reaes. D'este projecto se aproveitou em outro tempo alrei D. Sancho I, que se honrou muito de ser chamado o *Lavrador*, (2) e o mesmo cuidado teve el-rei D. João II.

Sem embargo de toda esta negligencia, ou ociosidade, que não é defeito das terras, mas dos homens, se não houvera tanta gente superflua estrangeira, que habita em nosso reino, e a grandeza de herdades particulares, teria elle para os naturaes pão superabundante, e do melhor da Europa, principalmente do Alemtejo, e termo de Lisboa, onde vemos ainda assim as melhores tercenas, ou celeiros de toda a Europa com a provisão d'este genero de alimento. Nas outras provincias, onde não ha tanta abundancia de trigo, suppre o milho, a castanha, a cevada, e o centeio, de que fazem farinha, e se sustentam.

Azeite. É tanta a abundancia de azeite, que escusamos repetir o que n'este particular affirmam nossos escriptores, (3) principalmente da fertilidade,, e bondade, que ha d'este genero em Santarem, Abrantes, Thomar, Torres-Novas, Montemór o Novo, Coimbra, Evora, Moura, Elvas, Beja, Beringel, termo de Lisboa, e na Torre de Moncorvo, onde só o dizimo importa mais de seiscentos almudes, gastando-se na fabrica do sabão dois mil cantaros, e provendo-se Galiza, e outras terras de Castella do muito que d'aqui levam.

Vinho. D'este producto soccorre o nosso reino a muitos dos estranhos, principalmente das partes septemtrionaes, porque aos portuguezes lhes é impossivel dar consumo á grande copia de vinhos, que todos os annos recolhem das provincias, sendo os mais gabados os de Alvor, Beja, villa de Frades, Vidigueira, Cuba, Peramanca, Alcochete, Almada, Caparica, Carcavellos, Camarate, Oeiras, Ourem, Lamego, Monção, deixando os da Beira, e Tras os Montes tão excellentes, que os não tem melhores todo o mundo, sendo todos estes ordinariamente bem incorporados, e com especialidade os tintos, que tem força para lotar os outros. Os francezes, e inglezes gostam muito dos vinhos extrahidos do lugar chamado Barra a barra, que fica da outra banda de Lisboa; porque dizem, que são mais delicados, e menos cubertos, (4) e por isso conduzem muitos de Alhos Vedros, e outras terras para as suas; não deixando de se admirar de que nós não estimemos o licôr de Baccho, tanto como elles, e que as fontes sejam ordinariamente as que nos matam a sede, e não as vides. Os peiores vinhos do reino são os do Minho, chamados verdes, (5) porque duram pouco; e ou pela sua aspereza lhe chamam de enfor-

(1) Boter. de Ration. Stat. lib. 8. (2) Nun. na Vid. de Sancho I. (3) Duart. Nun. Descripção de Portugal cap. 25. Fr. Nicol. de Oliv. Grand. de Lisb. tract. 1. cap. 5 Maced. nas Flor de Hespanh. cap 3. excel 4. (4) Le Baron de Lahontan. tom. 3. Voiages de Portug. p. 208. (5) Far. Europ. Portug. tom. 3 part. 3. cap. 8. n. 2.

cado, (ou talvez porque lançam as vides, e cachos pendurados nas arvores), d'onde veio a dizer o sentencioso Sá de Miranda, alludindo ao dito de Cineas. (1)

Depois nos Olmos mostrado,
Nunca vi, disse, enforcado.
Que a forca assim merecesse.

Carnes. Da grande copia em todo o genero de gados, que ha no reino, ninguem duvida. O grande consumo, que se faz d'elles no provimento de armadas, e frotas, e a consideravel extracção de lás para o negocio do norte, e Inglaterra, bastava para prova d'esta opulencia, se já o não tiveramos mostrado só na fecundidade da provincia do Minho. No que se deve reparar é no sabor, e mimo das vaccas, e vitellas da Beira: carneiros, cordeiros, e leitões do Alemtejo: cabritos da serra de Cintra, e Caldeirão, sem omittir a preciosa provisão de leite, natas, manteigas, e queijos muito melhores que os flamengos, e parmazanos: nem nos esquecermos dos excellentes presuntos da Beira, e chacina do Alemtejo.

E que diremos da montaria, e caça real? Sem encarecimento Castella não a tem melhor. Admiraveis são as corças, e cervos da serra do Algarve: os veados das serras de Mertola, Portel, Almeirim, Arrabida, Cintra, e tapada de Villa Viçosa: javalis da Tapada, Pinheiro, serras de Portel, Vascão, Grandola, e Alcacer: lebres, e coelhos das Berlengas, Alcantara, e Nossa Senhora do Cabo, pelo especial gosto, que lhe causa o pasto do perrexil.

Aves. Deixando a grande creação das domesticas, que em grandes ninhadas, e bandos vemos por todo o reino em abundancia, galinhas, patos, pombos, e perus, não ha cousa como os perdigotos e perdizes do termo de Lisboa, das serras de Cintra, Beira, e Caldeirão: tordos de Thomar, e do Alemtejo, tarallhões de Cezimbra, rolas de Alcacer, adens, e galeirões dos Paus de Palma, Obidos, e Benavente, com outros varios bandos de passaros de arribação, que com o cibato das nossas terras se fazem muito mais saborosos que os hortelanos de Paris. Aqui se póde agregar a quantidade grande de canoras, e vistosas aves, os rouxinoes, pintasilgos, chamarizes, codornizes, cochichos, laverços, verdelhões, tentilhões, melros, pintarroxos, tutinegras, e outros mil suaves passarinhos, que pelos bosques, e ramos dos alemos, choupos, freixos, loureiros, e outros arvoredos espessos divertem os olhos, e os ouvidos com excellente musica natural em distinctos córos.

E ainda que as terras são differentes em arvores, e fructos, os de

(1) Sá de Miranda cart. 2. est. 10.

Portugal são tantos, e tão bons, que se produzem n'elle todos os que nas outras partes são estimados: porque de frutas de espinho tem por toda a parte admiraveis laranjas da China, doces, e bicaes, a que os estrangeiros chamam fructas propriamente de Portugal: prodigiosas limas da serra d'Ossa, limões em Collares, Cintra, Peninha, Loures, Povos, Azeitão, Setubal, Conto do Bouro, Condeixa, Borba, Santiago de Cacem, e as admiraveis cidras do Landroal.

Das fructas de pevide tem especial estimação as camoezas de Thomar, Alcobaça, Torres, Lourinhã, Montemór o Novo: saborosissimas peras de muitas castas, e nomes: de rei, de conde, bergamotas, bojardas, cornicabras, carvalhaes, conforto, flamengas, gervasias, codornos, de rio frio, engonxo, de S. Bento, de bom christão, virgulosas, e lambe-lhe os dedos, com as formosas, e appetitosas maçãs de Abrantes, baunezas, leirioas, melapios, repinaldos, verdeaes, e até rainetas de França na villa de Mafra, com outras muitas, que em dilatados, e frescos pomares dão que invejar a reinos estranhos, pois só na villa de Montemór o Novo ha quatrocentos pomares de regadio mui deliciosos.

Antecipam-se a estes deliciosos productos aquellas fructas de caroço, que logram universal estimação por primeiras, e por gostosas: taes são as cerejas de Palayos, Bucellas, e Pampilhosa, e as chamadas de saco da Lousã, Coimbra, Leiria, e Portalegre: as ginjas garrafaes de Lamego, Borba, e Alemquer: as fructas novas, e ameixas reinoes de Montemór o Novo, com as brancas, saragoçanas, e abrunhos de Cintra, Collares. Azeitão, e Cezimbra: os gentis figos lampos, e perinhas de cheiro do termo de Lisboa e Setubal, com os graciosos damascos, alperches, e pecegos de tantas castas em Abrantes, Aviz, Azeitão, e villa Franca, sem nos esquecermos das mimosas amoras, e morangos, e das bellas uvas moscateis de Jesus, tamaras, ferraes, diagalves, e malvasias de Punhete: do chamado singular bastardo de Cacilhas, Barreiro, e Almada, com os seus excellentes e incomparaveis figos brancos; dos selectos melões da Vellariça, Chamusca, Arrayolos, Benavente, e Muxagata: das doces, e vermelhas melancias de Palayas, junto da Nazareth, de Coruche, e Chamusca: das romãs, marmellos, e gamboas de Santarem, com a quantidade sem numero de castanhas verdes, e piladas da Beira, e Minho: de amendoas, passas, figos, e alfarrobas do Algarve, principalmente de Estoy: nozes, sorvas, nesperas, e avelãs da Estremadura: bolotas, azeitonas, e pinhões do Alemtejo, sem fazermos caso dos medronhos, murtinhos, camarinhas, e amoras de silva, que a natureza como fructos agrestes produz nos matos, e nas charnecas; a que se podem ajuntar as chamadas tuberas da terra, de que a Beja se vão vender aos alqueires, e são especial prato, ou feitas á semelhança de coelho, ou á imitação de favas.

Seguia-se lembrarmo-nos das hortaliças, que não tem que invejar as nossas cousa alguma ás de Italia, ou França, pois em parte alguma haverá couves tão grandes, e nabos tão monstruosos, que se possam

igualar com as da Beira, especialmente as murcianas de Azeitão, e Setubal: Repolhos da villa do Conde: Cardos das hortas de Beja, e Baleizão, e toda a hortaliça de Santarem: e muito menos com a riqueza, regalo, e recreação das muitas quintas, e hortas, tendo só Lisboa em si, e seu termo mais de sete mil; porem toda esta especie não cabe na memoria por infinita, e da mesma sorte a copiosa fertilidade de legumes dè todo o riba-Tejo, raizes, arbustos, e ervas comestiveis, e aromaticas. Só com as medicinaes pudera Portugal supprir os balsamos, as massas, e especiarias da India, se os portuguezes foram mais curiosos em se dar à intelligencia da Botanica, ou virtude das ervas, e plantas, sendo certo, como confessão os estrangeiros, (1) não haver terreno mais bastecido, e fertil de ervas medicinaes, que Portugal, ainda no mais escabroso das suas serras.

Assim vemos que por ellas cria a natureza prodigamente sem a diligencia da cultura o alecrim, a arruda, o aipo, a argentina, a alfavaca de cobra, os almeirões, os agriões, a agrimonia, a artemija, a avenca, as azedas, a bisnaga, a borragem, o cardo santo, a carqueja, a celidonia, a centaurea, a congossa, a douradinha, a dormideira, o endro, o ensaião, a erva cidreira, a erva doce, a escabiosa, a escorcioneira, a eufrazia, o funcho, a filipendola, o gilbarbeiro, a hepatica, a hera, o hyssopo, o jaro, a labaça, o lirio, a lingua de vacca, a losna, a macela, a malva, o malvaisco, a mangerona, o mastruço, o marroio, o meimendro, o millefolio, a moleirinha, a murta, o nardo celtico, a neveda, o oregão, a ortelã, as papoilas, a peonia, a pimpinella, os poejos, a rabaça, o rosmaninho, a salgadeira, a salsa, o saramago, a segurelha, a sanguinaria, a semprenoiva, a serpentina, a solda, a tamargueira, a tanchagem, o tomillo, o trevo, o trovisco, a valeriana, o verbasco, a versa, a veronica, a viola, e outras de experimentada virtude e prestimo, (2) de que tambem os multiplicados enxames de abelhas se aproveitam para a fabrica do mel nos excellentes colmeares, principalmente nas serras de Serpa, Portel, termo de Palmella, e toda a provincia de Tras os Montes, que costuma repartir com os visinhos; não sendo menos util a copiosa colheita do linho, grã, e esparto das provincias do Minho, Beira, Estremadura, e Algarve, de que tanto se aproveitam as nações estrangeiras.

Ainda para recreio dos sentidos, vista, e olfato se mostra a natureza tão provida, e liberal em nossos campos na producção de infinitas flores, umas brancas, outras encarnadas, outras roxas, outras amarellas, azues, e verdes, que não ha monte, nem valle, que no tempo do verão deixe de respirar alegria, e suavidade com o esmalte, e fragrancia das boninas, junquilhos, mosquetas, lirios, madresilva, legação, azareiro,

(1) Merveilleux Memoir. instr. tom. 1. p. 193 e 216. Barbapont no Elixir do Dou cap. 4. e 5. (2) Gabr. Grisley Desengan. da Medicin. Duart. Nun. Descripç. de Portug. Virgil Histor. das Plant.

giesta, murta, flor de laranja, e outra muita diversidade, que exhalando agradavel cheiro, nascem, e se criam em qualquer prado, compondo um continuado ramalhete; porque a industria da arte nas cercas, e nos jardins tem em todo o anno constante o Abril, e florescente a primavera com vistoso matiz de amarantos, ambretas, amores perfeitos, angelicas, aquilegias, araras, assucenas, artemijas, azareiros, anemolas, bordões de S. Joseph, botões de ouro, borboletas, caracoleiros, caxias, cravos, cravinas, disciplinas, ervilhas de cheiro, esporas, flores pombinhas, flores do Cabo de boa Esperança, flores de liz, girasoes, goivos, jasmins, jacintos, junquilhos, lilazes, malmequeres da sessia, malvas da India, maravilhas, mauritanas, margaritas, melindres, mogarins, narcisos, noturnos, novelos, orelhas de urso, papagaios, papoulas da India, perpetuas, piramides, primaveras, rainunculos, rosas, saudades, selindres, suspiros, tulipas, valverdes, e violas, com as frondosas latadas de caracoes, trepadeiras, chagas, e martyrios, e o verde adorno dos crespos, e cheirosos mangericões.

Quanto ao peixe, alem de o gabar Marineo Siculo, (1) e Botero, (2) tem Portugal razão forçosa para o ter em abundancia, e mui saboroso, por ser um paiz verdadeiramente maritimo, lançado, e estendido pela costa do oceano, onde o mar continuamente o está regalando de differentes peixes, uns maiores, outros menores, merecendo especial memoria os deliciosos salmões do Minho, as gabadas azevias de Alhandra: os raros solhos, e tainhas do Sado; os saborosos saveis, e lampreias do Mondego, e Coa: as douradas, escolares, e atum do Algarve: os salmonetes, linguados, redovalhos, bezugos, e sardas de Setubal: as admiraveis trutas, e mugens da Beira, e Minho: as selectas bogas, barbos, e escalhos de Alviella: os ruivos de S. João da Foz, e villa do Conde: as famosas pescadas, e curvinas de Cezimbra, Cascaes, Ericeira, Caminha, e Esposende: os congros, e roballos de Peniche, e Buarcos: os safios, eirozes, cachuchos, e gorazes do Tejo. E deixando de particularisar outras innumeraveis especies de peixe, que os rios, ribeiras, e lagôas nos tributam com a fecunda pescaria de sardinhas, e carapaus, e os celebrados camarões de Villa Franca, com os saborosos cardumes de ostras, bribigões, e mais mariscos de Aveiro, e Setubal, vimos a concluir, que de tanto genero de mantimentos, e regalos, com que nos provê benigna a natureza, se vem a fazer um todo admiravel contra o que diz Virgilio, que *non omnis fert omnia tellus*, pois todas as cousas vemos em tanta copia juntas n'esta opulenta peninsula.

(1) Marin. Sicul. de Reb. Hispan. lib. 1. (2) Boter. Relaç. Univ. part 1. liv. 1. pag. 14.

CAPITULO XI

Dos mineraes

A tanta fertilidade, e mimo de especies sensitivas, e vegetaveis, como temos summariamente mostrado haver n'este nosso reino, quiz Deus tambem ajuntar-lhe as estimaveis riquezas de preciosos mineraes. Os de oiro, e prata são muito antigos em toda a Hespanha, como refere a Escriptura sagrada: (1) e tão naturaes em o nosso Portugal, como affirma Plinio, (2) e o confirma Estrabo, (3) rendendo ao senado de Roma cada anno dos direitos, que se tiravam das minas de Asturias, Portugal, e Galiza, trinta mil marcos de oiro: sendo este sem duvida o unico attractivo, e reclamo, que chamou de tão longe os Frigios, Fenices, Tyrios, Carthaginezes, e Romanos a fazer-nos guerra, e tributarios á sua cubiça.

Mas deixando a lembrança das minas antigas, como as de que faz menção Justino (4) que havia na provincia do Minho, e as que houve na freguezia de S. Mamede de Val-Longo do concelho de Aguiar de Sousa, e no lugar de Villa Verde, termo de Mirandella, (5) e no termo de Grandola, e no sitio de Alfarella da provincia de Traz os Montes, e no lugar do Seixo não longe de Anciães, (6) e em outras muitas partes do reino, esgotadas pela ambição dos romanos.

É certo que no anno de 1290 concedeu elrei D. Diniz privilegios aos que tiravam ouro na Adiça junto á foz do Tejo entre Almada, e Cezimbra, que era a officina mais antiga, d'onde se tirava ouro n'este reino em grande copia. Os mesmos privilegios concederam os mais reis até elrei D. Manoel, em cujo tempo com o descubrimento das riquezas da Asia foram diminuindo as extracções das minas de Portugal, como tudo conta a Monarquia Lusitana. (7)

Tambem no anno de 1628 se descubrio no lugar de Paramio, tres leguas da cidade de Bragança, uma mina de prata tão fina, que de oito arrobas de pissarra ficavam na fundição seis de prata; e havia tanta quantidade d'ella, que promettia o superintendente oito arrobas cada dia livres para elrei. (8) Bem sabido é, e celebrado pelos antigos o purissimo ouro, que se tirava de entre as areias do Tejo, (9) e tambem não é para esquecer o sceptro, que elrei D. João III mandou fazer do ouro extrahido das mesmas areias, o qual sceptro affirma Duarte Nunes, (10) que muitas vezes vira nas mãos dos nossos monarchas em occasião de côrtes, e que ainda se conserva no thesouro regio.

(1) 1. Machab. 8. (2) Plinio lib. 33. cap. 4. (3) Strab. lib. 3. de Situ Orbis: «Nec in alia parte terrarum tot saeculis haec fertilitas. Plin. alleg. (4) Justin. lib. 44. (5) Costa Corograf. Port. tom. 1. p. 374. e 452. (6) Ibid. tom. 3. p. 337. Argot. Antig. da Chancell. de Brag. p. 224. e 342. (7) Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 30. (8) Ibid. Monarq. Lusit. (9) Silio Italico, Martial. e outros apud Maced. Flor. do Hespanh. cap. 4. excel. 2. (10) Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 14.

Se nós fizermos uma natural reflexão ácerca do muito, que nossos primeiros reis dispendiam, já com o sustento de grandes exercitos em continuas campanhas; já com grossas armadas; já na erecção de Templos, e palacios sumptuosos; nos thesouros riquissimos, que deixavam a seus filhos: nas distribuições generosas, e soccorros poderosissimos, com que ajudavam a muitos principes catholicos, (1) sem que n'aquelle tempo houvesse tanta renda dos direitos reaes, nem o descubrimento das riquezas da Asia tivesse ainda com ibuido com seus thesouros para supprir estes gastos, forçosamente devemos inferir, que em Portugal havia opulentas minas. Este pensamento confirma com bastante erudição o doutor fr. Serafim de Freitas, (2) dizendo, que antes do descubrimento da India não havia reino na Europa mais opulento que Portugal: por isso com elevado episodio, e sabio fundamento introduziu o erudito Botelho na infancia de Portugal a idade preciosa de ouro, (3) que o singular Camões no cant. 9.° e 10.° attribuiu ao tempo, e governo do sempre saudoso rei D. Manoel.

Esta observação é só por uma natural conjectura; porque é infallivel haver sempre muitas minas de ouro, e prata por todo o reino, como ainda ha na villa de Borba, Beja, Evora, no termo de Barcellos, e Thomar, em Tras os Montes, e em outras partes conhecidas, (4) as quaes não se praticam hoje por certa razão de estado, que aponta Plinio (5) nas de Italia, e Duarte Nunes, (6) e as memorias instructivas de um viajor nas de Portugal: ou tambem porque com o descubrimento das minas da America no estado do Brasil tão fecundas, e com as mais modernas de diamantes, descubertas no serro do frio, de cujos riquissimos transportes resulta ao reino tão copioso lucro, (pois chega a vinte milhões de cruzados o que nos vem todos os annos das minas,) attrahidos d'esta fertilidade, e opulencia os portuguezes, se esqueceram do que tinham mais perto.

Não só enriqueceu a natureza o reino de ouro, e prata, mas tambem de pedras preciosas. No monte do Oiteiro, que cerca a villa de Borba, acham-se finissimas Turquezas, as quaes não são de cor verde, como disse Duarte Nunes, (7) e por sua informação Manuel de Faria, e a Corografia Portugueza, (8) mas sim de cor azul opaco, segundo bem adverte, e emenda o padre Bluteau (9) Na ribeira de Bellas, pouco distante de Lisboa, e principalmente no lugar do Suimo, ha muita quantidade das pedras preciosas chamadas Jacinthos, que na cor arremedam

(1) Resend. Chron. delrei D. João II cap. 61. Marian. lib. 25. c. 11. Osor. liv. 2. do Reb. Emman. Andrad. Chron. delrei D. João III part. 3. cap. 15 (2) Freitas de Justo Imperio Lusit. cap. 16. «Ita ut ante Indiæ explorationem nullum ex Europeis Regnum opulentius Lusitano inveniretur». (3) Botelh. no Alfonso da impressão de Salamanc. ann. 1751 liv. 10. est. 76. e seqq. (4) Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 8. n 10. Corograf. Port. tom 3. p. 11. (5) Plin. lib 33. c. 4. (6) Duart. Nun. Descripç. de Portug. cap. 14. Memor. instruct. tom. 1. p. 210. (7) Duart. Nun. Descripç. de Portug. p. 14. (8) Far. na Europ. Port. tom. 3. p. 183. Corograf. Port. tom. 2. p. 513. (9) Bluteau, Vocab. verb. «Turqueza».

muito á flor bemmequer. (1) No Algarve acham-se rubis. Na serra de Cintra ha minas de magnetes, ou pedras de cevar, (2) de que os estrangeiros se tem aproveitado mais do que nós. E no rio Cávado apparecem amethystos, jacinthos, e crystaes finissimos.

Tudo isto é mui conforme com o que dizem Botero, e Gil Gonçalves de Avila, (3) que em Portugal não só ha muitas minas de preciosos metaes, mas muitas pedras preciosas: d'onde fr. Marcos de Guadalaxara Xivier, tratando da nova França, diz, (4) que n'aquella terra se acham diamantes semilhantes aos que ha no Tejo: e isto não póde causar duvida, quando sabemos que na real capella de Villa Viçosa, ha uma custodia, cuja pedraria, de que está cravejada, foi toda extrahida das minas de seus contornos. (5)

De cobre se descubriu no anno de 1620 na serra de Grandola uma mina muito boa. De estanho, e muito fino temos em Amarante, Bouzella, S. Pedro do Sul, Belmonte, e em outras partes, (6) que nós vimos no anno de 1736 pela diligencia de monsieur Damy. De ferro ha bastante copia nas villas de Penella, e Thomar: (7) e affirma o erudito Severim de Faria, (8) que é o melhor ferro do mundo, pois d'elle se costumam fabricar espingardas mui estimadas de todos os principes. O cristal em muitas partes d'este reino se acha em pedaços; e refere Duarte Nunes, (9) que na villa do Crato havia no seu tempo poços, d'onde se tirava grande quantidade. O mesmo se acha nas montanhas de S. Mamede de Val-Longo, termo de Aguiar de Sousa, e em S. Vicente de Caldellas, termo de Pico de Regalados. (10)

No concelho de Gondomar na freguezia de S. Christovão do Rio-Tinto ha minas de talco tão bom, que se conduz por negocio para muitas partes. Chumbo se extrahe de Aremenha. Que diremos das grandes cantarias de tantas variedades de pedras, quantas vemos em todo o reino? Os marmores brancos tão admiraveis, que se tiram da villa de Estremoz: os pretos de Cintra: os vermelhos, azues, amarellos, e pardos de Pedro Pinheiro, com os quaes se fabricou o real templo de Mafra, que, com o adorno de tanta diversidade de pedras, bem podemos dizer, que é uma joia preciosa, ou um vistoso ramalhete, em que está unida a robustez com a delicadeza, o natural com o artificioso. Com igual estimação vemos os porfidos de Setubal, e os celebrados marmores da serra da Arrabida, e os de Montes Claros, e os de Villa Viçosa, dos quaes se tem aproveitado ainda os melhores edificios de terras estranhas. (11)

(1) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 52. Blut. verb. «Jacinthos». (2) Mem. instructiv. tom. 1. p. 112. (3) Botet. Relac. Univ. part 1. liv. 1. Avila, Grand de Madrid. liv 1. (4) Xivier part. 5. Pontif. lib. 3 cap. 1. (5) Serões do Princip. part. 1. disc. 6. § 10 (6) Corogr. Port. tom. 2. p. 303. (7) Duart. Nun Descr. de Port. p. 42. (8) Sever. Notic. de Port. disc. 1. (9) Duart. Nun. Descripç. de Port. p. 42. (10) Coroger. Port tom. 1. p. 224. e 374. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 30. (11) Duart. Nun. Descripç. de Portug. p. 45 Luiz Mendes no Sitio de Lisb. p. 192.

Não longe de Coimbra ha uma casta de pedra mui clara, e lustrosa, mas tão branda, que basta qualquer prego sem maceta para a lavrar. (1) Outra mais admiravel se produz no lugar das Antas, termo da villa da Arruda, com a qual costumam ladrilhar os fornos, em que se coze o pão; porque tem ella tal virtude, e calor intrinseco, que basta receber pela manhã a quentura sufficiente, para a conservar todo o dia, sem ser necessario renovar-se o fogo, ou administrar-lhe mais lenha. (2) A esta especie podemos ajuntar as pedras molares de Cezimbra, e Porto de Mós, e as admiraveis pederneiras de espingarda, que ha por Alcantara junto de Lisboa, com todas as suas pedreiras matrizes de muita differença de pedra, que com a falta de curiosidade inda ignoramos.

Poucas terras levarão vantagem á nossa na producção de barros finos, aptos para a fabrica de cousas domesticas. Entre todos merece o primeiro lugar o barro vermelho, e odorifero de Estremoz, de que se fazem preciosos pucaros, os quaes não só tem a galantaria de ficarem presos, e pendurados nos beiços, quando por elles se bebe, mas tem a virtude bezoartica, e alexifarmaca, com que se extenuam as qualidades do veneno, (3) pelo que é bem merecida a estimação, que em toda a parte logram. Em Roma no museu do padre Kirker, e Bonani, que se conserva no collegio dos padres Jesuitas, os vimos com especial recato; e em muitos gabinetes de monsenhores, e principes de Italia constituem não pequeno adorno. Depois d'estes seguem-se os de Lisboa, chamados pucaros da Maya, ou do Romão, feitos com summa delicadeza, e formosura, especialmente aquelles, a que chamam de alegria, de um barro tambem odorifero, com os quaes lá lhe achou uma bella analogia o discreto Camões (4) para comparar as formosas damas lisbonenses. Os de Montemór o Novo, Sardoal, Aveiro, e Pombal são fabricados de barros igualmente selectos, não sendo para desprezar a louça de barro, que se fabrica na villa das Caldas.

De azeviche ha muitos mineraes, maiormente na villa da Batalha, de que se fazem curiosos brinquinhos, e figuinhas, as quaes trazidas á vista dizem que são contra o quebranto, e fantasmas melancolicas: (5) por isso rara é a criança n'este reino, que não ande armada de muitas d'estas figas contra o mau olhado. O padre Eusebio Nieremberg (6) approva a virtude natural do azeviche para este effeito, mas condemna a effigie.

A formosura do coral nos contribue muitas vezes o mar de Peniche, lançando-o pelas praias em ramos, e esgalhos bem galantes, de que

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. p. 183. (2) Rodrig. Mend. da Silv. na Poblac. gener. de Hesp. p 30. e Duart. Nun. ubi supr. (3) Aldrovand. in Musaeo Metal lib. 2. pag. 229. Curvo na Polyanth. p. 392. mihi. n. 15. Fonseca no Aquil. p. 210. (4) Cam cant. 1. (5) Dioscorid. lib. 5. cap. 103. Plin. liv. 25. cap. 10. S. August. de Civit. Dei cap. 9. (6) Nieremb. Filosof. Natur.

temos visto alguns. O vermelhão se colhe no rio Minho, d'onde tomou o nome, e de que falla Justino. (1) No tempo d'elrei D. Manoel se descobriram minas de vermelhão, e de azougue. (2) O cheiroso ambar acha-se algumas vezes pelos areaes de Troya defronte de Setubal, que o mar lança fóra, quando tem andado tempestuoso. O salitre não falta pelas grutas de Alcantara. (3)

O sal se colhia copiosamente nas muitas marinhas, que ha em Aveiro, Santo Antonio do Tojal, e em Setubal, bastando só os direitos reaes d'estas salinas de Setubal para satisfazerem aos hollandezes os milhões, que se obrigou o reino a pagar-lhe pelo tratado da liga defensiva, concluindo-se o anno de 1703 o seu ultimo pagamento. Bastante prova é d'esta fertilidade o grande numero de navios estrangeiros, que continuamente vemos em nossos portos a fazerem carregações do sal, que lá nas suas terras não tem: e é isto tão antigo, que affirma Pedro de Mariz (4) ver-se em tempo d'el-rei D. Pedro I nos portos de Lisboa, e Setubal muitas vezes quatrocentos, e quinhentos navios a esta carga, e outras nossas mercadorias. Seguia-se tratarmos agora do commercio do reino; mas como reservamos esta noticia para quando descrevermos Lisboa, primario archivo de todas as grandezas, e trafegos de Portugal, passemos á averiguação das moedas, que se tem lavrado, com toda a sua diversidade, e valor.

CAPITULO XII

Das moedas de ouro, prata, e cobre antigas, e modernas, que se tem lavrado em Portugal

As moedas mais antigas, de que ha noticia em o nosso reino, são as do famoso Sertorio, capitão romano, o qual vindo a Portugal no anno 83 antes de Christo, com o projecto de se fazer senhor de Hespanha, mandou bater moedas. Tinham de uma parte esculpido o seu rosto de meio perfil, e da outra banda a figura de uma corça, como offerece uma estampada o erudito chantre de Evora Manoel Severim de Faria. (5) Era ella de prata do tamanho de seis vintens, e semelhante a esta foram achadas outras. Foi isto muito antes dos imperadores romanos.

Com a morte porem de Sertorio, ficando a nossa Lusitania reduzida a provincia sujeita ao imperio romano, o dinheiro, que então corria n'estas partes, era o mesmo de Roma; e ainda que se acham algumas moedas d'aquelle tempo abertas em algumas cidades, e terras nossas, era por especial privilegio dos imperadores, dos quaes se tem descu-

(1) Justin. lib. 44. cap. 4. (2) Monarq. Lusit. tom. 5. p. 80. (3) Merveilleux Memoir. histr. tom. 1. p. 216. (4) Mariz Dialog. 3. cap. 6. (5) Manoel Severim de Faria Notic. de Portug. disc. 4 § 2.

berto em todas as nossas provincias muita quantidade das de ouro, prata, e cobre, como referem o mencionado Severim, e outros. (1)

Acabado o imperio dos romanos, seguiram-se os godos: e desde o anno 411 de Christo até o de 570, que é o em que governou Leovigildo com poder absoluto, tambem não ha memoria de moeda alguma. De Leovigildo até D. Rodrigo, ultimo rei godo, acham-se algumas, ainda que mal abertas, de ouro, e prata, como as expressa o allegado Severim no §. 3. Fr. Bernardo de Brito, diz, que no tempo do rei godo Flavio Recaredo, o qual morreu pelos annos de Christo 601 havia moedas de ouro, e prata batidas em diversas partes da Lusitania; e que alem da que refere Ambrosio de Morales batida em Evora com seu rosto de ambas as partes, e a letra de seu nome com a outra ELBORA. JUSTUS: conservava elle em seu poder outra de ouro baixo com seu rosto esculpido grosseiramente, e no reverso uma cruz com esta letra OLISBONA, PIUS. D'onde se deixa ver, que havia em Lisboa officina de bater moeda em tempo d'este rei. Tambem diz que vira outra do rei Sviutila, de ouro, batida na cidade de Evora, com seu rosto de uma parte, e ao redor SVINTILA REX: da outra banda uma cruz com esta bordadura: EBORA VICTOR. Vencedor em Evora. Sem embargo de que o padre Argote diga, que não vira em author algum moeda de prata do tempo dos godos. (2)

Seguiram-se depois os mouros no anno de 714, ou 716, e introduziram as suas moedas por toda a Hespanha em todos os tres generos de metal, ouro, prata, e cobre, de que se tem achado ainda algumas, principalmente no Alemtejo, e terras do Algarve, e nós vimos bastantes de prata com certos caracteres arabicos, que se descubriram em Loulé. Um dos dinheiros, de que usavam os mouros, era chamado Maravedi, e permaneceu tanto em Hespanha, que até o reinado d'elrei D. Fernando I de Leão todas as computações das contas se faziam por maravedis, assim como nós as fazemos agora pela valia de réis. Pouco depois se estabeleceu a monarquia portugueza com reis proprios, e das moedas, que estes mandaram lavrar, e das que presentemente correm, faremos uma resumida memoria pelo estylo, que observamos.

Alfonsim. Esta moeda mandou lavrar elrei D. Affonso IV, que d'elle tomou o nome, com o consentimento do clero e povo. (3) Era de tres qualidades, cobre, prata, e ouro; o alfonsim de cobre valia pouco mais de um real dos nossos: o de prata era do tamanho de um tostão, e valia pouco mais de quarenta reis. Tinha de uma parte sobre o nome *Alfo* uma corôa, e por baixo do nome d'elrei havia umas, que tinham a letra L, por serem abertas em Lisboa, outras a letra P, por serem feitas

(1) Idem ibid. Far. Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 11. Argot. Memor. do Arceb. de Brag. tom. 3. no Supplem. ao liv. 4. pag. LVII. Sousa na Histor. Geneal. tom. 4 p. 107.

(2) Argot. ut supr. pag LV. Monarq. Lusit. l. 6. cap. 19. 21. e 22. (3) Chron. delrei D. Fernand. cap. 58.

no Porto, e pela orla tinham esta inscripção: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*. O mesmo se lia da outra parte, onde estavam os cinco escudos do reino postos em cruz. O alfonsim de ouro valia quinhentos e tantos reis. (3) Todas estas moedas tinham o mesmo cunho.

Aureo. Foi moeda, que correu no tempo d'elrei D. Sancho II pelos annos 1240, como se acha em escripturas publicas. O reverendo padre fr. Francisco de Santa Maria em um tratado, que fez das moedas de Portugal, e anda incorporado no tom. 4.° da Historia Genealogica da casa real a pag. 261, é de parecer, que esta moeda fosse d'aquellas mesmas dobras de ouro, que fez lavrar elrei D. Sancho I com a sua figura armado a cavallo, com a espada na mão, e a letra: *Sanctus Rex Portugaliæ* de uma banda, e da outra os cinco escudos em cruz, que nós chamamos quinas, e dentro em cada um cinco dinheiros não mais, e a letra á roda: *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amen*: (1) e sendo esta tal moeda, valia o tal Aureo pouco mais de cento e vinte réis da nossa moeda corrente, e é a mais antiga, que se acha no reino.

Barbuda, ou *Celada* Foi moeda de prata muito-ligada, que mandou lavrar elrei D. Fernando com o valor de 36 réis. De uma parte tinha um capacete com viseira, e peito de malha, a que tudo chamavam Barbuda, ou Celada, d'onde tomou o nome, e em cima uma corôa, e pela orla da moeda a letra: *Si Dominus mihi adjutor, non timebo*: da outra parte uma cruz da Ordem de Christo, que tomava todo o vão, e no meio da cruz um escudo pequeno com as quinas de Portugal, e nos angulos da cruz quatro castellos, e em roda a letra: *Fernandus Rex Portugaliæ, Alg.* No tom. 4.° da Historia Genealogica da casa real vem aberta a sua figura, cuja circumferencia se póde ver melhor, que por informação dos authores, os quaes discrepam muito nas medidas da sua grandeza.

Calvario. Era certa moeda de ouro de 22 quilates, e tambem chamavam cruzados, que mandou lavrar elrei D. João III com o valor de quatrocentos reis, que depois subio a seiscentos réis. Tinha de uma parte a cruz sobre o monte Calvario, que d'aqui tomou o nome, com a letra em roda: *In hoc signo vinces*: da outra banda o escudo real coroado, e a lettra: *Joann. III. Port. et Algarb. R. D. Guin.*

Ceitil. Mandou lavrar esta moeda de cobre elrei D. João I, ou na occasião, em que tomou a cidade de Ceuta aos mouros, como dizem alguns authores, ou porque era cada dinheiro destes a sexta parte de um real de cobre, e por isso ceitil é o mesmo, que sextil, e esta nos parece a mais verdadeira deducção. Lavraram-n'a os reis successores até elrei D. Sebastião.

(1) Fr. Antonio da Purificaç. Chronic. de S. Agost. part. 2 liv. 7 tit. 6 § 6. (3) Moarq. Lusitan liv. 10. cap. 7.

Conceição. Esta moeda mandou lavrar elrei D. João IV em ouro, e em prata no anno de 1648. A de ouro valia doze mil reis: tinha de uma parte a effigie da Senhora da Conceição com tres symbolos d'este mysterio por cada lado, e em circulo as letras: *Tutelaris Regni*: da outra parte estavam as armas reaes no meio de uma cruz da Ordem de Christo, e na cercadura: *Joannes IIII D. G. Portugaliæ, et Algarbiæ Rex*. A de prata tinha o mesmo cunho, mas era de maior diametro, que os cruzados novos, e corria com o valor de seiscentos reis. A origem, que houve para se cunhar esta moeda, foi assim:

Depois que o felicissimo rei D. João IV fez tributario o reino de Portugal á Conceição da Senhora em cincoenta cruzados de ouro cada anno, applicados para a sua real capella de Villa Viçosa, jurando, e tomando n'este mysterio a Senhora por protectora do reino em côrtes do anno de 1646 (1) tratou logo de lhe pagar o tributo em moeda especial, e para isso mandou abrir a França um cunho da fórma, que temos dito, o qual trouxe, e fez Antonio Ruiter, a quem se deu tres mil reis, que dispendeu com a abertura do ferro, como consta do liv. 1. do registo da casa da moeda pag. 256, vers. d'onde inferimos, que o primeiro anno, em que elrei fez a sobredita offerta, seria no anno de 1648, por ser este anno o que se vê expresso na sobredita moeda, a qual desde o anno de 1651 principiou a ser moeda corrente pela lei, que saiu para isso. E sem embargo de que no tom. 4.° da Historia Genealogica da casa real pag. 287 se diga, que umas, e outras moedas corriam com peso de uma onça, foi equivocação; porque da mesma lei, que vem no dito tomo a pag. 359 se vê, que as de ouro corriam com o peso de doze oitavas, e valiam por doze mil réis; e as de prata com peso de uma onça, e corriam por seis tostões: e peso de doze oitavas é onça e meia.

Elrei D. Affonso VI continuou tambem a mandar lavrar as sobreditas moedas em todo o tempo do seu governo, e da mesma sorte elrei D. Pedro II, e n'esta moeda se fazia a offerta de vinte e quatro mil réis no dia da festa da Conceição, em cujo dia trazem pendente ao pescoço os tres officiaes, que administram a casa da Senhora, uma das taes moedas. No anno porém de 1685 teve fim a fabrica d'estas moedas, porque desde então nunca mais se lavraram, entregando-se os referidos vinte e quatro mil réis em outra qualquer moeda para a despeza da festa de Villa Viçosa.

Coroa. Foi moeda de ouro, que mandou lavrar elrei D. Duarte com o valor de 216 réis. Elrei D. Manoel tambem a mandou lavrar, e valia 120 réis: chamava-se meia coroa. Este preço conservou até o reinado d'elrei D. João III e elrei D. Sebastião. (1)

(1) Fr. Anton. da Purific. allegad. e o illustr. Cunha na Histor. Eccl. de Lisb. allegad. Ordenaç. delrei D. Man. liv. 4. tit. 1.

Cruzado. Quando o papa Pio II mandou a Bulla da Cruzada para a guerra santa contra os turcos, ordenou el-rei D. Affonso V que se lavrasse uma moeda de ouro subido de 24 quilates, e que se chamasse cruzado em reverencia da Bulla, e com o valor de 400 réis. Tinha de uma parte a cruz de S. Jorge com a letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*; e da outra o escudo real com a coroa sobre a cruz da Ordem de Aviz com estas letras: *Cruzatus Alphonsi Quinti R.* Manoel de Faria (2) mostra que viu uma moeda d'estas com differente cunho. No anno de 1561 valia cada cruzado d'estes 500 réis, e depois foram subindo ao valor de 600 réis, e d'este ao de 640. (1)

Presentemente correm cruzados novos de ouro, que mandou lavrar el-rei D. João V desde o anno de 1718 com o valor intrinseco de 400 réis, e na estimação commum de 480. Por decreto de 8 de Fevereiro de 1730 mandou o mesmo senhor que se lavrasse nas minas quartos de escudo de ouro com o valor extrinseco de 400 réis cada um, e intrinseco de 375 réis, tendo de uma banda o retrato d'el-rei, e da outra na parte superior uma coroa real, na inferior a era, em que se fabricam, e na circumferencia o nome d'el-rei. A esta moeda chamamos cruzado dos quaes já não ha muitos.

El-rei D. João IV mandou lavrar cruzados de prata com o valor de 400 réis, e meios cruzados com 200 réis de valia. Depois foram subindo até ao reinado delrei D. Pedro II que levantou os cruzados a seis tostões, e os meios cruzados a tres tostões mandando tambem lavrar cruzados novos de prata com o valor de 480, e meios cruzados com o de 240, a que presentemente chamamos doze vintens, e que ainda correm nos nossos tempos.

Dinheiro. Foi moeda de cobre, que tinha de uma banda a cruz da Ordem de Christo com duas estrellas, e duas meias luas nos vãos, e a letra *A. Rex Portugaliæ*; da outra parte tinha as cinco quinas com a letra *Algarbii*. Valia um ceitil menos um decimo. D'estes dinheiros faz menção a Ordenação velha liv. 4. tit. 1. § 17.

Dobra. Moeda de ouro de varias castas: *Portuguezas*, *Castelhanas*, *Mouriscas* ou *Barbariscas*. As portuguezas chamavam-se *Cruzadas*, que mandou lavrar el-rei D. Diniz com o valor de 270 réis: outras se chamam Dobras d'el-rei D. Pedro, e valiam 147 réis. Das dobras castelhanas havia umas, que se chamavam da Banda por serem lavradas por el-rei D. Affonso XI de Castella, e tinham de uma parte a banda, insignia da Ordem Militar, que o mesmo rei instituiu, e valiam 216 réis: com este nome faz d'ellas menção a Ordenação velha liv. 4 tit. 1. Tambem se chamavam Valedias, porque valiam, e corriam em Portugal. Havia outras dobras com o nome de Dona Branca, e outras Sevilhanas, que mandou bater em Sevilha el-rei D. Affonso o Sabio, e valiam 600 réis. Tinham de uma parte el-rei armado a cavallo com a espada na mão, e

(1) Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 11. n. 12. (2) Cunha na Hist. Eccles. de Lisb. tom. 1. part. 2. cap. 20. n. 10.

a lettra em roda: *Dominus mihi adjutor*: da outra parte as armas de Castella, e Leão com o letreiro: *Alfons. R. Castellæ, et Leg.* (1) As mouriscas, ou barbarisças valiam 270 réis. Elrei D. Pedro I mandou lavrar meias dobras com o valor de 73 réis e meio.

Ducatão de ouro. Quando elrei D. Sebastião foi a Guadalupe, mandou lavrar esta moeda: uma com o valor de quarenta mil réis, outra de trinta, outra de dez cruzados. (2)

Engenhoso. Foi moeda de ouro, que fez lavrar elrei D. Sebastião no anno de 1562 com o valor de 500 réis. Tinha de uma parte a cruz com a letra: *In hoc signo vinces*; e da outra banda o escudo do reino com a letra: *Sebastian. I. Rex Portugal.* Chamou-se esta moeda do engenhoso, por assim se chamar João Gonçalves, natural de Guimarães, que fez o cunho. Ordenou-o elle de sorte, que as moedas saliam fundidas de pezo, e com um circulo ao redor para não se poderem cercear. (3)

Escudo. Moeda de ouro com muita liga, que mandou fazer elrei D. Duarte com a valia de 90 réis. Elrei D. Manoel a mandou desfazer.

Espadim. Houve n'este reino moedas com este mesmo nome de tres castas. Espadins de ouro mandou-os lavrar elrei D. João II com o valor de 320 réis. Tinha de uma parte o escudo do reino com a lettra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*: e do reverso uma espada empunhada com a ponta para cima, e em circulo o nome d'elrei. Em tempo d'elrei D. Manuel valia 500 réis. Espadins de prata, que mandou abrir elrei D. Affonso V com o mesmo cunho que os de ouro, só com a differença de ter a ponta da espada voltada para baixo. Chamou-se espadim em memoria da Ordem da Espada, que instituiu para a conquista de Fez, como diz Severim. (4) Valiam 24 réis. Espadins de cobre prateados mandou bater elrei D. João II com o valor de quatro réis.

Forte. Com este nome mandou lavrar elrei D. Diniz uma moeda de prata com o valor de dois vintens, ou quarenta réis; e meios fortes, que valiam um vintem. Tinha um, e outro de uma parte o habito de Christo com a letra: *Dionysius Rex Portugal. et Algarb.* da outra parte as armas do reino, e a letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini.* Houve outros fortes, e meios fortes, que fez bater elrei D. Fernando em preço de 29 réis, que depois abateu a 16.

Frizante. Foi moeda de prata, que corria no tempo de nossos primeiros reis, mas não se sabe de que valor era. A Monarquia Lusitana faz menção d'esta moeda. (5)

Gentil. Elrei D. Fernando mandou lavrar esta moeda de ouro, mas de quatro castas. Havia gentil de um ponto, e valia 162 réis: gentil de dois pontos 144 réis: gentil de tres pontos 126 réis: gentil de quatro

(1) Cunha, Histor. Eccl. de Lisb. part. 2. cap. 20. n. 13. (2) Fr. Manoel dos Sant. Histor. Sebast. p. 488. (3) Barbos. Remiss. á Ord. tit. 21. liv. 4. p. 30. (4) Manoel Severim de Far. Notic. de Portug. disc. 4. §. 29. (5) Monarq. Lusit. p. 3. in Append. n. 16.

pontos 116 réis. Fr. Antonio da Purificação (1) diz, que o gentil d'elrei D. Fernando valia 720 réis.

Grave. Moeda de prata, que mandou bater elrei D. Fernando do tamanho de meio tostão, e valia 21 real. Tinha de uma parte a letra F, primeira do seu nome, e sobre ella uma coroa dentro em um escudo, e nos lados duas cruzes, com a letra na orla: *Si Dominus mihi adjutor.* No reverso tinha a cruz de S. Jorge sobre um escudo rodeado de quatro castellos, e o nome do rei na cercadura.

Indios. Mandou elrei D. Manoel no anno de 1499 lavrar esta moeda de prata com o valor de 33 réis em memoria do descubrimento da India. Tinha de uma parte a cruz da ordem de Christo com o letreiro: *In hoc signo vinces*; e da outra parte as armas do reino com a letra: *Primus Emmanuel.*

Justo. Esta moeda era de ouro, que mandou fazer elrei D. João II e valia 600 réis. De uma parte tinha o escudo real já com as quinas direitas sem a cruz de Aviz, e o nome d'el-rei na cercadura; e no reverso tinha a effigie delrei sentado em um throno com a espada na mão entre dois ramos de palma, e a letra em roda: *Justus ut palma florebit.*

Leal. Era moeda de prata, que mandou fabricar elrei D. João II com valor de doze réis. Tinha de uma parte a letra *Leal* por baixo de uma cruz; e da outra parte o escudo do reino com o nome d'elrei na orla.

Livra. Foi moeda lavrada em varios reinados, e de varias castas, d'onde procede a alteração do seu valor. A livra de ouro em tempo d'elrei D. Diniz valia oito vinteus: o mesmo valor tinha já no reinado d elrei D. Affonso III. No tempo d'elrei D. João I valiam pouco mais de 82 réis. A livra de prata era de dois generos: antigas, e novas. Havia livras antigas, por cada uma das quaes se haviam de pagar setecentas das novas, e assim valia cada uma das antigas 36 reis; e havia tambem livras antigas, por cada uma das quaes se pagavam quinhentas das novas, e então valia cada uma 25 réis. A livra de cobre era de tres sortes, porque havia livra de dez soldos, que valiam tres réis e meio; livras de dez livras pequenas, e valiam meio real: livras de tres livras e meia, que valiam real e meio, e corriam até o anno de 1407.

Maravedim, ou *Morabitino.* Foi moeda, que introduziram no reino os mouros almoravides, ou morabitos, que significa fieis, segundo o mostra Aldrete. (2) Havia maravedim de ouro, que mandou lavrar elrei D. Sancho I com o valor de 300 réis. Tinha de uma parte a effigie d'elrei a cavallo com a espada nua na mão, e pela orladura: *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.* No reverso tinha o escudo real, e o nome

(1) Purific. Chron. de S. Agost. allegada. (2) Aldret. no Thesouro da lingua Castelh. Vide etiam Bochart. in Geograf. Sacra no principio da sua vida.

d'elrei em gyro. Os maravedis mouriscos não tinham mais que uns caracteres, ou attributos de Deus de uma parte, e da outra, o nome do principe, que os mandara abrir. Houve tambem maravedis de prata, que corriam com o valor de 27 rèis.

Mealha. Não era moeda, que tivesse cunho particular, mas era metade da moeda, que chamavam dinheiro, e valia meio ceitil.

Nomeada. Moeda de prata, que fez lavrar elrei D. João I e seu filho elrei D. Duarte. Não se sabe o que valia. Tinha de uma banda a cruz de S. Jorge com a letra: *Dominus adjutor fortis*; e da outra o escudo do reino com o nome d'elrei na circumferencia.

Patacão. Era moeda de cobre com o valor de dez rèis, que mandou fazer elrei D. João III. Tinha de uma parte o escudo real coroado com o nome d'elrei, e da outra parte a letra X, com a inscripção: *Rex Quintus decimus.* Havia tambem meios patacões com a letra V, que valiam cinco réis. Elrei D. Sebastião reduziu esta moeda ao valor de tres réis.

Peças Moeda de ouro, que corria no tempo do infante D. Pedro, duque de Coimbra. Elrei D. João II a mandou desfazer.

Pé-Terra. Moeda de ouro, que fez lavrar elrei D. Fernando com o valor de 216 rèis.

Pilarte. Foi moeda de prata, que lavrou elrei D. Fernando com o valor de treze rèis, e dois ceitis. O nome de Pilarte foi posto em attenção, ou memoria dos pagens dos soldados estrangeiros, que lhe levavam os capacetes, ou barbudas, a que o francez chama *Pilartes.*

Portuguez. Elrei D. Manoel, do ouro, que lhe vinha das conquistas da Asia, fez lavrar umas moedas, que se chamaram portuguezes de 500 ducados cada uma, e depois mandou lavrar outras, que valiam quatro mil réis. D'estas houve tanta copia, que nas praças não se pagava por quasi todo o reino com outra moeda, senão com a chamada portuguezes de ouro. (1) Tinha de uma parte a cruz da Ordem de Christo, e a letra em roda: *In hoc signo vinces*; e da outra o escudo real coroado com as letras: *E. R. P. A. C. U. A. D. G.* que queriam dizer: *Emmanuel Rex Portugaliæ, Algarb. q. Citra, Ultra Afric. Dominus Guineæ.* Tinha outro letreiro por fóra junto á garfila, ou orla: *C. C. N. E. A. P. I.* que dizia; *Commercio, Conquista, Navegação, Ethiopia, Arabia, Persia, India.* Elrei D. João III tambem os mandou lavrar da mesma fórma. Elrei D. João V mandou lavrar em Lisboa no anno de 1718 portuguezes de ouro de 22 quilates, e com o valor de 19200 cada portuguez, os quaes foram sómente para se lançar nos alicerces da real igreja de Mafra. Tambem elrei D. Manoel mandou fabricar portuguezes de prata no anno de 1504, e valia cada um 400 rèis. A estes portuguezes depois resuscitou elrei D. João IV e elrei D. Pedro II chamando-lhe cruzados.

(1) Far. no Comm. das Lusiad. de Cam. cant. 1. p. 115.

Quatro vintens. Mandou lavrar esta moeda de prata elrei D. João III que de uma parte tem o nome do rei com coroa, e o numero LXXX, e na orla a letra: *Rex Portug. et Algarb.* Da outra parte tem a cruz de S. Jorge com a sabida inscripção: *In hoc signo vinces.*

Real. Esta moeda a mandou lavrar em prata varias vezes elrei D. João I sempre com o mesmo valor, mas cada vez de menor pezo. Os primeiros valiam nove dinheiros, os segundos seis dinheiros. Até o tempo d'elrei D. Manoel corriam reaes de prata com o valor de vinte réis, e outros de trinta. Elrei D. João III tambem os mandou lavrar com o valor de quarenta rêis, e com os mesmos cunhos da moeda de quatro vintens, mudando o numero 80 em 40. A mesma moeda fez lavrar D. João IV, e é o chamado meio tostão, que hoje corre. Havia real de cobre de varias sortes: uns tinham mistura de estanho, com que ficavam mais claros, e se chamavam reaes brancos. Mandou lavral-os elrei D. Duarte e D. Affonso V. Os que se lavraram antes do anno de 1446 valiam dez ceitis. Havia outros reaes chamados pretos, por serem de cobre puro, e valiam pouco mais de um ceitil. Elrei D. João II para desterrar tanta confusão de reaes, fez lavrar real de cobre de seis ceitis. O mesmo fizeram seus successores até el-rei D. João III. Tinham de uma parte um R, debaixo de uma coroa, e da outra o escudo do reino com o nome d'elrei na orla. Elrei D. Sebastião fez lavrar meios reaes com a valia de tres ceitis: tinha de uma banda um S coroado, e da outra um R entre dois pontos.

Sinquinho. Moeda de prata d'elrei D. João II e D. Manoel: valia cinco réis. O delrei D. Manoel tinha de uma parte os cinco escudos do reino em cruz com as letras: *Emmanuel P. R. et Al.* da outra uma malta com a mesma letra. Tambem elrei D. João IV fez lavrar sinquinhos de prata.

Soldo. Foi moeda das mais antigas do reino lavrada em ouro, prata e cobre. A de ouro valia oito reales, ou dezaseis vintens: a de prata dez reis: a de cobre um real. Este soldo em tempo d'elrei D. João I chamava-se moeda-febre.

Talento. Corria esta moeda no governo d'elrei D. Sancho I no anno de 1188, e valia quatro ducados, ou cruzados, e era de ouro.

Tornezes. Moeda de prata em tempo d'elrei D. Pedro I. Tinha de uma parte a cabeça d'elrei com barba comprida, e a letra: *Petrus Rex Portugal et Algarbii:* da outra banda o escudo do reino, e na orla a letra: *Deus adjuva me.* Valia treze rêis. Elrei D. Fernando tambem lavrou tornezes, que valiam oito soldos, ou quatorze reis.

Tostão. Elrei D. Manoel mandou bater esta moeda em ouro, e em prata. A de ouro era o quarto de ouro dos Portuguezes, a de prata valia cem rêis. Tinha de um lado a cruz da Ordem de Christo com a letra: *In hoc signo vinces*; e do outro as armas do reino com coroa, e o nome do rei na orladura. Mandou lavrar tambem meios tostões com os mesmos cunhos, e letras, e valiam cincoenta rêis.

S. Vicente. Moeda de ouro, que fez lavrar elrei D. João III com o valor de mil réis. Tinha de uma parte a imagem de S. Vicente com uma nau na mão esquerda, e um ramo de palma na direita com a letra: *Zelator Fidei usque ad mortem*: da outra parte o escudo real com a letra: *Joan. III. Rex Portug. et Algarb.*

Vintem. Moeda de prata, que teve principio no tempo d'elrei D. Affonso V, e todos os mais reis continuaram a mandar lavrar, ainda que com a fórma, e figura mudada, mas sempre com o valor de vinte réis. Em tempo dos reis Filippes houve a moeda de meio vintem em prata, que valia dez réis.

Dinheiro, que presentemente corre

Em ouro	*Valor*	*Pezo*
Dobrão de	24U000	15 oitavas
Meio dobrão de	12U000	1 onça
Dobra de 4 escudos	6U400	4 oitavas
Meia dobra de 2 escudos	3U200	2 oitavas
Moeda de ouro de	4U800	3 oitavas
Meia moeda	2U400	oitava e meia
Escudo.	1U600	1 oitava
Quarto de moeda	1U200	54 grãos
Meio escudo	U800	meia oitava
Cruzado novo	U480	21 grãos
Quarto de escudo	U400	18 grãos

Em prata	*Valor*	*Pezo*
Cruzado novo	480	4 oitavas 59 grãos
Doze vintens	240	2 oitavas 29 grãos
Seis vintens	120	1 oitava 14 grãos
Tostão	100	1 oitava
Tres vintens	60	43 grãos
Meio tostão	50	36 grãos
Vintem.	20	17 grãos

Em cobre	*Valor*
Moeda de	10 réis
Moeda de	5 réis
Moeda de	3 réis
Moeda de	1 real e meio

Por lei do anno de 1732 prohibio elrei D. João V que se lavrassem dobrões de doze mil e oitocentos, moedas de quatro mil e oitocentos, nem outras, que excedam o valor de seis mil e quatrocentos réis; e que em todas, assim nas que corriam, como nas que se lavrassem, se pozesse a sarrilha, que tem as de prata.

Noticia do valor, que tem tido o marco de ouro, e prata n'este reino em varios governos

Rei	*Metal*	*Valor*
D. Sancho I	Ouro	6U480
D. Pedro I	Idem	7U380
Idem	Prata	U945
D. Fernando	Idem	U900
D. João I	Idem	2U600
D. Affonso V	Idem	1U260
D. Manuel	Idem	2U280
D. João III	Ouro	30U000
Idem	Prata	2U600
D. Sebastião	Idem	2U400
Idem	Idem	2U680
D. Henrique	Ouro	40U000
Idem	Prata	4U000
D. João IV	Ouro	42U240
Idem	Idem	51U200
Idem	Idem	55U680
Idem	Idem	80U000
Idem	Prata	3U600
Idem	Idem	4U000
Idem	Idem	5U000
D. Affonso VI	Idem	4U400
Idem	Idem	4U600
D. Pedro II	Ouro	85U312
Idem	Idem	96U000
Idem	Prata	5U600
D. João V	Ouro	96U000
Idem	Prata	5U600

CAPITULO XIII

Da lingua portugueza

A primeira lingua, que se fallou em Portugal, foi a que communicou Tubal aos turdulos, primeiros habitadores de Lisboa, os quaes

multiplicando-se foram povoar depois parte da Turdetania, ou Andaluzia; (1) porem que lingua fosse aquella é toda a difficuldade. Dizem uns, que fôra a lingua hebraica, (2) outros a Caldaica, ou alguma das setenta e duas, em que Deus prodigiosamente dividira a primitiva na torre de Babel. Muitos se capacitam, que a lingua primeira, e geral de toda a Hespanha fôra a vasconça, ou biscainha.

Filippe de la Gandara julga (3) que era idioma particular, e distincto do caldeo, e hebreu; mas conforme os caracteres, de que usavam os antigos turdulos portuguezes, infere fr. Bernardo de Brito, (4) que seria a lingua dos Hetruscos, usada em Italia desde o tempo de Noé; porém ou fosse um, ou outro idioma, é certo que a tal lingua dos turdulos não foi universal em toda esta nossa peninsula, porque comprehendia differentes nações, e cada uma, em quanto viveu sobre si, conservou seu particular idioma, conforme assevera Plinio. (5)

Com a fama, e attractivo das riquezas de Hespanha, fizeram transito a estas partes muitas gentes de outras nações; (6) e como as linguas entram nas provincias com os seus conquistadores, introduziram os carthaginezes, e gregos muitos vocabulos dos seus idiomas, que ainda conservamos, e retemos. (7) Depois vieram os romanos, e para expulsarem de Hespanha aos carthaginezes, gastaram não menos que duzentos annos até a vinda de Augusto Cesar.

Em todo este espaço de tempo foram os romanos intromettendo, e espalhando pouco a pouco as suas leis, costumes, e locução; (8) e confederando-se com os nossos por casamentos, fundando colonias, e estabelecendo conventos juridicos, para que todo o governo de paz, e guerra dependesse d'elles, obrigaram por este modo politico, e sagaz a que todos os lusitanos fallassem latim. N'elle sahiram tão insignes alguns, que depois o foram ensinar dentro a Roma. (9)

Corria o anno de Christo 409, quando os godos, alanos, vandalos, suevos, e outras nações barbaras septentrionaes invadiram Italia, França, e Hespanha; e assim como esta barbaria gotica fez descahir da pureza da lingua latina aos romanos, produzindo em Italia o dialecto italiano, em França o francez, em Hespanha o castelhano, assim em nossos paizes fez nascer a lingua portugueza. (10) Verdade é que os godos

(1) Monarq. Lusitan. liv. 2. cap. 5. (2) Maiut. Prosapia de Christ. Edad. 2. cap. 4. § 8. Marin. Siculo, Garibay, e outros apud D. Thomaz Tamayo na Defensa de Flavio Dextro p. 104 (3) Gandara, Triunf. del Rein. de Galiz. no Append. cap. 5. (4) Monarq. Lusit. ut supr. (5) Plin. lib. 3. cap. 1. (6) Strab. lib. 1. et lib. 15. Vasaeus lib. 1. cap. 11. (7) Resend. lib 1. Antiq. e nas Notas ao poema de S. Vicent. liv. 2. not. 44. Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 9. Matut. ut sup. § 5. João Franco Barreto na Ortogr. Port. Luiz Marinho nas Antiguid. de Lieb. liv. 1. cap. 13. (8) Resend. lib. 3. Antiquit. «Abiere tandem in Romanorum mores Lusitani, et civilitatem, linguamque Latinam, sicut et Turdetani accepere.» Aldret. nas Antiguid. de Hesp liv. 1. cap. 11. (9) Manoel Severim de Faria Notic. de Port. disc. 5. § 2. (10) Kirquer de Turri Babel lib. 3. p. 131. «Ex adventu Gothorum, Alanorum, Vandalorum ingentem corruptionem passa, quaternas alias peperit, Italicam, Gallicam, Hispanicam, Lusitanicam.

desejaram muito accommodar-se com a lingua romana, mandando verter em latim os nomes dos officios de seus palacios, corte, e exercitos; porem como era gente mal disciplinada, misturou de tal fórma um com outro idioma, que enchendo-o de sollecismos, barbarismos, e impropriedades, relaxou, e corrompeu totalmente o latim, que os nossos fallavam, mudando-lhe até os caracteres latinos em letras gothicas, que introduziu o bispo Ulfilas, (1) especialmente nos livros sagrados, e ecclesiasticos.

Sobrevieram os mahometanos, e então se acabou de arruinar, e perverter a lingua totalmente com as palavras arabigas. Um nosso author muito erudito (2) diz, que na invasão dos mouros, ficando livres as montanhas de Asturias, para onde foram refugiar-se os hespanhoes, que ficaram depois do ultimo rei godo D. Rodrigo, se conservara entre elles illezo o romance, que era vulgar no dominio gothico, sem mescla do idioma arabe. Assim seria; mas quem poderá negar que dos arabes se deduziram, e permanecem ainda em o nosso dialecto muitas dicções, que principiam por *al*, e *xa*, e as que finalisam em *z*, como observou o insigne João de Barros? (3)

Entrou finalmente em Portugal o conde D. Henrique, primeiro tronco dos reis portuguezes; e como elle era francez, e casou com princesa castelhana, causou na lingua outra mudança, aggregando-lhe novo complexo de palavras castelhanas, e francezas; porque como bem advertio o discreto Bembo, (4) tratando da alteração, que tinha havido na lingua de Roma até o anno de 1540, conforme são os soberanos, que governam, assim são os idiomas, que se fallam; porque o discurso como o corpo se costuma vestir, e ornar, segundo o uso, que ordinariamente sempre segue o exemplo do rei: e attendendo a este peregrino, e verbal matiz, disse o padre João de Marianna, (5) que a lingua portugueza era mesclada de latim, francez, e castelhano. Todavia as camposições feitas em vulgar portuguez, que d'aquelle seculo permanecem, são de fórma, que hoje se fazem imperceptiveis, e de ingrata dissonancia aos mesmos compatriotas. (6)

Ainda no tempo d'elrei D. Diniz, do qual affirma Manoel de Faria, (7) que fora douto, e poeta, e que o nosso idioma grangeára por esse respeito mais perfeita cultura, se conferirmos, e cotejarmos o estylo, e as palavras d'aquella era com as de agora, acharemos infinita differença. O padre D. Antonio Caetano de Sousa (8) transcreve uma car-

(1) Marian. Histor. de Hesp. tom. 1. liv. 9. cap. 18. Yanes liv. 2. p. 644. de la Era, y Fechas de Hesp. (2) Martinh. de Mendoc. Disc. Philolog. contr. P. Feijo impress. em Madrid ann. 1727. (3) João de Barr. Dialog. do louv. da nossa linguag. p. 56. (4) Bemb. nas Pros. liv. 1. p. 16. vers. (5) Marian. Histor. de Hesp. lib. 1. cap. 5. (6) Veja-se a Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 4. cap. 9. e no Comm. das Rim de Cam. tom. 4. part. 2. pag. 81. Brit. Chron. de Cister liv. 6. cap. 1. (7) Idem Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 4. cap. 9. (8) Sousa no Agiolog. Lusit. tom. 4 pag. 58. Veja-se o Apparat. da Histor. Geneal. do mesmo author tom. 1. p. 208. e a Leitão Ferreira nas Noticias Chronolog. n. 574.

ta d'aquelle rei em resposta de outra de sua santa consorte a rainha Santa Isabel, cuja locução bem confirma o que dizemos. Veio ultimamente o grande Virgilio portuguez Luiz de Camões com as suas poesias epicas, e lyricas, e o incomparavel Demosthenes lusitano o padre Antonio Vieira com as suas declamações evangelicas, para communicarem o ultimo resplendor, formosura, e perfeição á lingua portugueza.

Com este augmento, e estado participa ella presentemente de todos aquelles attributos, que a podem fazer summamente estimavel entre as melhores da Europa, porque tem abundancia de termos, e copia de palavras, com que se explica: e algumas tão efficazes, que as que são nativas, e propriamente portuguezas, em nenhuma outra lingua se encontram semelhantes, nem ainda equivalentes. Só o portuguez com a unica palavra saudade sabe exprimir com muito maior força, e energia a constancia do amor ausente: e com a voz magoa a penetrante dôr do sentimento. Para fallar em todo o genero de assumptos tem a extensão necessaria de vocabulos, e modos abundantes: por isso disse bem o Tito Livio portuguez João de Barros, (1) que se Aristoteles fôra nosso natural, não fôra buscar lingua emprestada para escrever na Filosofia, e em todas outras materias, de que tratou: e se lhe faltára algum termo succinto, fizera o que vemos em muitas partes aos presentes, que, quando carecem de termos theologaes os theologos para entendimento real da cousa, os compozeram, e assim os filosophos, mathematicos, juristas, e medicos: e o recurso a idiomas estranhos na introducção de vozes novas não só é licito, mas preciso.

Nós não podemos negar que a nossa lingua se tem valido, enriquecido, e aproveitado das vozes, e frazes de outras nações, como até agora temos visto: mas qual será o idioma, que não tenha usado d'este subsidio? Não nos dá o breve methodo, que seguimos, lugar para nos deter com exemplos demonstrativos: porem só notamos, que a lingua castelhana, (da qual intenta mostrar um author (2) que a portugueza é seu dialecto,) mendigou tambem da nossa algumas palavras: e se nós foramos mais sollicitos nas traducções latinas, como tem sido a gente castelhana, italiana, e franceza, tiveramos avocado muitos mais vocabulos, e vozes da lingua latina, em fórma que a portugueza não parecesse já corrupção sua, como lhe chamou Camões, (3) mas muito mais semelhante a ella, como filha legitima de mãi tão nobre. (4) E assim como por meio das conquistas da Asia, e Africa adquirimos as palavras: Lascarim, Chatino, Zumbaya, e outras muitas, que nos são já domesticas, da mesma sorte tiveramos conquistado inteiramente a lingua latina, cujos vocabulos ainda assim tem degenerado tão pouco no idioma portuguez, que sem violencia podem n'elle compôr-se muitos discursos com

(1) João de Barr. Dialog. ut supr. pag. 55. (2) Gregor. Lop. Madeira no Disc. del monte Santo do Granad. part. 2. cap 19. p. 70. (3) Camões cant. 1. Lusiad. est. 33. (4) Kirquer de Turri Babel lib. 3 cap. 1. p. 131.

mesma conformidade com a latina, (1) o que não succederá facilmente ás outras locuções, que se prezam de serem seus dialectos.

Participa mais a lingua portugueza da estimavel circumstancia de se poder articular com uma pronunciação sonora, desembaraçada e suave: porque nem é gutural, nem finalisa as dicções em consoantes asperas, como são: d, n, t, x, assim como ouvimos a muitas linguas da Europa. E quando não houvera a confissão constante de muitos authores graves castelhanos, (2) que affirmam haver na lingua portugueza esta mesma suave prolação, bastava o provar aquella aptissima, e notoria facilidade, com que os portuguezes adquirem, e fallam com cadencia todas as linguas estrangeiras, a que se applicam, o que não é tão factivel aos outros com a nossa, que poucas vezes atinam com a sua verdadeira pronunciação. (3)

Attribuem muitos esta difficuldade áquella frequencia do nosso dipthongo *ão*, corruptamente deduzido do *om* francez, e gallego, em que nossos compatriotas antigamente acabavam todas as dicções, que hoje terminamos em *ão*, excepto os da provincia do Minho, que pela maior visinhança de Galiza ainda claudicam n'isso. A quem se faz mais difficil articular este dipthongo, é á gente castelhana, porque tem o costume, de finalisar com a letra *n* quasi todas as palavras, que nós acabamos em *m*. Este embaraço pertendeu desterrar do nosso idioma Antonio de Mello da Fonseca no seu *Antidoto da lingua portugueza*, cujo arbitrio não foi bem aceito pelo sabio, e prudente juizo dos criticos; porque este proprio mytacismo, (se assim lhe quizermos chamar) convem muito com o *am* dos latinos, terminação frequente assim de nomes, como de verbos, e com tudo a defende Quintiliano; (4) nem deixa de parecer grave, e suave a cadencia latina com estas terminações, que com maior facilidade suavisaremos, usando do remedio, que em outra parte advertimos (5) para a boa elegancia, e eloquencia portugueza.

D'esta magestosa harmonia procede fazer-se o idioma portuguez apto, e opportuno para todos os estylos, e assumptos, e para o verso com especial propriedade. Tal era o apreço, e estimação, que as musas castelhanas faziam da nossa lingua para expressar quaesquer affectos por meio do Numen, ou enthusiasmo poetico, que deixavam a sua lingua para compor no rithmo portuguez. Assim o affirma Argote de Molina, (6) allegando umas coplas portuguezas de Macias, poeta castelhano: *Si alguno le parecer que Macias era portuguez, esté advertido, que hasta los tiempos delrei D. Enrique III todas las coplas, que se hazian, commum-*

(1) João de Barros, Manoel de Far. João Franco Barreto já allegados, Manoel Severim de Far. Disc. var. disc. 2. Macedo nas Flores de Hespanh. cap. 22. excel. 7. (2) Marian. Histor. de Hesp. liv. 1. cap. 5. Lope da Vega na Descr. da Tapada, e na Dorot. act. 2. scen. 2. pag. 40. (3) Veja-se a Faria no protogo de tom. 1. da Europ. Port. e a D. Bernarda Ferreira na Espana libertada cant. 1. est. 6. (4) Quintil. lib. 9. cap. ult. (5) No Espelho da Eloquencia § 7. n. 1. (6) Molina liv. 2. de la Nobreza de Andaluzia p. 273.

mente por la mayor parte eran en aquella lengua. De maneira, que assim como em Italia entre todos os idiomas era a lingua provençal a escolhida para o verso por todos os poetas, ainda que não fossem provençaes, (1) assim na Hespanha era reputada mais propria para a poesia a locução, e frase portugueza por todos os poetas hespanhoes, por lhe acharem genio, e caracter especial para isso. Com o governo porem d'elrei D. João I que mandou usar da lingua castelhana nas cousas publicas, de então para cá deixaram os castelhanos de compor versos no idioma portuguez. (2)

A vantagem de escrevermos da mesma sorte, que pronunciamos, tambem é uma das perfeições, que se encontra na lingua portugueza, e que se não acha nas outras, porque só assim se dá uma regra geral, para que todos observem uma igual orthographia: pois as etymologias ainda das linguas mais doutas sempre são distantes, e incertas, e como já mortas se tem corrompido, e alterado muito, havendo varias palavras portuguezas, que se derivam de outras linguas mais modernas, e não entroncam com a latina, grega, arabica, e hebraica, senão depois que as nações menos antigas beberam nas fontes, e alteraram a sua nativa pureza.

N'este particular tem grande força o uso, e por isso o grande padre Vieira, revendo os seus proprios livros, (aos quaes só elle podia emendar), disse onde imprimiram Devoção, leia-se Devação; mas o primeiro ficou prevalecendo. Alguns compositores se tem mostrado nimiamente declarados por esta parte, querendo que a palavra Homem, e outras assim semelhantes se escrevam sem H, como os italianos. O melhor é seguir a mediania, como fazem os doutos, cujo exemplo é só assequivel, e não proceder com affectação, e extravagancia, assim como fez certo author moderno, (posto que engenhoso) em uma nova orthographia, que usa, pondo tambem ligados dois *rr* no principio da dicção, (3) contra toda a norma, e costume dos eruditos. Outras muitas propriedades, e predicados da nossa lingua observou curiosamente o chantre de Evora Manoel Severim de Faria no discurso, que temos allegado.

CAPITULO XIV

Do genio, e costumes portuguezes

Um dos pontos mais precisos, e uteis, que se costuma sinalar no assumpto geografico, é a informação, e pintura dos genios, usos, e inclinações das gentes de qualquer paiz, (4) por isso depois de ter dado noticia

(1) Bembo nas Pros. pag. 10. (2) Sever. de Far. Disc. var. disc. 2. p. 65. Brandão in Monarq. Port. liv. 16. cap. 3. (3) Veja-se o tom. 1. das Cart. Famil. de Francisco Xavier de Oliv. Cart. 7 p. 54. (4) Bentivoglio tom. 1. Relaç. p 86.

do material do sitio, qualidade, abundancia, e outras especies memoraveis do terreno portuguez, como primeira base do nosso intento, segue-se expôr as propensões naturaes, e costumes de seus habitadores.

E se nós houveramos de deduzir esta informação desde a raiz de sua primeira origem, e segundo a examinou diligentemente Estrabo, (que por agora omittimos,) com serem os primeiros portuguezes povos incultos, e agrestes, nem por isso veriamos as suas condições tão barbaras, e intrataveis, que presentemente nos pudessemos envergonhar de serem elles nossos progenitores. (1) Com a melhor cultura, e religião se melhoraram alguns abusos, que depois se foram alterando com a entrada de outras nações; mas como os ramos não degeneram da substancia do tronco, nenhuma se atreveu até agora a questionarnos o esforço, espirito, valentia, e gloria militar.

Esta primeira prerogativa, e brazão, que como herança alcançaram os portuguezes de pais a filhos sempre com a mesma honra, que os antepassados, se acha soberanamente acreditada, e expendida nos annaes, e historias do mundo em todos os seculos. Diodoro Siculo affirmou, (2) que os lusitanos eram os homens entre os hespanhoes os mais fortes, e valentes. O mesmo conceito ratificaram Vegecio, Plutarco, Tito Livio, Valerio Maximo, e outros muitos authores antigos, e estranhos, com quem os modernos se conformam, (3) cujos testimunhos, e ditos não referimos por extenso, por ser este um ponto de maior grandeza, e indubitavel.

Só é preciso conhecer que o caracter d'esta valentia não é furor, que offusca o juizo, mas sim um valor virtuoso, que obra por impulso da razão. É um natural movimento, que, segundo a opportunidade das acções, sabe sempre usar com bizarria. Como todo o portuguez só estima o apreço da honra, despreza qualquer perigo para o conseguir. Este brio, e alento intrepido faz ser aos portuguezes homens de ferro para o trabalho marcial, commettendo, e executando façanhas, que tem mais de verdadeiras, que de verosimeis, e conforme disse nosso poeta, (4) excedem as sonhadas, fantasticas, e fabulosas, que as estranhas musas tanto souberam engrandecer.

(1) Resend liv. 1 de Antiquit. «Neque tunc quidem malos, neque modo nobis eruboscendos.» (2) Diodor Sicul. lib. 6. cap. 9. e Boem. de morib. gent. lib. 3. cap. 25. e Fern. Nuno no Commento a Copla 18. de Joan de Mena. (3) Justin. lib. 44. Hus. lib. 5. cap. 23. e outros apud Macedo nas Hist. de Hesp. cap. 14. per totum Justo Lipsio lib. 5. Epist. 66. Fabian. Strad. de bel. Belgico lib. 1 pag. mihi 188. Hister. nas Relac. p. 2. liv. 4. p. 93. e 101. João Bautista Morelli na Reducion. y Restaur. de Port. p. 15. e 183. Garibay tom. 4. liv 35. cap. 16. Fr. Anton. de S. Roman. Histor. da India liv. 1. cap. 16. Sandoval Histor. de Carl. V part. 2. liv. 22. §. 4. Marian. Hist. de Hesp tom. 1. liv. 10. cap. 13. Lope da Vega na Arcad. liv. 3 p. 109. Dos nossos veja-se a Gaspar Estaço na Antig. de Port. cap. 74. Monarq. Lusit. tom. 3. liv. 10. cap. 15. Bento Pereira nas Pallas Lusit. et armata clas. 4. p. 319. Fr. Francisc. de Macedo no Propugn. Lusit. part. 1. cap. 6. p. 146. Far nos Comm. das Lusiad. pag 275. Fr. Manoel Homem no Memor. das arm. cap. 37. (4) Cam. cant. 1. est. 11.

A *lealdade a seus principes soberanos* é outra admiravel prenda, de que só os portuguezes podem blazonar com grande singularidade. Todas as chronicas do mundo, se bem repararmos, estão salpicadas do sangue de parricidios, e inconfidencias dos vassallos para seus reis; só da nação portugueza não consta que faltassem já mais á fé promettida de seu verdadeiro soberano. Foi observação do doutissimo Thomaz Bosio, (1) natural de Gubio, cidade de Urbino, e de outros gravissimos authores. (2) Ardem os portuguezes no amor do seu rei, e com esta preclara segurança triumfam nossos monarcas de todo o receio, podendo-se chamar reis não de vassallos, mas de filhos. (3)

Com as dilatadas viagens das conquistas acabaram elles de confirmar, e appropriar-se a virtude d'esta fiel obediencia, e respeitosa constancia, sem ser possivel desvial-os, ou arrancal-os em obsequio d'ella ainda os immensos trabalhos, e perigos, que padeceram, (e padecerão, quando a occasião o peça,) de climas encontrados, e asperos; de fomes, sedes, frios, e traições malevolas de inimigos. Foi o que disse Vasco da Gama por boca do nosso famoso poeta (4) ao rei de Melinde:

Cres tu que se este nosso ajuntamento
De Soldados não fora Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu rei, e a seu regente?

Cres tu que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira.
Fazendo-se piratas obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

Com termos de grande elogio particularisam tudo authores de grave authoridade. (5) E posto que a 13 de Janeiro de 1759 vimos no caes de

(1) Bosio tom. 1. de Signis Eccles. Dei cap. 1. lib 8 «Nulla natio ab orbe condito praeter Lusitanicam reperitur, quae per tot saecula civilibus bellis minùs advertùs Reges suos fuerit commota. Imò nunquam commota adversùs Reges communi decreto constitutos... Hanc tandem deberi Lusitaniae genti, ut Regum studiosissima fuerit... Catholicis hoc Lusitanis ab orbis exordio divinitùs est concessum, ut nunquam Reges suos communi decreto constitutes armis petiverint.» (2) Barr. decad. 4. liv. 1. cap. 6. Duart. Nun. na vida d'elrei D. Sancho II. e na descripç. de Port. cap. 85. Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 20. Freit. de Just. Imper. Lusit. cap. 15. n. 2. (3) Cam. cant. 10. est. 148. (4) Idem cant. 5. est. 71. e 82. das Lusiad. (5) Franc. de Moncon Espejo de Princip. lib. 1. cap. 85. Zurita tom. 5. liv. 3. cap. 30. Gil Gonçalv. d'Avila Grandez. de Madr. liv. 4. Mariana. Histor. do Hespanh. tom 1. liv. 10. cap. 13. e liv 12. cap. 1. João Bautista Moreli na Reducion, y Restaur. de Port. pag. 39.

Belem d'esta cidade lastimosamente punidos por traidores, perfidos, e parricidas, uns miseraveis, que se denominavam portuguezes, foi bem acordado á suprema junta da Inconfidencia, antes de sentenciar o insulto, desnaturalisar aos aggressores: para que em nenhum tempo servisse de ludibrio a uma nação tão fiel ao seu rei, um exemplo tão indigno, e execrando. A mesma fé, e palavra estipulada na correspondencia de qualquer negocio, ou com o estrangeiro, ou nacional, se observa sempre inviolavel. (1)

O heroico titulo de Conquistador é uma das excellencias felicissimas, que particularmente compete tambem ao genio portuguez. Desde o feliz reinado d'elrei D. João I pelos annos de 1415 meteram os portuguezes o braço, e asseguraram o pé nas quatro partes do mundo com inveja gloriosa de todo elle; e se as generosas ousadias conseguem o brazão de grandes já desde o seu primeiro intento, muitos annos antes da sua execução residia no sublime peito, e mente regia de nossos antigos principes o mesmo glorioso projecto. (2) Por este meio se vio a monarquia portugueza augmentada sem diminuir os reinos alheios: fez-se grande sem fazer nenhum pequeno; e com grandeza verdadeiramente propria até o tempo d'elrei D. João III numerou trinta e dois reinos remotos tributarios, e quatrocentas e trinta e tres praças presidiadas, com outras muitas ilhas consideraveis, (3) não havendo no mundo clima, em que as sagradas quinas portuguezas não se exaltassem triumphantes. (4)

Mas sobre todas as prendas, nenhuma acredita melhor de estimavel o genio portuguez, que o zelo, e fervor, com que abraçaram, dilataram, e conservam a fé de Christo. Elles foram os primeiros, que na Europa erigiram templos sagrados para o culto da verdadeira religião: elles foram os que debellaram, e expulsaram de suas provincias aos sarracenos muitos centos de annos antes que outro algum reino de Hespanha podesse livrar-se de tão vil gente: elles foram os que depois de limpar as suas terras da infecta nação arabe, continuaram em perseguil-a na Asia, e Africa, não com outro motivo, senão para lhes intimar, e propagar a fé catholica. Aos portuguezes devem todos aquelles dilatados povos do oriente o conhecimento da verdade evangelica, a obediencia

(1) Veja-se a Macedo nas Flores de Hespanh. cap. 13. per totum Nouarq. Lusitan. part. 4 pag. 165 Brigel Leit. nas Miscel. p. 47. (2) Cam. cant. 8 est. 70. (3) Bos. de Sign Iberi tom. 1. lib. 8 sign. 32. cap. 1. n. 2. 3. e 4. «Nulla umquam gens, ex quo mundus est productus, tot maria transiisit, ac tam longè dissitas terras obiit, ut Lusitanica.. Nulla unquam gens ab humani generis exordio in tot, ac tam longe positis oris sedes fixit, colonasque deduxit, ut gens Lusitanica. Videbatur hoc esse Romanorum, vel etiam Macedonum, Phoenicumque: sed his proculdubio Lusitani superiores. Romani namque Colonias nullibi posuerunt, nisi intra Imperii sui confinia, quae non protendebantur ultra gradus nonaginta ab Occidente in Orientem. Lusitanorum verò suut ultra gradus 250. Nulla unquam natio tam remota regna, terrasque in suam potestatem redegit, ut Lusitanica. Plures quidem plura, sed non adeo longinqua. Igitur Lusitani non modo remotissimas oras adierunt, et in hoc omnibus praecellunt, sed et in iis domos posuerunt, amplius etiam subegerunt imperio suo. (4) Buchanan e Scaliger. apud Frut. de Just. Imper. pag. 29. 82 e 83. Macedo no Olisip. pag. 21. est. 60. Cam. cant. 1. est. 8. e cant. 7 est. 11.

aos summos pontifices da igreja, e a salvação das suas almas: (1) elles são finalmente os que para gastar no culto divino tem mais ambição do que o mundo todo cubiça para adquirir ouro, e riquezas. Todo este zelo, e piedade é ponto, que para caber no breve espaço d'este nosso Mappa, é preciso resumil-o, e assignalal-o com caracteres miudos.

Nas sciencias, supposto que antigamente floreceram n'ellas alguns portuguezes, de que faz menção Antonio de Sousa de Macedo, (2) com tudo não era com aquella fertilidade, com que pelos seculos mais chegados aos nossos deram os portuguezes a conhecer a extensa capacidade do seu talento, e engenho. A confusão, e estrondo das armas, e das guerras n'aquelles primeiros tempos tão continuas, e o accommettimento de inimigos tão differentes, não permittiam a tranquillidade, e socego, que requerem as musas. Havia mais portuguezes valerosos, que letrados. Produzia Portugal Scipiões, Cesares, Alexandres, e Augustos no valor, mas destituidos do adorno das sciencias, como lamentou Camões, (3) e Francisco de Sá de Miranda: (4)

Dizem dos nossos passados — *Eram bons, eram ousados,*
Que os mais não sabiam ler, — *Eu não sabo o não saber.*

Até o tempo delrei D. Diniz, sexto rei d'este reino, ainda não se conhecia n'elle que cousa eram graus [de doutores, nem de bachareis, nem de mestres: aos que sabiam alguma cousa chamavam-lhe escolares, porque iam estudar fóra do reino. De sorte, que o primeiro rei, que instituio escolas publicas para se aprenderem as sciencias, foi elrei D. Diniz, o qual fundou tambem a insigne universidade de Coimbra, d'onde continuamente se estão produzindo mestres eruditissimos, e formando infinitos homens prodigiosos em todo o genero scientifico. Tudo cantou Camões na 97 do 8.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicona as musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.

(1) Freit. de Just. Imper. Lusit. cap. 18. n. 12. 13 e 14. Bosio de Sign. Eccles tom 1. lib. 4. cap. 2. pag. mihi 215. «Toti Lusitanicae genti debetur haec Laus, ut nobis ad remotissimas oras, et antiquis invias, facillimus, ac tutus fuerit aditus apertus, ita ut Christiana in amplissimis regionibus religio longé, lateque potuerit dissemiuare». Aubert. Miraeus in Politica Ecclesiast. liv. 2. cap. 15. «Lusitania itaque in ludiam commigrantibus, et Imperio late propagato, Christi cultus, ac reverentia per vastissimum illum Asiae tractum sese erigere coepit». Gerard Mercat. in Tabula Lusit. Marian. tom. 1. liv 18. cap. 13. João Pinto Ribeiro, Desenganu ao parecer enganoso. Gil Gonçalv. d'Avil. Grandez. de Madrid; «Siendo (los Portuguezes) los primeros hombres, que seminaron en el ludo la semilla de la palabra Divina, aumentada con el riego de su sangre, haziendo se mas gloriosos con las palmas del martyrio». (2) Macedo nas Flor. do Hesp. cap. 8. (3) Cam. est. 95 do 5. (4) Sá de Miranda na epist. 4

Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, e do sempre verde louro.

Esta habilidade intellectual confirmaremos com provas mais evidentes, quando mostrarmos o genio, e engenho dos portuguezes em toda a faculdade litteraria. Passemos a expressar outros predicados. Na producção de alguns invéntos são elles não só fecundos, mas utilissimos. Henrique Garcez foi o primeiro, que achou na America o uso do azougue para purificar o ouro. Portuguezes foram os que usaram primeiro que outrem comer sentados em cadeiras. Bartholomeu Dias descubriu o cabo da Boa Esperança: e Fernando de Magalhães o Estreito, a que deu nome. Os famosos mestres Rodrigo, e Joseph, medicos delrei D. João II inventaram o astrolabio, instrumento mathematico, o qual abrio caminho a tão estupendas navegações. O infante D. Henrique inventou a carta de marear; e em outros muitos raros inventos tiveram nossos nacionaes a primazia, e industria, que largamente mostra Manoel de Faria. (1)

São os portuguezes commummente pouco inclinados a aprender linguas estranhas, com a sua se contentam, que muito presam. Para as que mais se dedicam alguns, são a latina, castelhana, italiana, e franceza, e nas duas primeiras fallam, e compõem com energia e elegancia. Parece que nos reinados gloriosos delrei D. Manuel, e D. João III havia maior curiosidade em se applicarem os nossos ás linguas orientaes pela precisa interpretação conducente a facilitar o commercio d'aquelles povos, em cujos idiomas foram insignes, alem de outros, Pedro da Covilhã, e Fernão Martins, dos quaes se lembram João de Barros, e Camões. (2)

O primor, brio, e bizarria são attributos mui proprios da gente portugueza. Não emprendem cousa alguma, por difficultosa que seja, que gloriosamente não a consigam. Affectam muito nas occasiões publicas ostentar-se pomposos com gravidade, maiormente os nobres, e quando estão fóra do reino. D'aqui nasce serem os fidalgos portuguezes reputados por vãos, presumidos, e soberbos; d'onde o Criticon de Gracian (3) disse: «Que serian famosos, si non fuessen fumosos»; porem não póde deixar de haver muito fumo, onde ha muito fogo: e como bem observou o eruditissimo Feijó, (4) toda esta jactancia da fidalguia portugueza não é mais que um chiste, garbo, e desafogo da vivacidade do seu espirito. A urbanidade, cortezania, e attenção, com que tratam a to-

(1) Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 8. e no Comm. do Cant. 5. de Cam. est. 25. e João de Barr. Decad. 1. liv. 4. cap. 2. (2) Idem ibid. liv. 3. cap. 5. Camões cant. 5. est. 77. (3) Gracian part 3. do Criticon cris 8. (4) Feijo tom. 6. do Theatr. Critic. disc. 3. §. 4. n. 6.

dos, é incompativel com a soberba, e orgulhosa arrogancia, e inchação que se lhes attribue. São muito amigos de valer a quem busca o seu patrocinio; e nas acções de piedade excedem a todo o mundo, dispendendo com mão generosa, e liberal. «Para mi tengo colegido, que los nobles de Portugal, es gente cuerda en lo que hacen, y agudos en lo que dizen»: disse D. Antonio de Guevara em uma das suas cartas.

Com desconfiança sua nos reputam os estrangeiros (1) por nação extremosamente aferrada ás maximas, e costumes nacionaes, que só estimamos, e encarecemos por vantajosos. Póde ser que se assim fôra em todos esta constancia, não nos levariam elles muita parte da honestidade, verdade, compostura, modestia, honra, e desinteresse, que nossos antepassados professaram, e que em lugar d'estas boas prendas nos não vissemos agora cheios de cautella, ambição, ociosidade, soltura, brindes, banquetes, e outras desordens, que as nações estrangeiras nos introduziram; (2) porem este conceito não se compadece com o que ordinariamente estamos vendo, que é o nimio apreço, que quasi todos fazem das acções, modas, e costumes estrangeiros, desamparando com aleivosia aquelles, em que foram creados, sem mais razão que por serem os outros estranhos. Este vicio nacional foi reprehendido por um dos nossos poetas antigos, (3) dizendo:

Se um estranho á terra vem,
Dizeis todos em geral:
Nunca aqui chegou ninguem;
E do vosso natural
Nada vos parece bem.

Em fim que por natureza,
E constellação do clima
Esta nação Portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despreza.

Imitou-lhe o conceito, e a sentença com igual graça o grande Francisco Rodrigues Lobo no fim da Eglog. 1.

Ouvir qualquer estrangeiro
Fallar de seus naturaes,
Dá d'elles tão bons signaes,
Que o não tem por verdadeiro.

Fallem-vos n'um natural,
Dizeis faltas que não tem;
Mente o outro para bem,
Nos mentimos para mal.

Quanto ao traje, e modo de vestir, não se pode dizer que o temos proprio: as invenções dos estrangeiros são os modelos, ou moldes dos nossos habitos. Até o tempo delrei D. João III pouca alteração, e mudança houvé no modo de trajar. N'aquelle feliz seculo delrei D. Manuel, em que o reino nadava em ouro, trajavam os principes vestidos, que

(1) Merveilleux Memoir. instr. tom. 1. pag. 86. Gracian. no Critic. ibid. (2) D. Franc. Man. na Visita das Font. pag. 218. (3) Simão Machad. na Comed. de Alfeo p. 72. Veja-se tambem a Man. de Far. na Font. de Agan. part. 3. Ode 15. est. 11. Franc. Rod. Lobo Eglog. 1.

hoje desprezariam os filhos de qualquer mecanico humilde. Elrei D. João III sendo ainda moço, e vendo em differentes occasiões variar de traje, nunca deixou o portuguez, dizendo, que nenhuma cousa havia de ser bastante a fazel-o parecer estranho em sua patria. (1) Neste mesmo reinado, e pelos annos de 1530 é que em Portugal começaram a entrar as galas de Castella, e as delicias asiaticas, que nos corromperam a modestia, e parsimonia antiga, de que tanto se lamentou Sá de Miranda. (2) Concorreu depois a communicação das gentes de outros paizes, que com suas extravagantes invenções nos tem feito servos dos seus caprichos, e por imitar o alheio perdemos o proprio. Bem o disse, e deplorou Simão Machado. (3)

Vellos-heis, disse, á Franceza,
Depois d'isso á Castelhana,
Hoje andam á Bolonheza,
A'manhã á Sevilhana,
E ja nunca á Portugueza.

Confirma-o Francisco Rodrigues Lobo na Egloga 4.

Por isso qualquer profano
Nos toma para entremez,
Porque fazemos cada anno
Te no traje Portuguez
Mais mudanças que um cigano.

Não tomamos isto em grosso,
Vestimos por tantos modos
Cada hora, que dizer posso,
Que não temos traje nosso,
Porque o tomamos de todos.

O que tem mais permanecido, é na gente civil a capa, e volta, e na plebe o uzo do capote, de que os estrangeiros não gostam, porque dizem ser contrario á boa politica, por causa de servir de grande rebuço ás pessoas mal intencionadas; (4) porem a boa commodidade, que este habito faz no inverno, e ainda ás vezes no tempo calido, póde justificar o seu uzo, e dissimular a indifferença da má intenção, que se lhe attribue. As espadas antigamente se traziam debaixo do braço sem a guarnição de boldrié: os italianos é que inventaram, e nos introduziram a moda do talim; d'onde Camões nos seus chamados Disparates veio a picar esta introducção.

Vereis mancebinhos de arte
Com espada em talabarte,
Não ha mais Italiano, etc.

(1) Faria no Comm. das Lusiad. Cant 2. est 97. (2) Idem nos Com. das Rim. de Cam. Eglog. 1. est. 2: Francisc. Nun. de Velasco no Dialog. II. Sá de Miraud. cart. 2.
(3) Simão Machado na Comed. de Alfeo part 1. (4) Description de la Ville de Lisbonne pag. 92

Tambem se costumavam adagas, que hoje estão prohibidas; e até o adereço das espadas já tem degenerado em espadim, e cotós. As barbas compridas até á cintura se foram diminuindo no tempo d'el-rei D. João IV, em que ainda se usavam bigodes: depois no governo do senhor rei D. Pedro II se extinguiram, e entrou o uzo das cabelleiras já agora tão domesticado, que se faz reparavel o que não uza d'ellas; e ainda neste genero de compostura ha cada dia differentes novidades.

Entre todas as nações do mundo é só a portugueza naturalmente conhecida por namorada. Perguntou a madre Soror Maria de la Antiga em certa occasião a Christo, se era portuguez? O Senhor lhe respondeu: «Sim filha, que tudo que diz amor, e mais amor está em mim; e essa parte dos portuguezes são de natural mais nobre: e por certa natureza que n'aquelle ceu influem os planetas, são commumente alli as gentes d'essas qualidades.» (1) Derretidos de amor nos chamam os castelhanos; mas este affecto foi, e é sempre exercitado por aquelle teor, e modo, que aperfeiçoa as pessoas, e as incita a acções decorosamente galantes. As venerações, e cultos do amor candido são tão antigos em Portugal, que já em tempo dos cartaginezes havia templo em Villa Viçosa dedicado a Cupido, a cujo idolo, que era de prata, e chamavam Endovelico, iam em romaria os portuguezes fazer os seus sacrificios, offerecendo no principio de cada mez por victima um cordeiro branco, (2) para mostrarem o sincero, e racionavel exercicio da mais poderosa paixão da alma. D'aqui se infere, que na chamma do amor portuguez não ha fumo de torpeza: por isso Valerio Maximo reprehendeu asperamente a Q. Metelo Pio por delinquir nos excessos de Venus dentro da provincia lusitana, que só amava os furores de Marte. (3) Assim o deram a entender tambem aquelles cavalleiros da ordem militar dos Namorados, que na celebre batalha de Aljubarrota obraram tantas maravilhas em pura, e honesta contemplação das suas damas; (4) e por desafronta de outras passaram a Londres no anno de 1390 os doze celebrados portuguezes, que com gloria, e lustre da patria ficaram vencedores. (5) Foram finalmente os palacios dos reis sempre escolas universaes da fina galanteria. Celebravam-se saraus, e festins entre damas, e galantes nas vodas, nascimentos de principes, e vindas de embaixadores, e a este exemplo o faziam os particulares com toda a modestia. Hoje está mui sincopada, ou, para melhor dizer, extincta a galanteria; (6) d'onde o grande Sá de Miranda (7) dizia já no seu tempo:

(1) Sor. Mar. de la Antigua l. 12. cap. 13. (2) Monarq. Lusit. part. 1. liv. 2. cap. 11. (3) Valer. Maxim. lib. 9. cap. 1. n. 5. «En ubi ista? Non in Graecia, neque in Asia, quarum luxuria severitas ipsa corrumpi poterat; sed in horrida, et bellicosa Provincia, cum praesertim acerrimus hosis Sertorius Romanorum exercituum oculos Lusitanis telis perstrinxeret.» (4) Fr. Jacinto de Deos no Escudo dos Cavall. §. 59. (5) Cam. Lusiad. cap. 6. est. 43. e seq. e seu Commentador Manoel de Faria tom. 2. pag. 113. (6) D. Franc. de Port. na Arte de Galanteria, e D. Franc. Man. na Visit. das Fontes pag. 279. (7) Sá de Miranda cart. 2. est. 76.

Traspozeram os amores, *E deixaram o paço ás cegas.*

Este amor, e estimação para com o bello sexo faz ser aos portuguezes mais ciosos de suas mulheres, do que merece a sua grande honestidade, e por conta dos zelos praticam cautelas bem escusadas, de que os estrangeiros não costumados a semelhantes precauções bastantemente se admiram, e estranham. As mulheres civis raras vezes saem de casa: e quando chega a occasião, que é no domingo, ou dia santo, vão acompanhadas de suas criadas, e cubertas com um manto de seda preta, mas com tal ar, e garbo, que os mesmos estrangeiros reconhecem especial genero de attractivo na sua grave compostura, e meneio. Antigamente usavam de guardinfantes: pouco ha se extinguiram os donaires: hoje todo o luxo anda pelos pés, e de rastos; bom signal para se acabar. Na formosura, talento, e sagacidade excedem as portuguezas ás mulheres de todo o mundo: parece todavia que com a prenda natural da formosura não vivem algumas com toda a satisfação, obrigando-as a sua mal fundada desconfiança, ou ambição de parecer melhor, a pôr no rosto unguentos, e certos signaes, ou retalhinhos redondos de tafetá negro; porque imaginam se fazem d'aquelle modo mais bellas, e que realçam muito a alvura da cara, de cujo accidente nem todas participam, porque de ordinario as mais d'ellas são de côr algum tanto morena, porem o cabello, e olhos pretos com graça, e viveza.

Nos casamentos usavam as antigas portuguezas da provincia do Minho não sahirem de casa de seus pais para as de seus esposos, senão como violentadas: os seus parentes faziam a ceremonia de puxarem por ellas para fóra da porta arrebatadamente, e indo no meio de dois padrinhos, adiantava-se a toda a comitiva um moço, que levava a roca cheia de linho, e o fuso. No tempo do doutor João de Barros, que floreceu pelos annos de 1549, ainda permanecia quasi este costume; porque a noiva, quando sahia da casa de seus pais, diz elle na Descripção do Minho, chorava muito, dando assim a entender saudosa, que se apartava da sua companhia contra vontade. Tambem costumavam, quando sabiam que alguma moça estava contratada para casar, juntarem-se as visinhas, e parentas d'ella, e fiarem todas á porfia uma noite até pela manhã, a que chamam fazer serão; e como ordinariamente todas as mulheres d'esta provincia são grandes fiandeiras, chegavam em semilhante empreza a fiar muitas varas de panno para o enxoval da noiva. (1) D'esta sorte ajudam uns aos outros para o dote das filhas, e no dia da voda fazem grandes festas, e banquetes.

No livro dos costumes antigos de Beja se acha escripto, que os moradores d'esta povoação se queixaram a elrei D. Diniz no anno de 1339, dizendo: que os fidalgos, e poderosos, quando casavam seus filhos, e

(1) João de Barr. na Descripç. do Minho cap. 9.

parentes. rogavam ao alcaide mór, alvazis, (isto é, vereador) fidalgos, e homens bons da terra, com os alcaides das aldeias, e que com toda esta companhia iam pelos montes pedir carneiros, galinhas, e outras cousas, que lhe não podiam negar em abundancia com vergonha do acompanhamento que levavam. Este excesso remediou elrei, mandando que d'alli por diante não houvesse acompanhamentos semelhantes, permittindo que só o noivo com um companheiro fosse recolher a voluntaria offerta de seus paizanos. Assim o refere fr. Francisco Brandão na *Monarquia Lusitana* liv. 18.º cap. 30.º accrescentando: que este costume que agora pareceria incivil, e pouco decente para os noivos, que sempre hão-de ostentar grandezas, e não indigencia, conforme o costume moderno cheio de fausto, e ostentação, julgava a singeleza advertida d'aquella boa idade por decorosa correspondencia dos novos casados, gratificando n'esta parte do estado da republica, que pelo matrimonio se amplia.

Muitas vezes acontece escolherem as filhas o marido contra a vontade dos pais, e para obviar esta opposição na eleição livre do seu estado, e de seu esposo, consentem que estes as tirem por justiça. Vão logo ser depositadas pelo meirinho ecclesiastico em alguma casa de pessoa honesta; e procedendo a perguntas, se persistem na mesma vontade, se recebem, ficando os pais da noiva obrigados a contribuir com o dote proporcionado aos bens, que lhe competem.

O divertimento da caça é generico em todo o Portugal. Os gregos, quando vieram a Lisboa, (1) introduziram o da altenaria, que se pratica com açores, falcões, e gaviões, de que compoz uma excellente arte Diogo Fernandes Ferreira; porem este exercicio nobre foi mais proprio dos nossos principes, e muito usado até o tempo d'elrei D. Sebastião. Permanecem hoje os outros generos de caça mais laboriosos em grande risco das mais ligeiras aves, que se não livram da destreza dos tiros para abonarem á custa da sua vida o primor, e acerto da espingarda portugueza. Offerecem igualmente um admiravel passatempo as muitas ribeiras, e rios com a pescaria de seus peixes. Os jogos da péla, tabolas, bola, e cartas entertem a muitos ociosos, e ás vezes passa a occupação cheia de damnos e perigos. Nas academias, ou casas publicas d'estes jogos é costume dar barato, ou alguma porção do lucro aquelle, que tiver ganhado, aos que estão em roda vendo.

Sobre todos os divertimentos, o mais celebre, e plausivel é o combate dos touros, ou seja de pé, ou de cavallo: festa que traz origem do gentilismo, para o qual todos concorrem com grande gosto, e se fazem com muito apparato, e magnificencia. (2) Esta é só a occasião em que os estrangeiros dizem (3) que podem á sua vontade ver as damas por-

(1) Figueiroa na Plaça Univ. disc. 12. §. 2. n. 3. (2) Veja-se a Illanteau no Vocab. verb. Tourear, e a Colmenar. nas Delicias do Portug. paç. 857. (3) Memoires pour un Voyageur tom. 2. pag. 131.

tuguezas ornadas com todos os seus enfeites; mas todavia é este genero de espectaculo tão perigoso, que só o costume lhe podia tirar o horror, e que justamente reprova nosso D. Francisco Botelho em uma das suas satyras latinas. Mais vistosas são as outras festas, que ás vezes fazem os cavalleiros portuguezes, chamadas justas, torneios, alcancias, e cavalhadas, onde se vê a destreza, brio, e desembaraço de andar a cavallo, em que algumas pessoas de qualidade são insignes.

Amam os portuguezes com especial affecto a poesia, e a musica. Hoje anda muito em moda no applauso de qualquer acção meritoria transferir o Parnaso para o sitio do elogiado, e alli glosando motes, e compondo versos de improviso, mostram as portuguezas musas n'estes outeiros laudatorios, que não tem inveja de Apollo no seu aprazivel monte de Acaya. O instrumento musico, a que chamam viola, é propriamente portuguez, e que serve em todos os festejos domesticos, e publicos, a cujo som entoam ordinariamente motetes, e cantigas pateticas com aquella variedade, que pede a intenção do divertimento. O grave aspecto da compleição nacional parece que insinua pouca familiaridade entre uns e outros compatriotas: d'aqui vem serem raras as pessoas, que convidam a seus amigos para jantar com elles; mas, quando o fazem, é com mesa farta, limpa, e saborosa, e as mais das vezes ostentando grandeza, vaidade, e desperdicio.

Outros muitos costumes omittimos, não só porque seria preciso um grande volume, se houvessemos de descrevel-os pontualmente, mas porque estas extensas narrações são mais proprias para a historia, que para a geografia. Com tudo antes de clausular este capitulo, diremos alguns sentenciosos attributos dos portuguezes para maior conhecimento do seu genio, segundo a discreta observação, e experiencia de alguns authores nossos.

Os portuguezes sempre tiveram pouca duvida nos grandes casos. (1)

Lastima muito mais aos portuguezes o louvor alheio, que o esquecimento do seu proprio. (2)

Tem o portuguez por desfavor usado com elle o favor, que vê usar com o seu companheiro. (3)

É muito proprio de cavalheiros portuguezes com a inveja da primeira gloria estorvarem-se a si o logro da segunda, querendo mais ficar sem alguma, que ver a outrem com vantagem. (4)

Cada um dos portuguezes da primeira grandeza tudo querem para si, e todos nada para alguem. (5)

Cada um dos portuguezes presume que se lhe deve tudo; e assim qualquer cousa, que se dá aos outros, cuida que se lhe rouba.

(1) Far. tom. 3. da Asia p. 1. c. 1. n. 15 (2) Ibid. tom. 1. c. 5. part. 2. (3) Ibid. cap. 7 (4) Idem tom. 1. da Asia part. 1. cap. 1. n. 2. (5) Ibid. part. 2. c. 2

Sempre o animo portuguez esteve alegre nos perigos, e ainda nos tormentos.

Amou sempre mais um portuguez a fidelidade, que a fortuna.

Nenhuma cousa logrou a maior antiguidade, que a não lograsse a gente portugueza.

A gente portugueza para com seus desejados principes mil vezes substituiu a adoração pelo decoro.

Não se sujeitou já mais a gente portugueza sem ter alguma soberania.

Nunca a espada portugueza deveu triumphos á multidão dos exercitos, senão á grandeza dos corações.

Mil vezes tem sido a confiança natural cutello da nação portugueza.

Na gente portugueza desde os fundamentos está de posse encommendar ao espirito o que outras nações á copia.

A nação portugueza sempre se prezou mais de ser acredora da voz da fama, que de sujeita a seus favores.

A gente portugueza sempre foi affectadora de estimações, e decoros pela ostentação do pomposo, e do grave, e ainda do vão.

Mais cabem no mundo os portuguezes, que elle n'elles.

Ao coração portuguez ainda um mundo lhe vem estreito.

Com a gente portugueza nunca pode tanto o furor da guerra, como a affabilidade dos principes.

Os portuguezes são como o mar: mui serenos no socego, e na colera insupportaveis.

As mulheres portuguezas em seguindo o caminho da modestia, são unicas n'ella; e tambem unicas em liberdades, se tomam o caminho de livres.

Não poucas vezes as matronas portuguezas depozeram a roca pela espada, fiando vidas assim como linho.

Todo o zelo é mal soffrido, mas o zelo portuguez mais impaciente que todos.

É natureza, ou má condição da nossa Lusitania não poder consentir que luzam os que nascem n'ella.

É timbre da nossa nação, tanto que sahe á luz quem póde luzir, tragal-o logo, para que não luza.

Os portuguezes deram fundo com as ancoras, onde Santo Agostinho não achou fundo com o entendimento.

Nenhum golpe deu a espada dos portuguezes, que não accrescentasse mais uma pedra á fabrica da igreja.

Os portuguezes para os infieis tem a espada, para os catholicos tem o escudo.

Os portuguezes primeiro se chamaram mundanos, e depois lusitanos, para trazerem no nome a luz do mundo.

Os portuguezes sempre descobriram imperios para si, e cubiças para outros.

O maior louvor da nossa nação è chegarem os portuguezes com a espada, onde Santo Agostinho não chegou com o entendimento.

Em Portugal esteve sempre certo o descuido com quem merecen cuidado.

A nação portugueza mais se préza de fazer, que de dizer.

Quem quizer inteirar-se mais do genio portuguez, e sem a desconfiança de ser informado por algum nacional, póde ver entre os estranhos sem suspeita aos authores abaixo citados, (1) e outros, que allega Hoffman, (2) porque nós concluimos com o que promette aos portuguezes o grande Camões em um dos seus cantos.

Por mais que da fortuna andem as rodas
Não vos hão-de faltar, (gente famosa)
Honra, valor, e fama gloriosa.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

(1) Justo Lipsio na epist. 56. do liv. 3. Andr. Scot na Bibliotheca Hispanica tom. 2. clas. 9. e tom. 3. clas. 2. Bosio tom. 3. de Sign. Eccles. lib. 8 cap 1. Caesar de Bello Gallico lib. 3. Fr Jeronym. Rom. Republic. do mund. liv. 4. cap. 18. Sagin. in nova Geograp. S. Portugalenses. (2) Hoffman. Diccion. verb. Portugallia. Veja-se tambem a mons. de la Houtan. Merveilleux, Davity, Maffeu Historia da India, Sanson, Moreri, Coronelli, e outros muitos, que por brevidade deixo de allegar.

MAPPA

DE

PORTUGAL

PARTE IV

CAPITULO I

Memorias dos primeiros povoadores da antiga Lusitania

Entramos n'esta segunda parte do nosso Mappa com a laboriosa averiguação de um dos pontos historicos mais difficil do seculo primeiro Lusitanico. Os antiquarios hespanhoes, e commummente os doutos convem uniformes em que dos descendentes de Jafet, terceiro filho do patriarcha Noé, (entre os quaes se repartio a povoação de toda a Europa, e parte da Asia depois do universal diluvio), coubera a Tubal, seu quinto filho, plantar, e propagar Hespanha.

Modernamente D. Francisco Xavier da Garma (1) pertendeu excluil-o do continente hespanhol, substituindo em seu lugar por primeiro povoador d'elle a Tharsis, sobrinho de Tubal, filho de seu irmão Javan, e neto de Jafet: porèm esta opinião já seguida antecedentemente por outros, desfaz com razões mais provaveis o erudito padre Joseph Moret da companhia de Jesus. (2)

Assentando pois que os hespanhoes, e por consequencia os lusitanos se originam de Tubal, vista a grande authoridade dos escriptores, que o affirmam, (3) nasce d'aqui um reparo, e vem a ser: que dizendo Joseph, (4) procederem os iberos de Tubal, e interpretando S. Jerony-

(1) Garma no Theatr. Univ. de Hesp. tom. 1. c. 1. (2) Moret, Anales de Nava ra. tom. 1. no Append. § 1. (3) Strabo. Anselmo Laurunense, Lyra, Abulens. Delrio, Mapile. e outros apud Malvend. do Anti Christo lib. 6. cap. 22. Genebrad. Chronol. lib. 1. p. 31. Arias. Montan. in Isai. 66. v. 19. Villalp. in cap. 27. Ezech. v. 13. Sá ibid. Heitor Pint. lib. c 38. v. 2. Torniello. Annales Sacri ad ann. 1931. n. 22. Pineda lib. 4. de reb. Salom. cap 15. §. 7. Bent. Per. in Genes tom. 2. liv. 15. Marin. Sicul. lib. 6. cap. 1. Vasaeus. Chron. Hisp. tom. 1. ann. 143. Munster, Cosmograf. liv. 2. pag. 56. D. Rodr. Arceb. de Toled. liv. 1. c. 3. Flor. do Camp. liv. 1. cap. 4. Garibay tom. 1. liv 4. cap. 4. Escolan. Hist. de Valenç. liv. 1. cap 4. Henao, Antig. de Cantabr. liv. 1. c. 1. Pined. Monarq. Eccles. liv. 1. cap. 18. §. 4. Matut. Prosap. de Christ. edad. 2. cap. 3. § 3 Aldret Orig. da ling. Castelh. liv. 2. cap. 15. Clerical. eta 2. del mondo rag. 7. Marian. liv. 1. c. 1. e 7 Kircher do Arc. Noé cap. 9. Yanes Espana en la S. Biblia part. 1. cap. 1. (4) Joseph. de Antiq. lib. 1. cap. 7.

mo, Santo Isidoro, (1) e outros aos iberos pelos hespanhoes, todavia como na Asia se acham tambem semelhantes povos iberos desde aquelles primeiros tempos, duvida-se justamente quaes devem ser reputados primarios descendentes de Tubal?

Os authores, que se persuadem fôra o mundo povoado pouco a pouco, e principiara do oriente, estendendo-se os povos á medida, que a gente crescia, dizem, que a Iberia hespanhola, ou occidental, foi colonia dos iberos asiaticos. (2) A outros porem se lhes faz mais verosimel que os hespanhoes levassem á Asia por transmigração o nome de iberos; (3) d'onde Rufo Festo Avieno veio a dizer: (4)

> . . . . *Asper iberus*
> *Hic agit: hic olim Tyrrheníde pulsus ab ora*
> *Cespitis Eoi tenuit sola.*

Esta opinião parece que se conforma mais com o sentido natural do Genesis, que no capitulo 10.º dá a entender como os primeiros netos de Noe logo se dividiram a povoar o mundo; e cabendo á familia de Tubal lançar os alicerces, e estabelecer os limites de Hespanha, veio positivamente a ella, ou fosse por mar em pequenas embarcações, passando da Armenia ao Egypto, do Egypto a Africa, e d'aqui atravessando o Estreito de Gibraltar até o Promontorio, que depois se chamou Sacro; ou fosse por terra, caminhando do Egypto a Jerusalem pela Natolia, depois penetrando a Tartaria, Hungria, Alemanha, França, Hespanha, e Portugal, sem lhe ser necessario por este caminho passar braço algum de mar consideravel; ou finalmente transitando por outra qualquer via, que lhe destinasse a Providencia, para soccorrer a necessidade da segunda povoação do genero humano com viagem, que fosse prudente, e não temeraria, como bem adverte o erudito Yañes.

Collocado já Tubal, e sua familia n'estas partes occidentaes da Europa pelos annos 150 depois do diluvio, conforme a melhor chronologia, (5) resta saber em que parte da Hespanha fez o seu primeiro assento? N'isto, por mais que se intente indagar, não póde haver certeza; porque o grande Abulense, julgando ser esta entrada pelos montes Pyrineus, attribue a Pamplona a primazia das fundações de Tubal em todo este tracto hispanico, (6) Florião do Campo a Andaluzia, (7) Martim de

(1) D. Hieron quaest. Hebraic. in Genes. 10. et in cap. 32. Ezech. S. Isidor. lib. 9. cap. 2. Origin. Eoseb. lib. 9. cap. 3. (2) Melanchton in Chron. allegado por João Guilhermo Stukio nos Scholios in Periplum Pont. Euxini do Arriano pag. 32. e 144. Plin. Strab. Marc. Varr Arias Montan, apud Hoffman. in Diction. verb. Thubal, et Iberus. Torniel. ad anno. 1931. ainda que duvidoso. Marian. liv. 1. c. 7. Volaterr. liv. 3. (3) Moret, Anales de Navarra, tom. 1. liv 1. c. 1. Nicefor. liv. 8. cap. 34 Yanes Espana en la S. Bibl. part. 1. cap. 2. n. 5. e 6. e cap. 3. n. 3. (4) Avien. in Descript. Orbis vars. 882. (5) Far. tom 1. da Europ. Port. part. 1. cap. 1. n. 5. Yanes Espana en la S. Biblia part. 1. cap. 3. n. 2.

(6) Abulens. super Genes. cap. 10. «Tubal á quo Hispani, iste sedem posuit in descensu montis Pyrinaei apud locum, qui dicitur Pampiloca.» O mesmo repete sobre o Prologo da Biblia, que se chama Epistola ad Paulinum, cap. 1. (7) Flor. do Camp. liv 1

Viciana a Valença, (1) Joseph Moret a Tafalla, (2) outros a Toledo, (3) e fr. Bernardo de Brito, Heitor Pinto, e outros muitos a Setubal em Portugal. (4) Mais facil será crer (diz Manoel de Faria judiciosamente) ter sido Tubal fundador de muitas povoações na Hespanha, que o assegurar a primazia de alguma entre todas: (5) e d'este parecer foi o erudito Malvenda, que já allegámos. Todavia o insigne commentador de Virgilio Francisco de Lacerda, allegado por Luiz Marinho de Azevedo, diz, que da Lusitania sahiram os primeiros fundadores de Hespanha (6) a estabelecer povoações em varias partes d'ella.

O certo é, que dos tempos immediatos á primitiva povoação de Portugal, até que as armas cartaginezas, e romanas abriram o caminho á communicação das gentes occidentaes da Europa, não póde a historia dar um passo, senão ás escuras, e com a vehemente suspeita de claudicar na verdade; porque alguns escriptores fundados em documentos ou apocrifos, ou de pouca authoridade, e exame, constituiram em Hespanha, e Portugal com demasiada, e incauta crença o governo de alguns reis duvidosos, como foi Ibero, Jubalda, Briga, Beta, e outros, de que não ha historia verdadeira. Sómente consta, que havia em nossas terras alguns regulos, como foi Lucinio, Culca, Gorgoris, Abides, Argantonio, Theron, Mandonio, e alguns outros, de que fazem memoria authores veridicos. (6)

Tambem temos por certo, que n'aquelles principios todo este nosso continente estava occupado de varios povos, cada um com seu nome, costumes, e usos differentes, formando distinctas especies de pequenas republicas com suas leis, especialmente desde o governo de Gorgoris, ou Gorgaris. Não será relação importuna communicarmos aqui um breve monumento d'estes povos primitivos para melhor intelligencia da historia.

Abobricenses; ou *Aobricenses*. Habitavam pouco distantes de Chaves. (7) A Hoffman lhe parece que eram os da villa do Conde, e a João de Barros os da Nobrega, ou Valdevez.

Amaienses. Eram povos da Lusitania. (8)

Amfilocos. Habitavam na cidade Amfiloquia, que estava na provin-

(1) Vician. liv. 1. cap. 6 (2) Padr. Moret, Anales de Navarra tom. 1. p. 4. (3) Apud Vanes ut supr. n. 6. (4) Brit. Monarq. Lusit. p. 1. l. 1. c. 3. Heyt Pint. in cap. 27. Ezech. p. 247. «Prima Urbis Hispaniae, ut aiunt, appellata est Thubal, ab ipso conditore nomine desumpto quam viri docti eam dicunt esse, quae nunc Setubal appellatur in hac nostra Lusitania sita ad Occidentem.» Diogo de Colmenar. na Histor. de Segovia cap. 1. «Dize-se, que fundo Tubal al lado meridional del rio Tajo sobre el grande Oceano un pueblo, que nombró Setubal, nombre al parecer compuesto en honra del S. Seth, su 10. abuelo, hijo de Adan.» Matut. Prosap. de Christ edad. 2. cap. 3. §. 3. e outros apud. fr Benard. da Silva na Def. da Monarq. Lusit. part. 1 cap. 10. (4) Faria ut supr. (5) Lacerd in Virgil. apud L. Mar. lib. 1. cap. 15. Antig. de Lisb. «Ab Lusitania exuberante gente dissipati in reliquam Hispaniam sunt, et tanquam in colonias deducti.» (6) Livius lib. 3. decad. 4. Macrob. liv. 1. Saturn. Polyb. lib. 3. apud Resend. lib. 3. Antiq. Herodot. lib. 1. cap. 42. Plin. liv. 7. cap. 48. (7) Idem liv 4. cap 20. Mela liv. 3. cap. 1. Resend. liv. 1. do Antiq. Monarq Lusit. liv. 5. cap 9. Argot Memor. do Arcebisp. de Brag. p 177 e 373. (8) Resend. liv. 1.

cia de Galiza, a que hoje chamamos Orense, a qual no tempo dos romanos veio a pertencer á chancellaria de Braga. (1) Da vida de Alexandre Magno escripta pelo segundo Xenofonte Arriano Nicomediense, consta que os amilocos não estavam mui distantes da Ambracia, (2) que conforme alguns, (3) foi Barcellos. Ortelio colloca os amilocos entre os calaicos, e os Bracaros.

Ancondeos. Povos nacionaes, que viviam nas visinhanças do monte Gerez. (4)

Arevacos. Procediam dos celtiberos, e eram os ultimos povos, em que se terminava Galiza junto do Douro. (5)

Artabros, que depois se chamaram *Arrotebras*, occupavam desde o promontorio celtico até os astures. (6)

Astures. Occupavam a provincia de Tras os Montes, e eram notaveis mineiros. (7)

Barbaros, ou *Sarrios*. Habitavam por toda a serra da Arrabida até Lisboa, ou todo aquelle tracto de terra, que fica entre o Tejo e Setubal. Viviam sem lei, sem policia, e com pouca, ou nenhuma religião. Sustentavam-se dos fructos, que a terra produzia, e da caça, que na montanha apanhavam. Este modo de viver barbaro, e agreste os fazia tão rigidos, que não só tiveram sanguinolentas guerras com os celtas seus visinhos, mas lizeram uma das maiores resistencias, que experimentou Julio Cesar na conquista da Lusitania. No anno 501 antes de Christo, vendo que a patria os não podia manter com a sua multiplicação, determinaram que todos os moços até á idade de quarenta annos fossem buscar outras terras desoccupadas, em que viver: e depois de varios transes foram cultivar muita parte da Beira, principalmente aquellas terras, que se estendem por algumas leguas á roda do rio Soberbo. (8)

Bardulos, ou *Vardulos*. Habitavam onde agora se chama Guipuscoa. Plinio diz, que os bardulos eram os mesmos, que os turdulos da Lusitania. Baudrand diz, que eram diversos uns dos outros.

Belitanos. O mesmo que lusitanos.

Berones. Querem alguns (9) conjecturar que habitavam na provincia da Beira, sendo que o padre Argote (10) não convem n'isso. Baudrand, e Hoffman, dizem, que eram povos sujeitos aos celtiberos, e a sua principal cidade era onde hoje está Trejo.

Bibalos. Conforme João de Barros (11) habitavam em Val de Bou-

(1) Strab. liv. 3. Justin. liv. ult. cap. ult. Resend. liv. 1. (2) Arrian. rer. gestar. Alex. liv. 2. «Sed Geryonis Regnum in continenti fuisse circa Ambraciam, et Amphilochos, indeque Hercolem hoves abegisse. (3) Veja-se a prim. parte do nosso Mappa cap. 2. n. 5. (4) Argot. nas Antig. da Chancel. de Brag. p. 132. (5) Plin. lib. 3. cap. 3. Baudrand. (6) Mela liv. 3. cap. 1. Strab. liv. 3. Plin. lib. 4. cap. 20. Argot. nas Memor. do Arceb. de Brag. pag. 184. Flores na Espanha sagrada tom. 15. pag. 26. (7) Strab. liv. 3. Argot. ut supr. p. 149. Monarq. Lusit. part. 1. cap. 4. da Geograf. Martial. lib. 10. Epigram. 16. (8) Pimentel. Notic. Academic de 2. de Janeir. de 1727. (9) Brit. na Geogr. c. 4. Flor. do Camp. Histor. de Hespan. liv. 2 cap. 10. Plin. liv. 4. cap. 20. (10) Argot. nas Memor. de Brag. 4. 159. (11) João de Barr. nas Antig. do Minho cap. 6.

ro na provincia do Minho. O padre Argote os situa nas visinhanças de Orense, e fóra do territorio de Portugal; (1) porem Resende é de parecer que a palavra *Bibalos* não era nome de povos, mas de cidade, (2) porque assim o diz expressamente a inscripção da ponte de Chaves sobre o Tamega, na qual estão gravados os nomes dos povos de todas aquellas comarcas, que concorreram para trabalharem n'ella: mas n'isto achamos pouca razão a Resende: porque, ainda que a tal inscripção diga *Civitates X* é sem duvida que as cidades não haviam de ir trabalhar na ponte, mas sim os moradores das taes cidades, os quaes pela maior parte seriam os d'aquellas visinhanças de Chaves, como bem adverte fr. Bernardo de Brito. (3) Finalmente Baudrand diz, que estiveram situados junto do rio Lima.

Bracaros. Ficavam estes povos na provincia do Minho, e era nome generico, que abraçava outros muitos povos particulares, (4) e comprehendia povoações muito notaveis, como era Braga, Porto, Ponte de Lima, Neiva, Caminha, e outros. (5)

Calaicos. Eram de duas especies: Bracarios, e Lucenses: os primeiros existiam na provincia de Traz os Montes; os segundos no Minho, e reino de Galiza, onde hoje é Compostella.

Callenses. Habitavam na cidade de Gaya fronteira ao Porto.

Caperenses. Lembram-se Resende, e Baudrand por boas conjecturas de existirem estes povos na Estremadura Lusitana entre Merida e Placencia. (6)

Celerinos. Eram os povos, que habitavam na cidade Celiobriga, a qual, conforme a indagação do padre Argote, ficava ou em Celorico de Basto, ou nas suas visinhanças. (7) Baudrand, allegando a Sanson, julga que os celerinos eram os habitadores de Barcellos. Na ponte de Chaves, mandada fazer pelo imperador Vespasiano, vem assignados os celerinos, os quaes eram povos d'aquella comarca de Chaves, parte dos quaes ficava em Portugal, parte em Galiza.

Celtas. Existiam na provincia do Alemtejo, e confinavam da parte do Meio dia com os turdetanos, da banda do norte com o Tejo: pelo occidente lhe ficava a ribeira de Canha, tendo tambem por visinhos os barbaros da Arrabida. Eram as suas principaes povoações Elvas, Estremoz, Villa Viçosa, e Evora. Havia na Andaluzia outros celtas, porem diversos d'estes. (8)

Celtiberos. Eram povos, que se originaram dos celtas do Alemtejo, os quaes passando-se para Andaluzia, e confederando-se com os que habitavam pelas ribeiras do Ebro, deram origem aos celtiberos, gente mui

(1) Argot. ut supr. liv. 1. cap. 14. n. 285. (2) Resend. lib. 1. de Antiquit. «Sed haec potius Civitatum sunt nomina.» (3) Brit. na Monarq. Lusit. liv. 3. cap. 9. (4) Vasaeus tom. 1. Chron. pag. 61. Argot. ut supr. p. 155. (5) Brit. na Geogr. cap. 4. (6) Resend. lib. 1. Antiq. (7) Plin. lib. 3. cap. 3. Resend. lib. 1. Argot. nas Memor. de Brag tom. 1 p. 157 e 317. (8) Brito na Geogr. cap. 4.

conhecida em toda a Hespanha por valerosa, e que fizeram forte resistencia aos romanos, e carthaginezes. D'elles fallam muitos dos authores antigos allegados. (1)

Cerenecos. Povos, que habitavam onde hoje chamam concelho de Thuyas junto a Canavezes. (2)

Cinesios. Viviam junto dos Ostidanienses.

Colarnos. Eram visinhos dos turdulos modernos, e occupavam aquella parte da Estremadura, que está entre os rios Tejo, e Odivor.

Curetes. Habitavam no Algarve, fundaram Silves, e vieram a Hespanha quasi no tempo de Tubal. (3)

Grayos, ou *Gratios.* Tinham sua habitação na provincia do Minho, e n'esta mesma provincia viveram os gronios. (4) Alguns historiadores querem que os primitivos grayos, e todos os mais povoadores d'esta provincia d'aquelles primeiros seculos fossem de nação grega; (5) porem temos por mais provavel, que todas, quantas noticias se nos offerecem nas historias de fundações gregas, e nomes gregos anteriores ao ultimo anno do reinado de Argantonio, são fabulosas; pois consta de Herodoto, o mais antigo historiador d'aquelles tempos, serem os fenices os primeiros gregos, que emprenderam de proposito o descubrimento de novas terras, até chegarem a Hespanha em tempo, que ainda reinava Argantonio, que foi 543 annos antes de Christo. (6)

Herminios. Tinham sua habitação na serra da Estrella da provincia da Beira. (7)

Iberos. Este nome era generico a todos os hespanhoes.

Labricanos. Residiam junto das ribeiras do Ave por aquella parte, em que se lança no mar pela villa do Conde. (8)

Lancienses. Estavam n'aquellas partes da provincia da Beira, que se extende do norte para o Meio dia, do Ponsul até o Tejo; e do oriente ao occidente, do Elja até o Zezere.

Limicos. Viviam junto das margens do Lima. (4)

Luancos, ou *Lubenos.* Habitavam na provincia do Minho, mas ignora-se a paragem certa.

Lusos, ou *Lusitanos.* Possuiam terras entre o Tejo, e o Douro, e occupavam tambem todo o lado occidental, que corre desde a foz do Douro até o promontorio celtico, e pelo lado septentrional desde este promontorio até adiante da Corunha. O nome de lusitanos era univer-

(1) Diodor lib. 6. Strab. lib. 4. Plin. lib. 8. cap. 1. Liv. lib. 5. Flor. liv. 2 cap. 17. Lucan. lib. 1 v. 10. Silius Italic. lib. 3. v. 340 Catul. Epigr. 10. Martial lib 4. Epig. 55 (2) Argot. nas Memor. de Brac. p. 157. (3) Justin. lib 44. Strab. lib. 3. Gerund. lib. 1. (4) Mela lib. 3. cap. 1. Brit. na Geogr. cap. 4. (5) Plin. lib. 4 cap. 20. Estaço nas Antiguid. c. 9. Resend. lib. 1. «Graecorum subolis omnis». (6) Herod. lib. 1 cap. 163. «Hi Phoenices primi Graecorum longinquis navigationibus usi sunt. Adriamque simul, et Tyrrheniam, Iberiam, atque Tartessum occuparunt.» Pausan lib 2 pag mihi 171. Plin. lib. 7. c. 48. Valer. Max. lib. 8. c. 13. Vasaeus tom. 1. Chron. ann. 129. ab urbe condita.

(7) Monarq. Lusit. tom. 1. liv. 4. cap. 1. (8) Ibib. p 322 (9) Argot. nas Antiguid. da Chancel. de Brag. p. 128. Resend. lib 1 Antiq.

sal, porque comprehendia outros muitos povos, como celtiberos, turdulos, vetones, etc.

Narbassos. Eram visinhos dos Vacceos, e viviam junto a Freixo de Espadacinta. (1)

Nemetates. Existiam na provincia de Tras os Montes desde Braganca até o monte Gerez, separando-os de Galiza o rio Lima. No mappa de Ortelio os vemos situados junto de Araduca, passando-lhe pelo meio o Tamega.

Ostidanienses. Occupavam aquelle angulo de terra, que se termina no cabo de S. Vicente pelo espaço não mais que de duas leguas. (2)

Pesures. Estes povos eram pouco conhecidos; por isso na incripção da ponte de Alcantara estão no ultimo lugar. Tinham a sua habitação na Covilhã, e Castello Branco, e parte da serra da Estrella. Não são os mesmos, a que Resende chama *Meidobrigenses*, ou *Plumbarios*. (3) O padre Bluteau diz, que elles são orinndos dos antigos celtas, e que o nome Pesures era ignominioso, pois significava gente cobarde, e n'isto concorda com a Monarquia Lusitana. (4)

Surrios. Eram os barbaros da Arrabida.

Seurbos. Povos, que viviam pouco acima de Braga.

Tamacanos. Viviam nas margens do Tamega pelo sitio, onde elle entra no Douro. (5)

Transcudanos. Pelos annos de 560 pouco mais, ou menos antes de Christo, deixando alguns dos turdulos antigos a costa maritima, em que viviam, foram habitar aquelle espaço de terra, que se estende de norte a sul entre os rios Coa, e Agueda; e pela situação, em que ficaram alem do Coa, se vieram a chamar povos transcudanos. (6)

Turdetanos. Possuiam a maior parte do Algarve, e do Alemtejo, e era tudo o que vai de Beja até Sines. Foram reputados por insignes guerreiros até á segunda guerra Punica. Eram engenhosos, tinham politica, e amavam as sciencias com fructo, e cultura. Presavam-se de ter leis escriptas em verso, e todas as suas antiguidades conservadas em livros de seis mil annos anteriores: mas cada anno constava só de tres mezes. Estrabo os julga tão opulentos, e ricos, que escreve tinham até nas estrebarias argolas de prata. (7)

Turdulos. Eram de duas especies: uns antigos, outros modernos. Os turdulos antigos foi a gente mais veterana, e nobre da Lusitania: tinham por domicilio todas as terras, que estão do norte ao Meio dia entre o Tejo, e o Douro, das quaes eram as principaes Lisboa, Santarem, Alfeizerão, Coimbra, Leiria, Aveiro, Lamego, e Viseu. Os turdulos mo-

(1) Argote nas Memor. de Brag. p. 160. e 322. (2) Ortel. no Mappa da Lusitan. Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. cap. 1. (3) Brit. na Geograf. cap. 4. Clede na Histor. de Port. tom. 1 liv. 1. (4) Bluteau, Vocabul. verb. Pesures. Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 28. (5) Argot. Memor. de Brag. pag. 161. (6) Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 30. Pimentel. Notic. da Academ. de 2 de Jan. de 1727. Vasconcel. nos Schol. a Resend. (7) Baudrand in Diction. Geograp.

dernos tinham o Tejo pela parte do norte: pelo meio dia confinavam com os celtas, e nos costumes pouco se differençavam uns dos outros. Christovão Cellario (1) situa os turdulos no Alemtejo, e em parte do Algarve com pouca distancia dos turdetanos. Samuel Bocharto confunde uns com outros. (2)

Turolas. Habitavam nas margens do rio Minho da parte esquerda, onde está a freguezia de S. Martinho de Lanhelas. (3)

Tyrios. Eram povos, que antes dos cartaginezes vieram com os celtas accommeter aos iberos. (4)

Vaccos. Tinham a sua habitação entre Coimbra, e o Porto, e tomaram o nome do rio Vouga. (5)

Vetones. Viviam junto do Tejo na Estremadura entre os povos da Lusitania. (6)

Todos estes povos, ou os mais d'elles, independentes uns dos outros se governavam conforme as leis, e costumes particulares que tinham. Nas guerras elegiam seus capitães, a que obedeciam com tanta efficacia, que desprezavam a vida, se acaso aquelles morriam na batalha. Armavam-se regularmente com duas espadas, uma comprida, outra mais curta, á moda das nossas espadas, e adagas, que ainda alcançámos ver. Os naturaes da serra da Estrella foram os primeiros, que a inventaram: d'onde veio a cantar o nosso Botelho: (7)

Van muchos del confin, y heroico assiento,
Que ilustra la altivez del monte Herminio:
La espada lusitana, que es su invento,
Manejaban con fuerte predominio.

Usavam tambem de uma certa especie de pequeno escudo, que mais propriamente era broquel, que adarga, a que chamavam *cetras*, segundo explica Diogo Mendes de Vasconcellos nos Escolios de Resende: e batendo uns nos outros, faziam um tripudio sonoramente horrivel. (8) Assim cantou d'elles Silio Italico: (9)

. . . . Misit dives Gallæcia pubem,
Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis,
Nunc pedis alterno percussa verbere terra,
Ad numerum resonas gaudentem plaudere cetras.

(1) Cellar. Geograf. liv. 2. cap. 1. (2) Bochart. Geograph. Sacr. lib. 1. cap. 34
(3) Argot. Mem. de Braga tom. 1. p. 162. (4) Ibid. p. 60. (5) Agiol. Lusit. tom 2. (6) Resend. lib. 1. (7) Botelho no Alphonso liv. 3. oitav. 88. Vide Just. Lipsium lib. 3. de Militia Romao. Dialog. 3. (8) Vasconcel. in Schol. ad lib. 1. Resend. de Antiq. «Cum enim Cetras resonas, explica o texto de Silio) hoc est, tinnitum, et sonitum edentes voces, manifeste innuit esse illa parva scuta, quae illuqueria dicuntur ex ligno fabrefacta, atque aere contecta, quae clarissimum sonitum inter se collisa edunt; quod coriaceis illis, et maioribus scutis, seu parmis nequaquam conveoiro potest. (9) Silius Ital. lib. 3 vers. 346.

Em parte o quiz imitar Botelho: (1)

Vinieron los Calaicos, a quien lavan
Las dos orlas del Mino difundido,
Y sus antiguas cetras los muravan,
Que servieron un tiempo a su alarido.

Em dizer este poeta que as cetras, ou escudos os muravam, ou cobriam todos, não se conforma com a advertencia critica de Vasconcellos.

Solemnisavam com louvores, e festas, a que chamavam Gymnopodia, aos que morriam pelejando; (2) e nas maiores solemnidades faziam o sacrificio das Hecatombas, que era matar cem animaes de uma mesma especie. (3) Adoravam a Marte, Minerva, e Hercules; d'onde parece, (diz de la Clede) (4) que a veneração, e culto, que elles davam a Hercules. póde servir de uma prova da vinda, que este heroe fez a Portugal, para livrar muitos de seus habitadores da oppressão de varios tyrannos, e fundar aquelle famoso templo no cabo de S. Vicente, chamado promontorio Sacro, onde se adorava o sol com ritos, e ceremonias egypciacas, e d'onde o mesmo Hercules se mandou sepultar.

Aquellas tres divindades fabulosas offereciam em sacrificio as mãos direitas dos seus prisioneiros de guerra, que elles cortavam ao pé dos altares; e da observação, que faziam nas abertas entranhas dos mesmos inimigos, prognosticavam bons, ou maus successos para as suas batalhas. (5)

Nas doenças, e enfermidades servia de medico todo aquelle, que tinha experiencia do remedio prestante, e concernente á queixa. Para isso costumavam expor os enfermos nas portas das casas, ou nos transitos das ruas, para que o passageiro applicasse o que soubesse, e fosse opportuno pela observação, que tivesse feito em outra semelhante molestia (6) e d'estas bem sortidas experiencias sacou depois Hypocrates documentos, e aforismos admiraveis para a sua medicina. (7)

Com estes, e outros usos viviam os mais dos lusitanos na sua primitiva liberdade, quando acontecendo aquella extraordinaria secca, e fome, de que faz menção Justino, e as Historias de Hespanha, (8) poz em incrivel consternação toda a terra. Despovoou-se o Alemtejo, o Algarve, e parte da Estremadura, e foram seus habitadores refugiar-se nas serras da Beira, e Minho, como mais ferteis, e frescas; outros foram para

(1) Botelh. no Alphons. liv. 3. est. 90. (2) Monarq. Lusit. liv. 2. cap. 24.
(3) Ibid. liv. 5. cap. 1. (4) De la Clede, Histor. de Portug. tom. 1. pag. mihi 21.
(5) Alexand. ab. Alexand. lib. 6. cap. 26. «Lusitanis vetus mos erat, ex intestinis hominum exta prospicere, atque inde omina, et divinationes captare, abscissasque captivorum dextras pro munere dis offerre.» (6) Bohem. lib. 3. cap. 25. de Vetustis Lusitanorum moribus «Aegrotos vetusto ritu Aegyptiorum in plateis deponunt, ut qui eo morbi genere tentati sunt, commonefacere eos valeat» (7) Garm. no Theatr. Univ. de Espana tom. 1. pag. 195.
(8) Justin. liv. 44. cap. ult. Marian. tom. 1. liv. 1. cap. 14. Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 23.

Italia: tão grande, e continuada foi a calamidade, que padeciam, posto que Vaseu duvida muito d'ella. (1)

Applacou finalmente o ceu sua ira, e restituidos á patria os ausentes, e saudosos de tanto tempo, vieram tambem entre os nacionaes muitos dos gallos celtas. Depois acontecendo pelos annos 1380 do diluvio, conforme Vaseu, aquelle memoravel incendio nos montes Pyreneus, que penetrando até as cavernas da terra, causou horrorosos tremores, e fez descobrir muitas minas de ouro, e prata, (2) divulgou-se a noticia d'esta fluente riqueza, a qual com a vehemencia da sua virtude attraindo de tão longe a ambição dos fenices, foi causa de expedirem promptamente uma grossa armada, que aportou na ilha de Cadiz, e d'aqui vindo costeando as margens maritimas das nossas terras, ancorou no Algarve.

CAPITULO II

Estado da Lusitania com a invasão dos fenices, e carthaginezes

Tanto que a armada fenicia surgiu no porto de Tavira, saltaram logo em terra os novos estrangeiros, e introduzindo-se por ella dentro, chegaram a invadir, e assolar Andaluzia, onde obrigaram os povos a que lhe trabalhassem na extracção dos preciosos metaes; usando com elles temperadas desattenções. Os andaluzes achando-se por este modo turbados, e opprimidos, pediram soccorro aos portuguezes turdetanos seus visinhos. Declarou-se a guerra, fizeram-se promptos os batalhões, e logo neste primeiro combate principiou a brilhar o esforço lusitano com a vitoria, que alcançou do africano poder, porem o demasiado descuido dos andaluzes fez eclipsar algum tanto a fama dos alliados; porque deixando respirar quasi á porta as forças do inimigo, poude este conquistar a Betica, paiz fertil, rico, e agradavel.

Por este tempo, que foi pouco mais, ou menos 589 annos antes de Christo, querem alguns chronistas (3) que Nabucodonosor viesse, ou mandasse em alguns navios fornecidos de gente valerosa acometter os tyrios, e fenices, que occupavam a garganta do oceano no estreito de Gibraltar, e que estes valendo-se do esforço dos turdetanos, quebrantaram os projectos do soberbo rei: porem esta expedição é tida por duvidosa no exame da critica mais exacta. (4) O certo é, que umas esquadras de gente estrangeira vieram inquietar os fenices: que os turdetanos tomaram armas para os defender: que os fenices em recompensa d'este soccorro atacaram a seus bemfeitores, e que estes castigaram aquella vil ingratidão, expulsando-os não só da Betica, mas da ilha de Cadiz.

(1) Vasaeus tom. 1. Chron. ann. 1250. «Circa hunc annum ponunt admirabilem illam siccitatem... quod mihi quidem non sit verisimile, quia nulla ejus rei memoria in veterum libris reperitur, qui rem tam stupendam, ac raram proculdubio non tacuissent (2) Diodor. Sicul. liv. 1. Arist. de mirab. auscult. Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 26. (3) Strab. liv. 15. Monarq. Lusitan. liv. 1. cap. 28. Yaoes Espana en la S. Biblia part. 1. cap. 15. n. 3 e outros muitos. (4) Estaço nas Antig. de Port. cap. 33 n. 4. Paiv. Exame de antiguid. p. 1[illegible] Bochart. na Geogral. Sacr. liv. 1. cap. 34.

Vendo-se os fenices expulsos, e destroçados, foi o seu remanente buscar soccorro, e refugio a Sidonia, cidade capital da Fenicia, e lá formando sufficientes reclutas, conduziu um importante corpo de exercito, que commandava Mezerbal venturoso, e perito soldado. Começou a luctar com os turdetanos, os quaes animados com o agigantado valor, e sciencia militar do inclyto Baucio Capeto, a quem Mariana chama Principe, (1) fizeram tal destroço no inimigo, que o proprio Mezerbal para salvar a vida lhe foi preciso desamparar o campo, e junto ao rio Gaudalete (2) deixou nas mãos de Baucio a segurança da vitoria com os preciosos despojos, que depois se expozeram como trofeus honorificos pendurados nas paredes dos templos.

Dissimulou Mezerbal o estrago, ou a pena dos seus effeitos, e para maior disfarce fez treguas com os turdetanos. Pendentes ellas, e á sombra da paz mandou pedir a Carthago novos subsidios, com os quaes mais animoso, rompendo a suspensão das armas, atacou os turdetanos, e os expediu da Betica. Retira-se Baucio á Lusitania, e os turdetanos não querendo expor-se a outra ruina, determinaram deixar a patria. Passaram o Guadiana, e o Tejo, padecendo nesta marcha muitos embaraços, porque os gallegos pertenderam impedir-lhes o passo misturados com gregos, e celtas; porem brilhando n'esta resistencia o espirito varonil das matronas portuguezas, triumpharam os turdetanos de seus inimigos, e a victoria ficou famosa com o titulo honroso de Empresa das mulheres, produzindo-se por meio d'ella a tranquillidade na provincia do Minho. (3)

Em quanto estas acções se obravam na Lusitania, foram os fenices sacudidos da Betica pelos carthaginezes; e reforçados estes com as tropas auxiliares, que lhe vinham de Cartago, se foram fazendo poderosissimos na conducta de Amilcar, Hasdrubal, Hymilcon, Hanon, e outros valerosos capitães, principalmente Anibal, os quaes, estabelecendo pazes com os lusitanos, experimentaram quanto era melhor a amizade com elles, que a desavença. Em muitas facções de perigo se valiam do valor dos nossos, e os nossos conservando sua alliança alcançaram victorias dos Tyrios, e outros povos de Chipre, que vinham com o designio de invadir a Lusitania com hostilidades e insultos.

Passaremos agora em silencio os successos de alguns annos, porque a narração abreviada, que expendemos, mais permitte á pena vôos, que rasgos. Já os romanos invejosos da fortuna, que dava conhecida vantagem ao poder dos carthaginezes, tinham publicado guerra contra elles; e provando alternativamente as armas em varios recontros, chegaram a ver maior que a de Cartago a força romana. Porem Anibal ainda assim com uma ousadia incomparavel, querendo resarcir tanto de reputação quanto havia perdido de gente, partindo de Hespanha se introduz no

(1) Marian. tom. 1. liv. 1. cap. 18. (2) Flor. do Camp. liv. 2. cap. 29. (3) Monar. Lusit. liv. 2. cap. 4. Far. Europ. Port. tom. 1. part. 1. cap. 9. num. 9

coração de Italia á custa de immensos riscos a combater com os romanos.

Constavam suas tropas, alem de africanos, de um grande numero de Lusitana soldadesca, vetones, turdulos, e celtas, da qual era commandante Viriato I. A qualidade do exercito augmentou a intrepidez do coração de Anibal, e em todas as operações de brio, e honra nomeava os lusitanos, que sempre valentes lhe corresponderam á idéa, e desempenharam o conceito; e assim foram elles os que contribuiram para o maior numero das suas victorias. (1) Elles foram os que em credito da robustez, e constancia de animo supportaram com admiravel paciencia a fome, a sede, e todas as fadigas de Marte; bastando a impraticavel passagem dos Alpes, em que até a mesma natureza venceram, como emula, para evidente demonstração do seu esforço.

Escolhida pois Italia para theatro da guerra, principiou Anibal a assombrar os romanos; e sendo muitas, e repetidas as batalhas, em que os nossos occupavam sempre as testas dos exercitos, como lugares mais arriscados, vencendo os consules Cneyo Servilio, Cayo Flaminio, Lucio Emilio, e Cayo Terencio, nenhuma grangeou para a fama nome de maior permanencia, que a chamada batalha de Canas; na qual depois do primeiro Viriato ter morto seis mil romanos, lhe tirou a vida o consul Paulo Emilio, cuja perda resarciram os nossos incitados da indignação, e vingança, chegando a escalar cincoenta mil soldados inimigos em recompensa de um só Viriato. (2)

Sem duvida esta batalha de Canas (assim chamada pelo sitio, em que se deu) teria sido o ultimo raio de Roma, se Anibal soubesse aproveitar-se da victoria; porém este insigne capitão em vez de marchar no seguimento da sua felicidade para acabar de prostrar as forças romanas já tibias, se retira a Capua, onde com desgraçado ocio fez adormecer o heroico alento com os mimos d'aquella cidade. (3)

Com este enorme descuido de Anibal cobraram os romanos novas esperanças de salvarem a patria mais animosos, quanto mais desfalleciados. Renovam os consules suas tropas, Scipião triumpha dos cartaginezes, e reduz a seu dominio toda Cartago. Empenham os dois valerosos capitães em argumento de armas as ultimas forças, e vendo Anibal titubear o conflicto da sua parte, houve por bem eximir-se do risco, pondo azas nos pés; e depois tirando-se a si proprio a vida, por não cair nas redes da contraria traição, Scipião mereceu á fortuna alcançar uma tão importante victoria, que os lusitanos partidarios de Anibal lhe venderam bem cara; e destruindo por uma vez as armas africanas, que mais de trezentos annos subjugaram Hespanha, constituiu senhora dominante da nossa peninsula a famosa Roma.

(1 Liv. decad. 3. lib. 7. (2) Sil. Ital. lib. 10. Resend. lib. 3. de Antiquit. (3) Valer. Maxim. lib. 9. Just. Lipsio lib. 1. de Magnitud. Roman. cap. 5. Turselin. Epitom. Historic. l.b 3

CAPITULO III

Conducta dos portuguezes no governo dos romanos

Assim continuava a soberania romana em dominar Hespanha, que sendo até o anno 534 da fundação de Roma uma só provincia consular, pelos annos porém de 557 da mesma fundação, e 196 antes de Christo, foi dividida em duas provincias pretorias, ou proconsulares, chamadas Ulterior, e Citerior. N'aquella se comprehendia a Betica, e a Lusitania, isto é, Andaluzia, e Portugal: na Citerior todas as mais partes de Hespanha. (1)

Para exacto governo d'ellas eram enviados de Roma varios pretores, ou governadores fortalecidos com legiões de gente militar para presidio das terras, que iam conquistando; porém como os lusitanos mal soffriam o jugo romano, foi preciso ao respeito dos senadores para nos sujeitar á obediencia mandar tambem o consul Catão Censorino, o qual usando de affabilidade, dominou os corações da nossa gente até o ultimo dia do seu governo, pois tanto que Scipião Nasica lhe succedeu, logo se revoltaram como leões indomitos contra elle.

Inconstante fortuna experimentou Nasica no principio da sua pretura; porém no fim a logrou tão favoravel á custa dos nossos, que a sorte, mais que o esforço, o fez vencedor de cento e trinta e quatro bandeiras. (2) Mas não perdendo os lusitanos já mais o accordo na desgraça presente, e appellando para o primeiro conflicto, souberam vingar a perda passada com destruição total do exercito romano, que governava Lucio Emilio, (3) ruina, que por muitos dias continuos foi deplorada dentro em Roma, e até a vingança, que depois meditaram, foi mal succedida.

Continuavam os pretores, e consules o governo da Hespanha, os quaes ou abatidos, ou victoriosos, sempre confessavam por formidaveis as armas lusitanas, custando-lhe cada palmo de nosso terreno adquirido rios de sangue romano. Entre os nossos capitães, que deixaram resplandecente nome na veneravel duração da memoria, foram Apimano, Cesaron, Chancheno, Viriato, e Sertorio, cujas gloriosas proezas occupam até as historias dos que pertenderam diminuir-lhe a fama.

Aquelle espantoso terror, que o brio dos lusitanos tinha semeado em Roma, chegou a produzir tal impressão nos animos de todos, que não havia nem tribuno, nem pretor, que se quizesse encarregar da guerra de Hespanha; e por acudirem pelo credito da nação, buscaram o caminho do ludibrio, que foi o da aleivosia, não sem escandalo do mundo.

(1) Strab. lib. 3. Liv. decad. 4. lib. 3. Plin. lib. 3. c. 3. Guid. Pancirol. Notitia Dignit utriusq. Imper. c. 66. Robortel. de Provinc. Roman. Vasaeus tom. 1. cap. 8. n. 14.
(2) Monarq. Lusitan. liv. 2. cap. 23. (3) Oros. liv. 4. cap. 19 Liv. decad. 4. lib. 6. Moral. lib. 7. cap. 11.

Assim se experimentou na morte de Viriato II pela perfidia de Quinto Servilio, e na de Sertorio pela de Marco Perpenna. (1)

Seria alheio da brevidade, que promettemos, particularisar acções, e successos dos lusitanos: todas tão benemeritas da honra, e da eternidade, como indignas de fama as que os romanos obravam em nossos paizes; e muitas vezes com o dolo, e malicia em tão vulgarisadas operações, que mal podiam occultar a ignominia, que d'ellas lhes resultava, como aconteceu com Servio Galba, reprehendido no capitolio pelas manifestas aleivosias, que usava com a gente portugueza. (2)

Mais de duzentos annos tardou a conquista da Lusitania: e depois que se achavam nossas forças já lassas, e vigoroso o poder romano, ainda assim foi preciso ao prudente conselho dos senadores para acabar de conquistar Hespanha determinar que se expedissem em diversos tempos dois famosissimos imperadores, Julio Cesar, e Octaviano Augusto. Aquelle sendo o maior guerreiro do mundo, padecen innumeraveis resistencias dos nossos. Que cuidados, e desconfianças não causaram a Cesar os habitadores da serra da Estrella? Prenderam-lhe os embaixadores, zombaram d'elles, e se não usára Cesar de alguns estratagemas, nem lhe domára a ferocidade, nem os vencera. (3)

Pouco tempo durava esta sujeição, porque os nossos com obediencia forçada, ainda que com forças diminutas, a cada passo se estavam rebelando contra os presidios romanos, querendo antes expor as vidas aos maiores empenhos da guerra, que renderem-se a quem lhe queria supear a liberdade; e como já tinham perdido as esperanças ao socego da paz, era inconquistavel o seu animo, e orgulho.

Seguiram-se os incendios tambem na Hespanha das guerras civis entre Cesar, e Pompeu, e então se acabou de ver que só ficavam triumfantes aquellas bandeiras, a cuja sombra militavam portuguezes. Veio finalmente Octaviano Augusto, e conseguida uma paz universal, se viram os lusitanos totalmente sujeitos ao jugo do imperio romano. Em agradecimento d'esta tranquillidade offereceram muitas povoações nossas nas fabricas de alguns templos, eternos elogios, que por acreditarem a duração, ainda o tempo gastando-lhe as pedras, lhe não poude consumir a memoria.

Dentro d'este feliz, e pacifico silencio nascen ao mundo a salvação d'elle Christo bem nosso; e depois de ter completado Octaviano trinta e seis annos de imperio formal, se lhe seguio Tiberio, e successivamente outros imperadores sempre com o dominio das nossas terras, as quaes com a cubiça dos legados fluctuavam em mares de turbulencia. Rompam-se os montes para se desentranharem das suas veias o ouro, e a prata.

1 «Tantus metus Romanos omnes invasit, ut nemo inveniretur, qui vel Tribunus, vel Legatus ire in eam Provinciam vellet.» Vasaeus tom. 1. cap. 12 Liv. decad. 3. lib. 6.
2 Orosius lib. 1. cap. 21. (3) Monarq. Lusitan. liv. 1. cap. 2. e 3.

Alguns d'estes disturbios da ambição fez serenar a prudencia de Vespasiano, e de seu filho Tito, os quaes com generosa, e liberal affabilidade illustraram o reino com obras, os vassallos com beneficios. A aspereza dos caminhos se vio reduzida a planicies suaves; os rios caudalosos vadeados com pontes magnificas; e toda a Lusitania para o seu bom regimen dividida em tres comarcas, cinco colonias, e tres municipios.

Foram passando os annos, e as vidas de outros imperadores, a quem nossos antepassados reconheceram vassallagem, até que no imperio de Galieno começou a descahir a grandeza romana, (1) experimentando mais lamentavel estrago em tempo de Arcadio, e Honorio pela invasão dos barbaros de Alemanha, que discorrendo sem piedade por todas as provincias da sujeição de Roma, entraram a sepultar nas ruinas, que abriram suas espadas, as glorias da monarquia imperial por tantos seculos triumphante, mas agora opprimida, e arrastada pelo decreto fatal da Providencia. Será conveniente antes que entremos a informar do estabelecimento do novo dominio, formar um catalogo chronologico dos pretores, e consules, que nos governaram, noticia, que em obsequio, e beneficio da Historia, se fará estimavel aos estudiosos.

Catalogo chronologico dos pretores, consules, e pro-consules romanos, que vieram governar Hespanha desde a sua primeira divisão em Ulterior, e Citerior até o nascimento de Christo Senhor nosso.

Ant de Chr.	Fund de Rom.	
196	557	Na Ulterior Marco Elio, ou Helvio.
		Na Citerior Cneyo Sempronio Tuditano.
195	558	Na Ulterior Quinto Fabio Buteo.
		Na Citerior Quinto Minucio Thermo.
194	559	Na Ulterior Appio Claudio Nero.
		Na Citerior Paulo, ou Publio Manlio.

Com estes dois pretores veio tambem n'este anno o consul Marco Porcio Catão Censorino, o qual teve o governo em toda a Hespanha, e com felicidade, porque os lisbonnenses, e os de toda a sua comarca lhe levantaram alguns padrões honorificos, e elle recolhendo-se a Roma riquissimo, introduzio no thesouro publico mais de quatrocentos mil cruzados em ouro, e prata, que extrahiu das nossas terras; e para ter estas seguras na sua ausencia, antes que partisse, mandou derrubar os muros a quatrocentas cidades, e lugares fortes. (2)

(1) Monarq. Lusitan. liv. 5. cap. 17. (2) Liv. decad. 3. lib. 7. Jul. Front. l. 1. c. 1. Val. Max. l. 4.

192	560	Na Ulterior Publio Cornelio Scipião Nasica. Na Citerior Sexto Digicio. Tiveram os portuguezes n'este governo grandes batalhas com os romanos, e estes andavam tão desconfiados, e Nasica tão temeroso do valor lusitano, que chegou a fazer votos a Jupiter pela victoria, a qual com effeito alcançou, porque a fome, e fadiga dos nossos debilitou muito o nosso exercito, e com tudo custou-lhe sete mil e novecentos romanos, que morreram no conflicto.
191	561	Na Ulterior Marco Fulvio Nobilior. Na Citerior Cayo Flaminio.
190	562	Na Ulterior Appio Atilio Serrano. Na Citerior Marco Bebio Pamfilo.
189	563	Na Ulterior Lucio Emilio Paulo. Na Citerior Cayo Flaminio reconduzido. Venceram os lusitanos ao pretor Emilio, matando-lhe seis mil romanos.
188	564	Ficaram reconduzidos os mesmos pretores, e Lucio Emilio alcançou victoria dos portuguezes.
187	565	Na Ulterior Lucio Bebio Divite. Na Citerior Lucio Plaucio Hipseo. Lucio Bebio morreu em Marselha antes de chegar a Hespanha, e assim os consules mandaram para a pretura de Portugal a Publio Junio Bruto.
186	566	Na Ulterior Cayo Catinio. Na Citerior Lucio Manlio Acidino.
185	567	Os mesmos reconduzidos.
184	568	Na Ulterior Cayo Calfurnio Pison. Na Citerior Lucio Quincio Crispino. Os lusitanos unidos com os celtiberos ganharam a estes dois pretores uma batalha, em que lhe mataram cinco mil homens.
183	569	Os mesmos reconduzidos.
182	570	Na Ulterior Paulo, ou Publio Sempronio Longo. Na Citerior Aulo Terencio Varro.
181	571	Ficaram reconduzidos.
180	572	Na Ulterior Publio Maulio. Na Citerior Q. Fulvio Falco.
178	574	Na Ulterior Lucio Posthumio Albino. Na Citerior Tiberio Sempronio Graco. O pretor Posthumio teve uma grande batalha com os bracarenses, a quem venceu depois de uma grande derrota no seu exercito.
176	576	Na Ulterior Tito Fonteyo Capito.

Na Citerior Marco Ticinio Curvo.

174 578 Na Ulterior Marco Cornelio Scipião.
Na Citerior Publio Licinio Crasso.
Estes dois pretores não chegaram a vir a Hespanha, e assim foram reconduzidos os antecedentes.

173 579 Na Ulterior ignora-se quem fosse n'este anno o pretor.
Na Citerior Appio Claudio Cento.

172 580 Na Ulterior Cneyo Servilio Cepio.
Na Citerior Publio Furio Filo.

171 581 Na Ulterior Marco Macieno.
Na Citerior Cneyo Fabio Buteo.

170 582 Na Ulterior Spurio Lucrecio.
Na Citerior Marco Junio.

169 583 N'este anno determinaram os consules que houvesse na Hespanha uma só pretura, ou provincia, e assim elegeram para pretor a Lucio Canuleyo.

167 585 Claudio, ou Marco Marcelo.

166 586 Publio Fonteyo.

165 587 N'este anno tornaram a dividir Hespanha em duas preturas, e para a Ulterior veio Cayo Licinio Nerva, e para a Citerior Cneyo Fulvio.

153 599 Na Ulterior Marco Manilio.
N'este governo floreceu um insigne capitão bracarense, chamado Apimano, a quem se seguio Cesaron, que ambos aterraram os romanos.

152 600 N'este anno, conforme Orosio, foi pretor Sergio Galba; mas Apiano Alexandrino diz que era Calfurnio Pison.

151 601 N'este anno foi Hespanha provincia consular, e para seu governo vieram os consules Q. Fulvio, e Tito Anio.

149 603 Lucio Luculo, e Albo Posthumio consules tiveram com os celtiberos, e vacceos algumas batalhas tão mal succedidas, que causou em Roma tanto medo, que não havia quem quizesse vir militar para Hespanha; até que Publio Scipião Emilitano, offerecendo-se voluntario, persuadiu a muitos a que viessem.
No governo d'estes consules diz Paulo Orosio que acontecera aquella vil traição, que fez Servio Galba aos portuguezes do Algarve, (1) e que refere a Monarquia Lusitana. (2)

145 607 No governo dos consules Cneyo Cornelio Lentulo, e L. Mumio principiou a florecer o esforçado valor do segundo Viriato, dando maior credito ao valor dos portuguezes com as repetidas victorias, que alcançava dos romanos.

(1) Oros. l. 4. cap. 21. (2) Monarq. Lusitan. liv 2. cap. 30.

144	608	C. Vetilio, ou Marco Vetilio, pretor da Hespanha Ulterior, foi vencido por Viriato.
143	609	Cayo Plaucio, pretor da Hespanha Ulterior, tambem vencido por Viriato em muitas batalhas.
142	610	Claudio Unimano vencido por Viriato com grande infamia dos romanos.
		N'este governo obraram prodigios os portuguezes.
141	611	Cayo Nigidio, a quem uns dão o titulo de pretor, outros de consul, ficou vencido por Viriato no campo de Viseu em umas grandes vallas, que abriu para isso. Tão atemorisados tinham aos romanos estes prosperos successos de Viriato, que lhes foi preciso para esta conquista de Hespanha duplicar os soccorros com exercitos consulares.
140	612	Q. Fabio consul usou crueldades com os portuguezes.
139	613	Q. Fabio proconsul expugnou muitas cidades da Lusitania.
138	614	O mesmo reconduzido, e juntamente os consules Cayo Lelio o sabio, e Q. Servilio Cepio, que foi author do assassinio, e morte de Viriato; (1) e João de Barros diz, que Viriato fôra morto no Lumiar, termo de Lisboa. (2)
137	615	M. Pompilio na Hespanha Citerior.
136	616	Decio Junio Bruto consul fez pazes com os lusitanos.
135	617	N'este anno sendo proconsul o mesmo Decio, ou Decimo Junio Bruto, sujeitou ao seu dominio quasi toda a Lusitania, e na passagem do rio Lima lhe aconteceu com os soldados, que não queriam passar, o que fica referido na primeira parte pag. 127 fallando d'aquelle rio. A maior resistencia, que experimentou este proconsul, foi a que lhe fez a cidade de Cinania.
134	618	N'este anno vieram a Hespanha o consul Q. Furio, e os proconsules Q. Metello, e Q. Pomponio.
133	619	M. Emilio Lepido proconsul.
132	620	Scipião Africano consul com C. Fulvio Flaco poz um apertado cerco a Numancia.
131	621	N'este anno vendo-se os numantinos tão fortemente cercados pelos romanos, determinaram pôr fogo á cidade, e morrer antes todos, que entregarem-se. Assim o executaram de sorte, que os romanos não acharam cousa, de que triumfar, mais que do nome de Numancia.
130	622	N'este anno, e em alguns dos seguintes vieram a Hespanha varios pretores, e consules, cujos annos de seus governos não se podem produzir em chronologia certa.

(1) Vide Monarq. Lusitan. liv. 3. cap. 10. (2) João de Barros na Descripção do Minho cap. 3.

107	645	Q. Servilio Cepio, ou Scipião, triunfou dos portuguezes.
103	649	Venceram os lusitanos aos exercitos dos consules P. Rutilio Rufo, e C. Manlio.
100	652	C. Mario IV, e Q. Luctacio consules ficaram vencidos dos lusitanos, e a Hespanha Ulterior em grande paz.
97	655	Lucio Cornelio Dolabella proconsul da Hespanha Ulterior triumfa dos lusitanos.
92	660	Publio Licinio Crasso proconsul triunfa dos lusitanos.
79	673	N'este anno floreceu o valor do capitão Q. Sertorio, que fugindo de Sylla, seu inimigo romano, veio a Hespanha, e conciliando a vontade, e animo dos portuguezes, venceu a muitos capitães romanos. Edificou varias obras em Portugal, principalmente Evora.
75	677	N'este anno veio a Hespanha Pompeo Magno, a quem Sertorio venceu com grande credito dos portuguezes.
69	683	Foi morto Sertorio em Evora atraiçoadamente por M. Perpenna, e outros conjurados.
68	684	Com a morte de Sertorio conseguiu Pompeo que quasi todas as cidades de Hespanha se lhe entregassem, ainda que á força de armas, e com bastante resistencia de outras.
67	685	Publio Pison proconsul.
62	690	N'este anno veio a Hespanha com titulo de legado um nobre mancebo romano, chamado Cneyo Pison, ao qual mataram publicamente uns soldados hespanhoes por industria de Pompeu. Tambem aconteceu n'este anno um notavel tremor de terra na costa de Portugal, e Galiza, com que se arruinaram muitos lugares. (1)
60	692	Q. Calidio com titulo de pretor de Hespanha destruiu muitas companhias de lusitanos.
59	693	Na Hespanha Ulterior Tuberon pretor. Veio por seu questor C. Julio Cesar.
58	694	Na Hespanha Ulterior C. Julio Cesar pretor fez sujeitar ao imperio romano a Lusitania, e Galiza; e recolhendo-se a Roma foi feito consul.
57	695	Veio Pompeo a Hespanha, que ao depois administrou por legados.
56	696	Publio Lentulo pretor.
54	698	Q. Metello Nepos proconsul.
53	699	Q. Cecilio Dentato. Houve em Portugal tanta fartura, que os mantimentos se davam quasi de graça.
52	700	Q. Cecilio Metello Neto.

(1) Morarq. Lusitan. liv 3. cap. 30.

50	702	Tuberon proconsul.
47	705	Foi nomeado Pompeo para pretor de ambas as provincias de Hespanha, as quaes administrou por legados, que foram Petreyo, Afranio, e M. Varro. N'este anno andavam em grande calor as guerras civis entre Pompeu e Julio Cesar.
46	706	Sendo Julio Cesar consul, e dictador, regeram ambas as Hespanhas Q. Cassio a Ulterior, e o proconsul M. Lepido a Citerior.
44	708	Q. Cassio Longino propretor da Hespanha Ulterior summamente avaro, e cruel.
43	709	C. Trebonio proconsul.
42	710	Q. Fabio consul triunfou na Hespanha. N'este anno pelejando Julio Cesar contra os filhos de Pompeo, alcançou d'elles o triunfo junto da cidade de Munda no reino de Granada, em que os portuguezes mostraram grande fidelidade a Pompeu. (1)
40	712	Q. Pelio proconsul triunfa na Hespanha.
39	713	M. Emilio Lepido tambem alcançou victoria na Hespanha.
37	715	Tomam os lusitanos a era de Cesar.
35	717	Cneyo Domicio Calvino proconsul triunfa.
		C. Norbano Flaco proconsul triunfa.
31	721	C. Asinio Polion, discipulo de M. Tulio, ficou governando Hespanha na ausencia de Julio Cesar.
26	726	Vendo o imperador Octaviano Augusto o pouco, que as armas romanas tinham conseguido em Hespanha pelo espaço de duzentos annos, determinou vir em pessoa, e dentro em quatro annos conciliou a paz em toda a Hespanha. Estando em Tarragona, gosou um pleno dominio da honra imperial. Muitos povos portuguezes lhe dedicaram templos, e estatuas pelas mercês, e privilegios, que lhes concedeu, singularisando-se Evora, Mertola, Lisboa, e Santarem, mudando todas os seus nomes, que tinham, em outro, que dissesse respeito aos favores recebidos; e assim Evora se principiou a chamar *Liberalitas Julia*, Mertola *Mirtilis Julia*, Lisboa *Felicitas Julia*, Santarem *Julium Præsidium*.
2	750	N'este anno mandou o dito imperador, estando em Tarragona, publicar o edicto geral para se alistar toda a gente, que havia no mundo sujeita ao imperio romano, e pagar certo tributo, que era trinta e seis réis cada pessoa em reconhecimento da vassalagem. De portuguezes se alistaram cin-

(1) Vid. Monarq. Lusit liv. 1. cap. 17. e 18. Vas. tom. 1. cap. 12. Resend. lib. 3. Antiquit.

co contos e sessenta e oito mil pessoas cabeças de familias, cuja ordem se passou nas chancellarias do reino, chamados então conventos juridicos, e eram Merida, que hoje está fóra do territorio de Portugal; Beja, á qual acudia o povo de Alemtejo, e Algarve; Braga para o povo do Minho, e Tras os Montes; Santarem para o da Beira, e Estremadura

1 751 N'este anno se fez famoso um portuguez do Minho, chamado *Corocota*, que com certo numero de vadios inquietou varias terras, e o imperador promettendo tres mil cruzados a quem o apanhasse, elle mesmo se lhe veio offerecer, e o imperador perdoando-lhe, o admittiu para sua guarda.

Depois do nascimento de Christo até os godos não ha cousa memoravel, que pertença á Lusitania, mais que o acharse em uma socegada paz na obediencia dos romanos. Até os tempos dos imperadores Maximiniano, e Diocleciano durou o governo de Hespanha em pretores, e proconsules: no de Constantino houve outro estilo, porque se instituiu um vigario do imperio, a que obedeciam todos os legados, e regedores das provincias, e o tal vigario ainda reconhecia por superior ao prefeito do pretorio, que residia em França, por estar no meio das terras da sua jurisdicção. Depois se começou a governar por condes. Havia tambem alguns regulos, ou fidalgos, senhores de cidades, subditos ao imperio romano, qual foi Ont Comero, pai de Santa Engracia, e no tempo dos godos Castinaldo, principe de Nabancia, e Cathelio, senhor de Norba Cesarea, e pai das santas nove irmãs. (1)

CAPITULO IV

Entrada das nações barbaras, e dominio dos godos

Pela ambiciosa perfidia de Estelicon, aio, e sogro do imperador Honorio, que pertendia recahisse a corôa imperial em seu filho Eucherio, o que não conseguiu, se introduziram na Hespanha certas gentes septentrionaes de Alemanha, chamada, Vandalos, Suevos, Alanos, e Selingos, os quaes depois de terem saqueado Roma, e destruido grande parte de França, invadiram nossas terras com uma expedição tão barbara, talando campos, e edificios, que igualaram a colera com a crueldade. (1)

O anno, em que se experimentou esta invasão, não é fixo na epoca dos escritores: entre os annos de 409, e 416 de Christo sem duvida que aconteceu; mas a maior parte dos historiadores hespanhoes se inclinam

(1) Veja-se a Cujac. liv. 8. cap. 21. Observ. a Vaseu tom. 1. Chron. cap. 13. Resend. lib 3. de Antiq. Monarq. Lusit. part. 1 liv. 5. cap. 30. e liv. 5. cap. 18. 21. e 24. (2) Paul. Diac. lib. 13. Turselin. Epitom. Historic. lib. 5. pag. 113.

a assinar esta invasão na era de Cesar, 447, (1) que corresponde aos annos 409; e sendo a cidade de Lisboa a primeira povoação nossa, que esteve a risco de ser devorada pela fereza d'aquelles leões, que a tinham em cerco, brevemente o levantaram por um pequeno donativo, que os cidadãos lhe offereceram; porem continuando com a mesma ferocidade, arruinaram outras terras na Lusitania, e o que estava sugeito ao imperio romano, cujo estrago foi o intuito principal, a que todos estes barbaros se encaminhavam.

Cada parcialidade d'estas gentes tinha seu rei, a que obedeciam; e por não se confundirem nesta assolação, os vandalos, e selingos com o seu rei Gunderico, ou Mondigelesio, occuparam Andaluzia, que d'elles adquirio nome: os alanos, e suevos com os seus reis Resplandiano, e Hermenerico possuiram a Lusitania, e Galiza, ficando Asturias, e Biscaia permanecendo na sujeição romana. (2)

Morto Resplandiano se lhe seguio Atáces, o qual estribando seu atrevimento nas maiores forças por senhorear maior parte da Lusitania, foi accommetter Hermenerico, rei dos suevos; a quem tomou algumas terras, especialmente Coimbra, que então se achava existente no sitio de Condeixa a velha, e principiou a edificar a que agora existe, obrigando ao trafego da obra toda a qualidade de pessoas.

Quizera Hermenerico resistir, e castigar os atrevimentos de Atáces: convocou em seu favor a Gunderico, rei dos vandalos; fortifica-se no Porto, e fortifica tambem a cidade. Chegam a litigar os dois exercitos, e declinando de uma parte o poder, fica Hermenerico derrotado: tudo porem se compoz logo, offerecendo Hermenerico a el-rei Atáces sua filha Cindasunda para esposa com um thesouro por dote de riquezas consideraveis. (3) Nesta paz viveram socegados sogro, e genro, occupando-se unicamente em fazer algumas correrias contra os que seguiam o partido romano.

Tinham-se incorporado os vandalos, e suevos, para maquinarem rijo accommettimento contra os alanos, que com a soberba do seu rei Atáces pertendiam uzurpar as terras dos seus visinhos. Honorio havia feito pazes com os godos, e tambem com os vandalos; e soccorridos estes com taes auxilios, deram batalha, pelejaram valerosamente, e venceram a Atáces.

Recuperam outra vez os alanos, e selingos as terras perdidas, fundam a villa de Alemquer, e já sem rei, que os governasse, tornam a ser feudatarios ao imperio romano. Ajustam pazes com os suevos, e com tal união se enlaçaram, que desde esta confederação se começaram os portuguezes a chamar suevos. (4) Passam os vandalos para a Africa

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. c. 2. (2) Oros. Cassiodor. e outros apud Gandar. nas Palm. e triumf. Eccles. de Galiz. part. 2. l. 6. cap. 10. e 11. Saavedra Coron. Gothic. tom. 1. p. 52. Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 2. e 3. (3) Clede, Histoire de Portug. tom. 1. liv. 3. pag. mihi 224. (4) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 4

em numero de oitenta mil, e os alanos, e suevos se deixaram ficar na Lusitania possuindo aquellas terras, que lhe couberam em sorte.

Numerava já o mundo christão mais de quatrocentos e cincoenta annos, quando Theodorico, rei godo, entrando por Hespanha contra Reciario, rei dos suevos, depois de o apertar com uma guerra cruenta, o venceu junto a Astorga, dissipando n'aquelle dia todas as grandezas, e nome suevo, para fundar nas suas ruinas o imperio gotico; e deixando as terras de Portugal já sujeitas á sua obediencia, se retira a França.

Os suevos vendo-se destruidos recorrem ao rei godo por meio dos bispos, supplicando lhe a liberdade de acclamarem rei proprio, e nacional com o reconhecimento de feudatario. Oron nesta embaixada eloquentemente Idecio, bispo de Lamego, por cuja efficacia, e persuasão lhe outorgou Theodorico com grandeza regia quanto pediam. Voltam os prelados para Braga, e elegem a Masdra para seu rei.

Alguns dos nobres mal satisfeitos da eleição, com o pretexto de não se acharem presentes, acclamaram em Lugo por seu legitimo rei a Franta. D'aqui principiaram a nascer muitas discordias, cujos effeitos descarregando em insultos sobre os povos, lhes fizeram sentir, e padecer as molestias, e os riscos d'aquella opposição.

Socegaram emfim com a morte de Masdra, e com o tratado de paz, que seu filho Remismundo, successor no governo, fez com o Franta, mas como a este se lhe seguisse Frumario, e presistisse na teima de ser elle o rei legitimo, fez resuscitar as antigas contendas que ultimamente feneceram com o fim de seus dias, ficando Remismundo, com todo o principado da Lusitania, e dos suevos.

Para maior segurança do seu dominio mandou Remismundo pedir ao rei godo Theodorico lhe quizesse confirmar o tratado das pazes, que seus antecessores tinham feito, expressando-lhe a prompta fidelidade, e reconhecimento, em que vivia. Lisongeado Theodorico d'esta attenção, houve por bem suas conquistas, e lhe deu por esposa uma sua filha, a qual, como era, Arriana, introduzio em Portugal esta seita, que inficionou todo o reino, (1) na qual foram permanecendo outros reis até Theomiro, que foi quem resuscitou a fé catholica, e fez que abjurassem os suevos os dogmas da perfidia Arriana, em que tinham vivido noventa annos.

Reinava na monarquia gotica Leovigildo, e estimulado das tyrannias, que Andeco usava com os suevos, em cujo governo se introduzira, voltando as armas contra elles, o cativou, e se fez senhor de todo o reino, e dominio suevo, pelos annos 585, (2) principiando d'aqui para diante o governo, e imperio dos godos em Portugal.

Subordinada já nossa Peninsula ao total poder gotico, foram continuando em seu governo os seus monarcas, pondo em algumas terras

(1) Morales lib. 11. cap. 33. (2) Vasaeus Chron. tom. 1. p. 39.

governadores com titulo de condes, que residiam a arbitrio dos reis godos. (1) Passados annos, chegou a monarquia a perigar na falta de successor; mas por conselho do romano Pontifice, que para isso teve revelação divina, (2) foi acolhido Vamba, natural, e habitador de Idanha, onde o foram achar bem alheio de outro governo, que não fosse o dispotico exercicio da sua agricultura.

Intimaram-lhe os embaixadores o grave negocio, a que hiam, e elle, que teve a embaixada por equivocação, o cargo por impossivel, respondeu, e protestou, cravando a aguilhada na terra, que só então seria rei, quando aquella vara brotasse flores. Assim succedeu, pois ella começou logo a florecer, e elle sendo obrigado pela palavra, foi conduzido para Toledo, onde o ungiram e respeitaram rei de toda Hespanha (3) no anno de 710. (4)

Venceu este rei varias batalhas, promulgou leis, fez celebrar Concilios, ajustou os limites na jurisdicção das igrejas, e por um accidente, em que o reputaram por morto, tornando a si, renunciou a corôa em Ervigio, e tomando o habito de religioso Benedictino em o convento de Pamplega, cinco leguas entre Burgos, e Valhadolid, (5) acabou seus dias tranquillamente, deixando de si fama tão gloriosa, que Arnoldo Ubion o põe no catalogo dos santos.

Seguio-se Ervigio, que foi jurado rei com toda a solemnidade, depois Egica seu genro, e a este Witiza seu filho, que collocando sua corte umas vezes em Braga, outras em Toy, ou em Toledo, de qualquer parte lançava raios, como astro maligno, que tudo inficionava. Chamavam-lhe Nero de Hespanha: tal era seu infame procedimento. (6)

Com melhor esperança de que extinguisse os escandalos passados acclamaram os godos a el-rei D. Rodrigo, porem depressa viram desvanecidos os seus conceitos, porque este principe tudo obrava por apetite; e o conde D. Julião, que era seu capitão da guarda, por conservar sua fortuna sempre prospera, executava francamente a arte da lisonja. Vivia no paço, como era costume, uma filha do tal conde, chamada Florinda, ou vulgarmente Cava, dama de estremada formosura: affeiçoou-se el-rei d'ella, e para grangear melhor os seus agrados, lhe prometteu na união do matrimonio a igualdade da corôa, porem não se passou muito tempo, que repudiasse a Florinda por coroar a Eylata, ou Egilona, formosa princeza de Africa, a quem a braveza das ondas fizera por um incidente arribar a Hespanha. (7)

Sentio Florinda aquella affronta, ou violencia, e meditando com seu pai algum genero de vingança, e desaggravo proporcionado, elle se pas

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 24. (2) Far. na Europa Portug. tom. 1 part 3. cap. 20. (3) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 25. (4) Morales liv. 12. cap. 40 e 41.
(5) Bergane. Antig. de Hesp part 1 liv. 1. cap. 6. n. 67. (6) Castilh. liv. 2. disc. 10. Monarq. Lusit. ut supr cap. 30. (7) Garibay liv. 36. Clede tom. 1. liv. 3. pag. mihi 209. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 1.

sou a Africa, se acaso não estava já lá, como querem outros, por ser governador d'aquelles dominios, posto pelo mesmo D. Rodrigo, e conciliando um poderoso exercito de serracenos, vieram accommetter Hespanha pelas instrucções do conde, obrando total estrago na florente monarquia dos godos.

Esta é a substancia de toda a historia da perdição de Hespanha, que corre entre os authores com mais vulgaridade, supposto que em algumas circumstancias haja entre elles differença. Todavia considerando outros com reflexão mais prudente a facilidade, com que os mouros em dois annos conquistaram quasi toda a Hespanha, e a negligencia, com que os hespanhoes a defenderam, não succedendo assim com os fenices, nem cartaginezes, nem romanos, nem ainda com os mesmos godos, pois qualquer d'estas nações gastou muitos annos para entabolar o seu dominio; julgam que o motivo d'esta fatalidade se originou por haver naquelle tempo alguma guerra civil na monarquia gotica, e esta achar-se dividida em parcialidades, das quaes a menos poderosa se foi valer dos arabes, e que estes em lugar de soccorrer a outrem, foram conquistando para si, o que alcançaram facilmente por causa da mesma divisão. (1) E porque os suevos, e godos foram senhores das nossas terras, é justo que façamos d'elles total memoria, ainda que seja em resumida chronologia.

Catalogo chronologico dos reis suevos, que reinaram em Portugal, e Galiza

Annos de Christo.—409 *Hermerico*, ou *Hermenerico*. Teve guerras com os alanos. Depois dos vandalos passarem a Africa ficou senhoreando quasi todo o reino de Portugal da fórma, que hoje está dividido, e ainda algum pedaço de Galiza. Morreu em Merida de uma doença, que lhe durou sete annos, e governou trinta e dois.

440 *Rechila*, filho do antecedente. Fôra principe perfeito, se não seguira o arrianismo. Com prosperidade, e paz governou sete annos.

448 *Reciario*, filho de Rechila. Teve alguns emulos no principio do seu reinado: casou com a filha de Theodorico, rei godo: saqueou, e destruiu os Vascões: passou a França a visitar seu sogro, e na retirada conquistou muitas terras de Hespanha. S. Balconio, bispo de Braga, lhe fez abraçar o Christianismo. Na cidade do Porto foi degollado por seus inimigos, e n'elle se extinguiu a linha verdadeira dos suevos. Governou nove annos.

457 *Maldra*, ou *Masdra*. Foi eleito na cidade de Braga, pelos bispos, e alguma nobreza do reino; mas padeceu as opposições, que

(1) Argot. Memor. do Arcebispad. de Brag. liv. 5. cap. 2. num. 367.

lhe fez Franta, que os do partido contrario introduziram no governo, e elle governou tres annos. Seguiu se outro tambem intruso, chamado *Frumario*, que reinou tyrannicamente dois annos, e a Masdra se seguio.

464 *Remismundo*, a quem Santo Isidoro chama *Arismundo*, filho de Masdra. Ficou prevalecendo o seu reinado entre os dois precedentes contendores. Foi captivo, e preso por elrei godo Theodorico, o qual introduzio em Galiza a heresia Arriana. D'aqui para diante não é mui certa a successão dos reis suevos por se interromper a sua serie com a morte de Remismundo. Fr. Bernardo de Brito (1) dá por incertos a Theodulo, Veremundo, Miro, Pharamiro. Filippe de la Gandara, (2) seguindo o Chronicon de Marco Maximo, assigna depois de Remismundo a Hermenerico no anno 556 com o governo de quasi cincoenta annos: a *Rechila II Reciario II* a quem S. Martinho Dumiense converteu á fé catholica, e a Ariamiro, on

560 *Theodomiro*, filho de Reciario. Converteu-se á fé juntamente com seu pai, e foi grande defensor da divindade de Christo. Celebrou-se no seu tempo o primeiro concilio bracarense. Os annos do seu governo são muito incertos. Santo Isidoro, a quem segue o allegado Gandara, diz que reinou vinte e quatro annos. Yañes diz, Coronelli no seu Prodromo seis, o abbade de Valclara tambem lhe assigna dez annos de governo, e parece o mais provavel. O padre Argote lhe dá o nome de Theodomiro Junior, porque antes d'elle diz que houvera outro Theodomiro Senior. (3)

570 *Miro*, ou *Ariamiro*. Foi excellente principe em piedade, e religião. Fez convocar em Braga o segundo concilio para desterrar alguns abusos, e governou treze annos. Aqui ha grande equivocação em o nome d'este rei, que alguns confundem com Theodomiro, e por isso não se ajusta entre os authores a chronologia como deve ser. (4)

583 *Eborico*, ou *Eurico*. Succedeu no governo ao antecedente. Foi logo despojado do reino por Andéca, padrasto de Eburico, o qual para mais o inhabilitar para a successão, lhe fez tomar o habito de religioso no mosteiro de Dume, e professar. Esta violencia vingou pelos mesmos filos Leovigildo, rei godo, obrigando tambem a Andéca a se ordenar de sacerdote; e desterrando-o para Beja, tomou posse de todas as riquezas do reino, o qual no poder dos suevos tinha durado em ambas as fortunas cento e setenta e sete annos.

Advertimos, que o erudito padre mestre fr. Paulo Yañes produz uma serie dos reis suevos com diversidade d'esta, que temos expendido, tanto em os nomes dos reis, como em o numero, e calculo dos an-

(1) Monarq. Lusit. liv. 5. cap. 10. (2) Gandar. Triunf. Eccles. de Galiz. part. 2. liv. 7. cap. 7. (3) Argot. Memor. de Brag. liv. 5. cap. 1. (4) Veja-se ao padr. Yañes no liv. 2. cap. 27. num. 1. de la Era, y Fechas de Espana.

nos. (1) Este author, como o seu intuito foi mostrar, e explicar o cap. 7 de Daniel, n'estas quatro nações barbaras, que occuparam Hespanha, não quiz incluir na serie dos reis aquelles, que foram tyrannos, e intrusos, e assim exclue a Frantran, Fumario, e Andéca, numerando sómente oito reis suevos legitimos, e verdadeiros.

Catalogo chronologico dos reis godos, que governaram Hespanha, e Portugal

Annos de Christo.—411 *Ataulfo*. Foi o primeiro rei godo, que teve dominio em Hespanha. Succedeu a Alarico: casou com Gala Placidia, irmã do imperador Honorio, a quem este deu em dote as terras de Hespanha com o designio de expellir d'ellas aos vandalos, e as outras nações septentrionaes; porem Ataulfo, portando-se com brandura no governo, foi desobedecido pelos seus, e por elles morto em companhia de sete filhos. Dizem uns que governára cinco annos, outros seis.

416 *Sigirico*. Era valeroso capitão, e por isso o elegeram para rei. Quiz levar as cousas pelo termo de paz; e não se contentando os godos com o seu modo, tambem lhe tiraram a vida. Governou um anno.

416 *Walia*. Começou a governar com o projecto de conquistar Africa: perdeu uma grande armada: retira-se a Barcelona, faz pazes com Honorio, e depois guerra aos vandalos, e os vence. Morre em Tolosa, tendo governado tres annos.

419 *Theodoredo*, ou *Theodorico*. Fez guerra aos romanos, e morreu na cruelissima batalha dos campos Catalaunicos, caindo de um cavallo. Governou trinta e tres annos.

452 *Thurismundo*, filho de Theodoredo. Foi morto por industria de seus irmãos. Governou um anno.

453 *Theuderico*, irmão de Thurismundo. Venceu, e matou a Reciario, rei dos suevos, e em Braga fez grandes hostilidades. Foi morto por seu irmão Eurico. Governou treze annos.

466 *Eurico*. Deu leis escriptas aos godos, expulsou aos romanos de Hespanha, conquistou, e saqueou muitas terras de Portugal. N'este tempo se achava Hespanha dividida em tres imperios: os suevos tinham a Galiza, e parte da Lusitania: a Betica, e Catalunha era dos godos: os romanos eram senhores das provincias de Cartagena, e Carpentana com o restante da Lusitania. Depois de algumas victorias morreu em Arlés de França, e governou dezasete annos.

483 *Alarico II* filho de Eurico. Litigou com Clodoveu, rei de França, e em uma batalha junto a Carcasona perdeu com ella a vida.- Governou vinte e tres annos.

506 *Gesalico*, ou *Gesaleuco*, ou *Gensalarico*, filho illegitimo de Ala

(1) Idem part. 1. cap. 19. de la Espana en la Santa Biblia.

rico. Foi acclamado pelos godos na menoridade de Amalarico. Perdeu o que seus antecessores possuiam em França; e sendo vencido por Theodorico, rei dos ostrogodos de Italia, avô do herdeiro legitimo, morreu de melancholia. Governou quatro annos.

511 *Theudorico II.* Tendo reinado dezoito annos em Italia occupou o cetro de Hespanha Dizem uns que como rei verdadeiro, outros só como tutor, ou administrador de seu neto. Governou quinze annos.

526 *Amalarico*, filho de Alarico. Teve por mulher a Crotilde, princeza catholica, filha de Clodoveu, rei de França; mas como o marido era arriano, padeceu com elle grandes trabalhos, até que os irmãos a vingaram, matando-o, e destruindo muitas povoações de Hespanha. Governou cinco annos.

531 *Theudo*, ou *Theudio*, ou *Teudis* Tinha sido tutor de Amalarico, e governador de Hespanha: outros o fazem descendente delrei Theodorico de Italia. Acabou, e extinguiu o governo dos romanos em Hespanha, quanto aos magistrados. Foi morto em seu palacio por um homem, que se fingia bobo. Governou dezasete annos.

548 *Theudisclo*, ou *Theudisclo*. Foi arriano, e um dos maus reis dos godos. Os seus o mataram em Sevilha, estando em um banquete. Governou um anno.

549 *Agila*. Por eleição dos grandes foi eleito rei. Os cordovezes o venceram. Muitos dos seus se rebellaram contra elle, e o mataram em Merida. Governou cinco annos.

554 *Athanagildo*. De capitão, que se havia rebelado, ficou com o reino dos godos. Morreu em Toledo, e governou quatorze annos.

567 *Liuva*, ou *Luiva*. Depois de reinar um anno cedeu o senhorio de Hespanha a seu irmão Leovigildo, e elle se retira ás terras, que tinha em França. Governou um anno.

568 *Leovigildo*. Alcançou muitas victorias dos suevos de Galiza, recopilou as leis gothicas, foi o primeiro, que usou de insignias reaes, throno, cetro, e coroa. Teve grandes guerras com seu filho Hermenegildo, a quem perseguio, e fez martyrisar em Sevilha depois de uma apertada prisão. Governou dezoito annos.

586 *Flavio Recaredo*, filho de Leovigildo, e sobrinho de S. Leandro, e S. Fulgencio. Desterrou a heresia de Arrio das terras de Hespanha, e governou quinze annos.

601 *Liuva II* filho de Recaredo, que alguns querem que fosse bastardo. Foi pio, e catholico. Witerico lhe usurpou o reino, tirando-lhe com tyrannia a vida. Governou dois annos.

603 *Witerico*. Renovou em seu governo a perfidia de Arrio, e por isso o mataram, e arrastaram pelas ruas publicas de Toledo, dando-lhe immunda sepultura. Governou seis annos.

610 *Gundemaro*. Foi defensor da immunidade ecclesiastica, e venceu aos navarros. Governou dois annos.

612 *Sisebuto.* No principio do seu reinado constrangeu aos judeus a que seguissem a lei de Christo, por cujo motivo fugiram muitos para França. Acabou de lançar fóra de Portugal aos romanos, que ainda se conservavam n'este tempo por toda a costa do Algarve, e entre os cabos de S. Vicente, e de Espichel. Fortaleceu a cidade de Evora, e fundou em Toledo a igreja de Santa Leocadia. Governou oito annos e meio.

621 *Flavio Suyutila*, filho de Recaredo. Destruiu os imperiaes, e sujeitou ao dominio gothico todo Portugal. Entregou-se aos vicios, e crueldades de forma, que o concilio Toledano IV em que se achou Santo Isidoro, o excommungou, e a sua mulher, e filhos. Os vice-godos o privaram do reino. Governou dez annos.

631 *Sisenando.* Foi sublimado ao throno por favor de Dagoberto, rei de França, a quem deu dez pezos de ouro tão grandes, que bastaram para acabar o grande templo de S. Diniz. Governou quatro annos.

636 *Chintila.* Por votos uniformes da nobreza foi eleito rei; e querendo perpetuar no estado regio sua descendencia, convocou alguns concilios para estabelecer o seu intento. Governou tres annos.

640 *Tulga.* Viveu pouco, porem fez obras de grande piedade, e zelo christão. Morreu em Toledo com grande sentimento, e saudade de todos. Governou dois annos.

642 *Chindasuindo.* Entrou a governar por violencia, continuou com justiça de sorte, que soube temperar o arduo do principio com o suave do progresso. Convocou em Toledo concilio, fundou o mosteiro de S. Romão entre Toro, e Torresilhas, onde está enterrado. Governou seis annos.

649 *Recesuindo*, filho do antecedente. Entrou a governar sem contradição, e com justiça. Governou vinte e tres annos.

672 *Wamba*, ou *Bamba*. Foi eleito, e ungido rei milagrosamente. Ganhou muitas batalhas contra aquelles povos, que se queriam eximir do jugo gothico: até dos sarracenos triumfou. Um accidente lhe fez mudar uma coroa por outra: repudiou o reino, e deixando a purpura pelo habito de religioso, acabou santamente. Governou sete annos.

680 *Ervigio.* Obteve o cetro por industrias, que maquinou em vida de Bamba. Governou sete annos.

687 *Egica*, ou *Egiza*, genro de Ervigio. Tomou por companheiro a seu filho Witiza, e obrigou aos nobres a que lhe jurassem fidelidade. Divide o governo entre si, e o filho, dando a este o dominio de Portugal, e Galiza, e elle ficando com o restante de Hespanha. Governou dez annos.

701 *Witiza.* Tanto que subio ao throno, fez estabelecer sua corte em Braga, e dando-se a todo o genero de vicios, chegou ao extremo da maldade, e tyrannia, mandando tirar os olhos a seu irmão Theodofredo,

que residia pacifico no governo de Cordova. Concedeu varios privilegios aos judeus, e depois de outras muitas perversidades, que o fizeram aborrecivel de todos, morreu em Toledo. Governou dez annos.

711 *D. Rodrigo*, filho de Theodofredo, e neto de Chindasuindo. Pouco se distinguiu nos vicios ao antecessor. Os amores, que teve com Florinda, filha do conde Julião, foram causa de sua ruina, e de toda a Hespanha, introduzindo-se por conducta do conde offendido no desprezo de sua filha um grande corpo de exercito arabe, que derrotou a D. Rodrigo, e todo o poder dos godos, que havia durado na Hespanha mais de trezentos e oitenta annos. (1)

CAPITULO V

Invasão, e dominio dos mouros

Derrotado, e extincto o exercito dos godos nas praias do Guadalete em dia de S. Martinho 11 de Novembro de 714 conforme a melhor computação, (2) e refugiando-se nas terras de Portugal o infeliz rei D. Rodrigo, onde passados alguns annos acabou com a morte os seus dias junto a Viseu, (2) entraram os arabes a executar com todo o furor a conquista de Hespanha, vendo-se logo nos seguintes dois annos a maior parte d'ella, e do nosso reino sujeita, e subordinada ao dominio barbaro, excepto aquellas porções de Galiza, e Asturias, que pela aspereza de suas brenhas, se fizeram inaccessiveis ás armas dos africanos. (4)

O lastimoso estado, em que se acharam nossas terras com aquelle improviso, e accelerado captiveiro, bastantemente se faz crivel, vendo-se em tão pouco tempo sem liberdade, afflictas, e tributarias a uma nação barbara, e contraria da fé catholica: as igrejas, e sacerdotes desprezados com desacatos, e insultos, experimentando estes golpes, primeiro que outras, aquellas povoações, que estavam mais proximas ao oceano. (5)

Havia-se achado na batalha do Guadalete o infante D. Pelayo, da antiquissima familia dos hespanhoes Cantabros, (6) que com as breves

(1) Veja-se Lopes nos Concil. de Hesp. Coronelli no Prodrom part. 4. p. 165. Vasaeu tom 1. Chron. p. 39 Resend. lib. 3. de Antiq. Marian. Histor. de Hesp. part. 1. Savedr. Coron. Gothica, Gandar. nas Palm. y Triunf. de Galiza part. 2. Berganz. Antig. de Hesp. part. 1. liv. 1. Yanes Espana en la S. Biblia part. 1. cap. 19. pag. 221. (2) D Rodrig. Arceb. liv. 1. cap. 255. Histor. Gen. de Hesp. part 2. cap. 55. Moral liv. 12. can. 69. Berganca. Antiguid. de Hesp. part 1. liv. 1. cap. 13. n. 212. Yanes de la Era, y Fechas de Espana lib. 2. cap. 29. p. 182. Chronic. Albendense seguido por Marian part. 1 liv. 6. cap. 23. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 2. concorda no anno, mas discrepa no dia, porque a-senta que foi no meio de outubro. (3) Vasaeus Chron. tom. 1. p. 113. Monarq. Lu-it. liv. 7. cap. 3. p. 384. Aqui affirma Brito, que na igreja de S. Miguel do Fetal, que esta fora dos muros de Viseu, vira a sepultura de D. Rodrigo, mas já não tinha os ossos delrei, por haver annos, que os haviam trasladado para Castella, e não diz onde se depositaram. (4) Moret Anales liv. 3. cap. 4. e no tom. 1. Append S. 2. (5) Ferrer. ad ann 713. n. 9 (6) Fr. Franc. Sota Chron. de los Princip. de las Astur. liv. 3 cap. 12. n. 7.

reliquias de alguns godos se tinha acolhido ás montanhas das Asturias. Passado algum tempo, resentido da violencia, que um governador mouro fizera a uma sua irmã, tomando-a por mulher, estando elle ausente, (1) com o motivo de tão justa vingança, e de sacudir dos seus hombros, e de seus nacionaes o gravame de tal jugo, convocou, ou se lhe aggregou muita gente valerosa com armas, e petrechos proporcionados á empreza: e depois de o acclamarem rei no valle de Cangas, ou Covadonga, noticioso Alahor, governador arabe, d'aquella sublevação, o mandou accommetter com o formidavel exercito de cento e oitenta e sete mil mouros, aos quaes milagrosamente destruiu D. Pelayo. (2)

Divulgada a noticia d'este primeiro triunfo, respirou o animo dos christãos dispersos ao mesmo tempo, que se abateu o furor barbaro; e concorrendo ao estrondo d'este feliz successo D. Affonso, filho de D. Pedro, duque de Biscaya, descendente do glorioso Recaredo, rei godo, (3) se offereceu com bom numero de biscainhos a elrei D. Pelayo, o qual reconhecendo animo, e valor heroico na pessoa de D. Affonso, o desposou com sua filha Ermesenda.

D. Affonso agradecido a este favor, querendo explicar bem o seu zelo, e gratidão, entrou poderosamente em Portugal pela provincia do Minho, e recuperando Braga, Porto, Viseu, Agueda, e outras terras d'este reino, libertando-as da escravidão sarracena, se recolheu victorioso, deixando com estes triumphos aturdidos os barbaros, que já começavam a tratar os nossos mais com algum respeito, e menos oppressão. (4)

O governo politico se praticava, nomeando o governador mouro a um conde christão em cada comarca, o qual sentenciava as causas ordinarias segundo as leis gothicas, excepto a sentença de morte, que só a podia dar o alcaide dos mouros, que pouco a pouco foram introduzindo, e intimando as suas leis. (5)

Como o catholico rei D. Affonso, (o qual pela morte de D. Favila, seu cunhado, havia recebido o cetro, e a coroa,) não podia n'esta gloriosa conquista pela falta de gente, conservar nas terras, que resgatava, aquelle presidio sufficiente, que rebatesse as sublevações dos inimigos; acontecia que umas vezes ficavam nossas terras na obediencia dos christãos, outras na dos barbaros, e n'esta inconstancia de dominio permaneceu o reino nos tempos de D. Froila, D. Aurelio, D. Silo, D. Mauregato, e D. Bermudo, todos reis de Asturias, até que elrei D. Affonso o *Casto*, reforçado com maior poder, se avançou desde as Asturias até Lisboa, que bloqueou, venceu, e guarneceu de maior presidio, e a ou-

(1) Isidor. Pacens. apud Brit. na Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 6. (2) Mongo de Silos apud Bergança nas Antig. de Hesp. part. 1. liv. 2. cap. 1. n. 7. Vasaeus Chron. tom. 1. ad ann. 716. Marian. part. 1. liv. 7. cap. 1. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 6. (3) Salazar Histor. da Casa de Lara liv. 2. cap. 1. (4) Ferrer. tom. 4. na Dedicat. (5) Monarq. Lusit. liv. 7. Bergança part. 1. liv. 2. cap. 1. num. 2.

tras muitas terras, que lhe ficavam intermedias do Minho, e Beira, por onde passara.

Teriam passado oito annos, quando os infieis, creando novos alentos, sahiram com poderoso exercito, que commandava Aliatan, e recuperaram todas aquellas terras, que reconheciam o nome d'el-rei D. Affonso; porem este fazendo-lhe valerosa oppugnação os obrigou a pactear. Em fim com este perturbado governo se foi continuando bastantes annos o estado das nossas provincias, conforme era a fortuna que experimentavam; e mudando-se para conhecida prosperidade em tempo, que governava elrei D. Affonso VI se vio o imperio christão em grande augmento.

Discorriam as armas catholicas tão felizmente, que ao pregão de seus gloriosos progressos vinham muitos capitães de nome, emulos do valor, e da honra, militar pelo credito da fé á sombra das bandeiras de tão venturoso monarcha. Entre estes veio o illustrissimo, e valeroso conde D. Henrique, do qual procedeu uma florentissima arvore dos soberanos monarchas portuguezes, que no capitulo seguinte havemos de expor, demorando-nos agora um pouco, em quanto mostramos em abreviado catalogo a serie dos reis de Asturias, cujo dominio reconheceu Portugal, como sua primeira, e propria conquista sobre os arabes; e d'estes tambem fizeramos catalogo chronologico pelo que pertence aos seus califas, ou governadores em o tempo do imperio, que tiveram em Portugal, se acaso os escriptores arabes foram coherentes nas suas hegiras, ou chronologias, cuja confusão nos absolve d'este trabalho, podendo quem quizer maiores noticias das expedições dos mouros, e guerras intestinas, que fizeram em toda Hespanha, ver a obra de Abulcacim Tarif Abentarique, traduzida em castelhano por Miguel de Luna, e impressa no anno de 1600, ou o que se acha junto no Chronicon de Vaseu.

Catalogo chronologico
dos reis de Asturias e Leão, que em tempo dos mouros começaram a conquistar e governar Portugal

Annos de Christo.—738 *D. Affonso I* chamado o catholico, filho do duque de Biscaya. Casou com a filha delrei D. Pelayo: foi o primeiro rei de Asturias, que depois da perda de Hespanha teve dominio sobre os portuguezes, e conquistou aos mouros terras de nosso paiz: fundou, e reparou muitas igrejas. Governou dezenove annos.

757 *D. Froila*, ou *Fruela*, filho de D. Affonso. Ganhou algumas batalhas aos mouros, e lhe conquistou Beja, Setubal, e outras terras de Portugal. Com inveja de ser mais bem quisto seu irmão Vimarano, o matou, deslustrando com esta crueldade todas as boas obras, que tinha feito. Reformou o estado ecclesiastico de Hespanha, e no seu tempo succedeu a vinda do corpo de S. Vicente a Portugal. Seus vassallos o ma-

taram, e foi sepultado na igreja de Oviedo, que elle fundou. Governou onze annos e meio.

768 *D. Aurelio*, filho de D. Fruela. Serenou com prudencia um grande tumulto de escravos, que se levantaram contra seus senhores. Governou seis annos.

774 *D. Silo*. Succedeu na coroa, por casar com Adosinda, filha de D Affonso o catholico. Teve paz com os sarracenos, e só com os gallegos teve uma guerra, em que venceu. Entrou poderosamente na cidade de Merida, d'onde tirou o corpo de Santa Eulalia, e o depositou na igreja de S. João Evangelista de Pravia, onde elle está enterrado, com uma inscripção na sua sepultura em labyrintho, que diz, e se lê por todos os lados: *Silo Princeps fecit*. Governou nove annos.

783 *D. Mauregato*. Obteve a coroa por usurpação; porque a rainha Adosinda pertendeu que os grandes de Hespanha acclamassem por successor a D. Affonso, seu sobrinho, filho delrei D. Fruela: e sabendo isto Mauregato, filho bastardo de D. Affonso o catholico havido em uma moura, anhelando tambem ao cetro, se foi valer de Abderramen, rei de Cordova, promettendo-lhe vassalagem, se o soccorresse na sua pertenção. Foi o promettimento dar-lhe todos os annos cem donzellas de tributo, cincoenta nobres, e outras tantas plebeas, e se mandavam recolher em Asturias, Portugal, e Galiza. D. Joseph Pellizer, (1) a quem segue D. João de Ferreras, (2) quizeram persuadir que este rei nem se chamava Mauregato, nem promettera ao mouro o tributo annual das cem donzellas christãs: porem não tem razão, segundo o que se lê na Monarquia Lusitana, (3) e o que diz o padre fr. Francisco de Bergança. (4) Governou cinco annos.

789 *D. Bermudo I*, filho de D. Fruela. Sendo diacono, e destinado á igreja, por instancias dos grandes do reino entrou a governar. Não quiz contribuir aos governadores mouros com o tributo das cem donzellas. Depois de haver governado tres annos, e oito mezes, renunciou o reino em D. Affonso, filho de seu primo D. Fruela, e passou a buscar o habito de monge no mosteiro de Sahagum, onde viveu muitos annos.

791 *D. Affonso II*, chamado o casto. Encarregando-se do governo, que lhe cedeu D. Bermudo, começou a se fazer temido dos mouros. Recuperou Lisboa por assalto, e conquistou as cidades de Lamego, Viseu, Coimbra, Braga, e outros lugares. Mahamet fez pazes com elle, e o servia como vassallo. Em seu tempo se descubriu o corpo do glorioso apostolo Santiago, a quem mandou edificar uma igreja com magnificencia real. Governou conforme a nossa chronologia cincoenta e um annos; porem a Clave Historial do padre fr. Henrique Flores lhe assigna trinta e quatro.

(1) Pellizer Anal. p. 401. (2) Ferrer. tom. 4. p. 108. (3) Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 9. (4) Bergança part. 1. das Antiguid. de Hesp. liv. 2. cap. 3. n. 35.

842 *D. Ramiro I*, filho delrei D. Bermudo. Logo no principio do seu reinado se levantou contra elle um conde das Asturias, chamado Nepociano, a quem venceu, e castigou, mandando-lhe tirar os olhos, supplicio ordinario d'aquelle tempo. Com fortuna igual ao seu valor ganhou aos mouros o Porto, Lamego, Viseu, Coimbra, e Montemòr o Velho. Aqui poz por governador a seu tio o abbade João, o qual cercado d'ahi a tempos pelos barbaros, vendo que todos pereciam irremediavelmente por falta de mantimentos, resolveu com os mais, que se as mulheres, velhos, e meninos haviam ficar expostos ao furor dos tyrannos, fossem elles mesmos os que sacrificassem a innocencia por victima da sua honra: e assim cada um degollou por suas proprias mãos a quem mais amava. Sairam logo a accommetter desesperadamente aos mouros, os quaes não podendo soffrer aquelle tremendo modo de pelejar, se deram por vencidos à custa de setenta mil que pereceram. No outro dia voltando alguns à villa, se lhes offereceu novo motivo para a admiração, vendo que todos os degollados viviam resuscitados milagrosamente. Referem este caso nossos historiadores, (1) e parece que o acredita a tradição de pais a filhos, que ainda permanece n'esta villa. No seu castello está um antiquissimo padrão, que supposto ter já muitas letras carcomidas, bem se percebe da contextura ser narração d'este prodigio. Havendo finalmente D. Ramiro governado sete annos, e oito mezes, morreu no primeiro de Fevereiro de 850, e está sepultado na igreja de Oviedo.

850 *D. Ordonho I*, filho de D. Ramiro, a quem succedeu com universal applauso, por ser principe de grande valor, e talento. Serenou uma rebellião dos vascões seus vassallos, e venceu ao renegado Musa, de grande nome entre os infieis, por cuja victoria ficaram mui temerosos. Ganhou Santarem, Leiria, e outras terras de Portugal. Morreu de gota, e governou dezaseis annos.

866 *D. Affonso III* chamado o magno pelas grandes victorias, que alcançou dos mouros, e sumptuosos templos que edificou, e esmolas que deu. Os seus o perseguiram, rebellando-se, e os barbaros oppondo-lhe fortes exercitos; mas elle pacificou uns, e triunfou dos outros. Em Portugal reedificou muitas cidades arruinadas, Braga, Porto, Chaves, e Viseu. Renovando-se as inquietações domesticas, e sabendo que os seus mesmos filhos queriam despojal-o do cetro, pelos não vencer a elles n'aquella violencia, se venceu a si, e repartindo o imperio, deu a D. Garcia o governo de Leão, Oviedo, e Castella, e a D. Ordonho Galiza, e Portugal, ficando elle só com a espada contra os mouros, de quem ainda alcançou victorias. Governou quarenta e quatro annos.

910 *D. Garcia*. Entrou a governar bem, explicando o seu valor

(1) Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 15. Benedict. Lusit. tom. 1. trat. 2. part. 2. cap 6. Fr. Loiz dos Anjos Jardim de Port. n. 52. Paes Viegas nos Princip. de Portug. liv. 6. p. 219. Agiolog. Lusit. tom. 3. p 801 Ann. Histor. tom. 2. p. 257.

na victoria, que teve dos mouros em Talavera, prendendo ao general Ayola, que ao depois lhe fugiu. Governou tres annos.

913 *D. Ordonho II.* Morto D. Garcia, foi acclamado rei pelos bispos, e principaes do reino. Combateu a cidade de Beja, que era a mais opulenta, que os mouros occupavam, e a ganhou matando toda a gente da guarnição. Poz grande terror aos barbaros, de fórma que elrei de Merida lhe veio render vassalagem. Suspeitando que os quatro condes, que governavam então Castella, se queriam rebellar, mandou-os vir a Tejares junto do rio Carrion, segurando-lhes queria tratar com elles materias importantes; mas dissimuladamente os prendeu, e os fez degollar. Governou nove annos e meio.

923 *D. Froila II.* Não se conta d'este rei acção contra os mouros, antes o culpam de tyranno, mandando matar os filhos de Olimundo, e desterrar a Fronimio, bispo de Leão, por terem seguido as partes do infante D. Affonso. Por isto se fez aborrecivel dos vassallos. Morreu de lepra, e governou um anno.

924 *D. Affonso IV.* Entrando a governar, e conhecendo-se inutil, renunciou o dominio em seu irmão D. Ramiro, e elle foi buscar a vida monastica no convento benedictino de Sahagum. Depois passados seis mezes, largando o habito, se foi a Leão, onde o admittiram, e intitularam rei. Sabendo isto D. Ramiro, passou áquella côrte, e cercando-a, obrigou a D. Affonso a entregar-se-lhe, e irado lhe mandou tirar os olhos, e prender até acabar seus dias. Os annos do seu governo, e tempo do monacato pertendem ajustar fr. Francisco de Bergança, (1) e fr. Manoel da Rocha. (2)

931 *D. Ramiro II.* Depois de prendor a seu irmão, e seus sobrinhos, determinou fazer cruel guerra aos mouros, como com effeito fez tão felizmente, que sempre os venceu. Ajudando-o visivelmente Santiago, matou junto de Simancas a setenta mil mouros. Alguns historiadores (3) dizem, que morrera sendo religioso. Governou dezanove annos.

950 *D. Ordonho III.* Foi filho de D. Ramiro, e principe valeroso e prudente. Casou com a filha do conde Fernão Gonçalves, o qual querendo rebellar-se contra elle, repudiou-lhe a filha, e lh'a mandou a Castella. Sujeitou aos gallegos, que se haviam levantado, e passando a Portugal, chegou até Lisboa, que entrou sem embaraço, saqueando os mais lugares, que estavam em poder dos mouros. Governou cinco annos e meio.

955 *D. Sancho I*, chamado o gordo, porque na verdade o era, e foi motivo para ser deposto do throno, e subir em seu lugar o infante D. Ordonho, filho de D. Affonso IV intervindo n'isto o conde Fernão

(1) Berganç. part. 1. das Antig. de Hesp. liv. 3. cap. 6. n. 65. (2) Rocha Portug. Renascid. part. 2. n. 124. e seqq (3) Apud. Berganç. ut supr. cap. 12. n. 138.

Gonçalves, e alguns senhores de Galiza. Passou D. Sancho a Cordova, alcançando lá remedio á sua queixa, o buscou tambem aos seus interesses, valendo-se d'elrei Abderramen, que com um exercito de mouros fez com que D. Ordonho lhe restituisse o reino de Leão. Os condes, que governavam as terras do Minho e Galiza, se conjuraram contra elrei: mas elle pacificando-os, os obrigou a jurarem fidelidade, em cujo acto um dos condes lhe deu peçonha, de que morreu. Governou doze annos.

967 *D. Ramiro III.* Tomou a investidura do reino, tendo cinco annos de idade, e começou este governo pelas direcções de sua mãe e tia. Fez pazes com elrei de Cordova, recuperou dos mouros o corpo do glorioso S. Pelagio, destruiu pelo valor do conde Gonçalo Sanches uma armada de normandos, que aportou em Galiza. Tratando com pouca attenção aos condes de Portugal e Galiza, estes acclamaram por seu rei ao infante D. Bermudo, filho delrei Ordonho, a 15 de Outubro de 982. Contenderam ambos rijamente, e a morte de D. Ramiro decidiu o argumento. Governou dezaseis annos.

985 *D. Bermudo II* chamado o gotoso. Foi pouco afortunado, pois encontrou sempre mui poderoso a seu contrario Almançor. Em Portugal tudo que ia desde a corrente do Douro até o Algarve estava sujeito aos mouros, e só a pequena comarca de Entre Douro e Minho com algumas terras da Beira estavam na obediencia delrei D. Bermudo. Unido com elrei de Navarra, e o conde Garcia Fernandes, venceu uma grande batalha a Almançor, que o obrigou a fugir para Cordova, deixando-lhe no campo setenta mil sarracenos. Morreu arrependido de suas culpas em Galiza, e governou quatorze annos.

999 *D. Affonso V*, filho de D. Bermudo. Succedeu na coroa, tendo cinco annos de idade. Foi principe mui pio, e caritativo. Com intentos de destruir os mouros passou a Viseu, onde elles tinham as maiores forças, e resistencia, e os cercou apertadamente; mas chegando-se perto das muralhas, uma setta disparada das suas ameyas o atravessou, e fez levantar o sitio. Governou vinte e sete annos.

1027 *D. Bermudo III*, filho de D. Affonso. Foi principe de grande animo, porem infeliz, porque nas guerras, que teve com seu cunhado D. Fernando, rei de Castella, mettendo-se na batalha do Carrion por entre as armas, lhe tiraram a vida. Governou dez annos,

1038 *D. Fernando* o magno. Por morte de seu cunhado tomou posse do reino de Leão. Deven-lhe Portugal a restauração das suas terras desde o Douro até o Mondego. Depois de muitas victorias mereceu que o glorioso Santo Isidro lhe revelasse o fim dos seus dias; e antes de morrer repartio seus reinos por seus filhos: a D. Sancho deixou Castella, a D Affonso Leão, e a D. Garcia Galiza, e Portugal. Governou vinte e nove annos.

1067 *D. Garcia.* No seu governo se deixou este principe levar

das lisonjas de um seu valido, chamado Verna, que foi causa de se descontentarem os illustres portuguezes, e gallegos, os quaes levantando-se tomaram armas, e lhe deram uma batalha, que elle todavia venceu. D. Sancho, seu irmão mais velho, o metteu em prisões, e o reino de Portugal, e Galiza se lhe entregou, ficando por então incorporado na coroa de Castella. Governou quatro annos.

1071 *D. Sancho II.* Perseguiu fortemente a seus irmãos, e querendo usurpar tambem do poder de sua irmã Dona Urraca a cidade de Çamora, que poz em apertado cerco, um cavalleiro chamado Velhido Dolsos o matou com uma lança. Governou um anno.

1072 *D. Affonso VI.* Teve o titulo de imperador, e reinou em Castella, Leão, Portugal, e Galiza. Foi um dos mais bem afortunados principes de Hespanha, e o que conquistou mais terras aos mouros, aos quaes atropellou com o valor do celebrado Cid. Distribuio o governo de algumas comarcas de Portugal por illustres pessoas. O conde D. Sisnando governava as terras de entre Douro e Mondego. Egas-Ermigio Arouca. O conde D. Nuno Mendes a provincia do Minho, a quem succedeu o illustrissimo conde D. Henrique, gloriosa origem dos reis portuguezes, de cujo assumpto ornaremos só como epitome o capitulo seguinte.

CAPITULO VI

Erecção do senhorio de Portugal separado dos mais dominios de Hespanha, e estabelecimento dos soberanos monarcas portuguezes

Ainda a maior parte das nossas terras era perseguida, e infestada dos mouros, sem ter sido bastante o grande poder dos reis de Leão, e Asturias, para os lançar fora de Hespanha, quando apparecendo o conde D. Henrique no anno de 1080 com o intento de se naturalizar na gloria das conquistas de el-rei D. Affonso, mereceu com as suas grandes proezas o premio de que este lhe desse por espoza uma sua filha, e em dote não só o que estava em Portugal conquistado aos sarracenos, mas tudo inteiramente o que seu valor aspirasse a conquistar. D'este esclarecido tronco se produzio a fecundissima arvore da casa real portugueza com uma união de florecentes ramos em periodo gloriosamente continuado, como já entramos a vêr.

Conde D. Henrique

Cinco pontos mais difficultosos exporemos primeiramente na vida d'este illustrissimo conde. O primeiro: Qual é a sua origem? Não menos que seis opiniões houve ácerca d'este verdadeiro conhecimento, que se podem vêr no destro politico Duarte Ribeiro de Macedo. (1) A mais

(1) Rib. de Maced. na Geneal. do conde D. Henr.

certa, e verdadeira, com que os authores d'este seculo se conformam, é a que faz ser ao conde D. Henrique descendente por varonia dos duques de Bragança, e da caza real de França. Funda-se esta opinião no celebre Exemplar Floriacense, que se achou em França na livraria do convento de Fleury, d'onde o alcançou Pedro Piteu para o dar á impressão no anno de 1596. É uma historia genealogica de França, escrita em tempo do proprio conde por um religioso de S. Bento, a qual é tida por texto indubitavel,

Depois de toda esta segurança, e certeza tão recommendada tambem pelo grande genealogico D. Antonio Caetano de Sousa (1) fomos encontrar uma passagem no capitulo 11 da Historia manuscrita da fundação de Santa Cruz de Coimbra por fr. Jeronymo Romano, religioso douto de Santo Agostinho, e de quem muitas vezes se lembra nosso chronista Brandão com credito. Este pois referindo o epitafio antigo, que estava na cabeceira da sepultura do invicto rei D. Affonso Henriques, antes que el-rei D. Manoel a mandasse reformar, diz, que se lia alli, entre outras clausulas a seguinte:

> *Aqui yaze sepultado el mui poderoso, y muy excelente principe D. Alonso Henriques, primero Rey de Portugal, el qual de parte de su Padre Dom Henrique, conde de Astorga, deciende por linea derecha de los Reyes de Aragon, y de parte de su madre de los Reyes de Castilla, etc.*

Alguma violencia nos causa querer dar assento á verdade d'este epitafio; porque primeiramente lembrando-se d'elle o grande Brandão, (2) diz, que estava em versos latinos, e os transcreve, mas nem em uma só palavra se conforma com o que diz fr. Jeronymo. Mais: Accrescenta este uma reflexão sobre a mesma clausula da inscripção, digna de reparo, dizendo: *En lo que toca a ser su padre el Conde D. Henrique de linage de los Reyes de Aragon, y haver se llamado Conde de Astorga, es muy facil de provar, y por no ser para aqui, lo dexo.*

Chamamos reflexão digna de reparo, porque o mesmo fr. Jeronymo no capitulo primeiro da vida do infante D. Fernando deixou dito, que o conde D. Henrique era principe da casa real de França, (3) em que coincide com o exemplar Floriacense, e se aparta da sobredita reflexão do epitafio. Sirva isto sómente de noticia, a qual quizemos communicar, porque esta obra, como outras tambem de fr. Jeronymo, não anda impressa, supposto correrem alguns transumptos pelas mãos dos curiosos, e d'elle conservamos alguns tratados. Veja-se porem Damião de Goes na Chronica delrei D. Manoel part. 4, cap. 72.

O segundo ponto difficultoso é: Se a rainha D. Theresa, mulher

(1) Sousa. Histor. Genealog da Casa Real Port. tom. 1. pag. 31. (2) Brand. na Monarq. liv. 11. cap. 38. (3) Apud Maced. allegad. e Far. no t. m. 2. da Europ. Port. part. 1. cap. 2.

do conde D. Henrique, foi filha legitima d'elrei D. Affonso VI de Leão? A razão de duvidar vem a ser; porque elrei D. Affonso sendo casado com D. Ximena Nunes de Gusmão, da qual teve a senhora D. Theresa, foi depois separado d'este matrimonio pelo papa Gregorio VII como consta da sua carta, ou Breve, que principia: *Dici non potest*, escripta ao mesmo D. Affonso por se contrahir sem dispensa do parentesco, que a dita D. Ximena tinha com outra mulher delrei D. Affonso, o qual foi casado seis vezes.

Fundados n'esta nullidade, affirmaram authores castelhanos, e ainda portuguezes, que a senhora D. Theresa era filha bastarda, tendo por sua parte esta opinião o exemplar Floriacense, (1) objecção forçosa, com que argumenta Manoel de Faria. (2) Porem isto não obsta; porque alem de constar da contextura da carta pontificia, que elrei D. Affonso tinha a senhora D. Ximena por legitima mulher, como tambem o dá a entender Baronio, (3) é certo que os filhos havidos de matrimonios separados por falta de dispensação de parentesco, são reputados filhos legitimos, e successores, como bem diz Brandão, e com elle Duarte Ribeiro. (4) Este ponto está tão admiravelmente discutido pelo erudito, e infatigavel D. Joseph Barbosa, que parece escusado duvidar já na legitimidade da senhora infanta D. Teresa. (5)

A terceira difficuldade é: Saber o anno, em que entrou o conde D. Henrique a governar Portugal, e as terras que lhe deram em dote? Quanto á primeira parte, resolve o laborioso D. Joseph Barbosa (6) que entrara o conde no anno de 1093. O fundamental genealogico D. Antonio Caetano (7) é de parecer que viera no anno antecedente; e outros ainda anticipam mais esta entrada. Quanto á segunda parte, o dote foram as provincias do Minho, Beira, e Traz os Montes, e em Galiza não comprehendia terra alguma, como affirma o chronista Brandão, (8) contra o que alguns disseram. Este era o estado de Portugal, que o valeroso conde augmentou depois com as outras terras, que foi ganhando aos mouros, por onde livremente podia.

O quarto ponto difficultoso é: Se o reino de Portugal foi dado ao conde D. Henrique com alguma obrigação de feudo? Os authores castelhanos dizem que sim; (9) porem o certo é que foi dado independente, e sem genero algum de subordinação aos reis de Castella. Assim o mostra e prova com evidencia o erudito D. Joseph Barbosa, (10) e o dis-

(1) Exempl. Flor. «Alteram filiam, sed non ex conjugali thoro natam Ainrico... dedit. (2) Far. Com. de Cam. cant. 3. est. 25. (3) Baron, tom. 11. ad an. 1080. «Constat enim á Rege Catholico Alphonso... uxorem diversam á consanguinea defuncta conjugis accepisse.» (4) Monarq. Lusit liv. 8. cap. 13. fin. Ribeir. de Maced. allegad. (5) Barbos. Catal. das rainhas de Portug. pag. 7. Vide etiam Sous. na Hist. Geneal. tom. 1. p. 33. Lergaac. Antig. de Hesp. part. 1. liv. 5. n. 451. (6) Barbos. ut supr. p. 37.
(7) Sousa ut supr. p. 32. (8) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 10. (9) Marian. Hist. de Hesp. tom. 1. liv. 13. cap. 20. Garibay tom. 2. liv. 13. cap. 11. Ortiz, Anales de Sevilla liv. 2. p. 205. Garma Theatr. univers. de Hesp. tom. 3. p. 288. (10) Barbos. Catal. das rainh. p. 38.

preto academico José da Cunha Brochado; (6) porque não se descubrindo em algum archivo ou nosso, ou de Castella, copia d'este contracto dotal, devemos recorrer á mais constante tradição, de que foi um dote puro, sem imposição, ou clausula de reserva do alguma direita soberana.

A quinta difficuldade é: Saber em que tempo foi o conde D. Henrique á conquista de Jerusalem, se antes, ou depois de haver entrado em Portugal? Brandão diz, (2) que depois, e no anno de 1103. Manoel de Faria affirma, que antes, mas em tempo, que já estava casado, (3) e que fôra elle um dos doze capitães, que Urbano II, author d'aquella expedição, nomeara para a mesma empreza. Temos por segura a sentença de Brandão.

Supposta estas maiores duvidas, e com brevidade resolvidas, o que resta saber das acções gloriosas d'este valeroso conde, são as muitas victorias, que alcançou dos mouros. Dezasete se lhe contam das de maior fama. Deu foraes a Coimbra, Tentugal, Soure, Certã, Zurara, S. João da Pesqueira, Guimarães, e a outras muitas villas. Dotou, e enriqueceu muitas igrejas com rendas, e beneficios, e depois de ampliar com egregios merecimentos seu grande espirito, foi chamado pelo Senhor ao descanço eterno em o primeiro de Novembro de 1112, tendo vivido setenta e sete annos, e governado mais de vinte. Jazem seus ossos, e cinzas na Sé de Braga.

D. Affonso Henriques I.º *rei*

Nenhum principe mereceu mais justamente o titulo de heroe famoso, e o nome de primeiro hercules lusitano, que o preclaro, e soberano rei D. Affonso Henriques; porque se meditarmos os preciosos trabalhos, que passou na ampliação da fé, e estabelecimento da monarquia portugueza, não lhe fica o epitheto fabuloso, mas tão verdadeiro, que o excede.

Teve o seu nascimento na villa de Guimarães, (primeiro solio, e côrte dos principes portuguezes) a 25 de Julho de 1109 conforme o melhor calculo; (4) e sendo seu nascimento festejado, assim como era util, moderou o contentamento de pais, e vassallos um defeito corporal em sua pessoa. Dos braços de sua ama D. Ausenda (5) passou logo á cultura, e instrucções de Egas Moniz, varão de maduro juizo, e destinado para seu aio. Este por continuas deprecações alcançou da purissima Virgem saude, e desembaraço aos pés do principe, collocando-o por divina revelação no altar da imagem da Senhora de Carquere junto a Lamego, pro-

(1) Brochado na conta de 13 de Maio de 1723 das Mem. Academ. Veja-se tambem a Monarq. Lusit. liv. 8. c. 9. (2) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 22. (3) Far. no Com. de Cam. cant. 3. est. 27. (4) Barbos. Catal. das ranh. p. 79. e seqq. (5) Estaço nas Antig. de Port. cap 12. n. 7.

digio, que referem quasi todos os nossos historiadores, e de que parece duvidar Mons. de la Clede. (1)

Corria o anno 1125, e o inclyto principe contava dezaseis de idade, quando na igreja cathedral de Çamora, que por este tempo estaria sujeita á coroa de Portugal, elle mesmo se armou cavalleiro, tomando as insignias militares do altar do Salvador. (2) Passados dois annos, considerando-se já em idade competente de poder suster o cetro, intentou dar principio ao seu governo. Duvidou a rainha sua mãi, que até alli governava, entregar-lhe o dominio, e foi preciso ao filho excluil-a por força de armas, e á custa de uma escandalosa batalha, que lhe ganhou no campo de S. Mamede junto a Guimarães em 24 de Junho de 1128.

D'este dia por diante ficou D. Affonso com absoluto senhorio de Portugal: e reclusa a rainha no castello de Lanhoso, mandou pedir a elrei de Leão adjutorio, que prompto a veio soccorrer, mas infelizmente, pois ficou desbaratado na Veiga de Valdevez; (3) porem fornando no anno seguinte com exercito mais poderoso, cercou a villa de Guimarães, onde se achava o principe D. Affonso, e a tanto aperto reduziu a villa, que se não fôra Egas Moniz ir occultamente ajustar com o Leonez certas condições, e estipular para isso sua palavra, ficaria D. Affonso a arbitrio de seus inimigos; porem não querendo o principe depois convir nos artigos do tratado, que Moniz havia feito, dizem, (4) que este fôra a Toledo com mulher e filhos, apresentar-se a elrei de Leão, para que tomasse n'elle vingança pela falta do promettido; acção, que o mesmo rei queixoso julgou sufficiente satisfação da palavra de um vassallo tão fiel a seu soberano.

Proseguia D. Affonso a conquista da Estremadura com a fortuna tão prospera, que parecendo-lhe já pequenos os limites do seu estado, passou ao Alemtejo, provincia então sujeita a Ismael, rei arabe poderoso, e com o projecto de augmentar o seu dominio, e extinguir os barbaros chegou ao Campo de Ourique. Aqui triunfou de cinco reis mouros, e quinze regulos confederados, e unidos em um grosso corpo de quatrocentos mil combatentes. (5)

Facilitou-o para tão memoravel batalha o prodigioso apparecimento de Christo crucificado, o qual escolhendo-o para base da monarquia portugueza, lhe declarou como queria n'elle, e n'ella estabelecer para si um reino com as regalias de imperio, e que para signal distinctivo

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. cap 8. Mariz Dialog. 2. cap. 3. Duart. Nun. Chronic. do conde D. Henriq. Telles Chron. da Comp. part. 1. liv. 1. cap. 16. n. 4. Far. na Europ. tom. 2. part. 1. cap. 3. n. 4. Maced. Excel. de Port. cap. 21. excel. unic. n. 9. Vasconc. Anac. Maced. Propugn. Lusit. Gallic. confut. 20. §. 1. Clede Hist. de Port. tom. 2. p. 67.

(2) Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 14. (3) Brand. Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 16.

(4) Brit. na Chron. de Cister part. 1. liv. 3. cap. 4. Cam. Lusiad. cant. 3. est. 35. Benedict. Lusit. tom. 2. p. 275. Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 19. Toscan. Paral. de var. illustr. cap. 26. Maced. Flor. de Hesp. cap. 12. excel. 2. (5) Resend. lib. 4. Antiq. «Tantas congregavit copias, ut milha quadringenta exercitus superaret.»

da sua promessa lhe dava por estandarte, e escudo as suas cinco chagas. Animado o venturoso principe, antes de entrar no conflicto assentio a que o acclamassem rei em 25 de Julho, dia felicissimo do anno 1139, a cujo titulo se não oppoz, tanto que o soube, elrei D. Affonso de Castella, (1) e confirmou depois o papa Alexandre III no anno 1179 pela bulla, que começa: *Manifestis probatum est argumentis.* (2)

A verdade d'esta mysteriosa visão se confirma do juramento do mesmo rei D. Affonso, que fez na presença dos grandes da sua corte, passados treze annos, no de 1152, e se conserva no cartorio de Alcobaça, d'onde se tem extrahido alguns traslados, (3) alem de um grande numero de authores não só nacionaes, mas estranhos, que d'este admiravel apparecimento fazem memoria, como se póde ver nos que abaixo allegamos, (4) não sendo digno de se ler n'este particular o padre Mariana, (5) que a esta visão de Christo, e derivação das suas sagradas chagas ao nosso escudo tem por fabulosa, contra um tão authentico monumento, sendo n'elle tão claros os erros, quando diz aqui mesmo, que o campo do escudo das armas de Portugal, onde estão as cinco quinas, é azul, constando a todos ser branco, e que a orla dos castellos de ouro em campo vermelho ajuntara D. Sancho II constando por escripturas da Torre do Tombo a ajuntara D. Affonso III.

Como tudo n'este mundo está sujeito ao juizo dos homens, se oppozeram os mal affectos, contradizendo esta apparição, a cujos argumentos responderemos com brevidade. Dizem não haver noticia em Portugal de um caso tão celebre, e maravilhoso, antes de se descubrir a firma do juramento em tempo delrei D. Filippe II. Responde-se: que na Chronica delrei D. Affonso Henriques, que recopilou de outra antiquissima por mandado delrei D. Manoel o chronista Duarte Galvão, se diz assim no cap. 15: «E o principe sahiu fóra da sua tenda; e segundo elle mesmo deu testimunho em sua Historia, vio a Nosso Senhor em a cruz na mesma maneira que disse o ermitão». Camões, que morreu muito

(1) Horat. Torsellin. Epitom. Histoir liv. 8 ad ann. 1140 «Itaque victoriis ingens ab Alphonso Rego Castellae, rex Lusitaniae appellatur. (2) Conserva-se na Torre do Tombo m. 1. p. 1. dos Breves. (3) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 5. Sousa Histor. Genealog. tom. 1. das Prov. n. 3. (4) Cam. Lusiad. cant. 3. est. 45. e seg. e seu commentador Manuel de Far. Brit. Chron. de Cist. liv. 3. c. 2. Monarq. Lusitan. liv. 10. c. 5. Paes Viegas nos Princ. de Port. liv. 4. Resend. liv. 4. de Antiq. Dam. de Goes in Descript. Olisip. Man. da Cost. celebre Jurista, na Oração funebr. delrei D. João III em 25 de Junho de 1557, e impressa em Lamb. an. 1558. Osor. de reb. Emm. l. 8. et de Nobil. l. 3. Vasconc. Anacephal. n. 3. Freit. de just. Imp. Lusit. cap. 18. n. 16. Duart. Galv. na Chron. deste rei cap. 15. e outros, que allega o doutor Joseph Pinto Pereira no Appar. Histor. de argum. sanctit. Reg. Alphons. Rontarg. 1. Os authores estrangeiros são os seguintes: Thom. Boss. de sign. Lucl. tom. 2. l. 7. c. 7. Beyerlinck verb. Apparitio. Delr. Disquis. magic. lib. 2. quaest 26. sect. 3. Thyraeus de Christi apparition. impersonalib. cap. 3. Rosignol de actib. virtut. lib. 1. cap. 16. Hagat. de admir. orb. Christian. tom. 2. l. 5. cap. 1. n. 45. Petra sancta in Tesseris gentilic. Jartic. Thesaur. rer. indic. p. 2. cap. 3. Birag Histor. de Port. part. 13. Tracagnot. Histor. Ital. Morel. Reducion de Port. part 1. n. 10. e outros, que allega D. Anton. Caetano de Sousa no tom. 1. do Agiolog. Lusit. a 25. de Julho. (5) Marian. liv. 10. cap. 17. tom. 1 Histor. de Hespanh.

antes da vinda do rei Filippe, o cantou tambem no cant. 3. oitava 45 e 46. O letreiro que mandou pôr elrei D. Sebastião no arco triunfal do campo de Ourique, escripto em portuguez, e em latim pelo insigne André de Resende, como elle o confessa no liv. 4. de Antiquit. faz memoria d'esta apparição. O mesmo affirmam outros muitos escritores antiquissimos.

Dizem mais: que para tão grande favor lhe faltava ao rei santidade. Responde-se que é falso; pois sempre foi tido por santo; d'onde Sá de Miranda na carta 5. est. 9. disse fallando de Coimbra:

Cidade rica do Santo
Corpo do seu rei primeiro,
Que inda vimos com espanto,
Ha tão pouco tempo inteira,
Dos annos que podem tanto.

Confirma esta santidade a tradição constante, com que assim o nomeia ainda, e publica o vulgo; fazendo-se em nossos tempos na igreja de Santa Cruz de Coimbra com grande jubilo nova demonstração da integridade de seu corpo, para servir de uma authentica prova ao projecto, com que o papa Benedicto XIV o pertendia beatificar a instancias dos reis fidelissimos D. João V, e D. Joseph I cujo processo ficou suspenso pelo embaraço de outros negocios politicos mais urgentes.

Dizem mais: que se o rei decretou as armas do reino com os cinco escudos em memoria das cinco chagas de Christo, como houve n'ellas tanta variedade, segundo consta de moedas antigas? Responde-se: que sem embargo de haver nas Armas variedade no accidental, sempre conservam a substancia dos cinco escudos, e trinta dinheiros contados de diversos modos, como bem mostra Manoel de Faria nos commentarios de Camões cant. 3. desde a est. 153.

Um dos fortes argumentos é ter a escritura a data da Era de Christo, que n'aquelle tempo não se usava, mas sim a de Cesar. Responde-se: que não só esta escriptura, porem outras do mesmo rei se acham com a era de Christo, como é a em que fez o reino feudatario a Santa Maria de Claraval, que se conserva em Alcobaça com o sello pendente do rei, e subscripções dos grandes d'aquelle tempo, segundo a transcreve Brito na Chronica de Cister livro 3. cap. 5. e outras muitas que se podem ver na mesma Chronica l. 3. c. 6. e na Monarquia Lusitan. liv. 8. c. 26. e na Historia Ecclesiast. de Lisboa part. 2. cap. 56.

Deixando outros argumentos, é infallivel, que reconhecendo-se D. Affonso filho obediente da igreja, quiz expressar esta devoção á Sé Apostolica, offerecendo aos summos pontifices, não por modo feudatario, mas

liberal tributo, dois marcos de ouro, (1) cujo reconhecimento durou até o tempo delrei D. Affonso III. O mesmo acto de vassalagem devota, e pia, fez a Santa Maria de Claraval em cincoenta escudos cada anno: e como a sua religião foi igual á sua força, tudo quanto ganhava na guerra, distribuia pelas igrejas, edificando magestosos templos, tantos, que dizem chegaram ao numero de cento e cincoenta, (2) dando a todos rendas perpetuas com tanta opulencia, e liberalidade que alguns d'elles tem hoje mais, do que então rendia todo Portugal. (3)

Instituiu as duas ordens militares: da Aza, que se extinguiu; e de Aviz, que permanece: admittindo tambem em seu reino os cavalleiros de S. João de Malta, e Santiago, com quem distribuia donativos cortados com mão não só liberal, mas prodiga. Perseguio fortemente os mouros, e libertou de seu jugo impio muitas terras da Estremadura, Alemtejo, e Algarve em um progresso continuado de triumfos, que alcançou de vinte reis, e dois imperadores.

No anno de 1146 casou com a rainha D. Mafalda, filha de Amadeu III, conde de Saboya, e Mariana, cujo real consorcio Deus fecundou com a producção de tres filhos, e quatro filhas. Contando finalmente setenta e seis annos de idade, quatro mezes, e doze dias, exhalou o espirito aos seis de Dezembro de 1185, estando em Coimbra, havendo governado cincoenta e sete. Jaz seu corpo inteiro no convento de Santa Cruz de Coimbra com grande veneração, obrando Deus por elle alguns prodigios, como se podem ver no argumento 10. do Apparato Historico, que para a beatificação d'este veneravel rei imprimiu em Roma no anno de 17[illegible] o doutor Joseph Pinto Pereira, o qual lhe tece vinte e sete elogios [illegible]dos pelas testimunhas das pessoas mais conspicuas em virtude, [illegible] bem acreditam os indicios de serem os merecimentos d'este santo rei premiados com a eterna felicidade.

D. Sancho I, 2.º rei

Nasceu D. Sancho em Coimbra a 11 de Novembro de 1154, e creado com os exemplos, e instrucções de tão grande pai, logo nos primeiros annos mostrou os affectos de valor na propensão que tinha ao exercicio das armas. Ainda não contava quatorze annos de idade, quando se achou na jornada, ou batalha do Arganhal, em que capitaneando o exercito portuguez contra o delrei de Leão, deixou ao menos indecisa a victoria, e defendido seu pai. (4) De vinte e um annos casou com D. Dul-

(1) Brit. Chron. de Cister l. 3. cap. 4. e 4. Manriq. Annal. Cistere. ann. 1142 cap. 4. Brandão Monarq. lus. 11. cap. 4. liv. 16. cap. ult. e liv. 20. cap. ult. Maced. de Div. tutelar. p. 240. Maced. Philipp. Portug. cap. 19. Velasc. Justa Acclam. part. 1. §. 4. n. 21. Baron. ad ann. 1141. in Lucio II. Agoirre tom. 3. Concil. ad ann. 1144. n. 92. (2) Mariz Dialog. 2. cap. 7. Garibay liv. 31. cap. 11. Mend. da Silv. Catal. Real § 59. Mendoça in Viridar. lib. 6. or. 3. num. 67. Vieg. in Apocalyps cap. 21. sect. 5. n. 6. (3) Brit. Chron. de Cister liv. 3. cap. 21. (4) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 13.

ce, filha de D. Ramon, principe de Aragão, e logo no anno de 1178, tendo vinte e quatro de idade, atravessou com um exercito de doze mil homens por Castella dentro, até se pôr á vista de Sevilha, cidade mais bem presidiada dos mouros, e até alli impenetravel ás armas christãs.

Os barbaros olhando-nos com desprezo, e como quem se offendia da nossa confiança, saíram raivosos em tom de batalha, mas foram tão fatalmente cortados pelas nossas lanças, que a grande copia do sangue derramado dos corpos fez sensivelmente mudar a côr ás aguas do Guadalquivir. (1) Com este glorioso triumfo mais qualificado ainda com a opulencia dos ricos despojos, se recolhia D. Sancho a Portugal, quando noticioso do novo, e apertado cerco em que os mouros tinham posto a Elvas, voou a soccorrer a necessidade d'aquella praça; e desassombrando-a da oppressão, que padecia, continuou a jornada, vindo primeiro satisfazer grato ao ceu as victorias recebidas com as liberaes offertas, que tributou ao mosteiro de S. João de Tarouca, de quem se prezou ser seu especial bemfeitor. (2)

Succedeu a morte delrei seu pai, e passados os tres dias das honras funebres, foi D. Sancho acclamado, e coroado rei em Coimbra aos 9 de Dezembro de 1185, anno em que contava trinta e um de idade, como bem diz Brandão, (3) e não trinta e oito, como dizem outros. (4) Logo sollicito em introduzir a paz no seu reinado, cuidou em convertel-a em utilidade publica, fez guarnecer muralhas, reparar edificios, fundar villas, reedificar cidades, e cultivar as terras, acções, que lhe grangearam os honrosos cognomes de Povoador, (5) e Pai da patria, (6) manifestando-se muito mais a sua piedade, e grandeza com os donativos, que offerecia ás ordens militares com tanta prodigalidade, que não contente de dar a Deus o que possuia, fazia offerta até do que ainda esperava ter. (7)

Com o soccorro de uma poderosa armada do norte, que caminhando em direitura das terras da Palestina, mas forçada de um rijo temporal veio abrigar-se na foz do Tejo á sombra de Lisboa, foi D. Sancho conquistar o Algarve; e fundando na cidade de Silves igreja cathedral com bispo, continuou a conquista de outras terras d'aquelle reino, intitulando-se rei tambem do Algarve desde o anno 1188 até 1190. (8) Porem no anno seguinte 1191 entrando Miramolim Aben Joseph pelas terras de Portugal com um poderosissimo exercito, assolou tudo, e recuperou no Algarve o que tinhamos adquirido, sem ser possivel a D. Sancho resistir-lhe por nos ter n'aquella occasião uma grande peste, e fome attenuado muito as forças. (9)

(1) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 27. (2) Idem ibid. cap. 27. (3) Pand. ibd. l. 12. c. 1. (4) Sousa, Hist. Geneal. tom. 1. p. 80. (5) Monarq. liv. 12. cap. 1. e 11. (6) Ibid. (7) Idem ibid. cap 3. (8) Monarq. Lusit. liv. 22 c. 7. e no fim do prologo da quarta parte. (9) Idem cap. 13.

Persuadido em fim que a vista do principe concilia o amor dos povos, por se fazer amavel, e estimado, visitava as terras mais populosas do reino, e ainda as que o não eram, fazendo a todas não só a honra da sua presença, mas as mercês da sua generosidade, (1) sendo primeiramente soccorridos os lugares sagrados com fabricas, e esmolas, experimentando-o especialmente o sumptuoso convento de Alcobaça, e outros mais da ordem de S. Bernardo, de quem foi particular bemfeitor, (2) acabando todos de ver o governo, e a piedade d'este rei nas clausulas do seu testamento, pelo qual deixou grandes sommas de ouro, prata, joias, e tapeçaria repartido por seus filhos, amigos, pobres, hospitaes, e igrejas com tão boa formalidade, que o papa Innocencio III lh'o confirmou por uma bulla, que se conserva no mosteiro de Lorvão. (3) Depois de reinar vinte e seis annos, deixou em Coimbra no fim de uma grave doença os alentos vitaes para sempre em 27 de Março do anno de 1211, contando cincoenta e sete de idade. Jaz em Santa Cruz de Coimbra.

D. Affonso II, 3.º *rei*

Suspenderam-se as mal enxutas lagrimas, que se haviam derramado na morte de D. Sancho, com a festiva acclamação de seu filho D. Affonso no mesmo dia 27 de Março de 1211, contando vinte e seis annos de idade, e havendo já dez que era casado com a senhora D. Urraca, por se ter recebido no anno 1201. (4) Havia nascido em Coimbra a 23 de Abril de 1185, e padecendo na infancia a continuada molestia de um achaque perigoso, foi livre d'elle milagrosamente pela virtude de Santa Senhorinha, a quem D. Sancho foi em pessoa supplicar á sua igreja de Basto, a melhoria, gratificando-lhe depois aquelle beneficio com o liberal donativo de muitas terras, e privilegios para ellas. (5)

Apenas D. Affonso subio ao throno, expressou logo o seu animo generoso, dando a villa de Aviz aos cavalleiros da ordem militar d'este nome, que haviam residido em Evora; e como pelos annos 1212 se havia alterada a paz estabelecida entre elrei D. Affonso IX de Castella, e Mahomet IV intentando este a conquista de Hespanha, e empenhando todas as forças, foi tambem preciso a elrei de Castella valer-se, alem de outros, do adjutorio delrei de Portugal, que lhe mandou grande numero de soldados, os quaes tiveram grande parte no triunfo, que dos arabes alcançou elrei de Castella na celebre batalha chamada das Navas, por se appellidar assim o sitio, onde se deu, junto á serra Morena a 16 de Junho de 1212. (6)

Pouco affavel, e conforme se mostrou D. Affonso com seus irmãos, e assim intentou tirar as villas, e terras a suas santas irmãs, que seu pai lhe havia deixado, de que resultaram graves litigios, que em parte

(1) Olede tom. 2. p. mihi 165. (2) Monarq. Lusit. l. 12. c. 31. (3) Ibid. c. 35. Sousa Hist. Geneal. tom. 1. das Prov. n. 10. Olede tom. 1 p. 166. (4) Barbos. Calal. das rainhas de Port. p. 153. (5) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 12. c. 27. (6) Cled. tom. 2. Histor. de Port. p. 174.

fez serenar o pontifice com censuras, e elrei de Leão com as armas; e temendo igual perseguição seus irmãos, D. Fernando desamparando a patria, passou-se para Castella, e D. Pedro para Marrocos. (1)

No anno de 1217 haviam partido de varios portos do norte differentes naus para a expedição, e conquista da Terra santa, as quaes chegando a incorporar-se na altura do Algarve, compunham uma fortissima armada de trezentas vellas. Quizeram voltar o cabo de S. Vicente, e levantando-se furiosa tormenta, vieram demandar o abrigo da barra de Lisboa, de cuja vinda aproveitando-se o bispo della D. Sueiro, (e não D. Matheus, como nossos historiadores dizem, sem reflectirem no reparo do insigne chronista Brandão) (2) ajudado com outros commendadores das ordens militares, e das reclutas de gente, que elrei havia mandado conduzir, foram todos expugnar a villa de Alcacer do Sal, praça de armas fortissima, presidiada dos mouros, e uma das mais importantes, que elles conservavam na Hespanha. Não obstante a grande resistencia, que faziam ao nosso sitio com resolução, e esforço auxiliado dos reis de Cordova, Sevilha, Jaen, e Badajoz, ficaram finalmente rendidos depois de repetidos assaltos, e porfiada peleja.

Parece que o aspecto d'esta victoria, que alcançámos, tão formidavel para os arabes, os devia intimidar; porem elles mais irritados, renovando numerosos esquadrões, entram por Portugal com intentos de ganharem Elvas, a quem elrei com felicidade promptamente soccorreu, e venceu, e penetrando por Andaluzia victorioso, poz grande terror aos mouros. Outras muitas batalhas ganhou nosso monarca sempre em grande credito das armas christãs, até que completando trinta e oito annos de idade, e doze de reinado, concluiu seus dias em Coimbra aos 25 de Março de 1223. Jaz no mosteiro de Alcobaça.

D. Sancho II, 4.º rei

Foi Coimbra patria de D. Sancho, onde nasceu a 8 de Setembro de 1202, padecendo logo na sua infancia as disposições de pouca saude. Entrou a governar a 25 de Março de 1223, e mostrou que não degenerava do valor de seus predecessores, nem nos desejos de dilatar a fé, nem de extinguir os arabes: pois ainda que o maior numero dos nossos chronistas o infamaram de pouco cuidadoso para o governo, sabemos que no anno de 1225 entrára pelo Alemtejo na frente de um poderoso exercito assolando o poder ismaelita com tanto valor, que mereceu por esta acção os publicos, e honrosos elogios, que o papa Honorio III lhe mandou. (3)

Continuou a guerra contra os mouros sempre victorioso até o anno de 1242, recobrando d'elles á força de armas muitas praças, e villas do

(1) Far. na Europ. Port. tom. 2. part. 1. c. 7. n. 7. (2) Brand. Monarq. liv. 13. cap. 10. e liv. 14. c. 8. (3) Bzovius tom. 13. Annal. ad ann. 1225. apud Barbos. Catal. das raich. p. 169.

Alemtejo, e Algarves, Elvas, Jurumenha, Serpa, Aljesur, Mertola, Cacela, Ayamonte, e Tavira. Fez porem elrei diminuir estes prosperos successos, consentindo na oppressão, que se fazia ao estado ecclesiastico, de que resultaram gravames, queixas, e censuras pontificias. Outros attribuem estas desordens á demasiada introducção dos validos nas cousas do governo, e nimia frouxidão delrei, procedida tambem da sua bondade, como diz o Platão portuguez. (1) Porem vendo o pontifice que as suas admoestações eram inuteis quanto ao vexame do clero, Innocencio IV o depoz do throno pelo decreto, que anda inserto no livro 6 das Decretaes cap 2. que principia *Grandi non immerito*, (2) substituindo em seu lugar por governador a seu irmão D. Affonso, conde de Bolonha, que então se achava no reino de França.

Chegou o infante regente novamente nomeado, e aceito por commum consentimento dos tres estados do reino, e vendo-se D. Sancho infelizmente deposto do governo, se valeu de seu primo elrei D. Fernando de Castella, o qual formando um exercito em seu favor, marchou contra Portugal; mas intimando-se aos generaes castelhanos as censuras, e decretos pontificios contra os que embaraçassem a regencia de D. Affonso, (3) desenganado D. Sancho da sua pertenção se recolheu a Toledo, onde entregue a obras pias, executou acções dignas de eternos elogios; porque não satisfeito de ter declarado a sua generosa virtude com a erecção de alguns templos em Portugal, mandou fazer a capella dos reis na Sé de Toledo, onde se mandou enterrar. Acabou finalmente cheio de desgostos, e merecimentos para alcançar a verdadeira coroa da eternidade feliz em 4 de Janeiro do anno de 1248, tendo quarenta e seis de idade, e vinte e cinco de governo.

D. Affonso III, 5.º rei

Era D. Affonso irmão segundo delrei D. Sancho, e havia casado no anno de 1235 em França com Matilde, condessa proprietaria de Bolonha, sendo chamado para governar Portugal pelos defeitos, que inventaram, ou criminaram a D. Sancho. Juron primeiramente em França na presença de certos prelados portuguezes, que lá se achavam a 6 de setembro de 1245, alguns artigos pertencentes ao bom governo. No anno seguinte entrou no reino com intento de conquistar o Algarve, empreza, que no anno de 1250 conseguiu quasi plenamente, (4) e em que se distinguiu muito o insigne D. Payo Peres Correa, mestre da cavallaria de Santiago.

Como as conquistas de Portugal, e todas as mais terras de Hespanha occupadas pelos mouros eram sem limite, e ficavam no dominio d'aquelles principes christãos, que primeiro as ganhavam, intentou D.

(1) Sá de Mirand. cart. 5 est. 11. (2) Monarq. Lusit. l. 14. c. 25. (3) Monarq. Lusit. l. 14. c. 29. (4) Monarq. Lusit. liv. 15. c. 5.

Affonso depois de sujeitar o Algarve reduzir tambem a seu dominio algumas terras de Andaluzia, como com effeito subordinou as villas de Aroche, e Arecena, que ao depois passaram para o senhorio de Castella. (1)

Proseguia D. Affonso com tranquillidade no seu governo, estabelecendo leis mui uteis para o bom regimen; (2) porem no meio de tanta paz elle mesmo se constituiu causa de um geral escandalo, e perturbação do reino com o repudio, que fez de sua legitima esposa a condessa Matilde, casando segunda vez com D. Brites, filha bastarda delrei D. Affonso Sabio de Castella no anno de 1253, motivo de haver tanto disturbio com as censuras ecclesiasticas, que opprimiram o povo, e não tiveram fim, senão com a morte da condessa sua primeira mulher. Então pedindo os bispos de Portugal ao pontifice quizesse dispensar com elrei no segundo matrimonio, tudo concedeu o papa Urbano IV, e ficou o reino aliviado dos terriveis effeitos d'aquella regia contumacia. (3)

Alguns escritores se enganaram (4) em dizer que o reino do Algarve fôra dado em dote a D. Affonso III e tal não foi, como doutissimamente provam D. Joseph Barbosa, e outros. (5) porque só consta que os reis de Castella eram usufructuarios do Algarve desde o anno 1253 até o de 1264, em que se commutou em cincoenta lanças, com que Portugal havia de ajudar a Castella em caso de necessidade. Depois no anno de 1267 se tirou esta pensão em agradecimento de um grande soccorro, que o infante D. Diniz levou a D. Affonso o Sabio contra os mouros.

Vendo-se elrei desassombrado das guerras, e censuras pontificias, tornou a metter o reino em novas oppressões com o mau tratamento, que dava ao sacerdocio portuguez. Os prelados, querendo defender o seu respeito; queixaram-se ao papa, que então era Clemente IV, o qual reprehendendo-o, e continuando as violencias no estado ecclesiastico, continuaram tambem os pontifices successores Gregorio X, e João XX, ou XXI com repetidas censuras, a que finalmente elrei mostrou querer obedecer, e sujeitar-se ás determinações do papa. (6)

Não obstante esta contumacia, pela qual talvez nosso poeta (7) equivocadamente lhe chamasse Bravo, foi elrei D. Affonso de notavel governo: adiantou o commercio, reedificou muitos lugares do reino, fundou alguns conventos, como o de S. Domingos de Lisboa, o de Elvas, e Santa Clara de Santarem. (8) Alimpou o reino de facinorosos, estabeleceu feiras publicas, e morreu em Lisboa a 16 de Fevereiro de

(1) Mon.Lus.cap. 12. (2) Ibid.cap 13. (3) Cunha Catalog.dos bispos de Port. part. 2. c. 12. Monarq. Lusit. l. 16. c. 10. (4) Barbud. Emprezas Militar. p. 12. e outros. (5) Barbos. Catal. das rainh. pag. 61. e seqq. Brand. na 4. part. da Monarq. Lusit. e liv. 16. cap. 41. Lim. Geogr. Histor. tom. 2. p. 288. et seq. Far. Epitom. part. 4. cap. 8. (6) Far. na Europ. Port. tom. 2. pa t. 2. c. 1. n. 22. (7) Cam. cant. 3. est. 94. (8) Esperanç. Histor. Serafic. p. 1. l. 5. c. 11. Monarq. Lusit. l. 15. c. 47.

1279 com trinta e dois annos de reinado, e sessenta e nove de vida. Foi depositado seu corpo no convento de S. Domingos de Lisboa, e d'aqui se trasladou para o de Alcobaça no anno de 1289, onde agora jaz.

D. Diniz, 6.° rei

Nasceu em Lisboa a 9 de Outubro do anno 1261. Conferiu-lhe o sacramento do baptismo o bispo do Porto D. Vicente Mendes, e foi seu padrinho D. Egas Lourenço da Cunha, um dos principaes cavalheiros d'esta nobilissima familia, e privado delrei D. Affonso III. Teve por aios a Lourenço Gonçalves Magro, neto do grande Egas Moniz, e a Nuno Martins de Chacim, que ambos concorreram para pulirem o precioso, e regio animo de D. Diniz, unidos com os desvelos de seu mestre D. Aymerico, que depois foi bispo de Coimbra. (1)

A primeira acção notavel de D. Diniz, sendo ainda menino de quatro annos e meio, foi quando seu pai elrei D. Affonso III o mandou a Sevilha com um poderoso exercito soccorrer a elrei de Castella seu avô (2) contra os mouros africanos, que invadiram no anno 1266 a Hespanha, e correndo o de 1279 em 16 de Fevereiro, dia, em que morreu D. Affonso III, foi acclamado rei com todas as ceremonias costumadas em Lisboa, tendo dezoito annos de idade menos oito mezes, e começando a governar em companhia da rainha sua mãi, não consentio muito tempo o novo rei esta coadjutoria, e assim a excluio com respeito, mas não sem magoa, e sentimento da rainha.

Constituido D. Diniz senhor do reino, principiou a visital-o, como era costume, sendo o Alemtejo a primeira provincia, que logrou esta honra da sua presença, da qual tambem participou a Beira, e Estremadura com a confirmação dos seus foros, e privilegios, fortificação das fronteiras, e boa administração da justiça, experimentando tambem as mesmas honras as outras comarcas do reino nos annos seguintes.

No de 1282, estando elrei em Trancoso, recebeu por sua mulher a rainha Santa Isabel em 24 de Junho, dia de S. João Baptista, e n'este mesmo anno compoz as controversias, que havia no estado ecclesiastico, e estabeleceu leis mui uteis para a republica, especialmente remediando a dilação nas demandas, e assinando modo facil para se processarem as causas, e que a justiça nos pobres tivesse mais segurança. Este cuidado experimentaram tambem as povoações, as quaes elrei melhorou, mudando algumas para sitios mais defensaveis, e accommodados, como foi Mirandella, e outros.

Uma das acções suas bem considerada, e que os historiadores louvam, foi revogar todas as doações inofficiosas, que tinha feito em dis-

(1) Mouarq. Lusit. l. 16 c. 1. 2. e 3 (2) Ibid. c. 4.

pendio dos bens da coroa logo no principio do seu reinado, incorporando outra vez com melhor acordo, e conselho de pessoas doutas ao padroado real todas as terras, e fazendas, que inconsideravelmente doára; e costumava dizer, quando lhe fallavam n'esta materia: «Que justamente se tirava o que injustamente se concedera». (1) Passou esta lei em Coimbra a 26 de Dezembro de 1283, na qual revogação excepteou unicamente o chanceller mór D. Domingos Annes Jardo, bispo de Evora, e Lisboa, pelos grandes serviços, que tinha feito ao reino.

Não causou pequenos cuidados a elrei D. Diniz o orgulho de seu irmão D. Affonso, porque andando com o projecto de lhe usurpar o reino, pois dizia que a elle lhe pertencia, por nascer depois que o papa revalidara o matrimonio de seu pai com a rainha D. Brites, e D. Diniz ter nascido antes, e por isso illegitimo, (2) com este motivo chegaram a pegar em armas, e D. Diniz cercando-o em Arronches apertadamente, o fez convir em composições, intervindo tambem na reconciliação dos dois irmãos a rainha Santa Isabel, e a rainha de Castella D. Maria, ajustando-se as pazes em Badajoz, onde tambem se acharam a nossa rainha D. Brites, e sua filha a infanta D. Branca aos 13 de Dezembro de 1287.

Alcançou D. Diniz do papa Nicolau IV no anno 1288 o poder separar-se a ordem militar de Santiago da sujeição dos mestres de Castella; e como era mui amante das letras, e que sabia cultival-as, instituio em Lisboa a primeira universidade, que houve no reino, por bulla do mesmo Nicolau IV, expedida em Roma a 13 de Agosto de 1290, (3) e continuando os estudos publicos em Lisboa com grande fructo, e acceitação, considerados todavia alguns inconvenientes, ordenou o mesmo rei que se transferisse para Coimbra no anno 1308.

Entre algumas leis notaveis, que fez promulgar, foi uma, em que prohibio as religiões herdarem bens de raiz, acudindo n'isto á eminente ruina do estado dos nobres, e mais povo, se continuassem as igrejas nas heranças, como bem adverte o chronista Brandão; (4) e porque esta limitação nos bens ecclesiasticos não fosse interpretada por acção menos pia, desmentiu o minimo conceito contra a sua generosidade, dispendendo na fabrica de templos, e erecção de conventos muito cabedal, bastando para prova da sua devota grandeza, e justificar-se de não desaffecto aos bens da igreja, a fundação do real mosteiro de S. Diniz de Odivellas no anno de 1295, e o de Santa Clara de Coimbra, e villa do Conde, dotados tambem em seu tempo, ainda que não foram estes dois participantes da sua liberalidade.

Foi elrei D. Diniz principe insigne em muitas virtudes, e em tres excedeu a todos os monarcas do seu tempo, na justiça, verdade, e libe-

(1) Monarq. Lusit. l. 16. c. 34. (2) Far. Europ. Port. tom. 2. p. 2. c. 2. n. 7. Monarq. Lusit. l. 16. c. 50. (3) Monarq. Lusit. l. 16. c. 72. e p. 320. Sousa tom. 1. das Provas da Hist. Geneal. p. 71. (4) Monarq. Lusit. l. 17. c. 7.

ralidade. Pela primeira foi eleito juiz arbitro em companhia delrei de Aragão para sentenciar a causa delrei D. Fernando de Castella, e D. Affonso de Lacerda sobre a coroa de Castella, e Leão, em cuja causa deu sentença na cidade de Tarragona de Aragão sem queixa de nenhuma das partes, e compoz outras differenças, que havia entre os reis de Castella e Aragão.

A sua liberalidade foi tanta, que a D. Fernando, um dos mesmos dois reis, pedindo-lhe grande somma de dinheiro emprestado, D. Diniz lh'o deu gratuitamente com grande magnificencia, e ainda mais do que pedia, porque lhe deu um milhão de escudos, e uma copa de uma finissima esmeralda, que se avaliou em onze mil e tantos cruzados, (1) e não houve cavalheiro de ambos os reinos, que d'elle não alcançasse dadivas, e mercês grandiosas; e com tudo deixou, quando morreu, muita riqueza a seu filho sem offensa de seus vassallos.

Elle foi o primeiro, que introduzio no paço rezarem-se as horas canonicas, e ter para isso capella permanente. Instituio a ordem militar de Christo dos bens dos Templarios, que se extinguiram no seu tempo. Da agricultura teve um especial cuidado, d'onde obteve o cognome de Lavrador, aos quaes chamava nervos da republica, e por este augmento, e diligencia mereceu chamarem-lhe tambem Pai da patria. Teve desavenças com elrei D. Fernando de Castella, e entrou por seu reino com poderoso exercito, porem com casamentos serenou a guerra.

Em seus ultimos annos padeceu alguns desgostos com seu filho o infante D. Affonso, procedido da dura condição do infante, e inveja, que tinha dos favores, que elrei fazia a D. Affonso Sanches, seu meio irmão. Houve guerras civis com grande disturbio do reino, e cessaram com as supplicas da rainha Santa Isabel, e de S. Raimundo. Morreu emfim este glorioso rei em Santarem a 7 de Janeiro de 1325, tendo vivido sessenta e tres annos, e tres mezes, reinado quarenta e cinco, dez mezes, e vinte dias. (2) Jaz seu corpo no insigne mosteiro de Odivellas em soberbo mausoleu.

D. Affonso IV, 7.° rei

Começou a empunhar o cetro elrei D. Affonso IV desde 7 de Janeiro de 1325 em idade de trinta e tres annos, e onze mezes, menos um dia, contados desde 8 de Fevereiro de 1291 de seu nascimento em Coimbra, conforme a exactissima, e verdadeira chronologia do academico Francisco Leitão Ferreira. (3) Desde a primeira idade mostrou o aspero natural, de que era dotado. Casou em Maio de 1309 (4) com a se-

(1) Far. Europ. tom. 2. p. 2. cap. 2. n. 20. Monarq. l. 18. c. 2. Barbud Emprez. Mil. p. 17. vers. (2) Leit. Ferr. Notic. Chron. da Univ. de Coimb. n. 310. (3) Ibid. num. 312. (4) Monarq. Lusit. t. 7. l. 3. c. 3. n. 1.

nhora D. Brites, filha delrei D. Sancho o IV de Castella, e em Lisboa se celebraram os desposorios com grande fausto e pompa.

Com o novo estado, que o fez separar de casa, e governo, foi dando entrada a muitas occasiões de o perverterem homens estragados, fazendo capricho de os amparar: e dando-se todo ao exercicio da caça, tomava por occupação o que só devia ser divertimento, e este excesso lhe causou alguns desgostos. Como o animo, e condição delrei era aspero, de fórma que por elle grangeou o epitheto de Bravo, emprendeu acções arduas, e teve grandes discordias com seu pai, e seu sobrinho D. Affonso rei de Castella, com bastante damno de ambos os reinos. (1)

Todavia estas desavenças não foram sufficientes para deixar de ajudar com sua pessoa, e vassallos a elrei seu genro na famosa batalha do Salado contra Ali-Poacem, rei de Marrocos, e elrei de Granada, cujos exercitos rompeu, desbaratou, e venceu com grande credito do valor portuguez em 30 de Outubro de 1340. (2) Fez por duas vezes mudar os estudos geraes, que seu pai instituiu; a primeira de Coimbra para Lisboa no anno de 1338, a segunda de Lisboa para Coimbra no de 1354, (3) concedendo-lhe, e ampliando-lhe varios privilegios.

Obrou algumas acções de piedade regia, como foi o edificio da Sé com erecção de capellas, e renda fixa para os capellães cantarem; hospitaes, e outras acções pias. O que lhe causou maior affronta na sua memoria, foi alem das discordias, e desobediencia, que temos dito, o consentir que no anno 1355 tirassem a vida com tanta crueldade á formosa D. Ignez de Castro, que clandestinamente estava casada com o principe D. Pedro seu filho. Falleceu na cidade de Lisboa em 28 de Maio de 1357 com sessenta e seis annos de vida, tres mezes, e vinte dias, e de reinado trinta e dois annos, quatro mezes, e vinte e um dias. Jaz na basilica de Santa Maria, que foi a antiga metropole de Lisboa, da parte do Evangelho, e na capella mór. (4)

D. Pedro I, 8.º rei

O dia do nascimento delrei D. Pedro I é calculado com muita variedade pelos nossos escriptores. O diligentissimo academico Francisco Leitão Ferreira depois de referir todas as opiniões, que ha n'este ponto, conclue, e assigna por mais certo o dia 18 de Abril na antemanhã de uma sexta feira em o anno do Senhor 1320. (5) Tanto que este monarca tomou posse do governo, que foi a 28 de Maio de 1357, tendo então de idade trinta e sete annos, um mez, e nove dias, cuidou logo em se vingar dos que foram cumplices na morte de D. Ignez. Tinham elles

(1) Ruy de Pin. Chron. c. 5. (2) Sousa. Hist. Geneal. t. 1. p. 306. (3) Leit. Ferr. Notic. Chron. n. 321. e 333. (4) Monarq. Lusit. part. 7. liv. 10. c. 22. e 23. (5) Leit. Ferr. Notic. Chron. da Univ. de Coimb. n. 401.

fugido para Castella, e como em Portugal andavam tambem refugiados tres hespanhoes facinorosos, contratou elrei com o de Castella que lh'os entregaria, com condição de lhe dar a Alvaro Gonçalves, Meirinho Mór, Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco, que eram os aggressores d'aquella innocente morte.

Fez-se o contrato com grande escandalo, porque dizem que elle havia promettido com juramento a elrei seu pai de perdoar aos executores da morte de D. Ignez. Na villa de Santarem se poz por obra a vingança, e D. Pedro mandando justiçar a dois, (porque Diogo Lopes salvou-se a beneficio de um pobre, que o avisou antes de prenderem os outros,) com fera, e terrivel execução lhes mandou tirar os corações a um pelas costas, a outro pelos peitos, e depois queimal-os. (1) Parece que este excesso, com que castigava os delictos, lhe adquiriu o epitheto de Justiceiro, que o vulgo com menos respeito, e mais ignorancia mudou para o cognome de Cruel, de que os deixou desenganados o Platão portuguez Sá de Miranda, quando disse d'elle: (2)

Pedro, que amores tere com a justiça
Real, e não cruel inclinação.

Socegada a indignação delrei, passou a mostrar ao reino com toda a legalidade como D. Ignez de Castro tinha sido sua legitima mulher, fazendo depois de morta que a reconhecessem como rainha, e ordenando-lhe umas honras funebres nunca até aquelle tempo vistas com tanto apparato, e pompa. Como era tão amante da justiça, fez leis para a boa administração d'ella, que com temor, e reverencia se observava, administrando-a elle muitas vezes, como se fôra particular ministro. Ordenou que não houvesse letrados, que advogassem, e assim evitou as dilações, que costuma haver nos litigios por causa d'elles.

Admiram-se com razão os nossos chronistas, quando caracterisam o genio delrei D. Pedro; porque sendo por uma parte mui severo, por outra era mui affavel, amigo de festas, e alegrias; mui liberal, de fórma que lhe parecia dia perdido aquelle, em que não fazia mercês: e unidas estas boas qualidades com a paz, que conservou no seu reinado, soube infundir em seus vassallos um tal amor, que depois da sua morte diziam, que taes dez annos, como os de seu governo, nem os tinha visto Portugal, nem esperava de os tornar a ver. Achando-se na villa de Estremoz, falleceu aos 18 de Janeiro de 1367 em uma segunda feira pela madrugada. Viveu quarenta e seis annos, e nove mezes justos; reinou nove annos, sete mezes, e vinte e um dias. Está sepultado em Alcobaça junto de sua amada esposa a rainha D. Ignez de Castro.

(1) Nunes de Leão Chron. delrei D. Pedro f. 179. (2) Sá Elegia á morte do principe D. João p. mihi 277. Vide Barbud nas Empreg. M.L.I. p. 23.

D. Fernando 9.º rei

Em uma segunda feira, que se contavam 31 de Outubro de 1345, vespera de todos os Santos, nasceu em Coimbra elrei D. Fernando, conforme a chronologia mais bem averiguada. (1) A natureza o dotou de tão gentil, e regia presença, que ainda disfarçado entre muitos era logo conhecido como rei pela magestade da pessoa. (2) O genio, e condição era mui suave, e branda: frouxo, e remisso lhe chamou Camões, (3) e totalmente diverso do rigor delrei D. Pedro. Esta brandura ajudada com o assenso, que deu a validos, o fizeram arruinar, e correr quasi a mesma fortuna delrei D. Sancho II.

Subio ao throno em o mesmo dia, que falleceu seu pai, contando vinte e dois annos de idade, e começando a governar o mais rico, e opulento rei, que até alli conheceu Portugal, pelos grandes thesouros, que tinham junto seu pai e avós. (4) Cuidou logo em reedificar as fortificações do reino, e guarnecer as praças com o preciso, fazendo mercês com profusa liberalidade.

Mal aconselhado intentou a conquista de Castella por morte de D. Pedro o Cruel, tendo por injusto possuidor a elrei D. Henrique, como bastardo, e fratricida, e pertendendo D. Fernando aquella coroa como bisneto delrei D. Sancho. Para esta guerra fez liga com elrei de Granada, e tambem com elrei D. Pedro de Aragão, a quem pediu sua filha D. Leonor por mulher; e durando algum tempo a guerra com mortes, e damnos de parte a parte, veio a cessar por intervenção do papa Gregorio XI, fazendo-se o tratado de paz com Castella na cidade de Evora no ultimo de Março de 1371. (5)

Esquecido elrei de uma tão ratificada promessa, rendendo-se ao forte amor de D. Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, tão cegamente se namorou d'ella, que buscando pretextos para lhe annullar o matrimonio, a usurpou, e recebeo por mulher propria, atropelando todos os inconvenientes, e não fazendo apreço da murmuração do povo amotinado. (6) João Lourenço da Cunha se passou para Castella, e de lá se oppoz quanto poude a elrei, já militando nas tropas inimigas, já intentando dar-lhe peçonha, por cujos crimes lhe foram confiscados seus bens, que tinha n'este reino.

Recebido elrei D. Fernando, e vendo o de Castella a falta da sua palavra, o repudio, que havia tambem feito da sua filha, e a infracção da paz, porque novamente aliado com o duque de Lencastro, filho delrei Duarte III de Inglaterra, que por ser casado com D. Constança, filha delrei D. Pedro o Cruel, se intitulava rei de Castella, e pertendia a coroa, por todos estes motivos estimulado elrei D. Henrique, delrei D.

(1) Ferreir. Notic. Chronolog. de Coimb. n. 495 e seqq. (2) Fern. Lop. Chron. c. 2. (3) Cam. Lusiad. cant. 3. est. 138. (4) Monarq. Lusit. tom. 8. l. 22. c. 6.
(5) Nunes de Leão na Chron. d'este rei. (6) Monarq. Lusit. l. 8. l. 22. c. 21.

Fernando, ao mesmo tempo que esperava d'elle satisfação, entrou por Portugal com grande exercito, dizendo, que não embainharia a espada, sem que vingasse primeiro os aggravos recebidos.

Chegou até Lisboa, deixando primeiramente devastadas muitas povoações da provincia da Beira com igual ruina, e estrago dos moradores de tal fórma, que, como bem diz Camões, (1) esteve perto de destruir-se o reino totalmente. Elrei de Castella se alojou no convento de S. Francisco, e a cidade, e seus habitadores padeceram tanta oppressão, que já como desesperados pozeram fogo a parte d'ella, e os castelhanos ajudaram a executar, e augmentar o incendio. (2) Achava-se elrei D. Fernando n'este tempo na villa de Santarem mui socegadamente, vendo correr para Lisboa as bandeiras inimigas, e subir ao ceu o fumo, e as lavaredas de uma boa parte d'esta cidade queimada, e elle com tanto descuido, como diz Manoel de Faria, (3) sem dar providencia, ou remedio a tanta ruina, e insultos, que os castelhanos commettiam já com soberba descoberta por falta da opposição.

Quiz Deus que o papa Gregorio XI, que n'este tempo ainda residia com toda a curia romana em Avinhão de França, atalhasse com sua intervenção promptamente tantas hostilidades, expedindo para ajustamento de pazes ao cardeal de Santa Rufina Guido de Monforte, que fez a composição entre elrei Henrique de Castella, e o nosso D. Fernando pacificamente aos 19 de Março de 1373, avistando-se ambos os monarcas no meio do Tejo defronte de Santarem com grande, e vistosa comitiva de pequenas embarcações, e jurando nas mãos do cardeal legado a observancia dos artigos das pazes, e o ajuste dos casamentos da irmã, e filha de D. Fernando. (4)

Toda a frouxidão, e infelicidade, que elrei tinha nas emprezas militares, emendou no governo da paz, executando acções mui benemeritas de o constituirem por este lado glorioso. Mandou cercar de novos muros muitas cidades, e villas: os de Lisboa, que principiando-se no ultimo de Setembro de 1373, se viram de todo acabados no mez de Julho de 1375. Santarem, Obidos, Ponte de Lima, Vianna, Almada, Torres Vedras, Leiria, Almeida, com outros muitos castellos, e fortificações por todas as comarcas do reino. Promulgou tambem leis mui uteis; e para que houvesse mais letrados, tornou a mudar a universidade de Coimbra para Lisboa no anno de 1377, em razão de que alguns lentes, que mandára vir de reinos estrangeiros, não queriam ler senão em Lisboa. (5) Inventou novos arbitrios sobre a utilidade do commercio, (6) e fez varias mercês com liberalidade regia.

Porem novamente inquieto, renovando a liga com Inglaterra, e

(1) Cam. cant. 3. est. 138. (2) Monarq. Lusitan. l. 8. l. 22. c. 24. Barbud. Emprez. Militar. p. 32. (3) Far. no Comm. da est. 138. do cant. 3. de Cam. (4) Monarq. Lusit. p. 8. l. 22. c. 26. (5) Notic. Chron. da Univ. de Coimb. n. 139.
(6) [illegible] Lusit. part. 8. p. 211.

rompendo a paz, continuou a guerra contra Castella no anno 1381, e padeceu Portugal tanto damno dos amigos inglezes, como dos inimigos castelhanos, (1) concluindo-se finalmente com o casamento de D. Brites, filha delrei D. Fernando, com elrei de Castella D. João I, que se effeituou no anno 1383, e n'este mesmo anno falleceu elrei na cidade de Lisboa nos paços do Limoeiro aos 22 de Outubro, tendo de idade trinta e oito annos, menos nove dias, e de governo dezaseis annos, nove mezes, e quatro dias. Jaz no coro novo do convento de S. Francisco de Santarem.

D. João I 10.º *rei*

Com a morte delrei D. Fernando se originaram no reino grandes inquietações pela falta de principe legitimo, que succedesse na coroa. A maior parte dos portuguezes receiava muito que o reino fosse recahir no dominio dos castelhanos; e ainda que a rainha D. Leonor ficou por governadora, e regente de Portugal, em quanto sua filha D. Brites, que havia casado com elrei de Castella, não tinha filho capaz de empunhar o cetro, ella usando de toda a jurisdicção, e poder, mandou acclamar, ainda que infaustamente, em algumas cidades, e villas do nosso reino a elrei de Castella, e sua mulher por legitimos successores. (2)

Por esta causa se fez a todos odiosa a rainha, e muito mais pela grande attenção, que ella dava ao conde de Ourem João Fernandes Andeiro, seu escudeiro, escandaloso valido, por cujas mãos corriam todos os negocios, não sem murmuração do povo, e inveja dos grandes, os quaes julgando o valimento culpa, e os grandes favores, que a rainha fazia ao conde, infamia da magestade, induziram ao infante D. João, mestre de Aviz, irmão do rei defunto D. Fernando, e filho natural delrei D. Pedro, que havia nascido em Lisboa aos 11 de Abril de 1357, a que obviasse as fatalidades, tropeços, e perigos, em que se via titubear a monarquia, matando ao conde João Fernandes Andeiro, pedra de tanto escandalo, como com effeito executou o infante dentro dos proprios paços da rainha, (que hoje servem de Limoeiro) em 6 de Dezembro de 1383. (3)

Executou-se esta fatal acção com grande alvoroço, e contentamento do povo, o qual estava tão affeiçoado ao infante mestre de Aviz, que

(1) Monarq. Lusit. part. 8. l. 22. c. 47. (2) Idem ibid. l. 23. c. 4. Pufendorf, Introduct. a la Histoir. tom. 1. c. 3. p. 128 (3) Fern. Lop. Chron. d'este rei c. 11. Monarq. Lusit. part. 8. p. 460. Silv. Memor. delrei D. João 1. t. 1. p. 116. Quanto ao dia, mez, e anno natalicio delrei D. João I ha muita variedade entre os chronistas; ninguem investigou melhor este ponto que o academico Francisco Leitão Ferreira nas eruditas Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra desde o n. 623. para diante, o qual assenta, seguindo a Fernão Lopes, que o mestre de Aviz nascera aos 15 de Abril de 1358; porém nós seguimos a opinião commummente recebida, e approvada pelo academico Joseph Soares da Silva t. 1. p. 61. das Memor. d'este rei.

publicamente, e com grandes vivas o declarou defensor, e governador do reino em 16 de Dezembro do mesmo anno de 1383. Este honroso emprego começou a exercer o infante com muita felicidade, sem embargo de ter contra si a maior parte da nobreza, que toda estava pela rainha, e o grande poder de Castella, o qual intentando opprimir a liberdade do nosso reino, entrando com violencia pelas suas fronteiras, e pondo sitio a Lisboa por mar, e por terra, foi obrigado a se retirar sem fazer nada depois de perder bastante gente. (1)

Com esta retirada dos castellhanos, e conseguindo os portuguezes algumas victorias, em que teve grande parte o invencivel valor do famoso heroe Nuno Alvares Pereira, estando na cidade de Coimbra o infante regente D. João mestre de Aviz, foi em acto de côrtes acclamado rei de Portugal em uma quinta feira, que se contavam 6 de Abril de 1385 pelas nove horas da manhã, (2) tendo então de idade o novo rei vinte e sete annos, menos cinco dias, conforme o calculo de alguns, (3) ou vinte e oito, conforme outros, (4) ou, o que temos por mais certo, vinte e sete annos, onze mezes, e vinte e seis dias, concorrendo tambem muito para esta acclamação o talento do insigne jurisconsulto João das Regras com as efficazes razões, que allegou n'este caso. (5)

Depois de tão gloriosa exaltação, occupado elrei com maiores cuidados da guerra, e de segurar na cabeça a coroa, distribuindo primeiro algumas mercês pelos benemeritos, passou o seu valor a occupar aquellas praças fortes, que conservavam o partido de Castella, reduzindo-as á sua antiga obediencia; e, ainda que elrei de Castella continuando os seus projectos veio atacar Portugal com um formidavel exercito, o novo rei lhe desfez inteiramente as forças na celebre, e grande batalha de Aljubarrota, em que triumfou de mais de oitenta mil homens, sendo os nossos em numero tão desproporcionado, que por isso ajudaram a augmentar no mundo a fama de victoria tão celebrada, e gloriosa em todas as memorias, (6) e succedida a 14 de Agosto de 1385, vespera da Assumpção gloriosa da Senhora.

Na cidade do Porto, e em 2 de Fevereiro de 1387 se recebeu com a senhora D. Filippa, filha do duque de Lencastre em Inglaterra, e com esta alliança poude recuperar todas as povoações, e praças, que nos tinha usurpado elrei de Castella, com o qual ajustando o duque um tratado de paz, houve tambem entre nós, e os castellhanos uma suspensão de armas, que interrompida depois com alguns successos, se veio finalmente a segurar a paz no anno 1399 entre os dois reinos.

(1) Fr. Man. dos Sant. na 8. part. da Monarq. Lusit. l. 23. c. 19. (2) Notic. Chron da Univ. n. 334. (3) Soar. da Silv. nas Memor. delrei D. João 1. liv. 1. c. 42. n. 281. (4) Lim. Geog. Hist. t. 1. (5) Monarq. Lus. part. 8. l. 23. c. 29. (6) Fern. Lop. Chron. delrei D. João 1 part. 2 c. 37. p. 91. Monarq. Lus. part. 8. l. 23. c. 40. Clede, Histoir. de Port. t. 3. l. 10. Pufendorf, Introduct. a la Histoir. t. 1. c. 3. Teixeir. Vida de D. Nun. Alvar. Pereir. l. 3. n. 173. p. 359. Conde da Ericeira vida delrei D. João t. l. 2. p. 200. e liv. 3. p. 230. Sá Memor. Historic. do Carmo part. 1. p. 82.

D'esta sorte restabelecida a tranquillidade em Portugal, se resolveu elrei ir pessoalmente expugnar Ceuta, cidade famosa de Africa, para cuja gloriosa facção mandou compôr uma armada de duzentas e vinte velas, que com grande estrago dos mouros, e credito da nação portugueza conseguio por augmento da fé o fim de tão santa idéa dentro de um dia, que foi 21 de Agosto de 1415, accrescentando depois aos titulos de rei de Portugal, e do Algarve o de senhor de Ceuta. (1)

Para evitar a confusão, que havia em contar os annos, pondo-se muitas vezes a era de Cesar juntamente com o anno de Christo, de que resultavam embaraços, e duvidas nos documentos, e escrituras publicas, mandou esquecer, e supprimir aquella antiga, e praticada computação da era de Cesar, e que se usasse em todas as escrituras calendar o anno pela epoca do nascimento de Christo Senhor nosso, passando para isto uma lei escripta em 22 de Agosto de 1420, (2) que parece só teve pleno effeito do anno de 1422 por diante, conforme o dão a entender quasi todos os escriptores. (3) N'isto imitou o exemplo delrei D. João I de Castella, que tambem havia seguido o delrei de Aragão, como dizem Yañes, e o erudito Gerardo Casteel na Controversia I.

Continuando elrei na boa administração da Justiça, dando com igualdade o premio, e o castigo a quem o merecia, promulgou leis mui uteis, e mandou observar as que havia feito em lingua vulgar o celebre João das Regras. (4) Para testemunhas da sua grande devoção sublimou á dignidade metropolitana a cathedral de Lisboa por bulla, que o papa Bonifacio IX passou á sua instancia em 10 de Novembro de 1394, (5) servindo de iguaes monumentos da sua piedade a erecção de edificios sacros, como foi o regio convento da Batalha, o mosteiro de Penha-Longa da ordem de S. Jeronymo, o de S. Francisco de Leiria, o de Santa Clara do Porto, o da Carnota junto de Alemquer, a insigne igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, a igreja de Nossa Senhora da Escada junto á de S. Domingos de Lisboa, e outras muitas fundações, para que concorreu com magnifica generosidade, admittindo tambem no reino os conegos seculares de S. João Evangelista, chamados commummente os Loyos. (6)

Alem de obras tão santas fez outras, ainda que profanas, magestosas, e taes foram os palacios de Lisboa, Santarem, Cintra, e Almeirim. Instituiu o tribunal da Relação, e fez outras doações, e mercês, que depois revogou não sem escandalo. (7) Finalmente no dia 14 de Agosto de 1433, a tempo que a terra padecia um tenebroso eclypse do sol,

(1) Soar. da Silv. Memor. delrei D. João 1 p. 1505. Leit. Ferr. Notic. Chron. n. 733. (2) Sous. t. 1. das Prov. da Hist. Geneal. n. 5. (3) Sous. Hist. Geneal. t. 2 p. 23. Far. Europ. Port. t. 2 part. 3. c. 1. Mariz, Dialog. 1. Silv. Memor. delrei D. João 1 tom. 4. docum. 19. p. 140. Argot. Mem. de Brag. t. 3. p. 36. (4) Soar. da Silv. allegado p. 267. (5) Sous. allegad. t. 2. p. 24. (6) Soar. da Silv. Mem. delrei D. João 1 l. 2. c. 105. (7) Anno Hist. t. 2. 14 de Agost. Teixeir. Vida do condestav. p. 89.

exhalou o espirito, deixando de si feliz memoria, e tendo vivido setenta e seis annos, quatro mezes, e tres dias, e reinado quarenta e oito annos, quatro mezes, e oito dias. (1) Foi seu corpo depositado na igreja da Sé, onde esteve dois mezes, e dez dias, e a 25 de Outubro foi transferido com pompa magestosa em um carro triunfal até o convento da Batalha, onde jaz em sumptuosa sepultura, que elegantemente descreve fr. Luiz de Sousa. (2)

D. Duarte 11.º *rei*

Era o senhor D. Duarte filho terceiro delrei D. João I, e havia nascido em Viseu a 31 de Outubro de 1391. Os dotes naturaes, e adquiridos foram n'elle tão excellentes, como mal logrados. Foi destrissimo, e singular no exercicio nobre de andar a cavallo; mui eloquente, e vigilante da religião christãa; grande favorecedor dos homens doutos, como particular professor, e amante das doas letras, em cujo estudo se aproveitou de modo, que podera ser mestre. D'elle existem alguns tratados, e fragmentos, irrefragaveis provas do seu juizo, e sciencia. (3)

Succedeu a elrei seu pai, tendo de idade quarenta e um annos, nove mezes, e quatorze dias, (4) e foi acclamado aos 15 de Agosto de 1433 nos paços do castello de Lisboa. Havia casado a 22 de Setembro de 1428 com a rainha D. Leonor, infanta de Aragão; e subindo agora ao throno, começou a governar com tanta prudencia, que se dizia d'elle (talvez por influxo de lisonja) entendia melhor a arte de reinar, que elrei seu pai. (5) Mandou reduzir a um só tomo todas as leis, que andavam dispersas, para facilitar a sua lição: promulgou tambem leis contra o luxo, embaraçando os excessivos gastos dos grandes, aos quaes ordenou fossem residir nas suas terras para os livrar da assistencia da corte, que os obrigava a empenhos, (6) excepto aquelles fidalgos, que por turno lhe haviam de assistir por obrigação de seus cargos.

N'este monarca não houve que desejar senão melhor fortuna, porque os unicos cincos annos que reinou, foram todos cheios de desgraças; e bastava para fazer infausto o tempo do seu reinado o catiweiro do infante D. Fernando seu irmão; porque emprendendo os infantes D. Henrique, e D. Fernando conquistar aos mouros a cidade de Tangere, e ficando vencidos, e prisioneiros no anno de 1437, para salvarem as vidas, prometteram aos mouros entregar-lhe Ceuta, de cuja palavra ficou em refens dos mais o infante D. Fernando; porem como os conse-

(1) Soar. da Silv. Mem. delrei D. João I t. 1. c. 33. p. 270. (2) Sous. na Hist. de S. Doming. part. 1. f. 330. (3) D. Anton. Caetan. de Sousa no tom. 1. das Prov. p. 529. (4) Fern. Lop. Chron. delrei D. João I part. 2. p. 323. col. 1. (5) Cled. Hist. de Portug. t. 3. p. 203. (6) Far. t. 2. da Europ. part. 3. c. 2. n. 7. Cled. Hist. de Portug. t. 3. p. 205.

lheiros de Portugal foram de parecer, que não convinha entregar todo um povo christão ao furor dos barbaros pela liberdade de um só homem, de cujo accordo dizem que tambem fôra o papa, e o mesmo infante generoso, (1) determinou-se em côrtes, que para isso fez convocar em Leiria elrei D. Duarte, ficasse o infante no cativeiro, onde morreu depois de fallecer o mesmo rei, que todavia no seu testamento mandava se resgatasse o infante seu irmão por todo o dinheiro, e ainda a troco da mesma cidade de Ceuta. (2)

Mons. de la Cled (3) accrescenta, que el-rei D. Duarte sem embargo do que determinaram as cortes, excitado do affecto de seu irmão cativo, e da justa paixão de se vingar dos barbaros, com o desejo de sejo de procurar tambem a liberdade dos portuguezes, que os infieis retinham em suas infames prizões, mandara pedir ao Papa uma nova Bulla da Cruzada, que se publicou pelas provincias do reino, e ajuntando tropas, e apparelhando náos para a expedição d'esta grande interpreza, foram todos os preparos inuteis por causa da peste, que sobreveio ao reino, occupando-o de lamentavel consternação, como bem o descreve Vasco Mousinho no canto 5 do seu admiravel poema; pois derrubando todas as idéas d'el-rei, o obrigou a andar vogando de villa em villa, não só para consolar os povos em aperto semelhante com a sua presença, mas para evitar aquelle contagio; até que achando-se na villa de Thomar, e abrindo uma carta, que vinha inficionada da corrupção venenosa, poz fim aos dias de sua vida afflicta aos 9 de Setembro de 1438, tendo vivido quarenta e seis annos, dez mezes, e nove dias, e reinado cinco annos, e vinte e seis dias. (4) Jaz no convento da Batalha.

D. Affonso V, 12.º rei

Havia nascido o principe D. Affonso nos paços de Cintra aos 15 de Janeiro de 1432, e quando morreu seu pai el-rei D. Duarte, contava seis annos, sete mezes e vinte e cinco dias, e d'esta idade foi acclamado logo herdeiro da coroa na villa de Thomar; porèm o governo ficou á disposição da rainha dona Leonor sua mãi, e tutora com a assistencia do infante D. Pedro, irmão d'el-rei D. Duarte, com o titulo de defensor do reino, da qual regencia foi depois a rainha exclusa, e o governo entregue ao infante D. Pedro, de que se originaram tantas perturbações, e de que existem memorias tão lastimosas. (5)

Continuava o infante o manejo dos negocios, e regencia do reino com applauso commum, quando fazendo quatorze annos el-rei, e sendo preciso entregar-se-lhes o cetro, seu tio regente o fez com a solemni-

(1) Cled. Hist. de Port. t. 3. p. 233. (2) Duart. Nun. de Leão c. 18. Soar. da Silv. Mem. delrei D. João 1 p. 494. (3) Cled. Hist. de Port. t. 3. p. 233. (4) Not. Chron. da Univ. de Coimb. n. 750. (5) Far. na Europ. Port. t. 2. part. 3. c. 3. n. 14. et seqq.

dade de cortes no anno 1446, e el-rei lhe agradeceu muito o bem, que o servira, de cujos louvores existe uma carta delrei escrita ao infante cheia de grandes, e honrosas expressões, (1) encommendando-lhe, aca. bado o acto da entrega, que fosse continuando na mesma fórma, dimit. tindo de si totalmente o regimen, e ratificando o casamento, que tinha feito com a senhora dona Isabel, filha do mesmo infante D. Pedro.

Porém a inveja dos emulos fazia tão máos officios para arruinar a felicidade do infante, que lhe maquinou, e conseguiu a desgraça delrei, o qual intempestivamente passado um anno mandou dizer ao infante, que o dava por absoluto, e desobrigado da incumbencia do governo, que lhe encarregara. D'aqui procedeu recolher-se o infante ás suas terras, nas quaes, declarando elrei seu inimigo por crimes falsos, que imputaram ao infante, inconsideradamente o foi buscar com mão armada, e pondo se o infante em defensa, foi morto em o sitio de Alfarrobeira a 20 de Maio de 1449. (2)

Desejando depois elrei expressar o seu animo zeloso da fé no convite, que o Papa Calixto III lhe propoz, e tambem a outros principes christãos de ir contra o turco, para o que mandou para este reino a Bulla da Cruzada no anno 1457, começou elrei a fazer para esta empreza uns grandes preparos. Escusaeam-se os outros principes; porém elrei não resfriando da santa idéa, transferiu a guerra para Africa, onde parece que a voz do justo D. Fernando ainda clamava vingança; e encaminhando primeiramente as proas de duzentas embarcações cheias de gente para as praias de Alcacer, o mesmo foi chegar, que vencer no anno de 1458 em Sabbado 30 de Setembro. Com a mesma felicidade ganhou a praça de Arzila em 24 de Agosto de 1471, e se lhe entregou a de Tangere, cujas gloriosas victorias lhe adquiriram a antonomasia de Africano, e aos titulos da sua grandeza accrescentou elle o *daquem, e dalem mar em Africa.*

Morto el-rei de Castella Henrique IV que tinha sido casado com a rainha dona Joanna, irmã do nosso rei D. Affonso V lhe ficou uma unica filha, chamada dona Joanna, herdeira d'aquelle reino. Com ella se dispoz casar el-rei D. Affonso V. seu tio já neste tempo viuvo da senhora dona Isabel. Para isto passou a Castella com um exercito de vinte mil homens, porque assim o pediam as contradições, que sobre esta successão se levantaram, e em Plazencia se desposou com sua sobrinha no anno de 1475. Os castelhanos, que disseram não era a senhora dona Joanna filha d'el-rei Henrique, e que por isso não lhe pertencia a herança da coroa, nomearam herdeira a dona Isabel, irmã d'el-rei Henrique, e a casaram com D. Fernando de Aragão.

D'aqui nasceram muitas calamidades em Castella, e Portugal; porque nosso rei D. Affonso, querendo defender o que era seu, como de

(1) Sous. l. 1. das Prov. da Hist. Geneal. n. 17. (2) Ruy de Pin. Chron. delrei D. Affonso V c. 21. e 22.

sua sobrinha, e esposa, foi justamente demandar a D. Fernando de Aragão para litigarem este ponto em argumento de armas. Não o levou a ambição, como lhe attribue Camões. (1) mas sim rasão justificada, sem embargo de ficar desbaratado na batalha de Toro, em que o ajudou valerosamente seu filho o principe D. João.

Depois d'esta memoravel batalha succedida em Maio de 1476, passou el-rei logo a França no mez d'Agosto, onde se deteve até Outubro do seguinte anno de 1477; e vendo frustrada a negociação, a que lhe faltou el-rei Luiz XI com pouca fé, se resolveu el-rei D. Affonso a deixar o mundo, e ir peregrinando até Jerusalem. D'esta resolução deu parte a seu filho por uma carta, em que lhe ordenava se fizesse logo jurar rei de Portugal, que em cumprimento d'ella assim o fez em Santarem a 10 de Novembro do proprio anno. (2)

Teriam passado quatro dias depois d'esta solemnidade, quando sabendo o principe regente que seu pai tornava outra vez para Portugal, porque elrei de França lhe embaraçára politicamente a jornada, o foi buscar a Oeiras, e com solemne procissão entrou em Lisboa, e continuou a governar como de antes, sem o generoso principe se intrometer em cousa alguma, proseguindo D. Affonso em executar acções de liberalidade regia, e tantas, que affirmou um escriptor nosso (3) fôra entre os reis de Portugal o que fez maiores mercês a seus vassellos, assim de honra, como de fazenda; em tal modo, que dizia o principe seu filho, quando lhe succedeu: «Meu pai me deixou feito rei das estradas, e dos caminhos de Portugal;» porque quasi todos os logares e terras tinha dado.

O real genio d'este monarca tambem se deixava ver na grande propensão, e amor das sciencias, applicando-se aos estudos, e favorecendo aos estudiosos. Elle foi o primeiro, que no palacio de Evora ajuntou copiosa livraria, e o que determinou se escrevessem na lingua latina as historias portuguezas, mandando para este effeito vir de Italia a D. fr. Justo Baldino, religioso dominico, e insigne latino, (4) que morreu sem fazer cousa alguma por embaraços de molestia. Finalmente vendo elrei que os negocios das suas pertenções se não concluiam, e achando-se quasi obrigado a convir em um tratado de paz, que se publicou em Outubro de 1479, e com o justo sentimento de ver a senhora D. Joanna sua esposa com uma honesta violencia da parte de Castella obrigada a entrar em religião com o unico tratamento de excellente senhora, se retirou melancholico a Cintra, e alli, na mesma casa onde nascera, enfermou, e morreu aos 28 de Agosto de 1481, em uma terça feira, contando de idade quarenta e nove annos, sete mezes, e treze dias, e de

(1) Cam. cant 4. est. 37. (2) Garc. de Resend. Chron delrei D. João n. c 16. e 17. Duart. Nun. Chron. delrei D. Affonso V. c. 62. (3) Far. no Comm. de Cam. cant. 4. est. 37. (4) Idem no Epitom. part. 3. c. 13. n. 24. Pint. Ribeir. no Trat. da Prefer. das letr. ás arm.

reinado quarenta e dois annos, onze mezes, e dezanove dias. (1) Jaz no mosteiro da Batalha na casa do capitulo.

D. João II, 13.º *rei*

Nasceu elrei D. João II na cidade de Lisboa nos paços da Alcaçova a 3 de Maio do anno 1455, e a 25 de Junho do mesmo anno foi jurado principe herdeiro do reino com todas as ceremonias costumadas. Teria quinze annos, quando na villa de Setubal a 22 de Janeiro de 1471 recebeu por esposa a senhora D. Leodor de Lancastre sua prima com irmã, e a 15 de Agosto acompanhou seu pai elrei D. Affonso na gloriosa conquista de Arzilla, onde obrou acções maiores que a sua idade promettia. (2)

Depois da morte de seu pai, achando-se em Cintra, e passados os tres dias de nojo, foi acclamado rei em 31 de Agosto do anno de 1481, e foi esta a segunda acclamação, que teve. Cuidou logo em dar cumprimento aos legados de seu pai, e applicando-se a conhecer as pessoas, que se sabiam distinguir pela sua capacidade, e talento, as honrava, e premiava de sorte, que se fez amar, e estimar de todos, especialmente do povo.

No principio de seu reinado aconteceram grandes desasocegos nascidos da altivez dos nobres, que saindo da brandura delrei D. Affonso, e dando na integridade do filho, mal sabiam viver em tão desconformes extremos, de que procederam conjurações contra elle, que severamente punio, e com grande excesso no duque de Bragança D. Fernando II mandando-o degollar na praça de Evora em 21 de Julho de 1483, tragedia reputada horrivel, como effeito da causa, cujas circumstancias não mereciam tanto rigor, (3) sendo na verdade o duque cavalheiro, conforme o juizo de todos, merecedor de melhor fortuna, como bem adverte o elegantissimo marquez de Alegrete. (4)

Foi elrei D. João principe de coração intrepido, como o deu a conhecer em varias occasiões; (5) de um engenho mui vivo, e desembaraçado, que nunca se deixou governar de outrem, parecendo-lhe que não merecia chamar-se rei aquelle, cuja vontade pendia de arbitrio alheio. Nunca tardou em fazer mercês, e remunerar serviços, e o que havia de dar, o dava logo, e muitas vezes sem lh'o pedirem, trazendo occultamente um livro com os nomes das pessoas benemeritas. As mesmas dadivas mandava destribuir por outras pessoas de outros reinos, que

(1) Garibay, Damião de Goes, Barbuda, Ferreras, e outros apud Leit. Ferr. Notic. Chron. da Univ. de Coimb. n. 861. (2) Garc. de Resend. na Vida d'este rei c. 5. (3) Zurit. Anal. t. 20. c. 41. Sous. Hist. Geneal. t. 5. l. 6. c. 7. p. 455. (4) Telles da Silv. de reb. gest. Joann. II. p. 92. «Sed in universum aestimanti sanè fuit meliori facto dignus.»
(5) Garcia do Resend. na vida d'este rei c. 50. 76. e 146. Far. Europ. Port. t. 2. part. 3. c. 4, n. 98.

lhes serviam de promptas, e diligentes espias, ardil, que lhe grangeou a sciencia politica de muitos negocios, e segredos reconditos. (1)

Attendeu muito ao bem publico, e por conta d'esta conservação desfez muitos abusos, e fez com que se evitassem as casas de jogo, mandando queimar uma, onde concorria mais gente, em cuja acção deixou aos vindouros um exemplo mais digno de se imitar, que imitado. (2) Publicou tambem leis, em que prohibia todo o excesso de galas, e tudo o que podesse causar destruição na fazenda, e bons costumes do seu povo. Deu muitas provas da verdade, com que amava a religião christã: fez todo o excesso, para que os judeus, que se vieram refugiar em Portugal, se reduzissem á fé de Christo, obrando a generosa acção de lhes mandar dar embarcações para se irem os que não quizeram converter-se.

As fundações dos templos são tambem sufficiente prova da sua religião. Elle deu principio á magnifica igreja do hospital real de Lisboa, e lançou a primeira pedra nos alicerces do mosteiro de Jesus de Setubal, e deu nova casa ás commendadeiras de Santos no convento, onde hoje existem em Lisboa. Dispoz que na sua capella real se rezassem em coro as horas canonicas, estabelecendo rendas para isso. Aspirando á gloria de fama perduravel, descubriu com suas frotas o reino do Congo, e n'elle fundou igreja, onde se bautizou o rei com seus filhos, e bastante parte do povo. Abriu o caminho á navegação das Indias Orientaes, e sollicitou descubrir incansavelmente por mar, e por terra a costa de Africa até aquelle tormentoso cabo, a que chamou de Boa Esperança, pelas que se abriam do descubrimento da India.

Tão grandes brados tinha dado a fama das suas acções, que alguns principes estrangeiros vieram a Portugal de proposito sómente para o ver, porque sem duvida na liberalidade, na justiça, na piedade, na generosidade, e na religião foi singularissimo, recto, admiravel, pomposo, e catholico, e assim acabou com a fama de principe perfeito em 25 de Outubro de 1495 na villa de Alvor com suspeitas de lhe terem dado veneno. Viveu quarenta annos, cinco mezes, e vinte e dois dias: reinou quatorze annos, um mez, e vinte e cinco dias. Foi sepultado na sé de Silves, d'onde passados quatro annos, elrei D. Manoel lhe trasladou seu corpo para o convento da Batalha, onde se conserva incorrupto, sinal, que alguns pertendem attribuir aos que são predestinados. (3)

(1) Resend. c. 167. (2) Idem c. 109. Sá de Mirand. cart. 2. est. 39. Telles da Silv. de reb. gest. Joann II. p. 33. (3) Garcia de Resend. c. 211. e 213. Dam. de Goes Chron. delrei D. Manoel p. 1. c. 1. Fonsec. na Evora glor. p. 97.

D. Manoel, 14.º rei

Parece, como bem disse o nosso Homero, (1) que Deus tinha escolhido a elrei D. Manoel para ser monarca entre os de Portugal o mais venturoso. Logo no seu nascimento começou a experimentar o ceu propicio; porque achando-se na villa de Alcochete sua mãe a infanta D. Brites vencida das dores de parto, e com evidente perigo, quasi milagrosamente o deu á luz no mesmo ponto, que lhe passava pela porta o Santissimo Sacramento na procissão solemne do Corpo de Deus, por cuja mysteriosa causa se lhe impoz o nome de Manoel, e por cuja nota vel circumstancia de festa, e procissão infere, e assigna judiciosamente o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, (2) que o verdadeiro dia natalicio d'este monarca foi no primeiro de Junho de 1469, porque a letra dominical d'aquelle anno, que foi A, assim o insinua, prova irrefragavel, que convence a contraria opinião de todos os que collocaram este feliz nascimento no ultimo de Maio do mesmo anno.

Era D. Manoel duque de Beja, e de Viseu, filho do infante D. Fernando, e neto delrei D. Duarte; e com haver nascido sem esperança de reinar, succedeu no reino depois de ver como para conseguir esta felicidade lhe iam fazendo lugar com a morte algumas pessoas, a quem tocava a successão. Subio finalmente ao throno em 27 de Outubro de 1495, estando em Alcacer do Sal, d'onde veio logo a celebrar cortes na villa de Montemór o Novo, dando principio ao governo mais feliz, que vio o reino com a reforma, que fez dos ministros, e officiaes de justiça, e boa arrecadação da fazenda. (3)

Como bom catholico se lembrou logo da obediencia á igreja, e assim despedio para Roma promptamente um embaixador, para dar noticia ao pontifice da sua investidura do reino de Portugal, mandando tambem pedir ao mesmo papa, que era Alexandre VI a impetra, para que os cavalleiros das ordens militares podessem casar, como com effeito lhes concedeu, (4) e com a mesma protecção augmentou a ordem de Christo em gloria, e renda.

Imitando o louvavel exemplo dos reis de Castella, mandou expulsar fóra do seu reino aos mouros, e judeus, excepto os que se quizeram converter á fé de Christo: (5) e logo em Outubro do anno 1497 recebeu por mulher a senhora D. Isabel, viuva do nosso principe D. Affonso, filho delrei D. João II, e ella filha dos reis catholicos D. Fernando e D. Isabel.

Se pertendessemos narrar todas as acções memoraveis deste monarca, fariamos um grande volume; sirva ao menos a expressão d'esta

(1) Cam. nas Lusiad. cant. 4. est. 66. (2) Leit. Ferr. Not. Chronol. n. 905. et seqq. (3) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. c. 9. (4) Idem ibid. c. 17. Faria t. 2. da Europ. Port. part. 4. c. 1. n. 10. Sous. Histor. Geneal. t. 3. p. 185. (5) Goes Chron. delrei D. Manoel p. 1. c. 18. e 20.

impossibilidade, segundo a ligeireza do estylo, que guardamos, para provar a sua grandeza. O certo é, que na regencia delrei D. Manoel foi o reino de Portugal elevado ao maior grão do seu explendor. Então se viram quebrantadas as forças dos reis africanos: então se acabou de descubrir a navegação da India oriental, que elrei D. João II havia premeditado, sendo o inclyto heroe Vasco da Gama, o primeiro, que no anno de 1497 logrou a gloria de abordar as praias de Calecut, e introduzir o commercio das suas preciosas especiarias em Portugal, não obstante a grande resistencia, e embaraço, que a isso fizeram os venezianos. (1)

Accrescentou D. Manoel a seu imperio não pequena parte da Ethiopia, Persia, India, dentro e fóra do rio Ganges, o Brasil, e innumeraveis ilhas do oceano até alli incognitas. Sujeitou muitos reis: e estando tão apartados por tanto espaço de mar, e terra, os fez tributarios: outros se fizeram confederados e amigos. Venceu muitas vezes na India as armadas do Soldão de Babylonia, e de outros poderosissimos reis orientaes. Plantou a religião christã na Ethiopia, India, e outras partes do mundo ainda não alluminadas com a luz do Evangelho, favorecendo e amparando aos convertidos. Libertou o estado ecclesiastico de tributos, e pensões, e dos mesmos alliviou aos mais vassallos, dando novos foraes ás terras, de que mandou formar cinco livros, que se conservam na Torre do Tombo.

Para maior augmento da sua felicidade se viu jurado rei de Castella em 28 de Abril de 1498, (2) cuja posse e titulo brevemente possuio pela intempestiva morte da rainha D. Isabel sua esposa, herdeira d'aquelle reino. Fundou templos, que podem competir com os melhores de Roma. (3) Fez nadar em ouro o reino, e quasi chover em Portugal perolas, e diamantes, em tal fórma, que se chamou idade de ouro a em que reinou D. Manoel, como bem mostra Manoel de Faria. (4) Agradecido aos continuados beneficios, com que Deos lhe dilatava o imperio, quiz religiosamente gratifical-os ao Senhor, mandando ao papa Leão X, então reinante, offerecer-lhe, e tributar-lhe como a vigario de Christo na terra, as primicias das riquezas da India, e Ethiopia. Para isso dispoz uma embaixada, que a 12 de Março de 1514 fez Tristão da Cunha com tanta magestade, pompa, e grandeza, que nunca se viu semelhante em Roma. (5) Em fim não houve prosperidade, que elle não abraçasse, parecendo ser d'isto auspicio a grandeza dos braços, que tinha maiores que nenhum outro homem. Tambem amparou as letras grandemente: (6) e cheio de tão heroicas acções fechou o giro de seus dias aos 13 de

(1) Pufendorf Introduct à la Histoir. t. 1. c. 3 (2) Far. Europ. Port. t. 2. part. 4. c. 1. n. 23. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 226. (3) Goes part. 4. c. 85. (4) Far. no cant. 1. das Lusiad. p. 111. (5) Descrevem esta embaixada largamente Damião de Goes na Chron. delrei D. Manoel part. 3. desde o c. 55. Osor. de reb. Emman. Ann. Histor a 12 de Fev. (6) Leil. Ferr. Not. Chronol.

Dezembro pe 1521 pelas nove horas da noute, achando-se em Lisboa nos paços da Ribeira, tendo de idade cincoenta e dois annos, seis mezes, e dois dias, dos quaes reinou vinte e seis annos, um mez, e dezoito dias. Jaz no real convento de Belem extra muros de Lisboa, que elle mandou edificar para sen jazigo.

D. João III, 15.º *rei*

Succedeu no throno a elrei D. Manoel seu filho D. João III que havia nascido em Lisboa a 6 de Junho de 1502, dia memoravel pela horrivel tempestade, que houve no reino, de trovões, raios, e coriscos. (1) Foi acclamado a 19 de Dezembro de 1521, fazendo-se o acto á porta do convento de S. Domingos de Lisboa. Os principios do seu reinado foram tecidos com egregias acções de piedade, clemencia, e generosidade, adquirindo-lhe estas virtudes amor de seus vassallos, e a estimação de todos os principes da Europa.

Foram os seus primeiros cuidados proseguir logo vivamente as conquistas da India, em que os portuguezes obraram façanhas de eterna memoria, e este maior projecto lhe fez relaxar aos mouros de Africa quatro praças principaes, Alcacer, Arzila, Çafim, e Azamor, de que tanto se lamenta Manoel de Faria, (2) e a cujo consentimento attribue o maior desacerto d'este rei, ou de seus conselheiros. Melhorou esta acção, impetrando do papa Clemente VII o veneravel tribunal da inquisição para este reino. Reformou muitas das religiões, que iam descaindo da sua primitiva observancia. Admittiu em Portugal a religião denominada da companhia de Jesus, e lhe instituiu em diversas partes do reino collegios: devendo-se a este monarca a gloria da conversão da gentilidade em tão continuados progressos na Asia, Africa, e America, que n'aquelles primeiros tempos souberam plantar com zelo aquelles religiosos.

Descubrindo elrei alguns inconvenientes de haver na côrte estudos publicos, removeu a Universidade outra vez para Coimbra no anno de 1534 conforme dizem uns, (3) e segundo outros no de 1537, (4) mandando vir a este respeito, e com grandes dispendios os melhoees mestres de letras, que havia na Europa, (5) de sorte que restabeleceu em Coimbra a mais florente academia das sciencias: e extendendo-se este louvavel affecto para as conquistas, mandou estabelecer tambem na India escólas para as artes, e sciencias. (6)

(1) Goes na Chron. delrei D. Manoel part. 1 c. 62 Far. na Europ. Port. t. 2. part. 4. c. 2. (2) Idem ibid. n. 3. (3) Cabed. de Patron. c. 47. Cunha no Catal. dos Bispos do Port. p. 451. Fr. Anton. da Purif. na 2. part. da Chron. l. 7. tit. 1. §. 3. f. 215. Far. na Vida de Camões, que vem no principio do Commento das Rimas. (4) Leit. Ferr. Notic. Chronol. n. 1150. (5) Bent. Pereir. de Academ. n. 111. Macel. nas Flor. de Hosp. c. 3. excel. 7. (6) Bossius de Sign. Eccles. t. 1. l. 5. c. 3.

Por sua instancia se erigiram no reino os tres bispados de Leiria, Portalegre, e Miranda, e outros nas conquistas; e levantando em metropolitana a igreja cathedral de Evora, reedificou o sumptuoso aqueducto d'esta cidade, que se ia arruinando. Continuou o edificio regio de Belem, e fez outros de novo em publica utilidade, como foi a Alfandega, as Tercenas, os Armazens, e a Torre do Tombo. (1) Para a boa administração da Justiça instituiu o tribunal da mesa da consciencia, e ordens, e para os mais tribunaes teve o dom de saber escolher ministros proporcionados. Amou muito a paz, e por isso dizia, que «mais perdia no que se gastava na guerra, do que lucrava com o que alcançava na victoria». Finalmente assim nas cousas da paz, como nas da guerra, foi elrei D. João principe admiravel, nascido para beneficio dos homens, amparo dos humildes, e estranhos, verdadeiro conservador do culto divino, e propugnaculo da religião catholica. Morreu em Lisboa aos 11 de Junho de 1557, e aos cincoenta e cinco annos, e cinco dias da sua idade, e de governo trinta e cinco annos, e seis mezes. Jaz no convento de Belem junto de seu grande pai. Foram muitas as lagrimas, que o povo derramou na sua morte, a qual foi tida por termo, que o ceu punha ás felicidades do reino.

D. Sebastião, 16.º *rei*

Foi elrei D. Sebastião filho do principe D. João, e da princeza D. Joanna, e neto delrei D. João III. Nasceu em Lisboa posthumo a 20 de Janeiro de 1554, e d'ahi a tres annos, morrendo seu avô, ficou herdando o cetro, mas sujeito á tutoria da prudentissima rainha D. Catharina, e aos preceitos de seu aio D. Aleixo de Menezes, e dos do padre Luiz Gonçalves da Camera, ambos fidalgos illustres, os quaes em toda a sua educação lhe inspiraram o amor da justiça, e o zelo da religião christã.

Como os espiritos d'este principe eram generosos, e cheios de um grande, e admiravel desejo de adquirir gloria, começou logo a idear emprezas verdadeiramente temerarias para a sua idade: de sorte, que chegando aos quatorze annos se resolveu tomar posse do governo em 20 de Janeiro de 1568, e então dando-se todo ao aspero exercicio das armas, e da caça, fazia brio de se mostrar intrepido, e destemido em todas as occasiões. Quando os ventos, e as ondas andavam mais irados, então sahia fóra da barra a luctar com a tempestade: e em fim as suas acções eram todas imagens de seu precipicio, como bem diz Manoel de Faria. (2)

Tanto confiava em seu valor, que tinha para si podia conquistar

(1) Far. allegad. na Europ. Port. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 483. (2) Far. na Europ. Port. t. 3. part. 1. c. 1. n. 8. Veja-se tambem o Anno Hist. a 4. de Agosto.

todo o mundo: e como sempre sahia bem dos perigos, em que se mettia, se lhe augmentavam cada vez mais os desejos de principiar pela conquista de Africa. Este santo intento trouxe quasi do berço, e para o executar se dirigiam os seus cuidados, e pensamentos, que assoprados com a lisonja dos que se queriam conformar com o seu fogoso genio, mais lhe accendiam no peito deliberações temerarias. Praticou-as, passando primeiramente no anno de 1574 a discorrer pelas terras de Tangere, e Ceuta, onde fazendo differentes correrias, e escaramuças, assustou os barbaros, mas vio a difficuldade, a que a sua ambição aspirava.

Todavia succedendo despojar Muley Maluco dos reinos de Marrocos, e Fez a seu sobrinho Muley Hamet, este se veio valer do nosso rei, offerecendo sua pessoa, e os que o seguiam. Preparou-se D. Sebastião para soccorrer a Hamet, e atropellando todos os conselhos prudentes, que lhe dissuadiam, esta perigosa e incauta jornada, sahiu do porto de Lisboa em 24 de Junho de 1578, anno, e dia tão infaustos para Portugal. (1) Compunha-se o exercito delrei de dezoito mil homens, dos quaes eram tres mil castellhanos, tres mil alemães, novecentos italianos, e os mais portuguezes, gente a mais luzida, e lustrosa, que havia no reino, mas sem exercicio militar.

Chegou a Arzila, e logo achou aqui na mostra, que mandou passar, diminutos os regimentos, que não passavam de doze mil homens. Constava porem o exercito inimigo de cento e cincoenta mil, a maior parte de cavallo, de cujo fatal numero opprimidos os nossos ficaram vencidos a cinco de Agosto do mesmo anno de 1578, dia de Nossa Senhora das Neves, eclipsando-se n'esta infeliz, e lastimosa batalha toda a gloria, e lustre portuguez nos campos de Alcacere, os quaes ficaram memoraveis pelos tres reis, que alli morreram. Bem é verdade que ninguem verifica ter visto morrer na batalha a elrei D. Sebastião, nem depois com certeza o tornaram a ver, d'onde tomaram alguns motivos para esperar por elle, delirio, que com teimosa tradição permaneceu bastante tempo, pertendendo os seus sequazes em tão fanatica esperança fazer verdadeiramente crer, que este lamentavel monarca fosse entre os homens outra ave Fenix, da qual dizem que existe, mas ninguem a viu. Mons. de la Clede assenta, (2) que elrei não morrera no conflicto de Alcacere, mas sim no castello de S. Lucar de Barrameda, opinião, que os nossos escriptores não admittem.

A noticia d'esta fatalidade trouxe a Portugal grande confusão; porque depois d'ella não se via, nem ouvia em todos mais que lagrimas, e impaciencia pela perda geral de um reino sem successão, e de um rei extincto na flor da sua idade, e com elle a flor da nobreza, vindo-se a

(1) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 1. cap. 1. n. 39. Sous. Histor. Genealog. tom. 3 p. 791. Lima Success. de Port. c. 30. Anno Histor. a 23 de Junh. (2) Clede t. 5. p. 496.

concluir toda esta catastrophe com as exequias, que se celebraram com a possivel expressão de sentimento, até que passados quatro annos chegou a Lisboa, mandado pelo xarife, o corpo, que diziam ser delrei D. Sebastião, e se mandou sepultar no convento de Belem, onde jaz todavia com a incerteza, que indica a inscripção de seu epitaphio, (1) o qual diz assim:

«Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Lybicis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui vivere credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.»

D. Henrique 17.º rei

Tanto que a triste nova da perda delrei D. Sebastião chegou a Portugal, elegeram, e acclamaram os tres estados do reino ao cardeal D. Henrique, filho delrei D. Manoel, que então se achava na avançada idade de sessenta e seis annos, contados desde 31 de Janeiro de 1512 em que nasceu. Era elle ornado de excellentes dotes, e virtudes, mui pio, e temente a Deus, e em tudo mostrou quanto era capacissimo para o baculo, e para o cetro. Amou as sciencias, e amparou a orfandade, soccorreu a pobreza, confundiu as heresias, restaurou templos, e em fim foi pastor, e rei sem embaraçar com as desculpas de monarca os empregos de sacerdote. (2)

Acclamado porem a 28 de Agosto de 1578 por legitimo rei, e successor de Portugal, cuidou logo no resgate dos fidalgos, e mais gente, que ficaram captivos na fatal batalha de Alcacere, em que dispendeu muito dinheiro; porem como os achaques, e a idade já decrepita lhe diminuiam as forças attenuadas, e comprimidas tambem pelas negociações, e governo de uma monarquia decadente pela falta de successão, muitos principes da Europa estavam attentos não só ao fim, que por instantes esperavam haver no reino, mas como se Portugal fôra herança, que a todos lhe pertencesse.

Eram os oppositores cinco descendentes delrei D. Manoel, que pertendiam herdar o reino por linha transversal, alem de outros pertendentes, que todos fizeram sua opposição, como foi a rainha de França D. Catharina por allegar que descendia delrei de Portugal D. Affonso III, e de D. Mathilde sua primeira mulher, mas foi exclusa sua pertenção por improvavel. Tambem a Sé apostolica pertendia que fosse uma coroa o espolio de um capello vago, mas não se fez caso da pertenção do Pon-

(1) Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 591. Anno Histor. a 5 de Agosto n. 2. (2) Damião de Goes 3. part. da Chron. delrei D. Manoel c. 27. Barbos. nos Fast. da Lusit. a 31 de Janeiro §. 5.

tifice, porque na presente opposição só se tratava dos descendentes delrei D. Manoel, como se vê na taboa seguinte:

Elrei D. Manoel entre outros filhos teve:

A infanta D. Isabel, imperatriz, que casou com Carlos V imperador, e teve a Filippe II, rei de Castella, 1.° pertendente.

A infanta D. Brites, que casou com D. Carlos, duque de Saboia, e teve a Manuel Filisberto, duque de Saboya, e principe de Piemonte, 2.° pertendente.

O infante D. Luiz, duque de Beja não casou, mas de Violante Gomes, chamada a Pelicana, teve a D. Antonio, prior do Crato, 3.° pertendente.

O infante D. Duarte, duque de Guimarães, casou com D. Isabel, filha de D. Jayme duque de Bragança, e teve a D. Maria, que casou com o principe de Parma, de quem teve a Raimucio principe de Parma, e 4.° pertendente. D. Catharina que casou com D. João duque de Bragança 5.° pertendente.

Destes foi excluido o prior do Crato por illegitimo, o duque de Saboya por estrangeiro, o principe de Parma por falta de representação, pois já era bisneto, e tambem porque sua mãi, casando fóra do reino, perdeu o direito, que a elle podia ter, como se mostra das côrtes de Lamego; de sorte que só elrei Filippe, e a senhora D. Catharina, como estavam em igual grau, tinham jus para a pertenção, e maior a senhora D. Catharina.

Não queria elrei D. Henrique decidir este ponto, e assim nomeou em côrtes juizes para a decisão d'elle, e cinco governadores para sentenciarem a quem verdadeiramente tocava o reino; e depois passando-se para Almeirim por causa da peste, que já lavrava em Lisboa, veio a fallecer em 30 de Janeiro de 1580 com sessenta e oito annos de idade, e dezasete mezes de governo. Houve um grande eclipse da lua na mesma noite, em que espirou, e um geral sentimento, porque todos viam com aquella morte o reino tambem eclipsado. De Almeirim foi conduzido seu corpo para Belem, onde agora jaz em nobre sepultura, que lhe mandou fazer o senhor rei D. Pedro II no anno de 1682, e por causa da trasladação foi visto, e achado seu corpo inteiro, depois de terem passado cento e dois annos, por cujo signal é crivel esteja gosando da Bemaventurança.

Com a morte delrei D. Henrique começaram os cinco governadores a usar do cetro; mas tão desunidos, temerosos, e abalados, que cada um seguia o partido dos oppositores, a que a propensão o inclinava, ou talvez o attractivo do interesse. Muito mais ficaram perplexos, quando viram que elrei D. Henrique no seu testamento não atten-

dera mais que ás cousas da sua alma, deixando as do reino ao arbitrio dos juizes.

O prior do Crato, ainda que estava excluido, tornou a fomentar a sua pertenção, e adquirindo algum sequito de gente popular, esta o acclamou rei em Santarem a 24 de Junho de 1580, (1) e logo passando-se a Lisboa, soltou os presos do Limoeiro, aposentou-se nos paços da Ribeira, começou a passar provisões, mandar bater moeda, e finalmente a intitular-se rei, seguindo a sua facção algumas villas do reino.

Sabendo elrei D. Filippe de Castella as operações, que em Lisboa executava o prior do Crato, despediu um sufficiente corpo de exercito de mais de vinte mil homens, (2) e dois mil gastadores, commandados pelo grande general o duque de Alva; e chegando a Setubal sem resistencia alguma, fez transito a Lisboa, onde alojou suas tropas junto da ponte de Alcantara. No dia seguinte, que se contavam 26 de Agosto de 1580, pelas dez horas da manhã atacou D. Antonio, prior do Crato, ao exercito castelhano; porem este desbaratou os esquadrões portuguezes, e D. Antonio se poz em salvo, passando ao depois varia fortuna até vir a morrer em Paris no anno de 1595.

Pacificada algum tanto a furia dos vencedores, que não fez pequeno damno aos arrabaldes de Lisboa, os governadores d'ella entregaram as chaves ao duque, o qual mandou logo presidiar o castello com tres mil castelhanos, e muita artelharia, e a nobreza do reino foi á sua presença dar obediencia ao novo rei introduzido, que á força de armas, invadindo o reino, decidiu o litigio a seu favor, sem esperar pelo acordão dos jurisconsultos contra todo o direito, e boa consciencia. (4)

D. Filippe II, III, e IV de Castella, e em Portugal 18.°, 19.°, *e* 20.°, *intrusos*

Declarado rei de Portugal D. Filippe II nas cortes, que se celebraram em Thomar a 19 de Abril de 1581, caminhou para Lisboa, onde fez uma publica entrada com o maior apparato, e grandeza, que até ali se tinha visto. (5) Começou a tratar os portuguezes com muita affabilidade, e industria, fazendo-lhe varias mercês, e augmentando os privilegios do reino, com a qual politica temperou os desgostos passados. D'esta sorte fazia parecer mais suave aos portuguezes aquella violenta sujeição, e elles vendo que se diminuiam as esperanças de recobrar a

(1) Far. Europ. Port. t. 3. part. 1. c. 3. n. 20. Sousa Hist. Gencal. t. 3. p. 376. Torres de Lima nos Successos de Port part. 1. c. 33. (2) Herrer. l. 3. §. 52. diz que eram cem mil homens. (3) Fr. Man. Hom. na Disposição das arm. Castelh. c. 3.

(4) Bonacin. t. 2. de Restitut. disp. 3. quaest. ult. sect. 1. punct. ult. §. 2. Sá verb. Bellum n. 8. Suar de Charit. disp. 13. de Bello sect. 6. n. 4. 5 et 6. Vasq. in 1. 2. disp. 64. c. 3. Molin. de Justit. t. 1. tract. 2. disp. 103, n. 2. et 11. etc. (5) Faria Europ. Port. t. 3. part. 2. c. 1. n. 15 Anno Hist. a 29 de Junho.

antiga liberdade, cuidavam muito em merecer a graça delrei Filippe, o qual tornando para Castella, e deixando por substituto a seu filho o serenissimo cardeal Alberto, archiduque de Austria, morreu a 13 de Setembro de 1589 no convento do Escurial, que elle havia fundado, e onde jaz em soberbo mausoleu, tendo vivido setenta e um annos, governado em Portugal dezoito, e quarenta e tres em toda a Hespanha.

Succedeu no throno seu filho D. Filippe III, e para nós II, que havia nascido em Madrid a 14 de Abril de 1578, e agora contava já vinte annos de idade. No seu governo deixou facilmente penetrar quaes eram os seus designios; e não eram elles outros mais que reduzir os portuguezes a uma tão debil fortuna, que nunca podessem ter forças para sacudir o dominio castelhano, conforme as normas, que lhe deixára seu pai Não poude porem conseguir tudo o que intentava, porque lh'o embaraçou a morte, que lhe sobreveio em Madrid no ultimo de Março de 1621 com quarenta e dois annos de idade, e vinte e dois e meio de reinado. Jaz no convento do Escurial.

D. Filippe IV foi filho do antecedente, e nasceu a 8 de Abril de 1605. Poucos dias depois da morte de seu pai começou a governar com grandes annuncios de felicidades, mas para Portugal com mui poucas: porque não cessando de quebrantar as promessas, e juramento, que seu avô tinha feito de conservar este reino em seus antigos foros, e privilegios, todo o seu ponto foi abatel-o, anniquilal-o, e obrar tudo em nosso prejuizo. Não escapou artificio algum em ordem a consummir o reino, que deixassem os seus ministros, e conselheiros de lhe apontar para nossa ruina. A mesma experimentou a India, e as mais conquistas que tanto nos custaram a ganhar. Dilatadissima seria a narração d'estas desordens, se pertendessemos renovar d'ellas a memoria: não faltam escritores, que as referem. (1)

Impaciente já todo o reino com tanta vexação, e desejosos todos da commum liberdade da patria, começaram a pôr os olhos no serenissimo duque VIII de Bragança D. João, no qual concorriam razão e justiça para o acclamarem rei, e senhor verdadeiro do reino não só pelo direito, que o acompanhava de sua avó a senhora D. Catharina, filha herdeira do infante D. Duarte, a qual havia de preceder a todos os oppositores da coroa, porque representava a seu pai, que, se vivêra, havia de ser rei, (2) mas tambem por ser o serenissimo duque natural do reino, e o maior senhor d'elle, a quem por suas qualidades verdadeiramente reaes tocava protegel-o, amparal-o, e libertal-o das oppressões, que padecia.

1) Far. Europ. Port. João Pinto Ribeiro na Usurp. de Potr. João Baptista Morelli na Restit. de Port. part. 1. Maced. Lus. liberat. D. Franc. Man. Eco politic. O author da arte de furtar c. 17. que supponho e João Pinto Ribeiro, e outros muitos. (2) Velasc. na Justa Acclam. part. 2. punct. 1. §. 1. João Salgad. no Marte Port. certam. 2. art. 5. Port. restaur. l. 1.

Por estes, e outros muitos fundamentos, persuadidos os portuguezes quanto lhe era util acabarem já com tão pezado jugo, determinaram ajustar o modo mais conveniente para negocio tão arduo. Achava-se presidindo no governo de Portugal a duqueza de Mantua Margarida de Saboya, prima delrei Filippe IV desde o anno de 1635, em que passou a fazer assistencia em Lisboa: tinha por secretario de estado a Miguel de Vasconcellos, aborrecido do reino por soberbo, descomedido, e ambicioso, que com industriosa independencia ministrava os negocios de Portugal, e a quem muito favorecia a princeza Margarida, e o primeiro ministro de Hespanha o memoravel conde duque, (1) ambos interessados na agencia de Vasconcellos, que lhes servia como de canal, por onde se enchiam continuamente os seus insaciaveis cofres do perenne curso de dinheiro extrahido da substancia do cabedal do reino, e de tributos exorbitantes.

Esta oppressão, e violencia dos ministros acabou de exasperar mais a todos os portuguezes: até que escolhendo o dia de sabbado primeiro de dezembro do anno 1640 para aquella gloriosa empreza, depois de varias conferencias, que entre si tiveram os fidalgos amantes, e zelosos da patria, (2) convidando tambem a outros com todo o segredo, se acharam no terreiro do Paço sem fazerem rumor, e assim que deram nove horas accommetteu cada um aquelle posto, que se lhe destinou por interpreza. Tudo o que se havia premeditado, apezar de todos os incidentes, que se atropellaram, se poz em execução no dia predito com tanta felicidade, e maravilha, que dentro em tres horas se vio na cidade de Lisboa morto Miguel de Vasconcellos, deposto Filippe IV, acclamado o serenissimo duque de Bragança D. João por legitimo senhor do reino de Portugal, que no espaço de sessenta annos gemeu debaixo da sujeição de principes estrangeiros, onde o tinha levado a providencia.

D. João IV, 21.º rei

Conseguida prodigiosamente a saudosa liberdade do reino, e restituido com tanta gloria, e justiça o cetro da monarquia portugueza ao senhor rei D. João IV, o qual havia nascido em Villa Viçosa a 19 de Março de 1604, e casado com a senhora D. Luiza Francisca de Gusmão em 12 de Janeiro de 1633, se expediram diversos avisos para os lugares ultramarinos da nossa corôa, para reconhecerem, e acclamarem o mesmo soberano rei: e foi esta noticia recebida com tanto gosto, como se experimentou na prompta obediencia da vassalagem, e nos vivas, e

(1) D. Franc. Man. Epanafor. 1. p. 21. 12. 74. O abbade do Vertot nas Revolutions de Portugal p. mihi 82. (2) O padre Anton. dos Reis in Epist. ad Jamet. Nota 115. traz um catalogo dos fidalgos confederados para a acclamação delrei D. João IV. e são mais dos quarenta, que refere o tomo 1. do Portug Restaurad. pag. 98. Sousa Histor. Genealog. tom. 7.

festas, com que expressaram todos a estimação d'aquella felicidade, (1) sendo para admirar completar-se este reconhecimento dentro de quinze dias por todo o reino sem guerra, sem armas, sem violencia, estando todas as praças governadas, e presidiadas por ministros, e soldados castelhanos. O certo é que foi obra da mão do Altissimo. (2)

Logo que o novo rei chegou de Villa Viçosa a Lisboa, e dispoz as expedições, que temos dito, determinou dia para a sua coroação, que foi em 15 de Dezembro, a qual se celebrou com toda a pompa, e alegria do povo. Depois passou promptamente a cuidar nos negocios interiores do reino: nomeou ministros para os tribunaes: generaes, e cabos para as provincias. Estava o reino destituido de forças, sem armas, sem gente com exercicio militar, sem naus, e sem dinheiro para se poder defender, e isto foi motivo para se descuidarem tanto em Castella, considerando seus ministros ser impossivel podermos resistir-lhe na conjunctura debil, em que estavamos: e assim disseram a elrei Filippe, que não era necessario fazer guerra offensiva a Portugal, porque com duas mãos de papel firmadas por sua magestade se reduziria outra vez brevemente o reino á sua obediencia. (3)

Este mysterioso descuido foi causa da nossa prevenção, e fundamental segurança, dando-nos tempo para mandarmos vir armas do Norte, fortificar praças, e fazer confederação com França, Inglaterra, Hollanda, Suecia, e Dinamarca, que todos nos ajudaram com gente, dinheiro, munições, e naus de tal forma, que, quando os castelhanos quizeram accommetter-nos por Olivença, foram bem rechaçados, experimentando a mesma adversa fortuna em todos os choques, e batalhas, que tiveram com os nossos exercitos, ficando mais memoravel a de Montijo, que no anno de 1644 conseguiu com tanta gloria portugueza o intrepido Mathias de Albuquerque: e d'esta sorte conseguimos outras muitas victorias em grande credito da nação por todas as provincias do reino.

Não causava pequena inveja a Castella este feliz progresso das nossas armas; e vendo que á força d'ellas não podia tomar vingança da nossa liberdade, maquinou a da aleivosia, e astucia, fiando mais do ouro, que do ferro; e corrompendo com elle algumas pessoas suas affectas com esperanças de maiores augmentos, se conjuraram contra elrei D. João; porem descubrindo-se, foram presos, sentenciados, e degolados (4) a 29 de Agosto de 1641 em publico cadafalso na praça do Rocio de Lisboa. Eram elles o marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar, e D. Agostinho Manoel de Vasconcellos; sendo o principal motor d'esta conjuração o arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos,

(1) Almeid. Restaur. prodigiosa part. 2. cap. 10. (2) «Haec mutatio dexterae Excelsi est.» Psalm. 76. vers. 11. (3) Morello na Restituiç. de Portug. pag. 114.
(4) D. Franc. Manoel no Manifesto de Portug. Sousa Histor Genealog. tom. 7. p. 162. Vieir. Hist. do futuro p. 94. e seqq. Port. Restaur. t. 2. Evor. glor. p. 166. Anno Hist. a 29 de Agosto.

que se mandou metter em segura custodia. Em todos estes movimentos se vio o particular auxilio de Deus, com que sempre livrou a elrei D. João da iniquidade de seus inimigos, que intentaram tirar-lhe a vida por meio do perverso Domingos Leite, o qual sendo convidado a executar aquelle enorme delicto por quatrocentos escudos, foi tambem descuberto, e castigado, como merecia a grandeza da sua culpa.

Continuando elrei o seu governo com tanta felicidade, e desvelo, estabeleceu leis utilissimas para a sua conservação, erigiu novos tribunaes, o conselho de guerra, o da junta dos tres estados, o do conselho ultramarino, e o da junta do Commercio. Foi muito devoto do mysterio da Conceição da Senhora, e assim a tomou por protectora do reino em côrtes do anno de 1646, fazendo-o tributario em cincoenta cruzados cada anno. (1) e em 25 de Março do proprio anno jurou, e declarou authenticamente a immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora nossa, fazendo com que seus vassallos fizessem o mesmo, mandando intimar ás universidades do reino, que todos os estudantes, quando tomassem qualquer grau, jurassem defender o tal mysterio. (2)

Finalmente achando-se em Lisboa, e opprimido com uma molesta suppressão, fechou o circulo de seus dias em uma segunda feira 6 de Novembro de 1656 na idade de cincoenta e dois annos, sete mezes, e dezoito dias, e de reinado dezaseis annos, menos vinte e quatro dias. Jaz no convento de S. Vicente de Fóra.

D. Affonso VI, 22.° rei

Teria o principe D. Affonso treze annos de idade, contados desde 21 de Agosto de 1643, em que nasceu, até 15 de Novembro de 1656, quando subio ao throno, e foi acclamado rei pela morte de seu glorioso pai, mas em razão da sua menoridade ficou sujeito á tutoria da rainha sua mãi, a quem elrei seu marido tinha deixado por tutora, e governadora do reino, que com tanta prudencia, e desvelo exercitou; porem passados seis annos, a 23 de Junho de 1662, contando elrei dezanove annos de idade, tomou posse do governo com a formalidade costumada. (3)

Antes de elrei tomar posse do governo a tinham já tomado da sua vontade o conde de Atouguia, Sebastião Cesar de Menezes, e o conde de Castello Melhor, descançando n'este ultimo o pezo dos negocios da monarquia, e a cuja dispozição se vio luzir em prosperos successos a fortuna delrei com as victorias das nossas armas; porque fazendo Castella pazes com França, e unindo em varios corpos de exercito os bellicosos espiritos dos alliados, cercou todas as nossas provincias com um estrondoso poder, mas sempre ficou Portugal triumfante. Assim se vio

(1) Monarq. Lusit. part. 6. l. 19. c. 23. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 7. p. 201.
(3) Catastrofe de Port. p. 77.

nas celebres batalhas do Amexial, do Canal, e de Montes claros, em que os nossos generaes acreditaram o seu valor, e sciencia militar.

Não correspondiam as felicidades da guerra ao governo politico da côrte, porque elrei desde a idade de tres annos, padecendo um accidente de paralysia, que lhe deixou arida toda a parte direita do corpo, o mesmo defeito padecia n'aquella parte interior da cabeça: d'aqui se originaram varios excessos, e desordens, com que desgostou muito sua mãi prudentissima, e a todo o reino; e como o principal motor d'estas indignas acções era um Antonio Conti, pessoa humilde, mas muito de seu agrado, que lhe inspirava perniciosos conselhos, de algum modo se lhe fez applacar os exercicios escandalosos com o degredo de Conti para a Bahia.

Determinou-se o casamento delrei com a princeza Maria Francisca Isabel de Saboia, a qual chegou a Lisboa em 2 de Agosto de 1666, e não se passando muito tempo, que experimentando a rainha a incapacidade delrei para as obrigações do thalamo, e que muitas vezes lhe faltavam aos respeitos de rainha, resolveu recolher-se no mosteiro da Esperança a 2 de Novembro de 1667, e de lá começou a tratar a nullidade do matrimonio. Logo que se começou o litigio, se teve por certa a sentença da separação; e com este fundamento os zelosos da successão real propozeram ao serenissimo infante D. Pedro devia casar com a rainha pelas razões forçosas, que allegaram, (1) e que para evitar maiores damnos na monarquia avocasse a si o governo.

Assim se conseguiu, porque elrei D. Affonso admittindo o regimen, ficando conservando a magestade na pessoa, mas não no exercicio, foi recluso em um quarto do Paço a 23 de Novembro de 1667, e o infante D. Pedro foi jurado principe regente, e herdeiro da coroa nas côrtes de 27 de Janeiro de 1668. Passaram depois a elrei D. Affonso para o castello da Ilha Terceira, onde esteve seis annos, no fim dos quaes veio para os Paços de Cintra, onde falleceu a 12 de Setembro de 1683, e jaz no convento de Belem. (2)

D. Pedro II, 23.º *rei*

Em quanto elrei D. Affonso foi vivo, não quiz o serenissimo principe D. Pedro seu irmão outro titulo, que o de regente do reino, cujo encargo tomou pelos repetidos rogos de seus vassallos; mas tanto que falleceu D. Affonso, foi conhecido pelo soberano titulo de rei D. Pedro II. Havia nascido em Lisboa a 26 de Abril de 1648, e se achava ja na idade de trinta e cinco annos ao tempo da morte de seu irmão. Como a nullidade do matrimonio entre elrei D. Affonso, e a rainha D. Maria Francisca de Saboya foi julgada, e em virtude da sentença se alcançou

(1) Catastrofe de Port. p. 225. (2) Portug. Rest. part. 2. p. 919.

breve para se receber o principe com a rainha, de cujo consorcio não houve outro fructo mais que a senhora D. Isabel, e a rainha tinha espirado a 27 de Dezembro de 1683, foi preciso que elrei passasse a segundas vodas para segurar a sua real descendencia.

Não custou pouco determinar-se elrei para segundo casamento: mas em fim se completou com a serenissima princeza D. Maria Sofia, filha do eleitor Palatino do Rhim, em 11 de Agosto de 1687, e n'esta ditosa união augmentada com a felicidade da paz foi continuando elrei o seu governo com grande gosto dos vassallos: porque alem de possuir da natureza dotes mui especiaes na soberana, robusta, e galharda presença exterior, nos costumes, e prendas do animo excedeu a todos os monarcas do seu tempo, porque era mui pio, devoto, compassivo, liberal, benigno para com todos, e amante das pessoas virtuosas.

Com grande acerto levantou muitas judicaturas de novo para bom regimen da justiça, em que era exacto, se bem na punitiva propendia mais para a clemencia. Erigiu tambem muitos bispados, o de Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão, Pekim, Nankim, e o da Bahia elevou á dignidade de arcebispado, e teve a fortuna de possuir ministros em todos os empregos de grande experiencia.

Corria o anno de 1701, quando elrei fez uma liga offensiva, e defensiva com França, e Hespanha contra a casa de Austria, a qual se desfez depois a 16 de Maio de 1703, entrando elrei D. Pedro no tratado da grande alliança com o imperador Leopoldo I, Inglaterra, e Hollanda, a fim de metterem de posse de Hespanha o archiduque Carlos, filho segundo do imperador, (1) o qual havia de entrar pelas nossas terras, e por este ajuste se prometteram grandes conveniencias a Portugal. Chegou aqui elrei Carlos a 7 de Março de 1704, e fazendo uma publica, e pomposa entrada, depois de assistir algum tempo na côrte, partiu com elle elrei D. Pedro para a provincia da Beira, por onde se havia de introduzir em Castella.

Poz-se elrei Filippe V em campanha contra Portugal: porem o nosso exercito, de que era general o marquez das Minas, fez render varias praças de Castella, como foram Valença, Coria, Albuquerque, Alcantara, Placencia, e Ciudad Rodrigo, e sujeitando-as á obediencia delrei, penetrou até Madrid, onde fez acclamar rei de Hespanha a Carlos III em 2 de Julho de 1706. (2)

Havia-se elrei D. Pedro restituido a Portugal em 17 de Novembro de 1704, e depois de ouvir com grande alvoroço, e celebrar com plausivel contentamento a feliz acclamação delrei Carlos III, passados cinco mezes, achando-se na quinta de Alcantara, o accommetteu um pleuriz legitimo com perigo manifesto da vida: e no dia 9 de Dezembro de 1706, tendo recebido com grande edificação o Santissimo Viatico, e o

(1) Cled. t. 8. p. 533. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 7. p. 639.

Sacramento da Extrema-Unção, deu a alma a Deus pela uma hora depois do meio dia, deixando por suas singulares virtudes eterna saudade a seus vassallos. Viveu cincoenta e oito annos, sete mezes, e treze dias: reinou como principe regente mais de quinze annos, e como rei mais de vinte e tres. Jaz sepultado no convento de S. Vicente de Fóra.

D. João V, 24.° rei

Por fallecimento do senhor rei D. Pedro II de saudosa memoria lhe succedeu no throno seu filho elrei D. João V, tendo dezasete annos de idade, contados desde 22 de Outubro de 1689, em que nasceu na cidade de Lisboa. Foi acclamado no primeiro de Janeiro de 1707, felicitando-lhe com repetidos obsequios a exaltação á coroa, não só os seus vassallos, mas todos os principes da Europa.

Começando logo a dirigir suas acções pelo caminho, e maximas da heroicidade, ratificou a grande alliança, que elrei seu pai celebrára contra Hespanha, mas esta liga fez experimentar ao nosso exercito em 25 de Março de 1707 a mesma fortuna das tropas alliadas; porque depois de termos vencido valerosamente a batalha de Almança na fronteira do reino de Valença, melhorou o inimigo com tanta vantagem os seus esquadrões, que o duque de Barwic nos prizionou treze regimentos á custa de um grande destroço da sua gente. (1)

No seguinte anno de 1708, elegendo S. Magestade para esposa a serenissima archduqueza D. Maria Anna de Austria, filha do imperador Leopoldo I, nomeou ao conde de Villar Maior por embaixador extraordinario á corte de Viena para esta negociação; e conduzida a serenissima rainha pelo mesmo conde, chegou á barra de Lisboa em 26 de Outubro do mesmo anno, e a 22 de Dezembro fez sua entrada publica por entre dezanove arcos triunfaes custosamente ornados, e um innumeravel concurso de gente, que com as repetidas demonstrações de alegria faziam aquella funcção mais plausivel, e vistosa.

A guerra com Castella ia continuando, em que os nossos generaes davam evidentes provas do seu valor, e sciencia em varios choques, cercos, e outros movimentos bellicos, recuperando algumas praças, que o inimigo nos havia usurpado, quando tudo se suspendeu pelo tratado da paz, que entre as tres corôas de França, Hespanha, e Portugal se celebrou na cidade de Utreck em o anno de 1713, e se publicou em Lisboa a 6 de Abril de 1715.

Estabelecida assim a paz no reino, fez a vigilancia de monarca tão augusto, que nas terras do seu dominio prosperamente florecessem, e se gozassem os fructos da mesma paz por meio de utilissimas leis, extincção de abusos, perfeição de costumes, e outras muitas dispozições pro-

(1) Cled. t. 8. p. 535. Anno Histor. t. 2.

duzidas da sua perspicaz advertencia, e regios pensamentos. O zelo da religião, o amor das letras, a observancia da justiça, o cuidado, e cultura da sua monarquia foi todo o seu desvelo.

Do zelo, culto, e respeito da religião sobejam provas, e testimunhos; pois bastando o incansavel excesso, com que se empregou o seu generoso, e pio animo, á maneira de outro Salomão, nas sumptuosas fabricas de templos divinos, fazendo contribuir para elles os mais preciosos marmores nobremente polidos, parecendo-lhe ainda pouca toda a profusão do dispendio, excedeu a todo este cuidado o incessante desejo, e a incansavel ancia de engrandecer, e augmentar cada vez mais o obsequio, e respeito da mesma religião, e a formalidade magestosa de seus ritos e cultos.

Este projecto não só christianissimo, mas regio, o elevou á generosa obra da erecção da santa igreja patriarchal, onde vemos entre a pomposa grandeza, e reverente devoção celebrarem-se os officios divinos, e todas as funcções ecclesiasticas perfeitissimamente, ornando este excellentissimo collegio patriarchal de pessoas mais esclarecidas em sangue, e letras, a que conferiu muitas preeminencias, e honras, e a que ajuntou grandes rendas, conforme a jerarquia das suas dignidades. E para que a grandeza, e jurisdicção d'esta santa igreja fosse mais ampla, fez supprimir o arcebispado de Lisboa oriental pela bulla do Santissimo papa Benedicto XIV. intimada no primeiro de Setembro de 1741, ficando desde então havendo um só cabido patriarchal em todo o territorio, e diocese de Lisboa, que até este tempo estava dividida em dois arcebispados, erigindo tambem nos paços dos antigos arcebispos de Lisboa um seminario para se educarem os estudantes, que houverem de servir na Santa igreja patriarcal.

Incitado do mesmo zelo da religião, e a rogos do summo pontifice Clemente XI. mandou o nosso magnanimo rei duas vezes soccorrer Italia contra o formidavel poder othomano, devendo-se á esquadra portugueza, que se compunha de seis náus de guerra, dous burlotes, e uma tartana, a gloria de embaraçar ella só a terrivel força de vinte e duas sultanas, e outras tantas naus de Barbaria, com que o Grão Baxá vinha sobre Corfú, e Veneza, fazendo o terror das nossas armas retiral-o injuriosamente para a Moréa com a perda de cinco mil turcos; e deixando desassombrados, e seguros os portos não só d'aquella republica, mas de toda Italia em Agosto de 1717, ficou nosso monarca na victoria d'este conflicto naval constituido arbitro dos que o tem sido no mundo. (1)

(1) Franc. Botelh. no Alfons. da impressão de Salamanc. de 1741. l. 1. est. 6.
«Roma, de quien fue throno el mundo intero,
Buscó tu auxilio en riesgo furibundo,
Y luiste con tu armada, oh Real guerrero,
Arbitro de los arbitros del mundo.»

O amor das letras se vê na util erecção da academia da historia, que teve o seu principio em 8 de Dezembro de 1720, compondo-a dos homens mais eruditos do reino, e a cujas conferencias permittiu a honra da sua real presença repetidas vezes. Para a celebre academia dos Arcades, que ha em Roma, comprou novo domicilio, para se fazerem as suas assembléas com melhor commodidade. Em todas as provincias do reino ordenou que houvessem academias militares, para que florescesse a sciencia mathematica; e para a da Jurisprudencia erigiu tambem na universidade de Evora tres cadeiras do direito civil, e duas do canonico, excedendo para prova d'este affecto não só o amparo, que os eruditos achavam na sua benignidade, nem a grande collecção de livros selectos, com que formou uma das maiores bibliothecas da Europa, mas a vasta comprehensão das mesmas sciencias, e a continua lição dos mesmos livros.

Não é possivel caber na curta esfera d'este mappa a expressão de acções tão grandes, que obrou elrei D. João V: os maravilhosos edificios de templos, palacios, e casas de campo: a utilissima, e sumptuosa construcção do aqueducto de Lisboa; o desafogo das suas ruas; a melhor commodidade da navegação do Tejo; a introducção de novas fabricas: o augmento dos arsenaes: e sobre tudo o da propagação da fé em todas as suas conquistas, com a recta observancia da justiça, são acções tão notaveis, e tantas, que justamente poderá questionar a posteridade, se foram obradas por um só heroe, ou por muitos: mas que muito se no augusto, e magnanimo peito d'este monarcha residiam juntos elevadamente os espirituosos brios de todos os monarcas lusitanos, e de fórma o animavam, que o faziam exceder a todos: (1) ajuntando-se a todos estes dotes a magestosa presença, e bem proporcionada estatura de seu galhardo corpo, que, ainda disfarçado, mal podia encubrir o respeito de soberano.

Com toda esta felicidade padeceu todavia elrei a 10 de Maio de 1742 um fortissimo ataque de paralysia, que lhe debilitou a parte esquerda do corpo: mas com os banhos das Caldas, chamadas da rainha, para onde foi em 9 de Julho do dito anno, e com a applicação de outros remedios adquiriu alguma melhoria, mas não aquella total saude, que os seus vassallos desejavam. Assim foi continuando com grande constancia de animo o prolongado tormento da sua queixa, que sem embargo de lhe embaraçar os passos para andar, não lh'os poude impedir ao progresso da sua devoção e piedade.

Com esta assistia de continuo na tribuna da santa igreja patriarcal,

(1) «... Lysiae reliquos nunc adspice Reges,
Ut collata videns illorum insignia gesta
Joannis gestis, quantum caput efferat omnes
Hic super agnoscas.....»
Padre Antonio dos Reis no Enthusiasmo Poetico prope finem.

adorando, e deprecando a Deus nos muitos sacrificios de missas que ouvia, e officios que resava. A elle devem as almas detidas no purgatorio o grande suffragio, que por indulto apostolico obteve da santidade de Benedicto XIV, expedido em Roma aos 21 de Agosto de 1748. para que no dia da commemoração dos fieis defunctos podessem todos os sacerdotes dos seus dominios rezar tres missas. Este grande animo, e fervor de espirito, com que favorecia as almas, foi n'elle sempre inseparavel, dispendendo caritativo no frequente beneficio dos seus suffragios grosso, e innumeravel cabedal. D'estas acções tão pias, e magnanimas persuadido o pontifice Benedicto XIV lhe concedeu a 23 de Dezembro do mesmo anno de 1748 para si, e seus successores o titulo de Fidelissimo.

Chegando finalmente o prazo ultimo de seus dias, os terminou aos 31 de Julho de 1750, e foi viver na bemaventurança em premio das virtudes que exercitou: tendo-se primeiramente disposto, e preparado como catholico com todos os sacramentos da igreja. Jaz seu corpo no templo de S. Vicente de Fóra.

A inclyta nação portugueza deu ao publico em Roma uma demonstração do seu reverente obsequio á saudosa memoria de tão grande monarca: celebrou na real igreja de Santo Antonio as solemnes exequias com aquella magnificencia, e esplendor, que eram devidas ás excelsas prerogativas de um principe tão benemerito da sé apostolica: para isto fez erigir um sumptuoso mausoleu com engenhoso artificio pela idéa do architecto portuguez Manoel Rodrigues dos Santos, ornado de primorosas figuras, medalhas, e epigraphes; concluindo-se todo o apparato lugubre com a seguinte inscripção:

JOANNI V.
Lusitaniæ Regi Fidelissimo,
Pio, Victori, Pacifico.
Christianæ rei ubicumque terrarum Orbi, et Gentium
Propagatori.
Bonarum artium, omniumque Disciplinarum
Parenti vindici, Mœcenati munificentissimo.
Qui
Feralibus bellorum dissidiis, aut consilio restinctis,
Aut virtute sublatis,
Pacis artes, publica Sacerdotia,
Ecclesiæ majestatem, dignitatemque
Post Constantini Magni memoriam,
Quam qui maxime ornavit, auxit, amplificavit.
Principi Optimo
Deque omnium Nationum ordinibus benemeritissimo
Lusitani D. N. M. Q. Ejus.

D. Joseph I, 25.° rei

É o fidelissimo senhor D. Joseph monarca presentemente reinante, augusto successor de seu grande pai D. João V. Foi acclamado rei na cidade de Lisboa em uma segunda feira de tarde aos 7 de setembro de 1750 com festivos applausos de seus vassallos. Para esta ceremonia cheia de grande alegria, se levantou uma varanda magnifica no terreiro do Paço junto a palacio, a qual começando da sala dos Tedescos, por onde tinha a entrada, rematava no torreão do Forte com quarenta palmos de largo, e trezentos e setenta de comprido, sustida em dezaseis altas columnas ligadas com uma balaustrada, que fazia face ao mesmo terreiro, e revestido tudo com o mais precioso ornato, que soube idear o bom gosto.

Tanto que subiu ao throno, e empunhou o cetro, fez ver que existia vivamente não só na magestade da pessoa, e clemencia do genio, mas na generosidade das acções, reproduzido o coração magnanimo de seu memoravel pai. Este bom conceito annunciaram seus vassallos desde o dia 6 de Junho de 1714, em que este monarca vio a primeira luz do mundo, onde havia ser o primeiro brilhante astro da esfera lusitana. Para segurar a successão regia casou em 19 de Janeiro de 1729 com a serenissima princeza das Asturias D. Maria Anna Victoria, filha delrei catholico Filippe V, e da rainha D. Isabel Farnese sua segunda mulher.

Logo nos primeiros passos do seu reinado mostrou o grande zelo de conservar os seus povos em paz, justiça, e prosperidade: e, como estes attributos não se podem estabelecer sem o recto manejo de bons ministros, cuidou em os eleger competentes, e de alta comprehensão aos interesses politicos, e economicos do estado. Com esta providencia se disposeram as negociações da marinha, do commercio, e de todos os tribunaes n'aquelle melhorado regimen, que o reino experimenta: ajudando ao bom exito de tudo as justissimas leis, que em utilidade do bem publico tem promulgado.

Para augmentar o commercio, e navegação, de que resultam opulencias maiores, que as da naturesa, ordenou que os despachos fossem promptos, evitando demoras na expedição dos tribunaes. Exaltou, e renovou o exercicio das bellas letras com a reforma de melhores methodos: dispondo que fossem educados seus vassallos principalmente os nobres: fundando para este effeito collegio, onde se aprendam todas as uteis, e estimaveis profissões das artes, abolindo por decreto de 29 de Julho de 1759 o magisterio aos jesuitas, e a lição da arte do padre Manoel Alvares.

Nos extraordinarios accidentes do terremoto, e incendio, que fatalmente destruiram Lisboa no anno de 1755, se vio a grandesa do coração d'este augusto monarca: porque conservando-se inalteravel em um caso tão repentino, e horrendo, em que vacillaram os maiores talentos,

elle se applicou pio, e providente a soccorrer, e acautelar a consternação do afflicto povo: e, como se fôra pequeno este empenho, intentou d'entre as cinzas de Lisboa abrazada reproduzir outra de novo com maiores vantagens, excedendo nas circumstancias a grandeza de Trajano. (1)

Com igual constancia de animo tolerou aquelle barbaro desacato, com que a aleivosia, rompendo as obrigações da fidelidade portugueza, se atreveu a insultar a sua veneravel pessoa em a noite de 3 de Setembro de 1758. Mas a providencia de Deus, salvando-lhe com prodigio a vida, fez que não ficassem sem castigo os perfidos delinquentes, fazendo-os justiçar a 13 de Janeiro do seguinte anno em o caes de Belem: porque o principe que dissimula a malicia, reina só no nome; o que a castiga, reina no nome, e no officio.

Ainda não havia bem descançado de punir traições, e acautelar-se de insultos, quando os reis catholico, e christianissimo com o Pacto de Familia, que entre si estipularam, querendo por força que nos declarassemos contra Inglaterra, invadiram, e atacaram com cavilosos pretextos algumas das nossas praças trasmontanas: commettendo o marquez de Sarria, e outros generaes castelhanos muitas hostilidades desde 8, 15, e 21 de Maio de 1762, em que se introduziram em Miranda, Bragança, e Chaves, e em cujas acções tem perturbado a paz publica, e fé dos tratados estabelecidos com antiga solemnidade.

Porem, como da nossa parte milita a justiça, e a razão, espera elrei fidelissimo triunfar do poder, e industria de seus inimigos. Para este bom exito mandou fazer promptas as suas tropas, cujo total mando, e manejo entregou plenamente ao conde soberano de Lippa Guilherme de Schaumburg, cavalleiro da real ordem prussiana da Aguia Negra, pessoa que elrei da Grã Bretanha, como nosso alliado, elegeu, por ser de uma distincta reputação, e de conhecido valor, e fama nas guerras da Europa. Sua magestade fidelissima o nomeou marechal general dos seus exercitos, e director geral de todas as suas tropas por decreto de 3 de Julho de 1762.

Toda esta boa razão, e justiça, em que se estriba a nossa defensa, fez persuadir tambem ao principe Carlos Luiz Federico, duque de Meckelburgo, Streliz, principe de Vandalia, a que passasse dos exercitos britannicos, onde era marechal de campo, para as tropas delrei fidelissimo, o qual logo o nomeou coronel general de um regimento de cavallaria, a que deu titulo de Meckelburgo. Não só promettem estas antecedencias felicidades ás armas portuguezas, mas animo. Será cada coração portuguez um escudo á vida, e gloria de nosso augusto monarca, o qual em militares campanhas amedrontará com o ecco do seu valor dilatados climas do universo.

(1) «Magnum hoc tuum, non erga homines modo, sed erga tecta ipsa meritum, sistere ruinas, solitudinem pellere, ingentia opera, eodem quo extructa sunt animo, ab interitu vendicare.» Plin. in Panegyr. Trajani.

N.	NOME	COGNOME	PATRIA	NASC.	CORÔAÇ.	ANN. QUE REIN.	ANN. QUE VIV.	ANNO DA MORT.	LUGAR DA MORTE	LUGAR DA SEPULTURA
1	D. Affonso I	Conquistador	Guimarães	1109	1128	57	76	1185	Coimbra	St. Cruz de C.
2	D. Sancho I	Povoador	Coimbra	1154	1185	26	57	1211	Coimbra	St. Cruz de C.
3	D. Affonso II	Gordo	Coimbra	1185	1211	12	38	1223	Coimbra	Alcobaça
4	D. Sancho II	Capello	Coimbra	1202	1223	25	46	1248	Toledo	Sé de Toledo
5	D. Affonso III	Bolonhez	Coimbra	1210	1246	32	69	1279	Lisboa	Alcobaça
6	D. Diniz	Lavrador	Lisboa	1261	1279	46	63	1325	Santarem	Odivelas
7	D. Affonso IV	Bravo	Coimbra	1291	1325	32	66	1357	Lisboa	Sé de Lisboa
8	D. Pedro I	Justiceiro	Coimbra	1320	1357	9	46	1367	Estremoz	Alcobaça
9	D. Fernando	Formoso	Coimbra	1345	1367	16	38	1383	Lisboa	Santarem
10	D. João I	Boa memoria	Lisboa	1357	1385	48	76	1433	Lisboa	Batalha
11	D. Duarte	Eloquente	Viseu	1391	1433	5	46	1438	Thomar	Batalha
12	D. Affonso V	Africano	Cintra	1432	1438	43	49	1481	Cintra	Batalha
13	D. João II	Perfeito	Lisboa	1455	1481	14	40	1495	Alvor	Batalha
14	D. Manoel	Venturoso	Alcochete	1469	1495	26	52	1521	Lisboa	Belem
15	D. João III	Piedoso	Lisboa	1502	1521	35	55	1557	Lisboa	Belem
16	D. Sebastião	Desejado	Lisboa	1554	1557	21	24	1578	Africa	Belem
17	D. Henrique	Casto	Almeirim	1512	1578	1	68	1580	Almeirim	Belem
18	D. Filippe II	Prudente	Valhadolid	1527	1581	18	71	1598	Escurial	Escurial
19	D. Filippe III	Pio	Madrid	1578	1598	23	43	1621	Madrid	Escurial
20	D. Filippe IV	Grande	Valhadolid	1605	1621	19	60	1665	Madrid	Escurial
21	D. João IV	Restaurador	Villa Viçosa	1604	1640	15	51	1656	Lisboa	S. Vicente de F.
22	D. Affonso VI	Victorioso	Lisboa	1643	1656	11	40	1683	Cintra	Belem
23	D. Pedro II	Pacifico	Lisboa	1648	1667	39	58	1706	Alcantara	S. Vicente de F.
24	D. João V	Fidelissimo	Lisboa	1689	1706	44	60	1750	Lisboa	S. Vicente de F.
25	D. Joseph I	Fidelissimo	Lisboa	1714	1750					

CAPITULO VII

Catalogo das serenissimas rainhas de Portugal.

O preclarissimo titulo de rainha neste reino é mais antigo que o dos reis; porque foi costume d'aquelles primeiros monarcas de Leão dar em vida titulo de reis aos filhos, e de rainhas ás filhas para ficar assim n'elles mais estabelecida, e segura a successão real, (1) e ainda que alguns erradamente disseram, que o illustrissimo conde D. Henrique assentava o senhorio de Portugal debaixo do titulo de condado, (2) ninguem até agora duvidou que sua mulher, a senhora D. Teresa, como filha, que era delrei D. Affonso de Castella, deixasse de se chamar sempre rainha, e não condessa; e do mesmo modo se chamaram rainhas suas filhas, cujo estylo se praticou neste reino até D. Sancho I, (3) do qual tempo até este nosso tomaram o nome de infantes, o que não entendendo alguns historiadores flamengos, attribuiram a ambição chamar-se rainha, e não condessa a senhora D. Teresa, filha delrei D. Affonso I, que casou com o conde de Flandes Filippe de Alsacia. (4) Isto supposto, entremos a executar o promettido.

Dona Tereza, mulher do conde D. Henrique, era filha delrei D. Affonso VI de Leão, e herdeira de seus estados, senhora de notavel formosura. Casou com o illustrissimo conde no anno de 1093, trazendo em dote todo o reino de Portugal, que elle governou dezaseis annos depois da morte do conde seu marido, como senhora proprietaria d'elle; (5) e porque se aproveitava dos conselhos de um cavalheiro gallego, chamado D. Fernando Peres, conde de Trastamara, quizeram muitos dizer (6) que a rainha D. Teresa contrahira segundo casamento com o tal conde; porem é certo que tal não houve, como efficazmente prova o erudito padre D. Joseph Barbosa. (7) Fundou a igreja de S. Pedro de Rates na cidade de Braga: fez varias doações ás Sés de Braga, Porto, e Coimbra; admittiu em Portugal os cavalleiros Templarios; e finalmente morreu em o primeiro de Novembro de 1130. Jaz na capella mór da Sé de Braga.

Dona Mafalda, filha de Amadeo III, conde de Saboya, e Moriana, casou com D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, no anno de 1146. Fundou e dotou um Hospital na villa de Canavezes para nove passageiros, e peregrinos terem nelle agazalho com todo o commodo possivel: unio-lhe as rendas da ponte, que mandou fabricar grandiosamente. Edificou a igreja de Santa Maria de Sobre-Tamega, e o mosteiro da Costa de Guimarães, que deu aos conegos regulares de Santo Agostinho, e hoje possuem os religiosos de S. Jeronymo. Faleceu a 4 de Novembro de

(1) Mariz Dialog. 2. pag. mihi 42. (2) Monarq. Lusitan. liv. 8. cap 11. pag. 34.
(3) Sousa Histor. de S. Dom. part. 1. liv. 1. cap. 11. (4) Marchanc liv. 2. Descripç. de Fland. Veja-se a Monarq. Lusit. liv. 11. cap. (5) Monarq. Lusit. liv. 8. cap 29.
(6) Conde D. Pedro no seu Nobiliario tit. 4. Estac. nas Antiguid. de Port cap 21. n. 3. (7) Barbos. no Catalog. das Rainh. p. 87.

1157, e está sepultada no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra junto de seu marido. (1)

Dona Dulce foi filha de D. Ramon Berenguer, conde de Barcelona, e principe de Aragão. Casou com elrei D. Sancho I, no anno de 1175, confirmou com elrei seu marido algumas doações pias, e morreu em Coimbra no primeiro de Setembro de 1198. Está sepultada no mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade. (2)

Dona Urraca era filha de D. Affonso IX Rei de Castella. Casou com D. Affonso II de Portugal no anno de 1201. Teve a felicidade de receber em seu palacio a S. Francisco, e aos cinco martyres de Marrocos: e sendo trazidos seus corpos a Coimbra, os foi buscar, e deu sitio para se fundar na mesma cidade o primeiro convento de S. Francisco em o reino. Viveu com exemplar virtude, e mereceu que Deus lhe revelasse o dia da sua morte, que foi a 3 de Novembro de 1220. Jaz no mosteiro de Alcobaça. (3)

Dona Brites filha delrei D. Affonso X de Castella, chamado o Sabio, e ella princeza de singular perfeição, e prudencia, casou com D. Affonso III de Portugal no anno de 1253. Fundou o hospital dos Meninos Orfãos de Lisboa, e o convento de S. Francisco de Estremoz. O maior louvor, que se lhe póde dar, é a grande fidelidade, que mostrou a elrei D. Affonso seu pai, soccorrendo-o com os seus thesouros. Morreu em 27 de Outubro de 1303, e está sepultada no real mosteiro de Alcobaça. (4)

Santa Isabel foi filha delrei D. Pedro III de Aragão, chamado o Grande. Casou com elrei D. Diniz em 24 de Junho de 1282. Instituio com seu marido a igreja, e festa do Espirito Santo em Alemquer. Fundou a capella de Nossa Senhora da Conceição no convento da Trindade de Lisboa. Por morte de seu marido se recolheo ao mosteiro de Santa Clara de Coimbra, tambem fundação sua, onde viveo com tão grandes evidencias de santidade, obrando Deos por sua intercessão muitos prodigios em vida, e depois de sua morte, que alcançou ser numerada no catalogo dos santos por Urbano VIII em 25 de Maio de 1625. Partiu d'esta vida a gozar da eterna em 4 de Julho de 1336. Está seu veneravel corpo no mosteiro de Santa Clara de Coimbra. (5)

D. Brites filha de D. Sancho IV. rei de Castella, chamado o Bravo, casou com D. Affonso IV de Portugal em 12 de Setembro de 1309. Instituio na Sé de Lisboa as Mercearias que chamam de Affonso IV, por concorrer tambem seu marido para esta instituição. Morreu em Lisboa no anno de 1359 a 25 de Outubro. Jaz na antiga Sé de Lisboa. (6)

(1) Vide João Bapt. Lavanh. nas Notas do Conde D. Pedro tit. 7. Brand. Monarq Lusit. liv. 10. c. 19. Goes part 4. cap. 71. Estaço nas Antiguid de Port. cap. 25. num. 21. Corogr. Portug. tom. 1. p. 135. Barbos. Catalog. das Rainh. p. 110. Sous. Histor. Genea. tom. 1. pag. 6. (2) Barbud. Empraz. Militar. pag. 7. Benedict Lusit. tom. 2 p. 318. Duart. Ribeiro p. 301. part. 1. Barbos. Catalog. das Rainh. (3) Idem ibid. p. 113. Esperança na Histor. Serafica tom. 1. liv. 2. cap. 28. num. 2 (4) Idem tom. 2. liv. 1. cap. 15. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 16 e liv. 16 cap. 32. e liv. 18. cap. 9. (5) Lacerda na Vida desta Santa. Mendoça in Viridar liv. 6. Barbos. Catalog. das Rainhas. (6) Duarte Nun. Chronic. d'el-rei D. Affonso IV p. 172 Sous. Histor. Genealog. tom. 1. p. 387.

Dona Constança foi filha de D. João Manoel, duque de Penafiel, marquez de Villena. Casou no anno de 1340 com elrei D. Pedro I, sendo ainda infante, e foi sua primeira mulher. Morreu de parto do infante D. Fernando a 13 de Novembro de 1345. Está sepultada no convento de S. Francisco de Santarem. (1)

D. Ignez de Castro foi filha de D. Pedro Fernandes de Castro, grande senhor em Galiza. Casou com o principe D. Pedro no anno de 1354 occultamente. Fundou a capella, em que está sepultado S. Gervaz na paroquia da villa de Basto. Por mandado delrei D. Affonso IV, foi morta com grande tyrannia, e injustiça aos 7 de Janeiro de 1355. Passados dois annos, declarou elrei D. Pedro que havia sido sua legitima mulher, e como a tal a fez sepultar em Alcobaça com insignias reaes, onde jaz em primorozo tumulo. (2)

Dona Leonor Telles, filha de Martim Affonso Tello de Menezes, casou com elrei D. Fernando, que se namorou d'ella, e a recebeu no anno de 1371 contra o parecer de todos, porque a usurpou a seu marido João Lourenço da Cunha, com quem estava casada, sem embargo de alguns dizerem que indevidamente em razão de affinidade, e sem dispensa. Em vida de seu marido foi causa dos excessos escandalosos de João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. Passou-se a Castella, e morreu em Tordesilhas a 27 de Abril de 1386. Jaz no convento de Valhadolid. (3)

D. Filippa de Lancastro foi filha do duque de Lancastro João de Gante. Casou com elrei D. João I de Portugal a 2 de Fevereiro de 1387. Edificou a igreja de S. Francisco de Leiria, e fez muitas obras pias e acções de caridade, por ser uma senhora de grande virtude. Morreo no lugar de Sacavem aos 18 de Julho de 1415, para onde tinha ido por causa da peste, e d'alli foi conduzida para Odivellas, onde se fizeram as exequias, e depois se transferiu para o convento da Batalha, onde agora jaz. É fama, que na hora do seu transito a consolara Maria Santissima com a incomparavel graça da sua vista, cujo favor parece que se faz provavel, porque d'alli a um anno foi achado seu corpo incorrupto, e cheirozo. (4)

Dona Leonor era filha delrei D. Fernando I de Aragão. Casou com elrei D. Duarte a 22 de Setembro de 1428. Deixou-a elrei seu marido por tutora e governadora do reino na minoridade delrei D. Affonso seu filho, o que não consentindo os infantes seus cunhados, houveram discordias grandes entre elles, e a rainha até que ultimamente largou o governo ao infante D. Pedro, e se foi para Castella, onde morreu em

(1) Monarq. Lusit liv. 10. cap. 6. (2) Duart. Nun. Chronic. d'el-rei D. Pedro, Mariz Dialog. 3. cap. 3. Caram. Philipp. Prud. p. 138. Barbos. no Catalog. das Rainh. e Sousa tambem allegado na Histor. Geneal. tom. 1. (3) Monarq. Lusit. tom. 8. p. 147. Vejão-se tambem as razões, que allegou o Doutor João das Regras, e se acham na 8. part. da Monarq. Lusit. pag. 850. (4) Sous. Histor. de S. Domng part 2. liv. 6. cap. 25. Barbos. no Catal. das Rainhas

Toledo a 18 de Fevereiro de 1445, sendo depois seu corpo conduzido para o convento da Batalha, onde jaz. (1)

D. Isabel foi filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino. Casou com elrei D. Affonso V em 6 de Maio de 1448, sendo que o insigne genealogico D. Antonio Caetano de Souza diz, que fôra no anno antecedente, e o prova com escritura authentica. Mandou edificar um convento para os conegos seculares de S. João Evangelista, e é o que se vê hoje no sitio de Xabregas. Morreu finalmente em 2 de Dezembro de 1445 na cidade de Evora, e jaz no convento da Batalha. (2)

Bem se pudera unir a este catalogo a pouco venturosa rainha D. Joanna, filha d'elrei D. Henrique IV de Castella, de quem foi jurada herdeira, e casou em Maio de 1475 com elrei D. Affonso V, mas como este matrimonio não se consumou, porque lhe embaraçaram a dispensa de parentesco a rainha de Aragão, e elrei D. Fernando o Catholico seu marido, por isso é infelizmente exclusa da ordem das rainhas de Portugal, sem embargo de que conservou até á morte estado de rainha, e lhe chamavam excellente senhora. Morreo em Lisboa nos paços do Castello no anno de 1530. Jaz no mosteiro de Santa Clara. (3)

Dona Leonor filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, casou com elrei D. João II a 22 de Janeiro de 1470. Foi princeza adornada de singular formosura, e virtudes admiraveis. Governou o reino em tempo, que elrei D. Manoel seu irmão esteve em Castella. Fundou o mosteiro da Madre de Deus de Lisboa, e o adornou de preciosas reliquias, e de uma estimavel imagem. Tambem edificou o mosteiro da Annunciada no primeiro sitio, que teve junto ao castello, e o Hospital das Caldas no termo de Obidos, chamadas por seu respeito da rainha. Instituio a Irmandade da Misericordia de Lisboa, donde emanaram todas as mais de Hespanha. Estabeleceu cinco Mercearias na Igreja de Santa Maria de Obidos, e outras tantas em Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras. Falleceu em Lisboa a 17 de Novembro de 1525, deixando de si, e de suas virtuosissimas acções saudosas e eternas memorias, que entre as princezas portuguezas é recommendavel por singular. Está sepultada no claustro do mosteiro da Madre de Deus á porta do refeitorio em sepultura raza. (4)

D. Isabel, filha dos reis catholicos D. Fernando e D. Isabel, casou primeiramente com o principe D. Affonso, filho d'el-rei D. João II de Portugal, aquelle, que depois de estar casado com esta senhora não mais que seis mezes acabou lastimosamente a vida junto a Santarem. Como do principe lhe não ficaram filhos, tornou a casar com el-rei D. Manoel em Outubro de 1497, e passando a Castella, foi jurada princeza her-

(1) Damião de Goes, Chron. do Princip. D. João cap. 17. Agiolog. Lusit. tom. 3.
(2) Barbos. no Catalog. das Rainh. Sous. Hist. Geneal. tom. 3. p. 64. Chronic. dos Padres Loyos liv. 2. cap. 26. (3) Sous. Hist. Geneal. tom. 3. p. 67. Histor. Seraf. part. 3. liv. 3 cap. 16. n. 528. (4) Sous. Histor. Geneal. tom. 3. pag. 139. Goes Chron. d'el-rei D. Manoel part. 1. cap. 26. p. 282. Santuar. Marian. tom. 2. p. 329. e tom. 7. p. 219. Duart. Num. scripc. de Port. cap. 77.

deira d'aquelle reino juntamente com el-rei seu marido, e indo a Aragão para serem tambem jurados alli, morreu em Çaragoça de parto do principe D. Miguel aos 24 d'Agosto de 1498. Jaz no coro das religiosas de Santa Isabel a real de Toledo. (1)

D. Maria era filha dos mesmos reis catholicos, e foi a segunda mulher d'el-rei D. Manoel seu cunhado, com quem casou em 30 de Outubro de 1500. Foi senhora de notavel governo. Fundou nas Berlengas o convento dos monges de S. Jeronymo, que depois se mudaram para Val bem feito. Morreu em Lisboa a 7 de Março de 1517. Está sepultada no convento de Belem. (2)

D. Leonor, III mulher d'el-rei D. Manoel, filha d'el-rei Filippe I de Castella, casou em 24 de Novembro de 1518. Foi senhora muito formosa. Deu principio ao mosteiro de Nossa Senhora d'Assumpção de Faro das religiosas de Santa Clara. Por morte d'el-rei D. Manoel voltou para Castella, e passou a segundas vodas com el-rei Francisco I de França. Faleceu em Talavera junto a Badajoz em 18 de Fevereiro de 1558. Jaz no Pantheon do Escurial. (3)

D. Catharina filha d'el-rei D. Filippe I. de Castella, casou com el-rei D. João III em 5 de Fevereiro de 1525. Foi senhora de muita bondade, zelosa do augmento da religião, e adornada de uma singular prudencia. Governou felizmente o reino por morte de seu marido na menoridade d'el-rei D. Sebastião seu neto. Teve uma natural perspicacia na boa eleição dos ministros. Fundou o convento de Val bem feito de monges Jeronymos, e o mosteiro de freiras de S. Francisco na cidade de Faro, e a parochial igreja de Santa Catharina de Lisboa. Instituiu no convento de S. Domingos da mesma cidade uma cadeira de moral com renda para trinta clerigos assistirem ás lições, que ainda hoje se pratica no mesmo convento. Dotou o collegio dos meninos orfãos. Estabeleceu no convento de Belem vinte mercearias, para cavalleiros pobres que tivessem servido em Africa, ou nas conquistas, e quatro na capella do Santo Christo em Cintra. Alcançou de Roma a instituição do tribunal do Santo Officio em Goa. Falleceu a 12 de Fevereiro de 1578 na cidade de Lisboa, e jaz no real mosteiro de Belem. (4)

D. Anna de Austria, filha do imperador Maximiliano II foi a quarta mulher de Filippe II, com quem casou a 12 de Novembro de 1570, sendo sua sobrinha. Foi fecunda, e virtuosa. Morreu em Badajoz a 26 de Outubro de 1580, e jaz no Escurial. (5)

D. Margarida de Austria, filha de Carlos, Archiduque de Austria, casou com Filippe III. em 18 de Abrilde 1599. Morreu no Escurial a 3 de Outubro de 1611, e jaz sepultada no Pantheon do mesmo Escurial. (6)

(1) Damião do Goes na Chronic d'elrei D. Man. p. 1. liv. 46. Barbos. no Catalog. p. 383. (2) Idem, ibid. (3) Barbos. nos Fastos da Lusit. a 25 de Fevereiro p. 664.
(3) Barbos. no Catalog. das rainha. p. 404. e o doutor Ignacio Barbosa seu irmão nos Fast. da Lusit. a 12 de Fevereiro p. 511. Sous. Histor. Genealog. tom. III. p. 525.
(5) Barbos. allegad. Les Delices de l'Espagne tom. 2. p. 285. (6) Ibid.

D. Isabel de Borbon, filha de Henrique IV, rei de França, foi a primeira mulher de Filippe IV com quem casou no anno de 1615, e morreu a 6 de Outubro de 1664. Jaz no Escurial. (1)

D. Luiza Francisca de Gusmão, filha de D. João Manoel Peres de Gusmão, oitavo duque de Medina Sidonia, casou com o serenissimo senhor D. João, oitavo duque de Bragança, e depois rei de Portugal em 12 de Janeiro de 1663. Foi princeza de espirito altivo, e de admiraveis virtudes. A restauração de Portugal esteve pendente da sua industria, e magnanima resolução, com que soube persuadir tão grande empreza do duque seu marido. Este fiou sempre d'ella os negocios mais arduos do reino, e ella o governou depois da morte d'el-rei na minoridade de D. Affonso VI, seu filho, em cujo tempo fez resplandecer no throno todas as grandes qualidades de um soberano. Introduziu n'este reino a Ordem da descalcez de Santo Agostinho, e fundou dois conventos no Valle de Xabregas para os religiosos, e religiosas d'esta Ordem. Tambem fundou o convento dos religiosos dominicanos Irlandezes ao Corpo Santo, e o dos Carmelitas descalços aos Torneiros. Excitada de maiores pensamentos se recolheu ao mosteiro das religiosas descalças de Santo Agostinho, que havia fundado no sitio do Grilo, onde totalmente se esqueceu de que tivesse reinado, e a 27 de Fevereiro de 1666 faleceu, deixando de suas virtudes eterna memoria, e jaz sepultada no mosteiro do Grilo. (2)

D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Carlos Amadeu de Saboya, duque de Neamurs, casou primeiramente com el-rei D. Affonso VI de Portugal em 27 de Junho de 1666; porém, como este matrimonio foi julgado por nullo, tornou esta princeza a casar segunda vez, e se recebeu com seu cunhado o principe regente, que depois foi rei D. Pedro II, precedendo para isto dispensa do Pontifice, e se celebraram estas segundas vodas, em 2 de Abril de 1668. Foi esta senhora de estremada formosura, e dotada de muita prudencia, e por isso conservou com seu marido um amor mui reciproco. Mandou fazer a capella de S. Francisco de Salles na igreja dos Padres do Oratorio de Lisboa, e no noviciado da Cotovia dos Padres da Companhia mandou edificar a capella da Conceição. Fundou o mosteiro das religiosas Capuchinhas francezas do Santo Crucifixo em Lisboa. Morreu a 27 de Dezembro de 1683, na quinta do conde de Sarzedas em Palhavã, e jaz no coro das religiosas do mosteiro, que edificou. (3)

D. Maria Sofia Isabel de Neoburg, filha do eleitor palatino do Rhim Filippe Vilhelmo, foi a segunda mulher d'el-rei D. Pedro II, com quem se recebeu em 11 de Agosto de 1687. Foi princeza muito benigna, e caritativa, em cujos actos se exercitava continuamente. Veneron muito

1. Ibid. (2) Os irmãos Barbos. um no Catalog. das rainh. e outro nos Fast. da Lusit. tom. 1. p. 691. Sousa Histor. Geneal. tom. VII. p. 217. Catastrof. de Port. p. 133. Passarel. de Bell. Lusit. L'Abbe de Vertot. Histor. des Revolut. de Portug. pag. mihi 52. e 132. Santuar. Marian. tom. 7. p. 10. e 132. (3) Sous. Histor. Geneal. tom. 7. p. 725. e segg. Barbos. no Catalog. das rainh.

a religião da Companhia de Jesus, e foi mui devota de S. Francisco Xavier, em cujo obsequio mandou edificar um collegio para os seus padres, na cidade de Beja, ao qual dotou grandiosamente. Morreu no paço da corte real a 4 de Agosto de 1699, e está sepultada no convento de S. Vicente de Fóra. (1)

D. Maria Anna de Austria, filha do imperador Leopoldo I casou em 27 de Outubro de 1708 com el-rei D. João V. Era princeza mui affavel e por isso estimada de seus vassallos: mui devota, mui pia, e exercitada na cultura das principaes linguas da Europa. Quando el-rei seu esposo passou ao Alemtejo no anno 1716, ficou esta senhora com o governo do reino, em o qual mostrou a sua rara capacidade, prudencia, e justiça, virtudes, que praticou com a mesma incumbencia na molestia d'el-rei. Soube medir as suas acções, e distribuir o tempo com ordem inalteravel. Concorreu para se extinguirem os theatros profanos das comedias, e para exemplo de occupação mais segura visitava os templos com frequencia. Em signal da sua verdadeira piedade e religião fundou o convento dos Carmelitas descalços alemães em Lisboa, dedicado a S. João Nepomuceno, cuja nova igreja se benzeo a 6 de Maio de 1741. A todos estes habitos de tão grandes virtudes, que esta augusta heroina praticou com edificação, se ajuntam os repetidos actos de caridade, com que remediava generosa, e liberalmente os pobres. Parece que o exercicio d'estes pios, e santos impulsos era hereditario da augustissima casa d'Austria, a qual em toda a igreja catholica se singulariza em religiosa piedade, e em benigna clemencia, sem embargo que para a execução de tantas virtuosas perfeições, nunca a magestade d'esta perfeitissima princeza necessitou de estimulo, nem de exemplo. Em fim foram as suas virtudes, e attributos tantos, e taes, que excedendo a todos os elogios, mal poderão caber nas breves clausulas d'esta nossa humilde expressão. Falleceu no palacio de Belem aos 14 de Agosto de 1754, e foi seu corpo sepultado na igreja dos Carmelitas descalços alemães, que ella mandara edificar.

D. Maria Anna Victoria, filha d'el-rei catholico Filippe V, e da rainha D. Isabel Farnese, casou em 19 de Janeiro de 1729 com el-rei fidelissimo D. José I. È princeza dotada de uma natural vivacidade, a qual se nos bosques faz admirar as ninfas, e as deusas com os seus tiros, è igualmente fervorosa nos seus retiros, e cheia de grande devoção, e piedade. O primoroso templo de S. Francisco de Paula é um grande testemunho da sua grandeza; nem a sua inviolavel soberania necessita de ser elogiada, para ser immortal.

(1) Idem ibid.

N.	NOME	NAÇÃO	ANN. EM QUE CASOU	MARIDO	SOLTEIRA	ANN. EM QUE MORREU	LUGAR DA MORTE	LUGAR DA SEPULTURA
1	D. Teresa	Castelhana	1093	D. Henrique	4	1130	. . . . .	Sé de Braga
2	D. Mafalda	Saboyana	1146	D. Affonso I	7	1157	Coimbra	St. Cruz de Coimbra
3	D. Dulce	Aragoneza	1175	D. Sancho I	11	1198	Coimbra	St. Cruz de Coimbra
4	D. Urraca	Castelhana	1201	D. Affonso II	4	1220	Coimbra	Alcobaça
5	D. Brites	Castelhana	1253	D. Affonso III	7	1303	. . . . .	Alcobaça
6	Santa Isabel	Aragoneza	1282	D. Diniz	2	1336	Estremoz	St. Clara de Coimbra
7	D. Brites	Castelhana	1309	D. Affonso IV	7	1359	Lisboa	Sé de Lisboa
8	D. Constança	Castelhana	1340	D. Pedro I	3	1345	Santarem	S. Franc. de Santar.
9	D. Ignez	Castelhana	1354	D. Pedro I	4	1355	Coimbra	Alcobaça
10	D. Leonor	Portugueza	1371	D. Fernando	3	1386	Tordesilh.	Valhadolid
11	D. Filippa	Ingleza	1387	D. João I	8	1415	Odivelas	Batalha
12	D. Leonor	Aragoneza	1428	D. Duarte	9	1445	Toledo	Batalha
13	D. Isabel	Portugueza	1448	D. Affonso V	3	1455	Evora	Batalha
14	D. Leonor	Portugueza	1470	D. João II	1	1525	Lisboa	Madre de Deos
15	D. Isabel	Castelhana	1497	D. Manoel	1	1598	Çaragoça	St. Isabel de Toledo
16	D. Maria	Castelhana	1500	D. Manoel	10	1517	Lisboa	Belem
17	D. Leonor	Flamenga	1518	D. Manoel	2	1558	Badajoz	Escurial
18	D. Catharina	Castelhana	1525	D. João III	9	1578	Lisboa	Belem
19	D. Anna	Castelhana	1570	D. Filippe II	3	1580	Badajoz	Escurial
20	D. Margarida	Alemã	1599	D. Filippe III	7	1611	Escurial	Escurial
21	D. Isabel	Franceza	1615	D. Filippe IV	7	1664	Madrid	Escurial
22	D. Luiza	Castelhana	1633	D. João IV	7	1666	Lisboa	Grilo
23	D. Maria Franc.	Franceza	1668	D. Pedro II	1	1683	Palhavã	Francezinhas
24	D. Maria Sofia	Alemã	1687	D. Pedro II	7	1699	Lisboa	S. Vicente de Fóra
25	D. Maria Anna	Alemã	1708	D. João V	6	1754	Lisboa	S. João Nepomuceno
26	D. Maria Anna	Castelhana	1729	D. Joseph I	4			

CAPITULO VIII

Dos filhos legitimos, e illegitimos dos soberanos reis de Portugal

N'este reino assim como a successão dos serenissimos reis se introduziu por via de morgado, conforme o uso de Castella, tambem o portentoso heróe D. Affonso Henriques depois de acclamado rei deu o mesmo regio titulo a seus filhos, (1) e se costumou até el-rei D. Affonso II que a todos chamou infantes, o qual titulo nos primogenitos igualmente com seus irmãos durou até o tempo d'el-rei D. Duarte, que á imitação dos reis de Inglaterra ordenou que seu filho D. Affonso V fosse chamado principe, e foi o primeiro que em Portugal começou a intitular-se assim. (2) O mesmo tratamento de princeza tinha tambem a filha d'el-rei, que nascia primeiro, em quanto não havia filho varão. Os outros filhos se chamavam infantes; porèm os filhos d'estes tinham só o tratamento de senhores. Isto supposto, daremos uma breve noticia de todos os filhos, que os senhores reis de Portugal tiveram.

Filhos do conde D. Henrique

El-rei D. Affonso Henriques, de quem já dissemos no capitulo VI.

A infanta D. Sancha Henriques casou com Fernão Mendes de Bragança, chamado o Bravo, fidalgo aventureiro, que se achou na batalha do Campo de Ourique. Era senhor de Bragança, e não teve filhos. (3)

A infanta D. Urraca nasceu em Guimarães, antes que seu irmão D. Affonso Henriques. Casou com D. Bermudo Paes de Trava, conde de Trastamara, de que nasceram duas filhas, de uma das quaes procedem os viscondes de Villa nova da Cerveira, e outras familias illustres. (4)

A infanta D. Thereza casou com D. Sancho Nunes de Barbosa, descendente do conde D. Nuno de Cella-Nova, como diz Brandão liv. 10. cap. 20.

Teve mais outros dois filhos, de que não se sabe o nome, e morreram de pouca idade.

Fóra do matrimonio teve de uma mulher nobre a D. Pedro Affonso, valerosissimo capitão, como o den a conhecer em varias batalhas, em que se achou com seu irmão D. Affonso Henriques. Em França, onde el-rei o mandou como embaixador, teve grande estimação, e com a amizade, que lá teve com S. Bernardo, voltando a Portugal, e dando noticia a seu irmão do Santo, foi causa principal, para que el-rei fun-

(1) Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 10. (2) Estaço nas antiguid. de Portug. cap. 12. n. 9. Duart. Nun. Descripç. de Port. cap. 89. Alvar. Ferr. de Vera Orig. da Nobr. cap. 6. Monarq. Lusit. liv. 8 cap. 12. (3) Monarq. Lusitan. liv. 9. cap. 23. (4) Idem liv. 8. cap. 27. Sousa Histor. Genealol. tom. 1. pag. 40.

dasse o insigne convento de Alcobaça, no qual D. Pedro se recolheu, assistindo-lhe el-rei com toda a corte no dia, que tomou o habito. Morreu mais honradamente ainda do que tinha vivido, por que deixou de ser principe para ser santo. Nunca se quiz ordenar de Missa, julgando-se indigno de exercicio tão soberano. Falleceu a 9 de Maio de 1169. Jaz em Alcobaça ao pé do altar mór da parte do Evangelho. (1)

Filhos d'el-rei D. Affonso Henriques

O infante D. Affonso Henrique, filho primogenito, nasceu a 5 de Março de 1147, e faleceu de poucos annos.

El-rei D. Sancho, que lhe succedeu na corôa.

O infante D. João. D'este não consta mais que morrera a 25 de Agosto. (2)

A infanta D. Urraca nasceu no anno de 1148. Casou no anno de 1160 com D. Fernando II rei de Leão; mas por causa do parentesco o Papa fez dissolver este matrimonio no anno de 1171. Manoel de Faria diz, que ácerca d'este divorcio se fizera um concilio em Salamanca. Morreu a 16 de Outubro. (3)

A infanta D. Mafalda. No anno de 1160 esteve contratada para casar com D. Affonso II de Aragão; mas nunca saliu de Portugal, nem o casamento se ajustou, por fallecer esta infanta pouco depois de tal contracto. (4)

A infanta D. Thereza, a quem os flamengos chamam Mathilde, casou com Filippe I de Alsacia, conde de Flandres, em Agosto de 1184, o qual morrendo no sitio de Acre no anno de 1191, ficou a infanta governando aquelles seus estados com muita prudencia. Depois passou a segundo matrimonio, e o celebrou com Eudo III, duque de Borgonha no anno de 1194; mas foram separados por causa de parentesco no anno seguinte, e a infanta passados alguns annos morreu desastradamente afogada em uma lagôa a 6 de Maio de 1218. Jaz no convento do Claraval em Borgonha. (5)

A infanta D. Sancha. Não consta mais que morreu a 14 de Fevereiro.

Fóra do legitimo matrimonio teve a Fernando Affonso, alferes mór do reino, e a D. Affonso, mestre da insigne Ordem de Rhodes. Foi muito valeroso; e renunciando a dignidade, passou a Portugal, onde morreu, e jaz sepultado na igreja de S. João da villa de Santarem. (6)

D. Thereza Affonso. Não consente o doutor Brandão (7) que el-rei

1. Caram. Philip. Prud. lib. 1. p. 14. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 33. e liv. 11. cap. 1. Sousa Histor. Genealog tom. 1. pag. 40. e segg. (2) Monarquia liv. 10. cap. 19. Vide Fastos da Lusit. tom. 1. pag. 189. (3) Faria no Epitom. part. 3. cap. 2 (4) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 12. Duarte Nun. Chronic. del Rei D. Affons. Henriq. Sousa Histor. Gencal. tom. 1 pag. 61. (5) Barbos. no Catalog. das rainhas. (6) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 11. Sousa Histor. Genealog. tom. 1 pag. 61. (7) Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 20.

D. Affonso Henriques tivesse esta filha, porque não vira memoria d'ella em escripturas authenticas; porém D. Antonio Caetano de Sousa diz, que a houvera el-rei em Elvira Gualter. (1)

Teve mais a D. Urraca Affonso, que casou com D. Pedro Affonso Viegas, neto de D. Egas Moniz.

Filhos d'el-rei D. Sancho I

A infanta D. Constança nasceu em Maio de 1182, e morreu a 3 de Agosto de 1202.

A infanta Beata Thereza. Estando casada com el-rei D. Affonso IX de Leão, e já com tres filhos, foi separada pelo Papa Celestino III no anno de 1195 por causa do parentesco, e casar sem preceder dispensa. Voltou para Portugal, e restaurando o mosteiro de Lorvão, collocando n'elle freiras da Ordem de Cister, professou o mesmo instituto, e n'elle morreu santamente a 17 de Junho de 1250. Passados trezentos annos, foi achado seu corpo incorrupto, por cujo motivo, e pelos milagres, que obrava o Papa Clemente XI lhe confirmou o culto de beata por Bulla de 23 de Dezembro de 1705, e no anno de 1724 approvou, e concedeu o Officio Proprio para todo o reino de Portugal. Jaz seu veneravel corpo na capella mór de igreja de Lorvão. (2)

A infanta Beata Sancha foi senhora de Alemquer, onde fundou um convento da Ordem de S. Francisco em vida do mesmo Santo, e foi o primeiro d'esta Ordem, que houve em Portugal. Tambem fundou a igreja da Redonda na mesma villa, e o mosteiro de Cellas em Coimbra, onde fez vida Monacal, e morreu a 13 de Março de 1229, e n'este mosteiro é venerada pelos fieis, e resplandece em milagres, tributando-lhe os fieis os mesmos cultos, que a sua gloriosa irmã a Beata Thereza. (3)

O infante D. Affonso, que lhe succedeu no throno.

O infante D. Pedro nasceu a 23 de Março de 1187. Por desavenças, que teve com seu irmão el-rei D. Affonso, sahiu do reino, e foi militar nos exercitos d'el-rei de Leão. Depois se passou para a corte d'el-rei de Marrocos, e serviu nas tropas do imperador Miramolim, e de lá fez transito para Aragão, onde casou no anno de 1228, com Aurembiaux, condessa de Urgel, a qual morrendo sem lhe ficarem filhos, deixou a D. Pedro seu marido por herdeiro de seus Estados, que depois elle trocou com el-rei D. Jayme I pela ilha de Malhorca, que havia conquistado aos mouros; e não tendo D. Pedro armas para a defender d'elles, lh'a restituiu, e houve d'elle a cidade de Segorbe, Morelha, e outras praças. Ajudou tambem este infante a Guilherme de Mongrio, prelado

(1) Sousa Histor. Geneal. tom. i. pag. 63. (2) Barbos. no Catalog. das rainh. p. 126. Cardos. Agiolog. Lusit. tom iii. a 17 de Junh. Sousa Histor. Genealog. tom. i. pag. 109. (3) Barbos. no Catalog. das rainh e Sousa allegad. na Histor. Geneal. tom. i.

de Tarragona, a ganhar a ilha de Iviça, que possuiam os mouros no anno de 1230. Finalmente faleceu a 2 de Junho do anno de 1258, deixando dois filhos bastardos, D. Rodrigo insigne em lettras, e D. Fernando. (1)

O infante D. Fernando nasceu a 24 de Março de 1188. Foi principe de altos pensamentos. No anno de 1211 casou com a princeza Joanna, filha do imperador Balduino de Constantinopla, e herdeira dos estados de Flandres. Deu grandes mostras do seu valor na batalha de Bovinas, em que se achou militando por parte do imperador Othon IV. e João I rei de Inglaterra contra Filippe Augusto, rei de França; sendo o infante preso, o levaram para o castello de Louvre, onde esteve alguns annos. Depois de livre ajudou a rainha D. Branca de França contra D. Pedro, duque de Bretanha, e outros potentados, que embaraçavam áquella senhora a tutoria d'el-rei S. Luiz seu filho. Morreu em fim na cidade de Noyon a 26 de Julho de 1233, e está sepultado na abbadia de Market junto a Lila. (2)

O infante D. Henrique nasceu no anno de 1189, e morreu a 8 de Dezembro, e não ha d'elle mais memoria. (3)

O infante D. Raymundo faleceu a 9 de Março.

A infanta D. Mafalda casou com Henrique I de Castella no anno de 1215; porém sendo este casamento julgado nullo, por serem parentes em gráu prohibido, foram separados; e voltando a infanta para Portugal, se recolheu ao mosteiro de Arouca de freiras benedictinas, que ella reformou com as da Ordem de Cister; e aqui tomando o habito viveu em continuo exercicio de virtudes, e morreu com opinião de Santa no 1.º de Maio de 1256. Jaz no mosteiro de Arouca. (4)

A infanta D. Branca foi senhora da cidade de Guadalaxara em Castella; mas não se sabe porque titulo lhe veio aquelle dominio. Foi muito devota da religião dos prégadores, e por isso lhe fundou em Coimbra o convento de S. Domingos o velho no Arnado, de que por causa das enchentes do Mondego não ha vestigios, só sim do campanario, como ainda havia no tempo do author da Benedictina Luzitana. Morreu aos 17 de Novembro de 1240. Jaz em Santa Cruz de Coimbra. (5)

A infanta D. Berenguella, ou Berengaria casou no anno de 1213 com el-rei Valdemaro II de Dinamarca, a quem chamaram o Victorioso de que teve tres filhos, e uma filha. Morreu no primeiro de Abril de 1220. (6)

Fóra do matrimonio teve os seguintes filhos. D. Martim Sanches, que nasceu de uma fidalga chamada D. Maria Annes, ou Ayres de Tor-

(1) Barbos. no Catalog. das rainh. p. 127. Sousa Histor. Geneal. tom. 1. p. 100.
(2) Ibid. p. 103. Monarq. Lusit. liv. 13. cap. 35. p. 232 (3) Barbos. allegad. p. 127. (4) Monarq. Lusit. tom. iv. liv. 12. cap. 21. Sous. Histor. Geneal tom. 1. liv. 1. cap. 9. Caram. Philipp. Prud. lib. 1. pag. 19. (5) Barbos. Catal. das rainh. p. 127. Monarq. Lusitan. tom. 4. liv. 12. cap. 21. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. cap. 9. Benedict. Lusitan. tom. 2. p. 318. Garibay. tom. 4. liv. 4. c. 13. (6) Barbos. no Catal. das rainhas p. 134. Sous. Histor Geneal. tom. 1. p. 125.

nellos. Por differenças que teve com seu irmão el-rei D. Affonso II se passou a Castella, e el-rei D. Affonso de Leão seu cunhado lhe fez grandes mercês e honras. Lá casou com D. Ello, ou Olaya, filha do conde D. Pedro Fernandes de Castro, e não teve descendencia. Jaz em Cosinos terra de Campos. (1)

D. Urraca Sanches, irmã do antecedente foi senhora muito virtuosa. Casou com o neto D. Egas Moniz, e a infanta D. Mafalda a nomeou sua testamenteira.

Teve mais el-rei D. Sancho de outra fidalga chamada D. Maria Paes da Ribeira a D. Rodrigo Sanches, do qual consta que morrera valerosamente em 7 de Junho de 1245 em uma contenda, que tivera com D. Martim Gil de Soverosa sobre reciprocas dependencias; e vindo mortalmente ferido, espirou á porta do convento de Grijó de conegos regrantes, onde pozeram uma cruz de pedra para memoria. (2)

D. Gil Sanches. Dizem uns sómente que não casára: outros accrescentam que fôra clerigo, e que morrera a 14 de Setembro de 1236. (3)

D. Nuno Sanches morreu de tenra idade.

D. Mayor Sanches tambem morrera menina.

D. Constança Sanches. Ha tradição que vivera no mosteiro das donas de Santa Cruz, que estava junto ao proprio convento dos religiosos e que possuira grandes rendas, as quaes soube distribuir com piedade, e grandeza. Dizem que lhe appareceram os gloriosos S. Francisco, e Santo Antonio, e que morrera com opinião de santa a 8 de Agosto de 1269. Seu corpo foi achado inteiro, e incorrupto em tempo d'el-rei D. Manoel. Jaz em Santa Cruz de Coimbra. (4)

D. Thereza Sanches foi a segunda mulher de D. Affonso Telles de Menezes, Rico Homem, e senhor de Albuquerque, e outras muitas terras. D'este fecundo consorcio procedem algumas casas illustres de Portugal, como a dos Menezes, Cantanhede, Tarouca, e outras. (5)

Filhos d'el-rei D. Affonso II

O infante D. Sancho successor.

O infante D. Affonso nasceu a 5 de maio de 1210, e succedeu a seu irmão, entrando a governar ainda em vida d'elle.

A infanta D. Leonor nasceu no anno de 1211, e casou no de 1229 com Valdemaro III rei de Dinamarca, e não de Dacia, como diz eruditamente D. Antonio Caetano de Sousa emendando a Brandão, e outros escriptores. Morreu de parto a 13 de maio de 1231, e não deixou suc-

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 89. Benedictin. Lusit. tom. 2. p. 318. Mariz Dial. 2. p. 93. Monarq. Lusit. liv 13. cap. 6. (2) Monarq Lusitan liv. 14. cap. 24. Corograf. Port. tom. 2. p. 171. (3) Monarq. Lusitan. liv. 12. cap. 21. Sous. Histor. Genealog. tom. 1. 91. (4) Monarq. Lusitan. liv. 13. cap. 35. Barbos. no Catalog. das Rainh. p. 129. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 92. (5) Monarq. Lusit. liv. 12. cap. 21

cessão alguma, como bem mostra D. Joseph Barbosa contra o bispo Caramuel. Está sepultada esta infanta em Ringstad. (1)

O infante D. Fernando, a quem chamaram o infante de Serpa, por que foi senhor d'esta villa. Passou a Castella, e lá militou contra os mouros valerosamente, por cujas acções el rei D. Fernando o *Santo* o casou no anno de 1241 com a senhora de Balvas D. Sancha Fernandes de Lara, filha do conde de Lara. Não consta de certo quando morreu, nem onde está enterrado. (2)

Fóra do matrimonio teve o sobredito rei a D. João Affonso, do qual não ha mais memoria, que a que se infere da inscripção de uma sepultura collocada no mosteiro de Alcobaça á porta do Capitulo da parte de fóra, da banda esquerda, por onde consta que morrera no anno de 1234. (3)

Filhos d'elrei D. Affonso III

A infanta D. Branca nasceu a 28 de Fevereiro de 1259 na villa de Guimarães. Foi senhora de Montemór o velho, de Campo maior, e de outras terras, e foi abbadeça do mosteiro de Lorvão, onde procedia com tanto exemplo, que lhe deram em Burgos o governo do mosteiro das Huelgas, de cujo dominio, e obediencia pendiam doze mosteiros. Não se sabe quando morreu. (4).

O infante D. Fernando não se sabe quando nasceu. Morreu ainda menino no anno de 1262, e jaz em Alcobaça.

O infante D. Diniz, que succedeu na coroa.

O infante D. Affonso nasceu a 8 de Fevereiro de 1263. Foi senhor de Portalegre, Castello de Vide, Marvão, Arronches, e outras terras. Por dezavenças, que teve com seu irmão el-rei D. Diniz, passou-se a Castella, e lá seguiu a corte, casando com a infanta D. Violante Manoel, filha do infante D. Manoel, senhor de Escalona, e filho do Santo D. Fernando III rei de Castella. Morreu em Lisboa a 2 de Novembro de 1312. Jaz em S. Domingos, collocado em um tumulo na parede por cima da porta, que hia do cruzeiro para a sacristia. (5)

A infanta D. Sancha nasceu a 2 de Fevereiro de 1264. Perfilhou-a sua tia D. Constança Sanches, e lhe largou muitas terras, que possuia. Tendo não mais que cinco annos, foi com a rainha sua mãi a Castella, e estando em Sevilha morreu no anno de 1302. Jaz em Alcobaça. (6)

A infanta D. Maria nasceu a 21 de Novembro de 1265. Viveu religiosa no mosteiro das Donas de Santa Cruz de Coimbra, e aqui mor-

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. 1 p. 144. Barbos na Catal. das Rainh. p. 247. et seq. (2) Monarq. Lusit. liv 14. cap. 20. Sous allegad. tom. 1 p. 141. (3) Monarq. allegad. (4) Barbos. Cathalog. das Rainh. p. 257. (5) Sous. Histor. Genealog. tom. 1. p. 185. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 31. e liv. 6. p. 178. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 62.
(6) Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 176. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 18.

reu com opinião de santidade a 6 de Junho de 1304. Jaz em Santa Cruz de Coimbra. (1)

O infante D. Vicente nasceu a 22 de Janeiro de 1268. Morreu em Lisboa, e jaz em Alcobaça. (2)

Além d'estes filhos teve fóra do matrimonio os seguintes: D. Diniz, que nasceu de Maria Peres de Enxara, e casou com D. Maria Ribeira, donde procedem os Sousas da caza de Arronches. (3)

D. Martim Affonso Chichorro. O chronista fr. Antonio Brandão, diz que a mãi d'este senhor fora uma filha do alcaide, ou governador de Faro, muito formosa, de quem nosso rei D. Affonso se namorára; e que casando D. Martim na caza dos Sousas, foi progenitor dos Sousas da familia dos marquezes das Minas; porém não assegura esta origem com certeza. (4)

D. Fernando Affonso. Foi cavalleiro templario, e filho de D. Chamoa Gomes, filha do conde D. Gomes Nunes. Os Freires de Veles o mataram em Evora, e jaz sepultado na igreja de S. Braz de Lisboa. (5)

D. Gil Affonso. Foi tambem cavalleiro templario, e Ballio da igreja de S. Braz de Lisboa, onde está sepultado.

D. Rodrigo Affonso. Parece que fr. Antonio Brandão dá a entender, que el-rei D. Affonso tivera dois filhos com este mesmo nome. Vejam-se os lugares citados. (6).

D. Leonor Affonso. Foi esta senhora casada duas vezes; a primeira com D. Estevão Annes, filho de D. João Garcia de Sousa, chamado o Pinto. Por morte de D. Estevão tornou a casar com D. Gonçalo Garcia de Sousa, alferes mór d'el-rei D. Affonso, a quem tambem fez conde. De nenhum d'estes matrimonios teve filhos D. Leonor. (7)

D. Urraca Affonso. Casou com D. Pedro Annes, que governava a provincia de Tras-os montes. (8)

D. Leonor Affonso. Foi religiosa no mosteiro de Santa Clara de Santarem, e alli resplandeceu em grandes actos de virtude. (9)

D. Urraca Affonso. Viveu, e morreu no mosteiro de Lorvão em 4de Novembro de 1281. Jaz no mesmo convento em sepultura descuberta. (10)

O grande genealogico D. Antonio Caetano de Sousa numera mais outro filho d'el rei D. Affonso III, e diz que foi o infante D. Henrique Affonso, mas põe-no em duvida. O padre D. Luiz de Lima (11) entre os filhos bastardos d'el-rei assina tambem a D. Pedro Affonso, de que não achamos noticia em outra parte.

(1) Cardos. a 6 de Junh. (2) Monarq. Lusit. liv. 13. cap. 28. (3) Ibid. cap. 29. Sous. Histor. Genealog. tom. 1. p 177. Moreir. Theatr. Geneal. da Casa dos Sous. p. 319. diz que este D. Affonso Diniz não fôra bastardo. (4) Brand. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 29. Emprez. Militar. p. 13. Benedict. Lusit. part 2. p. 322. (5) Sous. Histor. Geneal. tom. p 177 Mall. Port. tom 1 liv. 2. cap. 6. n. 71. (6) Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 29. e no Prol. da part. 3. Veja se tambem a Leitão Ferr. nas Notic. Chronol. n. 71. (7) Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 29. e cap. 36 (8) Idem ibid. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 179 (9) Cornej. Chronic. da Ord. tom. 2. p. 61. Esperanç. Histor. Serafic. liv. 5. cap. 9. (10) Sous. Histor. Geneal. tom. p. 180. (11) Lima Geograf. Histor. tom. p. 210.

Filhos d'el-rei D. Diniz

A infanta D. Constança nasceu a 3 de Janeiro de 1290, e no de 1302 casou com D. Fernando IV rei de Castella, de que teve dois filhos, cuja descendencia se póde ver em D. Antonio Caetano de Sousa. Morreu a 18 de Novembro de 1313. (1)

O infante D. Affonso successor.

Teve mais fóra do matrimonio de differentes mulheres os seguintes filhos: D. Affonso Sanches nascido de D. Aldonça Rodrigues Telha. Foi muito querido de seu pai, o qual o fez seu mordomo mór, e senhor da villa do Conde, e outras muitas terras. Esta nimia affeição causou tal inveja a seu irmão D. Affonso, que o perseguiu fortemente depois que principiou a governar. Casou com D. Thereza Martins, filha do conde de Barcellos, e fundou com sua mulher o mosteiro de Santa Clara da Villa do Conde, dotando-o grandiosamente. Falecen no anno de 1329, e jaz sepultado no mesmo mosteiro com opinião de virtuoso. Ha tradição, que depois de morto apparecera com sua mulher ás religiosas do seu mosteiro, animando-as em uma occasião de guerra em Castella. (2) D'este matrimonio descendem por allianças muitas familias illustres d'este reino.

D. Pedro Affonso havido em D. Garcia Froyas, mulher de qualidade, natural de Torres Vedras. Foi o sobredito D. Pedro, conde de Barcellos, alferes mór do reino, mordomo mór da infanta D. Brites, e possuiu muitas terras, com cujo dominio, e rendas conservava uma casa magnifica. El-rei D. Diniz seu pai o estimava muito, e elle o merecia pelo seu valor, e lettras. Compoz o celebre nobiliario, em que descreve a origem de quasi todas as familias de Hespanha, e é estimavel, por não haver outro d'este genero mais antigo. Casou tres vezes, mas não teve descendencia. Morreu no anno de 1354, e jaz enterrado no convento de S. João de Taronca da Ordem de Cister. A estatura de seu corpo tinha de comprido onze palmos. (3)

D. Pedro Affonso. Este foi outro filho d'el-rei D. Diniz, e casou com D. Maria Mendes. Muitos se enganaram com este D. Pedro, fazendo-o author do famoso nobiliario, o que desfaz facilmente o insigne D. Antonio Caetano de Sousa. (4)

D. João Affonso. Foi legitimado a 13 de abril de 1317, e nascido de Maria Pires, mulher de qualidade. Foi mordomo mór da rainha Santa Isabel, e el-rei D. Affonso irmão d'este D. João o mandou degolar a 4 de Junho de 1325 (5)

D. Fernão Sanches. El-rei seu pai lhe fez muitas mercês. Casou com D. Froylhe Annes de Briteiros.

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 286. (2) Monarq. Lusit. tom. 6. p. 271. e tom. 5. p. 39. e 270. Agiol. Lusit no primeiro de Janeiro. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 237. (3) Idem ibid. p. 251. e seg. Rodrig. Mend. da Silv. Catal. Real. Monarq. Lusitan. liv. 18. cap. 48. (4) Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 289. (5) Idem ibid. p. 281.

D. Maria Affonso havida em D. Marinha Gomes, mulher nobre de Lisboa, e que fundou a igreja de Santa Marinha. Casou com D. João de Lacerda, de quem houve descendencia. (1)

D. Maria Affonso. Foi freira em Odivellas, e falleceu no anno de 1320 com opinião de virtuosa.

Filhos d'el-rei D. Affonso IV

A infanta D. Maria nasceu no anno de 1313, e no anno de 1328 casou com el-rei de Castella D. Affonso XI a quem soffreu muitas desattenções originadas dos illicitos amores, que elle havia contrahido com D. Leonor Nunes de Gusmão. Morto seu marido, voltou ella para Portugal, e em Evora faleceu a 18 de Janeiro, de 1357, porém seu corpo foi trasladado para a capella dos reis em Sevilha, aonde jaz junto d'el-rei seu marido. (2)

O infante D. Affonso nasceu no anno de 1315 na villa de Penella, e morreu menino na mesma villa. Jaz sepultado em S. Domingos de Santarem. (3)

O infante D. Diniz nasceu em Santarem a 12 de Janeiro de 1317, d'ahi a um anno morreu e jaz em Alcobaça.

O infante D. Pedro successor.

A infanta dona Isabel nasceu a 21 de Dezembro do anno de 1324, a d'ahi a dous annos morreu. Jaz no mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

O infante D. João nasceu a 23 de Setembro de 1326, e morreu a 21 de Junho de 1327. Está sepultado em Odivellas.

A infanta D. Leonor nasceu no anno de 1328, e no de 1347 casou com el-rei de Aragão D. Pedro IV. M orreu na villa de Exerica no ultimo de Outubro de 1348. (4)

Filhos d'el-rei D. Pedro I

A infanta D. Maria nasceu a 6 de] Abril de 1342 na cidade de Evora. Casou na mesma cidade a 3 de Fevereiro de 1354 com D. Fernando infante de Aragão, e passando-se para aquelle reino, logrou poucos annos a união de seu marido, pois no de 1363 o mandou matar aleivosamente el-rei D. Pedro de Aragão seu irmão. Voltou a infanta para Portugal, e vivendo na villa de Aveiro, alli faleceu, e descançam suas cinzas no mesmo mosteiro de Santa Clara de Coimbra. (5)

O infante D. Luiz não teve mais que oito dias de vida.

(1) Salazar Casa de Lara tom. 1. liv. 3. cap. 8. § 3. Torre do Tombo liv. 3 del Rei D. Diniz fol. 34. e fol. 36. (2) Garibay tom 2. liv. 14. cap. 5. e 6. Barbos. no Catal. das Rainh. p. 279. (3) Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 32. (4) Zurit. Annaes de Aragão tom. 2 liv. 8. cap. 13. 14. e 42. (5) Barbos. no Catal. das Rainh. p. 295. Leitão Ferreir. Notic. Chronol. num. 512. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 383. Carm. Philipp. Prudent. p 142. Far. no Com. de Cam. cant. 3. est. 101.

O infante D. Fernando successor.

De sua segunda mulher dona Ignez de Castro teve os seguintes filhos. O infante D. Affonso falleceu de tenra idade.

O infante D. João casou a primeira vez com dona Maria Telles de Menezes no anno de 1376, irmã de sua cunhada; porém induzido por esta, que era a rainha dona Leonor, matou injustamente sua mulher, por cujo crime, passando-se a Castella, el-rei D. Henrique II o fez conde de Valença, e lhe deu o senhorio de outras terras, e sua filha bastarda dona Constança com quem casou. Morto seu irmão el-rei D. Fernando, temendo-se el-rei D. João de Castella, que pretendia o reino de Portugal pela rainha dona Brites sua mulher, que levantassem os portuguezes por seu rei ao infante D. João, o mandou prender, e na prisão morreu. Jaz no convento de Santo Estevão de Salamanca. (1)

O infante Diniz. Por não querer beijar a mão a sua cunhada a rainha dona Leonor, sahiu de Portugal, e passou-se para Castella, onde elrei D. Henrique o casou com uma filha bastarda, chamada dona Joanna. Jaz no mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, em cuja sepultura se lê o titulo de rei de Portugal, pela pretenção, que tinha ao reino. (2)

A infanta dona Brites casou no anno de 1377 com D. Sancho, conde de Albuquerque, filho bastardo d'el-rei D. Affonso XI, de Castella, d'onde procede uma dilatada, e real descendencia. Está sepultada na Sé de Burgos. (3)

Fóra do matrimonio teve a D. João, mestre d'Aviz, havido em uma nobre senhora de Galiza, chamada dona Thereza Lourenço, e depois foi rei. (4)

Teve el-rei D. Pedro mais outra filha bastarda, a que não se sabe o nome, mas consta que se creára no mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

Filhos d'elrei D. Fernando

O infante D. Pedro, que morreu menino.

O infante D Affonso tambem morreu de pouca idade.

A infanta dona Brites nasceu em Coimbra no anno de 1372. Casou a 14 de Maio de 1383 na cidade de Badajoz com elrei D. João I de Castella, precedendo dispensa pontificia no gráu de parentesco, que havia entre os esposos, e celebrando-se esta funcção com grande pompa e magnificencia. Pouco durou esta união, porque morrendo elrei no anno de 1390, ficou a rainha dona Brites sem filhos, e dezamparada de parentes, e amigos em Portugal e Castella. Em Portugal, porque elrei D. João I seu tio havia tomado posse do reino, contrariando para maior

(1) Faria Epitom. part. 3. cap. 9. (2) Monarq. Lusitan. liv. 16. c. 1.
(3) Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 887. e seg. (4) A'cerca da verdadeira Mãi de D. João, Mestre de Aviz, veja-se Joseph Soares da Silva nas memorias delrei D. João I,e a B. Antonio Caetano de Sousa no tom. 2. da Historia Geneologica da casa real Portugueza.

força a sua legitimidade; e em Castella era mal acceita por causa das guerras, que então houve na pretenção de Portugal. Sem embargo d'esta afflição, em que se via, considerando-se na flor dos seus annos, e formosissima, sendo procurada para segundas vodas pelo duque de Austria, foi esta princeza tão virtuosa, e prudente, que mandou dizer aos embaixadores, que as mulheres como ella não casavam duas vezes: de cuja resposta ficaram admirados. Morreu emfim na villa de Madrigal. (1)

Fóra do matrimonio teve a dona Isabel, que nasceu no anno de 1364, e no anno de 1378 casou em Burgos com D. Affonso conde de Gijon, e Noronha, filho bastardo d'elrei D. Henrique II de Castella. D'este matrimonio procedem muitas familias illustres d'este nosso reino, os condes de Monsanto, marquezes de Cascaes, os condes de Valladares, os de Arcos, e de Villa Verde, os marquezes de Angeja, os de Marialva, os condes de Cantanhede, os senhores de Ilhavo, etc. Por morte de seu marido voltou esta senhora para Portugal, onde seu tio elrei D. João I lhe fez muitas mercês. (2)

Filhos d'elrei D. João I

A infanta D. Branca nasceu em Lisboa a 13 de Julho de 1388, e morreu no de 1389. Jaz na Basilica de Santa Maria antiga metropolitana de Lisboa, junto d'elrei D. Affonso IV seu visavô.

O infante D. Affonso nasceu em Santarem a 30 de Julho de 1390. Foi jurado successor do reino. Viveu 10 annos, porque faleceu a 22 de dezembro de 1400. Jaz na Cathedral de Braga em um tumulo de bronze dourado, que lhe mandou de Borgonha a infanta D. Isabel sua irmã. (3)

O infante D. Duarte successor.

O infante D. Pedro nasceu em Lisboa a 9 de Dezembro de 1392. Foi duque de Coimbra, e senhor de Montemór o Velho, e outras terras do infantado. Casou com D. Isabel de Aragão, filha do conde de Urgel D. Jaime II no anno de 1429. Foi este principe illustre na paz, e na guerra. No anno de 1424 saiu de Portugal, e fazendo uma larga peregrinação na companhia de alguns fidalgos, viu as côrtes dos principaes soberanos da Europa, Africa, e Asia. Na do imperador Sigismundo se demorou mais tempo, a quem ajudou na guerra contra os turcos. Não foi só excellente na disciplina militar, porque tambem cultivou o seu engenho com as letras divinas, e humanas, e foi perito nas linguas estrangeiras, e versado nas artes liberaes. Ficou por tutor delrei D. Affonso

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. 1. p. 431. Monarq. Lusitan. tom. 8. p. 651. Duart. Nun. Descr. de Port. p. 139. Anno Historic. a 14. de Maio. Pint. Ribeir. nos Injust. Succes. dos Reis de Leão § 13. (2) Sous. allegad. p. 427. (3) Cunh. Histor. de Braga tom 2. cap. 58. n. 1 Soares da Silva nas Memorias delRei D. João I liv. 1. c. 45. n. 292.

V. seu sobrinho, e no governo do reino se houve com singular prudencia, mas com inveja de muitos emulos, cuja ambição nunca poude saciar. Sahindo elrei da idade pupilar, e tomando o governo do seu reino, em lugar das graças, que houvera de dar ao infante seu tutor, tio, e sogro, o desterrou: e pelas calumnias de seu irmão D. Affonso, conde de Barcellos, e de outros seus inimigos, vindo o infante a Santarem para se desculpar, elrei lhe sahiu ao encontro com um exercito. Poz-se o infante em natural defensa com alguma gente da sua facção, deu-se a vergonhosa batalha chamada da Alfarrobeira, e n'ella foi morto o infante atrevidamente do tiro de uma destinada setta a 20 de Maio de 1449. Foi sepultado na igreja de Alverca, e d'aqui trasladaram o corpo para Abrantes, depois para Santo Eloy de Lisboa, e de Lisboa para a Batalha, onde jaz. Teve seis filhos, que foram: D. Pedro, condestavel de Portugal, e acclamado rei de Aragão. D. João, chamado de Coimbra. D. Isabel rainha de Portugal, mulher delrei D. Affonso V. D. Brites, que casou em Flandes com Adolfo de Cleves, senhor de Revestein. D. Filippa, que morreu recolhida em Odivellas. D. Jaime, arcebispo de Lisboa, e depois cardeal do titulo de Santo Eustaquio. (1)

O infante D. Henrique nasceu na cidade do Porto a 4 de Março de 1394. Foi duque de Viseu, e Mestre da ordem militar de Christo, em gloria da qual pelejou contra os infieis em muitas occasiões, dando sempre mostras de seu grande valor. Desde a flor dos seus primeiros annos se applicou tanto ás mathematicas, que a puras contemplações, e igual constancia de quarenta annos, emprendendo novos descobrimentos de ceus, terras, e climas differentes, deu a conhecer ao mundo o que o mesmo mundo ignorava. Alem de tanto valor, e sciencia era dotado de um heroico espirito, vida santa, e pura, até que acabou como virtuoso em Sagres do reino do Algarve a 13 de Novembro de 1460. Jaz na Batalha. (2)

A infanta D. Isabel nasceu em Evora a 21 de Fevereiro de 1397, e a 10 de Janeiro de 1430 se recebeu com D. Filippe III o Bom, duque de Borgonha, e conde de Flandes, em cujo dia, para que fosse celebrado com maior solemnidade, instituiu o duque a ordem militar do Tusão de ouro na cidade de Bruges, onde se festejaram as vodas com uma rara, e extraordinaria magnificencia. Teve esta princeza tal dom de conselho, que nenhuma acção executava seu marido sem o seu parecer, ainda nas resoluções militares: porque alem do grande juizo e prudencia, existia n'ella um valor verdadeiramente varonil, como em algumas occasiões o mostrou. Morreu a 17 de Dezembro de 1471, e jaz no convento da Cartuxa de Dijon, cidade capital d'aquelle estado. (3)

(1) Fernão Lopes Chron. delrei D. João I c. 118. Nunes Chron. do mesmo rei c. 101.
(2) Sous. Hist Geneal. t. 2. p. 103. Vieira t. 11. n. 622. Sous. Hist. de S. Dom. part. 1. liv. 6. cap. 15. Soares da Silva nas Memorias delrei D. João I. liv. 1. cap. 75. e segg. (3) Sous Hist. Geneal. t. 2. p. 115. e segg. Duart. Nun. Descripc. de Port. p. 141.

O infante D. João nasceu em Santarem a 13 de Janeiro de 1400. Casou no anno de 1424 com a infanta D. Isabel sua sobrinha, e filha de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, seu irmão. Era o infante terceiro condestavel de Portugal, mestre da ordem de Santiago, e principe mui prudente, valeroso, e bemquisto de todos. Morreu na villa de Alcacer do Sal a 18 de Outubro de 1442, e jaz no templo da Batalha na mesma capella delrei seu pai (1)

O infante D. Fernando nasceu em Santarem a 29 de Setembro de 1402. Foi mestre de Aviz com o titulo de administrador, e governador perpetuo da dita ordem. A sua vida sempre foi de procedimento não só inculpavel, mas exemplar pelo continuo exercicio de virtudes, com que se fazia amado de todos. Sendo dado em refens aos mouros até lhes ser entregue a cidade de Ceuta, por concerto, que os portuguezes fizeram com os barbaros na infeliz jornada de Tangere em tempo delrei D. Duarte, padeceu ignominias, e injurias n'aquelle cativeiro com uma paciencia santa, até que morreu depois de seis annos de escravidão a 5 de Junho de 1443, obrando Deus por intercessão d'este santo infante muitos prodigios. Jaz no convento da Batalha. (2)

Sendo elrei D. João ainda mestre de Aviz teve antes de casar o senhor D. Affonso, primeiro duque de Bragança, que nasceu no castello de Veiros do Alemtejo no anno de 1370, e havido em D. Ignez Pires, mulher nobre, a qual depois foi commendadeira de Santos. Casou a 8 de Novembro de 1401 com a senhora D. Brites Pereira, condessa de Barcellos, filha unica do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de cujo feliz consorcio descende, como de tronco glorioso, a serenissima casa de Bragança hoje reinante. Morreu na villa de Chaves em o mez de Dezembro de 1461. Foi sepultado na igreja dos Capuchos da mesma villa. (3)

A senhora D. Brites não se sabe quando nasceu: porem casou a 26 de Novembro de 1405 com Thomaz Fitz, conde de Arundel em Inglaterra, onde foi esta senhora recebida com pomposa magnificencia. D'este casamento não teve successão, e pela morte de seu marido passou a segundas vodas no anno de 1415 com Gilberto Talbot, barão de Irchenfield, de que tambem ficou viuva no anno de 1419. Ignora-se o anno em que morreu.

(1) Silv. Mem. delrei D. João 1. l. 1. c. 34. Sous. Hist. de S. Dom. l. 6. c. 15. p. 332.
(2) Nun. de Leão na Chron. delrei D. Duart. e na Desc. de Port. p. 120 Cardos. Agiol. Lusit. t. 3. a 5 de Junh. Sous. Hist. de S. Dom. part. 1. l. 6. c. 27. e 28. Soar. da Silv. Mem. delrei D. João 1. l. 1. Sousa Hist. Geneal. t. 2. l. 3. c. 6. Vasco Mousinho no Affonso Africano cant. 4. est. 52. e segg. (3) Sous. Hist. Geneal. t. 5. l. 6. Per. Chron. dos Carm. l. 1. Lorena perseg. p. 405.

Filhos delrei D. Duarte

O infante D. João nasceu em Lisboa em Outubro de 1429, e morreu de tenra idade.

A infanta D. Filippa nasceu em Santarem a 27 de Novembro de 1430, e morreu a 24 de Março de 1439, ameaçada de peste.

O principe D. Affonso successor.

A infanta D. Maria nasceu a 7 de Dezembro de 1432 na villa do Sardoal, e não teve mais que um dia de vida.

O infante D. Fernando nasceu em Almeirim a 17 de Novembro de 1433, e no de 1438 foi jurado principe successor do reino. Era duque de Viseu, condestavel do reino, senhor de Beja, e de outras muitas terras. Casou nas Alcaçovas com a infanta D. Brites, filha de seu tio o infante D. João no anno de 1447. Como o infante era de elevados espiritos, sahio do reino occultamente, e foi ter a Ceuta com a idéa de ser alli Fronteiro: porem elrei D. Affonso seu irmão o fez voltar ao reino, e depois se serviu do seu valor na jornada, e expugnação de Africa. Morreu em Setubal a 18 de Setembro de 1470, e jaz no mosteiro da Conceição de Beja, que a infanta sua mulher fundára. D'esta real união nasceram o senhor D. João, o senhor D. Diogo, o senhor D. Duarte, o senhor rei D. Manoel, a rainha D. Leonor, a duqueza D. Isabel, communicando-se tambem por via d'este casamento o regio sangue dos serenissimos senhores duques de Bragança a quasi todos os soberanos principes da Europa. (1)

A infanta D. Leonor nasceu em Torres Vedras a 18 de Setembro do anno 1434. Casou com o imperador Federico III no anno de 1451, e a 16 de Março de 1452 o papa Nicolau V a recebeu em Roma, e a coroou imperatriz a 19 do mesmo mez: e passando depois a Alemanha, foi coroada rainha de Hungria, e Bohemia. Foi esta princeza igualmente mui formosa e discreta, cujos predicados fazia realçar mais com uma singular modestia, que era o attractivo de todos a amarem, e respeitarem. Falleceu em Neustadt a 3 de Setembro de 1467. Jaz no mosteiro de Cister da mesma cidade. (2)

O infante D. Duarte nasceu em Alemquer a 12 de Julho de 1435, e morreu de tenra idade.

A infanta D. Catharina nasceu a 25 de Novembro de 1436. Esteve desposada com D. Carlos, principe de Navarra, e com elrei de Inglaterra Duarte IV, mas nenhum casamento se effeitnou. Foi princeza de muitas virtudes, e com tanta applicação ao exercicio das letras, que chegou a traduzir em portuguez o livro da perfeição dos monges, que em latim compoz S. Lourenço Justiniano. Morreu no mosteiro de Santa

(1) Nun. Chron delrei D. Affonso V c. 1. Barbos. no Catal. das rainh. Sous. Histor. Geneal. t. 2. (2) Far. Eur. Port. t. 2 part. 3. c. 2. n. 28. Duarte Nun. Desc. de Port. p. 140. Sous. allegad.

Clara de Lisboa com opinião de virtuosa aos 17 de Junho de 1463. Jaz no convento de Santo Eloy d'esta cidade. (1)

A infanta D. Joanna nasceu no fim de Março de 1439 na quinta do Monte Olivete da villa de Almada. Casou com Henrique IV de Castella a 21 de Maio de 1455. Foi mui formosa, e naturalmente alegre, e esperta, d'onde se lhe originaram as calumnias, de que a arguiram. Teve uma unica filha, que foi a princeza D. Joanna, jurada herdeira de Castella, a quem a fortuna, que lhe usurpou o reino, contentou com o nome de excellente senhora. Morreu a rainha D. Joanna em Madrid a 13 de Junho de 1475. Foi sepultada no mosteiro de S. Francisco da mesma villa, cuja sepultura está hoje desfeita. (2)

Ainda que Manoel de Faria tem por certo que elrei D. Duarte não tivèra mais filhos fóra do matrimonio, os genealogicos mais indagadores affirmam que tivera a D. João Manuel, nascido de D. Joanna Manoel, dama da rainha D. Leonor. Criou-se em casa do inconquistavel, e grande D. Nuno Alvares Pereira, e de quatorze annos tomou o habito da religião do Carmo em Lisboa, e aqui foi prior, e provincial, d'onde a merecimentos das suas virtudes foi elevado á dignidade de bispo de Ceuta, depois bispo da Guarda. Elrei D. Affonso V, seu irmão, o fez tambem seu capellão mór, e se aproveitou muito da sua prudencia, virtude, e conselhos. Morreu em Lisboa, e jaz no convento do Carmo da mesma cidade na casa do capitulo velho, como nos mostra o moderno, e insigne chronista d'esta religião, e não na Sé de Lisboa, como escreve o author da Corografia Portugueza. (3) D'aqui procedem os illustrissimos condes de Atalaya.

Filhos d'elrei D. Affonso V

O principe D. João nasceu em Cintra a 29 de Janeiro do anno 1451, e morreu de tenra idade.

A infanta beata Joanna nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452. Foi de singular virtude, e admiravel formosura, por cujas prendas muitos principes a pertenderam para esposa: mas repudiando a todos, viveu em perpetua castidade. Consagrando-se toda a Deus, tomou o habito de religiosa de S. Domingos no mosteiro de Jesus de Aveiro no anno de 1475, onde vivendo dezoito annos em continuo exercicio de todas as suas virtudes, em que floreceu, acabou o circulo de seus dias n'este mundo a 12 de Maio de 1490. Jaz sepultada no mesmo mosteiro em um primoroso tumulo, que lhe mandou fazer o senhor rei D. Pedro II, para onde se trasladaram as veneraveis reliquias em 22 de Outubro de 1711 por ordem delrei D. João V. O mesmo senhor

(1) Agiol. Lusit. t. 3.° a 17 de Junho. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 2. p. 661.
(3) Bened. Lusit. t. 1. p. 381. Per. Chron. dos Carm. t. 1. n. 1655. Cor. Port. t. 2. p. 311.

D. Pedro II alcançou do papa Innocencio XI o culto de Beata desde 4 de Abril do anno de 1693. (1)

O principe D. João successor.

Filhos delrei D. João II

O principe D. Affonso nasceu em Lisboa a 18 de Maio do anno 1475. Casou com a princeza D. Isabel, filha delrei D. Fernando o Catholico, a 23 de Novembro de 1490. Nas suas vodas se fizeram as maiores festas, e demonstrações de alegria em variedade de espectaculos, profusão monstruosa de manjares, e invenção exquisita de bailes quaes nunca se viram, nem ouviram: porem como se toda aquella magnificencia, divertimento, e grandeza fôra feita por jogo, e brinco da fortuna, dentro em poucos dias se mudou em subitos prantos, e lutos, porque este principe na florida idade de dezaseis annos, casado de sete mezes, caindo de um cavallo, em que risonho corria pelas margens do Tejo junto a Santarem, se fez em pedaços: e deitado sobre a humilde cama de feno na choça de um pobre pescador, exhalou a alma a 13 de Julho de 1491 nos braços delrei seu pai, da rainha sua mãi, e da princeza sua esposa, desfeitos todos em lagrimas, e sentimento por tão lastimosa fatalidade. Jaz na Batalha na casa do capitulo. (2)

Teve fóra do matrimonio a D. Jorge, que nasceu em Abrantes a 12 de Agosto de 1481. Foi sua mãi D. Anna de Mendonça, dama da rainha D. Joanna, e senhora muito nobre, e tão estimada, e querida delrei, que a seu respeito (diz o author do Anno Historico) mandou erigir o mosteiro de Santos o Novo, e a nomeou commendadeira perpetua, onde falleceu virtuosamente no anno de 1545. Não foi menor o amor, que elrei teve a este filho, o qual se criou em casa da senhora D. Joanna sua tia: e fallecendo esta princeza, o trouxe para o Paço a rainha sua madrasta, e o conduzio a Evora, onde elrei estava, o bispo do Porto. Foi esperal-o fóra da cidade o principe D. Affonso seu irmão com toda a nobreza, mandou-o seu pai tratar de excellencia, mas por lisonja lhe fallavam por alteza. Quiz elrei deixal-o por successor do reino, ao que se oppoz a rainha, por ser em prejuizo de seu irmão D. Manoel, a quem de direito tocava, e tambem não quiz vir n'isso o papa Alexandre VI, havendo por esta causa grandes discordias entre elrei, e a rainha. Mas, como elrei não poude conseguir o que desejava, fez a D. Jorge o maior senhor, que havia em Hespanha, porque quiz que succedesse aos bens de seu bisavô o infante D. Pedro, e assim ficou sendo duque de Coimbra, senhor de Montemor o Velho, marquez de Torres No-

(1) Fr. Luiz de Snos. Chron. de S. Dom. part. 2. l. 5. Agiol. Dom. a 12 de Maio. Sous. Histor. Genoal. t. 3. c. 2. p. 79 (2) Garc. de Resend. Chron. delrei D. João II. c. 8. e 131. Anno Hist. a 12. e 13 de Julho. Sous. Hist. Geneal. t. 3. c. 4. Fonseca Evora gior. p. 96.

vas, mestre das ordens de Santiago, e Aviz, e senhor de outras muitas rendas. Morto elrei, foram muitos fidalgos a Villa Nova buscar o senhor D. Jorge, e o conduziram a Montemór o Novo, onde estava elrei D. Manoel. Foi logo em direitura apear-se ao Paço vestido de burel, e assim subio a beijar a mão a elrei: e o prior do Crato D. Diogo de Almeida, que era seu aio, pegando-lhe pela mão, se puzeram ambos de joelhos, e o entregou a elrei seu tio, fazendo-lhe uma eloquente oração, em que lhe dizia como elrei defuncto lh'o deixára encommendado. Elrei D. Manoel lhe fez grandes honras, e lhe deu casa no Paço. Contava já o senhor D. Jorge vinte annos de idade, quando elrei o casou com D. Brites de Vilhena, filha de D. Alvaro, irmão do duque de Bragança D. Fernando II, e d'este matrimonio descende a illustre familia dos Alemcastres. Morreu o senhor D. Jorge no anno de 1550, e jaz no convento de Palmella. (1)

Filhos delrei D. Manoel

O principe D. Miguel da Paz foi filho da primeira mulher a rainha D. Isabel. Nasceu na cidade de Çaragoça a 24 de Agosto de 1498. Foi jurado principe herdeiro de Castella, e de Portugal. Não viveu mais que dois annos, porque a 20 de Junho de 1500 espirou na mesma cidade, onde jaz.

O principe D. João, filho da segunda mulher a rainha D. Maria, foi successor do reino.

A infanta D. Isabel nasceu em Lisboa a 24 de Outubro de 1503. Foi rara a formosura, com que a dotou a natureza. Casou em Sevilha com o imperador Carlos V a 11 de Março de 1526. As suas virtudes foram maiores que os seus elogios, e estes foram innumeraveis. Adoeceu em Toledo, e aqui espirou no primeiro de Maio de 1539. Foi conduzido o cadaver da imperatriz pelo marquez de Lombay a ser sepultado na cathedral da cidade de Granada: e como fosse preciso para aquella entrega abrir-se o caixão, chegando-se o marquez a tirar a toalha, que cubria o macilento rosto, vendo-o tão demudado, e espantoso á vista, foi causa do prodigioso desengano do marquez, porque d'alli se converteu em um S. Francisco de Borja, cujo resplandor de virtudes illustrou tanto a companhia de Jesus. No mesmo dia d'esta portentosa transformação, que foi a 7 de Maio do sobredito anno, vio a grande serva de Deus Soror Francisca de Jesus, abbadessa do mosteiro de Gandia, estando em oração, sahir do purgatorio a alma da imperatriz assistida de

(1) Garc. de Resend. Chron. delrei D. João II. c. 112. e 213. Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. c. 45. Far. Eur. Port. t. 2. p. 492. n. 5. Leitão Miscelan Dialog. 20. p. 632. Oson. de reb. Emman. l. 1. c. 1. Fr. Jer. Rom. Hist. da Ord. Milit. de Santiago c. 9. Anno Hist. a 12 de Agosto.

alguns anjos. A 4 de Fevereiro de 1574 foi trasladado o corpo para o Escurial, onde jaz. D'este consorcio nasceu elrei D. Filippe II. (1)

A infanta D. Brites nasceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1504. Casou com Carlos III, duque de Saboya a 29 de Setembro de 1521. Foi esta princeza ornada de grandes virtudes, pelas quaes era muito amada de seu esposo, e tida por uma singular heroina d'aquelles tempos. Morreu em Nisa, cidade de Saboya a 8 de Janeiro do anno de 1538. (2)

O infante D. Luiz nasceu em Abrantes a 3 de Março de 1506. Foi este principe duque de Beja, condestavel de Portugal, administrador do priorado do Crato, e ornado de tantas virtudes, que, como diz Damião de Goes, para a natureza cumprir de todo com os dotes, que lhe deu, lhe havia de conceder tambem occasiões para poder conquistar maiores reinos, e senhorios do que Alexandre, porque para a execução d'isso lhe sobejou animo. Assim se vio na famosa expedição, e conquista de Tunes, que o imperador Carlos V seu cunhado fez no anno de 1535, onde se achou o infante D. Luiz governando o celebre galeão Botafogo, e a armada auxiliar, que elrei D. João III mandou ao imperador, devendo-se á animosa deliberação do infante cortar-se a fortissima cadeia, que atravessava o porto da goleta, de que tanta gloria se seguiu á christandade, credito á nação portugueza, e fama ao valor do infante. Alem d'estas prendas teve um sublime engenho, que com o exercicio das artes liberaes, ensinadas pelo grande mestre Pedro Nunes, soube adquirir um logar eminente na republica das letras. Na religião foi exemplar, e tão pio, como o testifica o mosteiro das Maltezas de Estremoz, que elle edificou, e outras acções de caridade. Finalmente falleceu na quinta de Marvilla junto a Lisboa a 27 de Novembro de 1555, e jaz em Belem. De Violante Gomes, chamada a Pelicana, donzella humilde, mas de rara formosura, a qual morreu professa no mosteiro de Almoster, teve ao senhor D. Antonio, que foi prior do Crato. (3)

O infante D. Fernando nasceu em Abrantes a 5 de Junho de 1507. Foi duque da Guarda, e principe de condição sincera, muito animoso, amigo da verdade, e dizia o que entendia sem o rebuço da politica adulação. Foi muito dado á lição da historia verdadeira, e não fabulosa, e por ajuntar quantas chronicas havia escriptas em qualquer lingua que fosse, gastou grosso cabedal. Mandou fazer uma arvore genealogica illuminada pelo mais insigne pintor, que havia em Flandes, e constava desde Noé

(1) Barb. no Catal. das raiob. p. 282. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 247. Duart. Nun. Descripç. de Port p. 145. Cienfuegs. Vida de S. Franc. de Borja l. 2. c. 6. e 7. Anno Hist. no primeiro de Maio. Barb. nos Fast. da Lusit. a 11 de Março. (2) Sousa Hist. Geneal. t. 3. p. 252. Barb. nos Fast. da Lusit. t. 1. p. 108. (3) Damião de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. c 101. Mariz Dial. 4. c. 22. Telles part. 1. l. 3. c. 17. Sousa Hist. Geneal. t. 3. p. 357. Far. Epitom. part. 3. c. 16. n. 9. Paul Jov. l. 34. Tarcagnot Hist. del mondo part. 3. l. 3. p. 170. Illescas Hist. Pontif. part. 2. l. 6. c. 27. §. 1. Sandoval part. 2. l. 22. §. 4. Anno Hist. a 12 de Julho.

até elrei D. Manoel seu pai. Casou com D. Guiomar Coutinho, filha herdeira do conde de Marialva D. Francisco Coutinho, e morreu em Abrantes a 7 de Novembro de 1534. Jaz em Belem. (1)

O infante D. Affonso nasceu em Evora a 23 de Abril de 1509. O papa Leão X o creou cardeal diacono de Santa Luzia. Foi bispo da Guarda, e de Viseu, arcebispo de Lisboa, e o primeiro prelado, que n'estes reinos ordenou se lesse o cathecismo da doutrina christã nas igrejas aos meninos, e que nas paroquias houvesse livros, onde se assentassem, e escrevessem os nomes dos bautisados, e casados, sendo elle o que muitas vezes conferia estes, e os mais sacramentos com grande caridade. Foi mui dado á lição dos livros, e teve por mestres aos insignes Ayres Barbosa, e Pedro Margalho. Morreu em Lisboa a 21 de Abril de 1540, Jaz em Belem. (2)

O infante D. Henrique, cardeal, que succedeu no throno.

A infanta D. Maria nasceu conforme a conjectura do incansavel D. José Barbosa entre o anno de 1511 e 1513. Morreu em Evora no anno de 1513, e jaz em Belem. (3)

O infante D. Duarte nasceu em Lisboa a 7 de Setembro de 1515. Desde os primeiros annos foi muito inclinado ás letras, nas quaes fez bons progressos ajudado da portentosa memoria, que tinha, e das bem ordenadas instrucções de seu mestre o celebrado, e erudito André de Resende. Na musica foi destro, e sciente, e no exercicio da caça incansavel. Casou em Villa Viçosa a 23 de Abril de 1537 com a senhora D. Isabel, filha de D. Jayme, quarto duque de Bragança, de cujo matrimonio nasceram a senhora D. Maria, princeza de Parma, e a senhora D. Catharina. Antes d'este infante fallecer predisse elle mesmo o dia da sua morte, que foi a 20 de Outubro de 1540. Jaz em Belem. (4)

O infante D. Antonio nasceu em Lisboa a 9 de Setembro de 1516. Morreu logo, e jaz em Belem. D'este parto ficou a rainha D. Maria tão mal, que tambem falleceu d'ahi a pouco tempo; e tornando elrei D. Manoel a casar com a rainha D. Leonor, teve d'ella

O infante D. Carlos, que nasceu em Evora a 18 de Fevereiro de 1520. Morreu em Lisboa a 15 de Abril de 1521, e jaz em Belem.

A infanta D. Maria nasceu em Lisboa a 8 de Junho de 1521. Era princeza, que em gentileza, e virtudes excedeu as melhores do seu tempo. Seu palacio era uma universidade de mulheres singulares em letras, e outras artes de engenho, a quem presidia a famosa dama toledana,

(1) Damião de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 2. c. 19. Far. Eur Port. t. 2. part. 4. c. 1. n. 57. O author do Anno Historico assigna superfluamente o nascimento d'este infante a 5 de Julho, tendo já d'elle feito memoria a 5 de Junho, dia proprio e verdadeiro.

(2) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 2. cap. 42 Agiol. Lusit. tom. 2. p. 658. e 666. Sous. na Hist. Geneal. Barb. nos Fastos da Lusit. (3) Barbos. no Catal. das rainh. p. 391. (4) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 3. c. 79. Barb. no Catal. das rainh. p. 388. Rodr. Mend. da Silv. Catal. Real. p. 98. Manoel de Galheg. Templo da fama l. 4. est. 50. Sousa Hist. Geneal. t. 3. p. 421.

chamada Luiza Sigea, cuja erudição fez aturdir a Europa. Fundou o mosteiro de N. Senhora da Luz, uma legua distante de Lisboa, e o sumptuoso hospital alli visinho. O mosteiro da Encarnação de commendadeiras de Aviz em Lisboa, e em Evora o mosteiro de Santa Helena do Monte Calvario, e em Torres Vedras o convento de nossa Senhora dos Anjos para os religiosos arrabidos, alcançando da sè apostolica para esta igreja o jubileu da Porciuncula *in perpetuum*. Morreu a 10 de Outubro de 1577. Jaz no convento da Luz. (1)

Filhos delrei D. João III

O principe D. Affonso nasceu em Almeirim a 24 de Fevereiro de 1526. Falleceu passados poucos dias, e jaz em Belem.

A infanta D. Maria nasceu em Coimbra a 15 de Outubro de 1527. Casou com D. Filippe, principe de Castella, e se celebraram as vodas em Salamanca a 15 de Novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545, estando em Valhadolid. Jaz no Escurial.

A infanta D. Isabel nasceu em Lisboa a 28 de Abril de 1529. Morreu de poucos mezes, e jaz em Belem.

A infanta D. Brites nasceu em Lisboa a 15 de Fevereiro de 1530, e morreu de tenra idade. Jaz em Belem.

O principe D. Manoel nasceu em Alvito no primeiro de Novembro de 1531. Falleceu em Evora a 14 de Abril de 1537, e jaz em Belem.

O infante D. Filippe nasceu em Evora a 25 de Março de 1533. Foi jurado principe herdeiro do reino. Viveu pouco, porque falleceu a 29 de Abril de 1539. Jaz em Belem na mesma sepultura de seu irmão D. Affonso.

O infante D. Diniz nasceu em Evora a 26 de Abril de 1535, e na mesma cidade morreu no primeiro de Janeiro de 1537. Jaz em Belem.

O principe D. João nasceu em Evora a 3 de Junho de 1537. Foi jurado principe herdeiro nas côrtes, que se celebraram em Almeirim a 30 de Março de 1544. Casou com a princeza D. Joanna de Austria, filha do imperador Carlos V, e se recebeu por procuração na cidade de Toro a 11 de Janeiro de 1552, e no fim de Novembro do mesmo anno entrou por Elvas em Portugal. Gil Gonzales Davila faz honorifica memoria d'esta princeza no cap. 9. das Grandezas de Madrid. mas discrepa na chronologia que seguimos. D este augusto thalamo nasceu D. Sebastião, que sendo principe de esperanças, depois foi rei de pouca ventura. Morreu

(1) Barb. Catal. das rainh. p. 396. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 459. Cam. cent. 1. Sonet. 83. João de Barr. no Panegyr. d'esta princeza, que vem no fim das Noticias de Sever. Maced. Flores de Hesp. c. 8. excel. 11. Santuar. Marian. tom. 2. Anno Historico a 10 de Outubro. Duarte Nunes Desc. de Port. p. 151.

em fim o principe D. João a 2 de Janeiro de 1554, e jaz em Belem em magnifico mausoleu. Mereceram as bellas prendas, e saudosa memoria d'este principe serem eternisadas na mais illustre, e canora Egloga do Homero portuguez, e nas citharas de outros insignes poetas d'aquelle tempo. (1)

O infante D. Antonio nasceu em Lisboa a 9 de Março de 1539, e morreu a 20 de Janeiro de 1540. Jaz em Belem.

Fóra do matrimonio teve elrei a D. Duarte, que nasceu no anno de 1521. Foi sua mãi D. Isabel Moniz, moça da camera da rainha D. Leonor, e filha de um alcaide de Lisboa, homem honrado, a quem chamavam o Carrança, e ella depois foi freira de Santa Clara do Porto. Criou-se D. Duarte no convento de S. Jeronimo, chamado da Costa, junto de Guimarães, e aqui estudou com exemplar progresso as boas letras e costumes. Mandou-o elrei buscar ao dito convento com grande ostentação, e trazel-o a Cintra, onde estava a corte; porem sendo preciso a elrei vir a Lisboa, tanto que D. Duarte chegou a Cintra, foi o conde da Castanheira buscal-o, e o conduziu a Lisboa, e elrei o veio esperar ao convento de S. Domingos de Bemfica, onde o recebeu com grandes honras, e expressões de alegria. Foi D. Duarte arcebispo de Braga, mui pio, e mui versado nos estudos de filosophia, theologia, e ambos os direitos. Começou a escrever em lingua latina a historia dos reis de Portugal, de que deixou elegantemente composta a delrei D. Affonso Henriques, da qual fazem memoria D. Nicolau Antonio, e o abbade de Sever. Morreu na flor dos seus annos a 11 de Novembro de 1543. Jaz em Belem. (2)

D. Manoel morreu menino.

Filhos d'elrei D. Filippe II

O principe D. Carlos nasceu a 12 de Julho de 1545. Os castelhanos lhe chamam o *infeliz*: porque sendo de genio turbulento, o pai temeroso das extravagancias do filho, não desapprovou os meios, que lhe assinaram para lhe abreviar a vida, e assim veio a acabar violentamente em 24 de Junho de 1568. Foi filho da sua primeira mulher.

A infanta dona Isabel nasceu a 12 d'Agosto de 1566. Casou com o archiduque Alberto no anno de 1599, e sem successão morreu a 29 de Novembro de 1633.

A infanta D. Catharina nasceu a 10 de Outubro de 1567. Casou com o duque de Saboya Carlos Manoel no anno de 1585, e morreu a 6 de Novembro de 1597. Estes dois foram filhos do terceiro matrimonio.

(1) Os eruditos irmãos Barb. no Catal. das rainh. p. 103. e nos Fast. da Lusit. t. 1. p. 33. Cam. Fglog. 1. Sá de Miranda na Elegia á morte d'este principe. Anton. Ferr. Fglog. 7. Luiz Per. na Elegiada cant. 1. p. 11. (2) Sous. Hist. Genеal. t. 3. p. 539. Nicol. Anton. na Bibl. Hisp. Barb. na Bibl. Lusit. t. 1. p. 721.

O principe D. Fernando nasceu a 4 de dezembro de 1571, e morreu a 18 de Outubro de 1578.

O infante D. Carlos Lourenço nasceu a 12 de Agosto de 1573, morreu a 30 de Junho de 1575.

O principe D. Diogo nasceu a 12 de Julho de 1575, e morreu a 11 de Novembro de 1582.

O principe D. Filippe, que lhe succedeu.

A infanta D. Maria nasceu a 21 de Março de 1580, e morreu a 4 de Agosto de 1583. Estes cinco foram filhos do quarto matrimonio.

Filhos d'elrei D. Filippe III

A infanta D. Anna Mauricia de Austria, rainha de França nasceu em Valhadolid a 22 de Setembro de 1601. Casou com Luiz XIII rei de França no anno de 1615, morreu a 14 de Maio de 1643, jaz em S. Diniz. D'este matrimonio nasceram Luiz XIV rei de França, e Filippe de França, duque de Orleans.

O principe D. Filippe successor.

A infanta D. Maria nasceu em Valhadolid a 18 de Agosto de 1606. Casou com o imperador de Alemanha D. Fernando III e morreu a 13 de Maio de 1646.

O infante D. Carlos nasceu em Madrid a 14 de Setembro de 1607, e morreu a 13 de Julho de 1632.

O infante D. Fernando nasceu no Escurial a 16 de Maio de 1609. O Papa Paulo V o creou cardeal a 29 de Julho de 1619, não tendo mais que dez annos, e lhe deu logo o governo do arcebispado de Toledo e o fez capitão general dos Paizes baixos, onde morreu a 9 de Novembro de 1641.

A infanta dona Margarida nasceu em Lerma a 25 de Maio de 1610, e morreu a 11 de Março de 1617.

O infante D. Affonso Mauricio nasceu no Escurial a 22 de Setembro de 1611, morreu a 16 de Setembro de 1612.

Filhos d'elrei D. Filippe IV

A infanta dona Margarida Maria nasceu a 14 de Agosto de 1621, e morreu no mesmo dia.

A infanta dona Maria Margarida nasceu a 25 de Novembro de 1623, e morreu a 22 de Dezembro do mesmo anno.

A infanta D. Maria nasceu a 21 de Novembro de 1625, e morreu a 21 de Julho de 1627.

O principe D. Balthazar Carlos nasceu a 17 de Outubro de 1629. Foi muito festejado o seu nascimento. Morreu a 9 de Outubro de 1646.

A infanta dona Isabel Thereza dos Santos morreu no 1.º de Novembro de 1627.

A infanta D. Anna Antonia nasceu a 17 de Janeiro de 1635, e morreu a 5 de Dezembro de 1636.

A infanta dona Maria Thereza, rainha de França, nasceu a 20 de Setembro de 1638. Casou com elrei de França Luiz XIV a 4 de Julho de 1660, e morreu em Versalhes a 30 de Julho de 1683. Todos estes foram filhos do primeiro matrimonio; e do segundo teve:

A infanta D. Margarida Maria Thereza, que nasceu a 12 de Julho de 1651. Casou com o imperador Leopoldo no anno de 1666, e morreu a 12 de Março de 1673.

A infanta dona Maria Ambrosia morreu menina a 21 de Dezembro de 1659.

O principe D. Filippe Prospero nasceu a 20 de Novembro de 1657, e morreu no 1.º de Novembro de 1661.

O infante D. Fernando nasceu a 22 de Dezembro de 1658, e morreu a 22 de Outubro de 1659.

O principe Carlos II successor no throno, nasceu a 6 de Novembro 1661, e casando duas vezes, morreu sem successão no 1.º de Novembro de 1700.

Fóra do matrimonio teve a D. João de Austria, que nasceu a 7 de Abril de 1629, e teve por mãi dona Maria Caldeiron. Foi grão prior de Malta em Castella, vice-rei de Sicilia, governador de Flandres, general de todas as forças maritimas da monarchia de Castella, primeiro ministro d'elrei Carlos II e um dos mais valerosos soldados d'aquelle seculo. Morreu a 17 de Setembro de 1679, e jaz no Escurial.

Filhos delrei D. João IV

O principe D. Theodosio nasceu em Villa-Viçosa a 8 de Fevereiro de 1634. Foi jurado principe de Portugal a 28 de Janeiro de 1641, e segundo as memorias felicissimas, que existem d'elle, foi certamente um protento da natureza, e da graça, sabendo accrescentar, e augmentar os dotes de uma e outra, com as prendas adquiridas na continuada, e illustre occupação das virtudes. Acabou na flor da sua idade a 15 de Maio de 1653, e jaz em Belem. (1)

A senhora dona Anna nasceu em Villa-Viçosa a 21 de Janeiro de 1635. No mesmo dia expirou, e jaz no coro das religiosas do mosteiro das Chagas da mesma villa.

A infanta dona Joanna nasceu em Villa-Viçosa a 18 de Setembro de 1636. Morreu a 17 de Novembro de 1653, e jaz em Belem.

(1) Menezes Port. Restaurad. tom. 1. liv. XI. p. 796. Vieir. tom. 13. p. 92. Agiol. Lusit. a 15 de Maio. Os eruditos irmãos Barbos. no Catal. das rainh. p. 426. e nos Fast. da Lusitan. tom 1. a 8 de Fevereiro. Anno Historico tom. 2. p 81

A infanta dona Catharina nasceu em Villa-Viçosa a 25 de Novembro de 1638. Casou com Carlos II rei de Inglaterra a 18 de Maio de 1661. Padeceu em Londres com varonil paciencia fortissimos contratempos, culpando-a o parlamento de querer introduzir em Inglaterra a religião catholica, por cujo motivo intentaram dar-lhe veneno, de que a innocencia de sua virtuosa vida a livrou, até que passados sete annos depois da morte de seu marido, voltou para Portugal, e chegou a Lisboa a 20 de Janeiro de 1693. No anno de 1704, quando el-rei D. Pedro seu irmão passou á Beira, ficou governando o reino com grande satisfação de todos; mas a 31 de dezembro de 1705 deixou com sua morte a todos saudosos. Jaz em Belem. (1)

O senhor D. Manoel nasceu em Villa-Viçosa a 6 de Setembro de 1640, e logo morreu. Jaz no convento de Santo Agostinho da mesma villa.

O infante D. Affonso successor.

O infante D. Pedro, que succedeu a elrei D. Affonso seu irmão.

Fóra do matrimonio teve a senhora dona Maria, que nasceu no anno de 1643. Creou-se em casa do secretario Antonio Cavide, ao qual passou alvará a rainha dona Luiza de tutor, curador, e administrador da pessoa, e bens da dita senhora. De casa do sobredito secretario foi para o mosteiro de Carnide no anno de 1649, onde vestiu o habito da religião de Santa Thereza, mas não professou. Nunca veio á corte em publico; porèm indo ás Caldas, foi acompanhada de Antonio Alvares da Cunha, e de sua irmã a condessa de Villa-flor. Elrei D. João a declarou por filha, e lhe deixou feita a mercê da commenda maior de S. Thiago, e das villas de Torres-Vedras, e Collares, cujas disposições foram todas inteiramente satisfeitas pela rainha regente, e o serenissimo rei D. Affonso, os quaes em todos os decretes, alvarás, e cartas, em que fallavam n'ella lhe chamavam dona Maria, muito amada, e presada irmã, sem o titulo de infanta; porque, como elegantemente prova o doutor chronista fr. Antonio Brandão, (2) nunca em Portugal se den aos filhos illegitimos o titulo de infante. Fez esta senhora varios, e grandiosos donativos ao mosteiro em que viveu, até que aos 50 annos da sua idade acabou esta vida a 6 de Fevereiro de 1693. Jaz no coro debaixo do mesmo mosteiro. (3)

Filhos d'elrei D. Pedro II

A infanta D. Isabel, filha do primeiro matrimonio, nasceu em Lisboa a 6 de Janeiro de 1669. Foi jurada princeza herdeira do reino, e esteve despozada com o duque de Saboya Victorio Amadeu: mas a in-

(1) Sous. Histor. Geneal. tom. 7. p. 281. Anno Historic. tom. 2. p. 98. (2) Monarq. Lusitan. liv. 8. cap. 12. (3) Sous. Histor. Geneal. tom. 7. p. 257. Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. p. 461.

tempestiva morte embaraçou este desejado consorcio, porque a infanta falleceu a 21 de Outubro de 1690. Jaz no mosteiro do Santo Crucifixo de Capuchas francezas junto da rainha dona Maria Francisca sua mãi.

Do segundo matrimonio teve o principe D. João, que nasceu em Lisboa a 30 de Agosto de 1688, e morreu a 17 de Setembro do mesmo anno. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo D. João successor na coroa.

O serenissimo infante D. Francisco nasceu em Lisboa a 25 de Maio de 1691. Foi grão-prior do Crato, e fez o Officio de Condestavel do reino nas cortes de 1697 e no auto do levantamento d'elrei D. João V seu irmão. Possuiu as grandes, e opulentas casas do infantado, e da Feira com outras muitas rendas, jurisdições, e prerogativas. Deveu-lhe a sciencia nautica um particular disvello, como se fôra seu professor, e não menos todo o manejo bellico, para que tinha natural viveza, e propensão. A caça foi todo o seu divertimento, em que era perito, destro, destemido, e incansavel, por cujo motivo mais era habitador do campo que da corte. Teve entranhavel devoção com a imagem da Senhora da Atalaia, a quem tributou liberaes offertas; e aos religiosos capuchos da Conceição lhes mandou edificar um Hospicio junto do seu palacio da Bemposta de Lisboa, delineado pela simetria do convento da Arrabida. Achando-se finalmente na quinta de Bernardo Freire, meia legua distante das Caldas da Rainha, para onde tinha hido acompanhar a elrei, falleceu de um volvulo a 21 de Julho de 1742. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo infante D. Antonio nasceu em Lisboa a 15 de Março de 1694. Participou logo da natureza attributos verdadeiramente reaes; porque a bizarria da sua magestosa presença, revestida de um soberano agrado, e de uma seria affabilidade, era a fortissima cadeia de oiro com que atava suavemente a todos, para que o amassem; mas muito mais poderoso attractivo para o nosso affecto eram aquellas nobres prendas do animo, e alma, que brilhavam grandemente em todas as suas acções, e inculcavam a grandeza do seu espirito heroicamente generoso, sublime, pio, e benigno. Falleceu finalmente a 20 de Outubro de 1757 em Alcantara na quinta chamada da Tapada. Jaz em Belem.

A senhora infanta dona Thereza nasceu em Lisboa a 24 de Fevereiro de 1696. Elrei seu pai ajustou casal-a com o archiduque Carlos, mas desfez este ajuste a morte da infanta, que foi buscar ao Ceu outra coroa mais perduravel em 16 de Fevereiro de 1704. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo infante D. Manoel nasceu em Lisboa a 3 de Agosto, de 1697. Para mostrar que no sangue real portuguez não estava adormecida aquella natural aversão contra os sequazes da seita de Mafoma, levado de um sobrenatural impulso, e ardor militar, que o não soffria conter nos limites da patria, não contando mais que dezasete annos de idade, sahindo occultamente do porto de Lisboa em 4 de Novembro de

1715, passou a Hollanda, e'd'aqui á Hungria, onde militando sempre ao lado do famoso principe Eugenio nas perigosas batalhas de Peterwaradin, Temeswar, e Belgrado, obrou com tanto valor, e desembaraço que mais parecia mestre, que discipulo de Marte. Depois de serenadas as campanhas, e passando a ver algumas cortes da Europa, adquirindo ao seu augusto nome immortal fama, se restituiu a Portugal no anno de 1723, fazendo com as suas gloriosas proezas, que as musas tivessem heroico assumpto para os elogios, e as virtudes exercicio nos seus louvaveis, e generosos empregos.

A senhora infanta dona Francisca nasceu em Lisboa a 30 de Janeiro de 1699. Ornou-a a natureza liberalmente em gráu supremo de uma formosura magestosa, alegre, affavel: de um genio compassivo, pio, magnifico: e por todos estes, e outros muitos virtuosos predicados dominava esta princeza o coração de todos, attrahindo a nobreza, e o povo a amal-a, e adoral-a tanto, que arrebatando-a o Ceu em 15 de Julho de 1736, ainda cá na terra a saudade existe viva em nossa memoria. Jazem as suas cinzas em S. Vicente de Fóra.

Teve elrei D. Pedro fóra do matrimonio a senhora dona Luiza, que nasceu a 9 de Janeiro de 1679. Creou-se em casa do secretario d'estado Francisco Correa de Lacerda, e de oito annos passou a viver recolhida no mosteiro de Carnide em companhia de sua tia a senhora dona Maria. Em 14 de Maio de 1695 se recebeu na ermida de Nossa Senhora das Necessidades com o duque D. Luiz Ambrosio de Mello, filho do duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello: porém morrendo o duque D. Luiz a 13 de Novembro de 1700, e ficando a senhora D. Luiza viuva e sem filhos, tornou a casar em 16 de Setembro de 1702 com seu cunhado o duque D. Jayme, do qual tambem não teve successão. Falleceu a 23 de Dezembro de 1732, e jaz no mosteiro de S. João Evangelista da cidade de Evora.

O senhor D. Miguel nasceu em Lisboa a 15 de Outubro de 1699. Creou-se em casa do secretario das mercês Bartholomeu de Souza Moxia, onde aprendeu as bellas letras, como se houvera de as professar: e unindo á intelligencia das artes liberaes outros muitos dotes heroicos, conseguiu justamente fazer-se credor de uma estimação universal. Elrei D. João V o reconheceu por seu irmão, e ordenou se lhe desse tratamento de alteza fazendo-lhe muitas honras devidas ao seu sublime nascimento. Casou em 30 de Janeiro de 1715 com dona Luiza Cazimira de Sousa, herdeira da illustrissima casa de Arronches, a quem elrei D. João V fez a mercê das honras de duqueza. D'este plausivel matrimonio nasceu em 11 de Novembro de 1715 a senhora dona Joanna Perpetua, a quem elrei D. João V concedeu honras de duqueza, e casou em 20 de Setembro de 1738 com o quarto marquez de Cascaes D. Luiz, que morrendo em 14 de Março de 1745, ficou esta senhora viuva, e sem successão. O senhor D. Pedro de Fragança, duque de Lafões nasceu em 19 de Janeiro de

1718, foi regedor das justiças da Casa da Supplicação, em que entrou no anno de 1749, e falleceu no de 1761, e o senhor D. João de Bragança nasceu em 6 de Março de 1719. Morreu emfim o senhor D. Miguel desgraçadamente, naufragando no Tejo em 13 de Janeiro de 1724, e apparecendo o corpo a 5 de Fevereiro, foi conduzido ao convento de Santa Catharina de Ribamar, da provincia da Arrabida, onde jaz.

O senhor D. Joseph nasceu a 6 de Maio de 1703. Foi sagrado arcebispo de Braga a 5 de Fevereiro de 1741 pelo emminentissimo cardeal patriarca, e a 23 de Julho do referido anno fez a sua entrada publica n'aquella cidade com grandes festas, obsequios e alegrias de seus cidadãos, onde depois de um feliz governo acabou os seus dias.

Filhos d'elrei D. João V

A serenissima princeza dona Maria Barbara nasceu em Lisboa a 4 de Dezembro de 1711. Desde a abençoada indole dos seus primeiros annos se instruiu com tanta perfeição nos solidos dictames da prudencia, e das virtudes, que ainda hoje possue a gloria de ser venerada por uma das princezas mais benemeritas da attenção entre as expectaveis da Europa. No anno de 1729, a 19 de Janeiro se desposou com o serenissimo senhor D. Fernando, principe das Asturias, passando a viver em Castella com o seu regio esposo em reciproco affecto, e universal contentamento dos hespanhoes, até que a 27 de Agosto de 1758 foi gosar da eterna Bemaventurança, como as suas virtudes nos persuadem.

O principe D. Pedro nasceu em Lisboa a 19 de Outubro de 1712. Não viveu mais que dous annos, e dez dias, porque a 29 de Outubro de 1714 foi para o Ceu, e jaz seu corpo em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo principe D. Joseph successor na coroa, e hoje felizmente reinante.

O serenissimo senhor infante D. Carlos nasceu em Lisboa a 2 de Maio de 1716, e dando evidentes mostras de uma vasta capacidade por acções heroicas, a sua intempestiva morte, supposto que succedida depois de uma larga enfermidade, deixou a todos magoados em 30 de Março de 1736. Jaz em S. Vicente de Fóra.

O serenissimo senhor infante D. Pedro nasceu em Lisboa a 5 de Julho de 1717. Sua magestade o collocou na alta dignidade de grão prior do Crato, pondo n'esta fórma em praxe o grande conceito, que merece o relevante de suas admiraveis prendas. A 6 de Julho de 1760, se recebeu com a serenissima senhora dona Maria princeza da Beira, e herdeira do reino, sua sobrinha, na capella real de Nossa Senhora d'Ajuda. De cujo consorcio nasceu a 21 de Agosto no anno seguinte pelas dez horas da noite o serenissimo principe D. Joseph Francisco Xavier, e foi bautizado na igreja do palacio de Nossa Senhora d'Ajuda pelo car-

deal patriarcha D. Francisco Saldanha, festejando-se tudo com muitos repiques, e luminarias.

O serenissimo senhor infante D. Alexandre nasceu a 24 de Setembro de 1723, e morreu de bexigas a 2 de Agosto de 1728. Jaz no convento de S. Vicente de Fóra.

Teve o senhor D. João V fóra do matrimonio ao senhor D. Antonio, que nasceu em o primeiro de Outubro de 1714, ao senhor D. Gaspar em 8 de Outubro de 1716, o qual a 24 deAgosto de 1758 foi sagrado arcebispo de Braga, onde felizmente governa com o exemplo e justiça, de que nasce o affecto que todas as suas ovelhas lhe tributam. Ao senhor D. Joseph que nasceu a 8 de Setembro de 1720, e foi erecto em inquisidor geral pela Bulla *Cum officium* de Benedicto XIV de 15 de Março de 1758.

Filhos d'elrei D. Joseph I

A sersnissima senhora princeza da Beira dona Maria Francisca nasceu a 17 de Dezembro de 1734, de quem já fallámos. A serenissima senhora infanta dona Maria Anna, que nasceu a 7 de Outubro de 1736. A serenissima senhora infanta dona Maria Francisca Dorothea, que nasceu a 21 de Setembro de 1739. A serenissima senhora infanta dona Maria Francisca Benedicta que nasceu a 25 de Julho de 1746.

CAPITULO IX

Do governo antigo, e moderno da casa real

Ainda que alguns escritores nossos se inclinassem (1) a que os officios, com que se serviu a casa real até elrei D. Fernando, fossem sómente mordomo da corte, alferes, e trinchante, (2) todavia varios outros officiaes tiveram muitos dos reis, que lhe precederam, dos quaes daremos breve informação por aquella ordem, que nos for lembrando, sem darmos exacta preferencia aos taes officios que requer a grandeza da sua dignidade.

Mordomo mór. É entre todos os officios titulares da casa real o que tem o primeiro lugar. No regimento que fez Gomes Annes de Azurara, (se acaso não foi Martim Affonso de Mello) dos officios móres do reino por mandado de elrei D. Affonso V que foi o principe, que reduziu a singular ordem a fidalguia portugueza nos empregos de palacio, se lê, que em outras cortes chamavam á preeminencia d'este officio Senescal, que vale o mesmo que *Senex calculi*, ou presidente das

(1) Não fazem menção de outros officiaes até o dito tempo Fr. Antonio Brandão, Ruy de Pina, e Duarte Nunes, sendo estes dos mais principaes Chronistas entre os nossos. (2) Os que contam em um dos tres Officios ao Trinchante, é porque entendem que isto significava «Dapifer;» mas enganam-se, porque este officio corresponde ao de Veador, entre o qual, e o de Mordomo mór não havia antigamente differença. Danet. in Diction. antiq. Romau. verb. «Comes.» Castr. Palat. Ducange verb «Dapifer.»

contas, (1) porque a seu cargo toca tomal-as de todas as despezas dos reis, porém o Scipião Amirato affirma, que Senescalco era o Architiclino antigo, e que o officio de mordomo mór tivera origem no reino de França, donde se derivou a outras cortes da Europa.

N'este reino devia começar com o conde D. Henrique: porque em tempo d'elrei D. Affonso seu filho assina, e confirma muitas vezes as doações o mordomo mór Gonçalo Rodrigues. O que temos por infalivel é, que esta dignidade andou sempre nos principaes senhores de Portugal. Elrei D. Diniz honrou com ella a seu filho illegitimo D. Affonso Sanches, de quem foi summamente affeiçoado. O conde D. Nuno Alvares Pereira foi mordomo mór d'elrei D. João I, e assim a tiveram outros muitos cavalheiros da primeira nobreza.

Além da superintendencia, que o mordomo mór tem na casa real entende particularmente em receber todos os creados, e moradores d'ella: e, porque antigamente em lugar do verbo *tomar* se dizia *filhar*, conserva ainda hoje esta palavra, chamando-se a estas recepções *filhamentos*. Os fóros, que ha na casa real, em que entram os novamente filhados, são estes: Moços da camara, moços da guarda-roupa, escudeiros fidalgos, cavalleiros fidalgos, moços fidalgos, fidalgos escudeiros, fidalgos cavalleiros, fidalgos do conselho.

No foro de moços fidalgos filha o mórdomo mór aos filhos, e netos dos já filhados, ou a outros, a quem elrei faz mercê de novo, ainda que seus antepassados não fossem filhados. O filhamento dos primeiros é ordinario, porque não se póde negar ao filho do creado d'elrei o foro, e moradia de seu pai. Chegando os moços fidalgos a vinte annos, os accrescentam a fidalgos escudeiros: e depois sendo armados cavalleiros em algum acto de guerra, lhe dão foro de fidalgos cavalleiros: porém n'isto póde haver dispensa com facilidade. O ultimo accrescentamento é de fidalgos do conselho, porém não é accrescentamento ordinario, nem os filhos o pódem requerer, mas elrei dá este titulo a quem lhe parece, e anda annexo a todos os arcebispos, e bispos, priores móres de Aviz e Santiago, a todos os inquisidores do conselho geral do Santo Officio, a todos os condes, dezembargadores do paço, chancelleres da Casa da Supplicação de Lisboa, e relação do Porto, e chanceller mór, reitor da Universidade de Coimbra, governador do Algarve, aos governadores das praças de Africa, Brasil, e Angola, e presentemente o concedeu sua magestade aos setenta e dois mon-senhores prelados da santa igreja patriarchal.

Os moradores da casa d'elrei, que não entram por moços fidalgos, são tomados por moços da camara, e depois se accrescentam a escudei-

(1) Veja-se a Bluteau no vocab. «Mordomo mór, e Senescal,» e a Gil Gonçalves Davila no Theatro de las grandezas de Madrid p. 313. Nunes de Castro no livro «Solo Madrid es Corte» liv. 1. cap. x. Villa-boas na Nobiliarq. Port. cap. xii. Lima Geograf. Histor. tom. 1. p. 481. Selan. Succo de Pegas tom. II. p. 376. verb. «AEconomus.»

ros fidalgos, e ultimamente a cavalleiros com a terceira ou quarta parte mais de moradia, conforme suas qualidades. Os moços da capella, porteiros, reposteiros, e toda a mais gente d'aqui para baixo tem accrescentamento ordinario a escudeiro sómente, e este menor, e de quantia certa.

O foro dos fidalgos cavalleiros, que sómente se dava em algum famoso acto militar, mais era dignidade que foro, e começou n'este reino a ser accrescentamento ordinario depois da tomada de Alcacer, como diz Gomes Annes de Azurara: porque até então, como o reino estava sem conquistas, não havia occasião, senão rara, de alcançar semelhante honra, e os que liam buscal-a fóra do reino, eram poucos, e por isso esta dignidade era tão estimada, que todos os principes, d'aquelle tempo, a procuravam alcançar com grande cuidado: assim lemos que para este effeito vieram a Hespanha, e Portugal grandes senhores em varios tempos: e os que nesta parte alcançaram maior gloria foram os nossos infantes, filhos d'elrei D. João I, porque só com este intento emprenderam a expugnação de Ceuta, e elrei D. João II sendo principe, a de Arzilla.

Dava-se tambem esta dignidade em tempo de paz, e com grandes festas quando alguma personagem subia ao novo titulo, como fez elrei D. Pedro I quando creou conde de Barcellos a D. João Affonso Tello, seu grande privado, (1) para o qual acto mandou fazer cinco cirios, que outros tantos homens tiveram nas mãos toda a noite, que o conde velou as armas no convento de S. Domingos de Lisboa, estando postos em alas desde a igreja até os paços do Castello. Elrei D. Affonso V armou cavalleiro a seu irmão, o infante D. Fernando com tanta solemnidade, que o menor apparato d'esta pompa foi precederem diante deste magnifico acto mil tochas, que levavam quatrocentos cavalleiros, e seiscentos escudeiros dos mais luzidos da corte todos vestidos de uma libré, e trage.

O camareiro mór é o segundo officio da casa real, conforme a distribuição, que lhe assina a ordenação do reino. (2) Chamava-se esta dignidade em tempo dos imperadores romanos *Primicerius sacri cubiculi*. Os reis godos intitularam ao camareiro mór *Comes cubicularius*, e havia outros, a que chamavam condes do cubiculo, que eram os que agora são gentis-homens da camara. (3)

Esta dignidade começou mais tarde neste reino, pois no governo d'elrei D. Affonso III é a primeira vez, que se encontra este titulo em João Fernandes: e antes que a houvesse, fazia este officio o reposteiro mór. Sua particular obrigação é vestir, e despir a pessoa d'elrei, aos pés de cujo leito costumava dormir. Ultimamente andou este officio na

(1) Faria na Europ. Port. tom. 2. part. 2. cap. 1. num. 22. (2) Orden. liv. 3. tit. 5. no princip. (3) Petr. Pantin. de Offic. Regiae domus Gothor. Garm. Theatr. de Hesp. tom. 3. p. 113. e 123.

familia dos Sás, condes de Penaguião, e marquezes de Abrantes que exercitava com o titulo de camarista, ou gentil-homem da camara em companhia de outros, que todos servem ás semanas, e trazem chave dourada. (1)

Guarda mór da casa. D'esta dignidade se faz menção no rigimento dos officios móres d'elrei D. Affonso V, o qual ordena, que o guarda mór traga sempre vinte cavalleiros para guarda da pessoa d'elrei, que o acompanhem em toda a parte. Na Chronica d'elrei D. Manoel escreve Damião de Goes, (2) que o dito rei, em quanto viveu, tivera sempre guarda da camara, e dos ginetes, de que muito se prezava. Constava a sobredita guarda de vinte e quatro cavalleiros dos mais assinalados da corte, que dormiam no paço junto da camara d'elrei, e na mesma casa dormiam tambem alguns moços fidalgos, e na outra salla outros tantos moços do monte. Na guarda dos ginetes havia duzentos cavalleiros muito valentes, que armados com lanças, e adargas, acompanhavam a elrei para onde hia.

Tanto que elrei se deitava na cama, antes de se lhe correr a cortina, entrava o guarda mór, e via a elrei, e então corria a cortina o Sumilher, e sahiam para fóra. Fechava o guarda mór a porta, e junto della se lhe fazia a cama aonde dormia, e mais afastado se seguiam as camas dos outros fidalgos da guarda. Pela manhã, quando el-rei chamava, entrava o guarda mór com o Sumilher; este levantava a cortina, e o guarda mór assistia ao vestir d'elrei. Este costume se usou até o tempo d'elrei D. Sebastião, (3) e o officio expirou em Pedro de Mendonça Furtado no reinado d'elrei D. João IV, que depois não se tornou mais a prover.

Reposteiro mór. Chamavam os romanos a este officio *Comes Castrensis*, e presidia aos castrensianos, que punham a meza ao imperador; aos lampadarios, que tratavam das luzes, que de noite havia no paço; aos cellarios, que tinham cuidado na dispensa, e a outros muitos. N'este reino serve de chegar a cadeira, ou almofada a elrei, quando se assenta, ou põe de joelhos: e preside aos reposteiros, cujos officios provê. Anda hoje esta dignidade na casa do conde de Castello-melhor, que a herdou por morte de Bernardim de Tavora.

Veador da casa. O primeiro veador, de que ha noticia n'este reino, é de Egas Moniz em tempo do invicto rei D. Affonso Henriques; e os mais que se lhe seguiram, foram sempre cavallheiros de grande caracter. (4) Estava a seu cargo não só o governo total das oxarias, mas grande parte do regimen da casa real, porque servia inteiramente o officio de

(1) Vide Gil Gonsalv. Theatr. de las grandez. de Madrid p. 315. Peg. á Orden. tit. 13. liv. 3. tit. 5. gloss. 2. n. 64. Barbos. á dit. Ordem. n. 2. Carv. in cap. Raynald. de test. part. 1. n. 366. Villasboas Nobiliarq. Port. cap. XII. (2) Goes part. 4. cap. 84.

(3) Sous. Histor Geneal. tom. 3. p. 552. Lim. Geograf. Histor. tom. 1. p. 411. Veja-se a Argote no Discurso da Montaria Real cap. 6. e a D. Franc. Xavier de Garma no Theat. Univ. de Hesp. t. 3. c. 14. (4) Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 5. e liv. 10. cap. 1. Chron. delrei D. João 1. cap. 68.

mordomo mór quando este por qualquer ausencia, ou molestia faltava no paço: assim o determinou elrei D. Affonso V no seu regimento, (1) e se vê tambem no da fazenda, (2) estylo, que em muitos reinos é estabelecido. (3)

Ha muitos exemplos de servirem os veadores o officio de mordomo mór, como foi Vasco Annes Corte Real pelos annos 507, 512, e 515; Ruy Lopes em 527, e 529; D. Francisco de Sousa em 541, Thomé de Sousa em 551, D. Diogo Lopes de Lima em 570, e Damião Borges em 579, sendo estes tempos comprehendidos nos governos dos senhores reis D. Manoel, D. João III D. Sebastião, e D. Henrique. Na mesma fórma continuou Francisco Barreto no tempo d'elrei Filippe II.

É verdade que servindo o veador Francisco Barreto de mordomo mór, se moveram entre elle, e o proprietario varias duvidas. Primeira sobre qual d'elles havia de levar o ordenado de mordomo mór. Segunda como se havia de dizer nos alvarás: «Eu elrei faço saber a vós F. meu mordomo mór: ou F. meu veador, que hora servis de meu mordomo mór.» Terceira, se quando tornava a servir o mordomo mór, lhe havia de entregar o veador as consultas, e mais papeis, que, quando tinha servido, despachara, ou se haviam de ficar em seu poder. Resolveu-se que ambos levassem o ordenado de mordomo mór: que nos alvarás se dissesse: «Veador, que servis de mordomo mór:» e que os papeis fossem todos para o cartorio, em que costumavam estar.

Em todo o tempo dos senhores reis D. João IV, e D. Affonso VI governavam os veadores ás semanas pela precisa, e continua assistencia, que faziam no paço, assistindo aos comeres de suas magestades, e não mandando os ditos senhores fazer nem ainda para si cousa alguma, que não fosse ordenando-o vocalmente ao veador de semana, e este aos officiaes subalternos. Quando as pessoas reaes estavam doentes, eram obrigados a assistir nas juntas dos medicos, para verem o que lhe mandavam comer, e receitar. Aos veadores tocava o mando de todos os officiaes pertencentes á meza d'elrei: elles tinham o governo dos moços da camara: a seu cargo estava a enfermaria, onde se curavam os creados pobres: e nas jornadas, que os reis faziam, corriam com todos os gastos inteiramente, e era totalmente sua a disposição. No governo do serenissimo senhor D. Pedro II como se servia com os camaristas, e comia pela casa da rainha, e as despezas ordinarias se faziam pela do infantado, quasi ficaram sem exercicio os veadores. Anda hoje este officio nas casas dos illustrissimos condes do Redondo, e Assumar, e D. Francisco Xavier de Sousa.

(1) No tit. de Mordomo Mor. (2) Cap. 241. (3) L'Etat de la France, et de la Gran Bretana. Etiquetas de Hespanha.

CAPITULO X

Dos officiaes, e ordem com que se assistia a meza dos reis

. .

Costumavam os senhores reis d'este reino comer ordinariamente em publico, e com magestoso apparato desde o tempo delrei D. Affonso V, que imitoa a seu tio, o infante D. Pedro. (1) Assistia á meza um trinchante, que cortava. Até o tempo delrei D. João III foi um só, depois se accrescentou mais outro, e no reinado delrei D. João IV houveram tres trinchantes de tres differentes casas. Hoje anda na de D. Antonio Alvares da Cunha, senhor da Taboa, e na de D. Joseph de Vasconcellos e Sousa, que herdou este officio por casar com uma filha herdeira de Diogo de Brito Coutinho. (2) A' mão direita do trinchante ficava o Uchão, e junto com elle o servidor da toalha. Da parte esquerda se seguia o mantieiro.

Traziam os moços da camara as iguarias, vindo diante o prestes da cosinha, que é um accrescentado, e nas festas grandes o mestre-sala. Davam-se os pratos ao servidor da toalha, que os punha na meza, e o Uchão os chegava para o trinchante por ordem, conforme se havia de comer. Depois de trinchados os que eram para isso, fazia a salva o servidor da toalha, e o trinchante os chegava a elrei: e, tanto que elrei comia, os tirava o mantieiro, e mettia outros, e novamente guardanapo.

Uchão é o que tinha cuidado de mandar guardar a caça na ucharia ou dispensa da casa real, e por isso parece que se lhe deu o nome de Uchão, tomado de *Occello*, que em italiano significa passaro. O officio de copeiro mór, a que os godos chamavam conde das Escancias, ou *comes escanciarum*, que é o mesmo que se dissessemos conde das bebidas, é o que dá o pucaro de agua a elrei para beber, e anda hoje este officio na casa do conde de Villa-Flor. Quando elrei lhe fazia signal, hia buscar o pucaro á porta da casa, onde elrei comia, e lho entregava o copeiro menor, e tornando a entrar acompanhado do mesmo copeiro, e dois porteiros da cana, que faziam suas cortezias e se punham de joelhos, chegava o copeiro mór á meza, dava o pucaro a elrei, que acabando de beber, o tomava estando até então inclinado sobre a meza, tendo a salva debaixo do pucaro. Depois se levantava, e tres pés atras fazia a cortezia, e dava o pucaro ao copeiro menor, que o levava á copa acompanhado dos porteiros.

Nas solemnidades grandes se fazia este acto com muito maior ceremonia: porque hiam diante os porteiros da maça dois e dois, os reis de armas, arautos, e passavantes, o porteiro mór, mestre-sala, veador da casa, os veadores da fazenda, e detraz de todos o mordomo mór, e todos hiam descubertos até o estrado, onde faziam suas cortezias. Os

(1) Nun. Chronic. delrei D. Affonso V cap. 125. Soares da Silva nas Memorias Jelrei D. João I p. 3.6. (2) Lima Geograf. Histor. tom. 1. p. 311. Sous. Grandes de Portug. p. 279.

vèdores da fazenda tiravam os chapeos no meio da salla, e o mordomo mór até o fazer da cortezia, que juntamente a fazia, e tirava o chapeo, e neste tempo se tocavam os instrumentos musicos. Este mesmo acompanhamento se fazia nas primeiras e ultimas iguarias, que vinham á meza, e quando traziam a fructa. (1) Todos estes officiaes, que assistiam á meza levavam certas iguarias, de gajes da copa, as quaes eram de tanta importancia, que mandando elrei D. Filippe II que lh'as dessem a dinheiro, se lhe arbitraram por ellas grossos ordenados.

Todos os senhores, que assistiam á meza, estavam em pé encostados á parede, e nenhum dos grandes tinha assento, porém cubriam-se os que tinham esse privilegio. A' roda da meza estavam de joelhos os moços fidalgos: e, quando no fim vinha a confeiteira, repartia elrei com elles dos doces, e fructas. (2) Em quanto os reis comiam, costumavam praticar com os fidalgos, principalmente com aquelles, que tinham andado fóra do reino: e com os doutos, que sempre estavam presentes, se excitavam questões curiosas, e uteis.

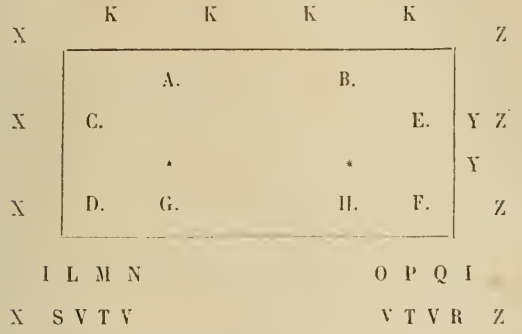
Muitas vezes nos domingos, e dias santos jantavam, e ceavam com musicas: e nas festas principaes com atabales, e trombetas. Vespera de Natal consoava elrei em publico com todo o estado, e entretanto davam de cear a todos os escudeiros, e fidalgos, que estavam na salla. Depois mandavam de consoar ás damas, e officiaes delrei se lhes mandava a suas casas. Os moços da camara consoavam na guarda-reposta, e aqui mesmo se dava consoadas aos capellães, e d'aqui para baixo até os moços da estribeira, e do monte.

O fausto, e grandeza, com que elrei D. João II celebrou as vodas de seu filho o principe D. Affonso com a serenissima senhora dona Isabel, especialmente nos banquetes, que deu em Evora foram tão notaveis, que nos obriga a transcrever o mais raro delles pelas formaes palavras do seu chronista Garcia de Resende cap. 123 o qual diz: «Logo á entrada da meza veio uma grande carreta dourada, e traziam-na dois grandes bois assados inteiros com cornos, mãos, e pés doirados, e o carro vinha cheio de muitos carneiros assados inteiros com os cornos doirados, e vinha tudo posto n'um cadafalso tão baixo com rodetas no fundo d'elle, que não se viam, que os bois pareciam vivos, e que andavam. E diante vinha um moço fidalgo com uma aguilhada na mão, picando os bois, que parecia que andavam, e levavam a carreta, e vinha vestido como carreteiro com um pelote, e um gaibão de veludo branco forrado de brocado, e assim a carapuça, que de longe parecia proprio carreteiro, e assim foi offerecer os bois e carneiros á princeza, e feito o serviço, os tornou a virar com sua aguilhada por toda a salla até sair fóra, e deixou tudo ao povo, que com grande grita, e prazer foram espedaçados, e levava cada um quanto mais podia. E assim vieram juntamente a todas as mezas

(1) Garcia de Resend. Chron. delrei D. João II cap. 123. (2) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. cap. 81.

muitos pavões assados com os rabos inteiros, e os pescoços, e cabeças com toda sua penna, que pareceram muito bem, por serem muitos, e outras muitas sortes de aves, e caças, manjares e frutas, tudo em muito grande abundancia, e muita perfeição.»

A ultima vez, que as magestades portuguezas comeram em publico, foi, quando veio de Alemanha a rainha dona Maria Anna de Austria. A primeira cea, e jantar se deu na casa da galé, e foi de grande esplendor, disposição, aceio, e apparato. Tinha a meza de comprido quatorze palmos e meio, e de largo seis e meio. Constava de quatro cobertas de vinte e um pratos cada uma: as tres primeiras de cosinha, e a ultima de doces, e frutas. A disposição era n'esta formalidade, segundo o mappa, que vimos em casa do excellentissimo conde do Redondo.



A Lugar do talher delrei N. Senhor.
B Lugar do talher da rainha nossa Senhora.
C Lugar do guardanapo do senhor infante D. Francisco.
D Lugar do guardanapo do senhor infante D. Antonio
E Lugar do guardanapo da senhora infanta D. Francisca.
F Lugar do guardanapo do senhor infante D. Manoel.
G Primeiro aviamento de trinchar.
H Segundo aviamento de trinchar.
I Moços fidalgos com abanos.
L Lugar do veador.
M Lugar do mantieiro.
N Lugar do primeiro trinchante.
O Lugar do segundo trinchante.
P Lugar do servidor da toalha.
Q Lugar do mestre sala.

R Lugar do copeiro mór.
S Lugar do escrivão da cosinha.
TT Dois moços da camera com pratinhos.
VV Moços da camera, que servem á meza.
XX Lugar dos titulos.
ZZ Lugar dos officiaes da casa.
YY Fisico mór, e cirurgião mór.
KK Lugar das senhoras, que acompanharam a rainha nossa senhora.
.. Girandolas, ou serpentinas de luzes.

CAPITULO XI

Do acompanhamento, com que os reis sahiam pela cidade, e caminhavam com a corte

Quando os reis caminhavam pela cidade, hiam n'esta fórma: Os porteiros da cana, e os reis de armas precediam a todos a cavallo, e descubertos. Depois os moços da estribeira tambem descubertos. Seguia-se o estribeiro mór a cavallo, e cuberto. D'ahi a espaço a pessoa delrei: e atraz d'elle todos os fidalgos a cavallo cubertos sem ordem. Só havendo algum infante, ou senhor grande, ia este mais chegado á pessoa delrei, conforme o parentesco. Sendo dia solemne, iam os trombetas e timbales diante delrei.

Na cidade não usaram alguns reis de guarda. Elrei D. João II, e elrei D. Manoel a traziam: já elrei D. João III muitas vezes usava sahir fóra só com dois porteiros da cana diante de si, a que alludiu Francisco de Sá e Miranda, quando disse: (1)

Que se pode ir mais a vante
Com quanto alcança o sentido,
Sem ferro, ou fogo, que espante,
Com duas canas diante
His amado, e his temido.

Elrei D. Sebastião pelos muitos estrangeiros, que havia em Lisboa, introduzio a guarda de pé de alabardeiros portuguezes, e não tedescos, com seu capitão fidalgo dos principaes. Elrei D. Filippe II admittiu guarda tedesca, e a deixou ao archiduque Alberto, depois do qual se continuou com os governadores, e vice reis. Elrei D. João IV fez duas companhias de guarda, uma de alemães, outra de portuguezes, como explica o douto, e diligente Padre D. Luiz de Lima. (2)

Tinham por costume os senhores reis ir fóra todos os domingos

(1) Sá de Mirand. Epist. 1. (2) Lim. Geogr. Hist. pa t. 1. p. 399.

depois de jantar ver correr a carreira, e algumas vezes elles mesmos a corriam. (1) Para isto se ajuntavam alem dos familiares do Paço muita outra gente dos contornos, onde elrei estava, e corriam diante d'elle á cavallo. Eram os reis tão benignos, e humanos, que, quando iam pelas ruas, e viam alguns homens nobres á porta, se detinham, e fallavam com elles. (2) Honravam tanto a seus criados, que a alguns iam levar a suas casas em dia de noivado: assim se lê delrei D. João III, que recebendo-se nos paços dos Estãos (hoje da inquisição) D. Maria de Menezes com o avô de D. Antão de Almada, sahio elrei acompanhando-a, atravessou o Rocio, e chegou até á esquina das casas de D. Braz da Silveira; e apontando para as dos Almadas, lhe disse galantemente: «D. Maria, até aqui cheguei para vos mostrar as vossas casas, porque vos não enganassem, e levassem a outras. (3)

Quando elrei ia fóra da côrte, o acompanhavam ordinariamente os moradores da sua casa, conselho de estado, e outra muita gente, que o seguia, assim por este respeito, como por seus requerimentos e despachos: pelo que em qualquer parte, que a côrte estava, havia tanta frequencia, como em uma boa cidade, e por isso ordenaram que a côrte trouxesse comsigo todos os officiaes assim politicos, como de justiça, que são necessarios para o governo d'uma republica. Eram estes o aposentador mór, almotacé mór, correio mór, corregedores do crime da corte, corregedores do civel com seus officiaes de justiça inferiores.

O aposentador mór tem por obrigação ir diante da corte um, ou dois dias, para ter prevenido o alojamento delrei; porque é costume antigo n'este reino aposentarem os moradores de qualquer povo a elrei, e sua corte, dando ametade das casas para se recolherem os que acompanham a elrei. Esta distribuição de aposentos faz o aposentador mór, e é juiz de todas as duvidas, que sobre esta materia occorrerem. Hoje anda este officio na casa dos illustrissimos condes de Santiago. (4)

Ao almotacé mòr pertence provêr a corte, onde quer que estiver, de mantimentos, e para isso tem grande jurisdicção que se estende cinco leguas da côrte. Antes que elrei faça jornada para alguma parte, manda adiante fazer promptos os mantimentos, e convocar certo numero de regatões, que chamam da corte, cujos officios elle dá, os quaes tem por obrigação prover a corte de caça, e do mais preciso, com tanto que não tragam os mantimentos dos povos cinco leguas á roda do lugar, onde a corte está; e para ser provida melhor, quando a corte está fóra de Lisboa, se quita meia ciza a quaesquer outros regatões, que fóra das cinco leguas trazem mantimentos. Anda este cargo de almotacé mór em João Gonçalves da Camera Coutinho. (5)

(1) Goes Chron. delrei D. Manuel p. 311. (2) Clede t. 3. p. mihi 421. na vida delrei D. João II. (3) Sous. Hist. Geneal. t. 4. p. 258. (4) Veja-se a Pegas á Orden. t. 13. add. t. 5. gloss. 2. n. 100. Far. no Epitom. p. mihi 665. Villash. na Nobil. Port. c. 12. Lima Geogr. Hist. t. 1. p. 337. Navarret. Conservac. de los Monarq. c. 20. (5) Orden. l. 1. tit. 13.

Ao correio mór compete prover de cavalgaduras para os moradores da corte caminharem, e pôr as postas ordinarias no reino: e, quando elrei corre a posta, serve elle de postilhão. Despacha os correios ordinarios de pé, e cavallo, assim para o reino, como para fóra d'elle. A propriedade d'este officio concedeu D. Filippe II, e confirmou elrei D. João IV de juro, e herdade á familia dos Matas. (1) N'estas jornadas usavam os reis ás vezes de guarda de cavalleiros, e particularmente a trazia elrei D. João II, a quem sempre acompanhava o capitão dos ginetes com ella. Elrei D. Manoel lhe accrescentou o numero, que faziam duzentos cavalleiros, que com o mesmo capitão lhe precediam sempre.

Com a mudança de governo houve tambem mudança na formalidade da guarda real. Para idéa da que hoje se pratica nas funcções solemnes, mostraremos brevemente a ordem, com que as pessoas reaes caminharam de Elvas para o Caya em 19 de Janeiro de 1729 para as reciprocas entregas, e desposorios dos principes, e princezas. Principiava aquelle vistoso acompanhamento por mais de quarenta coches dos fidalgos titulares do reino, a maior parte d'elles tirados a seis frizões. Seguia-se uma partida de quinze cavalleiros com um alferes, vinte e quatro trombetas, e atabaleiros da casa real, vestidos de veludo carmesim apassamanados de galões de ouro. Logo os cavallos de mão dos infantes D. Francisco, e D. Antonio cubertos de telizes de veludo verde bordados de ouro, e trinta delrei, do principe, e do seu estribeiro mór. Depois marchava um tenente com quinze cavallos, e logo doze postilhões de gabinete com fardas de panno encarnado com alamares de prata. Seguiam-se muitos coches, e berlindas, em que iam muitos officiaes do Paço de maior graduação. Logo os coches de respeito dos infantes, da princeza, do principe, e delrei, e ultimamente o coche magnifico, em que ia a familia real, e atraz d'elle muitos moços da estribeira a cavallo, e sete berlindas com as camareiras móres, e outras senhoras, e cento e trinta seges da familia, e no fim de tudo um esquadrão de guarda com quinhentos cavallos, que desde Lisboa foram acompanhando a elrei, e governavam quatro fidalgos da primeira nobreza. Não fallamos na magnificencia, e magestosa pompa d'esta jornada mais extensamente, porque se póde ver nos authores allegados; (2) só advertimos, que para esta funcção mandou elrei que a libré antiga da serenissima casa de Bragança, que era de panno silvado de verde e branco guarnecida de galões de prata, se mudasse sómente para a sua casa real, da rainha, e principes do Brasil na cor, de que usaram os antigos reis, que era de panno encarnado com os cabos, e vestecas azues agaloadas de prata, e aos archeiros da guarda da mesma cor com a differença de serem os galões de ouro. (3)

(1) Corog. Port. t. 3. p. 390. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 8. p. 286. Barb. nos Fast. da Lusit. t. 1 p. 229. (3) Veja-se o livrinho francez intitulado. Description de la ville de Lisbonne p. 82.

CAPITULO XII

Dos officiaes destinados para a caça, e montaria, e das principaes coutadas do reino

O exercicio da caça assim de volateria, como de montaria foi sempre a mais ordinaria recreação dos reis portuguezes, para a qual mantinham com grande pompa officiaes, e caçadores, que fossem destros, e intelligentes em semelhantes artes. (1) Do infante D. Duarte, filho delrei D. Manuel, se conta, (2) que era n'elle tão dominante este divertimento, que não reparava em descommodo algum só para matar um veado, chegando muitas vezes a dormir vestido no campo exposto á inclemencia do tempo. Continuou este passatempo até o reinado delrei D. Sebastião; depois conforme o genio, e inclinação dos principes assim ia crescendo, ou diminuindo.

Quanto aos officiaes para este ministerio, é o monteiro mór o que preside aos mais ministros da caça, o qual aceita todos os monteiros de cavallo, e de pé, e moços do monte, de que elrei se serve. Havia tambem caçador mór para a caça de volateria, e falcoeiro mór para a que se fazia com falcões. Hoje todas estas tres occupações unidas ao officio de monteiro mór andam na familia dos Mellos. (3)

As coutadas antigas do reino em tempo delrei D. Affonso V occupavam grande quantidade de terra, e por isso pediram os povos a elrei D. João II nas cortes de Montemór o novo, que descontasse parte d'ellas para os campos se poderem aproveitar, e se escusarem os damnos, que as caças silvestres faziam nas sementeiras. Elrei como principe tão amante de seus vassallos o consentio, e descoutou muitas terras. O mesmo fez elrei D. Manoel nas cortes de Lisboa de 1498, (4) e Filippe II no anno de 1594 descoutou as montarias de Palmella, a de Montemór o novo, a de Montemór o velho, e a de Aveiro, ordenando que não houvesse mais coutadas que as de Lisboa, Cintra, Collares, Almeirim, e Salvaterra.

A coutada de Lisboa principiava das portas de Santo Antão, estrada direita até o lugar de Bemfica, e de Bemfica até Agualva, e da Agualva a S. Marcos, e de S. Marcos a Oeiras, e d'aqui direito ao mar. As de Cintra, e Collares tinham duas leguas em circuito ao redor de cada uma das ditas villas. As de Almeirim, e Salvaterra principiava a sua demarcação de Santo Eustacio direito pela estrada de aguas vivas acima até as Simalhas, e d'ahi atravessando até a ribeira de Muja por cima

(1) Diogo Fernandes na Arte da caça de altanaria p. 4. (2) Dam. de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 3. c. 78. Sous. Hist. Geneal. t. 3. p. 424. (3) Vide Solano Succ. de Rey. t. 3. p. 413. Cal ed. decis. 90. part. 2. Ord. l. 3. tit. 5. o gloss 2. n. 115. Villasboas Nobil. Port. c. 12. (4) Dam. de Goes Chron. delrei D. Manoel part. 1. c. 26.

da mouta das Corvas, e atravessando a dita ribeira para o Zebro, e arneiro dos Cruzentes, e d'aqui ás Bezerras: d'ahi atravessando a ribeira da Lamarosa direito ás Cortesinhas, e das Cortesinhas á Erra, depois pela estrada de Coruche, e pela mesma estrada abaixo até S. Romão, e logo a Santo Estevão, atravessando a ribeira de Canha direito para as casas de Belmonte, e d'ahi ao longo das terras do duque até a ponta da mata de Payo Real, que parte as lavouras, e d'aqui pela banda do Tejo a Santo Eustacio. (1)

Não obstante isto, ficou sempre conservando as montarias de Santarem, que constam de muito mais de vinte e seis matas, com outras de particulares: as de Alemquer, as de Obidos com quinze matas, e outras particulares: as de Leiria com o famoso pinhal de quatro leguas de comprido, e uma de largo: as de Pombal, as de Coimbra, as de Coruche, as de Benavente, e as de Alcacer do sal, onde junto ao rio, que vai para a dita villa, ha um pinhal de uma legua de comprido, e de largo um quarto de legua bastecida de muita caça.

As mais notaveis contadas, que servem hoje de divertimento aos principes de Portugal, são as dos sitios de Alcantara, e Belem abundantes de perdizes, lebres, coelhos, e gamos: a de Cintra, que se estende por dilatados bosques, cujo sitio excede em qualidades a todos os do reino, e chega até a villa de Cascaes, fertil todo o seu terreno de perdizes, lebres, coelhos, e de certa especie de caça de arribação, que a fertilisa nos mezes de Setembro, e Outubro. Ao sul da serra de Cintra da parte opposta do rio corre a serra da Arrabida, tão povoada de todo o genero de caça, e em particular de veados, que alem de serem os maiores de toda a Hespanha, excedem em quantidade a outras contadas do reino, com tanto commodo para os caçadores, quantas são as quintas, e casas de campo, que tem o seu assento nos vistosos e fertilissimos sitios de Azeitão, Cezimbra, e Calhariz, situadas nas margens e visinhanças da mesma serra.

Para o tempo de inverno ha a celebre contada de Pancas, tres leguas de Lisboa da outra banda do rio, tão fertil de todo o genero de caça, que em pouca distancia da terra costuma entreter muitos caçadores. Tanta é a abundancia, e variedade, que no mesmo tempo se occupam os monteiros em correr á lança grandes javalis, e generosos veados, e os caçadores em tirar ás perdizes, correr ás lebres, e matar os coelhos, alem de outra muita caça de arribação, que concorre ás lagôas, e pantanos d'aquelle sitio. Com pouca mais distancia de leguas no termo da grande villa de Setubal nas ribeiras do rio Sado estão as duas grandes contadas do Pinheiro, e Palma, notaveis pela abundancia de veados, e porcos montezes muito pingues, e grande quantidade de perdizes, lebres, coelhos, e outras variedades de caças.

(1) Veja-se o Regimento do Monteiro mór.

Apartadas de Lisboa dez, e quatorze leguas se seguem as reaes casas de campo de Salvaterra, e Almeirim, que pelo Tejo acima se communicam pelo mar, sendo o caminho de terra facil, ameno, e commodo pelo assento, e concurso de muitos lugares vistosos, que em toda aquella distancia se vão continuando por uma povoação successiva, onde a côrte se entretinha todos os annos por espaço de quarenta dias com diversos exercicios de passatempo. (1) São ferteis de veados, porcos, e toda a especie de caça; commodas para as montarias de cavallo; faceis para as caçadas de lança, e de espingarda; abundantes nas volatarias; dispostas para o entretenimento das damas com tal commodidade, que dos mesmos coches veem alancear os porcos, matar os veados, correr as lebres, apanhar os coelhos, e voar as aves tão suavemente, e sem fadiga, que na maior distancia se escusa todo o desvelo, porque a fecundidade do sitio facilita os exercicios igualmente a quem os vê, e a quem os segue.

De mais d'estas grandes contadas se aparta de Lisboa em distancia de trinta leguas aquella mais celebre da serenissima casa de Bragança, que com o nome de Tapada tem o seu assento em Villa Viçosa, aonde os javalis são ferozes, e muitos, e em grande quantidade os veados, e muita caça miuda, que ainda sendo o sitio fertil por natureza, os sustenta por maravilha. (2) Porem melhor que todas é a tapada real de Mafra, depois que se acabaram de fechar os seus muros pela circumvallação de tres leguas, servindo para maior grandeza, e divertimento as ermidas, bosques, rios, pontes, e outras officinas, que ha dentro do seu circuito, tudo igualmente magnifico, e perfeito.

CAPITULO XIII

Do estylo com que os principes e embaixadores estrangeiros eram recebidos pelos nossos reis, e do modo, com que estes assistem no acto das cortes

Dos estylos, que os reis tinham no recebimento de outros grandes principes, que vinham ao reino, ha poucos exemplos, por serem raras as vezes, que isto aconteceu em Portugal; e ainda que algumas memorias referem, que elrei D. Affonso II de Castella veio a este reino pedir a elrei D. Affonso IV o soccorro, com que o foi ajudar na batalha de Tarifa, com tudo não se escrevem as ceremonias, que neste acto passaram. E quando elrei D. Pedro de Castella expulso fóra do reino por seu irmão veio a Portugal valer-se d'elrei D. Pedro I, não se vin com elle, porque, como os nossos principes em razão, e respeito de estado o não quizeram ajudar, evitaram as vistas, e o mandaram acompanhar sómente por alguns fidalgos principaes do reino até á raia de Galiza;

(1) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisboa p. 207. Nicol. de Oliveir. nas Grandez. de Lisb. trat. 2. c. 5. Brandão Monarq. Lusit. l. 16. c. 41. e l. 18. c. 2. Sous. Hist de S. Doming. part. 2. p. 256. (2) Sous. Hist. Geneal. t. 5. p. 559. e t. 6. p. 408

porém é facil de entender que em semelhantes occasiões seriam tratados nos recebimentos das cidades com as mesmas cerimonias dos reis naturaes, pois assim em Castella e em França se fez o mesmo aos reis d'este reino.

Em tempo d'elrei D. Fernando veio a este reino Aymon, conde de Cambrix, infante de Inglaterra, trazendo comsigo a infanta dona Isabel sua mulher, e filha d'elrei D. Pedro de Castella, por cujo respeito o conde pretendia aquelle reino. Chegados os infantes a Lisboa elrei os foi visitar á náu, e desembarcados foram fazer oração á Sé, indo todos a pé, e levando elrei a infanta pelo braço. A' vinda montaram todos a cavallo, e elrei por ser grande cortezão, levou a infanta de redea até S. Domingos, onde havia ordenado que pouzassem. (1)

No anno de 1670 veio á corte de Lisboa o grão duque de Toscana Cosme III, e se aposentou no collegio de Santo Antão. Fallou com elrei D. Pedro em audiencia particular com a formalidade seguinte: Entrou ás oito horas da noite pelo picadeiro da corte real em um coche de respeito de sua alteza, e D. João de Sousa, vedor da casa real, o veio buscar com doze moços da camara com tochas; e, depois de responder ao cumprimento de D. João de Sousa, mandou cobrir os moços da camara; e subindo pela escada recondita, o veio buscar uns poucos de degraus abaixo o gentil-homem da camara, que estava de semana, do principe regente, a cuja presença o conduziu, e em cuja camara estava uma cama rica de tela azul, um bofete cuberto, e uma cadeira. O principe regente o recebeu com agrado, dando os passos necessarios para chegar ao meio da casa; e tornando para o seu lugar, disse ao grão duque: cubra-se V. alteza; o no discurso da conversação lhe deu sempre o tratamento de vós, e o grão duque ao principe regente o de magestade. Os gentis-homens da camara sahiram para fóra, e quando o duque se despediu, o principe deu os mesmos passos, e elle foi acompanhado da mesma fórma, que no principio. (2)

Tambem no anno de 1688 veio incognito a Lisboa o principe Jorge Augusto de Saxonia, que depois foi rei Augusto II de Polonia, e fallou a elrei D. Pedro com quasi a mesma formalidade. (3)

O recebimento dos embaixadores se fazia com muita solemnidade. Mandava-os elrei acompanhar ao Paço no dia da audiencia por fidalgos da primeira nobreza, segundo a graduação, e grandeza dos principes, de que eram enviados; e entrando pela casa, onde elrei os esperava, se levantava elrei da cadeira, e punha a mão no chapeu, e tornava a abaixal-a; e encostando-se no braço da cadeira, lhe vinham os embaixadores beijar a mão, e lhes tomava as cartas de crença, e em pé os ouvia até os despedir. Depois para tratar dos negocios, a que vinham, se lhes dava

(1) Far. Europ. Portug. tom. 2. pag. 2. cap. 5. n. 63. (2) Sousa Histor. Geneal. tom 2. p. 441. (3) Sousa Histor. Genealog. tom. 7. p. 694.

audiencia em casa particular em cadeira rasa com alcatifa por cima. (1)

As cortes de Portugal correspondem ás assembléas de França, dietas de Alemanha, e parlamentos de Inglaterra. Compõem-se dos tres estados do reino, ecclesiastico, nobresa, e povo, aos quaes costuma elrei convocar para as determinações publicas, e de grandes interesses. Juntam-se as pessoas dos tres estados em uma sala ricamente adornada: na cabeceira d'ella se levanta um estrado de seis degraus com a elevação de sete palmos, que é para o throno delrei: na parte inferior arrimados á parede se põem bancos, e pelo corpo da sala, para se sentarem os chamados, que são os titulos, prelados, senhores de terras, e procuradores das cidades, e villas.

Principia este acto com a assistencia delrei, o qual costuma vir com oppa rossagante de brocado, e sceptro de ouro na mão. Vem diante d'elle o condestavel do reino com o estoque levantado, e mais adiante o alferes mór com a bandeira real enrolada, precedendo os reis de armas, arautos, e passavantes vestidos em cottas, onde se vê bordado o escudo do reino. A estes antecedem os porteiros com maças de prata; e, se o acto é de juramento de algum principe, precedem a tudo os atabales, e clarins. Chegando elrei á cadeira, se accommodam todos nos seus assentos determinados.

Preferencia dos procuradores das cidades, e villas do reino, que tem assento em acto de cortes

Bancos

1 Porto, Evora, Lisboa, Coimbra, Santarem, Elvas.
2 Tavira, Guarda, Viseu, Braga, Lamego, Silves.
3 Lagos, Faro, Leiria, Beja, Guimarães, Estremoz, Olivença.
4 Portalegre, Bragança, Thomar, Montemôr o Novo, Covilhã, Setubal, Miranda.
5 Ponte de Lima, Vianna, Foz de Lima, Villa Real, Moura, Montemór o Velho.
6 Cintra, Torres Novas, Alemquer, Obidos, Alcacere, Almada.
7 Niza, Torres Vedras, Castello Branco, Aveiro.
8 Mourão, Serpa, Villa do Conde, Trancoso.
9 Aviz, Arronches, Pinhel, Abrantes, Loulé.
10 Alter do Chão, Freixo de Espada á cinta, Valença, Monção, Alegrete.
11 Castello Rodrigo, Castello de Vide, Penamacor, Marvão, Certã.
12 Crato, Fronteira, Monforte, Veiros, Campo Maior.
13 Caminha, Torre de Moncorvo, Castro Marinho, Palmella, Cabeço de Vide.
14 Barcellos, Coruche, Monsanto, Gravão, Panoias, Ourem.
15 Arrayolos, Ourique, Albufeira, Borba, Portel.

(1) Garc. de Resend. Chron. delrei D. João II c. 77. p. 50. vers. Chron. delrei D. João II part. 1. c. 25. Far. na Eur. Port. part. 4 c. 2. n. 26.

16 Atouguia, Monsarás, Villa Viçosa, Penela, Santiago de Cacem.
17 Vianna junto de Evora, Villa Nova de Cerveira, Porto de Mós, Pombal.
18 Alvito, Mertola.

CAPITULO XIV

Das ceremonias, e estylo que se praticava nas mortes dos reis

Havia costume antigamente em Portugal, deduzido desde o tempo da gentilidade, tanto que morria alguem conduzirem a preço certas mulheres, chamadas pranteadeiras, para virem assistir aos defunctos, e acompanhal-os até á cova, chorando, e pranteando sobre elles. Por esta ceremonia começava a demonstração do sentimento; e, quando a pessoa era real, se executava com muito maior excesso, e maior numero de pranteadeiras, ou carpideiras, as quaes entre as lagrimas, e os gemidos, misturavam louvores do defuncto, que se era rei, diziam d'elle o bom tratamento, que lizera ao seu povo, que o não vexára com tributos, que introduzira tanto dinheiro no thesouro, accrescentando tanto mais sobre o que herdára; e com estes, e outros elogios gritando, e soluçando faziam mais luctuoso aquelle regio funeral. (1) •

Assim consta que se fizera no enterro delrei D. Diniz, e no delrei D. Fernando, (2) até que no tempo delrei D. João I fez o senado da camera de Lisboa extingnir semelhante costume, (3) conservando se porem ainda até o tempo delrei D. Manoel o luto de burel branco, porque o primeiro luto negro, que se usou n'este reino, foi o que se vestiu na morte da senhora D. Filippa, tia delrei D. Manoel. (4) Isto supposto, tanto que fallecia algum dos reis portuguezes, se despachavam logo correios para as comarcas do reino, com a qual noticia se levantavam nas cathedraes, e paroquias tumulos de madeira cubertos de luto para se fazerem os officios, e funeraes dobrando ao mesmo tempo os sinos.

Depois sahia em dia determinado da casa do senado a comitiva seguinte: A principal pessoa ia a cavallo vestida de luto, e levava uma bandeira negra ao hombro, que arrastava até o chão. Com o mesmo luto, e da mesma sorte o seguiam os tres vereadores d'aquelle anno acompanhados de toda a nobreza, e assistidos de tres ministros, que lhes levavam tres escudos pretos; e caminhando para a parte mais publica do lugar, onde já estava prevenido um estrado com alguns degraus, cuberto tudo de pannos negros, se subia n'elle o primeiro vereador com um escudo preto nas mãos, e voltado um pregoeiro para o povo, dizia tres vezes em voz alta: «Ouvide, ouvide, ouvide». Logo o primeiro vereador dizia estas palavras, que levava escritas: «Chorai, povo, chorai a morte do vosso rei, que vos governou com justiça, e amor de pai». E

(1) Monarq. Lusit. l. 19. c. 41. e l. 22. c. 52. (2) Ibid. (3) Ibid.
(4) Soares da Silv. Mem. delrei D. João I. n. 153.

subindo o escudo sobre a cabeça, o deixava cair em terra, e se quebrava. Com as mesmas circumstancias se repetia a mesma ceremonia pelos outros vereadores, levantando ao mesmo tempo o povo grandes clamores, e prantos. Depois caminhavam para a igreja, na qual assistiam ao funeral, que tambem se fazia com aquella expressão de pena, e dor, que merecia a grandeza da perda. Veja-se a Damião de Goes, Garcia de Resende, e a outros chronistas antigos, que as descrevem com miudeza.

Na corte se fazia este acto com maior pompa, porque ao alferes da cidade pertencia levar a bandeira, aos vereadores varas pretas nas mãos, a dois juizes do crime, e um do civel o levarem sobre a cabeça os tres escudos, que pela referida ordem se quebravam, o primeiro no taboleiro da Sé, o segundo no meio da rua nova, o terceiro no Rocio. (1) As maiores demonstrações de sentimento, que n'este reino se tem feito por pessoas reaes, foram as que se viram na morte do principe D. Affonso, filho delrei D. João II. refere-as por extenso Garcia de Resende; (2) porem as de maior formalidade, e pompa foram as que se executaram no enterro delrei D. João I, vindo-se a concluir tudo nas breves, e verdadeiras clausulas d'esta sentença: (3)

Tot mundi principes, tanta potentia:
In ictu oculi clauduntur omnia.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

(1) Monarq. Lusit. part. 7. l. 5. c. 1. Far. Eur. Port. t. 2. part. 1. c. 6 c. 131. e 133. (2) Resend (3) Drexelio no Prodrom. aeternitat. c. 3 §. 3. n. 4.

INDICE

DOS CAPITULOS D'ESTE PRIMEIRO TOMO

PARTE I

Capitulo i—Da situação, etymologia, e clima d'este reino . . . 1
Cap. ii—Memorias de algumas povoações que existiram em Portugal, as quaes ou se mudaram em outras, ou totalmente se extinguiram 3
Cap. iii—Descripção circular pela margem maritima, e raia terrestre. 18
Cap. iv—Divisão antiga 25
Cap v—Divisão moderna pelas provincias 27
Cap. vi—Dos montes, promontorios, e serras de maior nome . . 49
Cap. vii—Dos rios, ribeiras, e lagoas mais consideraveis . . . 61
Cap. viii—Das fontes mais notaveis 92
Cap. ix—Das Caldas. 97
Cap. x—Da fertilidade do reino em commum 100
Cap. xi—Dos mineraes. 106
Cap. xii—Das moedas de ouro, prata, e cobre antigas, e modernas, que se tem lavrado em Portugal. 110
Cap. xiii—Da lingua portugueza 120
Cap. xiv—Do genio, e costumes portuguezes 125

PARTE II

Capitulo i—Memorias dos primeiros povoadores da antiga Lusitania 139
Cap. ii—Estado da Lusitania com a invasão dos fenices, e carthaginezes 148
Cap. iii—Conducta dos portuguezes no governo dos romanos . . 151
Cap. iv—Entrada das nações barbaras, e dominio dos godos . . 159
Cap. v—Invasão, e dominio dos mouros 168
Cap. vi—Erecção do senhorio de Portugal separado dos mais dominios de Hespanha, e estabelecimento dos soberanos monarcas portuguezes. 175
Cap. vii—Catalogo das serenissimas rainhas de Portugal . . . 225
Cap. viii—Dos filhos legitimos, e illegitimos dos soberanos reis de Portugal. 233

Cap. ix—Do governo antigo, e moderno da casa real 260
Cap. x—Dos officiaes, e ordem com que se assistia á mesa dos reis 265
Cap. xi—Do acompanhamento, com que os reis sahiam pela cidade, e caminhavam com a corte 268
Cap. xii—Dos officiaes destinados para a caça, e montaria, e das principaes contadas do reino 271
Cap. xiii—Do estylo com que os principes, e embaixadores estrangeiros eram recebidos pelos nossos reis, e do modo, com que estes assistem no acto das cortes 273
Cap. xiv—Das ceremonias, e estylo que se praticava nas mortes dos reis 276

INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS D'ESTE PRIMEIRO TOMO

Abrantes, antigamente se chamava Tubuci, pag. 18.

Abundancia da provincia do Minho, 29.

Academia real da Historia portugueza por quem foi instituida, 220.

Açumar, ou Alegrete se chamava *Ad septem aras*, 17.

D. Affonso VI. rei de Castella, suas conquistas, 175.

D. Affonso Henriques, onde nasceu, 178. Alcançou milagrosamente saude da senhora de Carquere por supplicas de Egas Moniz, ibid. Elle mesmo se armou cavalleiro na igreja cathedral de Çamora, 179. Excluiu sua mãi do governo por força de armas, ibid. Ganhou uma batalha na Veiga de Valdevez, ibid. Triunfou de cinco reis mouros confederados no campo de Ourique, onde lhe appareceu Christo crucificado, dando-lhe o escudo das armas de Portugal, ibid. É acclamado rei pelo seu exercito, cujo titulo confirmou o papa Alexandre III. 108. Mostra-se a verdade da apparição de Christo, ibid. Responde-se aos argumentos oppostos, 181. Offerece D. Affonso Henriques por liberal tributo á Sè Apostolica dois marcos de ouro, 182. E a Santa Maria de Claraval cinco escudos cada anno, ibid. Edificou cento e cincoenta templos, ibid. Instituiu as Ordens militares da Aza, e de Aviz, ibid. Casou com a rainha D. Mafalda, ibid. Filhos que teve, ibid, e 234. Sua morte, e sepultura, 182.

D. Affonso II. rei de Portugal chamado o Gordo, quando, e onde nasceu, 184. Foi livre prodigiosamente de um achaque por virtude de Santa Senhorinha, ibid. Teve grande parte na victoria das Navas contra os mouros, auxiliando a elrei de Castella, ibid. Intentou usurpar as terras que eram de suas irmãs, ibid. Conquistou aos mouros Alcacer do Sal, e defendeu Elvas, 185. Filhos que teve, ibid. Quando morreu, e onde jaz seu corpo, ibid.

D. Affonso III. rei de Portugal chamado o Bolonhez, casou com a condessa Mathilde, 186. Conquistou o Algarve, ibid. Reduziu a seu dominio algumas terras de Andaluzia, 187. Repudiou sua legitima mulher, e casou com D. Brites filha natural delrei D. Affonso de Castella, ibid. Disturbios que houve no reino por esse motivo, ibid. Fez violencias ao estado ecclesiastico, mas sujeitou-se ás censuras dos pontifices, ibid. Edificou os conventos de S. Domingos de Lisboa, o de Elvas, e Santa Clara de Santarem, ibid. Alimpou o reino de facinorosos, ibid. Filhos que teve, 238. Quando morreu, e onde jaz, 187.

D. Affonso IV. rei de Portugal chamado o Bravo, quando nasceu, 190. Com quem casou, ibid. Foi excessivo no exercicio da caça, 191. Ajudou na batalha do Salado a elrei de Castella. ibid. Fez por duas vezes mudar os estudos publicos de Lisboa para Coimbra, ibid. Reedifi-

cou a Sé, estabelecendo n'ella varias capellanias, ibid. Consentiu que matassem a D. Ignez de Castro. ibid. Filhos que teve, 241. Quando morreu, e onde jaz, 191.

D. Affonso V. rei de Portugal, chamado o Africano, quando nasceu, 199. Onde foi acclamado rei, ibid. Dá batalha ao infante D. Pedro seu irmão em o Sitio de Alfarrobeira, 200. Passou a Africa onde ganhou muitas praças aos mouros, de que se lhe originou o titulo de Africano, ibid. Com quem casou, ibid. Contendeu com D. Fernando de Aragão que o desbaratou na batalha de Toro, 201. Passou a França a varias negociações, e intenta ir ver os lugares santos de Jerusalem, ibid. Foi mui liberal, e o primeiro que juntou livraria em palacio, ibid. Filhos que teve, 247. Onde morreu, e onde jaz, 202.

D. Affonso VI rei de Portugal chamado o Victorioso, quando nasceu, 215. Foi acclamado rei, e quando tomou posse, ibid. Alcançou contra Castella muitas victorias, especialmente a do Amexial, Canal, e Montes claros, 216. Entregou-se todo ás disposições de um Antonio Conti, que o desencaminhava, ibid. Casou com a princeza D. Maria Francisca Isabel de Saboya, ibid. Separou-se d'ella por nullidade do matrimonio, ibid. Foi deposto do governo, e em seu lugar se admittiu o principe D. Pedro seu irmão, ibid. Onde morreu, e onde jaz, 216.

Aguas celenas, povoação antiga, onde ficava, 3.

—Flavias, onde existio, 3.

—Layas, 4.

Agualva, antigamente se chamou Ceciliana, 16.

Alanos, seu dominio, 159.

Alboféira, serra do Algarve, 23.

Alcacere do Sal antigamente Salacia, 29. É ganhada aos mouros por elrei D. Affonso II, 185.

Alcoutim, onde existe, 32.

Alemtejo. Descreve-se esta provincia, 44.

Alenquer, antigamente se chamava Jerabrica, 17.

Alfaiates, praça na Beira, 21.

Algarve. Descreve-se esta provincia, 47.

Almeida, praça na Beira, 21.

Almorol, antigamente Moro, 14.

Alpalhão, antigamente Fraxinum, 17.

Alvor, antigamente chamado Portus Anibalis, 18.

Ambracia, povoação antiga, 4.

Anibal, suas acções em Portugal, 238.

D. Antonio prior do Crato, de quem foi filho, e se oppõem á successão do reino de Portugal, 210. Foi acclamado rei em Santarem, 211. Entrou em Lisboa com o mesmo titulo, ibid. É destruido pelo duque de Alva, na ponte de Alcantara junto a Lisboa, ibid. Morreu em Paris, ibid.

Araduca, povoação antiga, 4.

Araducia, onde existia esta povoação, 5.

Aramenha, antigamente Medobrica, 18.

Arcadio, e Honorio. No governo d'estes imperadores se acabou o dominio dos romanos em Portugal, 153.

Armas de Portugal, foram dadas

por Christo ao primeiro rei D. Affonso Henriques, 179.
Arcio Pretorio, onde existio, 5.
Aroche, povoação antiga, 5.
Arrayolos, antigamonte Calantica, 17.
Arrifana, sua enseada, 22.
Atributos especiaes dos portuguezes, 136.
Aveiro. Descreve-se a sua barra, 19.
Aves que ha no reino, 102.
Azeite que ha em Portugal, 101.
Azeviche em que parte do reino se acha. 109.

Balsa, cidade antiga, 5.
Banquete publico que nas vodas do principe D. Affonso fez elrei D. João II, 266.
Barbaros quando invadiram Portugal, 159.
Barros excellentes que ha no reino, 109.
Batalha. Dos Arcos de Valdevez, 179. Do campo de Ourique, 180. A do Arganhal, 182. Das Navas, 183. De Alcacer do Sal, 184. A do Salado, 191. A de Aljubarrota, 196. A de Alcantara junto a Lisboa, 211. A do Montijo, 214. A do Ameixial, Canal, e Montes claros, 216. A de Almança, 218.
Baucio Capeto, insigne capitão da Turdetania, 149.
Beja, antigamente se chamava Paz Julia, 18. Costume antigo que havia nos moradores d'esta cidade quando casavam seus filhos, 134.
Benis, povoação antiga, 6.
Beira. Descreve-se esta provincia, 38.
Benavente, antigamente se chamava Aricio Pretorio, 17.
Beselga, cidade antiga, 6.
Braga, antigamente Brachara Augusta, 17.
Bragança, seu sitio, 34.
Britonia, povoação antiga, 6.

Cabo de Espichel, 21.
Caça e seu exercicio, 135 e 272.
Caldelas, antiga povoação, 6.
Cale que significa, 2.
Callantia, povoação antiga, 6.
Calliabria, povoação antiga. 6.
Cambeto, povoação antiga, 6.
Camareiro mór, sua obrigação, 262.
Caminha, sua barra, 18.
Campos Elysios se na verdade os houve, e onde existiram, 8.
Campo Maior, sua praça, 23.
Canace, cidade antiga do Algarve, 9.
Capara, povoação antiga, 9.
Catalogo chronologico dos reis das Asturias que governaram Portugal, 170.
Cauca, povoação antiga, 10.
Cava, ou Florinda foi causa da ruina de Hespanha, 168.
Castro Marim, sua foz, 23.
Cartaginezes, quando entraram em Portugal, 141.
Cascaes, seu porto, 20.
Ceciliana, onde existio esta povoação, 10.
Chaves, como se chamava antigamente, 17.
Christo crucificado, apparece no Campo de Ourique a elrei D. Affonso Henriques, 179.
Collipo, foi cidade antiga, onde hoje está Leiria, 17.
Coitadas do reino, 272.
Comarcas. De quantas consta a provincia do Minho, 31. A de Tras os Montes, 35. A da Beira, 38. A

da Estremadura, 42. A do Alemtejo, 45. A do Algarve, 47.
Conceição da Senhora, ermida em Padroeira do reino, 215.
Copeiro môr, sua dignidade, e obrigação, 265.
Cortes. Modo com que se celebram, 444.
Costume dos portuguezes. São naturalmente esforçados e valerosos, 125. Leaes a seus soberanos, 127. Conquistadores, 128. Zelosos, e constantes na religião, ibid. Aptos para as sciencias, 129. Pouco inclinados a aprender linguas estrangeiras, 130. São pomposos nas occasiões publicas, ibid. São imitadores das modas estrangeiras, 131. Nos trages são inconstantes, ibid. São mui namorados, 133. Mui dados á caça, 135. E ao combate de touros, ibid. Amam a poesia e a musica, 136.
Descripção circular do reino, 18.
D. Diniz rei de Portugal, chamado o Lavrador, quando nasceu, 188. Quando foi acclamado rei, ibid. Casou com a rainha Santa Isabel, ibid. Incorporou no Padroado Real todas as fazendas que havia doado injustamente, 189. Teve discordias com seu irmão, ibid. Separou a Ordem militar de Santiago da sujeição de Castella, ibid. Instituiu em Lisboa a primeira universidade de letras, ibid. Fundou o real mosteiro de Odivellas, e o de Santa Clara de Coimbra, e villa do Conde, ibid. Teve em summo grão as virtudes da justiça, verdade, e liberalidade, 190. Instituiu rezarem-se no Paço as Horas Canonicas, ibid. Instituiu a Ordem militar de Christo. ibid. Foi chamado o Pai da patria e o Lavrador pelo affecto que tinha á agricultura, ibid. Teve no reino algumas guerras civis, 901. Quantos filhos teve, 240. Sua morte, e sepultura, 190.
D. Duarte rei de Portugal chamado o Eloquente, onde, e quando nasceu, 198. Foi muito dado ao estudo das letras, ibid. Quando foi acclamado, e quando casou, ibid. Quiz resgatar seu irmão D. Fernando mas frustradamente, 199. Filhos que teve, 246. Sua morte, e sepultura, 199.
Elurobricio, onde existiu esta antiga povoação, 12
Egas Moniz foi aio delrei D. Afonso Henriques, suas virtudes, 179.
Egitania, cidade antiga. 11.
Egoas que concebiam do vento, se as havia em Portugal, 59.
Elvas, sua praça, 45.
Embaixadores, como eram recebidos, 442.
Empreza das mulheres, foi uma insigne victoria que alcançaram as portuguezas do Minho contra os cartaginezes, 149.
Eremitica vida, teve principio na provincia do Minho, 30.
Ervas medicinaes que ha em Portugal, 105.
Eritrea, onde existio, 12.
Esposende. sua barra, 18.
Estoi, antigamente Ossonoba, 15.
Estrangeiros, estimados dos portuguezes, 131.
Estremadura. Descreve-se esta provincia, 40.
Evandria, povoação ántiga, 12.
Evora, cidade antigamente chamada Liberalitas Julia. 17.
Faro, sua barra, 22.
Fenices. quando entraram em Portugal, 148.

Feira, villa antigamente chamada Lancobriga, 13.

D. Fernando rei de Portugal, chamado o Formoso, quando nasceu, 193. A sua brandura o fez cair em muitas desordens, ibid. Reedificou as praças do reino, ibid. Seus casamentos, ibid. Fez pazes com elrei de Castella, ibid. Cercou Lisboa de novos muros, 194. Mudou a Universidade de Coimbra para Lisboa, ibid. Filhos que teve, 242. Quando morreu, 195.

D. Fernando filho delrei D. João I. ficou em reféns, na praça de Tangere, 245. Morreu em Berberia, e jaz na Batalha, ibid.

Fertilidade do reino em geral, 100.

Fidalgos portuguezes, são reputados por vãos, 130.

Filippe II. III. IV. reis de Portugal, suas acções que obraram n'este reino, 211.

Filhamentos, que cousa é, 261.

Filhos dos senhores reis portuguezes, 233 até 260.

Flaviobriga, povoação antiga, 12.

Flores de varias especies que nascem em Portugal, 104.

Florinda filha do Conde D. Julião foi causa da destruição de Hespanha, 168.

Fome extraordinaria que houve na Hespanha, 159.

Fontes notaveis que ha em Portugal, 92.

Foro dos Limicos, povoação antiga, 15.

—Dos Narbassos, outra antiga povoação, ibid.

Foros que ha na casa real, 260.

Frutas de varias castas que ha em Portugal, 103.

Genio portuguez. Vide costumes.

Gerabrica Vide Jerabrica.

Godos, quando começaram a dominar em Portugal, 159. Catalogo dos reis que governaram n'este reino, 163.

Governo antigo e moderno da casa real, 260.

Guarda mór, sua dignidade e obrigação, 263.

Guarda real, 468.

Guimarães cercada, e por quem, 179. Foi a antiga Araduca, 4.

H D. Henrique conde de Portugal quem foi, 176. Com quem casou, ibid. Quando passou a Jerusalem, 178. Batalhas que venceu, ibid. Filhos que teve, 239. Sua morte, e sepultura, 178.

D. Henrique cardeal é acclamado rei, 209. Sua morte, e sepultura, 210.

I Jantar esplendido que deu o senhor rei D. João V. quando se desposou com a serenissima rainha D. Mariá Anna de Austria, 267.

Iberos hespanhoes se foram primarios descendentes de Tubal, 140.

Idanha, antigamente AEgedita, 17.

Jerabrica, povoação antiga dos romanos, ibid.

Igrejas cathedraes na provincia do Minho, 80. Em Tras os Montes, ibid. Na Beira, ibid. na Estremadura, ibid. No Alemtejo, ibid. No Algarve, ibid.

Incendio notavel que houve nos Pyrineus, 159.

D. João I rei de Portugal chamado de Boa Memoria, quando nasceu e de quem era filho, 195. Antes de ser rei matou ao conde João Fernandes Andeiro, ibid. Foi declarado pelo povo defensor e governador

do reino, ibid. Foi acclamado rei em acto de côrtes, 196. Triunfou dos castelhanos na famosa batalha de Aljubarrota, ibid. Com quem casou, ibid. Foi expugnar Ceuta, 197. Mandou supprimir a antiga computação da era de Cesar, e que se usasse da epoca do Nascimento do Christo, ibid. Erigiu em Metropolitana a cathedral de Lisboa, 197. Templos que edificou, ibid. Obras insignes que fez, ibid. Filhos que teve, 243. Sua morte, e sepultura, 198.

D. João II rei de Portugal chamado Perfeito, quando nasceo, 202. Com quem casou, ibid. Quando foi acclamado rei, ibid. Mandou degolar ao duque de Bragança, por ser comprehendido em uma conjuração contra elle, ibid. Seu caracter, ibid. Foi opposto aos jogadores, 203. Templos que edificou, ibid. Dispoz a formalidade de coro na sua capella, ibid. Descobrimentos que se fizeram em seu tempo, ibid. Filhos que teve, 248. Sua morte, 203. Jaz seu corpo na Batalha incorrupto, ibid.

D. João III rei de Portugal chamado Piedoso, quando nasceu, 206. Quando, e onde foi acclamado rei, ibid. Fez muitas conquistas na India, e largou muitas praças de Africa aos mouros, ibid. Introduziu no reino o tribunal da Inquisição, 207. Reformou muitas religiões, e admittiu em Portugal a dos Jesuitas, ibid. Removeu a universidade para Coimbra, ibid. Obras insignes que fez, ibid. Com quem casou, ibid. Filhos que teve, 252. Sua morte, e sepultura, 207.

D. João IV rei de Portugal chamado Restaurador, quando nasceu, 213. Com quem casou, ibid Foi acclamado rei em Lisboa, ibid. Alcançou muitas victorias contra os castelhanos, 214. Castigou os cabeças de varias conjurações, ibid. Instituiu muitos tribunaes, 215. Tomou em acto de cortes por protectora do reino a Maria Santissima da Conceição, ibid. Filhos que teve, 255. Sua morte, e sepultura, 215.

D. João V rei de Portugal Fidelissimo, quando nasceu, 218. Em que dia foi acclamado rei, ibid. Celebra pazes com Castella, ibid. Com quem casou, ibid. Erigiu em Basilica Patriarcal a sua real capella, 219. Mandou um grande soccorro a favor da igreja contra o turco, ibid. Instituiu a Academia real da Historia Portugueza, 220. Erigiu varios bispados de novo, ibid. Templos, e edificios que fabricou, ibid. Obteve do papa Benedicto XIV o indulto de poderem os sacerdotes dos seus dominios celebrar cada um tres missas no dia da commemoração dos fieis defunctos, 221. Filhos que teve, 259. Morte e sepultura, 221.

D. Joseph I rei de Portugal Fidelissimo, quando nasceu, 222. Quando foi acclamado rei, ibid. Quando e com quem casou, ibid. Leis que tem promulgado ibid. Restaura o exercicio das letras com melhores methodos, extinguindo o magisterio aos jesuitas, ibid. No extraordinario terremoto de Lisboa se houve magnanimamente, 222. Escapou milagrosamente de tres tiros com que o queriam matar, 223. Faz justiçar os delinquentes no caes de Belem, ibid. Resiste ás tropas castelhanas, que injustamente invadiram Portu-

gal, 223. Admitte para generalissimo das suas armas ao conde soberano de Lippe Guilherme de Schaumburg, ibid. Filhos que tem, 260.

Julio Cesar veio á conquista de Portugal, 152.

Lacobriga, povoação antiga onde hoje é Lagos, 13.

Lagos, seu porto, 22.

Lagoas mais notaveis que ha no reino, 121.

Lamego, antigamente Lama, 18.

Legoas que tem Portugal de comprido, e de largo, 1.

Leiria, antigamente Collipo, 17.

Lingua Portugueza. A primeira que se fallou em Portugal foi a dos turdulos que Tubal communicou, 121. Muitos se capacitam que fôra a hebraica, outros a vasconça, ou biscainha, 123. Conforme foram as nações que dominaram em Portugal, assim foi a lingua que se fallou, ibid. Pela entrada dos godos entrou tambem n'este reino a lingua portugueza, ibid. É misturada com vocabulos de outros idiomas, 129. No tempo delrei D. Diniz começou a adquirir maior perfeição, 124. Participa de todas as circumstancias para ser perfeita, ibid e seq.

Lisboa, antigamente Olisipo, ou Fælicitas Julia, 18. Descreve-se a sua barra, 20. Todos os seus portos pelo Tejo, 21.

Mágneto, cidade antiga, 13.

D. Manoel rei de Portugal, chamado Venturoso, quando nasceu, 204. Quando foi coroado, ibid. Embaixadas que mandou ao papa Alexandre VI, ibid. E a Leão X, ibid. Expulsou fóra do reino aos judeus, ibid. Com quem casou, 205. Accrescentou ao seu imperio muitas terras da India, que no seu tempo se descobriram, 205. Libertou o estado ecclesiastico de muitos tributos, ibid. Foi jurado rei de Castella, ibid. Templos que fundou, ibid. Filhos que teve, 249. Sua morte e sepultura, 206.

Mappa do que comprehendem as seis provincias de Portugal, 49.

Marco de ouro e prata que valor tem tido em todos os reinados, 120.

Merobriga, povoação antiga, 13.

Mertola onde existe, 46.

Mestre sala, sua dignidade e obrigação, 265.

Mineraes que ha no reino, 106.

Minho. Descreve-se esta provincia, 27.

Miranda do Douro, antigamente Concia, 17. Seu sitio, 35.

Moedas de varios metaes que se tem lavrado em Portugal, 110.

Mondego, sua barra, 19.

Monsanto, 24.

Montes que ha no reino, 49.

Monteiro mór, sua dignidade e obrigação, 271.

Mordomo mór, sua dignidade e obrigação, 260.

Morte dos reis como se publicava, 276.

Moura, antigamente Arucitana, 14.

Mouros, quando invadiram a Portugal, 168.

Mulheres portuguezas, seu valor. 149.

Municipios o que eram, e quantos havia em Portugal, 26.

Nabancia, povoação antiga junto a Thomar, 14.

Nomes latinos de algumas povoações de Portugal, 17.

Norba Cesarea, onde existiu, 14.

Numancia, onde existio esta famosa cidade, 14.

D. Nuno Alvares Pereira condestavel de Portugal. Suas proezas, 196.

Obidos, sua grande lagôa, 82.

Obobriga, povoação antiga, 14.

Octaviano Augusto conciliou a paz em Portugal, 152.

Odemira, sua barra, 22.

Ordens militares que instituiu elrei D. Affonso, 182.

Ossel, onde existiu, 14.

Ossonoba, foi povoação antiga no Algarve, 15.

Ourique, celebre campo do Alemtejo onde elrei D. Affonso Henriques alcançou uma grande victoria contra os mouros, 179.

Panonias, onde estiu esta antiga povoação, 16.

Pederneira, sua enseada, 20.

Pedras preciosas, que se acham em muitas terras de Portugal, 109.

D. Pedro I rei de Portugal, chamado Justiceiro, quando nasceu, 191. Quando foi acclamado, ibid. Vingança que tomou dos que mataram D. Ignez de Castro, ibid. Demonstração publica que fez de ser D. Ignez sua legitima mulher, 192. Caracter d'este rei, ibid. Filhos que teve, 241. Sua morte e sepultura, 192.

D. Pedro II rei de Portugal, chamado Pacifico, quando nasceu, 216. Quando se intitulou rei, ibid. Seus casamentos, ibid. Seu caracter, 217. Bispados que de novo erigio, ibid. Entrou na grande alliança com o imperador, Inglaterra, e Hollanda, ibid. Rompe guerra com Castella, para onde foi em pessoa por introduzir Carlos III rei de Hespanha, ibid. Filhos que teve, 256. Sua morte e sepultura, 218.

Peixe, abundancia d'elle que ha em Portugal, 101.

Penagarcia, seu castello, 24.

Penamacor, seu castello, 24.

Pertendentes de Portugal quaes foram depois do cardeal D. Henrique, 211.

Pineto, povoação antiga, 16.

Portalegre, antigamente Amæa, 18.

Porto, antigamente Calem, 88. Sua barra, 19.

Portos que ha no Tejo, 21.

Portuguezes, seu genio e costumes, 125. Attributos proprios, ibid.

Povoadores primeiros de Portugal, 140.

Pretores romanos no governo de Portugal, 153.

Provincias antigas e modernas de Portugal, 25.

Punhete, antigamente Moro, 18.

Rainhas de Portugal, 225, et seq.

Reis das Asturias, que governaram Portugal, 170.

Reposteiro mór, sua dignidade, 263.

Rios. Do Minho, 61. De Tras os Montes, 62. Da Beira, 63. Da Estremadura, 64. Do Alemtejo, 65. Do Algarve, 66. Dos mais notaveis que ha no reino, 67 et seq.

D. Rodrigo ultimo rei godo, sua ruina, 169.

Romanos, quando invadiram, e se senhorearam de Portugal, 151.

Rosmaninhal, sua praça, 23.

Sabugal, seu castello, 24.

Sagres, sua enseada, 22.

Sal, abundancia d'elle que ha em Portugal, 110.

Salacia, onde existiu esta povoação, 18.

Salvaterra da Beira, seu castello, 23.

D. Sancho I rei de Portugal, chamado Povoador, quando nasceu, 182. Com quem casou, ibid. Acções que obrou antes de rei. 183. Quando foi acclamado, ibid. Conquistou o Algarve, ibid. Templos, e edificios que erigiu, ibid. Filhos que teve, 235. Sua morte e sepultura, 184.

D. Sancho II rei de Portugal, chamado Capelo, quando nasceu, 185. Quando entrou a governar, ibid. Recuperou muitas praças do Alemtejo que os mouros nos tinham usurpado, 186. Opprimio muito o estado ecclesiastico, por cujo motivo Innocencio IV o depoz do governo, ibid. Substituiu-lhe seu irmão D. Affonso, ibid. Recolheu-se a Toledo onde morreu, ibid.

Santarem, antigamente Scalabis, ou Præsidium Julium, 18.

Santiago de Cacem, antigamente Merobriga, 18.

D. Sebastião rei de Portugal, chamado o Desejado, quando nasceu, 207. Quando tomou posse do reino, ibid. Seu caracter, ibid. Passou a Africa a primeira vez, 208. Foi segunda vez soccorrer a Hamet, onde ficou destruido, e todo o seu exercito, ibid. Jaz seu corpo com incerteza no convento de Belem, 209.

Seca extraordinaria que houve na Hespanha, 147.

Serras que ha no reino, 49.

Setubal, antigamente Cetobriga, 17. Sua barra, 22. Foi fundada por Tubal, 140.

Sines, seu surgidouro, 22.

Suevos, Catalogo dos seus reis que governaram Portugal, 163.

Talabrica, foi povoação onde hoje é Aveiro, 16.

Tapada de Mafra e Villa Viçosa, 274.

Tavira, antigamente chamada Balsa, 17. Sua barra, 22.

Templos que os portuguezes erigiram ao imperador Octaviano Augusto, 158.

Trage Portuguez, 131.

Tras os Montes. Descreve-se esta provincia, 33.

Trigo que ha em Portugal, 101.

Trinchante, sua dignidade, 265.

Tubal, seus descendentes foram os primeiros povoadores de Portugal, 140.

Tubaci, povoação antiga, 16.

Tuntobriga, onde existiu esta povoação, 17.

U Vaca, povoação antiga 17.

Valença, fronteira á cidade de Tuy, 25.

Uchão, que occupação era na casa real, 265.

Veador da casa, sua dignidade, 263.

Viana de Caminha, descreve-se a sua barra, 18.

— Do Conde, sua barra, 19.

Villas de que consta a provincia do Minho, 31. A de Tras os Montes, 34. A da Beira, 36. A da Estremadura, 41. A do Alemtejo, 45. A do Algarve, 48.

Vinho que ha em Portugal, 101.

Viola, instrumento proprio dos portuguezes, 136.

FIM

MAPPA

DE

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

PELO PADRE

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO

BENEFICIADO NA SANTA BASILICA PATRIARCHAL DE LISBOA

TOMO SEGUNDO

PARTE III E IV

3.ª EDIÇÃO REVISTA E ACCRESCENTADA

POR

MANOEL BERNARDES BRANCO

LISBOA

TYP. DO PANORAMA — Rua do Arco do Bandeira — 112

MDCCCLXX

CORRECÇÕES, E ADDIÇÕES

Não obstante ficarem já pelo corpo da obra advertidos alguns erros, e equivocações da primeira impressão, e addicionadas outras noticias que lhe faltavam; agora offereço aqui separadamente mais emendas, e advertencias, deixando á perspicacia dos leitores prudentes outras muitas, que elles com facilidade poderão corregir.

Em semelhante assumpto, que pela maior parte se compõe de informações differentes, não é facil a um author, que não as póde examinar todas com os olhos, ser tão exacto como quizera. Trabalhei quanto me foi possivel para que esta obra sahisse perfeita, sem embargo das conhecidas repugnancias, e ingratos descuidos, que experimentei em muitas pessoas, as quaes podendo n'esta parte promover a gloria da nação, parece que por mesquinhez, ou assinte fazem capricho de não quererem que se adiante com o seu auxilio os estudos alheios; especialmente quando estes involvem materias, e pontos, que não é facil poder abrangel-os a curta esfera de um só braço.

Porém todas as difficuldades dissimulei, pelo dezejo que tenho de servir a patria, a cujo devido obsequio sacrifico o meu disvelo, e deligencia. E bastaria para me não fazer retroceder do meu intento na impreza que tomei, e benignidade dos poucos que para ella cooperaram com affecto. Distinguiu-se este particularmente no meu amigo, e companheiro o M. R. Beneficiado Joseph Caetano de Almeida Bibliotecario d'el-rei fidelissimo; pois informado d'este meu litterario projecto, com singular zelo não se contentou só de me franquear toda a boa copia de livros, que me foram precizos, mas se dignou animar-me, participando-me com liberalidade muitos importantes monumentos conducentes a illustrar esta minha obrr, extrahidos do copioso cabedal de erudição, que o seu infatigavel estudo tem recolhido.

Com igual agradecimento devo tambem publicar o grande zelo do M. R. P. fr. Fancisco de Oliveira, religioso conspicuo da Ordem dos Prégadores, e filho memoravel da cidade de Beja, o qual sem me conhecer mais que pela noticia das fracas producções do meu trabalho, quiz acreditar a minha applicação honrando-me, solicitando a minha corres-

pondencia, e com ella enriquecendo-me de muitas advertencias, e noticias, que frequentemente me communica, em que mostra não só o pleno conhecimento, que tem da Historia do nosso reino, mas o generoso coração, e genio de que é dotado, como assim o publicam tambem por experiencia alguns dos nossos escritores; (1) pois conhece quanto é honroso, e estimavel refundir nos outros com generosidade a erudição adquirida, com que se possa utilizar o publico.

Igualmente me não devo esquecer do senhor Francisco Xavier de Santarem, e a mesma memoria farei de todos os mais sujeitos, que contribuirem benevolos, e zelosos com suas advertencias; porque só assim errarei menos, e poderá esta obra conseguir pelo tempo adiante aquella perfeita utilidade, que agora talvez lhe falte por minha insufficiencia. Passemos a notar o mais importante.

NO TOMO I

Pag. 46. As dezoito villas de que se compõe a comarca de Beja, são as seguintes: Agua de Peixes, Albergaria, Alvito, Beringel, Faro, Ferreira, Ficalho, Moura, Odemira, Oriola, Portel, Serpa, Torrão, Vidigueira, Villalva, Villa de Frades, Villa nova da Baronia, Villa Ruiva.

Pag. 93. Aqui se deve agregar a famosa fonte de Alvito, que nasce debaixo do castello, onde habitam os condes, com a qual se regam muitas hortas, e moem muitas azenhas.

Tambem na villa de Agua de Peixes ha a famosa, e fertil fonte na quinta do Duque de Cadaval, a que chamam o Olho de Pedro.

Pag. 96. Todas as aguas de Monchique nascem da fonte chamada a Foya, e d'alli vem uma ribeira, que bate no dormitorio das Caldas; porem adverte-me na sua carta o R. P. fr. Francisco de Oliveira, que quando lá estivera, nunca experimentara, nem ouvira dizer as propriedades de se secar em Dezembro.

Pag. 113. A moeda chamada *Espadins de Ouro* a mandou lavrar el-rei D. João II na cidade de Beja, e na rua, a que ainda chamam da moeda cuja entrada fica na praça da parte do Occidente.

Pag. 276. Sobre o successo dos degolados de Monte-mór o velho me escreveu o R. P. fr. Francisco de Oliveira, dizendo-me, que o examinara com o literato, e insigne poeta Francisco de Pina d'alli natural, o qual assentara ser veridico; e que em memoria de tanto prodigio ainda se representava na dita villa todos os annos a 10 de Agosto o sobredito caso, formando-se um exercito fingido de mouros, e outro de christãos, que nas gargantas poem um sinal vermelho para memoria do successo.

(1) Barbos. na Bibliot. tom. 1. p. 139. Pereira na Chronic. do Carm. tom. II. pag. 308. Cardos. no Diccion. Geogr. tom. I. p. 141. tom. II. p. 114. e 767. Sousa no Agiol. Lusit. tom. 4. p. 101. e 690. Belem na Chron. dos Algarv. tom. I. p. 170. Ignacio Joseph Magro na Farmacop. Pacense tom. I.

Pag. 247. O principe D. João primogenito d'el-rei D. Affonso V jaz na capella do Rosario no convento da villa da Batalha, como se diz no *Claustro Dominicano tom.* 1. *pag.* 315.

TOMO II

Pag. 1. O templo dedicado ao Deus *Endovelico* quer o P. fr. Francisco de Oliveira, que fosse aonde hoje chamam S. Miguel do Landroal.

Ibid. Deve-se accrescentar o templo de *Diana* erecto no sitio, onde está a igreja de S. Agueda termo de Villa nova da Baronia, cuja inscripção alli achada fez conduzir o sobredito fr. Francisco de Oliveira incansavel indagador das antiguidades do reino para o frontispicio da nova casa do despacho da Misericordia da mesma villa em o anno de 1761.

Pag. 5. Não só do S. Aprigio, mas de Angelo, e Isidoro de Beja se acham hoje os retratos em primorosos paineis collocados na igreja da Graça da mesma cidade por industria, e diligencia do mencionado fr. Francisco de Oliveira, que tudo que for honrar a sua patria é para elle o obsequio o mais estimavel.

Pag. 28. O senhor D. Jorge morreu no anno de 1550.

Pag. 68. Onde está o hospicio lea-se convento.

Pag. 76. O convento Xabregano de S. Francisco de Beja existia alli já no anno de 1271 segundo o testamento d'el-rei D. Affonso III que lhe deixou certa esmola, como consta do *tom.* 1. *das Provas da Historia Genealogica da Casa real pag.* 56.

Pag. 77. Advirta-se que em Alvito não ha convento Xabregano, mas só um hospicio onde residem tres religiosos. Este de Nosssa Senhora dos Martyres fica fóra da villa, e d'ella falla o Diccionario Geografico de P. Luiz Cardoso tom. 1.

Pag. 76. Em Alvito se assina um convento aos religiosos Trinitarios, e me escreve o R. fr. Francisco de Oliveira, que em Alvito nunca houvera convento de Trinos. O que ha é só um hospicio, em que se recolhe o reitor, que é parocho da Matriz unica da villa, com um sacerdote, e um leigo procurador: e por mais diligencias, que fizeram, nunca poderam obter fundação de convento; e se assistem mais de tres frades, a camara os manda despejar, conforme o ajuste que fizeram. A ultima sentença, que o barão, e moradores de Alvito alcançaram, para que os padres da Trindade não fundassem alli convento da sua Ordem, não obstante terem para isso breve de Clemente VIII foi passada no anno de 1655.

Pag. 80, O convento de Nossa Senhora da Victoria, e não de S. Victoria, é hoje uma das freguezias do termo de Beja. As suas rendas no anno de 1445 foram applicadas para o convento de Santa Clara da mesma cidade, d'onde se infere, que já antes do anno de 1503 não havia alli communidade.

Pag. 84. S. Adosinda primeiro foi casada, e depois religiosa, como prova D. Antonio Caetano de Sousa no tom. 4.° do Agiol. pag. 438.

Pag. 85. No termo de Beja entre a ribeira de Marcabron, e Villa de Frades houve no tempo dos godos o mais celeberrimo convento benedictino dedicado a S. Cucufate. D'elle ainda existem ruinas de columnas, torre, abobedas, e outros vestigios de grande edificio. Conservou-se no tempo dos arabes com igreja, altares, e imagens. Chamava-se vulgarmente o Mosteiro de S. Covádo, e era cabeça de todos os mais conventos da provincia do Alemtejo. O seu Superior se intitulava Abbade dos Abbades, e de um d'elles se refere uma carta no tom. 2. do Agiologio Lusitano pag. 583, mandada ao Summo Pontifice, em que lhe dizia assim: «Abbas Abbatum de S. Cucufato mittimus ad te nostrum legatum. Nostri opideni nolunt quod ego, nec ego quod illi. De billis in billis venimus ad capillis. De me fac quod vis, dummodo sim Abbas. Vale.»

Pag. 85. De S. Fausto ha uma ermida fóra do villa do Torrão, com o qual tem o povo muita fe.

Pag. 94. O V. Irmão Mercenario Fr. Antonio de S. Pedro morreu em Ossuna cidade de Andaluzia, onde jaz, a 30 de Julho de 1622, como consta do seu epitafio, que allega Sousa no Agiologio tom. 4. pag. 375.

Pag. 98. Por seguir a Duarte Nunes disse, que o V. Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres falecera no anno de 1592; porem D. Antonio Caetano de Sousa no tom. 4. do Agiologio Lusitano pag. 206, e Barbosa na Bibliotheca, allegando a sua inscripção sepulchral, que se lê em Vianna, dizem que fallecera a 16 de Julho de 1590.

Pag. 97. Entre os veneraveis servos do Senhor d'esta provincia merece especial memoria a V. Maria do Lado natural do Louriçal, sete leguas de Coimbra, a qual depois de fundar na sua patria, e casas natalicias um Recolhimento de devotas, que em continuo lausperenne venerassem o Santissimo Sacramento, que hoje se acha reduzido a mosteiro de Religiosas Claristas, falleceo com opinião, e sinaes de predestinada a 29 de Março de 1632. D'elle se lembra Cardoso no tom. 2. do Agiol. Lusit. pag. 750, e mais largamente Sousa no tom. 4. do mesmo Agiol. pag. 642.

Pag. 103. Ainda na praça d'esta villa da Vidigueira se conservam as casas onde este varão apostolico nasceu.

Ibid. Aqui se deve fazer memoria de S. Apriglo Bispo da cidade de Beja, e de grande honra para ella, não só pelas suas virtudes raras, mas pela profunda intelligencia da sagrada Escriptura, em que floreceu no seculo VI, e imperio dos godos; e d'elle se lembram muitos, que refere Barbosa na Bibliot. 1. pag. 432.

Pag. 104. D'este Santo ha na provincia do Alemtejo duas freguezias uma no termo de Beja, e outra no de Montemór. Ha mais tres ermidas

com a mesma invocação; uma no termo de Coruche, que no anno de 1534 foi paroquia: outra no termo de Mertola, e outra no termo de Villa nova da Baronia junto á ribeira do Xarrama.

Pag. 106. O doutor Francisco de Negreiros Alfeirão ex-vigario geral de Beja collocou na igreja dos Monges de S. Paulo de Montemór uma excellente imagem d'esta Santa no anno de 1759.

Pag. 107. A esta provincia se deve ajuntar a memoria da Madre Soror Maria Joanna, filha da cidade de Evora, e religiosa no mosteiro do Louriçal, que falleceu a 25 de Março de 1754 com grandes demonstrações de virtuosa, e sinaes de predestinada.

Pag. 107. A V. Soror Maria Perpetua da Luz serve de grande decoro a esta provincia Transtagana, e com especialidade á cidade de Beja d'onde foi natural. Era religiosa no mosteiro da Esperança da mesma cidade, e dotada de muitas virtudes praticadas em grão heroico. Falleceu a 26 de Agosto de 1736.

Pag. 116. A cabeça de S. Fabião Papa diz o Agiologio Lusitano, que existe em Cazevel na igreja paroquial de S. João Bautista; porem em Roma é venerada na igreja de S. Sebastião ás Catacumbas a cabeça d'este santo; e agora me escreve o P. Fr. Francisco de Oliveira, segurando-me que vira com o mesmo titulo, e nome outra na cella dos Guardiões de S. Antonio de Abrantes. Um só foi o Pontifice S. Fabião, uma só deve ser a sua cabeça: será preciso revelação para sabermos qual é a verdadeira.

Pag. 134. Todas estas reliquias, de que tambem faz memoria o Agiol. Lusit. tom. 4. pag. 605, se conservam presentemente em um cofre dentro em um armario, que na enfermaria do convento mandou fazer o P. Guardião Fr. Jorge de Campo maior no anno de 1757.

Pag. 135. Na Abbadia de Urros, que fica na provincia Transmontana, e comarca do Moncorvo, se conservam em uma ermida as veneraveis reliquias de S. Apollinar Bispo, e Martyr, pelas quaes obra Deus muitos prodigios continuamente, especialmente nas pessoas quebradas, como se refere no Agiol. Lusit. tom. 4. pag. 642.

Pag. 145. A estas milagrosas imagens se deve ajuntar a que se venera no termo da villa de Chacim com o titulo da Senhora de Balsamão, por ser santuario mui frequentado de toda a provincia Transmontana, cujos devotos recorrem com fé a esta veneranda, e formosa imagem da Senhora pela experiencia dos prodigios, que ella lhes faz continuamente, e d'elles se lembra o author do Santuar. Marian. tom. 5. pag. 598.

Pag. 151. Outra imagem da Senhora com o mesmo titulo do Rosario se venera na matriz de Santa Maria de Beja, a qual por uma grande peste, que affligia a cidade, fizeram seus cidadãos voto de a levarem todos os annos em procissão na primeira oitava da Pascoa ao convento de Santa Clara extra muros, o que ainda se pratica segundo a informação que por carta nos deu o R. Padre Fr. Francisco de Oliveira.

Pag. 158. Aqui accrescentarei a veneração, que os povos da cidade de Beja, e villas da sua comarca costumam ter com devoção especial a a varios santos.

Beja a N. Senhora das Neves distante da cidade meia legua, a cuja sagrada imagem recorrem os cidadãos nas faltas de agua, trazendo a dita imagem processionalmente para a cidade. Alvito ao Senhor Jesus das Almas. Albergaria a N. Senhora do Oiteiro. Agua de Peixes ao Senhor S. Joseph. Beringel á Senhora da Conceição. Faro a S. Luiz Bispo de Tolosa. Ferreira á Senhora da Conceição. Ficalho a S. Marcos. Moura á Senhora do Carmo. Odemira á Senhora da Piedade além do rio. Oriola a S. Bartholomeu do Oiteiro. Portel á Vera Cruz do Marmelal. Serpa a S. Antonio no convento Xabregano. Torrão a S. Domingos na igreja Matriz. Vidigueira á Senhora das Reliquias no Carmo. Villa de Frades a S. Antonio dos Assores. Villalva a S. Bartholomeu entre as vinhas. Villa nova da Baronia a S. Noitel. Villa ruiva ao Senhor da Ladeira.

Pag. 162. Por ordem del-rei fidelissimo já não existem no convento da Batalha Dominicano os estudos, mas sim no de Santarem; servindo o da Batalha para creação dos Noviços, que forem para a India.

Pag. 232. Advertem-me, que á praça de Mertola nada lhe faz frente, como tambem o não faz Xerez á praça de Moura; e que o castello de Ferreira se acha arruinado, e perdido.

Pag. 266. Os ossos do inclyto D. Payo Peres Correa se trasladaram antigamente para a igreja Matriz de Tavira; e ignorando-se o sitio do jazigo, se descubriram no anno de 1724 por diligencias do doutor juiz de fóra João Leal da Gama, como refere Barbosa na Bibliot. tom. 3. pag. 537 e seu irmão nos Fastos da Lusit. tom. 1. pag. 485.

MAPPA

DE

PORTUGAL

CAPITULO I

Do estabelecimento, e progressos da Religião em Portugal

Antes de darmos noticia do estabelecimento, e progressos da Fé Catholica em o nosso Reino, havemos de saber, que na abençoada prole de Tubal, primitiva ascendencia dos lusitanos, se conservou largo tempo a lei natural, a fé, e religião, que aquelle Patriarcha ensinou, com as ceremonias destinadas para o culto de um só Deus verdadeiro (1), até que pela entrada dos gregos, fenices, e romanos se introduziu, e fomentou em nossas terras a idolatria.

O que se acha em pedras, e inscripções antigas é, que na Lusitania desde aquelle tempo dos gregos, e romanos havia templos dedicados a varios deuses da gentilidade: templo a *Minerva* nas praias de Lisboa; templo a *Venus* em Evora; templo a *Jupiter* no Torrão: templo ao celebre deus *Endovelico* junto de Terena no Alemtejo; templo de *Proserpina* em Villa Viçosa; templo, e idolo de *Vulcano* em Santiago de Cacem: templo a *Isis* em Braga; templo a *Ceres* em Guimarães; templo ao *Sol*, e á *Lua* na serra de Cintra; templo, e estatuas a *Tiberio*, a *Trajano*, a *Nero*, a *Agripina*, e a outras mentirosas divindades gentilicas. (2)

Porém é observação, que não merece desprezo, reparar, que entre a maior turba d'aquelles falsos deuses não ha historia memoravel, que attribua aos primitivos lusitanos serem elles positivamente os que lhes erigissem estatuas, ou dedicassem sitios para se lhes edificar templos: todos foram introduzidos, e maquinados por gregos, e romanos. Dos callaicos, e celtibéros escreve Estrabo, que desprezavam a multidão dos

(1) Largamente o prova Vaues na Espan. en la Santa Biblia tom. 1. cap. 23. e de Faria, e Mariana o mostra Fonseca na Evora gloriosa n. 336. (2) Resend. de Antiquit. Lusit. Brito na Monarq. Lusitan. tom. 1.

deuses. (1) O famoso templo de Hercules, erecto na Betica pelos tyrios, foi destruido pelos lusitanos, (2) acção, que nenhum idolatra emprendera.

Prova se tambem, que sendo Geryão rei da Lusitania, e fazendo-se memoria de um templo seu levantado em nossos paizes, onde se faziam consultas, e se ouviam respostas, consta que foi fabricado por gregos, e não por lusitanos. (3) Mas quando algum dos nossos prevaricassem da sua primitiva fé, foi em tempo mui posterior, e quasi quando a providencia divina tinha preparado o fim medio da vinda de Christo, para que a luz do Evangelho lhes amanhecesse mais cedo, e fosse n'elles mais breve a noite da idolatria. (4)

Assim sabemos que foram os lusitanos os primeiros de toda a Hespanha, que promptamente se converteram, e abraçaram a verdadeira religião, annunciada pelo Apostolo Santiago Maior, e depois confirmada pelo Apostolo S. Paulo, e alguns de seus discipulos. Da vinda de Santiago a Hespanha já não se póde duvidar com fundamento depois de tão doutos tratados, que se tem escripto, bastando só os dois grandes volumes, que sobre este ponto compoz, e publicou o laborioso academico D. Manoel Caetano de Sousa, onde se vê diffusamente a evidencia irrefragavel dos argumentos, e a impenetravel força de mais de seiscentos authores de todas as nações, que asseveram concordes a vinda d'aquelle santo Apostolo a Hespanha, (5) além de uma tão antiga, e constante tradição, que ha n'esta materia.

Querer tambem negar a vinda de S. Paulo, seria temeridade, por ser aquella expedição apostolica n'estas partes occidentaes um facto plenamente assegurado com os relevantes testemunhos de muitos santos padres, e um quasi innumeravel computo de outros escriptores. (6)

O anno da primeira missão evangelica dizem uns que fôra o de 41 de Christo, outros o de 35, ou 36 depois da admiravel Ascensão do Senhor. (7) E sendo Braga a primeira terra de Hespanha, que mereceo a gloria de ser alumiada com as luzes do Evangelho, n'ella ficarão logo pelo Apostolo Santiago convertidos alguns, dos quaes escolhendo o santo nove discipulos, deixou dois para continuarem a promulgação da verdadeira fé, sendo um d'elles S. Pedro de Rates, primeiro Bispo de toda

(1) Strab. lib. 3. «Callaicos perhibent nihil de diis sentire... Celtiberos autem, & eos, qui ad Septentrionem eorum sunt vicini, innominatum quendam Deum venerari. (2) Monarq. Lusitan. part. 1. pag. 1 [illegible] (3) Rufo Fest. Avien. «Ora maritima» vers. 261. apud Yanes allegad. tom. 1. cap. 24. n. 15. pag. 285. (4) Resend. lib. 1. de Antiq. pag. mihi 236. Quod si nebuloso infelicis gentilitatis aevo superstitionibus addicti Lusitani fuere, certe Evangelica luce radiante, [illegible] non sunt, quin veri Dei cultum, et religionem amplecterentur.» (5) Supposto que o allegado academico D. Manoel Caetano esgotasse este assumpto, com tudo depois delle escreveo o erudito Yanes, accrescentando algumas outras razões, fundamentos, e authoridades, que [illegible] tom. 2. da Esp. en la S. Biblia. (6) Baron. in Martyrol. Roman. a [illegible] Natal Alexand. e outros, que allega Tamayo in Dext. Esculan. Histor. de Valença liv. 2. cap. 1. Arnold. Theatr. convers. gent. pag. 47. Diffusamente o Mestre Yanes tom. 2. da Hespana en la S. Biblia pag. 252 n. 150. et seqq. (7) Monarq. Lusitan. liv. 5. cap. 3. Bozius de Signis Ecclesiae tit. 1. lib. 4 sign. 6. cap. 1. Far. tom. 1. part. 3. cap. 1.

a Hespanha: e partindo para Caragoça, levantou a casa santa do Pilar. Depois, tornando a Braga, consagrou outra igreja a Maria Santissima, e embarcando na Corunha com os sete discipulos *Torcato*, *Thesifonte*, *Secundo*, *Indalecio*, *Cecilio*, *Eufrasio*, e *Hesyquio*, voltou a Jerusalem, onde foi martyrisado por Herodes Agrippa.

Recolhendo então os discipulos com muitas lagrimas o truncado corpo do santo Mestre, partiram com elle de Joppe, e chegando prodigiosamente á cidade de Iria Flavia, chamada hoje do Padrão, lhe deram decente, e religiosa sepultura. D'aqui constando-lhe que S. Pedro, principe dos Apostolos, fora livre por um anjo da prizão, em que estivera, e assistia já em Roma, se foram lá a dar-lhe conta do succedido, e elle consagrando-os em Bispos, os enviou outra vez a Hespanha, em que discorrendo separados por varias povoações, continuaram tambem em nossas provincias a fundação da christandade, evangelizando o reino do ceu, desterrando a idolatria, convertendo muita gente, fundando igrejas e estabelecendo os ritos, e ceremonias, que se haviam de usar nos divinos officios conformes á igreja romana (1) até acreditarem a mesma doutrina, que prégavam, com a exposição espontanea das proprias vidas e crueis martyrios. (2)

Como nas cousas ecclesiasticas dos primeiros seculos nos informam as historias confusamente, he mui difficil averiguar o estado, e governo ecclesiastico da primitiva igreja lusitana: mas sendo certo, que o furor dos imperadores romanos não permittiam outros templos, nem outros simulacros, que os das suas falsas divindades, de crer he, que os Templos dos christãos portuguezes seriam ou as grutas escondidas, ou particulares oratorios, onde concorreriam occultos a fazer suas orações, e sacrificios, porem sempre perseguidos do gentilismo; mas com tanta constancia na fe, que a ennobreciam com seu sangue, confessando intrepidamente innumeravel multidão de martyres a verdadeira religião de Christo diante dos mesmos tyrannos.

Assim se hia multiplicando o christianismo, e alargando pouco a pouco os oratorios em templos, exercitando-se nelles o religioso culto, e mais funcções ecclesiasticas ordenadas pelos bispos. E posto que Diocleciano, perseguidor cruel dos christãos, mandasse em Hespanha por Daciano, seu feroz ministro, derrubar os templos, sempre todavia ficaram alguns; até que no seculo terceiro regenerado no santo lavatorio do bautismo o grande imperador Constantino, restituindo a paz universal á igreja, reedificou, e fundou novos templos, com que a Fé Catholica começou a ir lentamente respirando das continuas perseguições,

(1) Baron in Martyrol. a 15 de maio. Labbé Concil. tom. 10. col. 53. onde se allega a celebre Epist. de S. Gregor. VII. escrita a nossos Reis e aos de Hespanha. Filippe de la Bandara nos Triunfos Ecclesiasticos de Galiza produs uma Relação da jornada do Santo Apostolo que julga pela mais certa, mas afasta-se de Baronio. (2) Vasaeus ad ann. 37. Cardoso no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 275.

que padecia, (1) e o estado ecclesiastico tomou formalidade no seu governo jurisdiccional, querendo alguns escritores, que a primeira divisão de bispados feita em Hespanha fosse a de Constantino, o qual constituindo seis bispos Metropolitanos em toda ella, dera a todos por destrictos muitas cidades, (2) ficando em nossas terras por Metropoles Braga, e Merida, e por suffraganeas as seguintes:

Braga. — Astorga, Toy, Coimbra, Iria Flavia, Britonia, Viseu, Lamego, Idanha, Orense.

Merida. — Beja, Lisboa, Evora, Ossonoba, Calliabria, Salamanca, Coria.

Mas como a vinda de Constantino a Hespanha, e a divisão dos bispados attribuida a elle sejam factos duvidosos, e que muitos contradizem, (3) é provavel, que antecedentemente tivessem as cidades de Hespanha ja determinados bispos, e que a divisão das nossas provincias ecclesiasticas estivessem dispostas conforme a divisão temporal, que os imperadores tinham feito em nossas terras, (4) o que se póde tambem provar pelas actas do Concilio Eliberitano, celebrado no anno de Christo 305 antes do baptismo de Constantino, ou, segundo a opinião de outros, no anno 324 junto a Granada, e um dos primeiros que se congregou não só em Hespanha, mas em toda a universal igreja depois do que os Apostolos celebraram em Jerusalem, no qual entre os dezenove bispos, que assistiram, subscreveram os bispos portuguezes *Singio* de Braga, *Licenio* do Algarve, *Januario* de Alcacer do Sal, *Quinciano* de Evora. (5).

Nestas convenientissimas assembleas se congregavam os bispos para determinarem, e resolverem os pontos tocantes á verdadeira observancia da fé, e confirmar n'ella aos catholicos, estabelecendo varios canones da disciplina ecclesiastica, corroborando-se cada vez mais o animo dos prelados, e seu vigilante zelo para se opporem a qualquer erro, ou abuso, que produzisse a infidelidade. Assim se vio na diligencia, e constancia, com que procederão dous bispos nossos, *Ursasio* de Merida, e *Ithacio* do Algarve contra a seita de Prisciliano, mostrando-se tão zelosos da religião, que o Concilio celebrado em Çaragoça para este intento lhes encommendou a execução da sentença contra aquelle inimigo da igreja, em que os dous sabios, e virtuosos prelados se houveram valerosamente contra os portentosos esforços dos sequazes d'aquella herezia, valendo-lhes não pouco a authoridade do imperador Graciano, para haver de se desterrar de Hespanha, e de nossas provincias aos hereges. (6)

(1) Euseb. Histor. Eccl. liv. 10. cap. 15. et. de Præpar. Evang. liv. 4. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 24. Marian. liv. 6. cap. 15. Padilha cent. 4. tom. 1. c. 46. Garibay liv. 7. c. 48. Aguirre tom. 2. Concil. col. 301. num. 15. No modo de assignar as igrejas suffraganeas ás metropoles ha muita variedade. (3) Labbe tom. 5. Concil col. 376. Baron ad anno 180 § 9. Moral liv. 10. cap. 22. (4) Assim se colhe da Epistola 3 de Santo Anacleto Papa, que allega a Monarq. Lusita. liv. 6. cap. 5. (5) Baron. tom. 2. ad an. 305. Orueda liv. 12. c. 14. Padilha part. 1. cent. 4 cap. 35. (6) Monarq. Lusitan. liv. 5. cap. 28.

Acabado o poderoso dominio dos romanos, entrou nova perturbação em nossos paizes com a invasão dos alanos, vandalos, e godos, alguns dos quaes, sendo sectarios dos perniciosos dogmas arianos, perseguiam fortemente o christianismo, tratando com descortezia aos ministros ecclesiasticos, e com desacato as sagradas imagens, e reliquias, confiscando as rendas das igrejas, privando-as dos seus privilegios, e desterrando aos bispos orthodoxos, entre os quaes singularisou o nosso bispo santo Olympio, o qual com seus sermões, e publicas disputas foi acerrimo flagello de tão infernal seita.

Para atalhar esta assolação querem alguns, que o arcebispo Pancracio celebrasse em Braga o primeiro concilio nacional, em que se acharam varios bispos suffraganeos, que andavam dispersos, e desterrados das suas igrejas por causa da furia, e terror dos barbaros. (1) Alli se determinou, que cada um no seu bispado fizesse esconder os corpos, e reliquias dos santos em lugares sinalados até Deos permittir maior socego á christandade. Verdade seja, que não faltam tambem escriptores que tem este concilio por apocrifo. (2)

Afrouxando algum tanto a ferocidade d'estas nações, e determinando seus principes residir em nossas terras, tornou a paz da igreja lusitana a tomar alento; porque os reis godos já consentiam aos christãos o uso dos Sacramentos, e a frequencia dos Templos, ajudando a esta paz el-rei Theodorico, a quem deveo muito o socego do estado ecclesiastico, para que tambem concorria o valor de muitos santos prelados, que sempre trabalhavam, para que os christãos perseverassem conformes na pureza da lei Evangelica. Taes foram *S. Julião* bispo de Evora, *Aprigio* de Béja, *Idacio* de Lamego, e o famoso *Paulo Orosio*; e nos seculos mais posteriores *S. Martinho* bispo de Dume, e *S. Fructuoso* de Braga.

No dominio dos suevos, e godos teve o estado ecclesiastico em nossas provincias outras divisões: porque el-rei Theodomiro, grande defensor da religião catholica, fazendo celebrar na cidade de Lugo um concilio no anno 569, rogou aos bispos alli congregados, que sendo em toda a Galiza mui dilatadas as dioceses, e governadas por poucos bispos, havia grande descommodo nos pastores, e nas ovelhas; e assim determinou o concilio, que a Sé de Lugo, e a de Braga fossem metropolitanas, e que houvesse mais cathedraes, repartindo as parochias, que tocaram a cada cathedral. (3) A terceira divisão foi feita por el-rei Wamba, que quasi confirmou a do concilio de Lugo. (4) e com esta reforma permaneceu o estado ecclesiastico em toda Hespanha até o anno 714, em que succedeu a invasão dos Arabes.

(1) Monarq. Lus-it. liv. 6. cap. 2. e 3. Cunha bispos do Porto. part. 1 cap. 3. (2) S. Nicolas nos siglos Geronimian. tom. 3. ann. Christ. 414 c. 33. e outros, que allega o academico Pereira Leal na dissert. Exegetica (3) Loaysa na Collecção dos Concil. de Hesp. Argot. Mem. do Arceb. de Braga tom. 2. docum. 1. (4) Monarq Lusit, liv. 7. cap. 7. Padilha cent. 7 cap. 32.

Toda esta santa paz se perturbou com a lamentavel entrada dos impios Saracenos, os quaes posto, que no principio da sua conquista não fossem tão asperos de sofrer, porque deixavam aos christãos ter algumas igrejas de pobre fabrica, e celebrar n'ellas os divinos officios ás portas fechadas, a troco de lhes remirem estas liberdades com tributo taxado a seu gosto, sendo o mosteiro de Lorvão Benedictino um dos que Deus quiz conservar intacto com particular providencia no meio dos infieis para sustentar em Portugal o lume da fé em tempo tão calamitoso; (1) donde é de crer, que os christãos sacerdotes usassem da Liturgia, e rito gotico, que por esta mistura dos arabes se veio a chamar *Muzarabe*, determinado pelos nossos bispos no primeiro concilio de Braga, deduzido de Santiago, e praticado até Gregorio VII, que foi o que introduzio o romano, (2) todavia crescendo o poder dos mouros, e lavrando as calamidades, padeceu a igreja terrivel oppressão, como exaggera Isidoro Pacense.

Com este infame jugo passavam os portuguezes afflictos, e tyrannisados, até que pelos annos 750 de Christo lhe mostrou o ceu esperanças de liberdade no animo d'el-rei D Affonso o catholico, o qual entrando por Galiza com seu cunhado o valeroso D. Fruella, chegou victorioso ás praias do Douro á custa de asperos combates. Continuavam os assaltos dos barbaros, de cujas correrias sobresaltados os bispos ainda se não podiam conservar em pacifica paz, sendo-lhes preciso valer-se do recondito das brenhas para salvar as vidas, d'onde vigiavam todavia pela pureza da fé, permittindo Deus, que para maior animo da sua constancia supprissem os milagres celestes, onde faltavam as forças humanas. Tomou finalmente verdadeiro alento, e esforço o Christianismo em nossos paizes, vendo-se defendido por principes portuguezes, que empenhados em sacudir das nossas terras os infieis, lograram sublimes triumfos; e convertendo as mesquitas em templos, o alcorão no Santo Evangelho, a superstição mahometana no culto do verdadeiro Deus, reduziram as igrejas ao seu antigo, e melhorado socego, e animaram aos bispos a que residissem nas suas dioceses, acrescentando outras pelo tempo a diante, as quaes presentemente são as seguintes:

BRAGA

Este é o mais antigo arcebispado de toda Hespanha, como provam gravissimos authores, (3) e o seu primeiro prelado foi S. Pedro de Rates, constituido pelo apostolo Santiago Maior. Sempre estes arcebispos usaram do honorifico titulo de Primaz; prerogativa, que os serenissi-

(1) Chronic. de Cister. liv. 6. cap. 29. Bened. Lusitan. tom. 2. pag 316. Fr. Jeronym. Rom. Histor. Eccles. de Hesp. liv. 1. cap. 6. (2) Grancolas Comment. Histor. Brev. Rom. liv. 1. cap. 11. (3) Cunha. Trat. da Primazia da Igreja Bracharen. Barbos. de Potest Eccles. lit. 3. cap. 8. Sebast. Caes. Hierarch. Eccles. part. 1. disp. 1. § 3. num. 53. 54. e 70. Maced. Flores de Hespanha.

nos reis catholicos desejaram sempre avocar ao seu arcebispo de Toledo; e sendo tão poderosos na curia romana, nunca o poderam conseguir, nem nos sessenta annos, que intrusos governaram este reino, signal mais que evidente da falta da sua justiça; e correndo a causa ha tantos annos, nunca a poderam fazer sentenciar, contentando-se com a duvida de o poder ser a seu favor na opinião de alguns. Tem continuado o governo d'esta metropole em cento e vinte e cinco arcebispos até o presente, que é o senhor D. Gaspar, filho d'el-rei D. João v, sagrado n'esta suprema dignidade em 25 de julho de 1758. Tem por suffraganeos os bispados seguintes: *Porto*, *Viseu*, *Coimbra*, *Miranda*.

LISBOA

A dignidade archiepiscopal começou do reinado d'el-rei D. João I por bulla de Bonifacio IX anno 1393 conforme a melhor opinião, e foi seu primeiro arcebispo D. João escudeiro; porem a dignidade episcopal foi a primeira, e seu primeiro bispo foi o glorioso S. Manços; de sorte, que conta trinta e oito bispos até D. Martinho, que foi aquelle, a quem o povo de Lisboa indevidamente precipitou da torre da Sé; e arcebispos numéra vinte e tres. Depois no reinado feliz d'el-rei D. João V. se dividiu o arcebispado em duas dioceses por Bulla de Clemente XI em 7 de Novembro de 1716, ficando a parte occidental constituida Patriarchado, e eleito em primeiro patriarcha D. Thomaz de Almeida, que tinha sido bispo do Porto, e depois passou á dignidade cardinalicia: a outra parte de Lisboa oriental ficou com o titulo de arcebispado: porém Benedicto XIII a instancias do mesmo soberano supprimiu este arcebispado por Bulla do primeiro de Setembro de 1741, e fez que existisse um só cabido Patriarchal, e que as suas dignidades gozassem grossas prebendas, e grandes privilegios, como mais largamente diremos na quarta parte. Tem por suffraganeos os seguintes bispados: *Leiria*, *Lamego* *Guarda*, *Portalegre*, além de outros ultramarinos.

EVORA

Foi erecta em Metropolitana esta igreja por Paulo III a instancias del rei D, João III, anno 1540, e foi seu primeiro arcebispo e cardeal D. Henrique, do qual até o presente se numeram quatorze prelados diversos. Era antes suffraganea de Lisboa, que tinha começado a governar D. Sueiro do anno 1166, desde que el-rei D. Affonso Henriques a tirou da infame sujeição dos mouros, e até este tempo a haviam já governado vinte e tres bispos, dos quaes o primeiro foi S. Manços, e o ultimo Justino, que morreo no anno 715. Hoje tem por suffraganeas *Faro*, e *Elvas*.

Guardou sempre Portugal esta religião pura, podendo ter a gloria de que nenhum heresiarca lhe pudesse semear a zizania da heresia en-

tre o grão do Evangelho, que desde os primeiros tempos cultiva com anto credito da igreja. É verdade, que a seita ariana inficionou este treino no governo dos suevos, mas foi por pouco tempo: (1) de maneira, que foi a ultima terra de Hespanha, onde entrou, e a primeira d'onde sahio.

Luthero, e Calvino abrazaram a maior parte dos reinos do norte com aquelle fogo do inferno, que se accendeu com as suas doutrinas erroneas; mas Portugal ficou sempre isento d'estes contagios, porque a vigilancia do Santo Tribunal da Inquisição, a rectidão dos prelados, o zelo dos reis affugentam com o castigo, com a doutrina, e com o exemplo a perversidade de taes monstros: e é para notar, que depois do Papa Urbano VIII crigir em Roma uma cadeira de controversias nenhum principe catholico o imitou primeiro, que nosso rei D. Affonso VI estabelecendo-a na Universidade de Coimbra no anno 1664, julgando que aos reis de Portugal lhe competia mais que a nenhum catholico monarcha não só conservar o seu reino puro na fé, mas fazer com que os seus subditos fossem scientes, e capazes de destruir, converter, e ensinar os infieis. (2)

Por isso raro será o lugar descuberto no universo, onde não chegassem os portuguezes com o motivo de converter gentios, e trazel-os ao gremio da igreja pelo conhecimento de Christo, rompendo para este fim mares de difficuldades, cujo beneficio não deixou de conhecer, e agradecer aos nossos monarchas o Papa Julio III, na Bulla *Non dubitamus*, do anno 1550. (3)

Nem é pequena preeminencia gozar Portugal da primazia em muitas cousas ecclesiasticas, como bem adverte o insigne chronista Brandão: (4) porque o primeiro bispo, que houve em Hespanha, constituido por Santiago, foi em Braga S. *Pedro de Rates*: o primeiro martyr de toda a Europa foi o mesmo *S. Pedro*: as primeiras martyres de Hespanha foram nove irmãs, filhas de C. Atilio Bracarense: o primeiro anacoreta da Europa foi *S. Felix* junto a Rates: o primeiro fundador da Ordem da Santissima Trindade foi *S. João da Mata*, portuguez, segundo a opinião de alguns: o primeiro fundador da Ordem de S. Jeronymo em Hespanha foi o *veneravel fr. Vasco*, portuguez: o primeiro fundador da Ordem dos Hospitalarios foi *S. João de Deus*, natural de Monte mór o Novo: a primeira instituidora da Ordem da Conceição, e Tribunal do Santo Officio em Castella foi *D. Brites da Silva*, portugueza: o primeiro

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 12. Marcel. Flor de Hesp cap 9 excel. 6. (2) D. Fr. Isidoro da Luz no Opuscul de sacris Traditionib. praelud 1. n. 28. (3) «Orbis terrarum antea ignotus, magna ex parte nunc cognitus, et quod plus est, Deo, ac vobis per agnitionem christianae veritatis acquisitus est, ut illud tamdiu expectatum videre nostris temporibus coepimus: in omnem terram exivit sonus eorum etc.» «Quod quoniam vestro ministerio Deus omnipotens fieri voluit vos propterea in conspectu divinae Majestatis gratos, et acceptos filios fuisse agnoscimus; vobisque, ac caeteris, qui eidem Deo tale obsequium, et illis populis in tenebris jacentibus tantum beneficium nempe salutis aeternae, praestiterunt, una cum universa christiana Religione valde devenimus. (4) Monarq. liv. 9. cap. 9.

que fundou em Italia a Ordem dos Amadeos, foi o *Beato Amadeo*, irmão de D. Brites. Tambem o convento mais antigo, que a religião de S. Bento teve em toda a Hespanha, foi o de Lorvão, assim como a de S. Domingos em Santarem, a de S. Francisco em Alemquer, e a da Companhia de Jesus em Santo Antão em Lisboa.

Um grande volume puderamos escrever, se entrassemos a expressar o grande amparo, e protecção, com que os christianissimos monarchas portuguezes tem admittido em seu reino quasi todas as ordens religiosas, enriquecendo-as com grandeza, e mão não só liberal, mas prodiga, ficando este catholico zelo como legado hereditario de pais a filhos; porque tambem raro será o principe, ou infante portuguez, que não tenha concorrido para tão pias erecções com liberaes dispendios. (1) E sendo a devoção das cousas sagradas um dos maiores sinaes da verdadeira fé, nenhum reino se poderá prezar de mais devoto, que o de Portugal, e por consequencia nenhum mais catholico.

Ao *Santissimo Sacramento do Altar* que nação catholica ha, que o venere com maior decencia, grandeza, e affecto, do que a portugueza? O padre Abrahão de Gorgis jesuita, e natural do Monte Libano, que foi martyr na Ethiopia, vindo em certa occasião para este nosso reino, e dizendo-se-lhe que já estava em terras d'elle, pondo-se de joelhos, beijou a terra com grandissima reverencia, e copia de lagrimas; e perguntando-se-lhe a causa d'aquelle excesso, respondeu, que o faria, por ser o reino de Portugal tão devoto do Santissimo Sacramento. (2)

Bem podem confirmar esta devoção as demonstrações do sentimento, que os portuguezes tem mostrado nos roubos sacrilegos da sacrosanta Eucharestia aquellas vezes, que neste reino tem acontecido, que foram quatro, a saber: a primeira na cathedral de Coimbra anno 1362; a segunda na cathedral do Porto anno 1614; a terceira na paroquial igreja de Santa Engracia de Lisboa anno 1630; a quarta no mosteiro de Odivellas anno 1671, (3) remunerando em desaggravo d'estes grandes insultos festas, e solemnidades votivas, estabelecidas pela maior nobreza do reino.

A devoção ao mysterio da *Santissima Trindade* é especial no affecto dos portuguezes. (4) E que diremos do culto, e veneração a *Maria Santissima*? Bem sabido é, que o reino de Portugal começou feudatario a esta Senhora, e que seus inclitos monarchas foram continuando com este reconhecimento, fazendo cada um algum sinal de obsequio, com que a veneram. Sufficiente prova d'este zelo é o grande numero dos tem-

(1) Sousa, Histor de S. Dom. part 1. liv. 2 cap. 4 Faria na Europ part. 1 cap. 4 §. 12 e cap. 3 §. 22 e part. 2 cap. 2 §. 26. e part 3. cap. 1 §. 169 Esper. Histor. Seraf, part. 1 liv. 2 cap. 1 e liv. 3 cap. 13. Mariz. Dialog 2 cap. 15. Dial. 5. cap. Cond da Ericeir. Portug. restaur. liv. 12 fin. Maced Flor. de Hesp cap. 9 Vieir. tom. II. num. 158 (2) Telles. Histor Ethiop. liv. 3. cap. 10. Maced. nas Flores de Hesp. e João Pinto Ribeiro. (3) Agiolog Lusit. tom 3 pag. 394. Jard. de Portug. pag. 558. Pereir. de Man. Regia part. 2. cap. 56. num. 24 Barbos. in Addit ad Collect. cap. Afferte de Praes. sumption. Pegas, Tratado especial d'este desacato. (4) P. Fernand. Alma instruid. tom. 2. pag. 1006.

plos, que lhe tem erecto: pois não só todas as cathedraes de Portugal são dedicadas a esta purissima Virgem, mas quasi todas as igrejas matrizes das cidades, e villas, além de outros muitos templos, e altares. (1) Nem é das menores confirmações as festividades, que lhe tem consagrado, especialmente a dos *Prazeres*, e *Conceição*. N'aquella foi a igreja portugueza primeira que nenhuma da christandade a que festejou as alegrias da Senhora na Resurreição de seu unigenito Filho: (2) no mysterio da Conceição tambem foi Portugal o primeiro, que tomou a Maria Santissima por Padroeira do seu reino, fazendo com este exemplo, que outros principes catholicos imitassem tão religioso, e devoto culto. (3)

O mesmo affecto se observa na devoção de outros particulares santos, para cuja veneração, e festivos applausos parece sempre aos portuguezes pouco o maior dispendio. A' vista temos a maior demonstração em todos os templos d'este reino, e com especialidade nos de Lisboa, onde presentemente está o culto Divino tão subido de ponto, que parece não só competir, mas exceder ao asseio, e grandeza da mesma Roma. Seria objecto de compaixão vêr aqui demolir as sagradas fabricas dos templos antigos, em que a mesma antiguidade do desenho recommendava respeito, se depois não vissemos das mesmas ruinas resuscitar outras de novo com tão melhorada idéa, e gosto de arquitectura. A verdade é, que em nenhuma parte do mundo ha tanta cubiça de ajuntar dinheiro, como ha em Portugal ambição de o gastar com Deus.

Que igreja ha entre a multidão de tantas, que em um dia festivo não tenha semelhança com a que se descreve no apocalypse de S. João? As paredes cubertas de ouro, e seda; os córos cheios de armonias: os altares brilhando com chuveiros de luzes; nas caçoulas recendendo o almiscar: as flores nos ramalhetes: tudo suspensão dos sentidos, incentivo da devoção, e pasmo dos estrangeiros. (4)

Não de balde está promettido ao reino de Portugal ser o imperio universal do mundo, e a seus christianissimos monarchas serem os Moysés, os Gedeões, os Samsões, e finalmente os Josués, que tirem do mesmo mundo os perseguidores da christandade, e restituam á verdadeira igreja de Deus os lugares santos da nossa redempção. Toda esta felicidade destinada por Deus para Portugal se concorda com as historias, e vaticinios, que por diffusos deixamos de referir, (5) pois já é tempo de passarmos a outro capitulo.

(1) P. Fernand. Alma instruid. tom. 1. pag. 761. Santuar. Marian. tom 1. pag. 8 (2 Agiolog. Lus-it tom. 2. pag 581. 3) Mared. Eva, Ave part. 2. pag. mihi 290. Santuar Marian. tom. 1. liv 1. tit. 11 Fernand. Alm. instr. tom. 1 pag. 766. (4) P. Scherer, Histor. Geograf. tom. 1. pag. 66. «Multum apud exteros commendatur Lusitanorum pietas, & munificentia in Deum, & Deo dicatos Religiosos, quorum Coenobia sunt splendida, at longe splendissima eorum Templa: utpote quorum Altaria magnam partem ex mere, solidoque argento consructa, et gemis pretiosis exornata sunt. (5) Becarr. Anacephaleos. da Monarq. Lusit. estad. 1. estanc. 127. Vier. tom 13. Palavra do Pregad. empenhada. Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 496. col. 2.

CAPITULO II

Das ordens militares, que existem em Portugal, e de outras que se extinguiram

Esta especie de religião instituida, e observada pelos principes catholicos, na qual se compadece o nome de religioso com o de soldado, é um dos maiores lustres, que adornam, e augmentam o esplendor do nosso reino; porque tem todos os seus votos fundados na perseguição dos inimigos da Cruz de Christo, e maior auge da lei Evangelica, para cujas victorias cooperaram sempre com heroicos esforços nossos soberanos monarcas, tomando tanto a peito os religiosos militares defender a fé, que a elles deve o nosso reino a total expulsão dos mouros, a restituição das terras, que hoje possuimos, e a liberdade, e paz de que gozamos. Primeiramente daremos noticia das Ordens equestres, que hoje permanecem, e depois renovaremos a memoria das que pereceram com o tempo.

§ I

Ordem militar de Aviz

Teve esta inclyta milicia seu principio na união de certos cavalheiros portuguezes, que ambiciosos de honra, e gloria obraram taes acções contra os mouros em varias terras d'este reino, e na conquista de Lisboa, que se fizeram acredores de que el-rei D. Affonso Henriques os favorecesse, dando lhe rendas para augmento, e conservação de tão util, e honrada liga. N'aquelles primeiros tempos não teve outro titulo, e nome mais, que a *ordem nova*, o qual durou em quanto não se lhe deu lugar certo, e conhecido para seu estabelecimento.

Vendo el-rei a utilidade d'estes cavalheiros, para maior firmeza os reduziu a fórma regular, dando-lhes a regra de S. Bento com a reformação de Cister, para o que ajuntou em Coimbra todos os Prelados do reino com o cardeal Ostiense, Legado *a latere* do papa Alexandre III que convieram na determinação d'el-rei, e elegeram para primeiro mestre a seu irmão bastardo D. Pedro Affonso. Succedeu isto no anno de 1147. (1) Ganhada Evora aos mouros anno 1166 pelo famoso Giraldo sem pavor, mandou el-rei que esta nova ordem passasse para aquella cidade, e lhe assinou o sitio, que depois se chamou, e conserva o nome de *Freiria*, por causa de fundarem alli a sua primeira igreja. Desde então principiou a intitular-se a *Ordem de Evora*, cujo titulo conservou por todo o tempo, que aqui permaneceu.

(1) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 1. Barbos. de jur. Eccl. liv. 1. cap. 41 n. 80. Tamborin. de jur. Abb. tom. 2. disp 24 q. 5. Villasboas, Nobil Portug. cap. 18, fr. Jacinto de Deos, Escudo das Ord. Militar. part. 1. § 10.

Verdade seja, que existindo ainda em Evora el-rei D. Affonso Henriques, a sujeitou á ordem de Calatrava, em cuja obediencia esteve até o tempo d'elrei D. João I, e segundo affirma fr. Jeronymo Roman, (1) se denominou *Ordem de Calatrava*; e porque o lugar de Evora já não era conveniente, por ficar affastado da habitação dos mouros, governando el-rei D. Affonso II a fez trasladar para o sitio de Aviz, em que hoje permanece desde o anno 1211, e não 1181 como diz Barbosa allegado. No anno 1213 se separou em provincia distincta a Ordem de Aviz em Portugal da de Calatrava, em Castella. (2) e por Bulla de Eugenio IV se eximio totalmente da subordinação de Castella depois de precederem muitas queixas dos mestres de Calatrava ao Concilio de Basilea, devendo-se esta isenção a el-rei D. João I. Os mestres, que teve, foram os seguintes:

I *D. Pedro Affonso*, irmão illegitimo de el-rei D. Affonso Henriques, foi nomeado pelo Legado *a latere* anno 1162, e no anno 1165 se meteu monge em Alcobaça, por cuja causa os Cavalleiros da Ordem elegeram a

II *Gonçalo Viegas*, filho de Egas Moniz. Grande duvida se offerece aqui com o que escreve fr. Jeronymo Roman no Cathalogo dos mestres de Aviz, dizendo, que este Gonçalo Viegas fôra o primeiro, e que pelos annos 1142 já era mestre d'esta ordem, a qual governou mais de trinta e oito annos; e que em tempo d'este mestre nem a Ordem estava sujeita á de Calatrava, nem tinha confirmação solemne da Sé apostolica; porque com a authoridade dos bispos se conservava o estado pelo acharem bom, e proveitoso á igreja. Elle foi o que transferiu o convento para Evora, e augmentou a ordem. Não se sabe quando morreu, mas provavelmente se crê que está enterrado na igreja de S. Miguel em Evora. Seguiu-se

III *D. Fernando Annes*. Consta que este cavalleiro ajudara a conquistar o Algarve, como mestre da cavallaria de Evora: e cuidando que d'esta cidade ficaria a ordem, começou a fortificar o castello, e pediu a approvação ao papa Innocencio III que lh'a concedeu no anno 1201. (3) Por consentimento d'el-rei D. Sancho sujeitou a Ordem, e a incorporou á de Calatrava, vendo que tambem professava a Regra de S. Bento. Elle passou o convento de Evora para Aviz, e illustrou aquelle deserto, fundando uma rica villa com seu convento, e castello. Governou vinte e dois annos, e morreu no de 1219.

IV. *D. fr. Fernando Rodrigues Monteiro*, e não *Metella*, como diz o Author da Evora gloriosa, (4) nomeando-o por primeiro mestre da Ordem, que se deve entender dos que foram eleitos em Aviz, governou este mestre dezoito annos, e morreu no de 1237

V. *D. fr. Martim Fernandes* succedeu ao antecedente no anno 1238, reinando D. Sancho Capello, e foi o segundo dos mestres assim chama-

(1) Roman. Hestor. da Ord. de Aviz cap. 1. (2) Figueiroa, Plaça univ. pag. 122. num. 231. (3) fr. Jeronym. Rom. allegad. (4) Fonseca, Evora glorios. num. 75.

dos em Portugal, em cujo tempo serviram pouco as ordens militares por andar o reino inquieto. Parece que a eleição d'este mestre não devia ser mui justificada, porque de Calatrava vieram examinal-a, como se vê de um assento, que allega a Chronica da Ordem de Calatrava, feito aos 22 de agosto do dito anno de 1238. Todavia ficou confirmado em mestre, e elle com a sua cavallaria de Aviz foi ajudar ao santo rei D. Fernando no anno 1248, quando lhe cercaram Sevilha, de que se recolheu victorioso, e utilizado. Não se sabe quando morreo, mas ainda vivia no anno 1256.

VI. *D. fr. João Portario.* Deste mestre não faz menção o Catalogo de fr. Jeronymo, e em duvida o allegão alguns dos nossos Escritores. (1)

VII. *D. fr. Fernão Soares.* Governou o mestrado em tempo d'el-rei D. Affonso III. A Chronica deste monarcha diz, que o Mestre de Aviz D. Lourenço Affonso ganhara no Algarve a Villa de Albufeira, e que por isso el-rei a dera á Ordem. Não podia ser o tal mestre, mas sim D. Fernão Soares, que vivia, e governava no anno 1260, em que a tal terra se ganhou aos mouros.

VIII. *D. fr. Simão Soares.* Governou quatorze annos, alcançando o reino d'el-rei D. Affonso III. e D. Diniz. Morreu no anno 1290.

IX. *D. fr. João Peres.* Governou onze annos, e morreu no de 1301.

X. *D. fr. Lourenço Affonso.* O catalogo dos mestres de Aviz, que expende o author do escudo das Ordens Militares, antepõe este mestre a D. João Peres, cuja chronologia não seguimos. Deste D. Lourenço Affonso não ha mais memoria, que ter governado dez annos, e morrer no de 1310.

XI. *D. fr. Garcia Pires* Tambem este mestre não vai no lugar da serie de Fr. Jeronymo, e fr. Jacinto de Deus; porém agora seguimos ao academico fr. Joseph da Purificação.

XII. *D. fr. Gil Martins.* Entre as pessoas excellentes desta ordem foi D. Fr. Gil, o qual ainda que governou pouco mais de cinco annos na religião, mostrou bem seu valor, e prudencia, do qual dá testemunho a Bulla da fundação da Ordem de Christo, que neste tempo se instituio a supplicas d'el-rei D. Diniz no anno 1319. Aqui encontramos outra difficuldade na chronologia. Diz o academico fr. Joseph da Purificação no seu Catalogo, que este D. Gil Martins governara até o anno de 1325, em que renunciou a instancia d'el-rei D. Diniz o seu mestrado, para ser instituido primeiro mestre da nova Ordem de Christo. Consta porém, que a Cavallaria de Christo foi instituida no anno 1319, e D. Gil Martins morreu a 13 de Novembro de 1321, como consta da sua sepultura, que está em Thomar na igreja da ordem, donde se mostra evidente equivocação do sobredito academico.

(1) Apud Fr. Joseph da Purificação no Catalog dos Mestres de Aviz, quevem na Collecção Academ, do anno 1722.

XIII. *D. fr. Vasco Affonso.* Governou a ordem dez annos pouco mais, ou menos.

XIV. *D. fr. Gil Peres.* Foi eleito no anno 1332.

XV. *D. fr. Affonso Mendes* no de 1334.

XVI. *D. fr. Gonçalo Vaz.* Este mestre se achou com a sua cavallaria em varias batalhas por el-rei D. Affonso IV.

XVII. *D. fr. João Rodrigues Pimentel.* Foi cavalleiro brioso, e de governo. Governou desde o anno 1341 até o de 1343. Celebrou n'este anno capitulo com seus freires, e commendadores.

XVIII. *D. fr. Sancho Soares.* Succedeu ao antecedente.

XIX. *D. fr Diogo Garcia.* Governou cinco annos.

XX. *D. fr. João Affonso.* Succedeu, e morreu no anno 1353.

XXI. *D. fr. Egas Moniz.*

XXII. *D. fr. Martinho de Avelar.* Foi eleito no anno 1357, e governou perto de sete annos.

XXIII. *O infante D. João*, que depois veio a ser rei primeiro d'este nome, foi eleito no anno de 1364, tendo não mais de sete annos de idade. A Ordem o ajudou muito para a investidura do reino, e elle depois de coroado a ampliou muito mais, fazendo-a izenta da sujeição de Calatrava, não consentindo que viessem visitadores de Castella tomar residencia em Aviz; mas não chegou a completar esta isenção por causa da morte.

XXIV. *D. fr. Fernando Rodrigues de Siqueira.* Depois que o infante D. João foi acclamado rei, tomou a administração do mestrado anno 1386, e no seu tempo veio de Castella o mestre de Calatrava D. Gonçalo Nunes de Gusmão para visitar a Ordem de Aviz, na qual achando os cavalleiros conspirados, e mais politicos que obedientes, protestando da resistencia que lhe faziam, voltou para Castella, d'onde se queixou ao Concilio de Basilêa, e com effeito alcançou um Breve no anno 1436 para que a Ordem de Aviz reconhecesse subordinação á de Calatrava; porèm achando-se no dito Concilio D. Affonso Pereira, embaixador d'el-rei D. Duarte, e que depois foi marquez de Valença, alcançou do papa Eugenio IV uma Bulla de perpetua isenção para esta ordem da de Calatrava. N'este cavalleiro acabaram os mestres, que sahiram do corpo da Ordem, e se crearam na observancia Regular; porque d'aqui para diante o Mestrado succedeu aos que sahiam da corôa real, para que mantivessem, e conservassem seus estados honorificamente, como convinha a filhos, ou netos de reis.

Morto o mestre D. Fernando Rodrigues de Siqueira, reinando D. Duarte, se tratou logo de prover o Mestrado de Aviz no infante D. *Fernando*, que foi o primeiro administrador, no anno de 1434. Em tempo d'este senhor se alcançaram muitas cousas para a Ordem. Primeiramente, que se cazassem os cavalleiros d'ella, começando dos que tocassem ao habito depois de passadas as Bullas. No anno de 1443 morreu este

virtuosissimo infante em Africa depois de um rigoroso cativeiro, deixando para a sua Ordem a grande gloria de haver tido por mestre, e senhor d'ella um principe santo. Seguiu-se o infante D. Pedro, filho primogenito do infante D. Pedro, regente que foi d'este reino; e por morte d'este, el-rei D. João II, e depois o principe D. Affonso seu filho, o qual não possuiu a administração do Mestrado mais que anno e meio, pela intempestiva, e desgraçada morte, que lhe succedeu em Santarem. Succedeu-lhe finalmente o senhor D. Jorge anno 1492, e por sua morte se annexaram na corôa as tres Ordens Militares do reino, tomando os senhores reis o titulo de perpetuos administradores d'ellas.

Depois dos mestres em todas as ordens militares segue-se o lugar honrado dos commendadores móres, os quaes levam o estoque diante do mestre, e a bandeira, quando vão á guerra. Ha mui pouca memoria d'estas cousas nas Historias do reino. Poremos aqui aquelles, que achamos.

D. Simão Ermigues foi commendador mór no anno 1226.
D. Pedro Yanes no de 1260.
D. Egas Martins no de 1268.
D. João Martins no de 1290.
D. Lopo Affonso no de 1296.
D. Arias Peres no de 1300.
D. Affonso Mendes no de 1321.
D. Vasco Esteves no de 1330.
D. João Soares no de 1332.
D. Vasco Martins no de 1349.
D. Fernando Rodrigues de Siqueira no de 1370.
D. Lopo Vasques no de 1386.
D. Garcia Rodrigues de Siqueira no de 1431.
D. Pedro da Silva no de 1492.
D. Luiz de Alencastre no de 1514.

Todos estes commendadores administraram a Ordem nos impedimentos dos mestres.

Antigamente o prior do convento não era mais que um cura d'aquella freguezia para administrar os Sacramentos aos cavalleiros, e freguezes da villa. Depois crescendo a Ordem, e vendo que o prior do convento, conforme as mais ordens militares, era pae espiritual de toda ella, a de Calatrava, como mui curiosa em tudo, quiz que o prior tivesse suprema authoridade, e que nos Capitulos da Ordem occupasse o lado esquerdo do mestre, porque o direito era do commendador mór, e que fosse no espiritual como é o bispo no seu bispado, e que os clerigos, que liam providos nos beneficios, fossem por seu exame, e nomeação, cuja regalia durou até el-rei D. João III instituir o Tribunal da Mesa da Consciencia. Leão X, por Bulla de 15 de Março de 1515 lhes concedeu insignias pontificaes, Roquete, Bago, Mitra, etc., com jurisdição especial

no espiritual nas villas de Noudar, e Barrancos, além da temporal do convento de Aviz. O primeiro D. Prior, de que ha memoria, é D. fr. Gonçalo no anno de 1349 em tempo do mestre D. João Rodrigues Pimentel, como se mostra pelo Capitulo, que este senhor celebrou. Bem desejaramos expender um catalogo dos D. Priores, mas não o encontrámos até agora certo, por isso nos absolvemos d'elle.

Tem celebrado esta religião os Capitulos seguintes:

I No anno 1343 pelo mestre D. João Rodrigues Pimentel, e se celebrou em Aviz.

II No anno 1414 no mesmo convento de Aviz pelo mestre D. Fernando Rodrigues de Siqueira, e se tratou alli o modo de se eximir esta Ordem da de Calatrava.

III No anno 1445 pelo senhor D. Pedro, filho do infante D. Pedro.

IV No anno 1469 pelo principe D. João, administrador da Ordem.

V No anno 1482 em Evora pelo mesmo principe D. João.

VI No anno 1488 no mesmo convento.

VII No anno 1503 em Setubal no hospital da Annunciada pelo mestre D. Jorge; e este foi o ultimo Capitulo que se celebrou.

Ha nesta Ordem quatro juizes. I O prior da igreja de Benavente. II O prior de Santa Maria de Estremoz. III O prior da matriz de Moura. IV O vigario da matriz de S. Miguel de Aveiro. As dignidades são seis. I O mestre, ou em seu lugar o administrador. II O prior mór. III O commendador mór. IV O claveiro, e a este compete distribuir o mantimento dos cavalleiros, quando está no convento, e tomar conta dos gastos que se fazem. V Alferes mór. VI Sacristão mór. As insignias do mestre são estas: Estoque, Bandeira, que de uma parte tem pintada a Virgem Santissima, e da outra a cruz de Aviz de côr verde com duas aguias aos lados inferiores de cor parda; e o sello da Ordem.

Consiste o seu patrimonio em quarenta e oito commendas mui rendosas dentro e fóra do mestrado, a saber, dentro do mestrado: Aviz, Benavente, Cabeção, Coruche, Cano, Cabeço de Vide, Alter Pedroso, Benavente, Defesa do Hospital, Ervedal, Figueira, Mora, Galveas, Pavia, Jerumenha, Seda, Fronteira, Alandroal, Avarinha, Veiros, Alcanede, Alpedriz, Pernes.—Fóra do mestrado: Freiria de Evora, Borba, Beja, Estremoz, Moura, Mourão, Serpa, Sousel, Olivença, Albufeira, Aveiro, Penella, Seixo Amarello, S. Meire, Seixo do Ervedal, Santiago de Varzea, Cazal, S. Vicente da Beira, Meymea, Oriz, Noudar, Alcaçova de Santarem, Montargil. (1)

O habito d'estes cavalleiros era antigamente composto de um escapulario curto com capello de côr preta. El-rei D. Affonso IV pediu ao papa Innocencio VI transmutasse o capello em cruz verde, o qual no anno 1353 concedeu a transmutação. Além da cruz, usavam no convento, e fóra d'elle nos actos ecclesiasticos de um habito branco com a mesma

(1) Povares no Diccion. Teograf. pag. 57.

cruz dos peitos, e cauda comprida (1) Tem esta Ordem um mosteiro de religiosas commendadeiras em Lisboa, chamado Nossa Senhora da Incarnação, fundado no anno 1630, de que hoje é commendadeira a senhora D. Magdalena de Bourbon. (2)

§ II

Ordem militar de Christo

Extincta a famosa Religião Equestre dos Templarios pelo papa Clemente V no anno 1311 pretendeu logo el-rei D. Diniz instituir outra Ordem n'este reino intitulada de Nosso Senhor Jesus Christo, cujos cavalleiros peleijassem contra os mouros inimigos da fé. Para isto supplicou ao papa João XXII successor de Clemente V quizesse convir na erecção da nova cavallaria; o qual assentindo a tão pia supplica, expediu uma Bulla em Avinhão de França, que chegou, e se publicou em Santarem, onde el-rei estava, a 5 de Maio de 1319,

Logo mandou el-rei desembaraçar no Algarve o castello de Castro-Marim, e alli fez estabelecer a nova Ordem, para onde foi D. fr. Gil Martins, seu primeiro mestre, que vinha nomeado na Bulla, por ser cavalleiro valeroso da Ordem de Aviz, e se mandou que os novos cavalleiros se governassem pelas constituições da Ordem de Calatrava, as quaes observaram pelo espaço de cento e dezanove annos, até que o infante D. Henrique, oitavo mestre, lhes deu outras leis, que são as que hoje observam.

Qual fosse o habito, que primeiramente usaram os cavalleiros d'esta Ordem, nem a Bulla da instituição o declara, nem outra qualquer memoria; porém mandando o pontifice, que se vivesse pelas constituições de Calatrava, é crivel que seguissem n'este ponto tambem o que aquella Ordem usava, que era escapulario, ou bentinho branco por insignia essencial da religião. Depois com o exemplo das Ordens antigas usaram de uma cruz vermelha assentada sobre branco desde o anno de 1330, e el-rei D. Manoel no Capitulo, que mandou celebrar em Thomar no anno de 1503, deu a fórma do que hoje se pratica bordado nos mantos, ou nos vestidos da parte esquerda.

Nos lugares publicos, e tempo da guerra para maior authoridade usavam de bandeira branca quadrada com Cruz vermelha, que se conserva em Thomar na igreja da Ordem. Tinham tambem os mestres por preeminencia levar diante de si nos actos publicos o Commendador mór com um estoque ao hombro, pegando-lhe pela ponta, e as guarnições voltadas para as costas. O D. prior nos lugares publicos tem o da mão direita, e lhe andam annexas preeminencias Episcopaes. Antigamente tinham maior jurisdicção,

(1) Fr. Jacinto de Deus no Escudo de Cavalleir. pag. 128. (2) Lima, Geogr. Histor. part. 1 n. 544. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 237.

Em tempo d'el-rei D. Fernando se mudou esta Ordem para a villa de Thomar, que tinha sido cabeça da Ordem dos Templarios; e ainda que alli viviam os freires conventualmente, el-rei D. João III no anno de 1530 os reduziu a observancia monacal com estatutos tirados da regra de S. Bento, e de Cister, e foi seu reformador o Padre fr. Antonio Moniz da Silva, religioso da Ordem de S. Jeronymo. Os mestres, que houve n'esta inclita ordem até se unir á coroa, foram os seguintes:

I *D. Gil Martins.* Começou a g vernar a ordem desde o anno de 1319 com admiravel direcção, e mui correspondente ao conceito, que el-rei fazia da sua capacidade. Congregou capitulo geral, que foi o primeiro d'esta ordem, na cidade de Lisboa nas casas, que tinham sido dos Templarios, e se chamam as escolas geraes. Faleceo a 13 de Novembro de 1321, e jaz em Thomar na igreja de Santa Maria dos Olivaes.

II *D. João Lourenço,* varão de grande esforço, e brio. Celebrou duas vezes capitulo geral, em que determinou cousas mui uteis para a ordem, e governou cinco annos.

III *D. Martim Gonçalves.* Foi dotado de muitas prendas naturaes, e adquiridas. Procurou a communicação dos privilegios da Ordem Teutonica com a de Christo. El-rei D. Affonso IV o estimou muito, e em um privilegio, que concedeu a esta cavallaria, lhe chama: *Magnifico, estremado e poderoso cavalleiro.* Governou oito annos, e morreu no de 1335.

IV *D. Estevão Gonçalves,* irmão do antecedente, foi grande flagello dos mouros, e augmentou muito a ordem em bens temporaes, tirando muita fazenda, que tinha sido dos Templarios, e andava sobnegada. Governou nove annos, e morreu no de 1344.

V *D. Rodrigo Annes,* grande cavalleiro, e de muito valor. El-rei D. Affonso IV fez d'elle grande estimação: porém dissabores, e aleivosias o fizeram renunciar, depois de ter governado a ordem doze annos.

VI *D. Nuno Rodrigues,* de illustre descendencia. Em seu tempo se passou o convento de Castro Marim para Thomar, onde celebrou o primeiro capitulo geral, a que presidiu o D. Abbade de Alcobaça, conforme a authoridade da Bulla da erecção. Governou quinze annos.

VII *D. Lopo Dias de Sousa,* sobrinho da rainha D. Leonor de Menezes. Assim o nomea fr. Jeronymo Roman, e o author do Escudo das Ordens Militares; porém o padre D. Luiz de Lima lhe chama *D. Diogo Lopes de Sousa.* (1) Sendo eleito de mui tenra idade, não quiz o papa Bonifacio IX confirmar a approvação, e assim passados treze annos, governando-se n este espaço de tempo o Mestrado por particular administrador, completando o dito D. Lopo Dias de Sousa vinte e cinco annos, foi confirmado na antiga eleição, e veio a governar vinte annos com reputação de grande valor, e morreu na villa da Covilhã no anno 1438, d'onde foi trasladado para o convento de Thomar, onde jaz.

(1) Lima. Geogr. Histor. tom. 1. pag. 332.

VIII *O Infante D. Henrique*, filho d'el-rei D. João I. Aqui tinhamos occasião de nos alargar mais, referindo as acções d'este grande, e inclito mestre, por serem todas singulares, mas a brevidade nos suprime; e porque os outros mestres, ou administradores, que se lhes seguiram, foram ou infantes, ou filhos de infantes, bastará nomear-lhes unicamente os nomes.

IX *O Infante D. Fernando*, duque de Viseu.

X *D. Diogo*, filho do dito infante.

XI *O senhor D. Manoel*, que depois foi rei.

XII *O senhor rei D. João III.*

D'aqui por diante, como esta milicia se incorporou na coroa, foram seus mestres os soberanos reis, presando-se muito d'ella, pois só com o seu habito se ornam.

As outras dignidades são a de D. Prior, Commendador mór, Claveiro, Sacristão mór, e Alferes. Os capitulos geraes, que tem celebrado, são os seguintes:

I No anno 1321, sendo mestre D. Gil Martins.

II No anno 1326 em Thomar por D. João Lourenço.

III No anno 1326 em Lisboa.

IV No anno 1372 em Thomar por D. Nuno Rodrigues.

V No anno. . . . em Thomar pelo infante D. Henrique.

VI No anno 1492 ibid. por el-rei D. Manoel.

VII No anno 1503 ibid. pelo mesmo rei.

VIII No anno 1523 ibid. por el-rei D. João III.

IX No anno 1538 em Lisboa no hospital de todos os santos, governando el-rei D. Sebastião, e presidio n'elle D. fr. Vicente, prior de Thomar.

X No anno 1573 em Santarem pelo mesmo rei.

O patrimonio d'esta ordem é mui rendoso, porque se compõe de quatrocentas e cincoenta e quatro commendas, e vinte e uma villas, e lugares, que os serenissimos reis lhe doaram para manter, e conservar o lustre de seus progressos, correspondente ao da sua erecção. (1)

§ III

Ordem militar de Malta

A sempre famosa, e esclarecida Ordem militar de S. João do Hospital de Jerusalem, chamada hoje de Malta, (por ser esta illa a cabeça da tal religião, e existir n'ella o seu Grão mestre) teve principio na

(1) Veja-se Brito, Chron. de Cister part. 2. Duarte Nun. Chronic. del-rei D. Diniz. Tamburin. Barbos. e outros apud Figueiroa na Plaça universal disc. 3. § 238. Villasboas, Nobiliarq. Portug. cap. 18. fr. Jacinto de Deos no Escud. das Ordens Militar. § 21 e tambem a Vieira na Histor. do Futuro n. 229 onde em grande credito desta Ordem refere ser visto S. Francisco Xavier com o manto branco, e a Cruz vermelha no peito.

santa cidade de Jerusalem, e no pontificado de Urbano II d'onde vindo alguns cavalleiros a Portugal no anno pouco mais, ou menos de 1130, doze annos depois que começou a ter fórma de religião, (1) o victorioso rei D. Affonso Henriques lhes deu não só entrada, mas os honrou com varios privilegios, e doações de terras, estimando tão opportunos hospedes, mui proprios á expulsão dos mouros, em cuja fadiga continuamente lidava, sendo sempre bem succedido.

Pouco a pouco se foi augmentando a ordem n'este reino, e os cavalleiros, que tinham n'elle o governo, se intitulavam *Priores do hospital* até os annos de 1340, pois já d'aqui para diante achamos nomeados os priores do hospital com o titulo de *priores do Crato*, erecção que se deve ao Grão mestre Elion de Villanova em tempo d'el rei D. Affonso IV. (2) Para maior intelligencia devemos saber, que esta sagrada milicia está espalhada, e distribuida por toda a christandade, e se compõe de Grão mestre, dignidade principal, e de illustre preeminencia, o qual tem o honorifico tratamento de cardeal, e os seus vassallos seculares o tratam por alteza. A este sublime, e venerando magisterio tem subido até agora quatro nobilissimos, e benemeritos cavalleiros Portuguezes, que vem a ser:

I Fr. D. Pedro Affonso de Portugal, filho natural d'el-rei D. Affonso Henriques, o qual foi eleito no anno de 1194 em XI Mestre. Renunciou o governo no anno de 1196, e passou a Portugal, onde morreu na villa de Santarem em o primeiro de Março de 1207, jaz na igreja de S. João de Alporão da mesma villa, e ordem.

II Fr. D. Luiz Mendes de Vasconcellos, Ballio de Acre, eleito em LIV, mestre a 17 de Setembro de 1622. Occupou o throno não mais que cinco mezes, porque morreu em 7 de Março de 1623, e jaz no commum jazigo dos Grão mestres.

III Fr. D. Antonio Manoel de Vilhena, Ballio de Acre, eleito em LXV Mestre a 19 de Julho de 1722. Morreu a 12 de Dezembro de 1736.

IV Fr. D. Manoel Pinto da Fonseca, eleito em LXVII. Mestre em 18 de Janeiro de 1741. Governa presentemente.

Compõ-se mais esta ordem de 3 classes de professores. I. *Cavalleiros de justiça*, os quaes para serem admittidos devem mostrar ao menos cem annos de antiga nobreza qualificada, e reconhecida com rendas, e armas notorias. II. *Capellães*, e estes se dividem em capelães conventuaes, que assistem em Malta, em capellães de obediencia, que assistem nas igrejas da religião, providos por algum prior, ballio, ou commendador. III. *Serventes de armas, ou de Estagio*, e são os que administram os publicos officios da religião. Tambem consta a Ordem de

(1) Fr. Luc. de S. Cathar. na Malta Portug. liv. 2. cap. 1. pag. 222 Soares da Silv. Memor. del-rei D. João I pag. 618. (2) Monarq. Lusit. liv. 9. pag. 11. Fer. na Europ. tom. 2. part 2 cap. 3.

confrades, e *donatos*, aos quaes se concede a cruz da Ordem, menos a parte superior.

Para o bom regimen d'este militar imperio ha em Malta sete Ballios conventuaes, a que tambem chamam *Pilheres*, que são uns conselheiros de estado, e governadores, ou presidentes das linguas, ou nações, em que a religião se acha dividida.

I A lingua, ou nação de Provença tem por seu Ballio conventual ao Grão commendador, ao qual incumbe a superintendencia dos celeiros. N'esta nação ha dois grandes priorados, o do Santo Egidio, e o de Tolosa, e a balliagem capitular de Manoasca.

II A lingua de Alvernia tem por seu Ballio conventual ao *Mariachal*, que é principe, e superior a todo o militar, e n'elle ha o Grão Priorado de Alvernia, e a balliagem de Daveset.

III A lingua de França tem por seu Ballio conventual ao *Hospitalario*, que tem todo o governo do hospital, e seus ministros. Consta de tres grandes priorados, o da França, o de Aquitania, e o de Capitania, ou Champanha, e a Balliagem Capitular da Morea, e o Thesoureiro geral.

IV A lingua de Italia tem por seu Ballio conventual ao *Almirante*, o qual tem o mando sobre as expedições maritimas. N'esta lingua ha sete grandes priorados, o de Roma, Lombardia, Veneza, Pisa, Barleta, Messina, e Capua: quatro balliagens Capitulares, a de Santa Eufemia, a de Santo Estevão, a da Trindade de Veneza, e a de S. João de Napoles.

V A lingua de Aragão, Catalunha, e Navarra tem por seu Ballio conventual ao *Grão conservador*, que preside, e exercita a superintendencia de toda a fardagem dos soldados. Consta de tres grandes priorados, o da Castellania de Amposta, o de Catalunha, e o de Navarra; e as balliagens Capitulares de Malhorca, e Caspe.

VI A lingua de Alemanha tem por seu Ballio conventual ao Grão Ballio, que tem por exercicio visitar a cidade antiga de Malta, e o castello de Gozo. Consta de quatro grandes priorados, o de Alemanha, o de Bohemia, o de Hungria, e o de Dacia, com a balliagem Capitular de Brandemburg.

VII A lingua de Portugal, Castella, e Leão tem por seu ballio conventual ao *Grão cancellario*, o qual pode eleger um vice-cancellario para fazer as suas vezes de Secretario de estado de toda a religião. N'esta lingua ha dois grandes priorados, o de Portugal, chamado do Crato, que hoje dignissimamente possue o serenissimo senhor infante D. Pedro, e as balliagens de Leça, Acre, Lango, e Negroponte; e o priorado de Castella, e Leão.

No priorado do Crato tem havido até o presente trinta e tres Grão priores, posto que nem todos tiveram o titulo de priores do Crato, senão do tempo d'el-rei D. Affonso IV para diante. De todos daremos noticia abreviada no Catalogo seguinte.

I D. fr. Aires. Occupou esta dignidade em tempo d'el-rei D. Affonso Henriques.

II D. fr. Mem Gonçalves em tempo d'el-rei D. Sancho I.

III D. fr. Pedro Affonso em tempo d'el-rei D. Affonso II.

IV D. fr. Gonçalo Egas no mesmo tempo.

V D. fr. Rodrigo Gil em tempo d'el-rei D. Sancho II.

VI D. fr. Fernando Lopes em tempo d'el-rei D. Affonso III.

VII D. fr. João Garcia no mesmo tempo.

VIII D. fr. Affonso Pires Farinha no mesmo tempo.

IX D. fr. Vasco Martins no tempo d'el-rei D. Diniz.

X D. fr. Garcia Martins, a que chamam vulgarmente o Santo, commendador de Leça, viveu no mesmo reinado.

XI D. fr. Estevão Vasques Pimentel no mesmo reinado.

XII D. fr. Alvaro Gonçalves Pereira, esclarecido tronco da rea casa de Bragança, viveu em tempo d'el-rei D. Affonso IV.

XIII D. fr. Pedro Alvares Pereira, filho do antecedente.

XIV D. fr. Alvaro Gonçalves Camelo em tempo d'el-rei D. João I.

XV D. fr. Lourenço Esteves de Goes no mesmo tempo.

XVI D. fr. Nuno de Goes no mesmo tempo.

XVII D. fr. Henrique de Castro em tempo d'el-rei D. Affonso V.

XVIII D. fr. Vasco de Ataide no mesmo reinado.

XIX D. fr. Diogo Fernandes de Almeida em tempo d'el-rei D. João II.

XX D. fr. João de Menezes. Foi mordomo mór dos reis D. João II, e D. Manoel.

XXI D. fr. Gonçalo Pimenta em tempo d'el-rei D. João III.

XXII O infante D. Luiz, duque de Beja, filho segundo d'el-rei D. Manoel.

XXIII O senhor D. Antonio, filho bastardo do infante D. Luiz.

XXIV O cardeal Alberto, archiduque de Austria.

XXV Victor Amadeo, principe de Piemonte, e depois XII duque de Saboya.

XXVI. *O cardeal infante D. Fernando.*

XXVII. *D. fr. Jeronymo de Brito*, em tempo d'el-Rei D. João IV.

XXVIII. *D. fr. Braz Braudão* no mesmo tempo.

XXIX. *D. fr. João de Sousa* em tempo d'el-rei D. Pedro II.

XXX. *D. fr. João Mascarenhas*, primeiro marquez de Fronteira.

XXXI. *D. fr. Manoel de Mello* no mesmo tempo.

XXXII. *O serenissimo senhor infante D. Francisco.*

XXXIII. *O serenissimo senhor infante D. Pedro* goza presentemente desta alta dignidade, confirmada por Bulla Pontificia desde Março de 1743, em cujo decoroso emprego entrou com zelo tão providente, que logo em 16 de Junho do mesmo anno nomeou por visitador do seu grão priorado ao excellentissimo, e reverendissimo D. fr. Francisco de Santa

Rosa de Viterbo, bispo de Nankim, e filho dos suburbios da mesma villa do Crato, o qual com prompta, e expedita vigilancia naquella empreza deixou acreditada não só a sua virtude, e sciencia, mas o grande conceito, que o serenissimo senhor fizera da sua capacidade.

Porém sendo preciso retirar-se para Nankim o dito Bispo, foi logo nomeado o doutor fr. João de Azevedo, collegial do Real Collegio dos Militares de Coimbra, lente da cadeira de Codigo, e desembargador da Relação do Porto, o qual no anno de 1744 completou a visita com aquella reputação, que se esperava da sua virtude, confirmada pelo continuo acerto de seu espirito, integridade, e prudencia, cujas acções lhe souberão grangear a eleição, com que sua magestade o nomeou no anno de 1744 para visitador de Palmella, além de o ter constituido juiz geral das tres ordens militares, elevando-o finalmente a bispo de Portalegre.

Não contente o serenissimo senhor com estas demonstrações de seu religioso zelo, acertadissimo na escolha de tão especiaes visitadores, cuida particularmente com empenho catholico em mandar todos os annos missionarios ás terras do seu priorado, e que as igrejas d'elle sejão providas nos sujeitos mais benemeritos, pois ordinariamente não as dá, senão precedendo exame de oppositores por concurso. Zela, e attende a que o culto Divino se observe com toda a perfeição, e decencia supprindo liberalissimo com todos os ornamentos precisos n'aquellas igrejas, em que faltão, para que se não falte ao asseio do culto, e esplendor dos templos.

É o grão prior do Crato um geral provincial da Religião de Malta com dignidade quasi Episcopal no destrito de seu priorado, e assim tem jurisdição civil, e criminal nos cavalleiros, que residem n'este reino (com dependencia porém do grão mestre, e convento, para que d'elle se appella) além da especial jurisdição, que tem no dito priorado, e habitadores d'elle, posto que não sejão maltezes. A respeito d'este destrito tem um provisor vigario geral, que admitte a ordens, passa reverendas, e lhe exercita a jurisdição episcopal *in temporalibus*, § *spiritualibus*.

Consta mais de um tribunal, chamado Mesa Prioral do Crato, onde se zela da sua fazenda, se consultam ministros, e ainda os Officiaes das Ordenanças das terras do dito priorado, e das mais, em que a Ordem tem commendas, em razão da especial graça, e decreto d'el-rei passado a 18 de Abril de 1744. (1)

A respeito dos maltezes tem mais este priorado dous juizes ordinarios, que on hão de ser cavalleiros do habito, ou pessoas ecclesiasticas, um no Porto, outro em Lisboa, além de um conservador para defender os privilegios da religião, cargos, que muitas vezes costumam andar unidos na mesma pessoa do provisor, como hoje se acha. D'este juiz ordinario se appella para assembléa, Tribunal de Malta em Lisboa,

(1) Acha se este Decreto registado no liv. 11. da Secretaria do Conselho de Guerra a fol. 121.

dentro do qual se completão as tres instancias, sendo precisas, como concedeu o santo papa Pio IV. á Religião de Malta pela Bulla *Circumspecta* ; (1) e com effeito no anno de 1738, sendo juizes João Marques Bacalhão, Manoel Gomes de Oliveira, Antonio Coelho Meireles, e Antonio Sanches Pereira, se julgou em um recurso posto pelo promotor da assemblea, e o procurador da Religião desta monarquia contra o auditor da Nunciatura, que quiz fazer compulsar uns autos, em que era parte cavalleiro maltez, determinando-se na coroa, que elle fazia notoria força, e violencia, por quanto o Nuncio não tem jurisdição para commetter ao auditor nas causas entre os maltezes, por estar concedido por amplissimos privilegios da Sé Apostolica, que as causas entre estes religiosos movidas sejão pelos juizes della finalmente determinadas, sem que se possa appellar, senão pelos graos declarados na mesma constituição, não sendo permittido aos religiosos appellar para a Sé Apostolica, omittidos os ditos gráos, por se relaxar a disciplina regular em desprezo dos prelados, o que os Nuncios apostolicos não devem alterar, como está declarado pela sagrada Congregação dos Regulares em 8 de Novembro de 1593.

Pela Ordenação do Reino *liv.* 2. *tit.* 1. *in princip.* se manda que as pessoas religiosas não tendo neste reino superior ordinario, respondão perante as justiças seculares; porém isto não tem lugar a respeito dos religiosos maltezes, por terem superior em o Grão Prior, e juizo ordinario para conhecer das suas causas, como se julgou ultimamente no Juizo da Coroa a 20 de Fevereiro de 1721 a favor do commendador D. Lopo de Almeida contra Miguel Rodrigues Barros, declarando-se no acordam, que assim se tinha julgado muitas vezes; e com effeito não só se tem julgado a respeito dos religiosos, mas tambem a respeito das religiosas maltezas de Estremoz, que se não póde negar serem verdadeiras filhas da Religião de Malta.

Neste grão priorado tem Malta quatro Balliados, que administram cavalleiros portuguezes, chamados Ballios Capitulares, e Grão-Cruzes, porque só os ballios pódem usar de uma grande cruz de panno branco, que lhes cobre todo o peito. Balliado é o mesmo que commenda, e n'esta religião ha quatro lotes de commendas. *Commenda de Cabimento*, que é aquella, que toca a cada cavalleiro conforme a sua antiguidade. *Commenda de Melhoramento*, que é a de maior lote, a que se sóbe tambem por antiguidade, *Commenda de Graça*, que é a que de cinco em cinco annos póde o grão mestre dar a qualquer cavalleiro, porque de cinco em cinco annos tem elle uma commenda em cada priorado. *Commenda Magistral*, que é a que dá o grão mestre a quem lhe parece, porque em cada priorado tem uma commenda com este titulo. E nenhum cavalleiro, ou servente de armas póde conseguir commenda de cabimento, ou de graça, sem fazer primeiro tres caravanas.

(1 Bullar. de Cherub. Bulla 36. num. 2. §. 8.

As commendas, que a Religião tem n'este reino, são vinte e cinco, a saber:

O Grão Priorado do Crato, a Balliagem de Leça, as Commendas de S. Braz em Lisboa, de Fontes, do Barro, de Fergim, do Chavão, de Moura Morta, de Poiares, de Vera Cruz, de Algozo, de Rocor, de Tavora, de Villa Cova, de Oliveira do Hospital, de S. João da Curbeira, de Elvas e Montoito, de S. João de Alporão, de Ancemil, de Aguas Santas, de Trancozo, de Torres Vedras, de Oleiros, de Sernancelhe, da Covilhã, de Aldea Velha.

Tem mais o Grão Prior do Crato dominio dispotico sobre treze Villas, a saber: Crato, Gafete, Tolosa, Amieira, Gavião, Belver, Envendos, Carvoeiro, Proença, Certã, Pedrogão pequeno, Oleiros, Alvaro.

O habito destes cavalleiros é tunica preta, e comprida, com uma cruz de panno branco oitavada sobre o lado esquerdo. O manto, ou a tunica é como um roupão de mangas largas, que se vem estreitando até os bocaes, e se prendem atraz, e representa a tunica do Bautista. A cruz, ou as oito pontas d'ella significa as oito bemaventuranças. Do hombro esquerdo lhes pende um cordão tecido de seda preta, e branca, em que se vem bordados os mysterios da Paixão de Christo. No exercicio das armas, e nas occasiões de campanha, ou caravana, usão de umas sobrevestes encarnadas, curtas de feitio de cottas com cruzes brancas sem pontas. Do primeiro soltedito ornato usão, quando residem em convento, porque fóra d'elle prevalece o traje das cortes.

Finalmente tem a Ordem de Malta neste reino um mosteiro de religiosas em Estremoz, que fundou o Infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel, sendo Grão Prior do Crato, por Breve de Paulo III de 1545. E, porque não havia n'este reino capellães da Ordem, que podessem assistir ás religiosas na administração dos Sacramentos, foram chamados os religiosos de S. Francisco assistentes na dita Villa para ministros de consciencia, que actualmente exercitão. (1)

§ IV

Ordem Militar de Santiago

Deve esta preclara ordem militar a sua introducção n'este reino ao invicto rei D Affonso Henriques, o qual vendo o soccorro, e valimento, que o Apostolo Santiago fazia nos exercitos dos christãos contra os mouros, começou a invocal-o na tomada de Santarem, de cuja victoria agradecido, admittio, e favoreceo muito os cavalleiros d'esta milicia, dando-lhe muitas terras, e commendas. Depois seu filho D. Sancho I

(1) Fr. Luc de S. Cathar. na Malta Portug. liv. 2. cap. 8. Fonsec. Evora gloriosa num. 708.

a illustrou grandemente, fazendo-lhe mercê das villas de Palmella, Almada, Arruda, e Alcacer do Sal.

Augmentou-se mais esta religião em tempo d'el-rei D. Sancho o capello, e seu irmão el-rei D. Affonso III porque florecendo então o grande mestre d'ella D. Payo Peres Correa, e ganhando aos mouros muitas terras e quasi todo o Algarve, deram nossos reis muitas das sobreditas terras á Ordem de Santiago, com as quaes enriquecida, reinando já el-rei D. Diniz, intentou eximil-a da obediencia, que davam os cavalleiros existentes em Portugal ao mestre, que residia em Castella.

Os motivos, e as causas que houve para esta isenção, foram muitas, que por varias vezes se representaram na Curia Romana, (1) as quaes julgadas por forçosas, expedio o papa Nicolão IV um Breve a 17 de Setembro de 1288 mui favoravel á ordem de Santiago d'este reino, pelo qual mandou, que os commendadores de Portugal, e seus bens se apartassem da obediencia, e dominio do Grão Mestre de Castella, e podessem eleger Mestre Provincial, como com effeito juntos os commendadores portuguezes de Santos o Velho de Lisboa no anno de 1291 elegeram a D. João Fernandes.

Sabendo isto o grão mestre de Castella, que então era D. Pedro Fernandes Matta, procedeu contra o de Portugal novamente erecto, valendo-se dos pontifices Celestino V, e Bonifacio VIII successores de Nicolão, para que derogassem o Breve da isenção. Procederam os papas com censuras, mas reclamando os cavalleiros portuguezes, obtiveram outros Breves, e favores dos mesmos summos pontifices, com que foram continuando na eleição dos seus mestres provinciaes, até que el-rei D. Diniz lhes deu posse, entregando as Commendas do reino ao mestre portuguez, para que da sua mão as désse aos benemeritos; e averiguados pelo pontifice João XXII os fundamentos, que havia para se eximirem de Castella os cavalleiros portuguezes, houve por bem passar a Bulla da separação no anno de 1320, que era o quarto de seu pontificado.

Na tutoria d'el-rei D. Affonso V tornou a porfiar Castella; porém Ruy da Cunha, que no anno de 1440 se achava em Roma com o caracter de embaixador, e o mestre fr. João Manoel, provincial do Carmo, que depois foi bispo da Guarda, alcançarão do papa Eugenio IV a isenção para sempre, mandando com censuras, que se pozesse perpetuo silencio n'este ponto; e assim dahi por diante continuaram a fazer suas eleições dos mestres sem mais instancia contraria. Os mestres, que tem havido depois da isenção de Castella, são os seguintes.

I D. João Fernandes eleito no anno de 1292 no primeiro Capitulo Provincial, que se celebrou em Lisboa no mosteiro de Santos. Governou sómente anno e meio.

II D. Lourenço Anes Carnes eleito no anno 1292. Começou o edificio do convento de Alcacer do Sal, e governou vinte e tres annos.

(1) Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 59.

III D. Pedro Escacho foi eleito no anno de 1316 em Mertola. D'aqui mudou o convento para Alcacer do Sal. Adquiriu para a Ordem muitos privilegios, e lhe servio de grande utilidade. Governou pacificamente dez annos e meio. O author da *Evora gloriosa* num. 32 lhe chama *D. Pedro Estaço*, e diz que fora o primeiro Mestre depois da separação de Castella: porém em uma, e outra noticia se equivoca.

IV D. Garcia Peres. Não se sabe em que anno foi eleito: sabe-se sómente que governou dezaseis annos.

V D. Vasco Anes. Foi o primeiro mestre, que visitou todos os lugares, e terras da Ordem com grande utilidade d'ella. Morreu no anno de 1367, e governou quatorze.

VI D. Gil Fernandes de Carvalho, alferes d'el-rei D. Fernando. Governou vinte annos.

VII D. Estevão Gonsalves. Foi um dos valerosos cavalleiros, que el-rei D. Fernando poz nas fronteiras do reino contra Castella. Parece que morreu no anno de 1382, e governou dez annos.

VIII D. Fernando Affonso de Albuquerque, bisneto, ainda que por bastardia, d'el-rei D. Diniz. Foi cavalleiro de grande estimação, e governou oito annos.

IX D. Mem Rodrigues de Vasconcellos. A sua eleição foi confirmada pelo papa Bonifacio IX por ser canonica, e não outra, que fizeram os commendadores da Ordem, de que se originaram varias inquietações. Governou dezanove annos, e morreu no de 1415.

X O Infante D. João, filho d'el-rei D. João I. Transferiu a Ordem de Alcacer do Sal para a villa de Palmella, e depois de ter levantado grande parte dos edificios, morreu no anno de 1442. Governou vinte e sete annos.

XI D. Diogo, filho do antecedente, a quem succedeu nos bens, e dignidades. Viveu pouco, e não se sabe o tempo que governou.

XII O infante D. Fernando, filho d'elrei D. Duarte. Foi eleito em Alcacer do Sal por Bulla Pontificia. Acabou a igreja e convento de Palmella e outras obras, que estavam começadas. Governou dez annos.

XIII D. João, filho do sobredito. Herdou tudo o que possuia seu pai, e não ha d'elle mais memoria.

XIV O principe D. João, que depois foi rei II do nome. Poz na ultima perfeição o convento de Palmella, e o completou no anno de 1482.

XV O principe D. Affonso, filho d'elrei D. João II. Pouco tempo logrou o Mestrado, por morrer intempestiva e desgraçadamente em Santarem no anno de 1491.

XVI D. Jorge, filho bastardo d'elrei D. João II. Sendo de doze annos, lhe fez elrei seu pai a mercê do Mestrado, precedendo para isso capitulo, que a Ordem celebrou em Santarem, e alli no mez de Abril de 1492 tomou juramento aos Cavalleiros, presente todo o Capitulo. Co-

lebrou-o no anno de 1508 no convento de Palmella com muita solemnidade, reformando e accrescentando os estatutos da Ordem por Bulla Pontificia. Morreu no anno de 1511, e jaz no convento de Palmella.

Por morte do senhor D. Jorge incorporou Adriano VI no anno de 1522 o Mestrado d'esta Ordem na coroa real, e assim desde elrei D. João III tem continuado até o presente na magestade d'elrei D. José I que é o XXVII mestre da Ordem depois da sua separação. O author da *Corografia Portugueza* no tom. 3.º transcreve uma relação dos mestres d'esta Ordem Militar, de que diz haver memoria no convento de Palmella; mas é dos mestres, em quanto a Ordem esteve subordinada a Castella, e ainda essa é diminuta, e não faz menção alguma dos que governaram só em Portugal, que é o que nos pertence.

Depois da dignidade de grão mestre segue-se a de prior mór de Palmella, ao qual estão annexas insignias pontificias e jurisdição quasi episcopal, que lhes concedeu o papa Leão X pelo Breve, que passou no anno de 1516. O insigne academico D. Luiz de Lima diz, (1) que o primeiro prior fora D. João de Braga, porém na Historia d'esta inclyta Ordem, escripta por fr. Jeronymo Roman, que conservamos em nosso poder, consta que o primeiro prior mór de Palmella fora D. Christovão, a quem se seguiram Martim Dias, André Peres, D. Fernando, D. Gonçalo, D. Martinho II, D. Pedro I, D. Pedro Anes II, D. Loureuço Anes, D. Gonçalo, D. Pedro Dias III, D. Luiz da Rosa, D. João Fernandes, D. João de Braga; de sorte que antes d'este tinham precedido treze.

As commendas, com que liberalmente enriqueceram esta Ordem os senhores reis, bem mostram o seu pio e generoso animo, que ainda para reinos mais populosos e opulentos seria um grande reconhecimento do muito que a estimavam. A Geografia Historica lhe assigna cento e cincoenta commendas. Professam os cavalleiros d'esta Ordem os tres votos essenciaes de pobreza, obediencia, e castidade conjugal, conforme o privilegio de Paulo III. O seu habito é uma cruz vermelha bordada sobre o manto branco, ou sobre os vestidos, com as guarnições á maneira das espadas antigas com uma concha no meio.

Tem finalmente esta Milicia sagrada um mosteiro de religiosas situado fóra dos muros de Lisboa, para onde vieram da igreja de Santos o Velho, e se governa por uma commendadeira, que sempre é das principaes senhoras do reino, e é hoje a excellentissima senhora D. Maria Rosa de Portugal, mulher que foi do conde de Pombeiro.

§ V

De outras Ordens Militares que houve no reino, e já não existem

A Ordem da aza de S. Miguel. Foi instituida por elrei D. Affonso Henriques no anno de 1167 em Alcobaça, em memoria de ser conquis-

(1) Geograf. Historic. tom. 1.

tada a villa de Santarem aos mouros em 8 de Maio do mesmo anno, dia da apparição de S. Miguel Archanjo, cujo poderoso braço coberto de uma aza foi visto pelejar em sua defensa. Tratam d'esta Ordem os authores abaixo allegados. (1)

A Ordem da espada. Foi instituida por el-rei D. Affonso V no anno de 1459, tomando por divisa uma torre com uma espada no alto, e admittindo vinte e sete cavalleiros em contemplação dos annos que tinha, quando foi conquistar Fez. (2)

A Ordem da frecha. Foi instituida por el-rei D. Sebastião no anno de 1576, da qual não houve mais que um cavalleiro, natural de Guimarães. Começou o dito rei a fundar um templo para cabeça da Ordem junto da alfandega de Lisboa, de que hoje não ha memoria: alguma existe disto na sumptuosa igreja de S. Vicente de fóra, pois n'ella pelos frizos ha frechas aspadas. (3)

A Ordem de S. João do Pereiro. Teve por author a um ermitão Portuguez, chamado Amando, no tempo do conde D. Henrique, o qual vivia em uma pequena ermida junto das ribeiras do rio Coa, e da villa do Pereiro, termo de Pinhel, que aconselhou a erecção da cavallaria a um nobre mancebo por nome D. Soeiro, que foi seu primeiro superior. Passou-se esta religiosa milicia para Castella, e existe hoje com o titulo de Alcantara. (4)

A Ordem da madre-silva. Teve principio no reinado d'el-rei D. João I em uns moços fidalgos, que com beneplacito d'el-rei tomaram por divisa a madre-silva, e se distinguiam em acções valerosas. (5)

A Ordem dos namorados. Principiou no mesmo tempo d'el-rei D. João I no valor de certos cavalleiros portuguezes, dos quaes consta que na batalha de Algibarrota obraram maravilhas. (6)

A Ordem dos templarios. Foi esta militar Ordem uma das mais celebres, que houve no orbe christão, e floreceu assim em grandes acções de valor, como em opulencias. Distribuida por toda a christandade, entrou em Portugal no anno 1126, onde foi seu primeiro mestre D. Galdim Paes, natural de Braga. Aqui teve esta milicia muitas commendas, e igrejas, até que o papa Clemente V por varias queixas, que houve dos cavalleiros, principalmente dos existentes em França, extinguiu esta religião no anno de 1311 no concilio Vienense. Os que existião em Portugal não foram comprehendidos n'aquelles crimes: porém

(1) Tamburin tom. 2. disp. 24. q. 5. n. 78. Brito, Chronic. de Cister liv. 3. cap. 19 e liv. 5. cap. 19. Brand. na Monarq. Lusitan. liv. 11. cap 22. liv. 10. cap. 23. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 49. e tom. 3. pag. 127. Benedict. Lusit. tom 2. pag. 183. Nobiliarq. Portug. cap. 18. Escudo das Ord. Milit. § 16. Plaça univers. de las sciencias pag. 125. (2) Nobiliarq. Port. alleg. Histor. Gener. de las Relig. y Ord. Milit. part. 6. tom. 8. cap. 42 col. 70. Histor. Genea. da Casa real Port. tom. 3. pag. 9. (3) Faria nos Commentar. das Rim. de Camões tom. 4. pag. 119. (4) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 37. Benedict. Lusit. tom. 1. pag. 178. Plaça univ. de las sciencias pag. mihi 120. n. 222. Brito, Chronic. de Cister. liv. 5. cap. 3. Mariz, Dialog. 2. (5) Nobiliarq. Portug. pag. 172. Esperança Histor. Serafic. liv. 1. cap. 36. (6) Fr. Jacinto de Deos no Escud. das Ord. Militares § 59. pag. 227.

como a Ordem se extinguiu, lhe foram confiscadas as fazendas, e elles passaram para a nova milicia de Christo, que em seu lugar se esclareceu n'este reino. (1)

CAPITULO III

De todas as ordens religiosas, e mais congregações, que ha n'este reino, com a expressão dos conventos, e mosteiros, que tem cada uma, e annos das suas fundações.

Não é pequena gloria de Portugal, sendo um reino de tão estreitos limites, agasalhar, e sustentar com tanta decencia muitas sagradas jerarquias, que constituem as ordens religiosas da igreja de Deos, fundando outras de novo, que são como fruto proprio do terreno portuguez, ás quaes suppre a caridade do povo, quando por especial instituto lhes faltam as rendas, estabelecendo por hypotheca da sua subsistencia a Providencia divina. Esta piedade, e religioso cuidado é mui antigo no coração dos portuguezes: (2) por ora mostraremos com individuação este ponto; e, porque o melhor modo para não escandalizar a harmonia d'estas legiões angelicas é seguir a serie alfabetica, pois assim deixamos a cada uma em seu direito de preferencia, e antiguidade, por ella regularemos esta noticia.

§ I

Agostinhos Calçados

Querem os chronistas d'esta sagrada religião, (3) que S. Profuturo arcebispo de Braga, e discipulo de Santo Agostinho introduzisse esta Ordem em Portugal pelos annos de 393, pouco depois de a ter fundado em Tagaste o mesmo santo doutor, e que o eremita alemão Santo Ancirado fundasse em Pena-firme pelos annos de 850, o primeiro convento d'esta Ordem Augustiniana em Portugal, (4) onde S. Guilherme duque de Aquitania, vindo em perigrinação a Santiago de Galiza, habitára algum tempo, e reedificára o claustro, e officinas, que ainda hoje perseveram. (5)

O que temos por indubitavel é, que esta exemplarissima Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho entrou em Lisboa no anno de 1147 aos 25 de Outubro, dia em que tambem entrou na mesma cidade triunfando dos mouros o invicto rei D. Affonso Henriques. Plantaram esta sa-

Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 11. e outros muitos, que allega Fr. Jacinto de Deos no Escudo das Ordens Militar. pag. 77 Veja-se a Collecção Academica do anno 1722, onde vem um Catalogo dos Mestres da Ordem do Templo Portuguezes. (2) Sousa na Chronic. de S. Doming. part. 1. liv. 2. cap. 1. Macedo nas Flor. do Ilesp. cap. 9 excel. 8 e 9 e na Eva, e Ave part. 2. cap. 66. (3) Fr. Ant. da Purific Chronol. Monast. proem cap. 2. pag. 12. e outros muitos apud Barbos. Decis. Apostol. Collect 325. (4) Cardos. Agiolog. Lusitan tom. 1. pag. 315.

(5) Fr. Heronym. Roman nas Centur. da O d. ad anu. 1261, e Fr. João Marq. no Defensor. da mesma cap. 17. §. 2.

grada Ordem no Eremitorio de S. Gens, na raiz do monte do mesmo santo, hoje mais conhecida pelo nome de Nossa Senhora do Monte, dois eremitas, de cujo nome não consta, constando sómente que tinham estado no Eremitorio de S. Vicente do Algarve.

Com beneplacito do bispo de Lisboa D. Gilberto fundaram estes dois eremitas o Eremitorio de S. Gens, promettendo obediencia ao mesmo bispo, por não gozarem ainda n'esse tempo do privilegio da isenção, que lhes concedeu depois o papa Bonifacio VIII, na Bulla *Sacer Ordo* de 21 de Janeiro de 1298, (1) e assim nem igreja tinham, mas só oratorio em que se encommendavam a Deus, sujeitos ás obrigações das paroquias, como os mais fieis, e sem dependencia de outro superior entre si mais, que do prior, que elegia a familia do mosteiro com approvação do ordinario.

N'este estado foram vivendo os Eremitas de S. Gens, engrossando-se com sujeitos habeis para os seus ministerios, até que não cabendo já n'este Eremitorio, reedificaram, ou fundaram outro no territorio de Pena-firme, termo de Torres Vedras, no anno de 1226, subordinado tambem ao bispo de Lisboa. Chegou o anno de 1256, em que o papa Alexandre IV na sua Bulla *Licet* de 9 de Abril (2) uniu á Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho varias congregações de Eremitas Augustinianos, sujeitando todos a um geral, com faculdade de se dividir a Ordem em provincias, nomeando-se logo quatro, Italia, Allemanha, França, e Hespanha.

Houve n'esta de Hespanha suas difficuldades em admittirem os bispos provincial, em quanto de todo os não izentava d'elles o pontifice, as quaes duvidas cessaram, firmando-se o privilegio de isenção, a que resistiu o bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães no espaço de cinco annos, desde o de 1298 até o de 1303. No de 1304 era já provincial de Hespanha fr. Sancho de Rada, prior actual no convento de Santo Agostinho de Lisboa. Já não existiam no Eremitorio de S. Gens os Eremitas de Santo Agostinho; existiam sim no sitio, em que ao presente vivem, por terem deixado o seu primeiro domicilio por justas e urgentes causas, como declarou o mesmo bispo na sua provisão de 8 de Julho de 1306. (3)

A este tempo não tinha n'este reino a Ordem, além do deserto de S. Geas, mais que o Eremitorio de Nossa Senhora da Assumpção de Pena-firme, e o convento de Santo Agostinho de Lisboa, e o de Villa Viçosa, fundados todos antes de se radicar a provincia de Hespanha. Depois de estabelecida se fundaram os conventos de Santo Agostinho de Torres Vedras, e o de Santarem, até que alterada Hespanha com as guerras d'el-rei D. Fernando, e D. João I, não consentiram estes na união

(1) Consta do Bullario Nmpoli p. 14 constit. 10. apud Barbos. Decis. Apostol. collect. 325. num. 9. (2) Apud Laert. Cherub. in Bullar. tom. 1. p. 84. (3) Cunha na Histor. de Lisboa, e vida deste Prelado.

dos conventos d'este reino com os mais de Hespanha, mas só na sujeição de um prior geral do destricto d'este reino, até que veio a convir a Ordem em que tizessem provincia á parte no anno de 1477.

Correndo o anno de 1535 mandou el-rei D. João III zeloso pai das religiões, reformar esta, escrevendo p ra isso ao prior geral da Ordem em Castella, que então era o padre Gabriel Veneto, o qual mandou aquelles dois apostolicos varões fr. Francisco de Villa Franca, e fr. Luiz de Montoya religiosos de grande exemplo, experiencia, e virtude, dando principio á tal reforma no convento de Lisboa. (1) Os privilegios, e indultos, que os summos pontifices tem concedido a esta sagrada Ordem, se poderão vêr nos authores, que tratam d'isso. (2) A provincia de Portugal consta dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

N. Senhora da Graça — 1.ª Fundação, Lisboa 1147. 2.ª Fundação, ibid. 1291. 3.ª Fundação ou reedificação. ibid. 1556. N. S. da Assumpção, Pena-firme 1226. Santo Agostinho, Villa Viçosa 1270. Santo Agostinho, Torres Vedras 1367. Santo Agostinho, Santarem 1376. N. Senhora dos Anjos, Montemor-o-Velho 1494. N. Senhora da Graça, Evora 1512. N. Senhora da Graça, Castello-Branco 1526. Collegio de N. S. da Graça, Coimbra 1543. N. Senhora da Graça, Tavira 1544. N. Senhora da Luz, Arronches 1570. Santo Agostinho, Leiria 1576. N. S. da Graça, Loulé 1574. Santo Agostinho, Porto 1592. Colleg. de S. Agostinho, Lisboa 1594. Colleg. de N. S. do Popul., Braga 1595. N. S. de Penha de França, Lisboa 1603. N. Senhora da Piedade, Lamego 1630.

MOSTEIROS DAS RELIGIOSAS

S. Monic. ou Menin. Jesus, Evora 1460. Santa Cruz, Villa Viçosa 1529. Santa Monica, Lisboa 1586. Santa Anna, Coimbra 1610.

§ II

Agostinhos Descalços

A santa reforma de Agostinhos Descalços principiou em 2 de Abril

(1) Cardos. no Agiolo. Lusit tom. 2. p. 263. (2) Barbos. allegad Figueiroa na Plaça univers. disc. 3. §. 2. num. 96. Cassan. Catalog. glor. mund. part. 4. confid. 17. Tambur. de jur. Abbat tom 2. disp. 24. quæst. 4.

de 1663, cuja introducção teve origem na religiosa piedade da serenissima senhora D. Luiza rainha de Portugal, mulher d'el-rei D. João IV, a qual desejando retirar-se do seculo, e fundar semelhante reforma, communicou este seu pensamento com o seu confessor o insigne fr. Manoel Pereiros, religioso n'este tempo de Nossa Senhora da Graça, o qual não sómente lhe approvou aquelle santo projecto, mas lhe persuadiu, que para a subsistencia do tal mosteiro se lhe fazia preciso haver outro de religiosos da mesma Ordem.

Este conselho admittiu a serenissima rainha, e fazendo-o pôr em execução, foi o dito confessor o primeiro, que com licença do geral da Ordem vestiu o habito da Reforma, e se chamou fr. Manoel da Conceição. Com elle tambem vestiram o mesmo habito cinco religiosos do mesmo convento de Nossa Senhora da Graça, insignes em letras, e em virtudes. Fez-se esta função em dia de Nossa Senhora dos Prazeres na ermida de D. Gastão Coutinho, onde se descalçaram, e tomaram posse do convento chamado do Monte Olivete no sitio do Grillo, legua e meia de Lisboa, que a sobredita rainha tinha mandado edificar para os novos religiosos.

O respeito, e grande veneração, que todos tributavam a esta admiravel princeza, fez assustar, e impedir algumas objecções, que se levantaram contra esta Reforma, a qual desde então continúa com grande augmento, e exemplo, confirmando-lhe o papa Clemente X no anno 1675 todos os seus conventos. Dão estes religiosos obediencia a um vigario geral, que totalmente os governa, e gozam dos mesmos privilegios, e indultos, que os summos pontifices concederam aos Eremitas de Santo Agostinho. Consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

N. Senhora da Conceição do Monte Olivete, Valle de Xabregas 1663. N. Senhora das Mercês, Evora 1669. N. S. da Conceição, Montemor o Novo, 1671. N. S. da Consolação, Estremoz 1671. N. S. da Boa Hora, Lisboa 1674. N. Senhora da Piedade, Santarem 1675. O Bom Jesus, Porto de Mós 1676. N. S. da Assumpção, Sobreda 1677. N. Senhora da Orada, Monsarás 1679. Santa Maria, Portalegre 1683. N. S. do Bom Despacho, Mampedrozo do Porto 1745.

HOSPICIOS

N. S. dos Pobres, Loulé 1695. S. Nicolão de Tolentino, Mora 1711. N. S. da Boa Hora. Setubal . . . . N. Senhora dos Anjos, Grandola 1727. Jesus Maria, Coimbra 1731. Santa Rita, Lisboa 1748.

MOSTEIRO DE RELIGIOSAS

Nossa Senhora da Conceição, Valle de Xabregas 1663.

§ III.

Arrabidos

A Penitente, e observante provincia da Arrabida foi erecta em Portugal pelo veneravel Padre Fr. Martinho de Santa Maria, natural de Cartagena de Levante, o qual encontrando-se na romaria de N. Senhora de Guadalupe com o illustrissimo D. João de Lancastre, Duque de Aveiro, seu parente, e convidado por elle para vir fundar na Serra de Arrabida, e na ermida, que alli tinha o duque, obtida licença do padre geral fr. João Calvo, se poz em execução a nova fabrica no anno de 1539, ou de 1542. (1)

Logo se aggregaram religiosos de varias partes, varões de grande penitencia, e entre elles fr. João de Aguila, e S. Pedro de Alcantara, filhos da provincia de S. Gabriel de Castella, e assim perseveraram n'aquelle sitio primeiro, que foi no alto da Serra, e se foram fundando outros conventos de sorte, que no anno de 1545 já era Custodia, quando o veneravel fundador falleceu no hospital de todos os Santos em Lisboa. Depois á instancia do cardeal D. Henrique concedeu Pio IV a erecção em provincia no anno 1560. Consta presentemente dos conventos seguintes.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. S. e Santo Antonio, Mafra 1717. S. Pedro de Alcantara, Lisboa 1672. S. Joseph de Ribamar, termo de Lisboa, 1559. N. Senhora da Arrabida, junto a Azeitão 1542. S. Catharina de Ribamar, termo de Lisboa 1634. N. S. da Boa-Viagem, termo de Lisboa 1551. Santa Cruz, termo de Cintra 1560. N. Senhora da Piedade, Caparica 1558. N. Senhora da Conceição, Alferrára 1576. N. Senhora dos Prazeres, Palhaes 1601. Madre de Deos, Verderena 1591. S. Cornelio, Olivaes. 1674. N. Senhora da Conceição, Azoya 1584. O Espirito Santo, Loures 1573. N. Senhora dos Anjos, Torres Vedras 1570. S. Miguel, Gaeiras 1602. Santa Maria Magdalena, Alcobaça 1566. Santo Antonio, Leiria 1652. Santo Antonio, Torres Novas 1591. Santa Maria de Jesus, Val de Fi-

(1) Chronic. desta Prov. liv. 1. cap. 13. e outros, que allega Cardoso no Agiolog. Lusitan tom. 1. pag. 17. donde o tirou o Author do Santuar. Marian. tom. 7. pag. 266. Claustr. Franc. pag. 12 e 60.

gueira 1623. Santo Antonio, Santarem 1590 N. Senhora da Piedade, Salvaterra 1626.

HOSPICIOS E ENFERMARIAS

Invocações, Situações e Fundações

N. S. da Conceição, no hospital de Lisboa 1542. N. S. do Porto Seguro, Cascaes 1695. S. Antonio Hospital e enfermarias, Caldas, 1663. N. Senhora hospital e enfermaria, Setubal 1589. N. Senhora da Arrabida, Azeitão, . . . Santo Antonio, Minde 1733. Santo Antonio Torres, 1646 A Enfermaria, Santarem 1570 N. S. da Assumpção, Torres Novas 1662.

§ IV

Bentos

Tão antiga é a monastica religião Benedictina em Portugal, que ha mais de mil e duzentos annos, que teve n'elle principio no mosteiro de Lorvão, vivendo ainda o proto patriarcha S. Bento, como se collige de uma antiquissima memoria, que allega fr. Bernardo de Brito. (1) De Italia mandara o glorioso patriarcha a Hespanha doze monges pelos annos 537 por supplicas, que lhe fez a rainha D. Sancha, mulher de Theudes ou Theodorico, rei Godo, a qual tendo fundado o mosteiro de S. Pedro de Cardenha, distante duas leguas de Burgos, metteu de posse d'elle aos taes monges.

D'aqui para effeito de dilatarem a sua religião, passaram alguns a Portugal, e chegando a Coimbra, escolheram perto do rio Mondego o sitio de Lorvão, onde edificaram o primeiro convento Benedictino d'este reino, sendo Lucencio um dos primeiros abbades fundadores, que depois subiu á dignidade de bispo conimbricense; (2) e como traziam reliquias dos martyres S. Mamede, e S. Pelagio, dedicaram a igreja á memoria dos taes santos. O anno d'esta fundação foi algum dos que correm entre os de 537 até 543, em que morreu o esclarecido S. Bento.

Fundado o mosteiro, começaram a florecer os novos monges em tanta virtude, que foram tidos em summa veneração por toda a Hespanha, de fórma, que, quando se celebravam concilios, eram os abbades d'este convento chamados a elles, como sujeitos de muita importancia. Ainda com a entrada dos mouros se conservaram com o mesmos respeito milagrosamente, sem nunca os barbaros lhe fazerem damno em

(1) Brito, Chronic de Cister liv. 6. cap. 29. «Domus nostra Lurbani constructa fuit vivente Patre nostro Benedicto, et dedicata Sanctis Martyribus Mameti, et Pelagio etc. (2) Monarq. Lusitan. liv. 6 cap. 12 Benedict. Lusitan. tom. 1. trat. 2 part 2. cap. 1. Cunha, Catalog. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 1. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 301.

bens, nem pessoas. Os reis de Leão favoreceram este convento com muitos donativos, e confirmações de privilegios; e, depois que Portugal foi senhoreado por monarcas portuguezes, estes fizeram o mesmo; de sorte, que o mosteiro, que hoje é da religião Bernarda, foi a fertil mina, donde pelo tempo adiante emanou a maior parte dos conventos Benedictinos d'este reino, em o qual houve tempo, que se contavam cento e sessenta.

Até o anno de 1400 perseveron esta santa Ordem em sua regular observancia, depois descahindo de seu primitivo fervor, por varios motivos, que para isso teve, principalmente pelos commendatarios perpetuos, que os reis nomeavam para administradores dos conventos, e confirmavam os pontifices, cujo indulto obteve o cardeal de Alpedrinha D. Jorge da Costa dos papas Julio II, e Leão X chegou a tal estado, que no anno de 1500 todos os conventos de S. Bento estavam em poder de commendatarios, que ordinariamente eram clerigos seculares, e não cuidavam mais, que em disfructar as rendas dos mosteiros; do qual principio nasceu tal estrago ás communidades, que foi necessario ao zelo de D. Antonio da Silva, ultimo commendatario dô mosteiro de S. Thyrso de Riba d'Ave, procurar pelos annos de 1549 a reformação do seu convento, conseguindo que do mosteiro do Monserrate viessem por ordem do geral de Castella dois religiosos, que foram fr. Pedro de Chaves, e fr. Placido de Villalobos, natural de Lisboa, os quaes se houveram com tanta prudencia, e felicidade, que dentro em quatro annos concluiram o tal negocio.

Pareceu tão admiravelmente esta reforma, que o cardeal Henrique pediu ao santissimo papa Pio V reformação para os mais conventos Benedictinos, o que lhe foi concedido por Balla de 22 de julho de 1659, ficando desde então unidos todos os mosteiros a um só corpo de congregação com a formalidade do habito, escapulario, capello, e coroa differente dos antigos claustraes, e governados por um geral independente do de Castella, o qual reside na casa de Tibães, como cabeça da congregação, não só por ser mais antiga, mas por ficar quasi no centro dos mais conventos do Minho. Tem o dito Geral, que tambem se chama D. Abbade, sobre o seu couto jurisdicção de Capitão mór, Coudel mór, Alcaide mór, e Ouvidor, e suas amplissimas preeminencias se pódem ver nas eruditas Chronicas d'esta religião, (1) a qual consta dos Conventos seguintes:

(1) Fr. Leão de S. Thom. na Benedictin Lusitan. Yepes. Chronic. de S. Bento, e outros allegados por Barbos. Decis. Apostol. Collect. 181. Tambur. de Jure Abbat. tom. 2. disp 24. quest. 5. num. 38.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações e Fundações

S. Martinho de Tibães, uma legua de Braga 562. 2ª Fundação, ibid. 1080. S. Bento da Saude, Lisboa 1598. Collegio de S. Bento, Coimbra 1551. S. Bento da Victoria, Porto 1596. S. Thyrso de Riba d'Ave, quatro leguas do Porto 713 2.ª Fundação, ibid. 965. 3.ª Reedificação, ibid. 1094. Santa Maria, Pombeiro 900. 2.ª Fundação, ibid. 1041. Salvador de Paço de Sousa, uma legua de Arrifan. de Sousa 1088. S. Miguel de Refoyos, Basto 669. S. André de Rendufe, duas leguas de Braga 1107. Salvador de Travanca, duas leguas de Amar. 1009. S. Bento dos Apostolos, Santarem 1571. S. João da Pendurada, seis leguas do Porto 1024. S. Romão, Neiva 1100. Salvador de Ganfei, termo de Valença 690. 2.ª Reedificação, ibid. 1018. S. Miguel de Bostello, termo de Arrifana 1039. Santa Maria de Carvoeiro, duas leguas de Vianna 805. Salvador de Palme, duas leguas de Barcel 1028, S. João de Arnoya tres leguas de Amar 1033. S. Martinho do Conto 1177. Santa Maria de Miranda, Ponte de Lima 659. S. João de Cabanas, duas leguas de Caminha 564. Colleg. de N. S. da Estrella, Lisboa 1572.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santa Maria, Ferreira d'Aves 1059. Salvador de Vairão, quatro leguas do Porto 1110. N. S. da Assumpção, Semide 1150. Santa Anna Vianna 1502. S. Bento, Porto 1518. S. Bento, Ibid. 1550. S. Bento, Monção 1550. S. Bento, Coimbra 1555. O Bom Jesus, Viseu 1560. S. Bento, Murça 1587. Santa Escolastica, Bragança 1590. N. S. da Purificação, Moimenta da Beira 1596. Salvador, Braga 1602.

§ V

Bernardos

Não menos que tres famosos Santos foram os fundadores d'esta esclarecida Ordem em Portugal. O glorioso precursor S João Baptista apparecendo visivelmente a S. Bernardo estando em Claraval no anno de 1119, lhe revelou que seria muito do agrado de Deus que elle mandasse fundar n'este nosso reino um convento da sua regra. Poz logo em execução o mellifluo santo o que lhe fora insinuado, e escolhendo alguns religiosos de exemplar vida, chamados *Boemundo*, *Aldeberto*, *João*, *Bernardo*, *Sisinando*, *Rolando*, e *Alano*, os enviou com carta de recommendação ao Santo João Cerita, que fazia vida solitaria em uma ermidinha

no territorio de Lafões, pouco distante do rio Vouga, onde se fundou depois o convento de S. Christovam.

A este santo anacoreta tambem lhe foi revelado pelo mesmo santo medianeiro o intento, e vinda dos religiosos, e o quanto era conveniente que elle, como pratico da terra, os instruisse. Chegados que foram os conduziu á corte, que então era em Guimarães, e á presença d'el-rei D. Affonso Henrique, a quem communicou tudo: o qual como principe tão catholico, não tendo diante dos olhos mais que o augmento do culto Divino, estimou muito aos religiosos francezes, e lhes deu ampla licença para fundarem convento no seu reino, e no lugar, que o Ceo determinasse, conforme as instrucções, que lhe havia insinuado o seu santo prelado.

Com esta faculdade partiram de Guimarães, e chegaram ao rio Barosa, que corre pouco mais, ou menos legua e meia apartado de Lamego, e na descida de umas serras, onde agora chamam o Pinheiro, fizeram quatro cellinhas, e uma ermida, que dedicaram á honra do Salvador do Mundo, e aqui os deixou o santo eremita João, e elles em continuas orações, e jejuns ficaram esperando o sinal do Ceo para a sua nova fabrica. Em breve tempo viram cumpridas as suas esperanças, porque a 13 de Abril de 1121 junto d'aquelle sitio desceu um resplandor a modo de raio, que de noite allumiava todos aquelles montes em circuito.

Reconhecido então ser aquelle o sinal do Ceo promettido, cercaram com balizas todo aquelle terreno, em que a claridade se estendia, e alli fundaram o primeiro convento da Ordem n'este reino, dedicando-o a S. João Baptista, e lançando a primeira pedra nos alicerces o invicto rei D. Affonso Henriques a 21 de Junho de 1122, achando-se presente o bispo de Lamego, que benzeo a pedra, e o santo abbade João Cerita com outros religiosos. Depois se foram estabelecendo os mais conventos, sendo o de Alcobaça um dos mais magnificos, e opulentos do reino, em cuja primitiva fundação chegaram a viver juntos novecentos e noventa e nove religiosos.

Porem, como em tanta multidão succedia haver algum embaraço, porque não cabiam todos no coro, nem refeitorio, nem um só prelado podia dar assento a tantos subditos, dividiram-se em decadas, ou decanias, dando-se a cada dez religiosos um velho por prelado, e com esta repartição nunca faltavam no coro aos divinos louvores de dia, e de noite em todas as horas. (1) Verdade seja, que segundo a mais provavel opinião, estes monges não viviam todos juntos no mesmo convento de Alcobaça, mas divididos em differentes quintas, e lugares circumvisinhos, se ajuntavam na igreja para rezar, e celebrar alternativamente os divinos officios em todas as horas.(2)

Durou este celestial concerto muitos annos sem interpolação algu-

(1) Brito, Chronic. de Cister liv. 3. cap. 22. (2) Bluteau no Vocabular. verb. «Lausperenne.

ma, até que veio a affrouxar, e diminuir por causa de uma peste, que affligiu o reino, e assim esteve interrupta esta perenne assistencia do coro alguns tempos: depois no anno de 1672, sendo geral da Ordem o padre fr. Antonio Brandão, introduziu novamente este santo, e louvavel estilo, dividindo os religiosos em turmas, cada uma de seis, que sem intermissão estão continuamente louvando a Deus de dia, e de noite, e depois que todos os conventos de Cister foram unidos em congregação pelo papa Pio V no anno de 1580 a instancios d'el-rei D. Sebastião, e do cardeal Henrique, ficou o convento de Alcobaça constituido cabeça da Ordem. (1)

Governa-se ella por um abbade, que ordinariamente assiste em Alcobaça, e de tempo immemorial anda n'elle annexo, o titulo e preeminencia de esmoler mór de el-rei. (2) Trata-se com insignias de bispo, e é senhor no espiritual, e temporal de treze villas, e muitos lugares, que cahem debaixo do seu senhorio, nas igrejas das quaes apresenta Beneficios simplices, e curados. Até o tempo d'elrei D. João III visitava o abbade a Ordem militar de Christo: hoje é o abbade geral de toda a Ordem de Cister immediato ao papa, e absoluto reformador de todos os mosteiros, que ha da sua religião n'este reino. Até o governo do cardeal Henrique foram os abbades perpetuos, depois se começou a eleição dos triennaes, que presentemente se usa. Consta dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações e Fundações

Santa Maria, Alcobaça 1148. Colleg. de N. S. da Conceição, junto a Alcobaça 1648. Santa Maria, Tamaraes 1171. Santa Maria, Ceiça 1174. S. Paulo, ... 1163. Santa Maria, Maceiradão 1200. Santa Maria, Bouro 1169. Santa Maria, Fiaens 889. Santa Maria, Hermelo 666. Santa Maria da Estrella, Serra da Estrella 1161. S. João Baptista, Tarouca 1122. S. Pedro das Aguias 1145. Santa Maria de Aguiar 1170. S. Christovão, Lafões 1123. N. Senhora do Desterro, Lisboa 1591. Santa Maria, Salzeda . . . O Espirito Santo, Coimbra 1550.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santa Maria, Lorvão 537. Santa Maria, Arouca 1222. S. Bento de Castris, termo de Evora 1169. S. Diniz, Odivellas 1294. Santa Maria, Cellas 1217. Santa Maria, Almoster 1300. S. Bernardo, Portalegre 1518. Santa Maria, Cós . . . N. Senhora da Piedade, Tavira 1509. N. Senhora da Nazareth. Lisboa 1653. N. S. da Assumpção, Tabosa 1685.

(1) Barbos. alleg. Collect. 189. n. 17. (2) Monarq. Lusitan. liv. 17. cap. 9. Lima. Geograf. Histor. part. 1. pag. 421

§ VI

Brigidas

Foi esta religião estabelecida no reino de Suecia por Santa Brigida no anno de 1344, cuja regra, como affirma a mesma Santa, foi dictada por Christo Senhor nosso. O papa Urbano V a approvou no anno de 1370, e seus successores a confirmarão. Com a hêresia de Gustavo de Bassia padeceram muito suas religiosas, e muito mais as que estavam estabelecidas em Inglaterra por causa do scisma de Henrique VIII que lhes arrazou os conventos, e tomou todas as rendas, de que se sustentavam.

Desta sorte desamparadas foram para Flandes, depois para França, e em fim por occasião das guerras, que então havia, lhes foi preciso andar desterradas trinta e sete annos por varias provincias da Gallia Belgica, até que aportando as peregrinas inglezas em Lisboa por inspiração Divina, se hospedaram no convento da Esperança a 4 de Maio de 1594. Depois Isabel de Azevedo, mulher nobre, e moradora ao Mocambo, lhes deu casas, onde fizeram sua igreja, a qual em 17 de Agosto de 1651 padeceu a ruina de um incendio. (1) porem logo a 2 de Outubro do mesmo anno se começou a fabricar o convento, em que hoje habitam, a que chamam das inglezinhas, de cuja Ordem ha outro em Marvilla, junto a Lisboa, de religiosas portuguezas, fundado pelo arcediago Fernão Cabral.

MOSTEIROS

S Salvador de Sion	Lisboa	1651
N. Senhora da Conceição	Marvilla	1660

§ VII

Brunos

A Sagrada, e admiravel Religião da Cartuxa tomou o nome de um deserto assim chamado na Diocese de Grenoble em França, onde S. Bruno natural de Colonia a fundou no anno de 1084: e deixando por agora os motivos, que teve este insigne Heróe da santidade para instituir, e emprender modo de vida tão aspero, que por extenso referimos no seu elogio, é de saber, que até o anno de 1587 não se conhecia em Portugal esta religião, cuja noticia, e entrada devemos ás piedosas diligencias do Senhor D. Theotonio de Braçança, filho do Duque D. Jayme, e de D. Joanna de Mendoça

(1) O Author do Santuar. Mariao. tom. 1. pag. 203. diz, que esse incendio fora em 9. de Agosto de 1652. Desta Religião trata Barbosa nas Apostolicas Collect. 384.

Tinha este illustrissimo Cavalheiro estudado em Pariz, e communicado n'aquella corte, e na cidade de Catalunha com os Religiosos deste santo instituto; e, depois que a divina Providencia o elevou á dignidade de arcebispo de Evora, que foi pelos annos de 1587, saudoso do grande exemplo, e edificação d'aquelles monges, emprendeu trazel-os para mais perto, e que no fertil jardim de Portugal florecessem tambem aquellas candidas assucenas da virtude. Para este effeito escreveu a França ao padre Geral, ou Grão prior de toda a ordem cartusiana, que então era D. Jeronymo Marchant, que lhe assignasse religiosos para virem fundar em Portugal. Deu elle esta incumbencia ao prior da casa de *Scala Dei*, que existe em Morêa do arcebispado de Tarragona, e lhe chamavam D. Luiz Telmo, sujeito de grandes prendas, e virtudes, o qual com titulo de prior veio para este Reino, trazendo por companheiros os padres D. Jeronymo Ardio, e D. Francisco Monroi, e aos conversos Fr. Silvestre, Fr. João Vellis, e Fr. Paulo.

Chegados a Evora foram hospedados nos Paços junto a S. Francisco em dia da Natividade de Nossa Senhora do anno de 1587, onde estiveram quasi onze annos em fórma de convento, aceitando Noviços e exercendo as mais obrigações da religião, em quanto se não punha capaz, e prompto o sumptuoso convento, que o arcebispo lhes mandara edificar, para o qual se mudaram em 15 de Dezembro de 1598 (1).

A fundação da outra casa de Laveiras teve seu principal motor no Illustrissimo D. Jeronymo de Ataide, filho dos condes da Castanheira, capellão mór d'el-rei D. Filippe II, e depois bispo de Viseu, o qual propondo esta fundação ao capitulo geral, deu este plenissima commissão ao veneravel D. Luiz Telmo para admitil-a. Veio elle a Lisboa conferir este negocio com o bispo, o qual dando-lhe umas casas, que tinha no sitio da Pampulha, mandou o Padre D. Luiz fazer uma capella, onde se celebravão os Divinos Officios, porèm por falta de assistencia não se pôde adiantar a fabrica.

Vendo os religiosos o embaraço, que havia para se augmentar o edificio, trataram de se mudar para uma quinta de Laveiras, termo de Lisboa, no anno de 1598, a qual quinta tinha sido de D. Simoa Godinho, mulher de cor preta, mas mui rica, nobre, e principal da Ilha de S. Thomé, com quem casara certo fidalgo Portuguez, e vindo para Lisboa, havia ficado viuva, e sem successão. Distribuindo os seus bens em obras pias, deixou a quinta de Laveiras para se fundar um convento de frades pobres a arbitrio da mesa da misericordia. Houve muitos empenhos, porque cada uma das religiões mendicantes a pretendia, até que el-rei Filippe II alcançou de Roma licença de transacção para os Padres da Cartuxa, e a confirmação de um censo de cem mil réis, que todos os annos pagava a coroa á dita D. Simoa. (2)

(1) Fonseca, Evora gloriosa num. 677. (2) D. Joseph de Valles no Instit. de la Sagr. Relig. de la Cartux p. 469.

Com esta mercê foi crescendo a fundação, e vieram os fundadores da cartuxa de Evora. No anno de 1612, sendo eleito prior d'ella D. Basilio de Faria, adiantou muito esta fabrica; e no anno de 1736, sendo prior D. Luiz de Brito, fundou nova, e excellente igreja em sitio mais alto, correspondente ao plano do novo claustro, que tinha feito o Cardeal Sousa, em cuja obra tem gasto mais de sessenta mil cruzados, extrahidos de esmolas, que a sua zelosa diligencia, e virtude acompanhada de um raro attractivo dos animos tem grangeado em grande augmento da religião, e culto divino.

CASAS

Scala Cœli, Evora 1587. Vallis Misericordiæ, Laveiras 1598. Hospicio, Lisboa 1749.

§ VIII

Capuchos

Entre as oito provincias da religião serafica existentes neste Reino participa o sexto lugar a provincia de Santo Antonio dos Capuchos, intitulada da *Observancia mais estreita*, a qual, se a considerarmos em seus radicaes principios, teve origem no anno de 1392, reinando el-rei D. João I. Vieram da provincia de Santiago Fr. Diogo Arias, e Fr. Gonçalo Martinho, herdeiro da casa dos condes de Altamira, os quaes com o favor d'el-rei fundaram aqui alguns conventos, sendo o primeiro Nossa Senhora do Mosteiró, mais de uma legua de Valença do Minho.

No anno de 1482, sendo vigario provincial fr. João da Povoa, confessor d'el-rei D. João II pediram os religiosos, que moravam n'estes conventos, mais outros para viverem em estreita reformação, e com o favor do geral fr. Francisco dos Anjos, e industria do dito vigario provincial, que eram affectos aos reformados, além dos taes conventos lhe foram dados outros, em os quaes sujeitos á provincia de Portugal, viveram sempre em estreita observancia.

Correndo o anno de 1565, sendo geral fr. Luiz Puteo, com o favor de fr. André da Insua, filho d'esta reformação, foi erecta em Custodia de Santo Antonio; e no de 1568, por Bulla de S. Pio V impetrada pelo cardeal Henrique, foi levantada em provincia, separando-se da de Portugal. No anno de 1705 se erigio outra provincia separada chamada da *Conceição*. Ambas constão dos conventos seguintes.

PROVINCIA DE SANTO ANTONIO

Invocações, situações, fundações

Santo Antonio, Lisboa 1570. Santo Antonio, Castanheira 1402. S. Antonio da Pedreira, Coll. de Coimbra 1602. Santo Antonio, Penella

1576. S. Antonio da Merciana, Aldea-Galega 1600. N. Senhora do Amparo, Alverca 1553. S. Catharina da Carnota, Alanquer 1408. N. Senhora dos Anjos, Sobral 1597. S. Antonio do Pinheiro, Chamusca 1519. N. Senhora do Loreto, Tancos 1572. N. S. da Conceição, Cantanhede 1675. Santo Antonio, Certã 1635. N. Senhora do Cardal, Pombal 1707. S. Anton. da Cruz de pedra, Bemfica 1640. 2.ª Reedificação, Bemfica 1746. S. Joseph, Sernache 1699.

PROVINCIA DA CONCEIÇÃO

Santo Antonio, Viana do Minho. Santo Antonio da Estrella, Coll. de Coimbra 1612. Santo Antonio, Ponte de Lima 1707. Santo Antonio, Viseu 1635. S. Francisco, Lamego 1568. S. Bento, Arcos de Valdevez 1677. Santo Antonio, Serem 1635. Santa Maria de Mosteiró, duas leguas de Valença 1392. S. Francisco, Moncorvo 1569. S. Francisco, Villa Real 1573. Santo Antonio, Caminha 1618. Santo Antonio, Villa Cova 1712. S. Francisco do Monte, Viana do Minho 1392. S. Francisco de Orgens, termo de Viseu 1407. Santa Maria da Insua, termo de Caminha 1392. Santo Antonio, Pinhel 1731. N. S. da Conceição, Hospicio de Lisboa 1707.

§ IX

Capuchos francezes, e italianos

Os religiosos capuchinhos francezes, que pertencem á famosa provincia de Bretanha no reino de França, introduziram-se n'este reino com o designio de passarem ás missões das conquistas d'elle no anno de 1647 por industria do padre fr. Cyrillo de Mayene, o qual conseguiu d'el-rei D. João IV licença para fundar em Lisboa o primeiro Hospicio, que é o unico em Portugal, fundado na freguezia de Santos com o titulo de — Nossa Senhora dos Anjos da Porciuncula, Lisboa 1648.

Os outros religiosos capuchos italianos se congregaram em Lisboa com licença d'el-rei D. Pedro II no anno de 1686, para d'aqui disporem as missões para as conquistas, e para este ministerio vem de varias provincias de Italia, e se sujeitam a um Superior. Existiram primeiramente na Ermida de Nossa Senhora do Paraiso, onde haviam estado as Commendadeiras de Santos: depois el-rei D. João V lhes deu outro sitio, em parte mais eminente fóra dos muros da cerca do antigo, applicando-lhe de esmola mais de cincoenta mil cruzados para a nova fabrica a supplicas do irmão fr. Francisco, religioso de grandes virtudes.

Nossa Senhora da Porciuncula, Lisboa	1689.
2.ª Fundação	Ibid. 1739.

§ X

Carmelitas Calçados

Até o anno de 1250 não foi conhecida em Portugal esta tão antiga religião, que é uma das quatro mendicantes, e que entrou n'este reino, governando-o D. Sancho II. Aportaram aqui certos cavalheiros maltezes, que traziam comsigo para seus padres espirituaes alguns Carmelitas; e como estes cavalheiros já eram senhores de algumas villas, e lugares n'este reino, entre as quaes se contava a villa de Moura no Alemtejo, n'ella fundaram conventos para os religiosos no sobredito anno de 1250, que foi o primeiro da provincia de Portugal, e esta teve o titulo de provincia no anno de 1423. (1)

O insigne Jorge Cardoso não dá tantos annos de antiguidade em nosso reino a esta esclarecida religião, pois diz, (2) que no tempo que entraram os Carmelitas na villa de Moura, e estabeleceram alli convento, pertencia Portugal á corôa de Castella, e assim que não se póde contar d'aqui a sua antiguidade, mas só desde o reinado d'el-rei D. João I quando o victorioso condestavel D. Nuno Alvares Pereira fundou em Lisboa o famoso convento do Carmo, que foi pelos annos de 1389; mas n'isto não tem rasão tão grave escriptor, como está manifesto, pois a antiguidade das religiões não se toma pelo governo, e dominio dos reis, mas pelos annos da posse, e introducção das terras. Consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. Senhora do Carmo, Moura 1250. Santa Maria do Carmo, Lisboa 1389. Santa Anna, Collares 1450. N. Senhora das Reliquias, Vidigueira 1495. S. Miguel, Beja 1526. N. Senhora da Luz, Evora 1669. Coll. de N. S. da Conceição, Coimbra 1540. N. Senhora do Soccorro, Alagoa no Algarve 1551. S. Gregorio Magno, Torres Novas 1558. S. Romão, Alverca 1600. N. Senhora do Soccorro, Camarate 1602. N. Senhora do Carmo, Setubal 1652.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. Senhora da Esperança, Beja 1542. N. S. da Conceição, Lagos 1558. N. S. da Natividade, Tentugal 1591. S. Joseph, Guimarães 1704.

1 Pereir. Chronic. dos Carmelit. tom. 1. part. 2. num. 322. Sá. Memor. Historic. part. 1. cap. 6. 2 Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 3 pag. 214.

§ XI

Carmelitas Descalços

Pretendendo a gloriosa, e mystica doutora Santa Theresa renovar a primitiva regra, que deu aos Carmelitas Santo Alberto, instituiu a reforma em Avila sua patria no anno de 1562, e tomou por companheiro d'esta santa empreza a S. João da Cruz. Pio IV approvou a tal reforma, Gregorio XIII no anno de 1580 a separou dos Calçados, e Gregorio XV os fez participantes de todas as graças, e privilegios das religiões mendicantes, declarando a esta por uma das quatro. (1)

Um anno antes que a Santa falecesse, expediu para a fundação de Portugal ao veneravel padre fr. Ambrosio Mariano, e ao padre fr. Gaspar de S. Pedro com outros religiosissimos companheiros, os quaes chegaram a Lisboa no primeiro de Outubro de 1581, e logo no sitio, e bairro da Pampulha fundaram o primeiro conventinho com a invocação de S. Filippe, que ao depois passou para habitação dos religiosos de S. João de Deos, e os Carmelitas vieram para a igreja de S. Crispim. Finalmente elegeram o sitio da rua larga, que vai de Santos para Alcantara, e alli se estabeleceram. (2) Consta esta provincia dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. S. dos Remedios, Lisboa 1581. N. Senhora da Piedade, Cascaes 1594. N. Senhora do Carmo, Figueiró 1600. S. Joseph, Coimbra 1603. N. S. dos Remedios, Evora 1606. N. Senhora do Carmo, Aveiro 1613. N. Senhora do Carmo, Porto 1619. Santa Cruz, Bussaco 1630. N. Senhora do Carmo, Vianna 1647. Santa Theresa, Santarem 1648. N. S. da Incarnação, Adolhalvo 1648. N. Senhora do Carmo, Braga 1653. Santa Theresa, Setubal 1661. Corpus Christi, Lisboa 1648. S. João da Cruz, Carnide 1681. N. Senhora do Carmo, Tavira 1745.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santo Alberto, Lisboa 1584. Santa Theresa, Carnide 1642. S. João Evangelista, Aveiro 1658. N. S. da Conceição, Lisboa 1681. S. Joseph, Evora 1681. S. Joseph, e Maria, Porto 1704. Santa Theresa, Coimbra 1739.

(1) Fr. João de Santa Mar. na Chron. dos Carm. Descalç. Figueiroa na Plaça Univ. pag. 147 Garma no Theatr. Univ. de Hesp tom. 2 cap. 22. (2) Corograf. Portug. tom. 3 pag. 521. Fonseca, Evor. glorios. 706.

§ XII

Carmelitas Descalços allemães

Introduziram-se estes religiosos em Portugal no mesmo anno de 1708, em que a soberana rainha D. Marianna de Austria chegou a este reino. Considerou esta piedosa princeza quanto era preciso haver aqui religiosos, que administrassem os Sacramentos, especialmente o da penitencia, aos individuos da nação allemã residentes em Lisboa, e este zelo catholico, e amor nacional a persuadiu communicar este pensamento com o padre fr. Leopoldo de Santa Theresa, Carmelita Descalço alemão, que tinha vindo por companheiro do Bispo da Persia D. fr. Elias. Com este projecto mandando vir de Allemanha mais tres religiosos, lhes alugou umas casas junto á ermida de S. Pedro Gonçalves no largo do Corpo Santo, onde estiveram alguns annos exercendo com grande caridade o ministerio, para que foram destinados.

Depois se passaram para a ermida da Ascenção de Christo, que está na calçada do Combro, e no anno de 1723 se mudaram para umas casas suas ao pé do monte de Santa Catharina, nas quaes habitaram até ao anno de 1737, em o qual a soberana rainha, depois de vencidos certos embaraços, mandou alli mesmo fundar a 26 de Março um templo dedicado ao glorioso martyr S. João Nepomuceno, e Santa Anna, com um hospicio para os ditos religiosos da provincia de Austria, onde presentemente residem sujeitos ao seu Padre Geral da Congregação de Italia em grande beneficio espiritual da nação alemã.

HOSPICIO

S. João Nepomuceno, Lisboa 1737.

§ XIII

Claristas

A ordem da gloriosa Virgem Santa Clara entrou n'este Reino pelos annos pouco mais, ou menos de 1250, sendo umas virtuosas Portuguezas de Lamego, que viviam em communidade, as primitivas, que abraçaram esta regra, a qual lhes concedeu o papa Alexandre IV no anno de 1258. Depois se foram fundando outros mosteiros, e os que actualmente existem, são os seguintes.

Mosteiros

Santa Clara, Guimarães 1518. N. Senhora do Amparo, Villa Real 1602. Santa Clara, Vinhaes 1639. Santissimo Sacramento, Louriçal 1640.

S. Luiz, Pinhel 1596. As Chagas, Lamego 1588. Madre de Deus, Barro 1671. O Salvador, Evora 1606. N. Senhora da Graça, Torrão 1570. Santa Apollonia, Lisboa 1718. Santa Martha, Lisboa 1580. Santo Crucifixo, Lisboa 1666. N. S. da Assumpção, Bragança 1 . .

§ XIV

Conceição de Maria

Esta ordem foi instituida pela illustre, e virtuosa portugueza D. Brites da Silva, irmã do Beato Amadeo, a qual no anno de 1484 em Toledo nos Paços chamados de Galiana lhe deu principio com doze religiosas Dominicas do Mosteiro de S. Domingos o Real. Innocencio VIII lhes confirmou no anno de 1489 o habito, que é manto, e escapulario azul com saia, ou tunica branca, segundo tinha apparecido a Senhora em Tordesilhas á dita D. Brites. Naufragou o navio, em que vinham as Bullas, porém estas unicamente salvas por milagre, foram entregues pelos Anjos nas mãos da bemaventurada fundadora; e por conta deste prodigio se conservão ainda no sacrario do Mosteiro da Conceição de Toledo (1.)

Falleceu a Veneravel D. Brites em 17 de Agosto de 1490, e depois de varios progressos, que teve a Ordem, no anno de 1511, o Papa Julio II a fez restituir ao primeiro estado da sua fundação, habito, e officio divino, com sujeição porém á Ordem Serafica, por ser esta especial defensora da Immaculada Canceição de Maria. (2) Passados dez annos, no de 1521 intentou introduzil-a em Portugal Isabel Fuzeiro, mulher nobre de Villa-Viçosa, e de facto edificou um mosteiro para religiosas desta Ordem; mas falecendo antecipadamente, não se completaram os seus designios, porque no anno de 1555 foi habitado pelas religiosas claristas. Depois no anno de 1625 se começou a estabelecer esta Ordem no reino, principiando por Braga, e consta dos seguintes.

MOSTEIROS

Invocações, Situações, Fundações

N. S. da Conceição, Braga 1625. N. S. de Penha de França, Braga 1652. N. Senhora dos Anjos, Chaves 1685. N. S. da Conceição, Ar-

(1) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. pag. 325. (2) Eusebio Golcalv. na Chron da Relig. Seraf. apud Figueiroa, Plaça univ. pag. 134. num. 20. da ultima impressão. Fr. Apolinar. da Conc. Claustr. Franc. cap. 30. e 37. Fr. Jeronym. Roman. Republ. del mund. tom. 1. lib. 6. cap. 31. Fr. Henrique Chron dos Eremit. da Serra de Ossa tom. 1. pag. 31 Souf. Agiologe. Lusitan. tom. 4. Gubernatrix tom 2. de Orbe Serafic. lib. 11. cap. 8. Orbaneja na Vida de S. Indalecio pag. 178. com outros que allega.

rifana de Sousa 1726. N. S. da Conceição, Loulé 1688. N. S. da Conceição, Carnide 1694.

RECOLHIMENTO

Porta Coeli, e S. Damaso, Pontevel 1632.

§ XV

Conegos Regrantes de Santo Agostinho

O instituto de conegos regulares teve principio na igreja latina pouco depois do anno de 362 por Santo Eusebio, Bispo de Vercelli. Depois S. Martinho o introduzio em França, e Santo Agostinho em Africa na Sé de Hippone. D'aqui é provavel, (1) que passassem a Hespanha os discipulos de Santo Agostinho, quando pelos annos de 430 foram lançados d'aquella Provincia pelos Vandalos; e, assim como S. Gelasio passou a Roma nesta occasião, e fondou na igreja Lateranense o mosteiro do conegos regulares, assim a Portugal viriam outros com o mesmo designio: donde se vê, que não é tão moderno este santo instituto, como quer fr. Jeronymo Roman, que lhe dá principio pelos annos de 1117, em que floreceu S. Rufo, (2) pois em Portugal a conventos d'esta Ordem fundados muito antes

Confirma-se mais a antiguidade d'este instituto em o nosso reino, porque nas mais das cathedraes d'elle viveram regularmente na sua primitiva, de que são testemunhas as igrejas de Braga, Lisboa, Lamego, Porto, Viseu, Guarda, Coimbra, e ainda as collegiadas de Guimarães, Cedofeita, Lessa, e outras, que todas foram de conegos regrantes: (3) e tornando da casa Santa D. Tello, arcediago da Se de Coimbra, com o seu bispo Mauricio, achou os conegos reduzidos á vida secular, e não lhe soffrendo o animo ver perder o santo instituto, que professara, ajuntou outros clerigos virtuosos, que o quizeram seguir, e fundou fóra dos muros de Coimbra um mosteiro com o titulo de Santa Cruz.

Fundado o mosteiro no anno de 1131, e entrando n'elle o mesmo B. Tello com onze companheiros, (4) elegeram por seu primeiro prior a S. Theotonio, que já o havia sido da collegiada de Viseu, tambem de conegos regrantes. Floreceu logo n'este convento a santidade, e a sciencia em illustres varões, sendo um dos grandes ornamentos, e brazões d'esta Ordem poder numerar por filho ao glorioso Santo Antonio; e pela grande fama d'estes religiosos, erão elegidos para arcebispos, e bispos das cathedraes do reino, e outros para reformar mosteiros já edificados. Tanta era a opinião d'este convento, que não se fallava por toda

(1) Severim de Faria no Disc 4 da Origem das Vestes Sacerdotaes. (2) Rom. na Repub. Christ. liv 10 cap 16. tom. 1. (3) Chronic. dos Coneg. Regr. liv. 3. cap. 10. (4 Par. bos. Decis. Apost. Collect. 106.

a parte, senão d'elle, por cuja causa os soberanos reis de Portugal o dotaram com tão liberal, e prodiga mão, que sahindo das rendas d'este convento as dos bispados de Leiria, e Portalegre, e o que se applicou para fundar a Universidade de Coimbra, ainda ficaram ao mosteiro de Santa Cruz mais de setenta mil cruzados de renda.

Por muitos annos permaneceu este, e os mais mosteiros do seu instituto em exemplar observancia, veio porém com o tempo a affrouxar pelos motivos, que dissemos da religião benedictina, e o piissimo rei D. João III com faculdade da sé Apostolica mandou reformar o convento de Santa Cruz pelo famoso fr. Braz de Barros, da Ordem de S. Jeronymo, que depois subio á dignidade de primeiro Bispo de Leiria, a cuja reforma deu principio a 13 de Outubro de 1527, e com tanta felicidade sublimou esta santa, e canonica Ordem a tal perfeição, que logo se vio n'ella outra Cartuxa, e a antiga observancia; o que moveu aos priores commendatarios de S. Vicente, e Grijó a largarem os seus mosteiros para se reformarem, e unirem ao de Santa Cruz debaixo de uma congregação; o que foi confirmado por Paulo III, e se obteve faculdade para os mais fazerem o mesmo, tanto que fossem vagando, estabelecendo-se a fórma do seu governo com priores triennaes, e um geral de toda a Congregação, que juntamente é prior de Santa Cruz, prelado do seu isento, e cancellario da universidade de Coimbra, o qual nos actos, e gráos de Doutoramento tem o primeiro lugar, e se lhe capta benevolencia primeiro que ao reitor.

Ultimamente se mandou reformar esta congregação por breve do Santissimo papa Innocencio XIII passado em 1723 á instancia do soberano rei D. João V como tão zeloso do bem espiritual das religiões, e com especialidade desta, nomeando logo o pontifice para reformador, e visitador com preceito formal de obediencia ao reverendissimo padre fr. Gaspar da Encarnação, missionario Apostolico do seminario de Varatojo, varão illustre por sangue, virtudes, e desengano do mundo, que deixou, e todas as honras, e dignidades, que já tinha, e as que podia esperar.

Continua esta reforma ha trinta e nove annos com grande exemplo, e observancia, e tem abraçado o seu instituto varios Senhores da primeira Nobreza do reino attrahidos das virtudes, que alli veem praticar, por cujos progressos louvou, e confirmou o Santissimo Papa Benedicto XIV em sua constituição, e motu proprio de 1742 tudo o que o reverendissimo roformador tinha obrado; pois nas grandes expressões, e elogios, com que honrou esta reforma, deu a mais irrefragavel prova da grande utilidade d'ella, e grande serviço, que fazem a Deus estes religiosos.

Os conventos de conegos regrantes foram muitos n'este reino; porém no tempo dos commendatarios se extinguiram a maior parte d'elles, passando alguns a commendas, e igrejas seculares, outros se uniram

a conventos de diversas religiões. Os, que se uniram ao de Santa Cruz, foram dezesete, a que accresceram tres, que se fundaram depois, e por todos fazem vinte, dos quaes só quatorze são habitados, e os seis estão unidos a outros, como se vê no Mappa seguinte.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações, Fundações

Salvador de Moreira, Concelho da Maya 862. Salvador de Grijó, Comarca da Feira 922. Santa Maria de Villa-boa, Conc. de Bemviver 992. S. Martinho de Caramos, Conc. de Felgueir 1068. S. Simão da Junqueira, Termo de Barcellos 1072. S. Jorge, Junto a Coimbra 1084. Santa Maria de Landim, Termo de Barcellos 1096. Santa Maria de Refoyos, Ponte de Lima 1120. Salvador de Paderne, Arcebisp. de Braga 1130. Santa Cruz, Coimbra 1131. S. Vicente de Fóra, Lisboa 1147. S. Agostinho da Serra, Villa nova do Porto 1538. Collegio de S. Agostinho, Coimbra 1593. S. Theotonio, Vianna 1631.

Conventos que a estes estão unidos

Santa Maria de Oliveira, unido a S. Vicente 1033. S. Miguel de Villarinho, ao de Landim 1070. S. Pedro de Folques, ao Coll. de Coimb. 1086. Santa Maria de Muhya, a Santa Cruz 1103. Santo Estevão de Villela, a S. Agost. da Serra 1118. S. Martinho de Crasto, a Santa Cruz 1136.

MOSTEIRO DE RELIGIOSAS

S. Felix, Chelas 1192.

§ XVI

Conegos seculares de S. João Evangelista

Os primeiros alicerces, que esta santa congregação lançou n'este reino, foram em casa do prior de Santa Maria dos Olivaes, uma legua de Lisboa, onde no anno de 1421 o veneravel mestre João Vicente, natural de Lisboa, medico d'el-rei D. João I, Fisico mór do reino, e que depois foi bispo de Lamego, e de Viseu, se ajuntou elle, e mais cinco sacerdotes de boa, e exemplar vida, com o projecto de reformar o clero relaxado. D'aqui passaram ao Porto no anno de 1423 com o mesmo intento, e os favoreceo muito o bispo D. Vasco, recolhendo-os na igreja de Santa Maria da Campanhã, uma legua fóra da cidade.

Depois o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, reduzindo o mosteiro de Villar de Frades, que tinha sido de monges Benedictinos, a

igreja paroquial, collou n'ella ao veneravel mestre em 25 de Fevereiro de 1425. Aqui se congregaram os outros companheiros, e começaram a exercer taes actos de virtude, que adquiriram o nome de *Bons homens de Villar.*

No anno de 1430 o veneravel fundador passou a Roma, e em 15 de Janeiro do anno seguinte obteve do Papa Martinho V um Breve, que confirmava a nova congregação. N'este meio tempo chegou de Veneza D. Affonso Nogueira, um dos primeiros companheiros do veneravel mestre, o qual por sua devoção tinha ido visitar a Casa de S. Jorge de Alga, fundada pelo insigne veneziano D. Antonio Corrario, que instituiu n'ella a regularidade dos conegos reformados no anno de 1408. (1)

Com a communicação, que o devoto portuguez (o qual depois foi Bispo de Coimbra, e Arcebispo de Lisboa) teve com aquelles conegos, alcançou d'elles a regra, e formalidade do habito, das quaes cousas agradados os padres de Villar, escreveram a Roma ao veneravel fundador, para que confirmasse a nova Ordem á imitação da de S. Jorge de Alga. É Alga uma pequena ilha do mar Adriatico, a qual dista duas milhas da cidade de Veneza.

Facilmente conseguiu este negocio do Papa Eugenio IV, mui affecto ao veneravel mestre, porque em 18 de Maio de 1431 se passou o Breve para a nova congregação se estabelecer em Villar de Frades com os mesmos privilegios, e graças concedidas aos Conegos de S. Jorge de Alga, e com o mesmo habito azul, de que hoje usam os nossos, porque até então se vestiam de pardo. (2)

Foi esta Casa de Villar até o anno de 1461 cabeça da congregação, sendo o seu reitor capitão mór, senhor donatario, e ouvidor do couto de Manhente, onde faz audiencia, e preside ás eleições dos juizes no primeiro de janeiro. Depois a instancias da rainha D. Isabel, mulher d'el-rei D. Affonso V se mudou o nome, que tinham de conegos de Sa Salvador de Villar, para o de Conegos de S. João Evangelista, e a Cas. de S. Bento de Xabregas junto a Lisboa começou a ser cabeça de congregação, e o seu reitor geral d'ella, que tudo confirmou o Papa Pio II no anno de 1471, aggregando-lhe de novo, além das graças, que já tinha, as presentes, e futuras da Ordem de S. Jeronymo de Hespanha.

Viveram sempre os filhos d'esta sagrada congregação com tão bom exemplo, que o Papa S. Pio V lhes mandou pedir por Breve de 28 de Março de 1568 sujeitos para reformarem a congregação de Veneza, (3) como de facto foram cinco, de que resultou professar a congregação de Italia os tres votos essenciaes, como as mais religiões, não se entenden-

(1) Tambur. de jur. Abbat. tom 2. disp. 34. q. 4. num. 32. (2) A'cerca deste habito azul veja-se o que diz Cardoso no Agiolog. Lusitan tom. 3. pag. 160. (3) Veja se o Padre Joseph da Natividade de Seixas do seu erudito Opusculo Theologico Juridico de Saecularitate Canonicorum etc. explanat. 2. n. 15. Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 701. e 220. fr. Franc. de Santa Maria no Ceu aberto na terra tom. 1.

do isto com a nossa de Portugal, que ainda hoje são conegos seculares, que vivem em commum, sem mais regra, que os estatutos feitos pelo seu santo fundador o veneravel mestre João. Consta esta congregação dos conventos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

Salvador de Villar, duas leguas de Braga 566. 2.ª Fundação, Ibid. 1070. 3.ª Fundação, Ibid 1425. Santa Cruz de Val de Rei, Lamego 1596. Santo Eloy, Lisboa 1284. S. Bento, Xabregas 1455. 2.ª Fundação Ibid. 1600 S. João Evangelista, Evora 1485. N. S. da Consolação, Porto 1491. N. S. da Assumpção, Arrayolos 1527. Coll. de S. João Evangel, Coimbra 1631. O Espirito Santo, Feira 1560.

§ XVII

Congregação de clerigos agonizantes

Introduzio em Portugal este instituto o virtuoso padre Manoel de Jesus Maria, que antes de sacerdote se chamava Manoel de Beça Leal, natural da freguezia de S. João de Xespereira, comarca de Penafiel, bispado do Porto, o qual desenganado das vaidades, e promessas do mundo nos poucos annos, que o havia experimentado, por inspiração celeste determinou retirar-se ao deserto; e não contando mais que vinte e quatro annos de idade, no de 1677 foi buscar no Alemtejo o solitario sitio da Tomina, distante da villa de Moura cinco leguas, em um valle cercado de asperas montanhas, que dividem Portugal de Castella. Alli começou uma vida contemplativa, e santa, corroborando sua primeira vocação com varias mortificações, e penitencias continuamente. Aggregaram-se-lhe alguns companheiros, os quaes lhe persuadiram que se ordenasse de sacerdote, como com effeito o ordenou o bispo de Targa D. fr. Bernardino de Santo Antonio no anno de 1683.

Para mais decente commodidade dos seus santos, e espirituaes exercicios, erigiu um conventinho com sua ermida; porem, como o commum inimigo desejava demolir, e extinguir aquella nova atalaya da virtude, urdiu tal enredo, que el-rei D. Pedro II mandou ao desembargador do Porto Francisco Barroso de Faria fosse arrazar aquella obra, por ser erecta sem sua permissão. Foi o prudente ministro; mas vendo, e observando n'aquelles varões penitentes um proceder virtuoso, e edificativo, suspenden a execução, e deu parte ao tribunal competente do quanto serviam ao bem das almas dos rusticos habitadores d'aquellas visinhanças aquelles anacoretas.

D'aqui resultou começar el-rei mais bem informado a proteger com affecto ao virtuoso padre, e sua nova congregação, fazendo-lhe a mercê de o admittir á sua presença algumas vezes, de que sempre ficava edificado da sua virtude, que até no semblante reverberava. Tinha elle formado seus estatutos, e para haver de os confirmar pela Sé Apostolica, passou a Roma no anno de 1704, sendo-lhe preciso repetir esta jornada tres vezes sempre a pé, lutando, e soffrendo com singular paciencia innumeraveis trabalhos, e contra tempos, até que a santidade de Clemente XI em 23 de Dezembro de 1709 lh'os confirmou com os tres votos simplices, sendo o seu especial instituto assistir aos enfermos de morte até espirarem, em cujo exercicio foi o fervorosissimo instituidor exacto, e exemplar observante, excitando-o o bem das almas a salvar muitas vezes de dia, e de noite a agonizar os moribundos em tão remotas distancias, que bem mostrava ser o seu zelo solido, radicado em verdadeira caridade.

Achando-se finalmente em Lisboa, e em casa do doutor Manoel Guerreiro Camacho com uma doença de predestinado, soltou o espirito da prizão corporea, e voou ao premio eterno de seus trabalhos em 28 de Novembro de 1720, com sessenta e sete annos de idade, depois de receber os ecclesiasticos Sacramentos com grandes preparações. O ceo depositou em sua alma um copioso thesouro de virtudes, porque o animo era lizo, e sincero; o coração candido, e humilde; a vida austera, e penitente; abominador de embustes, perseverante na oração, mortificado nas paixões do animo: assim se experimentou na constancia imperturbavel, com que soffreu algumas penosas injurias, que os seus mesmos (dispondo-o a Providencia) inventaram para o perseguir. Jaz na igreja do convento de N. Senhora da Graça de Lisboa, depositado em um caixão no carneiro, que está na entrada da capella do Rosario da parte direita.

A communidade lhe fez um officio solemnissimo com todas aquellas honras, que se costumam fazer aos religiosos mais graves da mesma provincia. Muitas pessoas, que tinham conhecimento das suas virtudes, concorreram a pedir reliquias, mas só se concedeu o seu barrete ao reverendo desembargador Francisco Barroso de Faria, seu especial devoto. Consta o que temos dito não só da attestação, e assento do livro dos obitos, que está na sacristia do mesmo convento a fol. 21 vers. mas tambem da informação, que nos communicou o zeloso, e reverendo padre Paulo de S. Joseph, benemerito professor d'esta pia congregação, a qual consta das seguintes

CASAS

Invocações, situações, e fundações

N. S. das Necessidades, Tomina 1709. N. Senhora do Alcance, Mou-

rão 1718. N. Senhora de Sacaparte, Alfayates, 1726. S. Pedro, Arronches 1729.

§ XVIII

Congregação das Covas de Monfurado

Na freguezia de Santiago do Escoiral, termo de Monte-mór o Novo, uma legua distante da villa para o sul, está um sitio, a que chamam as Covas de Monfurado pelas grandes concavidades, que alli abriu a natureza. N'estas asperas brenhas, e bem no meio de uma serra foram no anno de 1716 habitar dois eremitas, cujo exemplo, arrependido das verduras da sua mocidade, imitou no anno de 1713 o irmão Balthasar da Encarnação, a quem acompanhou tambem o irmão Francisco da Cruz. Vestidos pois de um desprezivel burel, começaram a viver asperrimamente, mortificando-se com tão exquisitas penitencias, que eram venerados pelos habitadores d'aquelles contornos.

Succedeu a morte do irmão Francisco da Cruz, que, dando sinaes de predestinado, fez augmentar a fama dos outros companheiros; e como a virtude onde existe, logo exhala suave fragrancia de admiravel attractivo, foram concorrendo varios sujeitos, que em breve tempo fizeram sua ermidinha, e a dedicaram a Nossa Senhora do Castello, mandando o illustrissimo ordinario de Evora benzel-a a 11 de Fevereiro de 1725, para se celebrarem n'ella os officios divinos, os quaes se começaram a fazer com tanta perfeição pelas pessoas capazes, que se tinham aggregado, que muita gente concorria de muito longe a dar graças a Deus, por verem convertido aquelle covil de feras em morada de anjos.

Chegou á corte a noticia do exemplar procedimento d'estes virtuosos solitarios, e a impulsos de excessiva, e piedosa benevolencia, os tomou debaixo da sua protecção o serenissimo senhor infante D. Antonio, e a seu exemplo toda a nobreza os favorecen muito. Ordenado o irmão Balthasar de sacerdote no anno de 1732, e constituido director da congregação, instavam fortemente os monges por estatutos fixos: fabricou-os o padre Balthasar inspirado pela fortaleza do seu espirito, e aspereza da sua vida penitente, totalmente fóra do caminho ordinario, e das forças humanas, e assim foi preciso á incomparavel piedade do serenissimo senhor infante mandar consultar os melhores homens de virtude, prudencia, e letras, os quaes entendendo bem que o nimio rigor costuma afrouxar com o tempo, formaram uns estatutos muito do agrado de sua alteza, e dos mesmos monges, que o Ordinario approvou a 4 de Junho de 1738.

No anno seguinte a 18 de Janeiro deram sujeição ao illustrissimo Cabido de Evora, por estar então *Sede vacante*, e professaram todos nas mãos do conego Simão Joseph Silveiro Lobo, deputado do Santo Officio, e n'esta observancia vivem com grande edificação. O seu habito

consta de tunica interior parda, habito exterior preto de panno grosso, capello, escapulario, manto curto com uma palma debuxada no hombro esquerdo, e no meio do escapulario, como em memoria do deserto de S. Paulo primeiro eremita, e seu protector.

CASAS

N. Senhora do Castello	Monfurado	1725
2.ª Fundação	Ibidem	1743

§ XIX

Congregação do Senhor Jesus da Boa Morte, e Caridade.

Supposto que esta piedosa congregação principiou a estabelecer-se em Lisboa com os monges das Covas de Monte-mór, que em companhia do padre Balthasar vieram dar principio á Irmandade da Caridade no anno de 1736, reconhece todavia por seu principal motor ao irmão Antonio dos Santos, natural de Camarate, e official de canteiro, mas de espiritos tão pios, e catholicos, que edificando por suas mãos uma ermida, em que collocou a devota Imagem do Senhor Jesus da Boa Morte, que elle mesmo tinha erecto no sitio de Buenos Ayres no anno de 1728, offereceu ao dito padre Balthasar, e mais irmãos a tal ermida para seu hospicio.

Aceitaram os padres a offérta, e começaram a fazer cubiculos para sua habitação, deitando logo o habito ao devoto Antonio dos Santos, e continuando a trabalhar nas mesmas obras com singular zelo, de fórma que concorrendo muitos individuos, está hoje em grande augmento, exercitando a principal clausula do seu Instituto, que é pedir em communidade, cantando o Terço pelas ruas, para os pobres prezos, e mais necessidades particulares. O eminentissimo Cardeal Patriarcha lhe approvou no anno de 1743 os seus Estatutos, que são differentes dos dos padres das Covas, ainda que o habito é o mesmo, excepto no capello, porque o não tem, e as capas são mais compridas: trazem barbas, como os das Covas, e tem como elles confessionario publico com porta para a estrada. Consta presentemente de uma só

CASA

O S. Jesus da Boa Morte, Lisboa 1736.

§ XX

Congregação de Marianos Conceicionistas

O veneravel padre fr. Estanislão de Jesus Maria, natural de Polonia, deu principio a esta Ordem no ermo Corabiense pelos annos de 1679, em uma congregação de Terceiros Franciscanos, que a serenissima republica poloneza tomou debaixo da sua protecção. A santidade do Papa Innocencio XI pela Bulla *Exponi nobis etc.* de 6 de Setembro de 1686 lhe approvou a regra.

Consiste ella na observancia das dez virtudes evangelicas, ou beneplacitos da Immaculada Virgem Senhora nossa, reveladas á christianissima rainha Santa Joanna Valesia, (1) e em dilatar o culto ao santissimo Mysterio da Conceição da Senhora, encommendando juntamente a Deus com suffragios as almas do Purgatorio. Os Summos Pontifices Innocencio XII no anno de 1699, e Innocencio XIII no de 1723 approvaram a sobredita regra com grandes indultos, cujo veneravel instituidor concluindo seus dias no anno de 1701 cheio de virtudes, e merecimentos foi gozar o glorioso premio da Bemaventurança, como piamente se crê.

N'este reino a introduzio o padre fr. Casimiro de S. Joseph, polonez, varão de exemplar virtude, o qual tendo sido já duas vezes expreposito geral da mesma Ordem em Polonia, passou a Portugal pelos annos de 1752, com o santo intuito de promover os cultos de Maria Santissima em o Mysterio da sua Purissima Conceição. Soube elle, que na provincia de Tras os Montes, meia legua distante da villa de Chacim, havia a ermida de Nossa Senhora de Balsemão, onde viviam congregados alguns eremitas com admiravel edificação dos fieis, aos quaes se aggregou.

Tinha alli estabelecido para aquelle modo de vida penitente, e contemplativa o irmão Antonio de S. Joseph, natural do Oiteiro, um hospicio com seus dormitorios pelos annos de 1732, onde com o attractivo da milagrosa Imagem da Senhora de Balsemão concorria muita gente. Persuadidos então os ditos eremitas das grandes virtudes, que viam observar em o novo hospede religioso, abraçaram pelos annos de 1754, com licença do Bispo de Miranda, que então era D. fr. João da Cruz Salgado, o seu instituto, e habito, o qual é de côr de cinza nos vestidos interiores, branco nos exteriores, e negro nos barretes, e chapeos. O escapulario da Immaculada Conceição, que trazem por dentro, é azul claro celeste, com a Imagem da Senhora, e as fitas, ou ligaduras do escapulario são encarnadas. Cingem-se com o cordão de S. Francisco, e n'elle pendente da parte esquerda a coroa das dez virtudes da Virgem, que consta de dez contas negras.

Desta fórma continuando o exemplar fr. Casimiro com a observan-

(1) Torres. Chron. Seraf. part. 6. liv. 4 cap. 15.

cia da sua regra na união dos mais congregados em grande utilidade espiritual, falleceu no anno de 1755 com evidentes demonstrações de predestinado. Presentemente existem quatorze religiosos, e consta de uma só.

CASA

N. S. de Balsemão.	Chacim.	1732

§ XXI

Congregação da Missão

Foi instituida esta congregação nos reinos de França no anno de 1625 por S. Vicente de Paulo, e canonicamente approvada no anno de 1632 por Urbano VIII pela Bulla *Salvatoris nostri* de 12 de Janeiro, e confirmada por Alexandre VII no anno de 1655 com especial regra, e constituições, que comprehende quarto voto de permanencia na Congregação, só dispensavel pelo Pontifice, ou pelo Superior Geral da Congregação. O fim é exhortar aos fieis, prégando-lhes a palavra divina, instruil-os na Doutrina Christã nos povos, para onde forem chamados, ou onde os destinar o ordinario, a quem reconhece respectivamente cada casa, quanto ás funções destinadas ao proximo, por ser esta congregação do corpo Clerical, e não do numero das Ordens religiosas.

Tem tambem por obrigação coadjuvar aos sacerdotes, para que se instrnão n'aquellas sciencias, que seu estado requer, e admittir por dez dias em suas casas aos que estão proximos a se ordenar *in Sacris*, applicando-os á Oração mental, sagrada escritura, e theologia Moral, com outros exercicios pertencentes ao sacerdocio, ceremonias da missa, e ritos ecclesiasticos. Da mesma sorte recebem por oito dias a qualquer clerigo, ou secular, que querendo regular sua vida, se sujeitar ás suas instrucções, e documentos.

Em Portugal a introduziu o padre Joseph Gomes da Costa, natural do Arcebispado de Braga, o qual tendo entrado na Congregação da missão em Roma, impetrou da santidade do papa Clemente XI um breve em 13 de março de 1716 para poder fundar a congregação n'este reino, especialmente no bispado da Guarda. Chegou a Portugal, e achando melhor commodidade de fazer sua primeira fundação em Lisboa, alcançou licença d'el-rei, passada em Alvará de 14 de janeiro de 1717, e declaração do eminentissimo cardeal patriarca ao breve pontificio, de lhe não prejudicar á concessão a variação do lugar por decreto de 7 de abril de 1717.

Desembaraçados, e dispostos estes principios, vieram logo de Italia para esta fundação quatro sacerdotes com dous irmãos leigos da mesma congregação, e se estabelecerão no sitio, e quinta de Relhafoles,

onde começaram a exercer as funções do seu instituto; porém, como depois quizesse sua magestade, que a nova casa da Congregação estivesse em tudo subordinada ao Eminentissimo cardeal patriarca de Lisboa, não quizeram os ditos padres condescender com esta absoluta determinação d'el-rei.

Falleceu o padre Joseph Gomes em 2 de novembro de 1725, e vendo os mais padres impossibilitado o seu estabelecimento, voltaram em diversos tempos para Italia, excepto o padre Joseph Joffreu, Catalão, e o irmão leigo João Bautista Marquisio, Italiano, os quaes ajudados de alguns padres Portuguezes, foram todavia continuando com os exercicios espirituaes de ordenandos. E sem embargo de que el-rei impetrou breve pontificio, para que podessem livre, e licitamente passar a esta casa da congregação da missão sujeita ao Senhor Patriarca quaesquer individuos da congregação da missão sujeita ao seu padre geral, ninguem quiz entrar n'ella.

Estava já como frustrada, e desfeita esta fundação, quando no anno de 1738, em que sua magestade quiz celebrar com extraordinaria grandeza a festa, e oitavario da canonização de S. Vicente de Paulo, no ultimo dia 26 de julho concedeu o dito senhor ao padre Joffreu licença para se fundar esta congregação sujeita ao superior geral d'ella, residente em Paris. Ficou logo por superior o padre Joseph Joffreu, e vieram em diversos tempos sujeitos da mesma congregação de França, Italia, e Catalunha, e se começaram a admittir noviços, e continuar as funções, e exercicios do dito instituto com admiravel edificação, e utilidade de todos; e para maior estabelecimento, el-rei D. João V com a sua costumada generosidade dotou esta casa de abundantes rendas. Em 19 de janeiro de 1743 falleceu o padre Joffreu, e foi nomeado para superior o padre Salvador Barreira: presentemente governa o padre Manuel Carvalho.

SEMINARIO

S. João, e S. Paulo.	Lisboa.	1717

§ XXII

Congregação de Oliveira

Existe esta congregação de terceiros sacerdotes no destricto da freguezia de Santa Eulalia de Oliveira, meia legua distante da cidade do Porto, a qual fundou o reverendo padre Antonio Leite de Albuquerque, conego do Algarve, no anno de 1679, dando-lhe estatutos, que fez com o veneravel padre fr. Antonio das Chagas. El-rei D. Pedro II protegeu esta congregação, consignando-lhe cincoenta mil réis de renda na alfandega da dita cidade annualmente. Innocencio XII no anno de 1700 os

isentou da jurisdição ordinaria, e ficaram subordinados immediatamente ao geral de toda a serafica religião. O seu habito é formado de uma oppa preta com murça parda, e cordão franciscano. Tem por instituto acudir á necessidade dos clerigos pobres, cegos, e entrevados do bispado do Porto, a quem soccorrem com toda a caridade, e para cujo adjutorio são applicadas todas as suas rendas patrimoniaes. Rezão em coro, e fazem outros exercicios espirituaes com geral edificação.

RECOLHIMENTO

N. S. da Conceição.	Meia leg. do Porto.	1676
Hospicio.	Porto.	. . .

§ XXIII

Congregação do oratorio de S. Filippe Neri

Deu principio a esta admiravel congregação em Roma na igreja de Santa Maria de Vallicella pelos annos de 1550 o extatico Florentino S. Filippe Neri, e foi approvada por Gregorio XIII em a Bulla de 13 de Julho de 1575, (1) e confirmada por Paulo V em 24 de Fevereiro de 1612. Consta de sacerdotes seculares, sem outra especial obrigação, que a de obediencia ao seu prelado, a que chamam Preposito, e cada casa se governa independente, e sem subordinação respectiva, por serem familias separadas. (2)

Em Portugal a introduziu o veneravel padre Bartholomeu do Quental, filho da ilha de S. Miguel, varão de sublime espirito, e desengano do mundo; de rara persuasão no pulpito, e direcção no confessionario, por cujos predicados, sendo capellão da capella real d'el-rei D. João IV foi eleito confessor da casa real, e seu prégador, (3) e subiria a outras dignidades promettidas, se a sua humildade não as repudiasse. Desprezando todas as bem merecidas estimações, que el-rei, e a nobreza faziam da sua pessoa, porque o ardor do seu zelo se encaminhava só ao bem das almas. Para mais livremente se empregar n'este santo exercicio, foi elle com o veneravel padre Francisco Gomes occupar o pequeno collegio, que nas Fangas da farinha tinham deixado os religiosos Dominicos irlandezas, quando se passaram para o Corpo Santo, e a 16 de Julho de 1668 deram principio ao seu instituto, lançando-se a roupeta um ao outro.

Aqui estiveram até o anno de 1674, no qual tendo crescido o numero dos congregados, em 14 de Agosto se mudaram para a igreja do

(1) Apud. Tambur. de jur. Abbat. tom. 2. disp. 24. quaest. 6. num. 2. Miraeus de Congregat. Cleric. in communi viv. cap. 10. pag. 85. e cap. 11. (2) Barbos. Decis. Apost. Collect. 512. (3) Franc. Affonso de Chaves na Descripç. da ilha de S. Miguel pag. 353.

Espirito Santo, como diz o author do Santuario Mariano, sem embargo que a Geografia historica diga, que no anno de 1671 tomaram posse. Clemente X a 6 de Maio de 1671 approvou os estatutos d'esta congregação, e a 24 de Agosto de 1672 confirmou especificamente os estatutos particulares do veneravel padre Bartholomeu do Quental, desde o qual tempo tem feito tão admiraveis progressos, e tem produzido tão esclarecidos sujeitos, que nas seis casas, que hoje possue no reino esta resplandecente, e sagrada palestra do espirito, tem levantado ao zenith da maior exaltação as letras, e as virtudes, podendo ter juntamente a gloria de ver com brevidade venerado nos altares (como efficazmente se espera, e solicita) tão virtuoso fundador, que falecendo a 20 de Dezembro de 1698 em idade de setenta e dous annos com a opinião competente aos seus merecimentos, foi seu corpo achado inteiro, e incorrupto a 26 de Abril de 1727, sendo examinado com uma junta de medicos na presença do arcebispo de Lacedemonia D. João Cardoso Castello, provisor do patriarcado.

Oratorios

Invocações, Situações e Fundações

O Espirito Santo, Lisboa 1270. 2.ª Reedificação, Ibid. 1668. N. Senhora do Villar, Freix. de espadacinta 1673. Santo Antonio, Porto 1680. N. S. da Assumpção, Vizeu 1688. N. S. da Assumpção, Braga 1689. N. S. da Conceição, Estremoz 1697. N. S. das Necessidades, Alcantara 1745.

§ XXIV

Dominicanos

Na jerarquia das religiões Mendicantes tem esta preclarissima Ordem o primeiro lugar, como declarou a santidade de S. Pio V na Bulla de 27 de Agosto de 1566, (1) e é chamada Religião dos Prégadores, por assim o profetizar o veneravel abbade Joaquim, quando disse: *Consurget in Ecclesia Dei novus Ordo docentium*, (2) verificando-se mais com a revelação, que o fundador S. Domingos teve, quando os bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo lhe disseram: *Vade et prædica, nam ad hujusmodi munus obeundum a Deo electus es.*

N'este reino entrou pelos annos de 1217, e a estabeleceu o veneravel D. fr. Sueiro Gomes portuguez, a quem o glorioso S. Domingos havia encarregado, e mais a tres companheiros a missão Evangelica de Hespanha. Depois que este famoso prègador semeou o grão da palavra divina por Catalunha, Barcelona, Çaragoça, e outras terras de Castella,

(1) Tambur. ubi supr. quæst. 4. num. 56 Barbosa, Decis. Apostol. Collect. 372. (2) Yanes. Espana en la S. Biblia tom. 1 pag. 261.

alargando mais sua jornada, passou a Portugal a tempo, que o achou interdicto por causa das grandes dissensões entre el-rei D. Affonso II, e as santas infantas D. Theresa, Sancha, e Branca suas irmãs.

Achava-se sómente desassombrada de excommunhões a villa de Alemquer, e foi esta a primeira povoação do reino, que teve a dita de ouvir explicar a doutrina Evangelica da boca d'este novo missionario. Divulgou-se a fama da sua virtude, e da efficacia de sua persuasão, da qual agradada a santa infanta D. Sancha, fez com que aquelle varão Apostolico fundasse alli convento da sua Ordem, o qual logo se poz em execução. D'aqui emanaram as outras sagradas fabricas da virtude, que se foram espalhando pelo reino, as quaes se governaram subordinadas á provincia de Castella até o anno de 1392, em que se desmembraram, e fizeram provincia á parte, e consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, Situações e Fundações

N. Senhora das Nevas, Montejunto 1218. N. S. da Oliveira, Santarem, 1225. S. Domingos, Coimbra, 1227. 2.ª Reedificação, Ibid. 1547. N. S. dos Fieis de Deos, Porto, 1239. S. Domingos, Lisboa, 1242. N. S. dos Martyres, Elvas, 1267. N. S. das Neves, Guimarães, 1271. S. Domingos, Evora, 1286. N. Senhora da Victoria, Batalha, 1388. S. Domingos, Bemfica, 1399 N. S. da Misericordia, Aveiro, 1423. N. Senhora da Piedade, Azeitão, 1435. S. Domingos, Villa-Real, 1524. N. S. da Consolação, Abrantes, 1509. N. Senhora da Luz, Pedrogão grande, 1476. N. Senhora da Serra, Almeirim, 1500. S. Gonçalo, Amarante, 1543. N. S. da Esperança, Alcaçovas, 1541. Santo Antonio, Montm. o Novo, 1564. Santa Cruz, Vianna, 1559. S. Sebastião, Setubal, 1562. S. Paulo, Almada, 1561. Santa Joanna, Lisboa, 1699. S. Martinho, Mancelos, 1551. Santo André, Ansede, 1559. S. Thomaz collegio, Coimbra, 1566. S. Domingos, Lisboa, 1659.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

S. Domingos das Donas, Santarem, 1246. 2.ª Fundação, Ibid. 1280. Corpus Christi, Vil. nov. do Porto, 1345. Salvador, Lisboa, 1392. Jesus, Aveiro, 1461. Santa Anna, Leiria, 1498. N. Senhora da Saudação, Montem. o novo, 1506. Annunciada, Lisboa, 1539. N. Senhora do Paraiso, Evora, 1516. N. Senhora da Rosa, Lisboa, 1519. S. João Baptista, Setubal, 1529. N. S. da Consolação, Elvas, 1528. N. Senhora da Graça, Abrantes, 1541. Santa Catharina de Sena, Evora, 1547. N. S. da Assumpção, Moura, 1562. O Santissimo Sacramento, Lisboa, 1612. N. Senhora da Oliva, tres leguas de Vizeu, 1640. N. Senhora do Bom Successo, Junto a Lisboa, 1639. Santa Rosa, Guimarães, 1680.

§ XXV

Franciscanos

Os primeiros religiosos da esclarecida Ordem dos Menores, que pozeram os pés no reino de Portugal, foi o mesmo seraphim dos patriarcas S. Francisco de Assis com seus companheiros fr. Bernardo, e fr. Matheu no anno de 1214, aos quaes trouxe a Hespanha o ardente desejo de padecer martyrio em Marrocos; mas não podendo seguir sua derrota por causa de enfermidade, que lhe sobreveio, passou o Santo a Galiza a visitar o bemaventurado corpo de Santiago. (1)

De caminho entrou n'este reino pela provincia de Traz-os-Montes, e demorando-se algum tempo em Bragança, alli querem alguns que fundasse a primeira colonia serafica. (2) Depois passou a Guimarães, e logo a Coimbra, onde, segundo nossas chronicas, visitou a rainha D. Urraca, mulher d'el-rei D. Affonso II, á qual com espirito profetico prometteu a permanencia do portuguez imperio.

Voltando a Italia, no primeiro capitulo geral, que se celebrou em Assis no anno de 1217, com parecer dos religiosos n'elle congregados, mandou a diversas partes da christandade alguns, cabendo a Portugal dois, que foram os Santos fr. Zacharias, e fr. Gualter, ambos italianos, e sujeitos de grande virtude, dos quaes tendo noticia a mui Catholica, e Santa infanta D. Sancha, que vivia na sua villa de Alemquer, os mandou logo chamar, dando-lhes um quarto do seu palacio para sua habitação, e alli fundou fr. Zacharias o segundo convento da Ordem n'este reino, e S. Gualter o terceiro em Guimarães, para onde foi chamado, e persuadido d'aquelle devoto povo. (3)

No decantado capitulo das Esteiras, que se celebrou no anno de 1219 em Assis, e em que se acharam cinco mil capitulares, ficou a custodia de Portugal sujeita á obediencia da provincia de Castella, e assim permaneceu até o anno de 1233, em que a provincia de Hespanha se dividiu em tres, chamadas de Castella, Aragão, e Santiago, e a esta ultima ficou unida a de Portugal, e com a mesma sujeição; porém no anno de 1378 lha negou, levantando-se em corpo de provincia separada por dois motivos; o primeiro pelas travadas guerras, que por este tempo se principiaram entre Portugal, e Castella: o segundo pelo lamentavel scisma, que então houve, seguindo a provincia de Portugal ao verdadeiro pontifice Urbano V, e os de Castella ao antipapa Clemente VII.

Assim permaneceram alguns annos, até que eleito Martinho V, e acabado o scisma, se uniu toda a igreja catholica á sua obediencia, e

(1) Gonzag. apud Cunha, Cathaing. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 14. (2) O Padre Fr. Manoel de Monforte na Chron. da Provinc. da Piedade liv. 3. cap. 16. diz, que o primeiro Convento, que S. Francisco fundara em Portugal, fora o de Coimbra, e nega que fosse esto de Bragança. (3) Esper. Histor. Serafic. liv. 2. Wadiog. tom. 1. ad ann. 1217.

querendo os castelhanos unir tambem á sua provincia serafica a d'este reino, como a separação havia sido tão justificada, determinou o pontifice, que ficassem separadas, tomando, e conservando a religião n'este reino o titulo de provincia de Portugal, fecunda prole em tão numerosos conventos, d'onde tem sahido todas as mais provincias de reforma, e recoleição Franciscana em grande credito d'esta chamada de Portugal, que presentemente consta dos seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

S. Francisco, Lisboa, 1217. 2.ª Ampliação, ibid. 1246. 3.ª Reedificação, Ibid. 1528. 4.ª Reedificação, Ibid. 1709. 5.ª Reedificação, Ibid. 1742. S. Francisco, Porto, 1233. 2.ª Fundação, Ibid. 1344. S. Francisco, Santarem, 1242. S. Francisco, Alemquer, 1216. 2.ª Fundação, Ibid. 1222. S. Francisco, Coimbra, 1217. 2.ª Fundação, Ibid. 1247. 3.ª Fundação, Ibid. 1602. S. Boaventura collegio, Ibid. 1665. S. Francisco, Guimarães 1216. 2.ª Fundação, Ibid. 1274. 3.ª Fundação, Ibid. 1322. S. Francisco, Leiria, 1234. S. Francisco, Guarda, 1236. S Frannisco Covilhã, 1235. S. Francisco, Bragança, 1214. N. S. das Virtudes, Azambuja, 1419. Santa Christina, Tentugal, 1437. Espirito Santo, Cartacho, 1525. S. Antonio de Ferreirim, Tarouca, 1525. Espirito Santo, Gouvea . . . Santo Onofre, Golegã, 1519. Santo Antonio, Trancoso, 1569. N. S. da Conceição, Motosinhos, 1478. Santa Sita, Aceiceira . . . Santo Antonio, Figueira, 1527. N. S. da Incarnação, Villa do Conde, 1522. S. Paio do Monte, Vil. nov. da Cerveira, 1392. S. Francisco, Thomar, 1625. O Bom Jesus, Valhelhas, 1548. Santa Catharina, Alemquer, 1623. N. S. da Porta do Ceo, Tilheiras . . . S. Luiz, Montem, o Velho, 1645. S. Francisco, Mezão frio, 1734. Santo Christo da Barca. Almeida 1734.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

Santa Clara, Lisboa, 1292. Santa Clara, Santarem, 1259, Santa Clara, Porto, 1256. 2.ª Fundação, Ibid. 1416. Santa Clara, Coimbra, 1286. 2.ª Fundação, Ibid. 1314. 3. Fundação, Ibid. 1649. Santa Clara, Villa do Conde, 1317. Santa Clara, Amarante . . . Santa Clara Guarda . . . S. Francisco, Ponte de Lima, 1360. N. Senhora da Cernancelhe, Ibid. 1460. Santa Iria, Thomar, 1467. N. Senhora de Campos, Montem. o Velho, 1495. N. Senhora da Subserra, Castanheira, 1520. N. Senhora da Esperança. Lisboa, 1534. Madre de Deus, Miragaia, 1533. O Espirito Santo, Torres Novas . . . N. Senhora do Sepulchro, Trancoso, 1539. N. Senhora do Couto, Gouveia, 1539. N. Senhora da Piedade, Braga, 1547. Santa Anna, Lisboa 1561. N. Senhora da Esperança, Abrantes, 1548. N. S. da Consolação,

Figueiró, 1549. N. S. da Conceição. Alemquer, 1533. N. S. da Misericordia, Caminha. 1561. Madre de Deus, Vinhó, 1568. N. Senhora dos Poderes, Via Longa, 1561. S. Francisco, S. Vicente da Beira, 1564. Calvario, Lisboa, 1618. Madre de Deus, Guimarães, 1673.

§ XVII

Hospitalarios de S. João de Deus

Deve este caritativo instituto a sua origem ao prodigioso, e singular patriarcha portuguez S. João de Deus, o qual nascendo na villa de Montemór o Novo a 25 de Março de 1495, foi tão applaudido no Ceu, que este poz luminarias, apparecendo sobre as casas, em que nascera, uma resplandecente columna de fogo, e ouvindo-se repicar os sinos da sua paroquia, sem intervir impulso humano, tendo juntamente revelação das excellencias do recem-nascido a santo varão de Valença, eremita da serra d'Ossa. (1)

Aos oito annos da sua idade, deixando a patria, se passou a Castella, onde se empregou em differentes exercicios até á idade de quarenta e dois annos, que completou no de 1537, no qual a 8 de Novembro, dia, em que a igreja celebra a Oitava de Todos os Santos, e o martyrio dos quatro coroados de Roma, o coroaram Maria Santissima, e S. João Evangelista com uma coroa de espinhos: e assim coroado lançou o primeiro alicerce a sua religião, principiando n'esse mesmo dia a fundação do Hospital de Granada, (2) o qual governou até os cincoenta e cinco annos de sua vida, que finalizou em 8 de Março de 1550, cujo ditoso fim annunciaram ao povo todos os sinos de Granada, dobrando por mãos invisiveis, para que de alguma sorte correspondesse a morte com o nascimento. (3)

Passados vinte annos, nove mezes, e vinte e tres dias depois do seu felicissimo transito, approvou S. Pio V esta religião á instancia de seus filhos pela Bulla *Licet ex debito*, expedida no primeiro de Janeiro de 1571, (4) de cuja approvação se devem contar os annos da sua antiguidade, como contra varias opiniões de alguns authores declarou a Sagrada Congregação dos Ritos por decreto do anno de 1742. (5)

Tem gerado esta fecunda, e caritativa Mãe mais de cento e noventa filhos singulares na virtude, cujas vidas se lem na sua chronologia Hospitalaria, entrando n'este numero muitos, que mereceram a coroa do martyrio, e não entrando os muitos, que voluntariamente tem sacrificado as suas vidas na assistencia dos enfermos em occasiões de peste.

(1) Santos, Chronolog. Hospitalar. tom. 1. liv. 2. cap. 2. Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 32. Coroger. Portug. tom. 2. pag. 459. (2) Barbos. Decis. Apost. Collect. 385. (3) Sant. citad. liv. 3. cap. 31. Fr. Henriq. Chron. dos Erem. da Serra de Ossa tom. 1. pag. 33. (4) Laert. Cherub. in Bullar. tom. 2. Constit. 143. pag. 356. (5) Consta do Compendio dos Privilegios impresso no fim das Constituições da mesma Religião.

Não ha muitos tempos, que vimos arder ainda nos corações de seus filhos o incendio da caridade d'este Santo Patriarca, pois convidando o padre geral de Hespanha por carta circular de 15 de Outubro de 1743 aos religiosos d'aquelle reino para irem assistir aos feridos da peste, que havia nas praças de Ceuta, e Peñon de Vellez de Gomera, se offereceram mais de cem, como nos consta por certidão authentica do secretario geral de 13 de Dezembro do dito anno; e depois da data d'esta se offereceram, e instaram com repetidas supplicas communidades inteiras, não os intimidando as lastimosas noticias, que chegavam dos que hiam morrendo na empreza, em que gloriosamente acabaram dezanove as suas vidas.

Dentro de tão pouco tempo se tem propagado esta religião de sorte, que conta hoje desoito provincias, de que se compõem as duas Congregações de Italia, e Hespanha, com dois geraes independentes um do outro, e divididas por Paulo V no Breve, que principia: *Piorum Virorum*, de 12 de Abril de 1608, por virtude do qual se celebrou em Madrid o primeiro Capitulo geral da Congregação de Hespanha em 20 de Outubro do mesmo anno, e sahiu eleito geral o veneravel padre fr. Pedro Egypciaco, varão de admiraveis virtudes. (1)

No anno de 1606, antes d'esta divisão, vieram dois religiosos de Hespanha a este reino para fundarem o primeiro convento na propria casa, em que nasceu o santo patriarca, que logo compraram com esmolas, e n'elle fundaram um pequeno templo com um hospital, (2) e deste tempo se deve estabelecer a epocha da sua fundação, sem embargo de que depois se fez outro templo maior, em que poz a primeira pedra D. Francisco de Mello, sobrinho do arcebispo de Evora D. Joseph de Mello em 24 de Junho de 1625, ficando debaixo do presbyterio do Altar mór a mesma casa do Santo, que hoje está reduzida a ermida, mas com as mesmas paredes, para a qual se desce por uma formosa escada.

O convento de Lisboa é fundação de D. Antonio Mascarenhas, Deão da Sé, hoje Basilica de Santa Maria, commissario da Bulla, e presidente da Mesa da Consciencia, do qual tomaram posse os religiosos no anno de 1629. Com estes dois conventos, e alguns hospitaes, que os senhores reis d'este reino lhes entregaram, para n'elles lhes curarem os seus soldados, (podendo-se ter propagado muito mais este tão pio instituto, pois o santo além de ser nosso natural, e o unico patriarca, que temos, é a sua religião tão celebre em Hespanha) ainda assim foi erecta em provincia no duodecimo Capitulo geral, que se celebrou em Madrid a 3 de Maio de 1671, e foi o seu primeiro provincial o padre fr. Estevão da Silva, varão de elevado talento, e grande caridade. Tem esta provincia os conventos, e hospitaes seguintes:

(1) Santos no Bullar. part 1. pag. 141. (2) Sant. Chronol. tom. 2. liv. 2 cap. 22.

Conventos

Invocações, Situações e Fundações

S. João de Deus, Montem. o-novo, 1606. 2.ª Fundação, Ibid. 1625. S. João de Deus, Lisboa, 1629.

HOSPITAES

S. João de Deus, Elvas, 1615. S. João de Deus, Campo-maior, 1645. N. Senhora da Gloria, Moura, 1650. S. João de Deus, Estremoz, 1671. N. Senhora da Conceição, Castello de Lisboa, 1673. S. João de Deus, Olivença, 1676. Santo André, Montem. o-novo, 1677. S. João de Deus, Castello de Vide . . . S. João de Deus, Lagos. 1696. S. João de Deus, Salvaterra da Beira . . . S. João de Deus, Penamacor . . . S. João de Deus, Almeida . . . S. João de Deus, Caminha . . . S. João de Deus, Monção . . . S. João de Deus, Bragança . . . S. João de Deus, Chaves . . . S. João de Deus, Miranda . . .

§ XXVII

Jeronymos

A Ordem moderna de S. Francisco se renovou em Portugal no anno de 1355 pelo veneravel padre fr. Vasco Martins da Cunha, de illustre ascendencia, que havia feito vida monastica eremitica na Italia em companhia dos monges do Santo Sepulchro, os quaes vindo da Palestina no seculo decimo, e sendo derivados da religião, que o doutor Maximo instituira em Belem, tinham fundado diversos mosteiros por toda a Italia.

Por morte de seu mestre, que era varão santo, e dotado de espirito profetico, passaram alguns monges para Hespanha, e entre elles o veneravel fr. Vasco, todos com o pensamento de resuscitarem a Ordem de S. Jeronymo. (1) O padre fr. Vasco no anno de 1355 veio para a serra de Cintra, e no sitio, em que está o convento de Penha longa, fabricando cellas junto a uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, que alli havia, viveu santamente com varios discipulos, que se lhe aggregaram.

No anno de 1390 os patrocinou el-rei D. João I, e lhes comprou o sitio de Penha-longa por três mil e oito centos, e lhes edificou o primeiro convento, que tiveram no reino. (2) Mandando porem o veneravel fundador a Roma um seu companheiro chamado Fernandianes pela confirmação da Ordem, o papa Bonifacio IX a approvou no primeiro de

(1) Monarq. Lusit. tom. 8. pag. 239. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. pag. 280.

Abril de 1400, e d'este anno se começa a contar a fundação dos conventos, que são os seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

S. Jeronymo, Penha-longa, 1400. S. Jeronymo do Mato, Termo de Alemquer, 1400. 2.ª Fundação, Ibid. 1500. S. Marcos, Termo de Coimbra, 1451. N. S. do Espinheiro, Evora, 1452. 2.ª Fundação, Ibid. 1566. N. Senhora de Belem, junto a Lisboa, 1497. N. Senhora da Penna, Cintra, 1509. Santa Marinha da Costa, Guimarães, 1177. N. S. da Conceição, Val bemfeito, 1534. S. Jeronymo Collegio, Coimbra, 1550.

MOSTEIROS

Jesus	Vianna do Alemtejo	1560.

§ XXVIII

Minimos de S. Francisco de Paula

Fundou o milagroso S. Francisco de Paula a sua religião na cidade de Calabria sua patria no anno de 1435. Alexandre VI lhe approvou a regra pela Bulla *Meritis Religiosae*, de 26 de Fevereiro de 1493, mudando-lhe o nome, que tinham seus congregados, de Ermitães Penitentes no de Minimos. Ultimamente a santidade de S. Pio V no anno de 1567 a declarou Religião Mendicante, na qual se estabelece por quarto voto a obrigação de perpetua vida quaresmal.

N'este reino a introduziu fr. Ascenso Vaquero, religioso leigo, natural da villa de la Palma, e conventual no convento de Nossa Senhora da Consolação da villa de Utrera, provincia de Andaluzia, o qual a 13 de Julho de 1717 alcançou d'el-rei um decreto para poder fundar um hospicio, onde assistissem alguns religiosos de virtude. Com effeito se estabeleceram no sitio da Pampulha, defronte do convento de S. João de Deus, e no anno de 1719 lhes concedeu licença o senhor Patriarcha para terem ermida com porta para a rua.

Vieram logo de Castella varios religiosos dignos de toda a estimação pelas suas virtudes, e letras, entre os quaes são memoraveis o padre fr. Francisco da Penha, que morreu n'esta corte, e jaz depositado com grande distinção no mosteiro carmelitano de Santo Alberto: o padre fr. Marcos da Cruz, o qual a 31 de Maio de 1733 com uma morte de predestinado entre as maravilhas, que obrou, deu bastante prova da sua virtude: e finalmente o irmão fundador fr. Ascenso concluindo os

seus dias a 3 de Janeiro de 1738, teve na sua morte as estimações, que lhe grangearam as suas virtudes, o seu exemplo, e a candidez do seu animo. Presentemente está separada esta religião da jurisdicção de Castella, com provincia á parte subordinada ao provincial portuguez. Consta esta religião unicamente no nosso reino do seguinte

HOSPICIO

S. Francisco de Paula	Lisboa	1719

§ XXIX

Missionarios apostolicos

O veneravel padre fr. Antonio das Chagas, religioso franciscano da provincia dos Algarves, varão de grande espirito, desengano do mundo, e de efficaz persuasão no pulpito, querendo instituir particular Seminario de Pregadores da Penitencia, recorreu ao padre geral fr. Joseph Ximenes Samaniego, pedindo-lhe faculdade para o novo instituto, o qual lh'a concedeu no anno de 1675, e logo no de 1679 o Summo Pontifice Innocencio XI lhe approvou os Estatutos em 3 de Novembro. Para esta nova instituição lhe destinou a sua provincia o convento de Varatojo, que dista um quarto de legua de Torres Vedras ao lado de um oiteiro, que o esconde da villa, e d'elle tomou posse a 6 de Março de 1680.

Depois crescendo o numero dos sujeitos d'esta nova recoleição, e experimentando-se o grande fruto, que produziam as missões d'estes pregadores evangelicos, estabeleceram outro convento em Setubal no sitio de Brancanes, de que el-rei D. João V se constituiu padroeiro, e protector por Alvará de 20 de Agosto de 1713.

SEMINARIOS

S. Antonio de Varatojo, Torres Vedras, 1470. N. Senhora dos Anjos, Brancanes, 1682. N. Senhora dos Anjos, Hospicio, Lisboa, 1725. S. Francisco, Hospicio, Lisboa 1761.

§ XXX

Paulistas

O instituto dos eremitas da Serra de Ossa no Alemtejo é antiquissimo: as mesmas Bullas dos Pontifices Paulo III, e Gregorio XIII, que lhe approvaram, e confirmaram a regra, encarecem a sua antiguidade. O certo é, que esta serra foi habitada dos primeiros christãos converti-

dos por S. Manços, os quaes em distinctas brenhas da serra começaram a fazer vida solitaria de anacoretas, e n'este estado perseveraram por todo o seculo terceiro.

No principio do quarto seculo passaram ao estado de cenobitas, persuadindo-os a isso o santo varão anacoreta chamado Lazaro, e alcançando licença do bispo de Evora Aurino, edificaram o primeiro convento na sobredita serra; e, porque n'este se não podiam ja accommodar tantos eremitas, se resolveram a fazer segunda fundação em um valle, que tomou o nome de Lazaro em respeito do santo fundador, que muitos annos conservou até o trocar pelo de Val de Infante por causa do motivo, que explica o insigne Cardoso. (1) Finalmente depois de varios progressos o Papa Gregorio XIII no anno de 1578 á instancia do Cardeal Henrique approvou os estatutos d'esta Ordem, que consta dos seguintes

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações e fundações

S. Paulo, Serra de Ossa, 315. 2.ª Fundação Ibid. 1182. 3.ª Fundação, Ibid. 1434. 4.ª Fundação, Ibid. 1578. Santo Antão, Val de Lazaro 321. 2.ª Fundação. Val de Infante, 1372. N. S. da Consolação, Alferrara 1383. Santa Cruz, Rio Mourinho, 1400. Santa Margarida, junto a Evora 1400. N. Senhora da Rosa, Caparica, 1410. S. Paulo. Elvas, 1418. 2.ª Fundação Ibid. 1593. 3.ª Fundação, Ibid 1603. 4.ª Fundação, Ibid. 1660. N. Senhora da Luz, Montes claros. 1407. S. Paulo, Portel, 1420. N. S. do Amparo, Val bom, 1435. 2.ª Fundação, Villa Viçosa, 1593. S. Juliáo, Alanquer, 1441. N. Senhora da Ajuda. S. Marcos, 1439. 2.ª Fundação, Tavira, 1606. N. S. da Consolação. Serpa, 1440. 2.ª Fundação, Ibid. 1617. S. Paulo, Collegio de Evora. 1578, Santo Antonio, Sousel, 1605. Santissimo Sacramento, Lisboa, 1617. N. S. da Soledade, Collegio de Borba, 1704. S. Paulo, Coll. de Coimbra 17..

§ XXXI

Piedosos

A santa provincia da Piedade n'este reino procede da de Santiago de Castella, e foi seu fundador o veneravel padre fr. João de Guadalupe com seus companheiros fr. Pedro Melgar, fr. João Abulense, e fr. Angelo Pinciano, os quaes, vindo a Portugal pelos annos de 1500, e patrocinados pelo duque de Bragança D. Jayme, erigiram em villa Viçosa a

(1) Veja-se Barbos. nas Decis. Apost. Collect. 374. Chronic. dos Conegr. Regr. liv. 4. cap. 13. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 495. e tom. 3. pag. 383. Congr. Portug. tom. 2 pag. 449. Fonseca, Evor. glorios. num 672. Plaça univers. pag. 94. fr. Henriq. Chronic. dos Eremit. tom I. pag, 101 et. seq.

sua primeira casa, que lh'a confirmou Alexandre VI. Informado depois sinistramente Julio II pelos padres claustraes, que perseguiam a estes zeladores da regra evangelica, determinou o pontifice extinguil-os; porem favorecidos do sobredito duque, d'el-rei, e do mesmo Pontifice já inteirado da verdade, permaneceram dezesete annos sujeitos á provincia de Santiago.

No anno de 1517 por Bulla de Leão X se constituiu provincia separada, e fructificou de maneira, que em todo o reino levantou conventos, onde com grande edificação dos povos se conservam nos observantes principios de seu nascimento, tendo a gloria de ser a primeira capucha do universo, que d'ella tomou o nome. Porem no anno de 1673 por Bulla de Clemente X se separou d'ella a provincia da Soledade, sendo geral fr. Francisco Maria Rhini. Constam ambas dos seguintes conventos:

PROVINCIA DA PIEDADE

N. Senhora da Piedade, Villa-Viçosa, 1500. 2.ª Fundação, Ibid. 1547. 3.ª Fundação, Ibid. 1606. N. S. da Consolação, termo de Borba, 1505. 2.ª Fundação, Ibid. 1548. 3.ª Fundação, Ibid. . . . S. Francisco, Elvas 1518. 2.ª Fundação, Ibid. 1591 Santo Antonio, Portalegre, 1522. 2.ª Fundação, Ibid. 1570. Santo Antonio, Alter do Chão, 1595. Santo Antonio, Fronteira, 1613. Santo Antonio, Estremoz, 1637. 2.ª Fundação, Ibid. 1662. Santo Antonio, Redondo, 1605. Santo Antonio, Evora, 1576. Bom Jesus de Valverde, legua e meia de Evora, 1544. S. Francisco, Portel, 1547. Santo Antonio, junto de Moura, 1684 N. S. da Assumpção, junto da Vidigueira, 1545. Santo Antonio, Beja, 1609. S. Antonio da Esperança, Tavira, 1612 Santo Antonio, Faro, 1620. Santo Antonio, Loulé, 1546. 2.ª Fundação, Ibid. 1675 N. S. da Esperança, Villa nova de Portimão, 1530. S. Francisco, Lagos, 1518. 2.ª Fundação, Ibid. 1560. S. Vicente, Cabo de S. Vicente, 1516. Hospicio, Lisboa, 1640.

PROVINCIA DA SOLEDADE

Santo Antonio de Val de Pied., fronteiro do Porto, 1569. Santo Antonio, perto de Aveiro, 1524. Santo Antonio dos Olivaes, perto de Coimbra . . . Santo Antonio, Ourem, 1600 N. S. da Annunciada, Thomar, 1645. Santo Antonio, Abrantes, 1526. 2.ª Fundação, Ibid. 1571. 3.ª Fundação, Ibid. 1599. N. S. da Caridade Sardoal, 1571. Santo Antonio, Castello-Branco, 1562. Santo Antonio, Idanha a nova, 1630. Santo Antonio, Penamacor, 1571. N. Senhora do Seixo, Covilhã, 1526. 2.ª Fundação, Ibid. 1577. Santo Antonio, fronteiro da Covilhã, 1553. S. Francisco, Chaves, 1637. Santo Antonio, Guimarães, 1664. S. Ermitnoso, perto de Braga . . . S. Francisco, Barcellos, 1649. Bom Jesus do Monte, Mei. leg. de Barcel. 1497. N. Senhora dos Anjos, perto de Azurara . . . San-

to Antonio, Arrifana de Sousa, 1663. N. S. do Soccorro, Mei. leg. de Chaves, 1673. Santo Antonio Euferm., Porto, 1735.

§ XXXI

Theatinos

Teve esta religião seu nascimento em Roma no anno de 1524. Foi seu fundador o glorioso S. Caetano, natural de Vicencia, cidade de Napoles, juntamente com tres insignes illustres companheiros João Pedro Caraffa, que depois foi Summo Pontifice com o nome de Paulo IV. D. Bonifacio del Colle, e D. Paulo Consiliario, cavalheiro romano. Clemente VII a 24 de Junho de 1524 approvou seu instituto.

Em Portugal a introduziu o padre D. Antonio Ardizoni Spinola, natural de Napoles, varão apostolico, virtuoso, e letrado, o qual chegando da missão da India com outros seus companheiros no anno de 1648, el-rei D. João IV lhe concedeu o Hospicio, que lhe pedia para os seus religiosos, que passavam a servir nas missões do Oriente. Antes de se escolher sitio para a fundação viveram estes padres em umas casas ás portas de Santa Catharina: e, fundada a nova casa, e benta a igreja em 28 de Setembro de 1653 com o titulo de Hospicio, para cuja fabrica tinha concorrido D. Marianna de Noronha e Castro, bisneta do grande D. João de Castro, passaram os padres a tomar posse da igreja com grande contentamento, e beneplacito de todos. Depois no anno de 1681 lhe concedeu el-rei D. Pedro II licença para fundarem casa, e tomar noviços, e assim deram ordem á nova fabrica, a qual completa, será uma das grandiosas.

CASAS

N. S. da Divin. Providenc., Lisboa, 1653. 2.ª Fundação, Lisboa, 1698. S. Caetano, Hospicio, Campo grande . . .

§ XXXII

Terceiros Regulares de Jesus

Foi instituida a Terceira Ordem Regular Serafica n'este reino por um religioso de Galiza, cujo nome se ignora, o qual no anno de 1443 com outros companheiros, que se lhe aggregaram, foram habitar nos arrabaldes de Santarem, um quarto de legua para o norte em um valle solitario, e proprio ao exercicio da penitencia. Alli erigiram um pequeno oratorio, dedicando-o a Santa Catharina, e começaram a viver exemplarmente.

Depois, tendo noticia el-rei D. Affonso V dos virtuosos procedimen-

tos d'estes religiosos, lhes den licença no anno de 1470 para fundarem maior casa, ajudando-os com mão liberal, e grandiosa, e pelo tempo adiante foram erigindo novas casas subordinadas á provincia da observancia, até que no anno de 1594 os absolveu a Sé Apostolica da tal subordinação, e se tem estabelecido pelas terras de Tras os Montes, Beira, Estremadura, e Algarve com os conventos seguintes.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

N. Senhora de Jesus, Lisboa, 1595. S. Pedro Collegio, Coimbra 1584. N. Senhora de Jesus, Santarem, 1617. S. Francisco, Carã, 1444. S. Francisco, Viana do Alentejo, 1580. S. Francisco, S. João da Pesqueira, 1581. S Francisco, Vimieiro, 1557. N. S. da Esperança, Belmonte 1561. S. Francisco, Mogadouro, 1617. S. Francisco dos Villares, Marialva, 1447. S. Francisco, Erra, 1582. S. Francisco. Sylves, 1518. N. S. do Desterro, Monchique, 1631. S. Francisco, Arrayolos, 1633. Santa Catharina, Santarem, 1470. N. S. da Conceição, Almodovar, 1680. N. S. das Flores, Sesulse, 1679.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. S. do Loreto, Almeida, 1555. Madre de Deus, Junto a Aveiro 1644. S. Francisco, Monção, 1563. O Bom Jesus, Valença do Minho 1499.

§ XXXIV

Thomaristas

Esta Ordem verdadeiramente é militar, e já fallamos d'ella, quando tratámos da Ordem de Christo; porém, como pela sua reforma houve mudança no habito clerical ao monacal, pertence juntamente a esta jerarquia: e assim é de saber, que o piissimo rei D. João III tomando por cuidadosa empreza restituir todas as religiões á sua primitiva observancia com uma exemplar reforma, não quiz deixar de fóra, como Administração da Ordem de Christo, aos seus freires, que d'esde el-rei D. Diniz viviam conventualmente no regio templo de Thomar.

Para tão grande empreza elegeu ao padre fr. Antonio Moniz da Silva, ou de Lisboa, da Ordem de S. Jeronymo, da provincia de Guadalupe, donde veio para reformador, e prelado do novo rebanho, principiando com doze sujeitos, aos quaes lançou o habito em 24 de junho de 1530 com grande solemnidade. O habito, que lhes vestio, foi composto de tunica, e escapulario branco, murça aberta adiante para se ver a

Cruz da Ordem, que lhes poz nos peitos, talho, que deu a serenissima rainha D. Catharina. A regra foi tirada da de S. Bento com particulares constituições, que depois confirmou o Papa Gregorio XIII. O mesmo zelosissimo rei D. João III os isentou da visita do abbade de Alcobaça. O cardeal Henrique, chegando a empunhar o cetro, pretendeu extinguir esta nova reformação; porém Deus até agora a tem conservado em toda a observancia regular. Consta dos seguintes:

CONVENTOS

N. Senhor Jesus Christo, Thomar, 1147. 2.ª Fundação, Thomar 15 ... 3.ª Reedificação, Thomar 15.. N. Senhora da Luz, Carnide, 1463. 2.ª Fundação, Carnide, 1545. N. Senhor Jesus Christo, Coimbra Collegio . . .

§ XXXV

TRINITARIOS

Teve a sagrada religião da Santissima Trindade por fundadores aos esclarecidos, e Santos Varões João da Mata, que, segundo opinião provavel, era Portuguez. (1) e Felix de Valois no anno de 1198. Divulgou-se brevemente por toda a christandade, e não passou muito tempo, que não chegasse a Portugal, onde era tão necessario por causa das guerras domesticas, que tinhamos com os Mouros, em que forçosamente havia de haver cativos, e necessidade de os rasgatar.

Corria o anno de 1217, em que governava este reino D. Affonso II quando acontecendo no mar oceano pelo mez de Outubro terrivel tempestade, entrou quasi milagrosamente no porto de Lisboa uma náo, que partindo do reino de França em conserva de outras duas, fazia viagem para a terra Santa Perderão-se as duas á violencia da tormenta: porem esta, que trazia oito religiosos trinitarios, que por mandado do seu geral hião povoar os conventos da Palestina, não só entrou livre, mas esteve surta, em quanto não desembarcaram os religiosos, os quaes tanto que pozeram os pés em terra, prodigiosamente, sem outras algumas diligencias, sahiu a náu pela barra fóra, e foi buscando o rumo, a que antecedentemente se encaminhava.

Era bispo de Lisboa n'este tempo D. Sueiro Viegas, ou, como affirmam outros, D. Matheus Sueiro, e Governador d'esta Cidade Pedro Alvares, os quaes visitaram os religiosos; e persuadidos de que aquelle acaso fosse alta providencia de Deus, os mandaram conduzir a Santarem, onde estão estava a corte. Foram recebidos d'el-rei com grande benevolencia, e com o seu real favor fundaram n'esta villa a sua primei-

(1) Maced. nas Flor. de Hesp. cap. 9, excel. 8. Monarch. Lusitan. tom. 4, nas advertencias que vem no fim do liv. 15.

ra casa em uma Ermida de Nossa Senhora intitulada, da Abobeda, que o mesmo rei D. Affonso II lhes deu com um Hospital de cativos, que tinha mandado fazer seu pai el-rei D. Sancho I.

No seguinte anno o veneravel padre fr. Mattheus Anes, um dos primeiros Portuguezes, que em Santarem tomaram o habito trinitario da mão do veneravel padre fr. André Claramont, tendo feito varias redempções, e ultimamente uma por ordem do dito seu Prelado em Alcacere do Sal, villa então de Mouros mui populosa, e fortificada, onde havia innumeraveis cativos Portuguezes, e vendo a grande utilidade, que resultaria ao reino se d'alli expulsassem os Mouros, persuadiu ao bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas tomasse á sua conta esta empreza.

Aceitou o bispo o conselho pela grande opinião, que fazia d'este padre, mas duvidava no modo, com que o podia pôr em praxe. N'este tempo aportou a Lisboa outra armada das partes septentrionaes, que hia á restauração da Terra Santa, a qual entrou com alguma ruina por força de uma tormenta, e communicando ao gereral o seu intento, parte da armada, como diz Brandão, (1) se unio com vinte mil Portuguezes, que passando a Setubal, e d'alli a Alcacere, estes por terra, e os estrangeiros por mar, tiveram a fortuna de renderem, e ganharem a Praça com a morte de trinta mil Mouros, e outros dizem sessenta mil. Achou-se na batalha o veneravel fr. Mattheus com dous religiosos seus companheiros, que eram fr. Julião Alvares, e fr. Bras de Lisboa, que os levou o bispo comsigo.

Entre os muitos prodigios, que na batalha se viram, e refere o chronista Brandão, (2) é o mais memoravel descerem do Ceu anjos vestidos com o habito d'esta religião, como dá a entender Cesareo, monge de Alcobaça, que vivia n'aquelle tempo, e descreveo o sucesso:

Agmen in auxilium nostris venit ecce supernum
Dante Deo signum, qui dedit ante Crucis.
Vestis ei splendens ut sol, ut nix nova candens,
Suntque suo rose pectore signa Crucis.

Conseguida a victoria se recolheu o bispo; e reconhecendo que muita parte d'ella devia ao veneravel fr. Matheus, não só pelo conselho senão tambem pelo trabalho, que n'ella tivera, determinou fundar-lhe convento, para gósar de mais perto da companhia do dito padre, e seus companheiros. Deu conta a el-rei D. Affonso II, pedindo-lhe licença para lhe dar a ermida de Santa Catharina, que estava extramuros da cidade de Lisboa, e de que el-rei era padroeiro: concedeu-lh'a, e todo o mais campo, que o dito bispo quizesse para a fundação. De tudo tomaram posse em Fevereiro de 1218. O veneravel fr. Matheus foi o superior.

(1) Monarq. Lusit. liv. 13 c. 10 (2) Ibid. cap. 12.

Fr. Iulião Alvares, fr. Estevão de Sousa Luzia, e fr. Braz de Lisboa foram os primeiros conventuaes.

Já el-rei tinha pedido ao veneravel fr. Andre Claramont religiosos para fundarem em Lisboa, e terem os resgates maior expediente, e os fieis mais ministros dos Sacramentos, e prégação Evangelica, pois não havia aqui mais convento, que o de S. Vicente de Fóra. (1) A Bulla de Honorio III expedida em Roma a 2 de Abril de 1219 já faz menção deste convento, Porque diz: *Vestram domum Ulisponensem in Erimitorio S. Catharinæ V. et M. a Rege donatione, et a fidelibus omnibus pertinentiis etc.* (2)

Pelos annos adiante se foram fundando os mais conventos sujeitos á provincia de Castella, até que no anno de 1312 se dosuniram e começou a ser provincia separada governada por vigarios geraes; porem no de 1329 se elegeu provincial, e foi o primeiro fr. Affonso Pires, varão sabio, prudente, e virtuoso, que depois foi promovido á dignidade de bispo de Evora. El-rei D. João III mandou reformar esta religião pelo padre fr. Salvador de Mello, religioso da Ordem de Christo, o qual lhe deu principio a 25 de Março de 1545, e com os novos sujeitos, que se criaram no convento de S. Vicente de Fóra, d'onde foram em procissão no anno de 1552 para o convento Trinitario de Santarem, se fez eleição e foi eleito provincial o veneravel padre fr. Roque de Espirito Santo, o qual com sua prudencia, e exemplar vida reformou os mais conventos d'esta Ordem, e lhes deu novos estatutos da reforma, que confirmou depois o papa Pio IV no anno de 1561. (3)

Tem esta religião a gloria de ser ella d'onde emanou por todo o reino a santa, e illustre irmandade da Misericordia, tão cheia de piedade. Foi seu primeiro instituidor, e provedor no anno de 1498 o Apostolico varão fr. Miguel de Contreiras, Valenciano, d'onde procedo trazer a dita Irmandade, para conservar a memoria do fundador, pintada nas bandeiras da casa a copia do seu retrato no mesmo habito da Ordem Trinitaria com estas letras F. M. I. que querem dizer: fr. Miguel Instituidor. (4) Consta esta religião dos conventos, e mosteiros seguintes:

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, fundações

Santissima Trindade, Santarem, 1217. Santissima Trindade, Lisboa 1218. Santissima Trindade, Cintra, 1400. Santissima Trindade, Louza

(1) Consta da Chronica de Fr. Marcos de Moura cap. 58. e de Fr. Antonio da Trind. e Torre nos Annaes Sacros, e Martyrolog. Trinitario. (2) Fr. Jorge do Pombal no liv. dos Docum. espirit. liv 3. cap. 23. Hayedo na Histor. gener. de Argel seu Topograf. (3) Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. cap 31. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 422 e tom. 3 pag. 219 Barbos. Decis. Apostolic. Collect. 387. (4) Cardos. no Agiolog. tom. 1. pag. 289. Barbos. nas Decis. Apostol. Collect. 387. num. 7.

1500. Santissima Trindade Collegio, Coimbra, 1552. Santissima Trindade, Lagos, 1599. Santissima Trindade, Alvito, 1366. Santissima Trindade, Setubal, 1669. N. S. do Livramento, Alcantara, 1679.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. Senhora da Soledade.	Mocambo	1657.
N. Senhora dos Remedios,	Campolide	1720.

§ XXXVI

Xabreganos

Os religiosos da Serafica observancia, chamados xabreganos, por ser a cabeça da sua provincia o convento de Xabregas junto a Lisboa, tambem se intitulam da provincia dos Algarves, que se dividiu da de Portugal no Capitulo, que se celebrou em Tolosa no anno de 1532. Como esta separação se fez á instancia d'el-rei D. João III escolheu a provincia para seu sello a imagem de S. João Evangelista sobre uma esfera com as armas do Algarve, e assim conservou muitos annos o titulo de provincia de S. João Evangelista até se absolver da sua subordinação á Custodia da ilha dos Açores no anno de 1640; porque então esta tomou para si o titulo de S. João Evangelista, e a, de que tratamos agora, ficou com o nome da provincia dos Algarves, verdadeiramente provincia magna, pois consta de trinta e dois conventos de religiosos, e dezasete de religiosas, entre as quaes governa alguns de raformadas, que guardam a primeira regra de Santa Clara, e administram os Sacramentos ás Maltezas de Estremoz.

CONVENTOS DE RELIGIOSOS

Invocações, situações, e fundações

Santa Maria de Jesus, Xabregas, 1455. S. Francisco, Evora, 1224. S. Francisco, Setubal, 1410. S. Francisco, Beja, 1286. S. Boaventura collegio, Coimbra, 1530. S. Francisco, Tavira, 1328. S. Francisco, Portalegre, 1265. S. Francisco, Estremoz, 1239. S. Bernardino, Atouguia, 1451. Santo Antonio, Campo-maior, 1494. 2.ª Fundação, dentro do castello, 1646. 3.ª Fundação, dentro da villa, 1708. S. Francisco, Olivença, 1500. 2.ª Fundação, Ibid. 1594. Santo Antonio, Sines, 1504. N. Senhora do Loreto, Santiago de Cacem, 1505. Santo Antonio, Serpa, 1502. Santo Antonio, Alcacer do Sal, 1524. Santo Antonio, Cascaes, 1527. Santo Antonio, Faro, 1516. N. S. dos Martyres, Alvito, 1524. N. S. da Visitação, Villa-verde, 1540. S. Francisco, Montemór o novo, 1516. S. Francisco,

Moura, 1547. N. S. da Estrella, Marvão, 1448. Santo Antonio, Odemira, 1531. N. S. da Conceição, Messejana, 1567. O Bom Jesus, Peniche, 1452. N. S. do Soccorro, Alcochete, 1572. N. S. da Conceição, Castello de Vide, 1585. Santo Antonio, Lourinhã, 1598. Santo Antonio, Crato, 1603. Santo Antonio, Torrão, 1604. S. Francisco, Mertola, 1612. Santo Antonio, Estombar, 1615.

MOSTEIROS DE RELIGIOSAS

N. S. da Conceição, Beja, 1467. As Chagas, Villa-viçosa, 1534. N. S. dos Martyres, Sacavem, 1577. Santa Clara, Beja, 1340. Santa Clara, Evora, 1458. Jesus, Setubal, 1490. Madre de Deus, Lisboa, 1508. Bom Jesus, Monforte, 1513. N. S. da Esperança, Villa-viçosa, 1516. N. S. da Conceição, Elvas, 1526. N. S. de Ara Coeli, Alcacer do Sal, 1573. N. S. da Assumpção, Faro, 1519. S. Elena do Calvario, Evora, 1570. Santa Clara, Portalegre, 1389. Santa Clara, Moura, 1610. N. S. da Quietação, Lisboa, 1584. N. S. das Hervas ou das Servas, Borba, 1600.

§ XXXVII

De outras ordens religiosas, que já não existem n'este reino

Conegos de Santo Antão. Deram principio no anno de 1095 a esta religião em França dois nobilissimos varões, pae, e filho, chamados Gastão, e Gerino, os quaes livres de um perigosissimo achaque por virtude de Santo Antão, cujo glorioso corpo trazido de Constantinopla se venera em Viena do Dellinado, lhe prometeram fundar esta Ordem, cujos individuos se applicassem a curar os pobres opprimidos do mal chamado de Santo Antão, ou fogo sacro, que n'aquelle tempo opprimia as terras do Occidente. Permaneceram os seus congregados quasi duzentos annos em habito secular, até que Bonifacio VIII no anno de 1297 os fez religiosos, e conegos com o titulo de Santo Antão, mas debaixo da regra de Santo Agostinho. (1)

Entraram em Portugal pouco depois da sua confirmação, e os seus prelados se chamavam *Commendadores* pelo *Tau*, que traziam na capa, que é uma letra grega correspondente ao nosso T, a que na dita religião chamavam *Potentia*. Chegaram a ter n'este reino os conventos seguintes:

Santo Antão de Benespera no bispado da Guarda.
Santo Antão em Lisboa ao pé do Castello.
Santo Antão de Marvilla em Santarem.
Santo Antão de Aveleiro, comarca de Pinhel.
S. Domingos de Basto, bispado de Viseu.

Todos estes conventos estavam unidos aos padres da Companhia por Bulla de Julio III do anno de 1550. Chamavam-se estes conventos Peti,

(1) Cassan. Catal. glor. mund. part. 1. consid. 65

torios, os quaes por justas causas foram prohibidos por S. Pio V no anno de 1566, até se extinguirem de todo. (1)

Conegos premonstratenses. Entraram em Portugal no anno de 1147 na occasião, em que el-rei D. Affonso Henriques tinha de cerco a cidade de Lisboa, e elles tinham vindo na armada dos christãos do norte. Edificando então el-rei um templo a S. Vicente, d'elle tomaram posse no anno de 1148. Vendo porem el-rei, que o seu abbade Gualter intentava sujeitar este mosteiro ao de Premostrato de França, o não consentiu, e o abbade desavindo-se com el-rei voltou para França. Refere isto a Chronica dos Conegos Regrantes, (2) porem padece suas difficuldades, e não se conforma com o que diz o padre Purificação na Chronologia Monastica, pois lhe assina de entrada o anno de 1400, e um convento no bispado de Lamego.

Conegos chamados da vida commua instituida em Alexandria por S. Marcos. Entrou em Portugal no anno de 1082, porem não permaneceu mais que cem annos. (3)

Congregação de Terceiros de S. Jeronymo. Entre as seis, que refere o padre Gubernatis, (4) derivadas da Ordem Serafica, é uma a que introduziu em Portugal o Beato Stupa, da qual não sabemos mais, que isto somente, que escreve este author.

Jesuitas. Entrou esta religião em Portugal no anno de 1540, governando el-rei D. João III, o qual á maneira do antigo Numa Pompilio Romano adornou de religião, e piedade todo o seu pacifico reinado; e como n'aquella primitiva Ordem instituida por Santo Ignacio se faziam estimaveis os seus individuos, supplicou el-rei ao Pontifice Paulo III lhe quizesse mandar para o seu reino alguns d'aquelles novos missionarios. Promptamente satisfez o Papa os desejos do rei, e lhe enviou ao padre Simão Rodrigues de Azevedo portuguez, e a S. Francisco Xavier, os quaes chegaram a Lisboa em 30 de Maio de 1540, e se mandaram hospedar no Hospital de Todos os Santos, por ficarem mais perto do Paço, que então era os chamados Estáos. D'alli começaram a fazer as suas missões com fruto. No anno seguinte partiu o Santo Xavier para a India, e el-rei determinou logo a fundação do Collegio de Coimbra para os novos padres, dando-lhe para sua renda a commenda de Carquere, que o padre Simão Rodrigues trocou depois com a de Benespera, por ficar com o Collegio de S. Antão junto ao monte do castello de Lisboa, que lhe pertencia, e para onde se mudou com o padre Gonçalo de Medeiros aos 5 de Janeiro de 1542. De tal sorte se foram estabelecendo, radicando, e crescendo em numero, e em casas, que em breves tempos se distinguiram entre as outras religiões mais antigas, e opulentas, cuidando muito em saber attrahir sobre tudo a vontade dos principes, que sempre não ha duvida foram de singular benignidade para com os individuos da

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 1 pag. 74 (2) Chronic. dos Coneg Regrant. liv. 4 cap. 15. num. 9. (3) Purific. Chronol. Monastic. in Prooemio. (4) Orb, Seraph, l, 13 cap 1,

Companhia, admittindo-os já para mestres, já para seus confessores, e outros ministerios honorificos por todo o espaço de dois seculos. A este auge tinha subido o periodo jesuitico, quando chegou a epoca da sua decadencia em Portugal: «porque, sabendo-se que elles embaraçavam na America a execução do tratado de limites das conquistas entre as duas coroas portugueza, e hespanhola, que desde 16 de Janeiro de 1750 se havia celebrado, procurando com outros designios, e maquinações obliquas remover a ideia das duas cortes, e não achando a magestade fidelissima do senhor D. Joseph I remedios mais efficazes para obviar os seus projectos, que desterral-os dos seus reinos, e dominios:» determinou a 21 de Setembro de 1757 excluir primeiramente do Paço a todos os jesuitas confessores das pessoas reaes, que com esse pretexto alli residiam. A 2 de Maio do anno seguinte se lhe intimou o Breve de Benedicto XIV, em que fazia seu reformador ao cardeal Saldanha. A 5 de Junho do mesmo anno publicou o dito eminentissimo reformador uma Pastoral, em que os prohibia de todo o genero de negocio, mandando-lhe que dentro de tres dias lhe apresentassem todos os livros, e papeis de contas. A 7 do proprio mez, e anno passou o Patriarcha D. Joseph Manoel um edital assignado pelo seu punho, em que os prohibia de pregar, e confessar n'este patriarchado por justos motivos, e por serviço de Deus, e do bem publico. E como n'este meio tempo se descobriu a horrivel, e sacrilega conjuração contra a preciosissima vida de sua magestade, em a qual os ditos jesuitas tiveram grande parte, como consta da sentença dos rèos justiçados a 13 de Janeiro de 1759; a 5 de Fevereiro do dito anno se lhe fez sequestro em todas as casas, e fazendas que possuiam, ficando elles reclusos em S. Roque, e no Collegio de S. Antão com guardas militares; e a 19 do dito levaram prezos a todos os que estavam em o novo Hospicio de S. Francisco de Borja na Cotovia; até que finalmente a 16 de Setembro do dito anno pela madrugada se mandaram embarcar em uma náo, que ia para Genova, e expulsos totalmente do reino, foram para o seu Geral. N'este deploravel estado, em que são vistos, se verificou (póde ser) a profecia do Santo Borja, quando lhes annunciara: *Veniet tempus cum se Societas multis quidem hominibus abundantem, sed spiritu, et virtute destitutam, moerens inluebitur.* (1) Constava dos collegios, e casas seguintes:

COLLEGIOS

Invocações, situações, fundações

Santo Nome de Jesus, Coimbra. 1542. Espirito S. Universidade, Evora. 1551. Santo Antão, Lisboa, 1552. S. Roque casa professa, Lisboa 1553. S. Paulo, Braga, 1560. S. Lourenço, Porto, 1560. Santo Nome de Jesus, Bragança, 1561. S. Patricio, Lisboa, 1593. Assumpç de N. S. Novic, Campolide, 1597. 2.ª Fundação, Cotovia, 1603. Santiago Mayor, Faro, 1599. N. S. da Purificação, Evora, 1577. N. S. Madre de Deus. Evo-

(1) Esta profecia allega Lacroix no tom. 1. tract. de Conscientia num. 166

ra 1583. S. João Evangelista, Villa-Viçosa, 1601. S. Sebastião, Portalegre 1605. Conceição de N. S., Santarem, 1621. Santiago Mayor, Elvas, 1644. S. Francisco Xavier, Setubal, 1655. S. Francisco Xavier, Villa nova de Port. 1660. S. Francisco Xavier, Béja, 1670. S. Francisco Xavier, Lisboa 1679. N. S. da Nazareth Novic. Lisboa, 1705. Santos Reis, Viça-Viçosa, 1735. Santissima Trindade, Gouvea, 1739.

RESIDENCIAS

Situações, sujeições, e dieceses

Barrocal, Evora, Evora. Canal, Coimbra, Coimbra. Canissos, Santo Antão, Lisboa. Carquere, Coimbra, Lamego. Fassalamim, Evora, Coimbra. S. Fins, Coimbra, Braga. S. João de Longos valles, Coimbra, Braga. Labruja, Santarem, Lisboa. N. Senhora da Lapa, Coimbra, Lamego. Monte agraço, Evora, Lisboa. Monte da Barca, Evora, Evora. Paço de Sousa, Evora, Porto. Pedrozo, Coimbra, Porto. Pernes, Santarem, Lisboa. Roriz, Braga, Braga. Val-bom, Evora, Evora. Villa-franca, Coimbra, Coimbra.

Mercenarios. Vieram a Portugal no anno de 1284 em companhia da rainha Santa Isabel. O primeiro convento, que fundaram, foi o de santa Victoria no termo de Béja, e durou até o anno de 1503, em que se unio ao de santa Clara da mesma cidade, e hoje é curado. Na pedra do portal da dita paroquia, ainda existem gravadas as armas dos ditos religiosos mercenarios. Em Lisboa tiveram outra casa, que se extinguiu pelos annos de 1504, não só por falta de religiosos, que residiam n'ella, mas por serem poucas as esmolas, que tiraram para o resgate dos cativos, que é o fim, para que esta religião foi instituida, cujo emprego como tambem é do instituto da Ordem da Santissima Trindade, pareceu que bastava esta para a grandeza, e capacidade d'este reino. (1)

Todavia no anno de 1682 a 22 de Junho lhe concedeu o Senhor rei D. Pedro II, sendo ainda Principe Regente, licença para terem hospicio, especialmente os que vinham a este reino da America, onde el-rei D. João IV no anno de 1648 lhes tinha feito restituir o seu antigo convento do Pará, e de facto se estabeleceram em Lisboa no bairro do Mocambo, até que representando alguns inconvenientes, houve por bem conceder-lhes el-rei D. João V faculdade para novo hospicio (largando o outro em 22 de Novembro de 1746, o qual começaram a fundar em Março de 1747 no bairro, e Freguezia de S. Joseph da mesma cidade de Lisboa, na rua chamada do Passadiço.

Roque Amador. O Author do Santuario Mariano diz, que esta Ordem tivera em Portugal muitas casas, e hospitaes em tempo d'el-rei D. Sancho I no anno de 1142, e que florecera com muito nome até o reinado d'el-rei D. João II, em o qual tempo se extinguiu, mas ignoro o motivo. (2)

(1) Agiolog. Lusitan. tom. 1. Esperanç. Histor. tom. 1. pag. 342. Monarq. Lusit. tom. 5, liv. 16, cap. 31. (2) Sant. Marian. tom. 1 liv. 1, tit. 9. Monarq. Lusit, q. 5.

Mappa de todas as Ordens Religiosas, que ha em Portugal

RELIGIÕES	ENTRADA NO REINO	CONV. E HOSP.	MOSTEIROS	CASA PRINCIPAL
Agostinhos calçados	1147	18	4	Lisboa
— Descalços	1663	17	1	Lisboa
Arrabidos	1539	30	—	Lisboa
Bentos	543	22	11	Tibães
Bernardos	1122	17	11	Alcobaça
Brigidas	1594	—	2	Lisboa
Brunos	1587	3	—	Laveiras
Capuchos	1565	15	—	Lisboa
— Da Conceição	1705	17	—	Viana
— Francezes	1647	1	—	———
— Italianos	1680	1	—	———
Carmelitas calçados	1250	12	4	Lisboa
— Descalços	1581	16	7	Lisboa
— Descalços Alemães	1708	1	—	———
Claristas	1250	—	12	———
Conceição de Maria	1625	—	7	Braga
Conegos Regrantes	1131	15	1	Lisboa
Conegos Secul. S. J. Ev.	1421	9	—	Villar
Congr. de Cler. Agost.	1709	5	—	———
— Das Covas	1713	1	—	Monfurado
— Boa Morte	1728	1	—	Lisboa
— Marian. Conc.	1754	1	—	Chacim
— Da Missão	1717	1	—	Lisboa
— Da Oliveira	1679	2	—	Porto
— Do Oratorio	1668	7	—	Lisboa
Dominicanos	1217	27	18	Lisboa
Franciscanos	1217	30	27	Lisboa
Hospitalarios	1606	2	—	Lisboa
Jeronymos	1355	9	1	Lisboa
Minimos	1717	1	—	Lisboa
Missionarios Apostolicos	1680	4	—	Varatojo
Paulistas	1578	18	—	Serra d'Ossa
Piedosos	1673	21	—	Villa Viçosa
— Soledade	——	21	—	———
Theatinos	1648	2	—	———
Terceiros de Jesus	1443	17	4	Lisboa
Thomaristas	1530	3	—	Thomar
Trinitarios	1217	9	2	Lisboa
Xabreganos	1532	32	17	Lisboa

CAPITULO IV

Dos pontifices, e cardeaes portuguezes

A tantas religiosas jerarquias, quantas vemos florecer no fertil terreno de Portugal, bem se segue a memoria, ainda que abreviada, d'aquelles egregios portuguezes, que tem condecorado o sacro collegio pontificio, não só com a eminente honra da purpura, mas com a dignidade suprema da Tiara. Todos os, que até agora subiram pelos seus merecimentos a estas preclarissimas preeminencias, tem sido mui especiaes, cujos nomes, patrias, e outras circumstancias competentes se expressam no seguinte mappa.

Pontifices portuguezes

NOMES	PATRIA	ELEIÇÃO	GOVERNO
S. Damaso	Guimarães	Anno 367	17 annos
João XXI ou XXII	Lisboa	Anno 1276	8 mezes

NOMES	PATRIA	PAPA	ELEIÇÃO	TITULO	ANNO DA MORTE	LUGAR DA MORTE	SEPULTURA
S. Damaso	Guimarães	Liberio	366	———	384	Roma	Roma
D. Paio Galvão	Guimarães	Innoc. 3.	1206	S. Maria in 7. col.	1228	M. Cassin.	Mont. Cassin.
D. João Froes	Coimbra	Gregor. 9.	——	———	1236	———	———
D. Pedro Julião	Lisboa	S. Gr. 10	1274	———	1277	Viterbo	Viterbo
D. Ordonho	———	Nicol. 3.	1278	———	1285	Roma	Salamanca
D. João Affonso	Azambuja	João 23.	1411	Santa Eudoxia	1415	Bruges	Lisboa
D. Pedro da Fons.	———	Mart. 5.	1419	S. Angel. in Piscin	1422	Tivoli	Roma
D. Antão Martins	Chaves	Eugen. 4.	1439	S. Chrysogono	1447	Roma	Roma
D. Jayme	———	Calixt. 3.	1456	Santo Eustaquio	1459	Florença	Florença
D. Jorge da Costa	Alpedrinha	Xisto 4.	1476	S. Maria trans Tib.	1508	Roma	Roma
O infante D. Affonso	Evora	Leão 10.	1517	Santa Luzia	1540	Lisboa	Belem
D. Miguel da Silva	———	Paulo 3.	1539	Dos doze Apost.	1556	Roma	Roma
O infante D. Henriq.	Lisboa	Paulo 3.	1545	Dos Ss. 4. Coroad.	1580	Almeirim	Belem
D. Veris. de Lanc.	Lisboa	Innoc. 11.	1686	———	1692	Lisboa	S. P. de Alc.
D. Luiz de Sousa	Porto	Innoc. 12.	1697	———	1702	Lisboa	Sé de Lisboa
D. Nuno da Cunha	Lisboa	Clem. 11.	1712	Santa Anastacia	1750	Lisboa	S. D. de Lisb.
D. Joseph Pereira	Moura	Clem. 11.	1719	Santa Susana	1738	Faro	Sé de Faro
D. João da Motta	Castel. Br.	Bened. 13.	1727	———	1747	Lisboa	Carmo
D. Thom. de Alm.	Lisboa	Clem. 12.	1737	———	1754	Lisboa	S. Roque
D. Joseph Manoel	Lisboa	Bened. 14.	1747	———	1758	Atalaya	Atalaya
D. Francisco	Lisboa	Bened. 14.	1756	———	——	———	———

CAPITULO V

Dos Varões mais memoraveis em santidade, e virtude

Determinamos recolher n'este capitulo as memorias respeitaveis de alguns Santos Portuguezes, porque de todos não só seria improprio á brevidade do nosso methodo, mas tão impossivel, como o pretender formar calculo ao numero das estrellas: tão fecundo é de Varões Santos o Lusitano Imperio. Porêm, antes que principiemos, é justo protestar, que nos conformamos com os decretos do papa Urbano VIII ácerca do titulo de santidade, martyrio, e favores do ceu, de que faremos menção em algumas partes, quando fallarmos de alguns varões virtuosos, pois o nosso sentido não é querer alterar nem o credito dos authores, de quem extrahimos estas noticias, nem a fé immutavel da igreja, cujas determinações catholicamente abraçamos.

§ I

Santos da Provincia do Minho

Santo Absolonio, natural da antiga Viana de Caminha, na perseguição de Nero padeceu glorioso martyrio em Cappadocia acompanhado de outros Santos companheiros, e de S. Lucio seu prelado.

Santa Adozinda, grande lustre da cidade do Porto, onde teve seu nascimento dos illustrissimos comles de Agueda D. Guterres Arias, e D. Aldarara. Seguindo os vestigios de seu irmão S. Rosendo, professou vida religiosa no mosteiro chamado Villa-Nova, em que acabou santamente; e não com menor felicidade deixou de si eterna memoria sua venturosa mãi D. Aldara. (1)

Santo Avito, presbytero, natural de Braga, e arcediago da sua metropolitana. Suas acções foram tão virtuosas, que não só acreditaram sua patria, mas illustraram grandemente a santa cidade de Jerusalem, onde concluio seus dias felizmente a 17 de Junho de 440. (2)

Santa Basilia, ou Basilissa, uma das nove irmãs Santas, que nasceram de um maravilhoso parto na cidade de Braga, e filhas de C. Atilio Regulo. Alcançou esta a palma do martyrio em Siria da Asia, uns dizem que a 29 de Agosto, outros no primeiro de Novembro. (3)

S. Cassiano, e Ceciliano, que na companhia de outros Cavalleiros Portuguezes partiram de Braga com a Princeza Santa Engracia, e junta-

(1) Cunha no Catalog. dos Bisp. do Port., part. 1. cap. 13. fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 141 e 144. (2) Vasaeus ad ann. 388. Vasconcel. in Descript. Lusitan. num. 4. Possevin in Apparat Sacr. tom. 1 pag. 141. Estaco. Antig. de Port cap. 71. num. 4. Argote tom. 4 das Memor. de Braga. (3) Maced. Eva, e Ave part 2. cap. 65. num. 16. fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 11.

mente com ella conseguiram em Çaragoça de Aragão o glorioso triunfo de Martyres.

Santa Columbina, ou Comba, a qual na comitiva de vinte e nove patricias donzellas com outros muitos Christãos Portuguezes no mesmo dia, anno, e lugar em que padecen Santa Quiteria, foram todos coroados da sempre florente coroa do martyrio a 22 de Maio. (1)

S. Cucufate, natural de Braga, e irmão dos Santos Susana, e Torcato, que na mesma patria, e perseguição de Nero ficou victorioso da sua tyrannia em 15 de Abril, e cujo glorioso corpo se venera na cathedral de Santiago em Castella. Dizem alguns, que este Santo era natural de Barcelona.

S *Damaso Papa*, que na melhor opinião foi natural de Guimarães, ou, como diz João de Barros, do Couto de Pedralva, que é entre Braga, e Guimarães. Dos Pontifices da igreja foi um dos mais insignes, que occuparam a Cadeira Pontificia. Não só possuia uma grande sciencia, e discrição, mas uma eminente virtude, e tão especiosissima, que muitas provincias estranhas, o pretendem para seu patrono, e o pertilhão por seu conterraneo. O Academico Manuel Pereira da Silva Leal nas Memorias da Guarda diz, que S. Damaso fora natural da Idanha. (2)

Santa Engracia, glorioso ornamento da cidade de Braga, derramou pela fé seu virginal, e nobilissimo sangue em Saragoça de Aragão com os mais exquisitos tormentos, que podia inventar a crueldade. Muitos dias esteve com os figados arrancados, o coração patente, e rasgado o peito, protestando ainda assim alegremente a Fé de Christo, e merecendo ainda viva o raro titulo de Martyr, como elegantemente cantou Prudencio em um admiravel hymno, como testemunha de vista. (3) Outra Santa *Engracia* houve tambem no territorio de Braga, que foi martyrizada pela Fe em Carvajales, junto a Leão, de que se lembra fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portugal pag. 126.

Santo Epitacio, discipulo de S. Pedro de Rates, e natural de Ambracia, que, segundo a opinião de alguns, foi Barcellos.

Santo Ereuto, um dos dezoito cavalleiros Portuguezes, que em companhia da Princeza Santa Engracia deram as vidas pela religião Christã.

Santa Eufemia, ou Eumelia, filha quarta de C. Atilio Regulo de Braga, e illustre Martyr da Igreja Catholica no anno de 138 mereceu seu santo cadaver veneraçõnes na Sé de Orense.

S. Fausto, ultimo dos companheiros de Santa Engracia, e com ella em Saragoça de Aragão martyrizada, donde sendo levado seu glorioso corpo para Buyarda, bispado de Calahorra, é alli continuamente visitado, e com especialidade das mulheres infecundas, que conseguem do santo maravilhosos despachos. (4)

(1) Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 370 (2) Leal, Memor. da Guard. part. 1. tit. 3. cap. 4. Gandar. Arm. y triunf. de Galiza cap. 17. num. 3 Macedo nas Flor. de Hesp. cap 9. excell. 10. num. 6. Corograf Portug. tom. 1 pag. 81. (3) Prudentius in Peristephanon Hymn. 4. (4) Agiologio Lusitano tom. 2. pag. 721.

S. Felis, discipulo de S. Pedro de Rates, a cujo corpo deu decente sepultura por celestial aviso. Foi o primeiro, que santificou os desertos desta provincia com a vida eremitica muitos centos de annos antes, que S. Paulo abrisse o caminho a este modo de viver Angelico na Thebaida do Egypto. (1)

S. Frosio, cavalleiro, que na comitiva de Santa Engracia triunfou da tyrannia em credito da religião.

S. Fructuoso em tempo dos godos foi conego, e bispo de Braga. Jaz seu corpo em Santiago de Galiza.

O Beato D. Garcia Martins, Ballio de Lessa na religião de Malta, e nella commendador em cinco reinos de Hespanha. Seu corpo é venerado na igreja de Lessa, onde os moradores d'aquella comarca o visitam com o nome de *Homem Santo*. (2)

Santa Gemma, uma das nove filhas de C. Atilio Regulo Bracarense. Alguns lhe chamão *Marinha*, e outros *Margarida*. Com igual gloria se prezam os patricios de Braga de outras duas irmãs *Genebra*, e *Germana*, esta martyr em Cartago de Africa, e aquella em Tuy.

S. Gennadio, natural de Braga, donde se ausentou de menor idade para ser Monge Benedictino, e fez n'aquella vida monastica taes progressos, que foi elevado á dignidade de bispo de Astorga; porém saudoso da solidão, veio acabar n'ella santamente, e com a prerogativa de milagres. (3)

S. Gonçalo de Amarante nasceu no lugar da Riconha, termo de Guimarães. Suas virtudes, e santidade forão tão admiraveis, que as duas religiões benedictina, e dominicana ambas o pretendem possuir como proprio filho. (4) sendo que mais razão tinha o nosso honorifico estado clerical de o numerar entre os insignes heroes, que o illustrão, por elle ter sido conego na insigne collegiada de Guimarães, segundo mostra, e persuade Gaspar Estaço nas Antiguidades cap. 30. e 31.

O Beato fr. Gonçalo Abbade Cisterciense, natural de Chaves, cuja vida foi cheia de merecimentos, e a morte de prodigios; porque exhalando o espirito no meio do caminho, fazendo jornada, em que ficou submergido em um grande monte de neve, não cessarão os sinos de se tocarem milagrosamente por si até o darem á sepultura. (5)

O Beato fr. Gonçalo Dias, natural da Villa de Amarante, menos conhecido na patria, que nas Indias de Hespanha, onde no convento mercenario de Calhau de Lima florece pelos annos de 1600 com singulares favores da Omnipotencia no dom de profecia, no dote da agilidade, e no portento de milagres (6)

(1) Idem, tom. 1. pag. 1 Agiol. nas Memor. de Braga tom 1. liv. 1. cap. 2. num. 36. (2) Rzovio, Ann. Eccles. tom 13. anu. 1286. Funes, Chronic. de Valla liv. 1 cap. 26. e outros, que allega Carlos. no Agiolog. tom. 1. pag. 7. (3) Salazar, Martyrol. Hisp. a 25 de Maio. e no mesmo dia o Agiolog. Lusitan. de Carlos. (4) Fr. Leão de S. Th m. no Prel. as Constit. cap 3. §. «Fulsete» Corograf. Port. tom 1. pag. 85. e 109. (5) Cunha, Histor. de Brag. part. 2. c. 68. (6) Agiol. Lusit. tom. 1 p. 25. e 30. e tom. 3. p. 286. Chronol. Monast. liv. 2. cap. 1.

S. Januario, um dos cavalleiros Portuguezes, que em Saragoça de Aragão foi martyrizado pela Fé em companhia da gloriosa Princeza Santa Engracia.

O padre Ignacio de Azevedo, ditoso martyr, o qual navegando para o Brasil a dilatar a fé, foi morto por um corsario herege francez com trinta e nove companheiros, e missionarios da Companhia de Jesus aos 15 de Julho de 1570. No mesmo dia foram todos vistos por Santa Theresa subir ao Ceo laureados com a coroa, e palma de martyrio, como consta da vida da santa; e a 21 de Setembro de 1742 Benedicto XIV passou um decreto de declaração do martyrio. (1)

O veneravel fr. *João Cerita*, religioso abbade cisterciense, floreceu em virtude em tempo dos primeiros reis portuguezes, sendo um dos principaes meios de se introduzir n'este reino a meliflua religião de S. Bernardo.

S. João do Porto, a quem uns lhe chamam *Terçon*, outros *Teyçon*, ou *Içon*, fez vida solitaria, ou contemplativa em Tuy, onde hoje está o convento dominicano, e alli resplandece em milagres o seu sepulchro.

S. Julião, que na cidade antiga chamada Flavia Lambria junto das ribeiras do Lima, sendo mancebo de dezoito annos, foi coroado de glorioso martyrio, e é hoje venerado seu incorrupto corpo em Arimino, cidade Adriatica. (2)

Santa Iria, ou *Herena*, irmã do Pontifice S. Damaso, com o qual viveu em Roma santamente. Jaz seu veneravel corpo na igreja de S. Sebastião da mesma cidade em companhia de seu irmão, e de sua mãi. (3)

Santa Liberata, ou Wilge-Forte, filha do Regulo Lucio C. Atilio, a qual depois de converter muitos gentios á fé de Christo, e os doutrinar nos santos preceitos, por cujo motivo se lhe dá o titulo de primeira doutora portugueza, e por viver retirada no ermo, em cuja vida solitaria tambem foi a primeira das portuguezas, que abraçou semelhante modo de viver, padeceu finalmente glorioso martyrio na cidade do Porto em tormento de cruz a 20 de Julho do anno de 138, e é venerado seu corpo na Sé de Siguença, de que é Padroeira, e se lhe faz festa a 18 de Janeiro. (4)

O beato fr. Lourenço Mendes, da Ordem dos Pregadores, em Guimarães, o qual compadecido dos moradores d'esta comarca, fabricou a ponte de Cavez, duas leguas além da de S. Gonçalo, em cuja obra resplandeceu a sua virtude com evidentes prodigios. Elle foi a quem um anjo em fórma humana lhe entregou em Chaves, que alguns dizem ser sua patria, um cofre de reliquias, que por mandado de Deus havia recolhido de uma cidade de christãos, que n'aquella mesma hora fora entrada de infieis. Faleceu em fim a 27 de Janeiro de 1280.

(1) Agiolog. Lusit. tom. 4 pag. 175. (2) Petr. á Natal. in Catolog. Sanctor. liv. 5. cap 141. (3) Baron. tom. 4. Annal. ann. 384 (4) Bivar ad Dextr. ann. 138. Gretser. de Cruc. liv. 1. cap. 98 Jardim de Portug. p. 33 Macedo, Eva, e Ave part. 2. cap 65. 8.

S. Luperco, tio da princeza Santa Engracia, e principal capitão da nobilissima tropa de cavalleiros portuguezes, que pela lei de Christo foram martyres em Çaragoça de Aragão na perseguição de Diocleciano no anno de 303, cujos veneraveis corpos são hoje na Igreja do Convento de Jeronymos da mesma cidade de Saragoça respeitados com toda a veneração. (1)

S. Marcial, um dos companheiros de Santa Engracia.

Santa Marciana, ou *Marcia*, filha de C. Atilio, e martyrisada em Toledo a 12 de Julho do anno de 155. (2)

Santa Marinha, martyrizada em Anfiloquia de Galiza, cujo glorioso corpo se conserva, e venera em Aguas Santas do mesmo reino.

Santa Matrona Virgem, e não martyr, como alguns disseram, (3) sendo filha de Remismundo, Regulo da Lusitania em tempo dos Suevos, ausentando-se de Braga sua patria, passou a Italia, e na cidade de Capua á sombra das sagradas reliquias de S. Prisco, um dos setenta e dois discipulos de Christo, que a santa descubriu por divina revelação, passou a vida, e acabou santamente, (4)

Santo Optato, companheiro dos dezesete fidalgos portuguezes, que em Saragoça de Aragão triunfaram da crueldade, e dos tormentos.

S. Pascasio, discipulo, e amanuense de S. Martinho de Dume, floreceu pelos annos de 560 não só em letras, mas em virtudes, de que se lembra S. Gregorio Papa nos seus Dialogos.

S. Pedro de Rates, discipulo do Apostolo Santiago, por quem foi constituido em primeiro Arcebispo de Braga. Depois de pregar em varias partes de Hespanha com grande fervor, aos 26 de Abril do anno 64 de Christo pouco mais, ou menos, foi morto em Rates pelos idolatras odiosos da fé catholica, estando em oração diante do altar. (5)

O irmão Pedro de Basto, da Companhia de Jesus, illustre em todas as virtudes, e Deus o enriqueceu de dons sobrenaturaes tão antecipadamente, que de menino lhe communicou em varias visões muitos segredos, e successos occultos.

S. Primitivo, um d'aquelles companheiros portuguezes, que morreram martyres com Santa Engracia em Saragoça de Aragão.

(1) Martyrol. Rom. a 16 de Abril. Brito na Monarq. liv. 5. cap. 21. Vasconcel. in Descr. Lusitan. p. 447. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 721. e 728. (2) Baron in Notis ad Martyrol. 12 Jul. Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 65. n. 13. (3) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. n. 38. e outros apud Cardos. no Agiolog. tom. 1 p. 244. (4) Idem Cardos. tom. 2. p. 185 (5) Dizem muitos, que S. Pedro de Rates era um d'aquelles Judeus das doze Tribus, que Nabucodonosor desterrara de Babylonia para Hespanha, e lhe chamavam Malaquias o velho, ou Samuel o moço, e que entrando Santiago em Hespanha, se fora á sepultura de tal Malaquias, que havia mais de seiscentos annos que estava enterrado, e o resuscitara em Illipula, cidade proxima a Granada, baptizando-o com o nome de Pedro, e o mandara a Braga pregar a Lei de Christo. Este facto sem embargo de constar do Breviario Bracarense moderna mente reimpresso, e ser tido por certo de todos os Authores, que allega o Agiolog Lusitan. tom. 2. pag. 725 com tudo muitos, e gravissimos Escritores tem isto por fabula, como se pode ver em Nicolau Antonio liv. 1. Bibliot. Hispan. veter. cap. 21. num. 456. Aguirre tom. 2. Concil Hisp. dis. 3. Estaco nas Antiguid. cap. 59. e no Padre D. Jeronym. Argote no tom. 1. das Memor. de Braga liv. 1. cap. 2.

Santa Quiteria, ou *Guiteria*, irmã das nove filhas de C. Atilio, a qual sendo martyrizada junto á cidade de Toledo aos 22 de Maio, levou em suas mãos degollada a propria cabeça por espaço de duas leguas até Marguelizza, onde na ermida de S. Pedro foi sepultada, e se conservam com grande veneração suas reliquias. (1)

S. Quintiliano, martyr da comitiva de Santa Engracia.

S. Raymundo pastor, e natural de Medelhim, colonia da antiga Lusitania, morreo no anno de 900 cheio de maravilhosas obras, e merecimentos, cuja memoria se celebra no terceiro dia de Pascoa da Resurreição. (2)

S. Recesuintho, natural de Braga, e abbade do mosteiro de S. Martinho de Sande, varão de singular virtude, e letras, como bem mostrou no décimo quarto Concilio Toletano, a que assistiu pelos annos de 684.

Santa Revocata, natural de Viana de Caminha, e alli mesmo martyr a 6 de Fevereiro do anno de 253.

S. Rosendo, irmão de Santa Adozinda, sendo de vinte e oito annos foi promovido ao bispado de Dume, e depois ao de Mondonhedo, e de Compostella. Sua alma foi levada ao Ceo entre coros de anjos, e celestiaes melodias, como ouviu a gloriosa Santa Senhorinha, estando no coro no mosteiro de Vieira. (3) Foi gozar da Bemaventurança em o primeiro de Março de 977. Alexandre III o declarou Santo, e foi o primeiro, que foi canonizado com as diligencias, que determinou a igreja.

S. Saturnino foi martyr em Viana de Caminha juntamente com Santa Revocata.

Santa Senhorinha, natural de Basto, onde nasceu pelos annos de 924. Outros dizem que foi natural de Attei, povoação antiga sobre a ribeira de Baça, onde agora se vê o lugar de Cunhas, e que seu pai Ilufo Nunes Belfajal, conde da maior parte da Beira, e Minho, e illustrissimo principio da familia dos Sousas, hoje condes do Redondo, lhe puzera por nome *Domitilla*, ou *Genovêsa*, porem os nossos nunca lhe souberam outro nome, que o de Santa Senhorinha de Basto. Criou-se no mosteiro Benedictino de Vieira com sua tia *Santa Godina*, abbadessa do mesmo mosteiro, por cuja morte foi eleita em prelada, obrando, e acabando n'aquelle emprego cheia de merecimentos, e prodigios. (4)

S. Silvestre, natural de Braga, e bispo da mesma cidade, triunfou dos idolatras no anno de 70.

Santa Susana, irmã dos santos Torcato, Victor, e Cucufate, e todos naturaes de Braga, e martyres pela fé de Christo na perseguição de Ne-

(1) Bivar ad ann. 138. Jardim de Portug. pag. 37. Agiolog. tom. 1. pag. 178. (2) Idem. tom. 2. pag. 428. (3) Cunha no Cataleg. dos Bisp. do Port. 1. cap. 13. Jardim de Portug. pag. 150. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 5. (4) Monarq. Lusit liv. 7. cap. 25. Cunha no Cataleg. dos Bisp. do Porto part. 1. cap. 23. Jardim de Portug. pag. 117. Benedict. Lusitan. tom. 2. trat. 1. part. 3. cap. 6. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag 669.

ro. Veneram-se as reliquias d'esta santa na paroquia de seu nome fóra dos muros da cidade de Santiago em Hespanha. (1)

S. Theofilo martyr pela confissão da fé em companhia de S. Saturnino, e Revocata, no anno de 260 em Viana da Foz do Lima.

S. Theotonio, natural da freguezia de Garfei junto á villa de Valença do Minho, e não de Tuy, como diz Duarte Nunes. (2) Foi varão de admiraveis virtudes, e prodigios; e querendo o conde D. Henrique fazel-o bispo de Viseu, elle por não aceitar aquella dignidade fugiu para Jerusalem, e tornando para a patria, se aggregou ao novo convento de Santa Cruz, a que havia dado principio D. Tello, arcediago de Coimbra, onde foi eleito primeiro prior d'aquella santa congregação, florecendo com acções tão meritorias, que alcançou para si eterna gloria no ceu, e para os seus nacionaes avantajados creditos de honra. Foi seu transito a 18 de Fevereiro de 1162, e jaz seu glorioso corpo no convento de Santa Cruz em sumptuoso mausoleu. (3)

S. Torcato, irmão de Santa Susana, e Cucufate, naturaes de Braga, com elles padeceu martyrio na mesma cidade a 12 de Abril, imperando Nero. Houve outro S. Torcato, bispo do Porto, e natural de Toledo, que na invasão dos mouros junto a Guimarães foi martyr em defensa da fé com vinte e sete companheiros tambem naturaes de Braga. (4)

Santa Veatride bracarense, que em companhia de dezoito patricias foi pela abbreviada estrada do martyrio gozar da patria celestial. (5)

S. Victor, ou *Vitouro*, natural dos arrebaldes de Braga, e a quem o capitão Victor Photino, filho da Samaritana, converteu á fé de Christo. Sendo ainda catecumeno, por não querer sacrificar aos idolos de Silvano, e Ceres, que a cega gentilidade festejava aos 12 de Abril fóra da dita cidade de Braga uma milha, foi martyrizado, e degollado. (6)

Sancta Victoria, filha de C. Atilio, e igualmente Virgem, e martyr com as mais irmãs; padeceu porem em Cordova com S. Zoilo, ou Aziclo a 17 de Novembro, em cujo dia affirmam alguns authores se colhem rozas, que nascem junto da sua sepultura. (7) No termo de Beja ha uma freguezia de Santa Victoria, que no meio da capella mór tem um tumulo de madeira levantado, onde erradamente affirmam estar alli enterrada a santa: sendo constante o existir no convento dominico de Cordova.

Santo Urbano; illustre companheiro da gloriosa Santa Engracia, que tambem gozou da coroa de martyr pela fé de Christo.

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 582 (2) Nunes, Descriç. de Port. cap. 39. (3) Monarq. Lusit. liv. 10 cap. 43. Cunh. Histor. de Brag. part. 1° cap. 17 (4) Idem Catalogo dos bispos do Porto part. 2. cap. 48. (5) Cunh. Histor. de Brag. part. 1. cap. 95. (6) Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 40 (7) Fr. Luiz dos Anjos, jardim de Portug. p. 45. Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 65. n. 10

§ II

Santos da Provincia de Tras os Montes

Santa Aquilea, ou *Aquila*, que na companhia de outros martyres todos naturaes da cidade de Bragança, padeceram no anno de 300 pela religião catholica glorioso martyrio a 23 de Março.

S. Domicio, companheiro de Santa Aquila na patria, e no martyrio.

Santo Eparchio, outro companheiro dos antecedentes martyres.

O Apostolico varão fr. Filippe Dias da Ordem dos Menores, natural da mesma cidade de Bragança, grande lustre da sua religião, e honra da sua patria; porque alem de ter singular persuasão no pulpito, o seu raro exemplo ainda persuadia mais as reformas das vidas. Morreu com opinião de santo em Salamanca a 9 de Abril de 1600. (1)

S. Frutuoso, natural da freguezia de Santa Maria de Constantim, meia legua de Villa Real, abbade que foi d'aquella igreja, em que se houve exemplarissimamente no pasto espiritual das suas ovelhas, nos braços das quaes espirou a 16 de Abril em tempo de Eleutherio, arcebispo de Braga, depois de ter visitado em Jerusalem, e Roma em devota romaria os lugares sagrados. Jaz seu corpo no pavimento da capella mór da sua igreja, obrando Deus por seu meio innumeraveis milagres. (2)

S. Gallicano Orino, natural da cidade de Braga, foi em Roma capitão valorosissimo, que conseguiu insignes victorias, e duas vezes obteve a dignidade de consul. Milagrosamente não só triunfou do barbaro Scytha, que opprimia Thracia, mas o fez tributario, e elle se fez christão pelos rogos de S. João, e S. Paulo seus parentes. Vendo que pela verdadeira religião, e fé de Christo conseguira tantos triunfos, repudiando os desposorios de Constancia, filha do imperador Constantino, se recolheu ao deserto a fazer vida anacoretica, onde depois de succeder no imperio o apostata Juliano, padeceu martyrio na sua perseguição em Alexandria a 25 de Julho de 362. (3)

S. João, e Paulo, irmãos, nascidos em Bragança, d'onde se ausentaram com Gallicano para Roma, e lá foi João Mordomo mór de Constancia, filha do imperador Constantino, e Paulo seu secretario. Governando o apostata Juliano, e sabendo que eram christãos, os mandou degolar dentro a sua casa em Roma a 26 de Junho de 372. (4)

O veneravel irmão João Fernandes Varejão, natural da villa de Freixo de Espadacinta, como diz o author da Corografia portugueza, (5) sem embargo que outros o fazem natural de Cordova, como diz Jorge Cardoso, (6) e o padre Antonio Franco no livro *Annus gloriosus Soc.*

(1) Esperança, part. 1. da Chron. Seraf. liv. 1. cap. 5. num. 7. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 491. (2) Duarte Nun. Descr. de Port. cap. 56. e Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 595. (3) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 811.
(4) Ibid. pag. 836. (5) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 310. (6) Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 833.

Jes. Lusit. foi na segunda religião jesuitica um dos maiores obreiros nas missões do Japão, onde converteu innumeraveis almas ao gremio do christianismo com a grande efficacia do seu espirito, e admiravel intelligencia d'aquelle idioma, em que compoz algumas obras utilissimas para o ministerio, e facilidade da missão. D'elle se aproveitou muitas vezes o Santo Xavier, como quem lhe conhecia a sua virtude; até que cançado de trabalhos, tendo revelação da sua morte, entregou o espirito a Deus a 27 de Junho de 1568, e foi descançar no Paraiso, ficando seu corpo venerado em Firando, reino do Japão, e na igreja de Nossa Senhora da Conceição, que elle fundara. Na igreja da misericordia da villa de Freixo de Espadacinta se conserva com estimação um seu retrato. (1)

O servo de Deus fr. João Hortelão, natural do lugar do Valverde, termo da villa da Alfandega da Fé, o qual servindo de pastor, era tão devoto de ouvir missa, que pela não perder todos os dias, deixava cravado no chão o seu cajado, d'onde o gado se não afastava até elle não vir; e prohibindo-lhe seu amo aquella devoção pelo risco, a que expunha todo o rebanho, dando por ordem aos barqueiros do rio Sabor que o não passassem, o servo de Deus, ouvindo tocar á missa, e vendo embaraço, lançou a capa no rio, e com grande fé na Omnipotencia, n'ella facilitou a passagem. Correndo o tempo, tomou o habito de leigo observante no Convento de Santa Marina em Castella a velha, mudando o o nome de Pascoal, que até alli tinha, em fr. João Hortelão; appellido, que elle tomou pelo exercicio, que na religião lhe deram de tratar da horta, na qual, porque os passaros lhe não comessem as sementes, elle os deixava fechados em uma casinha, em quanto hia á Missa, e depois os soltava para irem buscar sua vida em outra parte. Foi summamente devoto do Santissimo Sacramento da Eucharistia, cujo altar ornava, e concertava todos os dias com summo cuidado, e affecto: a caridade para com os pobres era grande, e muito mais a penitencia, que usava comsigo: na oração muitas vezes o viram em extasis arrebatado; e entre as mais virtudes teve sciencia infusa, e espirito profetico, até que declarando o dia, e hora de seu transito, acabou em o Senhor aos 11 de Janeiro de 1499 no convento de Salamanca, onde jaz seu corpo. (2)

O veneravel padre João Cardim, natural da Torre de Moncorvo, onde nasceu no anno de 1586, e entrando na companhia, resplandeceu n'ella em grandes virtudes, com as quaes acabou no collegio de Braga a 18 de Fevereiro de 1615, merecendo que ao tempo de espirar, o crucifixo, que tinha nas mãos, despregando os pés, e o braço direito, lhe cahio sobre o rosto prodigiosamente, e na mesma hora apparecendo a

(1) Nieremberg. Var. illustr. tom. 5. pag. 581. Lucena, Vida de S. Franc. Xavier liv. 7. cap. 25. Telles, Chron. part. 1. liv. 2. cap. 19 e 35. P. Anton. Franco. «Annus gloriosus. Soc. Jesu Lusitan.» diz que morrera a 26 de Junho de 1567. (2) Gil Gonçalv. Histor. de Salam. liv. 3. cap. 20. Cardos. e no Agiolog. Lusit. dit. dia. Corogr. Portug. tom. 1. pag. 437.

sua mãi, que morava em Vianna de Alemtejo, lhe disse, que pela misericordia de Deus hia gosar da Bemaventurança. (1)

O padre fr. Luiz da Cruz, filho da cidade de Bragança, e religioso franciscano da provincia de S. Gabriel, mui virtuoso, e douto, foi de vida integerrima, insigne em erudição e letras sagradas, porque foi summamente respeitado em Italia, e com especialidade do papa Gregorio XV. Morreu finalmente em Saragoça de Aragão no anno de 1633. (2)

Santa Marina, a qual nascendo na villa do Mogadouro, se retirou pelos annos de 1450 aos desertos de Salamanca, e alli, escolhendo uma gruta mais desabrida, fez morada, viveu, e acabou santamente; manifestando o Ceo pelas maravilhas, que esta santa anacoreta obrava, os grandes merecimentos, que tinha feito, para adquirir a bemaventurança, que possue. Jaz seu corpo no mesmo sitio, mas dentro de um grandioso templo, e convento Serafico da sua mesma invocação, onde em dia da Ascensão se dá a beijar sua santa cabeça ao povo, que alli concorre. (3)

O pastor santo de Izeda, lugar que dista cinco leguas de Bragança, o qual, ainda que não se lhe sabe o nome, todavia venera-se a sua cabeça na igreja de S. Braz do dito lugar, pela qual obra Deus muitos milagres, e é fama, e tradição constante que alli nascera. (4)

Santa Pelagia, natural de Bragança, e alli mesmo com outros companheiros no glorioso certame da fé triumfou, como elles, da barbaridade, despresando os idolos, e morrendo por Christo, e sua santa lei. (5)

O veneravel padre Pedro de Mesquita, presbytero do habito de S. Pedro, e natural da Torre de Moncorvo, e da principal gente d'ella. Os ultimos dez annos de sua vida os empregou em santa penitencia, retirando-se para isso á serra da Arrabida, onde exercitou as virtudes em tal competencia, e fervor, que lhe grangearam uma felicissima morte a 23 de Março de 1649, e depois uma gloriosa opinião. (6)

§ III

Santos da provincia da Beira

Santo Amador, natural da villa de Monsanto, que na antiquissima ermida de S. Pedro de Viracorça feito ermitão perseverou até á morte em continuas penitencias, confirmando Deus suas virtudes com os prodigios, que obrava, e com a morte feliz, que teve. (7)

(1) Cardos. Agiolog Lusitan. tom. 1. pag. 466. Corograf. Portug. tom. 1. pag. 421. (2) Wading. dos Escrit. da Ord. Esperança liv. 1. cap. 5. (3) Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 65. (4) Ibidem tom. 1. pag. 343. (5) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 91. (6) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 291. Corogr. Port. tom. 1. pag. 422. (7) Cardos. no Agiolog. tom. 2. pag. 320.

Santa Antonina, glorioso lustre da villa de Cea, onde nasceu, e padeceu constante pela fé de Christo no anno de 300, sendo seu corpo encerrado em uma urna de madeira, e precipitado pelo tyranno na celebre lagoa da Serra da Estrella, brilhante cofre de tão preciosa reliquia. (1)

O veneravel Burtholomeu da Costa, thesoureiro, e conego da Sé de Lisboa, chamado vulgarmente *Thesoureiro Santo*, nasceu na villa de Castello-branco a 24 de Agosto de 1553, e foram as suas acções tão louvaveis em todo o tempo, que sempre serviu de exemplar. A caridade para os pobres resplandecia n'elle singularmente, vindo a gastar com elles tudo, quanto possuia, e herdara. Falecen a 27 de Março de 1608 com opinião de santo, e jaz na mesma Sé diante da capella do Santissimo Sacramento, conservando-se na casa do cabido um retrato seu com grande veneração. (2)

Santa Comba Ozores, abbadeça do mosteiro Archense Benedictino, que os mouros destruíram, padecendo pela confissão da fé a tyrannia do alfange agareno esta santa abbadeça, e todas as mais religiosas no sitio de tres leguas distante de Lamego.

Santa Comba, ou Columba, virgem, natural de Coimbra, deu sua vida pela fé de Christo, e defensa da sua castidade não longe do mosteiro de Cellas. (3)

O padre Diogo Carvalho, da companhia de Jesus, e natural de Coimbra, padeceu em Japão com oito companheiros no anno 1624. (4)

O veneravel fr. Antonio de S. Pedro, mercenario, natural de Celorico, foi portento da mortificação propria nas principaes potencias de juizo, e vontade. Morreu no anno de 1300, e é um dos servos de Deus, que andam na rota romana para serem beatificados

Santa Espinella, religiosa de Cister no mosteiro de Aronca, donde foi natural, e onde se veneram suas reliquias mui milagrosas. (5)

A beata Feliciana, virgem, conega que foi do convento de S. João das Donas, contiguo ao de Santa Cruz de Coimbra, e do mesmo instituto, floreceu em grande observancia religiosa, e Deus lhe fez especiaes favores, como foi o de lhe responder a uma supplica pela boca de um devoto crucifixo, e de lhe acreditar a sua virtude com as prodigiosas maravilhas depois da morte, que foi a 4 de Fevereiro do anno de 1192. (6)

S. fr. Gil, da Ordem dos prégadores, e natural de Vouzella, bispado de Viseu, e da principal nobreza do reino. Foi no seculo insigne doutor em Filosofia, Medicina, e Nigromancia, que dizem aprendera do

(1) Card. no Ag. tom. 2, pag. 2 e 11. Martyrol. Roman. a 2 de Março. O Academico Manoel Pereira nas Memor. da Guard. he de contrario parecer, e veja-se na part. 1. lit. 3. cap. 3. (2) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 321. (3) Duart. Nun. Descr. de Port. cap. 50. Corograf. Port. tom. 2. pag. 30. (4) Alegamb. Bibliot. pag. 570. (5) Fr. Luiz dos Anjos pag. 194. (6) Fr. Anton. da Purif. na Cronolog. Monast. Lusit. pag. 30. Fr. Luz dos Anjos, Jardim de Portog. pag. 171. sem lhe declarar o nome Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 341

demonio, e obteve alem de outros beneficios o arcediago da terceira cadeira da Sé de Lisboa, e a thesouraria na de Coimbra. Depois arrependido, por inspiração de Deus tomou o habito da religião Dominicana, onde com penitencias continuas, e efficazes deprecações á Virgem Maria, alcançou d'ella restituir-lhe o principe das trevas a cedula, que lhe tinha feito, e assinado fr. Gil para ser seu. Logo dando-se a estudos de Theologia, em que se graduou de doutor, foi na sua religião o primeiro mestre de Filosofia, e Theologia, onde tambem foi provincial algumas vezes, e pregador d'el-rei até que cheio de merecimentos, e dias, faleceu no convento de Santarem a 14 de Maio de 1265. (1)

Santo Hermogio, tio de S. Paio, e natural de Coimbra, o qual renunciando o bispado de Tuy depois de ficar cativo de mouros na infeliz batalha de Val de Junqueira, em que acompanhou el-rei D. Ordonho II acabou santamente na sua primitiva religião Benedictina da serra de Labruja perto da estrada, que vai de Braga para Tuy.

O padre mestre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus, e grande gloria da villa de Gouveia sua patria. Foi o primeiro, que leu filosofia nos collegios de Coimbra, e Evora. Teve uma ardente caridade, e zelo da salvação das almas; um fervor apostolico em seus sermões, e exercicio da doutrina christã, com que instruiu os meninos de Lisboa no espaço de desaseis annos, acreditando o Ceo com prodigios o seu santo intento. Faleceu com opinião de justo a 8 de Fevereiro de 1598, e jaz no collegio da Companhia de Coimbra. (2)

A beata Mafalda, infanta de Portugal, filha d'el-rei D. Sancho I, e da rainha D. Dulce, que supposto casar com el-rei D. Henrique I de Castella, como o matrimonio se não consummou pela nullidade, adquiriu o titulo de virgem prudentissima, dando-se toda aos affectos do divino esposo, e a obras de piedade, e religião, acabando santamente no mosteiro Cisterciense de Arouca ao primeiro de Maio de 1256, e conforme o author do Agiologio Lusitano a 2 de Maio de 1252. (3)

O beato Mendo, prior de Ribas, mosteiro antigamente de conegos regulares, foi varão de assinalada virtude, e perfeição religiosa, e tão observante, que se lhe mandou gravar na sepultura as especiaes palavras: *Qui nunquam, dum vixit, pedem movit, nisi in obsequium Dei.* Passados mais de quatrocentos annos, porque elle faleceu a 27 de Junho 1160, lhe mandou abrir a sepultura D. Rodrigo de Mello, commendatario d'aquelle convento no anno de 1565, e se achou o cadaver desfeito, e só os pés estavam incorruptos em manifesta confirmação, de que assim como na vida nunca deram passo, senão em serviço de Deus, era bem que ficassem livres da corrupção com publico prodigio. (4)

(1) Sousa part. 1. da Chron. de S. Doming. liv. 2. cap. 36. Nun. Descr. de Portug. cap. 47. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 32. Delrio. Disq. Magicar. liv. 6. cap. 2. sect. 3. q. 3. e outros, entre os quaes Echard. tom. 1 pag. 211. Script. Ord. Praed. tem por apocrypha a historia da sua conversão. (2) Fonseca. Evora glorios. pag. 432. Carlos. no Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 378. (3) Ibid. tom. 3. pag. 37. (4) Cunha, Histor. de Brag. tom. 2. cap. 107.

S. Payo, ou Pelagio, natural, conforme a melhor opinião, da cidade de Coimbra. (1) Em tenra idade mereceu ser victima de Christo na cidade de Cordova por Alderramen, rei mouro, que o mandou cruelmente atenazar por ser constante na fé, até que com tão illustre martyrio assombrando o mundo, e illustrando a igreja catholica, foi glorificar a Deus a 26 de Junho do anno de 925, e treze de sua idade, depois de estar cativo tres annos em rigoroso calabouço.

S. fr. Payo, tambem natural de Coimbra, filho primitivo da religião Dominicana n'este reino, e seu primeiro prior. Prégou, e doutrinou com grande fruto dos que o ouviam, e com grande zelo da honra de Deus. Falleceu na mesma cidade pelos annos de 1240. A terra da sua sepultura fez um evidente milagre na fundição de um sino, para o qual faltando metal, estando o mais derretido para se lançar nas formas, cresceu tanto a liquida massa, que sahindo perfeitamente o sino dos moldes, ainda sobejaram vinte arrobas, e vinte e quatro arrateis. Persevera hoje este sino em o convento novo, vendo-se n'elle o metal arenoso da mistura da terra, sem que por isso tenha máo sonido, antes quando se toca, produz um tom grato, e harmonioso ao ouvido, e faz trazer á memoria aquelle prodigio. (2)

S. Paschasio, conego regular de Santa Cruz de Coimbra, d'onde se crê foi natural, e que floresceu em illustres acções de virtude logo nos primeiros seculos d'aquella religiosa Ordem. (3)

O beato fr. Pedro da Guarda, religioso leigo Franciscano, e natural da mesma cidade do seu appelido, foi varão de conhecida virtude, e summa caridade, continua oração, e aspera penitencia. Na sua morte, que foi no convento de S. Bernardino da ilha da Madeira a 11 de Fevereiro de 1505, se tocaram os sinos por si mesmo, e no anno de 1597 foram achadas suas santas reliquias por divina revelação, e collocadas pelo bispo do Funchal D. Luiz Figueiredo de Lemos na capella mór do seu convento, pelas quaes obra Deus muitos milagres, não sendo pequeno o verem-se continuadas vezes na gruta, em que de ordinario orava, luzes, e resplandores celestiaes. (4)

O beato Remisol, bispo que foi da Sé de Vizeu sua patria em tempo dos suevos. O Ariano rei Leovigildo o desterrou para introduzir na dignidade a Sunilla da mesma seita, padecendo o santo prelado n'aquelle degredo tantos trabalhos, que lhe abreviaram a vida, grangeando-lhe porem eterno descanço na patria dos viventes, e perduravel fama na memoria dos homens. (5)

A memoravel infanta D. Sancha, filha de D. Reimão, conde de Coimbra onde esta illustre filha nasceu pelos annos de 1094. A entranhavel

(1) Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 19. Benedict. Lusit. tom. 2. part. 3. cap. 2. § 2. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 338. (2) Nun. Descr. de Portug. c. 54. Sous Chronic. de S. Doming. liv. 3. c. 2. Monarq. Lusit. liv. 4. c. 23. (3) Agiolog. Lusit. tom. 2. p. 35. (4) Wanding. Annal. tom. 2. ad ann. 1268. e tom. 8. ann. 1529 e outros apud Cardos. tom. 1. pag. 412. e tom. 3. pag. 416. (5) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 17.

devoção, que tinha aos mysterios da paixão de Christo, a obrigou a peregrinar até Jerusalem, onde esteve sete annos occupada em pios exercicios, e alli recebeu a soberana mercê em dia do Espirito Santo de lhe dar fogo novo em sua alampada administrado pelas mãos dos Anjos. De Jerusalem veio a Roma visitar os santos sepulchros dos sagrados apostolos, e voltando para Hespanha, acabou cheia de virtuosos merecimentos no convento de Espina, que ella fundou no bispado de Placencia. (1)

Santa Teixelina, patricia conimbricense, que floreceu em tempo dos godos com fama de santidade. (2)

O santo rei Wamba, gloria da antiga Idanha sua patria, hoje cidade da Guarda, o qual soube unir o valor militar á piedade christã, authorisando a Omnipotencia Divina com maravilhosos prodigios as suas acções, com as quaes deixou gloriosa memoria, acabando santamente a vida no convento Benedictino de Arlança a 20 de Janeiro.

Santa Xantippe, natural de Idanha, casada com Probo, varão illustre. Teve a felicidade de hospedar em sua casa ao apostolo S. Paulo, e receber d'elle as primeiras luzes da fé, e depois de obrar grandes milagres, descançou em o Senhor (3)

§ IV

Santos da provincia da Estremadura

O Santo fr. Alvaro de Cordova, portuguez, e natural de Lisboa, como tem a verdadeira opinião. (4) De tenra idade passou a Castella, e lá tomando o habito Dominicano, floreceu em virtude, e notaveis milagres ainda depois de sua morte, que foi no anno de 1420.

Santo Antonio, lisbonense, portento de santidade, e de prodigios, eterna gloria de Portugal, esplendor honorifico de Italia, clarim do Evangelho, Arca do Testamento, grande dos menores, soberano dos humildes, genito, senão o primeiro, o mais querido de seu pai o serafim dos patriarcas. Nasceu em Lisboa a 15 de Agosto de 1195, e foi canonisado com grandissima solemnidade na cathedral de Espoleto por Gregorio IX a 30 de Maio de 1232, onze mezes depois de seu feliz transito, com a singular maravilha de se repicarem os sinos em Lisboa sem industria humana no mesmo dia, por cujas acções tão gloriosas foi sempre Antonio Santo devotissima saudade dos portuguezes; porque supposto a morte o enterrasse em Padua, o amor o sepultou nos corações dos seus nacionaes.

(1) Fr. Luiz dos Anjos Jardim de Port. pag. 135. (2) Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag. 75. (3) Bol. ad. Continuat. tom. 5. Acta Sanctor. pag. 400. e outros muitos, que allega o Academico Manoel Pereira da Silva Leal nas Memorias da Guarda part. 1. tit. 3. cap. 1. (4) Fr. Luiz de Sousa, Chronic. de S. Doming. part. 1. liv. 3. cap. 13.

O veneravel padre Antonio da Conceição, com quem se honra a villa de Pombal sua patria, e a sagrada congregação de S. João Evangelista, d'que foi brilhante Astro. A sua eximia confiança na Providencia de Deus se deve a erecção fundamental do regio convento de S. Bento de Xabregas, a cujo edificio deu principio com cinco tostões. Depois de accumular os oitenta annos de vida com preclaras virtudes, pagou o tributo de moral a 12 de Maio de 1602.

O veneravel D. fr. Bartholomeu dos Martyres, natural de Lisboa, que depois de illustrar a sua religião Dominicana com a doutrina de mestre, o arcebispado de Braga com o exemplo de Pastor, e o Concilio de Trento com o concelho, e praxe das virtudes, expirou aos 16 de Julho de 1592 com evidentes demonstrações de predestinado.

O veneravel Celio, tio da gloriosa virgem, e martyr Santa Iria, e lustre da villa de Thomar, chamada antigamente Nabancia, abbade do convento Benedictino, que houve em Santa Maria dos Olivaes. Por divina revelação descubrio, e fez ver no fundo do Tejo defronte de Santarem o glorioso corpo de Santa Iria sua sobrinha com o manifesto prodigio de se affastarem as aguas contra a sua natural corrente. Com o grande augmento de virtudes foi gosar a Bemaventurança pelos annos de 660, e jaz seu corpo na mesma igreja d'aquelle antigo convento, mas ignora-se o lugar.(1)

S. Domingos Martins, decimo quinto abbade de Alcobaça, cujo insigne cargo regeu sete annos com admiravel exemplo, e depois renunciando a abbadia, se retirou á quietação da sua cella, onde em continua oração, e penitencias, e a prerogativa de milagres alcançou uma santa, e preciosa morte a 22 de Janeiro de 1302. (2)

Os Santos Martyres Donato, Secundiano, Romulo e oitenta e seis companheiros naturaes de Bezelga, territorio de Thomar, padeceram alli mesmo pela confissão da fé no anno de 145 governando o imperador Antonino. (3)

Santa Felicissima virgem, e martyr, natural de Alcacer do Sal, onde triumfou da tyrannia com sua mãi, e Gratiliano em 12 de Agosto de 269, e foram seus corpos transferidos para a cidade Castellana de Italia, em cujo dia são festejados. (4)

S. Felis Diacono, e martyr, natural de Santarem, arcediago de S. Narciso arcebispo de Braga, a quem acompanhou sempre em todas as suas funcções, e operações Evangelicas até conseguir com elle a immarcessivel coroa do martyrio em Girona a 18 de Março do anno de 277 na perseguição de Aureliano, e seu glorioso corpo gosa a cidade de Pariz com grande inveja de Portugal. (5)

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 21. Benedict. Lusit. trat. 2. part. 4. cap. 11. Cunha. Histor. de Lisb. part. 1. cap. 28. (2) Brito, Chronic. de Cister. liv. 3. cap. 22. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 8. (3) Cunha, Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 11. Benedict. Lusit. tom. 1. pag. 1. trat 11. cap. 8. Martyrol. Romau. a 17. de Fever. (4) Jardim de Portug. part. 58. (5) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 286.

O beato Fillipe (que em Italia, por elle ser pequeno do corpo, chamavam *Filippino*) foi natural de Lisboa, e a quem escolheu o esclarecido Santo Antonio, por ser patricio, para seu companheiro leigo, quando empreendeu a jornada de Marrocos, a qual embaraçada pela divina Providencia, passou a viver angelicamente no convento de Columbario de Castellania, cidade de Italia, onde lhe succedeu o feliz transito para a Bemaventurança no primeiro de Maio de 1290, e descançando alli seu veneravel corpo até o anno de 1349, foi a 25 de Abril transferido para o convento de S. Marcos no monte Alcino em occasião, que chovendo incessantemente por todo o caminho em grande abundancia, não cahio uma só pinga de agua no feretro das santas reliquias, nem nas pessoas que o levavam. (1)

O infante D. Fernando, grande gloria de todo o reino, e com especialidade da villa de Santarem sua patria. Depois de um glorioso captiveiro em Fez, cidade de Berberia, foi gosar da eterna liberdade na Corte celeste entre a jerarchia dos martyres em 25 de Junho de 1443

O veneravel padre Gonçalo da Silveira, illustre por nascimento, porque foi filho do primeiro conde da Sortelha D. Luiz da Silveira, guarda mór d'el-rei D. João III, e insigne por virtudes heroicas, com que honrou a Companhia, em que foi professo, engrandeceu Almeirim sua patria, e serviu de grande gloria ao reino, e á religião, derramando seu nobre sangue por ella em Monomotapa da Ethiopia Oriental a 16 de Março de 1561, aos trinta e seis annos da sua idade, seguindo se ao seu martyrio gravissimos castigos do Ceo n'aquelle imperio. (2)

O beato fr. Jeronymo da Cruz, filho de pais nobres da cidade de Lisboa, e luminoso astro da religião Dominicana. Por obediencia passou ao Oriente, e no reino de Sião, exercitando o sagrado ministerio de missionario Apostolico, foi morto, e alanceado pelos mouros a 25 de Janeiro de 1566.

S. João Godo, inclito, e glorioso filho de Santarem, gerado de pais godos lusitanos. Em Toledo aprendeu as primeiras letras humanas, e em Constantinopla se aperfeiçoou nas divinas. Voltando á patria, reduziu seus pais á fé catholica, e a muitos amigos, e parentes, sequazes todos da Ariana seita, por cuja causa o perfido rei Leovigildo o desterrou para Barcelona, onde elle á custa de graves perseguições não cessou de impugnar fortemente aquella heresia. Alli fundou o celebre Mosteiro Benedictino de Val-clara, e resuscitando á fé com o novo governo do christianissimo Recaredo, este o constituiu bispo de Girona, com o qual Pastoral officio cresceu geralmente o aproveitamento espiritual das ovelhas,

(1) Fr. Marcos de Lisb. Chron. de S. Franc. part. 2. liv. 1. cap. 16. e liv. 5. cap. 18. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 715. e tom. 3. pag. 20. (2) Maffei, Histor. Ind. lib. 16. Franc. Ann. glorios. Soc. Jes. Cam. nas Rim. cent. 1. Sonet. 37. em cuja interpretação não atinou o celebre Manoel de Faria seu commentador.

até que cheio de avantajados meritos de piedade, e doutrina, passou do mundo ao Paraiso a 6 de Maio de 621. (1)

O veneravel mestre João Vicente, natural de Lisboa, e fundador da Congregação de S. João Evangelista, chamada dos Loyos, viveu, e morreu com opinião de santo a 29 de Agosto de 1463, ouvindo-se no ponto, em que expirou, musicas celestes, cantando a antifona: *Euge, serve. tunc, etc.*, e os sinos todos da cidade de Lamego, onde succedeu ó seu transito, se dobraram por si. Da sua sepultura manou oleo por muito tempo, que curava muitas enfermidades. Teve dom de profecia, e obrou Deus por elle muitos milagres. Fazem d'elle honorifica menção os authores abaixo allegados. (2)

O Servo de Deus fr. Joseph de Santa Anna, religioso da observancia de S. Francisco da Provincia dos Algarves, e natural do Lugar dos Francos. Freguezia de S. Silvestre, termo de Obidos, exercitou em sua vida virtudes heroicas, e foi adornado de outras sobrenaturaes. Manifestou Deus a predestinação da sua alma com a morte prodigiosa, que n'esta corte admirámos em 18 de Abril de 1731, continuando até o presente effeitos milagrosos, que os seus devotos experimentam (3)

Santa Iria, ou Eiria Virgem, e Martyr nascida de nobres pais na antiga Nabancia, hoje a Villa de Thomar, a qual por conservação da sua pureza alcançou a corôa virginal, e a palma de martyr a 20 de Outubro do anno de 653, merecendo que o ceu descubrisse a sua innocencia com o prodigio de se patentear seu sepulchro no fundo do Tejo fabricado pelas mãos dos anjos. (4)

A Santa Princeza D. Joanna, filha d'el-rei D. Affonso V, a quem Deus dotou de perfeições sem numero até a honrar com a prerogativa de milagres

S. Narciso, odorifera flor do jardim espiritual de Santarem, de cuja producção justamente se gloria esta insigne villa. Foi elle o duodecimo arcebispo de Braga, e em Girona prégando a fé, e estando celebrando missa, foi traspassado com tres penetrantes feridas em 18 de Março de 277, imperando Aureliano. É especial Patrono de Girona, cidade de Catalunha, onde jaz seu incorrupto corpo na igreja de S. Felis, e é advogado contra a peste, e contra os raios. (5)

Santo Olympio, preclaro alumno da cidade de Lisboa, á qual por

(1) Baron. tom 7. ad ann. 584. Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 17. Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 1 cap. 31 Rebel. Lusit. tom 1. tract 2 part. 5. cap. 32. P. Purificação na Chronolog. Monastic. pag. 54 e outros apud Barbos. Lusit. tom. 2. pag. 575. (2) O Chronista Santa Maria em diversas partes, principalmente no cap. 1. até 14. Vasconcell. na Descr. de Portug. pag. 522 Far. na Europ. port pag. 191. Purific. Chronol. Monast. pag. 63 Agiolog. Lusit. tom. 1 pag. 53. nas Advert Rebel. Lusit. tom. 2 pag. 350. Sousa, Chron. de S. Dom. part. 2 cap. 27. Cunha. Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. O Bisp Jacob Filipp. Thomaz no Anual pag. 1480. (3) Fr. Jeronymo de Belem na Vida especial deste Servo de Deus. (4) Monarq. Lusit. liv 6 cap. 24. Nunes, Descr. e Port. cap 15 Fr Luiz dos Anjos cap. 116. (5) Surio tom. 4 a 5. de Agosto. Padilha. Histor. Eccles. de Hesp. cent. 3 cap. 17. Barreir. Corograf. pag. 137. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 210

muitos titulos se lhe augmenta a gloria em haver gerado tal filho, que na sciencia foi eruditissimo, cujas excellentes obras são applaudidas grandemente por Santo Agostinho: na dignidade zelosissimo arcebispo de Toledo, illustrando com os raios de sua sciencia, e virtude os concilios Gangrense, Sardicense, Cordubense, Toletano, e Arimmense, a que assistiu: na santidade heroico, de que são qualificadas testemunhas S. Gregorio Nazianzeno, Santo Athanasio, Santo Agostinho, Sozomeno, Volaterrano, e outros immumeraveis. Com tão portentosos merecimentos poz fim a seus dias em 12 de Junho de 360 (1)

O beato Pedro Negles, natural de Lisboa, onde teve o seu berço no anno de 1348. É mais conhecido em Italia, que em Portugal, e lá foi assombro da penitencia e vida eremitica. Deixou de viver no mundo em 15 de Outubro de 1405, para viver na eternidade, enchendo de prodigios continuos o logar de Bettona, onde é Patrono. (2)

Santa Silla, de quem Calcia, mulher de C. Atilio, se fiou para lhe extinguir, e lançar no rio as filhas, que prodigiosamente parira de um ventre; porém a piedosa parteira entregando-as ao Santo Prelado Ovidio, para que as baptizasse, mandou criar depois todas nove creaturas por differentes amas christãs, que com a doutrina, e instrucção evangelica foram as primeiras, que derramaram o seu sangue virginal pela pureza da fé, cuja palma conseguiu tambem Silla na maior perseguição do gentilismo. (3)

O beato Thadeu, chamado vulgarmente o apostolo das Canarias, para cujas Ilhas passou cheio de zelo apostolico d'esde Lisboa, d'onde era natural, e professo no convento Augustiniano de Nossa Senhora da Graça. D'alli passou a Berberia, onde prégou a divina palavra aos infieis com grande utilidade d'elles, e vantagem do christianismo. Em premio de tão relevantes merecimentos foi gozar da perenne gloria a 8 de Janeiro de 1470. (4)

O Veneravel fr. Vasco da Cunha, natural de Camarate, de illustre descendencia. Foi o primeiro, que introduziu n'este reino a Ordem de S. Jeronymo, donde passando para Andaluzia, lá resplandeceu em virtude, e em alguns prodigios, até voar seu espirito ao eterno descanço do ceu. (5)

S. Verissimo, Maxima, e Julia, todos tres irmãos, e lusitanos, os quaes ausentando-se da sua patria com o piedoso intuito de visitar em Roma os devotos santuarios, lá foram avisados por um anjo, que voltassem para Lisboa, onde haviam de ser Martyres. Assim o executaram, e offerecendo-se ao furor dos crueis ministros de Daciano, depois que estes os mandaram arrastar pelas ruas publicas, e vingar em seus cor-

(1) Peres in Chron. ad. ann. 354. num. 161. e outros apud. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 625. (2) D. Joseph Barbosa na Vida especial, deste Santo impressa em Lisboa no anno de 1738. (3) Vasconcell. in Descript. L. sit. pag. 445 (4) Calvo. Lagrimas dos Justos liv. 2. cap. 12. e outros apud Cardos. Agiol Lusit. tom. 1. pag. 83. e tom. 3. pag. 454 (5) Purific. Chronol. Monastic. pag. 58.

pos com varios generos de tormentos o odio de Christo, os degollaram, e deitaram no mar entre Lisboa, e Almada; o sem embargo de atarem a todos com grandes pedras para irem ao fundo, immediatamente appareceram na praia com grande espanto dos mesmos tyrannos, onde os christãos lhes deram solemne sepultura, e se lhes erigio depois sumptuoso Templo. A Lenda da igreja de Lisboa faz ser a estes Santos naturaes d'ella, por ser o anfiteatro de sua constancia, sendo que a historia da sua vida, que de letra gothica se conserva no archivo das commendadeiras de Santos, os fazem oriundos de Roma (1)

§ V

Santos da Provincia do Alemtejo

O beato Amadeu, maravilhoso heroe da igreja de Deus, grande resplandor da illustrissima familia dos Sylvas, e Menezes, filho de Ruy Gomes da Silva, alcaide mór de Campo-maior, e Ouguella, e de D. Isabel de Menezes, filha do primeiro conde de Villa-Real, e capitão de Ceuta. Antes de ir para Italia se chamava D. João de Menezes, e com extremado affecto amava dentro dos limites do respeito a infanta D. Leonor, filha d'el-rei D. Duarte, a quem tinha offerecido todos os seus pensamentos, explicando a sua sympathica veneração na empreza, que tomou de um falcão volante com a letra: *Ignoto Deo*. Vendo porém, que o objecto do seu amor passava a differente hemisferio com os desposorios de Frederico III, imperador de Alemanha, passou elle tambem occultamente no anno de 1452 na mesma armada até Roma, onde a viu coroada da mão do pontifice Nicolau IV. Então desenganado do mundo, e conhecendo quem era Deus, que havia de amar verdadeiramente, tomou o habito de eremita de S. Jeronymo no mosteiro de Guadalupe, e alli teve revelação para seguir o Instituto Seraphico, cujo habito recebeu em Assis, onde Deus por suas deprecações obrou relevantes maravilhas, pelas quaes era buscado, e reverenciado de todos; e, porque alcançou de Deus um filho herdeiro aos Duques de Milão, estes lhe deram sitio na sua cidade, onde fundou o convento da Paz, dando principio n'elle á congregação dos Amadeos no anno de 1460 Xisto IV o elegen por seu confessor, approvou a sua congregação, ou reforma, e lhe deu o domicilio de S. Pedro Montorio em Roma para fundar convento, e alli foi reconhecido por D. Garcia de Menezes, seu primo, bispo de Evora, que passou a Roma por capitão general de uma armada, que el-rei D. Affonso V mandava ao papa para soccorrer Otranto. Morto Xisto IV se passou o beato Amadeu ao convento da Paz de Milão, e alli escreveu as suas celebres profecias, e depois a 10 de Agosto de 1482 foi gozar

(1) Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 1. c. 18. num. 8. Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 39. Anjos, Jardim de Portug. pag. 83.

da felicidade eterna, deixando de si a opinião, que correspondia a suas heroicas virtudes. Está sepultado no meio da capella mór, sobre o qual sepulchro se vê a sua imagem de pedra com raios na cabeça, assim como está pintado em S. Pedro Montorio em Roma, que nós vimos. É de advertir, que Possevino o celebra com diversos nomes, de Amedeu, Amalor, Ameoli, e Amodei. Tambem discrepam, quando lhe assinam patria; porque uns o fazem natural de Ceuta, outros de Tangere, outros de Lisboa, outros de Campo-maior, e outros de Evora, opinião, que modernamente seguiu o Padre Fonseca na sua Evora gloriosa. (1)

O Veneravel fr. Antonio das Chagas, illustre esplendor da Vidigueira sua patria, onde viu a primeira luz do mundo a 25 de Junho de 1631. Cultivou as letras, as armas, e as virtudes, portando-se em tudo com engenho, e capacidade tão sublime, que de todos os professores é venerado por mestre, e exemplar Director da salvação das almas, crendo-se piamente, que a sua está gozando da visão beatifica, segundo os merecimentos de sua vida, que finalisou a 20 de Outubro de 1682 com vinte annos de religião, e cincoenta e um de idade. Jaz na casa do capitulo do seminario de Varatojo, que elle estabeleceu para missionarios apostolicos (2)

Santo Alto, natural da cidade de Beja. Sendo conego, passou á Palestina a visitar os Lugares sagrados, e daqui inspirado por Deus foi no anno de 1125 professar o instituto monachal de Vallumbrosa, onde se houve com tal exemplo, que vindo a ser abbade geral, conservou sempre no primitivo rigor aquella observante religião, por cujas virtudes, e maravilhas Innocencio II o elegeu bispo de Pistoya em Toscana no anno de 1133, cuja dignidade regeu dous annos com evidente utilidade do seu rebanho, até que cheio de merecimentos foi possuir o premio da visão beata a 22 de Maio de 1135. Clemente VIII concedeu breve ao clero de Pistoya para poderem rezar d'elle como de Beato, por Breve expedido a 24 de Maio de 1605. (3)

O Veneravel Padre Bautista, e por outro nome *Fernando Alvares*, natural de Evora, foi mestre dos filhos de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, e em Lisboa occupou uma das cadeiras da Universidade, quando aqui residia. Excitado da vida eremitica, passou a viver na serra dOssa, onde Deus lhe fez alguns favores; porém reconhecendo que era do seu maior agrado servil-o na congregação de S. João Evangelista, recebeu a santa Murça no convento de Villar, e proseguiu uma vida tão

(1) Wading. Annal. Minor. tom. 6. ad ann. 1482. Torres, Consuelo de los devot. de la Concepcio liv. 1 cap. 5. Salazar, y Castro, Histor. da casa Silva part. 2. liv. 6. cap. 4. Nunes, Descr. de Port. cap. 48. Vasconcel. in Descr. Lusit. pag. 625. Barreir. Corograf. pag. 246. Sever. de Car. no Promptuar. espir. pag 141 Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 1. Cary. Corograf. Port. tom. 2. pag. 350 Figueiroa, Plaça univers disc. 3. §. 4. num. 17. Fonsec. Evora gloriosa c. 422. Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Portug. pag. 332. (2) Barbos. Bibliot. Lusit. tom 1. pag. 238. (3) Nicol. Ant. Bibl. Vet. Hisp. liv. 7. cap. 4. num. 82. Ughell. Ital Sacr. fol. 3. pag. 359. Ferrar. Catal. Sanctor. Ital. fol. 302 e outros.

observante da perfeição religiosa, que discorrendo por todo o reino, e sendo incançavel em prégar, nunca acceitou esmola de sermão, e com elles fez innumeraveis conversões de peccadores. Como era summamente prudente, e de grande authoridade, foi por obediencia de sua congregação tratar varios negocios d'ella a Roma, onde lhe chegou a hora ultima de vida, e assim a terminou a 12 de Janeiro de 1465, e foi seu corpo sepultado na Igreja de Santa Maria Maior com grande pompa na sepultura da casa Ursina, cuja nobilissima progenie sempre soube estimar a virtude. (1)

S. Barão, famoso eremita, natural de Mertola, e irmão dos santos martyres Brissos, e Barbara. Retirado em aspera gruta legua e meia da sua patria viveu solitario em continua contemplação, e penitencia; e costumando nos sabbados vir a povoado pedir esmola, se repicavam os sinos sem impulso humano milagrosamente, como querendo o ceu manifestar por aquelle modo a santidade d'aquelle anacoreta: e faltando a execução d'aquelle prodigio, antes em lugar de repicar dobrando os sinos, o povo suspeitando a morte do santo eremita, correu á sua cova, e o achou de joelhos com as mãos erguidas, e os olhos no ceu, para onde tinha voado seu espirito a 17 de Março do anno 700, conforme a Chronologia Monastica, (2) ou pelos annos de 300, segundo o Agiologio Lusitano. (3)

S. Brissos, tambem natural de Mertola, e observante da mesma vida solitaria. S. Jordão o tirou do deserto, e o ordenou de sacerdote. Procedeu elle com tal exemplo, que lhe succedeu na cadeira episcopal; porem em Mertola o presidente Marciano, vendo, e examinando quanto o santo bispo abominava os idolos, o mandou agoutar, e quebrar-lhe os dentes, e metel-o no carcere; mas succedendo um grande terremoto, em que o presidente ficou sepultado nas ruinas, os seus ministros temerosos deram liberdade ao santo, que ainda sobreviveu quatro annos, e no de 312 foi gozar da bemaventurança. (4)

A memoravel D. Brites, ou *Beatriz da Silva*, irmã do beato Amadeu. Sendo dama da rainha D. Isabel, que de Portugal foi casar a Castella com el-rei D. João II, era tal a sua formosura, que atturdindo a todos, andava a corte inquieta nas competencias do galanteio, de que a honestissima D. Brites summamente se affligia, vendo que lhe attribuiam aquellas desordens: e muito mais, quando a rainha, sem mais crime que a sua belleza, a mandou prender dentro em um estreito carcere onde esteve tres dias, no qual lhe appareceu a Virgem Nossa Senhora, consolando-a n'aquella agonia, e fazendo D. Brites diante d'ella voto de castidade. Instituiu depois a Ordem da Conceição, como deixamos dito no capitulo 3.°, e cheia de merecimentos acabou seus dias em Toledo a 17

(1) Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 118. Fonsec. Evora gloriosa, num. 139 e 131. (2) Panc. Chron. Monast. pag 128. (3) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 207. (4) Fonseca, Evor. gloriosa n. 365.

de Agosto de 1490, e foi vista em sua testa, quando a estavam inguindo, uma estrella de ouro, e uma grande claridade em seu rostro. Jaz seu corpo no primeiro mosteiro da sua Ordem, no coro em um arco da parte direita ornada com as imagens de N. Senhora, S. Francisco, e Santo Antonio seus padroeiros. (1)

A veneravel madre Brites da Coluna, natural de Viana do Alemtejo, foi dotada de grande espirito, e virtude. Fundou o mosteiro de Jesus de Viana, da Ordem de S. Jeronymo, unico n'este reino d'este instituto. Teve revelação da sua morte, e morreu felizmente. Jaz seu corpo no mesmo mosteiro. (2)

Santa Celerina, illustrissima senadora Lusitana, e senhora de grande parte do Alemtejo, onde havia nascido, conforme uns na villa de Sines, e segundo outros na cidade de Evora, a qual deu honorifica sepultura ao glorioso S. Torpes, quando prodigiosamente aportou em Sines; e sendo notoria sua grande caridade, e religião christã, foi martyrizada pelos impios ministros de Nero a 17 de Maio do anno de 263, ou conforme outros authores na perseguição de Domiciano. (3)

Santa Christeta, com seus irmãos Vicente, e Sabina todos tres eborenses, e todos laureados com a coroa, e a palma do martyrio pelo cruel Daciano em 28 de Outubro de 303 na cidade de Avila. Suas santas reliquias foram descubertas prodigiosamente pelo santo D. Garcia, abbade de S. Pedro de Arlança em Avila no anno de 1062. (4)

S. Comba, e *Anonymata*, irmãs, e martyres em Ourega, ou Tourega, lugar distante de Evora oito milhas, que na perseguição de Diocleciano pelos annos de 303, e em companhia de outros santos martyres, dando a vida por Christo, acreditaram a verdade da fé, e illustraram a igreja. (5)

A virtuosa Constança Xira, e sua irmã Maria, grandes servas de Deus, naturaes de Evora, e chamadas de vida pobre, nome, que antigamente se dava ás beatas, ou empareadas, as quaes floreceram em tanta virtude, que mereceram particular culto de santas, celebrando-se-lhe festa na primeira oitava do Espirito Santo, cuja solemnidade acabou com a publicação do Concilio Tridentino, e decretos de Urbano VIII. Foram estas duas beatas as que fundaram o mosteiro Augustiniano de Santa Monica em Evora no anno de 1380. Falleceu esta serva de Deus a 23 de Março, segundo affirma o padre Fonseca; (6) porem o Agiologio Lusi-

(1) Duarte Nun. Descr. de Portl. c. 19. Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. p. 312. Fonseca, Evor. glorios. n. 421. Yepes, Avila e outros apud Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 15. n. 27. Fr. Franc. de Bivar na Vida desta Veneravel impressa no anno de 1618. Figueir. Plaça univ. pag. 142. n. 18. (2) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 332. (3) Vasaeus tom. 1. Chron. Anjos, Jardim de Port. p. 21. Carolos. no Agiol Lusit. tom. 3. p. 283. Fonsec. Evora glorios. n. 346. Estevão de Lis. Velho na Vida de S. Torpes n. 56. (4) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. p. 79. Agiolog. Lusitan. tom. 2. p. 695. Fonsec. Evor. glorios. n. 360. Martyr. Rom a 28 de Outub. Nun. Descr. de Portug. c. 38. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 6. Anjos, Jardim. de Portug. p. 57. Fonseca, Evora gloriosa num. 361. (6) Fonseca, Evora glorios. n. 425.

lano faz memoria d'ella a 30 de Maio, (1) e a Chronologia Monastica a 31. (2)

O *beato fr. Domingos da Cuba*, natural da aldeia de seu mesmo sobrenome, que fica tres leguas distante de Beja, foi discipulo do patriarca S. Domingos, de cujas mãos recebeu o habito, e o zelo apostolico; porque no sagrado ministerio do pulpito grangeou muitas almas para Deus, e adquiriu tantas esmolas, que poude fundar em Santarem o convento da sua Ordem, em que sempre floreceu a virtude nos seus religiosos. Querendo Deus premiar-lhe tão incançavel trabalho, o levou para o Paraiso celeste pelos annos de 1363. (3)

Santo Elias Presbytero, e natural de Beja, martyr em Cordova na perseguição mahometana em 17 de Abril do anno de 856. Teve por chronista das suas proezas, que obrou pela fé, o famoso martyr Santo Eulogio. (4)

Santa Guiteria teve por patria solar a villa de Montemór o Novo, e vivia em uma cova santamente em pouca distancia da villa; mas na perseguição do cruel Daciano, depois de padecer varios tormentos pela constancia da fé de Christo, foi lançada ao rio Canha com uma pedra de moinho ao pescoço pelos annos de 300 pouco mais, ou menos, a qual pedra dizem que appareceu no anno de 1738. (5)

S. João de Deus, brilhante sol de Portugal, e astro luminoso de Montemór o Novo, em cuja villa teve o seu feliz nascimento a 25 de Março de 1495, manifestando o ceu com repiques dos sinos da sua parochia movidos pelas mãos dos anjos a vinda ao mundo de tão grande personagem nos olhos de Deus. Depois de varios progressos, e acções de sua vida radicadas em caridade, que lhe grangearam sobrenaturaes favores, instituiu em Granada a religião da hospitalidade; e accumulado de virtudes, merecimentos, e prodigios, foi viver com Christo na celestial morada em 8 de Março de 1550, ennobrecendo a cidade de Granada com o precioso relicario de seu milagroso corpo. (6)

O santo eremita João Guarim, de cuja exquisita penitencia, e abalizada santidade vive sempre fresca a memoria nas montanhas de Monserrate em Catalunha.

S. Jordão bispo, e natural de Evora, e irmão das gloriosas santas martyres Cunba, e Anonymata. Confortou valerosamente a suas irmãs para padecerem o martyrio, e elle a rogos de suas ovelhas, retirando-se a Serra da Espinheira, foi todavia descuberto pelos crueis exploradores de Daciano, e no sitio, onde hoje está a parroquia de seu nome, foi degolado aos 6 de Agosto de 305. (7)

1 Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 453. (2) Purif. Chronolog. Monastic. pag. 61. Vide Jardim de Portug. p. 247. (3) Sousa. Histor. de S. Dom. part. 1. liv. 2. c. 12. Cunha. Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 64. (4) Purific. Chronol. Monastic. pag. 43. Moral Chron. de Hesp. liv. 11. cap. 24. (5) Fr. Luiz dos Anjos no Jard. de Port pag. 40. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 335. (6) Villegas, Flos Sanctor. Nunes, Descr. e Portug. cap. 57 e outros abud. Cardos. no Agiolog. Lusitan. tom 2. pag. 106. e Barbos. Bibliot. Lus. 2. pag. 616. (7) Fonseca, Evor. glorios. num. 364. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 3. no primeiro de Maio fol. E.

S. Julião, Dativo, e Vincencio com outros vinte e sete companheiros, dos quaes era capitão S. Julião, inclyto filho da villa de Moura, triunfaram todos pela confissão da fé do impio Domiciano em Galiza a 27 de Janeiro do anno de 95. (1)

A beata Margarida Fernandes, terceira dominicana, natural de Estremoz, passou a visitar os lugares santos de Jerusalem, e depois residiu em Bolonha com prodigiosa penitencia, e conhecida virtude. Falleceu a 16 de Janeiro de 1540, e jaz seu corpo veneravel collocado aos pés de S. Domingos seu patriarca. (2)

A serva de Deus Maria da Cruz, da Terceira Ordem Serafica, e natural da villa de Olivença, foi de notavel penitencia, e mereceu grandes favores de Deus até acabar santamente os seus dias no primeiro de Janeiro de 1635. Jaz seu corpo na capella de Santa Isabel do convento de S. Francisco da mesma villa. (3)

O inclyto, e veneravel heroe D. Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal, e gloriosa inveja de Elvas, e Portalegre, que ambas o pretendem por filho, nasceu em Junho do anno de 1360, e foi terror dos castelhanos, a quem ganhou dezesete victorias em gloria dos portuguezes. Suas relevantes façanhas iguaes ás suas heroicas virtudes tão conhecidas viverão eternamente frescas na memoria dos homens, ainda que deixou de viver na companhia d'elles desde o primeiro de Novembro de 1431, em que foi chamado ao premio da bemaventurança. Jaz seu corpo em Lisboa no convento do Carmo, que edificou. (4)

S. Siscnando martyr em Cordova, para onde tinha ido de Beja sua patria a ordenar-se de diacono, e alli padeceu atrocissimos tormentos pelo cruel Abderramen a 16 de Julho. (5)

S. Silvano, da illustrissima casa dos Silvas, bispo, e martyr de Gaza na Palestina, onde padeceu no anno de 303. (6) De outro S. Silvano faz menção o allegado Jorge Cardoso no seu Agiologio Lusitano pag. 57, que parece ser diverso d'este.

§ VI

Varões insignes em virtudes da provincia, e reino do Algarve

Alvaro Garcia com outros seis cavalleiros da Ordem Militar de Santiago, chamados D. Pedro Rodrigues, Mem do Valle, Damião Vaz, Estevão Vasques, Valerio de Ora, e Garcia Rodrigues, que no lugar das Antas, uma legua de Tavira, defenderam a fé de Christo até darem a vida por ella, resistindo valerosamente aos mouros, em cujos alfanges expi-

(1) Dextr. ad ann. 95. (2) Sousa na vida de fr. Bartholomeu dos Martyres liv. 2. cap. 19. Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 159. (3) Fr. Jeronymo de Belem na vida especial desta Serva de Deus. (4) Pereir. Chron. dos Carmelit. tom. 1. num. 1003. Purificação na Chronol. Monast. liv. 2. c. 8. (5) Duarte Nunes, Descripç. de Portug. cap. 42. (6) Martyrolog. Roman. a 4 de Maio, e outros apud Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 61.

raram, e são seus corpos venerados na igreja matriz de Santa Maria de Tavira, aos quaes commummente chamam os Santos Martyres. (1)

A veneravel madre Catharina da Conceição, natural de Tavira, e de nobilissimos pais, que depois de varios transes da fortuna mereceu receber da propria mão da madre Santa Theresa o habito da nova Reforma Carmelitana com o prodigio de que não sabendo lêr, começou logo a pronunciar excellentemente pelo Breviario o Psalmo *Beatus vir* com grande admiração dos circumstantes. Depois de ter o ceu mostrado a qualidade de sua virtude em diversas maravilhas, que por seu respeito obrou, acabou em paz no mosteiro de Saragoça de Aragão, e rindo, como havia profetizado a mesma madre Santa Theresa. Foi seu transito a 20 de Fevereiro de 1617. Conserva-se seu corpo incorrupto, e as religiosas em algumas solemnidades a assentam no coro em cadeira, como se estivera viva, com uma devota postura de mãos, por estar o corpo tratavel, e tão leve, que sendo grande, posta em pé, a sustenta um só dedo. (2)

O *memoravel padre Diogo Fernandes*, natural de Faro, capellão da capella real, exactissimo no coro, e de grande silencio, devoção, e assistencia. A caridade n'elle era tanta, que chegou a dar a propria cama em que dormia, por cujas virtudes era tido por varão santo; e esta opinião deixou depois de fallecer em Lisboa em 6 de Março de 1599. Seu corpo jaz no mosteiro de Santo Alberto de Carmelitas Descalças na capella de Jesus, que elle ereguu a proprias expensas. (3)

O *padre Diogo da Madre de Deus*, que tambem teve por berço nacional a cidade de Faro, floreceu na ilha de S. Miguel no Valle das Furnas pelos annos de 1614 com procedimento não só virtuoso, e exemplar, mas com opinião, e veneração de santo, sendo elle o que instituiu o Recolhimento junto á Ermida de Nossa Senhora da Consolação, onde acabou felizmente em 11 de Abril de 1630, e jaz seu corpo incorrupto na capella mór de Nossa Senhora da Conceição do Valle de Cabaços, para onde se passaram os eremitas seus companheiros no anno de 1634 por causa do horrendo vulcão de fogo, que rebentara no Valle das Furnas. (4)

O *padre Gonçalo Fernandes*, natural de Villa Nova de Portimão, sendo graduado em Theologia passou a Madrid no anno de 1616 para tomar o habito da religião dos Clerigos Menores, e alli floreceu em [illegible] as virtudes com igual emulação de umas, e outras, e foi tido por [illegible] santo, como na sua feliz morte, que foi a 23 de Janeiro de 162[illegible], confirmou. (5)

O *beato fr. Gonçalo de Lagos*, natural da cidade do seu mesmo a[illegible]

1 Monarq. Lusit. liv. 14. cap. 20. Mariz, Dial. 2. cap. 15. Barbuda, Emprez. Milit. pag. 12 Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 631. 2 Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 487.
3 Ibid. tom. 2. pag. 63. 4 Ibid. tom. 2. pag. 511. Franc. Affonso Chaves na Descr. da Ilha de S. Miguel pag. 316. 5 Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 239.

pellido, tomou o habito Augustiniano no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa pelos annos de 1389, pouco mais, ou menos. Foi dotado de um grande espirito, e zelo apostolico, e de grande persuasão no pulpito. Obrou acções verdadeiramente prodigiosas, e cheio de merecimentos, e virtudes, passou d'esta vida á eterna aos 15 de Outubro de 1422 em Torres Vedras, cujos moradores o tomaram por seu padroeiro. (1)

Fr. João Bautista, Carmelita Descalço, honra da cidade de Silves, e na sua religião o maior exemplar da penitencia, e modestia nos desertos de Bolarque em Castella, e de Bussaco em Portugal, devendo-lhe este o beneficio de plantar por sua mão quasi todos os arvoredos d'aquella santa soledade com incançavel trabalho. Não contente com estes merecimentos, passou a Moçambique com o designio, e emprego de missionario, que não exercitou, porque logo falleceu a 25 de Fevereiro de 1643, deixando de si eterna fama correspondente ás suas virtudes. (2)

João Galego, e *Pero Galego*, pai, e filho, lavradores, naturaes de Aljezur, aos quaes communicou o ceu aquella especial virtude curativa, que a medecina terrena ignora, sendo por essa causa continuamente cercado o seu alvergue de innumeraveis enfermos, continuando ainda depois de mortos a acreditar Deus sua virtude com os prodigios, que as suas cabeças veneraveis executaram, e se conservam com suave cheiro. (3)

O *penitente varão fr. Martinho dos Santos*, da santa provincia da Arrabida, no qual se comprovou bem quanto podem as repugnancias espirituaes contra as inclinações humanas, fazendo seu corpo um theatro de continua guerra, em quanto viveo, em que peleijou o espirito contra a carne, mortificando esta com o portentoso jejum, e penitencias, de que receben conhecidos augmentos na virtude. Esta recendia tanto, que chegou á noticia da infanta D. Maria, que o elegeu por seu confessor. Finalmente completando os dias de vida n'este mundo, foi gozar das celestiaes delicias no primeiro de Maio de 1571, deixando seu corpo no convento de Santarem acompanhado da memoria de suas virtuosissimas, e exemplares acções. (4)

O *padre Pedro de Sousa*, um dos primeiros religiosos dos Clerigos Menores, que se matriculou em Madrid, sendo patricio de Villa Nova de Portimão. Alli floreceu em grandes quilates de perfeição religiosa, e regular observancia, deixando eterna saudade na sua religião, quando falleceo, que foi a 10 de Junho de 1626.

(1) Purific. Chron. dos Eremit. de S. Agost. liv. 7. tit. 7. (2) Agiol. Lusit. tom 1 pag. 320. (3) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 251. (4) Idem tom. 3. pag. 10.

CAPITULO VI

Das sagradas reliquias mais notaveis, que se veneram em alguns santuarios d'este reino

Muito deve a igreja lusitana á Providencia de Deus, pois permittio fosse ella das primeiras de Hespanha, que se enriquecesse com o precioso thesouro dos veneraveis corpos dos santos. Como Portugal em todo este tracto hispanico foi o primeiro reino, que abraçou a fé de Christo, era justo que tambem o fosse na posse, e veneração das inestimaveis reliquias, verdadeiros penhores da eternidade.

As do protomartyr Santo Estevão foram as primeiras, que se veneraram em toda a universal igreja, e de Jerusalem enviou, logo que se descubriram, grande porção d'ellas o santo sacerdote portuguez Avito á Metropole de Braga, depositando-as nas mãos do veneravel Paulo Orosio para as entregar ao arcebispo Balconio. (1) De sorte, que por meio da igreja Bracarense vieram depois a alcançar as outras, até as de Africa, da preciosidade d'esta mina, que repartiu com algumas.

Augmentou Portugal esta gloria com outras muitas notaveis reliquias, que possue, esmerando-se grandemente no seu culto desde os primitivos tempos da religião. Assim o cremos da summa vigilancia, que os prelados applicaram para o seu resguardo, logo que os barbaros invadiram a Lusitania. Determinaram zelosos no primeiro Concilio bracarense a fórma de se salvarem as santas reliquias, porque os hereges não as ultrajassem. (2) Depois no terceiro Concilio tambem bracarense evitaram um abuso de alguns bispos, que nas procissões, deitando reliquias ao pescoço, se faziam levar em andores aos hombros dos Diaconos. (3)

Todo este cuidado bem prova a grande devoção, com que em Portugal são veneradas as preciosas reliquias com o verdadeiro fim, que é de agradar a Deus, e honrar a seus santos, cujos ossos, e cinzas, á maneira de fontes sandaveis, estão continuamente derramando beneficios de muitos modos: porque elles curam as enfermidades, tiram as tentações, allugentam as tristezas, e communicam mil bens, porque Christo Senhor nosso assiste n'elles, infundindo-lhes ainda ao pó, a que estão reduzidos, a virtude da gloria, que seus espiritos participam no Ceo. (4)

Para dar pois noticia das reliquias mais notaveis, que existem dis-

(1) Surio tom. 4 a 3 de Agosto. Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 27. Cunha, Histor de Brag. part. 1. cap. 37. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag. 710 e 727. D. Sancho Davila, Trat. de la Veneraç. de las Reliq. liv. 3 cap. 8. Gandara, Triunf. Eccles. de Galiza part. 2. liv. 6. cap. 8. Argot. Memor. de Braga tom. 1. pag. 775. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 2. (3) Ibid. cap. 27. (4) Concil. Niceen. action. 3. «Servator noster Christus fontes salutares Sanctorum Reliquias nobis reliquit, multis modis beneficia in debiles fundentes. . . . atque id per Christum, qui in ipsis habitat.» e S. Gregor. Nazianz. apud Brancal de Virtut. Theol. tom 3. pag. 211. Quorum vel sola corpora ideo possunt, quod animae..... Quorum vel solum sanguinis guttae, atque exigua passionis signa, item possunt, quod corpora.

pessas pelo reino, achámos ser mais proprio ao nosso methodo coordenal-as, e distribuil-as pelas terras, aonde são veneradas, que alfabeticamente nomearemos primeiro da maneira seguinte:

Abrantes. N'esta villa se venera na Parochial igreja de S. Vicente, um dente d'este glorioso martyr, dadiva do seu primeiro alcaide mór, que se achou na tomada de Lisboa, d'onde levando para aquella villa a sobredita reliquia, fez edificar a igreja á honra d'este Santo, e por cujo respeito se aggregaram ás armas, ou insignias d'esta villa os corvos junto das lizes. (1) Ha tradição, que no lugar, onde está hoje a capella de Santo Antonio na dita igreja, jazem sepultados dous discipulos de S. Francisco, os quaes prégando na dita villa o Evangelho, morreram santamente.

Alcacer do Sal. Em pouca distancia d'esta villa, e em sitio emminente fica o convento de Santo Antonio de religiosos Xabreganos, e n'elle existe um inestimavel thesouro das seguintes reliquias: um cabello da santissima barba de Christo Senhor nosso; um retalho da sua sagrada purpura; algumas particulas do Santo Lenho da Cruz; um dos trinta dinheiros, porque o aleivoso discipulo vendeu a seu Divino mestre; leite da Virgem Maria Senhora Nossa; a cabeça de Santa Responsa, uma das onze mil virgens, e a de outra sua companheira juntamente com os peitos, e outras muitas reliquias de outros Santos martyres, todas encaixilhadas em decentes relicarios de prata, ás quaes se faz solemne festa na Dominga de Bom Pastor com officio duplex, e jubileu concedido por Clemente VII, e confirmado por Paulo III. Foi este thesouro dadiva do famoso vice-rei da India D. Pedro Mascarenhas, que adquiriu em Roma, quando lá foi por embaixador d'el-rei D. João III. (2)

Alcobaça. Um dos santuarios mais magestosos, e veneraveis, que tem este reino, é o que se conserva no real mosteiro de Alcobaça. Occupa uma nobre capella, cuja porta sáe para o Cruzeiro, e alli estão as reliquias collocadas com toda a decencia, e distincção, conforme os titulos, que comprehende.

No titulo 1. estão reliquias da esponja do Senhor, da columna, do santo sepulchro, da palmeira, que deu tamaras, quando o Senhor hia para o Egypto; da purpura, que lhe vestiram; do Santo Sudario; da Mesa em que celebrou a Cea com seus discipulos; e um pedaço do Santo Lenho.

No titulo 2. contem cabellos da Virgem Maria Senhora Nossa, e uma unha sua; dos seus preciosos vestidos; do seu sepulchro; reliquias das onze mil Virgens, e de outras santas.

No titulo 3. parte de um braço de S. Sebastião; reliquia de S. Vicente; um osso de S. Lourenço; outro de S. Braz; um dedo de S.

(1) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 168. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 187.
(2) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 684.

Felis martyr: um dente de S. Christovão, e de outros santos Martyres.

No titulo 4 dos vestidos dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e de outros Apostolos.

No titulo 5, dentes de S. Bernardo, e dos seus vestidos, e de S. Bento; da capa de S. Domingos; um pedaço do braço de S. Malaquias, bispo, e reliquias de outros santos pontifices.

Em um relicario grande guarnecido de prata estão cabellos da Magdalena; um pedaço da estola, com que foi sepultado S. Bernardo; da mitra de S. Edmundo; da barca, em que veio o glorioso corpo de S. Vicente; do cilicio de S. Thomaz de Cantuaria; um osso de Santo Alexandre; reliquias de S. Zacharias, pai do Santo Baptista; do habito de S. Francisco; e reliquias das onze mil Virgens.

Em outro relicario triangular estão reliquias de S. Malaquias bispo; de S. Bernardo; de S. Guilherme; um osso de santa Maria de Tortosa; e outras mais reliquias.

No relicario do *Agnus Dei* ha reliquias da coroa de Christo; cabellos de Maria Santissima; ossos de S. Lourenço; um dente de S. Vicente martyr; do cilicio de S. Bartholomeu; do prato, em que se poz a cabeça do grande Baptista quando o degollaram; reliquias de Santa Barbara, Santa Agueda, Santa Margarida, S. Braz, S. Marcello, e outros santos.

No relicario de feitio de arca se guardam reliquias de Santa Marinha, de S. Jorge, de S. Nicolau, de S. Gregorio papa, de S. Cypriano, e de S. Simeão: das varas com que açoutaram a Christo: do seu santo sudario, e das pedras do monte Calvario. Em outros relicarios ha innumeraveis reliquias, que por não terem letreiros, não se sabem de quem são. (1)

Neste mesmo convento, e na Casa do Capitulo jazem os veneraveis ossos de S. Domingos Martins, decimo quinto abbade d'esta esclarecida Ordem, entre as mais sepulturas de outros abbades seus predecessores com o prodigio de que as pedras das sepulturas dos outros pelo tempo do inverno se fazem denegridas em razão do sitio: porem a d'este santo abbade permanece alva, por cuja causa lhe chamam sepultura santa. (2)

Alemquer. No convento de S. Francisco, á parte direita da capella mór, se conserva collocado em um nicho o corpo do beato fr. Zacharias, discipulo unado do patriarca Seraphim, cujas veneraveis reliquias foram trasladadas para este lugar em 11 de Abril de 1611 por consentimento do arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, deixando-se de fóra algumas reliquias do mesmo santo, que no seu dia, e outros festivos se expõem á publica veneração dos fieis, uma das quaes se guarda no oratorio de santa Catharina da mesma villa, e outra no peito de uma imagem [illegible], que se põe no altar em correspondencia de outra de S.

(1) [illegible] Roman. Histor. do Mosteiro de Alcobaça cap. 9. (2) Monarq. Lusit. liv. 15 [illegible] Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 221.

Francisco, a qual mostra no lado um retalho do habito, com que recebeu as chagas. (1)

Aljezur. Na Freguezia de nossa Senhora da Alva existente n'esta villa do reino do Algarve se veneram as cabeças santas de dous bemaventurados lavradores João Gallego, e Pedro Galego, pai, e filho, cuja virtude tem Deus confirmado com os continuos milagres, que obra por meio d'ellas, especialmente com os feridos de mal contagioso, e mordidos de cães danados, os quaes concorrem alli com tanta fé, que infallivelmente se recolhem utilizados de tão saudavel medicina. (2)

Almoster, que dista de Santarem duas leguas, e se illustra com o mosteiro de religiosas Bernardas, numéra entre as preciosas reliquias, que este possue, uma grande porção do santo lenho; um dente de S. Bernardo: a cabeça de uma das onze mil Virgens, e reliquias de S. Braz, com outras de varios santos collocadas em primorosos relicarios no altar, que está no Coro. (3)

Amarante. Venera-se n'esta villa o corpo do milagroso S. Gonçalo, que jaz na capella mór do seu convento em precioso tumulo, fechado com grades, e allumiado com perpetuos lumes. Concorre todo o anno, e com especialidade no seu dia, grande numero de gente em romaria devota para venerarem tão inestimavel thesouro. (4)

Ansede. Na vigairaria Dominicana d'este Couto, que dista do Porto dez leguas pelo Douro acima, se venera especialmente no primeiro de Maio a cabeça santa de um virtuoso conego regular, chamado D. Giraldo, pela qual obra Deus maravilhas sem numero nos inficionados de mal contagioso; e assim mesmo toda a pessoa achacada de dor de costas, tocando com ellas na sepultura do dito santo, alcança perfeita melhoria. (5)

Arcos de Valdevez. Na freguezia de Santa Maria de Grade é venerada no altar collateral da mão direita a famosa reliquia do Santo Lenho da maior grandeza, que se sabe haver no reino. É visitada de muita romagem todo o anno, e particularmente em 3 de Maio, 8 de Setembro, dia da Ascensão, e na primeira oitava do Espirito Santo. (6)

Arganil. Junto a esta villa no antigo mosteiro de S. Pedro de Folques de conegos regulares se conserva em cofre com muita veneração a cana da perna de um dos primeiros priores d'este convento, chamado Goldrofe, o qual floreceu em virtude no tempo, que os mouros dominaram Hespanha. Concorre muita gente vespera de nossa Senhora de Setembro a visitar esta reliquia. (7)

Aviz. Na freguezia de S. Martinho d'este lugar, que fica no conce-

(1) Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. pag. 308. e tom. 3. pag. 61. (2) Idem tom. 2. pag. 251. Corograf. Portug. tom. 3. p. 7. (3) Vasconcel. Histor. de Santar. part. 2. p. 272. (4) Fernand. Milagr. do Rosar. liv. 10. cap. 5. Davila, Tratad. de la Veneracion de las Reliquias p. 296. (5) Sousa, Chronic. de S. Doming. part. 3. liv. 6. cap. 2. (6) Monarq. Lusitan. liv. 9. cap. 16. Agiol. Lusit. tom. 3 pag. 54. Corograf. Portug. tom. 1. pag. 227. (7) Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 341.

lho de Bem-viver, bispado do Porto, se conservam muitas reliquias notaveis, a saber: uma boa porção do Santo Lenho: parte de um espinho da coroa de Christo: parte de uma vara, com que foi açoutado: do Santo Sudario: leite da purissima Virgem: ossos dos Apostolos S. Bartholomeu, Santo André, Santiago Menor, S. Mathias, e de outros Santos, que todas se festejam em 3 de Maio. (1)

Arouca. No convento de S. Bernardo se guarda uma Cruz do Santo Lenho, que foi da rainha D. Mafalda, que na attestação confessa tinha sido da rainha Santa Elena. Tambem se guarda o queixo de S. Braz com tres dentes, e um dente de S. Pedro, e o corpo da soberana infanta D. Mafalda, filha d'el-rei D. Sancho I. (2)

Aveiro. No mosteiro de Jesus da Ordem Dominicana se conserva o dedo polegar de S. Pantaleão Martyr; e em sepultura honorifica o corpo da princeza de Portugal Santa Joanna, filha d'el-rei D. Affonso V. Na mesma cidade, e no convento de Carmelitas Descalços existe com devida veneração uma particula do Santo Lenho, e um grande retalho do escapulario da gloriosa Santa Thereza. (3)

Ariz. No convento dos freires se conservam reliquias de Santo Urbano, Aniceto, Fabião, Bonifacio, Martinho, Patricio, Manilino, Julio, Sergio, Theodoro, e de outros Santos Martyres, que trouxe de Roma no anno de 1601 fr. Damião Vaz da Matta. (4)

Basto. Venera-se no Benedictino convento de Basto o glorioso corpo de Santa Senhorinha, ou Senorina, entre o de S. Gervaz seu irmão, e o de Santa Godinha sua tia abbadessa.

Belem. No magnifico, e regio convento de Belem entre as muitas reliquias, de que está de posse, é venerada a cabeça de Santa Prisca romana virgem, e martyr, e se festeja a 18 de Janeiro. (5)

Belver. Por causa prodigiosa se reputa a conservação das sagradas reliquias, que na ermida de S. Braz dentro do castello d'esta villa depositou o devoto infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel, as quaes dentro em um cofre vieram pelo Tejo abaixo; e sendo em differentes tempos levadas para a igreja matriz da dita villa, tornaram milagrosamente para o mesmo sitio, onde são veneradas pelos fieis, que alli concorrem quatro vezes no anno, a saber: nas festas da Santa Cruz de Maio, e Setembro, Quinta feira maior, e dia de S. Braz. As preciosas reliquias são estas: parte do santo presepio, em que Christo Senhor nosso nasceo; parte da mesa, em que instituiu o Santissimo Sacramento: um pedaço do Santo Lenho, e do Santo Sudario, e porção da terra do monte Calvario: um vaso de marfim do feitio de uma caixa grande de hostias, em que a Santa Magdalena levou o odorifero balsamo, com que ungio os sacrosantos pés do Redemptor do mundo, gotas do virginal leite de

(1) Ag. Lus. tom. 3. pag. 45. Corogr. Portug. tom. 1. p. 398. (2) Mouarq. Lus. liv. 15. cap. 20. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 26. (3) Corogr. Portug. tom. 2 p. 104. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 139. (5) Ibid. tom 1. p. 178

Maria Santissima: um de seus preciosos cabellos: bocadinhos d'aquella pedra, em que descançou no caminho do Egypto, e terra do seu glorioso sepulchro: reliquias de S. Joseph, de S. João Baptista, e dos Santos Innocentes: da sepultura de Lazaro: cabellos de Santa Magdalena: da anfora de S. Paulo Apostolo: do cilicio de S. Thomé: da pelle de S. Bartholomeu, ossos de Santo Estevão, de S. Sebastião, de Santo Arcadio, e de S. Cyriaco: o dedo index da mão direita de S. Braz, carne de Santo Antão, e de Santo Arsenio: da cabeça de Santo Albino: reliquias de Santa Margarida, de S. Salvador monge, da capa de S. Domingos, e outras de varios santos. (1)

Bemfica. No grandioso, e observante convento da familia Dominicana no sitio de Bemfica quasi uma legua de Lisboa, na estrada, que vae para Cintra, existe um dedo do angelico doutor S. Thomaz de Aquino, dadiva do glorioso Santo Antonio de Florença, que no dia do santo se expõe á veneração publica dentro de um relicario de crystal guarnecido de prata em fórma pyramidal. (2)

Bombarral. Lugar do termo de Obidos. Venera-se na freguezia de S. Braz a santa cabeça, que dizem ser de um ditoso lavrador, a qual em certos dias festivos do anno se expõe publicamente, como infallivel remedio ao gado doente d'aquelles contornos, obrando o Ceo evidentes maravilhas em confirmação da virtude d'esta santa reliquia. (3)

Braga. Entre o riquissimo santuario, com que se orna, e engrandece a santa Sé de Braga, tem principal lugar o veneravel corpo de S. Pedro de Rates, o qual da igreja de seu nome foi trasladado a 17 de Outubro de 1552 pelo arcebispo D. fr. Balthazar Limpo, e levado á Sé, onde jaz em tumulo decente, ficando de fóra a veneravel cabeça encastoada em prata, que se conserva com as mais reliquias. (4) Aqui mesmo permanece o estimavel corpo de S. Jacobo Intereiso, persiano de nação, que trouxe de Roma D. Mauricio Burdino, que depois obteve a dignidade Primacial d'esta metropole. Estando este sagrado penhor muitos annos occulto, o sempre memoravel arcebispo D. Agostinho de Castro por suas diligencias, e deprecações ao Ceo o descubriu em um cofre chapeado de prata, o qual aberto, mandou depositar o santo corpo em particular tumulo na capella do Espirito Santo no anno de 1606, cuja trasladação celebra a igreja de Braga com Officio particular a 12 de Maio. (5) Na mesma igreja se conserva o milagroso corpo de Santo Ovidio, seu terceiro arcebispo, o qual da antiga sepultura, em que jazia com menos decencia, o trasladou no anno de 1527 o arcebispo D. Diogo de Souza para um bem lavrado tumulo de pedra, que fez collocar na parede do cruzeiro elevado da terra dous covados, sobre o qual se vê a imagem do proprio santo, de que muitos fieis se valem, como effi-

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 332. Santuar. Marian. tom. 3. p. 415. (2) Agiol. Lusit. tom 1. p. 48. (3) Agiol. Lusit. p. 333. (4) Ibid. tom. 2. p. 727. (5) Cunha, Hist. Eccles. de Braga part. 2. cap. 19. e 90. Nunes, Descr. de Portug. cap. 75.

caz remedio para as dores de ouvidos, chegando a cabeça para esse effeito ao marmore da mesma sepultura. (1) Possue mais o glorioso corpo do insigne prelado S. Martinho de Dume, o qual falecendo pelos annos de 583, e sepultado no mosteiro de Dume, que elle edificara, com a invasão dos mouros se occultou a memoria do lugar, em que jazia, até que passados oitocentos e setenta e sete annos: por diligencias do piissimo Primaz D. Agostinho de Castro, e quasi por divina revelação foi descuberto a 5 de Fevereiro de 1591, e collocado a 22 de Outubro, onde agora se venera. (2) Possue mais um braço do martyr S. Vicente, patrono de Lisboa, que no anno de 1176 foi alli collocado pelo inclito prelado D. Godino. Existe mais na capella de S. Thomaz d'esta cathedral o veneravel corpo de S. Lourenço de boa memoria: (3) mais um espinho da coroa de Christo: gotas do candido leite de Maria purissima: um braço do Evangelista S. Lucas: algumas cruzes formadas do santo Lenho: e as milagrosas caleias do glorioso S. Giraldo. (4) Junto aos muros da mesma cidade na igreja de S. João Marcos é tambem venerado o corpo d'este glorioso santo, que os Martyrologios fazem discipulo de Christo, e primo de S. Barnabé. (5) Na mesma cidade, e convento Augustiniano, e collegio de N. Senhora do Populo estão reliquias da gloriosa Virgem, martyr Santa Susana: (6) e na antiquissima igreja de S. Victor, ou Vitouro, o corpo d'este invicto martyr. (7)

Castello branco. No convento de Santo Antonio de Piedosos se venera uma notavel porção do Santo Lenho, e a milagrosa cabeça de uma das onze mil Virgens em primoroso relicario com letras authenticas de Otthe Turches de Velarbuch, Cardeal de Augusta, em que testifica ser esta santa cabeça extrahida da aurea Camera de Santa Cecilia de Colonia. Trouxe-a de Roma D. Fernando de Menezes, Padroeiro d'este convento, onde a collocou. (8)

Cazevel. Na paroquial igreja de S. João Baptista d'esta villa no arcebispado de Evora se conserva a veneravel cabeça de S. Fabião Papa, e martyr, a qual se expõe á publica veneração dos fieis em um dos Domingos de Agosto, e nas primeiras oitavas das tres Pascoas. (9)

Chelas. Conserva-se no mosteiro de Conegas Regulares fundado n'este sitio, que fica nos suburbios de Lisboa, um grande numero de reliquias dos Santos Martyres, Felis, Adrião, Natalia, com vinte e tres companheiros, que todos padeceram glorioso martyrio em Nicomedia de Bithynia pelos annos de 306. A historia da trasladação d'estas sagradas reliquias pode-se vêr mais extensamente nos authores abaixo allegados. (10)

(1) Vasconcel. in Descript. Lusit. pag. 441. e 559. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 18. Benedict. Lusit. tom. 1. pag. 367. (3) Corogr. Port. tom. 1. p. 177. (4) Cunha, Histor. de Brag. part. 2. cap. 7. e 56. Benedict. Lusit. tom. 2. p. 302. (5) Ferrar. Catalog. Sanctor. fol. 221. (6) Fr Luiz dos Anjos, jardim de Port. p. 32. (7) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 529. (8) Monforte, Chronic. da Provinc. da Piedade liv. 3. cap. 16. (9) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 196. (10) Idem p. 110. e tom. 2. p. 46 e tom. 1 p. 395. Fr. Lucas da Malta Portug. liv. 2. cap. 7. n. 77.

Cete. Na freguezia de S. Pedro, que fica na comarca ecclesiastica de Pena-fiel, do bispado do Porto, se venera do Santo Lenho uma boa porção, e se festeja a 3 de Maio, aonde concorrem quasi vinte mil pessoas em romaria. (1)

Coimbra. Possue esta antiquissima, e nobre cidade um thesouro riquissimo de reliquias notaveis, especialmente no convento de Santa Cruz, onde alem dos veneraveis corpos dos Santos Martyres de Marrocos, chamados Berardo, Pedro, Acursio, Adjuto, e Ottho, primicias, que a religião seraphica offereceu ao ceu; o corpo de S. Vidal, de Santa Comba, de S. Theotonio, do Santo Rei D. Affonso Henriques, tambem conserva reliquias da tunica inconsutil de Christo; da columna, em que foi atado; da mesa em que ceou com seus discipulos; da pedra do santo Sepulchro; da pedra em que foi arvorada a cruz no Calvario; da pedra sobre a qual chorou Christo Senhor nosso á vista de Jerusalem; da terra, sobre que cahiu seu precioso sangue, quando suou no Horto; um espinho da coroa do Senhor encastoado em outra de ouro da mesma grandeza, como a que foi cravada na sacrosanta cabeça do Redemptor; outros dois espinhos tirados do mesmo espinheiro, d'onde se arrancaram aquelles, de que se teceu a coroa; uma cruz de prata, que contem um pedaço do Santo Lenho. Ha tambem reliquias dos vestidos da Virgem; de seu santissimo leite; da casa santa do Loreto; a cabeça de S. Palmacio; ossos de S. Sebastião; um braço, e um dente de S. Vicente martyr; dois ossos de S. Julião martyr; dois ossos de Santo Antão; a cabeça de S. Claudio martyr; e grande parte da de S. Braz; reliquia de Santo Antonio; de S. João Bautista; grande parte do espinhaço de S. Jorge; e outras muitas, de que ha livro impresso. (2)

No Collegio dos Monges Benedictinos se venera uma notavel reliquia do patriarca S. Bento, pela qual obra Deus muitos prodigios. (3)

No Collegio da Companhia de Jesus existem reliquias notaveis, de que se reza, a saber: de Santo Ireneo, S. Candido, S. Theotonio, primeiro Prior do convento de Santa Cruz, Santo Antonino, S. Coulizio, S. Alizandro, Santa Celestina, S. Rufino, S. Bento, S. Donato, S. Dionysio, S. Martinho, S. Julizio, Santa Honorata, S. Constantino, Santa Justina, Santa Innocencia, Santa Basilea, S. Timotheo, S. Pacifico, Santo Eleutherio, S. Quirino, S. Justino, S. Leoncio, Santo Acolano, S. Faustino, e seus companheiros, S. Laurentino, Santa Luzia, S. Coronato, S. Zenão, Santa Rufina, S. Verino, Santo Evagrio, S. Maximo, Santa Ursula, e suas companheiras, Santa Victoria, S. Saturnino, Santos Martyres de Treveris, e os mais d'elles quasi todos martyres.

No mosteiro de Santa Clara é venerado o incorrupto corpo da Santa

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 34. Purificaç. Chron. dos Eremit. de S. Agost. part. 3. (2) Fr. Jeronym. Roman. Histor. de S. Cruz de Coimbr. cap 9. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 117. Corograf. Port. tom. 2. p... (3) Benedict. Lusit. tom. 2. p. 141.

Isabel, rainha de Portugal, que no infausto dia da sempre lamentavel perda d'el-rei D. Sebastião se cubriu de cupioso suor.

Constantim. Na freguezia de Santa Maria Magdalena d'este lugar, que fica no termo de Villa Real, se conserva, e venera além do corpo, e cabeça de S. Fructuoso Gonçalves, abbade que foi da mesma igreja, uma particula do sagrado Lenho; outra do santo Sepulchro de Christo; da sua inconsutil tunica; do pão da ceia; leite da Virgem immaculada, e de seu precioso cingulo; ossos de S. Pedro apostolo; carne de S. Bartholomeu; ossos de S. Lourenço, e de S. Braz, e das onze mil Virgens, cujas preciosas reliquias trouxe de Roma o mesmo S. Fructuoso. (1)

Evora. É venerado religiosamente na Santa Sé Metropolitana um braço do glorioso martyr S. Manços, primeiro apostolo d'esta provincia, cuja sagrada reliquia foi alli collocada pelo arcebispo D. Theotonio de Bragança no anno de 1592, fazendo-a transferir do real mosteiro de Sahagum, onde jaz o veneravel corpo. (2)

Na mesma cidade, e na sumptuosa Cartuxa de *Scala Coeli* entre outras veneraveis reliquias é reverenciada a cabeça de Santo Erasmo, bispo, e martyr de Antiochia, a qual foi aqui depositada pelo seu fundador o arcebispo D. Theotonio de Bragança, e da qual reza a Ordem solemnemente a 8 de Novembro. (3)

No Collegio da Companhia existem as seguintes reliquias todas notaveis, de que se reza: de S. Vital, Santa Clara, Santa Clemencia, S. Pio, Santo Emiliano, S. Marcellino, S. Justo, Santo Innocencio, S. Lucillo, Santa Celestina, S. Firmo, Santa Perpetua, Santa Lucilla, S. Basileu, S. Felis, S. Bento, S. Castulo, S. Victorino, S. Crescencio, Santo Emerito, S. Conciano, S. Nominando, S. Cesario, S. Vicente, S. Luciniano, S. Serviliano, S. Peregrino, S. Celestino, S. Justino, S. Vito, Santo Albano, S. Celso, Santo Antonino, S. Columbano, Santa Felicissima, alguns dos santos martyres Thebeos, e de Treveris, Santa Ursula, e suas companheiras, Santa Lucida, S. Theofilo, S. Clemente, S. Bajulo, quasi todos martyres.

Na sacristia dos Carmelitas Descalços entre as muitas reliquias de um rico santuario, que possuem, é venerada a cabeça de Santo Apollonio martyr, e a de S. Lucio, discipulo de Christo, dadiva do arcebispo D. Joseph de Mello, que trouxe de Roma, e depositou alli no anno de 1609. (4)

Guarda. No mosteiro de Santa Clara se guardam dois espinhos da coroa de Christo, e o corpo de S. Pancracio, cuja estimavel reliquia alcançou em Roma o padre Francisco Saraiva, secretario do arcebispo D. Joseph de Mello, agente n'aquella curia dos negocios de Portugal, e a 10 de Março de 1614 a offereceu, e depositou neste mosteiro juntamen-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 607. Corograf. Port. tom. 1. p. 519. (2) Bened Lusit. tom. 1. p. 451. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 350. Fonseca. Evora glorios. n. 344.
(3) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 505. (4) Ibid. tom. 1. p. 622.

te com as reliquias dos santos Rustico, Vital, Antigonio, Nicolão, Satyro, Claro, e outros martyres. (1)

Guimarães. Ennobrece grandemente esta villa o estimavel thesouro de reliquias, que se conserva no convento de S. Domingos depositadas pelo beato fr. Lourenço Mendes, a quem as havia entregado prodigiosamente um anjo, declarando-lhe como n'aquella hora tendo destruido os infieis a cidade de Antioquia, salvara por mandado de Deus aquellas santas reliquias, para não padecerem o desprezo dos herejes, e tivessem culto devido no seu convento. Eram ellas as seguintes: parte do santo Lenho; das faxas, e mantilhas, com que Maria santissima envolveu seu amado Filho; uma pedra do Sepulchro de Christo, e outra d'onde subiu glorioso ao ceu; do veu de Nossa Senhora; ossos dos santos apostolos; do mannà que se achou no sepulchro de S. João Evangelista; da vara de Moysès: reliquias dos Santos Innocentes, e de muitos santos martyres, confessores, e virgens, cujos sacros despojos se collocaram no anno de 1415 no formoso retabulo, onde presentemente se veneram, ficando de fóra uma das mais insignes, que é o coração de Santo Ignacio, Bispo de Antioquia, no qual depois de morto se achou gravado com letras de ouro o Santissimo nome de Jesus. (2) Na sacristia da igreja de Nossa Senhora da Oliveira se conserva um pedaço do santo Lenho, leite da Virgem Maria Senhora nossa, uma massaroca da mesma Senhora, um tornozello do pé de S. Torcato, ossos de S. Pedro martyr, e outras reliquias. (3)

Lamego. Na igreja de Reriz se venera o corpo d'aquelle santo eremita Vigildo Pires de Almidra, ou Almeida, a quem muitos chamam Magayo, que por mandado de Deus animou ao invencivel, e santo rei D. Affonso Henriques a noite antecedente á famosa batalha do Campo de Ourique, annunciando-lhe juntamente a victoria, que conseguiu.

Lessa. Junto do Porto na igreja da ordem Militar de Malta é venerado o corpo do seu Ballio o beato D. Garcia Martins, o qual havendo quasi trezentos annos, que estava sepultado, foi achado inteiro. (4)

Lisboa. Na santa igreja Patriarcal se depositou no anno de 1743 em primoroso santuario um copioso, e inestimavel thesouro de notaveis reliquias, as quaes nos dias de maior festividade se expunham á publica veneração.

Na Basilica de Santa Maria, antiga Metropole de Lisboa, descançava honorificamente na capella mór o glorioso corpo do inclyto martyr S. Vicente, para onde foi trasladado do Promontorio Sacro, onde estivera muitos seculos occultos, e por zelo do preclarissimo, e santo rei D. Affonso Henriques descuberto, e transferido a 15 de Setembro de 1173. (5) Aqui mesmo permanecem umas limitadas memorias, que o esclare-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 71. e 213. (2) Ibid. tom 3. p. 236. (3) Corogr. Port. tom. 1. p. 32. (4) Agiol. Lusit. tom. 3. no primeiro de Maio. (5) Ibid. tom. 4. a 15 de Setemb. Yanes, Espana en la S. Biblia tam. 2. c. 26. n. 36.

cido Thaumaturgo Santo Antonio nos deixou: tal é a Pia, em que foi baptizado, a qual existe debaixo de um arco á mão esquerda da porta principal com o seguinte distico aberto em jaspe negro:

Hic sacris lustratus aquis Antonius orbem
Luce beat, Paduam corpore, mente polum.

Tambem na escada do coro existe, e se venera uma cruz, que o santo abriu com o dedo na dureza da pedra para affugentar o demonio tentador.

Na igreja, e casa do mesmo Santo Antonio se guarda em cofre de prata dourado um pedaço do casco ainda com cabello do circilo do santo, que o infante D. Pedro, filho d'el-rei D. João I, alcançou de Padua. Tambem se guarda um dedo do proprio, e glorioso lisbonense, que no anno de 1610 conseguiu da Republica de Veneza a rainha D. Margarida de Austria, mulher de Filippe III. (1)

Na paroquial igreja de Santa Justa era venerado o casco de uma das onze mil Virgens, dadiva da serva de Deus Anna Maria da Conceição, Terceira Carmelitana. Tambem existia uma reliquia da gloriosa Santa Barbara, que deu o eminentissimo senhor Cardeal da Cunha no anno de 1744.

Na freguezia de Santa Cruz do Castello ha uma porção do santo Lenho.

Na freguezia de Santo André entre outras reliquias se guarda em precioso cofre uma do apostolo padroeiro d'esta igreja.

Na paroquial de Santo Estevão existe uma notavel reliquia d'este santo dentro de uma ambula de prata dourada, e d'ella rezam os beneficiados com officio duplex.

Na paroquial de S. Mamede é venerado um espinho da coroa de Christo Senhor nosso, ao qual se faz solemne festa em dia da Circumcisão, e Invenção da Cruz.

Na freguezia de Santa Engracia na ermida de S. Pedro de Alcantara existe o corpo de S. Celestino martyr, que com outras reliquias depositou alli o doutor Gaspar de Abreu de Freitas no anno de 1676, as quaes adquiriu em Roma.

Na paroquial igreja de S. Christovão se venera o casco d'este santo, que com uma reliquia de S. Marcos se vê incluso no mesmo cofre.

Na freguezia de S. Sebastião da Pedreira ha um osso d'este glorioso martyr.

Na paroquial igreja de S. Julião entre outras reliquias ha o casco inteiro de S. Bartholomeu na capella do mesmo santo com duas canas inteiras do mesmo santo, dadiva da rainha D. Leonor, terceira mulher

(1) Soares da Silva. Memor. d'el-rei D. João I. tom. 1. p. 317. Sousa no Agiol. Lusit. tom. 1 pag. 678.

d'el-rei D. Manoel. Tambem se guarda com estimação uma custodia do primeiro ouro da mina, que deu para esta freguezia o mesmo rei D. Manoel.

Na paroquial igreja do Santissimo Sacramento era venerado com toda a decencia o corpo inteiro do glorioso martyr S. Basilio, estimavel prenda, que fez aqui depositar no anno de 1745 Manoel de Sande de Vasconcellos, thesoureiro mór da Junta dos Tres Estados, mas pereceu com o incendio.

Na casa do despacho da santa igreja da Misericordia se guardava desde o anno de 1554 uma cana do braço com a mão até o cotovello da gloriosa Santa Anna, mãi da Virgem Maria nossa Senhora, engastada em prata, pela qual obrava Deus muitos prodigios.

No convento dos religiosos Carmelitas Calçados se conservava um grande thesouro de muito notaveis reliquias. Em todo o vão do altar, que estava no coro alto, estavam as seguintes: uma cruz formada da taboa, em que o Senhor ceou; dentro d'esta cruz estava outra do santo Lenho, e nos lados partes do ferro da lança, e da esponja; mais cinco reliquias do santo Lenho juntas com particulas do berço do Menino Jesus, da aspa de Santo André, da lança do apostolo S. Thomé, do leito em que S. Joseph falleceu, cabellos do Menino Jesus, e de Nossa Senhora, e de Santa Isabel rainha de Portugal, e de S. João Evangelista, o de Santa Joanna infanta portugueza, e de Santa Catharina, e de Santa Iria, e de Santa Agueda, e de Santa Rosa de Viterbo, e de Santa Maria Magdalena, um espinho da coroa do Senhor com sinaes de sangue, parte da corda, com que o Senhor foi prezo, uma ponta das varas, com que acoutaram ao Senhor, parte da cinta, ou toalha, com que cubriram a desnudez de Christo na cruz com sinaes de sangue, parte da camizinha do Menino Jesus, parte da beatilha de Nossa Senhora, parte da taboa, em que se entalharam as letras do titulo da cruz de Christo, parte da haste da lança, com que abriram o lado ao Senhor, parte da tunica de Christo, parte da beatilha da Senhora santa Anna, parte da roupa de S. João Evangelista, parte do habito de S. Pedro de Alcantara, parte da pedra da columna, onde foi prezo Christo bem nosso, pedra do horto de Gethsemani, pedra do lugar onde crucificaram ao Senhor, pedra do lugar onde assentaram a Christo para o coroarem, pedra do sepulchro, do presepio, do monte Olivete, e do sepulchro de Nossa Senhora, parte da purpura, que por zombaria puzeram a Christo, parte da toalha, com que a mulher pia alimpou o rostro ao Senhor, parte da veste inconsutil, parte da tunica da Virgem Nossa Senhora, parte da coberta da cama de Maria Santissima, parte do lençol, em que foi envolto o corpo de Christo para o sepultarem, parte das faixas, em que a Senhora envolveu seu bento Filho no Presepio, parte do véu do Templo, que se rasgou na morte de Christo, parte dos habitos de Santo Antonio, e de S. Francisco de Paula, e de Santa Teresa de Jesus, e de S. Francisco

Xavier, e reliquias de outros muitos santos doutores, e martyres insignes: finalmente continha letras escriptas pelas mãos dos quatro evangelistas, e por S. Paulo apostolo; e dos quatro doutores da igreja, Epistolas inteiras assinadas de seus nomes, e outra de Santa Monica.

No coro da igreja se veneravam muitas reliquias de varios santos collocadas em meios corpos, e em custodias com toda a decencia, que por serem innumeraveis, e incomprehensiveis na pequenez do nosso Mappa, contentamo-nos com as inculcar ao leitor, que se quizer ter d'ellas individual noticia, pode ler o tom. 1.° da Chronica dos Carmelitas part. 4.ª num. 1300 do padre fr. Joseph Pereira, e as Memorias Historicas do padre fr. Manoel de Sá part. 1.ª liv. 2.° cap. 12. Mas todavia não deixaremos de fazer especial memoria do Breviario, por onde rezava Santa Teresa de Jesus, e um livro de poesias varias, e umas disciplinas de ferro, tudo da mesma santa, que se conservavam neste sanctuario.

Na casa professa de S. Roque da Companhia de Jesus ha um dos grandiosos thesouros de reliquias notaveis, que ainda tem Lisboa. Diremos das mais insignes, de que rezavam os jesuitas, quando aqui residiam, e se conservam nos dois altares do cruzeiro da igreja.

S. Brigida Virgem.	Cabeça	Fevereiro 1
S. Dorothea Virg. M.	Cabeça	6
S. Apollonia Virg. M.	Dente	9
S. Clemente Bisp. M.	Cabeça	14
S. João Esmoler B. C.	Cana do br.	18
S. Gabino M.	Cana	19
S. Vedasto Bisp. C.	Cabeça	21
S. Amancio M.	Cana	23
S. Jozippa Virg. M.	Cabeça	Março 1
S. Ethereo Bisp. M.	Cabeça	4
S. Bento M.	Cana	11
S. Urbana Virg. M.	Cana	14
S. Liberal M.	Cana	16
S. Basilio M.	Cabeça	22
S. Geva Virg. M.	Cabeça	28 mez
Da coroa de Christo	Um espinho	1 sest. feira d'este
S. Benigno M.	Cana	Abril 3
S. Tiburcio M.	Cana	14
S. Cayo Pap. M.	Cana	22
S. Bonifacio M.	Cana	Maio 14
S. Pudenciana Virg.	Cana	21
S. Paulino M.	Cana	23
S. Marcellino M.	Cana	Junho 2
S. Otho Bisp. Conf.	Cana	3
S. Justino M.	Cana	18

S. Lauro M.	Cana	Agosto 19
S. Filippe M.	Cana	Setembro 2
S. João M.	Cana de br.	7
Dos Mm. Thebeos	6 Cabeças	22
S. Placido M.	Cana	Outubro 5
S. Gereão M.	Cana	11
S. Aurelia Virg.	Cabeça	16
Das onze mil Virgens	12 Cabeças	21
S. Cordula Virg. M.	Cana	22
S. Chrysantho B. C.	Cabeça	26
S. Feliciano M.	Cana	29
S. Gregorio Thaum.	Cabeça	Novembro 17
S. Isabel R. de Hung.	Cana	19
S. Clemente M.	Cana	26
Dos Ss. Innocentes	Canas varias	Dezembro 28

Existem mais outras muitas reliquias singulares, a saber: alguns pedaços do santo Lenho, e pequena porção das toalhas da mesa, em que Christo instituiu o Santissimo Sacramento. O padre Leandro no tom. 2.º tract. 7. disp. 1. *De Eucharistia* quest. 12. com Granados, e Vulterio diz, que nesta casa de S. Roque de Lisboa se conservam as taes toalhas. Levado d'esta irformação, que não ha duvida nós communicámos ao padre Valerio de Oliveira, este assim o escreveu tambem nas *Memorias dos instrumentos da Paixão*, que ajuntou ao Methodo devoto de ouvir Missa: porem nós informando-nos melhor, achámos que somente nesta casa de S. Roque existe uma pequenina parte das taes toalhas. Existem tambem cabellos de Nossa Senhora; uma varinha da coroa de espinhos de Christo Senhor nosso; do vêu, camiza, e roupa exterior de Maria Santissima; das taboas do Presepio, em que Christo nasceu, cuja maior porção se venera em Santa Maria Maior de Roma; reliquias dos santos apostolos, e evangelistas; das oliveiras do monte Olivete, reliquias de Santa Anna, de S. Joseph, e dos quatro Santos Doutores da Igreja: um dente, osso, e casula de Santo Ignacio de Loyola: ossos de S. João Bautista, de S. Bento, de Santo Antonio, de Santa Maria Magdalena, de S. João Chrisostomo, de S. Roque, de S. Francisco de Borja: um dedo ainda com carne de S. Basilio Magno: pedaço de queixo com cinco dentes de S. Vicente Martyr; e de outros muitos inclytos, e insignes Martyres, confessores, e Virgens, que seria demaziado em referir, pois ha livro impresso, que trata de todas estas reliquias. Só advertimos, que na Sacristia d'esta casa se guarda um quadro com a Imagem de Nossa Senhora, a primeira, que se copiou do original pintado por S. Lucas, que está em Santa Maria Maior de Roma, e o mandou o Santo Francisco de Borja á rainha D. Catharina pelo ditoso Martyr o padre Ignacio de Azevedo, e a rainha por sua morte o deixou a esta casa. Esta noticia, que se nos

communicou por tradição constante, em parte não se conforma com o que diz o padre Alexandre de Gusmão no seu livro intitulado: *Rosa de Nazareth*, porque diz, que o tal quadro está na Bahia: mas bem podia ser que de lá viesse para esta casa. Dizemos isto prescindindo da opinião, que segue o douto Serry nas *Exercitationes Historicæ*, de que S. Lucas não fora pintor, nem são d'elle as taes pinturas, ou quadros.

Na Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri se venerava grande numero de reliquias no altar de Jesus Maria Joseph, cujo catalogo se imprimiu no anno de 1723 na Officina de Francisco Xavier de Andrade, e tambem o padre Manoel Consciencia faz memoria d'ellas em um tomo da *Innocencia prodigiosa*. Constava o tal santuario do altar de cento e noventa e sete relicarios entre maiores, medianos, e pequenos, e n'elles se achavão inclusas seiscentas e trinta e quatro sagradas reliquias de Santos, e Santas.

No convento de clerigos regulares de S. Caetano se guarda decentemente o corpo de S. Venancio Martyr, e o de Santa Eufemia Virgem, e Martyr: duas canas inteiras, uma de S. Jacinto Martyr, outra de S. Vicente, com outras reliquias notaveis de Santa Luzia Virgem, e Martyr, de S. Donato, de Santo Urbano, de Santa Peregrina, e outras, que trouxe de Roma o Embaixador Francisco do Sousa Coutinho.

No convento de Santo Eloy havia uma formosa reliquia do santo lenho; parte da Dalmatica do Protomartyr Santo Estevão, e um dos seixos, com que foi apedrejado, dous dentes de Santa Apollonia, uma cabeça inteira das onze mil Virgens, e parte do casco de outra; e varias reliquias de outros santos: porém como cousa singular, e de estimação se conservava ha muitos annos uma d'aquellas bandeiras, que estando encostadas á parede do pretorio de Pilatos ao tempo, que Christo Senhor nosso entrou por elle prezo, e succedendo cahirem por terra sem impulso humano, o Senhor passou por cima d'ellas, e as santificou com o contacto fisico de seus pés sacratissimos. Esta bandeira enviou de Roma a este convento no anno de 1480 o cardeal D. Jorge da Costa; era de seda exquisita de cor vermelha escura, e fórma quadrada, que acabava na parte inferior em cinco linguas boleadas: expunha-se no cruzeiro da igreja todos os annos d'esde quinta feira maior até á segunda feira dos Prazeres. (1)

No convento da Santissima Trindade havia um grande santuario de notaveis reliquias na capella de todos os santos, entre as quaes era memoravel o corpo de S. Bono Presbytero, e Martyr, com uma redoma de seu sangue, e uma reliquia de Santo Acacio Martyr.

No convento de Nossa Senhora da Graça, especialmente da sacristia sumptuosa, existe ainda um copioso numero de reliquias de varios santos, de muitos dos quaes rezam os religiosos, e com especialidade é venerada

(1) Refere Santa Maria no Ceu aberto na terra tom. 1. liv. 2. c. 21.

a cabeça de Santa Christina Virgem, e Martyr, e a cana do braço do glorioso S. João de S. Facundo, ou Sahagum.

No convento de S. João Nepomuceno de Carmelitas Descalços Alemães occupão os vãos de dous Altares da Igreja os veneraveis corpos de Santa Bonina Virgem, e Martyr, e de S. Fortunato Martyr, e cabellos da Virgem Maria, dadiva da devota Rainha a Senhora D. Marianna de Austria sua fundadora.

No regio mosteiro das commendadeiras de Santos estão depositados os veneraveis corpos dos tres irmãos Martyres. S. Verissimo, Maxima, e Julia.

No mosteiro do Salvador ha uma boa porção do Santo Lenho, o qual guardando-se decentemente na sacristia, foi collocado em um sacrario sobre o altar do Coro por causa de um prodigio, que refere Cordoso. (1)

No Mosteiro de Santo Alberto de religiosas Carmelitas Descalças se guarda reverentemente a preciosa reliquia, que é uma das mãos da Madre Santa Teresa de Jesus inclusa em uma ambula de crystal.

No mosteiro exemplarissimo da Madre de Deus existe um santo Sudario retratado pelo que está em Turim, o qual mandou o Imperador Maximiliano á Rainha D. Leonor, fundadora deste mosteiro: é a copia mais propria que ha, e dizem, que quasi prodigiosamente fora copiada, O Patriarca de Jerusalem, quando veio a este reino pelos annos de 1597. vendo este santo Sudario, disse, que, se equivocava muito com o de Turim. Mostra-se quinta feira de Endoenças, e concorre a vel-o, e veneral-o toda a Nobreza, e povo de Lisboa assim por mar, como por terra em grande concurso. Existe mais um espinho da coroa de Christo com umas pingas de sangue; uma cruz formada de pedacinhos de Santo Lenho unidos, que fazem a grandeza da quarta parte de um palmo, e a grossura de um dedo delgado; o corpo de Santa Auta, uma das onze mil virgens, collocado em um cofre de madre perola; duas cabeças das onze mil Virgens, um osso grande de um dos Santos Innocentes; uma tigelinha de páu, por onde Santo Antonio bebia; um pedaço de pedra da columna de Christo do tamanho de uma avelã, e outras muitas mais reliquias, sendo a maior parte d'ellas dadiva da Rainha D. Leonor sua fundadora.

No mosteiro do Calvario existia uma cabeça das onze mil Virgens; uma grande reliquia do Santo Lenho; e um espinho da Coroa de Christo.

No mosteiro das Brigidas ao Mocambo se venera entre outras reliquias um braço de Santa Catharina Virgem, filha de Santa Brigida, fundadora d'esta sagrada religião.

No mosteiro das Flamengas junto a Alcantara se conserva o dedo de um pé do Apostolo S. Filippe, que com outras muitas reliquias trouxeram as fundadoras de Flandes.

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p 234.

Em casas particulares de cavalheiros ha tambem n'esta cidade reliquias mui notaveis, especialmente :

No Palacio da Inquisição guardava o eminentissimo, e reverendissimo senhor Cardeal da Cunha na sua capella o corpo de S. Marciano Martyr com uma redoma de seu sangue ; pedaço do habito de S. Francisco, com que recebeu as chagas ; um bom retalho da capa de S. Joseph, Esposo da Virgem Maria nossa Senhora, e outras muitas.

No Oratorio dos Barões de Alvito estão depositados os veneraveis corpos de Santo Eugenio Papa, de S. Lucio Papa Martyr, e de Santa Anastacia Virgem, e Martyr, os quaes trouxe de Roma a este reino o padre Luiz Lobo da Companhia no anno de 1619.

No Palacio, e Oratorio dos Exeellentissimos Viscondes de Barbacena se conserva um cofre de prata, que mandou o Pontifice Gregorio XIII a el-rei D. Sebastião, e contem um pedaço de ferro de uma das settas de S. Sebastião banhada em sangue ; uma particula do Santo Lenho ; um espinho da coroa ; reliquia notavel de S. Francisco Xavier, e outras mais pequenas.

No Cartorio da Serenissima Casa de Bragança se conservavão com todo o recato, e estimação innumeraveis cartas originaes de muitos Santos, e outras pessoas insignes em virtude, cujo catalogo, que nos communicou o Senhor Manoel da Maya, é o seguinte;

De S. Aberto Magno	2.	V. D. Brites da Silva	3.
D. Fr. Aleixo de Menezes	1.	S. Brigida	1.
Aymerico de Malafayla, Patriarca de Antioquia	3.	S. Bruno	1.
B. Amadeu	4.	S. Caetano	24.
B. Ambrosio Senense	1.	Cardeal Caetano	1.
S. André Avellino	15.	S. Carlos Borromeu	8.
S. André Corsino	5.	S. Cathar. de Bolonha	1.
S. Antonio de Lisboa	20.	S. Catharina de Sena	4.
V. P. Antonio da Conceição	2.	S. Clara do Monte-Falco	4.
S. Antonino de Flor.	1.	S. Coleta	3.
S. Agostinho	1.	S. Columba de Riete	1.
P. Balthazar Alvares	1.	S. Columbano	1.
B. Baronica	1.	S. Conrado Placentino	2.
V. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres	3.	S. Constança	1.
Cardeal Baronio	2.	D'el-Rei D. Diniz	2.
Cardeal Bellarmino	5.	V. Fr. Diogo de Alcalá	4.
S. Basilio	1.	P. Diogo Laynes	1.
S. Benedicta de Catan.	3.	P. Diogo Granado	1.
S. Benardino de Sena	5.	S. Domingos de Gusm.	6.
S. Bernardo	5.	Eleazaro peccador.	1.
		Estefania da Conceiç.	1.
		Egidio Colon	4.

Cardeal Farnesi 2.
O Inf. S. D. Fernando 2.
S. Filippe Benicio 3.
S. Filippe Neri 42.
e 26 paginas escritas de versos Latinos, e Castelhanos, tudo de sua propria letra.
S. Francisco de Borja 4.
Francisco Carraxolo 1.
Fr. Francisco del Prado 4.
S. Francisco de Paula 4.
S. Francisco Xavier 19.
S. Francisco de Sales 7.
S. Francisca Romana 4.
S. Francisco de Assis 11.
S. Francisco Solano 3.
S. Felis Capuchinho 7.
S. Fructuoso Bispo 1.
S. Fulgencio Bispo 1.
S. Fulgencio irmão de S. Isodoro. 1.
S. Gertrudes 3.
S. Fr. Gil 1.
S. Giraldo 1.
Giraldo sem pavor 1.
Gonçalo da Silveira 4.
V. Fr. Henrique Suso 1.
Cardeal Hippolyto Aldobrandino 2.
S. Jeronymo 1.
S. Isidoro 3.
S. Jacinto. 3.
S. Ignacio 7.
Ignacio Martins 2.
S. Ignez. 3.
V. João Affonso de Santarem 1.
S. João Capistrano 2.
João Duns Scoto 1.
S. João Franc. Regis 4.
S. João da Mata 2.
S. João de S. Facundo 3.
S. João Gualberto 1.
S. João da Cruz 5.
S. João de Deus 5.
V. P. João de Avila 8.
A Infanta S. Joanna 1.
V. Fr. Jordão 2.
Sor Joanna de la Cruz 1.
S. Isabel Rainha de Portugal 8.
S. Leandro 2.
S. Leandro Bispo de Sevilha 4.
Fr. Lope de Olmedo 1.
S. Lourenço Justiniano 7.
Ludovico Blosio 1.
Infante D. Luiz 1.
S. Luiz Beltrão 5.
S. Luiz Gonzaga 3.
V. Fr. Luiz de Granada 3.
V. Luiz de la Puente 2.
S. Luiz Rei de França 1.
S. Lutgarda 7.
S. Luzia 1.
V. Luzia de Narni 2.
S. Marcos Evangelista 1.
B. Margarida do Castello 2.
B. Margarida de Cortona 2.
B. Maria Carraffa 2.
V. Maria Raggi 1.
S. Maria Magdalena de Pazzi 5.
S. Nicoláu de Tolent. 3.
S. Norberto 2.
V. Conde Nuno Alvares Pereira 3.
Pontifice Paulo IV 4.
S. Pedro de Alcantara 1.
Fr. Pedro de Jesus 1.
S. Pedro Nolasco 1.
S. Pedro de Verona 3.
S. Pedro Moronio 4.
S. Pedro Thomás 2.
S. Pio V 2.
V. Querubim de Espoleto 1.
S. Raymundo de Pena-fort. 1.
S. Reginaldo 1.
B. Rita Ferri 3.
S. Romualdo 3.
S. Roberto Fundador da Ordem de Cister 1.
S. Rosa 2.
A Infanta S. Sancha 2.

P. Simão Rodrigues	2.	e dous caderninhos de versos.	
S. Simão Sthock	3.	S. Tiburcio	1.
S. Simeão de Zassia	1.	S. Thomás B. de Cantuaria	1.
S. Stachi Bonaventura	6.	S. Thomás de Aquino	7.
S. Theotonio, 1. Prior de S. Cruz de Coimbra	9.	S. Vicente Ferreira	11.
S. Teresa de Jesus	25.	Por todas são 545 Cartas.	

Larcão. No Mosteiro de Religiosas Bernardas é venerado o corpo da gloriosa Infanta D. Sancha: mais um espinho da coroa de Christo: grande parte do Santo Lenho: e a cabeça de um Santo abbade, que alli floreceu em virtude, chamado João.

Loulé. No convento de Santo Antonio da provincia da Piedade existem reliquias do Santo Lenho, de S. João Bautista, de Santo Estevão, de S. Mattheus, de S. Bento, de S. Braz, e de Santa Catharina. (1)

Lumiar, termo de Lisboa. Na Igreja de S. João se conserva a cabeça de Santa Brigida Virgem, a qual querendo-a collocar el-rei D. Diniz pelos annos de 1300 no mosteiro de Odivellas, por duas vezes foi vista milagrosamente á porta da Igreja do Lumiar, onde finalmente se depositou, e se guarda em sacrario com particular culto, concorrendo em todo o anno grande numero de pessoas pelos innumeraveis prodigios, que Deus obra por intercessão d'esta Santa. Na casa professa de S. Roque de Lisboa tambem se venera a cabeça de Santa Brigida Virgem, e como de tal rezão d'ella os reverendos padres no primeiro de Fevereiro, donde não é certa a advertencia do erudito Jorge Cardoso, (2) que diz ser aquella de Santa Brigida Viuva, canonizada no anno de 1391 para a distinguir d'esta do Lumiar. Este ponto só se pudera averiguar bem, se das authenticas constara: mas o certo é que não consta: todavia para as differençarmos podemos dizer, que a veneravel cabeça, que está no Lumiar, é de Santa Brigida Virgem natural de Lisboa, como diz a chronologia monastica: (3) e a que está em S. Roque será de Santa Brigida Virgem natural de Escocia.

Meinedo. N'este lugar, que fica no Bispado do Porto, distante uma pequena legua de Arrifana de Sousa, em uma ermida junto da igreja parochial se depositaram as sagradas reliquias de S. Tyrso Martyr, natural de Toledo, as quaes trouxe de Constantinopla um Conde da Lusitania, chamado Fonsa, no anno de 600 de Christo. (4)

Miranda. Na igreja cathedral depositou a piedosa rainha D. Catharina as reliquias seguintes: parte grande do santo lenho, um osso de S. João Bautista; uma correa de vara atamarada, e pospontada de bran-

(1) Monfort. Chronic da Pied. liv 3. c. 23. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 317. (3) Chronol Monastic. 1. Febr. «Genus illius Regale, patria Lisbona; ubi sacrum ejus caput servatur. . . in Ecclesia sub nomine. que extra muros à parte Aquilonis visitur ad oppidum Lumiare. (4) Agiol. Lusit. tom 1. p. 274.

co, que dizem ser do Apostolo S. Pedro: dous ossos de S. Paulo; reliquia de S. Lourenço: cana do braço de S. Braz: outra de S. Donato Martyr, cabeça de S. Henrique Martyr: reliquias de S. Sempronio, de Santo Eustaquio, S. Gregorio, Santo Athanasio, e S. Espiridonio: uma coifa bordada de aljofar, de que usava Santa Maria Magdalena, e um osso da mesma, tres ossos de Santa Catharina, um de Santa Cecilia, casco de Santa Agueda: dente de Santa Barbara, ossos de Santa Marinha, Santa Basilissa, Santa Miliana, Santa Abcela, e das onze mil Virgens, com outras muitas reliquias, de que não se sabem os nomes. (1)

Mogadouro. No mosteiro de Santa Marina, meia legua ao nascente do lugar de Lagoaça, se venera o corpo da mesma Santa Marina, a cuja veneração concorre muita gente em dia da Ascensão, em que se dá a beijar sua santa cabeça. (2)

Monsanto. N'esta Villa, que é do bispado da Guarda, se conservam os ossos do glorioso Santo Amador Anacoreta em um cofre dourado forrado de setim carmesim em uma Ermida de S. Pedro de Viracorsa. (3)

Montemór o Novo. No convento de S. Francisco d'esta Villa se conserva, e venera desde o anno de 1564 a cabeça do Apostolo S. Filippe em um nicho da parte do Evangelho na capella mór, fechado a tres chaves, das quaes tem uma o Guardião, outra o padroeiro, outra o procurador mais velho do senado. Foi dadiva do insigne D. Fernão Martins Mascarenhas, Embaixador d'el-rei D. Sebastião ao Concilio Tridentino, o qual a adquiriu em Alemanha com outra tambem notavel de outro Santo, que se suppõe ser de S. Pedro Martyr. Grandes diligencias fez el-rei Filippe III para levar daqui esta notavel reliquia, e collocal-a no Escurial, mas não lhe foi possivel. (4)

Moreira. Na freguezia d'este lugar do bispado do Porto, que é convento de conegos regulares de Santo Agostinho, se conserva uma grande, e notavel reliquia do santo lenho de tempo antiquissimo. É innumeravel o concurso de gente, que alli concorre a 3 de Maio, e a 14 de Setembro, experimentando-se continuamente os milagres, que Deus Senhor nosso alli obra, attribuindo-se tambem á virtude d'esta reliquia o prodigio de que sendo todas as freguezias circumvisinhas infestadas de muitas viboras, só nesta de Moreira não mordem, nem ha memoria que alli cahisse nunca raio. (5)

Moura. No convento do Carmo ha parte do santo lenho, e reliquias de Santo Alberto Confessor, S. Bartholomeu, Santa Basilissa Virgem, e Martyr, S. Braz bispo, e Martyr, e de outros Santos Martyres. (6)

Odivellas. No mosteiro regio de religiosas Barnardas, fundado n'este sitio por el-rei D. Diniz, se conserva em cofre de prata o glorioso

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 396. (2) Ibid. tom. 3. p. 73. (3) Ibid. tom. 2. p. 331. (4) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 1. e 14. (5) Cunha. Catalog. dos Bispos do Porto part. 2. c. 43. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 31. Corogr. Portug. tom. 1. p. 393. (6) SA. Memor. Histor. part 1. p. 52.

corpo de S. Guilherme, Arcebispo de Bituria, do qual rezam a 10 de Janeiro. No mesmo cofre está a cabeça de Santa Ursula, e grande parte da de sua tia a rainha Jeralina, com outras reliquias das onze mil Virgens. Tambem se venera um dedo de S. Sebastião Martyr. (1)

Ourega, que dista de Evora duas leguas para o Occidente, no sitio onde chamão a cova dos Martyres, é tradição estarem alli sepultados os corpos de S. Jordão bispo, Santa Comba, e Santa Anonyma suas irmãs, com outros muitos Martyres, que alli padeceram. (2)

Panoyas. Villa do campo de Ourique. Conserva-se na Igreja Matriz a cabeça de S. Romão Eremita, natural de França, que tem sobrenatural virtude para os mordidos de cães damnados. No mesmo sitio, e ermida de seu proprio nome existe o corpo do mesmo S. Romão, onde é continuamente frequentado dos devotos peregrinos. (3)

Paredes. Villa da Comarca de Pinhel, bispado de Lamego. Na ermida do desembargador Joseph de Azevedo Vieira, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, existe em primoroso santuario uma grande parte do santo lenho, e os corpos inteiros dos gloriosos Martyres S. Paulo, e S. Felis, cujas reliquias alcançou de Roma o R. P. Manoel de Azevedo, religioso da Companhia de Jesus, filho do dito desembargador, e as depositou n'esta capella, que presentemente é das mais sumptuosas da provincia, aonde concorre bastante gente para venerarem as santas reliquias O santissimo padre Benedicto XIV por especial graça (declarando que não se pudesse ao diante allegar por exemplo) em Breve de 7 de Junho de 1747 se dignou conceder a esta capella, e a todos os que vão visitar este santuario, muitas indulgencias plenarias, e perpetuas: que o altar da Senhora da Assumpção fosse todos os dias privilegiado para todos, e para todas as missas, que n'elle se disserem, e para sempre, e em fim presentemente não ha n'este reino capella particular, que tenha alcançado da Sé Apostolica tantas graças. Consta tudo do Breve, que nos communicou o M. R. P. D. João de Santa Maria, conego regrante de Santo Agostinho, e filho do sobredito desembargador Joseph de Azevedo Vieira, instituidor da sobredita capella.

Pendorada. No convento de religiosos benedictinos distante do Porto seis leguas ao Norte existe com summa veneração o prodigioso dedo index da mão esquerda do santificado Bautista, livre de toda a corrupção, e ainda revestido de carne, posto que mirrada, mas com perfeitissima unha, por cuja reliquia notavel obra Deus milagres sem numero. Não consta ao certo quem trouxe esta preciosa reliquia: porém conjectura-se por tradição, que fora o bispo D. Sisnando. (4) Aqui mesmo existem reliquias de Santa Comba, Santa Eugenia, e S. Romano. (5)

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 102. (2) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 18. Evora glorios. n. 363. (3) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 312. Purificação. Chronol. Monast. die 28. Februar. Fr. Jacint. de S. Miguel Tract. Histor. tom. 1 p. 162 (4) Benedict. Lusit. tom. 2. p. 223. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 808. (5) Corogr. Portug. tom. 1. p. 400.

Pesqueira. Na devotissima ermida de S. Salvador, meia legua distante da Villa, entre muitas reliquias, que alli depositou o virtuoso eremita Gaspar da Piedade, adquiridas em Roma, e Jerusalem, é insigne uma formosa cana do braço do grande Doutor da Igreja S. Jeronymo, a qual nas Oitavas da Pascoa, e Pentecoste se mostra ao povo, que a este santuario concorre com devoção. (1)

Pinhal. No mosteiro de S. Luiz de religiosas claristas existem, e se veneram, além de outras reliquias, quatro corpos inteiros de santos, a saber: o de S. Cayo Papa, e Martyr: o de S. Vital: o de Santa Theodora Virgem: e o de Santa Christina, os quaes de Roma foram transferidos a este reino por Heitor da Sella Falcão, a quem o Pontifice Paulo V fez mercê d'elles com outras reliquias no anno de 1620. (2) No termo de Pinhel desfazendo-se no anno de 1620 o altar de S. Julião do Pereiro, se achou debaixo d'elle uma arca de pedra, e n'ella boa quantidade das mysticas offertas do ouro, incenso, e myrrha, que os Santos Magos tributaram ao Menino Jesus no portal de Belém, como se referia nos pergaminhos, que juntamente se acharam. Estas reliquias se authenticarão, e estão approvadas pelo Ordinario, e todos os annos em dia da Ascensão se mostram ao povo, que alli concorre para as venerar. (3)

Pombeiro. No convento de religiosos benedictinos se venera uma preciosa reliquia do Precursor de Christo S. João Baptista, e é um pedaço do queixo encastoado em prata em uma custodia com letreiro em circulo, que diz: *Demonstravit Deo homini.* (4)

Portalegre. Ennobrece a Cathedral d'esta cidade o precioso cofre de reliquias, que alli se veneram, e vem a ser, uma cabeça das onze mil Virgens, um osso do Martyr S. Lourenço, outro de S. Mauricio, outro de S. João Chrysostomo, um admiravel santo lenho em ambula de crystal, que foi dadiva da rainha D. Catharina sua Padroeira. (5)

Portel. Na freguezia da Vera Cruz de Marmelal, que fica no termo d'esta villa, é venerada uma notabilissima, e milagrosa reliquia do santo lenho. (6)

Porto. Na Cathedral se venera o corpo do invicto Martyr S. Pantaleão seu Padroeiro, e um braço do Martyr S. Vicente. Aqui mesmo no convento de S. Bento da Victoria se conserva um rico santuario de varias reliquias em trinta e dois meios corpos, quatorze braços, dous pés, e quatro pyramides. (7) Na freguezia de S. Miguel do Conto d'este bispado se guarda com veneração a pia, em que foi bautisado S. Rosendo, e pela devoção dos que se valem de suas reliquias para remedio de varias enfermidades, está já pela parte de fóra notavelmente gastada. (8) Outras muitas reliquias reservou o ceu para esta nobre cidade pela grande piedade de seus moradores.

(1) Agiol. Lusit. tom. 2. p. 319. (2) Ibid. tom. 2. p. 387. e 679. (3) Agiol. Lusitano tom. 1. p. 58. (4) Idem tom. 3. p. 808. (5) Idem tom. 1 p. 428. e tom. 3. p. 248. (6) Mariz Dialog. 3. c. 4. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 35. (7) Benedict. Lusit. tom 2. p. 433. (8) Jardim de Port. p. 143.

Porto de Mos. Na freguezia de Nossa Senhora dos Martinhos se veneram em sacrario particular as reliquias, que do convento de Merida, chamado Cauliniana, trouxe o Santo Eremita Romano pelos annos de 714 em companhia d'el-rei D. Rodrigo, ultimo dos Godos, quando veio parar á Pederneira. São ellas as seguintes, um pedaço do casco de S. Braz da largura de tres dedos, um osso de um dos quarenta Martyres, um retalho da vestidura de uma das onze mil Virgens, um osso de S. Sebastião, outro de Santo Erasmo, e outras pequenas reliquias, que não se sabem de quem são. (1)

Refoyos. Junto ao rio Lima no convento de Santa Maria de Conegos Regrantes se conserva o corpo do beato Romeu, natural de Italia. (2)

Salvaterra. No convento de Nossa Senhora da Piedade se venera a cabeça de S. Bacho Martyr, que em doentes de febres obra maravilhas. (3)

Sacavem. No mosteiro Serafico de Nossa Senhora dos Martyres se conservam notaveis reliquias, a saber: um espinho da coroa de Christo: um pedaço da veste purpurea do mesmo Senhor: a cabeça de Santa Barbara, (que entendemos não é a de Nicomedia; porque essa, como dissemos na vida da santa a pag. 128, existe em Napoles) e, a maior parte da de Santa Juliana, e de uma das onze mil Virgens; o espinhaço de S. Sebastião Martyr: duas cabeças dos santos Thebeos: um pedaço do santo lenho do tamanho de um alfinete grosso: uma pequena de cera do milagre de Santarem: um pedaço do lençol, do tamanho da palma da mão, em que pozeram a Christo Senhor nosso, quando o tiraram da Cruz, e com sangue, um retrato do santo Sudario, que se mostra em quinta feira de Endoenças, um dedo de santa Ignez, dous dentes de Santa Juliana, dous ossos de Santa Cecilia, um pequeno do casco de Santa Maria Magdalena do tamanho de tres dedos, um osso de S. Marcos Evangelista, sete ossos pequenos de santo André Apostolo, e de outros santos Martyres, cujas reliquias mandou collocar, e venerar, vistas suas authenticas, o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida por duas Provisões suas, que se guardam no cartorio d'este mosteiro, e a fol. 59, do tombo d'elle dá o seu Padroeiro Miguel de Moura attestação do modo, com que alcançara estas reliquias. (4)

Santarem. Um dos singulares theatros de maravilhas, que admira, e venera, a piedade christã em o nosso reino, é a villa de Santarem, porque na freguezia de Santo Estevão se conserva, e admira a santa Particula, vulgarmente chamada o *Santo Milagre.* É ella do tamanho ordinario com algumas manchas de sangue distinctas, mas já denegridas, o resto d'ella branco, e no fundo do vaso em que se guarda, se divisam algumas gotas de sangue da propria cor do da particula. No convento de S. Domingos da mesma villa estão parte dos despojos d'este famoso

(1) Santuar. Marian. tom. 3. p. 320. (2) Agiol. Lusit. tom. 2. p. 597. (3) Histor. de Santarem tom. 2. p. 363. (4) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 445.

milagre, e vem a ser, a santa beatilha conservada, e venerada no sacrario em ambula de cristal, na qual se vê o sangue tão fresco, que causa admiração, e juntamente duas pilulas d'aquella sagrada cera do tamanho de grãos, em que se recolheu o precioso sangue. (1) Na mesma villa, e na Igreja de S. Bartholomeu do Allange existem dous corpos inteiros dos ditosos pais d'aquelles santos meninos, que no anno de 1277, no dia da Ascensão subiram prodigiosamente ao ceu. No convento de S. Francisco da mesma villa se conserva um pedaço da pelle de S. Jorge, um espinho da coroa de Christo, e a cabeça de Santa Aurea, companheira de Santa Ursula. (2)

Santiago de Cacem. Conserva-se aqui com grande veneração a notavel reliquia do santo lenho, que trouxe de Grecia a devota matrona D. Bataza. (3)

Setubal. No mosteiro das descalças de Jesus existe a cabeça de S. Eliodo Martyr, do qual se reza a 22 de Junho com jubileo concedido por Paulo V, um prodigioso pedaço do santo lenho do tamanho, e largura de uma polegada, uma cabeça das onze mil Virgens, cinco contas, e um pedaço do habito, e véu de Santa Clara, um santo Sudario tirado pelo que está em Turim, e outras muitas reliquias de Martyres.

Sines. É venerado na Igreja Matriz em capella propria o corpo do glorioso Martyr S. Torpes, que padeceu em Piza a 29 de Abril, e deitando-o os tyrannos em uma barca velha com um cão, e um gallo no rio Arno, veio aportar no porto de Sines, onde lhe deu sepultura decente a illustre, e Santa Matrona Celerina, e perdendo-se com o tempo sua memoria, o arcebispo D. Theotonio persuadido do Papa Xisto V, fazendo exactas diligencias, o foi achar nas praias do rio Junqueira em uma urna de pedra, e o depositou na Matriz d'esta villa, onde se conserva até agora com grande veneração, obrando Deus por elle continuos prodigios, entre os quaes se refere um notavel, de que todos os annos em sesta feira maior, a tempo que se fazia a procissão do enterro do Senhor, sahia da parte da urna, em que estão as santas reliquias, quantidade de borboletas com azas prateadas, e acabada a Procissão desappareciam. Continuou este prodigio até o anno de 1730, no qual demolindo-se a Igreja Matriz, nunca mais appareceram as borboletas. (4)

Tavira. Na Igreja Matriz de Santa Maria se guardam os corpos dos gloriosos sete invenciveis cavalleiros da militar Ordem de Santiago, D. Pedro Rodrigues, Mem do Valle, Damião Vaz, Alvaro Garcia, Estevão Vasques, Valerio de Ora, e Garcia Rodrigues, os quaes antes da recuperação d'esta cidade foram martyrizados pelos Mouros em defensa da Fé. (5)

(1) Monarq. Lusit. liv. 15. c 32. Sousa, Histor. de S. Doming. part. 1 liv. 2. c. 43. e outros apud. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 451. (2) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 191. (3) Resend. de Antiquit. Lusitan. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 297. com outros que allega. Fonseca na Evora glorios. n. 349. Luis. Velho na Vid. de S. Torpes p. 162. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 612.

Thomar. Aqui se conserva o veneravel corpo de Santa Cita, que de Italia trouxe um certo Ermitão para o lugar da Aceiceira. (1) Tambem se venera um pedaço do craneo de S. Sebastião Martyr, que alli depositou el-rei D. Sebastião: tres espinhos da coroa do Senhor collocados em uma cruz preciosissima, onde tambem ha grandes porções do santo lenho, e uma mão do bemaventurado S. Gregorio Nazianzeno, e uma pedra com salpicos de sangue de Santa Iria, cujas reliquias eram dos cavalleiros Templarios. (2)

Torres Novas. No convento dos Carmelitas existe a veneravel, e milagrosa cabeça de S. Gregorio Magno, dadiva do arcebispo de Ceuta D Jayme de Lancastre.

Torres Vedras. Em Nossa Senhora do Ameal, ermida da freguezia de S. Miguel, uma das quatro, que contem esta villa, são veneradas, e tidas em grande estimação as reliquias seguintes: uma grande parte de uma camizinha do menino Jesus: uma maçaroca fiada pelas divinas mãos de Maria Santissima, um novelinho de linhas com duas agulhas da mesma Senhora, e uma ambula de crystal com o leite da purissima Virgem, tudo dentro em um precioso cofre, cujas chaves tem o prior da igreja de S. Miguel. (3)

Val bem feito. legua e meia de Peniche. No convento de religiosos Jeronymos depositou a rainha D. Catharina a veneravel cabeça de S. Gereão Martyr, que lhe mandou de presente D. Fernando rei de Hungria no anno de 1532. No convento de nossa Senhora da Graça em Evora tambem dizem, que está a cabeça de S. Gereão mas como bem adverte o insigne Jorge Cardoso, deve ser de algum companheiro de S. Gereão Martyr. (4)

Vianna do Alemtejo, Goza o convento de S. Francisco de religiosos da terceira Ordem, entre outras reliquias, a preciosa cabeça de um dos santos tres reis Magos encostoada em prata com inscripção no craneo da propria letra da rainha D. Catharina, que foi a que deu esta reliquia, a qual veio entre as que mandou o imperador Maximiliano á rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II. (5) No mosteiro de Jeronymas ha um braço de S. Alexandre Martyr de Hungria, e na capella da Conceição se guarda em relicario de prata a fórma da profissão, que depois do noviciado fez na companhia o veneravel padre João Cardim, escrita com o seu proprio sangue em papel, pelo qual applicado a doentes tem Deos obrado muitas maravilhas. (6)

Vidigueira. No convento de Piedosos de N. Senhora da Assumpção existe um grande numero de reliquias, a saber: porção do Santo Le-

(1) Anjos, Jardim de Port. p. 55. (2) Cardos, Agiol Lusit. tom. 3. p. 142. (3) Corogras. Port. tom. 3. p. 20. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom 3. p. 18. (5) Idem tom. 1. p. 58. Depois d'esta noticia achei na Relação da jornada que fez o Conde de Villa Maior a Alemanha, escrita pelo P. Fonseca p. 444 que se venerão em Colonia todas as tres cabeças dos Santos Reis Magos. O mesmo diz o P. Pedro Correa. (6) Alegambe apud. Cardos. Agiol. Lusit. tom 1. p. 469. Carvalh. Corogr. Port. tom. 1. p. 422.

nho: da tunica de Christo: da vestidura que lhe vestiram em casa de Pilatos: da corda com que o ataram: do pão da mesa, em que deu de cear a seus discipulos: do santo Sudario; do berço em que nasceu: da pedra sobre a qual choron á vista de Jerusalem: da pedra da columna em que o ataram para o flagellarem: da pedra do sepulchro: da beatilha de Maria Santissima: da cera que offereceu no templo em dia da Purificação: pedra da casa em que S. João Evangelista costumava dizer Missa: reliquias de S. João Baptista, e de outros muitos santos apostolos, martyres, confessores, e virgens: as quaes reliquias foram achadas por um caso milagroso, que extensamente se conta na Chronica da provincia da Piedade. (1) Aqui mesmo, e no convento do Carmo se veneram reliquias de Santo Alberto, e dous dedos de S. Cosme, e S. Damião com outras muitas mais reliquias insignes de outros santos. (2)

Villa Viçosa. No mosteiro das Chagas existem os veneraveis corpos de tres santos martyres, a saber, Santo, Hilario, S. Clemente, e Santo Anastacio, offerta do arcebispo de Evora D. Joseph de Mello, que os adquiriu em Roma. (3) Aqui mesmo n'esta villa, e na capella Ducal se conserva o corpo de S. Gandulfo, que outros chamam Goldrofe, que alcançou em Alemanha o senhor D. Duarte pelos annos de 1638.

Villar de Frades. No convento de S. Salvador de conegos seculares de S. João Evangelista se venera um retalho do manto de nossa Senhora, que é de pano de côr azul, além de outras reliquias, entre as quaes tambem se guarda o proprio calix, e patena, com que S. Giraldo arcebispo de Braga dizia missa. (4)

Viseu. Na cathedral entre outras reliquias se venera um braço de S. Theotonio.

Ainda que não vem em seu lugar proprio, vem todavia a tempo a memoria seguinte:

Em Lisboa, na igreja de Nossa Senhora do Loreto, paroquia famosa da nação italiana, se conserva o corpo de S. Justino martyr com toda a veneração.

No convento de Nossa Senhora da Porciuncula de capuchinhos italianos se venera no polido altar mór o corpo de S. Benigno martyr, dadiva do excellentissimo Nuncio Cavalieri: e na sacristia da mesma igreja se conserva a cabeça inteira com todos os seus dentes do glorioso, e invicto martyr S. Maximo.

No real convento de S. Vicente de Fóra existem as reliquias seguintes: cabeça de um dos cinco Santos martyres de Marrocos: cabeça de uma das companheiras de Santa Ursula; uma grande reliquia de S. Sebastião: uma cana do braço de S. Theotonio: um dedo de Santo Agostinho; reliquias de S. Vicente martyr: cabeça de Santa Margarida: re-

(1) Monfort. liv. 3. c. 22. (2) Sá, Momor. do Carm. part. 1. p. 244. (3) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 530. e tom. 2. p. 56. e 189 (4) Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. p. 25. e 378.

liquias de Santa Catharina Virgem, e martyr. Santa Ursula, S. Roque, S. Gregorio Magno, Santo Agapito, S. Pedro de Arbues: leite de Nossa Senhora: uma cruz de prata com dous grandes pedaços do Santo lenho: o corpo de um Santo, cujo nome se ignora: e outras muitas reliquias.

De outras varias reliquias poderamos fazer memoria, se escreveramos unicamente d'ellas, d onde não estranhará o leitor, se vir que passamos algumas em silencio.

CAPITULO VII

Das imagens milagrosas

A veneração, e culto das sagradas imagens é tão antigo em Portugal como a mesma religião. Logo que o Apostolo Santiago a estabeleceu n'este reino, edificou altar á Mãi de Deus em Braga. (1) Foi continuando o culto com singularissimo zelo, como se prova do Canon 36 do Concilio Eliberitano. Sobreveio a invasão dos mouros, com os quaes vendo os afflictos christãos a irreverencia, e ultraje, a que se expunham as santas imagens, imitando aos sacerdotes antigos na destruição do Templo de Jerusalem, trataram de occultal-as, como melhor poderam, assim como aquelles tinham escondido em um poço profundo o fogo sacro: até que permittindo Deus serenasse aquella turbulenta perseguição dos barbaros, expulsos elles do reino, se foram descubrindo pouco a pouco a maior parte d'estas imagens com particulares maravilhas. (2)

Não é para despresar a reflexão, que devemos fazer no especial favor, com que Deus Senhor nosso por sua immensa bondade, e por meio das suas venerandas imagens, e dos seus santos assiste benigno a este reino, trazendo-as a elle por meios tão exquisitos, e conservando tantas, que com os frequentes milagres que obram, não só nos corroboram na devoção, mas nos servem de refugio para nos valermos do seu patrocinio em nossas urgentes necessidades. (3)

§ I

Imagens de Christo Senhor nosso

Em Matosinhos, lugar maritimo distante uma legua da cidade do Porto, é venerada a devota, e respeitosa imagem chamada do Santo Christo de Bouças. Esta imagem é a mais antiga que ha em Portugal, e dizem ser feita pelo nobre decurião Nicodemus, discipulo de Christo, e achada milagrosamente por uns pescadores toda coberta de limos no si-

(1) Macedo nas Flor. de Hesp. c. 9. excel. 5. (2) 2. Machab. 1. 2. Paralipom. 7.
(3) Concil. Trid. sess. 25. de Sacr. Imagin.

tio do Espinheiro, onde a expulsaram as ondas. O vulto será pouco maior que a imagem do Senhor Jesus, que está na igreja de S. Domingos de Lisboa: tem nove palmos de alto, e oito de braço a braço: o veneravel rosto levantado: dos olhos o direito está fechado para a terra, e o esquerdo aberto para o Ceo. Sem ter musculos, veias, ou feições polidas, não ha imagem mais perfeita, nem mais excellente. Causa nos que empregam n'ella a vista um reverencial temor, e quasi sobrenatural compunção. É o asylo, e refugio dos moradores do Porto, que cada dia experimentam por meio d'esta Santa imagem infinitas misericordias de Deus. (1)

Na villa de Barcellos é reverenciada uma Santa imagem de Christo com a cruz ás costas, a qual no anno de 1505 foi achada nas praias de Biscaya, e trazida para o sitio, onde hoje está, com grande decencia, e ornato, fazendo logo o primeiro milagre na sua collocação na capella de Santa Cruz, porque entrou pela porta da ermida com facilidade, sendo a imagem grande, e a porta pequena. Em circuito d'esta ermida se vê cada anno o celeberrimo prodigio da apparição das Cruzes nos dias 3 de Maio, e 14 de Setembro, e algumas vezes pela quaresma, porque no espaçoso rocio, que cerca a igreja, sendo o terreno de cor barrenta, apparecem por estes tempos varias cruzes cinzentas, ou a sombra d'ellas, uns annos em maior numero, outros em menor; umas grandes, outras pequenas: e não apparecem só na superficie da terra, mas tanto se profunda aquella sombra, que por mais que se cave, sempre se encontra a mesma cruz. Passado o dia desapparecem, ficando o terreno da mesma fórma. Em 20 de Maio de 1730 foi notavel o grande numero de cruzes, com que se alcatifou aquelle terreiro. (2)

Em Santarem no convento de religiosos Benedictinos se adora com especial culto uma devotissima, e milagrosa imagem de Jesus Christo crucificado com os braços despregados, estendido o direito, offerecida a mão, e curvado o santissimo corpo na mesma postura, com que testemunhou ha tantos seculos a verdade de uma afflicta pastora, que com lagrimas, e verdadeira fé lhe pedia justificasse na presença dos ministros da justiça o seu requerimento, como irrefragavel testemunha, que havia sido dos esponsaes, que lhe fizera certo moço. Os summus pontifices tem concedido muitas indulgencias aos Confrades, que ha n'aquelle convento em obsequio da mesma imagem, de que ha summario impresso no anno de 1739 na officina de Miguel Rodrigues. (3)

Na mesma villa no convento Dominicano ha outra devota imagem

(1) Cunha, Catalog. dos Bispos do Porto part. 2. c. 45. Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. num. 182. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 615. Corograf. Portug. tom. 1. p. 361. Fernandes, Alma instruida tom. 2. p. 792. (2) Cunha, Histor. Eccles. de Braga p. 2. c. 55. Faria no Epitom. part. 4. c. 17. Severim, Promptuar. espirit. p. 89. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 58. Nobiliarq. Port. c. 9. Corogr. Port. tom. 1. pag. 298. (3) Faria na Europ. Port. Mariz no especial tratad. deste milagre. Benedict. Lusit. tom. 2. p. 367. Vasconcel. na Histor. de Santar. tom 2. liv. 1. c. 8. Jardim de Port. p. 559. Corog Port. tom. 3. p. 215.

de Christo crucificado com o titulo do Senhor dos Afflictos, ao qual dizem, que lhe crescem os cabellos da barba, e as unhas dos pés, e que fallara a um noviço, que queria deixar a religião, de cujas vozes atemorizado permaneceu, e n'ella acabou santamente. (1) Tambem no convento de S. Francisco da propria villa, logo á entrada da porta principal, á mão esquerda, se venera uma devotissima imagem de um crucifixo, que mandou fazer el-rei D. João I pela sua propria estatura, e d'elle ha milagres authenticos. (2)

Venera-se no convento franciscano da villa de Balhelhas, ou Valhelhas, tres leguas distante da cidade da Guarda, a milagrosa imagem do Bom Jesus, em cuja capella se vê pendurada uma taboa, que relata a historia do seu prodigioso apparecimento no anno de 1502 por um piedoso pastor, o qual observando, que o seu gado se detinha demasiadamente em uma lapa, querendo desvial-o, ouviu uma voz, que o chamava pelo seu nome, e caminhando para aquella parte, foi dar com a santa imagem de magestoso aspecto (3)

Em uma ermida de S. Nicolão da cidade do Porto é venerado um santo crucifixo com grande devoção, porque nas publicas necessidades de sol, ou chuva tem obrado evidentes maravilhas, levando-o em procissão da ermida para a Sé; e quando o restituem, é com igual concurso de gente. (4) N'esta mesma cidade tem os religiosos Dominicanos no seu convento uma devota imagem de Christo crucificado, pela qual o mesmo Senhor obra muitos milagres, e com especialidade por meio de uma toalha, chamada toalha de Jesus, por onde tem conseguido saude muitos enfermos. (5)

Adorna ao regio convento de Santa Cruz de Coimbra um santo crucifixo, que está em uma capella da sacristia, para onde veio do antigo mosteiro das Donas, o qual respondeu á beata Feliciana por despacho de uma injusta petição aquellas palavras, que já o mesmo Senhor tinha dito á mãi dos filhos de Zebedeu: *Nescitis quid petatis.* (6)

De igual respeito, e devoção é uma imagem de Christo crucificado, que se venera em Guimarães na capella de Nossa Senhora da Consolação do Campo da Feira, cujo devoto rosto se julga foi obrado pelas mãos dos Anjos. (7) Tambem no concelho de Felgueiras, e freguezia de Santiago de Sandim existe um devoto crucifixo, que dizem fora do famoso Egas Moniz. (8) E na vigairaria de Santa Vaya de Tonois, termo de Braga, ha a milagrosa imagem do Bom Jesus do Monte, não só visitada de grande numero de romeiros, mas festejada sumptuosamente. (9) Não o é menos o Santo Christo de Cabeça boa, que é uma imagem

(1) Historia de Santarem tom. 2. p. 55. (2) Ibid. p. 190. (3) Cardos. Agiol. Lusit. tom 3 p. 583. e 591. (4) Cunha, Catalog. dos Bisp. do Port. part. 2. c. 12. (5) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Port. p. 185 Bullar. Dominic. tom. 3. p. 284. onde vem um Breve sobre a decisão de pertence esta santa imagem ao convento de S. Domingos depois do anno de 1719. (6) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 348. e tom. 3. p. 625. (7) Corograf. Port. tom. 1. p. 68. (8) Ibid. p. 121. (9) Ibid. pag. 185.

mui milagrosa, que se venera fóra dos muros da cidade de Bragança. (1)

Faz bastantemente respeitavel ao convento de S. Francisco de Chaves um santo crucifixo de grandeza, e proporção natural, cujo aspecto infunde sacro terror, e provoca a devoção: é mui visitado com frequentes romarias, e tido por milagroso. (2)

Ennobrece não póuco a villa de Alemquer outra santa imagem de Christo crucificado, que muitas vezes fallou ao santo fr. Zacharias, a qual se guarda no convento de S. Francisco no cruzeiro da igreja em sacrario fechado, que não se abre senão nas sestas feiras da quaresma, e em 3 de Maio. (3)

Na grandiosa igreja da Misericordia da villa de Aveiro é venerada a imagem de Christo com o titulo de *Ecce Homo*, de estatura natural, e tão perfeita na proporção symmetrica de todas as suas partes, que é suspensão dos artifices, e attractivo da devoção: no reino dizem que não ha outra semelhante. (4)

Com especial favor coube maior numero de santas imagens de Christo Senhor nosso a esta famosa cidade de Lisboa, porque no mosteiro do Salvador de religiosas Dominicas existe com grande veneração uma antiquissima imagem do santo crucifixo achada n'aquelle sitio entre umas espessas matas logo nos principios, que o santo rei D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos mouros. Foi descuberta por um nobre cavalleiro, o qual ao pé da cruz, em que a imagem pendia, achou um altar de cera, que as abelhas prodigiosamente haviam fabricado. (5)

Illustrava muito ao famoso templo de S. Domingos a antiga, e respeitavel imagem do Senhor Jesus crucificado, em cujo lado de tempo immemorial estava continuamente exposto o Santissimo Sacramento. A ella recorria o devoto povo lisbonense nas suas urgentes necessidades certo da sua infallivel clemencia.

Na igreja de Santa Barbara do Castello se adora um santo Christo de vulto pouco menor que a estatura natural, e ha tradição que fallava muitas vezes com a rainha Santa Isabel. Porem entre as imagens de Christo notaveis, que ha em Lisboa, goza o religiosissimo convento da Graça de duas mui respeitaveis: uma é o santo crucifixo, o qual dizem fora trazido ao veneravel padre Montoya pelos Anjos, e é tradição antiquissima, que muitas vezes se ouvia estar fallando com o dito padre; a outra imagem é o Senhor Jesus dos Passos, que tem feito grandes prodigios. Succedeu na sua compra um mysterio memoravel; porque andando o grande servo de Deus Luiz Alvares de Andrade com o piedoso intento de estabelecer n'esta corte pelos annos de 1587 a devoção dos

(1) Corog. Port., p. 196. (2) Monforte, Chronic. da Pied. liv. 2. c. 10. (3) Esperança, Histor. Seraf. part. 1. c. 16. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 61 e 625. (4) Corogr. Port. tom. 2. p. 101. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 61. Corogr. Port. tom. 3. p. 385. Sousa Histor de S. Dom. part. 2. Anjos, Jardim de Port. n. 89. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 45.

Passos, como com effeito estabeleceu, veio a sua casa um estrangeiro, que trazia varias cabeças de imagens para vender, e entre ellas a devotissima do Senhor Jesus, a qual comprou o dito devoto por tres cruzados, preço com que alguns contemplativos querem que fosse vendido o divino original. É tida esta imagem por uma das de maior veneração, que tem esta côrte, e assim é servida com uma grandiosa irmandade, em que entra a maior parte da nobreza. (1)

Adorava-se no convento do Carmo a imagem do Santo Christo captivo, porque o esteve em Argel. No seu resgate concorreram circumstancias prodigiosas, que o faziam mais veneravel. (2) Aqui mesmo em uma capella dos claustros estava collocada a sagrada imagem do Senhor Jesus dos Agonizados, que veio do convento de Moura, onde é constante fallara a um religioso leigo, e que tinha obrado innumeraveis prodigios.

Em S. Francisco de Xabregas em uma nave da igreja para a parte da sacristia está collocada em uma capella a devotissima imagem com o titulo do Senhor Jesus do Bom despacho, com a qual é tradição, que corria a Via-Sacra o veneravel padre fr. Antonio das Chagas, assistindo ainda n'este convento. D'esta santa imagem foi devotissimo o servo de Deus fr. Joseph de Santa Anna, religioso do mesmo convento, que morreu com opinião de virtude.

Enriquecia o convento da Santissima Trindade a imagem do santo crucifixo, que no anno de 1140 estando no coro, e cahindo este a tempo, que por baixo passavam dois religiosos, ficando ambos opprimidos da ruina, de tal fórma os amparou o crucifixo, com quem se acharam abraçados, que elles não receberam damno algum; porem a imagem ficou com a nodoa de uma grande pizadura no peito. (3) Tambem aqui era venerada a imagem do Senhor Jesus do Resgate.

No mosteiro das Inglezinhas se venera um crucifixo chamado do Milagre: guarda-se na cella das abbadessas, da qual é levado ao coro em procissão todas as sestas feiras. Trouxe-o a madre soror Isabel Arte, a qual, quando residia em uma das cidades, que os hereges saquearam em tempo do scisma de Henrique VIII tirando-lhe um das mãos por força a tal imagem, com que a serva de Deus estava abraçada, e lançando-a em uma fogueira, ella com grande valor correu, e a tirou do meio das lavaredas sem lesão alguma, perdendo o fogo por então a sua actividade. (4)

O santo Christo da cruz Archiepiscopal da antiga Sé de Lisboa merece particular memoria, porque no dia da feliz acclamação d'el-rei D. João IV (escrevem os nossos historiadores) despregou o braço defronte da igreja de Santo Antonio com geral admiração de todos. De igual respeito são os veneraveis crucifixos, que se adoram, um no grande

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2 p. 469. (2) Pegas. Forens tom. 6. c. 164. n. 10. Corograf. Port. tom. 3. p. 472 Pereira, Chronic. dos Carmelit. tom. 1. (3) Corograf Portug. tom. 3. pag. 463. (4) Cardos. Agiol Lusit. tom. 3. pag. 819.

templo da misericordia, a que chamam o santo Christo dos padecentes, por ser levado diante d'elles até o lugar do supplicio; outro na freguezia de Santa Maria Magdalena, chamado o Senhor Jesus dos perdões, cujo cravo da mão direita, que por varias vezes tem deixado cahir prodigiosamente, se expõe todas as sestas feiras á publica veneração.

O senhor Jesus da Boa Morte, que se venera no sitio de Buenos Aires, e no convento dos Padres da Caridade, obra maravilhas notorias, não sendo menos prodigio conservar-se ha mais de oito annos um pé de feto, que nasceu no pedestal, em que assenta a cruz, que está fóra da igreja, pois estando encerrado onde não lhe entra sol, nem chuva, nem se lhe lança agua alguma, permanece fresco todavia ha tanto tempo, de que somos testemunha de vista: e alguns devotos pedem, e levam raminhos da tal herva, que pelo antigo contacto da cruz, e d'aquella imagem tem obrado alguns prodigios em febricitantes.

Não ha muitos tempos que o zeloso, e devoto irmão Antonio dos Santos resuscitando a sensivel memoria do ultruje, que o Senhor soffreu no roubo da sagrada pyxide da Eucharistia de Odivellas, e querendo justamente que n'aquelle mesmo sitio, em que foi achado o vaso, se reverenciasse a Deus, e se convertessem os despresos em adorações, arvoron um cruzeiro obrado pelas suas mãos em Novembro de 1744, a que deu o titulo do Senhor Jesus roubado, o qual faz tantos milagres, que hoje concorre alli já muita gente em romaria de varias partes.

É tida em grande veneração na igreja de S. Roque uma imagem de Christo retratada conforme a visão, que teve a veneravel Marina de Escobar. N'ella se vê uma modesta formosura de rosto, proporção do corpo admiravel, e um ornato de vestidos, que por novidade são dignos de referir-se. Primeiramente se vê no braço mais junto á mão camiza de linho de cor branca, e depois se vê mais recolhida a manga justa no pulso do braço de cor entre vermelha, e roxa, que é a tunica inconsutil, a qual cor se vê tambem na imagem, que se nos propõe pintada por S. Lucas. Segue-se logo uma vestidura a modo de toga usada entre os romanos, ou pallio entre os gregos, com a manga larga, e demais corpo; a cor é violada, e se aperta com um cingidouro da mesma cor. Ultimamente o manto é de cor não totalmente preta, mas tem alguma semelhança com a toga: no mais é segundo o modo dos hebreos graves, e honestos. Tambem se lhe divisam alparcas, que era calçado muito usado entre os hebreos. (1)

Este quadro deu a condessa de Sortelha, que trouxe de Castella, e tem feito alguns milagres applicado a doentes, que já estavam desconfiados dos medicos. Hoje se vê collocado por cima da porta interior da capella chamada da communidade em um dos dormitorios d'esta casa, que nós vimos, e observamos miudamente, e achamos ser conforme ao

(1) Fernandes, Alma instruid. tom. 2. p. 734

que nos diz o padre Manoel Fernandes allegado. Tambem no convento de Carmelitas descalços de Aveiro existe um retrato proprio de Christo Senhor nosso, que foi tirado de Amiralda, e o enviou de presente o Grão Turco ao papa Innocencio VIII para effeito de lhe resgatar um irmão seu, que tinha cativo. (1) Em uma exacta noticia, que dos conventos da santa provincia dos Algarves da regular observancia nos communicou o M. R. P. fr. Jeronymo de Belem, achamos, que no convento da Conceição de Castello de Vide existe uma preciosa lamina de cobre com a vera effigie de Christo Senhor nosso metida em uma vidraça com um letreiro por fóra, que diz ser tirado de Amiralda pelo Grão turco, e mandado de presente ao papa Innocencio VIII para effeito de lhe resgatar um irmão, que tinha cativo. D'esta sorte não sabemos qual d'estes dois retratos é o verdadeiro, que se mandou ao pontifice, porque pela identidade dos letreiros se conhece, que algum d'alles é copia.

Modernamente é mui frequentada a imagem do Senhor Jesus da Pedra nos arrabaldes da villa de Obidos, muito milagrosa; e é tanta a concorrencia da gente, que só de esmolas se lhe erigiu uma sumptuosa igreja de cantaria, que importou quasi duzentos mil cruzados, em cuja magnificencia logra a maior parte a liberalissima piedade, e devoção do nosso inclyto monarca D. João V. Foi este templo em Maio de 1747 bento pelo excellentissimo arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa. Tambem em Villa Franca de Xira se renovou no anno de 1745 a devoção dos lieis com os prodigios do Senhor dos Incuraveis, imagem composta de um certo genero de pasta, ou papelão conglutinado, que se venera junto da Misericordia da dita villa, sendo alli mui frequentes as romarias, e visitas do povo devoto.

Conservava-nos ainda outras santas imagens em Lisboa, de que não é justo esquecermo-nos. Com especialidade na freguezia de S. Mamede existia a devotissima imagem de Christo crucificado, que obrava continuos prodigios. Na freguezia de Santa Justa a veneravel imagem do Senhor Jesus atado á columna, que ainda existe, e é de summo respeito. Na igreja da Conceição dos Freires da Ordem de Christo a devotissima imagem, que se adorava na segunda capella á mão esquerda entrando pela igreja. No convento de Agostinhos descalços da Boa-Hora o Senhor Jesus de Tangere, que era frequentado de muitos devotos pelos milagres, que experimentavam da efficacia das suas supplicas.

Além d'estas imagens ha outros muitos santos crucifixos pelo reino de grande devoção, a saber: o da freguezia do Salvador de Torres Novas, o do convento dos Agostinhos de Torres Vedras, o Senhor Jesus da Carnota, o santo crucifixo de Povares, o do convento de Santa Cruz de Lamego, o de Soure, o de Mação, o de Chacim, o de Algoso, o de Oiteiro, o de Alvor, o de Moncarapacho no Algarve, o de Vianna, o de Va-

(1) Corogr. Port. tom 2 pag 166.

lença, o de Setubal chamado senhor do Bom Fim, o da freguezia de S. Martinho de Lordelo, chamado o Santo Christo da Ajuda, o que está junto da villa de Ferreira de Aves com o titulo do Senhor da Fraga muito milagroso, e de grande veneração pela muita gente, que alli concorre em ramaria de todo o bispado de Vizeu attrahidos não só das maravilhas do Senhor, mas tambem da virtude da agua de uma fertil fonte, que alli ha poucos tempos brotou. No mesmo bispado é celebre, e mui visitado um santo crucifixo, que haverá seis annos appareceu milagrosamente, e existe na igreja de Ribafeita.

Outras imagens de Christo menino se conservam, e adoram em nosso reino com grande devoção. Em Santarem no convento Dominicano é famosissima a do Menino Jesus dos milagres, não só pela continuada maravilha de crescer evidentemente, mas pelo authenticado prodigio de vir muitas tardes merendar com dois meninos nos degrãos do altar, que com santa, e pura sinceridade o convidavam, voltando elle outra vez a collocar-se nos braços da imagem de sua Santissima Mãi. Recompensou-lhes depois este convite, e a seu feliz mestre o beato fr. Bernardo de Merlans, sacristão da mesma igreja, com o eterno banquete da Bemaventurança, determinando-lhes o dia, que foi o da admiravel Ascensão do Senhor, em que foram achados todos tres no mesmo altar, o mestre paramentado com vestes sacerdotaes, e os meninos discipulos, que lhe serviam de acolytos, todos de joelhos, com as mãos, e olhos erguidos ao Ceo, em cuja postura expiraram. Guardam-se ainda hoje suas santas reliquias, e á prodigiosa imagem se faz todos os annos solemne festa. (1)

Em Evora no mosteiro Agostiniano de Santa Monica é venerada outra imagem do Menino Jesus ha muitos annos, a qual pelos seus estupendos milagres, que principiou a manifestar pelos annos de 1570, quer o mestre Anjos que se propagasse em Portugal a grande devoção, que n'elle ha do Menino Deus. (2)

Em Lisboa gozamos a milagrosa imagem do Menino Jesus no recolhimento do Menino Deus de Mantellatas, ou Beatas da terceira Ordem de Xabregas, cujos prodigios são bem notorios n'esta côrte. (3) No mosteiro do Salvador ha outra imagem de Christo Menino com o titulo de Rei Salvador tambem muito milagrosa.

Em Setubal no mosteiro de Jesus situado fóra dos muros é tambem venerada outra imagem do Menino Jesus, que se chama dos milagres pelos muitos, que tem feito quasi em todo este reino.

(1) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 61. (2) Fr. Luiz dos Anjos no Jard. de Port. n. 115. Purific. Chronol. Monast. p. 61. Fonsec. Evora glorios. n. 690. (3) Corogr. Port. tom 3. p. 333.

§ II

Imagens de Maria Santissima

Nossa Senhora dos Açores é venerada na villa do seu mesmo nome. Esta imagem é muito antiga, e milagrosa ainda em tempo dos godos, fazendo a um rei d'aquelle seculo muitos prodigios, quaes foram dar-lhe um filho successor, resuscital-o depois de morto, e trazer-lhe á mão um falcão, que elle muito estimava. Reinando em Portugal D. Sancho I foi esta Senhora a causa de conseguir el-rei uma famosa victoria contra el-rei de Leão, fazendo a maravilha, de que sendo já sol posto quando começou a batalha, e durando o conflicto algumas horas, não se experimentou falta de claridade para acabar de vencer, vendo-se na Lua, e nas estrellas reproduzida verdadeiramente maior luz, e resplandor, que o ordinario; e, como esta maravilha foi visivelmente alcançada por intercessão da Senhora, que el-rei, e o exercito implorou, fizeram voto de ir todos os annos á igreja celebrar obsequiosos o favor recebido. De facto ainda o cumprem a villa de Trancoso, e os concelhos de Algodres, e Fornos na primeira oitava do Espirito Santo; a villa de Linhares na terceira oitava; a villa de Celorico a 3 de Maio: e a cidade da Guarda na primeira oitava da Paschoa. (1)

Nossa Senhora da Alagoa, que se venera na freguezia de Argomil, termo da villa de Jarmello, duas leguas distante da cidade da Guarda, é imagem, que appareceu a uma pastorinha, e obra tantos prodigios, especialmente nos que padecem o achaque de gota coral, e gota podagra, que é a sua igreja um dos mais frequentados santuarios de toda a provincia da Beira. (2)

Nossa Senhora da Ameixoeira, duas leguas distante de Alemquer, imagem que antes da invasão dos mouros já era milagrosa, e servida por uns devotos anacoretas, que viviam n'aquelle mesmo sitio, ao qual se dignou honrar a Mãi de Deus, descendo corporalmente a visital-o, e imprimindo para memoria eterna d'este prodigio uma das suas sagradas plantas em uma pedra, que ainda hoje se conserva. Foi achada esta imagem pelo veneravel fr. Sociro Gomes, religioso Dominicano. (3)

Nossa Senhora da Arrabida. Esta santa imagem, que existe na serra do mesmo nome, na comarca de Setubal, e termo de Cezimbra, fugio (digamos assim) de uma náo ingleza, em que a trazia o capellão d'ella chamado Haldebrant, em uma noite de tanta tormenta na altura de Lisboa, que se não fora a mesma Senhora, que alluminou a náo com um prodigioso resplandor, certamente ficaria submergida das ondas. Socegada a tempestade, e examinando no outro dia os navegantes o sitio d'aquella luz, acharam a imagem da Senhora n'elle, de que admirados,

(1) Monarq. Lusit. liv. 12. c. 5. Santuar. Mar. tom. 3. p. 31. (2) Ibid. pag. 41. (3) Sousa Chronic. de S. Doming. p. 1. c. liv. 1. cap. 12. Monarq. Lusit. part. 4. Agiol. Lusit. tom. 2. part. 132.

e agradecidos, conjecturando ser aquelle lugar escolhido pela mãi de Deus para n'elle a venerarem, com esmolas lhe fizeram uma ermida, ficando o padre Haldebrant por seu capellão. (1)

Nossa Senhora da Atalaya. Venera-se em uma formosa ermida meia legua afastada da villa de Aldea Galega da outra parte do Tejo. Apparece esta Senhora em cima de uma aroeira, cujas folhas depois produziam certa especie de balsamo, ou rezina cheirosa, que era remedio admiravel para as sezões, de que usavam os devotos da Senhora. Entre o grande numero de milagres, que esta santa imagem tem feito, foi celebre o que aconteceu em tempo d'el-rei D. Filippe I, o qual mandando cortar alguns pinheiros, que povoam o largo campo, ou rocio d'aquelle terreno, para fabrica de algumas embarcações, todos os que tinham sinal para o córte, ao outra dia estavam tão retrocidos, que por incapazes não só se deixaram, mas todos os mais, percebendo-se com espanto o prodigio: assim se conservam ainda alguns, que nós vimos, quando fomos visitar no anno de 1736 este santuario mui frequentado de gente não só do Alemtejo, mas da Estremadura. (2)

Nossa Senhora da Barroquinha junto da villa da Castanheira. Manifestou-se no anno de 1658 no sitio de uma barroca, de que fez brotar uma fontezinha de agua, a qual sarava muitas enfermidades. É imagem de muita romaria. (3)

Nossa Senhora da Boa Viagem. Venera-se no convento de religiosos da provincia da Arrabida, duas leguas de Lisboa rio abaixo sobre as praias do mar, e é mui buscada da gente de Lisboa, e de todos os navegantes, que lhe fazem sua festa nas oitavas do Espirito Santo.

Nossa Senhora das Brotas, famoso santuario da provincia do Alemtejo. Existe no termo da villa das Aguias, sete leguas afastado de Evora para o Noroeste, entre dous montes altissimos: o templo é sumptuoso, e serve de paroquia: a imagem da Senhora não tem um palmo de altura: dizem que é feita pelas mãos dos anjos, e da canella da mão de uma vacca, que a Senhora resuscitara no anno de 1470 a supplicas de um pobre, e sincero lavrador. O certo é, que a imagem é milagrosissima, e que para a festejarem concorrem todos os annos em romaria desde a Pascoa até Setembro os moradores de dezasete villas. (4)

Nossa Senhora do Cabo, imagem de grande respeito, mas mui pequenina, com o menino Jesus nos braços, que existe no Cabo de Espichel. É muito milagrosa, e á sua igreja concorre muita gente em romaria, e lhe fazem grandiosas festas. (5)

Nossa Senhora do Capitulo do convento de S. Francisco de Alemquer. Em uma occasião declarou esta imagem a um noviço, que o lym-

(1) Idem tom. 1. p. 17. Purificaç. Chronic. da S. Agost. part. 2. liv. 4. tit. 5. § 2. (2) Santuar. Mariau tom. 2. p. 407. (3) Ibid. p. 6. (4) Vasconcel. in Descript. Lusit. p. 538. Santuar. Marian. tom. 6. p. 125. (5) Faria na Europ. Portug. tom. 1. part. 2. cap. 16.

no O' *gloriosa Domina etc.* era de seu maior agrado; e para credito d'este dito mudou o menino, que tinha no braço direito, para o esquerdo. Está dentro de um especial sacrario, em cujas portas da parte de fóra se vê pintado o milagre. (1)

Nossa Senhora de Carquere. É venerada esta Senhora tres leguas distante de Lamego, em cuja casa, e altar recebeu nosso primeiro rei aquella singular mercê de poder andar sem o defeito, com que nascera. (2)

Nossa Senhora do Carmo. Venera-se em Lisboa no convento de religiosos Carmelitanos: é imagem mui formosa, e em agradecimento dos beneficios, que d'ella recebeu o veneravel condestavel Nuno Alvares Pereira, lhe edificou magestoso templo, em que fosse servida, e adorada. (3)

Nossa Senhora da Conceição da ermida de Messejana, termo de Torres Vedras. É imagem muito milagrosa, e tem suado varias vezes com prodigiosas circunstancias. (4)

Nossa Senhora da Incarnação do convento de S. Jeronymo do Mato, duas leguas de Alemquer. Hoje está na casa do Capitulo, mas antigamente estava sobre o portico do alpendre da igreja. Sendo mui devoto d'esta Senhora o veneravel padre fr. Lourenço, confessor da rainha D. Leonor, succedeu morrer, e mandar-se enterrar no adro defronte d'aquella imagem, que tanto venerava: e passado algum tempo, da cabeceira da sepultura nasceu um mysterioso espinheiro, cujos ramos se estendiam em fórma de cruz, e em cada uma das folhas com distinctas letras se viam escritas estas palavras: *Rubum, quem viderat Moysés incombustum*, o qual durou até trasladarem d'alli o corpo d'aquelle veneravel religioso, de cujo tempo até agora cessou tambem aquella maravilha, da qual ha um instrumento authentico com muitas testemunhas, que se guarda no cartorio d'aquelle convento. (5)

Nossa Senhora dos Enfermos no Almargem do Bispo, cuja imagem pela sua escultura mostra antiguidade, e pelas circunstancias do seu apparecimento indica ser obrada por impulso superior. É venerada, e buscada de muita gente de Lisboa, e seus termos em continuas romarias. (6)

Nossa Senhora da Escada, ou da Purificação junto ao convento de S. Domingos de Lisboa. Era imagem antiquissima, e mui venerada d'el-rei D. Affonso III quando assistia nos paços dos Estáos. A mesma devoção tiveram el-rei D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. Manoel, D. João III, e outros principes. Sendo capellão d'esta Senhora o padre fr.

(1) Cunha, Histor. de Lisb. part. 2. cap. 27. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 179. e 513. Santuar. Marian. tom. 2. p. 335. (2) Monarq. Lusit. liv. 9. c. 6. Faria na Europ. Port tom. 3. c. 12. § 3. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 75. (3) Pereir. Chronic. do Carm. tom. 1. (4) Santuar. Marian. tom. 1. (5) Cunha, Catal. dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 96. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 383. Santuar. Marian. tom. 2. p. 331. (6) Ibid. tom. 7. p. 189.

Fernando do Cadaval, religioso de S. Domingos, descia dos braços da Senhora o Menino Jesus, e se punha sobre o altar para o abraçar, mercê que a Soberana Mãi de Deus lhe alcançava repetidas vezes em premio da grande devoção, com que aquelle religioso a servia, e amava. (1) O insigne padre Sebastião Barradas teve a felicidade de que esta Senhora lhe fallasse, dizendo-lhe, que entrasse na Companhia.

Nossa Senhora do Espinheiro junto a Evora, e existente no convento de monges Jeronymos, é imagem antiga, e muito milagrosa. Chama-se do Espinheiro, por apparecer a um pastor em cima de uma çarça perto da atalaia, que servia antigamente aos mouros de vigia. Por sua intercessão se viu prodigiosamente livre das masmorras africanas, e restituido á sua liberdade certo portugnez cativo, que sem saber como, entrou pela igreja dentro da Senhora, e lhe rendeu as graças de tão grande favor, pendurando para trofeo, a memoria d'aquelle milagre os mesmos grilhões do seu cativeiro. (2)

Nossa Senhora do Faro. Venera-se em uma ermida, que está sobre um monte fronteiro á villa de Valença. D'esta Senhora recebeu outro cativo de Argel ignal mercê, amanhecendo um dia á porta da igreja com o mesmo grilhão nos pés, o qual para memoria está pendurado na parede da capella mór. Além d'este obra continuamente outros muitos milagres, attrahida dos quaes concorre bastante gente a este santuario. (3)

Nossa Senhora da Flor da Rosa na villa do Crato, que alli appareceu milagrosamente, ordenando que se edificasse a igreja, em que é venerada. É imagem de rara formosura, e de soberana magestade. Concorre muita gente a veneral-a do Alemtejo, e Beira, e lhe fazem os devotos grandiosa festa na primeira sesta feira de Março. (4)

Nossa Senhora da Graça, que se adora em Lisboa no convento Augustiniano. Foi achada nas redes de uns pescadores da villa de Cascaes a tempo, que estando recolhendo o seu lanço, veio entre o mais peixe esta prodigiosa imagem sem a minima lesão, na escultura, ou colorido das roupas, obrando logo a estupenda maravilha, de que uma menina de peito, que no concurso da muita gente, que acudio a ver aquelle prodigio, se achava ao collo de sua mãi, articulasse vozes, dizendo: esta Senhora quer que a levem ao mosteiro dos seus frades. Á vista do que vieram todos em procissão, e a collocaram onde hoje se venera. Succedeu isto pelos annos de 1362, e sendo até então nomeado o convento de Santo Agostinho, d'alli por diante se começou a chamar Nossa Senhora da Graça. Tambem o grande Mathias de Albuquerque, estando na India, foi livre milagrosamente de que o pelouro de um arcabuz o não matasse, invocando esta Senhora. (1) Com o mesmo titulo de Senhora

(1) Sousa, Histor. de S. Dom. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 61. (2) Vasconcel. Descr. Lusit. p. 536. (3) Corogr. Port. tom. 1. pag. 275. (4) Santuar. Mariao. tom. 3. p. 416. Corograf. Portug. tom 3. p. 358. Santuar. Marian. tom. 1. p. 88.

da Graça se venera outra imagem na paroquial de S. Bartholomeu de Lisboa, que obra innumeraveis prodigios.

Nossa Senhora a Grande, ou de Betancourt. Venera-se na antiga Sé de Lisboa: é imagem de grande magestade, e respeito. No litigio, que a paroquia de S. Paulo teve com a cathedral sobre a posse em que estava de ser a sua igreja a primeira, onde se collocou a Senhora, e alcançando sentença contra o cabido, sendo a Senhora levada em procissão para a freguezia, no seguinte dia se achou a veneravel imagem outra vez na Se, onde ficou, e se adora presentemente, fazendo muitos milagres a quem recorre ao seu patrocinio com devoção. (1)

Nossa Senhora da Lapa. É um dos mais frequentados santuarios da provincia da Beira, e bispado de Viseu, existente em pouca distancia do lugar de Quintella. Foi achada no anno de 1408 por uma pastorinha chamada Joanna, que sendo muda, a Senhora lhe deu falla. A imagem é do tamanho de dois palmos, e se venera em igreja sujeita ao collegio que foi dos Padres da Companhia de Coimbra. A parte da epistola está a mesma lapa, onde a Senhora appareceu, formada de quatro pedras mui grandes, e de um natural, e exquisito artificio. Obra esta Senhora grandes prodigios, e se lhe fazem muitas festas, que começam desde o Espirito Santo até Outubro, a que concorre muita gente com offertas, não só de Portugal, mas de Castella. (2)

Nossa Senhora do Livramento. Venera-se no sitio de Alcantara na igreja dos religiosos Trinitarios. É imagem que, que infunde grande respeito, e que obra muitos prodigios.

Nossa Senhora da Luz do lugar de Carnide, termo de Lisboa, a qual entre os innumeraveis prodigios, que tem obrado, permanece ainda a memoria do extraordinario beneficio, que no anno de 1463 fez a um Pedro Martins, natural do sobredito lugar de Carnide, transferindo-o do cativeiro de Africa, em que estava afflicto, para a sua patria com as mesmas cadeas, as quaes por muitos annos se conservaram na igreja para memoria do admiravel milagre. (3) Outro semelhante se conta, que obrara Deus por intercessão da Senhora dos Covões da villa de Alvayazere.

Nossa Senhora Madre de Deus, imagem perfeitissima, e santuario de maior frequencia n'esta corte. Venera-se no mosteiro de religiosas Franciscanas, a que a milagrosa, e formosissima imagem deu o nome. A rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II fundadora do mosteiro, não sabendo a invocação, que lhe havia de impor, acaso lhe trouxeram certos estrangeiros esta imagem para feirar, pela qual pediam um altissimo preço. Irresoluta a rainha, os mandou ir ao outro dia; porém elles

(1) Ibid. p. 132. (2) Monarq. Lusit. liv. 7. c. 23. Vasconcel. na Descripç. de Port p. 538. n. 15. Anjos, Jardim de Port. n. 48. Telles, Chronic. da Companh. part. 2. liv. 5. c. 51. (3) Sortear. Marian. tom. 1. tit. 13. Cardoso, no Agiol. Lus t. tom. 2. p. 175. Fr. Roque de Soveral no Tratad. do Apparecimento desta Senhora.

não tornara a mais a apparecer. Então conheceu a princeza, que não sem mysterio permittia isto o Ceo, e mandou collocar a imagem no altar da sua capella, e desde então começou a chamar-se aquelle mosteiro da Madre de Deus. Faz esta Senhora innumeraveis maravilhas a quem se encomenda a ella: assim o testifica o continuo concurso de gente devota, especialmente nos sabbados, que vai á sua casa render-lhe as graças dos beneficios recebidos. (1)

Nossa Senhora da Nazareth, que se venera junto da Pederneira. Consta por tradição, que esta veneranda imagem fora obrada pelas mãos de S. Joseph na propria presença da Mãi de Deus, e encarnada por S. Lucas, e que da cidade de Nazareth a trouxera um monge grego chamado Syriaco, em tempo que se lhe levantou nas partes do Oriente uma heresia contra a veneração das imagens: e como esta era estimavel, e resplandecia em milagres, o tal monge a deu a S. Jeronymo, e este a enviou a Santo Agostinho, que estava em Africa, e era bispo de Hipponia, o qual a mandou para o mosteiro de eremitas de Santo Agostinho, que havia em distancia de duas leguas de Merida, chamada Cauliano, do qual a trouxe o monge romano na companhia d'el-rei D. Rodrigo, ultimo rei dos godos, para Portugal, e para o monte de S. Bartholomeu no anno de Christo de 714, em que aconteceu a perda geral de Hespanha. D'ahi a dias a trouxeram para o lugar junto da villa da Pederneira, onde esteve occulta 469 annos. Depois, sendo achada por D. Fuas Roupinho no anno 1182 succedeu, que andando á caça, arremeçando inconsideradamente o cavallo no alcance de um veado, que lhe fugia, e na realidade era ficção diabolica, indo já para cahir da ultima ponta de um grande despenhadeiro, invocando o nome da Virgem, foi livre do precipicio, e em remuneração lhe erigiu uma ermida, que depois el-rei D. Fernando mudou para melhorado sitio, ainda que em pouca distancia, no anno de 1377. A rainha D. Leonor accrescentou este templo. El-rei D. Manoel o cercou de alpendres; e no anno de 1600 se lhe fez o portico, e as escadas com bom gosto de architectura. A imagem da Senhora é de madeira, e ainda persevera com a mesma pintura, com que ha tantos seculos se pintou: está sentada com o Menino Jesus nos braços, e n'esta postura tem de alto quasi palmo e meio; mas concilia com extraordinario attractivo grande devoção: assim o experimentamos em Julho de 1742, quando visitamos este santuario. Os milagres que obra, são infinitos. O concurso da gente, que alli vai em romaria, não tem numero, principalmente da provincia da Estremadura, e no Verão, em cujo tempo ha dia, que se acham alli vinte mil pessoas, fazendo á Senhora festas grandiosas treze confrarias, em que se gastam muitos mil cruzados, parecendo pou-

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 371. Faria na Europ. tom. 3. p. 3. c. 11. Santuar. Marian. tom. 1. p. 122. O Author da Corografia Portuguez. tom. 3. p. 350. diz, que no Palacio contiguo á Freguezia de S. Bartholomeu de Lisboa apparecera esta devotissima imagem, sendo que a pag. 372. convem com o que temos dito.

co todo o dispendio, que os fieis gastam no culto d'esta devotissima imagem, a qual certamente tudo merece. (1)

Nossa Senhora das Necessidades. Com este titulo é venerada uma formosa imagem de Maria Santissima no sitio de Alcantara de Lisboa, por meio da qual obra Deus muitos milagres, sendo mui celebre o do azeite da sua alampada, que visivelmente cresceu tanto á vista de uma sua devota, que trasbordou, e correu até á porta da igreja. Muita gente concorre a ella, como a verdadeiro refugio das necessidades, e saude de enfermos, e muitos soberanos principes, e rainhas de Portugal lhe foram devotissimos: excedeu a todos nosso inclyto monarca D. João V, que na sua molestia a implorou efficazmente, mandando-lhe fabricar novo templo com todo o primor da arte, e excessos de grandeza. Era o seu affecto tão inseparavel d'esta Senhora, que, em quanto durou a dilatada doença de que morreu, a conservou sempre em seu palacio com regia decencia; e para qualquer parte que fosse, a levava em sua companhia.

Nossa Senhora da Oliveira. Esta imagem, que antes se venerava em Lisboa na rua dos Confeiteiros em um nicho, floreceu estes annos passados em tantos milagres, que era innumeravel a gente, que alli concorria: hoje enfraquecendo com o tempo a devoção, não é tanto o concurso do povo; mas a Senhora não cessa de favorecer a quem com fé, e affecto a busca nas suas tribulações. Maior permanencia tem tido a devoção dos fieis com a imagem da Senhora da Oliveira de Guimarães, onde são alli continuas as supplicas, e as maravilhas.

Nossa Senhora de Penha de França. Acha-se collocada esta Senhora em um formoso templo, e servida pelos religiosos de Santo Agostinho. Desde o anno de 1599 continua a camara, e o senado de Lisboa a execução de um voto que fez, de ir em procissão á casa d'esta Senhora na madrugada de 5 de Agosto, por applacar o contagio, que atribulava este povo. Os prodigios, que esta Senhora obra, se manifestam pelos muitos troféos, e memorias que se vem pendurados das paredes do templo, e do concurso da gente, que alli vai sempre sendo este sanctuario um dos famosos entre os de Lisboa. (2)

Nossa Senhora da Peninha. Fica no termo de Cintra uma legua de distancia no alto de uma eminente serra. Appareceu esta imagem a uma pastorinha muda, fazendo-lhe logo o milagre de lhe dar falla. Está collocada em uma formosa igreja, a que concorre muita gente em romaria, e obra muitos prodigios. (3)

Nossa Senhora da Piedade do convento dos Agostinhos Descalsos de Santarem. Entre os grandes, e innumeraveis milagres, que a Mãi de Deus tem obrado por meio d'esta sua santa imagem, foi famosissimo o

(1) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 33. Far. no Epitom. e p. 2ª c. 71. n. 6. § 2. Santuar. Marian. tom. 2. p. 143. Benedictin. Lusit. tom. 1. p. 433. Agiol. Lusit. tom. 1 p. 83, e tom. 2º pag. 287. Cunha, Histor. de Lisb. p. 1. c. 34. Manoel de Brito Alão em especial Tratad. desta Sagrada Imagem, que compoz no anno de 1624. (2) Vieir. tom. 1. Serm. 10. (3) Santuar. Marian. tom. 2. p. 53.

que succedeu a 22 de Maio de 1663; porque estando n'esse dia, que era sabbado, encommendando á Senhora algumas pessoas devotas o bom successo das nossas armas, e os grandes apertos, em que se via o reino com o inimigo de portas a dentro, senhor da cidade de Evora, viram o rosto da Senhora inflamado, e resplandecente, e o do Senhor muito mais inflado do que se costuma ver, a qual maravilha não revelaram logo a taes pessoas. Continuaram de tarde na sua oração, e viram o rosto da Virgem Senhora mais inclinado, e sahido para fóra do nicho, e a do Senhor ir levantando seu lastimado rosto para cima, divisando-se melhor a chaga do lado, que até então estava encuberta, e a cor do sangue, que era denegrida, mais rebicunda, movendo-se tambem seu sacrosanto corpo, de sorte, que ficou nos braços da Senhora muito mais levantado do que se via de antes, chegando-se os divinos rostos tanto um ao outro, que apenas cabe entre elles um dedo, sendo que até alli estavam tão afastados, que bem cabia uma mão travessa, deixando-se conhecer no gesto, fórma, postura, e cor das santas imagens uma notavel differença; e sendo estas de barro fragil, e quebradiço, ficaram sãs, e sem gretas, divisando-se n'ellas algumas cousas, que até áquella hora se não viam. Divulgada a maravilha, se fizeram processos authenticos, e começou a crescer a devoção da piedade christã, e a visitar este santuario com grande zelo, e fervor. (1)

Nossa Senhora do Porto Salvo. Esta santa imagem venera-se em uma formosa igreja distante de Lisboa tres leguas, e pouco menos de meia legua do lugar de Oeiras. Tem a gente maritima grande devoção com esta imagem, e nas tormentas a invocam com a experiencia de a acharem sempre propicia. Pelos rogos de uma mulher, que tinha seu filho cativo em Argel, lhe appareceu sem saber como, com o mesmo grilhão no pé, que para memoria existe pendurado na mesma igreja. (2)

Nossa Senhora do Rosario. No convento de S. Domingos de Lisboa era mui venerada a imagem d'esta Senhora, não só por ser de uma admiravel formosura, mas por alcançar de seu bento filho infinitos favores para com os seus devotos.

Nossa Senhora da Saude. Em Lisboa no bairro da Mouraria se venera esta Senhora em uma igreja do seu nome, que antes tinha sido de S. Sebastião, e se collocou n'ella pelos annos de 1569. O povo de Lisboa tem grande devoção com esta magestosa imagem, que evidentemente livrou esta cidade de um terrivel mal de peste, que padeceu no anno de 1560, e continuaria, se esta clementissima Senhora não quizesse assentir piedosa aos clamores do seu povo.

Nossa Senhora do Valle. Tambem é grande a devoção, que o povo de Lisboa tem com a imagem d'esta Senhora, que se venera no conven-

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 342. Santuar. Marian. tom. 2 p. 249. Hist. de Santar. tom. 2. p. 123. (2) Santuar. Marian. tom. 2. p. 19.

lo de Santo Eloy. Obra ella muitos prodigios, e dizem que tem m s'rado sinaes de lagrimas em seu magestoso rosto. (1)

§ III

Imagens de outros Santos

Santo Alberto. Na Igreja do convento carmelitano de Lisboa era venerada a imagem d'este glorioso santo, especialissimo advogado contra as febres Com esta grande fé concorre ainda hoje muita gente a 7 de Agosto a beber, e buscar agua, que em muitas vasilhas se benze, e se distribue para este fim na sobredita Igreja.

Santo Alcastor. No territorio da villa do Vimieiro ha uma notavel imagem em ermida propria do Martyr Santo Alcastor, esculpido em marmore, e descuberta no mesmo sitio no anno de 1562. Obra Deus por sua intercessão evidentes milagres nos queixosos de maleitas, e sezões, trazendo da dita imagem pendurada ao pescoço alguma lasca, a qual ao depois se lhe restitue. (2)

Santo Amaro. D'este santo temos no reino algumas imagens milagrosissimas, tal é a do termo da villa de Veiros, a do lugar de Bertelhe, bispado de Viseu, e a dos suburbios de Lisboa.

Santa Anna. E muito milagrosa a que se venera no convento do Carmo da villa de Moura. As mulheres com especialidade a buscam, quando tem necessidade de leite para criarem seus filhos, e ordinariamente conseguem o remedio. (3) Em Aveiro ha outra imagem d'esta esclarecida santa mui milagrosa, por cujos favores a villa a tomou por padroeira. (4)

Santo Antonio. Só no patriarcado de Lisboa existem mais de trezentas imagens d'este gloriosissimo santo nosso patricio, como se póde ver no oratorio de santo Antonio, que compoz o incansavel, e apostolico varão fr. João de Nossa Senhora. Por maravilhosa é tida a imagem chamada D'entre as vinhas, á vista de Punhete Está assentada, as mãos descançam sobre os joelhos, e os olhos elevados ao Ceu. Dizem que em tempo de necessidade salta do altar, sendo de pederneira, e vai acudir aos que o invocam intercessor, e muitas vezes torna orvalhado, ou empoado do caminho. (5) Não era menos maravilhosa a que se venerava na sacristia do convento de nossa Senhora do Carmo d'esta corte. Esta imagem, que tinha dous palmos de alto, e era de escultura antiga, foi aquella, que fugindo do oratorio, em que a tinha um seu devoto, e saltando no poço, veio depois preza na fateixa com um embrulho das pe-

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 290. S. Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. liv. 2. c. 20. p. 439. (2) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 627. (3) Chronic. do Carm. tom. 1. p. 201. (4) Coregraf. Port. tom. 2. p. 116. (5) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 680.

ças preciosas que lhe tinham roubado. (1) No convento de S. Francisco de Santarem existe outra imagem antiquissima d'este santo com as mãos juntas erguidas, e os olhos levantados para o Ceu: é muito milagrosa. (2) E não será menos outra qualquer d'este santo invocada com fé, pois para os Portuguezes é santo Antonio o conhecido, e geral refugio das tribulações, e advogado das cousas perdidas.

S. Bartholomeu. Em Santa Clara de Coimbra com especial devoção é venerada uma formosa imagem do apostolo S. Bartholomeu seu particular advogado, o qual notoriamente livrou este mosteiro do irremediavel mal da peste, em que ardia todo o terreno, porque, depois que as afflictas religiosas o tinham elegido n'aquella tribulação para seu patrono, nas sortes que tiraram para isso, apparecendo um pobre na portaria, (cujo disfarce se presumiu tomara o mesmo santo) este communicou á abbadessa D. Margarida de Menezes a Antifona *Stela Coeli*, escrita em um papel, para que se rezasse todos os dias, e que com o favor Divino ficariam livres do susto, como de facto ficaram, introduzindo d'alli por diante no mesmo mosteiro a sobredita abbadessa cantar-se sempre a tal antifona, e que o dia do santo fosse festejado, e se désse de comer aos pobres em abundancia. (3) Tambem junto aos muros de Evora ha um templo dedicado ao mesmo glorioso apostolo, por cuja imagem tem obrado Deus muitos milagres. (4)

S. Bento. Na villa do Alandroal se venera uma imagem d'este santo mui milagrosa. Tem livrado prodigiosamente aos moradores d'aquelles contornos em todas as occasiões, que houve peste no Alemtejo, e com especialidade no anno de 1600, onde se observou, que muitas pessoas feridas d'aquelle mal, recolhendo-se á dita villa, saravam. (5) Outra imagem do mesmo santo ha na serra de Pomares, quatro leguas distante de Evora, em cujo sitio, e freguezia nunca houve peste, nem mal contagioso, e sendo toda aquella serra cheia de viboras, que faziam muito damno á gente, e gado, depois que os moradores tomaram por padroeiro ao santo, (porque lhe cahiu seu nome em sorte, que para isso tiraram) não ha memoria, que d'alli por diante mordesse vibora a pessoa alguma. (6) Tambem no convento, e igreja de Villar de Conegos seculares de S. João Evangelista é venerada uma antiquissima imagem de S. Bento muito milagrosa, e como tal buscada da gente de toda a Provincia do Minho, á qual concorre muitas vezes em fórma de procissão com rogativas, a que chamam clamores, deprecando o seu patrocinio. (7) Não é menos milagrosa outra imagem d'este santo, que se venera no Couto de Feães do concelho de Valladares. (8)

S. Bernardino. Em toda a comarca de Chaves é venerada com

(1) Percir. Chronic. do Carmo tom. 1. p. 753. (2) Esper. Histor. Serafic. tom. 1. c. 23. Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 192. (3) Jardim de Portug. p. 330 Corograf. Portug. tom. 2. pag. 28. (4) Fonseca Evora glorios. n. 401. (5) Benedictin. Lusit. tom. 1. p. 435. (6) Ibid. p. 451. (7) Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. p. 398.
(8) Corograf. Port. tom. 1. p. 293.

summa devoção a imagem d'este santo, e em agradecimento dos muitos beneficios, que tem recebido os moradores d'aquella comarca, lhe edificaram uma ermida afastada da villa uma legua, onde o festejam todos os annos a 20 de Maio com grande pompa, e solemnidade. (1)

S. Caetano. Entre o copioso numero de imagens, que d'este santo venera a devoção dos Portuguezes, as que são visitadas com mais frequencia em razão, ou dos favores, ou dos milagres devidos á sua invocação, são estas: primeira a que existe em villa Ruiva no Alemtejo, que é a primeira imagem d'este santo, que entrou no reino quasi prodigiosamente, e se venera na igreja de nossa Senhora da Repreza, pintada em um quadro: segunda a de Porto de Mós no convento dos Agostinhos Descalços: terceira a de Linhares na collegiada de Nossa Senhora da Assumpção: quarta a que se venera na igreja de S. João de Longos Valles, arcebispado de Braga: quinta a que está collocada na igreja dos Capuchos de Torres Novas: sexta a da villa da Atalaya: setima a de Santa Clara do Porto; e outras, de que não temos por ora noticia. (2)

Santa Catharina de Sena. Venera se a imagem d'esta santa na igreja dos religiosos dominicanos de Santarem com muita devoção, pelos prodigios que obra. (3)

S. Cornelio. Perto da villa de Belmonte, bispado da Guarda, ha uma antiga ermida de S. Cornelio, em cujo sitio dizem, que estivera o santo desterrado, (4) sendo que outros escritores de critica mais exacta tem isto por historia, e tradição destituida de fundamento. (5) O certo é, que pela imagem do santo, que alli se venera, obra Deus muitos prodigios. Os devotos usam uma particularidade celebre, que parece irrisoria, e é, que os molestados de dores de cabeça, quando vão em romaria á dita ermida, levam por offerta ao santo uma ponta de boi, a qual deixam á porta da tal ermida, e logo alcançam saude. É tão antigo, e frequente este uso, que d'estas retrocidas offertas estão feitos grandes montes ao redor da igreja. D. Nuno de Noronha, Bispo da Guarda, pelos annos de 1600 quiz prohibir isso, e de facto mandou tirar aquellas armações da porta da Ermida, porém sobrevieram-lhe taes dores de cabeça, que advertido lhas mandou restituir ao proprio lugar: assim o diz o author do Agiologio Lusitano no lugar allegado: valha porém unicamente a verdade, a que sempre nos aggregamos.

No convento Arrabido de S. Cornelio dos Olivaes, legua e meia de Lisboa, tambem é venerada uma imagem d'este santo, e se tolera sinceramente uma especie d'aquella ceremonia de Belmonte, introduzida pelos devotos, que justamente reprova o padre Feijó. (6) O mesmo se observa em outra ermida de S. Cornelio, meia legua afastada de Evora.

(1) Monforte Chron. da Piedade liv. 2. c. 9. (2) Argote na Vida de S. Caet. p. 475. 3 Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 72. (4) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 338. Monarq. Lusitan. liv. 5. cap. 21. (5) Pereira Leal nas Memor dos Bisp. da Guarda p. 335. e segg. com outros muitos. (6) Feijo no Theatro Critic. tom. 7. disc. 8. n. 25. allegando ao Padre Casnedi na Crisis Theologica.

S. Domingos. No termo da villa de Alvayazere ha uma ermida d'este santo, cuja imagem de vulto é muito milagrosa, e por tal buscada, e visitada dos devotos, e é cousa certa, que ha n'ella uma pedra, da qual levam o pó, que raspando pódem colher para reliquias, e mesinha contra as febres. (1)

Tambem pouco distante da villa de Penamacor existe uma ermida do glorioso S. Domingos, por cuja imagem obra Deus muitos prodigios, entre os quaes é mui notavel o que se refere no tom. 1. do anno Historico pag. 182.

Santa Eufemia. As imagens d'esta santa mais frequentadas dos devotos em razão dos seus milagres, ou dos seus favores, são estas: uma, que existe no Lugar de Vouguinha, bispado de Viseu, mui visitada dos que padecem quebraduras, inchaços, e verrugas, outra no destricto da freguezia de S. Pedro de Penaferrim da villa de Cintra, a qual obra evidentes maravilhas.

S. Gonçalo. No adro da freguezia de S. Julião d'esta cidade de Lisboa na Ermida de Nossa Senhora da Oliveira era venerada uma imagem de S. Golçalo, e tida por milagrosa, e com o mesmo culto é visitada outra, que existe em Santarem no convento de S. Domingos. (2)

S. João Bautista. A veneravel imagem do Santo Precursor de Christo, que se adora em Campo-Maior, é tão milagrosa, que n'aquella villa, e Praça de Armas o tomou por padroeiro, e lhe erigio sumptuosa igreja no anno de 1520. Na villa de Abrantes ha tambem outra imagem do mesmo santo, de quem el-rei D. João I, foi devotissimo, e a quem deveu a victoria de Aljubarrota. (3) Na igreja de S. João de Longos Valles, que antigamente foi convento de Conegos Regrantes, e depois residencia dos Jesuitas, ha no Altar mór uma imagem de S. João Bautista, a que chamam da Gorra, por uma que tem na cabeça, á qual visitam todos d'aquelles contornos com grande devoção pelos muitos, e frequentes prodigios, que Deus obra pelas supplicas d'este santo. (4)

S. Jorge. Não é pequena a devoção, que os Portuguezes tem com o Senhor S. Jorge, pois o constituiram desde o anno de 1381, Defensor do reino, e Tutelar da Milicia Lusitana, costumando os soldados de então para cá invocal-o nas batalhas, para se animarem com o seu auxilio em valor contra os inimigos. Uma das suas imagens, que veneravamos, e se conservava em Lisboa no templo do Hospital Real, ia todos os annos na solemne Procissão de *Corpus Christi* a cavallo desde o anno de 1387, com tal postura, e brio, que representava um famoso general, armado de lança, e adarga, acompanhado de Alferes vestido de armas brancas, pagem da lança, e de uma pomposa comitiva de cavallos custosamente ajaezados, e os melhores das pessoas reaes. No anno de 1610, prohibio o arcebisbo de Lisboa D. Miguel de Castro, que por de-

(1) Sousa Histor. de S. Domin. part. 1. liv. 4. c. 7. (2) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p 74. (3) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 215. (4) Corograf. Port. tom. 1 p. 215.

cencia do Santissimo Sacramento não fossem os cavallos na procissão, porém o que levava sobre si a imagem do santo, chegando ao topo da Padaria, parou, e, como se ficara immovel, não foi possivel a quantas diligencias fizeram, que elle désse um só passo para diante. D'esta sorte empatada a procissão, recorreram ao prelado, o qual conhecendo que Deus se pagava d'esta pompa, mandou que fosse como de antes hia, e logo marchou o cavallo. Conta-se mais, que no domingo seguinte, administrando á Missa no seu altar o Mordomo, que fora causa d'esta novidade, cahindo-lhe ao santo a lança da mão, o feriu na cabeça. No anno de 1601, queimando-se a igreja do Hospital, ficou esta sagrada imagem intacta do fogo, porém com o incendio geral do anno de 1755, pereceu. Hoje existe outra na igreja do convento de S. Bento. É este santo especial patrono da cidade de Bragança, e os seus cidadãos vão todos os annos no seu dia inviolavelmente por voto, que lhe fizeram d'esde o anno de 879, á sua igreja, que fica meia legua da cidade, cantar-lhe missa, e festejal-o. O mesmo fazem os moradores do Lugar de Samil. (1)

S. Joseph. Na igreja do hospital da cidade de Tavira no Algarve se venera a imagem d'este glorioso patriarca, o qual tem feito muitos prodigios, e por varias vezes tem suado com abundancia em Domingo de Lazaro, quinta feira, e sabbado seguinte do anno de 1722; e na Quaresma seguinte tornou a repetir o mesmo, por cuja causa os moradores lhe tributam com devoção muitos obsequios.

S. Liborio. Venerava-se na igreja da congregação do oratorio d'esta corte uma imagem d'este santo advogado contra a dor de pedra, experimentando os devotos, que recorriam a esta imagem, conhecidas maravilhas em suas afflições.

S. Lourenço. Na villa da Ponte da Barca ha a freguezia de S. Lourenço de Tovedo, onde se tem por fé, que no dia d'este santo toda a pessoa, que entra primeiro n'esta igreja, fica livre de qualquer achaque, que padeça, e por isso é venerado com muita romagem, e procissões. (2)

Santa Luzia. A' vista da cidade de Viseu no alto de um monte, e na distancia de uma legua é venerada com frequencia de devotos uma imagem d'esta santa muito prodigiosa em milagres.

S. Macario. É mui frequentada de romagens a antiga, e devota imagem d'este santo, que se venera em uma ermida na freguezia de S. Martinho das Moitas, do concelho de Gafanhão, bispado de Viseu, pela qual obra Deus innumeraveis prodigios em todo o genero de enfermidades.

S. Mamede. Em Lisboa na freguezia de S. Mamede era venerada uma imagem d'este santo, com o qual tinham muita devoção as matro-

(1) Refere tudo Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 691. e Faria no Epitom. part. 3. c. 11. (2) Corogr. Port. tom. 1. p. 238.

nas lusitanas, pois tanto que se lhes secava o leite, com que criavam seus filhos, recorriam ao santo milagroso, e conseguiam a abundancia, que desejavam. Outra imagem milagrosa d'este santo ha no termo da villa de Bellas no sitiu da ribeira de aguas livres. (1)

Santa Maria Magdalena. Na freguezia de Cernache, termo da villa da Certã, se venera uma imagem d'esta collocada em lugar deserto, onde é buscada do povo attrahido dos grandes prodigios, que obra Deus pelos merecimentos d'esta santa. (2)

S. Miguel Archanjo. Foi sempre conhecido dos Portuguezes por Anjo Custodio d'este reino, depois que o invicto rei D. Affonso Henriques venceu com seu patrocinio a Albaraque nos campos de Santarem, e por isso lhe erigio copiosas capellas, assim na igreja de Alcaçova da dita villa, como nos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e Santa Maria de Alcobaça, onde suas santas imagens são veneradas, e milagrosas. (3)

S. Pedro Gonçalves. Em Lisboa no bairro chamado o Corpo Santo ha uma ermidinha, onde se venera uma imagem d'este santo, a que os homens maritimos chamam S. Telmo. Fazem-lhe grande festa em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, levando o santo debaixo do pallio em procissão com muita folia por varias hortas, e casas particulares de Lisboa, e é recebido pela communidade de S. Domingos com muito applauso, no claustro de cujo convento se lhe faz breve, porém vistoso obsequio. Recebem os navegantes d'este santo conhecidos favores, quando o invocam afflictos nas tempestades.

S. Pedro de Viracorça. Na villa de Monsanto na raiz do monte está uma ermida da invocação d'este santo, e dizem ser a primeira igreja, que se erigiu no mundo ao sagrado apostolo S. Pedro. É a imagem do santo, que alli se venera, muito milagrosa, e por isso frequentada de continuas romagens de gente devota de toda a provincia da Beira, e acham no santo remedio infallivel para o achaque de quebraduras. (4)

Santa Quiteria. É venerada no termo de Alenquer a antiquissima imagem d'esta santa, que faz incessantes milagres nos mordidos de cães danados, e ainda nos mesmos cães raivosos, dando-lhe a comer pão molhado no azeite da sua alampada. Esta imagem foi achada quasi milagrosamente por uns pastores. (5)

S. Roque. Junto á estrada, que está perto de Santo Antonio do Tojal, ha uma ermida de S. Roque, cuja imagem dizem, que appareceu n'aquelle sitio. É muito milagrosa, e a segunda d'este santo, que houve n'este reino Os habitadores d'aquellas visinhanças lhe chamam o seu medico, porque para todas as enfermidades acham remedio prompto na sua intercessão: e é cousa infallivel, que os meninos doentes de ozagre

(1) Corogr. Port. tom. 3. p. 52. (2) Fr. Lucas de S. Catharin. na Malta Portug. p. 255 (3) Agiol. Lusit. tom. 3 p. 126 . (4) Agiol. Lusit tom. 2. p. 331. (5) Idem tom. 3. 366.

chegando-os a lavar com a agua de um poço, que está junto da dita ermida, e em uma pia, que para este effeito se vê collocada na beira da estrada, ficam sãos, e livres d'aquella molestia.

S. Sebastião. Entre as muitas imagens, que ha no reino do glorioso Martyr S. Sebastião, é mais venerada por milagrosa a de Albufeira no Algarve, não sendo menos famosas a de Casevel em Campo de Ourique, a de Alcacer do Sal, a de villa de Rei, que quasi todos os annos sua no dia do santo, em quanto se canta o evangelho.

Santa Susana. A imagem d'esta santa, que está na Ermida de S. Braz no territorio de Palmella, onde se festeja nas oitavas da pascoa com grande concurso de gente, é muito milagrosa. Permanece alli viva a tradição do celebre prodigio, que esta santa obrara, transferindo áquelle sitio o conde Oliberto, que estava cativo em terra de Mouros, e atado com cadea de ferro a uma mó de pedra. (1) Já hoje não existe cousa alguma do que diz o Agiologio.

S. Tude, ou Antidio. Venera-se a imagem d'este santo no convento de conegos regrantes de Santo Agostinho de Lisboa, e ha mais de seiscentos annos com a mesma encarnação, e polimento, que trouxe de França. É imagem milagrosa, e as suas vestes sacerdotaes andam sempre por casa dos enfermos febricitantes, e opprimidos de tosse, com o contacto das quaes recebem conhecidas melhorias. (2)

Outras muitas imagens de santos ha pelo reino milagrosas, que a piedade Portugueza venera, de que nós presentemente não damos noticia, por não sermos demasiadamente importunos. Só advertimos, que muitas terras de Portugal em agradecimento de alguns beneficios tem escolhido para seus patronos differentes santos, que não confirma pouco a piedade, e religião catholica dos Portuguezes; taes são: Alemquer ao Beato Zacarias Minorita; Aveiro a Santa Anna; Beja a S. Sizenando Martyr: Braga a S. Giraldo, Bragança a S. Jorge Martyr, Campo-Maior a S. João Bautista, Coimbra a Santiago Apostolo, Elvas a S. Jorge, Evora a S. Manços, Guimarães a S. Damaso, e S. Gualter, Lamego a S. Sebastião, e S. Vicente, Leiria a S. Theotonio, Lisboa a S. Vicente, S. Sebastião, Santo Antonio, e Nossa Senhora da Conceição, Porto a S. Vicente, e S. Pantaleão, Santarem a Santa Iria, Thomar a S. Thomaz de Villa-Nova, Viseu a S. Theotonio. (3)

FIM DA TERCEIRA PARTE

(1) Agiolog. Lusitan. tom. 2 pag. 582. (2) Idem tom. 3. pag. 728. (3) Veja-se no Padre Antonio de Macedo no Tratado «Divi Tutelares orbis Christiani» pag. 10 e seguint.

MAPPA

DE

PORTUGAL

PARTE IV

CAPITULO I

Da origem, e progressos das letras, e universidades n'este reino

O amor, e propensão, que os portuguezes tiveram sempre á cultura das sciencias é antiquissimo. Alguns authores deduzem este genio estudioso desde o fundamental principio de Tubal, fundados na authoridade de Estrabo, o qual affirma, que em seu tempo, que foi no imperio de Octaviano Augusto, corria ainda a tradição, de que os Beticos, isto é, os portuguezes antigos habitadores da maior parte do Alemtejo, (1) eram os mais doutos dos hespanhoes, pois usavam da arte de escrever, e conservavam muitas poesias, e leis em verso, com varios monumentos de grande antiguidade, e em que não só mostravam as gloriosas memorias de seus progenitores, mas a elevada sciencia de seus antepassados. (2)

Esta erudita inclinação, ou natural capacidade foi bem conhecida pelo grande romano capitão Sertorio; porque instituindo em Osca uma universidade, ou escola publica de artes, ordenou que fossem a ella estudar os moços portuguezes, filhos d'aquelles, que seguiam o seu partido, (3) os quaes desempenharam de sorte o bom conceito, e intento de Sertorio, que foram depois ostentar dentro a Roma plausivelmente. (4) E se é certo o que escreve nos seus Apparatos o arcypreste Julião Peres, (5) os mesmos romanos chamavam a Braga *Nimis lucida* pelos esclarecidos sujeitos em letras, que viam produzir-se n'esta fecundissima terra.

(1) Cardos. no Agiol. a 13 de Junh. nos Commentar. lit. A. diz que eram os tordetanos. (2) Strabo lib. 3. «Rerum Geographic.» diz: «Hi inter Hispaniae populos sapientiâ putantur excellere, et litterarum studiis utuntur, et memorandae vetustatis volumina habent, poemata, leges quoque versibus conscriptas, è sex annorum millibus». Veja-se a Oliveira nas Grandez. de Lisb. trat. 2. cap. 4. a fr. Bernardin. da Silv. na Defens. da Monarq. Lusit. part. 1. cap. 30. e Marinho de Azeved. nas Antiguid. de Lisb. cap. 12. Bento Pereir. na Republic. Litter. lib. 1. quaest. 6. n. 113. (3) Justo Lipsio lib. 5. epist. 66. (4) Cicer. pro Archia Poet. (5) Per. in Adversar. n. 245. Gandara nas Palm. y triunf. de Galiz. tom. 1. pag. 233.

Porem accommettido o reino de nações barbaras, que o dominaram, fizeram affugentar as musas, e resfriar muito a applicação litteraria, (1) e de todo estaria murcha n'este continente a arvore da sciencia, se o conde D. Sisnando, logo que obteve a investidura do governo nas terras de entre Douro, e Mondego pelos annos de Christo 1073 não tivesse o cuidado de plantar em Coimbra um seminario, ou collegio para n'elle aprenderem as divinas letras as pessoas, que se escolhiam para o estado ecclesiastico. (2)

Desde aquelle tempo começou a florecer em Portugal a theologia, em cuja sagrada faculdade se abalisou entre os mais o doutissimo portuguez Gastão de Fox, a quem elegera o santo rei D. Affonso Henriques para bispo de Evora, e embaixador de Roma. (3) Ensinavam-se tambem nas cathedraes algumas sciencias, e publicamente em Santa Cruz de Coimbra, se lia grammatica, logica, theologia, e medicina com grande aproveitamento dos seus alumnos. (4)

Como as sciencias, e artes se viam amparadas, e favorecidas por um monarca tão pio, e douto, teve o reino a felicidade de produzir logo no principio do seu imperio varões sabios, perspicazes, e prudentes, como se collige, e observa no bem, que elles sonberam discorrer nas côrtes de Lamego ácerca dos interesses, e isenções da monarquia portugueza. (5)

Governando já elrei D. Diniz, principe amante das letras, emprendeu fundar n'este reino casa fixa á sabedoria, e evitar o grande descommodo, que os naturaes padeciam em ir mendigar dos estrangeiros muitas sciencias, que na patria podiam aprender: e assim consentio que alguns prelados dos mosteiros, e igrejas do reino se congregassem na villa de Montemór o Novo, e determinassem em 12 de Novembro de 1288 supplicar uniformemente ao papa Nicolau IV o indulto apostolico de se poder erigir uma universidade de letras em Portugal. (6)

Chegou a supplica a Roma, e em 12 de Agosto de 1290 expediu o pontifice a bulla para o estudo geral da cidade de Lisboa com amplos privilegios, (7) e elrei assignou para se fundarem estes utilissimos estudos o sitio chamado da Pedreira, no bairro de Alfama junto ás portas da Cruz nas casas da moeda velha. (8) Alli se ensinavam leis, canones, logica, musica, grammatica, e medicina. Não havia lentes de theologia, porque esta se aprendia nos conventos dos religiosos, nem tão pouco havia lentes de mathematica, nem das linguas hebraica, e grega, como erradamente escreveu o padre Purificação. (9).

(1) Viv in l.b. 8. cap. 9. de Civit. Dei. Lamentou esta perda Camões cant. 3. das Lusiad. est. 97. e Sa de Miranda. cart. 4. est. 3. (2) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 5 Leitão Ferr. nas Notic. Chronolog. da Universid. de Coimbra. (3) Monarq. Lusit. part. 5. liv. 16. cap. 3. (4) Ibid. e 72 Chronic. dos Coneg. Regr. part. 2. liv. 7. c. 15. n. 7. (5) João Pinto Ribeiro na Preferenc. das letras ás armas faz esta observação mui judiciosa, não duvidando das taes Cortes. (6) Monarq. Lusit. part. 5. no Append. escrit. 21. (7) Ibid. liv. 16. c. 72. (8) Leitão Ferr. nas Notic. Chronol. da Univ. de Coimbr n. 136. e 137. (9) Purific. Chronic. de S. Agost. part. 2. liv. 7. tit. 1.

Permaneceu esta Universidade em Lisboa dezoito annos, quando no de 1307, representando el-rei D. Diniz ao Papa Clemente V as grandes discordias, que havia entre os moradores, e os estudantes, as quaes difficilmente se podiam serenar, lhe expoz, que a cidade de Coimbra pelo delicioso do sitio, pela abundancia de mantimentos, e por ficar no coração do reino, parecia a parte mais opportuna, para onde se podia transferir a Universidade. Admittiu o Papa benignamente a supplica, e mandou passar uma Bulla aos 26 de Fevereiro de 1308, applicando para sustentação da Universidade, e salarios dos lentes os frutos de seis igrejas do padroado real, que supprimiu. (1)

Havia trinta annos, que a Universidade residia em Coimbra, quando el-rei D. Affonso IV resolvendo collocar a sua corte n'aquella cidade, ordenou no anno de 1338, que se mudassem as escolas geraes para Lisboa, afim de que os estudantes com o trafego, e negocios dos cortezãos não se divertissem dos seus estudos. (2) Restituida a Universidade outra vez ao seu primeiro berço, é verosimel que viria para as casas da sua primeira habitação, e aqui persistiu somente quinze annos, pois no de 1354 consta, que o mesmo rei D. Affonso IV a fizera transplantar para Coimbra. (3)

No governo d'el-rei D. Fernando, e pelos annos de 1377 houve outra mudança da Universidade para Lisboa, por causa de que alguns mestres, que el-rei mandára vir de fóra, não queriam lêr senão nesta cidade, e aqui permaneceu com grande protecção, e privilegios, que os soberanos reis lhe concederam; porêm como para subsistencia dos lentes eram pequenas as rendas, e a promoção das cadeiras se fazia em pessoas de menos sufficiencia, acontecia que os estudantes desgostosos não frequentavam as aulas, e se experimentou uma conhecida decadencia nas letras desde o anno de 1440 até o de 1480, como affirma João de Barros. (4)

Acudiu a esta ruina litteraria el-rei D. Manoel, o qual, como tão affeiçoado ás sciencias, (5) fez no anno de 1496 novos estatutos á Universidade de Lisboa, edificou escolas novas no bairro de Alfama abaixo de Santa Marinha, que ainda conservam hoje o nome de Escolas geraes; (6) accrescentou o ordenado aos lentes, e o numero das cadeiras, creando de novo a de Vespera de Theologia, a de Filosofia moral, e a de Astronomia. (7)

Succedeu no governo el-rei D. João III, insigne Mecenas dos eruditos, e parecendo-lhe Coimbra melhor sitio para os estudos publicos, os fez mudar ultimamente para aquella cidade no anno de 1537, e para que alli não só brilhassem as sciencias, e artes, mas se perpetuassem,

(1) Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. c. 71. n. 3. Mariz. Dialog. 5. c. 3. Faria, Europ. tom. 3. part. 3. cap. 12. n. 237. Cabedo de Patronat. c. 47. (2) Leitão Ferr. nas Notic. Chronol. da Univ. n. 321. (3) Ibid. n. 333. (4) Barr. na Descripç. do Minho c. 4. Notic. Chronol. allegad. n. 814 e 832. (5) Goes. Chronic. d'el-rei D. Manoel pa t. 4. c. 84. (6) Notic. Chronol. da Univ. n. 930. (7) Ibid. n. 983. Monarq. Lusit. liv. 16. c. 73.

fundou muitos collegios, por cujo augmento lhe chamaram alguns escritores instituidor, (1) sendo propriamente reparador, e illustrador d'aquella Universidade.

A este respeito convidou á custa de grandes dispendios os melhores homens de letras, que havia na Europa, de sorte que restabeleceu em Coimbra a mais florente, e nobilissima Academia das sciencias, como testificou o insigne Clenardo (2) escrevendo a João Vaseu admirado de ouvir alli ao mestre Vicente Fabricio explicar a Homero, como se na mesma Athenas o estivesse lendo.

Com tão regio amparo, e nativa habilidade dos portuguezes foram tendo as sciencias em nossos paizes progresso, e augmento felicissimo até o tempo do cardeal rei D. Henrique, o qual para mostrar não só o quanto amava as boas letras, mas o muito, e bem que ellas tinham produzido no reino, fez consagrar á sabedoria na cidade de Evora outro templo litterario.

Principiou esta segunda Universidade no anno de 1553 em fórma de collegio, regido pelos Padres Jesuitas, (3) e no anno de 1558 foi erecta em Universidade por Bulla do Pontifice Paulo IV passada a 18 de Setembro com o indulto de se ensinarem alli todas as sciencias, excepto leis, e medicina. (4) Por outra Bulla do mesmo Papa, expedida a 13 de Abril de 1559 se lhe concederam os privilegios de todas as Universidades da Christandade.

Podem entrar tambem por privilegio especial em titulo de Universidade as cinco escolas publicas, que os Religiosos Dominicanos tem em outros tantos conventos da sua Ordem, a saber, em S. Domingos de Lisboa, na villa da Batalha, e nas cidades de Evora, de Coimbra, e do Porto, nas quaes por Bullas de S. Pio V, Benedicto III, e Clemente XII, podem dar o grão de doutor em Theologia não só aos seus religiosos, mas tambem aos estudantes seculares, que alli aprenderem. (5)

Com estes publicos erarios da sabedoria, e outras mais particulares litterarias disciplinas não só tem Portugal radicadas as artes, e com ellas enriquecido o reino proprio, mas demonstrado ao mundo toda a eminencia do talento de seus alumnos para todo o genero de artefactos scientificos. A cada passo se acredita este nobre estudo nas eruditas, e engenhosas producções de seus nacionaes. Florecem, e brotam nas Academias copiosissimos frutos das faculdades assim amenas, como severas, merecendo esta universal intelligencia os repetidos elogios, que os va-

(1) Mendo de Jure Academ. lib. 1. q. 6. n. 110. Suar. de Relig. tom. 4. trat. 10. liv. 3. cap. 4. (2) Clen. apud. Notic. Chronol. num. 1166. «Omitto reliqua, quo properemus Conimbricam, ubi Rex novam tum molichatur Academiam. Hic opus est multis laudibus, quando sese ipsa in dies magis, ac magis commendat... E' quibus auspiciis, si fas est divinare, floreotissima erit Conimbrica linguarum studia. (3) Sover Notic. de Port. disc. 5. § 1. Telles, Chron. da Compan2. part. 1. liv 3. c. 19 Fonseca, Evor. glorios. n. 723. (4) Bent. Pereir. de Academ. lib. 1. quaest. 7. n. 112. et. seq. Fonseca allegad. n. 727. (5) Transcreve estas Bullas Fr. Pedro Monteiro no Claustr. Dominic. lanço. 3. p. 436. et. seq.

rões mais doutos, estrangeiros, e desinteressados nos tributam. (1) Passemos agora a mostrar com distincção, ainda que succinta, esta aptidão mental dos portuguezes versada na cultura das sciencias.

CAPITULO II

De alguns famosos escriptores portuguezes, qae floreceram em varios generos de litteratura

Não obstante haver publicado com grande desvelo, erudição, e elegancia neste nobre argumento a *Bibliotheca Lusitana* o incansavel academico, e reverendo abbade de Sever Diogo Barbosa Machado, nosso amigo, a quem soccorremos tambem com preciosas noticias, e algumas originaes, conducentes ao material de tão insigne obra, com tudo, por não defraudarmos aos leitores de memorias tão gloriosas á nação, recolheremos aqui alguns dos nossos escriptores de maior fama, distribuidos pelas faculdades, e materias nos parrafos seguintes:

§ I. Theologia Escolastica, e Moral.
§ II. Ascetica, e Mystica.
§ III. Escritura Sacra.
§ IV. Jurisprudencia Canonica, e Civil.
§ V. Filosofia.
§ VI. Grammatica, Rhetorica, e Bellas letras.
§ VII. Oratoria sacra, e profana.
§ VIII. Poesia Epica, e Lyrica.
§ IX. Comica.
§ X. Historia Ecclesiastica, e Secular.
§ XI. Genealogica.
§ XII. Fabulosa.
§ XIII. Mathematica.
§ XIV. Musica.
§ XV. Medicina, e Cirurgia.
§ XVI. Erudição varia.

(1) Jost. Lips. epist. 96. a Man. Correa: «Gentem illam vestram dico, id est, Lusitanos jam olim armis, et litteris inclytos, quas primus Sertorius intulit... Semina ejus instituti etiam nunc fructificant; et ardet in animis vestris semel accensus honestior ille ignis. Audimus certe non in alio Hispaniae tractu magis veteres artes coli; et exempla, ac scripta sunt, quae ad nos quoque manant, et testantur.» Crusenius in Monast. part. 3. c. 48. ad. an. 1617. Jnous Nicius Erythraeus in Pinacothec. part. 2. imag. 18. Andr Schot. in Epist. dedicator Bibl. Hisp. e na p. 472. Dian. tom. 5. Rosol. Mor. 27. § 1. Nicol. Ant. Bibl. Hispan. tom. 2. p. 251. nossus. tom. 3. de Sign. Eccl. liv. 8. c. 1. n. 8. et seq. Guicciardin. in. Histor. Ital. lib. 6 Zuinger. in. Theatr. vit. hum. vol. 19. lib. 2. Marian. de reb. Hispan. lib. 10. c. 14. Valdecobr. no templ. de la fama cap. 25. Graciaa. no Critic. p. 3. cris. 8. etc.

*

§ 1

Theologia Escolastica, e Moral

Alvaro Gomes, insigne filho da cidade de Evora, e um dos mais celebres theologos do seu tempo. Nesta divina sciencia illustrou em publico magisterio as Universidades de Paris, Salamanca, e Coimbra; e reconhecendo el-rei D. João III neste grande varão talento profundo, e merecimentos relevantes, o elegeu para seu confessor, e o nomeou em prior, uns dizem que da paroquia de S. Nicolau, (1) outros que de Santa Justa. (2) D'elle fazem honorifica menção muitos authores, e o famoso poeta Henrique Cayado no liv. 2. epigr. 95, que é todo em seu louvor, conclue assim:

Nil mortale sapis, divinas cuncta, Gomesi:
Dicere te possent barbara sæcla Deum.

D. fr. Alvaro Paes, bispo de Silves, e natural de Santarem, posto que alguns o fazem natural de Galiza. Foi discipulo em Paris do subtil Escoto, e sabio tão instruido na disciplina, e perspicacia do mestre, que a sua vasta erudição lhe grangeou um especial affecto no Pontifice João XXII. Compoz, alem de outras, a insigne obra intitulada *De planctu Ecclesiæ*, tão applaudida dos varões sabios. (3)

D. André de Almada, filho egregio de Lisboa, e tão venerado por sua litteratura, juizo, e capacidade, que entre todos os cathedraticos da Universidade de Coimbra foi elle nomeado para escrever ao Papa, supplicando-lhe a definição da immaculada pureza da Senhora. Foi lente de Vespera de Theologia, duas vezes jubilado, e socio no magisterio do eximio Soares Granatense. Escreveu um doutissimo tratado De Incarnatione, e mereceu as estimações dos homens mais eruditos da Europa. Acabou a vida no anno de 1642 em Coimbra. (4)

Fr. Antonio de Senna, natural de Guimarães, e brilhante astro do Paraiso Dominicano, incansavel na faculdade theologica, em que não só foi graduado, mas pela sua grande fama eleito regente dos estudos geraes do seu convento de Lovanha. Deve-se á sua diligencia o melhor methodo, e formalidade, com que hoje se veem impressas as obras do doutor Angelico, as quaes elle sabia de memoria. Escreveu muitas obras uteis, e eruditas, e faleceu em Nantes no primeiro de Fevereiro do anno de 1584. (5)

(1) Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. p. 104. (2) P. Francisc. da Cruz no Appar. m. s. para a Bibl. dos Escritor. Portug. que conservamos em nosso poder. Raynaud Annal. Eccl. tom. 20. ad ann. 1531. Fonseca, Evor. glories. p. 409. (3) Graveson, hist. Eccles. liv 3. e outros apud. Barbos. in Bibl. Lusit. tom. 1. P. Franc. da Cruz no App. para a Bibl. Lusit. Histor. Seraphic. part. 1. c. 32. (4) Fr. Leão de S. Thom. Bened. Lusit. tom. 2. p. 439. Cunha no Catalog. dos Bispos do Porto part. 2. c. 42. (5) Possevin. Apparat. Sac. tom. 1. p. 92. Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 4. c. 6. Monteir. Claustr Dominic. tom. 3. p. 160. ainda que discrepa no anno do seu fallecimento, pois diz que foi no de 1586. Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 384.

V. D. fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, varão excellente em letras sagradas, e pureza de vida. A cidade de Lisboa sua patria se gloria muito de o ter por filho, pois no zelo da reforma, e observancia do estado ecclesiastico foi efficaz a sua disciplina. Com ella admirou no Concilio Tridentino, a que assistiu, os veneraveis Prelados de tão santa assemblea, e mereceu as estimações, e amizade, que com elle tiveram S. Pio V, e S. Carlos Borromeo. Edificou em Braga um Seminario para n'elle aprenderem as sciencias quarenta e quatro collegiaes naturaes do seu arcebispado. Compoz varias obras espirituaes cheias de solida, e santa doutrina, e acabou santamente. (1)

P. Bautista Fragoso, jesuita, e natural do Algarve, floreceu pelos annos de 1600 na Theologia moral, e ambos os Direitos, em cuja faculdade igualou os mais insignes professores do seu tempo. Escreveu *De Regimine Reipublicae Christianae* tres volumes grandemente applaudidos dos doutos, e varias vezes reimpressos. (2)

P. Bento Pereira, religioso da Companhia de Jasus, nasceu em Borba, e floreceu em varias faculdades, especialmente na Theologica, em que se graduou doutor, e escreveu com applauso o *Promptuarium Morale*, alem de outras obras recommendaveis. Morreu no anno de 1681. (3)

P. Christovão Gil, famoso jesuita, natural da cidade de Bragança, foi tido, e estimado pelo maior theologo do seu tempo. O grande Soares disse d'elle, ouvindo-o argumentar, que era na Theologia escolastica o credito não só de Portugal, mas do mundo todo. Compoz *De Essentia, et virtute Dei* dois tomos summamente eruditos. Morreu no anno de 1608. (4)

Diogo de Gouvea nasceu no termo de Santarem, estudou em Paris, onde se doutorou em theologia, e n'ella foi tão insigne, e famoso, que el-rei D. João III o elegeu seu Theologo para o Concilio de Trento. Falleceu prior mór de Palmella no anno de 1576, e alli jaz. (5)

Diogo de Paiva de Andrade, illustre filho da cidade de Coimbra, mereceu pela grande sciencia theologica, de que era dotado, que el-rei D. Sebastião o nomeasse para assistir ao Concilio Tridentino, onde assombrou com a sua erudição, e elegancia de sorte, que juntamente se fez venerado pelos catholicos, e temido pelos hereges, entre os quaes Kemnicio, summamente atrevido contra a Igreja, e suas sagradas determinações, cessou de blasfemar, ouvindo o que contra elle publicara este profundo theologo. Bem notorios são os elogios, que muitos sabios escritores fizeram a Diogo de Paiva. (6) Morreu finalmente em Lisboa

(1) Nicol. Anton. Bibl. Hispan. tom. 1. p. 154. col 2. e outros muitos apud. Barbos. na Bibliothec. tom. 1. p. 468. (2) Macedo na Eva, e Ave part. 1. c. 11. n. 15. (3) Franco, Annus glorios. Societ. Jesu p. 61. Fonseca, Evor. glorios. p. 427. (4) Franco, Ann. glorios. Soc. Jesu p. 9. Fonseca na Evor. glorios. p. 428. Nicol. Anton. Bibliot Hisp. tom. 1. p. 187. Ann. histor. tom. 1. p. 56. e Barbos. na Bibliot. tom. 1. (5) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 380. (6) Nicol. Anton. in Bibl. Hisp. tom. 1. p. 235. Bayle no Diccionar Critic. Capassi in Histor. Philosoph. p. 483. e outros apud. Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. p. 686.

no anno de 1575, quando só contava quarenta e sete annos de idade.

Fr. Egidio da Apresentação, honroso credito da villa de Castello Branco, d'onde era filho, e insigne ornamento da religião augustiniana em o convento de nossa Senhora da Graça de Lisboa, onde era professo, foi bem conhecido pela faculdade theologica, em que era consummado, e mui distincto pelo epitheto de mestre. Escreveu algumas obras dignas de todo o apreço, especialmente o tratado *De voluntario, et involuntario*, pela sua profunda, e solida doutrina. Morreu no anno de 1626 em Coimbra. (1)

P. Estevão Fagundes, da Companhia de Jesus, e natural de Vianna foz do Lima, foi um dos mais graves, e profundos theologos d'este reino, e por isso todas as suas obras são universalmente estimadas, e allegadas, e com especialidade os tratados *Dos Preceitos do Decalogo, e da Igreja*. Morreu em Lisboa no anno de 1645. (2)

Fr. Francisco de Araujo, natural de Chaves, e religioso dominico, foi dotado de eminente engenho, e erudição na faculdade Theologica, na qual adquiriu tal credito para com el-rei Filippe IV, que preferia o seu voto a todos os mais, ainda que fosse só. Compoz muito, e morreu em Madrid bispo de Carthagena em o anno de 1614 com opinião de santidade. (3)

Fr. Francisco Foreiro, lisbonense, da veneravel Ordem dos Pregadores, varão egregio na sagrada theologia, em que foi mestre. As suas grandes letras, e talento lhe grangearam os honorificos empregos de pregador d'el-rei D. João III, e confessor d'el-rei D. Sebastião, e da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel. Foi mandado assistir ao Concilio Tridentino por theologo d'este reino, e lá brilhou de maneira, que aquelles veneraveis padres reconhecendo o seu juizo, e erudição, o escolheram para secretario da junta, que se fez para a censura dos livros prohibidos, e reforma do Missal, e Breviario Romano, cujo Proemio é composto por fr. Francisco Foreiro. Juntamente com o arcebispo de Lanciano, e bispo de Modena formou o Catecismo Romano. Conferiu, e emendou do Hebreu, em cujo idioma era perito, os mais dos livros da Escritura, a que tambem fez excellentes exposições. Faleceu na villa de Almada no anno de 1580. (4)

P. Gaspar Gonçalves, conimbricense, e doutor theologo da Companhia de Jesus, varão igualmente egregio nesta faculdade, e em todas as mais. Xisto V. estando bem informado das suas letras o nomeou entre os theologos de maior nome para um dos correctores da sagrada Biblia. Floreceu pelos annos de 1560. (5)

Fr. João de S. Thomaz, natural de Lisboa, e religioso dominico,

(1) Brand. Monarq. Lusit. liv. 19 c. 23. Marrac. Bibl Marian. part. 1. pag. 17. (2) Moreri. Diccion. Histor. Nicol. Anton. Biblint. Hisp. tom. 1. p. 234. (3) Echard. apud. Fr. Pedro Monteir. no Claustr. Dominic. tom. 3. p. 210. (4) Xysto Senens. in Bibliot. Palavicin. Histor. Concil. Trident. part. 1. liv. 15. cap. 11. n 3. Cardos. no Agiol. tom. 1. pag. 429. (5) Telles, Chron. Soc. Jesu part. 2. liv. 5. num. 9. cap. 15.

foi tão grande theologo, que el-rei Filippe IV o elegeu para seu confessor, e em Castella lhe chamavam o S. Thomaz d'aquelle seculo. Compoz muito, e bem nesta faculdade. Finalizou os seus dias no anno de 1644. (1)

Fr. Isidoro da Luz, natural da villa de Santarem, e religioso trinitario, doutor na sagrada theologia, em cuja faculdade era attendido como oraculo, foi o primeiro lente de Prima, que leu controversias em Coimbra, nas quaes compoz, e imprimiu eruditamente. Falleceu em o anno de 1670. (2)

Fr. Lourenço de Portel, a quem a patria deu o appellido, Religioso dos Menores na provincia dos Algarves, escreveu doutamente na Theologia Moral, e floreceu pelos annos de 1600.

P. Luiz Nogueira, natural de Fermozelhe, e douto jesuita, que na exposição da Bulla da Cruzada adquiriu eterno, e famoso nome. Morreu no anno de 1696.

Fr. Luiz de Beja Perestrello, religioso augustiniano, e natural de Coimbra, foi mestre de theologia em algumas Universidades de Italia, e em Bolonha teve por ouvinte ao Cardeal Paleoto, que muito se prezava de ser seu discipulo. (3)

Fr. Manoel Rodrigues, religioso franciscano da provincia de Santiago, foi em Salamanca venerado por todos os cathedraticos como oraculo na sciencia theologica, pois nas duvidas mais difficeis recorriam a elle para lhas soltar. Floreceu pelos annos de 1590, e compoz bastante, e plausivelmente.

P. Sebastião de Abreu, natural da villa do Crato, religioso jesuita, e insigne theologo, como se vê no seu livro *Institutio Parochi*, summamente louvado pelos estranhos. Morreu em Outubro de 1674. (4)

P. Vicente da Resurreição, conego secular de S. João Evangelista, foi chamado pela sua vasta litteratura, e sciencia theologica, o Salomão Lusitano. Floreceu pelos annos de 1600. (5)

§ II

Theologia Ascetica, ou Mystica

Frei Affonso dos Prazeres, natural de Penamacor, e filho do visconde de Barbacena. Seguiu primeiramente a vida militar com grandes creditos de valeroso, chegando a exercitar o posto de sargento mór de batalha, que desempenhou com honra, e reputação. Depois desenganado do mundo, deixando até a primogenitura de sua casa, se retirou para a religião de S. Bento, onde esteve quatorze annos exercitando com

(1) Fr. Pedr. Monteir. no Claustr. Dom. tom. 3.° (2) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 2. (3) Cruscnius in Monast. part. 3. c. 48. ad ann. 1531. (4) Coronelli, Bibl. Univ. tom. 1. verb. Abreu. (5) Santa Maria no ceu aberto. tom. 1. p. 526.

grande edificação o pulpito, e confessionario: porem desejando vida mais austera, passou para o seminario de Varatojo, e aqui foi incançavel varão verdadeiramente apostolico em cumprir diligente o seu instituto, fazendo por muitas partes utilissimos sermões; e como tão instruido nas doutrinas mysticas, publicou as *Maximas espirituaes, e varias Consultas* cheias de solidos documentos. Morreu no anno de 17..

P. Alexandre de Gusmão, natural de Lisboa, e religioso veneravel da Companhia de Jesus, foi insigne cultor da vida espiritual, de elevada meditação, e grande mestre de espirito, cuja doutrina é venerada em todas as suas obras, como de varão sabio, prudente, e santo. Morreu na Bahia aos 15 de Março de 1724.

V. fr. Antonio das Chagas, de quem já fizemos menção na terceira Parte d'este Mappa, foi dotado de um espirito, e eficacia tão especial para instruir a mente, e commover os affectos ás cousas celestes, que ainda reverberam nas suas obras espirituaes as faiscas do amor divino, em que sempre andava inflammada a sua ardente contemplação.

Fr. Antonio do Espirito Santo, natural de Montemór o Velho, religioso dos Carmelitas Descalços, e depois bispo de Angola, compoz um *Directorium mysticum* com grande juizo, e acerto, pois n'elle se mostra a melhor exposição do doutor Angelico, e de Santa Teresa. (1)

V. fr. Bartholomeu dos Martyres. Ninguem ignora o elevado espirito d'este varão insigne, nem a clareza, com que demonstrou muitos recondites da sciencia mystica nos seus admiraveis escritos asceticos.

V. Bartholomeu do Quental, que nasceu na Ilha de S. Miguel, e instituiu neste reino a Congregação do Oratorio, ensinando, e praticando a virtude, deixou documentos de mestre, que servem de seguras, e luzentes maximas para a direcção do espirito. Morreu santamente a 20 de Dezembro de 1698.

P. Diogo Monteiro, eborense, varão illustre da Companhia de Jesus, foi o primeiro, que poz, e reduziu a arte, e preceitos as subtilezas da Mystica, em cuja sciencia foi extatico professor. (2) Falleceu no anno de 1634 com opinião de santo.

Fr. Luiz de Granada, a quem podemos chamar nosso, porque entre nós viveu, ensinou, e morreu. Em materias asceticas foi mestre, e luz efficaz, que aclarou caminho tão pouco trilhado da mystica theologia. São neste genero estimadas as suas obras por sublimes. (3)

P. Manoel Bernardes, natural de Lisboa, e da Congregação do Oratorio, foi um dos engenhos mais claros, agudos, e affectuosos, que o seculo presente, e passado admirou nesta divina faculdade. A sua eloquencia, energia, profundidade, e erudição resplandecem em todas as suas

(1) Fr. Joseph de Santa Teresa na Chronic. tom. 4. liv. 18. c. 10. num. 35. (2) Nieremberg. tom. 1. dos. var. illustr. da Comp. p. 562 Franco. Ann. glorios. Soc. Jes. Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 1. e outras. (3) Sou-a, Chronic. de S. Dom. part. I. liv. 5. c. 12. e outros apud. I. Monteir. Claustr. Dom. tom. 3. p. 266.

obras, em que se vem os mais vivos, importantes, e efficazes documentos para afervorar a vontade no exercicio da vida espiritual. Falleceu aos 17 de Agosto de 1710.

P. Manoel Consciencia, filho de Lisboa, e um dos Congregados do Oratorio. Foi varão muito estudioso, pio, e perfeito nas suas obras, as quaes são a maior prova da sua erudição. Falleceu em Lisboa no anno de 1739.

Fr. Manoel Guilherme. Nasceu em Lisboa, e foi religioso dominicano, a cuja religião serviu de grande lustre, e utilidade pelos seus sermões, que eram cheios de muito espirito, e efficaz doutrina, acompanhados de uma voz terna, e maviosa: soube grangear para os ouvintes muitas conversões, e para a communidade um grosso, e importante cabedal, com que fez varias obras, especialmente a livraria do convento de S. Domingos, a qual pereceu toda fatalmente no incendio geral de 1755. Falleceu este memoravel religioso em Lisboa no anno de 1730, deixando varias composições dignas dos seus vastos estudos, como o *Conselheiro fiel*, e outras obras mysticas, elegantes, e eruditas.

P. Manoel Monteiro, da Companhia de Jesus. Os seus *Exercicios espirituaes* estão cheios de solida doutrina, e zelo ardente do aproveitamento das almas.

Fr. Paulo de Vasconcellos na *Arte espiritual* desempenhou o titulo de mestre na clareza dos preceitos mysticos. Foi D. Prior geral dos Thomaristas, em cujo real convento falleceu no anno de 1654.

V. fr. Thomé de Jesus, eremita de Santo Agostinho, e irmão do grande Diogo de Paiva de Andrade, mereceu possuir um elevado espirito, e coração grande; como se observa nos varios livros asceticos, que compoz, principalmente os *Trabalhos de Jesus*, e *Oratorio Sacro*, tão estimados pelos doutos nesta sciencia. Falleceu no anno de 1582, depois de haver estado captivo quatro annos em Marrocos.

§ III

Exposição da Sagrada Escritura

Beato Amadeo. Já em outra parte d'esta obra damos noticia d'este veneravel varão. Pelo que toca á jerarquia de escritor, foi elle famoso na composição das suas celebres profecias, a que deu titulo de *Apocalypsis nova*, na qual vaticina muitas cousas do estado futuro da igreja. Uma das copias mais pura se conserva em Barcellona em o Collegio de S. Boaventura.

P. André Pinto Ramires, lisbonense, e varão insigne da Companhia de Jesus, foi discipulo do grande Mendoça, e conspicuo na interpretação do *Apocalypse*, e *Cantares*. Floreceu pelos annos de 1600. (1)

(1) Nicol. Ant. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 65.

Fr. Antonio da Madre de Deus Arouca, natural de Lisboa, e religioso da Ordem de S. Paulo primeiro eremita, foi sogeito de grande credito, e talvez o mais insigne do seu tempo. A inveja lhe não poude esconder os elogios, que ás suas obras lhe fizeram os estranhos, a quem foi assombro. Contava pouco mais de vinte annos, quando compoz o *Apis Libani*, que é uma exposição litteral, e mystica das Parabolas de Salomão, cheia de elegancia, subtileza, e profunda investigação do sentido genuino. Morreu aos 19 de Junho de 1696. (1)

P. Antonio Vieira, insigne, e singular varão da Companhia, sempre famoso, e em todos os seculos memoravel, e do qual outra vez nos lembraremos. Para prova do seu raro talento na intelligencia das sagradas Escrituras bastava a grande obra intitulada *Clavis Prophetarum*, em que gastou cincoenta annos com o dilatado estudo dos Santos Padres, e sagrados interpretes. Fazia o padre Vieira d'este livro tanto apreço, que costumava dizer, queimaria de boamente todos os seus papeis, se podesse concluir como queria esta grande obra. O arcebispo de Goa D. Ignacio de Santa Teresa, que depois foi bispo do Algarve, na *Crisi Paradoxa*, que fez sobre este livro do *Clavis Prophetarum*, diz, que vira na Bahia dois exemplares, um mais resumido que outro: mas eu tenho uma copia que trasladei, da que o Eminentissimo Cardeal da Cunha trouxe de Roma, extrahida do verdadeiro original, que se conserva no Vaticano, e encontro differença segundo o que leio no mencionado arcebispo. Esta obra sempre foi desejada, mas nunca se imprimiu. Principia assim o titulo d'ella:

Clavis Prophetarum, verum eorum sensum aperiens ad rectam Regni Christi in terris consummati intelligentiam assequendam. A P. Antonio Vieira Soc. Jesu summo studio elaborata, sed morte preveniente non absoluta, nec ultima manu expolita. Opus posthumum, ac desideratissimum a Collegio Bahiensi ad admodum R. P. nostrum Thyrsum Gonzales ejusdem Soc. Praepositum Generalem missum. Ann. 1699.

Divide-se em tres livros toda esta obra. O primeiro trata *De regno Christi in terris consummato*, e consta de doze capitulos. O segundo *De ejusdem consummationis sincera imagine, novusque in mundo status elucidatur*, e consta de dez capitulos. O terceiro livro trata *De tempore, quo, et quando consummandum est, quandiu duraturum*, e consta de treze capitulos.

S. Antonio lisbonense, o maior credito da nossa patria, e brilhante astro da religião serafica, a quem o Pontifice Gregorio IX chamava Arca do Testamento, e thesouro das letras sagradas: compoz muitos sermões e uma exposição mystica da sagrada Escritura, como diz Labbé no tratado dos Escritores ecclesiasticos.

(1) Le Long. in Bibl. Sac. p. 611.

Fr. Balthazar Paes nasceu em Lisboa, e foi religioso trinitario, um dos mais insignes expositores da divina Escritura, em cujo estudo foi mui versado, incansavel, e incessante, e por isso mui celebrado pelos eruditos. Morreu a 13 de Março de 1638. (1)

P. Bento Fernandes, natural da villa de Borba, e insigne jesuita na pericia escriturraria, em cuja ardua empreza investigou com felicidade os sentidos moraes reconditos do Genesis, e Evangelho de S. Lucas. Morreu no anno de 1630. (2)

P. Bento Pereira, diverso do outro, de quem já nos lembrámos, o qual supposto ser valenciano, muitos authores o fazem portuguez, foi tambem jesuita, e nos admiraveis commentarios, que eruditamente compoz sobre a Escritura, desempenhou o arduissimo caracter de expositor sagrado, especialmente no Genesis. Morreu em Roma no anno de 1610. (3)

P. Braz Viegas, eborense, foi jesuita grave, e doutissimo escriturario, de engenho excellente, de juizo agudo, e de doutrina exquisita. Expoz o Apocalypse de S. João magistralmente, e é tida pela melhor exposição, que ha n'aquelle genero. Finalizou os seus dias na mesma patria a 22 de Agosto de 1599. (4)

P. Cosme de Magalhães, bracarense, e tambem jesuita eminente nas divinas letras, compoz com profunda clareza commentarios a diversos livros da Escritura, que logram a estimação dos doutos. Deixou a mortal vida aos 9 de Outubro de 1624. (5)

Fr. Diogo Estella, religioso franciscano da provincia de Santiago, a quem muitos querem fazer natural do reino de Navarra, sendo verdadeiramente portuguez, (6) foi varão mui douto nos livros sagrados, como se vê nas reflexões, e interpretação litteral, que fez ao Evangelho de S. Lucas.

P. Francisco de Mendoça, varão illustre em sangue, e letras entre os famosos da Companhia de Jesus. Os seus Commentarios aos livros dos Reis são estimaveis; e diz Calmet na Bibliotheca Sacra, que se o padre Mendoça chegasse a concluir a obra, não haveria mais que desejar em semelhante assumpto. Morreu em Leão de França aos 3 de Junho de 1626. (7)

Fr. Heitor Pinto, religioso de S. Jeronymo, a quem verdadeiramente chamaram o Heitor dos Expositores, porque expoz profundamente os profetas maiores. É lastima, que semelhante homem morresse desterrado em Castella por causa do zelo portuguez.

Fr. Jeronymo da Azambuja, chamado vulgarmente Oleastro, insigne ornamento da Ordem Dominicana, e dignamente louvado em todo o mun-

(1) Nicol. Ant. Chronic. de S. Agost. liv. 4. c. 7. n. 11. (2) Telles, Chronic. part. 2. liv 4. c. 47. n. 7. (3) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 507. (4) Macedo in Propugn. Lusitano. Gallic. ad. art. 10. (5) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 519. (6) Natal. Alexand. e outros muitos apud. Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 650. col. 2. (7) Franc. de Franciscis in Philologia.

do pelos singulares Commentarios, que fez aos primeiros cinco livros da Escritura chamados *Pentateuco*. Falleceu no anno de 1563. (1)

D. Jeronymo Osorio, bispo do Algarve, insigne escriturario, e em tudo o que escreveu foi applaudido. Varão, que acreditou não só a Portugal, mas a igreja catholica. A sua fama fez abalar de longe aos estrangeiros para o verem, assim como se escreve de T. Livio. Expirou no mez de Agosto de 1580.

Fr. João da Silveira, religioso carmelita, foi dotado de summa erudição, como se observa na grande copia de livros, que compoz, em que sem duvida se fez estimavel dos estrangeiros primeiro que dos naciones. Foi certamente um dos grandes expositores das divinas Escrituras, que tivemos no seculo passado.

Fr. Luiz de Souto Mayor, religioso dominico, famoso em letras sagradas, e mestre d'ellas nas Universidades de Lovanha, e Coimbra. O Papa Clemente VIII no anno de 1587 expediu um Breve em 28 de Março, excitando-o a que fizesse publicos os seus Commentarios á Escritura, que de facto publicou em grande credito seu, e da nação. (2)

P. Manoel de Sá, da Companhia de Jesus, foi mestre do Santo Borja, e no exercicio das virtudes igualou o das sciencias. Fez notas a toda a Biblia mui judiciosas, e morreu no ducado de Milão aos 30 de Dezembro de 1595 com grande fama de santidade. (3)

Fr. Manoel da Incarnação, chamado Pontevel, por ser esta terra, que fica no termo de Santarem, sua patria, na exposição do Evangelho de S. Matheus hombreou com os mais profundos expositores. Floreceu nos principios d'este nosso seculo, e falleceu no anno de 1720.

D. Pedro de Figueiró, Conego Regular de Santo Agostinho, e natural de Figueiró dos Vinhos, foi chamado vulgarmente o *Hebreo*, por ser perito n'aquelle idioma, cuja intelligencia lhe facilitou a penetração, com que manifestou os mais occultos segredos dos sagrados prophetas. El-rei Filippe II lhe fez mercê da cadeira de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra, persuadido da grande fama, que as suas letras lhe tinham grangeado. Cheio de boa opinião falleceo em Coimbra aos 11 de Janeiro de 1587. (4)

P. Sebastião Barradas, natural de Lisboa, e filho da Companhia de Jesus, gravissimo escriturario, a quem o grande A Lapide (5) numera entre os famosos expositores do Evangelho. Não foi menor na efficacia do pulpito, cuja persuasão fez reduzir muita gente ao caminho verdadeiro da eternidade. Morreu com opinião de santo aos 14 de Abril de 1615. (6)

(1) Sousa Chronic. de S. Dom. tom 1. pag. 364. Monteiro no Claustr. Dominic. tom. 3. (2) Nicol. Ant. in. Bibl. tom. 2. p. 50. Fr. Luiz de Sousa, Chron. de S. Dom. part. 1. liv. 3. c. 38. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 457. e 467 (3) Aubert Miraeus in Chron. Beverl. in Chron. (4) D. Nicol. Chron. part. 2. liv. 10. c. 29. n. 8. Nabonati. in Biblioth. Latino-Hebraic. p. 435. (5) A' Lapide in Prooemio ad Evang. c. 3. (6) Sousa de Maced. Lusit. Liberat. append. c. 1. n. 67. Nieremberg, Var illustr. p. 589.

§ IV

Jurisprudencia canonica, e civil

Affonso Alvares Guerreiro, nascendo na villa de Almodovar, foi illustrar Italia, especialmente Napoles, onde subio a ser presidente da chancellaria, e bispo de Monopoli, dignidades, a que a sua grande litteratura no direito pontificio o elevou. Cheio de meritos faleceu no anno de 1577. (1)

Agostinho Barbosa, filho do solido jurista Manoel Barbosa, nasceu em Guimarães no anno de 1590 para assombro, e corifeu da jurisprudencia, em que chegou a compor trinta e tres volumes. Lourenço Crasso nos elogios dos homens eruditos, fallando d'este famoso jurisconsulto, lhe dá o primeiro lugar entre todos os canonistas; e ainda que o doutissimo padre Feijó (2) siga a opinião de que as primeiras obras, que o nosso Barbosa deu á luz, não foram suas, mas de seu pai, todavia este *ad lib. 4. Ordin. ad tit. 97. et ad 1. Ord. n. 4.* antevendo o tal conceito, o deixou testificado de erroneo, pois diz: *Quis DD. fideliter refert filius meus Augustinus Barbosa in Remissionib. ad Concil. Trid. sess. 24. de Reform . . . quos non a nobis, ut aliqui opinantur, mutuatus est; imò Musæo nostro perpetuo sedens, et suas, et nostras lucubrationes miro ordine disposuit, multa addidit, et quæstionum, quas remissivè colligebam, iterum DD. pereurrens dubia nimiùm obscura explanavit, dum ageret prædictus filius ætatis suæ annum 26 quem, dum puer esset, prius Latina lingua, quàm Lusitana docui.*

Ayres Pinhel, famoso, e conspicuo jurisconsulto, natural de Coimbra, dotado de uma tenaz tentativa, e comprehensão tão feliz, que se pudera dizer d'ella ácerca das leis cesareas o mesmo, que se dizia de Esdras a respeito da Escritura Sagrada: isto é. que perdendo-se ellas, so elle as poderia recuperar. Em Salamanca foi discipulo do grande Navarro, e em Coimbra mestre não só de toda aquella provincia, como diz certo author, (3) mas de todo o reino com grande aproveitamento dos ouvintes, que o estimavam como a oraculo. Morreu em Coimbra, deixando escrito nesta faculdade alguns Commentarios eruditos. (4)

Alvaro Valasco, eximio, e celeberrimo jurista, natural de Evora. A sua grande erudição, e engenho lhe adquiriu as estimações, que d'elle fez el-rei D. Sebastião, quando o honrou com o honorifico emprego de Desembargador dos Aggravos, o qual desempenhou com applauso de todos. Deixou acreditado bastantemente o seu talento, e sciencia nos varios livros, que compoz em grande utilidade da republica litteraria. Morreu no anno de 1593 aos 17 de Abril. (5)

(1) Ughel. na Ital. Sacr. tom. 1. p. 974. Ann. historic, tom. 3. p. 336. (2) Feijó, Theatr. critic. tom. 4. p. 374. (3) Figueiroa na Plaza Univers. disc. 5. § 5. n. 25. (4) Genebrad. in vita Pii IV, e outros apud Barbos. in Bibliot. Lusit. (5) Idem tom. 1. p. 116.

Antonio de Gouvea, natural de Beja, foi de um engenho, e capacidade tão singular, que assombrou as Universidades de França, onde aprendeu, e ensinou. Disse d'elle Jacob Cujacio, principe dos jurisconsultos, que entre quantos interpretes tinha havido do Direito Justinianeo, era Antonio de Gouvea o unico, a quem se devia de justiça a palma. (1) Sendo tão consummado na jurisprudencia, cultivou a filosofia até o supremo grão, chegando a convencer publicamente diante de muitos sabios ao grande Pedro Ramos, que se oppunha á doutrina de Aristoteles. Em fim entre os talentos dos varões sabios, que se fizeram celebres na posteridade, foi este um dos mais famosos, e insignes. (2) Morreu em Turim no anno de 1565.

Antonio da Gama, natural da ilha da Madeira, lente de Coimbra famigerado pela sua grande clareza, e profundidade, attributos, que tambem o fizeram celebre em Bolonha, e lhe mereceram as honras, com que o condecorou o senhor rei D. João III, singular Mecenas dos homens doutos. Este escreveu na faculdade varias decisões, e outros tratados de credito, e estimação. Morreu no anno de 1595. (3)

Antonio Gomes, cuja patria se ignora, mas tão conhecido pelo seu talento, que sem aggravo dos outros é reputado por um dos mais graves, e solidos jurisconsultos portuguezes. As suas decisões tem quasi a mesma força que as leis dos imperadores. Commentou as leis chamadas *ael Toro* magistralmente.

Bartholomeu Filippe, filho de Lisboa, que causou grandes invejas pela sua litteratura aos maiores professores da jurisprudencia, que no seu tempo concorreram nas Universidades de Salamanca, e Coimbra. Esta lhe fazia um importante partido, para que não sahisse d'ella. Escreveu bastante, e bem. (4)

Belchior Febos, lisbonense, entre os advogados do reino o mais perito, e intelligente na pratica judicial, e leis municipaes d'elle. Imprimiu algumas decisões utilissimas. Morreu no anno de 1632. (5)

Bento Gil, natural de Beja, tambem foi um dos advogados da corte mui affamado, não só pela erudição, e elegancia das suas allegações terminantes, mas pela rectidão, e integridade, com que vivia. Os nossos juristas reinicolas, e ainda os estrangeiros, allegam as suas obras com respeito. Morreu em Maio de 1623. (6)

Bento Pinhel, nasceu em Lisboa, e foi bem estimada a sua sciencia juridica nas Universidades de Pisa, e de Praga, onde regentou a cadeira de prima, concorrendo ás suas interpretações insignes ouvintes. Compoz sobre o mais selecto do Direito Cesareo. (7)

(1) Cujac. in Not. ad Ulpian lit. 6. «Antonius Goveanus, cui ex omnibus, quotquot sunt aut fuere, Justinianaei juris Interpretibus, si quaeramus quis unus excellat, palma deferenda sit.
(2) Thuan. in Histor. ad ann. 1565. Hofman. in Lexic. Univers. tom. 1. p. 250. Feijó. Theatr. critic. tom. 1. p. 377 etc. (3) Salazar, y Castro na Histor. Geneal. da casa de Silva liv. 8. c. 9. (4) Nicol. Anton. bibliot. Hisp. tom. 1. p. 156. (5) Idem tom. 2. p. 99.
(6) Nicol. Anton. bibliot. Hisp. tom. 2. p. 287. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 68.
(7) D. Franc. Man. cent. 1. cart. 2 p. 499.

Diogo de Brito de Carvalho, natural da provincia da Beira, muito douto no Direito Pontificio, e mestre do insigne João de Carvalho. Serviu em varios tribunaes da corte ecclesiasticos, e seculares com grande rectidão, e applauso. Morreu no anno de 1635, deixando impressas varias obras juridicas. (1)

Diogo Guerreiro Camacho, transtagano, cultivou a espinhosa faculdade da jurisprudencia com credito das suas estudiosas vigilias, e utilidade da republica, mostrando juntamente até á morte a rectidão de seu animo. Acabou os seus dias em Agosto de 1709, conservando-se ainda entre nós muito fresca a memoria da sua estimavel pessoa, sciencia, e virtude.

Domingos Antunes Portugal, natural de Penamacor, adquiriu no seu tempo as estimações mais respeitosas dos homens de letras contemporaneos, e hoje são chronistas da sua litteratura os seus eruditos tratados *De Donationibus Regiis*. Morreu no anno de 1677.

Duarte Caldeira, insigne filho de Lisboa, grande imitador dos celebres Covarruvias, e Manoel da Costa seus mestres, que muito se gloriaram de o ter por discipulo. Filippe Prudente o estimou, e distinguio com o honrado ministerio de Ouvidor geral dos castelhanos. Deixou escrito em ambos os Direitos utilissimos tratados.

Francisco Caldas Pereira, professor meritissimo do Direito Cesareo, senador regio, e doutissimo nas questões da materia enfiteutica, em que adquiriu especial authoridade.

Gabriel Pereira de Castro, filho do antecedente, foi desembargador, e corregedor da corte, ministro de muita affabilidade, engenho, e sciencia, como se vê no seu livro *De Manu Regia*, e outros mais, de que em outro lugar fallaremos. (2)

Gonçalo Vaz Pinto, luz dos juristas seus contemporaneos, como lhe chama Manoel de Faria em um catalogo manuscrito da sua mesma letra, que temos em nosso poder, e o communicamos ao reverendo abbade Diogo Barbosa para a construcção da sua erudita, e sempre louvavel Bibliotheca.

João das Regras, natural de Lisboa, e um dos maiores talentos que conheceu o reino. Foi este preclaro jurista discipulo de Bartolo em Bolonha, e em Portugal o Bartolo proprio; varão de tão grande respeito, e sciencia em ambos os Direitos, que por seu conselho lhe mandou el-rei D. João I, de quem foi valido, ajuntar em um volume no idioma portuguez as Leis do Codigo de Justiniano mais praticaveis neste reino com algumas declarações de Acursio, e Bartolo, e que se dessem a ellas plena authoridade. As suas letras o elevaram tambem a ser o tronco da illustre casa de Monsanto, e Cascaes. Faleceu a 3 de Maio de 1404. (3)

(1) Nicol. Ant. mbl. Hisp. tom. 1. p. 208. Nouvel. Bibl. Histor. tom. 2. p. 31. (2) Barbos. de Potest. Episc. part. 1. tit. 3. c. 8. n. 4. Mend. á Castr. in Prax. Lusit. liv. 1. c. 2. n. 8. (3) Sous. Chron de S. Dom. part. 2. liv. 2. c. 17. Soar. da Silv. Memor. d'el rei D. João I liv. 2. c. 114. §. 676.

Manoel Alvares Pegas, natural de Estremoz, foi um dos mais intelligentes advogados da corte, e de tão vasta erudição, que não só defendeu com felicidade as maiores causas forenses, mas expoz uma grande parte das ordenações do reino com muita clareza em beneficio da pratica judicial. Floreceu com geral estimação de todos, e morreu a 12 de Novembro de 1696. (1)

Manoel Barbosa, pai do celebrado Agostinho Barbosa, e grande lustre da villa de Guimarães, onde nasceu, foi um dos talentos mais solidos, que conheceu a jerarquia dos Jurisconsultos. Acompanhava estas massiças letras um engenho de penetrante conhecimento das outras boas prendas, que constituem um homem grande, e estimavel. Morreu de noventa e tres annos no de 1639. (2)

Manoel da Costa, a quem o author da Bibliotheca hispanica intitula o segundo Papiniano, foi raro portento na Jurisprudencia, de subtil, e profundo juizo, vasta erudição, exquisita memoria, honra em fim de Portugal, e de Lisboa com inveja das outras nações. Faleceu em Salamanca no anno de 1563. (3)

Manoel Mendes de Castro, não teve outro letrado em seu tempo que o igualasse. A sua singular comprehensão, e memoria excedia a tudo. Não contando mais que dezasete annos de idade, substituio em Salamanca a Cadeira de Prima, em que era mestre Diogo Henriques. No anno de 1587, se incorporou na Universidade de Coimbra, onde foi conductario. Chamavão-lhe o segundo Nerva filho de Ulpiano. (4)

Manoel Themudo da Fonseca, natural da Certã, Vigario geral do arcebispado de Lisboa, bem conhecido pelas suas decisões Ecclesiasticas, que tanto serviram para allumiar a cegueira dos intrincados casos, que apparecem continuamente pelos tribunaes. Graves varões as allegão por grande authoridade. Faleceu pelos annos de 1652.

Miguel Cabedo de Vasconcellos, natural de Setubal, celebre Jurisconsulto, e mui sinalado no conhecimente das bellas letras, as quaes parece que andam em herança nos varões d'este honrado appellido. Faleceu em Lisboa no anno de 1577. (5)

Pedro Barbosa, natural de Viana do Minho, foi insigne jurista, e por tal conhecido em todo o mundo, que como a oraculo de ambas as Jurisprudencias veneravam. Foi um dos primeiros letrados, que el-rei Filippe II, escolheu para o conselho de Estado de Portugal em Madrid. Compoz muitas obras em Direito, e faleceu em Lisboa a 15 de Julho de 1606.

Ruy Lopes da Veiga, Lente de Prima jubilado na faculdade de Leis em Coimbra, e reconduzido n'ella trinta e sete annos. Os Lentes d'aquel-

(1) Ann. Historic. tom. 3. Barbos. na. Bibliot. tom. 3. (2) Maced. Flores de hesp. c. 1. excel. 1 Gabr. Per decis. 27. n. 4 (3) Nicol. Ant. Bibl. Hisp. in Praef. Ann. histor. tom. 3. p. 553. (4) Idem Emman. in Leg. «Cum oportet,» in Praefat. (5) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. p: 21.

la Universidade, quando allegam as suas postillas, lhe dão o titulo de Grande, e *omni ævo memorandus*. (1)

§ V

Filosofia

Padre Agostinho Lourenço, Jesuita, natural da Provincia do Alemtejo, floreceo pelos annos de 1600, com fama de excellente filosofo, em cuja faculdade compoz, e imprimio em Inglaterra tres tomos bem aceitos dos professores.

Alvaro Thomaz, Lisbonense, aprendeu em Pariz filosofia com o grande Pedro Aliaco, o qual sendo o maior mestre de Sorbona, dizia, que entre todos os filosofos de fama só Alvaro Thomaz merecia a superioridade. Imprimio no anno de 1510, um doutissimo livro *De triplici motu*, que Dionysio Faber, e Jorge Bruneau elogiaram grandemente. (2)

P. Antonio Cordeiro, Jesuita, natural da Ilha Terceira, conseguio em nossos dias a fama de singular filosofo peripatetico, em cuja sciencia eram tão veneradas as suas opiniões, que os mestres o allegavam, ainda elle presente, para se authorizarem,e defenderem. Faleceo em Fevereiro de 1722.

P. Balthazar Telles, natural de Lisboa, e varão illustre da companhia de Jesus, engenhoso, e erudito filosofo, cuja summa, que publicou, é universalmente lida, estudada, defendida, e prezada em summo gráo na America, e com preferencia aos mais livros da filosofia. (3)

Curso Conimbricense, em que mostraram os primeiros mestres do collegio da companhia de Coimbra os progressos, que tinham feito nesta faculdade. Obteve os applausos, que varões sabios, e estrangeiros lhe fizeram, affirmando o padre Antonio Possevino, que nem em estylo, nem em juizo, nem em clareza tinha visto cousa, que em semelhante assumpto lhe pudesse igualar. (4)

P. Francisco Soares, Lusitano, jesuita, vivo retrato, e imitador do Granatense, tanto em nome, como nas letras.

P. Gregorio Barreto, da sagrada relegião da companhia de Jesus, mereceo em nossos dias geral estimação com a sua logica, em que foi peritissimo.

P. João Bautista, natural de Setubal, e da congregação do oratorio de Lisboa. Foi o primeiro que nesta corte dictou a filosofia moderna, conciliando a doutrina de Aristoteles com os systemas de Newton, e de

(1) Maced. Flores de Hespanha. (2) Faber in Epigr. e outros apud Barbos. in Bibliot. tom. 1. (3) D. Franc. Man. cent. 3. cart. 1. (4) «Collegium Societatis nostrae Conimbricense in Lusitania Philosophiae curriculum novissimè edidit, quo nescio, an quidquam vel acriori judicio, vel aptiori dicendi, vel sinceriori philosophandi genere unquam ad nos manarit.» Possevin. in Biblio. Select. liv. 1. c. 5. Madeir. in Nov. Philosoph. part. 1. disp. 1. sect. 3. n. 6. Soar. Lusit. in Praef. curs.

outros celebres filosofos experimentaes, fazendo imprimir o seu novo methodo em dous tomos de folha muito estimados dos eruditos. Falleceu em o anno de 1761.

P. Pedro da Fonseca, da companhia de Jesus, a quem se pudera chamar pai de toda a filosofia Portugueza, pois foi o primeiro, que a leo em Coimbra. Venera-o muito o author da historia filosofica. (1)

P. Sebastião do Couto foi muito douto nesta sciencia, e é sua a logica incorporada no Curso Conimbricense. (2)

§ VI

Grammatica, Rhetorica, e Bellas letras

Aquilles Estaço, natural da Vidigueira, foi Portuguez de raro engenho, subtileza, e erudição. Por estes, e outros predicados adquirio em Roma as attenções não vulgares de tres Summos Pontifices, Pio IV, Gregorio XIII, e S. Pio V, diante dos quaes orou muitas vezes elegantissimamente. Soube as linguas Latina, Grega, e Hebraica na ultima perfeição: communicou com os maiores sabios do seu tempo, Paulo Manucio, Mureto, e Rebortelo, que todos o veneravam como a mestre; e, segundo escreve Ghilino, brilhava elle entre os mais, como o sol entre as estrellas. Cultivou a poesia com fertil felicidade: foi secretario do Concilio Tridentino, e das Cartas Latinas Pontificias. Quando falleceu, que foi em Roma aos 17 de Setembro de 1581, disse d'elle o discreto cardeal Farnese, que morrera o homem mais insigne em letras, que saíra de Portugal. Um grosso volumo se pudera fazer só dos elogios, que d'este famoso sabio publicaram os authores nossos, e estrangeiros. (3)

Ayres Barbosa, natural de Aveiro, discipulo de Angelo Policiano em Florença, e mestre de André de Resende em Salamanca, foi o restaurador das letras humanas em toda Hespanha, que n'aquelle tempo jaziam nas trevas da corrupção. Antonio de Nebrissa seu contemporaneo fazia d'elle tal conceito, que recommendou no seu testamento se lhe entregassem as suas obras, para que as emendasse. Bastava-lhe para credito do seu talento ter sido procurado com empenho pela judiciosa eleição d'el-rei D. João III, para ensinar a seus irmãos D. Affonso, e D. Henrique, ambos depois cardeaes, e estudiosos, cujo honorifico emprego exerceo só por sete annos, porque no de 1530, expirou, e jaz na villa da Esgueira. (4)

(1) Capass. Histor. Philosoph. Vide Ann. Histor. tom. 3. p. 123. e 297. (2) P. Bent. Per. in Republic. litterar. lib. 1. n. 114. (3) Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. a 3 de Mayo. Gasp. Estac. na famil. dos Estac. p. 16. Fonsec. Evor glorios. num. 716. Ann. Histor. tom. 3. p. 104. Possevin. Apparat. Sacr. tom. 1. Baron. Annal. ad. ann. Christ. 599. n. 9. Thuan. Histor. ad. an. 1566 Padilh. Histor. Eccl. cent. 4. c. 52. e Barbos. na Bibliot. tom. 1. p. 1. (4) Lilio Girald. de Pottorib. sui saecul. Poet. Baillet. Jugem. des Scavans tom. 4. p. 331. Lour. Crass. Histor. di Poet. Greg. p. 63. Ann. Histor. tom. 2. p. 328.

Amaro de Reboredo, um dos excellentes Grammaticos Latinos, que vio o seculo passado. Nasceu em Algozo, villa de Tras os Montes; e, como era tão versado nos estudos da Latinidade, muitos cavalheiros o escolheram para mestre de seus filhos, aos quaes soube instruir fundamentalmente. Imprimio alguns livros d'esta arte com bom methodo. (1)

André de Resende, Eborense, de tão elevado talento, que ainda hoje causa invejas aos sabios das outras nações. Teve por mestres das linguas Hebraica, Grega, e Latina aos professores mais insignes, que houve na Hespanha, Nicoláo Clenardo, Antonio de Nebrissa, e Ayres Barbosa, e com as suas instrucções sahiu tão bom discipulo, que depois teve a gloria de ensinar tambem a Aquilles Estaço, e a outros muitos famosos, e illustres ouvintes. Cultivou a Oratoria, a Historia, e Critica, e a Poetica com elegancia, juizo, prudencia, e discripção; até na arte da musica era perito. As prendas deste grande homem nem ignoram, nem negam os estrangeiros. (2)

P. Antonio Franco, Jesuita Transtagano, professor memoravel da arte Grammatical, em que compoz com laborioso desvelo o Promptuario da Syntaxe para uso dos estudantes, de cujo methodo se tem aproveitado muitos mestres de Hespanha. Falleceu em 3 de Maio de 1732.

D. Antonio Pinheiro, natural de Porto de Mós, cuja rara erudição, e sublime eloquencia o fez subir ao elevado grão de bispo de Miranda, e Leiria. Foi mestre dos moços fidalgos no reinado d'el-rei D. João III, e deste seu prègador, Chronista, e Reformador da Universidade de Coimbra. Chamavam-lhe o Cicero Portuguez. Compoz Commentarios a Quintiliano, que imprimio, fez varios preceitos da Rhetorica, e d'elle se lembram para o elogiarem muitos Escritores. (3)

Antonio Rodrigues da Costa, natural de Setubal, e Conselheiro do Ultramar, em nossos dias conseguio até dos estrangeiros uma geral acclamação de sabio na lingua Latina, a qual fallava, e escrevia facilmente com toda a energia, e natural propriedade. Foi bem estimado por isso, e por outras muitas virtudes. Morreu em Lisboa no anno de 1732.

P. Antonio Velez teve o seu nascimento na cidade de Portalegre, e adquirio com estudos continuos a fama de grande Humanista, Orador, e poeta. Illustrou a arte grammatical do padre Manuel Alvares, accrescentando-lhe os versos, em que meteo as regras da Grammatica primorosamente; pois, como bem diz o padre Franco, (4) em materia tão seca, e esteril, apenas se póde esperar poesia mais subida. Engrandecem, e louvam muito aos seus commentarios os professores desta arte.

P. Bento Pereira, bem conhecido, e applaudido por insigne observante, e professor de Humanidades. A sua Pallas Togata, e outras obras eruditas o recommendam memoravel.

(1) Nicol. Anton. Ribl. Hisp. tom. 2. p. 95. (2) Possevin. Apparat. Sacr. tom. 1. p. 76. (3) Telles. Chronic. Soc. Jesu, p. 2. liv. 6. c. 18. n. 12. Ann. Histor. tom. 3. p. 315. e outros apud. Barbos. Bibl. Lusit. (4) Franco na Contramina grammatical in princ.

Diogo Mendes de Vasconcellos, illustre filho de Alter do chão, e grandemente instruido nas bellas letras pelos melhores homens, que havia na Europa, com os quaes teve estreita amizade. Compoz nas linguas Latina, e vulgar com elegancia, e pureza; illustrou o livro quarto de Resende, e accrescentou o quinto. Teve a primazia de Chronista do reino na lingua Latina, foi muito estimado dos Principes, e elogiado dos sabios. (1)

Diogo de Teive, Bracarense, e grande competidor na eloquencia com os celebres Bucanano, e Moreto seus contemporaneos. Foi dos primeiros mestres de Humanidades, que regentaram as Cadeiras da Universidade de Coimbra, convidado por el-rei D. João III, escreveo na lingua Latina algumas obras elegantemente. (2)

Duarte Nunes de Leão, natural de Evora, além de outras faculdades, a que se applicou felizmente, escreveo da Ortografia Portugueza, que para o tempo, em que floreceu, foi plausivel. Morreu no anno de 1608.

Estevão Cavalleiro, Presbytero, e o primeiro, que escreveu arte de Grammatica, e a fez imprimir em Lisboa no anno de 1516. Foi mestre do insigne André de Resende, o qual na oração de Sapientia lhe dá o epitheto de excellentissimo Grammatico.

Fernando Soares, que na sua Grammatica Latina feita para uso do Excellentissimo Duque de Bragança mostrou a vasta noticia, e clareza nos preceitos desta arte. Floreceo pelos annos de 1570.

Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, filho da cidade de Coimbra, primeiramente religioso Jesuita, e depois capucho observante, foi dotado de um talento incomparavel, e transcendente para todo o genero de litteratura, que excedeu os maiores elogios. Em outro lugar faremos mais extensa memoria deste grande homem.

Jeronymo Cardoso, natural de Lamego, e professor publico de letras humanas em Lisboa, tão insigne, que no seu tempo não houve segundo, que o igualasse. Teve a felicidade de serem seus discipulos muitas pessoas famosissimas, e da primeira Nobreza. Compoz um Vocabulario Lusitano-Latino, que muitos julgam melhor que o de Nobrissa. Manuel de Faria no Catalogo dos Escritores Portuguezes manuscrito lembra-se de dous Jeronymos Cardosos, um natural de Villa-Real, a quem faz author do Vocabulario, e a quem diz que na contextura d'elle o ajudava uma sua filha, depois que elle cegara; porém no de Lamego diz, que só accrescentara alguma cousa ao tal Vocabulario. Qualquer dos dous é digno de memoria.

D. Jeronymo Osorio, bispo do Algarve, a quem Mariz chama Principe dos Oradores, (3) foi certamente grande imitador de Cicero, e mui versado em toda a erudição. A sua fama se acredita com as suas obras bem conhecidas, e estimadas em todo o mundo.

(1) Monarq. Lusit. liv. 1. c. 28. e liv. 2. c. 9. e 12. Nicol. Ant. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 230. (2) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 702. (3) Mariz, Dialog. cap. 13.

João de Barros, de quem em outra classe nos tornaremos a lembrar, resuscitou a memoria de Tullio, e o foi em Portugal. Deu preceitos para a lingua Portugueza, cuja Grammatica hoje vista de bem poucos, anda junta aos mais opusculos do author, que conservamos em nosso poder em um tomo de quarto summamente exquisito, e raro.

P. João de Moraes Madureira Feijó desempenhou o honrado emprego de mestre do Excellentissimo Duque de Lafões, e imprimio uma explicação da Grammatica Latina, que os doutos estimam.

Lourenço Botelho Sotto-Maior, Cavalheiro Lisbonense, e erudito academico. Devo por veneração, e respeito da sua memoria fazel-a aqui d'elle, de quem fiz sempre igual apreço, como amigo, e como discipulo, pois conservo a gloria de lhe ouvir os primeiros elementos da rhetorica, os quaes soube unir magistralmente com os da filosofia, em que tambem foi perito. Publicou sem nome o Systema Rhetorico, livro em semelhante genero mui solido, engenhoso, e de estimação. Tinha prompto para dar ao publico o Orador extemporaneo. Falleceu no anno de 1738.

P. Manuel Alvares, natural da Ilha da Madeira, e religioso da companhia de Jesus, um dos heroes sabios, que acreditaram a nação Portugueza, e dos primeiros mestres de humanidades, que houve no collegio de Santo Antão d'esta corte. Foi eminente nas linguas Latina, Grega, e Hebraica, e compoz a excellente arte de Grammatica Latina approvada com grandes louvores por homens doutos, e de rigorosa critica, sem embargo que o Scioppio, Vossio, e outros, especialmente os reverendos padres do oratorio, authores de novo Methodo da Grammatica Latina lhe tem descuberto mais de cento e vinte erros enormes, e censurado a incoherencia, e superfluidade de algumas regras. Falleceu no collegio de Evora aos 30 de Dezembro de 1583. (1)

Manuel Coelho de Sousa, Sargento mór dos Privilegiados da corte, foi homem, que em nossos dias penetrou com perspicacia os segredos mais reconditos da Grammatica Latina, e deu aos principiantes uma facil explicação das oito partes da oração com incansavel trabalho, excogitando sobre as regras do padre Manuel Alvares reflexões, e crises subtilissimas em estylo claro, breve, e genuino.

D. Maximo de Sousa, conego regular de Santo Agostinho, famoso Grammatico. A sua arte de Grammatica Latina foi impressa por ordem d'el-rei D. João III, para uso das escolas de Santa Cruz de Coimbra, e pela qual aprenderam os Senhores D. Fulgencio, e D. Theotonio, filhos dos Duques de Bragança. O Chronista dos conegos regrantes D. Nicoláu de Santa Maria diz, que a arte de D. Maximo fora a primeira, que em Portugal sahio á luz publica, mas o erudito abbade Barbosa na Bibliotheca tom. 3. pag. 456., diz, que miseravelmente se enganara D. Nico-

(1) Nicol. Ant. in Bibl. Hisp. tom. 1. p. 262. e o P. Anton. Franco na Contramin. grammatic. Far. in cant. 9. est. 65. de Cam.

jau, porque antes se havia impresso a arte de João Pastrana anterior trinta e quatro annos á de D. Maximo, e promettendo fazer menção do dito João Pastrana, totalmente lhe esqueceu, nem se acha no tom. 4. do additamento.

§ VII

Oratoria Sacra, e profana

Padre Antonio Vieira, jesuita famosissimo, e veneravel lisbonense, foi dotado de um engenho agudo, e fecundo, o qual unido a uma solida, e vasta erudição das escrituras, que em continuos estudos adquiriu na patria, e fóra d'ella, mereceu o applauso commum, que á sua pessoa, e aos seus escritos se dá, não só em Portugal, mas no mundo todo. (1) Elle foi o sagrado Cicero, e o pai da eloquencia portugueza, cujo idioma soube fallar com verdadeira energia, e natural propriedade. Blasfemou certo critico moderno, quando disse, (2) que nos sermões de Vieira não se acha artificio algum rhetorico, nem eloquencia, que persuada, porque isto facilmente se convence de falso com a mesma experiencia; (3) e em credito da sua valente facundia, efficaz persuasão, e methodo proporcionado para o ministerio do pulpito o tomam por exemplar as outras nações. (4) Assombro chamou o reverendo Feijó (5) a cada sermão do padre Vieira: e se este anonymo, imitador de Sciopio, mal contente lera as discretas reflexões, que n'este particular escreveu o padre D. Rafael Bluteau no Anteloquio da terceira parte dos seus sermões, talvez que fóra menos acre n'esta parte, e mais prudente o seu juizo censorio

D. Fr. Balthazar Limpo natural da villa de Moura, honra da religião Carmelitana, e grande lustre de Braga, onde foi arcebispo oito an-

(1) Franc. Xav. de Oliv. nas Memoir. Historiq. concernant le Portug. etc. tom. 1. pag. 339. (2) Luiz Anton. Verney no Verdadeir. methodo de estudar tom. 1. cart. 6. pag. 206. impress. em Valença no anno de 1746. (3) Se este mesmo erudito, ainda que severo critico, assenta comsigo a p. 360. que a eloquencia sublime consiste no bom uso das figuras Rhetoricas, quem melhor do que Vieira soube usar d'ellas? Nós já o mostrámos no «Espelho da Eloquencia Portugueza.» (4) D. Gregor. Mayans, Bibliothecario del Rei Catholico Filippe V no «Orador Christiano» impresso em Valença no ann. de 1733. a pag. xvm da Dedicator. diz; «Me he valido del Orador más illustre, que en este siglo passado ha tenido España, el P. Antonio Vieira, varon de admirable ingenio, y singular eloquencia. Y como este Padre es el Principe de la Predicacion Espanola, y mi intento es que se mejore esta, acercando-se más (segun lo pide tambien el mismo genio de la Nacion, grave, y vehemente) al natural modo de orar de los Demo-sthenes Griegos, y Ciceriones Romanos, o por mejor decir, al methodo de orar de los más eloquentes Padres de la Iglesia Griega, y Latina, he alegado varios testimonios de dicho Padre, de cuya ingenua, y generosa confession consta, que el methodo, que yo propongo, de orar, es el mejor, supuesto que es el mismo, que el P. Antonio Vieira propuso, como desengañado, segun el mismo lo confessó, etc.» Tambem o douto Padre Fr. João de Ayala no seu Pictor Christianus lib. 1. c. 5. n. 3. fallando de Vieira, diz: «Is enim est Pater Antonius Vieira, Concionator Serenissimi Regis Portugalliae, imó (ut aliàs tarcam doctrinae laudes) sui, et nostri saeculi Concionatorum omnium, ut mea fert opinio, facile princeps». (5) Feijó. Theatr. Critic. tom. 4 disc 11. n. 37.

nos. Foi elle o orador Evangelico mais afamado no seu tempo: e succedia, quando prègava na igreja do Carmo em Lisboa, concorrer o povo para o ouvir desde a meia noite em ordem a tomar lugar: e tal era o concurso da gente, que não cabia, havendo sempre mil brigas sobre os assentos. Veja-se a Barbosa na Bibliotheca, e a Cardoso no Agiologio tom. 2. pag. 375.

D. Fr. Christovão de Almeida, bispo de Martyria, e natural da Golegã, cultivou o exercicio predicativo insignemente, e no seculo passado teve a gloria de ser um dos mais eloquentes oradores, que subiram ao pulpito com applauso universal. Ainda reluzem nos seus sermões impressos a elegancia, e erudição. Morreu no anno de 1679.

P. Diogo de Aréda, natural de Arrayolos, e jesuita, conseguiu tambem no seu tempo fama de grande orador evangelico. Existem d'elle alguns sermões muito bons.

Diogo de Paiva de Andrade, illustre clerigo secular, de quem já fizemos menção entre os insignes theologos, foi tambem um famoso orador Evangelico, e de grande authoridade; e posto que nos seus sermões impressos se encontre um estylo apostillado, e conciso, destituido da frugalidade dos conceitos modernos, era todavia o que então melhor se usava, sem faltar ao essencial da persuasão.

Fr. Filippe Dias, natural de Bragança, e religioso franciscano, teve especial talento para o pulpito, no qual conseguiu admiravelmente os effeitos de orador apostolico. Foi douto, pio, e virtuoso. Na universidade de Salamanca adquiriu tal respeito, que por algumas vezes lhe encarregou o bispo D. Manrique de Lara a reformação nos costumes dos Academicos, que só ás suas vozes tremiam como de trovão. A esta efficacia allude um Epigramma, que anda no principio do tom. 2. dos seus sermões, que diz:

Læta Brigantinos, Salmantica, suscipe fructus,
Quos hæc terra suo lacte rigata tulit.

Faleceu em Salamanca aos 9 dias de Abril de 1600.

Fazem d'elle menção honorifica os authores seguintes: (1)

Fr. Thimotheo de Ceabra, da veneravel Ordem Carmelitana, e natural de Lisboa, foi um dos mais celebres oradores do seu tempo, sempre attendido com applauso, não só em Portugal, e Castella, mas na Italia, e Alemanha, onde foi prègador do imperador. Existem d'elle muitos sermões, e panegyricos cheios de eloquente facundia. Morreu a 17 de Fevereiro de 1651. (2)

(1) Wading. Annal. Seraphic. ad ann. 1600 Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2 p. 191. Gil Gonçalv. Histor. Salmant. liv. 3. c. 3. (2) Fr. Jorge Cotrim nas Flores produzid. nel Carmel. Lusit. c. 12.

§ VIII

Poesia Epica, e Lyrica

Antonio Barbosa Bacelar, natural de Lisboa, cultivou alem de outras faculdades a poesia lyrica felizmente. Os seus sonetos tem harmonia, e elegancia suavissima, elevação nas expressões, e muita naturalidade nos conceitos, por isso é summamente estimavel.

Antonio da Fonseca Soares, mais conhecido hoje por fr. Antonio das Chagas, varão veneravel na virtude, no espirito, e numen poetico. Foi mui feliz nos romances: descobrem-se n'elles boa fraze, muita energia, subtis pensamentos, e natural expressão dos affectos. O seu poema tragico da *Filis* e *Demofoante*, escrito no idioma Castelhano, ainda que incompleto, é eloquente, e elevado, e muito merecedor de se fazer publico pela impressão, (1) sem embargo da rigorosa analyse, que lhe faz o author do verdadeiro methodo de estudar. (2)

Antonio Ferreira, filho de Lisboa, sendo professor da Jurisprudencia, teve inclinação, e furor natural para a poesia, na qual floreceu com grande fama desde o anno de 1536 até o de 1569, em que morreu. Nos seus *Poemas Lusitanos* logrou entre nós a primazia da sublime fraze; e se tivera tanto espirito, como teve de estudo, excedera aos poetas antigos, a quem muito imitou. (3)

Antonio Figueira Durão, lisbonense, participou tambem de um genio, e habilidade nativa para o metro, pois de quinze annos compoz o poema *Ignatiados* com tanta felicidade, e harmonia, que alguns o igualam a Claudiano. (4)

Antonio Gomes de Oliveira, de Torres novas, tudo o que escreveu em verso é merecedor da classe poetica, e foi o primeiro poeta, que trouxe a Portugal a cultura dos versos aureos. O mesmo Gongora assás presumido, e seu contemporaneo, lhe guardou summo respeito aos *Idyllios maritimos*. (5)

Antonio Henriques Gomes foi sugeito de vivo entendimento, e perspicacia. O espirito, e enthusiasmo poetico, de que a natureza o dotou, lhe suppriu os estudos, que não teve; e sem embargo de se observar nas suas obras grande força de invenção, cadencia, e viveza nas expressões, ha quem o condemne de fantastico no seu *Siglo Pythagorico*. (6)

(1) Franc. Xav. de Oliveir. nas Memoir. Histor. tom. 1. pag. 350. (2) Este Censor critica o tal Poema com severidade, e paixão. Descobre-lhe alguns defeitos, que devem ser desculpaveis, attendendo ao fervoroso impeto do genio, e da nação Portugueza; até o condemna de imitar muito a Virgilio. E' verdade que em alguns dos reparos tem razão o juizo deste critico; mas não podemos deixar de lhe estranhar o excesso de algumas proposições, querendo regular as materias Poeticas por uma idéa demasiadamente filosofica. (3) Far. na Introd. ás Eclog. de Cam. n. 1. D. Franc. Man. no Hosp. das letr. p. 363. (4) Man. de Galhegr. no juizo que fez desto Poeta, e vem no tom. 5. Corp. Poetar. Lusitan. pag. 381. (5) D. Franc. Man. Hosp. das letr. p. 385. Far. na Introd. ás Oitav. de Cam. tom. 1. part. 2. p. 83 (6) D. Franc. Man. nos Dialog. já allegad.

P. Antonio dos Reis, da congregação do Oratorio de Lisboa, e natural de Pernes, termo de Santarem, foi engenho, que em nossos dias, cultivou sublimemente a divina arte da poesia. Resuscitou a agudeza de Marcial nos seus Epigrammas, e imitou nobremente os conceitos de Owen, os equivocos, e as paranomasias de Hoffman. Deve-lhe muito o reino pelo trabalho, e desvelo, que teve em fazer uma collecção dos poetas portuguezes, que escreveram em latim, de que já se imprimiram sete tomos, em cuja utilissima obra vai continuando o estudioso padre Manoel Monteiro da mesma Congregação.

Antonio de Sousa de Macedo, natural do Porto, e conhecido no mundo pela sua erudição, e talento. No Parnaso portuguez teve um lugar mui distincto, o que mereceu pelo seu poema heroico, intulado *Ulyssipo*, regular, e conforme aos preceitos da arte. Imita n'elle felizmente a Marino em muitos lances do seu Adonis.

P. Bartholomeu Pereira, Jesuita, e natural de Monção, seguiu engenhosamente os passos de Virgilio na elevada, e sonora composição do seu Paciecidos.

Bartholomeu Varella teve especial dom para o estylo jocoso, em que fez algumas obras, que não viram a luz publica, mas correm pelas mãos dos curiosos com estimação: entre as mais é mui celebre a conversão do primeiro canto de Camões ao burlesco pelos mesmos consoantes, e numero de oitavas com muita felicidade. (1)

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, a quem o insigne Lope da Vega intitulou *Decima Musa*, e os mais celebres poetas do seu tempo veneraram muito, foi matrona muito nobre do Porto, filha do Desembargador Ignacio Ferreira Leitão, e ornada de grandes prendas, pois resplandeceu n'ella famosamente o talento não só para a latinidade, rhetorica, filosofias, e mathematicas, mas com especialidade para a poetica. Os seus poemas da *Espana libertada* illustraram muito a fraze castelhana; e ainda que D. Ignacio de Luzan na arte poetica (2) os exclue da razão do poema Epico, e os põe junto da *Pharsalia* de Lucano. Morreu no anno de 1644.

Bernardim Ribeiro, moço fidalgo no tempo d'el-rei D. Manoel, e natural do Torrão, de genio naturalmente propenso para a poesia vulgar, em que floreceu com tanta excellencia, que o grande Camões lhe chamava o seu Ennio. Compoz um livro, a que intitulou *Saudades*, cheio de singulares imagens, admiraveis pensamentos, e affectos. Manoel de Faria tem para si, que foi o primeiro author, que escreveu Eclogas em Hespanha. (3)

(1) Deste Author não se lembra a Bibliotheca Lusitana; porèm o P. Franc. da Cruz o allega nos seus Apparatos, confessando que não fora este Author só o que trasformara o canto de Camões, mas concorreram tambem outros Poetas, Manoel Luiz Freire, Manoel do Valle, e Luiz Mendes de Vasconcellos. (2) D. Ignacio de Luzan nas Reglas de la Poesia liv. 1. reg. 1. (3) Far. na Font. de Aganip. part. 1. no Disc. dos Sonet. Idem part. 3. disc. das Sextin. n. 2. Idem. part 3. cent. 2. madrig. 33. Idem na Introd. ás Eclog. de Cam. n. 1.

Fr. Bernardo de Brito, mais conhecido por historiador, que por poeta; porém sem duvida foi um dos canoros, Cisnes, que se ouviram pelas margens do Coa. D'elle é a *Sylvia de Lizardo*, livrinho assim intitulado, que consta de Sonetos, e Eclogas, na opinião de Manoel de Faria melhores que as de Diogo Bernardes. (1)

Braz Garcia Mascarenhas, da provincia da Beira, valente soldado, e valente poeta. Compoz o poema de *Viriato tragico*, e outras poesias de engenho, porque se fez famoso. Morreu no anno de 1656.

Cadaval Gravio, natural de Braga, foi illustre poeta latino. O bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro o estimava muito, e o obrigou a fazer um tomo consideravel de varios poemas, que se imprimiu, no qual descreve gentilmente a quinta de Santa Cruz, que aquelle bispo fabricara para recreio dos prelados. Consta de uma belissima descripção do sitio, e do palacio em verso heroico, e a cada quarto d'elle, a cada ermida, a cada fonte, a cada estatua, e a cada bosque ha seu epigramma elegantissimo. Camões vendo estas poesias, pareceram-lhe tão boas, que teve inveja d'ellas: assim o dá a entender no soneto 90. da *Centur.* 2. conforme a interpretação do seu commentador. (2)

Christovão Falcão foi muito celebre nas suas poesias, ás quaes intitulou *Crysfal*, fabricando este nome do seu proprio nome, e appellido, tomando d'este o *fal*, e d'aquelle o *Cris*. Consta de coplas bem feitas. (3)

Diogo Bernardes, homem de limpo nascimento, e natural de Ponte de Lima. Nas poesias, que publicou, mostrou suavidade, brandura, e estylo mui adequado ao seu assumpto pastoril, e rustico, especialmente nas Eclogas, que vem no livro intitulado *Lima*, em que mereceu a coroa de Appollo, que o constituiu principe da poesia pastoril. (4) Verdade seja, que Manoel de Faria suspeita serem alguns versos de Bernardes usurpados a Camões. (5) Morreu em Lisboa no anno de 1596, e jaz enterrado junto do mesmo Camões no mosteiro de Santa Anna. (6)

Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do que já referimos na classe dos theologos, nasceu em Lisboa, e foi filho do chronista mór do reino Francisco de Andrade. Teve natural cadencia para a poesia latina, em que compoz o poema *Chauleidos*, que consta das guerras, que os portuguezes tiveram em Chaul, imitando n'elle a valentia dos versos de Estacio. Fez outras poesias lyricas, que andam no tom. 3. da collecção dos poetas portuguezes. (7)

Diogo de Sousa, author da celebre *Jornada do Parnazo*, que anda

(1) Idem ibid. n. 6. (2) Deste Author se lembra Manoel de Faria, commentando o tal Soneto, e Jorge Cardoso no Catalogo dos Escritores. A Bibliotheca Lusitana do Reverendo Abbade Barbosa não falla nelle em logar proprio, só no tom. 1. pag. 702. col. 2. o allega nos elogios de Diogo de Teive. (3) Far. Comment. das Rim. de Cam. Eclog. 1. est 7. (4) Assim o cantou Lope da Vega no Laurel de Apollo, em que celebra varios Poetas dignos delle. (5) Faria no Prolog. da 1. part. da Fonte de Aganip. n. 1. e no Juizo ás Rim. de Cam. n. 20 (6) Barbos. na Bibliot. Lusit. tom. 1 p. 637. (7) D. Franc. Man. nos Dialog. p. 396. o condemna de muito melancolico.

no tom. 5. da Fenix renascida em nome supposto de Diogo Camacho, poeta Bordalengo, foi natural do termo de Coimbra, e bem mostrou o genio festival, com que a natureza o dotou, inclinando-o á poezia alegre, pois n'aquelle genero é a tal obra mui galante, e de juizo. (1)

Diogo de Teive, Bracarense, de quem já nos lembrámos, foi um dos primeiros mestres de humanidades, que lançaram os alicerces á Universidade de Coimbra. Reluziu n'elle um engenho capacissimo para todo o genero de letras, e na poesia competiu com os melhores professores da arte (2)

Estevão Rodrigues de Castro, medico de profissão, natural de Lisboa. As suas rimas no juizo critico de Manoel de Faria não devem nada ás melhores; d'onde se vê, que com igual talento, e engenho foi admiravel professor de ambas as faculdades. (3)

Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo. O genio poetico foi n'elle naturalissimo. Compoz muito, e bem sem comparação. D'elle fallaremos ainda outra vez mais extensamente.

Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, natural da Torre de Moncorvo, e das primeiras familias de Traz os Montes, teve furor, e enthusiasmo poetico de grande elevação, e especie maravilhosa. O seu poema Epico intitulado *Alfonso*, feliz imitação de Lucano, ennobreceu a lingua Castelhana, acreditou o Parnaso, a nação, e o author, pois por elle mereceu, que a augusta magestade d'el-rei D. João V lhe fizesse a mercê do habito de Christo com uma decente pensão na Commenda de S. Pedro de Folgozinho, valendo-lhe mais esta benignidade do soberano, (em que se viu não ser a poesia desvalida) do que se o mesmo Appollo coroasse o author de louro. Alguns legisladores da poetica lhe fizeram varios reparos sobre a contextura, machina, e artificio do poema, (4) a que elle talvez respondeu no prologo da ultima impressão de 1741. Morreu em fim em Salamanca no anno de 1747.

Francisco de França da Costa foi um dos polidos, e engenhosos poetas lyricos do seu tempo, e ainda hoje conserva muito boa fama, escrevendo tão pouco. Floreceu no anno de 1600.

D. Francisco Manoel de Mello, natural de Lisboa, illustre por sangue, e letras, desde bem pouca idade mostrou a grande, e particular inclinação, que sempre conservou ás Musas. Militando em varias partes da Europa com brio, e valor, nunca se esqueceu do seu commercio; e assim quando se achou mais desembaraçado, instituiu a celebre Academia dos singulares de Lisboa, que se fazia em sua casa

(1) D Franc. Man. nos Dialog. p. 390. (2) Ant. Ferr. Eclog. 5. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 235 O livrinho intitulado «Portugallia» pag. 366. «Jacob Tevius Bracharensis . . . edidit poemata partim Latina, partim Lusitanica pererudite» (3) Far. Comm. das Rim. de Cam. tom. 3. p. 1. (4) D. Ignacio de Luzan na sua Poetica liv. 1. nota de impropriedade neste Poema, que os Anjos assaltem as muralhas de uma Cidade, pois isto era empenho proprio do Heroe, e de seus soldados. Maior critica, e mais rigorosa é a que lhe faz o Author do Verdadeiro methodo de estudar tom. 1 p. 269. onde diz, que este Poema não tem artificio algum de Epopeia, e que as fabulas são affectadas, e com bastantes inverosimilidades; que os versos são duros, e que em todo o Poema reina uma escuridade insoffrivel.

todos os domingos. N'esta assemblea de doutos, e luzidissimos engenhos manifestava D. Francisco os quilates do seu, com a facilidade de escrever em todos os estylos com propriedade, e descrição, e elegancia. Das muitas obras, que compoz, vem um Cathalogo no principio do seu livro *Victoria del hombre*, e se repetem em um dos seus Dialogos. Morreu em Lisboa no anno de 1666, e está sepultado na capella do Santo Christo dos Cardaes, onde tem Missa quotidiana. (1)

D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, e um dos mais estimados cortezãos do seu seculo, soube ajuntar nos seus versos com raridade a gala á decencia em estylo polido, mysterioso, e nobre.

Francisco Rodrigues Lobo, natural de Leiria, de profissão Jurista, e de genio mui aprasivel, escreveu varios livros de prosa, e verso, especialmente tres, que o honram muito, as *Eclogas*, e *Primavera*, e a *Corte na aldeia*. O estylo é suave, natural, affectuoso, puro, e na sua esfera felicissimo. Louvam-no muito os melhores mestres da faculdade. Só o poema intitulado Condestavel não teve entre elles tanta estimação. (2)

Francisco de Sá de Miranda, memoravel conimbricense, que podendo seguir as cadeiras da Universidade com applauso não vulgar, quiz antes obedecer ao genio, que o inclinava para a poesia. N'esta foi feliz em tudo que escreveu de verso curto, como Eclogas, e Redondilhas portuguezas. O seu estylo é mui sentencioso, e natural, mas em portuguez cerrado, e allegorico. Das suas sentenças se aproveitaram grandes homens para confirmarem doutrinas moraes. (3) Morreu no anno de 1558.

Gabriel Pereira de Castro é tambem numerado entre os famosos poetas, que illustraram este reino, sendo o seu poema da Ulyssea uma das grandes provas do sublime engenho, de que foi dotado, porque é tecido de oitavas excellentes em limpeza, facilidade, elegancia, e formosura poetica. (4)

Henrique Cayado, celeberrimo poeta latino em tempo de Policiano, de quem aprendeu passando a Italia no anno de 1495, e com a communicação dos melhores engenhos, que então floreciam em Florença,

(1) Gregor. de Almeid. na Restauração de Portug. prodigiosa part. 2. c. 24. p. 391. P. Man. Godinh. na Jornad. da India. Feijó, Theatr. Critic. tom. 1. disc. 16. n. 71. Barbos. Bibl. Lusit. tom. 2. (2) Faria na Introd. ás Eclog. de Cam. n. 6 e 7. Lopo no Laurel de Apollo p. 26. Gracian. no Critic. Cervant. na Vid. de D. Quix. (3) Vicr. tom. 4. n. 522.o tom. 8. p. 230. P. Fernand. Alma instruid. tom. 2. p. 52. e 238. D. Franc. de Portug. na Carta 1. Sever. Disc. da Ling. Port. p. 82. Ann. Histor. a 15 de Março, e no tom. 3. p. 246. P. Macedo no liv. «Domus Sadica» faz a este Author um elogio, em que manifesta o caracter das suas obras, dizendo a p. 16. «Franciscus Sá Miranda, an mirandus? Celeberrimus ob ingenii acumen, et judicii pondus, et scientiarum veritatem, et morum integritatem, qui primus Lusitani styli nasum produxit, soccosque cothurnis miscuit feliciter, togatasque satyras in aulam induxit, et illud pastorino carmine consecutus est, ut silvae consule dignae fierent; ultra fabulas Poeta, immo et sui temporis gratus Momus, et familiaris vates, quemadmodum ejus scripta demonstrant. Certe nemo melius eo, et aptius jocos seriis, et seria jocis distinxit.» (4) Far. foi inconstante no juizo, que fez deste Poeta. Vid. Fonte de Aganip. tp. 1. no Prol. e nas Rim. do Cam. e Lusiad.

Ferrara, e Bolonha, se aperfeiçoou de maneira, que foi estimada entre todos por admiravel a sua veia poetica, descobrindo-se nas suas *Eclogas, Sylvas, e Epigrammas* muita elegancia, muita regularidade, juizo, e engenho. Morreu no lugar de Bemfica junto de Lisboa. (1)

D. Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira, foi um dos talentos, que em nossos dias vimos transcender por todas as materias eruditas com admiração. Pelo que toca á poesia foi sem duvida assistido de Apollo, e a sua *Henriqueida* nos faz reflectir, que um genio elevado sabe abrir novos, e difficeis caminhos, como fez Hercules nos Alpes, nem está esperando a que outros inventem para os seguir. (2)

Fr. Jeronymo Bahia, monge Benedictino, mereceu particular estimação no seu caracter, e estylo de escrever.

Jeronymo Corte Real, cavalheiro de Lisboa, excellente poeta, ainda que compoz em verso solto.

Fr. João Felix, ou Freire, Trinitario, compoz em toda a variedade de versos latinos com acceitação muitos Poemas, e Epigrammas, como se vê no seu livro intitulado *Isagoge*.

D. João de Tarsis, conde de villa Mediana, que nos conceitos nobres, e expressões graves excedeu os mais insignes poetas seus contemporaneos.

Jorge de Monte-maior foi poeta elegantissimo, e enriqueceu bastantemente com frazes, e termos proprios a lingua Hespanhola. Entre as suas obras é inimitavel a primeira parte da *Diana*, e a fabula de Pyramo, e Tisbe quasi que é invencivel. O cavalleiro Marino celebre poeta a traduziu sem confessar o author. (3)

Lopo Serrão, natural de Evora, medico d'el-rei D. Sebastião, bem mostrou a elegante veia poetica nas varias Elegias, que compoz com inveja do mesmo Ovidio, a quem soube imitar admiravelmente. (4)

Luiz de Camões, insigne, e illustre filho de Lisboa, principe dos poetas portuguezes, unico discipulo de Homero, e de Virgilio, e unico mestre de quantos lhe succederam. Lope de Vega lhe dá o epitheto de divino, e de excellente. Valdecebro chama-lhe *Fenix dos poetas portuguezes*, e *Cisne Lusitano*. Fr. Fernando de Camargo o trata com o titulo de *Immortal*, e raro é o author estrangeiro, que o não venere por um dos poetas, que mais mereceram a coroa de Apollo, tanto na poesia heroica, como lyrica. Não allegamos com authores portuguezes por escusar a suspeita. Antonio Paggi, nobre genovez, fallando das *Lusiadas* de Camões no principio da sua tradução italiana, diz, que semelhante poema é dignissimo no assumpto, facilissimo no estylo, e elegante na fraze, profundo nas allegorias, solido nas moralidades, exquisito na eru-

(1) Franc. Botelh. no Prol. de Alfonso da ultim. impressão de Salamanc. em citav.
(2) As obras deste Poeta andam juntas no tom. 1. Corp. Poetar. Lusit. de p. 51 por diante
(3) Dr. Franc. Man. nos Dial p. 313. Faria no cant. 5. est 15. (4) Corp. Poet. Lusit. tom. 4.

dição, proprio nos affectos, ornado nos episodios, moderado nas metaforas, abstinente nas hyperboles, exemplar nos costumes, pio na religião, engenhoso na contextura, e finalmente uma idéa de todas as perfeições. Monsieur du Perron de Castera, que tambem traduziu fidelissimamente em França as *Lusiadas*, e as fez imprimir no anno de 1735 em tres tomos de oitavo, pinta no principio o monte Parnaso, e de uma parte a Musa Calliope apertando a seus peitos a Camões, como a filho, da outra parte Apollo offerecendo-lhe a lyra, no meio a Fama tecendo-lhe uma coroa, e em baixo a inveja despedaçando-se. Em pouco expressou um grande elogio d'este poeta.

Sem embargo teve elle contra si alguns, que lhe quizeram descobrir defeitos, especialmente no poema heroico: tal foi Rapin, que o censurou de escuro, e n'isto bem mostrou que não entendia a lingua portugueza. Monsieur de Voltaire no discurso da poesia Epica, supposto fazer alguns reparos nas mesmas Lusiadas, confessa que no estylo, e modo de expressar ninguem tem que dizer a Camões, e que esta tal arte é bastante para disfarçar quaesquer escrupulos da critica. O author moderno do *Verdadeiro methodo de estudar*, foi quem fez maior anatomia a Camões, porém cortou em partes, por onde outros já tinham cortado; e a pezar de toda a censura sempre a poesia de Camões ha de ser excellente, eterna, e admiravel. (1)

Luiz Pereira, Cavalleiro do Habito de Christo, é dos que melhor sentiram a perda d'el-rei D. Sebastião, pois desde então até morrer nunca despio o luto. Escreveu um poema d'aquella perda, a que intitulou *Elegiada*, com bons lances poeticos.

P. Manoel de Abrantes foi excellente poeta latino, e se fez memoravel pelos seus Epigrammas sacros, que compoz.

Manoel Bocarro, de quem nos lembraremos na classe da Medicina cultivou tambem a poesia com enthusiasmo, e furor natural, como se vê no seu *Anacæphaleosis*.

Fr. Manoel de S. Joseph, natural de Lisboa, e religioso eremita de Santo Agostinho, foi em Castella prégador d'el-rei Filippe IV, e de grande nome, e engenho, do qual deu provas evidentes no exercicio de varias faculdades, não se fazendo menos insigne e famoso na poetica. Seu é o poema dos sentimentos de *Lydia* e *Armindo*, que vem no tom. 4. da Collecção da Fenix renascida todo adornado de elegancia, e primores poeticos. Morreu em Madrid pelos annos de 1656.

Manoel de Faria e Sousa, do Couto de Pombeiro, que fica entre Guimarães, e Amarante, onde teve o seu nascimento a 18 de Março de 1590, foi um dos engenhos raros de Portugal, muito erudito, e de gran-

(1) Lope da Vega na Arcadia p. mihi 234. e no Laurel de Apollo p. 25. vers. Valdecebro no Templo de la fama art. 14. Camargo na Continuação da Histor. de Marian. ad ann. 1649 O Barão de Lahontan. tom. 3. dos Dial. p. 214. Solorzano de Jure Indiar. tom. 1. liv. 1. cap 3 n. 18. D. Thomaz Tamayo de Vargas na Approvação dos Commentos, que fez ao poeta Manoel de Faria, alem de outros muitos

des estudos. Na poesia foi mestre, e soube exercital-a com furor, e fertilidade, porque compoy muito, e bem, por isso estimado em Madrid, e Roma de grandes personagens. Teve um juizo acre, e severo, que difficilmente se agradava das cousas, e no exame dos seus escritos, e alheios, propendia mais para a complacencia dos proprios, que ainda que sejam merecedores de applauso, é nota, que muitos lhe censuram. (1) Morreu em fim em Madrid a 3 de Junho de 1649.

Manoel de Gallegos, mui douto nas letras humanas, e não menos versado na poesia especulativa, e pratica. Compoz o *Templo da Memoria*, onde collocou para eterna veneração alguns authores portuguezes insignes no metro. (2)

Manoel Mendes de Barbuda, que no seu poema sacro intitulado *Virginidos* expressou o genio eminente para a poesia, conforme o juizo poetico, que fez d'elle Fr. André de Christo, famoso mestre da faculdade.

P. Manoel Pimenta, da Companhia de Jesus, cujos Epigrammas não devem nada aos preceitos da arte, alcançou applausos merecidos á sua sciencia e ao seu talento.

Manoel Pinheiro Arnaut exercitou a poesia com felicidade, pois não só foi assistido das Musas, mas das Graças. O seu poema de *Alfeo*, e *Arethusa* é estimavel, e applaudido dos doutos pela sua galantaria, e clareza do estylo.

Manoel das Povoas compoz a vida de Christo em tercetos Castelhanos, assim como o Dante, e é poema digno de estimação no sentir de Manoel de Faria. (3)

Manoel Thamaz, poeta das ilhas, não mereceu pequenos louvores com a sua *Insulana*, e *Fenix da Lusitania*, nos quaes livros mostrou capacidade, e veia poetica.

Marçal de Gouvea, mestre de letras humanas em Coimbra, e poeta laureado em Pariz. Tinha tal felicidade, que sabia imitar o estylo, e furor de qualquer poeta; porém a sua forte imitação era de Ovidio. (4)

Miguel de Barros foi dotado de um agudo engenho, e natural cadencia para o metro com tal facilidade, que parece o haviam embalado as Musas desde os seus primeiros annos.

Miguel Botelho de Carvalho soube executar os lances de bom poeta, isto é, unir a elevação dos conceitos com a facilidade do estylo, especialmente no seu poema da *Filis*, o qual está cheio de valentia, suavidade, e perfeição.

Miguel da Silveira, natural de Celorico da Beira, e canoro cisne da Europa, (5) foi professor de filosofia, jurisprudencia, medicina, e ma-

(1) João Soar. de Brito na Bibl. Lusit. m. s. «Vir fuit multae lectionis, et eloquentiae magnae, sed (quo plerumque vitio Grammatici laborant) admodum sibi placens, philautia magnopere tangebatur.» (2) Este Author no liv. Templo da Memoria liv. 4 est. 174. faz menção de trinta e cinco Poetas famosissimos. (3) Far. na Introd ás Eclog de Cam. (4) P. Scot. in Bibl. Ann. Histor. tom 3. p. 352. (5) Rodrig. Mend. da Silva na Poblac. Gener. de Espana cap 166.

thematica, as quaes sciencias leu vinte annos na corte de Madrid com grande applauso até o de 1636. Depois foi para Napoles com o vice-rei D. Ramiro, duque de Medina de las Torres, que tinha sido seu discipulo, e lá publicou o Poema heroico intitulado *Macabeo*, em cuja composição havia gastado mais de vinte annos, dando-o a vêr a muitos engenhos, que julgou o podiam melhorar; mas depois de impresso pareceu menos bem que antes, pois por imitar o modo de Gongora se fez aspero: todavia é digno de estimar-se pelo engenhoso, altiloquo, e modesto estylo em todas as expressões. (1)

Paulo Machado Sacoto, natural de Beja, poeta lyrico, mui celebrado nos seus sonetos; mas sendo elles a causa de que o author viva na memoria das gentes, tambem foram o motivo desgraçado, porque D. Francisco Rolim seu emulo o privou da vida no anno de 1600.

Pedro da Costa Perestrello attreveu-se a competir com Luiz de Camões, escrevendo a acção de Vasco da Gama; porem vendo a Lusiada, desmaiou. Foi todavia mui applaudido nos seus versos: até em reconhecer a vantagem alheia se fez digno de memoria.

Simão Torrezão teve grande estimação no seu tempo pela natural cadencia do metro, com que facilmente compunha. As *Saudades, e zelos de Albanio* são applaudidas.

Thomaz Pinto Brandão, celebre poeta dos nossos tempos, que para o estylo jocoso teve natural energia, e propendeu muito para o satyrico; porem n'aquelle seu genero sempre os seus versos serão memoraveis. Morreu em 31 de Outubro de 1743.

D. fr. Thomé de Faria, bispo de Targa, e religioso da sagrada familia Carmelitana lisbonense, foi varão consummadissimo nas divinas, e humanas letras, e tão excellente poeta na lingua latina, que converteu no tal idioma as *Lusiadas de Camões* com admiravel elegancia.

Thomé Tavares, foi um grande engenho, que produziu a cidade do Porto, e a quem as musas fizeram todo o seu enthusiasmo poetico. As suas obras são veneraveis, e tidas pela melhor cousa, que ha no genero da poesia satyrica: não se imprimiram, mas isso não tira que o seu author seja merecedor de se lhe collocar a sua estatua no Museo de Apollo.

Vasco Mousinho de Quevedo, natural de Setubal, poeta insigne, e tão famoso, que na opinião de Manoel de Faria não reconhece superior depois de Camões no seu heroico, e regular poema de *Affonso Africano*. (2)

Soror Violante do Ceu, religiosa no mosteiro da Rosa de Lisboa,

(1) D. Franc. Man. Hosp. das letr. p. 351. (2) Man. de Far. no cant. 2. est. 103. de Cam. diz deste Poema: «Es obra, que despues desta en este genero no conocemos otra en orden, imitacion, y facilidad, y muestras de juizio, (hablo de Authores Portuguezes hasta este anno de 1638.) haviendolos examinado a todos para esta sentencia, que yo mismo aprovara el mismo Apolo, porque la di despues de haver rebuelto todos los textos de las Musas, por no parecerme a los que sin examen se hazen Juezes.

possuio as influencias do numen poetico abundantemente. São as suas poesias lyricas benemeritas de toda a estimação. (1)

§ IX

Poesia comica

Antonio Ferreira foi tambem famoso neste genero de Poesia.

Antonio Joseph da Silva, que supposto ser infeliz na morte, não se póde negar ser dotado de um grande engenho, e feliz para esta composição comica, já conforme o estylo morato em ordem á expressão dos costumes, ou já pathetico, segundo o predominio, e descripção dos affectos. Testemunhas são do seu engenho os dois tomos do *Theatro comico* impressos no anno de 1744.

Antonio Prestes, natural de Santarem, teve a assistencia de um particular numen para o comico, em cujo estylo compunha com muita facilidade.

Antonio Ribeiro Chiado, natural dos suburbios de Evora, escreveu muitas comedias graciosas, e facetas, para cujo estylo teve um genio muito especial. No seu tempo foi unico: glosava de repente com muita galantaria: logrou estimação universal, e se fez memoravel. Morreu no anno de 1591.

Diogo Ferreira de Figueiroa, natural da Arruda, na invenção dos *Desmaios de Maio* mostrou grande elegancia, e erudição.

Francisco de Sá de Miranda nos seus *Villalpandos*, e *Estrangeiros*, comedias famosissimas, excede em graça, e eloquencia as melhores dos antigos mais celebrados.

Gil Vicente foi o Plauto portuguez. Não teve outro desvio para lhe levantarem estatua, que o não escrever em latim, para se fazer mais publico o seu engenho; porem verdadeiramente no estylo vulgar, jocoso, e faceto venceu em seu tempo a Terencio, e a Menandro. (2)

João Bautista Diamante compoz muitas comedias, que no seu tempo tiveram estimação.

João de Matos Fragoso, de engenho claro, e de rara invenção para os enredos comicos, e tragicos. São mui celebradas as suas comedias.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, cavalleiro da Ordem de Christo, bom humanista, e digno de estimação nas comedias da *Aulegrafia*, *Ulyssipo*, e *Eufrosina*, as quaes a juizo dos doutos não admittem superioridade.

Luiz de Camões no seu *Anfitrião* dá documentos aos mestres comicos. São as suas comedias, conforme parece a Faria, as melhores que se tinham escrito até o seu tempo.

(1) Monteir. Claustr. Dom. tom. 3. p 325. (2) Sever. de Far. nos Disc. Polit. p 83.

Luiz Vicente, filho do memoravel Gil Vicente, compoz a comedia dos *Cativos* com tanta felicidade, que conhecendo seu pai a vantagem, que lhe fazia o filho, lembrou-se menos do amor de pai, que da emulação de author, e assim o fez embarcar para a India, onde morreu.

Paula Vicente, ou verdadeiramente Pola Portugueza, porque depois que seu pai Gil Vicente cegou, o ajudava ella nas suas composições comicas, assim como fazia Pola a seu marido Lucano. (1)

Pedro Salgado, natural de Peniche, poeta com igual juizo no serio, e no jocoso, e mui merecedor da eterna lembrança, e veneração no comico. Floreceu pelos annos de 1644.

Simão Machado. São as suas comedias de boa invenção, e pensamentos, e na parte jocosa invenciveis. Muitos julgam que a comedia *Eufrosina* é composição sua. (2)

§ X

Historia ecclesiastica, e secular

Frei Antonio Brandão, filho de Alcobaça, e religioso de S. Bernardo, foi insigne substituto de fr. Bernardo de Brito no honroso emprego de Chronista mór do reino, e o primeiro, que descubriu a historia d'elle pela lição dos cartorios, de que teceo com muita legalidade a terceira, e quarta parte da Monarquia Lusitana. Completou os seus dias a 27 de Novembro de 1637. D. Thomaz Tamayo de Vargas, Chronista mór de Castella, e de juizo critico, lendo a terceira parte da Monarquia, disse, que era a Historia mais bem trabalhada, que até aquelle tempo tinha sahido ao publico, em estylo, disposição, clareza, e fundamento.

Antonio de Castilho, natural de Thomar, jurista de profissão, Guarda mór da Torre do Tombo, mui versado nas linguas mais polidas da Europa, Chronista mór do reino, que succedeu a Damião de Goes. Escreveu pedaços de Historia com judicioso estylo, e pureza de fraze, imitando muito a Tacito. (3)

Antonio Paes Viegas, dos suburbios de Lisboa, e secretario d'el-rei D. João IV, o qual o consultava nos negocios mais difficeis, e seguia o seu parecer como de varão prudente, e de juizo. Na Historia foi exacto, serio, e puro, como se vê no livro dos *Principios de Portugal*, que escreveu com diligente investigação. (4)

Antonio de Sousa de Macedo, de quem já referimos a grande propensão, que teve para a poesia, não foi menor a que logrou para a His-

(1) P. Reis no Enthusiasm. Poetic. n. 66.

.....»Paula parentem
AEgidium social nunc celso in vertice Montis,
Quem juvisse feruot, velut olim Pola maritum
Scribentem juvit Lucanum.....»

(2) Far. no cant. 7. de Camões est. 21. e cant. 10. est. 35. (3) Far. na Europ. tom. 2. part. 1. c. 1. n. 7 (4) Birago, Histor. de Port. p. 132.

toria, cujas leis executou severamente com juizo, e escolhida advertencia.

P. Antonio de Vasconcellos, religioso jesuita, foi insigne na lingua latina, e n'ella escreveu excellentemente as acções dos serenissimos reis portuguezes, e uma breve descripção do reino com muita clareza, a que intitulou *Anacephaleosis*.

P. Balthazar Telles, jesuita lisbonense, engenhoso, e erudito na observancia dos preceitos da Historia, que escreveu com bem aparada penna. A Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal, e a Historia Ethiopica serão eternos padrões da sua recommendavel memoria.

Fr. Bernardino da Silva, natural de Lisboa, e religioso cisterciense, foi muito versado na lição da Historia, e na melhor parte d'ella, que é a critica; e assim o mostrou na Apologia, que fez á primeira parte da Monarquia Lusitana, que defendeu nervosamente contra o Exame de Antiguidades de Diogo da Paiva. Acabou religiosamente em Fevereiro de 1641.

Fr. Bernardo de Brito, Chronista mór do reino, que succedeu a Francisco de Andrade com grande reputação do seu ministerio, não só pela erudição sacra, e profana, em que era perito, mas pelo grande trabalho, que teve em descubrir as antiguidades do reino, do qual não houve parte, que não visse, e revolvesse, em que se fez memoravel, sem embargo de que alguns escritores lhe condemnam o seguir elle em varias opiniões a authores menos conhecidos, e reputados por não verdadeiros. Falleceo no anno de 1617.

Damião de Goes, natural de Alemquer, varão illustre, e insigne em todo o genero de erudição sagrada, e profana, adquirida com incansaveis estudos, e com a communicação dos maiores homens da Europa, a cujas principaes cortes foi varias vezes tratar negocios por ordem d'el-rei D. João III. Este o fez Guarda mór da Torre do Tombo, e seu chronista, nos quaes empregos trabalhou incessantemente, no primeiro pondo em ordem os papeis desordenados d'aquelle grande cartorio: no segundo compondo as Chronicas d'el-rei D. João II, e d'el-rei D. Manoel, sendo esta na crise de Manoel de Faria a que de rei existe mais bem escrita; porque, se no estylo lhe falta aquelle adorno, que serve de salsa ao appetite de lêr, na ordem, e gravidade é excellente. (1) Morreu no anno de 1567, e fazem d'elle honorifica memoria muitos authores. (2)

Diogo do Couto nasceu em Lisboa, aprendeu latim com os melho-

(1) Far. no tom. 4. dos Com. ás Rimas de Cam. p. 101. e no Catalog. m. s. dos Escritor Portug. que conservamos, diz: «Damião de Goes de Alenquer, Cavalloro de calidad, y en artes, y costumbres, y peregrinaciones notable, perito en todas sciencias, discurrió por toda Europa; excelente en letras humanas, escrevio mucho, y vario, y bueno, en Latin, y vulgar. Fué Guarda mór del Archivo Real, y Chronista por el-rei D. João III.» (2) Maced. in Domo Sadrea p. 56. Brito na Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 22. Galv. liv. dos Descobrimentos, e outros muitos.

*

res mestres, que então havia, o Padre Manoel Alvares, e Cypriano Soares, e servindo ao infante D. Luiz, ouvio com este filosofia do veneravel fr. Bartholomeu dos Martyres. Passou á India com praça de soldado, e lá até dos principes gentios foi estimado pela grande cortezia, com que tratava a todos. Applicou-se á poesia, e mathematica, e n'aquella faculdade compoz bastantes versos com tanto fundamento, que o insigne Camões seu contemporaneo o consultava. Pela fama do seu talento, e pericia, foi escolhido por el-rei Filippe Prudente para continuar as Decadas de João de Barros com o titulo de Chronista da India, que elle completou até o numero de doze Decadas, principiando desde a quarta com estylo claro, verdadeiro, e sentencioso, mostrando em tudo summo zelo da patria, e da nação. Finalizou os seus dias em Goa no anno de 1616. (1)

Fr. Diogo do Rosario, varão insigne em letras, e virtude, da esclarecida Ordem Dominicana, e natural de Evora, foi o primeiro, que em Hespanha escreveu as vidas dos Santos, e com o titulo de *Flos Sanctorum*.

Diogo de Teive foi reitor dos estudos de Coimbra, antes de se entregarem aos reverendos padres da Companhia, e na Historia grande imitador de T. Livio. João Vasen confessa, que se Teive completára a Historia Lusitana, que tinha promettido, seria nella inimitavel. (2)

Duarte Galvão, natural de Evora, Chronista mór do reino, emprego que lhe deu el-rei D. Affonso V, pela sua grande prudencia, talento, e erudição. Compoz, ou reduzio a melhor estylo a Chronica do santo rei D. Affonso Henriques, e d'elle fazem honorifica memoria nossos, e alheios escriptores. (3)

Duarte Nunes de Leão, eborense, mui noticioso da Historia do reino, da qual compoz as Chronicas dos reis de Portugal até el-rei D. Fernando com diligente, e verdadeira investigação, não obstante ter contra o seu estylo Manoel de Faria e Sousa, que o reprova.

Fernando Lopes, cavalheiro de prendas, e authoridade nos tempos d'el-rei D. Duarte, foi o primeiro chronista das Chronicas dos reis portuguezes até aquelle tempo, as quaes, conforme o conceito de Brandão, são as de mais juizo, que andavam impressas. (4)

Fernando Lopes de Castanheda passou á India com seu pai, e lá escreveu a Historia das armas portuguezas com muita particularidade, e notavel diligencia.

Fernão Mendes Pinto, natural de Montemór o Velho. O livro notavel das suas famosas peregrinações é o mais bem escrito de Historia, que ha em Portugal, segundo a opinião de Manoel de Faria. (5) Os que o viram, pouco duvidam da verdade d'elle; porem é digno de toda a es-

(1) Telles, Hist. da Ethiop. liv. 1. c. 27. Far. tom. 1. da Asia nas Advertenc. Moreri Dicion. Histor. verb. Couto. (2) Vas. Chronic. tom. 1. c. 4. (3) Brand. Monarq. Lusit. liv. 8. c. 1. Nicol. Anton. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 259. (4) Monarq. Lusit. liv. 16. c. 8. (5) Far. tom. 1. da Asia no Prolog.

timação, e bem se prova pelas muitas traducções, que do tal livro ha em varias linguas.

D. Francisco Manoel de Mello, de quem entre os poetas nos lembrámos, cultivou tambem a Historia do Reino com felicidade, principalmente nas Epanaforas, e Historia de Catalunha, cujo estylo é mui observante, e conforme aos preceitos da arte.

Gaspar Alvares Lousada foi um dos eminentes em Historia, que teve Hespanha, e a quem não fez vantagem André de Resende com todas as suas letras. (1) Trabalhou muito em investigar as antiguidades d'este reino, de cujos estudos se aproveitaram outros, que talvez levaram o premio, que não mereciam. (2)

Gaspar Barreiros, sobrinho do grande João de Barros, compoz varios opusculos de Historia muito doutos, os quaes fizeram emendar a Paulo Jovio a sua Historia depois que os viu. (3)

Gaspar Estaço, sobrinho do famoso Aquilles Estaço, e conego em Guimarães, foi notavel investigador das antiguidades do reino, de que imprimiu um livro com muito acerto, erudição, e elegancia.

Gomes Anes de Zurara foi o segundo chronista de Portugal, e guarda-mór da Torre do Tombo, homem capacissimo, e mais eloquente do seu tempo. El-rei D. Affonso V lhe escrevia de sua propria mão, e hoje se conserva entre os curiosos uma carta, que é para se notar, porque entre outras clausulas (tendo-se el-rei por sciente, e elegante) lhe diz: *Porque esto, como cós mejor sabeis.* Em fim alentando-o com favores, e mercês, fez que fosse o mais proveitoso escritor, e ministro d'aquelle genero. Escreveu a Historia de todas as acções dos portuguezes em Africa, e outras muitas, e deu fórma a muitos papeis do real archivo. Seu estylo é louvado pelo grande João de Barros. (4)

Jacinto Freire de Andrade, que na Historia panegyrica do memoravel vice-rei da India D. João de Castro mereceu universaes estimações pela elegancia, e pureza da sua fraze, e estylo.

D. Jeronymo Osorio, bispo de Sylves, não teve igual em estylo, erudição, e eloquencia. Na vida, que escreveu em latim d'el-rei D. Manoel, excedeu a Suetonio, e igualou com Cicero.

João de Barros, natural da villa de Pombal, conforme diz Severim de Faria; ou de Viseu, segundo Barbosa na Bibliotheca. Foi pai dos historiadores de Hespanha, insigne Geografo, varão celeberrimo em todas as idades, e author das famosas Decadas da Asia, nas quaes guardou com igualdade as partes de um perfeito Historiador, que vem a ser, verdade, clareza, individuação, e discurso; por isso lhe chamaram o Tito Livio portuguez, e na sua sepultura tem um elegante epitafio, semelhante ao que tem Livio em Padua. Pio IV lhe levantou estatua no Va-

(1) Ferrer. Histor. de Santiag. liv. 1. c. 16. (2) Cunha. Catalog. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 2. Monarq. Lusit. liv. 10. c. 7. (3) Sever. Disc var. p. mihi. 36. (4) Monarq. Lusit. liv. 17. c. 3. e Far. no Catalog. m. s. dos. AA. Portug.

ticano junto á de Ptolomeo, e os venezianos fizeram o mesmo entre a dos varões mais insignes. (1) Falleceu no anno de 1570.

P. João de Lucena, da Companhia de Jesus, foi insigne Historiador da vida do Santo Xavier, a qual Historia traduziram os italianos, francezes, e castellhanos nas suas linguas, e tambem anda na latina, sinal evidente de ser n'aquelle genero perfeitissima.

P. Jorge Cardoso, incansavel, e famosissimo nas vidas dos varões Santos Portuguezes, que recolheu em tres volumes com titulo de Agiologio. Muito lhe deve o reino: e sem duvida se escrevera fóra d'elle, tivera estatua. (2)

Julio de Mello, elegante, e sentencioso Historiador, e digno de estimar-se.

Fr. Leão de S. Thomaz, Benedictino Conimbricense, mui laborioso, e exacto na Historia da sua Provincia.

Fr. Luiz dos Anjos, mui zeloso, e douto nas vidas das Santas Portuguezas, que fez publicar com o titulo de Jardim de Portugal.

D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, author do Portugal restaurado, historia escrita com toda a delicadeza, força e energia possivel, sendo que na crise de Mons. de la Clede não é historia regular.

Fr. Luiz de Sousa, religioso Dominico e no seculo chamado Manuel de Sousa Coutinho, cavalheiro de muito engenho, e bem instruido nas letras humanas. Escreveu parte da historia da sua religião, e a vida do Santo Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres com toda a pureza de fraze, methodo, juizo, e elegancia. (3)

D. Manuel Caetano de Sousa, clerigo regular Theatino, de vasta, e mais que ordinaria erudição, de talento distincto, e incansaveis estudos. A sua Expeditio Hispanica sobre a vinda de Santiago a Hespanha é a obra mais bem trabalhada, que n'estes tempos tem visto a luz publica, Falleceu no anno de 1734. (4)

Manuel de Faria e Sousa soube executar os assumptos litterarios com engenho, e erudição. Na historia Portugueza, em quanto a genero de Epitome, excede a Justino, abbreviador de Trogo Pompeyo, É verdade que se dilata ás vezes em descripções, reflexões, e exclamações mais proprias de orador, que de historiador, e com a mesma força de eloquencia narra as acções grandes, e pequenas dos seus Heróes. (5)

Fr. Manuel de Monforte, natural da villa do seu appelido. Foi religioso franciscano da provincia da Piedade, de que escreven a sua chronica tão aceita pelos doutos, que é numerado entre os melhores historiadores pela pureza do estylo, e prudencia em a narração dos factos. Falleceu no anno de 1711.

(1) Sever. na vida deste Escritor, e outros. (2) Vasconcel. no Templ. de la Fama c. 25. (3) Monteir. no Claustr. Dom. lauço. 3. p. 268. (4) O Author do Verdadeiro methodo de estudar no tom. 1. p. 181. diz: «Eu creio que D. Manuel Caetano foi douto, e soube mais que o commum dos Portuguezes.... e pelas suas obras o discorro. (5) Mons. de la Clede tom. 1. da Histor. de Port. no Prefacio.

Manuel Severim de Faria, a quem este reino deve muito pelo incansavel trabalho, e louvavel curiosidade, com que indagou muitas antiguidades d'elle, resuscitando-as do esquecimento, em que jaziam. Foi homem de grandes estudos, e compoz pedaços de historia com exacção, e verdade. Falleceu em Setembro de 1655, e jaz na Cartuxa de Evora.

Manuel Sueiro, natural de Loulé no Algarve, cavalheiro honrado, e illustre na erudição de letras humanas, e exercicio de varias linguas, que soube com perfeição. Estudou em Flandes com os melhores mestres, e sahio tão perito, que de trinta e sete annos de idade deu á luz no anno de 1624, a historia dos Annaes de Flandes escrita com todo o acerto, e louvada por varões doutos. (1)

Pedro de Mariz foi author dotado de muita erudição, e escreveu as vidas dos monarcas Portuguezes em estylo de Dialogo, mas com muita verdade, e noticias curiosas do reino.

D. Rodrigo da Cunha, bispo de Portalegre, e Porto, e depois arcebispo de Braga, e Lisboa, em todas estas dignidades prelaticias ensinou sempre com o exemplo os documentos de pastor, e a observancia das virtudes. No exercicio das letras foi incansavel, devendo-se á sua diligencia a memoria de muitas noticias pertencentes a este reino, que ião perecendo de todo. Compoz a historia ecclesiastica do Porto, Braga, e Lisboa com muita averiguação, ajudando-o tambem Pantaleão de Ciabra cidadão do Porto, como diz fr. Antonio da Purificação. Concluio os alentos vitaes em Lisboa sua patria aos 3 dias de Janeiro de 1643. (2)

Rui de Pina, cavalheiro no tempo d'el-rei D. Manuel famosissimo, succedeu no cargo de chronista, e Guarda mór do Archivo Real a Duarte Galvão. Escreveu varias chronicas dos reis Portuguezes, estremado no juizo, e caprichoso no estylo, porque affectou fallar com palavras, e termos antigos, mas polindo-o a seu modo: é escritor de veneração.

§ XI

Historia Genealogica

Affonso de Torres, pai do primeiro conde da Ponte, foi genealogico pontualissimo, e bem intencionado. Escreveo das familias do reino oito volumes de folha com as armas debuxadas, que nós vimos na Livraria manuscrita da Excellentissima condessa do Redondo D. Margarida, e são estimaveis, e d'elles ha copias em outras Livrarias d'esta Corte. (3)

D. Agostinho Manuel de Vasconcellos, illustre eborense, aquelle,

(1) Vasconcel. in Descript. Lusitan. Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 2. Swertius in Athen Belgic. p 228. (2) Barbos. de Potest. Episcop. in Proleg. Hierog. Histor. de Portug. liv. 2. n. 158. Rodrig. Mend da Silva no Catalog. Real pag. 55. vers. João Pinto Ribeiro no Lustre ao Desemb. do Paço c. 1. n. 157. Purific. Chron. de S. Agost. part. 2. liv. 5. Et. 3. §. 9. (3) D. Franc. Man. cent. 1. cart. 1. Sousa Apparat. á Histor. Geneal. §. 51.

que convencido de uma conjuração contra a serenissima casa de Bragança, foi degollado no Rocio de Lisboa a 29 de Agosto de 1641, e não obstante foi grande venerador da mesma casa, pois escreveu um Memorial da Genealogia, e Privilegios da casa de Bragança em admiravel estylo, e discurso claro, de que foi dotado, e se conservava na selecta Livraria do conde de Vimieiro. (1)

Alvaro Ferreira de Vera, natural de Lisboa, muito estudioso na investigação da genealogia, e familias illustres deste reino, para o que revolveo, e examinou os cartorios mais famosos da corte, especialmente o archivo real. Compôz um livro da Nobreza com estylo claro, e umas notas ao nobiliario do conde D. Pedro utilissimas. (2)

D. Antonio Alvares da Cunha, trinchante d'el-rei D. Pedro II, e Guarda mór da Torre do Tombo, foi cavalheiro muito erudito, muito discreto, e cultivador das bellas letras, com genio naturalmente estudioso; e entre varias obras, que compoz metricas, e historicas de grande applauso, não adquirio menores elogios o seu Obelisco Portuguez Chronologico, Genealogico, que se imprimio, e outras mais composições sobre o argumento de Genealogias, em que foi versadissimo. (3) Falleceu no anno de 1690.

D. Antonio Caetano de Sousa, clerigo regular da Divina Providencia em Lisboa, donde foi natural, era muito applicado aos estudos genealogicos, em cujo assumpto compoz com incançavel trabalho a Historia Genealogica da casa real Portugueza desde a sua origem até o presente, com as familias illustres, que procedem dos reis, e dos Serenissimos Duques de Bragança, obra solidamente provada com os melhores documentos. Falleceu em Lisboa no anno de 1758.

D. Antonio de Lima, Senhor de Castro Daire, foi um dos mais acreditados Genealogicos, que houve em Portugal, de tal sorte, que quasi todos, ou a maior parte dos Nobiliarios Portuguezes são traslados do que fez D. Antonio de Lima, posto que accrescentados, ou diminutos em muitas cousas. Louvam-no os authores mais intelligentes na materia. (4)

D. Antonio Soares de Alarcão, chamado em Castella Marquez do Trocifal, foi cavalheiro muito applicado á historia Genealogica, em que compoz relações da casa de Trocifal, e outras arvores de familias, provado tudo com documentos excellentemente. (5)

Antonio Soares de Albergaria, natural de Castello-Branco, e beneficiado em Lisboa na Igreja de Santo Estevão de Alfama, compoz Trofeos Lusitanos no anno de 1631, e outros livros mais das familias do

(1) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 63. (2) Sousa no Apparat. á Histor. Genealog. da casa real Port. n. 57. (3) Corograf. Port. tom. 2. trat. 5. c. 26. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. (4) Severim. Notic. de Port. disc. 3. D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1. Franckenau na Bibl. Geneal. p. 38. (5) Idem ibid. p. 76. Nicol. Anton. in Bibl. Hisp. tom. 1. p. 601.

reino com o escudo das suas armas, e outras curiosidades deste asumpto, em que foi peritissimo.

Antonio de Sousa de Macedo, nobre Jurisconsulto, e poeta insigne, de quem já referimos seu caracter, erudição, e genio versado em o exercicio das bellas letras, como testemunham os muitos livros, que compoz, foi tambem applicado ao estudo Genealogico, e n'elle escreveu Genealogia Regum Lusitaniae, que imprimio em Londres no anno de 1645, com geral estimação dos doutos.

Antonio de Villas-Boas e Sampaio, natural de Guimarães, e jurista de profissão, compoz o livro intitulado Nobiliarquia Portugueza, em que mostra muita noticia, e estudo na historia Genealogica do reino.

Damião de Goes, Guarda mór da Torre do Tombo, e chronista mór do reino, foi varão muito douto, e de recommendavel memoria. Compoz varias obras, como já vimos, e é mui celebrado o seu Nobiliario, em que foi seguindo ao conde D. Pedro no augmento das linhagens. Notace-lhe o cortar em algumas pela reputação alheia, (1)

Duarte Nunes de Leão soube a historia de Portugal muito bem, e n'ella, pelo que pertence á Genealogica, escreveu, e fez imprimir em Lisboa no anno de 1585, um livro de quarto *De Vera Regum Portugalliæ Genealogia*, juntamente com uma censura, que fez a fr. Joseph Teixeira, sobre outro livro do mesmo assumpto, e n'aquelle segue ser o conde D. Henrique descendente dos condes de Borgonha, e não dos Duques. D'elle, como de varão sciente, e famoso Genealogico, faz honrosa memoria a Bibliotheca Hispanica. (2)

Duarte Ribeiro de Macedo teve seu nascimento na Villa do Cadaval, e foi tão notoria a sua sciencia em varias faculdades, e estimado o seu talento, e juizo, que el-rei D. Affonso VI lhe deu empregos honorificos na corte, e o da Enviatura a Madrid, Turim, e Saboya, como tão intelligente nos interesses da Monarquia. Compoz algumas obras todas de mestre, e do assumpto Genealogico imprimio em Pariz a Genealogia do conde D. Henrique, e um Panegyrico Historico Genealogico da Serenissima casa de Nemours. (3)

Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos, Marquez de Monte-Bello em Italia, mercê que lhe fez el-rei Filippe IV, no anno de 1630, foi muito inclinado á lição da historia Genealogica, em cujo argumento imprimio um Memorial, em que trata da sua ascendencia, e de alguns solares, baronias, e armas, e umas Notas ao Nobiliario do conde D. Pedro. Tambem Felix Machado de Mendoça, neto d'este, foi applicado aos estudos Genealogicos, em que trabalhou bastante, e existem d'elle varias arvores de familias na sumptuosa Livraria de nossa Senhora da Graça desta corte.

(1) Sous. tom. 1. da Histor. Geneal. no Appar. dos Author. n. 11. (2) Bibl. Hisp. tom. 1. p. 260. e outros que allega Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. p. 737. (3) Sous. no tom. 1. da Histor. Geneal. no Apparat. dos Author. n. 148.

Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, de quem em outras classes litterarias temos fallado, para ser universal em todas, tambem teve os estudos de Genealogico famoso, como se prova do seu erudito livro, que intitulou *Domus Sadica*.

Gaspar Alvares de Louzada, Clerigo do habito de S. Pedro, Escrivão da Torre do Tombo, onde servio alguns tempos de Guarda mór, foi um dos homens mais applicados, que conheceu o seculo passado, e nas antiguidades do reino o mais incansavel investigador. No assumpto Genealogico fez alguns Tratados, de que se lembra honorificamente D. Antonio Caetano de Sousa. (1)

Gaspar Barreiros, natural de Vizeu, e conego de Evora, e depois religioso de S. Francisco, varão doutissimo, e sobrinho do grande João de Barros, compoz, além de outros livros, um intitulado Verdadeira Nobreza, muito estimado, e raro. (2)

Gaspar Estaço, conego da collegiada de Guimarães, e natural de Evora, foi muito douto, e no ponto de genealogias perito, de que dá prova irrefragavel o Tratado da *Familia dos Estaços*, que ajuntou ao seu livro estimadissimo das antiguidades de Portugal.

Fr. Jeronymo de Sousa, religioso franciscano, e entre os seus de respeito, e authoridade, applicou-se á Historia genealogica do reino, em que compoz um doutissimo livro com o titulo de *Pericope genealogica* em nome de D. Tiviseo de Nasao Zarco y Colona. (3)

João Bautista Lavanha, natural de Lisboa, cosmographo mór do reino, e mestre de mathematica dos reis Filippe III, e IV de Castella, illustrou o Nobiliario do Conde D. Pedro com utilissimas notas, e fez outras arvores genealogicas, em que mostrou noticias, e estudo.

João Pinto Ribeiro, natural de Amarante, varão famosissimo em varios generos de litteratura, porque professou a jurisprudencia, cultivou a historia, e a poetica, e em diversos negocios consideraveis, politicos, e de interesses do reino, especialmente o da acclamação, em que foi grande motor, e agente, provou a elevada esfera do seu talento. Imprimiu varios livros, e compoz alguns tratados tambem do assumpto genealogico dignos da sua erudição, e por isso estimados, e applaudidos pelos sabios. (4)

João Rodrigues de Sá de Menezes, cavalheiro muito authorizado, e douto, que floreceu, e alcançou os reinados dos serenissimos reis D. Affonso V, D. João II, D. Manuel, D. João III, e D. Sebastião, e a todos serviu em graves empregos com satisfação, e honra. A elle deve a nobreza do reino o exercicio litterario, com quem até o seu tempo andava em divorcio; e a isto allude o grande Sá de Miranda em uma das suas

(1) Cunha, Catal. dos Bisp. do Port. part. 1. p. 22. Brand. no Prol. da 3. part. da Monarq. (2) Morales, Histor. Ger. de Hesp. liv. 10. c. 31. Estaço nas Antiguid. de Port. c. 53. (3) Sousa no Apparat. á Histor. Geneal. da Casa Real tom. 1. n. 74. (4) Portug. Restaurad. liv. 2. p. 88. Sousa na Histor. Geneal. tom. 1. §. 101.

Cartas. (1) Em fim, como homem sabio, illustrou a nação com varias composições, e na materia de genealogias são celebres as suas quarenta e nove Quintilhas, em que declara os brazões das armas de algumas familias de Portugal. Morreu no anno de 1579, quando contava cento e quinze annos de idade.

João Salgado de Araujo, natural de Monção, e abbade de S. Miguel de Pera no bispado de Viseu, foi letrado, e diligente averiguador das familias nobres de Galiza, e algumas de Portugal. Lembra-se d'elle com honrada memoria Manoel de Faria, D. Nicolão Antonio, e outros. (2)

Joseph de Faria, guarda mór da Torre do Tombo, chronista mór do reino, e secretario de estado da magestade d'el-rei D. Pedro II, foi pessoa muito erudita, e intelligente da historia genealogica não só d'este reino, mas de quasi toda a Europa, cuja sciencia manifestou em varios Tratados de familias muito trabalhados, de que faz menção o insigne genealogico moderno D. Antonio Caetano de Sousa.

Fr. Joseph Teixeira, religioso de S. Domingos, que seguio o partido do senhor D. Antonio, de quem foi pregador, e confessor, deu-se aos estudos da genealogia, sobre que compoz o livro de *Portugallicæ ortu etc.* o qual censurou Duarte Nunes de Leão acerrimamente.

D. Luiz Lobo da Silveira, progenitor illustre dos excellentissimos condes de Sarzedas, foi cavalheiro de grandes noticias na historia do reino, e é reputado por um dos mais exactos genealogicos, que entre nós tem havido, pois os seus Nobiliarios, que se compoem de muitos volumes, e contem as ascendencias, e acções dos serenissimos reis portuguezes, estão provados com documentos irrefragaveis. D'elles faz honorifica menção D. Antonio Caetano de Sousa. (3)

Luiz Vieira da Silva, fidalgo honrado, que rejeitou os maiores lugares, e occupações do reino, de que as suas letras, e merecimentos se faziam credores, lugrou uma universal estimação da corte bem devida ás suas prendas. Escreveu diversos livros de familias com juizo, prudencia, e elegancia. Faleceu em Janeiro de 1725. (4)

Manoel de Carvalho de Ataide, moço fidalgo, capitão de cavallos, e commendador na Ordem de Christo, foi bem intelligente na historia genealogica, e compoz o *Theatro Genealogico* em nome do prior D. Tivisco de Nasao, que trata das arvores de costados das principaes familias de Portugal por ordem alfabetica; e supposto conter alguns erros, foram descuidos de quem lidou com a impressão, como bem adverte D.

(1) Sá de Mirand. carta 1. est. 3.

«As letras, que não achastes.
Vós as mettestes na terra,
A' Nobreza as ajuntastes,
Com quem dantes tinhão guerra.»

(2) Faria na Vida de Cam. que vem no tom. 1. dos Comment. n. 4. Gandara nos Triunf. de Galiza p. 489. Nicol. Anton. na Bibliot. Hi-pan. e Franckenau na Bibliot. Genealog. (3) Franckenau na Bibliot. Genealog. e outros apud. Sousa tom. 1. Histor. Genealog. (4) Idem Sousa no Apparat. á Histor. Gen.

Antonio Caetano de Sousa no Apparato dos Authores Genealogicos num. 179. Falleceu este cavalheiro em Março de 1720.

Manoel Constantino naseeu na ilha da Madeira, e teve em Roma grande estimação pelas suas letras, e lá imprimiu em latim no anno de 1601 a Historia da origem, e acções dos serenissimos reis portuguezes excellentemente.

Manoel Delgado de Matos, natural da Guarda, lente na Universidade de Coimbra das cadeiras de codigo, e digesto, desembargador, e chanceller da Casa da Supplicação. Escreveu seis volumes de familias da Europa, e foi dotado de uma tal comprehensão, intelligencia, e memoria muito distincta nesta materia genealogica, que no seu tempo ninguem o excedia, e talvez causará invejas ao futuro. De memoria fazia a arvore de costado de qualquer familia da Europa com exacção, e de fórma, que admirava. (1)

Manoel de Faria e Sousa, cavalheiro de conhecida, e honrada fama, douto na historia, e poezia, e nas letras sagradas abundantemente. Entre as producções do seu talento são applaudidas as suas Notas ao Nobiliario do conde D. Pedro, posto que se demorou mais no que tocava a seu proprio interesse.

Manoel Severim de Faria, chantre da Sé de Evora, varão memoravel pela sua vasta noticia, e intelligencia em varias faculdades, no argumento de Nobiliarios compoz diversos tratados, filhos do seu juizo, e erudição. (2)

Manoel de Sousa Moreira, natural de Tras os Montes, e das principaes familias d'aquella provincia. Foi abbade das Chans, e secretario do padroado real, sendo capellão mór o illustrissimo Arcebispo D. Luiz de Sousa, a cujos rogos escreveu com estylo discreto o *Theatro Historico, Genealogico, y Panegyrico de la Excelentissima Casa de Sosa*, ornado com os retratos de seus ascendentes magnificamente.

D. Pedro Affonso, filho d'el-rei D. Diniz, e conde de Barcellos, foi valeroso, e entendido. Escreveu o celebre Nobiliario, principio, e fundamento de todas as Historias genealogicas de Hespanha, e quanto á antiguidade, nesta materia é o quarto livro, que se escreveu neste reino, conforme a judiciosa observação do douto genealogico D. Antonio Caetano de Sousa. (3) O original do conde se conserva no arquivo real da Torre do Tombo, e é muito mais breve do que os transumptos, que andam impressos juntamente com as notas de João Bautista Lavanha, Manoel de Faria e Sousa, Alvaro Ferreira de Vera, e Felix Machado. Alguns authores castelhanos de conhecida intelligencia tambem o annotaram, e taes foram Jeronymo Zurita, Ambrosio de Morales, João Rodrigues de Sá, e outros, que todos tiveram sempre a esta obra por estimavel, e a seu author de relevante merecimento, e credito.

(1) Sousa tom. 1. n. 126. (2) Ibid. n. 102. (3) Historia Geneal. da Casa Real Port. tom. 1. p. 272.

Rodrigo Mendes da Silva, natural de Celorico da Beira, chronista mór d'el-rei catholico, foi bastantemente versado na genealogia, em cujo assumpto escreveu o Catalogo Real muito seguido, e allegado dos doutos. (1)

Xisto Tavares, lisbonense, e quartanario na Sé, foi um dos mais antigos, e famosos genealogicos, que tivemos, e o seu Nobiliario é de estimação, não obstante comprehender alguns descuidos. Morreu no reinado d'el-rei D. João III.

§ XII

Historia fabulosa

Frei Antonio de Escobar, religioso carmelita, natural de Coimbra, deu claras provas do seu grande engenho, sciencia, e habilidade, em varias composições de novellas organizadas de prosa, e verso muito elegantes, e discretas. Morreu no anno de 1681.

Balthazar Gonçalves Lobato, natural de Tavira, continuou a quinta, e sexta parte do Palmeirim de Inglaterra com felicidade em tempo d'el-rei Filippe II, e fez outros livros com a mesma idéa, para o que bem mostrou a natural propensão que tinha.

Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, cavalheiro, e poeta memoravel Transmontano, escreveu, e imprimiu á imitação de Barclayo um Satyricon, ou Historia fabulosa em lingua hespanhola nas decantadas *Covas de Salamanca*, producção, que segundo a intelligencia do mesmo author, era muito do seu agrado, como filho gerado na sua velhice, e filho traveço, e faceto, que muito o fazia rir. A verdade é, que semelhante obra bem indica o genio, e engenho do author secundo, e erudito.

Francisco de Moraes, natural de Bragança, e author do celebrado Palmeirim de Inglaterra, do qual diz o padre Telles, (2) que o author com a amenidade do seu florido engenho, e com a suavidade do seu eloquente estylo só pertendeu recrear os leitores com fabulas doutas, e com engenhosas ficções.

João de Barros compoz a historia fabulosa do Imperador Clarimundo para provar o estylo, como diz Severim de Faria na sua vida; (3) e não contando n'aquelle tempo o author mais que vinte annos de idade, nem gastando n'aquella composição mais que oito mezes, bem mostrou a fecundidade do seu engenho, eternamente digno de estimação.

Martim Cardoso de Azevedo, natural de Evora, compoz a Historia das antiguidades da sua pátria com o nome supposto de Amador Patricio, na qual com summa habilidade misturando as fabulas com as historias, e accommodando-as engenhosamente aos sitios, nomes, e bairros

(1) Bocangel em um Soneto lhe chama Livio Hispano. Sousa no tom. 1 da Hist. General. e no Apparat. n. 114. (2) Telles, Histor, Ethiopica liv. 1. c. 1. (3) Sever na vida de João de Barros p. 25. vers.

da mesma cidade, teceu uma galante lição para o divertimento. (1)

Vasco de Lobeira compoz em tempo d'el-rei D. João I o celebrado livro das Cavallarias de Amadiz de Gaula, o primeiro, que se compoz d'este genero, e de quem diz Tasso, que em decoro, e elegancia excede a todas as historias de Hespanha. (2)

§ XIII

Mathematica

André de Avellar, natural de Lisboa, foi douto, e celebre professor d'esta sciencia, e mestre na Universidade de Coimbra, cuja cadeira regentou vinte annos com geral applauso. Compoz um tratado da *Esfera*, e outro do *Reportorio dos tempos*. (3)

P. Antonio Carvalho da Costa, lisbonense, muito applicado aos estudos mathematicos, em cuja faculdade compoz eruditamente alguns tratados geograficos, e astronomicos. A sua *Corografia Portugueza* dividida em tres tomos, ainda que em algumas partes padeça equivocações, merece eterno elogio, pois é obra instructiva, de immenso trabalho, e para as forças de um homem só particular, e destituido de cabedaes, como elle era, assás prova ter genio incansavel, estudioso, e amante da nação. Morreu pobre em 27 de Novembro de 1715, e jaz no claustro do convento do Carmo de Lisboa. (4).

Antonio Mariz Carneiro, desembargador, e cosmografo mór do reino, applicou-se com desvelo ás mathematicas, em que foi perito. Chamavam-lhe o *Agulha fixa*, por imaginar que tinha dado no segredo de fixar a agulha de marear. Compoz *Regimento de Pilotos*, e *Hydrografia curiosa*.

Antonio de Naxera, natural de Lisboa, compoz um curioso tratado da Navegação especulativa, e pratica pelas observações do famoso Tycho Brahe. Teve tal propensão ás disciplinas mathematicas, que o obrigou o genio a sahir fóra da patria para communicar com os professores estrangeiros doutos nesta faculdade, e alcançou com esta diligencia emendar muitos erros dos antigos. (5)

P. Antonio Pimenta, nasceu na villa de Torres Novas, e foi doutor em theologia, e direito canonico pela Universidade de Coimbra, e Prior de S. Pedro na sua mesma patria. Na mathematica foi mestre, e leu em Coimbra alguns annos esta faculdade com grande credito do seu talento. Escreveu alguns tratados de engenho nesta sciencia, para a qual tinha genio tão natural, que no seu tempo não houve outrem, que o ex-

(1) Fonseca na Evor. glorios. p. 413. (2) Far. tom. 3. da Europ. Port. part. 4. c. 8. (3) Nicol. Ant. in Bibl. Hisp. tom. 1. p. 54. (4) Lenglet, Method. pour etudier l'Histoir. tom. 4. p. 357. Sa. Memor. Histor. part. 1. liv. 2. c. 16. (5) D. Franc. Man. na 1. carta, centur. 4. Anton. de Leão na Bibl. Judic. tit. 3.

cedesse nella. Persuadido de que havia achado a solução ao celeberrimo, e difficillimo problema da quadratura do circulo, escreveu, e imprimiu no anno de 1685 um livro intitulado *Epiphania*, ou *Demonstração geometrica*, nos dois idiomas latino, e hespanhol, em que mostrou quanto o seu engenho, e estudo podia alcançar; mas não basta só o desvelo humano sem influencia superior para penetrar o recondito de muitas proposições até agora occultas d'esta sciencia.

Fernando Alvares Seco foi um dos mais intelligentes geografos do seu tempo. Fez uma descripção, ou Mappa de Portugal muito exacto, e por ser digno de estimação o mandou imprimir em Roma o grande portuguez Aquilles Estaço, e o dedicou ao Cardeal Sforcia no anno de 1560.

Fernando de Magalhães, um dos mais peritos homens na arte de navegar, que conheceu o mundo; e supposto não ter escrito d'esta faculdade, sempre é digno de memoria. e que a façamos d'elle neste nosso Mappa. Serviu na Africa, e na India com o grande Affonso de Albuquerque sempre com honra, e valor; e porque el-rei D. Manoel não quiz accrescentar-lhe na sua moradia mais um tostão para ficar igual a seus antepassados, se passou a Castella, e foi servir a Carlos V a quem persuadiu lhe pertenciam as ilhas de Moluco, e outros descubrimentos. Fez-lhe el-rei D. Carlos muitas mercês com um honroso, e utilissimo contrato assinado em Valhadolid a 22 de Março de 1517, e era que de todas as terras, que descubrisse Magalhães, lhe dava o titulo de Adiantado, e Regedor, com vintena de todas as rendas, e direitos reaes; e que descubrindo mais de seis ilhas, el-rei escolheria as seis, e elle duas, em que teria a quinzena de tudo, e isto ficaria para seus filhos, e descendentes. Partio Fernando de Magalhães de Sevilha a 10 de Agosto de 1519 com cinco náos, das quaes era elle capitão general com poder maior civil, e crime: fez sua derrota pelo Brazil, d'onde navegando contra o sul, descubriu um estreito até alli incognito, em 21 de Setembro de 1520. nelle andaram os navegantes até os 17 de Outubro, em que passaram á outra banda do mar, no qual caminho o mataram. (1)

Gaspar Barreiros, de quem já nos lembrámos, foi tambem eminente na geografia, e os seus estudos serviram de emendar muitos erros nos Mappas da Asia pelo muito, que sabia da nossa navegação, e pela grande communicação, que tivera com seu tio João de Barros, que então compunha as suas Decadas, Escreveu mais um livro de *Observações Cosmograficas* de muitos lugares maritimos de Hespanha com todos seus campos, e promontorios, e outro intitulado *Corografia*, muito erudito, que universalmente é tido em grande estimação.

Gaspar Ferreira Reimão foi piloto mór do reino, e na pratica peri-

(1) Aubert. Miraeus ad ann. 1519. Goes Chronic. d'el-rei D. Manuel part. 4. c. 37 Andrad. Chron. d'el-rei. D. João III part. 1. cap. 10. Abrah. Bucholcer. in Indic. Chronol. ad an. Christ. 1519.

to. Imprimiu um Roteiro da navegação, e carreira da India com seus caminhos, e derrotas, que no seu tempo foi aceito.

D. Henrique, infante, filho d'el-rei D. João I. foi chamado por antonomasia o *Mathematico*, porque dando-se com particular inclinação a esta sciencia, sahio eminente na geografia, e astronomia. Manoel de Faria diz d'elle, que fora o Prometheo de Hespanha; porque se aquelle do monte Caucaso investigou o progresso, e gyro dos planetas, este deixando a corte, e indo viver no Promontorio de Sagres, d'alli penetrou os astros de sorte, que achou por elles o descubrimento de nossos mares, e conquistas. (1)

João Bautista Lavanha, professor insigne de mathematicas, na geografia foi perito, como se vê das Notas, que fez á quarta Decada de João de Barros, e do seu Mappa de Portugal, o mais correcto que tenho visto quanto á expressão dos nomes das terras.

Luiz Serrão Pimentel, engenheiro mór, e cosmografo mór do reino, pessoa de grande estudo, sciencia, e averiguação nas observações mathematicas. O seu *Methodo Lusitano de fortificar as Praças*, e o *Roteiro de Pilotos* são os livros mais solidos, e exactos, que em semelhante genero sahiram até agora ao publico. (2)

D. Manoel de Menezes, filho de D. João de Menezes, chamado de Campo Maior, por ser herdado na vizinhança d'aquella villa, inclinou-se com felicissimo progresso ás sciencias mathematicas, em que teve por mestre ao padre Delgado, discipulo de Clavio. Nas materias nauticas foi o mais sabio de todos os homens, que n'aquelle tempo serviam em Portugal, e Castella: foi muitas vezes capitão mór das náos da India, e por general da nossa armada á recuperação da Bahia, lançando d'aquelle Estado aos hollandezes no primeiro de Maio de 1625. Escreveu alguns tratados, e relações dos seus successos; e antes de morrer, que foi a 28 de Julho de 1628, tinha determinado abrir em S. Vicente de Fóra aula de cosmografia, a que convidava os amigos. Está sepultado na igreja da Madre de Deus de Lisboa. (3)

Manoel Pimentel, cosmografo mór do reino, e mestre de mathematica do serenissimo rei D. Joseph I que Deus guarde, foi varão consummado em letras humanas, e de um talento profundo, e solida doutrina. Compoz a *Arte de navegar*, que n'aquelle argumento é texto, e applaudida ainda dos professores estranhos. (4)

Pedro Nunes, natural da villa de Alcacer do Sal, foi um dos mais excellentes mathematicos, que teve o mundo até o seu tempo, e por singular o numera entre os mais insignes de Hespanha a Geografia Bla-

(1) Far. no Epitom. D. Franc. Man. Espanaf. 3. p. 309. Vasconcel Chron. do Brazil, liv. 1. num. 13. Sousa. Chron. de S. Dom. part. 2 liv. 2. cap. 20 (2) Moreri no Diction. Historic. verb. Pimentel. Sá. Memor. Histor. do Carm. tom. 2. p. 181. (3) D. Franc. Man. Espanafor. 2. p. 268. e Espanafor. 5. pag. 576. D. Luiz de Salazar e Castro na Casa de Silva part. 2. v. 6. cap. 33. Luiz de Torres de Lima nos Successos de Port. c. 11. (4) Feijo. Theatr. critom. 1. 115.

viana. Escreveu quasi de todas as materias mathematicas, como mestre que era d'ellas, e o primeiro lente, que houve d'esta faculdade na Universidade de Coimbra, não lhe sendo pequena gloria ter por discipulos ao infante D. Luiz, filho del-rei D. Manoel, ao famoso vice-rei D. João de Castro, e a el-rei D. Sebastião. A este pronosticou no mesmo dia, em que foi coroado rei o infeliz catastrofe que havia de ter. Escrevem d'este insigne mathematico muitos homens doutos, e ainda desinteressados nas nossas glorias. (1)

§ XIV

Musica

Affonso Vaz da Costa, famoso musico lisbonense, que floreceu nos principios do seculo passado. Aprendeu em Roma, e lá assistido de sciencia, e numen, mereceu lograr com a sua melodia todos os primores harmoniosos. Foi mestre da capella em Badajoz convidado com grosso partido, e depois em Avila, onde morreu. Existiam d'elle algumas obras na insigne livraria da musica do serenissimo rei D. João IV grande professor, e Mecenas d'esta arte suavissima, na estante 28, num. 710. conforme o Index impresso no anno de 1649.

Alexandre de Aguiar, musico do cardeal rei D. Henrique, e de Filippe II era natural do Porto, e tão insigne, e destro na suavidade da voz, e consonancias da viola, que por antonomasia lhe chamavam o Orfeo. Grangeou particulares estimações dos principes; compoz em apropriada solfa, e conforme ao genio da letra as *Lamentações de Jeremias*, e morreu no anno de 1605 desgraçadamente naufragando em um rio de Castella. (2)

André de Escobar. Sendo perito na musica, singularisou-se no instrumento da charamelinha, ou boé, com o qual arrebatou a attenção no Estado da India, que até o seu tempo nunca ninguem alli tinha ouvido semelhante harmonia; e n'este reino foi nas cathedraes de Evora, e Coimbra o mais celebre instrumentista, que executava com graciosa energia a composição mais difficil. Escreveu preceitos para se aprender o mesmo instrumento com facilidade. Lembra-se d'elle Barbosa na biblioteca Lusitana.

P. Antonio Fernandes, da provincia do Alemtejo, e natural de Sousel, foi mestre do coro na freguezia de Santa Catharina de Lisboa, e teve aula publica d'esta arte, aonde concorriam muitos discipulos, que

(2) Ludov. Nun. in Hispan. c. 34. P. Clav. in Subaer. Sacr. Gosch. Abrah. Bucholcer Indice Chronol. ad ann. Christ. 1577. Osor. de reb. Emmanuel lib. 11. p. mihi 1056. Goes, Chron. del-rei D. Man. part. 1. cap. 101. D. Nicol. Chron. dos Conег. Regr. liv. 10. c. 3. n. 11. Mariz. Dialog. 3. c. 3 p. 356. Far. no Epitom. part. 3. c 16. n. 4. e na Asia tom. 3. part. 2. c. 5. n. 9. Leit. Ferr. Notic. Chronolog. que andão nas Collecções Academ. do anno de 1729. (2) Barbos. in Bibl. Lusit. tom. 1.

ensinou com credito do seu nome. Compoz muitos livros da faculdade curiosos, e scientificos, especialmente a Especulação de segredos da musica. (1)

Fr. Antonio de Jesus, religioso trinitario de Lisboa, estupendo professor, e cathedratico de musica na Universidade de Coimbra. N'esta faculdade compoz varias obras de estimação. Falleceu no anno de 1682. (2)

Antonio Marques Lesbio, doutissimo em varias faculdades, e com uma habilidade rara para todas. Na Musurgia foi oraculo, e dos mais celebres, e insignes contrapontistas que houve, e excellente instrumentista. O serenissimo D. Pedro II, e os principes o estimavam com distincção. Foi mestre da capella real, e estando compondo a *Magnificat* para n'ella se cantar, foi assaltado da morte, vespera de Santa Cicilia no anno de 1709, acabando em Lisboa sua patria, como verdadeiro Cisne entre as suavidades da musica. (3)

Antonio Marques Fagote, natural de Tancos, foi mestre da capella d'el-rei D. João IV, e no instrumento musico do seu mesmo appellido foi insigne. Compoz regra para elle.

Antonio Pinheiro, filho de Montemór o novo, e mestre da capella ducal de Villa-viçosa, e depois da Sé de Evora, foi excellente professor d'esta arte, na qual deixou escrito um grosso volume da *Magnificat* por diversas vozes.

Bento Nunes Pegado foi discipulo do grande Antonio Pinheiro, e teve um especial genio para esta arte, em que compoz algumas obras com bom estylo.

Cosme Baena Ferreira, mestre da Sé de Coimbra, e natural de Evora, foi um dos afamados professores d'esta faculdade, e n'ella compoz com grande applauso.

Cosme Delgado, natural do Cartaxo, termo de Santarem, e não villa, como lhe chama a Bibliotheca Lusitana, foi mestre da capella na Sé de Evora, e celebre cantor no tempo do cardeal Alberto. Compoz um Manual da musica, e outras composições musurgicas, como de mestre.

Damião de Goes, de quem já fizemos honorifica lembrança, tambem foi insigne na musica. Era n'ella tão destro, e cantava com tanta suavi-

(1) D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1 p. 269. (2) Idem, ibid p. 301. (3) P. Reis no Enthusiasm. Poetic. n. 142. na traducção de Caria cant. delle assim:

O Lesbio Mestre do sagrado Coro,
Em quanto estreita ao numero sonoro
De airosa melodia
As palavras da candida MARIA,
Dispondo em vozes puras
Se por arte Apollinea altas figuras,
Morrendo como Cisne, acha desdouro
Das Musas aceitar o verde louro,
Tendo por certa no estrellado assento
Coroa do mais alto luzimento.

dade, e melodia, que por as terras, por onde andou, lhe chamavam o *Musico* de alcunha, accrescentando a isto a admiravel agilidade em varios instrumentos, que tocava gentilmente. D'elle existiam Motetes, e Canções a tres, quatro, cinco, e seis vozes na bibliotheca regia da musica estant. 21. num. 592.

Duarte Lobo, mestre da Sé de Evora, e reitor do Seminario de Lisboa, onde tambem foi mestre de musica na sua cathedral, para cujo ministerio o elevou a sua profunda sciencia n'esta faculdade. Morreu contando cento e vinte e tres annos de idade, e deixando muitas obras estimaveis. (1)

Fr. Estevão de Christo, religioso Thomarista, e natural de Torres Novas, insigne mestre de contraponto, e tão afamado, que foi a Madrid por empenho do capellão mór D. Jorge de Ataide a dispor a musica da semana Santa, segundo a cantoria da capella do Papa, o que executou magistralmente. Deixou algumas composições admiraveis, e morreu no convento da Luz junto a Lisboa no anno de 1609. (2)

Filippe da Cruz, natural de Lisboa, e Freire de Santiago em Palmella, pessoa muito nobre, e como author do canto ecclesiastico de defuntos o cita e nomea por insigne o grande Pedro Thalesio. (3)

Filippe de Magalhães foi no seu tempo o mais famoso mestre de musica d'este reino, e teve a gloria de instruir os melhores homens, que tambem foram depois insignes n'esta suavissima arte, como foi Estevão de Brito, e outros.

D. Francisco Castelhano de nome, mas portuguez de nascimento, conego regrante de Santo Agostinho, e mestre da capella no real convento de Santa Cruz de Coimbra, insigne contrapontista. Compoz varias obras; e com primor harmonico as *Lamentações e Bradados das Paixões*, que por ordem d'el-rei Filippe II foram pedidas pelo capellão mór D. Jorge de Ataide para se cantarem no Escurial no anno de 1590. (4)

João Alvares Frouvo, natural de Lisboa, e na cathedral mestre da capella, e seu Quartanario, foi discipulo de João Duarte Lobo, e famoso compositor. Imprimiu um discurso sobre a perfeição do Diatessaron muito erudito. Falleceu no anno de 1682.

Fr. João Fogaça, religioso da Serra d'Ossa, e natural de Villa-viçosa, foi perito na arte da musica, e compoz em solfa luctuosa varias lições, e motetes, que se conservam na livraria regia.

João Lourenço Rebello, commendador na Ordem de Christo, e peritissimo n'esta divina faculdade, em que seguiu o estylo do insigne Capitan. Dizia d'elle o serenissimo rei D. João IV (cujo voto n'este particular sempre foi o melhor, como de mestre intelligente, que era insigne

(1) Far. na Font. de Aganip. part. 2. Poem. 10. est 72. diz delle;
El Lobo en la theorica lustroso
Deste estudio, que tanto oydo engana
(2) Thales. na arte do canto chão p. 35. (3) Thales. na Arte de canto chão pag. 68
(4) D. Nicol. Chronic. dos Coneg. Regr. liv. n. c. 28. n. 4.

na materia) que tendo noticia dos talentos de tantos, e tão grandes homens musicos, não tinha achado outrem, que se igualasse com a habilidade de Rebello na presteza, disposição, e artificio, e assim o antepunha a todos os professores d'esta insigne arte. Mereceu que el-rei lhe dedicasse a *Defensa da musica moderna*.

D. João IV serenissimo rei de Portugal, entre as virtuosas prendas, com que o seu magestoso espirito foi ornado, se numera o profundo conhecimento, e affecto que teve á musica. Não cantava, diz d'elle Sousa de Macedo, (1) mas sem controversia foi na musica o mais sciente do seu tempo. As composições, que com nome supposto communicava ao mundo, por superiores eram logo conhecidas por suas em toda a Europa. Com despezas consideraveis, e diligencias particulares ajuntou uma numerosa livraria das obras musicas melhores, e mais exquisitas, e tinha disposta com curiosidade, e clareza notavel. Sendo continuo nos conselhos, e despachos, todos os dias tomava depois de jantar uma hora de alivio na musica. D'esta soube a theorica magistralmente, e compoz, e fez imprimir a *Defensa da musica moderna* contra a errada opinião do bispo Cyrillo Franco, em que mostra que a musica antiga não tinha mais força para mover que a de agora, e que não fazer os mesmos effeitos, não é falta da musica, e muito menos do compositor. (2)

Fr. Manoel Cardoso, carmelita, natural de Fronteira no Alemtejo, foi tido pelo mais celebre organista, e contrapontista, que houve no seu tempo em Portugal, e Castella, cujos monarcas D. João IV, e Filippe IV o estimaram summamente, não só pela pericia da sua faculdade, mas pela integridade da sua vida. El-rei D. João IV fazia d'elle tal conceito, que muitas vezes o hia visitar á sua cella, e consultava em pontos musurgicos. Quando mandou ornar a sua biblioteca musical com os retratos naturaes de professores mais insignes, quiz que o primeiro fosse o de fr. Manoel Cardoso. Compoz cinco livros de varias solfas de grande soccorro para os musicos, e entre as suas composições é mui celebre a missa, que por mandado d'el-rei de Castella compoz engenhosamente sobre as palavras *Philippus Quartus*. Morreu em 24 de Novembro de 1650, repetindo o hymno *Te Deum laudamus*. (3)

Manoel Correa, racioneiro em Sevilha, onde floreceu com applauso

(1) Sousa de Macedo na Fva, e Ave part. 1. c. 23. n. 15. (2) Duarte Madeira no liv. intitulado «Nova Philosophia» disp. 9. tom. 2. part. 1. sect. 6. n. 3. faz um bom elogio a este Monarca. Delle vi o tratado da Defensa da Musica impresso em Roma sem expressar anno, nem o nome do Author, porem trazia em seu louver um Soneto acrostico que dizia: «El-rei de Portugal.» e começava assim:

El que la nueva musica defiende
Luso Escritor, con peregrinas flores,
Retratar sabe en metricos colores
Efectos, con que el alma se suspende. etc.

(3) Deste falla Man. de Faria na Fonte de Aganippe part. 2. Poem. 10. est 72 e diz:

Desde el Carmelo altissimo el Cardoso.
Que excede al gran Ruger, se le acompana,

pelos annos de 1630, compoz, e imprimiu as melhores obras de solfa do seu tempo.

Manoel Mendes foi chamado o principe da musica, e a leu em Evora. Imprimiu uma arte d'esta faculdade. (1)

Manoel Rebello, insigne mestre de musica em Evora. Conservavam-se varias composições suas na biblioteca regia. (2)

Manoel Soares, presbytero, natural de Lisboa, e um dos mais insignes professores da faculdade harmonica. Foi mestre, que deitou admiraveis discipulos pelo bom methodo que teve de ensinar, conservando sempre um respeito, e modestia inalteravel. Compoz varias obras para se cantarem na santa igreja Patriarcal por ordem do fidelissimo rei D. João V, as quaes mereceram universal applauso de todos os professores. Faleceu em Lisboa no anno de 1756, e jaz na igreja dos padres da missão em Rilhafoles.

Pedro Thalesio, grande professor de musica, compoz uma arte de canto chão mui methodica.

Peixoto da Pena era natural de Tras-os-montes, e o mais famoso, e perito instrumentista, que se conheceu no seu seculo. Achando-se em Castella, e no paço do imperador Carlos V se admirou de que os seus musicos temperassem os instrumentos: elles zombando lhe deram uma viola destemperada, para que tangesse: pegou n'ella Peixoto, e de tal fórma regulou a positura variavel dos dedos, que soube produzir consonancias, e suspender docemente os ouvintes. (3)

§ XV

Medicina e Cirurgia

Aleixo de Abreu, medico de grande experiencia, natural das Alcaçovas, e discipulo do famoso Balthazar de Azeredo, foi o primeiro, que escreveu do mal de Loanda. El-rei Filippe III o elegeu para medico da camara pela fama da sua sciencia curativa. Escreveu um tratado de sete enfermidades, que padeceu todas juntamente, e curou só, sem admittir medico de fóra. Morreu em Lisboa no anno de 1630. (4)

Alvaro Nunes, Santareno, fisico mór do archiduque Alberto, a quem acompanhou a Flandes, onde foi summamente estimado de todos pelo maior professor da medicina. Como era feliz nas curas que fazia, bri-

(1) Far. ibid. est 73.
Del Mendes raro a la Nobleza cupo
El canto, que es de oydos el arrubo.
(2) Far. ibid. num. 72 e 73
Y Rebello que pudo desde el monte Pindo
Iaxar al Acheronte.
(3) Maced. na Eva, e Ave part. 1. e 23 num. 8. refere este caso, ao qual poderamos accrescentar muitos semelhantes, que succederam ao insigne, e celebre Thesoureiro mór do Algarve. (4) Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1

'hava n'elle grandemente a sciencia, e esperiencia, que tinha adquirido. Faleceu em Anvers no anno de 1603. (1)

Amato Lusitano, ou João Rodrigues de Castello-Branco, natural d'esta villa, insigne filosofo, excellente medico, e numerado entre os mais celebres, e eruditos da faculdade. Foi em Salamanca condiscipulo de André de Laguna, a quem excedeu, e viu varias cidades de Italia, e Flandes, onde communicou com os homens mais eruditos d'esta arte, e teve os mais avultados partidos de principes, que faziam d'elle especial estimação. Compoz muito na faculdade, e morreu infeliz, porque acabou judaizante no anno de 1568, porém vive a sua fama nos seus admiraveis escritos. (2)

Ambrosio Nunes nasceu em Lisboa dotado de um raro engenho. D. João III o mandou estudar medicina a Coimbra, onde se doutorou, e leu algum tempo, e depois passou a Salamanca, em que foi cathedratico de Prima com geral applauso. Voava a fama da sua sciencia por toda a Hespanha, e em Madrid, Sevilha, e outras terras fez curas prodigiosas. Restituiu-se á patria, e n'ella feito medico da camara, e cirurgião mór, deu fim a seus dias a 11 de Abril de 1611, deixando perpetuada sua memoria nos eruditos livros, que compoz, e imprimiu sobre os aforismos de Hyppocrates, e sobre a peste. (3)

André Antonio de Castro, filho benemerito de Villa-viçosa, ainda que alguns o fazem natural de Leiria, foi Fysico mór d'el-rei D. João IV de quem era muito estimado, e no seu tempo famosissimo pela felicidade, com que curava ainda as molestias mais renitentes. Compoz varios tratados medicos cheios de erudição, e experiencia. (4)

Antonio da Cruz foi um dos cirurgiões de mais experiencia e pratica, que viu o reino, porque o continuo uso, e exercicio do hospital real de Lisboa o fez expedito, e sciente de sorte, que compoz uma recopilação da cirurgia para aquelle tempo a melhor, que se tinha visto. Floreceu entre o seculo de 1500, e o de 1600.

Antonio Ferreira, natural de Lisboa, e um dos mais peritos, e experimentados na arte cirurgica, em que compoz «Luz verdadeira de toda a Cirurgia» applaudida dos professores, especialmente o tratado das feridas. Faleceu em Lisboa no anno de 1679.

Antonio da Fonseca, natural de Lisboa, teve em Flandes, e no Palatinado um grande nome, especialmente por occasião de uma epedemia, de que elle triunfou, atalhando-a, e curando-a com singular credito da sua sciencia no anno de 1620, expondo depois ao publico os fundamentos, com que obrara, para cautella dos vindouros.

Antonio Pires da Silva, Bragantino, famoso medico da villa de Ala-

(1) Ibid. (2) Zacut Lusit. in Histor. Princip. Medic. lib. 2. hist. 83. quaest 46. Ann. Histor. tom. 1. pag. 101. Morери, Doccion. Histor. verb. «Amato» (3) D. Franc. Man. cent. 4. cart. 1. Ann. Histor. tom. 1. (4) Zacut. allegat. lib. 4. hist. 25. quaest 26.

fões, de cujas Caldas compoz um tratado, em que dá mostras de grande medico, e filosofo.

Balthazar de Azeredo, natural de Guimarães, cathedratico na Universidade de Coimbra, e alli jubilado na de Prima, depois fisico mór do reino, e tão insigne, que no seu tempo lhe chamavam o Hyppocrates, e o Galeno. Escreveu na faculdade, e morreu em Janeiro no anno de 1631. (1)

Brudo, lusitano, filho de Dionisio Lusitano, cujos nomes proprios de ambos se ignoram, e são mais conhecidos entre os inglezes, do que entre nós. Foi Brudo peritissimo nas linguas latina, grega, e arabica, e insigne medico, e deixou eternos monumentos da sua sciencia no livro, que escreveu *De ratione victus in febribus*, impresso em Veneza no anno de 1574. (2)

D. Caetano de Santo Antonio, conego regrante de Santo Agostinho, e natural de Buarcos, foi admiravel botanico, e compoz Pharmacopea lusitana com o methodo pratico para preparar os medicamentos.

Christovão Sardinha, natural de Elvas, floreceu no reinado d'el-rei D. João III, e na provincia do Alemtejo era tido pelo Deus Esculapio pela facilidade, e bom exito dos seus remedios.

Diogo de Contreiras, Elborense, medico tão famoso, e izento, que convidando-o el-rei D. Sebastião para medico da sua camara, elle não aceitou o emprego. (3)

Diogo Mourão, natural da Covilhã, eximio, e peritissimo professor da arte medica, á qual deu grandes creditos, e á sua pessoa estimação na Provença, onde a exercitou com felicidade no anno de 1639. Imprimiu alguns tratados eruditamente. (4)

Diogo de Rosales, de quem se ignora a patria, porém Zacuto o numera entre os insignes medicos portuguezes. Compoz algumas obras, de que se lembra o mesmo Zacuto, e Bartoloc. na Bibliotheca Rabbinica tom. 3.

Diogo da Silva, excellente professor d'esta arte em Roterdão, e Paris, e n'ella compoz varios livros, que os doutos veneram.

Duarte Madeira Arraes, fisico mór d'el-rei D. João IV, e natural de Moimenta da Beira, foi excellente filosofo, insigne medico, e admiravel cirurgião: tudo executou como mestre, e com desembaraço. A sua nova filosofia das qualidades occultas, que imprimiu em Lisboa no anno de 1650, é applaudida até pelos estranhos menos affeiçoados. O seu tratado *De morbo Gallico* é seguido pelos professores como texto de Hippocrates, ou Galeno. Morreu em Lisboa no anno de 1652. (5)

Estevão Rodrigues de Castro, lisbonense, e um dos mais illustres, e excellentes medicos, que nasceram em Portugal, em Pisa foi lente de

(1) Maced. Flores de Hesp. e. 8. excel. 9. (2) Lembra-se deste Author o P. Franc. da Cruz na Bibl. Lusit. m. s. (3) Fonseca na Evor. glorios. (4) Barbos na Bibl Lusit. tom. 1. (5) Wadernl in Script. Medic. Anton. de Leão Bibl. Orient.

Prima, e o grão duque de Toscana o fez seu fisico mór. A maior prova da sua incessante applicação, e talento são os seus eruditos livros, e os innumeraveis elogios, que varões sabios lhe fizeram. Morreu no anno de 1637. (1)

Fernando Cardoso, natural de Celorico, floreceu nas Hespanhas com grande nome pelos annos de 1630. Imprimio um livro *De febre syncopali*, com admiraveis observações, e outro muito curioso *De las utilidades del agua, y de la nieve: del beber frio, e caliente*.

Francisco da Fonseca Henriques, natural de Mirandella, foi um dos medicos mais doutos, que floreceram no nosso seculo. Deixou escrito varias obras de grande utilidade, e cheias de erudição.

Francisco Morato nasceo em Castello de Vide, e foi medico da camara d'el-rei D. João IV, que muito o estimava. Compoz a *Luz da medicina*, com que illustrou grandemente o seu nome, e a sua arte.

Francisco Sanches, famoso, e engenhoso medico, natural de Braga, teve em Mompelher de França cadeira publica, contando sómente de idade vinte e quatro annos, e ha chegou a compor, e imprimir vinte e tantos tomos da mesma faculdade. Com ser tão estudioso, e applicado, vão a tirar por conclusão certissima, que n'este mundo nada se sabia, e d'esta sentença compoz um livro elegante, a que intitulou *Nihil scitur*, impresso no anno de 1649.

Gabriel da Fonseca era natural de Lamego, e tão applicado á medicina, que foi cathedratico d'ella em Pisa, e medico da camara em Roma do Papa Innocencio X, e Alexandre VII em o tempo dos quaes não havia outro da sua profissão, que o excedesse, nem o igualasse.

Garcia de Orta, do qual podemos dizer que venceu a Plinio, e Dioscorides em indagar a verdadeira virtude das hervas Indianas. N'esta materia foi tão curioso, que depois de se distinguir nos actos litterarios entre todos os seus collegas nas Universidades de Alcalá, e Salamanca, e ler nos estudos de Lisboa por alguns annos com muita diligencia, exercitando-se juntamente na cura dos doentes, passou ao estado da India no anno de 1534, e la empregou sua vida pelo espaço de trinta annos em inquirir, e saber a verdade das medicinas simples d'aquellas regiões, das quaes tantos enganos, e fabulas escreveram não só os antigos, mas muitos dos modernos. De tudo compoz o admiravel livro intitulado *Colloquios dos simples, e drogas, e cousas medicinaes da India, e frutas achadas n'ella*, o qual se imprimiu no anno de 1563 em Goa, e teve a fortuna de que os insignes Costa, Monardes, Marrucino, e Carlos

(1) Zacut. Histor. Medic. liv. 3. histor. 9. quest 18. e hist. 25. Nicol. Anton. in Bibl. Hispan. tom. 2. Moreri no Dicc. n. verb. «Castro» D. Franc. Manoel cent. 4. cart. 1. Ann. Histor. tom. 3. pag. 513.

Clusio o traduzissem em differentes idiomas, merecendo tambem a sua sciencia o grande elogio, que lhe fez Camões. (1)

Gaspar dos Reis Franco, natural de Evora, foi erudito, e assim o mostrou no livro *Campus Elysius jucundarum quæstionum*, impresso em Bruxellas no anno de 1661, ainda que n'elle segue algumas opiniões extravagantes.

Henrique Jorge Henriques, natural da Guarda, foi lente em Coimbra, e em Salamanca, e de grande opinião em toda Castella. Imprimiu o *Retrato do verdadeiro medico* fundado em grandes experiencias pelos annos de 1595.

Jeronymo Nunes Ramires, honrado discipulo do insigne Thomaz Rodrigues da Veiga, nasceu em Lisboa, e n'ella grangeou tal nome na medicina, que era procurado incessantemente por todos, a que elle assistia promptamente á custa do seu descanço, e com maior vigilancia nas doenças de perigo. Sem embargo do pouco tempo, que lhe restava, de que elle se queixa no prologo dos *Commentarios a Galeno*, que fez, e imprimiu no anno de 1638, escreveu com elegancia, e sciencia, dando evidentes mostras de ser erudito nas linguas grega, e latina, de que foi publico professor.

João Bravo Chamiço, a que uns fazem natural de Torres Novas, outros de Leiria, foi cirurgião mór do reino, e escreveu de cirurgia, e medicina doutamente, como refere Zacuto. (2)

João Curvo Semedo, natural de Monforte, foi n'esta faculdade, e nos nossos tempos medico de grande fama, especulação, e experiencia, com a qual inventou alguns remedios especiaes de muita utilidade, menos aquelles sympathicos, e antipathicos, que todos os sabios modernos fundados em melhores, e irrefragaveis experiencias reprovam, como ficções dos antigos. (3)

Manoel Bocarro Francez, medico, filosofo, mathematico, e poeta lusitano insigne, aprendeu medicina em Mompelher, onde se doutorou

(1) Cam. Ode 9. escrita an conde de Redondo Vice-rei da India; pedindo-lhe que fove recesse a Garcia de Orta, e diz-lhe;

Favorecei a antiga
Sciencia, que já Aquilles estimou,
Olhay que vos obriga
O ver que em vosso tempo rebentou
O fruto daquell'Orta, onde florecem
Plantas novas, que os doutos não conhecem.
Olhay que em vossos annos
Produz hum'Orta insigne varias hervas
Nos campos indianos,
As quaes aquellas doutas, e protervas
Medea, e Circe nunca conheceram,
Posto que a ley da Magica excederam, etc.

(2) Zacut. Histor. Medic. liv. 2. histor. Galen. 15. (3) Feijó no tom. 1. das Cartas eruditas cart. 17. n. 20. e 21. justamente censura este Author nesta parte, condemnando-o tambem de muito credulo, e sem criterio em muitas cousas; porém no mais é merecedor da estimação, que delle se faz commummente.

n'elle, depois veio para Alcalá de Henares, e alli ouvindo o celeberrimo lente da mesma faculdade Pedro Garcia Carrero, tomou d'elle tambem o gráu de doutor, e em Coimbra: o imperador Fernando III lhe concedeu um privilegio para poder curar em toda a parte. D'esta sorte extendeu a sua fama tanto, que veio a ser medico de muitos principes da Europa, e até do imperador turco em Constantinopla. Correu a maior parte do mundo, e tratou com os mais insignes homens de letras, que então floreciam, como foram Galileo Galilei, e Kepler. São innumeraveis os livros, que compoz em varias faculdades, todos irrefragaveis pregoeiros do seu engenho, e erudição: d'elles se imprimiu um Catalogo em Hamburgo no anno de 1644. Estando em Liorne, e sendo chamado para curar a duqueza Strozzi, que estava em Florença, morreu no caminho pelos annos de 1662. (1)

Paulo Correa, natural de Marialva, foi lente de Vespera na Universidade de Alcalá, e tão grande professor da arte medica, que foi chamado de Roma para curar varios principes, e prelados d'aquella curia, onde viveu alguns annos, e fez celebre o seu nome. (2)

Pedro de Peramato, excellente medico do duque de Medina Sidonia, e excellente escritor da faculdade. Imprimiu tres tomos em San Lucar de Barrameda no anno de 1576, que deram grande brado pelo mundo: e varões doutos allegam sua doutrina para confirmarem a propria, por ser solida, e bem fundada. (3)

Rodrigo da Fonseca, lisbonense, cathedratico de medicina em Pisa, e depois lente de Prima em Padua, compoz muito na faculdade, e é louvado dos professores, e d'elles seguido. (4)

Thomaz Rodrigues da Veiga, eborense, cathedratico de Prima em Coimbra, e um dos mais famosos letrados, com que el-rei D. João III enobreceu aquella Universidade. Muitos são os elogios, com que varões sabios recommendam as suas obras de eruditas, e a elle de insigne, e eminente na faculdade. (5)

Zacuto Lusitano, natural de Lisboa, medico de rara, e exquisita fama. Escreveu a historia dos varões sabios da medicina com profunda erudição: foi homem consummadissimo na sua arte: os epithetos honorificos, que lhe dão graves authores, são innumeraveis; (6) só teve

(1) Este Author certamente celebre, diz Vieira na «Palavra do Prégador empenhada» §. 9. fim que profetizara a Acclamação del-Rei D. João IV. ao menos verificou-se com o successo o que Boccarro havia escrito vinte e quatro annos antes de acontecer. (2) P. Franc. da Cruz no Catalog. dos Authores Portuguezes. (3) Quintanaduenas tom. 2. singular. ad 4. Eccles. praecept. tract. 9. sing. 1 num. 5. (4) Servio Dissert. de Unguent. Armario num. 28. Zacut. liv. 6. histor. 7. fin. (5) Nicol. Anton. in Bibliot. Hispan. tom. 2 pag. 251. Jeron. Non. nos Comment. de Galen. cap. 3. fol. 11. e cap. 4. fol. 21. O. P. Ant Vieir. tom 11. no Serm. de S. Luc. num. 261. diz delle: «Adoeceu de uma febre El-rei D. Sebastião, e sendo chamado de Coimbra aquelle Oraculo da Medicina, que nas Cadeiras da mesma Universidade e allegado com o nome de» Magnus Thomas, ordenou que lhe fizessem uma cama de rosas, e deitado nella, ficou são. (6) Luiz de Lemos na Vida de Zacuto allega muitos elogios, que lhe fizeram, os quaes é impossivel referir neste pequeno Mappa. Debaixo do retrato

porém a infelicidade de morrer judaizante fóra da nossa verdadeira religião no anno de 1642.

§ XVI

Erudição varia

De Heroes litterarios Portuguezes, que abarcaram toda a erudição, e se fizeram celebres no mundo pela sua amplissima capacidade, puderamos numerar bastantes, sem repetir muitos dos que temos referido. Fr. Eusebio de Matos, que primeiro foi religioso da companhia, onde entrou no anno de 1644, e depois se passou para a religião carmelitana, foi talento extraordinario. Dizia delle o veneravel Vieira, que Deus se empenhara a fazel-o em tudo grande. Soube eminentemente letras humanas: leo Filosofia, e Theologia com assombro, e utilidade: foi maravilhoso poeta latino, e vulgar: grande musico por natureza, e arte: subtil Arithmetico, e tão estimado nesta materia, que tendo os homens de negocio duvidas nas suas contas, o consultavam, e elle decidia as mais ambiguas, e intrincadas: foi caprichoso pintor, maiormente no desenho: Orador Evangelico insigne, e eloquente: até na conversação era discreto, communicavel, e affabilissimo. (1)

D. Heliodoro de Paiva, colaço d'el-rei D. João III, e filho de Bartholomeu de Paiva, guarda-roupa do mesmo rei, e Vêdor das obras do reino, desenganado do mundo antes de tempo, foi buscar o seguro da salvação entre os conegos regulares de Santa Cruz de Coimbra, e lá unindo a virtude com o juizo, e engenho profundo, de que era dotado, se fez estimavel por todos os principios. Era sogeito de portentosa vivacidade, e se inteirou tanto nas linguas Hebrea, Grega, e Latina, que em todas compunha, e fallava como proprias. Conta-se d'elle, que ao mesmo tempo que postillava Theologia, convertia tudo em verso Grego, quanto o mestre dictava em Latim. Foi o maior Filosofo, Theologo, e Escriturario do seu tempo: imitava primorosamente quaesquer caracteres, e na pintura foi agil: cantava suavissimamente, e com o mesmo desembaraço tocava orgão, rebeca, e arpa, sendo juntamente insigne no contraponto. A todos estes extraordinarios dotes, com que a natureza o havia adornado, ajuntou o da modestia, e humildade, rejeitando diver-

deste insigne Medico, que vem no principio das suas obras, se lê esta inscripção, «En Zacutum Lusitanae fulgidum sidus plagae, Principem cheri medentum, saeculi miraculum.» Paul Zachias o louva no liv. 3. quaest Medico Legal. titul. «De monstris.» porém Gaspar dos Reis Franco no Campo Elysio quaest 31. n. 12. o censura de pouco verdadeiro, «Fuit quippè pessimus hic Judeus. alter mendaciorum pater, ut de Amato illi simillimo non absque ratione dicebat Fallopius, uterque enim, ut legentes in sui admirationem trahant; et novitatibus, inauditisque demulceant, chimaeras mille,atque putidissima mendacia scribere non erubuerunt, cujus audaciae, vaniloquentiae, ac Judaicae falsitatis, non citra rationem eumdem Zacutum convincit, et taxat Fortunatus Pemplius, etc. (1) Sá nas Memor. Histor. apud Barbos. in Bibl. Lusit. tom. 1.

sos bispados, que el-rei lhe offerecia por varias vezes. Falleceu em Coimbra aos 20 de Dezembro de 1552. (1)

Não fallamos em outros muitos, por não engrossarmos demasiadamente por este ponto a estreita circumferencia do nosso Mappa: porém para dar lustre á nação, basta que façamos memoria de um famoso Portuguez, cuja vasta comprehensão de todas as faculdades o fará ser no mundo admiravel portento em todos os seculos. É este o incomparavel.

Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, de quem já nos lembrámos succintamente, foi religioso scientifico de esfera extraordinaria: na Theologia eximio, na Filosofia insigne, no direito civil, e canonico peritissimo, na eratoria eloquente, e na poezia tão facil, e prompto, que podemos dizer nasceu poeta, pois perguntado de qualquer assumpto, logo dava a resposta em verso. Tinha de memoria todas as obras de Cicero, de Salustio, de T. Livio, de Cesar, Curcio, Paterculo, Suetonio, Tacito, Virgilio, Ovidio, Horacio, Catullo, Tibullo, Propercio, Estacio, Silio, e Claudiano. Sabia as historias de todas as nações, de todas as idades, e as successões dos Imperios, e a Historia ecclesiastica. Possuia além da nativa vinte duas linguas. Não se achou cousa tão escura, ou impenetravel em algum escritor antigo Grego, ou Hebreo, que perguntado sobre o caso não respondesse promptamente. Era certamente Bibliotheca viva de todas as sciencias, e Oraculo commum de toda a Europa.

As muitas, e diversas obras que compoz, e imprimio em todas as materias, são outros tantos abonos da sua erudição. Os elogios innumeraveis, que os varões sabios de todas as nações da Europa, por onde andou, lhe fizeram, são tambem evidentes provas da universal estimação, em que era tido; porém a mais incontrastavel, e qualificada testemunha da sua portentosa memoria, são as conclosões seguintes, que elle com assombro do mundo litterario sustentou em Veneza por espaço de oito dias, permittindo aos que concorressem a o acto, poder-lhe perguntar o que cada um quizesse em qualquer materia, a que elle promptamente responderia.

Leonis
S. MARCI
Rugitus Litterarii
Ore
R. P. Fr. FRANCISCI
A' S. Augustino Macedi,
Lusitani, Observantis Minoræ prolati,
Serenissimo Principi
D. D. DOMINICO

(1) D. Nicol. Ant. Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. liv. 10. n. 8.

Contareno,
Venetiarum Duci, dicati.

I

De Sacra Scriptura, tum Veteris, tum Novi Testamenti, deque ejusdem sensibus, versionibus, interpretatione, et expositione.

II

De Romanorum Pontificum serie, successione, auctoritate suprema, deque Conciliis Oecumenicis, ac eorum causis, Præsidibus, et doctrina.

III

De Historia Ecclesiastica, tum ab Adamo usque ad Christum, tum à Christo usque ad annum præsentem.

IV

De Sanctorum, et Græcorum, et Latinorum ætate, et doctrina, ac præcipuè S. Augustini, cujus opera omnia exponentur; sententiæ afferentur, defendentur.

V

De tota Philosophia, et Theologia speculativa, et Morali, ac illius Scholis, præcipuè Scotica, Thomistica, Jesuitica, deque Sacris Canonibus, et Institutis, ac libris Juris Civilis.

VI

De Historia Græca, Latina, Barbara, præcipuè Itala, et Veneta.

VII

De Rhetorica, ac illius arte, et methodo, ad usum ita redacta, ut quemcumque quis quæstionem dicenti ponat, de ea ex tempore dicentem audiat.

VIII

De poetica ad mentem Aristotelis, deque illius formis, et versibus, Poetis præcipuè Græcis, Latinis, Italis, Hispanis, Gallis, oblata quavis materia extemporali, eam Poeta suscipiet, et versu describet.

Cuilibet disputaturo ponere, et rogare, quid velit, licitum esto, à die Lunæ 26 Septembris 1667. Publicè in Ecclesia S. Francisci de Vinea Venetiarum.

Aquelles, que sabem quantos volumes é preciso revolver, e ter estudado para manter um semelhante desafio litterario, necessariamente hão de confessar ser pasmosa tal memoria, e talento, e que não se po-

deria executar o acto, sem que o presidente fosse juntamente dotado de uma profunda sabedoria, e perspicacia de engenho em grão supremo.

Quanto ao successo destas conclusões, refere o padre Arcangelo de Parma em uma carta, que escreveo ao Cardeal de Noris, (1) dizendo: «Estas Theses recebidas de todos com summa expectação, e admiração, manteve o padre Macedo com felicissimo successo, achando-se «presentes muitos senadores, e nobres da republica de Veneza, e grande numero de doutores, e religiosos, ainda dos estrangeiros, que a fama havia convocado. Tentaram no com innumeraveis perguntas, e argumentos varios doutores, e mestres de todas as Ordens, respondendo «elle a todos, como se tivesse de antemão premeditadas as respostas «com tanta felicidade, que nunca se vio titubear, deter-se, ou embaraçar-se; antes succedeo muitas vezes, que esquecendo-se os arguentes de «alguma cousa, que proferiam, ou recitando-o mal, elle lhes acudia, sugerindo-lhe o que queriam dizer, ou emendava o que tinham dito. Houve um, que citou mal um texto da Escritura; outro, que se esqueceu «de uma passagem de Virgilio; e outro, que allegou alguns authores «suspeitosos a favor da sua sentença. Ao primeiro corrigio o texto da «Escritura, ao segundo subministrou os versos do poeta, e ao terceiro «removendo os authores dubios substituio por elles a outros idoneos.»

Em Roma ostentou, e fez outra semelhante prova da sua sabedoria, mantendo por tres dias conclusões *De omni scibili*, de maneira, que ou na cadeira presidindo, ou no pulpito prégando, ou na cella escrevendo, sempre admirou Macedo ao mundo em todo o genero de letras. Falleceu finalmente em Padua no primeiro de Maio de 1681, uns dizem que de oitenta annos, outros que de noventa. Os seus religiosos lhe deram no mesmo convento honrosa sepultura, junto da qual se lê esta inscripção:

D. O. M.

Patri Francisco de Macedo Lusitano: hujus domus PP. eximio contubernali suo istam ex ære imaginem pro aurea illa, quam in Patavino Gymnasio Moralis Philosophiæ Doctor, et undique linguâ, et calamo vir doctissimus protulit, unanimiter decrevere. Obiit ann. Domini 1681. *die* 1 *Maii ætat.* 90.

No convento de *Ara-Cœli* em Roma, defronte da escada, que sóbe para o dormitorio, mandou fr. Miguel Angelo Farulfo, Prégador do Sacro Palacio, collocar a imagem de Macedo em um busto de marmore, e no seu pedestal se vê aberto este cenotafio:

(1) Apud Feijo tom. 9. do Theatr. Critic. supplem. ao 4. n. 136. p. 161.

P. M. S.
Viro omniscio
P. Fr. Francisco à S. Augustino Macedo,
Patria Lusitano Veneto Civi
Minor. Observ. Prov. Portug. Lector. Jubil.
In Patavina Acad. Ethicæ Professori,
Regis Lusit. Joannis IV. Chronol. Latino,
S. Officii Rom. Qualific.
In Colleg. Propag. Fidei Controv. Lector.
In Rom. Sap. Histor. Ecclesiast. Mag.
Poetæ ex tempore celeberrimo,
Pluribus in Catholic. et litterar. Reipubl.
Obsequium laboribus claro,
Encyclopæd. non paucis speciminibus.
Ac certaminibus illustri,
Adversæ fortunæ ictibus intrepido,
Ingenio acri ,infallibili memoria,
LXX voluminum patri,
Die 1 Maii 1681 *ætat. suæ ann.* 88.
Paduæ ad Superos profecto
Fr. Michael Angelus Farolfus de Candia
Sacri Palat. Apostolic. Prædicat.
Cism. Fam. Min. Obs. et Ref. Discr. perp.
Grati discipulatus M. P. C.
Anno Domini 1691.

Se não temeramos ser fastidioso, transcreveramos aqui o catalogo das obras deste varão insigne, e talvez mais extenso, e exacto, que o elenco ha pouco impresso no principio do tom. 6. *Corp. Poetar. Lusitanor.* sómente allegaremos os authores, que d'elle fazem honorifica menção. (1)

Tambem pela mesma causa deixamos de dar noticia de outros muitos escritores Portuguezes insignes, e memoraveis em outros generos de crudição; como Apologistas, Antiquarios, Politicos, Criticos, e Miscellaneos.

CAPITULO III

Do Militar d'este Reino, com os presidios, e forças do mar, e terra

Sendo tantas, e tão differentes nações as que vieram em varios

(1) Nicol. Anton. Bibl. Script. Hispan. tom. 1. p. 336. Alegambe, Bibl. Scriptor. Societ. p. 126. Moreri in Supplement. ht. M. p. 4. Mons. de Bayle, Diccion. Critic. D. Franc. Manuel. 4. cart. 1. P. Reis tom. 1. Histor. Lusit. in Vita Ferdinand. de Menezes. Fr. Martinho do Amor de Deus na Chronic. dos Capuch. D. Anton. Caetan. de Sousa tom. 1. Histor. Genealog. no Apparat. dos Escritor. Portug. n. 152. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 2.

tempos invadirnos a patria, e pondo nossos antepassados toda a felicidade da guerra no ardimento, e constancia, com que se defendiam, ou litigavam com seus contrarios, não cuidaram em estabelecer leis fixas militares para regular suas tropas, porque a experiencia lhes mostrava talvez falliveis os preceitos bellicos na oppressão de tantos inimigos instruidos em outros tantos diversos methodos Marciaes.

Durou este inconstante, e confuso modo de guerrear até o tempo dos Arabes, de cuja milicia recebemos bastante doutrina, extendendo-se mais particularmente o seu estylo ao exercicio da cavallaria, e passando inteiramente a nós os seus termos, armas, e nomes, que reformou em parte el-rei D. Fernando com alguma luz, e imitação do conde de Cambrige (1) por se conformar com alguns reinos, e nações da Europa, especialmente França, Inglaterra, e Hespanha, mais scientes na militar disciplina.

Até este tempo chamavam ao exercito Hoste, que constava de Dianteira, isto é, vanguarda, Çaga, ou retaguarda; Costaneiras, isto é, lados, ou alas direita, e esquerda. Compunha-se a Hoste de Infantaria, e Cavallaria: esta peleijava com lanças, e aquella com dardos, fundas, bêstas, virotões, páos tostados, e outras semelhantes armas, a que chamavam de arremeço.

As lanças, ou Cavallaria, parte eram d'el-rei, parte dos senhores de terras, e parte dos concelhos, ou villas do reino, mas todos pagos por el-rei, quando andavam em acção. O numero da gente era incerto tanto na cavallaria, como infantaria: só o que sabemos é, que o santo rei D. Affonso Henriques na batalha de Campo de Ourique levara doze mil infantes; el-rei D. João I, vinte mil, quando foi sobre Ceuta; e seu neto el-rei D. Affonso V, quando passou a Castella sobre a pertenção da Excellente Senhora, levara cinco mil e setecentos de cavallo, e quatorze mil de pé; (2) de sorte que até o tempo d'el-rei D. Manuel nunca o nosso exercito passou de nove mil cavallos, (3) e depois era menor o numero da gente paga no reino por causa da extracção, que se fazia della para as conquistas, de cuja falta procedeo não levar el-rei D. Sebastião, quando passou com pouca ventura a Africa, mais que onze mil homens.

Instituio, e reformou tambem el-rei D. Fernando algumas dignidades militares: a de Condestavel, que era o maior posto do exercito correspondente ao general das armas, nomeando logo no tal emprego a D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arrayolos, e irmão da rainha D. Ignez de Castro, com as preeminencias, e exercicio, de que falla o regimento antigo da guerra. (4) No tempo presente cessou na milicia este officio

(1) Monarq. Lusit. part. 8. liv. 22. c. 27. e 48. (2) Severim. Notic. de Port. discurs. 2. §. 7. (3) Goes, Chron. d'el-rei D. Man. part. 1. c. 47. (4) Monarq. Lusit. liv. 22. c. 48. Sous. tom. 3. das provas da Histor. General. p. 252 Lima, Geogr. Histor. tom. 2. p. 106. Garma tom. 3. do Theatr. Univ. de Hesp. c. 30.

supremo de condestavel, e parece ser só titulo honorario, que vemos praticar-se na coroação do novo rei, e no juramento dos novos Principes, nos quaes actos tem o condestavel o estoque real levantado diante da pessoa do rei, como insignia propria da dignidade, a qual até agora tem andado nos principaes senhores do reino, sendo o ultimo, que o exerceo, o serenissimo senhor infante D. Pedro.

O outro officio do exercito, que instituio o mesmo rei D. Fernando, era o de Marechal, correspondente ao de mestre de campo general. (1) Creou mais outros officios subalternos, e inferiores: Adail, ou capitão do Campo; Anadel, ou capitão dos Bésteiros; e Almocadem, ou Guia, e encaminhador dos exercitos, cujos postos, e nomes se usam ainda hoje em Mazagão, principalmente na cavallaria. Quem quizer inteirar-se com maior individuação das obrigações d'estas dignidades militares, póde ler ao curiosissimo Manuel Severim de Faria no seu erudito livro das noticias de Portugal discurs. 2. §. 6. e o tom. 8. da Monarquia Lusitana.

Seguiram-se as guerras de Castella no reinado do serenissimo rei D. João I. e na celebre batalha de Aljubarrota ainda não havia entre nós o uso da polvora, e artelharia, o que então nos não foi muito necessario; com tudo foram trazidas pelos castelhanos na vanguarda do seu exercito dezaseis peças, ou bombardas, a que chamavam *Trons*, com que atiravam balas de pedra, cousa nova em toda a Hespanha, como diz Fernão Lopes, (2) e que causara grande admiração aos Portuguezes (3) os quaes pouco depois melhoraram o invento, pois no mesmo reinado d'el-rei D. João I, lemos, que João Gonçalves Zarco, ayo do infante D. Henrique, fora o primeiro que usara de polvora, e artelharia. (4)

No tempo d'el-rei D. Affonso V, já os nossos exercitos pelejavam com melhor ordem pelo beneficio, que recebiam da arte, e regimento militar, que lhes mandou fazer este principe com grande acerto, o qual depois melhorou el-rei D. Manuel, e aperfeiçoou el-rei D. Sebastião, mandando-o imprimir no anno de 1570, com o titulo de regimento de capitães Móres, cujo methodo só respeitava á gente da ordenança das cidades, e villas do reino, que n'aquelle tempo eram as tropas, que havia em Portugal. (5)

Quem cuidou com mais diligencia n'este ponto, foi o felicissimo rei D. João IV, pois tanto que empunhou o governo do reino, tratou logo

(1) Lima. Geogr. Histor. tom. 1. (2) Chron. d'el-rei D. João I. part. 2. c. 12.

(3) Franc. Rodrig. Lobo. no Condestav. cant. 14.

Forão do som horrisono espantados — Que até áquelles bons tempos celebrados
Muitos da primeira ala Lusitana — Nos não mostrava a vã malicia humana
De alguns tiros aos nossos desusados, — Que com o estrondo, e fumo, que fazião,
Que vinhão na vanguarda Castelhana. — Aos nossos forças, e armas suspendião.

(4) Man. Thom. na Insulana liv. 1. est. 83.

Bem he verdade que este o Lusitano — Que usou da dura fruta de Vulcano,
Primeiro foi no mar com nome eterno, — E o salitrado aljofar do Inferno.

(5) Disc. sobre a Discipl. Milit. disc. 3. p. 15.

de dar formalidade, e disciplina ás suas tropas, mandando compor para isso varios regimentos, e leis, que respeitavam não só á boa regra, e doutrina dos soldados, mas á boa arrecadação da fazenda real: tal é o regimento chamado das fronteiras, e outros, de que faz menção o erudito, e excellente author dos discursos sobre a Disciplina Militar.

Não ha duvida que das nações estrangeiras temos abraçado muitas regras militares, e assim de Alemanha, e Italia tomamos o louvavel costume de repartir em determinadas porções toda a infantaria do exercito, ás quaes chamamos Terços, ou Coronelias, por ser a terceira parte de um regimento: (1) e attendendo á utilidade d'esta imitação, mandou a serenissima rainha D. Luiza, como regente do reino, no anno de 1658, governando as armas da provincia do Alemtejo Joanne Mendes de Vasconcellos, indo sitiar a praça de Badajoz, que se observasse o regimento do duque de Parma, o qual regimento impresso no anno de 1641, e mais documentos irrefragaveis em como se observou, vimos na mão de um nosso curioso, e intelligente official de guerra.

A esta imitação tambem o magnanimo rei D. João V, em tudo providente, mandou no anno de 1707, que se guardassem umas novas ordenanças, em que deu fórma á infantaria, cavallaria, e dragões, determinando que cada regimento de infantaria se compozesse de doze companhias, inclusa a de granadeiros, e cada uma d'ellas tivesse um capitão, um tenente, um alferes, dous sargentos, quatro cabos de esquadra, dous tambores, que pouco depois reduzio a um só, dando-lhe o soldo de ambos, e quarenta e quatro soldados, e que o dito regimento tivesse tres officiaes superiores, a saber, coronel, tenente coronel, e sargento mór com seus ajudantes.

No anno de 1735, foi servido o mesmo soberano, que cada regimento de infantaria tivesse dous batalhões, e cada um constasse de seiscentos homens, divididos em dez companhias, a sessenta homens por companhia, inclusos os officiaes, ficando cada regimento de mil e duzentos homens, não entrando n'este numero dous ajudantes, dous capellães, dous cirurgiões, e um tambor mór.

Na cavallaria ligeira, e dragões mandou, que cada regimento se compozesse de quinhentos cavallos, divididos em dez companhias, cada uma de cincoenta cavallos, inclusos os dos officiaes, não entrando n'este numero um ajudante, um capellão, um cirurgião, e um furriel mór, que hoje se acha extincto.

Este regimento, sem embargo de pertender incluir os preceitos de toda a disciplina militar, copiou quasi em tudo as ordenanças de França que n'aquelle tempo ainda não estavam reduzidas a tão boa ordem, como hoje se vê no codigo militar de Monsieur Briquet: e em tudo que é economia, se encontra grande differença nas duas nações, além de ser

(1) D. Franc. Manoel Epanafor.

diminuto em pontos essenciaes: e assim parece que os seus regulamentos se não pódem praticar com exacção nas tropas Portuguezas: de sorte, que, segundo exclama um excellente professor militar, ainda a milicia Portugueza suspira por melhor methodo, que se conforme com os nossos costumes, e possibilidade. Daremos noticia da guarnição pelas provincias conforme o tempo da paz.

§ I

Estremadura

Ha n'esta provincia dous regimentos de cavallaria, e quatro de infantaria, de que dous chamados da armada, e da junta eram pagos pela repartição dos armazens. Ha mais oito terços de auxiliares, e as ordenanças, que todos tem por praças de armas a corte de Lisboa. N'esta provincia ha as praças, e fortalezas segnintes.

§ II

Praças, e Fortalezas maritimas no rio Tejo da banda do Norte

Fortaleza de S. Miguel da Nazareth.
Forte de S. Martinho da Pederneira.
Fortaleza de S. João da Berlenga. Ilheo separado da terra.
Praça de Peniche, a mais fortissima do reino, porque pela parte, com que prende á terra firme se lhe communica o mar, e os baluartes, com que se defende, estão em uma linda curva, que offerece para a campanha a parte concava, de sorte que qualquer ponto do terreno, por onde póde ser atacada, é descuberto de tres, ou quatro baluartes, e como é areal movediço, não se pódem facilmente cubrir, sem que a fachina lhe venha de muito longe, e a maré basta para arruinar as trincheiras. É guarnecida com um regimento de infantaria.
Forte de nossa Senhora da Luz.
Forte de nossa Senhora da Victoria.
Forte de nossa Senhora da Consolação.
Forte de nossa Senhora dos Anjos chamado Paymogo.
Forte de Pena firme.
Forte de Santa Susana.
Forte de nossa Senhora da Graça do Porto-Novo.
Forte de S. Pedro de Mil regos.
Todos estes fortes estão subordinados ao governador de Peniche.
Forte de nossa Senhora da Natividade da Ericeira.
Forte de Santa Maria de Magoute.
Forte da Roca.

Forte do Guincho.
Forte de S. Braz de Sanxete.
Forte de S. Jorge.
Forte de nossa Senhora da Guia, onde ha obrigação de accender farol para guiar as embarcações, que vem demandar a barra de Lisboa.
Forte de Santa Martha.
Forte de Santa Catharina de Cascaes.
Fortaleza de Nossa Senhora da Luz.

Todos estes Fortes estão fóra da barra, e subordinados ao governador de Cascaes.

Praça de Cascaes com sua cidadella sobre o mar, e presidiada com um regimento de infantaria paga: foi antigamente capital da provincia.
Forte dos Innocentes.
Forte de S. Roque.
Forte de Santo Antonio.
Forte da Cruz de Santo Antonio.
Forte de S. Theodosio.
Forte de S. João.

Fortaleza de Santo Antonio situada sobre rocha viva, que entra pelo mar dentro na Costa, que faz a bahia de Cascaes fronteira á fortaleza de Nossa Senhora da Luz. É fortaleza regular com fosso seco pela banda da terra, e bataria pela parte do mar com oito peças de bronze, e poço de agua nativa. Guarnecem-na vinte e sete soldados, e doze artilheiros.

Forte ne S. Domingos de Rana.

Fortaleza de S. Julião da Barra fundada sobre uma rocha viva com cinco baluartes irregulares, e um revelim para a parte da terra. Aqui existe o grande canhão de artelharia chamado Tiro de Dio, por ser fundido na ilha de Dio, e de lá ser mandado a el-rei D. Sebastião, como diz Ufano trat. 1, cap. 6. O seu comprimento é de vinte e cinco calibres, e a bala de noventa, ou cem libras de calibre. Gamboa no cap. 6 affirma que é de cento e doze libras, e mais.
Forte de Santo Amaro.
Fortaleza de S. João das Mayas.
Forte de S. Pedro de Paço de Arcos.
Forte de Nossa Senhora do Porto Salvo.
Forte de S. Bruno.
Forte de Nossa Senhora do Valle.
Forte de S. Francisco da Boa-Viagem.
Forte de Nossa Senhora da Boa-Viagem.
Forte da Cruz quebrada.
Forte de S. Joseph de Ribamar.
Forte de Nossa Sebhora da Conceição de Pedrouços.

Torre de S. Vicente de Belem, que serve de registrar os navios, que entram na barra de Lisboa, os quaes são obrigados a salval-a, quan-

do passam por ella. Consta de duas batarias, alta, e baixa, bem artilhadas, e uma plataforma avançada fortalecida de um bom parapeito.

Forte da Estrella.

Forte de S. João da Junqueira.

Forte do Sacramento.

Forte de S. João de Deus.

Fortim de S. Paulo.

Fortim do Remolares.

Baluarte de S. João no Terreiro do Paço, onde existiu a Vedoria da Provincia.

Fortim da Ribeira.

Forte de Santa Apolonia.

Forte da Cruz da Pedra.

Forte de S. Francisco de Xabregas.

Castello de S. Jorge, praça de armas em Lisboa, que domina a cidade toda.

Praça de Abrantes.

§ III

Praças e fortes maritimos, que estão fundados no rio Tejo para a banda do sul

Forte de Cacilhas.

Castello de Almada.

Castello de Palmella.

Forte de Arialva.

Forte da Fonte da pipa.

Fortaleza de S. Sebastião de Caparica, ou Torre velha, que cruza com a de Belem, Está assentada na escarpa de um monte com varias batarias.

Forte da Trafaria.

Fortaleza de S. Lourenço da Cabeça seca, ou Torre do Bogio, de figura circular. Está no meio da barra de Lisboa.

Forte da Foz.

Forte de Nossa Senhora do Cabo.

Forte de S. Theodosio na ponta do cavallo.

Fortaleza de Cezimbra.

Forte da Arrabida.

Forte de S. Domingos da Baralha.

Torre de Outão situada na fralda da Serra da Arrabida sobre o mar, e pouco para dentro da barra de Setubal. Accende-se aqui farol para guiar as embarcações.

Forte das Vieiras. Communica-se com a torre de Outão, e tem bataria com seis peças de bronze.

Forte de Nossa Senhora da Ajuda.

Forte de Albarquel.

Praça de Setubal guarnecida de um regimento de infantaria, e nova fortificação de onze baluartes, e dous meios baluartes.

Castello de S. Filippe desenhado pelo celebre arquitecto Filippe Terzo. Domina a Praça de Setubal com bataria bem artilhada tanto pela parte da terra, como do mar.

Fortaleza de Sines com dous baluartes petrechados de sufficiente artilharia.

Tem esta provincia por capital praça a corte, e cidade de Lisboa, onde ha a melhor fabrica de armas, que pode haver, e de todo o genero d'ellas um grande, e famoso arsenal, ou armazem, disposto com tão boa ordem, e arrimação, que excede aos melhores da Europa. Deu-lhe principio a actividade do tenente general da artilharia Fernando de Chegaray, continuou-o o zelo de Amaro de Macedo, e vai proseguindo na sua conservação, e augmento o bom gosto, e intelligencia do tenente general Manoel Gomes de Carvalho. Ha tambem uma fabrica de polvora no sitio de Alcantara da melhor perfeição, que se sabe, mandada erigir pela real providencia de sua magestade, e encarregada primeiramente á boa direcção de Antonio Cremer.

Quanto á fortificação d'esta cidade é de saber, que até o tempo del-rei D. Fernando existiam ainda as mesmas muralhas antigas, que edificaram os romanos, cujo breve recinto começava desde o alto do Castello, d'onde descia pelas portas da Alfofa até á do Ferro, e d'esta pela Misericordia voltava ao longo do mar; e do chafariz del-rei subia ao arco de S. Pedro, e d'elle até ás portas do Sol hia fechar no mesmo Castello. (1) Porem como a povoação tinha crescido demasiadamente fóra dos muros, intentou D. Fernando cercal-a de novo, e assim o poz por execução no ultimo de Setembro de 1373, incluindo na circumferencia de tres leguas a nova fortificação fabricada de formosas, e firmes muralhas com setenta e sete torres, e trinta e oito portas, vinte e duas para a parte da marinha, e dezaseis para a banda da terra. (2)

Neste estado se achava Lisboa até o reinado do senhor rei D. João IV. o qual vendo quanto se havia extendido a povoação, e quanto se necessitava de maior segurança, deu ordem para se fortificar a cidade de novos muros mais amplamente, e se principiou pelos baluartes; porque como a circumvallação que se tomou, era grande, e elles sejam as partes principaes da defensa, por isso se tratou logo de fabricar a maior parte d'elles, a qual está feita, por quanto as cortinas, ainda que se offerecesse occasião de ataque, se poderiam levantar facilmente de terra,

(1) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 26 (2) Idem liv. 22. cap. 27. Oliveir. nas Grandez. de Lisb. c. 1. Luiz Marinho na Fundaç. e antiguidad. de Lisb. c. 29. Luiz Nun. no tratado que fez de Lisboa, e vem na «Hispan. illustrata.»

e formar de fachina uns parapeitos, que supprissem a sua falta, e podessem unir, e communicar-se uns baluartes com outros.

O primeiro baluarte é o chamado do Sacramento, cabeça da fortificação, e por isso se ordenou com duas batarias, alta, e baixa. Determinou-se logo o baluarte collateral de Nossa Senhora do Livramento, o qual por corresponder ao sitio de Alcantara, fez entrar a fortificação para dentro; e no meio da cortina d'estes dous baluartes se fez a porta principal da cidade, onde vem desembocar a estrada de Santo Amaro.

Pelo mesmo modo se foram determinando os mais baluartes até chegar quasi a Nossa Senhora dos Prazeres, e d'ahi até o Arco do Carvalhão se fez somente uma trincheira formada da mesma materia com varios redentes, porque por esta parte não era necessaria outra fortificação, cujos redentes se fizeram com angulos reintrantes, e salientes, como permittia a disposição do terreno.

O dito baluarte de Nossa Senhora do Livramento se dispoz de tal sorte, que a igreja da mesma Senhora ficasse dentro d'elle, e assim se abriu um postigo na face do tal baluarte para serventia da igreja. A mesma devoção observou o senhor rei D. Pedro II, o qual não consentio que o flanco do dito baluarte se continuasse mais para dentro, não obstante a grande defensa, que receberia d'isto a praça; porque se se continuasse, faria damno á igreja de Nossa Senhora das Necessidades. Tambem attendendo a não arruinarem o palacio do conde de Sarzedas, dispozeram o baluarte superior de Campolide de fórma, que o domina, e serve de defensa ao damno, e expugnação, que das ditas casas se poderia fazer.

Os baluartes que olham para Campolide, todos se defendem uns aos outros, e flanqueam bem o terreno, no que se mostra a boa disposição, com que se intentou fortificar a cidade por aquella parte, pela qual só podia ser invadida; e assim como na cortina, que cahe na estrada, que vem do sobredito campo até o canto da quinta, que foi dos padres Jesuitas, se havia de pôr uma das portas principaes da cidade, por isso naquella parte se ordenaram os baluartes de modo, que os seus angulos flanqueados se retirassem da linha recta, ficando os dos extremos, a saber, da Fonte quente, e o do lado da quinta do conde de Sarzedas, avançados á campanha, e os do meio mettidos mais para dentro.

Quando o nosso engenheiro Manoel Mexia, sendo chamado a esta corte, intentou tirar para dentro aquella fortificação, que vai de Nossa Senhora dos Prazeres até o arco do Carvalhão, achando a difficuldade de cavar os fossos, e enterrar os reparos, logo mudou de parecer, e approvou o que estava executado: por isso no dito arco se nota a boa collocação, que tem no terreno natural, pois nelle está bem mettido, por cuja causa o baluarte ficava da parte do norte quasi a nivel com o seu immediato para a mesma parte.

Nota-se no baluarte, que está em cima do monte proximo ao mes-

mo arco, uma obra a cavalleiro, a qual se collocou alli a fim de poder ficar a nivel com o baluarte posto na quinta do conde de Sarzedas; e além d'isto se adverte, que no mesmo baluarte se fez uma serventia fechada de abobeda, a qual conduz para se chegar ao flanco, que se metteu muito no terreno por nivelar com o baluarte proximo, e não se pode fazer em parte mais superior por causa de poder flanquear um valle, que vem do rio de Alcantara, e servia de aproche natural.

Para flanquear o valle fronteiro ao mesmo arco se fazia um redente á maneira de triangulo equilatero, o que não chegou a executar-se. Tambem no baluarte, que está no sitio de Nossa Senhora dos Prazeres, se fez o seu angulo reintrante por não cahir o angulo flanqueado d'elle em uma parte, que lá se acha abatida. Na face do baluarte de Nossa Senhora das Necessidades, que olha para o rio de Alcantara, se applicou por baixo d'ella uma berma por causa de assentar este baluarte sobre uma pedreira alta. Finalmente continuada a dita fortificação se proceden com desenho da marinha até ir terminar no baluarte da Cruz da pedra, que tambem serve de cabeça á praça.

Esta fortificação ficou imperfeita, e como Mons. de Schomberg fez vêr a demaziada área, que occupava a sua delineação, e que toda a gente, e artilharia do reino era pouca para se distribuir por tão grande recinto, não se cuidou muito nella, e o tempo a vai arruinando. Se se puzesse em praxe a idéa de Luiz Mendes de Vasconcellos, que assina no curioso Tratado do Sitio de Lisboa pag. 233, ficaria esta cidade com uma fortificação vantajosa; e vem a ser, communicar-se o rio de Sacavem com o de Alcantara, que para um monarca portuguez não seria empreza difficil, e cercando toda a cidade com este fosso de agua corrente, conseguiriamos a melhor defensa, que se pode imaginar.

§ IV

Alemtejo

Nesta provincia, em tempo de paz, ordinariamente ha dous regimentos de cavallaria, que guarnecem as praças de Elvas, e Moura: ha mais dous dragões nas praças de Campo maior, e Olivença, com doze companhias cada um. Aloja tambem sete regimentos de infantaria, e um de artilharia com dous batalhões cada um de dez companhias, em que entra um de granadeiros, além dos auxiliares, e ordenanças, de que se contam oito terços. São da sua dependencia, e repartição as praças, e fortalezas seguintes:

Praça de Mertola junto ao Guadiana, que faz frente á Puebla de Guzman.

Praça de Serpa, a quem banha a ribeira de Chouchou, e cercam

bons muros com cinco portas, e forte castello. Pouco distante ha o salto do Lobo no Guadiana, que se lhe pode fazer ponte, e tres leguas para baixo tem o vão chamado do Lucas junto da Aldea da Corte do Garfo, onde pode passar infantaria. Faz-lhe frente Paymogo.

Praça de Moura. Tem um recinto muito grande, e um castello naturalmente defensavel: porem os castelhanos no anno de 1707 o demoliram, e a maior parte das suas fortificações. Faz-lhe frente Xerez.

Praça de Beja em planicie eminente, e fortificada em figura circular com quarenta torres, e grande castello.

Castello de Noudar sobre o rio Mortigão.

Praça de Mourão de homenagem, e cercada com reducto inexpugnavel com sua barbacã. Foi no anno de 1657 dominada dos castelhanos, que demoliram, e arrazaram as casas, mas restaurada brevemente, se conserva com sufficiente fortificação.

Praça de Olivença, uma das melhores do Alemtejo. Consta o seu recinto de nove baluartes, e oito revelins, e uma admiravel torre no castello, onde se pode ir a cavallo. É memoravel a sua grande ponte sobre o Guadiana, que os castelhanos tem arruinado algumas vezes.

Praça de Ferreira com castello em pouca distancia da villa para a parte do sul.

Praça de Evora fortificada modernamente com doze baluartes, e dous meios baluartes, com o forte de Santo Antonio de figura quadrada, que consta de quatro baluartes, e quatro revelins.

Praça de Villa Viçosa cercada de muros com cinco portas, e um forte castello com fosso de cincoenta pés de fundo. No anno de 1665 a atacou o marquez de Carracena com tão pouca ventura, que perdeu mais de quatro mil homens na celebre batalha de Montes-Claros.

Praça de Jurumenha junto ao Guadiana fundada em sitio eminente, e forte por natureza, com bom castello, que consta de dezasete torres. Faz-lhe frente Alconchel.

Praça de Estremoz cercada de dez baluartes, e um redente. O castello tem sua retirada com torre de homenagem, obra del-rei D. Diniz, e por ser muito alto, serve de atalaya das fertilissimas campinas d'esta villa. Seus antigos moradores prevenindo a falta de agua, que com algum cerco podiam padecer, fabricaram uma fortissima couraça de duplicados muros, por entre os quaes desce uma estrada encuberta continuada da muralha da villa até o arrabalde, d'onde levavam ao alto agua de um poço guardado com seu revelim, como affirma Luiz Marinho de Azevedo nos Comment. da guerra do Alemtejo liv. 1. pag. 39. Nesta praça ha presentemente um arsenal, ou armazem de toda a provincia, obra digna da grandeza, e magestade del-rei D. João V.

Praça de Elvas defronte de Badajoz, d'onde dista tres leguas, e de quem a divide o rio Caya. Está situada em lugar eminente, cercada de duplicados muros, fóra dos quaes a tiro de mosquete está o grande forte

de Santa Luzia, que consta de quatro baluartes, e dous revelins, obra perfeitissima na arquitectura militar, e feita pelo insigne Cosmandel. Tem castello fortissimo, e um magnifico aqueducto, memoravel pela fabrica incontrastavel de tres ordens de arcos, que dizem custaram mais de um milhão. Conserva tambem dentro uma grandissima cisterna, onde lhe entra agua da celebre fonte da Amoreira. O Conde Duque de Olivares no anno de 1658 poz sitio a esta praça com fortes linhas, e revelins: porem soccorrida pelo conde de Catanhede D. Antonio Luiz de Menezes, se venceu a celebre batalha chamada das Linhas de Elvas em 14 de Janeiro de 1659.

Castello de Barbacena.

Praça de Campo maior fortificada com quatro baluartes, e cinco meios baluartes, com os fortes de S. João, e de Schomberg, e um bom castello, que pode servir de cidadella. No anno de 1712 teve esta praça um rigoroso sitio, que lhe poz o marquez de Bay com trinta e tres batalhões, e setenta esquadrões: mas a boa intelligencia, e valor do conde da Ribeira, e do brigadeiro Thomás da Silva Telles, que a presidiavam, obrigou aos castelhanos a levantar o sitio depois de terem introduzido dentro mil e trezentas bombas, e dez mil e oitocentas e setenta balas no espaço de trinta dias, que durou o assedio. Ao presente se acha esta praça fortemente reedificada por ordem del-rei D. João V. depois que padeceu no anno de 1732 o fatal estrago, que lhe fez um raio cahido sobre a torre grande do castello, em que estava o paiol da polvora.

Castello de Ouguella situado em um monte distante de Campo maior uma legua.

Praça de Arronches, fronteira de Albuquerque, é cercada de muros, e barbacã, e tem um castello em lugar eminente. D João de Austria no anno de 1661 a rendeu, e a tiveram os castelhanos quasi dous annos, até que no de 1664 não a podendo conservar a desempararam. No anno de 1712 a pertenderam levar á escala, e lhe chegaram a arrumar escadas na noite de 17 de Junho, o que não executaram.

Praça de Alegrete com seu castello notavel, e boa cisterna.

Praça de Portalegre com fortificação antiga, e em sitio irregular. Tem doze torres em igual distancia capazes de artelharia. No anno de 1704 a rendeu Filippe V, mas brevemente a largou.

Praça de Marvão inexpugnavel por natureza, situada no cume de uma serra, que terá quasi uma legua de alto, servindo-lhe de muralha pela parte que olha a Portugal, as mesmas penhas, e pelo lado de Castella tem bastante muro, e barbacã com castello, e grande praça de armas edificado por el-rei D. Diniz, nem tem padrasto, que possa ser offendido com artelharia. Dentro tem uma cisterna da maior grandeza, que ha no reino, da qual se bebe: de sorte que com pouca gente podem seus moradores defender Marvão de todo o poder de Castella. Pelas tres partes, norte, sul, e poente, está fundada sobre uma viva rocha, que se

vai a pique até o fundo dos valles, tão aspera, que é impossivel haver serventia, nem a tem, e somente se serve o povo pela parte do nascente, por onde o monte é sem penhas, mas vai-se fazendo o caminho em loros para facilitar a subida, e nesta parte está uma fonte de muita agua, de que o povo bebe. Fica esta força, ou praça distante uma legua da raia de Castella, e duas da villa de Valença de Alcantara, primeiro lugar d'ella.

Praça de Castello de Vide fronteira a Valença de Alcantara. Tem um forte castello chamado de S. Roque bem guarnecido.

Ha nesta provincia além d'estas outras forças de menos consideração, como é o Crato, Terena, Monsarás, Monforte, Veiros, Montalvão, e outros castellos, de que não fazemos memoria especial.

§ V

Beira

Guarnecem esta provincia dous regimentos de infantaria, um de cavallaria, e outro de dragões: mais uma companhia de infantaria da guarnição de Buarcos, e da Figueira: duas de artilheiros, com oito terços de auxiliares, e as ordenanças. Da sua repartição são as seguintes praças:

Praça de Rosmaninhal dista seis leguas de Castello Branco Hoje não tem fortificação consideravel mais que a que lhe fazem os rios Tejo, e Elja, que a cercam. D. Alvaro de Abranches fez nas ruinas das suas antigas muralhas um reducto capaz de recolher a gente da villa.

Praça, e Castello de Segura, obra del-rei D. Diniz, edificado em sitio alto junto da raia castelhana. Tem ponte sobre o Elja, cuja ametade é d'este reino, e a outra de Castella.

Praça, e castello de Salvaterra do Estremo, fronteiro da villa de Sarça de Castella, de quem dista uma legua.

Praça, e castello de Penagarcia situado sobre um penhasco.

Castello de Idanha a Velha fica nas costas de Penagarcia, e quasi no meio do rio Ponsul.

Praça, e Castello de Monsanto, que tem por opposto o de Trebejo. Pode defender-se com quatro homens de todo um exercito, porque está fundado no cimo de uma aspera montanha, onde se não pode subir mais que por um só caminho, o qual faz muitas voltas, e rodeios por entre grandes penedias.

Castello de Belmonte. Os senhores d'este castello, que são os Cabraes, logram o privilegio de não darem homenagem, quando tomam posse d'elle.

Praça de Penamacor. Faz-lhe frente Moraleja. É cercada de muros, e vistoso castello, obra de D. Galdim Paes, fundado em uma aspera emi-

nancia, que domina todo o terreno das suas campinas. É esta a principal praça da Beira baixa.

Praça de Castello Branco cercada de fortes murallhas com quatro portas, e sete torres, entre as quaes ha uma de sete quinas, a que chamam da homenagem. O seu alto castello é inexpugnavel, e de fabrica antiga. No anno de 1704 foi invadida pelas tropas del-rei Filippe V, que a senhorearam, mas por pouco tempo lograram o seu dominio.

Castello do Sabugal com sua torre muito alta, e cinco quinas, obra del-rei D. Diniz.

Praça de Sortelha, forte por natureza, por ser o seu sitio em alto penhasco, e tambem por arte, pois está cercada de bons muros, e inexpugnavel castello.

Praça de Alfayates em sitio elevado com muros, e trincheiras sufficientemente defensaveis. Tem seu castello dentro do recinto, e fóra uma atalaya. Antigamente foi da coroa de Castella, e se chamava Castillo de Luna, o qual se desfez, e el-rei D. Manoel o mudou para o sitio, em que hoje está. Sendo general da Beira Fernão Telles, foi esta praça cercada em gyro com muros, e baluartes, em cujas cavas se acharam moedas antigas de prata, e cobre: hoje é uma das principaes praças da provincia.

Castello de Villar-Maior junto do rio Coa da parte do poente.

Castello Mendo junto do mesmo rio.

Castello Bom.

Praça de Almeida cabeça da provincia quanto ao militar, onde assiste o governador, e está a vedoria. Dista do rio Coa meia legua. Tem fortificação regular com tudo o preciso para a boa defensa, com gente, munição, armamento, bons fossos, e bons quarteis. No meio da praça, onde faz o terreno maior elevação, se vê o seu famoso castello, d'onde se desquartinam terras de onze bispados, e onde está o armazem da polvora feito a prova de bomba, e poço de agua nativa muito boa. Faz-lhe frente Ciudad Rodrigo.

Fortaleza de Almendra junto ao rio Agueda.

Praça de Castello Rodrigo em sitio alto, e forte, cercada de muros com duas portas, e um castello com suas torres. Fica-lhe fronteiro o castello de S. Felis.

Praça da Guarda cercada de muros de cantaria com seis portas, e varias torres, e um castello no mais alto da cidade.

Praça de Pinhel fica na ladeira de um monte, e tem bom recinto de muros de cantaria com seis portas, forte castello com duas torres muito altas, obra del-rei D. Diniz.

Tem mais esta provincia outras muitas forças, e castellos, como são o da Marialva, Moreira, Penedono, Freixo de Nemão, Cernancelhe, Trancoso, Celorico, Linhares, Cabriz, Germões, a maior parte d'elles mettidos pelo certão; e as fortalezas de Aveiro, Figueira, e Buarcos, onde

fazem foz os rios Vouga, e Mondego, todas sufficientemente defensaveis.

§ VI

Minho

Forma-se a guarnição d'esta provincia de dous regimentos de infantaria, e do presidio, que tem o castello da barra de Vianna, com oito terços de auxiliares, e as ordenanças. A cidade do Porto sustenta, e paga um regimento de infantaria, e os muitos fortes, que comprehende a sua marinha. Comprehendem-se na sua dependencia os seguintes fortes, e praças.

Praça de Melgaço na raia de Portugal, que a divide de Galiza o rio Varzeas. Tem por fronteiros os lugares de Crecente, Fornelos, e outros. O seu castello é defendido com uma barbacã, e tres meios baluartes em giro. Toda a mais fortificação é muito irregular, porque o terreno cheio de penhascos assim o permitte. É esta a ultima terra do reino por aquella parte.

Praça de Valladares.

Praça de Monção junto das ribeiras do Minho, e fronteira á villa de Salvaterra do reino de Galiza. El-rei D. Diniz a cercou do muro alto, e el-rei D. João II, do mais baixo com baluartes muito fortes, e quatro portas, na principal das quaes lhe poz a divisa do pelicano. Tem um inexpugnavel castello, e exquisitamente collocado sobre penhascos. Nas chronicas antigas foi chamado o castello do Minho.

Castello de Lapella fronteiro a Arentei.

Castro laboreiro fronteiro ao castello da Lobeira, e concelho de Instrimo.

Praça de Valença muito bem fortificada ao moderno, e com algumas obras pelo methodo de Monsieur de Vauban, insigne engenheiro. Fica fronteira á cidade Galiziana de Tuy na distancia de meio tiro de canhão. Está bem presidiada de gente, artelharia, munições, e agua dentro das muralhas, que se tira do poço de S. Vicente.

Praça de Villa-Nova de Cerveira opposta ao forte de Gayão presidio castelhano. Está fortemente defensavel com bons baluartes, muralhas, e castello. Para a parte, que olha para Valença, está o forte de S. Francisco, cujos baluartes, e plataformas são do feitio de um pentagono, e defronte d'este forte está uma Atalaya, que domina todo o terreno da praça, a qual tem de presidio tres companhias de infantaria paga.

Praça de Caminha situada entre os dous rios Minhos, e Coura. Descobrem-se-lhe tres fortificações, e a mais moderna cerca a maior parte da villa com muralhas de alvenaria, fosso, e contra-escarpa muito bem

defensavel. Fica-lhe opposta a villa da Guarda, e os logares de Tamugem, Rosal, e outros de Galiza.

Fortaleza de Santo Antonio defronte da barra de Caminha, de figura quadrada, com dous baluartes inteiros, e dous meios baluartes. É esta fortaleza cercada do rio Minho, e a faz quasi insula, ou insoa, conforme vulgarmente lhe chamam.

Forte de Ancora junto ao mar da villa de Caminha, e na barra, que alli fórma o rio Ancora. El-rei D. Pedro II commovido das queixas dos moradores d'aquelles contornos de ser aquella enseada couto dos Mouros, mandou fazer este forte, a que presentemente chamam da Lagarteira.

Forte de Porto de Cão junto do mar.

Forte de Montedos.

Castello de Santiago sobre a barra de Viana composto de cinco baluartes, dous revelins, e fosso aquatico aberto em rocha viva. Antonio do Couto de Castello-Branco no tom. 1. das Memorias Militares pag. 290, lembra-se de um castello chamado de Santa Barbara n'esta mesma barra, que entendo é equivocação.

Praça de Viana cercada de fortes muros com cinco portas, e sufficiente presidio de gente paga.

Castello de Neiva.

Forte de S. João de Espozende.

Forte de Nossa Senhora da Assumpção na barra da villa do Conde com cinco baluartes artilhados, obra do celebre engenheiro Filippe Terzo Italiano.

Forte de Matozinhos.

Forte dos Leixões.

Castello de S. João da Foz na barra da cidade do Porto com quatro baluartes, e fosso aberto na rocha.

Praça do Porto cercada de muros de cantaria de vinte e quatro pés de alto com vinte e seis torres quadradas. Tem esta praça presidio separado das mais provincias, que consiste em um regimento de infantaria, e disposição para quatro terços auxiliares.

§ VII

Traz os Montes

As tropas d'esta provincia são compostas de dous regimentos de infantaria, um de cavallaria, e outro de dragões, com cincoenta e tres artilheiros, e seis terços de auxiliares, além das ordenanças. Comprehende as praças, e forças seguintes guarnecidas militarmente.

Praça de Chaves fronteira na distancia de tres leguas da praça de

Monte-Rei Galiziana. É cercada de muros reedificados á moderna, com tres baluartes, e dous meios baluartes, e alguns fortes. N'este anno de 1762, se apoderou d'ella o Marquez de Sarria Castelhano sem resistencia alguma.

Forte de S. Noutel com quatro baluartes.

Forte de S. Francisco em fórma de cidadella com quatro baluartes.

Praça de Montalegre.

Praça de Monforte do rio livre.

Forte de Villarelhos.

Praça de Vinhaes.

Praça de Bragança fronteira quatro leguas da Puebla de Sanabria.

Forte de S. João de Deus, de pouca defensa.

Forte de Santo Antonio.

Castello de Vimioso fronteiro a Alcaniças.

Castello de Outeiro fronteiro a Çamora.

Praça de Miranda fronteira a Carvalhaes. A fortificação mais segura, que tem esta cidade, é o forte, que fica entre o Norte, e Nascente contiguo á mesma praça. No anno de 1710, esteve ella prizioneira pelo Marquez de Bay quasi nove mezes, até que o conde de Atalaya D. João Manuel não só a restaurou, mas lhe tomou toda a guarnição, que os castelhanos lhe tinham introduzido. N'este anno de 1762, succedendo na praça o desastre de pegar fogo em uns barris de polvora, que fez arruinar as muralhas, se lhe introduzio injusta, e iniquamente o Marquez de Sarria com um destacamento, sem haver mais resistencia da nossa parte.

Praça de Freixo de Espadacinta.

§ VIII

Algarve

Compoe-se este presidio de dous regimentos de infantaria, e um de cavallaria. Ha mais dous terços de auxiliares com as ordenanças, que tudo governa o governador desta provincia, e reino, que na sua ausencia substitue o bispo. Consta das praças, e fortes seguintes.

Forte da Carrapateira.

Fortaleza de Sagres.

Cabo de S. Vicente. Sobre uma ponta muito escarpada está um mosteiro fortificado, e tem artilharia.

Forte de Nossa Senhora da Guia.

Forte de Santo Ignacio do Azevial.

Forte da Vera Cruz da Figueira.

Forte de S. Luiz de Almadem.

Forte de Nossa Senhora da Luz situado sobre uma lagem pouco mais alta que o mar, e distante de Lagos uma legua para o Poente.

Fortaleza de Lagos, a que chamam da Bandeira.

Fortaleza, ou castello de Pinhão.

Praça de Lagos cercada de nove baluartes para a parte da terra, e de cinco reductos para a banda do rio.

Forte de Alvor com seu castello junto do mar.

Forte de S. João, e Santa Catharina. Estas duas fortalezas estão na barra de Villa-Nova de Portimão, uma de cada banda com suas baterias para a parte do mar, e baluartes para a terra.

Forte de Pera.

Forte de Nossa Senhora da Incarnação no Cabo de Carvoeiro.

Forte de Nossa Senhora da Rocha sobre um alto, que sáe ao mar.

Praça d'Albufeira presidiada com uma companhia de soldados pagos, e murada, com seu castello, e armazem de polvora, e mais petrechos de guerra.

Fortaleza de Valongo, legua e meia de Albufeira, com duas torres chamadas da Zimbeira, e Val de Porcarisso guarnecida de gente, e artilheria.

Forte de Santo Antonio da Quarteira.

Praça de Faro.

Fortaleza de S. Lourenço.

Forte de Tavira.

Praça de Alcoutim fronteira a San Lucar.

Praça de Castro-Marim fronteira a Ayamonte. Contem mais outros fortes tambem artilhados, mas de menor consideração.

§ IX

Das forças navaes

Nas armadas foi Portugal sempre temido, e estimado, e por ellas floreceu nos descubrimentos de innumeraveis terras Orientaes, e da America em grande augmento, e respeito do seu dominio. O conceito, que os soberanos reis portuguezes sempre fizeram de que as armadas eram a segurança da Monarquia, extensão do imperio, e terror dos inimigos, os animou a conservar opulentos esquadrões navaes, como largamente escrevem nossos historiadores. (1)

N'esta vigilancia parece que excedeu a todos seus antepassados el-rei D. João III principe de paz guerreira, pela boa ordem, com que manteve em todo o seu reinado uma armada viva de vinte navios for-

(1) Far. tom. 3 da Asia, onde exhibe um Catalogo de todas as armadas, que sahiram da barra de Lisboa para as Conquistas em varios tempos. O outro mais accrescentado expende Fr. Manoel Homem no livro intitulado «Memoria da disposição das Armas Castellhanas» c. 28. porem o mais exacto, e completo e o que conserva Francisco Luiz Ameno, ordenado por elle mesmo, pelos livros do Registo das Armadas da Casa da India. Sobre este ponto pódem os curiosos vêr a Secretaria de Fazenda Noticia de Port. disc. 2 § 15.

tes, que andavam todo o anno á vista da terra em guarda costa. Repartiam-se tres para Cascaes, quatro para Atouguia, quatro para Caminha, quatro para Lagos, dous em Villa-nova, e tres em Cezimbra.

Além d'esta armada havia outra de quatro galeões muito grandes, e bem fornecidos, que andavam girando mais avançados ao mar. Quando era monção de viram as Frotas, passavam á altura das Ilhas dez navios com tres grandes náos de guerra, e vinham conduzindo as Frotas da India, Brasil, Minas, S. Thomé, e Cabo-Verde, que ordinariamente com esta segurança chegavam ao porto de Lisboa com felicidade, e sem sustos. (1)

Porém nos tempos presentes ainda que não imitamos o grande poder, que os soberanos reis d'esta monarquia conservavam sobre os mares, conserva todavia Portugal ainda os mesmos admiraveis portos, ribeiras, e arsenaes capacissimos para a factura, e apresto de toda a copia de náos, em Lisboa, em Setubal, na villa de S. Martinho, em Aveiro, no Porto, e em Vianna, sem fallar nos admiraveis estaleiros da America, e mais conquistas, nem nas suas excellentes madeiras, fortissimas, e incorruptiveis.

Permanece a grande providencia, e provisão de todo a armamento, munições, e petrechos militares, com que se acha prevenido. Sobre tudo permanece ainda o grande valor, e brio no coração dos portuguezes, que vale mais que tudo: donde não devemos temer na occasião presente o grande numero de soldados, com que Castella soberba injustamente pretende arruinar-nos; porque o forte braço de Deus, que é o que dá as victorias, enfraquecerá as suas forças. Como o nosso justificado, e recto fim se encaminha á conservação, e defensa da propria liberdade, faz-se digno, e capaz de o favorecer Deus, e com o auxilio divino não ha que recear exercitos inimigos, como diz David no *Psalmo* 36.

CAPITULO IV

Do valor militar, e memoria de alguns portuguezes, mais insignes em armas

Em todos os tempos foram os portuguezes reputados por gente valerosissima, e ornados de singular disposição para o exercicio das armas: assim o mostra com toda a evidencia Antonio de Sousa de Macedo no cap. 14 do seu curioso livro das *Excellencias de Hespanha*; pois sendo certo havermos guerreado tantos centenarios de annos com differentes nações, ainda que algumas nos sujeitaram, foi tão grande a nossa residencia, e esforço, que á custa de innumeraveis batalhas nunca perdemos a opinião do marcial espirito.

(1) Fr. Man. Homem allegado.

Os romanos, cuja nação julgam todos haver sido a mais bellicosa, e formidavel, e a quem foi ardua empreza submetter debaixo do seu jugo o pescoço lusitano, (e ainda assim nunca bem domado), acreditaram tanto nosso valor, que nas provincias mais remotas, e menos seguras do seu imperio escolhiam para presidio sempre soldados portuguezes. (1)

A fama d'esta intrepidez, e animosidade nativa dos Lusitanos é tão indubitavel, que não só se prova com a uthoridade expressa, e incorporada em um texto de direito *in Leg.Nam Servius* 21. *ff. de Negot. gestis*, onde se adverte o glorioso costume que tinhamos de vencedores. (2) Não com menos credito conservamos o nome na invasão dos barbaros, e tyrannia dos africanos.

Com o mesmo venturoso exercicio derivado a quasi todos os monarcas, e principes portuguezes passamos a castigar a Berberia, a conquistar, a descubrir, e a ganhar novas terras na Asia, e um novo mundo na America. Quem quizer formar conceito das valerosas acções dos portuguezes, (diz um douto escritor) (3) lea o livro dos *Parallelos dos varões illustres de Portugal*, em que consideradas as longas terras, que os nossos conquistaram; os immensos mares, e promontorios, que romperam, os ceos, e estrellas novas, que descubriram; as sedes, fomes, frios, calmas, e doenças que soffreram; gentes feras, barbaras, e bellicosas, que domaram: famosos cercos que defenderam: praças que expugnaram; batalhas que deram; victorias que conseguiram sem parar, sem tornar atraz, e indo sempre avante, justamente os compara o auctor (4) com os maiores heroes da antiguidade.

Obrigou a experiencia constante d'este caracter a dizer Luiz Vertemano, natural, e Senador de Veneza, que depois de haver girado por todo o mundo, e militado em varias partes, não encontrára em todo elle gente mais valerosa, e esforçada que a portugueza. (5) Do mesmo parecer é Magino, (6) e igual justiça se não atreveo a tirar-nos o celebre Jeronymo Franchi Conestagio, Genovez, pouco affecto á nossa gente, pois no livro, que estampou em lingua italiana com o titulo: *União de Portugal a Castella*, chegou a dizer o seguinte:

«Verdadeiramente é digna de grande louvor esta nação, pois não «tenho mais que um pequeno, esteril reino, com a boa instituição, com «a parcimonia, e com a virtude de alguns de seus reis, não sómente se «igualou a todos os reinos de Hespanha, porém gloriosamente sustentou a «guerra muitos annos contra Castella, reino mais rico, e poderoso que «Portugal.

(1) Monarq. Lusit. liv. 5. c. 21. (2) «Ubi jam tunc temporis assueli erant Lusitani victorias repertare. Vide Peg. Forens, tom. 1. pag. 437. (3) Bluteau no vocab. Portug. verb. «Valor. (4) E' este Author Francisco Soares Toscano, que fez imprimir o tal livro em Evora no an. de 1623 (5) Ego universum terrarum Orbem peragravi, multis saepe bellis interfui, sed hac gente Lusitanorum fortiorem vidi neminem» Apud João Salg. de Araujo nos Success. milit. liv. 2. p. 85 vers. (6) Magin. in nov. Geograph. § «Portugal.»

«O mesmo esforço mostrou tambem longe de sua casa, assim «em Africa como na India, não só por haver alcançado o fim de sua es- «tupenda, e admiravel navegação, que ao principio foi reputada por te- «meraria, e louca pelos mais sabios, e entendidos, como tambem por «haver dado nas ditas partes grande prova de seu valor nas armas, e «tal, que muitas das acções, que fizeram com ellas, attribuiram os his- «toriadores a milagre pela desigualdade, com que as faziam: e nas ba- «talhas navaes, e defensa das fortalezas se mostraram ainda mais vale- «rosos, que em todas as outras cousas, etc. (1)

Confirmam todo este conceito Estevão de Garibay no Compendio da Historia de Hespanha, Sandoval na Historia do Imperador Carlos V. fr. Antonio de S. Romão na Historia geral da India, (2) e outros muitos mais, que não seria difficil allegar, o que evitamos por ser este um ponto, que não necessita de muita satisfação, e seria dilatar-nos demasiadamente contra o methodo que temos seguido; mas em recompensa de mais authoridades passemos ás acções dos mesmos portuguezes executadas em varios successos de armas honrosos, e memoraveis.

D. Affonso de Albuquerque, segundo vice-rei da India, e heroe da primeira classe, e tão grande, que todos os titulos, e epithetos honorificos juntos são poucos para explicar o eminente grão da sua heroicidade. Escureceram as suas acções as mais celebres dos antigos. Foi heróe capaz de metter de posse do mundo todo ao monarca portuguez. A elle se deve o estabelecimento do imperio Asiatico Lusitano, onde sempre com valor incansavel, e forças desiguaes fez tremer o Persa, atropellar o Çamori, render o Malabar, enfrear o Turco, affugentar o Idalcão. Igual no vencimento á sua espada foi a sua fama, pois entrando em Goa de volta da tomada de Malaca, achou n'ella aos embaixadores dos reis de Maldiva, de Vengapor, e de Calecut, que em obsequio, e reconhecimento da sua potencia se lhe mandaram sujeitar, e entregar espontaneamente. A este exemplo se lhe offereceram tributarios outros reis amedrontados com tão formidaveis successos. No mar da Arabia abrasou trinta náos mercantis inimigas, que estavam no porto de Adem. Sustentou, e metteu de posse de varios reinos a muitos reis amigos, e edificou muitas fortalezas com grande dispendio. Determinou mudar a corrente ao Nilo para esterilizar as terras do Turco, e assollar o sepulchro de Mafamede para extinguir os seus sequazes. N'estas duas bem premeditadas emprezas faltou-lhe a vida, não o animo. Obrou o Ceo prodigios em seu favor, já mostrando-lhe nas nuvens sobre o estreito do mar Roxo para confiança da victoria o signal da Cruz como a outro Constantino, e Affonso I rei de Portugal, já na expugnação de Ormuz, fazendo reciprocar-se, ou voltar-se no ar as mesmas setas dos persia-

(1) Conestagio lib. 1. p. 12. liv. 22. § 4. Roman. liv. 1 c. 16. (2) Garib. tom. 4. liv. 35. cap. 16. Sandov. part. 2.

nos contra elles proprios. No fim de tantas fadigas, e acções gloriosas teve poder a calumnia para o tirar do throno, e governo da India, onde havia entrado desde o anno de 1509, e entregue a seus proprios accusadores, para este ultimo golpe, em poucas horas de sentimento á vista de Goa, recebidos os Sacramentos da Igreja aos 16 de Dezembro de 1515 lhe cortou a injusta parca os fios d'aquella honrada vida, tão merecedora de ser immortal, como a sua fama. Jazem seus ossos no convento de Nossa Senhora da Graça de religiosos Agostinhos em Lisboa desde 19 de Maio de 1566, porque antecedentemente havia estado seu respeitoso cadaver em deposito na ermida da Conceição, que elle mandara edificar em Goa, donde não queria el-rei D. Manoel que viesse, dizendo estava ainda com elle depois de morto segura a India. (1)

Affonso Furtado de Mendonça, general de cavallaria, foi dotado de espirito intrepido, e sciencia militar. Do seu valor dependeram varias acções gloriosas das armas portuguezas. Na celebre batalha do Ameixial obrou proezas dignas de eterna memoria. Foi açoute dos castelhanos, e tambem o seu destroço, especialmente na ruina do novo forte da Aldeia do Bispo. (2)

D. Affonso de Noronha, sobrinho do grande Affonso de Albuquerque, e de quem pelo vinculo do sangue herdara a igualdade do valor. Havia-lhe el-rei D. Manoel feito a mercê antecipada de capitão, e governador da fortaleza de Zocotorá, ilha estendida na bocca do estreito do mar Roxo, e dominada por el-rei de Caxem na Arabia fronteira da ilha. Esta honrosa promessa, e glorioso annuncio obrigou a D. Affonso a fazer mais activa a diligencia da posse. Chegou alli no anno de 1508, e sendo o primeiro que saltou em terra, como achasse resistencia, e pouca attenção no Xeque, por entre balas, e pedras rompeo de sorte furioso, e valente, que com sua mesma lança derribou ao governador, e entrou no castello, achando-se n'esta perigosa empreza acompanhado de seis homens unicamente. Os mouros, que eram oitenta, defenderam-se com tanta constancia, que não quizeram admittir outro partido, senão o da morte. Deu-lhe posse da fortaleza Tristão da Cunha, onde esteve D. Affonso governando até o anno de 1510, em que achando-se na India, e tomando uma rica náo de mouros, veio a perecer no seio de Cambaya á furia de uma tormenta. (3)

D. Alvaro de Abranches foi um dos fidalgos portuguezes dotado de grande espirito, a quem se deveu tambem o bom exito da feliz acclamação d'el-rei D. João IV. Elle foi o primeiro, que n'aquelle glorioso, e memoravel dia pegando, e arvorando bandeira da cidade, animou a todos a que o seguissem, e acclamassem o novo rei libertador da patria. Elle

(1) Aubert. Miracus in Chron. ad an. 1515. Maff. liv. 2. 4. e 5. Barbud. Emprez. milit liv. 5 e 6. Far tom. 1. Asia Portug. e nos Comment. das Lusiad. cant. 1. p. 118. Ann. Hist. tom. 2 p. 498. e tom. 3. p. 478. e 590. (2) Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 2. e 3. (3) Faria na Asia tom. 1. pag. 99. e 131.

o primeiro, que tomou posse do castello de Lisboa, obrando a generosa acção de soltar a Mathias de Albuquerque, a Rodrigo Botelho, conselheiro da fazenda, que alli estavam prezos. Elle o que governou as armas na provincia da Beira, onde obrou acções dignas do seu valor, como foram abrazar, e saquear varias villas de Castella, e outras operações, que ficaram exemplo á posteridade na esclarecida memoria do seu nome. (1)

Alvaro Gonçalves Coutinho, chamado o Magriço, filho de Gonçalo Vaz Coutinho, primeiro marichal do reino, e irmão do primeiro conde de Marialva, foi um d'aquelles doze celebrados Portuguezes, que passaram a Londres para defenderem em publico desafio as damas de palacio affrontadas de umas palavras injuriosas, que certos cavalheiros Inglezes disseram contra ellas, as quaes por conselho do duque de Alencastro João de Gante, os convidaram, e elles admittiram com grande gosto o combate, o qual succedeu no anno de 1390, vencendo aos doze Inglezes com grande credito da nação Portugueza. O famoso Magriço depois de acabar a primeira façanha, se foi a Flandes, e la em outro desafio, segundo o costume d'aquelle tempo, por servir a condessa d'aquelle estado, matando um valeroso Francez chamado Mons. de Lansay, lhe tirou um collar de ouro, que o Francez trazia ao pescoço, e o lançou ao seu por trofeo da vitoria. (2) Os outros companheiros de Magriço foram os seguintes.

I Alvaro de Almada, chamado o Justador.

II Alvaro Mendes Cerveira.

III Alvaro Vaz de Almada, o qual em Normandia com acções valerosas conseguio o titulo de conde de Abranches, e a insignia da Ordem da Jarretea em Inglaterra. Vindo depois para Portugal, o mataram na batalha de Alfarrobeira, seguindo o partido do infante D. Pedro. Lembra-se d'elle Duarte Nunes na Descripção de Portugal, cap. 87.

IV João Pereira Agostinho, filho de Gil Vaz da Cunha, senhor de Basto, e sobrinho do condestavel o veneravel D. Nuno Alvares Pereira.

V Lopo Fernandes Pacheco, irmão do progenitor dos duques de Escalona.

VI Luiz Gonçalves Malafaya.

VII Martim Lopes de Azevedo.

VIII Pedro Homem da Costa.

IX Ruy Gomes da Silva.

X Ruy Mendes Cerveira.

XI Soeiro da Costa, o que na Africa deu nome ao rio, que hoje conserva.

(1) Menez. Port. Restaur. tom. 1. p. 104. 254. e 418. Salgad. Success. milit. liv. 3. c. 30. et seg. (2) Alguns Escritores tem esta acção por fabulosa, porém Manoel de Faria commentando a est. 43 e 50. do cant. 6. de Camões, a julga verdadeira, e allega a Manoel Soeiro nos Annaes de Flandes, que a refere.

André de Albuquerque Ribafria, natural da villa do Cintra, donde foi Alcaide mór, e commendador na Ordem de Christo, Heróe de illustre, e immortal fama. Foi fidalgo de grandes prendas, e na disciplina militar fez um muito distincto progresso, porque primeiro aprendeo a obedecer promptamante na simples praça de soldado voluntario em a guerra Brasilica, e depois a mandar com sabia prudencia nos honrosos cargos até o de mestre de campo, em cujo exercicio sempre foi amado, e respeitado. N'elle o valor nunca chegou a temeridade, nem a prudencia a timida circunspecção. Acommettendo a villa de Alconchel, cujos valerosos resistentes obrigados das nossas armas se haviam refugiado em uma igreja, na qual o incendio se atrevia já aos altares, André de Albuquerque meditando o sacrilegio do fogo, fez tregoas por tres horas, e com zelo impaciente, lançando-se por entre as chammas, libertou do meio d'ellas o sagrado deposito do Sacramento; e continuando outra vez o ataque, fez render o castello, e a villa. Com o mesmo animo arruinou o castello da Codiceira, e abrazou, e saqueou os arrebaldes de Albuquerque. Á vista de Arronches em uma sanguinolenta batalha derrotou as tropas de Badajoz, cativando setecentos cavallos, e ficando d'este choque mortalmente ferido, e atropellado dos nossos mesmos esquadrões, tanto que se restituio com os remedios ao primeiro acordo, perguntou se tinha vencido. Tal era a ambição da gloria militar, e o zelo da patria, que residia em seu generoso peito. Sendo general da cavallaria ganhou com tanta felicidade a villa de Salvaterra, que só lhe custou as vidas de tres soldados. Na interpreza de Oliva, em que os castelhanos se entregaram no fim de tres dias, desamparando casas, filhas, e mulheres, obrou André de Albuquerque uma piedosa magnanimidade, perservando com cautela particular a fragilidade do sexo da liberdade dos soldados. Finalmente na campanha, e batalha das Linhas de Elvas intentando render um forte, e arremeçando-se a tocar com a bengala a estacada do inimigo, ao levantar do braço recebeo uma balla, que atravessando-lhe o peito, lhe tirou a vida aos 14 de Janeiro de 1659, tendo trinta e nove annos de idade. Ficou seu corpo depois de morto ainda immovel sobre o cavallo, mostrando constante a fortaleza de seu coração, que até desanimado resistia aos perigos. (1)

André Furtado de Mendoça foi um tal Heróe Portuguez, que, como diz Mons. de la Clede, desde os primeiros alentos da vida cuidou sempre em ser homem grande, e de viver memoravel nos fastos dos que souberam distinguir-se pelo brio, valor, prudencia, generosidade, e nobre desinteresse, que tanto lustre dá á verdadeira virtude. Militou na India, e a governou algum tempo, e infinitas vezes soube grangear n'aquelle estado não só o renome de grande capitão por antonomasia, mas o terror em todos os Indios. No vice-reinado de Mathias de Albuquer-

(1) La Clede, Histoir. de Port. tom. 8. ad ann. 1640. Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. e 2. e outros apud Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. e Fast. da Lusit. tom. 1. p. 175.

que destruio a cidade, e matou o rei de Jafanapatão; alimpou os mares de Malabar de corsarios inimigos; ganhou muitas fortalezas aos turcos, fez tributarios a muitos reis, defendeo prodigiosamente com pouca gente, e enfermu a cidade de Malaca do poder de sete reis mouros, que a cercaram junto com as tropas dos Hollandezes: finalmente não houve parte na India, onde não introduzisse o respeito, e antigo terror das armas Portuguezas. Vindo para Portugal morreo no mar aos 15 de Abril de 1609, e seus ossos foram depositados com a pompa conveniente a seu illustre nascimento no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa. (1)

André Vidal de Negreiros, valente, e destrissimo mestre de Campo na Bahia, e governador de Pernambuco, soube unir o brio com a prudencia, e usar das occasiões com a prevenção dos futuros. Destruio os Hollandezes em Pernambuco, e Paraiba, libertando aquelles opprimidos povos das hostilidades, que os hereges commettiam. Na celebre batalha dos Goararapes foi elle o primeiro, que começou a pelejar com tal impulso, que desbaratou os esquadrões inimigos, e se lhe deveo grande parte d'aquella victoria. (2)

Anna Fernandes fez celebre, e eternamente lembrado o seu nome, quando no cerco de Dio obrou acções filhas do maior valor. Vendo que aos soldados cançados com as fadigas incessantes na violenta porfia do ataque se lhe ião diminuindo as forças, não só os animava, mas fazendo-se capitão de outras mulheres, acudia ás obrigações dos soldados com ardor, e diligencia de Heroina, executando outras acções memoraveis, que referem as nossas historias. (3)

D. Antão de Noronha, meio irmão do marquez de Villa-Real, governando a India com o titulo de vigesimo segundo vice-rei, foi um dos Heróes, que estabeleceo para sempre a sua fama nas gloriosas acções, que obrou. Extinguio as barbaras hostilidades do Idalcão, vencendo-o com forças muito desiguaes em uma obstinada batalha; e ganhando em outra occasião a cidade de Mangalor, edificou a fortaleza de S. Sebastião, que tanto servio para os nossos sacudirem as invasões dos Canarás. (4)

Antonio Correa Baharem, valeroso cavalheiro, fez muitas proezas no Oriente. Assentou pazes com el-rei de Pegú. Expellio a el-rei de Bintão de uma fortaleza quasi inexpugnavel, assaltando-a com resolução intrepida, e militar confiança. Rendeo no mar da Persia a Ilha, e o rei de Baharem, possuidores do genero de perolas mais finas, que se acham no mundo. Em testemunho de acção tão gloriosa lhe fez el-rei D. João

(1) La Clede tom. 6. Histoir. de Portug. Far. na Asia. Menez. na Malac. Conquistad. l. 10. est. 123. (2) Menez. Portug. Restaur. tom. 1. De la Cled. tom. 7. ad ann. 1654. Rocha Pita Histor. da America liv. 6. (3) Jacinto Freire na Vida de D. João de Castro. Far. na Asia tom. 1. part. 4. c. 10. n. 12. Toscan. nos Paralel. de var. illustr. Sa de Menezes na Malaca conquistada liv. 7. est. 66. (4) Faria no tom. 2. da Asia Portug. part. 3. c. 3. Mariz, Dialog. 5. c. 4. p. mihi. 301. Ano. Historic. a 19 de Agosto

III, mercê do appellido da Ilha, que havia ganhado, e por brazão de suas armas o timbre da cabeça do rei mouro, que matara. (1)

D. Antonio Filippe Camarão, sendo Indio, mas de nobre nascimento, mereceu um lugar muito distincto entre os insignes varões guerreiros Portuguezes. A estes servio nas guerras de Pernambuco sempre com destemido valor, e com tal experiencia, que difficultosamente poderia haver outro mais pratico, nem de acções mais sinaladas. Conduzio com fidelidade, e prudente astucia á obediencia de Portugal o maior sequito dos gentios do Brazil, dos quaes foi capitão general, e com elles venceo em muitas occasiões aos Hollandezes em grande abono das nossas armas. El-rei Filippe IV, o honrou com a generosa mercê do habito de Christo, e de poder usar de dom com outras graças devidas aos seus merecimentos. (2)

Antonio Galvão, destro, e valente restaurador da India, foi governador das Ilhas de Maluco, e de tal capacidade, que n'elle se viram competir uniformemente o valor, a prudencia, o desinteresse, e a religião. Destruio, e abrazou Tidore; tornou-a a reedificar de novo com vantagem; e concordou com sagacidade as desavenças dos barbaros. Quizeram os de Ternate fazel-o seu rei, e elle desprezou com galhardia o offerecimento. Procedeo na propagação da fé com tal zelo, que diziam os naturaes d'aquellas terras já convertidos, que não podia deixar de ser verdadeiro o Deus, que de tal homem era adorado. Fundou á sua custa um Seminario (e foi o primeiro, que houve em nossas conquistas) para n'elle se catequizarem, e aprenderem os que se iam convertendo á fé. Renovou, e ornou a fortaleza de Ternate com obras utilissimas, fazendo conduzir agua para ella da distancia de tres leguas. Estabeleceo entre os nossos, e os mouros uma paz tão constante, que as armas de todos chegaram a converter-se em instrumentos pacificos do campo para a sua cultura. O nome, que todos lhe davam, era o de Pai, e como tal era reverentemente amado, para cuja perpetua lembrança compozeram os ternatentes cantigas, que eram as suas chronicas cheias de louvores. Voltou finalmente a Portugal sem fazenda, e rico só de seus relevantes serviços, dos quaes não vio outro premio mais, que desprezos, e miserias, que o obrigaram a viver dezasete annos no hospital de Lisboa, onde morreo no de 1537, tão pobre, que este lhe deu a mortalha, e a confraria da corte lhe fez o enterro. Ó fatal fortuna dos grandes homens! (3)

D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, e primeiro mar-

(1) Barr. Decad. 3. liv. 6. c. 3. Far. tom. 3. da Asia part. 3. c. 6. n. 5. Villas-boas, Nobiliarq. Portug. c. 28. (2) Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. p. 675. D. Franc. Man. Camafor. 3. p. 610. Roch. Pita, Histor. da Americ. liv. 3. n. 94. e 95. La Clede tom. 7. Histor. de Port. p. mihi 609. Ann. Historic. a 9. de Maio. (3) Barr. Decad. 4. liv. 4. cap. ultim. Far. tom. 1. da Asia part. 4. c. 9. Menez. Malac. Conquist. liv. 7. est. 69. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. Francisco de Sousa Tavares na Dedicat. do Tratado dos Descubrimentos, que compoz o mesmo Antonio Galvão.

quez de Marialva, foi tambem o primeiro movel das maiores felicidades de Portugal, e um dos seus heroes da primeira grandeza. A muita actividade, que possuia, desembaraço, e zelo esclarecido das glorias da patria o fizeram distinguir na famosa, e fausta empreza da acclamação delrei D. João IV, e que a serenissima rainha regente D. Luiza o elegesse governador das armas do Alemtejo no maior perigo d'aquella provincia. Soccorreu Elvas apezar da opposição dos castelhanos, que com um formidavel sitio a tinham cercado, rompendo-lhe com summo valor as fortes linhas da circumvallação na feliz batalha de 14 de Janeiro de 1659. Não só com os triunfos do seu braço fez amedrontar Castella, bastava a fama do seu nome para fazer fugir os inimigos: assim succedeu a D. João de Austria, indo sobre a villa de Arronches, e retirando-se d'ella, sabendo que o marquez de Marialva tornava por general das armas. Sitiou, e rendeu com felicidade Valença de Alcantara, uma das principaes villas da Estremadura castelhana. Ganhou ao marquez de Caracena em Montes-Claros uma tão disputada batalha, que a gloria do triunfo, que tivemos, fez mais deploravel a desgraça de Castella. Finalmente deixando de ser mortal, passou no anno de 1675 a consagrar a sua saudosa memoria no templo da fama, e no sagrado de S. Vicente de Lisboa deixou aos pés do real tumulo do senhor rei D. João IV depositado o seu coração. (1)

D. Antonio Luiz de Sousa, segundo marquez das Minas, logrou com geral applauso um pleno dominio nas armas não só de quasi todo este reino, mas em muitas provincias de Castella, conseguindo em não poucas facções de perigo os creditos de valeroso soldado, e esperto general. Recuperou algumas praças do Alemtejo do poder castelhano, e soube sempre unir ao valor, e disciplina militar as precisas circumstancias do respeito, e generosidade. Houve quem lhe quiz diminuir a gloria no pouco acerto de elle largar o sitio de Badajoz, como se não fora bastante louvor seu seguir o exemplo de outros generaes, que em differentes occasiões assim o fizeram no bloqueio de outras praças, sem que ficasse menos memoravel o seu brio na posteridade. Falleceu aos 25 de Dezembro de 1721, e jaz no convento dominicano de Azeitão.

Antonio Moniz Barreto deixou perpetuo nas Historias o seu nome, pelo ardente zelo com que augmentou a gloria dos portuguezes no Estado da India. Alli alcançou em um dia duas victorias junto de Damão, vencendo tres mil abexins com quinhentos homens. Por entre perigos quasi invenciveis foi soccorrer a fortaleza de Dio no seu segundo cerco. Em semelhante consternação, em que os achens, e jaos tinham cercado Malaca, vendo-se destituido de cabedaes para a municionar, pediu emprestados á cidade de Goa quinze mil cruzados, dando-lhe em penhor

(1) Menezes. Portug. Restaurad. tom. 2. p. 142. Mello, Histor. de Diniz de Mello liv. 2. n. 113. e 115.

a Duarte Moniz seu filho, menino de sete annos, estimavel joia, que em breve tempo remiu. (1)

D. Antonio de Noronha em muitas occasiões deu prova do seu valor, e actividade nas guerras da India, onde desbaratou os turcos sempre com desigual poder, principalmente o Çamori, e outros regulos, de que foi aspero açoite.

Antonio de Saldanha foi um animoso capitão, que nas varias occasiões, em que passou á India, deixou o seu esforço tão qualificado nas mais celebres facções militares, que nunca para elle houve successo tão arduo, que lhe diminuisse a constancia do coração, antes com generosa ousadia quiz sempre mostrar a grandeza do seu espirito. Achou-se na expugnação de Dio; queimou a cidade de Madrefabat d'alli pouco distante, e com resistencia dos mouros; o mesmo fez á de Goga, e aos lugares de Belsá, Tarapor, Mali, Quelme, Agacim, e Surat, recolhendo de todos opulento, e singular despojo, deixando toda aquella marinha assombrada de tal valor. Voltando a Portugal, foi eleito general de uma forte armada, com que el-rei D. João III soccorreu ao imperador Carlos V. contra o formidavel Barbaroxa na conquista de Tunes. Nesta empreza de brio conseguiu gloriosamente com bizarria o augmento da sua fama, e o credito da nação portugueza, de quem foi em todo o tempo da sua vida acerrimo defensor. (2)

Antonio da Silveira de Menezes, heroe famoso, ganhou perduravel gloria, em quanto durar a lembrança dos varões valerosos. Assistio nas operações militares de maior empenho, que se executaram na Asia, e em todas desempenhou o conceito superior, que se fazia do seu esforço, e bellico exercicio. Excedeu a todo o applauso, quando valerosamente defendeu a Dio de doze mil turcos, que capitaneava o rei do Cairo Soliman Baxá, repartidos em sessenta e cinco vasos, e ao grande poder del-rei de Cambaya, que todos se retiraram corridos, e desbaratados em virtude do seu inclyto braço. Conquistou as cidades de Surat, Beyler, Damão, e Agaçaim apezar de toda a resistencia, porque a seu intrepido animo nenhuma força era inconquistavel. Cheio de triunfos, e proezas chegou a Lisboa, onde com reciproca alegria mereceu as estimações de toda a corte; mas sobre tudo a distinção, que d'elle fez el-rei Francisco de França, mandando-o retratar, e collocar-lhe sua effigie entre os outros clarissimos heroes, com que ornava em seu palacio de Paris a galaria da fama. (3)

Barbara Fernandes. Será sempre ouvido com admiração o valor d'esta notavel mulher, que no celebre cerco de Dio vendo mortos, e

(1) Lemos nos Cercos de Malaca part. 2. c. 4. Sá de Menezes, Malaca Conquistada liv. 7. Toscan. nos Parallel. de var. illustr. c. 39. Far. na Asia tom. 1. part. 4. c. 6. e tom. 2. part. 2. c. 14. Couto. Decad. 7. liv. 6. c. 6. (2) Faria tom. 1. da Asia part. 4. c. 4. n. 17. Ann. Histor. a 6 de Fever. Barbud. Emprez. Milit. fol. 201. Mariz, Dialog. 3. c. 1. (3) Cam. cant. 10. est. 62. Faria tom. 1. part. 4. c. 10. Mariz, Dialog. 5. c. 1. Maff. Hist. Indic. lib. 11. Toscan. Parallel. de var. illustr. c. 123. Ann. Histor. a 7 de Abril.

despedaçados a seus dous filhos, não só os não choron como mãi, mas teve alentos, sendo mulher, para lhes estar unindo os pedaços do corpo com maravilhosa constancia. (1)

Belchior de Sousa Tavares floreceu no vice-reinado de Nuno da Cunha, que por conhecer nelle espirito superior de valentia, e desembaraço nas acções, o elegeu para conciliar pazes entre os reis de Bassorá, e de Gizaira, habitadores com pouca distancia um, e outro dos rios Tigris, e Eufrates. Foi o Sousa o primeiro, que entrou por estes rios, aonde não havia entrado Grecia, nem Roma. Obrou alli muitas maravilhas; premiou-o Nuno da Cunha com lhe dar a capitania mór do mar de Ormuz. (2)

Brites de Almeida, paizana humilde de Aljubarrota, ainda mais ardente no fogo marcial, que no exercicio da sua occupação, não podendo tolerar o assalto dos castelhanos pela sua patria, e casa, com uma pá de ferro, que tinha na mão, instrumento do seu trabalho, de um impeto matou sete soldados, e fez amedrontar os mais, ficando justamente nesta acção recommendavel nas Historias entre as singulares, e gloriosas, que se obraram nos campos d'aquella villa pelo nosso exercito contra o del-rei D. João I de Castella. (3)

Caetano de Mello de Castro governou a provincia de Pernambuco zeloso, activo, e com muitas qualidades, que lhe grangearam os applausos na memoria das gentes. O seu valor e direcção foi o principal movel para a victoria, que alcançámos dos negros dos Palmares venturosamente. Subio á dignidade de vice-rei da India, onde o elevaram seus meritos, que sempre acreditaram o seu valor. (4)

D. Christovão da Gama, retrato vivo do grande Vasco da Gama, igual ao pai nos espiritos, e nos effeitos. Foram as acções, que obrou dignas de memoria. Indo por ordem de seu irmão D. Estevão, que governava a India, em soccorro do Preste João contra el-rei de Zeila, desbaratou com prodigio em primeira, e segunda batalha aos mouros sómente com quinhentos homens, que levava. (5)

Christovão Jaques, fidalgo da casa del rei D. João III mereceu a gloria de ser o primeiro descubridor, que entrou pela famosa enseada da Bahia de todos os santos no anno de 1526, nunca até alli descober-

(1) Maff. Histor. Indic. lib. 11. Toscan. Parallel. dos varões illustr. c. 136. (2) Faria no tom. 1. da Asia part. 4. cap. 3. n. 13 14 e 15. (3) E' bem vulgar este caso da celebre forneira de Aljubarrota, que referimos pelo achar tão recommendado pelos nossos Escriptores, aonde Francisco Rodrig. Lobo no Poema do Santo Condestavel cant. 14. p. 551. concluc assim:

«Celebre-se a mulher, louve-se a terra,
Onde com pás se faz tão cruel guerra.»

Veja-se o Diccionar. Geograf. do P. Luiz Cardoso tom. 1. pag. 319. (4) Rocha Pita Americ. Portug. liv. 8. n. 49. (5) Far. na Asia. Anu. Histor. no 1. e 8. de Abril. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 96.

«Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro,
Ha de ser Dom Christovão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo.

ta pelos nossos exploradores; e por fazer mais celebre a memoria do seu valor, fez meter a pique duas náos francezas, que achou no reconcavo da Bahia, e no rio Paraguassú, que lhe queriam fazer resistencia. (1)

D. Constantino de Bragança, filho do quarto duque de Bragança D. Jaime, teve um espirito igual ao nascimento, e de taes quilates, que pareceu, e bem, só por elle se podia restaurar a India, que então se ia arruinando. Passou-se lá, e governou-a de modo, que tendo sido o vice-rei D. Luiz de Ataide famoso governador d'ella, quando el-rei D. Sebastião o mandou segunda vez governal-a, lhe disse ao despedir-se, que se governasse a India da propria maneira, que a havia governado D. Constantino, elle se daria por bem servido. Entre varias emprezas gloriosas das nossas armas, em que elle se achou, foi famosa a conquista de Damão, praça, que está nos confins do reino de Cambaya, a qual D. Constantino ganhou felicissimamente, e cuidou em conserval-a com prudencia. A outra empreza memoravel foi a de Jafanapatão, reino edificado á borda do mar, onde desemboca o rio Ganges. Era seu rei contrario aos portuguezes, e D. Constantino pelo metter debaixo do nosso jugo, passou lá em pessoa com uma forte armada. Por entre chuvas de balas, e perigos entrou na cidade, conquistou-a, fez desertar o rei com desordenada fugida, e trouxe um consideravel despojo, entre o qual foi celebre o dente de Bugio, que aquelle rei tinha, e era o idolo mais famoso de toda a Asia. Fel-o queimar D. Constantino em Goa, e desfazel-o em pó, tendo não menos valor, e constancia para desprezar meio milhão, que el-rei de Pegú lhe offerecia pelo seu resgate. Por estas, e outras gloriosas acções tão dignas de eterna lembrança, sempre D. Constantino será famoso no juiso dos grandes homens, em quanto durarem os Annaes em Portugal. (2)

Deosadeo Martins, mulher do capitão mór de Monção Vasco Gomes de Abreu, é benemerita, e digna de especial elogio; porque sitiando aquella praça D. Pedro Rodrigues Sarmento em tempo d'el-rei Henrique II, de Castella, inimigo declarado d'el-rei D. Fernando de Portugal, foi tal o seu ardil, que obrigou ao general desconfiar da empreza, e levantar o sitio, merecendo pela sua industria ficar por timbre das armas da mesma villa gravado o seu nome á roda de um meio corpo de mulher, e delineada tambem nas bandeiras da Camera, a qual instituio a honrosa ceremonia de se não abrirem as pautas dos vereadores d'aquella villa, que se costumam fazer todos os annos, senão junto da sepultura de tão assinalada matrona. (3)

(1) Roch. Pita na Americ. Portug. pag. 56 Ann. Historic. n. 1 de Novemb. (2) Far. tom. 2. da Asia part. 2 c. 14. n. 6. Couto Decad. 7. liv. 6 c. 5. Barbud. Emprez. Milit. p. 234. vers. Cam. nas. Rim. Ottav. oit. 2. Toscan. nos Parallel. do var. illustr. c. 20. Ann. Hist. a 12 de Março, 7 de Julho, e 14 de Outub. Barb. Fast. da Lusit. a 2 de Jan. De la Clede, Histoir. de Port. tom. 5. p. 528. (3) Brand. Mon. Lusit. liv. 13. c. 23. Carvalho na Corogr. Port. tom. 1. p. 211. Mend. da Silva, Poblacion General de Espana c. 127. Ann. Hist. a 7 de Outubro.

Diniz de Mello de Castro, primeiro conde das Galveas, lavraram-lhe os seus relevantes merecimentos preciosa estatua, que se vê collocada no capitolio de Portugal, e na segura memoria dos creditos da sua fama. Desde a praça de soldado até o posto de mestre de campo general, no dilatado espaço de vinte e oito annos de sanguinolenta guerra na provincia do Alemtejo, assistio a cento e onze occasiões de batalhas, choques, e conflictos, que se pódem reputar por outras tantas victorias, pois d'ellas o seu valor, e espirito se achou sempre triunfante. Tantas foram as hostilidades, que fez a Castella, que lhe chamavam os inimigos o açoite das suas campanhas. Não é facil descrever as incomparaveis proezas deste famoso Heróe, porque o esforço, a felicidade, o zelo, e a honra, com que obrou em todas, as fez iguaes, e semelhantes para a admiração, e para assumpto do maior applauso. Morreo em Lisboa a 18 de Janeiro de 1709, e jaz na capella mór dos eremitas de S. Paulo. (1)

Diogo de Anaya Coutinho foi um soldado particular, que se achou no cerco de Dio, igualmente valente, e venturoso nos lances de Marte, e assim mereceo iguaes applausos á fama, que attenções á fortuna. Conta-se delle, que desejando o capitão da praça D. João Mascarenhas saber noticias dos designios do inimigo, tivera o soldado a resolução de se deitar da muralha por uma corda, e ir em demanda dos Mouros ao campo, no qual encontrando dous, matou a um ás lançadas, e trouxe o outro, que se defendia com valerosa repugnancia, á presença do capitão. Depois vendo que no conflicto perdera o capacete, que não era seu, tornara a descer pela mesma corda, e o fora resgatar com desafogo já de entre um bom numero de inimigos, que haviam concorrido ao estrondo da briga. (2)

Diogo Batelho, tambem soldado, nobre, e valeroso, deu um testemunho efficaz da grandeza do seu espirito com uma memoravel viagem, em que fez escurecer a famosa expedição da náo Argos tão decantada. Achava-se em Dio na desgraça d'el-rei D. João III, dezejava restituir-se a ella, e sabendo o grande gosto, que el-rei tinha de que se fundasse uma fortaleza em Dio, tanto que a vio estabelecida pelo governador Nuno da Cunha, e com licença do Sultão Badur, apanhando a planta, e copia das capitulações, deu ordem a preparar escondidamente uma nova embarcação nunca até alli vista com dezoito pés de comprido, e seis de largo, e mettendo-se nella o forte, e ousado aventureiro com alguns marinheiros, e mantimento, sem lhe dizer nada se engolfou nos largos mares do Oceano com uma navegação tão ardua, e arriscada. Chegou a perder todos os companheiros, e elle só esporeado do estimulo da gloria, e confiado em seu valor, e constancia, passando por varios contra-

(1) Julio de Mello na sua Vida. Menezes, Portug. Restaur. Sous. nos Grandes de Port. p. 310. Ann. Histor. tom. 1. p. 118. Barb. Fastos da Lusit. tom. 1 p. 215. (2) Ann. Hist. part. 2. a 24 de Junho. Couto Decad. 6. liv. 1. c. ult.

tempos, chegou felizmente a Lisboa com a noticia no anno de 1535. Celebrou el-rei, e a corte a nova; porém muito mais a embarcação, que se mandou queimar logo, porque nao se facilitassem os homens, e persuadissem, que em tão pequeno lenho era factivel emprender de polo a polo carreira tão perigosa. (1)

Diogo Gomes de Figueiredo foi peritissimo em jogar as armas, e como tão insigne em tal sciencia foi dado por mestre ao principe D. Theodosio, e a el-rei D. Affonso VI. Unindo á destreza o valor, e experiencia de grande soldado, mereceo occupar todos os postos da guerra até o de general da artilharia da provincia da Beira, a qual governou algum tempo com summo cuidado, vigilancia, e esforço, devendo-se á sua incansavel actividade a segurança da praça de Almeida, que o duque de Ossuna intentou fortemente levar por assalto em 2 de Julho de 1663, onde Figueiredo obrou acções de honrada memoria. (2)

Diogo Lopes de Siqueira, quarto governador da India, mostrou os effeitos da sua actividade, e zelo das glorias do seu Soberano, para o qual descubrio, e conquistou muitas Ilhas Orientaes á custa de grandes fadigas, e foi o primeiro, que pelo mar Roxo achou sahida ao imperio do Preste João, com quem estabeleceo amizade venturosamente. (3)

Diogo da Silveira exercitou no Oriente com feliz successo o brio de Marte. Foi um dos principaes instrumentos, que facilitaram a expugnação de Panane, praça das melhores de Calecut. Em varias armadas fez evidente ostentação do seu destemido valor, rendendo, saqueando, e abrazando todas as povoações maritimas desde Bandorá até Surat, a pezar de toda a contraria resistencia, parecendo um raio vivo, que consumia tudo, e deixando assombrado o que escapava ao furor de seu braço. O mesmo estrago experimentaram os lugares da Costa de Dio, de que resultou entrar triunfante em Goa com um riquissimo despojo, e mais de quatro mil escravos. Não é menor prova do seu grande, e generoso animo o que lhe succedeo no porto de Adem, onde encontrando-se com uma náo de mouros, que vinha de Judá bem importante, e entregando-lhe sinceramente o capitão uma carta de certo Portuguez cativo n'aquella cidade com a certeza de que era um segurissimo salvo conducto, sendo na verdade uma recommendação da malignidade do mesmo capitão mouro, não quiz Diogo da Silveira fazer-lhe mal, por não aggravar a fidelidade dos Portuguezes, e dissimulando todo o engano, o deixou ir. (4)

(1) Barr. Decad. 4. liv. 4. c. 14. Maff. liv. 11. fol. 256. Chron. d'el-rei D. João III. part. 3. c. 73. Fr. Ant. Histor. Indic. part. 1. liv. 3. c. 18. Couto Decad. 5. liv. 1. c. 2. Man. de Far. tom. 2. part. 4. c. 6. n. 14. onde diz, que a embarcação tinha vinte e dous palmos de comprido, doze de largo, e seis de alto, e que fora erro de quem aconselhara mandar queimar tal embarcação, antes se devia mandar pendurar em alguma sala de palacio para seu maior adorno, e durável trofeo da maior ousadia. Teixeira nos Paralliel. de var. illustr. cap. 116, Ann. Hist. a 21 de maio, e 3 de Setemb. Mariz. Dial. 5. c. 1. p. mihi. 431. (2) Menezes. Portug. Restaur. tom. 2. p. 586. (3) Barros Decad. 2. liv. 4. c. 3. Decad. 3. liv. 3. c. 1. Maced. no Poema Ulyssipo p. 192. vers. (4) Far. tom. 1. da Asia Portug. part. 4. c. 4.

Duarte Brandão, cavalheiro Inglez, mas naturalizado neste reino, deu no exercicio das armas a conhecer a sua valentia, e o seu brio. Aproveitou-se, achando-se em Inglaterra, el rei Duarte V, fazendo-o general de uma armada, que expedira contra o de França, com a ventura de ficar victorioso por beneficio de sua actividade. Premiou o, fazendo-o cavalleiro da insigne Ordem da Garrotea. Tinha tal animo, e honra, que sendo convidado por outros cavalheiros para um banquete, e achando, quando veio, occupados os lugares mais graves, sentando-se em outro inferior, e tirando de um punhal o cravou na mesa, dizendo: *Aqui onde eu estou é a cabeceira da mesa, e quem o contradisser tire o punhal.* Porém a esta proposição ninguem se atreveo a dizer cousa alguma. Jaz no convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa. (1)

Duarte Coelho teve em repetidos conflictos com os mouros do oriente no mar, e na terra prosperos successos, onde em credito da nação destruio, e cativou a muitos. Estabeleceo pazes com o rei de Siam, e o fez tributario a Portugal. Por estes, e outros serviços lhe fez el-rei D. João III, mercê da Capitania de Pernambuco, em cuja fundação padeceo perigos, e opposições do gentio, que o seu valor desfez, (2)

D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, pessoa, em que concorreram muitas qualidades de varão grande, e famoso, e sendo dos grandes de Portugal, foi a menor que teve a do nascimento. Deu illustres mostras de sua espada em Africa, pois sendo capitão, e governador de Tangere, alcançou dos mouros felicissimas victorias, até que na infelice batalha de Alcacere, em que se perdeo el-rei D. Sebastião, ficou elle cativo, sendo Mestre de Campo General, não obstante obrar alli maravilhas. Passou depois á India no anno de 1521, com o titulo de Governador d'aquelle estado, e lá achando rebeldes os vassallos, e o rei de Ormuz, recuperou tudo, trazendo-os outra vez á nossa obediencia, pondo-lhe maior tributo por castigo da sua rebeldia. Fez notaveis diligencias para averiguar a certeza das cousas, que se referiam do Apostolo S. Thomé, e o conseguio. (3)

Duarte Pacheco Pereira não só foi um dos maiores heroes de Portugal, mas do mundo. Camões lhe chama Aquilles Lusitano, e o grande Macedo Sansão Portuguez, e ambas as semelhanças foram proprias a Duarte Pacheco, o qual com animoso coração, e mão valente foi raio nas armas, e prodigio no esforço. Passou este insigne capitão á India em companhia do grande Affonso de Albuquerque, por cuja ordem ficou em Cochim para defender ao seu rei do de Calecut. Veio este com um horrendo exercito de cincoenta mil homens, e o soccorro de dezoito principes a seu lado com trezentas e oitenta e duas peças de artelha-

(1) Duarte Nunes na Descripç. do Port. c. 77. Pereir. Chronic. dos Carmel tom. 1. n. 1294. Villa-boas na Nobiliarq. Portug. p. 247. titulo dos Brandões. (2) Rocha Pita, Histor. da Americ. Portug. liv. 2. num. 69. (3) Barr. Decad. 3 liv. 7. c. 9. Far. tom. 1. p. 3. c. 7. Meus. de Quevedo no Poem. de Affons. African. cant. 11. est. 39. Sous. nos Grand. de Port p. 171.

ria, e duzentas e oitenta embarcações differentes para investir o vão de um rio, por onde se entrava na Ilha. A toda esta prevenção se oppoz Pacheco com pouco mais de cem homens, e ficou triumfante. Repetio o Malabar sete vezes a investida em menos de tres semanas, empenhando o resto da colera na ultima com a maquina de oito castellos de vinte palmos de alto, collocado cada um sobre duas galeras, e cheios de invenções diabolicas de fogo, mas tudo desbaratou a valerosa industria, e incrivel fortaleza de Duarte Pacheco. O nosso Virgilio na *est.* 11. *do cant.* 1. disse, que as proezas dos Portuguezes excediam na sua realidade as fabulosas; assim se vio em todas deste admiravel capitão, do qual é impossivel referil-a, pois ainda resumidas occuparam grande parte deste volume contra a brevidade, que professamos. Com tão estupendas acções chegou Duarte Pacheco a Lisboa a 22 de Julho de 1505, opulento de triunfos, e riquezas. Recebeo o el-rei D. Manuel com grandes demonstrações, que acreditavam seus não vulgares merecimentos, pois o levou ao seu lado debaixo de um pallio solemnemente desde a igreja matriz até S. Domingos a render a Deus as graças de tantas victorias; mas d'ahi a poucos dias, sem motivo consideravel, o mandou prender, e assim esteve muito tempo até se averiguar ser falso o crime, que lhe imputavam seus emulos. Viveo depois de solto em tanta pobreza, que veio a morrer miserrimamente no hospital de Valença de Aragão. Este pobre exito de varão tão grande foi um grave defeito, que se encontra nas acções d'el-rei D. Manuel, de que o não poderam livrar os maiores encarecimentos da lisonja; porém se o odio tirou a Duarte Pacheco o premio, nunca lhe tirará o relevante merecimento, com que alcançou perduravel estatua no templo da memoria. (1)

Egas Moniz, a cujo valor deveo Portugal muita parte da sua liberdade, era Ayo do Santo rei D. Affonso Henriques, o qual sendo vencido em um recontro d'el-rei D. Afonso VII, de Castella, sabendo-o Egas Moniz, acudio depressa, quando já se vinha retirando o principe, e o incitou a que tornasse sobre o inimigo victorioso. Reduzido, e reparado tudo com a industria de Egas, voltou sobre elle, e venceram-no. Depois tendo o mesmo rei cercado ao nosso na villa de Guimarães, fez Egas com que o Castelhano levantasse o sitio, e ficasse desassombrada a villa do poderoso exercito, promettendo-lhe para isso fazer com el-rei conviesse em certas clausulas, que o de Castella desejava. Não quiz D. Affonso Henriques cumprir a promessa do seu Ayo, e este passando a Toledo com mulher, e filhos, com cordas nas gargantas, pés descalços, e

(1) Maced. no Serm. de S. Thomé Barr. Decad. 1. liv. 7 c. 2. até 8. Cam. nas Lusiad. cant. 1. est. 14. cant. 2. est. 52 cant. 10. est. 12 Goes, Chronic. d'el rei D. Manuel part. 1 c. 100. Osor. l. 4 de reb. Emman. Far. tom. 1. da Asia part. 1 c. 7. Monarq. Lusit. liv. 6 pag. 257. Toscan. nos Parallel. c. 58. Manoel de Faria dá a entender que Duarte Pacheco está enterrado em Santarem, porque diz no Comm. da est. 25. do cant. 10 «Si yó me hallara con la codicia fuera me a la Villa de Santarem a hurtar la calavera de Duarte Pacheco, y la truxera a Roma, que aunque nó es Romano, creo multiplicara buena suma de escudos, vendiendo-la.»

habitos de condemados, se expoz á vontade do rei por satisfação de não poder cumprir a palavra, que lhe dera em nome do seu principe, em cuja acção mostrou brio, valor, honra, e amor de patria. (1)

Elena Peres, mulher valerosa, e honesta da praça de Monção, estando esta em rigoroso sitio pelas armas de Castella no anno de 1658, e sendo poucos os defensores, se deliberou com bizarria varonil a governar trinta mulheres, que escolheu, e com um chapeo na cabeça, e um chuço nas mãos as foi distribuindo, e collocando nos lugares mais perigosos das muralhas, sem que as podesse entibiar a alguma d'ellas o susto do assedio, antes mostraram todas em forças debeis alentos robustissimos. (2)

D. Estevão da Gama, filho do inclyto Vasco da Gama, e undecimo governador da India, onde mostrou o muito, para que era o seu esforçado espirito em proezas heroicas, fez esmorecer toda a ousadia d'el-rei Ujantana no mar Roxo, ganhando-lhe a cidade de Jor, saqueando-a, e abrazando-a depois de uma bem ganhada victoria, e das mais illustres, que até alli se tinham visto em toda a Asia. (3)

D. Filippa de Vilhena, condessa de Atouguia, em veneração da grandeza do seu valente, e nobre espirito ficou recommendada á posteridade. Fiando-se-lhe o segredo da acclamação d'el-rei D. João IV, teve tal valor, que ajudando a armar a seus dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho de tenra idade, os exhortou com razões de brio a conseguir a valerosa acção, que intentavam. (4)

D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei que houve na India, e o verdadeiro Machabeo Lusitano, como lhe chama o nosso grande Francisco de Macedo, foi um tão insigne heroe, que justamente disse Camões chorará por elle sempre o Tejo. Poz a fogo, e cutello as ilhas de Quiloa, Mombaça, Panane, e Dabul. Levantou fortalezas em Cranganor, Sofala, e outros portos. Desbaratou armadas, e fez derramar muito sangue aos Arabes, Persas, Mouros, e Turcos, e finalmente fez tremer quasi toda a Asia. Mas quem dissera, que quatro Cafres com páos tostados tiveram poder para tirar a vida nas praias Africanas a um heroe, contra o qual tantos exercitos, e tantas náos carregadas de tantos homens bellicosos com armas de fogo, e maquinas horrendas foram de nenhum effeito? (5)

Francisco Barreto, estremado cavalheiro, e decimo oitavo governador da India, na qual concluio as emprezas de seus antepassados com grande gloria da nação, e executou outras de novo com immenso cre-

(1) Galv. na Chron. d'el-rei D. Affons. Henriq. c. 8, 9, e 10. Brit. Chron. de Cister. p. 1. liv. 3. c. 4. Cam. Lusiad. c. 3. est. 35. c. 8. est. 13, 14, 15. Braud. liv. 9. c. 19. e Duart. Nun. negam esta ultima acção de Moniz; porém defende a Manoel de Far. no Comm. da est. 14. do cant. 8 (2) Menezes. Portug. Restaurad. tom. 2. liv. 4. (3) Far. na Asia tom. 1 (4) Menez. Portug. Restaur. tom. 1. liv. 2. p. 100. (5) Barr. Decad. 2, liv 3. c. 1. e 10. Far. tom. 1. part. 2. c. 3. Cam. Lusiad. cant. 1. est. 14. cant. 10. da est. 26. por diante até 38. Goes, Chron. d'el-rei D. Manoel part. 2. c. 39. Mar. Barbud. e outros que allega Barbosa nos Fast. da Lusitan. Ann. Historic no 1. de Março.

dito da sua capacidade, valor, e juizo, foi um dos governadores d'aquelle estado benemerito da estimação, que fizeram d'elles os senhores reis D. João III, e D. Sebastião. Só desmereceo ao nosso poeta os louvores, com que honrou aos outros heroes Portuguezes, deixando este inclyto soldado no escuro silencio por despique de o haver desterrado para a China por algumas travessuras, e principalmente pela satyra, que é o ultimo das suas obras.

Francisco Barreto de Menezes, varão distincto em sangue, espirito, juizo, e valor, cujas prendas o fizeram preferir entre muitos para a dignidade de Mestre de Campo General do exercito de Pernambuco, soube desempenhar de sorte o grave conceito da sua fama, que d'elle pendeo toda a felicidade, que as nossas armas conseguiram contra os Hollandezes nas duas batalhas chamadas dos *Goararapes*. (1)

D. Francisco Coutinho, segundo conde do Redondo, e vice-rei da India, que succedeo a D. Constantino de Bragança, foi varão merecedor dos elogios do principe dos poetas Portuguezes. Alcançou elle muitas victorias em Malabar, e Ceilão, e obrou outras acções, que ficaram para exemplo do valor, e nós as deixamos talvez mais bem descriptas no dilatado estylo do silencio, que na estreiteza d'este Mappa.

D. Fuas Roupinho, cavalleiro muito valeroso, cujas proezas desejou celebrar Camões com a cithara de Homero, desbaratou, e prendeu a el-rei Gamy, senhor das terras da Estremadura, que o veio cercar a Porto de Mós com um tremendo pé de exercito. Alcançou famosas victorias navaes de inimigos, que inquietavam os lugares maritimos d'este reino, e passando ao porto de Ceuta, queimou algumas náus, até que acabou pelejando valerosamente. Este foi aquelle cavalleiro, que teve a dita de lhe apparecer a Senhora da Nazareth, e o livrou de um evidente precipicio, de quem já fizemos memoria na terceira parte d'esta obra. (2)

D. Garcia de Menezes, bispo de Evora, foi igualmente famoso nas letras, que nas armas: nestas se lhe viu o esforço, e valentia em muitas occasiões de empenho. Na batalha de Touro foi um dos principaes motores da victoria. Assombrou a Italia, vendo-o ir por general da Armada, com que el-rei D. Affonso V soccorria ao Papa Xisto IV contra o Turco na oppressão de Otranto. (3)

Giraldo Giraldes, chamado Sempavor, era cavalleiro destemido, e por sua valentia temeraria adquiriu o sobrenome que tinha. Andava em desgraça del-rei D. Affonso Henriques, e se resolveu a obrar acção, com que se podesse reconciliar, e el-rei perdoar-lhe. Intentou ganhar a cidade de Evora aos mouros, poz-se a observar as sentinellas de uma torre, sentiu que estavam dormindo, subiu, matou-as, e com a gente, que

(1) Menez. Portug. Restaur. tom. 1. p. 667. D. Franc. Man. Epanaf. 1. p. mihi 592. Rocha Pita na Americ. Portug. liv. 5. n. 107. Este Author assina o anno desta batalha no de 1649. e Barbos. nos Fast. da Lusit. no de 1688, e o Author do Ann. Historic. tom. 1. no de 1648. (2) Brand Monarq. Lusit. liv. 7. c. 4 e outros muitos, que allega o Agiol. Lusit. (3) Pinto Ribeir. na Prefer. das Letr. ás Arm.

havia disposto de emboscada, assaltou a cidade de repente, e a ganhou. Com esta façanha recuperou não só o perdão del-rei; mas o governo d'aquella cidade, e a eterna memoria da sua pessoa, e valor. (1)

Gomes Freire de Andrada, general de artilharia do reino do Algarve, e governador do Maranhão, mereceu os innumeraveis applausos, com que o venera a fama na memoria de suas illustres proezas. Elle foi dos primeiros soldados, que montou os mouros de Badajoz, e sustentou com valor incomparavel a forte opposição dos castelhanos em todo o templo d'aquelle sitio. Derrotou o inimigo em Valença, fazendo-lhe ceder o campo, e a victoria, sendo muitas mais occasiões, em que o seu braço se viu sempre triunfante até o ultimo alento da vida, que foi aos 3 de Janeiro de 1702. (2)

Gonçalo Mendes da Maya, o primeiro adiantado, que houve em Portugal, foi cavalheiro de tão grande valor, e esforço, que igualou com os mais insignes, que a fama celebra. Toda a sua vida exercitou a guerra contra os mouros até a idade de noventa e cinco annos, em que morreu, que foi no de 1170, por cuja causa lhe chamaram o Lidador. (3)

Henrique Dias conseguio pelas suas proezas insignes um clarissimo nome na classe dos portuguezes valerosos, ainda que foi negro por nascimento, porque a fama não attende ao accidente da côr, senão á substancia do coração. Nas guerras de Pernambuco foi o flagello dos hollandezes, e a total destruição d'elles n'aquella provincia, porque sendo capitão de todos os negros, sabia animal-os, e conduzil-os de sorte, que com elles venceu muitas batalhas, e assaltou praças em grande reputação das nossas armas. (4)

D. Henrique de Menezes, filho natural de D. Fernando de Menezes, foi chamado o Roxo, ou Ruivo, porque o era no cabello. Succedeo a Vasco da Gama no vice-reinado, e foi o setimo governador da India, e um dos mais excellentes, que ella teve. Começou a governar de vinte e sete annos, cousa nunca vista em Portugal nem antes, nem depois fóra dos reis, que tem a coroa, e sceptro hereditario: tal era a capacidade, que el-rei D. João III, conheceo nos poucos annos de D. Henrique, cavalheiro, e moço professor da honra, e valor. Suas acções foram grandes, e iguaes a seus grandes pensamentos. Fez temer ao imperador do Malabar, e lhe poz gloriosamente o jugo Portuguez, a que até alli sempre havia sido indomavel. Destruio Panane, e Coulete, lugares nobres da provincia de Calecut, e bem guarnecidos de artilharia, entrando n'aquellas praças por entre nuvens, e chuveiros de balas. Seria prolixo referir outras muitas acções que obrou pelas armas. Morreo em Goa no principio do anno de 1526, deixando eterna saudade. (5)

(1) Brito, Chron. de Cister part. 1. liv. 5. c 12. Toscan. Parallel. de var. illustr. c. 114. Cam. Lusiad. cant. 8. est. 21. (2) Fr. Domingos Teixeira na vida especial deste Heroe. (3) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 17. Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. p. 226. (4) Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusitan. em varias partes. (5) Castanheda liv. 6. Barr.

Heitor da Silveira, cujas gloriosas acções o constituiram eterno, e mereceram bem a comparação de Aquilles Troyano, que d'elle fez o nosso grande poeta. Nas memorias da Asia Portugueza são bem notorias as suas façanhas, assolando muitos lugares pela costa de Cambaya, e alimpando-a de Corsarios; ganhando a fortaleza de Baçaim, e outras muitas, fazendo tributarios aos reis de Adem, e de Xael, e ao Xeque de Tamá temerosos do seu valor (1)

D. João de Castro, governador decimo terceiro, e quarto vice-rei da India, merecedor (por quantas partes, e virtudes pódem compor um heroe famoso) de eterna lembrança. Foi soldado tão valente, que em muitas occasiões pareceo temerario, e com singularidade na praça de Diu, onde pelejou como leão desatado, entrando com a espada na mão no mais forte da batalha, de que sahio com uma das mais gloriosas palmas, que sempre estará verde no templo da fama heroica. Igual valor mostrou na tolerancia, e disfarce, com que soffreo a noticia da morte de seu bizarro filho D. Fernando, pois supprimindo a dor com alegre semblante, fez jogar canas na praça de Goa, dando a entender quanto estimava que seu filho desse a vida pela honra da patria. Teve a felicidade de morrer nos braços do Santo Xavier aos 6 de Junho de 1548, com quarenta e oito annos de idade, e quasi tres de governo. (2)

D. João da Orta, o primeiro conde de Soure, obrou acções merecedoras de particular elogio, e que avivam sempre a memoria do seu valeroso procedimento. No posto de general de artilharia comprou a defensa da patria na celebre batalha de Montijo, em que foi um dos principaes instrumentos da sua victoria. Governou as armas em Alemtejo com feliz successos, pois destruio as fronteiras inimigos em repetidos assaltos, e triunfos. Morreo em Lisboa a 22 de Janeiro de 1664. (3)

João de Carvalho, genro do Capitão General de Aguer em Africa D. Guterre de Monroy, em tempo d'el-rei D. João III, vendo perdida a praça, se poz só com um montante nas mãos a defender aos mouros a entrada em uma torre, e investindo-o muitos, matou trinta elle só, e os outros vendo-o rodeado de mortos, se desviavam de medo, até que unidos mais, o jarretaram. Poz elle animosamente os joelhos em terra, e assim pelejava de modo, que os apartava a todos, ate que todos de longelhe arrejaram tantos dardos, que morreo com admiração universal de valor tão grande. Mereceo eterna memoria na lyra do Virgilio Portuguez em umas estancias, que restaurou seu grande commentador Manuel de

Decad. 3. liv. 9. c. 3. e 4. e liv. 10. c. 10. Far. na Asia tom. 1. part. 3. c. 9. e 10. Cam. Lusiad cant. 10. est. 55. e nos Rim. Sonet. 88. Fonsec. na Evor. glorios. n. 232.

(1) Barros, Decad. 3. liv. 10. c. 1. e Decad. 4. liv. 2. c. 16. Faria na Asia tom. 1. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 60. (2) Lucen. Vid. de S. Franc. Xav. liv. 6. cap. 1, e 4. Andrad. Chron. d'el-rei D. João III. part. 1. c. 1. até 34. Mariz, Dialog. 5. Cam. Lusiad. c. 10. est. 67. até 72. e nas Rim. Sonet. 89. cent. 2. Barr. Decad. Far. na Asia tom. 2. part. 2. e Jacint. Freir. de Andrad Fonsec. Evor. glorios. n. 257. et seqq. (3) Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. p. 658. Julio de Mello na Vida do Diniz de Mello liv. 1. n. 53, 62, 80, e 103. De la Clede, Histoir. de Port. Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. p. 284.

Faria, e as refere sobre a est. 72. do cant. 10. da Lusiada pag. 419, e nos commentos da Egloga. 1. est. 7. pag. 167.

Ves o grande Carvalho alli cercado
De inimigos como touro em duro corro :
De trinta Mouros mortos rodeado,
Revolvendo o montante, diz : Pois morro
Celebrem mortos minha morte escura,
E fação-me de mortos sepultura.
Ambas pernas quebradas, que passando
Hum tiro espedaçado lhas havia
Dos geolhos, e braços se ajundando
Com nunca visto esforço, e valentia:
Em torno pelo campo retirando
Vay a Agarena dura companhia,
Que com dardos, e settas que tiravão,
De longe darlhe a morte procuravão.

D. João Coutinho, segundo conde do Redondo, e capitão de Arzilla, floreceo em estremado valor nas armas em tempo d'el-rei D. João III. Obrou em Africa acções dignas cada qual de uma estatua capaz de se collocar no templo da fama, conforme d'elle canta Camões no soneto 86. O certo é, que el-rei D. Affonso V, quando armou cavalleiro em Arzilla a seu filho o principe D. João diante d'aquelle venerando cadaver, lhe disse: *Deus vos faça tal Cavalleiro, como foi o Conde, que tendes diante.*

João Fernandes Vieira, natural da ilha do Funchal, chamado o *Castrioto Lusitano*, porque nas suas destemidas acções se houve entre os Hollandezes da America assim como Castrioto Albanense entre os Turcos, foi um raio destruidor d'aquelles hereges, de cujas mãos, e tyrannia tirou todas as praças, que dominavam pelos contornos de Pernambuco, até lhes consumir em repetidas batalhas todo o poder, e paciencia, alcançando por premio de tanta lida marcial o renome de restaurador de Pernambuco. (1)

João, ou Joanne Mendes de Vasconcellos deixou recommendavel o seu nome á posteridade pelas suas gloriosas acções. Elle foi o primeiro Portuguez, que na Bahia acclamou a el-rei D. João IV, com uma intrepidez de animo digno do maior applauso. Elle o que nas guerras, que tivemos com Castella, governando as armas da provincia do Alemtejo, obrou proezas pela espada, além de ser n'aquelle seculo o primeiro Oraculo da disciplina militar, buscando-o todos para a decisão das duvidas

(1) Fr. Rafael de Jesus na Vida especial deste heroe. Roch. Pita na Americ. Portug. liv. 5. n. 40. et seqq. D. Franc. Man. Epanaf. 5. p. mihi 590. Ann. Historic. tom. 3. p. 265.

marciaes, e se estimava qualquer sua resposta por lei, e maxima infallivel da milicia. (1)

D. João de Menezes, chamado o *Famoso*, porque o foi nas emprezas militares em todo o tempo, que guerreou contra os mouros de Africa. Na tomada de Azamor foi o primeiro, que pregou a lança nas suas portas, e no governo d'aquella praça mostrou os quilates do seu coração sempre destemido, e valente. (2)

João Rodrigues de Vasconcellos, primeiro conde de Castello-Melhor, e um dos mais benemeritos portuguezes da serie dos da primeira grandeza, foi muito valeroso, muito amante da patria, e da sua liberdade, pela qual soffreu com coração constante, e intrepido algumas tyrannias de Castella. Soube-as vingar, quando governando as armas do Minho, e Alemtejo, poz a fogo, e sangue muitas Praças inimigas, e por embaraçar os seus assaltos, fortificou outras nossas, obrando sempre em tudo com summa prudencia, discrição, e juizo. Morreu em Ponte de Lima aos 13 de Novembro de 1658. (3)

Isabel Fernandes, que por alcunha foi chamada a velha de Dio, quando aquella praça esteve sitiada pelos mouros, em muitas occasiões acudia a animar os soldados não só com o esforço de palavras, mas de obras, porque com uma chuça nas mãos pelejava como o soldado mais valeroso, donde mereceu que durasse vivo o seu nome entre as celebradas varonis matronas portuguezas. (4)

Isabel Madeira foi outra singularissima mulher, que no mesmo cerco mostrou valor não vulgar; porque atando as feridas mortaes a seu marido, que lhe espirou nos braços, o enterrou por suas proprias mãos, e depois com animo intrepido foi continuar o trabalho das tranqueiras com as outras mulheres, sem se lhe ver nos olhos lagrima alguma com admiração do mesmo esforço militar. (5)

Isabel Pereira estando cercada a praça de Ouguella no Alemtejo pelos Castelhanos no anno de 1644, e sendo ferida com uma bala, não quiz ir tratar de se curar, nem largar o posto, em que tambem pelejava contra elles, sem primeiro os ver largar o sitio. (6)

D. Isabel da Veiga, matrona de singular modestia, e mulher do cavalleiro Manoel de Vasconcellos, ostentou no cerco de Dio um animo verdadeiramente heroico, e brioso; porque rogando-a seu marido (vendo a defensa da fortaleza na ultima miseria) que se retirasse para Goa, temendo não viesse a cahir nas mãos dos Turcos, ella não só não quiz ausentar-se d'aquelle risco, mas animou, e persuadio a outras mulheres

(1) Menezes, Port. Restaur tom. 2. liv. 2. Julio de Mello liv. 1. n. 130. Castriot. Lusit part. 1. liv. 5. n. 14. (2) Ann. Historic. tom. 2 p. 86 (3) João Salgado de Araujo nos Success. milit. liv. 1. Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. pag 166. (4) Jacinto Freire na Vida de D. João de Castr. liv. 2. num. 117. Manoel Thom. na Insulana liv. 9. est 127. (5) Jacinto Freire na Vida de D. João de Castr. liv. 2. num. 119. Duart. Nun. descripc. do Portug. c. 89. p. 146. vers. (6) Antonio de Sousa de Macedo na Lusitania Liberata liv. 3. cap. 9. n. 84.

a acarretar pedra, e outros materiaes em alcofas, que alguns homens precisos para a defensa andavam exercitando. (1)

D. Leoniz Pereira, filho illegitimo de D. Manoel Pereira, terceiro conde da Feira, foi dotado de um espirito valente, e desembaraçado. Tendo á sua conta a praça de Malaca, uma das famosas, que possuimos na India, e assaltando-a el-rei de Achem com poderosa armada no anno de 1568, que constava de tresentas e cincoenta embarcações, onde trazia sua mulher, seus filhos, suas riquezas, e o principal de seu reino, parecendo-lhe que vinha a entrar por Malaca, como se fôra por sua casa, D. Leoniz andando na praia com alguns cavalleiros jogando canas em dia de S. Sebastião, e vendo a alguns turbados com aquella inesperada maquina aos olhos, os alentou, fazendo continuar o festejo com grande socego. Acabado elle, dispoz a sua gente, de que só eram duzentos portuguezes, e com elles defendeu a praça, e degolou a muitos dos inimigos, obrigando ao rei a fugir vergonhosamente, e a deixar muitas joias preciosissimas, que D. Leoniz distribuiu grandiosamente pelos vencedores. Mereceu ficar memoravel na eterna lyra de Camões. (2)

Lopo Barriga, valentissimo cavalleiro, que executou em Africa acções dignas de honrada lembrança, era destemido, e nenhum poder contrario lhe causava terror. Entre as mais celebres façanhas, que d'elle se escrevem, foi a que lhe succedeu no castello de Alguel em Çafim. Investio-o um numeroso esquadrão de mouros, e o apanharam; porèm elle assim preso arrebatou a lança das mãos a um valente mouro, e o matou com ella propria, e se restituiu á liberdade com todos os seus.

Lopo Soares de Albergaria, o terceiro entre os governadores da India, para onde foi no anno de 1515, e no de 1517 deu a conhecer o seu valor, sahindo com uma armada de trinta e seis vasos a aterrar as ribeiras da Arabia. A instancias d'el-rei de Cochim destruiu Cranganor, e Panane. Entrou na cidade de Zeila, e a entregou ao fogo. Fez a el-rei de Columbo tributario a Portugal, levantou fortaleza em Ceilão, e obrou outras acções de valor. (3)

Lopo Vaz de Sampaio não teve inveja a nenhum dos celebrados da fama em todas as suas emprezas militares. Foi o oitavo governador da India, que regeu quatro annos, nos quaes, como outro Joab, subjugou a el-rei de Cambaya poderosissimo, e destruiu uma armada do de Calecut, que continha mais de seis mil homens de guerra, e um capitão d'el-rei de Narsinga, que o soccorria com vinte e cinco mil, achando-se elle só com mil e cento. Iguaes mostras de valor deu em Ormuz, sendo o primeiro que atravessou a punhaladas ao tyranno Raez Hamet.

(1) Faria na Asia tom. 1. part. 1. c 10. n. 12. Duarte Nunes na descripç. de Portug. c. 89. (2) Cam. no Sonet. 28. da Centur. 3. e na Eleg. 2. Faria tom. 2. da Asia Portug. part 3. c. 9. Vide Macedo nas Flores de Hesp. cap. 9. n. 9 Toscan. Parallel. de var. illustr. c. 15. (3) Barr. Decad. 1. liv. 7 c. 9. e 10. Decad. 3. liv. 1. c. 1. 2. 5. e 6. Cam. Lusid. cant. 10. est 50. Faz. na Asia tom. 1.

com que asseguron o dominio portuguez n'aquelle reino, e finalmente obrou outras muitas cousas benemeritas de capitão insigne. (1)

D. Lourenço de Almeida, o macabeo lusitano, filho do vice-rei D. Francisco, servirá de admiração ao mundo sempre que forem ouvidas as suas acções bisarras militares cheias de nobilissimo ardor. Eram os golpes de seu braço como raios fulminantes. Em Panane, Lugar de Calecut, a um mouro, que o investiu membrudo, e forte, lhe descarregou um golpe na cabeça, que o abrio até aos peitos. Entrava por entre esquadrões armados do inimigo com tal valor, que parecia temeridade. Defronte de Cananor destruiu uma poderosa armada do Çamori só com a perda de seis homens. Até quando se achou nos braços da morte despedaçado com dous pelouros de bombarda, fazendo resistencia no porto de Chaul ás armadas do Egypto, e de Cambaya, mandando-se atar ao mastro da náo, d'alli com a espada, e com o animo intrepido, sem saber ser rendido, como disse Camões, pelejava, e influia espiritos nos seus á vingança. O mesmo insigne poeta convida a todos os antigos, e famosos capitães, que tem havido no mundo, para virem aprender de D. Lourenço valentias, que nunca viram em seu tempo. Tal era a sua sciencia, e o seu esforço. (2)

D. Luiz de Ataide, conde de Atouguia, vice-rei duas vezes da India, e n'ella o segundo Noe portuguez, ou o Reparador da gloria portugueza profanada, foi heroe maior que todo o louvor, e obrou elle só o que outros heroes portuguezes haviam executado por varias occasiões. Viu sobre si os mais poderosos reis do Oriente conjurados a extinguir de um golpe o dominio portuguez: o Hidalcão em Goa, o Nizamaluco em Chaul, o Çamori em Achem todos com poderosissimos exercitos forão reduzidos a miseravel destroço por D. Luiz, que triunfante lhe concedeu a paz, que pediram, e augmentou tributarios ao reino. Em fim elle foi valente como um Marte, e justo como um Numa. Tirou-o a morte do mundo no anno de 1580 a pezar de outras heroicas emprezas, que do seu inclyto animo seguramente se esperavam. (3)

Martim Affonso de Sousa, duodecimo governador da India, foi valente cavalheiro, que antecedentemente no Brasil havia mostrado seu valor, e destruido uma poderosa armada de piratas francezes. Depois na India em tempo do governo de Nuno da Cunha, sendo capitão mór do mar, escalou a praça de Damão soberbamente fortificada, e defendida, sendo elle o primeiro, que com extraordinaria ousadia entrou pela porta cheia de fogo, e nuvens de frechas. Destruiu a cidade de Repelim, pondo ao rei em fugida, e o mesmo fez em Beadalá, e Baticalá. Conseguiu finalmente com seu valor, e juizo, que todos o temessem como ao proprio Marte. (4)

(1) Barr. Decad. 4. liv. 1. c. 2. e liv. 2. c. 2. 12. 13. e 14. Cam. Lusiad. cant. 10. est 53. Far. na Asia tom. 1. part. 4. c. 1. (2) Barros. Decad. 1. liv. 10. c. 1. e Decad. 2. liv. 2. c. 7. e 8. Cam. Lusiad. cant. 10. est 27. até 32. Barbos. Fast. da Lusit. tom. 1. p. 649. (3) Far na Asia tom. 2. part. 3. c. 5. e 6. Cam. Sonet. 61. (4) Maff. Histor.

D. Martim de Freitas, conhecido pela constancia de seu valor, e fidelidade, soube resistir intrepido ao cerco, que el-rei D Affonso II de Portugal lhe fez em Coimbra para lhe entregar aquella Praça, que el-rei D. Sancho II tambem de Portugal lhe havia dado para a governar, não descançando até não ir pessoalmente entregar as chaves do castello nas mãos d'el-rei, que já estava sepultado na Sé de Toledo. (1)

Martim Moniz, cavalleiro portuguez, que na batalha do Campo de Ourique dera irrefragaveis testemunhos do seu valor, na tomada de Lisboa fez perduravel o seu nome com uma acção merecedora do mais elegante elogio. Tendo os nossos entrado na cidade pela porta do castello, e sendo rebatidos dos mouros, que pertendiam fechal-a, pelejou com tanto valor o invencivel Moniz, que dando, e recebendo feridas, se deixou cair morto n'ella, mas com tal accordo, que por cima d'elle, como por segura ponte, entraram os christãos, e se fizeram senhores do castello, merecendo por esta acção tão illustre ficar para eterna memoria gravada em um busto de pedra a imagem da sua cabeça no mesmo sitio, onde se conserva ainda hoje. (2)

Mathias de Albuquerque, unico conde de Alegrete, e governador das armas na provincia do Alemtejo pelos annos de 1640, fez igualmente lembrado o seu nome na defensa da America, nas guerras de Flandres, e emprezas militares da Europa, onde com acções de grande soldado conseguiu muitas victorias, e adquirido a reputação de immortal. (3)

Nuno Alvares Pereira, segundo condestavel de Portugal, heroe invencivel, Aquilles Santo, Scipião portuguez, luzeiro dos capitães valerosos, esclarecido Marte Lusitano, pai da liberdade da patria, monstro do valor, açoute do soberbo castelhano: com todos estes epithetos é appellidado nas nossas historias. Foram suas acções quasi milagrosas, e fizeram parecer o seu braço não só instrumento do seu esforço, mas da sua virtude. São ellas tão memoraveis, e de tal qualidade, que postas em balança com todas as dos heroes clarissimos pela espada, pela magnificencia, e pela religião, não ha duvida que pesaram sempre mais que as dos outros, conforme ponderou Manoel de Faria, (4) porque n'este heroe se viram juntas todas as virtudes até chegar a coroar suas singulares proezas em querer morrer no sagrado habito Carmelitano com o mesmo valor, com que tinha vestido o arnez de Marte. (5)

Indiar. liv. 11. Castanhed. liv. 8. c. 102. Barros, Decad. 4. liv. 4. c. 27. e liv. 6. c. 12. e liv. 7. c. 19. e liv. 8. c. 13. Far. tom. 2. da Asia part 1. c. 11. até 14. Mariz, Dial. 6. c. 1. Vasconcel. na Chron. do Brasil tom. 1. liv. 1. n. 63. Cam. Lusiad. cant. 10. e-t 68. e segg

(1) Monarq. Lusit. liv. 14. c. 30. e outros apud Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. p. 490.

(2) Monarq. Lusit liv. 10 c. 28. Franc. Botelho no seu Poema epico do Affons. liv. 9. celebra muito esta acção de Moniz, veja-se. (3) Castrioto Lusit. liv. 3. Rocha Pita liv. 4. Julio de Mello, Mons. de la Clede (4) Far. no Com. á est. 28. do cant. 8. de Cam. (5) Deste portentoso heroe escreveram muitos, que se podem ver no tom. 1. da Chronica do Carmo escrita pelo doutissimo fr. Joseph Pereira. Em Latim é elegante o que do Santo Condestavel publicou Antonio Rodrigues da Costa, e em vulgar lhe escreveu a vida fr. Domingos Teixeira, imitando muito o estylo do Jacinto Freire.

Nuno da Cunha, nono governador da India, cujo bastão empunhou no anno de 1529, e foi um dos excellentissimos heroes Lusitanos, que na Asia augmentou o respeito ao nome portoguez. Foi sobre Mombaça, e a ganhou, castigando seu rei, e fazendo-o tributario ao nosso. Destruiu a ilha de Bet, e a de Baçaim: fundou em Chale uma fortaleza, e outra em Dio; e em fim não deu passo na Asia, que não fosse victorioso. Morreu no mar, e no mar mandou que o sepultassem. (1)

D. Payo Peres Correa, mestre da Ordem de Santiago em Castella, e natural de Evora, conforme uns, (2) ou de Santarem, segundo outros, (3) é chamado o Cesar Hespanhol, e o Josuè Lusitano, porque nas grandes victorias, que alcançou contra os mouros em augmento da religião, e Monarquia portugueza com valor, e manha de sabio capitão, parece que o Ceo lhe fomentava os triunfos, cooperando para elles o mesmo Sol, obedecendo-lhe, e parando como o Josuè, para que concluisse á sua satisfação um caso de armas contra os infieis na Serra Morena, de que sahiu victorioso, e com creditos não só de cavalleiro intrepido, mas piissimo. Morreu no anno de 1275, e jaz sepultado na igreja de Santa Maria de Tudia, que elle mandara edificar. (4)

Pedro Alvares Cabral, filho de Fernando Cabral, senhor de Azurara, e alcaide mór de Belmonte, mereceu tambem ser acredor de indefectivel memoria, pois ao seu coração animoso deve Portugal o imperio do opulento, e dilatado continente do Brasil, que elle descubriu no anno de 1500, fazendo desde então com que os soberanos reis portuguezes se illustrassem, e dessem a conhecer ao mundo com titulos novos de senhores da navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e India. (5)

Pedro Jacques de Magalhães foi um general, e dos primeiros heroes, que no seculo passado immortalisou a sua fama nas repetidas gloriosas emprezas, com que illustrou o reino, e a nação em alcance da sua liberdade, já expulsando os hollandezes da America, já soccorrendo os hespanhoes no sitio de Orão, já reprimindo, desbaratando, e vencendo os castelhanos nas provincias da Beira, e Alemtejo sempre com um

(1) Goes, Chron. del rei D. Manuel part. 3. cap. 54. Faria tom. 1. da Asia part. 4. cap 10. (2) Man. de Far. na oitav. 3. de Cam que vem nas Rim. est. 3. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 1. p. 401. Toscan. nos Parallel de var. illustr. c. 3. Fonsec. na Evor. glorios. n. 87. (3) D. Nicol. na Chonic. de S. Agost. liv. 1. c. 14. num. 6. Monarq. Lusit. liv. 16. c. 13. Vasconcell. Histor. de Santar. e outros apod Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. (4) Do milagroso caso de parar o Sol duvidam alguns; porem D. Rodrigo da Cunha na Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. c. 58. o mostra, e Lopo da Vega no liv. 15. da sua Jerusalem, ainda que errou o appellido, disse:

Y aquel Portuguez Payo Silvera
Sangre de Josué de nuestra Espana,
Que al Sol paró por acabar su hazana.

(5) Barros. Decad. 1. liv. 6. c. 1. Faria na Asia tom. 1. part. 1. cap. 5. Rocha Pita na Americ. Port. liv. 1. n. 5. Brit. Freire Nova Lusit. liv. 1. § 62.

merecimento superior ao premio, e com uma fortuna nas armas muito desigual dos despachos, que as suas acções mereciam. (1)

Pedro Mascarenhas, pessoa illustre por quallidade, e valor, a quem supposto a injustiça lhe tirou da mão o sceptro do governo da India, não poderam seus contrarios derrubar-lhe da cabeça as coroas, que com valor grande conseguio em differentes casos, umas vezes destruindo a armada del-rei de Pam, outras cativando em Bintam seu orgulhoso rei, e assaltando, e saqueando sua opulenta cidade com uma das mais gloriosas victorias, que tivemos pelos annos de 1527 na Asia, na qual, como diz Faria, conseguio para si Pedro Mascarenhas em um só dia de vencimento muitas idades de illustre memoria. (2)

D. Pedro de Menezes, filho de D. João Affonso Tello de Menezes, primeiro conde de Vianna, e origem da grande casa dos marquezes de Villa Real, assombrou de puro valente aos mouros estando em Ceuta, praça, e cidade, que el-rei D. João I lhe entregou depois de a haver ganhado no anno de 1415, não porque lh'a quizesse entregar, mas porque não havia outro, que se quizesse entregar d'ella: tão formidavel se fazia o perigo da sua defensa, e tão grande era o coração de D. Pedro para o não temer, que disse se atrevia a defendel-a de todo o poder de Africa só com um cajado de azambujeiro, que acaso tinha na mão, com que estava jogando á choça ao tempo que viu a todos eximir-se d'aquella empreza. Em fim el-rei lhe encarregou a defensa da praça, e elle a livrou muitas vezes de estupendos assaltos dos mouros com gloriosas bizarrias. D'aqui veio ficar o governo d'esta praça perpetuamente em seus descendentes, que são os marquezes de Villa Real; e quando algum capitão entra de novo a governal-a, se lhe toma o juramento de fidelidade naquelle cajado, que ainda hoje alli se conserva. (3)

Salvador Ribeiro, soldado de tão conhecido valor, que superando a fortuna, e a inveja, se viu nos maiores auges da grandeza a puros merecimentos da sua espada. Fundou no reino de Pegú uma fortaleza, e resistiu só com trinta portuguezes, e tres velas a uma armada de cem náos guarnecida de seis mil mouros, e a desbaratou, venceu, e prizionou com incrivel ousadia. Com tão curto numero de gente se empenhou ao desbarate de outra armada inimiga, e o conseguio. Todas estas victorias, que para outros capitães bastariam para os fazer celebres no mundo, foi o menos, que teve Salvador Ribeiro para lhe dar gloria immortal, e acreditál-o de um coração heroico. Acclamaram os mais nobres de Pegú por seu rei a Salvador Ribeiro, e o trataram com todas as ceremonias, que lhe eram devidas. Os reis circumvisinhos lhe mandaram não só embaixadores para conciliarem sua alliança, mas regalos

(1) Castriot. Lusit. liv. 10. n. 11, 12 e 47. Menez. Portug. Restaur. tom 2. Ann. Histor. a 8. de Dezembro. (2) Barr. Decad. 4. liv 1. c. 1. Faria tom. 1. da Asia part. 4. c. 1. n. 11. (3) Far. Comm. á est. 38. da Lusiad. e á est. 8. da Eglog. 1. do mesmo Cam. Ann. Histor. a 22. de Setembro.

preciosos. Toda esta estimação renunciou o grande portuguez, retirando-se com um aviso do vice-rei Ayres de Saldanha sem a minima resistencia, e com grande desgosto, e saudade dos que o acclamaram. Oh incomparavel fidelidade dos portuguezes! Oh nobre, e heroico valor de portuguez incomparavel! Parece que o profeta Isaias cap. 60 fallou dos portuguezes enviados de seus principes ás conquistas, comparando-os admiravelmente ás pombas; porque de quantos governadores, e capitães foram a partes tão remotas, e tiveram tanta occasião de ser tentados da cubiça para se levantarem com um pedaço de imperio, nenhum houve, que o fizesse, e que não tratasse, como pomba amorosa, de voltar para sua casa, e a seu principe com a nova do que tinha achado, como bem pondera Manoel de Faria na primeira Nota das Lusiadas; d'onde o nosso Virgilio na 147 do 10, fallando da obediencia dos portuguezes aos seus reis, diz: (1)

Por servirvos a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados
Sem dar resposta promptos, e contentes;
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido,
Que vencedor vos façio, e não vencido.

D. Sancho Manoel, primeiro conde de Villa Flôr, deixou com fixa segurança encommendado seu glorioso nome á fama. Elle se houve nas guerras da acclamação com um valor, e espirito tão heroico, e ardente, que do seu braço, e direcção dependeram muitas victorias, que alcançámos dos castelhanos. O famoso triunfo do Ameixial, em que ficou desvanecida toda a generosa actividade de D. João de Austria, e perdida toda a reputação das armas de Castella, a este grande general se deve, como tambem o recuperar-se Evora cidade da injusta oppressão, que lhe fazia o conde de Sartirana. Outras muitas acções, e bizarrias militares obrou D. Sancho todas dignas de memoria respeitavel, e gloriosas para Portugal. Morreu aos 5 de Fevereiro do anno de 1667, e jaz sepultado na villa de Abrantes no convento dos padres Piedosos. (2)

D. Soeiro Mendes da Maya foi um dos varões portuguezes, que no primeiro seculo d'esta monarquia floreceram em valor muito distincto, especialmente na batalha de Campo de Ourique, e em outras occasiões de empenho. (3)

(1) O Author do Anno Historico a 9 do Janeiro diz, que este heroe fora natural de Guimarães, o e para reparar, que o Padre Costa no tom. 1. da Corografia Portugueza fallando de todos os varões illustres em letras, virtude, e armas dalli nacionaes, lhe escapasse este tão distincto varão. (2) Portug. Restaurad. tom. 1. e 2. Sousa, Mem. Genealog. dos Graud. de Portug. Fonsec. Evora gloriosa, e outros apud Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. pag. 441. (3) Monarq. Lusit. liv. 8. p. 21.

Tristão da Cunha, varão portuguez tão excellente, que foi o primeiro, que el-rei D. Manoel elegeu para governar a India, e por uma enfermidade, que lhe sobreveio, passou em seu lugar o vice-rei D. Francisco de Almeida. Foi depois Tristão da Cunha por capitão mór de uma armada, onde hia á sua obediencia Affonso de Albuquerque, e com este obrou maravilhas pelas armas na Ilha de S. Lourenço, e cidade de Oja, e outras, cativando, abrazando, e sujeitando-as ao dominio portuguez; de sorte, que, segundo canta Camões, Albuquerque era a respeito de Tristão da Cunha como um raio extrahido d'aquelle planeta da guerra, como faisca de Jupiter, como discipulo de tal Mestre. (1)

Vasco da Gama, famoso argonauta, e primeiro descubridor da India Oriental, dotado de um animo grande, e proprio para a empreza, que el-rei D. Manoel fiou d'elle. Com o honroso titulo de Almirante dos mares fez tributario ao rei de Quiloá, destruio a armada de Meca, e do Samori, e assombrou a cidade de Calecut. Com o glorioso emprego de vice-rei fez temer não só os mares, mas tremer a terra de Cambaya; e depois de causar tanta inveja ás estrangeiras nações, e não exercitar mais que tres mezes o vice-reinado, permittiu Deus, que a terra do Oriente, que elle descubrira, fosse o seu occidente no proprio dia, em que Christo teve o oriente no mundo. Jaz na Vidigueira no convento carmelitano. (2)

Viriato. Em Portugal houve dois Viriatos: um era Regulo, que passou com Annibal a Italia acompanhado de seus vassallos, como refere Silio Italico liv. 3, o outro foi mais conhecido, e destro na lança, que no cajado, como diz Camões, e segundo affirma Justino liv. ult, não produziu Hespanha outro varão mais valeroso em muitos seculos do que Viriato. Elle foi o terror de Roma, e a destruição dos romanos, a quem venceo por muitas vezes, e de todo lhes daria fim, se elles com vergonhosa manha o não matassem pelos annos 137 antes de Christo. (3)

Se a concisão do nosso estylo soffrera memorias mais dilatadas, de outros muitos varões portuguezes insignes em armas a poderamos fazer, de cujos lances gentis, e bizarros estão cheias nossas Historias, e ainda as estranhas: mas que muito, se geralmente os portuguezes são animados do espirito de Marte, e sempre haveria que dizer, se neste predicado quizessemos dizer tudo:

Porque de feitos taes, por mais que diga,
Sempre me ha de ficar muito que dizer.

(1) Barr. Decad. 1. liv. 8. c 3. e Decad. 2. liv. 2. cap. 1. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 40. (2) Barr. Decad. 3. liv. 9. c. 2. Faria tom. 1. da Asia. Agiol. Lusit. tom. 3. p 406. (3) Apian. Alexand. liv. 3. Affirma João de Barros na Descripção do Minho cap. 3. que vira em Bellas pouco distante de Lisboa, e na quinta, que fora de Pedro Machado, a sepultura do famoso Viriato com as letras já estropeadas, mas que bem davão a lerse. «Hic jacet Viriatus Lusitanorum dux;» e que dentro da sepultura se achara tambem uma espada, que ainda se lhe divisavão letras gravadas nella. Devia ser rustico o descubridor, que de tudo fez pouco caso, pois tudo se perdeo, e só permanece esta pequena memoria.

Por isso concluimos com a sentença do grande Macedo *in Propugnac. Gallico-Lusitan. part.* 1. *cap.* 6. o qual fallando dos portuguezes, diz: *Lusitani (absit verbo invidia) mistum quiddam, et temperatum ex diversis virtutibus ingenium, universas prope omnes militares virtutes reddit. Ardent, fulgurant, cum invadunt; fulminant, cum feriunt; nec aut terrentur multitudine, aut copias obruuntur: ardorem constantia, alacritatem vi, agilitatem fortitudine, virtutem perseverantia temperant, stimulis honoris acti, mortem contemnunt; pudet vinci, et pro gloria dimicant; omnes alias cogitationes in bello, praeter unius gloriae memoriam, abjiciunt. Haec illis pro anima, cum pugnam incunt. Itaque singuli strenuissime, et pro se quisque vira patrat.*

CAPITULO V

Das victorias mais assinaladas, que os portuguezes tem alcançado de varias nações

Neste lugar, como parte mais conveniente, e propria, faremos menção de alguns triunfos das nossas armas de maior fama, e gloria, já que de todos não será factivel tratar em tão estreito ambito, e muito menos sendo os portuguezes aquelles, de quem o veneravel Vieira diz, que «sempre tiveram tanto a guerra por exercicio, como a victoria por costume;» ou, segundo cantou tambem elegantemente o nosso grande poeta, «sempre tiveram os trofeos pendentes da victoria. Nomearemos pois primeiramente os sitios, onde se alcançaram, pela mesma formalidade, que seguimos. (1)

Alcacer do Sal. Depois de ter ganhado esta villa aos mouros o invicto, e santo rei D. Affonso Henriques em dia do glorioso S. João Bautista do anno de 1158, á custa de dois mezes de sitio, em que houveram memoraveis lances de valor, (2) tornaram os barbaros a conquistal-a; e desejando el-rei D. Affonso II dar sobre elles, e restaural-a, o poz em execução com o auxilio de uma armada do Norte, que acaso havia entrado em Lisboa, e constava de cem vasos. Por terra foram vinte mil portuguezes capitaneados pelo bispo D. Soeiro, (3) a quem as letras não embotaram as armas para tamanha empreza. Estando todos combatendo a villa por mar, e terra, sobrevieram em soccorro dos mouros quatro reis, o de Sevilha, o de Badajoz, o de Jaem, e o de Cordova com quinze mil lanças, e oitenta mil infantes, e dez galeras. Tudo desfizeram nossas armas com tão grande ruina dos barbaros, que um valle proximo

(1) Vieira tom. 7. dos Sorm n. 505. Cam. Lusiad. cant. 1, est. 25. Sousa de Macedo nas Flores de Hesp. (2) Monarq. Lusit. liv. 10. c. 39. e liv. 7. c. 5. (3) Camões cant. 8. est. 24. e alli seu grande Commentador, e outros dizem, que o tal Bispo de Lisboa se chamava D. Matheus, porem o insigne Chronista Brandão na Monarquia Lusit. part. 4. liv. 13. c. 20. e liv. 14. c. 8. e D. Rodrigo nos Bispos de Lisboa part. 2. c. 25 mostram que fora D. Soeiro. Por não descontentar as duas opiniões fez bem o Reverendo Padre Luiz Cardoso em repartir esta mesma acção pelos dous Bispos; veja-se o tom. 1. do «Diccionario Geografico de Portugal» p. 128. porem sempre é de prefumir que seria equivocação do amanuense.

ficou perpetuamente conservando a memoria da mortandade com o nome de *Valle da Matança*, e o resto d'elles para sempre ficarão amedrontados. Succedeo isto em dia de S. Lucas Evangelista a 18 de Outubro de 1217. (1)

Aljubarrota. Pela morte del-rei D. Fernando ficou este reino sem legitimo successor, e logo el-rei D. João I de Castella fez tenção de o dominar. Embaraçou-lhe os projectos o Mestre de Aviz D. João, acclamado rei de Portugal nas cortes, que se celebraram em Coimbra a 6 de Abril de 1385. Ateimou el-rei de Castella na sua injusta pertenção com grande fadiga, e entrando por Portugal, tomou sem resistencia algumas praças; porem o forte libertador da patria D. João I unido com o valeroso Condestavel Nuno Alvares Pereira, para disputarem ultimamente á ponta da espada o pertendido direito, entraram com el-rei de Castella em batalha no sitio entre as villas de Aljubarrota, e Alcobaça. Constava o exercito inimigo de trinta mil homens, e dezaseis peças de campanha, primeiros instrumentos bellicos d'aquelle genero, que viram os portuguezes; nossas tropas consistiam unicamente em seis mil e quinhentos homens. Travou-se com furor de parte a parte a peleja, e como Nuno Alvares ia na frente do exercito, e era valentissimo heroe, foi o author da primeira ruina no campo contrario, e assim dentro de tres horas de conflicto se viram nossas armas victoriosas do formidavel poder de Castella aos 14 de Agosto de 1385, vespera da Assumpção de Nossa Senhora. Morreram dos inimigos dez mil pessoas, e dos nossos sómente cento e cincoenta. Foi o despojo immenso, e precioso, e entre varias cousas se achou uma famosa reliquia de um grande pedaço do santo lenho, e o rico sceptro do mesmo rei castelhano, que tudo se conservava no convento do Carmo de Lisboa, que por voto, e gratificação do vencimento edificou, e dedicou a Maria Santissima o insigne Condestavel, assim como el-rei D. João I levantava junto ao lugar da victoria outra primorosa fabrica para convento de S. Domingos, que chamou de Nossa Senhora da Batalha, em memoria d'esta, a qual obra compete, ainda estando por acabar, com qualquer outra illustremente acabada. (2)

Ameixial. No districto d'esta freguezia, que fica no termo de Estremoz na provincia do Alemtejo, conseguiram nossas armas a 8 de Junho de 1663 uma famosa victoria das tropas castelhanas. Tinham estas, que governava o principe, e capitão general D. João de Austria, rendido a cidade de Evora no mez de Maio antecedente; e porque não ficasse desvanecida a vaidade castelhana, sahio o nosso exercito á campanha,

(1) Brito liv. 4. c. 33. Mariz Dial. 2. c. 11. e outros assinão o anno desta victoria no que acima escrevemos de 1217, só o P. Fonseca na Evor. glor. n. 82. o sinala no de 1219.
(2) Tratam desta victoria Fern. Lopes na Chronic. d'el-rei D. João I. part. 2. c. 37. Camões Lusiad. cant. 4. Franc. Rodrig. Lobo no Poema do Condestavel cant. 14. Faria na Europ. Portug. tom. 2. c. 4. n. 83. Mariz Dial. 4. c. 1. Monarq. Lusit. part. 8. fol. 760. Ilhescas Histor. Pontif. part 2. liv. 6. c. 19. Marian liv. 10. c. 13. Sá, Memor. Histor. part. 1. liv. 2. c. 1. Pereira. Chron. do Carm. tom. 1. part. 3, c, 3, §, 5, e outros muitos que estes allegam.

de que era general o conde de Villa-Flor D. Sancho Manuel, para lhe atalhar, e rebater todos os seus designios, e atrevimentos. Passou o rio Degebe, e querendo os esquadrões castelhanos tambem intentar o mesmo, encontraram tal resistencia na passagem da ribeira, que experimentando o conhecido damno do nosso ferro, resfriaram na porfia, achando a perda de oitocentos homens que lhe causou este choque, com outros tantos feridos. Desanimado d'esta, e de outras escaramuças, se retirou D. João de Austria com a maior parte do exercito, que ainda destroçado excedia o nosso, para a eminencia de uma montanha asperissima. Avançou trepando a nossa infanteria, e vencendo aquella difficuldade com ardor impaciente, atacou o inimigo de sorte, que este obrando até os ultimos alentos do esforço, chegou a estancar-se de maneira, que obrigado do impulso vigoroso do nosso braço, voltou costas, e nos deixou nas mãos as palmas de uma completa victoria, que lhe custou mais de quatro mil mortos, ainda mais de seis mil prisioneiros, entre os quaes entraram muitas pessoas de qualidade. Tomaram-se oito peças de artilheria, um morteiro, muita quantidade de armas, quatro centos cavallos, mais de dois mil carros carregados de precioso fato, e juntamente a copa, e baixellas de D. João de Austria, e toda a sua secretaria. Para memoria d'esta victoriosa batalha se mandou levantar na estrada, que vai para a villa do Cano junto do oiteiro dos Ataques um grande padrão, ou columna triunfal de marmore, onde se lê esta inscripção: «No anno de 663 em 8 de Junho, reinando em Castella D. Filippe IV vindo D. João de Austria seu filho capitão general do exercito d'aquelle reino retirando-se com elle da cidade de Evora, se formou n'este sitio á vista do exercito de Portugal, que o seguia, de que era governador das armas D. Sancho Manuel, conde de Villa-Flor, o accommetteu, dando-lhe batalha, e destruindo ao exercito de Castella, em que vinha toda a nobreza d'ella, ganhando-lhe a artilheria, que trazia, e grande quantidade de carruagens, que o acompanhavam, e para memoria de tão glorioso successo mandou el-rei D. Affonso VI pôr aqui este padrão, que é o lugar, em que se deu, e venceu a batalha. (1)

Arcos de Valdevez. Foi tambem memoravel a batalha, que o infante D. Affonso Henriques deu no anno de 1128 a el-rei D. Affonso VII de Castella n'este sitio, que fica na provincia do Minho entre a villa dos Arcos, e a freguezia de Santo André de Guilhadezes. Nossos esquadrões executaram taes primores de valor, que reduziram aquella animosa nação a miseravel estrago, do qual foram testemunhas por muitos annos os montes de ossos, que se viam n'aquellas campinas, por cujo motivo lhe chamaram a *Veiga da Matança*, e ainda hoje descobrem os arados Pedaços de armas, e esporas. Aqui se apanhou aquella famosa reliquia

(1) Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. p. 340 Fonseca, Evor. glorios. n. 321. Cardos. Diccion. Geogr. tom. 1. p. 440.

do Santo Lenho, que existe na freguezia de Santa Maria de Grade, e da qual nos lembramos na terceira parte d'este Mappa. (1)

Atoleiros. Fica este sitio na provincia do Alemtejo, e no termo da villa da Fronteira, meia legua distante d'ella, e alli alcançaram nossas armas outra victoria de Castella em uma quarta feira de trevas do anno de 1384. Governava nosso exercito, que constava de mil infantes, cem besteiros, e trezentas lanças, o valerosissimo Nuno Alvares Pereira, e o de Castella regia o almirante Fernão Sanches de Tovar com um numero grandemente excessivo de armas, e pessoas da primeira qualidade. Ficaram as tropas do inimigo desbaratadas, e as de Portugal com a a gloria do vencimento sem perda alguma. (2)

Campo de Ourique. Possuida, e habitada dos mouros a provincia do Alemtejo, e dezejoso nosso preclaro principe D. Affonso Henriques não só de dilatar a estreiteza de Portugal, mas de augmentar n'elle o culto á Catholica religião, se deliberou passar o Tejo, e invadir os barbaros. Não se interpoz muito tempo que o não executasse, obrando varias hostilidades por alguns lugares d'aquella provincia, até que chegando ao Campo de Ourique, ultimo limite d'ella, onde tendo já noticia d'aquelle estrago Ismael imperador de toda a mourisca dividida em differentes reis, determinou embaraçar a arrogancia portugueza. Para isso fez engrossar as suas tropas com o auxilio de outros quatro reis, com que ajuntou um corpo de exercito summamente horrivel, e numeroso. (3) Constava o nosso de doze mil soldados unicamente, e segundo a tradição, havia cem mouros para cada portuguez. Obrigou a estes a multidão quasi a vacillar na empreza; mas como a fé, e valor de Affonso era invencivel, e constante, animado tambem com o apparecimento de Christo Senhor nosso, que lhe assegurou a victoria, (4) no dia 25 de Julho de 1139, dispoz a batalha, e influiu generosa colera nos corações da sua gente. Logo ao primeiro sinal das trombetas destinado para o combate investiram nossos esquadrões com tão heroico esforço, e valor, que disbaratando furiosamente aos infieis Sarracenos, sahimos d'elles gloriosamente vencedores, e o santo rei D. Affonso fez gravar no estandarte das armas portuguezas gloriosos sinaes, e insignias de tamanho triunfo. (5)

Dio. Esta praça, que fica no reino de Cambaya, e a lingua do mar, estando nas mãos dos portuguezes foi sitiada duas vezes pelos inimigos: a primeira no anno de 1538 sendo governador Nuno da Cunha: a se-

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. c. 16. Cam. cant. 4. est. 16. das Lusiad. (2) Monarq. part. 8. pag. 541. Corogr. Portug. tom. 2. pag. 619. Pereira, Chronic. do Carm. tom. 1. pag 299. Franc. Rodrig. no Condest. (3) André de Resende no liv. 4. «De Antiquitatibus Lusitan.» diz que o numero do exercito barbaro excedia a quatrocentos mil combatentes: «Tantas congregavit copias, ut millia quadraginta exercitus superaret.» Parece muito, supposto que assim o referimos na 2. part. do nosso Mappa c. 6. n. 16. por authoridade do mesmo Resende; pois não se faz crivel, que quatrocentos mil homens coubessem no Campo de Ourique. (4) Deste apparecimento já escrevemos o que basta para credito, quando resummimos as gloriosas acções deste Santo, primeiro Monarca Portuguez.

(5) Da formatura destas Armas, ou Escudo cantou Camões cant. 3. das Lusiad. est. 53. e 54. e alli diffusamente seu commentador Manoel de Faria, e Brand. na Monarq. Lusit. part.

gunda no anno de 1554, sendo governador o famoso D. João de Castro. N'estes dois sitios obraram os portuguezes taes cousas em armas, que sendo verdadeiras, parecem incriveis; e por isso disse bem nosso grande poeta, (1) que o proprio Marte lhes teve inveja.

Guararapes. Na raiz de um d'estes asperos montes, que ficam tres leguas distantes do Arrecife de Pernambuco para o Sul, ganharam nossas armas ás hollandezas duas bem disputadas victorias. A primeira a 19 de Abril de 1648, sendo Mestre de Campo general Francisco Barreto de Menezes, e constava o nosso exercito de dois mil e quinhentos soldados, e o do inimigo de sete mil e quatrocentos, e seis peças de artilheria, governadas por Sigismundo Vanscoph, o qual depois de valerosa resistencia se vio obrigado a fugir, deixando no campo mil e duzentos mortos, muitos prizioneiros, e um rico, e numeroso despojo, que mais parecia de cidade pacifica, do que de exercito guerreiro. Da nossa parte morreram oitenta e quatro, e ficaram feridos quatrocentos. A segunda victoria succedeu a 19 de Fevereiro do anno seguinte de 1649, com grande perda do inimigo não só da gente, mas de reputação, ficando nossas armas com duplicados creditos de honra, e valor. (2)

Linhas de Elvas. Esta victoria assim chamada pelas grandes linhas de circumvalação, com que as tropas castelhanas tinham cercado Elvas, praça consideravel do Alemtejo, foi alcançada aos 14 de Janeiro de 1659 pelo conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, que então governava as armas d'aquella provincia. Ficou memoravel esta famosa victoria não só pelo grande estrago, que recebeu o exercito contrario, que passaram de dez mil entre mortos, e prisioneiros, mas por nos deixar D. Luiz de Haro, mestre de campo general castelhano, o despojo de todo o seu campo, que constava de desasete peças, tres morteiros, cinco petardos, quinze mil armas, e grande numero de bandeiras. (3)

Montes-Claros. Foi esta batalha a ultima de seis que os portuguezes ganharam aos castelhanos depois da feliz acclamação d'el-rei D. João IV. Havia o marquez de Caracena, a quem a grande experiencia, e scien-

3. liv. 10. c. 7. Passando El-rei D. Sebastião ao Alemtejo no anno de 1573, e vendo, que naquelle campo não havia memoria, que declarasse tão gloriosa facção, mandou fabricar um Templo, e erigir um arco triunfal com a inscripção seguinte, que compoz o mestre André de Resende: «Hoc contra Ismarium, quatutorque alios Saracenorum Reges, innumeramque bar barorum multitudinem pugnaturus felix Alphonsus Henricus ab exercitu primus Lusit. rex adpellatus est, et A Christo, qui ei crucifixus adparuit ad fortiter agendum commonitus, copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Cobris, ac Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. ingentis, ac stupendae rei, ne in loco, ubi gesta est, per infrequentiam obsolesceret, Sebastianus I. Lusit. rex, bellicae virtutis admirator, et maiorum suorum gloriae propagator erecto titulo memoriam renovavit. (1) Cam. cant. 2. est. 59.

Vereis a inexpugnavel Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Alli se mostrará seu preço, o sorte
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
De peito Lusitano fero, e horrendo.

(2) Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusit. part. 1.liv. 9. n. 25. e 76. Barb. Fastos da Lusit. tom. 1. p. 597. Anno Histor. tom. 1. (3) Menez. Portug. restaur. tom. 1. p. 206 Fonsec. Evor. gloriosa n. 309. e outros apud Barbos. Fastos da Lusit. tom. 1. Lope Fernandes de Barbuda compoz um Poemp desta batalha intitulado «Palma Lusitana.»

cia militar tinha dado o cognome de *Marte de Hespanha*, entrado em Villa-Viçosa, e atacado fortemente a cidadella da Praça; preparou-se para a soccorrer o marquez de Marialva, e sahindo de Estremoz a 17 de Junho de 1665 com um exercito de quinze mil infantes, cinco mil e quinhentos cavallos, e vinte peças de artilheria, foi investido no sitio de Montes-Claros pelo Caracena com brioso valor, de sorte que chegou a ferir a vanguarda das nossas segundas linhas; porém roforçadas dos nossos batalhões, carregaram tão vigorosamente o inimigo, que este vendo irremediavel o perigo, em que o tinhamos mettido, nos cedeu a campanha com a perda de quatro mil mortos, e seis mil prisioneiros, escapando os mais na ligeireza dos cavallos, sendo o marquez de Caracena o primeiro, que quiz assegurar a pessoa, retirando-se apressadamente para Jurumenha, e deixando no campo toda a sua bagagem. (1)

Montijo. A 25 de Maio de 1644, dia da festividade do Corpo de Deus, governando as armas da provincia do Alemtejo Mathias de Albuquerque, teve o nosso exercito uma famosa batalha com os castelhanos no sitio meia legua distante de Montijo, meia legua para cá do Guadiana. Constava o exercito contrario de dois mil e seiscentos cavallos, e seis mil infantes, governados pelo barão de Molinguem, general de cavallaria: o nosso exercito era muito inferior no numero. Avançaram os batalhões de Molinguem com tão grande valor, que rompendo os nossos tivemos arriscado o triunfo; porém Mathias de Albuquerque animando a nossa gente, lhe infundiu taes espiritos, que investindo com ferocidade o inimigo, lhe matou grande numero de soldados, e recuperou a artilheria, que nos tinha tomado. Conceberam tamanho terror as tropas castelhanas, que voltaram costas para livrarem a vida, e se recolheram a Talavera, deixando-nos no campo todo o trem de artilheria, e bagagem com mil e setecentos soldados mortos. (2)

Salado. Ficou memoravel este rio, que fica entre Sevilha, e Granada, pela famosa batalha, que as armas portuguezas ganharam aos mouros. Tinham estes passado a Hespanha, e posto em rigoroso cerco a praça de Tarifa: sobresaltou-se el-rei D. Affonso XI de Castella, porque o poder barbaro era innumeravel: de quatro centos mil infantes, setenta mil cavallos, e doze mil lanças contam as Historias, que se compunha o formidavel exercito de Ali-Boacem, ao qual se uniu el-rei de Granada com cincoenta mil combatentes. N'esta oppressão pediu soccorro Castella ao nosso rei D. Affonso IV, que em pessoa com o maior numero de gente, que pôde recrutar, passou a auxiliar empreza tão importante. Determinou-se o dia da batalha, que uns dizem fôra a 28, outros a 29, outros a 30 de Outubro de 1340, e mandando arvorar a preciosa reli-

(1) Menez. Portug. restaur. tom. 1. Fonseca, Evor. glorios. n. 325. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 4. Ann. Histor. a 17. de junho. (2) Menez Portug. restaur. tom. 1. p. 462. João Salgad. de Araujo nos Success. milit. liv. 4. c. 23. Fonsec. Evor. glorios. n. 299.

quia do Santo Lenho, que tirara do Marmelar, em que se invocassem aquellas palavras do Psalm. 67 *Exurgat Deus, etc dissipentur inimici ejus*, investiu contra os esquadrões africanos com tanto furor, e constancia, que não podendo elles atalhar os nossos golpes, deram costas, e fugiram precipitadamente. Dizem que morreram dos mouros duzentos e cincoenta mil, e dos christãos sómente vinte. Sem duvida foi esta victoria das mais famosas, para a qual concorreu quasi visivelmehte o braço de Deus por ministerio dos seus Anjos, que se viram militar da nossa parte. O despojo d'esta batalha foi riquissimo, e opulento, e d'elle se não quiz aproveitar el-rei D. Affonso IV mais que de algumas bandeiras, que mandou collocar na cathedral de Lisboa, e do infante Abohamo, que elle por sua mão cativara, e depois mandou gratuitamente a seu pai Abohali, rei de Sejulmença. (1)

Santarem. No anno de 1184 a 10 de Julho estando de presidio n'esta villa o infante D. Sancho, a atacou Miramolim rei mouro, que trazia por alliados os exercitos de treze reis seus vassallos, e formavam todos um corpo de gente innumeravel. Resistiram valerosamente os sitiados ao poder mourisco, e este vendo que o famoso rei D. Affonso Henriques chegava a soccorrer a praça, ficou atemorizado, e muito mais, quando vio sahir da villa a D. Sancho, que unindo-se aos esquadrões do pai, investiam ambos destemidamente contra os expugnadores peito a peito, de sorte que desbaratando os portuguezes aquelle monstruoso exercito africano, alcançaram uma illustrissima victoria, e das mais famosas, como quer o chronista Brandão. (2)

Tabocas. Neste monte, que dista nove leguas do Arrecife de Pernambuco, e que a natureza cingio de um espesso canaveal bravio, e grosso, se ganhou a primeira batalha aos hollandezes. Infestavam elles aquella provincia com grande damno dos portuguezes, os quaes animados do grande valor, e constancia de João Fernandes Vieira, ainda que com forças mui inferiores ás d'aquella nação tão poderosa, os rechaçaram, e destruiram neste sitio aos 3 de Agosto de 1645. (3)

Trancoso. Sitiada esta villa no anno de 1155 por Albucazan rei mouro de Badajoz, e ganhada por elles, a tornou el-rei D. Affonso Henriques a recuperar com grande valor; porem a victoria mais famosa que aqui houve, foi no anno de 1385 em dia de S. Marcos, governando o Mestre de Avis. Pelejavam portuguezes contra castelhanos, e supposto era o numero das suas tropas mui superior ao nosso, os vencemos gloriosamente. Aqui se vio pelejar da nossa parte o bemaventurado Evangelista S. Marcos com lança, e adarga sobre um cavallo branco, fazendo voltar costas ao inimigo. Para memoria de tão assinalado favor permit-

(1) Ruy de Pina na Vida del-rei D. Affonso IV Monarq. Lusit. liv. 9. c. 11. e liv. 29. c. 30. Mariz Dial. 3. c. 4. Toscan. Parallel e 16. Fonsec. Evor. glorios. n. 101 Ann. histor. a 28. de Outubro. (2) Monarq. Lusit. liv. 11. c. 36. (3) Castriot Lusit. part. 1. liv. 6 n. 28.

tiu aquelle illustre, e santo general, que as ferraduras do brioso ginete, em que vinha, ficassem impressas em uma lage até o dia de hoje, que se mostram no dia do santo em uma igreja, que se edificou em veneração ao seu glorioso nome. (1)

Valverde. Neste campo, que fica duas leguas distante da cidade de Merida, conseguiu o insigne portuguez Nuno Alvares Pereira uma memoravel victoria dos castellhanos. Combatiam elles fortificados com um exercito de trinta e tres mil homens, a quem governava D. Pedro Moniz, Mestre de Santiago, e D. Gonçalo Nunes de Gusmão, Mestre de Calatrava. Reconheceu Nuno Alvares o perigo, e se occultou entre os penhascos, onde o foram achar posto em oração. Expressaram-lhe o aperto, e o quanto estavam promptos os esquadrões para o combate, e elle responden com pausa, que *ainda não era tempo.* Acabada porem a oração, tornou á batalha, mandou avançar, e brevemente venceu toda a maquina do inimigo, e acabou neste triunfo de jarretar todas as esperanças de Castella. (2) O certo é, que nos heroes portuguezes houve muitas d'aquellas acções dos famosos gregos, e romanos, que pararam em fama gloriosa depois de commettidas, parecendo temerarias, quando se commetteram.

Varzea. Villa celebre em Pernambuco, na qual ficaram os portuguezes victoriosos em 17 de Agosto de 1645 das armas hollandezas. Haviam-se estas apoderado violentamente d'aquella rica povoação, e fazendo-se fortes em um dos seus chamados engenhos, pertendiam zombar do nosso exercito, que governava João Fernandes Vieira, e alli atacara os contrarios com força. Viram-se opprimidos os hollandezes, e quasi sem valor já para a defeza: occorreu-lhes, e bem, abrandar nosso furor sem bala, nem polvora, e foi mandar pôr pelas janellas d'aquella fabrica as matronas pernambucanas, que lá retinham prizioneiras, as quaes, como se foram outras tantas cabeças de Medusa, fizeram converter em piedade toda a nossa oppugnação. Logo João Fernandes Vieira com espirito de verdadeiro valor lhes mandou offerecer alguns partidos para se renderem pacificamente, que interpretados pelos hereges a effeitos de fraqueza nos responderam com uma surriada de bala miuda. Aqui se accendeo vigorosamente no coração dos Portuguezes a ira de Marte: avançaram sem mais demora, e com tal efficacia, que os inimigos em breves minutos se viram desbaratados, e cativos, rendendo mais de oitocentos as vidas aos fios das nossas espadas. Seguio-se a esta victoria uma pomposa, e magnifica procissão triunfal. Precediam os soldados vencedores com as bandeiras despregadas, caminhando a passo lento ao toque das caixas, pifanos, trombetas, e clarins, que fazendo bello pros-

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. c. 21. e liv. 10. cap. 42 Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p 706. Ann. Hist. a 25. de Abril. (2) Fern. Lop. Chron. d'el-rei D. João 1. part. 2. c. 57. Cam. nas Lusiad. cant. 8. est. 30, e 31. Rodrig. Lobo no Condestav. cant. 16. Toscan Parallel de var. illustr. c. 12. Pereira, Chron. do Carm. tom. 1. part. 3. c. 4. § 1. Ann. Hist. a 3 de Outubro.

pecto aos olhos, e harmonia aos ouvidos, enchiam de alegria os corações. Seguiam-se em grande numero de carros os ricos despojos, e entre estes aquellas nossas nobres matronas conduzidas em palanquins, e serpentinas, que são as carroças d'aquelle priz, até serem restituidas a suas proprias habitações. Depois disto a multidão dos cativos Hollandezes em fileiras maniatados, e entre elles despojados das insignias militares os seus cabos principaes Henrique Hus, e João Blar. Rematava-se este formoso, e solemne triunfo com um esquadrão de tropas Portuguezas, que de espaço a espaço com os trovões das descargas hiam augmentando estrondosamente os apdlausos, e repetindo os vivas d'aquella insigne victoria. (1)

(1) Fr. Rafael de Jesus no Castriot. Lusit. e no Ann. Histor. tom. 2. p. 535.

INDICE

DOS CAPITULOS D'ESTE SEGUNDO TOMO

PARTE III

Pag.

Capitulo i Do estabelecimento, e progressos na religião catholica em Portugal 1

Cap. ii Das ordens militares, que existem em Portugal, e de outras tambem equestres, que se extinguiram 11

Cap. iii De todas as ordens religiosas, e mais congregações, que ha neste reino, com a expressão dos conventos, mosteiros, e hospicios, que tem cada uma, e annos das suas fundações, 30. E tambem de outras religiões, que já não existem em Portugal . . 77

Cap. iv Dos pontifices, e cardeaes portuguezes 82

Cap. v Dos varões mais memoraveis em santidade, e virtude, que tem produzido o reino de Portugal em todas as suas provincias 84

Cap. vi Das reliquias sagradas mais notaveis, que se veneram em alguns santuarios d'este reino 110

Cap. vii Das imagens milagrosas 136

PARTE IV

Capitulo i Da origem, e progressos das letras, e Universidades neste reino 159

Cap. ii De alguns famosos escriptores portuguezes, que floreceram em varios generos de litteratura 163

Cap. iii Do militar d'este reino, com os presidios, e forças de mar e terra 223

Cap. iv Do valor militar, e memoria de alguns portuguezes mais insignes nas armas 241

Cap. v Das victorias mais assinaladas que os portuguezes tem alcançado de varias nações 270

INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS D'ESTE SEGUNDO TOMO

Adail, o que era na milicia antiga pag. 225.

Agostinhos calçados. Quem instituiu a sua Ordem religiosa, e quando entrou n'este reino, 30.

De quantos mosteiros, e conventos consta, 32.

—Descalços. Quem introduziu a sua reforma. 32.

De quantos Conventos, Hospicios, e Mosteiros consta, 33.

Almocadem o que era, 225.

Antifona Stella Coeli etc. como teve sua origem, e a introducção de cantar-se nos Coros. 255.

Arcebispado de Braga sua primazia, 5. O de Lisboa, e Evora quando começaram, 7, idem.

Armadas notaveis de Portugal, 240.

Arrabidos. Quem erigiu esta observante provincia, 34. De quantos Conventos, e Hospicios consta, 34.

Arriana seita, em que tempo entrou no reino, 13.

Artilharia, quando se começou a usar, e quem foi o primeiro que entre nós a usou, 224.

Aviz. Vid. Ordem Militar.

Ala. Ordem Militar quem a eregiu. 28.

Batalhas mais notaveis que os Portuguezes tem vencido, 270.

Bentos. Quem introduziu n'este reino esta Ordem Monacal, Quem 35. a reformou, e de quantos Conventos, e Mosteiros consta, 37.

Bernardos. Quem introduziu em Portugal esta Ordem, 37. De quantos Conventos, e Mosteiros consta, 39.

Brigidas. Como se introduziu esta Ordem em Portugal, e de quantos Mosteiros consta, 40.

Brunos. Quem introduziu esta religião em Portugal, 40. De quantos conventos consta, 42.

Braga. Foi a primeira terra de Hespanha allumiada com as luzes do Evangelho, 4. É a primeira Metropoli de Hespanha, 3. Aqui celebrou o arcebispo Pancracio o primeiro concilio nacional, 6. Sempre os seus arcebispos usaram do titulo de Primazes de Hespanha, 7. Quantos prelados tem tido até o presente, 7. Porque foi chamada pelo romanos *Nimis lucida*, 264.

Cadeira de controversia, quem a instituiu em Coimbra, 8.

Capitulos geraes, que a Ordem Militar, de Christo tem celebrado, 19.

Capuchos. Quando foi erecta esta reforma, e em Custodia separada, 42. De quantos Conventos consta, 43.

—Francezes, e Italianos, 43.

Cardeaes portuguezes que tem havido, 83.

Carmelitas Calçados. Como se introduziu esta religião em Portugal, e de quantos Conventos, e Mosteiros consta, 44.

—Descalços, 45.

—Alemães, 46.

Cavalleiros. Doze portuguezes se combateram com outros tantos em

Inglaterra, e porque motivo, 245.
Claristas. Quando entrou no reino esta Ordem, e de quantos Mosteiros consta, 46.
Coimbra. Sua Universidade quando principiou, 255.
Commendadores móres de Aviz, 13.
Conceição de Maria Santissima. São os portuguezes mui devotos d'este mysterio, 9.
Concilio nacional de Braga, 5, Eliberitano, 7.
Condestavel, Dignidade militar, 225.
Conegos regrantes de Santo Agostinho. Quem lhes deu formalidade em Portugal, 48. E os reformou ultimamente, 49. Os seculares de S. João Evangelista, 50. Os de S. Antão, que existiram em Portugal, quantos conventos tinham, 77. E os Premostratenses, e os chamados da Vida commua, 79.
Congregação de Clerigos Agonizantes. Quem introduziu em Portugal este instituto, 52. De quantas casas consta, 53.
—Das Covas de Monfurado, 54. Quantas casas tem, 55.
—Do Senhor Jesus da Boa Morte, 55.
—De Marianos Conceicionistas, 56.
—Da Missão, 57.
—Da Oliveira, 58.
—Do Oratorio, 59.
Controversia. El-rei D. Affonso VI estabeleceu em a Universidade de Coimbra uma Cadeira de Controversia, 8.
Constantino Magno fez a primeira divisão de bispados em Hespanha 3. Sua vinda a Hespanha é duvidosa, 4.
Costaneira. O que era na milicia antiga, 221.
Crato. O seu grande priorado quando começou a ter este titulo, 20. Quantos Grão Priores tem havido até o presente, 21. Sua dignidade, e jurisdição, 23. Seu tribunal, e como se processão as causas n'elle, 25. De quantos Balliados consta, e commendas, 23. Habito de que usa, 24. Mosteiros de religiosos da sua jurisdição, ibid. Villas do seu dominio, ibid.
Crucifixos milagrosos que ha no reino, 226.
Culto divino. É celebrado em Portugal com grande zelo, e devoção. 9.
Desafio que tiveram doze cavalleiros portuguezes em Inglaterra. *Vide* Cavalleiros.
Divisão dos bispados feita pelo imperador Constantino, 4. E por Theodomiro, 5. E por El-rei Wamba, ibid.
Dominicanos. Quando entraram em Portugal, 60. De quantos Conventos, e Mosteiros consta esta Ordem religiosa, 61.
Escritores portuguezes, 163.
Achilles Estaço, Humanista, 178.
Affonso Alvares Guerreiro, jurista, 173.
Fr. Affonso dos Prazeres, mystico, 167.
Affonso de Torres, genealogico, 199.
Affonso Vaz da Costa, musico, 209.
Agostinho Barbosa, canonista, 173.
P. Agostinho Lourenço, filosofo, 177.
D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, genealogico, 190.
Aleixo de Abreu, medico, 213.
Alexandre de Aguiar, musico, 209.

P. Alexandre de Gusmão, mystico, 168.
Alvaro Ferreira de Vera, genealogico, 220.
Alvaro Gomes, theologico, 164.
Alvaro Nunes, medico, 123.
D. fr. Alvaro Paes, theologico, 164
Alvaro Thomaz, filosofo, 177.
Alvaro Valasco, jurista, 173.
B. Amadeu, expositor, 169.
Amaro de Reboredo, grammatico, 179.
Amato Lusitano, medico, 214.
Ambrosio Nunes, medico, ibid.
D. André de Almada, theologico, 164.
André de Avelar, mathematico, 206.
André Antonio de Castro, medico, 214.
André de Escobar, musico, 209.
André Pinto Ramires, expositor, 169
André de Resende, humanista, 179
S. Antonio, expositor, 170.
D. Antonio Alvares da Cunha, genealogico, 200.
Antonio Barbosa Bacelar, poeta, 184
Fr. Antonio Brandão, historiador, 194.
D. Antonio Caetano de Sousa, genealogico, 200.
P. Antonio Carvalho da Costa, mathematico, 206.
Antonio de Castilho, historiador, 194.
P. Antonio Cordeiro, filosofo, 177.
Fr. Antonio das Chagas, mystico, 168.
Antonio da Cruz, cirurgico, 214.
Fr. Antonio de Escobar, historiador fabuloso, 205.
Fr. Antonio do Espirito Santo, theologo, 164.
P. Antonio Fernandes, musico, 209.
Antonio Ferreira, poeta, 184.
Antonio Ferreira, cirurgião, 214.
Antonio Figueira Durão, poeta, 184.
Antonio da Fonseca, medico, 214.
Antonio da Fonseca Soares, poeta, 184.
P. Antonio Franco, grammatico, 179.
Antonio da Gama, jurista, 174.
Antonio Gomes, jurista, ibid.
Antonio Gomes de Oliveira, poeta, 184.
Antonio de Gouvea, jurista, 174.
Antonio Henriques Gomes, poeta, 184.
Pr. Antonio de Jesus, musico, 209.
Antonio Joseph da Silva, poeta comico, 193.
S. Antonio de Lima, genealogico, 200.
Fr. Antonio da Madre de Deus, expositor, 169.
Antonio Mariz Carneiro, mathematico, 206.
Antonio Marques Fagote, musico, 210.
Antonio Marques Lesbio, musico, 210.
Antonio de Naxera, mathemathico, 206.
Antonio Paes Viegas, historiador, 194.
P. Antonio Pimenta, mathematico, 206.
D. Antonio Pinheiro, grammatico, 179.
Antonio Pinheiro, musico, 210.
Antonio Pires da Silva, medico, 214.
Antonio Prestes, comico, 193.
P. Antonio dos Reis, poeta, 184.
Antonio Ribeiro Chiado, comico, 193.
Antonio Rodrigues da Costa, humanista, 179,
Fr. Antonio de Sena, theologo, 164.

D. Antonio Soares Alarcão, genealogico, 200.
Antonio Soares de Albergaria, genealogico, ibid.
Antonio de Sousa de Macedo, historiador, 194, poeta, 184 genealogico, 200.
P. Antonio de Vasconcellos, historiador, 194.
P. Antonio Vieira, orador, expositor, 169.
Antonio de Villas boas, genealogico, 201.
Ayres Barbosa, filologo, 178.
Ayres Pinhel, jurista, 173.
Balthazar de Azevedo, medico, 215.
Balthazar Gonçalves, historiador, fabuloso, 205.
D. fr. Balthazar Limpo, orador, 182.
Fr. Balthazar Paes, expositor, 169. filosofo, 177.
Bartholomeu Filippe, jurista, 173.
V. D. fr. Bartholomeu dos Martyres, theologo, 165 168.
P. Bartholomeu Pereira, poeta, 184.
V. Bartholomeu do Quental, mystico 168.
Bartholomeu Varella, poeta, 184.
P. Bautista Fragoso, theologo, 165.
Belchior Febos, jurista, 174.
P. Bento Fernandes, expositor. 169.
Bento Gil, jurista, 174.
Bento Nunes Pegado, musico, 210.
P. Bento Pereira, theologo, 165. expositor, grammatico, 179.
Bento Pinhel, jurista, 174.
D. Bernarda Ferreira de Lacerda, poeta, 184.
Fr. Bernardo de Brito, historiador, 205. poeta, 184.
Bernardino Ribeiro, poeta, 185.
Fr. Bernardino da Silva, historiador, 184.
Bras Garcia Mascarenhas, poeta, 185
P. Bras Viegas, expositor, 174.
Brudo Lusitano, medico, 215.
Cadaval Gravio, poeta, 185.
D. Caetano de S. Antonio, medico, 185.
D. fr. Christovão de Almeida, orador, 182.
Christovão Falcão, poeta, 185.
P. Christovão Gil, theologo, 165.
Christovão Sardinha, medico, 185.
Cosme Baena Ferreira, musico, 188.
Cosme Delgado, musico, 210.
P. Cosme de Magalhães, expositor, 174.
Curso Conimbricense, filosofo, 177.
Damião de Goes, historiador, 201. genealogico, 201, musico, 210.
P. Diogo de Areda, orador, 182.
Diogo Bernardes, poeta, 185.
Diogo de Brito de Carvalho, jurista, 174.
Diogo de Contreiras, medico, 185.
Diogo do Couto, historiador, 195.
Fr. Diogo Estella, expositor, 174.
Diogo Ferreira de Figueiroa, comico. 193.
Diogo de Gouvea, theologo. 165.
Diogo Guerreiro Camacho, jurista. 174.
Diogo Mendes de Vasconcellos, grammatico, 180.
Diogo Monteiro, mystico, 168.
Diogo Mourão, medico, 185.
P. Diogo de Paiva de Andrade, theologo, 165. orador, 182.
Diogo de Paiva, poeta, 185.
Diogo de Rosales, medico, 215.
P. Diogo do Rosario, historiador, 195.
Diogo da Silva, medico, 215.
Diogo de Sousa, poeta, 185.
Diogo de Teive, humanista, 179. poeta, 185. historiador, 195.

Domingos Antunes Portugal, jurista, 175.
Duarte Caldeira, jurista, ibid.
Duarte Galvão, historiador, 196.
Duarte Lobo, musico, 211.
Duarte Madeira Arraes, medico. 215.
Duarte Nunes de Leão, grammatico, 180. Historiador, 196. Genealogico, 201.
Duarte Ribeiro de Macedo, genealogico, 201.
Fr. Egidio da Apresentação, theologo, 166.
Estevão Cavalleiro, grammatico, 180
Fr. Estevão de Christo, musico, 211
P. Estevão Fagundes, theologo, 166
Estevão Rodrigues de Castro, poeta, 187. Medico, 215.
Fr. Eusebio de Mattos, erudição varia, 249.
Felix Machado da Silva, genealogico, 201.
Fernando Alvares Seco, mathematico. 207.
Fernando Cardoso, medico, 215.
Fernando Lopes, historiador, 196.
Fernando Lopes de Castanheda, historiador, 196.
Fernando de Magalhães, mathematico, 207.
Fernando Mendes Pinto, historiador, 196.
Fernando Soares, grammatico, 180.
Filippe da Cruz, musico, 211.
Fr. Filippe Dias, orador, 183.
Filippe de Magalhães, musico, 211.
Fr. Francisco de S. Agostinho Macedo, humanista, 179. Poeta. 185 Genealogico, 201. Erudição varia, 249.
Fr. Francisco de Araujo, theologo, 166.
Francisco Botelho de Moraes, poeta, 185. Historiador fabuloso, 205.
Francisco Caldas, jurista, 175.
D. Francisco Castelhano, musico, 211.
Francisco da Fonseca Henriques, medico, 215.
Fr. Francisco Foreiro, theologo, 166.
Francisco de França da Costa, poeta, 185.
D. Francisco Manoel de Mello, poeta, 185. Historiador, 196.
Fr. Francisco de Mendonça, expositor, 171.
Francisco Morato, medico, 215.
Francisco de Moraes, historiador fabuloso, 205.
D. Francisco de Portugal, poeta, 188.
Francisco Rodrigues Lobo, poeta, 188.
Francisco de Sá de Miranda, poeta, 188.
Francisco Sanches, medico, 216.
P. Francisco Soares, filosofo, 177.
D. Francisco Xavier de Menezes, poeta, 188.
Gabriel da Fonseca, medico, 216.
Gabriel Pereira de Castro, jurista, 175. Poeta, 188.
Gabriel de Orta, medico, 216.
Gaspar Alvares de Lousada, historiador, 197. Genealogico, 202.
Gaspar Barreiros, historiador, 197. Genealogico, 202. Mathematico, 207.
Gaspar Estaço, historiador, 197. Genealogico, 202.
Gaspar Ferreira Reimão, mathematico, 207.
Gaspar Golçalves, theologo. 166.
Gaspar dos Reis Franco. medico. 216.
Gastão de Fox. theologo. 166.
Gil Vicente. comico. 193.

Gomes Anes de Zurara, historiador, 197.
Gonçalo Vas Pinto, jurista, 175.
P. Gregorio Barreto, filosofo, 177.
Fr. Heitor Pinto, expositor. 171.
D. Heliodoro de Paiva, erudição varia, 249.
D. Henrique, mathematico, 207.
Henrique Cayado, poeta, 188.
Henrique Jorge Henriques, medico, 216.
Jacinto Freire, historiador, 197.
Fr. Jeronymo de Azambuja, expositor, 171.
Jeronymo Bahia, poeta, 189.
Jeronymo Cardoso, grammatico, 180
Jeronymo Corte-Real, poeta, 189.
Jeronymo Nunes Ramires, medico, 216.
D. Fr. Jeronymo Osorio, expositor, 171. Orador, 180. historiador. 197.
Fr. Jeronymo de Sousa, genealogico, 202.
João Alvares Frouvo, musico, 211.
João de Barros, grammatico, 180. historiador, 197.
P. João Bautista, filosofo, 177.
João Bautista Diamante, comico, 193.
João Bautista Lavanha, genealogico, 202. Mathematico, 207.
João Bravo Chamiço, medico, 216.
João Curvo Semedo, medico, 216.
Fr. João Felix, poeta, 189.
Fr. João Fogaça, musico, 211.
João Lourenço Rebello, musico, 211
P. João de Lucena, historiador, 197
João de Mattos Fragoso, comico, 193.
João de Moraes Madureira, grammatico, 181.
João Pinto Ribeiro, genealogico, 202
João das Regras, jurista, 175.
João Rodrigues de Sá de Menezes, genealogico, 202.
João Salgado de Araujo, genealogico, 202.
Fr. João da Silveira, expositor, 171.
Fr. João de S. Thomás, theologo, 166.
D. João de Tharsis, poeta, 189.
D. João IV, musico, 211.
P. Jorge Cardoso, historiador, 197.
Jorge Ferreira de Vasconcellos, comico, 193.
Jorge de Monte-maior, poeta, 189.
Joseph de Faria, genealogico. 202.
Fr. Joseph Teixeira, genealogico. 202.
Fr. Isidoro da Luz, theologo, 166.
Julio de Mello, historiador, .198
Fr. Leão de S. Thomás, historiador, 198.
Lopo Serrão, poeta, 189.
Lourenço Botelho Soto-maior, rethorico, 181.
Fr. Lourenço de Portel, theologo, 166.
Fr. Luiz dos Anjos, historiador, 198.
Fr. Luiz de Beja Perestrello. theologo, 167.
Luiz de Camões. poeta, 189.
Fr. Luiz de Granada, mystico, 270.
D. Luiz Lobo da Silveira, genealogico. 202.
D. Luiz de Menezes. historiador, 198. Fr. Luiz Nogueira, theologo, 167.
Luiz Pereira, poeta, 190.
Luiz Serrão Pimentel, mathematico, 208.
Fr. Luiz de Sousa, historiador, 198.
Fr. Luiz de Souto-maior. expositor, 284.
Luiz Vicente, comico, 194.
Luiz Vieira da Silva, genealogico, 203.

P. Manoel de Abrantes. poeta. 190.
P. Manoel Alvares, grammatico, 181.
Manoel Alvares Pegas, jurista, 176.
Manoel Barbos,a jurista, 176.
P. Manoel Bernardes, mystico, 169.
Manoel Bocarro, poeta, 190. medico, 169.
D. Manoel Caetano de Sousa, historiador, 198.
Fr. Manoel Cardoso, musico, 212.
Manoel de Carvalho de Ataide, genealogico, 203.
P. Manoel Conciencia, ascetico, 169
Manoel Constantino, genealogico, 203.
Manoel Coelho de Sousa, genealogico, 203.
Manoel Correa, musico, 212.
Manoel da Costa, jurista, 176.
Manoel Delgado de Matos, genealogico, 204.
Fr. Manoel Guilherme, mystico, 168.
Manoel de Faria e Sousa, poeta, 190. historiador, 198. genealogico, 204.
Manoel de Galegos, poeta, 190.
Fr. Manoel da Incarnação Pontevel, expositor, 172.
Manoel Mendes, musico, 212.
Manoel Mendes de Barbuda, poeta, 191.
Manoel Mendes de Castro, jurista, 176.
D. Manoel de Menezes, mathematico, 208.
Manoel de S. Joseph, poeta, 191.
Manoel Monteiro, mystico, 168.
Manoel Pimenta, poeta, 191.
Manoel Pimentel, mathematico, 208.
Manoel Pinheiro Arnaut, poeta, 191.
Manoel das Provas, poeta, 191.
Manoel Rebello, musico, 212.
Fr. Manoel Rodrigues, theologo, 167.
P. Manoel de Sa, expositor, 172.
Manoel Severim de Faria, historiador, 199. genealogico, 204.
P. Manoel Soares, musico, 212.
Manoel de Sousa Moreira, genealogico, 204.
Manoel Soeiro, historiador. 199.
Manoel Themudo da Fonseca. jurista, 176.
Manoel Thomás, poeta. 191.
Marçal de Gouvea, poeta, 191.
Martim Cardoso de Azevedo, historiador fabuloso, 205.
D. Maximo de Souso, grammatico, 181.
Miguel de Barros, poeta, 191.
Miguel Botelho de Carvalho, poeta. ibid.
Miguel Cabedo de Vasconcellos, jurista, 176.
Miguel da Silveira, poeta, 191
Paula Vicente, comico, 194.
Paulo Correa, medico, 218.
Paulo Machado Sacoto, poeta 192.
Fr. Paulo de Vasconcellos, mystico, 168.
D. Pedro Affonso, genealogico,204.
Pedro Barbosa, jurista, 176.
Pedro da Costa Perestrelo, poeta, 192.
D. Pedro de Figueiró, expositor, 172.
Pedro de Mariz, historiador, 199.
Pedro Nunes, mathematico, 208.
Pedro de Peramato, medico, 216.
Pedro Salgado, comico, 212.
Pedro Tharesio, musico, 212.
Peixoto da Pena, musico, ibid.
D.Rodrigo da Cunha,historiador,199
Rodrigo da Fonseca, medico, 218.
Rodrigo Mendes da Silva, genealogico, 204.
Ruy Lopes da Veiga. jurista, 176.
Ruy de Pina, historiador, 199.

P. Sebastião de Abreu, theologo, 167.
P. Sebastião Barradas, expositor, 172.
P. Sebastião do Couto, filosofo, 178.
Simão Machado, comico, 194.
Simão Torresão, poeta, 192.
Fr. Timotheo de Ceabra, orador, 183.
Thomás Pinto Brandão, poeta, 192.
Thomás Rodrigues da Veiga, medico, 218.
D. Fr. Thomé de Faria, poeta, 192.
V. Fr. Thomé de Iesus, mystico, 169.
Thomé Tavares, poeta, 192.
Vasco de Lobeira, historiador fabuloso, 206.
Vasco Mousinho de Quevedo, poeta, 192.
P. Vicente da Resurreição, theologo, 167.
Sor Violante do Ceo, poeta, 192.
Xisto Tavares, genealogico, 205.
Zacuto Lusitano, medico, 218.

Esmoler mór d'el-rei, andava annexa esta dignidade ao D. abbade de Alcobaça, 39.

Expositores da sagrada Escritura, 169.

Evora. Sua metropole quando foi erecta, 7.

Exercito. Do que constava antigamente, 224.

Filosofos insignes portuguezes, 177.

Forças navaes de Portugal, 240.

Fortalezas, e fortes da Estremadura, 227. Do Alemtejo, 232. Da Beira, 235. Do Minho, 237. De Tras os montes, 238. Do Algarve, 239.

Franciscanos quando entraram em Portugal, 62. De quantos conventos e mosteiros consta, 63.

D. Fuas Roupinho. Milagre que lhe fez a Senhora da Nazareth, 149.

Genealogicos portuguezes, 199.

Grammaticos insignes, 178.

Historiadores portuguezes, 194.

Hospitalarios de S. João de Deus, quem instituiu esta Ordem, e como se propagou em Portugal, 64. De quantos conventos, e hospitaes consta, 66.

Hoste, antigamente era o mesmo que exercito, 224.

Idolatria, introduziu-se em Portugal com a entrada dos gregos, 1.

Jesuitas. Quando entraram n'este reino, 78. As causas que houve para os expulsarem d'elle 79. Quantos collegios, e residencias possuiam, 79

Jeronymos. Quando se renovou em Portugal esta Ordem religiosa, 66. De quantos conventos, e mosteiros consta, 67.

Igrejas de Lisboa. São as mais bem ornadas, 10.

Imagens de varios Santos que ha no reino, pelas quaes obra Deus muitos prodigios, 152. et seq.—De Jesu Christo prodigiosas, 136. De Maria Santissima, 144.

João Gonçalves Zarco, foi o primeiro que entre os portuguezes usou da polvora, e artilheria, 225.

Irmandade. Quem instituiu a da misericordia de Lisboa, 75.

Ithacio, bispo do Algarve, mui zeloso contra os priscilianistas, 7.

S. Julião do Pereiro. Ordem equestre, 47.

Jurisperitos portuguezes, 173.

Lausperenne. Quem o introduziu, e renovon na igreja dos religiosos de Alcobaça, 64.

Letras. Seu principio, decadencia, e augmento que tem tido em Portugal, 159.

Lisboa. Sua dignidade archiepiscopal, e patriarchal quando começou, 7 bispados suffraganeos, 7. Sua fortificação, 230.

Liturgia que se usava em Portugal no tempo dos mouros, 9

Lorvão. O mosteiro Benedictino se conservou aqui intacto em tempo dos Arabes, ibid.

Lusitanos primitivos não dedicaram templos ás falsas Divindades, 1. Foram os primeiros que abraçaram a fé de Christo em toda a Hespanha, 3.

Madre Silva. Ordem militar assim chamada que houve no reino, 48.

Manuscritos de estimação, que como reliquias se guardavam no cartorio da Serenissima casa de Bragança, 126.

Mappa de todas as Ordens religiosas, 81. De todos os pontifices e cardeaes portuguezes, 82.

Marechal o que é na milicia, 225.

Maria Santissima. Quanto são devotos d'ella os portuguezes, 16. Suas milagrosas imagens que ha no reino, 144. et seq.

Mathematicos portuguezes, 206.

Medicos insignes, 213.

Mercenarios. Quando vieram a Portugal, 80.

Mestres das Ordens militares de Aviz, 20. De Christo, 29. De Malta portuguezes, 33. De Santiago, 43.

Minimos de S. Francisco de Paula quando se introduziram n'este reino, 67.

Misericordia (Irmandade da) seu principio, 75.

Musicos portuguezes, 209.

Muzarabe officio qual era, 9.

Namorados. Ordem militar assim chamada, 48.

Oradores insignes, sacros, e profanos, 182.

Ordenanças militares, 241.

Ordens militares que ha no reino, 11.

—A de Aviz quando teve principio, e por quem foi instituida, 11. El-rei D. João I. a isentou de Castella, 20. Quantos mestres teve, 22. Quando se annexou o seu mestrado á coroa, 24. Numero dos seus commendadores móres, 25. Privilegios dos D. priores do convento, 25. Quantos capitulos tem celebrado, 26 Quantas são as dignidades d'esta Ordem, 26. Quaes são as insignias do mestre, ibid, De quantas commendas consta o seu patrimonio, 27. O seu habito, ibid.

—A de Christo instituio-a el-rei D. Diniz pela extinção dos Templarios, 46. Os seus cavalleiros se governavam pelas constituições de Calatrava, ibid. O infante D. Henrique lhe deu novas leis, ibid. Habito de que usa, 29. Jurisdição do D. prior, 29. El-rei D. Fernando a mudou para a villa de Thomar, ibid. El-rei D. João III reduzio os Freires á observancia Monacal, ibid. Mestres que tem tido. ibid. Quaes são as suas dignidades, 32. Capitulos geraes que tem celebrado. ibid. As suas commendas. 32.

—A de Malta. quando entrou em Portugal. 32. Grão mestres portuguezes. 33. Em quantas classes se divide esta Ordem. ibid. De quantos Ballios conventuaes consta. 34.

—A de Santiago. Quem a instituio. e augmentou, 42 Contendas sobre a sua isenção de Castella. 43. Mestres que tem tido. ibid. Quando se in-

corporou na coroa, 45. Dignidade do prior mór, e commendas que possue. 46.

Ordens militares que houve no reino. 47.

—Religiosas que ha, 49 et seq.

Pancracio arcebispo celebrou em Braga o primeiro Concilio Nacional, 8.

Passos. Quem introduziu n'esta corte a devoção dos Passos, 140.

Paulistas. Quem estabeleceu em Portugal esta Ordem, 68. De quantos conventos consta, 69.

S. Paulo. É indubitavel que veio a Hespanha, 3.

S. Pedro de Rates primeiro bispo de Hespanha, 4.

D. Pedro infante serentssimo de Portugal quando foi erecto em grão prior do Crato, 37. Zelo que tem no culto divino, e explendor do dito priorado, 38.

Pia baptismal em que foi bautisado o glorioso Santo Antonio onde existe, 120.

Piedosos. Origem d'esta observante Ordem, 69. De quantos conven. tos consta. 70.

Poetas portuguezes, 184.

Polvora. O primeiro que entre nós usou d'ella, 224.

Portugal sempre guardou com pureza a religião catholica, 2. Goza da primazia em muitas cousas ecclesiasticas, 4. Ha de ser o imperio universal do mundo. 7.

Portuguezes. Não ha parte do mundo onde elles não fossem com o intuito de converter almas para Christo. 25. São mui devotos dos mysterios da Santissima Trindade, e Santissimo Sacramento, 25. E a Maria Santissima, e veneração dos Santos, 56. São excessivos no culto divino, 57. São valerosos, e se referem alguns dos mais distincios em acções bellicas, 241, e seg.

Praças vide fortalezas.

Procissão. Milagre que succedeu na do Corpo de Deus com a imagem de S. Jorge, 155.

Regimentos militares que tem havido, 226. Batalhões de que consta um regimento, 226.

Religião Catholica quando se estabeleceo em Portugal, 1. Seus progressos em tempo do imperador Constantino, 7. Em tempo dos Vandalos, e Godos, 8. Em tempo dos Mouros, 9. Em tempo dos reis catholicos, 10. Sempre em Portugal foi pura, 13.

Reliquias que se veneram em Portugal, 110. E seq.

Retrato de Jesus Christo conforme a visam da veneravel Marina de Escobar, onde existe, 141.

Rhetoricos Portuguezes, 182.

Roubos sacrilegos que se tem feito em Portugal do Santissimo Sacramento, 15.

Roque Amador. Quando floreceo em Portugal esta Ordem, 80.

Santiago apostolo quando veio a Hespanha, 3.

Santos Portuguezes, e outros varões memoraveis na virtude.

S. Absolonio Martyr, de Viana do Minho, 84.

S. Adosinda, do Porto, ibid.

D. Aldara, 84.

S. Fr. Alvaro de Cordova, Lisbonense, 97.

Alvaro Garcia, do Algarve, 107.

B. Amadeo, Transtagano, 102.

S. Amador, de Monsanto, 93.

S. Antonina, da Villa de Cea, 94.

S. Antonio, Lisbonense, 97.
V. Fr. Antonio das Chagas, da Vidigueira, 103.
V. P. Antonio da Conceição, do Pombal, 98.
V. Fr. Antonio de S. Pedro, de Celorico, 94.
S. Equilea M., de Bragança, 91.
S. Atto, de Bêja, 103.
S. Avito, Bracarense, 84.
S. Barão, de Mertola, 103.
V. Bartholomeu da Costa, de Castello Branco, 94.
V. Bartholomeu dos Martyres, Lisbonense, 98.
V. Bartholomeu do Quental, 168.
V. P. Bautista, Eborense, 103.
S. Basilia, Bracarense, 84.
S. Brissos, de Mertola, 103.
V. Brites da Columna, Translagana, 105.
V. D. Brites da Silva, 103.
S. Cassiano M., Bracarense, 84.
V. Catharina da Conceição, de Tavira, 108.
S. Cecilhano M., Bracarense, 84.
V. Celio, Thomarense, 98.
S. Celerina, Translagana, 105.
S. Christeta, Eborense, 105.
S. Columbina M., 85.
S. Comba, Conimbricense, 94.
S. Comba M., 105.
S. Comba Osores M., 94.
V. Constança Xira, Eborense, 105.
S. Cucufate M., Bracarense, 85.
S. Damaso Papa, de Guimarães, 85.
P. Diogo Carvalho, Conimbricense, 94.
P. Diogo Fernandes, de Faro, 108.
P. Diogo da Madre de Deus, de Faro, ibid.
S. Domicio, de Braga, 91.
B. Domingos da Cuba, Translagano, 106.
S. Domingos Martins, de Alcobaça, 98.
S. Donato M., 98.
S. Elias M., de Beja, 106.
S. Engracia M., Bracarense, 85.
S. Eparchio M., 91.
S. Espinela, de Arouca, 94.
S. Evento M,. 85.
S. Eufemia M., Bracarense, 85.
S. Fausto M., 85.
B. Feliciana, 94.
S. Felicissima V. M., Translagana, 98.
S. Felis M., de Santarem, 98.
S. Felis Anacoreta, 86.
V. Fernando Alvares, 103.
D. Fernando Infante, 99.
B. Filippe, Lisbonense, 99.
S. Fronto M., 86.
S. Frutuoso, 86.
S. Frutuoso, Transmontano, 91.
S. Gallicano Ovino, Bracarense, 91.
B. D. Garcia Martins, 86.
S. Gemma, Bracarense, 86.
S. Genadio, Bracarense, 86.
S. Genebra M., Bracarense, ibid.
S. Germana M., Bracarense, ibid.
S. Fr. Gil, de Vouzela, 94.
S. Gonçalo, de Amarante, 86.
B. Fr. Gonçalo, Cisterciense, 86.
B. Fr. Gonçalo Dias, 86.
P. Gonçalo Fernandes, 108.
B. Fr. Gonçalo de Lagos, 108.
V. P. Gonçalo da Silveira, 99.
S. Gniteria, de Monte-mór o novo, 89.
S. Hermogio, Conimbricense, 95.
S. Januario M., 87.
B. Fr. Jeronymo da Cruz, 99.
P. Ignacio de Azevedo M., 87.
P. Ignacio Martins, de Gouvea, 95.
Fr. João Bautista, de Silves, 109.

V. P. João Cardim, de Moncorvo, 92.
S. João de Deos, de Monte-mór o novo, 106.
V. João Fernandes Varejão, 91.
Fr. João Cirita, Cisterciense, 87.
João Galego, do Algarve, 109.
S. João Gordo, de Santarem, 99.
João Guarim, Eremita, 106.
S. João e Paulo, de Bragança, 91.
S. João do Porto, Solitorio, 87.
V. João Vicente, Lisbonense, 100.
S. Joanna Princeza, 100.
S. Jordão M., 106.
Fr. Joseph de S. Anna, 100.
S. Iria irmã de S. Damaso, 87.
S. Iria M., de Thomar, 100.
S. Julião M., 107.
S. Julião, 87.
S. Liberata, Bracarense, 87.
B. Fr. Lourenço Mendes, 87.
B. Fr. Lourenço Lusitano, Religioso Jeronymo, 146.
Fr. Luiz da Cruz, de Bragança, 93.
S. Luperco M., 88.
B. Mafalda Infanta, 95.
V. Fr. Manuel da Conceição, alias Poeiros, 33
Maria da Cruz, 107.
S. Marcial M., 88.
S. Marciana M., 88.
B. Margarida Fernandes, 107.
S. Marina Anacoreta, 93.
S. Marinha M., 88.
Fr. Martinho dos Santos, 109.
S. Matrona V., 88.
B. Mendo, 95.
V. Montoya, 139.
S. Narciso M., 100.
V. D. Nuno Alvares Pereira, 73, e 107.
S. Olympio, Lisbonense, 100.
S. Optato M., 88.
S. Payio, Conimbricense, 96.
S. Fr. Payio, ibid.
S. Pascasio, 88.
S. Pascasio Conego Regrante, 96.
Pastor Santo de Izeda, 93.
S. Pelagia M., ibid.
Irmão Pedro de Basto, 88.
B. Fr. Pedro da Garda, 96.
V. Pedro de Mesquita, 93.
B. Pedro Negles, Lisbonense, 100.
S. Pedro de Rates, 88.
P. Pedro do Sousa, 109.
S. Quiteria, vide Guiteria.
S. Quintiliano M., 89.
S. Raimundo Pastor, 89.
S. Recensuintho, Bracarense, 89.
S. Remisol, 96.
S. Revocata M., 89.
S. Rosendo, 89.
V. D. Sancho, 96.
S. Saturnino M., 89.
V. P. Sebastião, 172.
S. Senhorinha de Basto, 89.
S. Silla, 100.
S. Silvestre, de Braga, 89.
S. Sisenando M., 107
S. Silvano M., 107.
S. Susana M., 89.
S. Teixilina, Conimbricense, 96.
B. Thadeu, Lisbonense, 100.
S. Theofilo M., 90.
S. Theotonio, 90.
S. Torcato M., 90.
V. Fr. Thomé de Jesus, 169.
S. Wamba Rei, 96.
V. Fr. Vasco da Cunha, 100.
S. Veatride M., 90.
S. Verissimo, Maxima, e Julia Mm., 101.
S. Victor M., 90.
S. Victoria V. M., 90.
S. Urbano M., ibid.
S. Xantipe, de Idanha, 96.

Sudario Santo se venera no mosteiro da Madre de Deus, 125.

Templos da gentilidade que havia em Portugal, 1. Os dos primeiros Christãos portuguezes estavam escondidos nas grutas, 3.

Theatinos. Quem introduzio esta religião em o reino, 71.

Theologos insignes Portuguezes, 164.

Terceiros regulares de Jesus como se estabeleceram em Portugal, e quantos conventos tem, 71.

Thomaristas quem os fez regulares, e quantos conventos possuem, 72.

Trinitarios, como se introduzio esta Ordem no reino, 73. Seus conventos, e mosteiros, 75.

Santissima Trindade. Devoção que os Portuguezes tem a este mysterio, 9.

Tropas Portuguezas de quanta gente constava, 225.

Valor militar dos Portuguezes, 241.

Victorias mais insignes que os Portuguezes tem alcançado de outras Nações, 270.

Universidade quando teve principio em Portugal, 159.

Xabreganos. Quando se separou esta Ordem da provincia de S. Francisco de Portugal, e de quantos conventos, e mosteiros consta, 76.

FIM DO TOMO SEGUNDO.

ADVERTENCIA

Neste terceiro Tomo distribuo as precisas noticias, que já dei a lêr na quinta parte do Mappa, mas com alguns retoques, posto que poucos, porque a inconstancia continua, em que nos deixou o terremoto passado, tem feito produzir a cada passo transmutações differentes, d'onde será desculpavel, se olhando para o estado actual de algumas cousas observarem aqui os Leitores semblante diverso.

Não pertendo tambem meter aos curiosos na esperança da continuação da obra: a vida, e o author d'ella, são os que verdadeiramente podem segurar o desempenho: farei por não destruir, nem desmerecer ao menos com a ociosidade o habito da applicação, adquirido por tantos annos; e unido ao especial affecto que conservo á patria.

Na pag. 257 do primeiro tomo se emmende o lugar da sepultura do senhor infante D. Antonio, o qual está sepultado na igreja de S. Vicente de fóra.

MAPPA

DE

PORTUGAL

CAPITULO I

Explicação das Taboas topographicas, em que se comprehendem as principaes povoações da Provincia da Estremadura

Nas quatro precedentes partes do nosso Mappa temos dado uma informação generica, e methodica de todo o reino de Portugal; agora parece não só justo, mas util para a Historia do mesmo reino, penetrarmos o interior de seu continente, examinando, e descrevendo com alguma miudeza as povoações mais notaveis, de que elle se compõe.

Para isso começamos pela Provincia da Estremadura, não só por ser a capital do reino, mas por vermos nella a distincta vantagem, que logra, alem de outras, em ser o assento regio, onde reside a magestade do seu soberano com toda a pompa, e grandeza da sua corte.

Das povoações mais insignes, isto é, cidades, e villas, de que consta esta provincia, desenhámos primeiro que tudo as Taboas topographicas, para que em breve espaço, e a uma vista se visse com facilidade o mais essencial de cada uma por esta fórma.

Na primeira columna, que serve como de indice das outras, se assinam os pontos precisos de cada povoação, e estas vão collocadas por ordem alfabetica nas cabeceiras das outras columnas, e por isso diz o seu primeiro titulo: Povoações principaes da Estremadura.

Comarca. Este é o segundo titulo da primeira columna, que aponta a povoação cabeça de comarca, a que está subordinada civilmente a dita terra. V. g. Abiul está sujeita á comarca, ou jurisdição do corregedor de Thomar; porem quando a tal villa é a propria cabeça de comarca, como v. g. Abrantes, então se denota a sua isenção com este sinal. *

Diocese. Indica este titulo o dominio ecclesiastico, a quem deve obediencia a dita povoação, v. g. Abiul está no territorio subordinado ao bispo de Coimbra. Escolhemos a palavra Diocese, por ser transcendente, e propria a explicar a ordinaria jurisdição ecclesiastica, assim

episcopal, como metropolitana, e patriarcal; mas se a dita povoação é onde reside a igreja cathedral, se distingue com esta nota. ✝

Altura do polo. Mostra com os numeros, que aponta, os gráos, e minutos de latitude, e longitude geografica, isto é, a distancia, que as taes povoações tem da equinocial para o polo, e esta se indica nos primeiros numeros; e os que estão por baixo immediatamente na segunda regra mostram tambem os gráos, e minutos, que distam as povoações de leste a oeste, ou quantos se afastam do primeiro meridiano. É de advertir, que para determinarmos a situação dos taes logares, nos valemos da Carta geografica de João Bautista Hommann, impressa no anno de 1736, por ser, como já temos dito em outra parte, a que melhor se ajusta ás computações mais exactas, e tambem para assim seguirmos um calculo igual; pois, como sabem os doutos, são diversissimos os systemas dos geographos na arrumação das terras.

Distancia de Lisboa. Manifesta as legoas, que dista a tal povoação da corte, a qual tizemos centro de todas as mais terras, conformando-nos com o nosso Roteiro, e orientando-as, para se saber em que parte estão situadas.

Foral. Declara quem deu foral ao dito lugar, ou quem reformou o antigo, isto é, quem lhe impoz, ou reformou as primeiras leis municipaes, tributos, ou privilegios. Para isto examinámos com diligencia os grandes cinco tomos dos Foraes, que existem no archivo authentico chamado Torre do Tombo, feitos pelo seu guarda mór João Couceiro de Abreu logo nos principios, que emprendemos este trabalho.

Paroquias. Este titulo mostra as paroquias, que ha no territorio da povoação, com advertencia, que o primeiro numero indica as que ha dentro da villa, e o segundo numero correspondente, e dentro da mesma columna declara as que ha no seu termo, v. g. Abiul tem uma freguezia dentro da villa, e duas no termo.

Conventos, e Mosteiros. Nestes dous titulos separados se assinam os conventos de religiosos, e mosteiros de religiosas, que existem ou dentro, ou no termo da povoação. Fazemos differença de convento a mosteiro para maior clareza, e nisto imitamos ao padre chronista fr. Manoel da Esperança, que na 1.ª parte da Historia Serafica num. 12 das Declarações Proemiaes assim o observa.

Ermidas. Expõe as igrejas, que ha na povoação, ou no seu termo, com a mesma expressão dos dous numeros respectivos.

Fogos. Neste ponto se assina o numero das familias de cada povoação, e por não ser facil a averiguação exacta de todas, as demarcamos ordinariamente com o numero redondo.

Donatario. Mostra quem é o senhor da terra, ou a quem pertence o dominio d'ella.

Feira. Diz em que tempo ha mercado publico livre, ou pensionado nas taes povoações.

Estes parecem ser os pontos mais precisos, que entendemos se deviam demarcar em as abbreviadas Taboas do nosso Mappa, reservando porem sempre o mais, que lhe pertence para os outros capitulos, que se hão de seguir, onde diremos tambem o mais essencial de cada villa. E porque, segundo o nosso methodo, devia seguir-se primeiramente a descripção de Abiul, todavia deve preferir a todas as mais povoações a cidade de Lisboa, como capital não só da provincia, mas do reino todo.

A mesma preferencia devia seguir a cidade de Leiria, se acaso as memorias, que pedimos, nos chegassem a tempo de as podermos coordenar neste tomo; porem a pouca applicação, e diligencia, que até agora temos experimentado em quem se offereceu a communicarnol-as, nos obrigará a collocal-a no lugar natural da ordem progressiva alfabetica, e aproveitar-nos do que a nossa unica diligencia, e trabalho tem adquirido, desejando em tudo conformar-nos com a verdade, pondo, e applicando para esse effeito todo o cuidado, que entendemos ser preciso para semelhante empreza. Passemos á projecção das Taboas.

TABOAS TOPOGRAFICAS

DAS

PRINCIPAES POVOAÇÕES

QUE COMPREHENDE A PROVINCIA

DA

ESTREMADURA

Povoaç. princ. da Estremadura	*Alnul*	*Abrantes*	*Aguas bellas*	*Aguda*	*Alanquer*
Comarca	Thomar	•	Thomar	Thomar	•
Diocese	Coimbra	Guarda	Coimbra	Coimbra	Lisboa
Altura do polo	39 54	39 24	39 37		39 8
	9 51	10 22	10 9		9 28
Dist. de Lisboa	25 para o nort.	23 para o nord.	20 para o Nord.	23 para o nort.	7 e meia nort.
Foral	El-rei D. Manoel reformou o seu foral a 14 de Julho de 1515.	Elrei D. Affonso Henriq. lhe deu foral, e el-rei D. Manoel o reformou no primeiro de Junho de 1510.	El-rei D. João I. lhe deu foral no anno 1390, e el-rei D. Manoel o reformou no anno 1513.		A infanta Dona Sancha lhe deu foral, que confirmou D. Manoel no anno de 1510.
Paroquias	1 2	4 14	1	1	5 13
Conventos		2			2 5
Mosteiros		2			1
Ermidas	1 9	13 10	1 4	1	6 21
Fogos	50 370	1000 1900	30 150	20 120	500 1500
Donatario	Foi do duque de Aveiro hoje é da corôa.	É cabeça de marquezado.	De Duarte Sodré	Do senhor infante D. Pedro.	É das serenissimas rainhas.
Feiras	No 1.º Domingo Agosto.	Em 24 de Fevereiro seis dias.	Em 27 de Agosto franca.	Em 28 de Out. e a 13 de Dez. no Term. da Vil.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Alcacer do Sal*	*Alcanede*	*Alcobaça*	*Alcoentre*	*Alcouchete*
Comarca	Setubal	Santarem	Leiria	Santarem	Setubal
Diocese	Evora	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	38 19	39 24	39 42	39 10	38 45
	9 50	9 35	9 17	9 10	9 30
Dist. de Lisboa	14 para leste	16 para o nort.	18 para o nort.	11 para o nort.	3 para o sueste
Foral	El-rei D. Affonso II a mandou povoar no anno de 1217.	El-rei D. Affonso I a mandou povoar no anno 1163, e El-rei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1541.	El-rei D. Affonso I a fundou no anno de 1148, e El-rei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1513.	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral antigo no anno de 1513.	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1515.
Paroquias	2 9	1 8	1 1	1 1	1 1
Conventos	1		1 1		1
Mosteiros	1				
Ermidas	11 5	17 18	3 2	4 3	3
Fogos	630 800	100 800	120 130	150 60	280 90
Donatario	Do mestrado de Santiago.	Do Mestrado de Aviz.	Do D. Abbade de Alcobaça.	Do conde de Vimieiro.	È do Mestrado de Santiago.
Feiras	Na Dominga do Bom Pastor tres dias franca.		Em 20 de Agosto, e em 30 de Novembro.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Aldea Gallega*	*Aldea Gallega da Merciana*	*Alfeizirão*	*Alhandra*	*Alhos-Vedros*
Comarca	Setubal	Alanquer	Leiria	Torres-Vedras	Setubal
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	38 41	39 5	39 28	38 55	38 37
	9 21	9 10	9 11	9 11	9 22
Dist. de Lisboa	3 para o sueste	9 para o norte	17 para o norte	5 para o nord.	3 para o sueste
Foral	Elrei D, Manoel lhe deu foral no anno de 1514.	Elrei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1513.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seo foral no anno de 1513.	D. Socirо I, bispo de Lisboa lhe deo foral no anno de 1203.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1514.
Paroquias	1 1	1 1	1	1 2	1
Conventos	1 1	1 1		1	2
Mosteiros					
Ermidas	2 3	3 7	2	4 1	3 1
Fogos	150 200	130 200	60 100	400 500	200 . 100
Donatario	É do mestrado de Santiago	É das serenissimas rainhas.	Do D. Abbade de Alcobaça.	É dos Eminentissimos Patriarchas de Lisboa.	É do mestrado de Santiago.
Feiras		A 25 de março, e e no Domingo da SS. Trindade.	Em dia de Santo Amaro tres dias.	Em 15 de Agosto franca.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Aljubarrota*	*Almada*	*Almeirim*	*Alpedriz*	*Alvares*
Comarca	Leiria	Setubal	Santarem	Leiria	Thomar
Diocese	Leiria	Lisboa	Lisboa	Leiria	Coimbra
Altura do polo	39 30 9 20	38 44 9 13	39 10 9 45	39 35 9 20	39 56 10 21
Dist. de Lisboa	18 para o norte	meia para o sul	14 para o nord.	15 para o nort.	7 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1514.	Elrei D. Sancho I lhe deu foral no anno de 1187.	Elrei D. João I a fundou no anno de 1411.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno 1515.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1514.
Paroquias	2	2 4	1	1	1
Conventos		1 3	1		
Mosteiros					
Ermidas	5	4 16	3	4	3 9
Fogos	400	700 800	300	200	40 260
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	É da corôa.	É da corôa.	É da Ordem Militar de Aviz.	
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Alvaro*	*Alvercã*	*Alvorninha*	*Amendoa*	*Aréya*
Comarca	Thomar	Torres-Vedras	Leiria	Thomar	Coimbra
Diocese	Nullius Diæcesis	Lisboa	Lisboa	Guarda	
Altura do polo	39 38	38 55	39 30	39 35	39 54
	10 8	9 10	9 22	10 15	10 50
Dist. de Lisboa	32 para o nord.	4 para o norte	13 para o norte	20 para o nord.	27 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1514.		Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.		Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.
Paroquias	1	1 1	1 1	1	1
Conventos		2			
Mosteiros					
Ermidas	6 13	3	5 13	3	2 3
Fogos	90 370	350 100	500 200	140 60	230 200
Donatario	É do marquez de Marialva.	Do Provedor das Capell. delrei D. Affonso IV.	Do D. Abbade de Alcobaça.	É da corôa.	É do duque de Cadaval.
Feiras		Em 15 de Julho 3 dias franca.			

Povoaç. princ. da Estremadura	*Arruda*	*Assinceira*	*Atalaya*	*Atouguia*	*Aveiras debaixo*
Comarca	Torres-Vedras	Thomar	Thomar	Leiria	Santarem
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 3	39 34	39 31	39 12	39 7
	9 12	10 0	10 9	9 0	9 31
Dist. de Lisboa	6 para o norte	21 para o nord.	20 para o nord.	10 para noroest.	9 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1517.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1315, e Filippe II o reformou no anno de 1591.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1315.	Guilherme Lacorni a povoou no anno de 1165, e elrei D. Sancho I lhe deu foral.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral.
Paroquias	1 1	1	1	1	1
Conventos		1		1	1
Mosteiros					
Ermidas	2 9	1	4 3	6 3	2
Fogos	260 50	150	350 250	100 120	200
Donatario	É do mestrado de Santiago.	É do conde de Atalaya.	É do conde de Atalaya, hoje marq. de Tanc.	Foi do conde de Atouguia, hoje é da corôa.	É do conde de Aveiras.
Feiras	Em 24 de Junho tres dias franca.		A 20 de Janeiro tres dias franca.		Em 8 de Setembro no lugar das Virtudes.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Aveiras de cima*	*Avelar*	*Azambuja*	*Azumbujeira*	*Azeitão limite*
Comarca	Santarem	Ourem	Santarem	Santarem	Setubal
Diocese	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 8 9 32		39 5 9 22	39 18 9 21	38 30 9 18
Dist. de Lisboa	9 para o nord.	25 para o nord.	10 para o norte	15 para o norte	7 para o sueste
Foral	Elrei D. Manoel reformou o seu foral no anno de 1513.		Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.	Elrei D. João IV a fez villa no anno de 1654.	Elrei D. Pedro 1.º lhe confirmou seus privilegios.
Paroquias	1	1	1	1	2
Conventos					1 1
Mosteiros					
Ermidas	2 1	2	4 3	2	14
Fogos	100 50	50 200	700 200	40 110	200 100
Donatario	É das Commendadeiras de Santos de Lisboa.	É da Casa do Infantado.	De D. Antonio Rolim de Moura.	É do conde de Soure.	Foi da casa de Aveiro, hoje é da corôa.
Feiras			No ultimo Domingo de Outubro.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Batalha*	*Barreiro*	*Bellas*	*Cabrella*	*Cadaval*
Comarca	Leiria	Setubal	Torres-Vedras	Setubal	Torres-Vedras
Diocese	Leiria	Lisboa	Lisboa	Evora	Lisboa
Altura do polo	39 34	38 36	38 50	38 32	39 13
	9 31	9 12	9 0	9 51	9 12
Dist. de Lisboa	19 prra o norte	2 para o sul	1 e meia norte	12 para o sueste	12 para o norte
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1504.			O veneravel rei D. Affonso I lhe deu foral, e D. Manoel a fez villa no anno de 1517.	Elrei D. Fernando a fez villa no anno de 1371.
Paroquias	1	1	1	1 1	1 8
Conventos	1	1			1
Mosteiros					
Ermidas	1 9	3	2 7	3 1	4 17
Fogos	200 300	300	100 300	300	120 900
Donatarios		Foi da càsa de Aveiro, hoje é da corôa.	É do conde de Pombeiro.	É do mestrado de Santiago.	É cabeça de ducado.
Feiras	Em 15 de Agosto oito dias franca				Em 8 de Dezembro.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Caldas*	*Çamora Correa*	*Canha*	*Cascaes*	*Castanheira*
Comarca	Alanquer	Setubal	Setubal	Torres-Vedras	Torres-Vedras
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 26	38 50	38 43	38 49	38 56
	9 11	9 30	9 38	8 54	9 30
Dist. de Lisboa	14 para o norte	7 para o leste	9 para o leste	5 para o oeste	7 para o nord.
Foral	A rainha D. Leonor a mandou povoar no anno de 1488	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1510.	O veneravel rei D. Affonso I lhe deu foral.		Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1510.
Paroquias	1	1	1	2 4	1
Conventos				2	1
Mosteiros					1
Ermidas	5	1	2	13 9	2
Fogos	300	160	200 150	900 800	500
Donatario	É das serenissimas rainhas.	Foi da casa de Aveiro, hoje é da corôa.	É do mestrado de Santiago.	É cabeça de marquezado.	É da casa do infantado.
Feiras	A 14 de Agosto tres dias franca.				

Povoaç. princ. da Estremadura	*Santa Catharina*	*Cella*	*Cezimbra*	*Chão do Couce*	*Chamusca*
Comarca	Leiria	Leiria	Setubal	Thomar	Alanquer
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Coimbra	Lisboa
Altura do polo	39 24 9 19	39 26 9 11	38 27 9 6	39 55 10 0	38 16 9 52
Dist. de Lisboa	16 para o nort.	19 para o norte	6 para o sul	24 para o nord.	17 para o nord.
Foral	D. fr. João Martins, Geral de Alcobaça.	Elrei D. Manoel lhe deu foral, e a fez villa.	Elrei D. Sancho I a mandou povoar no anno de 1200.		Elrei D. Sebastião lhe deu foral no anno de 1561, e a fez villa.
Paroquias	1 3	1	2 2	1	1
Conventos					1
Mosteiros					
Ermidas	3 7	2 3	2 2	1	5
Fogos	180 390	130 80	500 780	30 60	630
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	Do D. Abbade de Alcobaça.	Foi da Casa de Aveiro, hoje é da corôa.	É da casa do Infantado	É das serenissimas rainhas.
Feiras	A 25 de Novembro 2 dias franca.				A 13 de Fevereiro tres dias.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Chileiros*	*Cintra*	*Coina*	*Collares*	*Cós*
Comarca	Torres-Vedras	Alanquer	Setubal	Torres-Vedras	Leiria
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	38 56	38 54	38 35	38 55	39 30
	9 6	8 57	9 21	8 46	9 21
Dist. de Lisboa	4 para o noroeste	5 para o noroest.	3 e meia sueste	6 para o noroeste	19 para o norte
Foral	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral antigo no anno de 1516.	Elrei D, Manoel lhe deu foral no anno de 1519.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1516.	Elrei D. Diniz lhe deu foral, e D. Manoel o reformou no anno de 1516.	D. fr. Pedro Gonçalves, Geral de Alcobaça.
Paroquias	1 1	4 6	1	1	1
Conventos				1	
Mosteiros		3			1
Ermidas	3 2	5 16	2	3 6	2 7
Fogos	100	560 2000	170	100 250	100 150
Donatarios	É da casa do Infantado.	É das serenissimas rainhas.	É das Commendadeiras de Santos.	É da corôa.	Do D. Abbade de Alcobaça.
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Dornes*	*Ega*	*Enxara dos Cavalleiros*	*Ericeira*	*Erra*
Comarca	Thomar	Leiria	Torres-Vedras	Torres-Vedras	Santarem
Diocese	Coimbra	Coimbra	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 45 10 11	39 59 9 46	38 56 9 10	39 3 8 49	39 0 10 10
Dist. de Lisboa	26 para o nord.	30 para o norte	5 para o norte	7 para o noroeste	14 para o leste.
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1513.	Elrei D. Manoel lhe confirmou o foral no anno de 1514.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral em 20 de Novembro de 1519.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral em 30 de Agosto de 1513.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1514.
Paroquias	1 2	1 1	1	1	1 1
Conventos					1
Mosteiros					
Ermidas	5 16	2 12	1 2	4	
Fogos	130 280	100 140	70 80	250	200
Donatario	É do mestrado de Christo.	É do mestrado de Christo.	É dos Viscond. de Villa Nova de Cerveira.	É cabeça de condado.	É do conde de Atalaya.
Feiras		A 3 de Fevereiro, e a 11 de Novembro.			

Povoaç. prine. da Estremadura	*Evora de Alcobaça*	*Ferreira*	*Figueiró dos Vinhos*	*Golegã*	*Grandola*
Comarca	Leiria	Thomar	Thomar	Santarem	Setubal
Diocese	Lisboa	Coimbra	Coimbra	Lisboa	Evora
Altura do polo	39 25 9 22	39 33 10 20	39 55 10 10	39 25 9 58	38 10 9 40
Dist. de Lisboa	19 para o norte	28 prra o nord.	28 para o nord.	18 para o nord.	16 para o sul.
Foral	D. fr. Martinho II Geral de Alcobaça.		Elrei D. Sancho I a fez villa no anno de 1187.		Elrei D. João III lhe deu foral no anno de 1543.
Paroquias	1	1	1 1	1	1 2
Conventos			1 1	1	
Mosteiros			1		
Ermidas	3	3	5	4 3	5
Fogos	250	18 170	500	600	250 550
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	È do Mestrado de Christo.	È do conde de Redondo.	È da corôa.	È do duque de Cadaval.
Feiras			Em 27 de Julho 3 dias franca.	Em 11 de Novembro, tres dias.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Lamarosa*	*Lavradio*	*Leiria Cidade*	*Lisboa Cidade e corte*	*Lourinhã*
Comarca	Santarem	Setubal	-	*	Torres-Vedras
Diocese	Lisboa	Lisboa	†	⊠	Lisboa
Altura do polo	39 1	38 36	39 47	38 48	
	10 0	9 12	9 36	9 15	
Dist. de Lisboa	15 para o nord.	2 para o sul.	21 para o norte		10 para o norte.
Foral			Elrei D. Sancho I lhe deu foral no anno de 1195, e D. João III a fez cidade no anno de 1545.	Elrei D. Manoel lhe deu foral em 7 de Agosto de 1500.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1512.
Paroquias	1	1	2 24	41 37	1 2
Conventos		1	3	40 15	1
Mosteiros			1	24 8	
Ermidas	3		10 84	136 152	5
Fogos	50	140	1070 8000	400U000	200 450
Donatario	É de Manoel Telles de Menezes.	É cabeça de condado.	É da corôa.		É do Conde de Monsanto.
Feiras				Todas as terças feiras da semana.	Em 16 de Agosto.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Mação*	*Maçãs de Caminho*	*Maçãs de Dona Maria*	*Mafra*	*S. Martinho*
Comarca Diocese	Thomar Guarda	Thomar Coimbra	Ourem Coimbra	Torres-Vedras Lisboa	Leiria Lisboa
Altura do polo	39 27 10 25	39 46 10 12	39 46 10 13	39 3 9 5	39 25 9 10
Dist. de Lisboa	27 para o nord.	26 para o nord.	27 para o nord.	6 para o noroest.	17 e meia a norte
Foral				Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1304, e D. Manoel o reformou no anno de 1513.	D. Fr. Estevão Martins, Geral de Alcobaça.
Paroquias	1	1	1	1 1	1
Conventos				1	
Mosteiros					
Ermidas		1		2	3 1
Fogos	450	40	40 350	400 200	100 60
Donatario	É do mestrado de Christo.	É da corôa.	É da corôa.	É dos Viscondes de Villa-Nova de Cerveira.	Do D. Abbade de Alcobaça.
Feiras				Em 30 de Novembro.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Mayorga*	*Moita*	*Montargil*	*Mugem*	*Obidos*
Comarca	Leiria	Setubal	Santarem	Santarem	Alanquer
Diocese	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 24	38 39	38 58	39 5	39 20
	9 25	9 21	10 5	9 13	9 18
Dist. de Lisboa	18 para o norte	3 para o sul	15 para o nord.	12 para o nord.	13 para o norte
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1513.	Elrei D. Pedro II a fez villa.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1315.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno de 1304.	
Paroquias	1	1	1	1	4 16
Conventos					2
Mosteiros					
Ermidas	3 5	4			5 30
Fogos	140 30	170	320 100	200	1000 2800
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	É do conde de Alvor.	Era de D. João Rofim de Moura. Passou para um filho segundo do conde de Val de Reis.	É do duque do Cadaval.	É cabeça de condado.
Feiras					Em 13 de Setembro tres dias franca.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Oeiras*	*Ourem*	*Palmella*	*Pampilhosa*	*Payo de Pelle*
Comarca		*	Setubal	Thomar	Thomar
Diocese	Lisboa	Leiria	Lisboa	Guarda	Nullius Diœcesis
Altura do polo	38 50	39 42	38 13	40 0	39 25
	9 0	9 50	9 21	10 40	10 5
Dist. de Lisboa	3 para o poente	22 para o nort.	5 para o sueste	34 para o nord.	20 para o nord.
Foral	Elrei D. Joseph I a fez villa no anno de 17..	Elrei D. Pedro II lhe reformou o seu foral no anno de 1695.			Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1519.
Paroquias	1 1	1 1	2 2	1	1
Conventos	1	1	1 2		1
Mosteiros					
Ermidas	20	3 50	5 3	1 1	1 2
Fogos	500	900 2000	900 300	400	40 100
Donatario	É cabeça de condado.	É da sorenissima casa de Bragança.	Do mestrado de Santiago.	É da corôa.	É do Mestrado de Christo.
Feiras			Em 8 de Dezembro franca.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Pederneira*	*Pedrogão grande*	*Peniche*	*Pias*	*Pombal*
Comarca	Leiria	Thomar	Leiria	Thomar	Leiria
Diocese	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Nullius Dioecesis	Coimbra
Altura do polo	39 36	40 0	39 16	39 38	39 50
	9 11	10 25	9 0	10 1	9 50
Dist. de Lisboa	18 para o norte	33 prra o nord.	12 ao nornord.	24 para o nord.	28 para o nort.
Foral	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1513.	D. Pedro Affonso, filho de D. Affonso I lhe deu foral, que confirmou elrei D. Affonso III.			Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral.
Paroquias	1 1	1 4	3	1 2	1 2
Conventos		1	1		
Mosteiros					
Ermidas	3 3	7 3	6 18	2 30	3 30
Fogos	250 400	420 680	900	130 660	800 600
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.	É do conde de Redondo.	Foi do conde de Atougnia, hoje é da corôa.	É do mestrado de Christo.	É do mestrado de Christo.
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Ponte de Sor*	*Porto de Mos*	*Póvos*	*Pousa-Flores*	*Punhete*
Comarca	Thomar	Ourem	Torres-Vedras	Ourem	Thomar
Diocese	Portalegre	Leiria	Lisboa	Leiria	Nullius Dioecesis
Altura do polo	39 9 10 25	39 30 9 31	38 58 9 20		39 25 10 10
Dist. de Lisboa	23 para o nord.	19 para o nort.	7 para o norte	26 para o nord.	21 para o nord.
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1514.		Elrei D. Sancho I pelos annos de 1191.		Elrei D. Sebastião a fez villa.
Paroquias	1 1	3 6	1	1	1
Conventos		1			
Mosteiros					
Ermidas	2	2 27	3		4 2
Fogos	160 120	900 1400	300	300	350 100
Donatario		É da serenissima casa de Bragança.	É da casa do Infantado.	É da casa do Infantado	
Feiras	A 4 de Outubro.	Dia do Espirit. S. A 7 de Agosto. A 13 de Dezemb.			A 5 de Agosto.

Povoaç. princ. da Estremadura	*Pussos*	*Redinha*	*Salir do Mato*	*Salir do Porto*	*Salvaterra de Magos*
Comarca	Thomar	Leiria	Leiria	Alanquer	Santarem
Diocese	Coimbra	Coimbra	Lisboa	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 50	39 55	39 22	39 25	39 0
	9 50	9 50	9 10	9 9	9 40
Dist. de Lisboa	25 para o nord.	28 para o nort.	18 para o norte	12 para o norte	7 para o leste
Foral		D. Galdim Paes lhe deu o seu foral.	D. fr. Martinho III Geral de Alcobaça.	El-rei D. Affonso Henriques lhe deu foral.	Elrei D, Manoel lhe deu foral no anno de 1517.
Paroquias	1	1 1	1	1	1
Conventos					
Mosteiros					
Ermidas	1 6	2 1	3 3	2	3
Fogos	150 40	400 160	150	70	300
Donatarios	É da corôa.	É do mestrado de Christo.	Do D. Abbade de Alcobaça.		É da corôa.
Feiras					

Povoaç. princ. da Estremadura	*Santarem*	*Sardoal*	*Setubal*	*Sobral de Monte Agraço*	*Sovereira Formosa*
Comarca	•	Thomar	•	Torres-Vedras	Thomar
Diocese	Lisboa	Guarda	Lisboa	Lisboa	Guarda
Altura do polo	39 19	39 25	38 28		39 44
	9 40	10 23	9 18		10 31
Dist. de Lisboa	14 para o nord.	24 para o nord.	6 para o sul	6 para o norte	28 para o nord.
Foral	Elrei D. Affonso III reformou o seu foral no anno de 1254.		Elrei D. Sancho I lhe deu o foral.		D. Gil Sanches lhe deu foral no anno de 1213.
Paroquias	13 33	1 4	1	1 1	1
Conventos	13 2	1	4		
Mosteiros	2		2		
Ermidas	20 30	5 9	3 2		
Fogos	2160 8000	600 200	3000	100 420	300
Donatario	É da corôa.	É do marquez de Fontes.	É do mestrado de Santiago.		É do conde de Sarzedas.
Feiras	Em Domingo da Pascoela, e a 11 de Outubro.	A 28 de Outubro.	A 25 de Julho.		

Povoaç. princ. da Estremadura	*Soure*	*Tancos*	*Thomar*	*Torres-Novas*	*Torres-Vedras*
Comarca	Leiria	Thomar		Santarem	
Diocese	Coimbra	Lisboa	Nullius Diœcesis	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	40 0	39 27	39 40	39 32	39 10
	39 42	10 5	10 0	9 52	9 3
Dist. de Lisboa	29 para o nort.	19 para o nord.	12 para o nord.	19 para o nord.	7 para o norte
Foral	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de 1513.	Elrei D. Manoel lhe deu foral no anno de	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1510.	Elrei D. Sancho I lhe deu foral.	El-rei D. Manoel lhe reformou o foral no anno de 1510.
Paroquias	1 1	1	2 12	4 7	4 19
Conventos			3 1	2	2 2
Mosteiros			1	1	
Ermidas	5	3 1	15 56	8 4	7 4
Fogos	600 400	400	1100 2700	1200 1000	600 2800
Donatario	É cabeça de condado.	É do conde de Atalaya, hoje marquezado.	É do mestrado de Christo.	Foi do duque de Aveiro, hoje é da corôa.	É da corôa.
Feiras	Em dia de S. Martinho.		Em 20 de Outubro.	A 12 de Março.	

Povoaç. princ. da Estremadura	*Turquel*	*Villa-Franca de Xira*	*Villa de Rei*	*Villa-Verde*	*Ulme*
Comarca	Leiria	Torres-Vedras	Thomar	Torres-Vedras	Alanquer
Diocese	Lisboa	Lisboa	Guarda	Lisboa	Lisboa
Altura do polo	39 27 9 21	38 57 9 20	39 32 10 21	39 12 9 20	39 14 9 9
Dist. de Lisboa	16 para o nort.	6 para o nord.	27 para o nord.	9 para o norte	16 para o nord.
Foral	Elrei D. Affonso Henriques lhe deu foral.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seo foral no anno de 1510.	Elrei D. Diniz lhe deu foral no anno 1285.	Elrei D. Manoel lhe reformou o seu foral no anno de 1512.	Elrei D. Sebastião lhe deu foral no anno de 1561.
Paroquias	1	1	1 2	1	1
Conventos				1	
Mosteiros					
Ermidas	2	7	3	3	2
Fogos	200	950	460 280	330	120
Donatario	Do D. Abbade de Alcobaça.		É do mestrado de Christo.	É cabeça de condado.	É das serenissimas rainhas.
Feiras		No 1.º Domingo de Outubro 3 dias franca.			

CAPITULO II — *Da Cidade de Lisboa*

Sendo Lisboa a corte, e Cidade principalissima de Portugal, que já de seculos anteriores competia com as mais nobres povoações da Europa, (1) e que em attenção á ditosa magestade de seu sitio, o imperador Julio Cesar a condecorara com o glorioso nome de Felicitas Julia. (2) Tendo ultimamente chegado em nossos dias ao auge da maior grandeza, quiz a adversidade dos tempos, ou permittio a inexcrutavel providencia do altissimo, que ficasse sua magnificencia desfigurada com o formidavel flagello do terremoto, e vehementissimo incendio, acontecido no dia fatal do primeiro de Novembro de 1755, pelas nove horas, e tres quartos da manhã, pouco mais, ou menos.

Foi aquelle dia tão infausto, que para lembrança funesta dos vindouros deve ficar assinalado com pedra negra, como faziam os antigos: e que sem embargo de o ter consagrado a Igreja para o festivo culto de todos os santos, não foi bastante para que elles interpozessem as suas multiplicadas rogativas diante de Deus, a fim de obviar tamanha ruina, e destroço: porque parece não foi aquelle dia o tempo opportuno, em que os santos só rogam o digno ao Omnipotente, como disse o profeta. (3)

Não obstante com tudo a lastimosa decadencia, a que se reduziram as suas fabricas, e edificios, de que a seu tempo faremos menção com grande magoa nossa, convem referir primeiro pelas memorias, que ainda conservamos, o estado florente, em que se achava a cidade, cuja vasta extensão no parecer de alguns, (4) valendo tanto como o restante do mais reino, obriga-nos a notar em pontos distinctos as suas mais consideraveis prerogativas.

§ I — *Sitio, Clima, e Origem*

Está Lisboa fundada nas margens do rio Tejo, duas leguas ao norte da sua foz, e na parte onde o mar Oceano entrando pela barra dentro Leste-Oeste, constitue em especie de agradavel bahia uma enseada immensamente espaçosa. N'ella se fórma o mais famoso porto entre os melhores do mundo, não só pelo seguro abrigo, que com as montanhas circumvisinhas sobranceiras ao rio dá ao innumeravel genero de embarcações miudas, e grossas, que nelle surgem: mas por servir de frequente, e importante escala ao commercio das nações, e ter sido aquelle no-

(1) Luiz Vartomano. lib. 7 cap. 4 das suas Naveg. Marin Sicul. de reb. Hisp. lib. 2. Vasaeus Chron. Hisp c. 20. Medin Grandez. de Hespanh. liv. 2. cap. 57. Serra Apparat. Synonim. p. 1118. Barezzo Barezzi Prop. in Hist. Geograf. p. 378. Far. sobre a est. 57 do cant. 3. de Cam. (2) Plin. lib. 4. c. 22. Gruter. Inscript. p. 252 e 261. Brito Monarch. Lusit. liv. 4. c. 20. (3) Psalm. 31. vers. 6. (4) Gil Gonçalv. de Avila no Theat. de las grandez. de Madrid. p. 502. Botero nas Relaç. univ. part. 1. liv. 1. pag. 15. Davity Descr. da Europ. tom. 1. p. 188.

tavel centro donde se tiraram linhas de gloriosas conquistas para toda a circumferencia do universo. Affasta-se da equinocial para o norte 38. gr. e 48. min. E do primeiro meridiano 9. gr. e 15. min. (1)

É muito desigual, e quebrado o seu terreno, por ser composto de montes, e valles: o que obrigou a Cadaval Gravio dar-lhe o attributo de Acrópolis, que quer dizer montuosa. (2) Esta irregular situação embaraça o poder-se ver perfeitamente de parte alguma o corpo todo da cidade: porèm olhando do alto de algum dos sete montes, em que está edificada, basta a agradavel vista da marinha para compensar todo o descommodo.

Prolonga-se pela parte Boreal do rio d'esde o convento de Belem até o de Xabregas, em que ha duas leguas de extendida, e povoada praia; e por esta face ainda é mais deleitavel aos olhos a sua formosa perspectiva, a qual produz com a nova erecção de palacios, e jardins melhor figura, e semblante, que no tempo antigo. (3) Pelo certão occupa de fundo o espaço de meia legua, e fórma pela banda opposta a semelhança de um imperfeito semicirculo, ou arco tortuoso.

Em todo este ambito se ia Lisboa engrossando com tanto excesso, que os seus sete montes parece, que gemendo ao pezo da grande povoação, a obrigaram passar aos campos, e arrebaldes visinhos, nos quaes vemos fabricar-se continuamente de novo bairros inteiros com espaçosas, e nobilissimas casas; emendando-se ao mesmo tempo, quanto é possivel, a desigualdade do terreno, e estreiteza das ruas, que se via nas primitivas fabricas da cidade.

Incluia-se a mais antiga situação d'ella desde o monte do Castello, com tudo o que corre entre as portas do Sol, e Ferro até á Ribeira com os suburbios do oriente, e occidente. (4) Pouco a pouco se foi alargando, em fórma que no anno de 1500 já a sua grandeza podia competir com as melhores cidades do mundo, (5) e no anno de 1550 pareceu tão excessiva a sua vantagem, que excitou ao arcebispo D. Fernando de Vasconcellos mandar fazer uma descripção pelo seu guarda-roupa Christovão Rodrigues de Oliveira, (6) para que se visse o augmento da cidade,

(1) Seguimos este calculo, por entendermos que é o mais exato, não ignorando o que diz o padre Ricciolo, lib. 7. c. 19. ser tanta a diversidade de opiniões, que tem havido sobre a latit. de Lisboa, que não se atrevia a assinal-a; porem com bons fundamentos sempre elegeu e seguiu a que expomos. (2) Grav. apud Poyares no Diccionar. Geografic. p. 252.

(3) Damião de Goes, que no anno de 1542 fez uma Descripção Latina de Lisboa, diz, que quem olhasse da villa de Almada para esta cidade, se lhe representaria a figura de uma bexiga, ou buxo de peixe. «Siquis ex oppido Almada rectis, immotisque oculis urbis situm, figuratumque vellit contemplari, illum certe veram vesicae piscis effigiem referre comperiet.» Porem isto era em tempo, que a cidade só se extendia desde as portas da Cruz até Santos o velho, como se poderá observar nas plantas antigas de Lisboa, que traz Jorge Braunio no tom. 1. Civit. Orb. terrar. impressas no anno de 1572, e tambem Abrahão Ortelio. (4) Brand. Monarq. Lusitan. lib. 10. cap. 26. (5) Goes na Ulyssipo. (6) Supposto que esta obra intitulada: «Summario de algumas cousas assim Ecclesiasticas, como seculares, que ha na cidade de Lisboa,» sahio impressa no anno de 1551 na officina de Germão Galharde em nome de Christovão Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do sobredito arcebispo; com tudo o Bispo de Targa D. fr. Thomé de Faria na Decad. 1. liv. 9. cap. 6, attribue a sua composição ao proprio Ar-

e com tudo segundo consta da mesma relação não tinha Lisboa n'aquelle tempo mais que tres mil e cem passos de comprido, e mil e quinhentos de largo.

Assim foi nobremente crescendo o territorio até o tempo delrei D. Sebastião, o qual pela infeliz jornada de Africa, deixando Lisboa deserta, começou esta capital a experimentar uma notavel deterioridade, e sobrevindo-lhe bastantes oppressões, e calamidades (1) com o desabrigo, e remota assistencia de alheio soberano, se viu sensivelmente opprimida a sua opulencia, e grandeza. (2) Porem assim como o reino felizmente resuscitou na restituição de reis proprios, assim em Lisboa renasceu o esplendor antigo, e neste augmento hia continuando florente com a cultura de edificios insignes, e com a excellencia de sua populosa extensão, a qual havia subido áquelle ponto, que tinha premeditado um nosso poeta. (3)

O clima é o melhor de toda Hespanha, temperadissimo, de ares puros, e sandaveis, pois ordinariamente em todas as estações do anno se mostram os astros benevolos ao seu terreno: parece que se vive aqui em uma continuada primavera. (4) Esta celestial clemencia quer Luiz Mendes de Vasconcellos, (5) que seja communicada por influxos do signo de Aries, se bem o doutor Manoel Bocarro (6) assenta fixamente, que o signo de Lilwa é o que predomina mais directo nesta cidade, sobre a qual está perpendicular em rigor geometrico, segundo a computação de Tico Brahe.

A sua primeva, e originaria fundação é muito controversa, e entre os varios pareceres, em que se dividem os geografos, e historiadores, não ha um, que em tão remota antiguidade possa aquietar o animo inteiramente. Recolheremos todavia em curto espaço quanto se encontra semeado sobre o assumpto. O primeiro parecer affirma, que Ulysses famoso capitão grego, depois de conquistar Troya, e reduzil-a a cinzas, viera fundar na ultima costa de Hespanha a cidade de Lisboa, a quem déra o nome de Ulyssea. Affirmam que fora Estrabo o author d'esta opinião, (7) o qual por fé de Possidonio, Artemidoro, e Asclepiades Mir-

cebispo D. Fernando. (1) Luiz de Torres nos Successos de Portug. part. 1. cap. 2. e 6. (2) Sever. de Far. discurs. 1. «Sobre o muito que importa para a conservação, e augmento da Monarquia portugueza assistir Sua Magestade com sua curte em Lisboa.» (3) Gabr. Pereir. no Poema de Lisboa Edificada, cáot. 10. est. 137

Aqui famoso Alcides Lusitano. A quem de prata, e d'ouro o Tejo ofano
Vereis hum mundo numa só cidade, Banha em sinal de eterna magestade.

(4) Neufville, Histoir. gener. de Port. tom. 1. p. 35. Pivati, Nuovo Dizionar. scientific e curios. tom. 6. p. 241. Brand. na Monarch. Lusit. tom. 3. liv. 10. cap. 26. Sever. de Far. Discurs. 1. Politic. p. 18. v. Maced. Flor de Hesp. cap. 1. (5) Vasconcel. no Sitio de Lisboa, p. 165, a quem segue Oliv. Grander. de Lisb. fol. 136. Marinh. de Azevedo, Fundação de Lisb. liv 1. cap. 26. (6) Bocarro, Annotaç. Astrolog. ao 1. Anacephal. da Monarq. Port. est. 67. (7) Debine Abdera, Phaenicum ipsa etiam edificium. Superiora regioni: montana loca, Ulyxeam ostentant, in qua est Minervae templum, ut autor est Possidonius, et Artemidorus, et Asclepiades Myrleanus; qui in Turdetania litterarum ludimagister extitit..... Is monumenta quaedam de Ulyxis errore in Minervae templo esse commemorat. Parmas suspensas. Aplustria; rostraque navalia. Strabo liv. 3 da impressão de Roma no anno de 1470.

liano, pretende mostrar por infallivel a navegação de Ulysses a estas partes, segundo varios monumentos nauticos, que existiam suspensos em um templo, que á deusa Minerva havia alli erecto aquelle capitão grego. (1) A esta decantada sentença se aggregaram outros muitos escritores. (2)

Porem contra isto militam algumas razões urgentes, e indispensaveis á evidencia da verdade, porque do contexto de Estrabo não se infere a verdadeira situação local de Lisboa, que vemos fundada á borda do Tejo, antes claramente falla o author da região, e montanhas de Granada, onde situa Abdéra, que hoje querem uns seja Almeria, outros Adra; e persuadir-nos, que visto não se achar a cidade de Ulyssea no lugar onde a colloca Estrabo, e n'ella o templo de Minerva, seja a nossa Lisboa a mesma de que falla aquelle antiquissimo geografo, é argumento muito violento, como pretende provar Gaspar Estaço, a quem segue o capitão Luiz Marinho de Azevedo.

Além de que affirma Paulo Merula, cosmografo insigne, (3) que não passara Ulysses do estreito de Gibraltar, e sobre tudo assevera o grande Herodoto, pai, e principe da Historia grega, (4) serem os Focenses os primeiros gregos, que usaram largas navegações, e que impellidos da violencia dos ventos vieram por acaso investigar as ultimas costas do Oceano Atlantico, sendo este primeiro accesso, ou arribada quasi seis seculos posterior ás ruinas de Troya. (5) D'onde só por este fundamento bem se podia convencer de fabulosa a colonia, ou fundação de Lisboa, attribuida a Ulysses.

E é certo, que das suas occidentaes peregrinações já como fantasticas, desconfiaram, e duvidaram muito Aulo Gelio, Seneca, Cornelio Tacito, (6) e positivamente, quanto á fundação de Lisboa, nos desenga-

(1) O capitão Luiz Marinho no liv. 2. cap. 17 da Fundação de Lisboa, diz, que este Templo fora fundado no Castello de Lisboa junto da torre, que chamam de Ulysses. O padre Antonio Vieira na Palavra do Pregad. empenh. p. 246, diz, que o dito sumptuoso Templo fora o que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne Convento de Chelas; porem cada um falla ao seu arbitrio sem exhibir documento solido, que acredite o seu dito, o em semelhantes materias só testemunho antigo dá outhoridade. (2) Solin. cap. 26. Marin Sicul. lib. 2. de reb. Hisp. c. 3. S. Isidor. de Origin liv. 25 cap. 1. Nebris. do reb. Hisp. ad Lector. Vasaeus Chron. Hisp c. 10. Luc. Tudens. Chron. mund. aetat. 3. Luiz Nun. in Hisp. c. 35. Franc. Taraph. do reb. Hisp tratando de Gorgoris. Carrilho Annal. Chronol. ad an. 2820. Garibai tom. 1. liv. 4. cap. 29. Fr. Juan de la Puente Conveniencia de las dos Monarquias tom. 1. l. 3. c. 4. §. 4 Salazar de Mendoz. Origen de las Dignid. seglar. de Castilla l. 1. c. 2. Rodrig. Mend Poblacion gener. de Esp. pag. mihi 146. Moncon Espejo do Princip. l. 1 c. 90. Colmenar. Hist. de Segovia c. 2. §. 1. Quintana Histor. de Madrid liv. 1. c. 4. Goes na Olisipo. Brito Monarch. Lusit. liv. 1. cap. 22. Oliv. Grandez. de Lisboa trat. 2. c. 2. Estaço Antiguid. de Port. c. 7. Marinho liv. 2. cap. 16. da Fundação de Lisboa. Duarte Nun. Orig. da ling. Port. p. 9. Cam. c. 3. est. 57. Mousinho de Quevedo no Aff. African. cant. 3. est. 42. Gabr. Pereir. na Ulyssêa cant. 7. est. 46. Macedo na Ulyssipo p. 182. (3) Urbis nomen ab Ulysse fquod ex Myrliani verbis conatur facere Strabo) derivare absurdissimum, quum is extra fretum Perouleum nunquam navigarit. Paul. Merul part. 2. Cosmograph. liv. 2. cap. 26. (4) Hi Phocenses primi Graecorum longinquis navigationibus usi sunt. Adriam simul, et Tyrrhenum, Iberiam, atque Tartesum ostenderunt. Herodot. na Clio lib. 1. segundo a versão de Henrique Estefano, e Friderico Sylburgio. (5) Vide Petav. tom. 2 de Doctrin. tempor. p. 291 (6) A Gel. Noct. Attic. lib. 11. cap. 6. Seneca ep. 88 Tacit. de morib. et popul. Germanor.

nam os illustres filologos Christovão Collero, Justo Lipsio, Gerardo João Vossio, Lourenço Valla, Mariana, D. João de Ferreras, e os eruditos geografos Samuel Bochart, Christovão Cellario, e outros. (1)

Reconhece a segunda opinião ainda maior antiguidade a Lisboa, porque lhe dá por fundador a Elisa, filho de Javan, e bisneto do patriarca Noé, confirmando alguns o credito d'este partido com a vulgar tradição, que ainda entre nós permanece, de chamarmos aos campos visinhos de Lisboa, por onde corre o Tejo Lizirias, nome derivado com facil corrupção de Elisa. (2) É o corifeo d'esta sentença João Goropio Becano, medico brabantino, de agudo, e singular engenho, que na sua Hermathena, ou estatua de Mercurio, e Minerva (3) foi o primeiro que descobriu tão gloriosos principios a esta inclita cidade, por cujo invento pretende jactanciosamente o mesmo anthor, e é justo, que os lisbonenses lhe sejamos agradecidos. Seguem-no bastantes. (4)

Sem duvida é desculpavel o assenso, que os nossos escritores tributam a esta illustre sentença, ou já pelo respeito, e decoro, que nos communica tão nobre, e antigo fundador, ou pela difficuldade, que ha em conhecermos quanto nos lisongea o amor da patria, porem a fallar seriamente a verdade, e examinando imparcial a força da dita opinião, nella não se encontra mais que uma engenhosa violencia, ou conjectura, e como lhe chama em caso identico o insigne escriturario Bento Pereira (5) adevinhação dos cap. 10 do Genesis, e 27 de Ezechiel, em que se firma (6) corroborada unicamente com a singular etymologia de uma raiz hollandeza, segundo pretende o mesmo Goropio, que por interesse de vangloria se quiz fazer celebre na invenção de opiniões extravagantes, como dizem Justo Lipsio, Scaligero, e Isaac Bullart. (7)

Abraçando as duas precedentes opiniões, determina a terceira coor-

(1) Colero Specileg. ad Cornel. Tacit. pag. mihi 595. n. 2. Just. Lips. nas Notas que fez a Tacito allegado nota. 14. Vossio tom. 5. lib. 1. de Origin. Idolatr. c. 33. «Aeque vanum de Ulisipone condita ab Ulysse.» Valla tract. de reb. á Ferdinand. Aragon. rege gestis lib. 1. p. 1008. na Collecção de Roberto Bello Marian. Histor. de Esp. tom. 1 lib. 1. cap. 12. fin. Ferreir. part. 1. Synops. Histor. p. 60. Bochart Geograph sacr. tom 2. lib. 1. cap. 35. «Jam quae ad Tagum est, Lusitaniae hodie metropolis, Ulisippo, frustra ab Ulysse deducitur, cum sit Phaenicium» alis ubbo. «id est, amaenus sinus.» Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. c. 1. §. 8. «Sed nugae sunt, quae de Ulysse conditore adferuntur.» Colmenar. Delices de Portug. tom. 1. p. 718. (2) D. Fr. Manuel na Cart. 62. da contur. 3. (3) «Lisbonam igitur non ab Ulysse vel dictam, vel conditam fuisse existimo, sed multo esse antiquiorem... Nobis e sacra Historia liquet Elisa fratrem Tarsis foisse, quo fit ut credam, Tarsesium quidem prius Tartesum condidisse, atque inde Elisam partim fratris vicinia, partim locorum clementia allectum ad ostium Tagi urbem statuisse, et de nomine suo» Elis mon «vocasse, unde Elisbon, «ac deinde» Lisbon «fuerit nuncupata, duplici digamma in lleta commutatio. Quis non videt quanto haec nomenclatura propius accedat ad Urbis nomen, quod hactenus sibi servavit. licet Graeci ambitione illud conati s nt ad Ulyssipolin detorquere?»Joan. Gorop in Hermathen. lib. 9. p. 229. e na Hispanica lib. 4. p. 53. (4) Covarruv. Thesor. de la lengua Castellan. verbo «Lisbona» Brand Monarq. Lusit. lib. 10 cap. 26. Cunha Histor. Eccles. de Lisb. part. 1 cap. 2. § 7. Sever de Far. Not. de Port disc. 5. § 2. Salgad. de Aranjo Mart. Lus. p. 83. Fons. Evor. glor. n. 9. (5) Pereir. in Genes. c. 10. lib. 15. (6) Pined. de reb. Salom. lib. 4. cap. 14. p. 208. Pinto in Ezech. c. 27. Bochart. Geogr. sacr. tit. 2. lib. 3. c. 4. Kircher de Arca Noe p. 223 (7) J. Lips. cent. 3. epist. 44. Scalig. apud. Card. Bona in notitia Author, que vem no fim da Divina Psalmodia. Bullart. Academie des Sciences tom. 2. p. 177.

denal-as em melhor chronologia, affirmando que Lisboa fora primeiramente edificada por Elisa aos 278 annos depois do Diluvio, e que passados 900 annos viera Ulysses amplial-a. É esta sentença muito plausivel pela qualidade dos authores, que approvam, e seguem. (1)

Sustenta, e qualifica a quarta opinião, que Lisboa fora sem duvida fundada por gregos, ou fossem uns, ou outros, os quaes como costumavam impôr os nomes ás suas novas colonias deduzidos, e indicativos da maior fertilidade, em que os sitios se singularisavam, vendo discorrer pelas ribeiras do Tejo grande numero de velozes ginetes, e fecundissimas eguas, lhe chamaram *Olis hippon*, como se lê em Ptolomeu, isto é, *Olios equile*, ou *equorum*, segundo vertem João Noviamago nas Taboas do mesmo Ptolomeu, e Nono Pinciano nas Castigações de Pomponio Mela. (2) d'onde os romanos conformando-se com a allusão, ou etymologia dos gregos, deduziram depois o nome Olisipo, que deram a esta cidade, conforme entende Lourenço Valla, (3) e parece o quiz dizer tambem Plinio, (4) a quem segue Paulo Merula, (5) e o nosso jurisconsulto João de Barros na Descripção do Minho.

Omittindo outras opiniões menos recebidas, ou extrahidas de monumentos fabulosos, (6) concluimos dizendo: que a averiguação d'este ponto é summamente ardua, e que não permitte decisão absoluta pelo remoto da sua antiguidade, em que não ha documento solido, que o determine, (7) constituindo sem duvida esta mesma incerteza uma das veneraveis excellencias, que condecoram Lisboa, pois ninguem poderá dizer d'ella rectamente quando não foi, nem tão pouco affirmar quando começou a ser.

§ II — *Nações varias, que a dominaram*

Os primeiros habitadores, que occuparam Lisboa, conforme a nossa Geografia, foram os póvos, a quem Plinio chama Turdulos antigos, (8) donde se propagaram os Turdulos modernos da Andaluzia, e Turdetanos do Algarve. Era esta gente a mais bem entendida, e valerosa

(1) Marinh. de Azeved. Fundaç. de Lisboa liv. 2. cap. 19. Vieira Palavra de Deos empenhada p. 245. João Salgado Marle Lusitan. certam. 1. art. 1. Cardos. Agiol. Lusit. a 13 de Junho Carv. Corograf. Port. tom. 3. trat. 8. cap. 2. Santa Maria Cco aberto liv. 1. cap. 5. Soar. Memor. d'el-Rei D. João 1, liv. 3. n. 1203. Garcez Ferr. sobre o cant. 8. de Cam. est. 3. n. 9. Lima Geogr. Histor. tom. 2. cap. 12. (2) Noviomag. in lib. 2. Ptolom tabul 1 Geogr. Non. Pincian. in lib. 3. Pompon. Mel. cap. 1. (3) «In Portugallia Olisippona. Quod nomen ab iis corrumpitur, qui velut ab Ulysse Ulyxbonam dicunt, nescientes Ulyssis illius viri nomen, sed sic à Latinis esse corruptum, praeterea Ulyssem illuc non navigasse: postremo hanc vocem, si Graecam originem sectari libet, ab equis ductam.» L. Valla supra allegado.

(4) A Tago in ora Olisipo, equorum a Favonio veuto conceptu nobilis. Plin. l. 4. c. 21. da impres. de Veneza do an. do 1469 na officina de João Spira. (5) Olisippo enim meo quidem judicio, quasi olis ippon, quo innuitur totum illum Hispaniae tractum, tanquam equorum quoddam fuisse stabulum, ob incredibilem equarum iis in locis faecunditatem. Merula supra allegad. (6) Vide Barreir. Corograf. p. 133. Marinh. de Azevedo liv. 2 c. 12. (7) Olisiponem igitur quis primum condiderit, in tanta seculorum vetustate, pro certo nos affirmare non audemus. Goes in Descript. Olisip. (8) Plin. lib. 4. cap. 21. Monarq. Lusitan. liv. 10. cap. 26. Vide o nosso Mappa tom. 1. part. 2. cap. 1. n. 49.

de toda Hespanha, e deram provas bastantes do seu valor em varios recontros, que tiveram com os Celtas, Barbaros de Arrabida, e Sarrios da Beira.

Não menos experimentaram a sua boa politica os Fenices, os Gregos, e particularmente os Carthaginezes, de quem ha memorias mais verdadeiras. Confederaram-se estes com os nossos estreitissimamente, servindo-lhes a nossa amisade, riquezas, e outros bens com que a natureza dotou Lisboa, para que não contentes com os interesses do commercio, deixassem de se levantar com a terra, e subjugal-a a seu imperio.

As mesmas qualidades de paiz tão fertil, tão ameno, tão benigno, serviram de incentivo em grande parte á ambição dos Romanos, cujo poder prevalecendo contra os Carthaginezes triunfou das suas armas; e introduzindo-se absolutos na Lusitania, fizeram sua a cidade de Lisboa entre as mais povoações, que sujeitaram, custando-lhe todavia não pouca perda de seus exercitos, derrotados pela nossa gente. (1) Aqui poderamos fazer menção de muitos successos memoraveis dos Lisbonenses antigos, principalmente dos celebres, e valerosos capitães Cesaron, Canchenо, Viriato, e outros, se este fora o nosso principal assumpto, contentando-nos, por nos conformar com o systema, que seguimos, referir o sufficiente.

Concluida finalmente a famosa batalha de Munda contra os filhos de Pompeyo, se vio a nossa provincia pacificada com a presença do imperador Julio Cesar, a quem Lisboa, já n'aquelle tempo de grande nome, pela conducta benefica no imperador, lhe deu homenagem. Tanto estimou Cesar este lance de obediencia, que para premio da cidade, e expressão do seu gosto, ou para melhor perpetuar sua fama, mandou que d'alli por diante Lisboa se denominasse Felicitas Julia, isto é, felicidade de Julio Cesar, e que seus cidadãos gozassem o foro municipal, que consistia em poderem militar nas Legiões Romanas, gozando alli das honras que merecessem: e que pelos magistrados obtidos nas suas patrias tinham ingresso para os de Roma, podendo pedil-os, e participal-os, e juntamente governar-se pelas suas leis particulares, e gozarem de outras muitas prerogativas. (2)

Além de varios authores, que referem ter dado Julio Cesar a Lisboa o honorifico titulo de Felicitas Julia, e o privativo de municipio, (3) se acha elle acreditado em varias inscripções aqui descobertas, que se podem ver em D. Rodrigo da Cunha. (4) Nós accrescentaremos mais uma que se manifestou no anno de 1749, extrahindo-se dos alicerses de umas casas fronteiras á esquina da Paroquial Igreja da Magdalena no

(1) Livio lib. 33. cap. 1. lib. 36. c. 40. lib. 39. c. 31. Orosio lib. 5. cap. 4. Moral. Pineda, e outros apud Fr. Bern. de Brito na Monarq. Lusitan. liv. 2. c. 27. 28. Resend. de Antiq. Lusitan. lib. 1. e 3. (2) Panvin. lib. 2. de Imper. Rom. (3) Apud Brito na Monorq. Lusit. liv. 4. cap. 29. (4) Cunha Histor. Eccles. de Lisboa part. 1. cap. 4.

principio da travessa, que vai para as Pedras Negras. Por não se perder esta memoria, persuadimos, que se collocasse esta bem conservada, e moldurada lapida, com outras mais Inscripções Romanas, que alli se descobriram, na face collateral da parede das ditas casas reedificadas, e tem a em que agora reparamos quasi doze palmos de comprido, e quatro e meio de largo em um perfeito rectangulo. Diz a Inscripção gravada na pedra desta fórma:

L. Caecilio L. F. Celeri RecTo
Quaest. Provinc. Baet.
Trib. Pleb. Praetori
Fel. Iul. Olisipo.

É o sentido desta Inscripção: «Que a cidade de Lisboa, ou Felicidade Julia, chamada em outro tempo Olisipo, dedicara aquella memoria a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celer Rectissimo Questor da Provincia Betica, Tribuno da Plebe, e Pretor.» De cujo monumento se infere, que Lisboa conservava a dictado de Felicitas Julia em tempo do imperador Domiciano, em cujo imperio veio governar na Betica o sobredito Pretor Cecilio Celer, que foi perto dos annos 88 de Christo, segundo a Chronologia do P. M. F. Henrique Flores, na bem trabalhada, e erudita obra de Hespanha sagrada. (1) Deste Pretor se lembra Marcial, (2) louvando muito o seu governo: o motivo porém que houve para os nossos Lisbonenses lhe dedicarem aquella memoria, ignoramos. De outras Inscripções Romanas, que comfirmam isto, tratam largamente os authores que allegamos. (3) Advertindo, que até o anno 245 de Christo ha memoria de permanecer ainda Lisboa com o mesmo titulo, segundo consta da Inscripção, que traz Grutero, pag. 273, dedicada ao imperador Filippe.

Foi proseguindo o dominio romano em nossas terras até o anno de 409, em cujo tempo succedendo a invasão dos Alanos, Vandalos, e Suevos em todo este continente, (4) se viu arruinada a monarquia imperial. Os barbaros septentrionaes discordes, e divididos em bandos, causavam mutuas hostilidades nas provincias: determinaram sorteal-as, e cahiu a sorte da Lusitania aos Alanos, segundo refere Idacio no seu Chronicon sobre o anno de 411.

Pouco tempo durou a residencia dos orgulhosos Alanos nesta provincia, e cidade; porque vindo os Godos com seu rei Theodorico, os derrotou, e submetteu a seu imperio. Succederam logo varias alterações,

(1) Flor. Hespanha sagrad. tom. 1. cap. 16 p. 237. (2) Mart. lib. 7. epigra. 51.
«Ille meas gentes, et Celtas rexit Iberos,
Nec fuit in nostro certior orbe fides.

(3) Brito na Monarq. Lusit. liv. 5. Luiz Marinho nas Antiguidad. de Lisb. liv. 3. Resend. do Antiquit. Cunha nos Bispos de Lisboa. (4) Pelav. Doctrin. tempor. tom. 2. pag. mihi 110.

é com ellas sentiu Lisboa os estragos, e os roubos, que lhe fulminaram os Suevos, capitaneados por Maldras, que com sinal de paz a invadiram fraudulentos, conforme expressa o mesmo Idacio sobre os annos de 457. Durou este governo em varios reis godos até expirar o seu dominio em D. Rodrigo com a cruel entrada dos Sarracenos.

Apoderados os Arabes de Hespanha pelos annos de 714, padeceo Lisboa a sua conquista nos de 716, entregando-se todavia por capitulações ao inimigo Abdalariz, a quem se sujeitou com a liberdade de religião: até que passados 38 annos, o rei arabe Abderraman com poderoso exercito a conquistou, e debaixo d'este cativeiro supportaram os lisbonenses rigorosos effeitos de um jugo tyranno. (1) Por este meio tempo é crivej, que os mouros corrompessem o nome antigo da cidade chamando-a Lisibo, por não terem no seu idioma uso da letra P. Depois disseram Lisiboa, e ultimamente Lisboa, que hoje permanece. (2)

Começavam-se ja a ouvir os vitoriosos clamores, e felices progressos da restauração de Hespanha, quando no anno de 798 D. Affonso o Casto, já rei acclamado de Galliza, e Asturias com o soccorro de Carlos Magno, invadindo Portugal, cercou estreitamente Lisboa; e vencendo-a por assalto, poz tudo a saque, e em miseravel fuga ao capitão Mugahit, que a governava. (3) Logrou porem a cidade pouco tempo a pacifica residencia dos christãos; porque no anno de 811 a tornaram a usurpar os mouros pelo rei de Cordova Aliantan, posto que á custa de uma dilatada resistencia; e nesta sujeição barbara permaneceu até o anno de 951, em que elrei de Leão D. Ordonho III a veio recobrar á força de rigido combate. (4)

Correram alguns annos, e devia outra vez sacudir-se da obediencia dos christãos; porque consta da Historia dos Godos, (5) que a 6 de Maio de 1093 a conquistara elrei D. Affonso VI de Castella, e ficaram sendo os mouros seus tributarios. Foi continuando na mesma sujeição até o nosso conde D. Henrique, a quem seu sogro D. Affonso VI havia dado em dote todas as terras conquistadas em Portugal; mas porque o numero da guarnição christã foi muito menor do que era preciso para manter firme o presidio, succeden rebelarem-se os infieis contra o conde; e assim se tornou a perder Lisboa, e reduzir-se totalmente ao aspero senhorio dos arabes. Vamos referindo estes varios conflictos na fé do nosso diligentissimo chronista Brandão, não ignorando haver author, (6) que se inclina, a que Lisboa não fora tirada aos mouros desde o seu primeiro dominio, senão pelo santo rei D. Affonso Henriques.

Em fim chegou o anno de 1147, e com elle a occasião feliz de ser

(1) Brito na Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 6. (2) Barreir. na Corografia, p. 63. Herbelot na Bibliot. Oriental, diz, que os Arabes pronunciam Lisboa desta sorte. «Aschbounah.» e que ha nella uma rua, ou bairro chamado «Harat al Magrourin» que quer dizer: Rua dos atrevidos (3) Monarq. Lusit. liv. 7. c. 11. Huerta Anales de Galiza tom. 2. p. 301.

(4) Sampiro apud. Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 22. (5) Ibid. liv. 8. cap. 6. (6) Sousa na Histor. Geneal. tom. 1. pag. 59.

Lisboa ultimamente resgatada por este gloriosissimo principe, de cujo grande espirito, e valor sempre a fama publicara maravilhosos effeitos. Era ardua a empreza, e se fazia difficultosa a conquista, por ser a cidade uma das mais formidaveis praças da Estremadura, fortalecida com robustas muralhas, e guarnecida com um innumeravel presidio de mouros, motivos que já no anno de 1140 haviam frustrado ao mesmo heroe semelhante projecto.

Agora porem auxiliado com o poder de uma famosa expedição de duzentas náus, que das partes do norte havia sahido para a conquista da Terra santa, e compellida de uma furiosa tempestade, viera demandar o abrigo das nossas costas, determinou elrei D. Affonso pôr em ultima execução os seus santos designios.

Será justo darmos aqui noticia d'esta armada, e de algumas circunstancias notaveis succedidas no cerco de Lisboa, valendo-nos para isto com especialidade de um documento coetaneo, e authentico até agora incognito aos nossos escritores. É uma carta latina, que Arnulfo, pessoa distincta, que vinha na dita armada, escreveu no anno de 1147 ao bispo de Terona em França, chamado Milon, dando-lhe conta da dita expedição, e seu progresso, a qual carta extrahida dos manuscritos das insignes bibliothecas Aquicinetense, e Gemblacense, abbadias de França, descubrimos no tom. 1. *Veterum monumentorum*, a pag. 800 da Collecção de Martene, e Durand, monges benedictinos de S. Mauro, impressa em Paris no anno de 1724. Diz assim conforme a nossa versão, deixando outras antecedencias da dita carta.

«Na segunda feira depois do Espirito Santo entrando pela barra do rio Douro, arribámos ao Porto, onde achámos o bispo d'aquella cidade, que com antecipada ordem delrei esperava alvoraçado a nossa vinda. Alli nos demorámos onze dias aguardando pelo conde Arnoldo de Ardescot, e o condestavel, que se haviam separado de nós por causa da tempestade, e em todo este tempo experimentámos no bom commodo dos viveres com outras delicias, e refrescos do paiz a benevolencia do rei. (1)

«Chegados o conde, e o condestavel, fomos continuando a nossa viagem, e ao segundo dia da jornada entrando pela foz do Tejo na vigilia dos apostolos S. Pedro, e S. Paulo, démos fundo em Lisboa, cuja cidade, conforme a tradição das Historias dos Sarracenos, foi edificada por Ulysses depois da destruição de Troya; e está ella fundada com admiravel extructura de muros, e torres sobre um monte insuperavel ás forças humanas. (2)

(1) «Secunda feria ad Portugallim per alveum fluminis, qui Dorius dicitur, applicuimus, ubi Episcopum civitatis ejusdem adventum nostrum cum magno gaudio juxta praeceptum Regis praestolantem reperimus. Ubi per dies XI adventum Comitis Arnoldi de Ardescot, nec non Christiani Constabularii, qui a nobis praedicta tempestate divisi erant expectantes, aequam venditionem tam vini, quam caeterarum diliciarum ex benevolentia Regis habuimus.»

(2) «Exinde Comite Arnoldo, simulque Stabulario receptis, navigantes, secunda die apud

«Assim que pozémos pés em terra armámos barracas; e ajudados do favor divino em o primeiro de Julho, tomámos os arrebaldes da cidade. Depois de varios assaltos contra as muralhas, não sem grande prejuiso de parte a parte, gastámos em preparar maquinas até o primeiro de Agosto. (1)

Junto da praia fabricámos duas sumptuosas torres, uma para a parte do oriente, onde se tinham aquartelado os flamengos, outra na parte occidental, onde estavam alojados os inglezes, e fizemos tambem varias pontes para nos facilitar a entrada da cidade por cima dos seus muros. (2)

«No dia da invenção do Protomartyr Santo Estevão se começaram a mover para a bateria as maquinas, e as náus; porem rebatidas não só do vento contrario, mas dos instrumentos bellicos, com que nos sacudiam, nos retirámos com algum damno; e no tempo que os nossos pugnavam com os sarracenos, defendendo os inglezes com menos vigilancia a sua torre, não a poderam livrar do improviso incendio, que a abrazou. (3)

«Logo com certa maquina começámos a romper a muralha; o que vendo os mouros, lançando por cima d'ella fogo oleoginoso, a reduziram a cinzas, experimentando-se então de parte a parte innumeravel mortandade, que causavam os arremeços das settas, e os tiros de outras armas offensivas. Quebrantados algum tanto os nossos com a derrota da maquina, e da gente, se applicaram a fazer novos reparos, e engenhosos artificios, esperando sempre da misericordia de Deos. (4)

«Padeciam nesta occasião os sarracenos dentro da cidade os effeitos de falta de viveres; porque supposto, que alguns se achavam com abundancia de mantimentos, se fecharam com elles de modo, que muitos dos miseraveis paizanos morriam á fome, outros sem horror algum tragavam cães, e gatos. A maior parte d'estes miseraveis se passavam aos christãos pedindo, que os bautizassem. Taes houve, que desfalecidos sobre os muros já com as mãos cortadas, eram apedrejados pelos proprios.

Ulixisbonam in Vigilia Apostolorum Petri, et Pauli appulimus. Quae civitas, sicut tradunt historiae Sarracenorum, ab Ulixe post excidium Troiae condita, mirabili structura tam murorum, quam turrium super montem humanis viribus insuperabilis, fundata est.» (1) «Circa quam figentes tentoria Kalend s Julii suburbana ejus Divina virtute adjuti, cepimus. Post haec assultus varios circa muros non sine magno nostrorum, et illorum detrimento facientes, usque ad Kalendas Augusti in machinis faciendis tempus protraximus.» (2) «Siquidem duas turres juxta littus, unam in Orientali parte, ubi Flandrigenae consederant, alteram in Occidentali, ubi Angli castra locaverant, magno sumptu construximus. Pontes etiam quatuor in navibus, sex per quos nobis aditus super Urbis muros paterent, construximus.» (3) «Haec in Inventione ll. Stephani Protomartyris admoventes, vento contrario repulsi, necnon et magnellis quodammodo laesi naves retraximus. Deinde nobis ex nostra parte pugnantibus cum Saracenis, Anglici minus caute suam turrim custodientes, hanc ex improviso igne succensam extinguere non potuerunt.» (4) «Interea nos quadam machina murum efodere coepimus. Quod videntes Saraceni, igne oleo admixto, eandem machinam in favillam redegerunt. praeterea mortes innumeras tam magnellis, quam sagittis, nostris inferentes, ipsi quoque a nostris puniti sunt. Nostri de fractura machinarum, et [illegible] aliquantis perfracti, in misericordia Dei sperantes ingenia, et machinas reparare [illegible]unt.»

Outros muitos successos prosperos, e adversos nos aconteceram segundo permittem os varios movimentos da guerra, os quaes deixamos de referir por evitar prolixidade. (1)

«Era dia da Natividade de Maria Santissima, quando certo italiano, natural de Pisa, homem de grande industria, começou a edificar uma altissima torre de madeira no mesmo sitio, onde se tinha queimado a dos inglezes, para cujo complemento concorrendo dispendio regio, e diligencia do exercito, se gastou todo o meado de Outubro. Com igual actividade outro engenheiro fez grandes cavas por debaixo dos muros, cuja operação mal soffrendo os mouros, fazendo occultamente uma sahida, pelejaram com os nossos sobre a cava a peito descoberto desde as dez horas da manhã até a tarde em o dia festivo do Archanjo S. Miguel. (2)

«Porem os nossos amparados com alguns frecheiros, que lhes resistiam, de tal sorte entupiram as passagens, que ao recolher-se os mouros apenas escapou algum d'elles sem golpe, ou ferida; e continuando em abrir, e fundar a mina de dia, e de noite, a acabaram de encher de madeiros no dia proprio, em que elrei juntamente com os inglezes vinha encostar aos muros a sua torre. Pondo-se então fogo á mina em a noite de S. Gallo Abbade, ardendo a fachina, rebentou um lanço da muralha, cahindo d'ella quanto occupava o espaço de duzentos pés. (3)

«Ao estrondo da ruina, acordando os nossos, pegaram em armas, e acomettendo com grandes alaridos a brecha, esperavam que fugissem os que vigiavam, e guarneciam os muros; porem acudindo os arabes em grande numero, se pozeram em defeza na parte, em que a eminencia de um monte se fazia difficil a entrada, continuando todavia o combate desde a meia noite até á hora nona do outro dia, em que finalmente os nossos fatigados, e bastantemente ferídos, foram desamparando a peleja a tempo, que a torre se hia apropinquando, de que o povo barbaro andava pelas ruas tumultuosamente vexado. (4)

(1) «Interea Saraceni Civitatis, qui alimentis abundabant, suis concivibus egentibus alimenta adeo subtrahebant, ut quamplurimi eorum fame morerentur; quidam autem eorum canes, et cattos non abhorrebant devorare. Horum pars plurima Christianis se obtulit, et Baptismi Sacramenta suscepit. Quidam autem illorum, truncatis manibus ad murum remissi, á suis concivibus lapidati sunt. Multa nobis adversa, seu prospera secundum quod varius eventus est belli, acciderunt, quae propter prolixitatem vitandam silentio transivimus.» (2) «Tandem quidam Pisanus natione vir magnae industriae circa Nativitatem S. Mariae turrim ligneam mirae altitudinis in ea parte, qua prius Anglorum turris destructa fuerat, coaptavit, et opus laudabile tam ex regio sumptu, quam ex totius exercitus labore circa medium Octobris consumavit. Similiter quidam sub muro Civitatis ingentes cavationes suo ingenio, et multorum auxilio fecit, quod Saraceni moleste ferentes in festo S. Michaelis circa horam tertiam latenter exeuntes, nobiscum usque ad vesperam super foveam pugnam continuabant. (3) Nos autem, sagitariis eis oppositis, vias per quas redire sperabant, adeo vallavimus, ut vel nullus, vel vix aliquis eorum sine plaga evaderet. Hinc nostri die, noctuque laborantes; opus subterraneum ligni levigatis impletum eadem die consumaverunt, qua Rex cum Anglicis muris turrem suam applicabat. Siquidem in ipsa nocte Sancti Galli Abbatis, igne fossae imposito, lignisque ardentibus, corruit murus spatio ducentorum pedum.» (4) «Nostri de tanta ruina somno expergefacti, sumptis armis cum magno [illegible] e assiliebant, sperantes vigiles custodes murorum fegisse. Ad ruinam autem cum ve[illegible] [illegible] difficilis superiminebat, et turba Saracenorum

*

«Chegou a torre guarnecida de belicosos soldados a sobreentestar com a muralha, quando dado sinal, se vio ao mesmo tempo investir contra os mouros com maravilhoso assalto o exercito da nossa parte, e os lorenezes na cortadura dos muros. A soldadesca delrei, que pelejava na fortaleza da torre atormentada com as descargas dos sarracenos, se mostrou então com menos alento, de tal fórma, que os mouros, que sahiram fóra dos muros, queimariam sem duvida a torre, se alguns dos nossos, que por acaso tinham alli vindo, os não embaraçassem. (1)

Como a noticia d'este perigo chegasse aos ouvidos do nosso exercito, se despediram promptamente os melhores batalhões d'elle para defender a torre, por se não frustar na perda d'ella a nossa esperança. Vendo então os sarracenos o grande valor, com que os lorenezes, e flamengos subiram para a fortaleza da torre, ficaram tão preoccupados de medo, que arreineçando os alfanges aos pés, mostravam as mãos desarmadas por sinal da paz que pediam. (2)

«Com effeito o alcaide mór, ou o governador do castello dispondo-se a partido com os nossos, pacteou em que recebessemos todas as alfaias preciosas de ouro, e prata que possuiam, e que elrei tomasse posse da cidade, e seus moradores com toda a mais terra, que lhe pertence; e assim se concluio esta victoria mais divina, que humana com a perda de duzentos mil e quinhentos mouros em dia das Onze mil Virgens.»(3)

Toda esta relação é um documento, e singular anedocto, que mostra grande authoridade, não só por ser authentica, mas pelo arregiado, e conforme que se acha com as nossas Historias, e outros escritores veridicos, e coetaneos. No dia da chegada da armada a Lisboa concorda com o livro intitulado: «Fortalitium Fidei, que allega o nosso chronista frei Antonio Brandão, (4) e com o que escreveu o abbade Dodechino. (5) Em o numero das náus, de que constava a armada, combina com o que disse Auberto Miréo, e o mesmo Dodechino. (6) No anno da to-

parata stabat in defensione. Nihilominus autem nostri assiliebant, nec a pugna media nocte inchoata usque ad diei horam nonam cessabant. Tandem variis percussionibus attriti, pugnae se subtrahebant, quousque communicatio turris admoveretur, et sic Saracenorum populus hinc inde vexaretur.» (1) «Et ecce turris viris bellicosis impleta muro superminebat. Eadem hora exercitus nostrae partis, Lotharingis ad fracturam murorum inditio pugnantibus, Saracenos mirabili assultu impetebant. Interim milites Regis, qui in arce turris pugnabant, magnellis Saracenorum territi, minus viriliter pugnabant, usque adeo, quod Saraceni exeuntes, turrim concremassent, siquidam de nostris, qui casu ad eos venerant, non obstitisset.» (2) «Haec periculi fama cum ad nostras venisset aures, meliores exercitus nostrae partis ad defendendam turrim, ne nostra spes in ea adnullaretur, transmissimus. Videntes autem Saraceni Lotharingos, et Flamingos tanto fervore in arcem turris ascendentes, tanta formidine territi sunt, ut arma submitterent, et dextras sibi in signam pacis dari peterent.» (3) «Unde factum est, ut Alchaida princeps eorum hoc pacto nobiscum conveniret: ut noster exercitus omnem supelectilem eorum cum auro, et argento acciperet, Rex autem Civitatem cum nudis Saracenis, et tota terra obtineret. Consummata est autem haec divina non humana victoria in ducentis millibus et quingentis viris Saracenorum in festo undecim millium Virginum. (4) Fortal. Fidei apud Brand. Monarq Lusit. liv. 10. cap. 31. (5) Dodechin. apud. Marinh. de Azeved. liv. 1. c. 23. (6) Miraeus Rer. Belgicar. Chron. ad an. 1147. «Belgae eodem zelo moti, cum in Lusitaniam appulissent, Olisiponem Saracenis eripuerunt, et Alphonso Portugalliae Regi tra-

mada de Lisboa coincide com a Historia dos godos, que transcreve o mesmo Brandão, e com outros muitos escritores. (1) No dia da victoria convem o que cantou Sueiro Gosuino, poeta nobilissimo, e muito chegado áquelles tempos. (2) Finalmente em tudo mais que expressa esta carta, se qualifica de legitima a sua narração, e de summamente veneravel a sua authoridade.

Passado algum tempo, segundo refere Rodolfo de Diceto, (3) emprenderam os mouros recuperar outra vez Lisboa com suas industrias. Entraram pela barra dentro infinitas galeras comboiando uma náu de maior vulto chamada Dromund, em que vinha uma tal maquina com que intentavam entrar armados dentro da cidade. Inspirou Deus no animo de um nosso valeroso soldado, que lançando-se ás ondas deu um furo na náu, e fazendo-a ir ao fundo, varou com a maquina em terra, e a suspendeu sobre os muros. Pela manhã foi vista dos sarracenos, que envergonhados, e raivosos de verem desvanecida a sua idéa, fugiram, mas atrevidamente vingativos foram cativando quantos christãos encontravam pelas praias.

Destruida a mourisma começou o imperio lusitano, e continuando pelo espaço de mais de quatrocentos annos até á morte do cardeal rei D. Henrique, se viu então alterado, e interrompido pelo poder de Filippe II rei de Hespanha, que no anno de 1580 se fez senhor do reino, decidindo á força de armas na ponte de Alcantara o direito á corôa, que por justiça lhe não tocava.

D'esta sorte permaneceu sessenta annos o dominio hespanhol até Filippe IV, cujo governo fazendo-se asperissimo por via de ministros severos, que manejavam os negocios de Portugal, despertou a alguns cavalheiros, e prelados do reino, para que se resolvessem a comprar a todo o risco a liberdade da patria.

Para executarem uma acção tão justa, escolheram o primeiro dia de Dezembro do anno de 1640, sempre memoravel em todos os seculos, e n'elle acclamaram em Lisboa por legitimo, e verdadeiro rei dos portuguezes ao serenissimo senhor D. João IV, duque VIII de Bragança, a quem direitamente competia o throno, e a corôa. Nesta serenissima casa, e descendencia continua o imperio lusitano, e hoje no fidelissimo rei, e senhor D. Joseph I felizmente reinante, e o XXV na dignidade real desde a gloriosa estirpe do santo rei D. Affonso Henriques.

diderunt. Dodechinus et Robertus de Monte referunt ducentas fere naves Flandricas, et Anglicas huic expeditioni interfuisse. (1) Brand, na Monarq. Lus. tom. 3. fin. Document. 1. Duarte Galv. Chron. d'el-rei D. Aff. Henriq. cap. 30. p. 42. Cunh. Histor. Eccles. de Lisb. part. 1. cap. 33. n. 4. Faria e Sousa Europ. Portug. tom. 2. p. 1. cap. 4. n. 15. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 674. Mariana Histor. gener. de Esp. tom. 1. liv. 10. cap. 19.

(2) Gosuino apud. Brand, allegado. e Cunha nos Bisp. de Lisboa part. 2. cap. 25. n. 5.

(3) Rudolfo de Diceto no liv. intitulad. Imagines Historiarum p. 611. o qual vem no livro Historiae Anglicanae Scriptores antiqui, impresso em Londres no anno de 1652.

§ III.—*Fortificação antiga, e moderna*

A fortificação que defende esta cidade se tem reedificado, e augmentado por varias vezes, segundo requer ou a damnificação dos tempos, ou o maior numero de seus habitadores. Desde o inclyto D. Affonso Henriques até elrei D. Fernando, consistia unicamente, como já dissemos, (1) na antiga fortaleza do Castello, com tudo o que corria desde as portas do Sol até á Ribeira, d'onde subiam as muralhas a fechar outra vez no mesmo castello. (2) Ficando tudo mais que era do dito castello até S. Vicente, e da porta do Ferro até ás portas de Santa Catharina, e tudo o que toma do castello até ás portas da Mouraria, e de Santo Antão, em arrebaldes. (3)

Todo este pequeno recinto guarneciam para boa serventia doze portas com os nomes seguintes:

I Porta do Ferro. Chamava-se o arco da Consolação, e estava junto da igreja de Santo Antonio.

II Porta do Mar antiga, hoje chamado postigo da rua das Canastras, que fica fronteiro á porta travessa da igreja da Misericordia.

III Porta do Mar. Defronte do cae de Santarem, á que chamam o arco de Jesus. Por esta porta foi invadida a cidade pelo exercito alemão, que auxiliou a elrei D. Affonso Henriques.

IV Postigo do Conde de Linhares. Ficava onde hoje está a porta principal do palacio do conde de Coculim para a banda do mar.

V Porta do Chafariz del-Rei. Ficava no sitio da parede do mesmo chafariz.

VI Porta de Alfama. Está defronte da porta principal da igreja de S. Pedro.

VII Porta do Sol. Fica junto da igreja de S. Braz. No adro d'esta igreja se vê ainda em cima de uma sepultura uma grande bala de pedra, que foi atirada aos nossos pelos mouros com os seus canhões pedreiros, de que usavam na ultima defensa d'esta cidade.

VIII Porta de Alfofa. Está no fim da calçada de S. Crispim da parte de cima.

IX Porta de S. Jorge. É por onde se entra para o castello, e residia o corpo da guarda antes do terremoto.

X Porta de D. Fradique. Era uma porta no castello, que hoje se acha tapada de pedra, e cal, e n'ella se abriu um cano para extracção das aguas do hospital dos soldados.

XI Porta do Muniz. Esta porta fica dentro do castello, e no fim da rua direita da paroquial de Santa Cruz. Chama-se do Muniz em memoria do illustre capitão Martim Muniz, que para facilitar aos nossos a en-

(1) Mappa de Portug. tom. 2 part. 1. c. 3. § 3. num. 17. (2) Galv. Chron. d'el rei D. Affons. Henriq. cap. 30. Monarq. Lusit. liv. 10. c. 26 (3) Oliveira Grandezas de Lisboa. pag. 15.

trada d'esta porta, quando conquistavamos a cidade aos mouros, se deixou cahir atravessando-se nella; por cima do qual passaram os christãos contra toda a violencia dos arabes. Para eterna lembrança d'esta acção se mandou collocar sobre a mesma porta uma cabeça de pedra, que ainda hoje dura. (1) O conde de Castel-Melhor João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa seu decimo quarto neto no anno de 1656 lhe mandou no mesmo lugar abrir uma inscripção, que refere tudo. (2)

XII Porta da Traição. Fica para a parte da muralha, em que está a porta do Muniz, e por um dos seus postigos ha serventia, que vem dar ao caminho da costa do castello.

Depois de passarem dous seculos, governando el-rei D. Fernando, e vendo a necessidade, que padecia Lisboa de fortificação, damnificada pelos prejuizos, que pouco antes lhe haviam feito os castelhanos, por conselho de João Annes de Almada, vêdor da fazenda, a mandou cercar de novos muros, e altas torres no anno de 1373, ordenando, que para maior expedição, e adiantamento da obra trabalhassem da parte do mar os moradores de Almada, Cezimbra, Palmella, Setubal, Coina, Benavente, e toda a mais gente do Riba-Tejo: e da parte da terra, os de Cintra, Cascaes, Torres Vedras, Mafra, Alanquer, Arruda, Atouguia, Lourinhã, Chileiros, Póvos, Villa Franca, e Aldea-Gallega. (3)

Com tanta diligencia se operou nesta reedificação, que se concluio no anno de 1375 a nova cerca, ou muros novos, dando-se de terreno á nova planta sete mil passos de circumferencia, e accrescentando-se nas muralhas de mais as portas seguintes:

I Porta de S. Lourenço. Ficava no cimo da calçada da Rosa, e junto onde hoje existe o palacio do visconde de Villa-Nova da Cerveira. Esta porta se demoliu no anno de 1700.

II Porta da Mouraria. Existe ainda hoje junto ao palacio do marquez de Alegrete.

III Porta da rua da Palma. Permanece na mesma rua, que lhe dá o nome.

IV Porta da rua da Pella. É onde chamam o arco da Graça, pelo qual se vai para o collegio de Santo Antão.

V Porta de Santa Anna. Ficava para baixo da paroquial de Nossa Senhora da Pena, e no sitio onde se vê hoje uma ermidinha chegada ao muro das religiosas commendadeiras de S. Bento de Avis.

VI Porta de Santo Antão. Existe junto da igreja de S. Luiz dos francezes. Por ella se faz transito para a praça do Rocio. Ainda nos lembramos vêr aqui collocadas nas suas conceiras as portas com que se fe-

(1) Brand Monarq Lusit liv. 10. cap. 28. Francisco Botelho de Moraes no Poema Alphonso, liv. 12. est. 20. da primeira impressão, dá a entender, que esta porta era a chamada do Sol: e na impressão de Salamanca liv. 10. est. 11. chama-lhe a porta do Norte.

(2) Vide Demonstr. Histor. de Fr. Apollinario da Conceição, p. 190. (3) Duart. Nun. Chronic. d'el-rei D. Fernand. p. 238. Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. 45. Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2 cap 103 num. 4.

chava, chapeadas de ferro, as quaes no anno de 1727 se tiraram para dar maior desafogo á publica, e magestosa entrada, que fez em 6 de Janeiro de 1728 o marquez de los Balbazes, embaixador extraordinario de Hespanha.

VII Porta das estrivarias delrei. Ficava entre a Inquisição, e as casas do duque de Cadaval, fazendo frontaria para o Rocio.

VIII Porta do Condestavel, ou postigo do Carmo. Chama-se hoje Postigo de S. Roque, por conservar em cima do arco uma imagem do Santo. Junto d'elle, para a parte da igreja de S. Roque, existia ainda um alto torreão, que com o terremoto passado desabou, e entupiu a passagem para o palacio do marquez de Niza, onde assistia o eminentissimo Cardeal Patriarca, em que morreram dous seus gentis-homens.

IX Porta, ou postigo da Trindade. Ficava junto d'este convento na travessa por onde se sahe para a rua larga de S. Roque.

X Porta de Santa Catharina. Existia junto da igreja do Loreto, e atravessava o largo da rua até entestar com as cavallharices delrei, que agora se arruinaram com o terremoto. Derrubou-se esta porta no anno de 1702.

XI Porta do Duque de Bragança. Estava no sitio, onde se fez o palacio do marquez de Valença, que tambem se consumiu com o terremoto, e incendio.

XII Porta de Catequefarás. Chama-se hoje Postigo do Corpo Santo, e estava junto da ermida de Nossa Senhora da Graça.

XIII Porta dos Cobertos. Por ella se fazia transito para a praça da Corte-Real, ou para o largo do Corpo Santo.

XIV Postigo do Carvão. Chamou-se arco do Espinho, e se entrava por elle da Tanoaria para a Fundição. Com o magnifico edificio do theatro Regio se demoliu no anno de 1754, e no seguinte com o terremoto e incendio, que o arruinou, se acabou de confundir o sitio de todo.

XV Porta da Oura, chamado o arco do Ouro. Ficava fronteira ao arco debaixo de Palacio, e fazia passagem da Tanoaria para o largo da Patriarcal. Tambem se demoliu com a crecção do edificio do theatro Regio.

XVI Porta dos Armazens. Ficava por baixo do novo quarto do Palacio, e por ella se fazia passagem do real theatro para o largo do Relogio.

XVII Porta do arco das Pazes. Era por onde se hia do largo das tendas da Capella para o Terreiro do Paço. Depois do terremoto, e em Agosto do anno de 1757, se mandou demolir com bastante parte do palacio.

XVIII Porta da Moeda. Existia por baixo do quarto, que ultimamente occupou a serenissima rainha D. Mariana de Austria, e olhava para o Terreiro do Paço. Hoje se acha tambem confundida.

XIX Porta, ou arco dos Pregos. Fazia frente para o Terreiro do

Paço, e lhe correspondia da parte do mar o Forte chamado do mesmo Terreiro. Arruinou-se totalmente com o fogo.

XX Porta dos Barretes. Chamava-se antes do terremoto, e incendio, Arco do Açougue. Hoje está o seu sitio perturbadissimo.

XXI Porta da Ribeira. Ficava junto á escada de pedra, que estava entre o Veropezo, e a travessa do Açougue. Mandou-a demolir o Senado no anno de 1619.

XXII Porta da Portagem. Confinava com a parede da rua do Principe.

XXIII Porta nova do Mar. Era da parte da Ribeira chegada á casa chamada dos Bicos.

XXIV Porta da Judiaria, ou do Rosario. É por donde se vinha da paroquial de S. Pedro sahir á Ribeira.

XXV Postigo de Alfama, a que alguns chamam das Alcaçarias. Fica defronte do campo da lã.

XXVI Porta do Chafariz de dentro. Fica-lhe fronteiro da parte do mar o chafariz da praia.

XXVII Porta, ou postigo da polvora. Era a ultima da banda da marinha, contigua á antiga cadêa das galés, junto á ermida de Nossa Senhora do Rosario.

XXVIII Porta da Cruz. Está fronteira á igreja do Paraiso. Damião de Goes na Descripção de Lisboa chama a esta a primeira porta da cidade.

XXIX Postigo do Arcebispo. Ficava antes de chegar ao convento de S. Vicente de fóra.

XXX Porta de S. Vicente. Ficava no sitio onde se vê hoje o passadiço para a cerca do convento.

XXXI Postigo de Nossa Senhora da Graça. Existia um pouco affastado do convento Graciano, e se mandou demolir no anno de 1700.

XXXII Postigo do caracol da Graça. Tambem se derrubou no mesmo anno, e existia no cimo da declividade do monte, que vem dar ás Ollarias.

XXXIII Porta de Santo André. Esta era a ultima porta aberta na cortina da muralha, que hia fechar no Castello.

No anno de 1650, reinando o senhor rei D. João IV, se traçou nova fortificação a Lisboa, recommendando-se a execução da nova planta, em que trabalharam os insignes engenheiros Mr. Legarte francez, João Gilot hollandez, e João Cosmander jesuita, natural de Brusellas, á diligencia, e actividade do marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes: (1) este a fez erigir com trinta e dous baluartes, e grande extensão

(1) «Omnem Tagi ripam, qua Ulyssiponem alluit, perpetuo militari sepimento circumdedit, et maritima loca urbi vicina, munimentis sibi invicem opitulantibus ita complexus est, ut nullibi sine hostium pernicie fieri possit in terram excensio. Opus quoque immensi et laboris, et molimini aggressus est, Joanne Rege ei dante negotium, ut Urbem Ulyssiponensem propugnaculis cingeret, quorum inchoata multa, et multa absoluta non sine stupore cernuntur.» Alcixo Cellotes de Jantillet Horae successivae. pag. 150.

de muralhas, que descrevemos no tom. 2. part. 4. d'este Mappa, cap. 3. §. 3.

Começada, e crescida a obra, pareceu demasiadamente grande o recinto, que se havia tomado, e assim ficou suspensa, e imperfeita, mas sempre mostrando a magestade, e grandeza da idéa: e sem embargo, que depois se intentou remediar alguns defeitos da dita fortificação, mandando-se para esse fim chamar a esta côrte ao nosso engenheiro Manoel Mexia, este achando maiores difficuldades no remedio, não quiz alterar a fortificação executada.

João Gilot achando-se em Lisboa no anno de 1652, querendo cingir em menor circumferencia o excesso da dita fortificação, apresentou ao principe D. Theodosio, que governava as armas, uma nova planta, que conservamos, cujo desenho era começar o reducto pela lombada, que fica um pouco fora do sitio de S. João de Deus, e pela quinta de Filippe Jacome até Nossa Senhora da Estrella, onde se juntava com a ladeira, que vem do Sacramento, e d'ahi atravessando a quinta de Francisco Soares, e seguindo aquelles oiteiros, passava pela cerca do Noviciado da Companhia, descia á rua de S. Joseph, d'onde subia ao oiteiro dos Capuchos, e rodeando a quinta do Ramires, caminhava por linha recta ao pé do oiteiro, que está junto a Nossa Senhora do Monte, e d'ahi correndo direito ao mar, acabava um pouco mais para dentro de Santa Apollonia, assentando nesta traça ametade dos baluartes, que mostrava o primeiro desenho.

Esta planta não se poz em operação; e supposto que a primeira incompletamente erecta, e já hoje em muita parte destruida, e turbada, pareceu então demasiadamente grande, o tempo foi mostrando que o seu ambito não era improprio ao augmento da povoação. Agora porem que vemos, não sem lastima nossa, uma grande parte da cidade arruinada, e os seus arrebaldes, e baldios occupados com casas, e barracas, que tudo tem confundido, e se espera nova planta para a sua renovação, é justo que tambem se intente o fortifical-a de novo, para ficar não só regular, quanto fôr possivel, mas forte, e inexpugnavel.

É bem verdade, que sendo o territorio, e a situação de Lisboa forte por natureza, não necessita ser muito fortificada por arte; nem tem o receio, como já ponderaram Luiz Mendes de Vasconcellos, e Severim de Faria, (1) de poder ser acomettida improvisamente; «porque considerada pela marinha, d'ella á foz do rio Tejo ha tres leguas; e voltando sobre o seu terreno, quasi tudo é costa brava, tendo muito poucos, e ruins surgidouros, e faceis de defender; sendo o que lhe fica mais perto o de Cascaes, que está cinco leguas d'esta cidade, e é praça bem presidiada. E se o inimigo desembarcar em Peniche, quando a nossa ne-

(1) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisboa, p. 220. Sever de Far. nos Discurs. var. Polit. disc. 1 pag. 13. v.

gligencia o déixe fazer, a pouco custo se poderá desbaratar pela aspereza do caminho, e pelo difficultoso passo da cabeça de Montachique.

Pela barra dentro quasi que é impossivel a invasão, por causa dos cachopos, torres de S. Julião, e mais fortes, e fortalezas, que por alli ha: e a sahida ainda é muito mais trabalhosa; porque só com especiaes ventos, e marés se executa; e nenhum general será tão imprudente, que se meta com uma armada dentro de um porto, onde a retirada lhe não seja segura, e prompta.

«Não tem Lisboa menos segurança por terra, porque pelo Alemtejo é difficil vir a ella exercito algum, se so quizer impedir, porque sahindo das terras cultivadas, se dá na charneca, a qual pelo mais breve caminho tem onze leguas, onde só com o fogo que nella se pegue, se póde embaraçar, e destruir as tropas, e quando isto se não faça, e o exercito chegar ao rio, não poderá vadeal-o tão facilmente.

«Vindo pela Beira o inimigo, ou ha de vir dar a Sacavem, onde o seu rio é tão fundo como o do Lisboa, ou ha de vir por Vialonga, que é a estrada mais livre, que pode ter, mas defendendo nós a passagem do Lumiar, e as mais d'aquelles montes, que correndo para Nossa Senhora da Luz, e Sacavem, fazem por beneficio da natureza um muro fortissimo a esta cidade, não poderá ser expugnada sem muito trabalho, e perigo.» De sorte, que sendo Lisboa por si tão defensavel, lhe bastará qualquer fortificação para ficar segurissima.

§ IV—*Multidão de seus habitadores*

Não é muito facil formar calculo certo ao grande numero dos moradores, que habitam, e compõe esta nobilissima cidade; porque só a multidão dos estrangeiros protestantes, que francamente aqui assistem para o commercio, e não se alistam no rol annual dos parocos, difficulta muito esta diligencia: todavia por não defraudarmos totalmente aos desejosos de uma das principaes noticias d'este assumpto, referiremos ao menos por curiosidade chronologicamente os exames, e averiguações, que em varios tempos se fizeram sobre esta computação.

No anno de 1528 Henrique da Mota, escrivão da camera delrei D. João III tirando por ordem do mesmo senhor uma relação exacta do povo, que havia em Lisboa, e seus arrebaldes, achou o seguinte. (1)

Fogos na cidade, e arrabaldes	14U014
No termo	4U034

(1) Refere Cunha na Histor. m. s. dos Arcebisp. de Lisboa, sendo que Gaspar Barreiros na Corografia, pag. 51 assina menor numero.

A saber:

Viuvas	4U305
Clerigos moradores	U720
Bairro dos Escolares de Alfama	1U734
Alcaçova com a cerca velha	1U127
Povoação dos muros a dentro, e Ribeira	8U025
Arrebaldes, Catequefarás até Alcantara	U554
Villa-Nova de Andrade	U408
Santo Antão com hortas	U200
Mouraria, e povoação de S. Lazaro	U745
Porta da Cruz, e Enxobregas	U080
Quintas nos limites de Santa Justa, Martyres, e Santo Estevão	U150
Somma	18U048

No anno de 1551 Christovão Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do arcebispo D. Fernando de Vasconcellos no Tratado, ou Summario, que fez por ordem do mesmo arcebispo de algumas cousas assim ecclesiasticas, como seculares, que havia na cidade de Lisboa, achou ter, além da corte (1)

Visinhos 18U000 — Almas 100U000 — Escravos 9U950

No anno de 1552 em uma relação m. s. que vimos, feita com muita miudeza, das grandezas de Lisboa, diz, que havia na cidade duzentos e trinta e cinco officios, em que se occupam

Homens 39U000 — Mulheres 11U500 — Havia mais Orfãos 3U000
Meninos de escola 4U000 — Mulheres solteiras 5U000.

No anno de 1561 Gaspar Barreiros, conego da Sé de Evora, diz, que no seu tempo era julgada communmente Lisboa por uma povoação de trinta mil visinhos, sendo que elle a computava por dezasete mil.(2)

No anno de 1600 João Botero Benese, abbade de S. Miguel nas suas noticiosas «Relações Universaes» (3) achou ter Lisboa vinte mil casas, e povo infinito.

No anno de 1608 Luiz Mendes de Vasconcellos diz, que no seu juizo era incomprehensivel o numero da gente, que então vivia em Lisboa, pois só em um pequeno bairro d'ella, chamado a Lapa, havia cinco mil casas. (4)

No anno de 1620 fr. Nicolão de Oliveira, religioso trinitario, no li-

(1) Rodr. de Oliv. Summar. pag. 118. da impressão moderna. (2) Barreir. Corograf. p. 51. (3) Botero Relazioni Universali part. 1. lib. 1. pag. 16. (4) Vasconcel. Sitio de Lisboa pag. 162.

vro, que compoz das «Grandezas de Lisboa.» lhe assina vinte e sete mil visinhos, e cento e onze mil pessoas. (1)

No mesmo anno D. Francisco de Herrera e Maldonado na vida, que escreveu do veneravel Bernardino de Obregon, diz, que por computo certissimo se achavam na povoação de Lisboa cento e quinze mil fogos. (2)

No anno de 1623 Gil Gonçalves de Avila no «Theatro das Grandezas de Madrid, affirma que nunca se pode ajustar o numero dos habitadores de Lisboa; porem que os mais curiosos lhe numeravam quinhentas mil pessoas. (3)

No anno de 1624 Manoel Severim de Faria, chantre de Evora, nos «Discursos Politicos» (4) diz, que o numero da gente em Lisboa era tão grande, que se tinha no seu tempo pelo maior povo da Europa.

No anno de 1642 o illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, na «Historia Ecclesiastica» d'esta cidade, lhe assinou cincoenta mil visinhos. (5)

No anno de 1645 Rodrigo Mendes da Silva na «Poblacion general de España» (6) lhe attribuio mais de cincoenta mil visinhos.

No anno de 1652 o capitão Luiz Marinho de Azevedo, especial indagador das grandezas de Lisboa, escreve, que teria esta cidade no seu tempo vinte e oito mil e duzentos visinhos; porem que os mais curiosos reputavam comprehender oitocentas mil pessoas. (7)

No anno de 1660 Pedro Davity na «Descripção geral da Europa» lhe assinou mais de cento e vinte mil habitadores. (8)

No anno de 1668 Mons. de Ivignè no «Diccionario Theologico Historico, não lhe assinou mais que o numero de vinte mil casas, trasladando o que disse Damião de Goes. (9)

No anno de 1704 pelas relações dos parocos mandadas ao arcebispo D. João de Sousa, que nós vimos, numerava então Lisboa, excepto os estrangeiros, noventa mil fogos.

No anno de 1707 D. João Alvares de Colmenares, escrevendo as «Delicias de Portugal,» deu a Lisboa o numero de trinta mil casas. (10)

No mesmo anno o padre Antonio Maria Bonucci no sermão das exequias do serenissimo rei D. Pedro II, prégado em Roma, a pag. 10, e 14 diz, que em Lisboa se contava n'aquelle tempo mais de quinhentas mil pessoas.

No anno de 1712 o padre Antonio Carvalho da Costa na «Corografia Portugueza,» conforme a somma extrahida dos fogos, que elle assina ás freguezias, resulta mais de vinte mil fogos. (11)

(1) Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. (2) Herrer. Vida do Ven. Obregon p. 141.
(3) Avila Theatr. de Madrid. pag. 502.
(4) Sever. Discurs. 1. pag. 15. v. (5) Cunh. Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 5. n. 1. (6) Silv. Descripcion de Port. c. 2. (7) Marinh. de Azeved Antiguid. de Lisb. part. 1. liv. 1. e 29. (8) Davity tom. 1. p. 185. (9) Ivigné Diction. Theol. verb, Lisboa.
(10) Colmenar. Delic. de Port. tom. 4 p. 749.
(11) Carv. da Costa Corograf. Portug. tom. 3. tratad. 8.

No anno de 1716 o Papa Clemente XI em Consistorio de 7 de dezembro, declarou pela attestação, que lhe foi de Lisboa, que só a parte occidental d'ella continha quasi trezentos mil habitadores. (1)

No anno de 1730 a «Descripção de Lisboa,» escrita em francez, e impressa em Amsterdão, lhe deu o numero de duzentas e cincoenta mil almas. (2)

No anno de 1736 o padre D. Luiz Caetano de Lima, sem embargo que no tom. 2. da «Geografia Historica» se exima prudentemente de assinar numero certo de habitadores em Lisboa, com tudo das relações que transcreve, lhe deu só na parte occidental dezanove mil quatrocentos e vinte dous fogos. (3)

No anno de 1739 Antonio de Oliveira Freire na «Descripção Corografica de Portugal» lhe attribuio oitocentas mil pessoas. (4)

No anno de 1754 mandando-se a Roma uma attestação dos habitadores que continha Lisboa para se passarem as Bullas ao segundo Patriarca o eminentissimo Cardeal Manoel, se lhe assinou mais de seiscentos mil habitantes conforme o calculo moderno.

De todas estas computações se deduz quanto se tem alterado com os tempos o populoso da cidade, na qual se não pode fixar numero absolutamente certo de habitadores; e muito menos depois que no tragico terremoto, e incendio geral de Lisboa pereceu tão grande multidão lastimosamente. Uns dizem (5) que foram quinze mil os mortos; outros (6) vinte quatro mil: outros (7) setenta mil. Perda foi esta, que não se poderá calcular tão facilmente.

Verdade seja, que ainda que a maior parte dos moradores, que por altissimo destino escaparam do triste golpe d'aquelle dia, desampararam a cidade: os seus campos, e contornos para onde se refugiaram, se viram ampliados de sorte, que como se Lisboa tivera a qualidade de hydra, ou a natureza da Fenix, por cada bairro que se extinguio, cresceram muitos; por cada casa, e rua que se abrazou, renasceram multiplicadas; casas, e ruas no campo do Curral; casas, e ruas no campo de Santa Clara: casas, e ruas na Cotovia, em Campolide, em Belem, no sitio do Rato, e tudo cheio, e povoado com bastante numero de gente.

De maneira, que Lisboa neste particular parece que não sentiu diminuição alguma, pois cada dia se acha infinitamente mais fornecida, e augmentada em povo; e com a capacidade de poder povoar, e soccorrer todos os annos da mesma sorte as suas conquistas em todas as quatro partes do mundo; sem que todavia, como até agora experimentámos, se dê a conhecer a falta dos que se ausentam, senão nos olhos dos que ficam.

(1) Ex Cod. Titul. S. Patr. Eccles. Lisb. tom. 1. pag. 118. (2) Description de la Ville de Lisbonne pag. 8. (3) Lima Geograf. Hist. tom. 2. p. 647. (4) Oliveir. Freire Desc. Corogr. de Port. pag. 105. (5) P. Anton. Pereir. no Comment. de Terraemot. et incend Olisipon pag. 9. (6) Pedegache Nova, e fiel Relaç. do Terremoto pag. 20.
(7) Joseph de Oliv. Trovão na sua Cart. Relator, deste successo p. 11

§ V—*Novo plano regular da cidade*

Reconhecida, e observada a destruição de Lisboa com o grande terremoto, e incendio do primeiro de Novembro de 1755, foi preciso intentar-se a sua renovação. Havia differentes modos para esta se executar. Primeiro, restituindo-a promptissimamente ao seu antigo estado, levantando as casas nas suas mesmas alturas, e dispondo as ruas como estavam; servindo os proprios destroços, e ruinas para a erecção dos edificios, e evitando d'esta sorte o trabalho, e despeza dos desentulhos.

Porem neste projecto lhe faltava a attenção ao melhoramento de uma cidade, que se pertendia edificar de novo em occasião opportuna, conservando-lhe outra vez as ruas estreitas, que as faz de aborrecivel uso; e as casas nas mesmas alturas, causando o horror, que se tem concebido aos terremotos.

O segundo modo era, levantar os edificios nas suas antigas alturas, e mudar as ruas estreitas em ruas largas. Assim ficaria melhor a serventia do publico, e se conservava na altura das casas abundantes commodos para os habitadores, e a cidade ficaria mais formosa do que d'antes era, melhorando-se alguns edificios maiores arruinados. Porem nesta idéa se encontra o defeito de se não acautelar contra o flagello dos terremotos nas alturas dos edificios.

O terceiro modo era, diminuindo as alturas a dous pavimentos sobre o terreo, e mudando as ruas estreitas em largas; acautelando-se por este modo contra semelhantes assaltos, diminuindo as alturas dos edificios, por se temerem nos mais altos as ruinas mais certas, como pelo contrario nas ruas mais largas maior facilidade para se escapar dos destroços, que nas estreitas servem de grande impedimento ao retiro. Mas tem contra si este arbitrio os clamores dos donos dos edificios extinctos, e outros diminutos de rendimento pela diminuição dos inquilinos, entre cujos clamores seriam muito distinctos os dos morgados, ecclesiasticos, e irmandades, como tambem tinha contra si a accomodação dos desentulhos, e mais que tudo a gravissima despeza com que se havia de substituir a diminuição dos edificios extinctos.

O quarto modo era, arrazando toda a cidade baixa, levantando-a com os entulhos, suavisando assim as subidas para as partes altas, e fazendo descenso para o mar com melhor, e suave correnteza das aguas, formando novas ruas com liberdade competente assim na largura, como na altura dos edificios. Mas esta idéa, posto que vencia ao terceiro modo em evitar o embaraço dos desentulhos, e em dar melhor serventia á cidade, sempre ficava com o grave pezo de dar a cada um a justa compensação do que lhe pertencia.

O quinto modo podia ser desprezar Lisboa arruinada, e formar outra de novo desde Alcantara até Pedrouços, com permissão porem de que os donos das casas de Lisboa arruinada as podessem levantar como

quizessem. Facilitava-se este modo mais que todos, porque não tinha que vencer difficuldades de desentulhos, e suas acomodações: offerecia campo docil, e livre das eminencias de Lisboa antiga, sem necessidade de averiguar o estado das casas, que se deviam conservar, ou derribar, nem ouvir clamores dos donos das que inteiramente se desprezassem. Com este arbitrio se edificaria com mais gosto, pelas melhoras, e avanços, que geralmente se reconhecem no terreno, e praias do sitio de Belem, e suas visinhanças, livrando aos habitadores do horror que conceberam na destruição da cidade arruinada; e com incomparavel brevidade, e boa organisação de ruas, e de edificios, se formaria uma Lisboa nova, sem que os dominantes dos edificios de Lisboa destruida tivessem de que se queixar, pois se lhe não fazia violencia alguma, nem se lhes impedia a reedificação dos seus edificios para se valerem d'elles á sua vontade.

Estas eram as idéas que pareciam attendiveis; porem com mais madura ponderação determinou sua magestade por decreto de 3 de Dezembro de 1755, que da cidade arruinada fossem promptamente seus edificios demolidos, e se alinhassem as ruas com rectidão, e largura competente á commodidade dos seus habitantes: e que nos outros bairros, cujos edificios ficaram no estado de admittir concerto, se melhorassem as ruas quanto fosse possivel: e para que em semelhante obra tão necessaria ao bem commum não houvesse prejuizo nos particulares, estabeleceu varias providencias por dous decretos, um de 12 de maio de 1758, e outro de 15 de junho de 1759.

E porque nas ruas rectamente alinhadas podessem os proprietarios dos terrenos edificar as suas propriedades com a certeza da qualidade dos habitantes, e dos artifices, estabeleceu por decreto de 15 de Novembro de 1760 a distribuição das ruas seguintes, que jazem entre as praças do Commercio, e a do Rocio.

Rua nova d'el-rei. N'ella se devem arruar os mercadores da classe da capella, applicando-se as logens, que d'elles sobejarem para as vendas dos outros mercadores de louça da India, de chá, e das mais fazendas do seu trafico.

Rua Augusta. N'esta rua se devem alojar os mercadores de lã, e seda, applicando-se-lhes onde não chegarem as logens as mais que necessarias forem na rua de Santa Justa.

Rua Aurea. N'ella se accommodarão os ourives do ouro, alojando se nas accommodações que d'elles sobejarem os relojoeiros, e volanteiros.

Rua bella da Rainha. N'ella se accommodarão os ourives de prata, e nas logens que sobejarem, se alojarão os livreiros que antes viviam na sua visinhança.

Rua nova da Princeza. N'ella se accommodarão os mercadores de fancaria: destinando-se os sobejos d'ella, se os houver, ás logens de quincalheria.

Rua dos Douradores. Esta rua que será immediata á rua bella da Rainha, cortando ao nascente d'ella, se distribuirá para os douradores, batefolhas, latoeiros de lima, ficando livres as logens, que n'ella sobejarem, para tendas, tavernas, e outros misteres.

Rua dos Correieiros. Esta rua, que ficará entre a rua bella da Rainha, e a rua Augusta, terão nella arruamento os officios de correieiro, selleiro, e torneiro.

Rua dos Sapateiros. Nesta rua, que mediará entre a rua Augusta, e rua Aurea, se devem arruar a um lado d'ella os sapateiros, e o outro lado se deixará livre para outros misteres do povo.

Rua de S. Julião. Assim se denominará a primeira das seis travessas, que cortam as sobreditas ruas, principiando da banda do nascente, e nella se devem accommodar os algibebes.

Rua da Conceição. Assim se denominará a segunda das referidas seis travessas, e nella se accommodarão os mercadores de logens de retroz.

Rua de S. Nicolau. Assim se denominará a terceira das ditas travessas, e nella se accommodarão as logens de quincalheria, que couberem.

Rua da Victoria. Assim se denominará a quarta das referidas travessas, e nella se accommodarão as logens, que restarem dos referidos mercadores de quincalheria.

Rua da Assumpção. Assim se denominará a quinta das sobreditas travessas, e nella se arruarão os cerigueiros assim de chapeos, como de agulha.

Rua de Santa Justa. Assim se denominará a sexta e ultima das referidas travessas, e nella se alojarão os mercadores de lã, e seda, que não tiverem bastante accommodação na rua Augusta.

Determinada com esta formalidade a distribuição das principaes ruas, se principiou a renovação da cidade pelo edificio publico de um magestoso arsenal, e a bolsa do negocio com a accommodação dos tribunaes; largando sua magestade o seu palacio antigo do terreiro do paço, assim como os senhores reis seus antecessores haviam largado os em que habitavam, que se acham hoje servindo de outros usos.

E para palacio da sua residencia escolheu a elevação do terreno superior ao Tejo, e á cidade de Lisboa, que jaz entre o largo de S. João dos Bem casados, e o caminho que vai do Senhor Jesus da Boa Morte para o Rato; com as demarcações que se assinam no decreto que para este effeito passou a 2 de Julho de 1759. Ficando este sitio sendo cabeça, e parte principal da corte, e cidade de Lisboa, que por este novo plano ficará mais extensa, regular e decorosa.

§ VI — *Catalogo dos seus Prelados*

Querer enlaçar uma serie direita dos prelados superiores, que governaram a santa igreja de Lisboa desde os primitivos tempos da chris-

tandade aqui estabelecida, é materia summamente escura, difficil, e embaraçada; e assim evitando o mettermo-nos em tão espessas trevas, reduzimos estas memorias com a possivel clareza, e brevidade a tres classes: Bispos, Arcebispos, Patriarchas.

BISPOS

Pretende o illustrissimo D. Rodrigo da Cunha deduzir a origem da cadeira pontificia na santa igreja lisbonense desde a promulgação do Evangelho, e quer que S. Mansos, discipulo do Senhor, enviado pelos Apostolos a Hespanha, fosse o seu primeiro bispo regionario: (1) e sem embargo que de algum modo milita pela parte de D. Rodrigo o Breviario eborense, reconhecido pelo insigne André de Resende, e a tradição immemorial d'aquella Diocese, não obstante a asseveração contraria de Papebroquio, e seus eruditos continuadores Antuerpienses, que negam absolutamente a vida de S. Mansos a Hespacha, (2) com tudo são tão debeis os fundamentos, em que se estriba D. Rodrigo, que nos deixa ainda muito pouco seguros, e satisfeitos na base pontificia da nossa igreja.

A mesma debilidade padecem as memorias episcopaes do *Anonymo* discipulo de Santiago maior: de Filippe Filoteo, que dizem ser mandado por S. Clemente papa no anno de 92: de S. Pedro I pelos annos de 166: de Pedro II no anno de 213; de Jorge no anno de 260: de Pedro III pelos annos de 297, em cujo tempo succedeu o glorioso martyrio dos tres Santos irmãos Verissimo, Maxima, e Julia: de S. Gens, ou Genesio, que floreceu no tempo de Diocleciano: de Januario pelos annos de 300: de Potamio (3) pelos annos de 356: de Antonio no anno de 373: de Neobridio pelos annos de 430: de Julio no anno de 461; de Azulano em quasi o mesmo tempo: de João pelos annos de 500: de Eolo pelos annos de 536; de Nestoriano pelos annos de 578; porque todos, ou quasi todos estes prelados, que o sobredito D. Rodrigo, e outros escritores constituem nesta cathedral, são duvidosos: pelo que separando nós o verdadeiro do incerto começamos a serie dos bispos de Lisboa por

I Paulo—*Desde antes do anno* 589

É este o primeiro pastor ecclesiastico, que encontramos com teste-

(1 Cunha Histor. Eccles. dos Bisp. de Lis. part. 1. cap. 9. Resende na Histor. de Evora cap. 9. (2) Papebroch. tom. 5. Acta Sanctor. a 21 de Maio pag. 35., e 5 de Agosto pag. 11. (3) Padilha Histor. Eccles. c. 51. cent. 4. seguindo a Morales liv. 10. c. 37. diz, que Potamio fora o primeiro Bispo de Lisboa; porem Luiz Marinho liv. 3. c. 31 das Antiguidades, defende fortemente, que Potamio não fora Prelado desta Igreja. Sem embargo que de Potamio, como bispo de Lisboa, se faz menção no famoso Libello, que os Presbyteros Marcellino, e Faustino, Luciferianos, escreveram aos imperadores Valentiniano, Theodosio, e Arcadio, que vem no tom. 5. Biblioth. Patr. pag. mihi 652. Porém os Padres Antuerpienses affirmam ser este Libelle mendacissimo: o mesmo dizem Tilemont tom. 7., e outros apud Florez tom. 10 da Espana sagrada, e tom. 13. pag. 147.

munho authentico regendo a diocese lisbonense. Verdade seja, que não podemos duvidar da anterior existencia de outros prelados d'ella, não só por vermos a honra da sua cadeira episcopal estabelecida ja no tempo do Concilio de Eliberi, celebrado no principio do quarto seculo; mas porque o martyrio, com que muitos varões santos illustraram esta cidade em tempo do gentilismo, é prova de estar nos Fieis radicada a religião Evangelica, animada, e persuadida pelo exemplo dos seus prelados: (1) porém as turbulentas, e vivas perseguições dos primeiros seculos, e accidentes particulares, privaram a posteridade da sua noticia.

Consta pois a existencia de Paulo pela subscripção, que d'elle vemos no concilio III de Toledo, celebrado no anno de 589 á instancia d'elrei Recaredo contra a perfidia Arriana, onde no lugar decimo oitavo das firmas dos prelados, que alli concorreram, se lê: *Paulus Olissiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi*, (2) inferindo-se d'aqui ser elle um dos suffraganeos antigos n'aquelle tempo de Merida, pois que precedia a quarenta e quatro bispos d'aquella santa assemblea.

II Goma, ou Gomarelo—*Desde o anno* 610

Com certeza se não póde dizer se este bispo foi immediato successor de Paulo, como quer D. Rodrigo da Cunha, (3) e bem duvida Luiz Marinho de Azevedo. (4) A memoria que temos delle é achar-se na confirmação do decreto delrei Gundemaro em favor da igreja de Toledo, conforme o Synodo, que alli fez celebrar no anno de 610, onde firmou no lugar duodecimo. Ainda persevera a memoria deste prelado até o anno de 614, no qual celebrando-se o concilio de Tarragona, se vê alli assinado Fructuoso como procurador do nosso bispo, como advertiu Loaysa, e Padilha. (5)

III Viriaco, Ubarico, ou Dialico—*Desde o anno de* 633

Com toda esta variedade se lê o nome deste nosso prelado nos codigos dos concilios de Toledo, a que assistiu. No IV Toledano, celebrado pelos annos de Christo 633, assinou no lugar quadragesimo quinto dos bispos concurrentes, nesta fórma: *Viriacus Olisiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi*. No concilio V celebrado no anno de 636, subscre-

(1) Este Concilio foi celebrado ou no ann. de 300, ou 301, como parece a Tillemont tom. 5. tit. do S. Eulalia: e supposto que D. Fernando de Mendonça na edição, e commentarios que lhe fez, não expressa mais que dezanove Bispos, que se congregaram, sem nomear o de Lisboa; com tudo como consta de outros Codices, que foram quarenta e tres bispos, e entre os mencionados por Mendoça vem expresso o de Ossonoba, seodo cidade do Algarve mais retirada, e menos illustre que Lisboa, ha fundamento para dizermos, que falta a subscripção do nosso Prelado: quanto mais, que na Carta 68. de Cypriano, segundo affirma o P. M. Flores na Espana sagrada tom. 4. pag 82. se faz memoria do Bispado Lisbonense

(2) Conforme o tom. 13. pag. 129. dos Concilios da Collecção Regia Parisiense, impressa no anno de 1644. Veja-se a Monarq. Lusitan. liv. 6. c. 19. O P. Flores no tom. 6. pag. 147. o colloca no lugar decimo setimo. (3) Cunha part. 1. cap. 22. da Hist. Eccles. de Lisboa. (4) Mar. de Azev. liv. 4. cap. 6. (5) Padilha Hister. Eccles. part. 2. cent 7. cap 5.

veu no lugar decimo terceiro, e se vê assinado *Ubaricus*. No concilio VI que se congregou no anno de 638, vemos no lugar trigesimo quarto ao mesmo prelado com o nome *Dialico*. (1) Entre este bispo, e Gomarelo adverte Luiz Marinho, que bem podia ter havido outros bispos, pois se passaram vinte annos de interpolação: mas não ha memoria alguma delles que seja veridica. Ambrosio de Morales, a quem segue fr. Bernardo de Brito, e Marinho de Azevedo, fazem dous differentes bispos de um só, porque separam Viriaco de Ubarico. (2)

IV Neufridio, ou Neufredo.—*Desde o anno* 646

O nome deste prelado se verifica pelo concilio VII de Toledo, celebrado no anno de 646, onde achamos subscrevendo em seu lugar ao abbade Crispino como procurador do nosso bispo, e assinou no lugar trigessimo. (3) Devia Neufridio succeder immediatamente a Viarico pelo pouco tempo intermedio, que se passou entre um, e outro concilio. Passados poucos annos, isto é, no de 653, aconteceu o glorioso martyrio de Santa Iria natural de Thomar.

V Cesario, ou Cesar—*Desde o anno* 656

Antes de Cesario conjectura D. Rodrigo da Cunha, (4) que houvera outro bispo chamado Vicente, e que assistira por seu procurador Servando ao concilio VIII Toledano, porém o fundamento de D. Rodrigo é frivolo. O mais certo é, que a Neufredo succedeu Cesario, e o encontramos assinado no lugar undecimo do concilio X nacional, celebrado em Toledo em tempo de Recesvintho, rei Godo, pelos annos de Christo 656 no dia primeiro de Dezembro. (5)

VI Theodorico —*Desde o anno* 666

Acha-se o nome, e dignidade de Theodorico expresso no concilio de Merida, que se celebrou pelos annos de 666, e nelle subscreveu em quinto lugar, nesta fórma: *Theodoricus in Christi nomine Sanctæ Olissiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi.* (6)

VII Ara—*Desde o anno* 683

Não se póde affirmar certamente se este prelado foi immediato successor de Theodorico. Sabe-se que foi assistir ao concilio nacional, e XI.º de Toledo, congregado pelo rei Ervigio a 4 de Novembro de 683, e nelle subscreveu em ultimo lugar. (7)

(1) Tom. 4. Concilior. pag. 522. Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 1. c. 23. Monarq. Lusit. liv. 6. c. 22. (2) Moral. liv. 12. c. 25. Brit. na Monarq. l. 6. c. 21. Marinh. liv. 1. c. 6. (3) Consta do tom 14. Concilior. pag. 667. Flores tom. 6. da Esp. sagr. p. 184. póem no lugar segundo a Crispino, que assistio como Vigario de Neufredo. (4) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 26. (5) Tom. 15. Concilior. p. 413. (6) Tom. 15. Concilior. p. 474. (7) Tom. 17. Concil. p. 41. e 50.

VIII Landerico — *Desde o anno* 688

Provavel é que succedesse este bispo immediatamente a Ara pelo pouco tempo que se passou entre um, e outro. Encontra-se o seu nome nas actas do concilio Toledano XV, e no lugar quinquagesimo sexto. No concilio XVI, tambem Toledano, firmou no lugar quinquagesimo quarto. É de parecer Luiz Marinho, que a Landerico succedera outro prelado chamado Harderico; (1) mas desejaramos, que allegasse documento, que reforçasse o seu voto.

Com a entrada dos mouros, que foi pelos annos 714, em cujo tempo governava ainda a nossa igreja o bispo Landerico, segundo parece a D. Rodrigo da Cunha, cessaram as memorias dos seus prelados, e sua diocese, a qual sem duvida naquelles lastimosos tempos padecen grande interrupção na sua liberdade, posto que não se extinguiu o Christianismo; pois consta que se conservou na igreja dos Santos Verissimo, Maxima, e Julia, no monte de S. Gens, e na igreja de S. Felix em Chelas. (2) Restaurada finalmente esta cidade do poder dos Arabes, se foi continuando em paz a serie pontificia de seus prelados, sendo delles o primeiro, que se seguiu a occupar a cadeira Episcopal.

IX D. Gilberto—*Desde o anno de* 1147

Tanto que o inclyto rei D. Affonso I recuperou Lisboa, constituiu em primeiro prelado da sua igreja a D. Gilberto, ecclesiastico benemerito, e inglez de nação, que tinha vindo na armada estrangeira, e cooperou para a conquista da cidade. Foi logo D. Gilberto sagrado pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar, em cujas mãos fez juramento de obediencia, ficando desde então a igreja de Lisboa suffraganea a Braga, tendo sido antecedentemente sujeita a Merida. (3)

Estabeleceu o novo bispo no anno de 1150 o cabido da Sé com o numero de dignidades, e prebendas necessarias: e na mesma cathedral ordenou, que se rezasse, e celebrasse pelo breviario, e missal da Anglicana igreja de Salisbury, cidade da provincia de Viltonia, a que os inglezes chamam Wiltshire, e consequentemente introduziu esta Liturgia em toda a sua diocese, cujo rito se observou até o anno de 1536, em que o arcebispo infante D. Affonso o fez abolir com a introducção do romano. (4)

No anno seguinte de 1151 achamos memorias do grande espirito deste prelado, pois com zelo apostolico fez persuadir a muitos de seus nacionaes viessem continuar em Hespanha a expugnação dos infieis. (5) E depois de ordenar as tres parochias de S. Vicente, dos Martyres, e

(1) Mar. de Azev. liv. 4. cap. 10. (2) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 32. (3) Garibay tom. 4. l. 34. c. 12. Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 30. (4) Cunha nos Bispos de Lisb. part. 2. c. 1. Pereir. na Chronic. do Carmo tom. 2. part. 1. n. 141. e na Dissertac. Apologet. n. 105. (5) «Gilbertus Episcopus Olisipoois praedicans in Arcliam plurimos solicitavit in Hispaniam proficisci Ispalim obsessuros, et expugnatures. Consta da

de Santa Justa, cheio de merecimentos, e dias, completou o ultimo prazo da vida aos 27 de abril de 1166. Foi sepultado na sua Sé na capella mór da parte direita em tumulo alto, que passados tempos se demolio pelo embaraço, que fazia aos officios divinos.

X D. Alvaro—*Desde o anno de* 1166

Como o bispo D. Gilberto ainda em sua vida tinha nomeado por coadjutor, e seu futuro successor a D. Alvaro, que então era mestre-escola da Sé, tanto que D. Gilberto faleceu, começou elle a exercer logo a sua dignidade: posto que lha embaraçaram os conegos com alguns vãos pretextos, que o Papa Alexandre III decidiu no anno de 1168 a favor de D. Alvaro.

Uma das grandes provas, que confirmam a virtude deste prelado, é entrar elle neste anno a continuar o seu governo tão esquecido das opposições passadas, que a sua primeira acção foi convidar com generosidade, e clemencia aos mesmos conegos seus emulos, dando-lhes faculdade para disporem das rendas das suas prebendas, (devia ter Breve para isso) que se vencessem em um anno depois de seus obitos. (1)

Constituiu quatro paroquias, a saber: S. Jorge, Santa Cruz, S. Bartholomeu, e S. Martinho. Aconteceu no seu tempo a trasladação do estimavel thesouro do corpo glorioso de S. Vicente Martyr, o qual do Promontorio do Algarve, onde, havia annos, estivera occulto, o mandou transferir elrei D. Affonso Henriques para Lisboa, collocando-se na cathedral com grande solemnidade em 15 de setembro de 1173. Desde então concedeu o mesmo rei a esta cidade o poder tomar por brazão de armas a insignia de uma náu com a imagem do Santo, e dois corvos na popa, e proa para perpetuo testemunho, de que assim fôra o corpo do Santo milagrosamente conduzido a Lisboa. (2) Faleceu finalmente este prelado a 11 de setembro de 1185, e foi sepultado na Sé em a capella de Santiago chamada vulgarmente da Pombinha. Advertimos, que fr. Antonio de Yepes no tom. 5. da Chronica geral de S. Bento, pag. 16. col. 1., faz menção por este tempo de um bispo lisbonense chamado Antonio, e julgamos será equivocação nascida da letra inicial de Alvaro.

XI D. Soeiro I—*Desde o anno de* 1185

Logo que o bispo D. Alvaro faleceu, foi sublimado á dignidade prelaticia D. Soeiro, o qual havia sido eleito ainda em vida de seu antece-

Historia intitulada «Regum Anglicorum,» escrita por Simeão Dunelmense, e continuada por João Prior de Hagustalde. (1) Cunha no Catal. dos Bispos de Lisboa part. 2. c. 7.

(2) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 24. Cunha no Catal. dos Bisp. de Lisb. part 2. cap. 8. Flores na Hesp. sagrad. tom. 8. pag. 188. Dondo Mousinho de Quevedo no Affonso Africano cant. 3. est 11. cantou

«Por armas suas uma Náo pregoa,
Que dous corvos discorrem popa a proa.»

sor. Era elle pessoa de grandes merecimentos, e por isso muito estimado delrei D. Sancho I, que a seu respeito concedeu bastantes privilegios a esta cidade, e á sua cathedral. Nella estabeleceu D. Soeiro as Quartenarias, para que fossem em maior numero os ministros da igreja. Do anno 1109 por diante ficou este bispado lisbonense suffraganeo a Compostella por composição, que fez o Papa Innocencio III com os arcebispos de Braga, e Santiago. (1) Terminou D. Soeiro seus dias em 28 de setembro de 1209, conforme D. Rodrigo, ou no de 1210, segundo o chronista Brandão. (2)

XII D. Soeiro Viegas II—*Desde o anno de* 1210

Foi este prelado não só illustre no sangue, mas insigne no esplendor da prudencia, por cujas prendas era muito do agrado delrei D. Sancho I, e de seu filho D. Affonso II, o qual tanto que subio ao throno, e começou a contender com suas irmãs sobre as terras, que lhes havia deixado elrei seu pai, de cujo litigio se queixaram ellas ao Papa Innocencio III, elrei para informar ao pontifice da sua causa, enviou a Roma o bispo D. Soeiro, o qual com a rara capacidade, de que era dotado, soube compor a negociação admiravelmente.

Nesta jornada teve a fortuna de tratar com familiaridade a S. Boaventura, a quem informou de muitas acções prodigiosas do nosso gloriosissimo patricio Santo Antonio, que serviram muito para lhe compor a vida, como o Santo doutor confessa no seu prologo. A mesma amizade contrahiu com os bemaventurados patriarcas S. Domingos, e S Francisco, de que resultou a vinda, e entrada de tão exemplares religiões nesta cidade.

As letras, e as virtudes, que guardavam excellente harmonia em D. Soeiro, lhe não embotaram o valeroso espirito das armas contra os inimigos da fé na grande empreza de Alcacer do Sal, praça de robustas forças naquelle tempo: devendo-se á actividade deste prelado o conquistar-se aos mouros em 21 de outubro de 1219. (3)

Com o novo reinado delrei D. Sancho II se perverteu a fortuna de D. Soeiro: porque pela ambição dos validos delrei, foi elle experimentando algumas violencias, que os ministros seculares faziam aos ecclesiasticos, vendo-se obrigado, por conservar a liberdade da sua igreja, retirar-se, e perigrinar por terras estranhas, até que restituido á patria com grandes honras do Papa Gregorio IX. faleceu a 9 de Janeiro de 1232. (4) Foi sepultado na Sé, e na capella, que chamam de Santo

(1) Cunha na Histor. de Braga part. 2. cap. 18 n. 8. e no Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 7. n. 5 (2) Cunha Catalog. dos Bispos de Lisboa cap. 19. n. 10. Monarq. Lusit. liv. 12. cap. 10. (3) Seguimos agora esta epoca, persuadidos do que affirma D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 23., explicando os versos de Gosuino, Poeta coetaneo de D. Soeiro. (4) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 13. cap. 10 Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. c. 32. Carlos. no Agiol. Lusit. a 29 de Janeir. Ann. Histor. tom. 3. a 10 de Setemb.

Amaro. Se este prelado renunciou o bispado, e tomou o habito Dominicano, é ponto que não se póde averiguar com facilidade, e assim o deixamos indeciso. (1)

XIII D. Payo — *Desde o anno de* 1232

Deste prelado não ha mais noticia, que ser eleito em bispo de Lisboa depois da morte de D. Soeiro, e ter sido conego de Viseu, e D. prior de Guimarães. Falleceu a 19 de abril de 1233. O nosso chronista fr. Antonio Brandão, liv. 15. cap. 8. diz, que entre os bispos D. Soeiro, e D. Ayres Vasques não encontrara memorias de outro prelado nas Escrituras, que lhe vieram á mão.

XIV D. João I — *Desde o anno de* 1240

Tambem ha poucas memorias d'este bispo. Consta sómente, que depois da sua exaltação se ausentára para Roma, por se livrar dos disturbios d'aquelles tempos, e que lá morrera no anno de 1241, em cujo anno a 20 de Outubro já o cabido governava em sede vacante, como consta da licença, que passou para se fundar n'esta cidade o convento de S. Domingos. (2) Equivocou-se D. Rodrigo da Cunha, parecendo-lhe que este bispo fôra D. João Soares Alão, senhor da herdade do hospital de S. Utropio, existente na freguezia de S. Bartholomeu; (3) porque o tal D. João Soares Alão foi bispo de Silves no Algarve desde o anno de 1297. (4)

XV D. Ayres Vaz, ou Vasques. — *Desde o anno de* 1244

Nasceu D. Ayres Vasques em Galiza na terra chamada de Lima, de pais nobilissimos, e da illustre familia dos Soares de Albergaria. Ignora-se o anno, em que foi exaltado á cadeira episcopal; sabe-se que a primeira acção sua fôra fundar em Santarem a collegiada de Santa Maria de Marvilla em 25 de Novembro de 1244. No anno seguinte se achou no Concilio, que Innocencio IV fez celebrar em Leão de França, e alli na presença do mesmo pontifice, e de todos os venerandos padres alli congregados, fez uma elegante oração por parte delrei D. Sancho II, (5) a quem seus emulos queriam privar do reino para enthronisarem a seu irmão D. Affonso.

No anno de 1248 já restituido ao reino fez constituições para o bom regimen da igreja, e poz novos limites ás paroquias da sua dioce-

(1) Vide Cunha no Catal. dos Bisp. de Lisb. part. 2. c. 2. per tot. (2) Sousa Chron. de S. Doming. part. 1. p. 162. (3) Cunha Hist. Eccles. de Lisboa part. 2. c. 41. n. 8.
(4) Consta da 5. part. da Monarq. Lus I. 17. c. 42. e c. 61., e do catalogo dos bispos do Algarve, que vem no fim das suas Constituições. n. 16. (5) Refere esta oração por extenso em portuguez o arcebispo D. Rodrigo da Cunha na Historia dos bispos de Lisboa, part. 2. c. 45. do n. 5. por diante, a qual traduzida com elegancia na lingua latina vimos em um m. s. do insigne D. Manoel Caetano de Sousa, que tivemos na nossa mão, e tratava dos bispos de Lisboa.

se. Nas guerras, e conquistas do Algarve acompanhou sempre a elrei D. Affonso II. Sagrou a igreja de Alcobaça em 29 de Setembro de 1252. (1) Assistiu nas côrtes, que no anno de 1254 se celebraram em Leiria. Expirou finalmente no convento de S. Vicente de Fóra, d'onde dizem tinha sido religioso, a 6 de Outubro de 1258. tendo governado esta diocese quinze annos, e foi sepultado na igreja do mesmo convento.

XVI D. Matheus — *Desde o anno de* 1259

Muito memoravel se fez o bispo D. Matheus entre os prelados lisbonenses. Fora elle mestre escola de Lisboa, grandemente estimado delrei D. Affonso III, e não menos dos pontifices Alexandre IV, e Urbano IV, a quem servio em muitas negociações passando a Roma depois de eleito, e d'onde veio sagrado. Tanto que chegou á patria cuidou muito no governo da sua igreja, e reforma dos costumes, celebrando tres vezes Synodo, e publicando no ultimo, que foi no anno de 1271, constituições novas, com que atalhou alguns abusos introduzidos n'esta diocese.

Foi o primeiro que no anno de 1264 fez celebrar em Lisboa com grande pompa a festa do Corpo de Deus, que Urbano IV instituira. (2) Erigio de novo a paroquia de S. João Bantista, e S. Matheus no Lumiar, termo de Lisboa. Passou segunda vez a Roma no anno de 1272 a negocios delrei D. Affonso III. não se esquecendo entre elles do que pertencia ao bom governo, e augmento da sua igreja. Restituido porem a ella pelos annos 1280, continuou em fazer acções dignas de um bom pastor; até que cheio de merecimentos, acabou seus dias a 19 de Setembro de 1282. Foi sepultado na capella de S. Nicolau da sua cathedral.

XVII D. Estevão Annes de Vasconcellos—*Desde o anno de* 1284

Era D. Estevão filho de D. João Pires de Vasconcellos, descendente do grande Martim Moniz, que fez famoso o seu nome, e valor na tomada do castello de Lisboa. Obteve a dignidade episcopal em competencia de D. Domingos Jardo, que lhe succedeu; e supposto que governou quasi cinco annos, e assistiu a um concilio, que fez celebrar em Braga D. Tello no anno de 1286, o Papa Nicolau IV veio a approvar a eleição de D. Domingos. O certo é que o governo deste prelado foi estando elle sempre ausente, e assim veio a morrer no anno de 1290. (3)

XVIII D. Domingos Jardo—*Desde o anno de* 1289

Foi D. Domingos Jardo pessoa de mais alta fortuna, que nascimen-

(1) Fr. Bern. de Brito na Chron de Cister l. 3. c. 22. diz, que a igreja de Alcobaça fôra sagrada no anno 1222 pelo bispo D. Alvaro, causa que D. Rodrigo da Cunha reprova nos bispos de Lisboa part. 2. c. 16. n. 3. (2) Veja se a Hist. Critic. da Procissão de Corpus feita pelo doutor Ignacio Barbosa.

(3) Vide Cunha na Histor. dos Arcebisp. de Braga part. 2. cap. 89. n. 3. e nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 65. Alcobaça Illustrada p. 331. e 187.

to. O pobre logar de Jarda, que fica na freguezia de Bellas, lhe foi patria, e appellido. A propensão que tinha ao estudo das letras o levou á Universidade de Pariz, donde instruido, e já perfeito litterato voltou ao reino, e a sua erudição o introduziu no agrado delrei D. Affonso III, que o fez seu capellão, e do seu conselho. Elrei D. Diniz lhe deu o emprego de Chanceller mór, e com outras mercês o elevou a bispo de Evora no anno de 1283, até que o pontifice Nicoláu IV o transferiu para o de Lisboa em 7 de Outubro de 1289.

Entre as acções mais louvaveis da sua vida foi a fundação do hospital de S. Paulo, que hoje é o convento de Santo Eloy de conegos seculares de S. João Evangelista com o intuito, além do serviço de Deus, de se cultivarem nelle as letras de que havia falta no reino, donde diz o chronista mór fr. Francisco Brandão, (1) que os principaes talentos, que teve Portugal em letras naquelle tempo, se devem a este gazalhado do bispo D. Domingos. Cheio finalmente de annos, e enfermidades dispoz da abundancia de seus bens em um prudentissimo testamento, e chamado ao descanço eterno, terminou seus dias em Lisboa a 16 de dezembro de 1293. Jaz na capella do Sacramento do convento de Santo Eloy.

XIX D. João Martins de Soalhães—*Desde o anno de* 1294

Por sangue, virtude, e letras se fez digno de eterna memoria este nosso prelado. Era elle da familia dos Porto-Carreiros, amplissima em Portugal naquelle tempo. Principiou logo o governo da sua diocese com a fundação do mosteiro de Santa Clara de Lisboa, e no anno seguinte isentou o novamente erecto em Odivellas da jurisdição dos bispos. Alcançou delrei D. Diniz muitos privilegios para a sua cathedral, e acompanhou ao mesmo rei na jornada, que fez a Aragão no anno de 1304, instituindo antes disso o morgado de Soalhães. No anno de 1307 fez Synodo diocesano, em que ordenou novas constituições, para atalhar muitos abusos, e reformar o ecclesiastico.

Foi assistir a alguns concilios provinciaes, que os arcebispos de Compostella, como metropolitanos de Lisboa celebraram nos annos de 1306, e 1310. Por morte do arcebispo de Braga D. Martim Pires foi D. João promovido áquella primacial; até que rematando a carreira da vida, acabou na paz do Senhor no primeiro de maio de 1325

XX D. fr. Estevão II—*Desde o anno de* 1312

Foi D. Estevão religioso de S. Francisco; e passando a Avinhão, onde residia o Papa Clemente V com varios negocios delrei D. Diniz, o pontifice o nomeou bispo do Porto, fazendo-o juntamente administrador dos bens, que os Templarios possuiam n'este reino. Com a mesma

(1) Brand. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 49. Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 69.

administração o elevou o sobredito pontifice a bispo de Lisboa por Bulla de 8 de Outubro de 1312. (1)

Trocada a fortuna com desgostos, que teve com elrei, e desavenças com o seu cabido, voltou para Avinhão; e vendo o Papa que não era facil restituir-se este prelado á sua igreja, segundo os negocios andavam embaraçados, succedeu-lhe n'aquella occasião vagar o bispado de Cuenca em Castella a velha, o proveu n'elle, concorrendo tambem para isso a supplica do infante D. Affonso, de quem D. Estevão era muito parcial. Alli finalmente deixou de viver no anno de 1336, e se mandou sepultar no convento de Santa Cruz de Coimbra, para o qual havia alcançado muitas graças pontificias. (2)

XXI D. Gonçalo Pereira.—*Desde o anno de* 1322

Era D. Gonçalo Pereira illustre ascendente do inclito Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Criou-se no paço delrei D. Diniz; estudou em Salamanca, foi Deão da Sé do Porto; e como pessoa de brio, politica, e letras o elegeu elrei para varias negociações na Curia, que residia naquelle tempo em Avinhão. Lá foi eleito bispo de Evora, que não se effeituou: porem o Papa João XXII o nomeou Bispo de Lisboa em 21 de agosto de 1322, persuadido das grandes prendas, que nelle via.

Condecorado em tal dignidade veio brevemente para a sua igreja, onde no anno de 1324 celebrou um Synodo, em que fez algumas Constituições, que pareceram onerosas aos subditos, que ao depois o mesmo Bispo revogou por se conformar com a vontade delrei. No anno de 1326 passou para Arcebispo de Braga, que necessitava de prelado de authoridade para atalhar as desordens, que então alli se commettiam, e elle com effeito embaraçou, e lhe poz remedio com muita prudencia.

Não só deu o bispo D. Gonçalo Pereira bastantes provas das suas letras, e capacidade, mas tambem do seu valor, e zelo da patria na defensa d'este reino, perseguindo em varias acções bellicosas aos castelhanos então nossos adversarios, e acompanhando a elrei D. Affonso IV na batalha do Salado, em que sahiu vitorioso. Foi arbitro de muitas pazes entre principes poderosos, e inquietos: até que cheio de merecimentos, e desempenhando o caracter de bom prelado, e de cavalheiro, finalisou os seus dias no anno de 1358. Jaz na Sé de Braga. (3)

XXII D. João Affonso de Brito.—*Desde o anno de* 1326

Pela transferencia, que fez para Braga D. Gonçalo Pereira, foi eleito

(1) Assim o traz Wadingo no tom. 3. dos Annaes, e concorda com elle Brand. na Monarq. liv. 18. c. 44. porem D. Rodrigo nos Bispos do Porto pag. 2 cap. 15. diz que fora no anno de 1316. (2) Brand. Monarq. liv. 19. c. 32, Cunha Bispos de Lisboa p. 2. c. 84.

(3) Cunha na Histor. dos Arceb. de Brag. p. 2. c. 13. e nos Bisp. do Porto p. 2. cap. 18. e nos de Lish. p. 2. c. 87. Monarq. Lusit. liv. 19. c. 32. 36. e 39. Fr. Raf. de Jesus na 7. p. da Monarq. liv. 10. c. 10. n. 5. ajusta bem o anno em que este Prelado morreo, e he o que seguimos.

Bispo de Lisboa D. João Affonso de Brito em 4 de março de 1326, achando-se em Avinhão, sendo Deão de Evora. Restituido a Lisboa, achou no agrado delrei D. Affonso IV, e do principe D. Pedro toda a estimação, que mereciam as suas letras, nobreza, e procedimento. Este conceito o fez escolher para ministrar as bençãos matrimoniaes na Sé ao mesmo principe D. Pedro, e á senhora D. Constança sua consorte, em cujo luzidissimo acto fez o Bispo excessivos gastos, que elrei depois lhe remmerou grandiosamente. Cuidou sempre muito na reforma do clero, e acabou em santa velhice a 25 de Julho de 1341.

XXIII D. Vasco Martins.—*Desde o anno de* 1342

O Bispo D. Vasco foi sobrinho do Bispo do Porto D. Giraldo, e em sua casa teve a primeira educação, na qual aproveitou tanto, que veio a succeder ao tio na cadeira Episcopal, e depois de ter governado aquella diocese o espaço de quatorze annos, passou para a de Lisboa em 26 de agosto de 1342, por evitar muitas duvidas, que alli tivera com elrei D. Affonso IV, e com a camara. Tanto que tomou posse da Prelazia lisbonense, começou logo a visitar a sua diocese, dando juntamente principio ao livro, que o cabido d'esta cathedral chamava o livro da *Roda*, e propriamente constava de toda a renda da Sé, cujo livro depois de muitos annos andar usurpado, o vieram restituir não ha muitos tempos, e se conservava no cartorio da Basilica de Santa Maria. Governou este prelado a nossa igreja pouco mais de dous annos; e sendo chamado pelo Senhor ao descanço eterno, morreu em o anno de 1344, e foi sepultado na cathedral.

XXIV D. Estevão Annes.—*Desde o anno de* 1344

Achava-se D. Estevão em Avinhão, quando sabendo-se alli da morte de D. Vasco, o Pontifice Clemente VI o promoveu na cadeira episcopal em o fim do anno de 1344, e sem vir nunca ao reino de Avinhão, governou esta igreja pelos seus vigarios geraes o espaço de quatro annos, vindo a falecer ou no de 1348, ou no de 1349.

XXV D. Theobaldo. — *Desde o anno de* 1348

O mesmo Pontifice Clemente VI elegeu para bispo de Lisboa p r morte do antecessor a D. Theobaldo francez de nação, o qual, como naquelle tempo havia peste em Portugal, não se resolveu vir a este reino e de Avinhão governou a sua igreja por vigarios geraes. Não ha no seu governo acção memoravel. Morreu em 28 de maio de 1356.

XXVI D. Reginaldo — *Desde o anno de* 1356

Tambem este bispo foi francez; e como familiar do Papa Innocencio VI, falecendo D. Theobaldo, o elegeu o Pontifice Prelado lisbonense a 20 de junho de 1356, cuja igreja governou ausente por seu vigario ge-

ral. Depois o mesmo Pontifice o mudou para bispo de Autun, ou Augustodonense em França, (1) onde faleceu, deixando todavia nesta nossa igreja algumas memorias suas nos anniversarios, que estabeleceu.

XXVII D. Lourenço Rodrigues — *Desde o anno de* 1359

Pela mudança, que o bispo D. Reginaldo fez da igreja de Lisboa para a de Autun em agosto de 1358, foi logo no anno seguinte promovido nesta cathedral D. Lourenço; e tanto que tomou posse, cuidou primeiro que tudo, como vigilantissimo pastor, na reforma do clero, para o que publicou Constituições, que todos juraram, e as fazia cumprir com todo o rigor. Visitava todos os annos pessoalmente a sua diocese com grande utilidade das suas ovelhas. Perderam ellas muito com a sua morte, que foi em 19 de junho de 1364.

XXVIII D. Pedro Gomes Barroso — *Desde o anno de* 1365

Ha varias opiniões sobre a naturalidade d'este Prelado: uns o fazem filho de Toledo, outros de Cuenca, e até no appellido achamos differença, chamando-lhe uns D. Pedro Gomes de Albernoz. (2) O certo é, que elle succedeu na dignidade episcopal a D. Lourenço no anno de 1365, e que a maior parte do seu governo foi estando em Avinhão, d'onde passou para o bispado de Coimbra, e ultimamente veio occupar o de Sevilha, onde faleceu no anno de 1374.

XXIX D. Fernando — *Desde o anno de* 1370

Foi D. Fernando immediato successor de D. Pedro; e supposto fora eleito em Avinhão, e de lá governou a maior parte do tempo a igreja Lisbonense, conjecturamos, que ou morrera em Lisboa, ou se mandara sepultar nesta cathedral. Fundamo nos para assim o dizer; porque quando o memoravel, e fidelissimo rei D. João V mandou aperfeiçoar o pavimento da capella mór da antiga Sé pelos annos de 1743, bolindo-se em algumas sepulturas, se achou em uma campa, que estava á entrada do arco da parte da Epistola, insculpida na mesma lapida uma figura de relevo com habito episcopal, e em roda umas letras goticas, que diziam: *Jacet in Domino Reverendus in Christo Pater Dominus Fernandus Episcopus Ulyxbonensis*: e não podia ser outro, senão este prelado.

XXX D. Vasco II — *Desde o anno de* 1371

Estando D. Vasco em Avinhão assistindo ao Papa Gregorio XI, este o fez Bispo de Lisboa, cuja igreja governou só dous mezes pela mudan-

(1) D. Rodrigo da Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 97. n. 4. diz que D. Reginaldo fora transferido para a Igreja de Avinhão, fundado em uma conjectura sua unicamente; porém nós fundamo-nos para dizer que fora para Autun, porque assim o affirma Puigar na «Historia Palentina,» lib. 3. cap. 6.

(2) D. Man. Cael. de Sousa no Catal. dos Cardeaes Portuguezes, que vem no tom. 5. da Collecção Academica. pag. 71.

ca do arcebispado de Braga, a que o mesmo Pontifice o elevou, e lá falleceu em 18 de novembro de 1372.

XXXI D. Agapito Colona — *Desde o anno de* 1371

Pela translação de D. Vasco a arcebispo de Braga fez o Papa Gregorio XI eleição para bispo de Lisboa a Agapito Colona, romano illustre, que então era bispo de Brexa, cidade de Veneza. Governou este prelado nove annos a santa igreja de Lisboa, e o mais do tempo ausente em Avinhão. Depois renunciando o bispado foi eleito cardeal do titulo de Santa Prisca, retendo todavia o governo d'esta cidade até a morte, que foi a 3 de outubro de 1380. Jaz em Roma na igreja de Santa Maria Maior.(1)

XXXII D. João de Aix — *Desde o anno de* 1381

Foi este prelado francez de nação. O Papa Urbano VI o mudou para arcebispo de Aix na Provença sua patria. Governou a nossa diocese quasi dous annos, mas sempre ausente, andando neste tempo as cousas ecclesiasticas muito cheias de perturbações por via do scisma, que finalisou com o Concilio Constanciense, e com a eleição do Papa Martinho V.

XXXIII D. Martinho — *Desde o anno de* 1381

Era D. Martinho castelhano, o natural de Çamora, prelado de merecimento, e de virtude, o qual sendo bispo de Silves no Algarve, foi eleito para arcebispo de Braga pelo cabido d'aquella primacial pela morte de D. Vasco; porem esta promoção não teve effeito, porque não a quiz approvar o Papa Gregorio XI, e o mandou residir na sua igreja de Silves; d'onde foi nomeado para esta de Lisboa por Clemente VII em opposição de Urbano VI, por causa do scisma, que então havia na igreja catholica. Elrei D. Fernando, que seguio o partido de Clemente, admittiu ao bispo D. Martinho, e por elle lhe mandou dar obediencia a Avinhão com grande apparato, d'onde voltando para Lisboa mandou limitar as paroquias do seu bispado.

Falecendo elrei D. Fernando, succedeo no anno de 1383 a acclamação delrei D. João I, Mestre então de Aviz, em cujo dia houve extraordinarios alvoroços nesta cidade; e, porque o bispo D. Martinho, ignorando os motivos d'aquella improvisa alteração, estando nos paços da cathedral, se subio á torre para vêr o que era, não consentindo que se repicassem os sinos, como o povo queria; estimulados, e cegos, entraram por uma fresta da torre, e d'ella precipitaram ao bispo D. Martinho tyrannamente, trazendo-o de rastos até a praça do Rocio, onde esteve o cadaver alguns dias sem lhe darem sepultura; de cujo furioso sacrilegio pediram depois perdão ao Papa Urbano VI. Aconteceu este horrivel catastrofe a 6 de dezembro de 1383. Porem a 22 do mesmo mez,

(1) Ughel. Ital. sacr. tom. 1. p. 467. e 854. Ann. Hist. tom. 3. p. 125. Cunha Bisp. de Lisboa p. 2 c. 103.

e anno, não tendo ainda chegado a noticia a Avinhão, onde residia Clemente VII, este havia elevado a D. Martinho á eminencia de cardeal.(1)

XXXIV D. João Anes — *Desde o anno de* 1383

Passando o bispo D. João de Aix para a igreja Aquense, sita na Provença, elegeu o Papa Urbano VI a D. João Anes, natural de Thomar, em bispo de Lisboa, que então era conego da Sé, pessoa de merecida estimação por virtudes, e letras, Expediram-se as Bullas em 25 de fevereiro de 1383, e logo em abril, e setembro do mesmo anno ordenou duas solemnissimas procissões em acção de graças, pelos dous prodigios, que succederam em Lisboa no apertado cerco das tropas castelhanas, que as nossas Historias referem.

Tanto que o reino teve alguma quietação depois da victoria de Aljubarrota em o anno de 1386, começou o zelozo prelado com a reforma do clero, e augmento das igrejas, as quaes visitou com grande utilidade de todas, recuperando para ellas muita fazenda, que andava alienada. Tendo cumprido onze annos em o pastoral officio com toda a satisfação das suas ovelhas, foi exaltado á nova dignidade de arcebispo de Lisboa, como logo veremos.

MAPPA CHRONOLOGICO DOS BISPOS DE LISBOA

Bispos duvidosos

S. Mansos, anno de Christo 36.—Anonymo...—Filippe Filoteo, 92. — S Pedro I, 166.—Pedro II, 213.—Jorge, 260.— Pedro III, 297.— S. Gens...—Januario, 300.—Potamio, 356.—Antonio, 373.—Neobridio, 430.—Julio, 461.—Azulano...—João, 500.—Eolo, 536.—Nestoriano,578

Bispos certos

Paulo, anno de Christo 589.— Goma, 610.—Viriaco, 633.— Neofridio, 646.— Cesario, 656.—Theodorico, 666.— Ara, 683.— Landerico, 688.

Bispos em tempo de reis portuguezes

D. Gilberto, annos de Christo 1147.—D. Alvaro, 1167.—D. Sociro I, 1186. — D. Soeiro Viegas, 1210. — D. Payo, 1233. — D. João I, 1240. — D. Ayres Vasques, 1244. — D. Mattheus, 1259. — D. Estevão Anes, 1284. — D. Domingos Jardo, 1289. — D. João Martins Soilhães, 1294.—D. Estevão II, 1311.—D. Gonçalo Pereira, 1322.—D. João Affonso, 1326. — D. Vasco Martins, 1342. — D. Estevão III, 1344. — D. Theobaldo, 1354.—D. Reginaldo, 1356.—D. Lourenço Rodrigues, 1359.

(1) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. c. 107. Catalogo dos Bispos do Algarve n. 26. Severim Noticias de Portugal disc. 8. Memor dos Cardeaes Portuguezes Ann. Histor. tom 3. pag. 417 e 526.

— D. Pedro Gomes, 1365.— D. Fernando, 1370.—D. Vasco II, 1371. — D. Agapito, 1371.— D. João de Aix, 1381.— D. Martinho, 1383.— D. João Anes, 1383.

ARCEBISPOS

O memoravel rei D. João I, querendo gratificar generosamente aos naturaes d'esta cidade o muito que haviam cooperado para a sua exaltação ao throno, não satisfeito ainda de lhes dar amplissimos privilegios civis, determinou como principe religiosissimo, e magnanimo, enchel-os tambem de honras ecclesiasticas; por cujo motivo constituio a sua igreja cathedral senhora isenta, sem dependencia de outro superior mais que da Sé Apostolica.

Era até este tempo a diocese de Lisboa suffraganea de Compostella desde o anno de 1199, em que o arcebispo de Braga D. Martinho Pires a deixou, e dimittiu aquelle prelado. (1) Para obter este foro metropolitico, recorreu o zeloso rei ao Papa Bonifacio IX, e este assentindo benigno ás suas supplicas, mandou passar a Bulla da nova erecção em 10 de novembro de 1394, (2) assinando-lhe por suffraganeos os bispos de Lamego, Guarda, Silves, e Evora, posto que este, que então era D. João Affonso de Brito, logo no anno de 1396, por Breve do mesmo Pontifice, se eximio da obediencia do de Lisboa. Tem havido até agora os seguintes arcebispos:

I D. João Anes — *Desde o anno de* 1394

Eram tão relevantes os merecimentos do bispo D. João Anes, (a quem alguns erradamente accrescentam o appellido de Escudeiro) como já nos onze annos antecedentes havia mostrado na sua Prelazia, que obrigaram ao rei, e ao Pontifice Bonifacio IX a exaltal-o á nova dignidade archiepiscopal. Foi continuando no governo d'esta igreja com felicidade, não obstante algumas contradições, que teve com o bispo de Evora D. Martinho sobre a sua isenção, e com o do Porto D. João Esteves sobre a fundação da igreja do Salvador.

Serenado tudo, veio elle a concluir em paz os seus dias a 3 de maio de 1402 com dezoito annos, e dez mezes de arcebispo. Sepultou-se na capella de S. Sebastião da sua Sé, por ser parente do arcebispo de Braga D. João Martins de Suilhães, que a fundara. Estava a sepultura antigamente collocada sobre quatro leões grandes de pedra, aos quaes, por embaraçarem muito a capella, mandou tirar o conego Pedro Lou-

(1) Cunha Histor. Eccles. de Braga part. 2. cap. 18.

(2) Marian. liv. 18. cap. 13. Bzovio, Mirco, e outros, a quem segue Cunha nos Bispos do Porto part. 2 c. 23 os quaes dizem, que esta erecção fora no anno de 1290. Nós no tom. 2. part. 3. desta Mappa pag. 11. seguindo a Joseph Soares da Silva, a pozemos no anno de 1393. O certo he, que foi no anno seguinte, como se póde ver na Bulla, que vem no tom. 4. das Provas da Histor.a Genealogica da Casa Real, pag 361.

rença de Tavora, e transferir os ossos para o tumulo onde agora está dentro da parede.

II D. João Esteves de Azambuja, cardeal—*Desde o anno de* 1402

Foi este prelado natural da villa, que lhe deu o appellido, filho de Affonso Esteves, senhor de Salvaterra, e reposteiro mór. Antes de ser ecclesiastico militou valerosamente nas guerras, que elrei D. João I teve com Castella. (1) Depois foi conego de Coimbra, e de Evora, prior na igreja de Monção no Minho, e da de Alcaçova em Santarem. Elrei D. João I o fez seu conselheiro, e pelo bom conceito, que fazia do seu talento, e capacidade, o mandou a Roma conseguir do Papa Bonifacio IX, dispensa para poder casar, pois era professo na Ordem equestre de Aviz.

Pelos seus merecimentos o nomeou elrei bispo do Porto, onde elle creou de novo a dignidade de arcediago, a quem unio para sempre a igreja de S. Thyrso de Meinedo. Sagrou o templo de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, sendo já Bispo de Coimbra. Foi duas vezes por embaixador a Castella tratar a negociação das pazes, que se vieram a concluir no anno de 1402. Por este tempo foi promovido a arcebispo de Lisboa, logo depois que faleceo D. João Anes, e condecorado com esta dignidade passou á Italia para assistir ao Concilio, que em Pisa se fez no anno de 1409, a fim de se serenar o pernicioso scisma, que então opprimia a igreja catholica. Depois passou a Jerusalem a visitar os santos lugares.

Cresceram tanto os merecimentos do arcebispo D. João Esteves, e era tanto o respeito, que se tinha ás suas letras, e virtudes, que por attenção a ellas no anno de 1411 lhe conferiu o Papa João XXIII o capello de cardeal com o titulo de S. Pedro ad Vincula, e de Santa Eudoxia, ficando-lhe o arcebispado em titulo de commenda. Para receber o capello passou a Roma, e de lá acompanhou ao Pontifice até a cidade de Constança em Alemanha, onde se celebrou outro Concilio para dar a desejada paz á igreja de Deus, que se via afflicta, e dividida com o governo de tres pontifices.

Observando então o nosso cardeal arcebispo, que as cousas se encaminhavam a ficar João XXIII fóra do pontificado, se ausentou triste de Constança, passando a Bruges, cidade de Flandes, para d'ahi fazer caminho para Portugal; porem adoecendo gravemente, faleceu a 23 de janeiro de 1415, excedendo na morte a fama que tivera na vida, porque acabou como santo, vivendo virtuoso. Seus ossos foram trasladados ao mosteiro do Salvador d'esta cidade, que elle havia edificado, e dotado.(2)

(1) Chronica d'el-rei D. João I part. 1. cap. 162. e part. 2. cap. 19.

(2) Faria e Sousa no Epitome part. 4. c. 6, Severim Noticias de Portug. disc. 8. Memor. dos Cardeaes Portug. Cunha nos Bispos do Porto part. 2. c. 23., e na Addição a este capitulo, que vem a pag. 447. Ann. Histor. tom. 1. pag. 143. Fastos da Lusitania tom. 1. pag. 290. Alguns o fazem Bispo do Algarve, mas não consta.

III D. Diogo Alvares — *Desde o anno de* 1414

Sendo grão prior de Guimarães, foi D. Diogo elevado a bispo de Evora no anno de 1406, em cujo governo succedeo aquelle raro caso de um excommungado, que refere o padre Fonseca na «Evora gloriosa» pag. 285. Vivendo ainda o cardeal arcebispo D. João Esteves de Azamhuja, foi D. Diogo eleito em arcebispo de Lisboa por João XXIII no anno de 1414. Porem não obstante a nomeação pontificia, descuidando-se o novo arcebispo da expedição das Bullas, lhe não quiz o Cabido dar posse, por cujo motivo padeceu muitas contradições. E vendo elrei D. João I a renitencia, com que o arcebispo estava, escreveu no anno de 1422 ao Cabido da Sé, para que lhe não obedecessem, e governassem o arcebispado no espiritual, e temporal. Na mesma conformidade escreveu tambem o infante D. Pedro aos priores, ministros, e guardiães dos conventos de Lisboa, e a todos os grandes do reino, que obedecessem ao Cabido.

Vendo-se o arcebispo neste aperto, se valeu da anthoridade do pontifice Martinho V, que chegou a escrever a elrei D. João, e ao infante D. Duarte seu filho primogenito, para que fizessem desistir ao deão, e cabido das duvidas, com que lhe impediam a administração pacifica da sua igreja. Cuja supplica sendo pouco attendida delrei, e do principe, o arcebispo se recolheu a Evora, onde com desgostos acabou a vida em 5 de maio de 1424. Jaz sem inscripção na claustra da mesma Sé, e na capella, que alli fez erigir o conego Fernão Affonso Cicioso.

IV D. Pedro de Noronha — *Desde o anno de* 1424

Era D. Pedro de Noronha natural do reino das Asturias, filho de D. Affonso, conde de Gijon, neto por bastardia dos reis Henrique II de Castella, e de D. Fernando de Portugal. (1) Vindo a este reino, e tendo vinte e tres annos de idade, no de 1419 lhe concedeu Martinho V a administração do bispado de Evora em 11 de janeiro a instancias delrei D. João I, e pela morte do arcebispo D. Diogo Alvares o elevou o mesmo Pontifice a metropolitano de Lisboa contra a postulação, que o cabido d'esta cathedral fazia para a pessoa de D. Fernando, chantre de Coimbra.

Promovido D. Pedro em arcebispo no anno de 1424, tendo não mais que vinte e oito annos de idade, começou a tratar-se com grande pompa, e luzimento de principe, occupando-se em exercicios improprios ao seu caracter, e em divertimentos alheios da sua pastoral obrigação, a qual incumbia á vigilancia dos seus vigarios geraes, que foram Christovão Anes, Affonso Anes chantre, e João de Elvas prior de Aveiras. Com estes descuidos fez padecer a liberdade ecclesiastica dos seus subditos com as vexações do poder secular, de que Martinho V o reprehen-

(1) Gaspar Barreir. no seu Nobiliario. Fonseca na Evora gloriosa pag. 285. n. 506.

deu, e se remediou com o Concilio Provincial, que celebrou em Braga o arcebispo D. Fernando a 22 de dezembro de 1426.

No anno de 1428 passou o nosso arcebispo a Aragão por embaixador delrei D. João I sobre o negocio do casamento do infante D. Duarte com a infanta D. Leonor, cuja negociação completou com beneplacito de todos. (1) Pela morte delrei D. Duarte, que deixou por governadora do reino a rainha D. Leonor sua mulher, a cuja determinação se oppozeram os Tres Estados do Reino, quiz o arcebispo D. Pedro sustentar o partido da rainha viuva com grande tenacidade, fazendo-se forte no seu palacio, que era junto dos paços do Castello, e, porque os vereadores da cidade suspeitaram, que o arcebispo se queria apoderar do castello pela porta, que chamam do Moniz, a camara lhe mandou derrubar certos cubellos, de que o arcebispo tomou grande sentimento, e se sahiu de Lisboa para Alhandra.

Foram-se augmentando as turbulencias de maneira, que a camara da cidade formou capitulos contra o arcebispo cheios de ludibrios, e os remetteu ao Papa, para que o privasse da dignidade. Vendo-se o arcebispo injuriado, e perseguido, se ausentou para Castella, e logo o infante D. Pedro lhe mandou sequestrar as rendas. Nesta ausencia ficou o Cabido governando como em Sé vacante; porem trabalhando os apaixonados do arcebispo, para que elle tornasse para o reino, intervindo tambem nisso a Santidade de Urbano VI, lhe foi concedida licença do infante D. Pedro, então regente, no anno de 1442.

Vindo o arcebispo outra vez para Lisboa, erigiu no anno de 1445 em Collegiada a igreja de Santa Maria da villa de Ourem; e esta é a ultima acção, que sabemos d'este prelado, o qual faleceu a 12 de agosto de 1452 em Lisboa, e está sepultado no meio da capella do Santissimo Sacramento da antiga Sé.

V D. Luiz Coutinho — *Desde o anno de* 1453

Mui liberal se mostrou o padre Antonio Carvalho da Costa para com a igreja metropolitana de Lisboa; porque no Catalogo dos seus prelados, que expende no tom. 3. da Corografia Portugueza, pag. 345, numera antes de D. Luiz Coutinho a D. Vasco de Menezes, e a D. Fernando de Castro, os quaes são duvidosos; porque o arcebispo D. Pedro de Noronha morreu em 12 de agosto da 1452, como consta da sua inscripção sepulchral, e logo em 23 de Setembro do mesmo anno, consta que dera ordens com licença do Cabido Sede vacante na capella de S. Bartholomeu da Sé o bispo de Tagaste D. João; e as tornou a dar com a mesma licença em 14 de junho do anno seguinte, em que já o arcebispo D. Luiz Coutinho era falecido, como se mostra da Bulla de Nicoláu V, passada a seu successor D. Jayme em 30 de abril de 1453.

De sorte, que o governo de D. Luiz Coutinho não podia alargar-se

(1) Zurita Lib. 13. cap. 43. Ruy de Pina Chron. do Infante D. Pedro cap. 28. e 34.

mais que de setembro de 1452 até o principio de abril de 1453, em que vão quando muito sete mezes de prelazia, em cujo limitado espaço não póde caber o governo de mais dous prelados.

Foi em fim D. Luiz Coutinho filho de Gonçalo Vaz Coutinho, segundo marichal do reino, alcaide mór de Trancoso, e de Lamego, e de D. Leonor Gonçalves de Azevedo. Teve primeiramente o bispado de Viseu pelos annos de 1440, e sendo embaixador delrei em Roma, se achou na eleição do Anti-Papa Felix IV, e por elle foi creado Anti-Cardeal no mez de abril de 1443. Foi tambem bispo de Coimbra no anno de 1444, e acompanhou até Alemanha a imperatriz D. Leonor, filha delrei D. Duarte, que se desposou com o imperador Federico III. Não consta onde morreu, nem quando.

VI D. Jayme, cardeal — *Desde o anno de* 1453

Foi D. Jayme filho do infante D. Pedro, e neto delrei D. João I, de boa memoria. Sendo de quatorze annos, ficou prizioneiro na batalha da Alfarrobeira, aonde tinha ido acompanhar a seu pai, que alli perdeu infelizmente a vida. Escapando da prizão, passou a Flandres, e foi buscar o abrigo de sua tia a Infanta D. Isabel, condessa d'aquelles estados, e mulher de Filippe III. Esta senhora o mandou a Roma, sendo então Pontifice Nicolão V, que affeiçoado das reaes perfeições, que concorriam neste principe, o fez administrador perpetuo da igreja lisbonense em 30 de abril de 1453, a qual se achava vaga por morte de D. Luiz Coutinho.

Não constituio logo o pontifice a D. Jayme arcebispo, por não ter ainda competente idade, pois contava só vinte annos. Todavia d'esta sorte começou a governar por seus vigarios geraes: tal foi Luiz Anes, que em seu nome assistiu nas cortes, que se celebraram em Lisboa por elrei D. Affonso V, pelos annos de 1455, e 1456. Subindo ao Summo Pontificado Callisto III, antepondo os merecimentos aos annos do nosso arcebispo, logo na primeira creação de cardeaes, que fez em 18 de setembro de 1456, lhe deu o capello com titulo de Santa Maria in Porticu, promovendo-o depois ao de Santo Eustachio.

Feito cardeal conseguio do Papa a Bulla da Cruzada para este reino, mandando-a no anno da 1457 a elrei D. Affonso V seu primo pelo bispo de Silves D. fr. Alvaro Paes, que se achava em Roma, a quem o Pontifice fez seu legado, e o cardeal seu governador, ou commissario geral no arcebispado de Lisboa.

Succedendo no anno seguinte de 1458 a morte do Papa Callisto III, e seguindo-se logo na cadeira pontificia Pio II, quiz este levar ávante a empreza do seu antecessor em fazer guerra aos turcos. Para este effeito publicou um Concilio em Mantua, para onde partindo de Roma no principio do anno de 1459 com o collegio dos cardeaes, o nosso adoecendo em Florença de um mal, que só tinha o remedio no perigo da castida-

de, quiz antes D. Jayme perder a vida na flor dos annos, que manchar o candido arminho da sua pureza. Espirou finalmente a 21 de abril de 1459 com grande saudade de todos. Jaz seu corpo em Florença no convento de S. Miniato de religiosos benedictinos. (1)

VII D. Affonso Nogueira—*Desde o anno de* 1459

Era D. Affonso Nogueira filho de Affonso Annes Nogueira, Alcaide mór de Lisboa. Nos seus primeiros annos abraçou a nova reforma da congregação de S. João Evangelista, que instituiu n'este reino o veneravel mestre João, e foi um dos seus primeiros companheiros. Levado da devoção, e desejo de communicar com os primeiros fundadores da congregação de S. Jorge em Alga, passou a Veneza, e de lá trouxe para os de Portugal a capa azul, continuando a viver aqui tão exemplarmente, que o Papa Nicolau V obrigado da sua fama o fez bispo de Coimbra na mudança de D. Luiz Coutinho, e por morte do cardeal D. Jayme o transferiu Pio II para arcebispo de Lisboa aos 17 de Setembro de 1459, como consta da Bulla. (2)

Padece equivocação o Padre Antonio Carvalho da Costa na sua Corografia tom. 3. pag. 346, onde diz, que D. Affonso Nogueira fôra tambem bispo do Porto, dignidade que não occupou. Correndo o anno de 1463, celebrou pontifical o nosso arcebispo, e lançou a primeira pedra na Casa nova de Nossa Senhora da Luz, junto ao lugar de Carnide, com assistencia delrei D. Affonso V, e de toda a corte. No anno de 1464, padecendo Lisboa uma grande epidemia, por fugir d'ella se recolheu o arcebispo D. Affonso á villa de Alemquer; e no mez de outubro d'este anno quiz a divina Providencia, que elle falecesse do mesmo mal. Foi trazido seu corpo para a igreja parochial de S. Lourenço d'esta cidade, onde jaz na capella de Santa Victoria como instituidor do morgado dos Nogueiras, que hoje possue o excellentissimo visconde de Villa-nova da Cerveira.

Outra equivocação encontramos no bispo de Targa D. fr. Thomé de Faria, o qual n'aquellas suas famosas Decadas d'este reino, que deixou manuscritas, e imperfeitas, escreve na primeira Decad, liv. 9. cap. 2., que elrei D. Affonso V elegera para arcebispo de Lisboa a um certo Duarte, grande letrado, e confessor da rainha D. Isabel, o qual exercera admiravelmente esta dignidade; e porque tinha sido em Pariz companheiro de Francisco Barbosa, insigne jurista, o fizera seu vigario geral. (3) Noticia é esta, que não se póde verificar nem pelos successos, nem pela chronologia.

(1) Zurita liv. 16. c. 39. Bzovio tom. 15. ad an. 1427. n. 5. Bozios de Sign. Eccles. Liv. 11. sign. 48. c. 7. e outros apud Card. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 585 Nun. Descr. de Port. cap. 87. p. 134. (2) Esta bulla existe no cartorio do Senado da camera de Lisboa no liv. 5. dos Privileg. Apostol. fol. 55 (3) «Quam dignitatem mirifice exercuit, egregiamque

VIII D. Jorge da Costa, Cardeal—*Desde o anno de 1464*

Nasceu D. Jorge da Costa na villa de Alpedrinha, bispado da Guarda, no anno de 1406 de pais honrados. Teve principio a sua boa fortuna com a protecção da senhora infanta D. Catharina, filha delrei D. Duarte; o qual a rogos da mesma infanta, e persuadido das suas distinctas prendas, o nomeou bispo de Évora, e por morte de D. Affonso Nogueira o fez transferir para arcebispo de Lisboa em 26 de novembro de 1464, sendo summo pontifice Paulo II.

A primeira acção executada n'esta metropoli é a erecção da capella de Nossa Senhora da Assumpção, e S. Luiz, que mandou fabricar com grande dispendio no convento de Santo Eloy para jazigo da sobredita infanta. No anno de 1469 foi por embaixador a Castella sobre negocios de casamentos regios, que não tiveram effeito; e no de 1471 acompanhou elrei D. Affonso V na jornada, e conquista de Tangere, e Arzilla, achando-se sempre inseparavel o nosso arcebispo do lado delrei, o qual se valeu muito em todas as suas emprezas da prudencia do seu conselho.

Passando elrei a França, ficou o arcebispo no reino por primeiro ministro, e principal conselheiro do principe: e neste emprego se não descuidou das obrigações da sua prelazia, antes poz em nova praxe limitar as parochias da cidade, as quaes visitou todas pessoalmente, e tambem algumas villas do arcebispado, unindo ao convento de S. Bento de Xabregas as igrejas de S. Leonardo de Atouguia, e a de S. Miguel de Cintra.

A instancias delrei D. Affonso V lhe concedeu Xisto IV o capello de cardeal em 18 de dezembro de 1476 com o titulo dos Santos Pedro, e Marcellino, e voltando de França elrei D. Affonso por novembro do anno de 1477, recebeu D. Jorge na primeira oitava do Natal as honras da nova dignidade na igreja do convento de Santo Eloy, estando presente elrei, e toda a corte.

Como o principe D. João lhe não era muito affeiçoado, porque invejava os extraordinarios favores que lhe fazia seu pai, resolveu prudentemente o arcebispo passar a Roma, e o pontifice o recebeu com summo agrado, correndo sempre tão prosperos os tempos ao cardeal arcebispo, que pareciam poucas as dignidades, com que os summos pontifices Innocencio VIII, Alexandre VI, Pio III, e Julio II o enriqueceram nos vinte e oito annos, que assistiu n'aquella curia.

Foram sem duvida as honras, e as dignidades a que subio o nosso arcebispo as maiores da igreja catholica depois da Suprema, para a qual tambem teve muitos votos em tres eleições differentes. Eram as suas

viri indolem Rex introspiciens humeris ejus regni pondus imposuit. Haud oblitus Eduardus antiqui sodalitii cum Francisco Barbosa eundem pro Pontificalibus muniis Episcopum Targensem creari fecit in suum Coadjutorem.» São as palavras do author.

virtudes, que o elevaram a estado tão eminente, singularissimas, até que fazendo pauza ao progresso da vida, a terminou em Roma em 19 de agosto de 1508 com cento e dois annos de idade. Jaz na igreja de Nossa Senhora do Populo da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em um nobilissimo deposito. (1)

No capitulo 33 do livro, que escreveu D. Francisco Herrera e Maldonado da vida do servo de Deus Bernardino de Obregon, se acha a noticia de outro arcebispo de Lisboa chamado D. Miguel de Menezes governando esta igreja pelos annos de 1497, porém julgamos ser apocrifo: porque o arcebispo D. Jorge começou o seu governo no anno de 1464. e renunciou no de 1500 em seu irmão D. Martinho da Costa; quanto mais que não ha author algum, que se lembre de semelhante prelado.

IX D. Martinho da Costa—*Desde o anno de* 1501

Achando-se D. Martinho em Roma na companhia de seu irmão o cardeal D. Jorge, este por causa de uma doença grave renunciou n'elle o arcebispado de Lisboa em 28 de Junho de 1500 com faculdade d'el-rei D. Manuel. Pouco depois da nomeação partiu D. Martinho para o reino. e aqui no anno de 1502 bautizou ao principe D. João, que depois foi rei. e terceiro no nome, em a capella de S. Miguel dos Paços do Castello, chamados da Alcaçova.

Na fome que todo o reino padeceu no anno de 1503, mandou vir este prelado muito trigo de fóra, por sua conta, e elle por sua propria mão o repartia já cosido aos pobres, e o mandava dar pelas casas das gentes mais necessitadas, exercitando n'esta occasião memoraveis actos de caridade. Em 18 de Julho de 1509 benzeo a igreja do real mosteiro da Madre de Deus, a qual hoje serve de capitulo dentro da clausura.

Contava D. Martinho oitenta e sete annos de idade, quando acompanhou até Saboya a senhora infanta dona Brites, que se foi desposar com o duque Carlos. Recolhendo-se a Portugal, adoeceu no mar, e não podendo continuar a viagem até Lisboa, desembarcou em Gibraltar, onde faleceu em 28 de novembro de 1521. Dizem alguns, que de paixão, por lhe embaraçar em Roma elrei D. Manuel a nominata de cardeal, que Leão X determinava conferir-lhe. De Gibraltar o trasladou seu sobrinho Christovão da Costa no anno de 1558, e o fez sepultar na Sé de Lisboa entre os arcebispos D. Fernando, e D. Jorge. (2)

X D. Affonso, Infante, e Cardeal—*Desde o anno de* 1523

Nasceu em Evora a 23 de abril de 1509 o infante D. Affonso, filho

(1) Cunha nos bispos do Porto part. 2. cap. 33. Severim de Faria nas Notic. de Portug. disc. 8. §11. Duarte Nun Descripç. de Port. p. 134. v. Carduso Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 116. Lima Geogr. Histor. tom. 1. pag. 372. Franc. de Santa Maria Ann. Histor. tom. 2. pag. 550. Fonseca Evora gloriosa n. 512. (2) Far. Europ. Portug. part. 2. p. 547. Ann. Histor. tom. 2. p 552. Lima Geograf. Histor. tom. 1. p. 377.

terceiro do senhor rei D. Manuel, e da serenissima rainha dona Maria sua segunda mulher. Ainda não contava oito annos, quando o Papa Leão X no anno de 1516 o admittiu ao numero, e collegio dos Cardeaes com o titulo de bispo Targitano, diacono cardeal de Santa Luzia: e supposto que este indulto foi concedido com a reserva de se lhe não dar o barrete, senão quando o infante tivesse desoito annos, todavia sempre foi tratado com a respectiva honra de cardeal.

Por morte do arcebispo D. Martinho lhe concedeu Adriano VI a administração dos fructos d'este arcebispado, declarando-o já desde então por arcebispo, contando elle de idade quatorze annos sómente; e quando chegou o dia 17 de setembro do anno de 1523, escreveu o infante ao cabido de Lisboa, dizendo-lhe, que estava provido no arcebispado pelo Papa Adriano VI a supplicas delrei D. João III seu irmão, e que assim fazia seu procurador ao deão Fernão Gonçalves para tomar a posse. Tanto que entrou em dezoito annos de idade recebeu com toda a pompa em Almeirim o capello de cardeal aos 27 de Junho de 1526, e no de 1535, assistindo D. Affonso em Evora sua ordinaria residencia, cuja igreja, e a de Viseu tambem governava, partiu para Lisboa a tratar da sua sagração por lhe haver chegado o pallio em 22 de novembro do dito anno.

Cuidou sempre muito este prelado em exercer com obras dignas o officio de bom pastor. Muitas vezes bautizava por suas proprias mãos as crianças, e levava o Santissimo Viatico aos enfermos, e de melhor vontade aos mais pobres, a quem deixava sufficientes esmolas: e dizia, que estas obrigações primeiro eram suas, que dos outros parochos, e por isso devia primeiro que os outros cumprir com ellas. Nos domingos, e dias santos ensinava a doutrina christã ás suas ovelhas com muita afabilidade, estabelecendo tão util exercicio por todas as freguezias da sua diocese, e impondo esta obrigação aos parochos; aos quaes em Synodo, que fez celebrar na Sé em o anno de 1536 a 25 de agosto, tambem ordenou tivessem livros para assentar os nomes das pessoas bautizadas, e dos padrinhos, cousa que antes do seu governo se não praticava, e a cujo exemplo o fez estabelecer em toda a igreja catholica o sagrado concilio Tridentino.

Rezando-se até o seu tempo na Sé, e em todo este arcebispado pelo breviario da igreja de Salisbury de Inglaterra, que havia introduzido o bispo D. Gilberto, elle em seu lugar mandou, que se admittisse o romano, de que usamos. O pontifice Paulo III approvou esta introducção por Bulla de 9 de dezembro de 1538, dirigida ao cabido da igreja lisbonense. Era nos pontificaes magestoso, e nos ritos ecclesiasticos muito versado, e perito; e como inclinado ao estudo das letras, amava, e favorecia aos homens doutos, e applicados.

Sendo o tratamento da sua casa regido com grande esplendor, que pouco se differençava da casa real, era igualmente modestissima, e exemplar toda a sua familia. Teve muitas dignidades, porque foi administra-

dor dos bispados de Vizeu, Evora, e Guarda: D. Abbade de Alcobaça, commendatario do convento de Santa Cruz de Coimbra, e de S. João de Tarouca: teve a purpura cardinalicia com os titulos de Santa Luzia *in septem foliis*, de S Braz, e de S. João, e S. Paulo. Finalmente cheio de honras, merecimentos, e virtudes, mas não de annos, terminou nos trinta e um de vida aos 21 de abril de 1540, deixando com eterna sandade uma feliz, e perpetua memoria. Jaz no convento de Belem em sepultura propria. (1)

Pertende o bispo de Targa D. fr. Thomé de Faria na Decada 1. liv. 9. cap. 5. introduzir n'esta igreja Metropolitana por arcebispo a D. Miguel da Silva, que depois foi cardeal, e desnaturalisado do reino por elrei D. João III; porém claramente se mostra ser apocrifo: porque o cardeal arcebispo D. Affonso faleceu em 21 de Abril de 1540, e o arcebispo D. Fernando lhe succedeu por eleição do Papa Paulo III em 29 de setembro do mesmo anno, que são cinco mezes de intervallo, nos quaes não é verosimil, que elrei nomeasse dois arcebispos de Lisboa.

XI D. Fernando de Vasconcellos e Menezes—*Desde o anno de* 1540

Este veneravel prelado nasceu em Lisboa, filho segundo de D Affonso de Vasconcellos, primeiro conde de Penella. Professou o instituto de Santo Agostinho no real convento de S. Vicente, d'onde foi prior, e pela fama dos seus merecimentos o elevou elrei D. Manuel a bispo de Lamego, que Leão X approvou em Novembro de 1513. Como era dotado de maduro conselho, e prudencia, elrei D. Manuel o consultava na maior importancia dos negocios, fazendo-o seu capellão mór, que continuou a exercecer no governo d'elrei D. João III.

Morto o serenissimo infante cardeal D. Affonso, lhe conferiu Paulo III a dignidade archiepiscopal de Lisboa em 16 de setembro de 1540, de que tomou posse em 8 de novembro do mesmo anno por seu procurador o desembargador, e prior de Meixedo Diogo Gonçalves. No anno de 1543 foi conduzir a Castella a princeza D. Maria, filha delrei D. João III, que se desposou com o principe D. Filippe, filho do imperador Carlos V, na qual jornada, e função fez grandes gastos para em tudo ser luzida. Voltando a Lisboa cheio de honras, se oppoz com zelo, a que elrei D. João III não levasse avante a divisão, que queria fazer de alguns bispados, a qual todavia não poude embaraçar.

Quando elrei D. João III tomou o collar do Tusão de ouro na capella dos Passos de Almeirim em 6 de junho de 1546, o nosso arcebispo lhe deu o juramento. No anno seguinte de 1547 fez o livro das rendas, ou o censual do arcebispado, obra de grande utilidade, o qual cons-

(1) Goes Chronic. delrei D. Manoel part. 2. c. 12 Cardos. Agiol. Lusitan. tom. 2. p. 666. Fr. Manoel dos Sant. Alcob illustr. p. 331. e 350. Severim de Faria Prompt. Espirit. p. 32. v. e nas Notic. de Port. disc. 8. § 12. e outros apud Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. pag. 21.

tava das rendas, que o arcebispo tinha: das propriedades, que pertenciam á meza archiepiscopal, e do que se pagava de foro de cada uma: das igrejas do arcebispado, e o que pagavam de visitação: do que se pagava de confirmação de todos os beneficios, que o arcebispo confirmava: das igrejas, que ao arcebispo pagavam luctuosa por fallecimento dos reitores, e quanto se pagava de cada uma: de quem era a apresentação, e collação das igrejas do arcebispado: do regimento do que se havia pagar na chancellaria, e do regimento do escrivão da camera: cujo censual vimos, e se conservava no insigne cartorio da antiga metropoli de Lisboa, que infelizmente consumiu o incendio de novembro de 1755.

Acontecendo em dezembro de 1552 o sacrilegio, que um herege inglez commetteu na capella real, arrebatando das mãos do sacerdote, que estava dizendo missa, a Hostia consagrada, o vigilante arcebispo com a dor d'este lamentavel caso mandou fixar uma pastoral, em que exhortava aos fieis para uma verdadeira penitencia, ordenando uma procissão em desaggravo do Santissimo desde a Sé até á igreja de S. Domingos, em que elle foi descalço, e o mais do clero com exemplar humildade, e compunção.

Em todas as suas acções mostrou bem o zelo da patria, e o augmento, que desejava á sua cathedral, onde para maior culto, e decencia dos divinos officios mandou fazer as cadeiras do coro debaixo, e de cima, o altar mór, as grades de bronze, e o altar de S. Vicente: e no anno de 1554 fundou em Santo Antonio do Tojal a igreja, palacio, e jardim. Teve com o cardeal D. Henrique contradições, e desgostos, de que se queixou ao Papa Paulo IV justamente, porque foi este prelado sabio, generoso, e singular cortezão, affavel para os pretendentes, e caritativo para os pobres, muito douto, e muito verdadeiro, e visto nas antiguidades, e materias de estado, e supposto que os dois eruditos Barbosas lhe accrescentam tambem o caracter de inquisidor geral, não vimos até agora documento solido, que verifique n'elle esta dignidade, e se a teve, não chegou a tomar posse. Contando emfim oitenta e tres annos de vida, falleceu santamente em Lisboa aos 7 de Janeiro de 1564, e foi sepultado na capella mór da Sé. (1)

XII D. Henrique, Cardeal, e Rei—*Desde o anno de* 1564

O cardeal infante D. Henrique assistia em Evora, donde era arcebispo, quando falleceu elrei D. João III seu irmão; e como a rainha viuva D. Catharina ficou governando o reino na menoridade d'elrei D. Sebastião seu neto, que contava pouco mais de tres annos, lhe foi preciso para que a serenissima rainha podesse suster o pezo do regimen mo-

(1) Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 2. pag. 63. seu irmão nos Fastos da Lusitan. tom. 1. pag. 102. Vide Sousa Histor. Geneal tom. 1. pag. 127. Gil Gonçalv. de Avila Histor. de Salam. liv. 3. cap. 23. Lima Geograf. Histor. tom. 1. pag. 367.

narquico, deixar a residencia d'aquella metropoli, e vir assistir na corte de Lisboa.

Para este effeito renunciou o arcebispado em D. João de Mello, bispo do Algarve, e passou para a metropolitana de Lisboa por Bulla de Pio IV pela vacatura de D. Fernando. Nos annos, que governou esta diocese, o reconheceram as suas ovelhas sempre zelozo pastor; e como amante das letras, e seu augmento fundou o seminario de Santa Catharina, estabelecendo-lhe rendas para sua subsistencia em 30 de novembro de 1566.

No mesmo anno celebrou na Cathedral igreja o primeiro concilio provincial, que começou na Dominga da Sexagessima aos 13 das kalendas de março, presidindo de uma parte o cardeal arcebispo com assistencia do bispo de Leiria D. Gaspar do Casal, e D. Gaspar Cano bispo de S. Thomé, e D. Jorge de Lemos do Funchal, e D. João de Portugal bispo da Guarda, e D. André de Noronha de Portalegre, todos seus suffraganeos: assistiram mais D Pedro, bispo de Hiponia; D. Julião de Alva, bispo de Miranda: D. Jeronymo Pereira de Salé: D. Belchior Belliago de Fez, todos bispos provinciaes, e muitos procuradores da provincia, clero, e religiosos.

Da outra parte presidiu elrei D. Sebastião com sua avó a serenissima rainha dona Catharina, e a serenissima princeza dona Maria sua tia, e o senhor D. Duarte, condestavel do reino, filho do infante D. Duarte, e grande numero de fidalgos, e grandes do reino, magistrado, e nobreza. Fizeram-se as outras sessões do concilio, que foram mais cinco, todas no mez de dezembro do dito anno: as quaes depois verteu elegantemente na lingua latina o erudito André de Resende, e se conservam na livraria da excellentissima condessa do Redondo D. Margarida, escritas em excellentes caracteres.

Foi tão grande o desejo, que este serenissimo prelado teve da salvação das almas, que mandou executar n'esta diocese os decretos do concilio Tridentino, que tratam da reforma dos costumes, para cujo fim os fez traduzir em portuguez, e imprimir. Alcançou tambem do vigario de Christo um jubileu annual para todos os fieis, que se confessassem, e commungassem nas quatro festas principaes do anno, o qual já tinha conseguido para a metropoli de Braga, e depois alcançou para a de Evora.

Dimitindo finalmente a prelazia lisbonense em 1569, havendo entregado o governo ecclesiastico a D. Jorge de Almeida, e o monarquico a elrei D. Sebastião com solemne apparato nos paços da Ribeira, voltou para Evora, onde falecendo a 6 de agosto de 1574 o seu arcebispo D. João de Mello, foi segunda vez confirmado n'aquella metropolitica dignidade, a qual illustrou com as mesmas exemplares virtudes.

Porém succedendo em Africa a destruição do nosso exercito, e a perda tragica d'elrei D. Sebastião, foi o cardeal acclamado rei d'esta

monarquia em 28 de agosto de 1578 na igreja do hospital real de Lisboa, pela devoção de ter sido n'elle consagrado em arcebispo de Braga pelo cardeal infante seu irmão na dominica in albis de 1539. Empregado no governo do reino, como os desgostos foram crescendo, e atribulando os seus muitos annos, veio a falecer em Almeirim a 30 de janeiro de 1580. Jaz sepultado no convento de Belem. (1)

XIII D. Jorge de Almeida—*Desde o anno de* 1570

Eleito em arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, filho quinto de D. Lopo de Almeida, e neto de D. Diogo Fernandes d'Almeida, prior do Crato, e monteiro mór d'elrei D. João II pela renuncia, que fizera o cardeal infante, tomou posse d'esta igreja no anno de 1570 por Bulla de Pio V. O povo estimou geralmente este prelado pela boa fama, que já tinha adquirido a sua virtude: e para accreditar mais o seu pastoral officio, convocou no anno de 1574 um concilio diocesano, que foi o segundo, onde estabeleceu prudentes constituições.

O Papa Gregorio XIII o creou inquisidor geral d'este reino á instancia do cardeal D. Henrique: e elle com todo o esforço se oppoz a elrei D. Sebastião na sua temeraria jornada de Africa; mas vendo que a não podia dissuadir, recorreu a Deus com preces publicas, mandando expor o Santissimo em todo o arcebispado para applacar a ira de Deus, que n'aquelles tempos ameaçava o reino com as desordens do governo secular.

Ausentando-se elrei para Africa, ficou o arcebispo governando em companhia de outros quatro fidalgos, e com a triste noticia da perda delrei na lamentavel batalha de Alcacer, e depois com a morte do cardeal rei D. Henrique, foi sempre o arcebispo D. Jorge em quem se conservou firme o zelo da patria, até se ver sujeito ao dominio estranho delrei Filippe de Castella, o qual tomando posse deste reino, deixou em Lisboa em seu lugar por governador no anno de 1583 a seu sobrinho o cardeal Alberto, archiduque de Austria, com quem tendo o arcebispo um desgosto por causa do provimento de uns beneficios de Torres-Novas, veio a falecer em breves dias a 20 de março de 1585 com grande sentimento de todos, porque foi este um prelado de grande authoridade, prudencia, e letras. Jaz na capella mór da antiga Sé á mão esquerda do arcebispo D. Martinho. (2)

XIV D. Miguel de Castro—*Desde o anno de* 1586

Nasceu D. Miguel de Castro na cidade de Evora pelos annos de 1536, e foram seus pais D. Diogo de Castro chamado o *Magro*, mordomo mór da princeza D. Joanna, mulher do principe D. João, e de dona Leonor de Ataide, filha do grande Nuno Fernandes de Ataide, al-

(1) Vide Barbosa na bibliot. Lusit. pag. 439. tom. 2. (2) Sousa Histor. Geneal. tom. 5. pag. 654. Lima Geograf. Histor. tom. 1. pag. 369.

caide mór de Alvor, e senhor de Penacova. Sendo prior da igreja de S. Christovão foi presentado para bispo de Vizeu, de que tomou posse no anno de 1579. O Papa Xisto V no anno de 1586 o promoveu para arcebispo de Lisboa, de que tomou posse a 2 de Julho do mesmo anno.

Entregando elrei Filippe o governo de Portugal ao archiduque Alberto, lhe deu por adjunto ao nosso arcebispo, o qual na ausencia que o dito archiduque fez a Flandes pelos annos de 1593, ficou continuando o governo aristocratico de Portugal juntamente com os condes de Portalegre, Santa Cruz, Sabugal, e Miguel de Moura, escrivão da Puridade. Na grande occurrencia de negocios, a que assistia, se não descuidou o nosso arcebispo das obrigações pastoraes: e assim fez se concluisse a igreja, e torre de Santo Antonio do Tojal, e na Sé edificou uma capella com seis capellães perpetuos, dotando-lhe preciosos ornamentos.

Com zelo da pureza da religião passou a Valhadolid, onde então residia a corte dos reis de Hespanha, para embaraçar o requerimento do perdão geral, que pretendia a gente da nação Hebrea. No anno de 1615 lhe recahio todo o governo do reino com o titulo de Vice-rei, cuja authoridade, conselho, e virtudes eram sufficientes á expedição dos maiores negocios. Com decreto delrei ordenou no anno de 1618, que na Sé trouxessem sómente os conegos capello nas murças, e que fossem forradas de carmezim, e as dos meios conegos, e quartanarios forradas de negro sem capello.

Sendo este prelado de vida inculpavel, parece que a sua nimia bondade, e tolerancia deram azos á grande relaxação, e desenvoltura de seus domesticos, de que se originaram bastantes escandalos, e murmurações. Faleceu com boa opinião em o primeiro de Julho de 1625, e jaz na sepultura, que elle mandou fazer á porta principal da Sé com este sincero, e humilde epitafio: *D. Miguel de Castro, arcebispo que foi de Lisboa, se mandou enterrar neste lugar; pede lhe lancem agua benta, e lhe rezem um P.N. e uma Ave Maria.* (1)

XV D. Affonso Furtado de Mendonça—*Desde o anno de* 1627

D. Affonso Furtado de Mendonça foi filho de Jorge Furtado de Mendonça, descendente por varonia da casa do duque do infantado, e de dona Mecia Henriques, filha de D. Pedro de Sousa, e neta do primeiro conde do Prado. Depois de varias dignidades, a que o elevaram neste reino os seus merecimentos, conseguiu a mitra desta metropoli por concessão de Urbano VIII no anno quarto do seu pontificado; e a 3 de maio de 1627 tomou posse do arcebispado.

O governo politico deste reino, a que elrei Filippe III o chamou para o exercitar com o conde de Basto D. Diogo de Castro, e com o conde de Portalegre D. Diogo da Silva, lhe opprimia muito o seu es-

(1) Sousa na Historia Genealogica tom. 6. pag. 291., e no Agiologio Lusitano tom. 1. em o primeiro de Julho.

crupulo na obrigação, e cuidado que devia applicar ao regimen das suas ovelhas: porém a sua vasta capacidade, e inteireza de justiça no manejo de ambas as expedições, acreditavam a grande esfera do seu talento.

Succedeu em Lisboa em a noite de 15 para 16 de janeiro de 1630 o execrando sacrilegio de se roubar do sacrario da parochial igreja de Santa Engracia a Pyxide com as sagradas formas; e este delicto penetrou de sorte o sentimento do vigilante prelado, que supposto ordenou para desaggravo do Sacramento muitas, e muito grandes festas, com tudo d'esta sacrilega acção teve origem a sua morte, pois em breve tempo veio acabar a vida com uma geral saudade das suas ovelhas em 2 de junho de 1630. Mandou que o sepultassem na capella mór da cathedral junto aos degrãos do presbiterio da parte do Evangelho.

XVI D. João Manuel—*Desde o anno de* 1633

Pela vacancia de D. Affonso Furtado de Mendoça foi assumpto á metropolitana de Lisboa D. João Manuel, illustrissimo descendente delrei D. Duarte, e filho de D. Nuno Manuel, senhor da casa da Atalaya; e de dona Joanna de Ataide, filha do primeiro conde da Castanheira. D'esta igreja mandou tomar posse a 13 de maio de 1633 pelo bispo de Targa D. Gaspar do Rego, por se achar então assistente em Madrid, onde fôra tratar negocios consideraveis da religião, que se originaram da grande junta de varios prelados do reino, que elrei Filippe II mandou fazer no convento de Thomar, sendo n'aquelle tempo D. João Manuel bispo de Coimbra.

O zelo com que D. João Manuel solicitava o remedio para extinguir n'este reino a gente da nação Hebrea: o esplendor da sua casa, e familia: as acções de sua vida bem compassadas, lhe grangearam tão boa opinião, que elrei Filippe II o nomeou vice-rei de Portugal, em cujo governo entrou a 12 de maio de 1633, e a 15 do dito mez, que foi dia do Espirito Santo, foi toda a relação metropolitana com seus officiaes dar-lhe a obediencia. N'este acto o doutor Matheus Peixoto Barreto, conego prebendado da Sé de Lisboa, provisor do arcebispado, lhe fez uma falla eloquente.

Vinte e tres dias logrou a posse d'esta dignidade arcebispal, nos quaes não foi visitar a sua Sé por causa da doença, que foi crescendo de tal maneira, que sendo-lhe levado da Sé com todo o cabido o Santissimo Viatico ao forte do palacio real, em que estava, não deu lugar a doença para lhe ser tambem levada a santa Unção da mesma Se, e a recebeu da parochia de S. Julião. Falleceu a 4 de julho de 1633 ás sete horas da tarde. No dia seguinte foi levado á sepultura, que elegeu na capella mór, que fez á sua custa no convento de Jesus d'esta cidade. Não foi acompanhado do cabido, assim por elle o não pedir no seu testamento, como por se escusarem competencias com os fidalgos Aulicos, que queriam levar o esquife, e com os capellães da capella real, que se

persuadiam competir-lhes o officio da encommendação, por ser vice-rei o prelado, e falecer em palacio. (1)

XVII D. Rodrigo da Cunha—*Desde o anno de* 1636

Foi D. Rodrigo da Cunha de geração illustre; porque foi filho de D. Pedro da Cunha, senhor da Taboa, e conselheiro de estado: e de D. Maria da Silva, filha de Ruy Pereira da Silva, alcaide mór de Silves. As grandes virtudes, e letras grangearam a D. Rodrigo os maiores empregos da republica ecclesiastica. Servio por inquisidor no tribunal do Santo Officio de Lisboa oito annos, e tendo trinta e oito de idade foi nomeado bispo de Portalegre. D'aqui passou á cadeira episcopal do Porto, e depois de a governar nove annos, foi promovido á primacial de Braga, da qual se transferiu á metropolitana de Lisboa, de que tomou posse em o primeiro de maio de 1636, fazendo sua entrada publica desde a igreja de S. Luiz nas portas de Santo Antão até á Sé cathedral com a pompa, e apparato, que ordena o ceremonial romano.

Tantas repetidas promoções são os melhores elogios da grande esfera, e capacidade d'este prelado. Todas as igrejas anhelavam este pastor, em cujo zelo, e piedade se promettiam saudaveis abrigos. Logo que tomou posse d'esta cathedral convocou Synodo diocesano, havendo mais de sessenta annos, que se não fazia, e n'elle ordenou constituições muito convenientes ao governo do arcebispado, pelas quaes se governa ainda hoje o patriarcado.

O amor constante da patria o fez tão desinteressado, e repugnante ás promessas dos ministros castelhanos, que na junta, que se celebrou em Madrid no anno de 1638 com os grandes d'aquelle reino para se unir em sua provincia o de Portugal, foi o voto do nosso arcebispo alli convocado o mais efficaz na opposição; originando-se depois que de lá voltou no anno seguinte aquelles nobres pensamentos de liberdade, que com tanta actividade soube influir nos corações dos fidalgos portuguezes para acclamarem rei o serenissimo duque de Bragança D. João IV.

Em toda a parte foi venerado o talento do arcebispo D. Rodrigo. As vigilias dos seus estudos, que publicou em varios volumes, são estimados pelos sabios. As letras unidas ao exercicio das virtudes lhe fazem perpetuar a sua memoria. Foi douto, sobrio, pio, recto, modestissimo, zeloso da patria, esmoler, e sem fausto: morreu pobre no primeiro de janeiro de 1643, deixando por legado ás quatro Sés, de que fôra prelado, repartidos os seus pontificaes. Jaz sepultado na Basilica de Santa Maria á entrada da porta travessa chamada vulgarmente do ferro, para onde se trasladaram suas cinzas no de 1702 por ordem de seu sobrinho D. Pedro Alvares da Cunha, trinchante mór de sua magestade. (2)

(1) Sousa Historia Genealog. tom 11. pag. 539. D. Franc. Manoel Epanaf. 1.
(2) Leitão Trat. Analit. pag. 443. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. no Apparat. num. 82. e tom. 11. pag. 816. Barbos. bibl. Lusitan. tom. 3 pag. 611.

XVIII D. Antonio de Mendoça—*Desde o anno de* 1669

Antes de D. Antonio de Mendoça, que era filho do conde de Val de Reis, foi nomeado em arcebispo de Lisboa D. Manuel da Cunha, commissario da Bulla da Cruzada, bispo de Elvas, e capellão mór delrei D. João IV, mas como não chegou a tomar posse, por falecer a 30 de novembro de 1658, o não collocamos n'este catalogo. Eram os merecimentos de D. Antonio de Mendoça tão plausiveis, que fizeram lembrar ao soberano as muitas dignidades, a que o elevou; porque foi ministro da Meza da Consciencia, onde subiu ao gráu de presidente. Foi deputado da junta dos Tres Estados, commissario da Cruzada, nomeado bispo de Lamego, e arcebispo de Braga; até que o principe regente D. Pedro, attendendo ao relevante de seus meritos, o nomeou arcebispo de Lisboa, de cuja igreja tomou posse em 27 de outubro de 1669 por seu procurador o doutor Estevão Brioso de Figueiredo.

Elevado á cadeira metropolitana d'esta diocese, se applicou nas vigilias de pastor ao bem espiritual de suas ovelhas, obviando a escandalosa vida de umas, e remediando a necessidade de outras; e sobre tudo attendendo ás isenções, e liberdade de suas regalias: sustentando por este respeito rigorosos litigios com o capellão mór D. Luiz de Sousa, que lhe veio a succeder na dignidade, e de quem D. Antonio de Mendoça triunfou com justiça. Falleceu a 14 de fevereiro de 1675, e foi sepultado na sua cathedral. (1)

XIX D. Luiz de Sousa, Cardeal—*Desde o anno de* 1676

Havia nascido D. Luiz de Sousa na cidade do Porto, filho segundo dos condes de Miranda. Passou na sua infancia a Madrid com sua mãi a condessa dona Leonor de Mendoça, filha do primeiro conde de Penaguião, e lá se creou no paço com a nobre indole, e exercicio de menino da rainha; e voltando para este reino, como a natureza o dotara de um genio muito agradavel, entrou a possuir a estimação do principe D. Theodosio; e a insinuações d'este passou a Roma no anno de 1651, onde se graduou doutor canonista: e depois de ver, e observar os costumes de varias gentes da Europa, se restituiu ao reino, em 26 de setembro de 1656.

Como o Papa Alexandre VII lhe havia feito mercê da cadeira de deão na Sé do Porto, foi a exercer a sua dignidade, e juntamente o governo d'aquella relação civil por mercê d'elrei D. Affonso VI. Foi crescendo a fama dos merecimentos, e talento de D. Luiz de Sousa, de que inteirado elrei D. Pedro II o constituiu seu capellão mór no anno de 1669, e o Papa Clemente X o fez bispo de Bona, em cujo emprego deu bastantes provas de quanto zelava a sua jurisdição, e privilegios. Por

(1) Chronica dos Coneg. Regr. liv. 10. cap. 15 n. 15. Barbos. Fastos. da Lusitan. tom. 1. pag. 536.

morte de D. Antonio de Mendoça foi eleito arcebispo de Lisboa, de que tomou posse a 22 de janeiro de 1676.

Será memoravel na posteridade o governo d'este prelado pelas suas acções acompanhadas todas de grande acerto, e cheias de piedade, e magnificencia. Cuidou primeiro que tudo na reforma dos costumes: e intentando abolir as profanas representações dos theatros, ideou o melhor remedio, alcançando do Papa Innocencio XI no anno de 1682 o jubileu do Lausperene para todas as igrejas de Lisboa, distribuido alternativamente pelo circulo do anno. Com o mesmo zelo da religião cooperou muito para a conversão dos gentios, dando sempre utilissimas providencias na junta das missões, de que foi presidente.

Parece que tinha o ceu destinado para gloria da sua pia generosidade, que no seu fausto governo se descobrissem as veneraveis reliquias do inclyto martyr S. Vicente até alli occultas desde o tempo do senhor rei D. Manuel, que mandando-as recolher em uma caixa de pedra, e collocal-a em uma casa da cathedral no vão da parede do altar do mesmo Santo, deixaram ficar os artifices a porta da dita casa incognita com pedras semelhantes á mesma parede: e pelo incidente de bolirem n'esta para certa obra no anno de 1692, se achou a casa, e a caixa das reliquias: e então fazendo extrahir o zeloso prelado com grande jubilo o estimavel thesouro, o collocou em um precioso cofre de prata no anno de 1693, o qual existindo exposto á publica veneração dos fieis em uma bem polida capella, que mandou fabricar de finissimos marmores, e artificiosos embutidos junto do altar mór da mesma Sé á parte da epistola, devorou tudo infaustamente o tragico incendio de novembro de 1755.

Condecorado ultimamente com a purpura de cardeal pelo Papa Innocencio XII no anno de 1697, continuou no exercicio de obras dignas da sua grande idéa. Aperfeiçoou o palacio archiepiscopal: reedificou o templo, e convento de Santa Catharina de Ribamar de religiosos arrabidos: edificou no dominicano convento da Batalha o sumptuoso mausuleu para deposito das cinzas do conde seu pai: erigiu na Cartuxa de Laveiras um novo dormitorio, de que não se acabou mais que um lanço: estabeleceu renda para sustentação perpetua de um monge no deserto de Bussaco; e sobre tudo conservando sempre um especial amor aos livros, ajuntou a mais copiosa, selecta, e bem ornada livraria, que até os seus tempos se tinha visto, e que os sabios grandemente celebram. Morreu finalmente em 4 de janeiro de 1702, e jaz na capella de Nossa Senhora da Piedade da Terra solta, que está na claustra da Basilica de Santa Maria em sepultura raza com a breve inscripção: *Sub tuum præsidium.* (1)

(1) Manoel de Sousa Moreira no Theatro Genealogico da Casa de Sousa. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 283. Papebroch. na Dedicat. do tom. 5. Act. Sanctor. Bluteau na Dedicat. da 2. part. das Primic. Evang. Sousa Histor. Geneal. tom. 12. pag. 537

XX D. João de Sousa —*Desde o anno de* 1703

A nobreza do sangue do illustrissimo dom João de Sousa é bem notoria, e venerada como descendente da esclarecida familia, e casa dos senhores de Gouvea de Riba-Tamega, chefes do ramo real dos Sousas condes do Redondo. Nasceu este veneravel prelado em Lisboa no anno de 1647: e educando-se com a doutrina, e exemplo do grande mestre das virtudes, que n'aquelle tempo florecia D. Diogo de Sousa, arcebispo de Evora, seu tio, foi d'elle um digno imitador.

Associado ao collegio pontificio de S. Pedro na universidade de Coimbra, n'ella se doutorou nos sagrados canones. Teve o arcediagado de Santa Christina, dignidade na primacial de Braga. Serviu o tribunal do Santo Officio em Lisboa alguns annos no lugar de deputado, e de Sumilher de cortina delrei D. Pedro II, por cuja ordem lhe foi offerecido o priorado mór de Palmella, que não aceitou. Foi nomeado bispo de Miranda, que tambem não admittiu. Passou na armada, que foi a Turim conduzir o duque de Saboya no anno de 1682 por seu Sumilher de cortina, donde voltando ao reino foi nomeado bispo do Porto pela renuncia, que d'aquelle bispado tinha feito D. Fernando Correa de Lacerda; e n'elle o confirmou Innocencio XI no anno de 1684. D'aqui foi promovido para arcebispo de Braga, e ultimamente para a metropolitana de Lisboa no anno de 1703.

Em todas estas dioceses obrou acções de um bom pastor, fazendo-se distinguir entre todas nos immensos actos de caridade, que usava com os pobres de tal fórma, que foi chamado o Santo João esmoler do seu seculo, pois chegou a dar até a propria cama em que pobremente dormia. Contam-se d'elle prodigios em abono d'esta, e de outras virtudes, as quaes chegando aos ouvidos do summo pontifice Innocencio XII, lhe escreveu uma carta em fórma de Breve com grandes elogios, onde concluindo lhe recommenda a perseverança das virtudes na imitação de si proprio, dizendo: *Reliquum est, ut tui similis esse pergas.*

Tão grandes meritos foram bem persuasivos diante dos serenissimos reis D. Pedro II, e D. João V, para a nomina de cardeal, que não teve effeito; porque primeiro que a purpura cardinalicia chegou D. João de Sousa a vestir a funebre mortalha em 29 de setembro de 1710, dia em que santamente falleceu um dos mais exemplares prelados d'esta diocese. Jaz no cemiterio dos pobres na antiga cathedral sem epitafio, em humilde sepultura, como havia determinado. (1)

Diogo Barbos. Biblioth. Lusit. tom. 3. pag. 152. Ignacio Barbos. Fastos da Lusitan. tom. 1. pag. 61

(1) Sousa Historia Genealogic. tom. 12. pag. 850. Fonseca Evora gloriosa num. 597. Carvalho Corografia Portug. tom. 3. p. 349. Anno Historico tom. 3. pag. 107.

PATRIARCAS

Querendo o fidelissimo rei D. João V promover, e exaltar com ardentissimo zelo o maior culto de Deus, e esplendor da sua igreja, impetrou do summo pontifice Clemente XI a Bulla Aurea, que começa: *In supremo Apostolatus solio*, expedida aos 7 de novembro de 1716, pela qual fez erigir na collegial insigne da real capella uma cathedral metropolitana, e patriarcal, dividindo para este effeito a cidade de Lisboa, e seu arcebispado em duas metropolis com territorios distinctos, ficando os que pertenciam á linha divisoria da parte do Nascente sujeitos ao prelado de Lisboa Oriental, e os que olhavam para o Poente ao patriarca de Lisboa Occidental, a quem tambem uniu a dignidade de capellão mór, e o privilegio de poder andar vestido em habito purpureo.

Feita a divisão, nomeou elrei em primeiro patriarca ao illustrissimo D. Thomás de Almeida, então bispo do Porto: e para que a sua jurisdição metropolitica patriarcal fosse omnimoda, tornou a unir as duas cidades, e metropolis em uma só por Bulla do Papa Benedicto XIV, passada a 13 de dezembro de 1740, e começa: «Salvatoris nostri,» abrogando, e extinguindo a antiquissima Sé de Lisboa Oriental, incorporando, e estabelecendo uma só igreja patriarcal, a quem constituiu por suffraganeos os bispados de Leiria, Lamego, Guarda, Portalegre, e os Ultramarinos do Funchal, Angra, Maranhão, e Grão Pará.

I D. Thomaz de Almeida, cardeal — *Desde o anno de* 1717

Da grande e illustrissima casa dos condes de Avintes, e Arcos nasceu D. Thomaz de Almeida em Lisboa aos 11 de setembro de 1670. Logo nos seus primeiros annos teve para as sciencias uma inclinação tão dominante, que contribuio muito para se fazer distincto entre os mais applicados seus contemporaneos. Doutorado na Universidade de Coimbra na faculdade dos sagrados Canones, tendo alli sido porcionista do real collegio de S. Paulo, passou para deputado da Inquisição de Lisboa a 21 de junho de 1695, e d'aqui para desembargador do Porto, qualificando primeiro no supremo Tribunal do Desembargo do Paço a sua sciencia com o rigoroso exame «de jure aperto.»

Do Porto veiu para a Casa da Supplicação de Lisboa, e nesta corte e seus tribunaes, desde o ministerio de paroco da igreja de S. Lourenço, em que foi prior, exerceu as mais honrosas occupações; pois foi procurador da fazenda, e estado da rainha, deputado da Mesa da Consciencia, juiz do fisco real, chanceller mór do reino, secretario das Mercês, expediente, e estado, provedor das obras do paço, cujos sublimes empregos cumprio inteiramente com acerto, benevolencia, e zelo.

Tão sublimes merecimentos se faziam dignos de um premio tambem sublime. Assim foi elevado á dignidade episcopal de Lamego por Bulla de Clemente XI de 6 de dezembro de 1706, e n'aquella diocese deu bem

a conhecer o caracter de seu generoso coração. D'este pastoral governo passou para o do Porto em 17 de Outubro de 1709, onde no anno seguinte fez celebrar um Synodo diocesano para o bom regimen dos seus subditos, os quaes em todo o tempo, que tiveram a felicidade de o conhecer pastor, experimentaram juntamente nelle uma prudente vigilancia, e um amor caritativo de pai.

Conhecendo o fidelissimo rei D. João V as relevantes prendas de D. Thomaz de Almeida, o elegeu para a nova dignidade de Patriarca de Lisboa, que o Papa Clemente XI confirmou pela Constituição Romani Pontificis de 7 de dezembro de 1716, em virtude da qual mandou elle tomar posse em 9 de janeiro de 1717 por seu especial procurador o illustrissimo D. Joseph Dionisio Carneiro; e a 13 de fevereiro do mesmo anno fez sua entrada publica solemnissima, e com uma pompa nunca até alli vista de igual esplendor, e luzimento desde as portas de Santo Antão até a igreja patriarcal. Constituido em tão alta dignidade, e accumulado de honras, e mercês, que a generosidade incomparavel delrei lhe tributou, deu principio ao exercicio da sua prelatura no primeiro de março do sobredito anno, indo pessoalmente visitar a maior parte do seu patriarcado, conferindo no mesmo tempo o Sacramento da Confirmação a muitas mil pessoas, e distribuindo com mão larga pelos pobres innumeraveis esmolas.

Querer numerar as funcções differentes, e copiosas, que exerceu como proprias da sua dignidade em todo o progresso dos trinta e sete annos, que a occupou, seria fazer uma narração immensamente dilatada. Basta dizer, que administrou o bautismo a muitos serenissimos infantes de Portugal, e grandes do reino: benzeu muitos templos, sinos, e imagens: conferiu todos os gráus das Ordens a innumeraveis pessoas, que se destinavam ao estado ecclesiastico: sagrou um numero muito crescido de bispos, e arcebispos: fez, e celebrou infinitos pontificaes: e finalmente em todas as diversissimas funções ordinarias, e extraordinarias que incansavelmente executou, e a que assistiu, fez brilhar sempre com a sua respectiva, mas agradavel presença, um summo desembaraço, intelligencia, gravidade, e luzimento com geral acclamação de todos. Bem se via, que para estabelecer tão alta dignidade só era proprio o sublime espirito de um tal prelado.

Havia elle já como patriarca possuido as honras da purpura cardinalicia, porem o Papa Clemente XII venerando muito as grandes virtudes de D. Thomaz, o associou ao sagrado collegio, creando-o Cardeal no Consistorio de 20 de dezembro de 1737 por nomina delrei, que sempre se lembrou de o exaltar a maiores veneraçôes. Como era dotado de um animo heroicamente generoso, foram muitas as occasiões, em que o manifestou.

Tal foi o magnifico palacio, e delicioso jardim, que fez edificar em o sitio de Santo Antonio do Tojal: os dous chafarizes publicos, e peren-

nes de excellente agua conduzida de longe para aquelle lugar por aqueductos reforçados: a reedificação, e augmento do palacio, e quinta archiepiscopal de Marvilla, com a soberba, e utilissima calçada do novo caminho pela parte da marinha: a nobilissima fonte de agua salutifera encaminhada para a villa de Alhandra, até então destituida de tão preciso elemento.

Esta mesma generosidade, e grandeza de animo seguio na edificação dos templos para augmentar o culto divino. Dispendeu grossissimo cabedal no mosteiro, e fundação da igreja das religiosas Trinas de Campolide: na dos clerigos da missão em Rilhafolles: na erecção da nova paroquia de Santa Isabel, á qual para effeito de se concluir a igreja deu toda a sua preciosissima copa de prata, que constava de mais de mil e quinhentos marcos de pezo, mandando fabricar para seu uso outra de metal mais humilde. Em fim são tão copiosos os argumentos de generosidade, clemencia, justiça, religião, caridade, e outras meritorias virtudes, que resplandeciam neste eminentissimo prelado, que a mesma abundancia das suas louvaveis acções nos faz pobre de palavras para as expressar devidamente. Morreu aos 27 de fevereiro de 1754 com toda a firmeza de um homem christão, heroe, e justo. Jaz seu corpo em sepultura raza ao pé da capella mór no meio do cruzeiro da igreja de S. Roque de Lisboa.

II D. Joseph Manoel, cardeal — *Desde o anno de 1754*

Nasceu este eminentissimo prelado em Lisboa aos 25 de dezembro de 1686, nono filho de D. Luiz Manoel de Tavora, IV conde da Atalaya. Destinando-se á vida ecclesiastica, foi porcionista no collegio pontificio de S. Pedro, d'onde veio para deão da insigne collegiada de S. Thomé na capella real A sua grande integridade de animo o fez lembrar ao fidelissimo rei D. João V para deputado da Junta dos Tres Estados: e com a erecção da santa igreja patriarcal foi principal Decano da sacrosanta igreja de Lisboa, e creado cardeal pela Santidade de Benedicto XIV no anno de 1747.

Por fallecimento do eminentissimo D. Thomaz de Almeida foi eleito pelo fidelissimo rei D. Joseph I, em segundo patriarca aos 9 de março de 1754, e a 2 de junho do mesmo anno mandou tomar posse da sua igreja pelo principal D. João de Mello com grande acclamação dos seus subditos, esperando todos da rectidão da sua justiça uma reforma dos costumes, que a relaxação tem viciado.

Como o nobre coração de tão egregio prelado estava sempre no exercicio da paciencia christã com a tolerancia de repetidas molestias, ellas lhes subministraram no animo uma grande disposição, e alento em o geral fracasso do terremoto, e incendio de Lisboa succedido no segundo anno de seu pontificado. Constantemente soffreu não só os descommodos proprios naquella subita ruina, mas sentio muito mais os traba-

lhos, o desamparo, e a desordem em que se viu o rebanho das suas ovelhas dispersas, e attenuadas. Assim o mostrou na providente determinação com que mandou erigir altares em muitas partes do campo, dando tambem faculdade a todos os sacerdotes para exercerem naquelle aperto o ministerio de confessores, porque ao afflicto, e desanimado povo em occasião tão penosa lhes não faltasse o possivel conforto espiritual, já do sacrificio da missa, já da absolvição das culpas. Atenuado finalmente das muitas molestias, que padecia querendo buscar-lhes algum alivio com a mudança de ares, passou para o seu palacio da Atalaya, mas lá o esperava a morte que elle havia tempo premeditava, e preparado com o Santo Viatico, falleceo a 9 de julho de 1758 da uma hora para as duas da tarde.

III D. Francisco Saldanha, cardeal — *Desde o anno de* 1759

Do illustre tronco dos senhores de Assequins, e condes da Ponte, nasceu este eminentissimo prelado em Lisboa a 20 de maio de 1723, filho septimo de Luiz de Saldanha da Gama, e D. Anna de Menezes filha dos condes de Santiago. A providencia divina o dotou de um genio tão docil, e suave, que alfeiçoando-se ao exercicio das letras, e fazendo nellas distinctos progressos, passou a ser porcionista no collegio real de Coimbra, onde fez os seus actos com esplendor, e applauso dos mestres.

Na promoção dos prelados da santa igreja patriarcal foi elle um dos que lembraram promptamente á vigilancia do senhor rei D. João V de cuja dignidade tomou posse em 15 de janeiro de 1743. Da qual passou para a de principal em 23 de agosto de 1755. E depois no anno seguinte foi elevado á sublime dignidade cardinalicia pelo Papa Benedicto XIV.

Como a grande capacidade d'este principe ecclesiastico faz attender na sua pessoa, e virtudes merecimentos superiores a todos os cargos, o elegeu a mesma Santidade de Benedicto XIV para visitador, e reformador geral apostolico da religião da Companhia de Jesus nestes reinos de Portugal e seus dominios pela Bulla *In specula supremæ dignitatis*, passada em o primeiro de abril de 1758 em Santa Maria Maior: a cuja incumbencia deu exercicio em o primeiro de junho do dito anno na igreja de S. Roque com grande benignidade, e prudencia.

Não satisfeita a generosidade do fidelissimo rei D. Joseph I de honrar a pessoa do senhor D. Francisco, lhe conseguio do Papa Benedicto XIV a Bulla de Patriarca III de Lisboa, em cuja dignidade foi eleito a 25 de julho de 1758, por morte do eminentissimo D. Joseph Manoel. D'ella mandou tomar posse o novo prelado a 12 de julho de 1759 pelo principal D. Fernando dos condes de Santiago: fazendo-se a função com grande acompanhamento da corte pelas onze horas da manhã: e a 5 de agosto do mesmo anno se fez na capella do seu palacio da Junqueira a ceremonia da sagração, dando elle vespera da Natividade da Senhora a

7 do setembro seguinte a sua entrada, á qual assistiram as pessoas reaes, e toda a corte com pompa, e luzimento especial.

Eu bem quizera elogiar as grandes virtudes d'este prelado eminentissimo, mas os estreitos limites a que me cingi, me não permittem incluir o immenso no abbreviado, só digo que no progresso de sua exemplar vida, que a Deus pedimos seja dilatada, todas as suas acções sublimes o constituirão immortal na memoria dos homens.

MAPPA CHRONOLOGICO DOS ARCEBISPOS, E PATRIARCAS DE LISBOA

		An. da erecção
1	D. João Anes	1394
2	D. João Esteves de Azambuja, cardeal	1402
3	D. Diogo Alvares	1414
4	D. Pedro de Noronha	1424
5	D. Luiz Coutinho	1453
6	D. Jayme, cardeal	1453
7	D. Affonso Nogueira	1459
8	D. Jorge da Costa, cardeal	1464
9	D. Martinho da Costa	1501
10	D. Affonso, infante, e cardeal	1523
11	D. Fernando de Vasconcellos e Menezes	1540
12	D. Henrique, infante, cardeal, e rei	1564
13	D. Jorge de Almeida	1570
14	D. Miguel de Castro	1586
15	D. Affonso Furtado de Mendoça	1627
16	D. João Manoel	1633
17	D. Rodrigo da Cunha	1636
18	D. Antonio de Mendoça	1669
19	D. Luiz de Sousa, cardeal	1676
20	D. João de Sousa	1703

PATRIARCAS

1	D. Thomaz de Almeida, cardeal	1717
2	D. Joseph Manoel, cardeal	1754
3	D. Francisco Saldanha, cardeal	1759

§ VI — *Da capella real, e santa igreja patriarcal de Lisboa*

Sendo sempre os soberanos reis portuguezes tão pios, e religiosos, uma das cousas, em que puzeram maior cuidado, foi no governo, e ordem da sua capella, a qual desde o principio do reino tiveram com grande magestade, culto, e concerto.

O costume de ter capella réal foi introduzido em Hespanha pelos reis suevos, (1) dos quaes se lê no Concilio de Lugo, celebrado no anno de 569, reinando elrei Theodomiro, que tinham por capellães móres aos bispos de Dume junto a Braga, cujas ovelhas, e subditos eram só a familia do paço, e criados delrei, como bem adverte fr. Bernardo de Brito contra Garcia de Loyaza. (2) Faziam os taes bispos pontificaes na ca-

(1) Turtureti no liv. Capilla Real de Madrid apud Carafa de Capella Regis utriusque Siciliae cap. 1. n. 7. (2) Monarq. Lusit. part. 2. liv. 6. cap. 14. Veja-se tambem a Cardoso no Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 399. e o Author do Santuar. Marian. tom. 7. p. 152.

pella, que devia ser de grande magestade, pois entre os condes do paço era nomeado o conde dos sacrarios, que todos entendem ser o thesoureiro mór da capella real.

Este antiquissimo monumento de religião, e pio costume, deduzido assim dos reis suevos, achamos constantemente imitado, e observado pelos nossos monarcas, pois desde o primitivo reinado do santo rei D. Affonso Henriques se vê erecto o officio de capellão mór na pessoa do arcebispo de Braga D. Payo Mendes, conforme a doação do mesmo rei feita aos 6 das Kalendas de junho de 1146, que existe no cartorio da Sé d'aquella primacial, onde entre outras cousas diz: «Insuper dono tibi, atque concedo in Curia mea totum illud, quod ad Clericale officium pertinet, scilicet, Capellaniam, Scribaniam & cætera omnia, quæ ad Pontificis curam pertinent, ut in manu tua, in manu successorum tuorum, qui me dilexerunt, totum meum consilium committo.» E do mesmo tempo consta ser erecta em capella real a igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, (1) e com a propria dignidade enobrecidas a de Santa Cruz em Coimbra, a de Santa Maria de Alcaçova em Santarem, e á sua imitação as paroquiaes de S. Bartholomeu, e S. Martinho em Lisboa, e a igreja de Nossa Senhora da Escada junto a S. Domingos. (2)

Continuou este culto distincto até o tempo delrei D. Diniz, que no anno de 1290, querendo nesta materia levar vantagem a seus antecessores, foi o primeiro que com a rainha Santa Isabel sua esposa instituio dentro do seu palacio, que era no Castello de Lisboa, capella real com a invocação de S. Miguel, estabelecendo-lhe missa perpetua, e ordenando tambem se rezassem nella as Horas Canonicas, segundo o estylo romano, consentindo nisso o bispo da cathedral de Lisboa, que então era D. João Martins de Soalhães, o qual passados dous annos, no de 1301 juntamente com o beneplacito do seu Cabido, por gratificar os beneficios, que do dito rei haviam recebido, se obrigou por uma escritura publica a manter dous capellães com seus mousinhos, isto é, acolytos, não só na sobredita capella real de Lisboa, mas tambem na de Torres-Vedras, que alli instituira a rainha D. Brites, mãi do dito rei D. Diniz, como tudo consta de duas certidões, que vimos, extrahidas da Torre do Tombo, e assinadas pelo seu guarda mór João Couceiro de Abreu. (3)

Governando elrei D. Duarte, e vendo que na dita capella de Lisboa se não cantava como devia ser, mandou em 18 de março de 1437, que se observasse a instituição delrei D. Diniz, accrescentando para esse effeito o ordenado ao capellão mór em duzentas e dez mil livras cada anno, e nomeando logo na tal dignidade a Affonso Vicente, criado do infante D. Henrique seu irmão.

Seguio-se no governo seu filho elrei D. Affonso V, que herdando

(1) Estaç. nas Antiguid. de Portug. cap. 25. num. 6. (2) Sous. Hist. Geneal da casa Real Portug. tom. 1. (3) Veja-se tambem Brandão na Monarq. Lusit. part. 5. liv. 17. cap 45. e liv. 18. cap. 9.

o mesmo zelo da religião, quiz augmentar o esplendor da sua capella, erigindo maior numero de capellães, e cantores para rezarem n'ella solemnemente as Horas Canonicas; e sem embargo, que o chronista mór fr. Francisco Brandão (1) diga que para isto mandára vir o sobredito rei uma copia do ceremonial, que os reis de Inglaterra praticavam na sua capella, por onde se regulassem os seus capellães, consta todavia do Breve de Eugenio IV, (2) passado em Florença no anno de 1439, que esta graça fora concedida, para que na capella real d'este reino se celebrassem os officios divinos somente pelo rito romano.

Todo este louvavel intento se viu executado em tempo delrei D. João II, o qual, como diz Resende, (3) ordenou no anno de 1495, que houvesse na sua capella todos os dias Horas Canonicas, applicando-lhe para isso rendas, e distribuições como em Sé cathedral, e alcançando do Papa Xisto IV grandes isenções, e privilegios para os ministros, que servissem, e se occupassem nella.

Depois quando o venturoso rei D. Manoel mandou edificar no terreiro do Paço o magnifico palacio chamado da Ribeira, mudando-se do Castello, collocou alli a sua capella real, dedicando-a ao apostolo S. Thomé, protector da India, e foi o seu primeiro assento no lugar do tribunal da Mesa da Consciencia, onde esteve até o anno de 1581, como constava da memoria inscripta em uma lapida embebida na parede por cima do assento do presidente, que dizia:

D. O. M.
Sub honore D. Thomæ Apostoli
Hic Rex Emmanuel Capellam Regiam
Dicavit, et translata fuit anno
1581
Locum profanari vetat Religio.

E é de saber, que o antigo portico da dita capella, que estava á mão esquerda de quem hia para o terreiro do Paço por baixo da sala dos porteiros da cana, se acabou de desmanchar em 2 de abril de 1751, abrindo-se no lugar do seu pavilhão duas janellas para a nova secretaria de estado dos negocios do reino. Conseguiu elrei D. Manoel muitos privilegios do Papa Leão X, com que exaltou a dignidade de capellão mór, os quaes refere Cabedo, e D. Antonio Caetano de Sousa. (4)

Elrei D. João III, por ser naturalmente inclinado ás cousas da igreja, se esmerou muito mais na authoridade da sua capella, enriquecen-

(1) Brand. Monarq. Lusitan. pag. 441. (2) «Cum itaque in dicendis Horis Canonicis morem Romanae Ecclesiae in Capella tua observari speciali devotione desideres... Horas Canonicas per Capellanos, et Cantores tuos pro tempore existentes, necnon Missas, et Officia hujusmodi dicere valeant, nec teneantur, si voluerint, ad morem, vel ordinem alium super his observandum.» Vide Sous. no tom. 5 das Prov. (3) Resende Chronic. cap. 57. e 190.
(4) Cabed. de Patron. Regio cap. 43. Sous. Histor General. tom 2 das Provas p. 245. et seq.

do-a de preciosos ornamentos, e accrescentando maior copia de musicos. Obteve tambem no anno de 1522 do Pontifice Adriano VI o indulto de se poder rezar nella todos os sabbados do anno o Officio de Nossa Senhora, e nas terças feiras o do Archanjo S. Miguel, não sendo dias classicos, ou duples. (1)

A ordem da liturgia, que por este tempo praticavam os reis na assistencia da capella real, era esta: Havia uma cortina, dentro da qual estava elrei assentado em cadeira, e detraz d'elle os infantes em outras cadeiras mais baixas, e um pouco affastadas. Os filhos dos infantes tinham em lugar de cadeiras almofadas, e só quando elrei ouvia missa em tribuna, se assentavam em cadeiras razas com alcatifas pequenas, affastadas um pouco da delrei. Havia mais um pagem do livro chegado á cortina, e servia de ter as Horas, por onde elrei rezava.

Da parte de fóra da cortina estava o assento dos duques, e depois o banco dos condes; e o dos bispos ficava defronte delrei, e acima da cortina o assento dos embaixadores. Havia cinco modos de cortina, e eram: «Cortina cerrada,» quando elrei estava com os principes; «Cortina alçada;» quando estava com a rainha; «Cortina,» quando estava em algum coro de religiosos; «Cortina,» quando estava em tribuna; e «Cortina,» quando estava em janellas.

A' porta da capella o arcebispo, ou bispo mais antigo dava agua benta a elrei, ao principe, e infantes; porem nos pontificaes, que cahiam em domingo, o bispo, que fazia o pontifical, lh'a dava na cortina, e quando não havia bispo na capella, fazia este officio nos domingos o diacono na cortina, e nas missas rezadas o hebdomadario. Não se começava a missa até elrei não fazer sinal ao deão, e elle (sendo pontifical) o fazia ao bispo, e sendo a missa cantada, ao mestre da capella, e nas rezadas ao thesoureiro mór.

Principiada a missa, dizia o capellão mór a confissão, gloria, e credo com elrei dentro na cortina; e havendo elrei de rezar o Officio Divino, o fazia com elle o capellão mór, e em sua ausencia o deão. O Evangelho, incenso, e paz, que os reis tomavam na cortina, levava o arcebispo, ou bispo, que presidia no banco, acompanhado do thesoureiro, e mestre das ceremonias, e o porteiro da capella; e nos pontificaes, quando não havia bispo, o hebdomadario. Os que davam agua benta, incenso, e paz, faziam reverencia aos reis, e principes somente, aos quaes em seu lugar incensavam tres vezes, e elles faziam inclinação ao altar: aos infantes porem se incensava duas vezes, estando fóra das cadeiras.

Muitas vezes vinham fallar a elrei, estando na cortina, religiosos, fidalgos, e senhores, dando para isso ordem o deão ao porteiro, o qual tinha cuidado de haver silencio na capella, e dava os lugares aos bispos, e condes, e, quando elrei ouvia missa em alguma tribuna, camera, ou

(1) O mesmo Sous. ibid. p. 738.

coro, estava sempre á porta. Tudo que era da jurisdição da capella despachava elrei com o capellão mór, deão, e esmoler.

Nas quatro pascoas do anno, e nas missas novas dos seus capellães hiam os reis á offerta, saliindo fóra da cortina, acompanhados dos infantes, e senhores, levando elrei a rainha á mão direita até o altar, onde o seu esmoler estava de joelhos com a offerta junto do subdiacono, que tinha o prato nas mãos para a receber. Aqui sobre uma alcatifa grande tinham o reposteiro mór delrei, e o védor da rainha, cada um sua almofada na mão, a qual punham aos reis, e de joelhos offertava primeiro a rainha, dando-lhe elrei nisto o primeiro lugar, e depois elrei, lançando-lhe o esmoler a offerta no prato, e com isto se tornavam os reis com a mesma ordem, fazendo-lhes os fidalgos, e grandes suas cortezias, que só nestes dias se permittia, porque aos reis de Portugal ninguem fazia mezura, senão os senhores, que elles mandavam cubrir.

Quando elrei estava em parte, que não hia á offerta, mandava por si ao seu esmoler; porem no dia de Reis offerecia sempre elrei com a sua propria mão a offerta, para o que sahia da cortina, e posto de joelhos diante do bispo sobre a almofada, (que já tinha posto na alcatifa o reposteiro mór) tomava o esmoler da mão do escrivão da esmolaria uma salva grande, em que hiam trinta cruzados de ouro, e uma quantidade de incenso, e myrrha, e a apresentava a elrei, o qual tomava com suas mãos cada cousa d'estas, e a offerecia no prato, que tinha o subdiacono. A cinza, e a palma do dia de Ramos dava a elrei o bispo, que a benzia; e a véla de Nossa Senhora das Candeas, e da Pascoa tomava dentro da cortina da mão do mordomo mór, que lhe dava o bispo capellão mór.

Os tres dias, que o Santissimo Sacramento estava desencerrado até dia de Pascoa, dormiam os reis d'este reino junto ao altar sem se despirem, e jejuavam estes tres dias a pão, e agua; e na manhã de Pascoa mandavam fazer uma solemne procissão, em que hiam os reis, principes, e infantes com todas as damas, e cortezãos, precedendo adiante os porteiros das massas, e todo o genero de instrumentos musicos, que na corte havia. Acompanhavam a elrei nesta procissão o mordomo mór, porteiro mór, védor da casa, e mestre-sala com os cavalleiros do habito de Christo. Ordinariamente levava elrei uma das varas do pallio, e as outras os commendadores mais antigos, porem elrei D. Sebastião usou em lugar d'elles dos condes, e conselheiros de estado, e elle hia sempre vestido com o seu habito branco de cavalleiro.

Quando esta procissão passava pelo terreiro do Paço, se chegavam bem á terra as mais das náos, e navios, que n'aquella paragem estavam, e disparavam toda a artilharia, e muitas invenções de fogo festivo. A todos os fidalgos, que hiam na procissão, mandava elrei duas vélas, e ao povo se repartiam em numero de sete, ou oito mil. Chegando á sala grande, se recolhiam elrei, rainha, e infantes a commungar em seus oratorios. Elrei ouvindo missa rezada de seu confessor, commungava da

sua mão: tinham-lhe a toalha dous bispos, e dous capellães fidalgos duas tochas. Depois da communhão se recolhia algum espaço, e logo se retirava á sua camera, d'onde tornava a seu tempo para ouvir a missa do dia com a rainha, principe, e infantes, damas, e mais corte, vestidos todos de festa.

Dia do corpo de Deus hia elrei á Sé acompanhar a procissão. Sahia do paço com a rainha, infantes, damas, e toda a mais corte, levando o mordomo mór, e porteiro mór suas canas ao hombro, e o copeiro mór o estoque. Os outros porteiros hiam com massas de prata, os reis de armas com as ópas ricas, e o apresentador das tavoas da rainha com ellas ao hombro. Apeavam se todos na Se, onde ouviam missa cantada por uma dignidade da igreja, mas officiada pela capella. Depois se ordenava a procissão, e por concerto, que fez o arcebispo D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, que tambem era capellão mór, um anno levava o cabido a mão direita, e o outro a capella real. Elrei hia detraz dos commendadores da Ordem de Christo, posto no meio, e o commendador mór da parte direita. (1) Nos ultimos annos delrei D. João, porque não podia tornar com a procissão á Sé, ordenou que se desfizesse em S. Domingos, ficando o Senhor encerrado no sacrario da capella mór, e d'aqui teve principio este costume, que durou muitos tempos depois.

Entrando neste reino os poderosissimos reis de Castella, não consentiram todavia, que se diminuisse o decoro, e esplendor da capella real, antes sabendo Filippe II, que não havia nella estatutos sobre a fórma do seu governo, ministrando-se somente as cousas por tradição, e costume, mandou fazer novo regimento em 2 de janeiro de 1592, sendo capellão mór D. Jorge de Ataide.

Constava elle de vinte capitulos, dos quaes daremos um brevissimo extracto, por ser este o primeiro Regimento da capella real, de que temos memoria. No primeiro trata do capellão mor, suas qualidades, obrigações, e regalias. No segundo do deão, que deve succeder em capellão mór. No terceiro do bispo dos pontificaes, que não tenha obrigação pastoral, para estar liberto, e fazer os pontificaes na capella. No quarto dos prégadores. No quinto do auditor do capellão mór, e juiz ordinario dos capellães, e mais ministros da capella. No sexto do thesoureiro da capella, o qual diz, que será capellão de authoridade, e terá as chaves do sacrario, e do thesouro.

No setimo trata do numero dos capellães, e ordena que além do capellão mór, deão, e thesoureiro haja trinta capellães, vinte e seis para

(1) Tirámos a memoria desta Liturgia de alguns manuscritos, que vimos do insigne Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, dos quaes tambem teve noticia o eruditissimo, e Excellentissimo Principal, D. Francisco de Almeida, pois faz menção desta Concordata das Notas ao primeiro tomo do Codex Titulor. S. L. E. pag. 59. Veja-se tambem a Relação da solemnissima Procissão, que se fez em Lisboa no anno de 1588 no recebimento das Reliquias, que se collocarão na Igreja de S. Roque, pag. 11.

rezarem no coro, e os quatro para confessarem: aqui manda tambem que todos tragam lobas, e sobrepellizes, salvo os que forem freires das Ordens de Christo, e S. Bento de Aviz, que trarão mantos brancos de seu habito sobre as lobas; e os freires do habito de Santiago não trarão mantos, senão sobrepellizes, conforme a sua regra, e todos juntamente rezarão na capella as Horas Canonicas Romanas.

No oitavo trata do provimento dos capellães, que quer sejam todos filhados. No nono do mestre das ceremonias, que ordena sejam dous escolhidos de entre os capellães. No decimo dos cantores, tangedores, e porteiros. Diz que haja um mestre de capella, e vinte e quatro cantores, seis de cada voz, dous baixões, e uma corneta, os quaes cantores serão tambem filhados: que haja dous tangedores de orgão, quatro porteiros da capella, e que nenhum d'estes ministros poderão entrar nella, nem ir nas procissões com espadas, nem com sombreiros, nem capas de capello, senão com manteos, ou farregoilos compridos, que pelo menos passem de meia perna, com barretes, carapuças, ou gorras.

Trata no capitulo undecimo dos moços da capella, e ordena que haja dezoito, de bom nascimento, vida, e costumes: que tragam roupas compridas, que pelo menos lhe dem quatro dedos abaixo dos joelhos, e na capella tragam lobas com mangas até os pés, e os que a tiverem, a trarão tozada por todas as partes; e tanto que algum d'elles casar, será logo riscado, e passará a outro foro. No duodecimo falla dos moços da estante, e diz que haja quatro. No decimo terceiro trata do varredor da capella. No decimo quarto da distribuição: alli se vê que o gasto todo da capella naquelle tempo montava em um conto quinhentos setenta e dous mil quatrocentos oitenta e dous réis, o qual por parecer pouco a elrei, o accrescentou, e dotou em dous contos de réis.

No capitulo decimo quinto trata da eleição dos officiaes da distribuição. No decimo sexto trata das offertas, e diz como em dia de Reis dava o esmoler mór doze mil réis, e cinco arrateis de incenso, e um de myrrha; e em dia, que algum capellão dizia missa nova, lhe dava o mesmo esmoler seis mil réis para elle, e mais vinte e quatro mil réis para repartir pelos outros capellães: que em dia da adoração da Cruz em Sexta feira Santa dava o dito esmoler doze mil réis; e nos dias do nascimento dos reis, rainha, e principes dava tantos cruzados, quantos eram os annos de suas idades.

No decimo setimo expõe os ordenados, que percebiam cada anno os ministros da capella, com a distribuição seguinte; advertindo, que o mestre da capella além do seu ordenado tinha cinco moios de trigo, e todos os mais ministros, quando estavam doentes, tinham medico, cirurgião, e botica, segundo neste mesmo capitulo faz expressa menção o Regimento.

1	Ao capellão mór	600$000		pella	100$000
1	Ao deão	400$000	30	A cada capellão	40$000
1	Ao bispo dos pontificaes	200$000	3	A cada mestre de ceremonias	12$000
4	A cada um dos prégadores	50$000	1	Ao mestre da capella	80$000
1	Ao auditor da capella	20$000	24	A cada cantor	50$000
1	Ao promotor da justiça	10$000	2	A cada organista	50$000
1	Ao thesoureiro da ca-		4	A cada porteiro	40$000
			18	A cada moço da capella	20$000

No capitulo decimo oitavo trata de como se hão de multar as faltas. No decimo nono do recebedor, e no vigesimo das despezas miudas.

O mesmo capellão mór D. Jorge de Ataide em 31 de agosto de 1608 fez uma consulta a elrei para haver de se reformarem algumas cousas da capella; e elrei ordenou, que os trinta capellães do regimento se reduzissem a vinte e quatro, e que d'estes fossem tres letrados, e confessores, aos quaes se accrescentasse mais dez mil réis de congrua, e tres moios de cevada com a obrigação de terem mula. Tambem reformou o numero dos cantores, mandando que houvesse quatro tiples, cinco contraltos, cinco tenores, e tres contrabaixos.

Não foi menor a estimação, e cuidado no augmento da capella real, que teve elrei D. Filippe III, pois conhecendo a authoridade dos capellães regios, mandou ao arcebispo D. Miguel de Castro, que então o era d'esta cidade, e um dos cinco governadores d'este reino, que fosse fazer o pontifical nas exequias delrei Filippe II, e que não levasse as dignidades da Sé para lhe assistirem, por quanto era servido que os capellães da sua real capella o fizessem. (1)

Depois no anno de 1610 se renovou com grande magnificencia a mesma capella, e o seu pateo por direcção do marquez de Castello Rodrigo, sendo vice-rei d'este reino, á custa dos quatrocentos mil cruzados, que a cidade de Lisboa promettera a elrei D. Filippe III. E no anno de 1619, tendo o marquez de Alanquer, vice-rei de Portugal, certeza de que o dito rei Filippe III vinha a esta cidade, mandou logo, entre outras muitas cousas, concertar os paços de Lisboa; e porque a capella real ficava em baixo, e dava grande descommodo a elrei, a fez edificar de novo no andar de cima, (2) posto que incomparavelmente muito mais ennobrecida, e augmentada pelo fidelissimo rei D. João V.

Com a feliz acclamação do senhor rei D. João IV adquirio a capella real novo lustre, e adiantamento. Foi sempre nos serenissimos duques de Bragança muito distincta a sobrenatural sympathia para as cousas

(1) Consta de uma Carta, ou Aviso registado na Secretaria do Estado. Anno de 1599.

(2) Assim consta da Hist. annual de Port. m. s. de Manoel Severim de Faria. O Author do Santuario Mariano. tom 1. pag. 297. diz, que depois da Acclamação delrei D. João IV estivera a Capella Real na Sala dos Tudescos, em quanto se não fabricava a nova Capella.

ecclesiasticas, e este principe, que nos soberbos palacios de Villa-Viçosa tinha subido a uma alta reputação o esplendor da sua capeila, illustrando-a com amplissimos privilegios, e graças pontificias, (1) continuou a mesma magnificencia na de Lisboa, dispondo nova ordem de liturgia para os dias, e festas solemnes, em que assistia publicamente aos divinos officios com pompa regia na fórma seguinte. (2)

Tanto que o capellão mór dava recado em como tudo estava prompto para elrei poder ir, sahia sua magestade do seu aposento acompanhado dos titulos, officiaes da casa, e mais fidalgos, que alli se achavam, e eram avisados antecedentemente pelo porteiro mór. Os titulos hiam da parte direita, e esquerda por suas precedencias distancia de tres, ou quatro passos diante delrei, e diante d'elle o mordomo mór com a sua insignia na mão, que ainda não sendo titulo, hia neste lugar, excepto se acompanhavam infantes, diante dos quaes passava o mordomo mór. Depois dos titulos hião os tres officiaes da cana, porteiro mór no meio, o veador da banda direita, e o mestre-sala da esquerda; e havendo dous veadores, o que não era de semana hia tambem da parte direita, mas no meio com o porteiro mór. Os demais officiaes da casa, e moços fidalgos, hiam diante d'estes sem precedencia, e mais adiante os outros fidalgos, que alli se achavam. Os officiaes da casa eram mordomo mór, porteiro mór, camareiro mór, estribeiro mór, guarda mór, reposteiro mór, copeiro mór, veador, mestre-sala, trinchantes, capitães da guarda, capellão mór, sumilheres da cortina, aposentador mór, monteiro mór, armador mór, esmoler mór.

Detraz de sua magestade hiam os cardeaes, e depois d'elles os embaixadores, e logo os arcebispos, e bispos, e capellão mór com elles, se era bispo; e não o sendo, hia com os mesmos officiaes da casa, advertindo, que, se elrei levava cauda, lhe hia pegando nella descuberto o camareiro mór mais junto á pessoa. Nesta fórma baixava sua magestade á capella, e á porta, que estava no fim da escada, que descia da galaria da banda de fóra, por uma, e outra parte estavam as guardas em duas alas governadas por seus capitães, e tenentes. O corregedor do crime da corte, e casa hia diante de todos, levando comsigo o meirinho da corte.

Antes delrei chegar á porta da capella, o arcebispo, ou bispo mais antigo, que alli se achava, se adiantava para dar agua benta a Sua Magestade, e não havendo bispo o fazia o capellão mór, ainda que não fosse bispo. Tanto que elrei entrava na cortina, lhe chegava o reposteiro mór a cadeira ou almofada, e o mesmo fazia aos infantes filhos legitimos delrei, e na ausencia do reposteiro mór tocava ao veador da casa esta ceremonia; e logo que sua Magestade se assentava, sahiam todos que o acompanharam para os seus lugares.

Os cardeaes tinham seus lugares da parte do Evangelho mais che-

(1) Refere Sousa no tom. 4. das Prov. pag. 733. (2) Ibidem.

gados ao altar em cadeiras de espaldas, e logo abaixo em banco cuberto de rás os arcebispos e bispos por suas antiguidades, começando a precedencia do altar. O capellão mór, sendo bispo, se sentava em uma cadeira rasa, que estava da cortina para cima, entre ellas, e os degraus que subiam para a parte do Evangelho; e, quando sua Magestade não hia á capella, se sentava no banco dos bispos, precedendo a todos, ainda que fosse mais moderno, por diocesano da casa real; e não sendo bispo, estava em pé abaixo da cortina com os sumilheres, nem fazia função alguma na capella sem sobrepelliz.

Os embaixadores se assentavam da grade para dentro em cadeiras rasas de veludo com almofadas do mesmo defronte da cortina delrei, alguma cousa mais para baixo, e diante de cada um se punha um banquinho cuberto com um panno de veludo. Os duques da mesma grade para dentro junto á cortina delrei em cadeiras rasas de veludo com suas almofadas do mesmo, e uma alcatifa debaixo das cadeiras não muito larga, em que punham os joelhos. Da grade para fóra em primeiro lugar se punha o assento do mordomo mór, ainda que não fosse titulo, por preeminencia do officio, sendo que então era a cadeira rasa de couro preto. Depois d'elle se seguiam os assentos dos marquezes, que eram cadeiras rasas de veludo com almofadas do mesmo, e logo abaixo o dos condes, que era um banco cuberto com espaldeira de rás.

O sumilher da semana se punha ao canto da cortina da banda debaixo, e os tres officiaes da cama, porteiro mór, veador, e mestre sala em pé com suas insignias da grade para dentro em fileira defronte da cortina delrei, alguma cousa por cima do lugar dos embaixadores. Dentro da cortina se assentava Sua Magestade em cadeira de espaldas, e logo abaixo o principe, e os infantes em cadeiras iguaes, e em igual fileira; e os filhos dos infantes mais abaixo em almofadas, duas a cada um em lugar de cadeiras. O abrir da cortina tocava ao sumilher da semana.

Depois de elrei estar na cortina, ia logo o capellão mór ao Asperges, no dia, que se devia fazer: e fazendo primeiro sua inclinação a elrei, lhe deitava agua benta, e do mesmo lugar, fazendo a mesma inclinação a deitava á rainha, e logo ao principe, e infantes, os quaes, quando lh'a deitavam, a vinham buscar um passo fóra da cadeira, e seus filhos dois, a quem o capellão mór, sendo bispo, não fazia inclinação; e não sendo bispo deitava agua benta o prelado mais antigo.

Começada a missa, ia o capellão mór dizer a confissão, gloria e credo com elrei dentro da cortina, e, se havia de rezar o officio divino, o resava tambem com elle, e em sua ausencia tocava ao deão da capella. Trazia o mesmo capellão mór o evangelho, o incenso, e o Porta-Paz para elrei beijar, e o principe, e os infantes, advertindo que elrei e o principe ficavam assentados, e os infantes iam beijar, fazendo mesuras a Sua Magestade á ida e vinda.

Quando elrei ia á offerta, estava prestes um reposteiro com uma

almofada de veludo, e beijando-a, a dava ao reposteiro mór, e elle tomando-a em ambas as mãos, e beijando-a, a punha aos pés do celebrante, que estava no ultimo degrau do altar; e, se a rainha estava presente lhe punha o seu veador outra almofada na mesma fórma. Alli ia elrei com a rainha, e o celebrante lhe dava a imagem a beijar, e lhe deitava a benção; e, se era bispo, lhe dava tambem o anel a beijar; e o esmoler, que estava diante do subdiacono, lançava a offerta no prato, e logo se tornava elrei á cortina; e quando sahia, tambem sahiam o principe, e infantes, e estavam em pé fóra da cortina, até que Sua Magestade voltava, e, quando passava, lhe faziam mesura, e se tornavam a seus lugares. Se a offerta era no dia da Cruz, ou de missa nova, iam primeiro offerecer os prelados por suas antiguidades, e toda a capella depois d'elles: e então elrei, principe, infantes, embaixadores, duques, marquezes, condes, e fidalgos. Em dia de Reis se fazia a offerta da mesma sorte, só com a differença, que o esmoler dava a offerta ao principe, e este a elrei, que a lançava por sua mão no prato.

Em dia de Nossa Senhora das Candeias iam primeiro tomar as velas os prelados, e capella, e depois elrei. Dava as velas quem fazia o officio, e depois que elrei vinha do altar, a entregava ao capellão mór, e este a dava a um moço fidalgo; e, quando queria sahir a procissão, tornava este a dal-a acceza ao capellão mór, o qual a entregava a elrei. A vela, que se dava a sua Magestade, era de uma vara e duas terças de comprido, e tinha cinco arrates de pezo: a da rainha era quasi, ou pouco menos, da mesma grandeza, e pezo: a dos infantes de vara e meia, e de tres arrates e meio de pezo: a dos embaixadores e duques de vara e terça, e de tres arrates: a dos arcebispos e marquezes de vara e sesma, e de dois arrates e meio: a dos bispos e condes de uma vara, e de dois arrates: a dos do conselho de uma vara menos uma sesma, e de arratel e meio, e assim á proporção a das outras pessoas.

Na Procissão da mesma festividade ia Sua Magestade atraz do bispo com os commendadores ornados com os seus mantos: e havendo alguns prelados, hiam atraz dos capellães, diante do celebrante. Em dia de Cinza hia elrei tomal-a ao altar mór na mesma fórma em que hia ás offertas; e depois que o bispo a dava ás pessoas reaes, para o que lhe tiravam a mitra, a tornava a pôr para dar a cinza aos embaixadores, duques, marquezes, e condes, estando em pé, e depois se sentava, e a dava aos officiaes da casa, fidalgos, e mais gente.

No dia de Paschoa dava o mordomo mór a vela a elrei para ir na procissão, na qual como hia o Sacramento, e Sua Magestade com manto, não lhe levava o camareiro mór a cauda, mas elrei a punha sobre as guarnições da espada. Os commendadores hiam com seus mantos do pallio para traz, e Sua Magestade no fim de todos, seguindo-se junto a elle de uma, e outra parte as dignidades da ordem de Christo, e depois as de Santiago e Aviz. N'este dia de Paschoa commungava Sua Mages-

tade com todos os commendadores, e cavalleiros das ordens: ao dizer da confissão se inclinava elrei um pouco, punha-lhe o reposteiro mór a almofada, mas Sua Magestade sempre lh'a mandava tirar: sustentavam-lhe a toalha dois sumilheres, e dava-lhe a communhão quem dizia a Missa, e o lavatorio o capellão mór; e se este dizia a missa, dava-lhe o lavatorio o deão. Depois liam commungar os commendadores por suas antiguidades.

Com esta formalidade assistia o senhor rei D. João IV ás funcções ecclesiasticas na sua capella, cuja liturgia praticaram depois seus successores com pouca discrepancia, não se esquecendo já mais de augmentar n'ella o maior culto de Deus tanto no formal, como no material: e, como o serenissimo rei D. Pedro II herdou de seu memoravel pai o mesmo espirito de religião, não foi n'elle menor a grandeza de seu zelo, nem desigual o ardor de promover o decoro da sua egreja. Entre outros monumentos, que qualificam o desvelo d'aquelle real animo, foi a fabrica do thesouro da capella real, que mandou fazer, e existia no sitio da Calcetaria junto da casa da moeda, como consta de uma inscripção aberta em letras de bronze em uma pedra primorosamente lavrada, a qual inscripção foi composta pelo conde da Ericeira D. Luiz de Menezes; e, porque não se perca de todo a sua momoria, a copiamos aqui.

Sacram æque supellectilem
Regii Sacelli
Hæc domus condit,
Ac vere Regiam Conditoris munificentiam,
Pietatem, Religionem aperit,
Augustissimi videlicet Principis Petri,
Cujus auspiciis, et expensis
Erecta, compta, ditata est.
Anno ab asserta orbis salute
M.DC.LXXXII.
A' vindicata Lusitana libertat XLIII.

Todo este edificio ultimamente se demoliu no mez de Abril de 1751, quando o fidelissimo rei D. Joseph I fez doação das casas, e sitio da Calcetaria ao reverendo collegio dos excellentissimos principes da santa igreja patriarcal, para n'elle fazerem o tribunal da congregação da administração da fazenda, e thesouro da dita igreja.

Chegou finalmente o tempo, e o governo do sempre memoravel, magnanimo, e fidelissimo rei D. João V, em que estava decretado do ceu para a capella real a maior ostentação da sua grandeza. Aquelle grandioso espirito igualmente regio, e religioso, que desde o seu principio lhe inspirou Deus para exaltar as glorias da sua igreja, se vio n'elle tão constantemente continuado até os ultimos alentos da sua vida, que bem

podemos dizer a acabára, levando atravessados no peito os sagrados desígnios, e incomprehensiveis idéas da magestade no augmento insaciavel da religião, e seu culto.

Ainda não tinha completos tres annos de governo, quando em 24 de Janeiro de 1709 manifestou logo o seu liberal genio em accrescentar a consignação á sua capella real, constituindo-lhe mais um conto e seiscentos mil réis todos os annos de congrua nos rendimentos da alfandega d'esta cidade. No mesmo anno ampliou por Breve de Clemente XI a dignidade, regalias, e jurisdições do seu capellão mór.

Não satisfeita a sua idéa, fez erigir na sua real capella por constituição do mesmo summo pontifice Clemente XI em o primeiro de Março de 1710 uma insigne collegiada com o titulo de S. Thomé apostolo, condecorada com grandes prerogativas, e honras, instituindo-lhe seis dignidades, dezoito conegos, e doze beneficiados, além de outros ministros subordinados todos ao capellão mór, como seu proprio ordinario, e lhes estabeleceu para congrua sustentação doze contos quinhentos e cincoenta mil quinhentos e sessenta réis; de fórma que ao deão competiquatrocentos mil réis de congrua, a cada um dos cinco dignidades trezentos mil réis, a cada um dos dezoito conegos trezentos mil réis, a cada um dos doze beneficiados cento e cincoenta mil réis, e a cada um dos mansionarios oitenta mil réis, e assim tomaram posse aos 16 de Maio de 1710. (1)

Constituida d'esta fórma a insigne collegiada de S. Thomé na capella real, passou o mesmo soberano a condecorar os seus ministros com um habito choral distincto do antigo, ordenando que os conegos podessem trazer sobre o roquete capa magna roxa com capello forrado de pelles brancas de arminho em tempo de inverno, isto é, desde vesperas de todos os santos até sabbado de alleluia, e no verão usariam das mesmas capas forradas de seda encarnada, e os beneficiados trariam tambem capa magna roxa com capello forrado de pelles cinzentas no tempo de inverno, e no verão andariam com a mesma capa, e capello forrado de seda roxa, (2) accrescentando mais a cada conego cem mil réis, e a cada um dos beneficiados cincoenta mil réis.

Toda esta abundancia de graças, e honras, com que o magnanimo rei D. João V, engrandeceu a sua real capella, ainda se não proporcionava com o dilatado do seu pio, e regio coração; e assim obtendo da santidade de Clemente XI a bulla Aurea, que começa: *In supremo apostolatus solio*, expedida em 7 de Novembro de 1716, fez exaltar a sua insigne collegiada em cathedral, metropolitana, e patriarcal com a invocação de nossa Senhora da Assumpção, dividindo para este effeito esta

(1) Consta da Bulla Apostolatus ministerio de Clemente XI, expedida no primeiro de Março do anno de 1710, que vem no t. 1. Codex Titulor. S. L. E. p. 11. (2) Consta do Indulto de Clemente XI. Romanum decet Pontificem, passado a 30 de Janeiro de 1716. O mesmo concedeu Innocencio XIII. pela Bulla Ad regimen univ. Eccles. cujo privilegio dé andarem os beneficiados da santa igreja patriarchal em habito prelaticio se não poz em pratica.

cidade, e seu arcebispado em duas partes, como temos dito, estabelecendo na parte occidental um patriarca, a quem uniu a dignidade de capellão mór com distincta jurisdição da metropolitana, o qual como patriarcha ficou superior a todos os arcebispos e bispos do reino, e ainda ao de Braga.

Para maior decoro e magnificencia da sua dignidade lhe alcançou a regalia de poder andar vestido em habito purpureo á maneira do arcebispo Salisburgense primaz de Alemanha, e outros muitos privilegios, e preeminencias, unindo-lhe tambem as honras e tratamento de cardeal, que lhe mandou dar por decreto de 17 de Fevereiro de 1717. E porque esta honra cardinalicia lhe fosse propria, e fixa, fez com que o papa Clemente XII não só o elevasse áquella dignidade, como o elevou por bulla de 27 de Dezembro de 1737, que começa: *Inter præcipuas Apostolici ministerii*; mas pela mesma estabeleceu para sempre, que a pessoa, que fosse preconisado patriarca de Lisboa, fosse logo creado cardeal no consistorio immediatamente seguinte.

A estas exuberantes prerogativas, realçando sempre elrei com excesso a sua inexplicavel grandeza, consignou do patrimonio real, e do rendimento dos quintos das Minas geraes para sustentação magnifica do patriarca, e seus successores, em perpetua doação todos os annos duzentos e vinte marcos de ouro, que montam mais de cincoenta mil cruzados, e o grande rendimento da lezíria da Foz de Almonda, para que sem prejuiso dos pobres podesse luzir com esplendor em tão alta dignidade. (1) E proseguindo na ampliação da nova cathedral, creou novas dignidades, e conegos para formarem um respeitoso cabido, enchendo-os de grandes authoridades e honras, (2) alem das que o papa Clemente XI lhes outorgou pela constituição *Gregis Dominici*, de 3 de Janeiro de 1718.

Continuou a exercitar novas grandezas, que já pareciam impossiveis á imaginação, e sómente sondaveis, e factiveis á dilatada esfera da sua idea. Tornou a unir as duas cidades em uma só, e por constituição do papa Benedicto XIV, passada em 13 de Dezembro de 1740, e principia: *Salvatoris nostri*, fez abrogar e extinguir a antiquissima Sé de Lisboa oriental, incorporando e estabelecendo uma só igreja patriarcal com omnimoda jurisdição metropolitica; e, para que as suas dignidades se distinguissem mais especificamente, erigiu um excellentissimo collegio de vinte e quatro excellentissimos principaes com habito cardinalicio, divididos em varias jerarquias, a saber: prelados presbyteros com insignias episcopaes, e exercicio de pontifical, protonotarios, subdiaconos, e acolytos. Vinte meritissimos conegos, doze reverendos beneficiados de setecentos mil réis, trinta e dois reverendos beneficiados, trinta e dois re-

(1) Consta da Carta de Doação delrei do primeiro de Abril de 1719, que vem no t. 1. do Codex Titulor. S. L. E. p. 288. e 2.2. (2) Consta do Alvará de 24 de Dezembro de 1716. (x Codic t. 1. p. 169.

vereados clerigos beneficiados, e outros mais ministros da igreja patriarcal, condecorando a todos com grandes privilegios.

A toda esta pompa sumptuosissima accrescentou com generosidade incomparavel preciosissimos ornamentos, joias de inextimavel valor, armações primorosas, peças de ouro, e prata innumeraveis, com que dotou e enriqueceu a Santa igreja patriarchal para se celebrarem n'ella todas as suas funcções com magnifico apparato: e para que não só as obras, mas as vozes chegassem ao ceu com pura, e suave harmonia, sem mistura de sinfonias profanas, mandou vir de varias provincias de Italia os melhores musicos com grossos estipendios, de que formou um coro especial, e grave dos mais celebres canteres. Fez tambem guarnecer a torre da igreja de muitos e harmoniosos sinos. Constava ella de dois andares de sineiras: o primeiro tinha dois em cada lado, em que havia oito sinos: no segundo andar havia quatro sineiras; porem o sino grande tomava todo o vão do meio, de sorte que se via por todas as quatro partes, e se sustinha em madeiras, que não tocavam nas paredes da torre. O primeiro sino peza oitocentas arrobas, e toca nas festas de primeira classe, e nas exequias das pessoas reaes, patriarchas, cardeaes, e principaes: o segundo peza cento cincoenta e duas arrobas; toca nas segundas classes, e dobra aos fidalgos titulares, monsenhores, e conegos: o terceiro tem cento e dez arrobas, e toca nas exequias dos beneficiados: o quarto oitenta e sete arrobas, e toca pelos capellães: o quinto tem setenta e sete arrobas, e toca pelos sacristas: o sexto trinta e cinco arrobas: o setimo vinte e nove arrobas: o oitavo vinte e cinco: o nono vinte e duas: a garrida duas. Havia outra torre chamada do relogio separada da igreja patriarcal, cujos sinos tocavam nos dias seguintes: Dia de reis, S. Vicente, Sabbado de Allelhia, Domingo de Pascoa, Sabbado e Domingo do Espirito Santo, Corpo de Deus só á procissão, Conceição, e Natal.

Era tenue para este grande monarca toda a profusão, que se empregava no culto da igreja, para cujo ornato mandou tambem fazer, e conduzir de todas as partes do mundo os adornos, adereços, e alfaias mais preciosas. (1) Entre ellas são dignos de especial memoria os nove riquissimos castiçaes, e maravilhosa cruz de exquisita, e nova invenção, que a sua heroica piedade mandou fabricar a Florença, e a Roma no anno de 1732 pelo desenho e artificio do famoso Antonio Arrighi Romano, cuja primorosa e incomparavel arquitectura excedeu a importancia de trezentos mil cruzados. Toda a maquina de prata excellentemente dourada, que formava a grande cruz, se levantava na altura de dezasete palmos desde a planta do pé de figura quadrangular, que tinha tres palmos e meio de diametro.

(1) Qui sacras Orientalium Christianorum supellectiles, et Ecclesiasticos codices ad Regii sui sacelli ornatum undique conquisivit Assemanus in Bibliothec. Mediceae Catalogo, p. 81.

Era esta obra no seu genero unica, e singular, e que mereceu as attenções, e elogios do sacro collegio pontificio, principes, o nobreza romana a primeira vez que lhes foi manifesta. Com a mesma admiração foi applaudida de todos os cavalheiros toscanos, e corte florentina, e verdadeiramente a obra, a idéa, e a materia vencia o mais encarecido louvor. Viam-se distribuidos com admiravel simetria pelas bases, e balaustes assim da cruz, como dos castiçaes muitos symbolos, jeroglyficos, e genios, querubins, e estatuas, umas de vulto, outras de meio e-levo com differentes acções, que alludiam com propriedade aos mysterios de Christo, e de Maria Santissima: outros caracterisavam a magnificencia da santa igreja patriarcal, outros o imperio da magestade portugueza no reino, e suas conquistas; porem tudo guarnecido com muitos e polidos festões da mesma prata dourada, com muitas tarjas e quartellas de perfeitissimo lapislazuli, com muitos engraçados esmaltes, e embutidos de epigrafes, de pedras, e diamantes preciosissimos.

Esta cruz, e estes castiçaes, como tão singulares, estavam destinados para ornar a banqueta do altar da capella mór d'esta santa igreja sómente nas funcções regias de casamentos, bautismos, e acclamações de nossos principes, ou em outros quaesquer dias, que o rei determinasse; porque para as outras festividades reservava o thesouro d'esta igreja proporcionadamente outros ternos de castiçaes, e cruzes tambem magnificos e de preço, e artificio estimavel, constituindo-se d'esta fórma ainda na opinião dos mesmos estrangeiros uma regia capella, ou igreja patriarcal a mais magestosa, rica, e egregia, que se venerava em todo o mundo christão.(1) Porem tudo lastimosamente pereceu com o incendio do primeiro de Novembro de 1755.

Parte d'esta inimitavel generosidade se confirma com as pingues congruas, e ordenados, que estabelecen para o dispendio, e ministros da dita igreja, importando o seu dote até 18 de Julho de 1747 um milhão e dezoito mil cruzados entre o antigo, e moderno; e parecendo impossivel, que esta generosa grandeza podesse ainda crescer no augusto coração delrei, sabemos que, em quanto viveu, foram sempre as suas acções para com a igreja continuados padrões de ouro, que juntamente erigiu á eternidade do seu augustissimo e immortal nome. Para que se veja com distincção o que percebem por anno todos os ministros da santa igreja patriarcal, e outras despezas, que n'ella se fazem, expomos por curiosidade o mappa seguinte, calculado segundo a folha da primeira mezada do anno de 1754. d'onde o extrahimos, sendo preciso advertir, que de então até o presente se tem admittido mais musicos italia-

(1) Ex quibus omnibus patet. Capellam Regiam. seu Ecclesiam Patriarchalem Olisiponensem ob summam, ac ferè singularem Joannis V. Regis munificenciam, et pietatem nulli in toto Christiano orbe Ecclesiae, vel Ministrorum copia, dignitate, et opibus, vel sacrarum rerum cultu, et splendore, vel denique privilegiis, jurisbusque concedere. Carafa de Capella Regis utriusque Siciliae p. 418.

nos, e capellães cantores tambem com ordenados muito pingues, sem embargo que em muitas partes tambem se diminuiu o dispendio com a ruina que tem padecido o grosso da sua fabrica.

Calculo de todo o rendimento da reverenda fabrica da santa igreja patriarcal ate o anno de 1747

Renda chamada dote antigo	30:005$560
Rendimento das terças dos bispados, e mais beneficios	94:982$512
Rendimento das igrejas, casas, e producto das lezirias	31:474$717
Rendimento dos juros distratados, comprados, etc.	250:843$880
Somma total	407:306$669

Congrua dos excellentissimos, e reverendissimos principaes da santa igreja lisbonense

Cada um dos 24 excellentissimos e reverendissimos principaes recebe em 10 mezes do anno a 50 moedas por mez	2:400$000
Recebe mais nos dois mezes para inteirar o anno	753$200
Recebe mais do accrescimo incerto das rendas	1:500$000
Congrua total de cada um	4:653$200

Alem d'isto recebe cada um dos cinco excellentissimos principaes primarios cada anno	100$000
E o excellentissimo principal decano	200$000

Congrua, e ordenados que os ministros e mansionarios da sacrosanta igreja patriarcal de Lisboa recebem cada anno

Num.		
72	A cada illustrissimo e reverendissimo monsenhor	1:600$000
20	A cada reverendo conego	1:000$000
12	A cada reverendo beneficiado	700$000
32	A cada reverendo beneficiado	500$000
32	A cada reverendo clerigo beneficiado	250$000
2	A cada mestre de ceremonias	110$000
3	A cada mestre de ceremonias	100$000
	A cada mestre de ceremonias da basilica	
7	A cada acolyto da capella mór	50$000

Capellães cantores

17	A cada um	150$000	2	A cada um	260$000
1	A um	280$000	1	A um	250$000

1	A um	170$000	2	A cada thesoureiro da sacristia	110$000
3	A cada um	130$000	1	Ao thesoureiro da cera	110$000
4	A cada um	100$000	20	A cada sacrista	74$400
1	A um padre thesoureiro do thesouro	150$000			
1	A outro	130$000			

Capellães, que dizem as missas das capellas antigas

1	Pelo senhor rei D. Manoel	41$640

Da mesma esmola

1	Pela rainha D. Maria	1	Pela rainha D. Catharina
1	Por elrei D. João III	1	Pela rainha D. Anna de Austria
1	Pelo cardeal D. Henrique	1	Por elrei D. Sebastião
1	Pelo principe D. João	2	Pelos anjos
1	Pela princeza D. Joanna	1	A S. Sebastião
1	Por elrei D. João IV	3	Por tenção
1	Pelas almas		54$800

Cantores italianos e portuguezes

1	A um	892$800	3	A cada um	180$000
6	A cada um	720$000	1	A um	160$000
1	A um	660$000	5	A cada um	150$000
16	A cada um	600$000	1	A um	100$000
3	A cada um	540$000	1	A um	84$000
17	A cada um	480$000	3	A cada um dos cantores antigos	100$000
1	A um	444$000	1	A um	54$000
3	A cada um	364$000	4	A cada organista	130$000
2	A cada um	300$000	1	Ao compositor da solfa italiana	180$000
3	A cada um	240$000			
3	A cada um	192$000			

Officiaes seculares

1	Ao porteiro do excellentissimo collegio	120$000	6	A cada varredor	44$640
2	A cada custodio dos aposentos	40$000	2	A cada faquino	74$040
4	A cada custodio da Basilica	60$000	1	Ao ourives	640$000
12	A cada masseiro	30$000	1	Ao armador	240$000
4	A cada cursor	20$000	1	A outro armador	172$000
			1	A capelleira	9$480
			2	Aos sineiros	100$000
				Com varios repiques	200$000

1	Affinador dos orgãos	20$000	estampador 600$000
1	Escritor, miniator, e		

Varias despezas

12	A cada confessor	50$000	Carvão 20$000
12	A cada uma das religiões que costumam vir prégar	24$000	Palmas 600$000 Folhinhas de reza 48$000
	Com cera	6:200$000	Trezena de Santo Antonio 70$000
	Com a pintura da cera	210$000	Pannos verdes e encarnados 60$000
	Com procissões, bancos, e limpeza da igreja	2:000$000	Com armações da igreja cinco vezes no anno, por cada vez 26$000; e quando se arma a escada, se dá mais 6$000; e pela armação do pateo 100$000 importa tudo cada anno 236$000
	Com a limpeza, e concerto da prata	250$000	
	Lavagem, e encrespad. da roupa	392$000	
	Concertos de roupa branca	120$000	
	Azeite para 45 alampadas	500$000	
	Vinho para as missas	150$000	Com o seminario 1:800$000
	Hostias	24$000	Com despezas incertas 800$000
	Incenso	24$000	

Faltava ao material da igreja a sagrada fabrica de um edificio competente, que merecesse no magnifico o nome de Basilica, e templo regio patriarcal. Preoccupado o zelo delrei com este santissimo pensamento, mandou chamar á sua real presença em 7 de fevereiro de 1719, alguns fidalgos, ministros, e medicos pelo que tocava á eleição de um sitio saudavel, e arquitectos, que dirigissem a projecção da grande obra, que intentava.

Havia sua magestade examinado do mar, e dos lugares mais eminentes os sitios, que podiam entrar em questão em toda a agradavel perspectiva da sua grande cidade, tendo mandado tirar uma planta exacta de Lisboa, e reduzindo toda a duvida á questão de haver de edificar-se a igreja patriarcal, e novo palacio no lugar, em que hoje estavam, ou no sitio chamado Buenos Aires na parte da cidade eminente á ribeira de Alcantara.

Os medicos assentaram uniformemente, que o sitio, em que estava hoje o palacio, e a santa igreja, não era o que a arte, que professavam, devia escolher por favorrvel á saude, porque o monte do Castello, e os edificios altos da cidade lhe embaraçavam o norte, e os ventos mais benignos: que todos os outros participavam de vapores impuros, e este

damno se accrescentava com o das aguas detidas, e das mesmas praias, e marezia, de que resultava a humidade, e quentura nociva á saude, e que, ainda que o não julgavam pestilente, reconheciam em Buenos Aires todas as vantagens, que a filosofia natural, e a medicina procuravam no caso proposto.

Os mais votos se dividiram, porque os marquezes de Abrantes, e Minas, o conde de Assumar, o padre D. Manoel Caetano de Sousa, Mons. Berger se inclinavam a edificar no terreiro do Paço. O marquez de Alegrete, os condes de Aveiras, Unhão, Ericeira, Valladares, e S. Lourenço, e Federico foram de parecer, que se preferisse Buenos Aires, e D. Filippe Ibarra, principal Arquitecto siciliano, não declarou o seu voto. Com esta diversidade de pareceres ficou indeciso o projecto, contentando-se elrei de que supposto á maneira de David não edificara na sua corte sumptuoso templo a Deus, como emprendera, deixava ao menos as riquezas, para que seu filho imitando a Salomão o edificasse.

D'esta sorte aproveitando-se do antigo templo da sua real capella, e vendo que Deus aceitava em toda a parte as adorações, e os holocaustos, melhorando, e accrescentando em algumas partes a fabrica do edificio quanto foi possivel, intentou a sagração da igreja com o novo titulo de Salvador do Mundo, e Nossa Senhora da Assumpção. Para isso decretou o dia 13 de novembro de 1746, em que o eminentissimo, e reverendissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida com todas as ceremonias, que manda o Pontifical Romano, e com maravilhoso, e grave desembaraço sagrou a igreja, e o altar mór da sacrosanta igreja patriarcal, onde collocou as reliquias dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Santiago Maior, e S. Thomé.

Na segunda feira seguinte, que se contavam 14 do dito mez, e anno, o arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa sagrou o altar do Santissimo Sacramento dedicado á Santissima Trindade, e collocou nelle as reliquias dos Apostolos Santo André, e Santiago Menor.

Na terça feira sagrou o altar dedicado á Sagrada Familia o Bispo, que tinha sido do Rio de Janeiro D. fr. João da Cruz, da ordem dos Carmelitas descalços, e lhe collocou as reliquias dos Apostolos S. Filippe, e S. Bartholomeu.

Na quarta feira o altar dedicado a S. Thomé, e mais Apostolos sagrou o Bispo de S. Thomé D. fr. Luiz das Chagas, da ordem dos Eremitas descalços de Santo Agostinho, e lhe collocou as reliquias de S. Matthéus Evangelista, e S. Barnabé Apostolo.

Na quinta feira os altares dedicados o primeiro aos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Processo, e Martiniano, e o segundo aos Santos Martyres Vicente, e Sebastião, e S. Roque, sagrou o Bispo de Angola D. fr. Manoel de Santa Ignez, da ordem dos Carmelitas descalços, e collocou no primeiro as reliquias de S. Braz, e S. Januario Martyres, e no segundo as de S. Lourenço, e S. Sebastião Martyres.

Na sexta feira os altares dedicados o primeiro a Santo Antonio, e o segundo a S. Carlos, e a S. Filippe Neri, sagrou o Bispo do Maranhão D. fr. Francisco de Santiago, da provincia de S. Francisco da Cidade, e collocou no primeiro as reliquias de S. Canuto, e Santo Thomaz de Cantuaria Martyr, e no segundo as de Santo Estevão Protomartyr, e S. Venancio Martyr.

No sabbado os altares dedicados o primeiro a Santa Isabel, S. Bento, S. Bernardo, S. Francisco, S. Domingos, Santa Teresa, Santa Sancha, Santa Joanna, e o segundo a S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, e Santo Ignacio, sagrou o Bispo de Malaca D. fr. Miguel de Bulhões, da ordem de S. Domingos, e collocou no primeiro as reliquias de S. Wenceslau, e S. Hermenegildo Martyres, e no segundo as de Santo Eustaquio, e S. Pedro Martyres.

No domingo finalmente, que se contavam 20 de novembro do sobredito anno, o altar dedicado a Nossa Senhora da Piedade sagrou o Bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação, da congregação dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e lhe collocou as reliquias dos Santos Innocentes, e S. Vito Martyres.

Como o fidelissimo rei D. João V era tão zeloso, e pontual na observancia da liturgia, ou serviço divino, quiz que na sua real capella se executassem todas as funções ecclesiasticas com a maior exacção, decoro, e respeito. N'aquellas, em que elle publicamente assistia, chamadas capellas patriarcaes, que juntamente vem a ser funções da capella real, se faziam por um de tres modos: ou celebrando o patriarca, ou assistindo sómente, ou não assistindo, e de qualquer modo, occorrendo os dias determinados de capella, sempre sua magestade descia a ella, usando-se diversas formalidades nas ceremonias, conforme os dias, e porque o rito é hoje o mesmo, diremos brevemente o que conduz, e pertence a cada função.

Sempre que sua magestade desce á capella, é recebido por todas as jerarquias dos seus ministros á porta d'ella, e achando-se presente o patriarca, lhe pertence como capellão mór, lançar agua benta a todas as pessoas reaes, e. quando não está presente o patriarca, faz esta acção ou o deão, ou outro, que seja o mais antigo dos principaes. Logo que entra na capella, ou se recolhe d'ella para o paço, vai fazer oração ao altar do Sacramento, acompanhando-o sempre a corte, e todas as ordens de prelatura, os principaes, e ainda o patriarca.

Em dia de Reis celebra a missa o deão, e estando este impedido, o principal seu immediato. O patriarca só costuma assistir, e neste caso, acabado o Evangelho, vai o subdiacono da missa dar a beijar o Texto ao patriarca, e logo descendo com o livro ao plano, troca aquelle com outro livro tambem dos Evangelhos, que immediatamente vai offerecer aberto a elrei para oscular o Texto, e successivamente faz o mesmo aos senhores infantes.

Ao offertorio entram na quadratura o rei [illegible] mór, o guarda-tapeçaria para lhe dar a almofada delrei, e um moço da tapeçaria com ella debaixo do braço. O esmoler mór seguido de tres moços da camara sem espada com as offertas em pratos, e vasos dourados, e fazendo todos as devidas reverencias, se avisinham ao throno do patriarca. Ao mesmo tempo chegam tambem ao de elrei o mordomo mór, o capitão da guarda real, e os camaristas de todas as pessoas reaes. Então se levanta elrei, e seguido dos senhores infantes desce ao plano, ajoelha ao altar, reverencea ao patriarca, (o qual para lhe corresponder se levanta, mas torna-se logo a assentar) e ajoelhando sobre a almofada, que já tem posto o reposteiro mór, recebe do esmoler mór, que tambem está de joelhos, os tres vasos descubertos, e os offerece ao patriarca, o que feito, se retira ao seu throno, e todos os mais fazem o mesmo.

Acabada a incensação do Altar, vem o diacono da missa, depois de ter incensado ao celebrante, diante do patriarca, e entrega o thuribulo ao principal presbytero assistente, o qual acabando de incensar o patriarca, continúa a incensar a elrei, e mais pessoas reaes. Depois incensa o diacono aos principaes do throno patriarcal, aos da quadratura, aos prelados mitrados assistentes, e não assistentes, protonotarios, a corte de elrei, e depois d'ella aos mais prelados subdiaconos, e acolytos.

O mesmo sobredito presbytero assistente depois do *Agnus Dei* vai ao altar receber a paz do celebrante, e a vem dar ao patriarca, a elrei, e aos senhores infantes, e se recolhe ao seu lugar da quadratura, onde o está esperando o presbytero assistente do celebrante, o qual recebe d'elle a paz para a communicar aos mais principaes, e prelados mitrados, e depois de a ter dado a estes, a communica ao mestre de ceremonias, e este a vai dar aos protonotarios, á corte delrei, e ás mais Ordens de prelaturas.

Quando o patriarca não assiste, é a primeira dignidade dos principaes o que dá o livro dos Evangelhos a elrei para o oscular, e tambem é o que o incensa, e lhe dá a paz. As offertas no tal caso são recebidas pelo celebrante *apud Altare*, estando em pé com as costas para a cruz, e sem mitra, e elrei ajoelha no primeiro degrão sobre almofada posta pelo reposteiro mór. Quando elrei não assiste, é o esmoler mór o que dá estas offertas ao patriarca, e se tambem este não está presente, as recebe do mesmo esmoler mór o celebrante, estando ainda no altar sentado no faldistorio, e coberto de mitra.

No dia das Candeas não celebra o patriarca, mas faz a benção, e distribuição das vélas, e elrei vai receber a sua ao throno do patriarca, depois os senhores infantes, os principaes, os prelados mitrados, penitencieiros, (por estarem paramentados) protonotarios, a corte delrei, os subdiaconos patriarcaes, e todos os mais pela sua ordem costumada, porem quando o patriarca não faz esta acção, vai sua magestade ao altar receber a vêla da mão do celebrante, o qual lh'a dá estando em pé,

e sem mitra, e ou assista, ou não assista o patriarcha, sempre elrei acompanha a procissão, seguindo-o a sua corte. Isto mesmo se observa em Domingo de Ramos.

Em quarta feira de Cinza faz o patriarca a benção, e imposição da cinza, e assiste á missa elrei com os senhores infantes, que vão recebel-a depois dos principaes, e, quando o patriarca não assiste, vão ao altar recebel-a da mão do celebrante.

Na manhã de Quinta feira Santa desce sua magestade muito cedo particularmente com os senhores infantes á capella do sacramento para receber da mão do cura a communhão por desobrigação pascal, mas volta logo para cima a esperar o tempo de descer publicamente para assistir á missa selemne, no fim da qual acompanha sua magestade a procissão do Sacramento até o sepulchro com cirio que lhe dá aceso o mordomo mór: o que feito com o costumado cortejo, se recolhe ao paço, onde immediatamente com as costumadas ceremonias lava os pés a treze pobres, dando-lhe um esplendido jantar, que consta de varias iguarias expostas em meza magnifica; e a mesma função faz a rainha no seu quarto.

Nos dias em que costuma celebrar o Patriarca é um dos principaes da Ordem Diaconal o diacono da missa, e a elle toca o incensar a elrei, e por isso depois que ao Offertorio incensa o patriarca, vai diante de elrei, e o incensa com tres ductos, e da mesma sorte aos senhores infantes. Volta para o altar, e incensa ao deão, que serve de presbytero assistente da missa, e subsequentemente aos dous principaes diaconos assistentes do patriarca. Depois desce á quadratura a incensar os principaes, e torna ao altar, e incensa os prelados mitrados assistentes tanto de uma parte, como da outra, e logo larga o thuribulo a um subdiacono patriarcal, e este o incensa com dous ductos, e passa a incensar com um aos prelados mitrados não assistentes, aos penitencieiros, protonotarios, corte de elrei, e ás mais ordens de prelatura. Ao tempo da paz vai o deão para o lado da epistola, e recebendo-a do patriarca, a vai dar a elrei, e aos senhores infantes. Desce á quadratura, e depois de a ter communicado aos tres cabeças das ordens dos principaes, torna ao presbyterio, onde faz o mesmo ao primeiro prelado mitrado assistente de cada parte: ultimamente a communica a um subdiacono patriarcal, que a vai distribuir a todos os mais com a mesma preferencia, que dissemos do incenso.

Em Sexta feira Santa não costuma celebrar o patriarca, mas só assistir. O throno delrei não tem nesse dia espaldar, nem docel, nem cubertura os degraus: as cadeiras, e almofadas são de côr roxa, e sem ouro. Elrei, e suas altezas vão adorar a cruz depois dos principaes, e nesse mesmo tempo, o esmoler mór lança no prato a costumada offerta, ou esmola.

No dia do Corpo de Deus desce Elrei á capella com manto da Or-

dem de Christo para pegar na vara do pallio, o que faz á porta della, recebendo-a da mão do mordomo mór. A' sahida do pateo larga a vara, e acompanha a procissão atraz do Sacramento, e ao recolher-se torna a pegar na vara do pallio á entrada do pateo, e a leva até os cancellos do altar mór. No dia oitavo de tarde, que é a solemnidade do Corpo de Deus da casa, vem elrei assistir á procissão, e pega na vara do pallio á sahida da porta da capella, e a leva até o fim da procissão. Em dia da Conceição da Senhora assiste tambem elrei á missa, ou a celebre o patriarcha, ou algum dos principaes, e ao offertorio vai offerecer o tributo do reino com aquella formalidade, que em outras occasiões referimos acima.

Com esta magnificencia, e rito concorre elrei ás funcções na sua real capella, e igreja patriarcal, onde todas as ceremonias ecclesiasticas tocantes ao culto divino se executam com uma pomposa exacção, e admiravel respeito, applaudido até dos mesmos estrangeiros, os quaes confessam estar sincopada nesta igreja, com emulação virtuosa, e gravidade, o esplendor, e o decoro da mesma capella pontificia de Roma.

Nesta conformidade se achava a liturgia na santa igreja patriarcal de Lisboa, quando impensadamente sobrevindo o tragico accidente do terremoto em o primeiro de novembro, seus ministros, que estavam acabando de rezar terça para se começar a missa, se viram summamente perplexos, attonitos, e afflictos.

Desampararam com presteza o coro, que era no meio da igreja, procurando cada um em confusa desordem escapar de tão proxima ruina, ameaçada por um violento, e continuado tremor, que fazia horrorosamente abalar todo o edificio. Taes houve naquelle subitaneo conflicto, que sofregos do seu damno, achando as passagens entupidas com o tumulto da gente, querendo fugir á morte, pretenderam antecipal-a, lançando-se inconsideradamente das janellas ao pateo chamado da capella, onde posto que livraram a vida, ficaram todavia estropeados.

Nova consternação occupou naquelle transe o animo dos excellentissimos principaes; porque achando-se em seus cubiculos quasi promptos para entrarem á capella mór, não podiam buscar o desvio opportuno, por se acharem fechadas as portas dos corredores. Constrangidos da necessidade, preferiam ao conselho proprio o alheio, mas com uma constancia christã pediam a Deus misericordia; até que abrindo-se uma porta cuidou cada qual escapar do perigo por onde o quiz favorecer o seu destino; menos o do excellentissimo principal D. Francisco de Noronha, filho dos marquezes de Angeja, que dirigindo apressadamente os passos pelo corredor, que hia dar á sala dos Tudescos, alli experimentou na flôr da idade o cruel incidente da morte intempestiva; porque desabando de improviso a varanda sobranceira ao corpo da guarda, cahiu submergido entre as ruinas; servindo-lhe de mortalha a mesma purpura, que era a segunda vez com que se ornara, por haver sido mo-

dernamente exaltado desde a nobilissima jerarquia dos conegos ao sacro collegio dos principaes.

Ao terremoto succedeo o incendio, que devorou irreparavelmente toda a grande opulencia d'aquelle templo. Nesta confusão, e desamparo. derrubadas as pedras do santuario, e dispersos os seus ministros, fattou por alguns dias a harmonia nos ministerios, por se não haver assinalado logar commodo, e conveniente ao seu exercicio.

Soube o eminentissimo prelado, que a ermida de S. Joaquim, e Santa Anna, contigua ao palacio do marquez de Abrantes em o sitio de Alcantara, havia ficado isenta de ruinas, e alli ordenou se colocasse interinamente a Basilica Patriarcal, onde se deu principio aos officios divinos com as primeiras vesperas da Conceição da Senhora, assistindo igualmente divididos por turmas, segundo a possibilidade dos ministros, principaes, monsenhores, conegos, beneficiados, e capellães cantores.

Assim se foi continuando até dia de S. Thomé, em o qual estando-se rezando matinas succedeu um grande tremor, que metendo em susto a todos pela experiencia da tragedia recentemente passada, os obrigou a sahir com impeto para a rua: e sem embargo de não causar o tremor alguma ruina á dita ermida, se resolveu erigir promptamente um altar dentro no jardim do mesmo marquez, onde se foram concluir os officios divinos no mesmo dia, e se continuaram nos dous seguintes. Depois com taboado, e lonas se formou uma barraca em o terreno mais plano do jardim, na qual desde 24 de dezembro se começou a officiar, servindo de sacristia a da mesma ermida.

Como para a grandeza de tão regia metropoli era preciso um terreno mais amplo, e desafogado, lembrou á vigilancia do eminentissimo patriarca, e excellentissimos principaes aproveitar-se do grande edificio que no sitio da Cotovia havia principiado o conde de Tarouca, o qual tendo trezentos e vinte e seis palmos em quadro, era de uma área capacissima para comprehender não só a igreja, mas todas as suas officinas adjacentes.

Escolhido o sitio, se começou a projecção da nova fabrica, edificando-se as paredes interiores de frontal, e n'aquella parte que havia de servir para casa de paramentos de sua eminencia, por se haver acabado mais promptamente, se levantou um altar, no qual feita a ceremonia da benção por monsenhor Perim em 16 de junho de 1756, em cujo dia se principiaram alli os officios divinos, e continuaram até 8 de junho de 1757, no qual concluida a nova igreja, e a ceremonia da benção por monsenhor Bernardes, presidente da turma, disse no seu altar mór a primeira missa rezada por monsenhor Guimarães.

Consta esta nova igreja patriarcal de tres naves, a primeira de quarenta palmos de largo, e cada uma das duas de dezoito. Tem de comprido cento setenta e um palmos até a capella mór, e esta, onde está a quadratura dos principaes, tem de largo cincoenta palmos, e noventa

de comprido. O seu cruzeiro, que é summamente alegre; fórma a figura, ou zimborio oitavado com oitenta palmos de largura. Nelle ha duas capellas, que proporcionam a cruz da igreja, cada uma com quarenta palmos de largo, e sessenta e cinco de fundo. Serve a da parte do Evangelho para deposito do Santissimo, e a da Epistola é dedicada á sagrada, e devota imagem de Nossa Senhora da Piedade. No meio da igreja ha mais duas capellas fundas, uma que fica para a parte da epistola, e tem quarenta palmos de largo, e noventa e um de comprido, e serve de Basilica, e a que lhe corresponde tem trinta e seis de largo, e sessenta e cinco de comprido. Consta mais a igreja de quatro capellas pequenas de cada lado, que ao todo fazem treze altares, além do que está na sacristia, e outro na capella interior dos monsenhores.

Fizeram-se tambem vinte e quatro cubiculos para os excellentissimos principaes, casas de paramentos para o eminentissimo patriarca, casas de fabrica, da congregação, de thesouro, de armarios, e para outras officinas precisas. Fizeram-se tres coretos para musica, uma tribuna para as magestades, outra para as damas, e sobre o portico, ou atrio da igreja, que consta de trinta e seis palmos de largo, e noventa de comprido, ha outra tribuna, que occupa o mesmo espaço, a qual serve para verem d'ella as magestades as funções da igreja, e a procissão de Corpus Christi. Em o angulo da parte do nascente, e dentro do recinto, ha de ficar a torre, que constará de duas ordens de sineiras, e no alto d'ellas, para firmeza da mesma torre, o sino grande, que escapou da ruina só com a perda de uma aza.

Reduzida a este estado o mais commodo, que foi possivel, na occasião presente a magnificencia da santa igreja patriarcal, observa com tudo exactamente a formalidade da sua liturgia do mesmo modo, que antes do terremoto, excepto a fórma da residencia dos ministros da Basilica, porque attendendo á sua possibilidade, permittiu o eminentissimo prelado, com o consentimento regio, se dividissem por turmas na conjunctura presente.

§ VII—*Igrejas paroquiaes dentro da cidade*

Uma das partes integrantes, que contribue não pouco a ennobrecer a Historia ecclesiastica de qualquer diocese, é a noticia das suas igrejas paroquiaes, por cuja causa exhibimos agora por ordem alfabetica, segundo o nosso estylo, a serie de todas as que existem dentro em Lisboa, com a mais verdadeira, e antiga instituição, que pudémos indagar de cada uma.

D'este modo reproduzimos não só as memorias do estado, em que se achavam antes que o commum infortunio do terremoto fizesse consumir muitos dos seus documentos, mas accrescentamos a circumstancia das que padeceram ruina, e perda em tão grande fatalidade, men-

cionando tambem o estado, que actualmente conservam, com os mais templos adjacentes dentro dos seus limites.

1—*Nossa Senhora da Ajuda*

Considerada presentemente a vasta extensão de Lisboa, já esta freguezia não é reputada suburbana, mas antes se julga inclusa dentro dos limites da cidade, por cuja causa na solemnissima procissão do Corpo de Deus se manda concorrer, e emparelhar a sua cruz com as outras da corte, não obstante afastar-se do centro, e coração d'ella uma legoa para o poente na eminencia de um sitio aprasivel.

Não ha no cartorio d'esta igreja noticia da sua primeira origem, porque os mais antigos livros dos assentos dos bautizados discorrem desde o anno de 1592, e já no de 1587 havia n'ella irmandades, como bem se collige de uns paineis de azulejo, que ainda permanecem nas paredes da igreja, onde se declara serem feitos no dito anno, e pertencerem um á irmandade de S. Vicente, outro á do Santo Nome de Jesus, outro á da Senhora da Ajuda, e a mesma inferencia de antiguidade se póde fazer por algumas antigas sepulturas, que aqui se conservam.

No alpendre da igreja, defronte da porta principal, está um monumento de pedra antiquissimo mettido no vão da parede com suas columnas, e por detraz da dita sepultura fórma um painel de marmore, em que se vê gravado um elmo, e uma espada com as letras abertas na mesma lapida, que dizem: *Ja fuy home, hoje sua terra.*

Quando em 20 de agosto de 1663 se tiraram d'esta igreja as campas de pedra para se porem outras de taboas, o padre Clemente de Seixas, capellão de Nossa Senhora, teve a curiosidade louvavel de copiar em um livro de quarto, que se conserva ainda no cartorio, os letreiros, que estavam esculpidos nas ditas campas, onde entre outros se lê um de uma sepultura, que estava no alpendre d'esta igreja, e dizia: «Sepultura do Capitão Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel que foy no Reino de Infantaria do esclarecido Rey D. João III, e de Isabel de Oliveira sua mulher, e de seus descendentes, e herdeiros. 1550.

Em umas memorias m. s. que vimos do desembargador Francisco Monteiro Leiria, extrahidas do cartorio do Senado de Lisboa, d'onde era vereador, encontrámos uma celebre petição feita ao Cabido de Lisboa aos 8 de março de 1550, que declara, e serve muito ao intento, e é do teor seguinte: «Diz Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel nestes Reinos de Portugal, que elle tinha vivido neste mundo mais do que esperava viver, no qual tempo que assim viveo, correo grande parte delle trabalhando por ganhar honra, e fama de suas obras, por ficar delle memoria aos que delle descendessem: e como quer que sempre foy ajudado do Senhor Deos, e da Virgem Maria sua Madre, queria ordenar a casa, e morada donde havia morar para sempre, etc.» O despacho do

Cabido foi: Que havendo respeito á sua muita nobreza, e virtude lhe dá o jazigo dos alpendres de Nossa Senhora da Ajuda.

Do referido se collige bem a antiguidade da igreja; porem quanto á dignidade paroquial, suppomos que seria erecta pouco depois do anno de 1551, porque neste tempo, em que imprimio Christovão Rodrigues de Oliveira o Summario das cousas de Lisboa, ainda lhe não dava o titulo de paroquia, mas só de ermida annexa á Sé.

O paroco teve o titulo de cura, hoje logra o predicamento de reitor, e o apresenta como donatario o eminentissimo Cardeal Patriarca. Tem de rendimento certo um moio de trigo, um quarto de vinho, e cinco mil rèis em dinheiro cada anno. O incerto é o chamado pé de altar, que unido tudo renderá quatrocentos mil rèis. Satisfaz-se o rendimento certo por ordem dos reverendos conegos camararios da Basilica de Santa Maria, que são os fabricanos d'esta igreja, por perceberem parte dos dizimos da freguezia.

Ha na igreja cinco capellanias: uma da irmandade de Nossa Senhora da Ajuda em domingos, e dias santos, com a congrua de trinta mil rèis: outra da mesma irmandade instituida por Domingos da Costa Belem de missa quotidiana com sessenta mil rèis. As tres são da irmandade das Almas, de esmola cada uma de sessenta mil rèis. Tem mais a irmandade do Santissimo, e quasi extinctas a do Menino Jesus, e a de Santo Antonio.

Comprehendem-se nesta freguezia os sitios de Alcantara, a quem fertiliza a sua ribeira, Alcolena, Santo Amaro, Nossa Senhora da Ajuda, Belem, chamado antigamente o surgidouro de Rastello, Bom-Successo, Cazellas, Junqueira, Monsanto, Oliveiras, Pedrouços, Pimenteira. E como ha notavel distancia de uns a outros, tem esta paroquia distribuido, e destinado com piedosa providencia tres depositos, ou sacrarios, para se administrarem os sacramentos aos freguezes mais commoda, e promptamente. Um está na igreja Matriz, outro no real convento de Belem, outro no mosteiro das Flamengas de Alcantara, de cujos sacrarios se tem já sacramentado algumas Pessoas reaes, como foram o senhor rei D. Pedro II no anno de 1706, a senhora infanta D. Maria Anna em 27 de julho de 1732, a serenissima rainha D. Maria Anna de Austria em 24 de julho de 1754, e ultimamente o serenissimo infante D. Antonio, que em 20 de outubro de 1757 faleceu na quinta da Tapada com grande saudade de todos.

Como pelo terremoto passado não padecesse esta igreja ruina alguma, e sua magestade fidelissima desejasse ter junto á sua real pessoa a consolação espiritual dos officios divinos, mandou que por ministros da Santa Igreja patriarcal se désse principio a elles nesta paroquial de Nossa Senhora da Ajuda em Vespera da Conceição da Virgem, do mesmo anno de 1755.

No dia seguinte desceu elrei á igreja com toda a corte, assistindo a

rainha, princeza, e infantas no coro alto da mesma igreja como em tribuna. Succedeu na manhã d'este mesmo dia ao tempo da missa um tremor da terra, que fez assustar grandemente a todos os circumstantes, de que procedeu mandar elrei, que se abreviasse a construcção da sumptuosa barraca, ou casa de campo regia de madeira, a qual se andava fazendo junto d'esta paroquia para habitação interina das magestades.

Concluido com toda a diligencia este novo, e espaçoso aposento, se transferiram para elle as magestades fidelissimas, e mais pessoas reaes desde as magnificas tendas de campanha, que haviam mandado armar por occasião do grande terremoto do primeiro de novembro em uma das suas quintas de Belem, onde residiam. A primeira função, que se celebrou nesta nova, e regia morada, foram as primeiras Vesperas do Natal do mesmo anno de 1755, assistindo elrei na tribuna da capella, que se fez da parte da epistola.

Transferiu-se tambem para esta nova capella real o Sacramento da paroquia, d'onde o administra o reitor d'ella aos seus freguezes, não sendo pessoa real a que communga. Todos os mais actos paroquiaes se celebram na igreja de Nossa Senhora da Ajuda; e supposto que na regia barraca se vê tambem a fonte bautismal, ella não serve mais que para as funções dos sabbados de Alleluia, Pentecoste, e bautismos de filhos de criados.

Havia aqui coro todos os dias ordinariamente rezado pelos capellães, e cantado nos dias solemnes, domingos, e dias santos; celebrando-se a liturgia pelos ministros da patriarcal: sendo que os que sua magestade nomeou para officiarem alli quotidianamente, foram quatorze capellães, nove musicos, um mestre de ceremonias para assistir sómente ás missas, e vesperas solemnes; quatro moços de capella, e um thesoureiro, que tambem serve de altareiro. Mandou-se fazer mais uma torre de madeira totalmente separada da paroquia, na qual se collocaram quatro sinos, que o arcebispo de Lacedemonia sagrou, e lhe assistiram conegos da Basilica, fazendo-se esta função dentro da mesma barraca, assistindo sua magestade na tribuna.

Sempre que elrei tem de assistir publicamenté na igreja com a corte (que é em todos aquelles mesmos dias, em que o costumava fazer na patriarcal) o vem servir um principal em habito ordinario de murzeta, e manteleta. A' entrada da porta lhe lança agua benta, e assiste a toda a função, tendo o seu lugar em banco de espalda, cuberto de raz, situado da parte da epistola bem defronte do throno real. Administra tambem a sua magestade o livro dos Evangelhos para o beijar, depois de ser cantado pelo diacono: elle o incensa, e no tempo da paz, a vai receber do celebrante da missa, e a communica por amplexo a sua magestade, e altezas.

Nos dias das Candeas, e palmas, depois que o principal dá a véla, ou palma ao celebrante, logo immediatamente se retira ao seu lugar;

porque, primeiro que elle, a vão receber elrei, e mais pessoas reaes: porem no dia de Cinza, exercita sua magestade o acto de humildade, indo recebel-a depois do principal: e pela mesma razão em Sexta feira Santa depois do principal adorar a cruz, unido juntamente com o celebrante, então é que sua magestade, e altezas a vão adorar. Toda esta formalidade, que em a nova regia capella se pratica respectiva ás funções liturgicas, é para supprir d'este modo na occasião presente o pio intuito do magnanimo fundador, em quanto outra vez materialmente se não incorpora ao palacio regio a metropoli patriarcal, como fora supplicada, e concedida pelos summos pontifices.

Dentro dos limites d'esta paroquia existem os templos seguintes:

Convento—Nossa Senhora de Belem. De religiosos de S. Jeronymo. É edificio nobilissimo, e magestoso, onde, como bem diz Manoel de Faria, (1) se vê acompanhada a grandeza de curiosidade, de arte a arquitectura, e de preço a materia. Fundou-o junto do mar, não muito distante da foz do Tejo, elrei D. Manoel no anno de 1499, que elrei D. João III seu filho ampliou com igual magnificencia, conforme expressam os disticos latinos compostos pelo mestre André de Resende, que estão gravados em pedra por cima da portaria do convento, e dizem:

Vasta mole sacrum Divinæ in litore Matri
Rex possuit Regum Maximus Emmanuel.
Aurit opus hæres Regni, et pietatis uterque
Structura certant, religione pares.

Nesta grande igreja estão depositados os corpos de muitas pessoas reaes, que declaram as inscripções dos seus tumulos. Havia resistido fortemente este soberbo edificio ao terremoto geral do primeiro de novembro de 1755; mas como ficou abalado, e lhe não applicaram reparos convenientes para sua maior segurança, no mez de dezembro do seguinte anno cahiu a abobeda da igreja, e se arruinaram muitas das suas partes. Defronte d'esta sagrada, e real fabrica, dentro da agua, fez edificar o mesmo rei D. Manoel da parte do norte uma torre de estructura quadrada, e magnifica, munida com duas batarias alta, e baixa para defender não só o convento, mas a entrada do porto de Lisboa. Novamente se vê aqui nas margens do Tejo um formoso, e espaçoso caes, que no anno de 1753 mandou fazer o fidelissimo rei D. Joseph I para commodo melhor do desembarque, e para adorno da casa regia de campo, que ahi ha.

Mosteiros—Nossa Senhora do Bom-Successo. De religiosas dominicas irlandezas junto a Pedrouços. Teve principio a sua fundação no anno

(1) Faria sobre a estanc. 87 do cant. 4. de Cam. Veja-se tambem a Damião de Goes na Chron. delrei D. Manoel part. 1. cap. 53 e part. 4. cap. 85. Carvalho na Corografia Portug. tom. 3. p. 665 Colmenares nas Delicias de Portug. tom. 4. p. 766. e a 2. part. da nossa Recreação Proveitosa p. 416.

de 1626, e se clausurou no de 1639, para cujo dispendio concorreu a condessa de Atalaya D. Iria de Brito com o fim de ser para religiosas de S. Jeronymo, que depois pelo patrocinio da rainha D. Luiza de Gusmão, e diligencia do seu confessor fr. Domingos do Rosario dominico, veio a servir para as religiosas irlandezas. São sujeitas immediatamente ao geral de S. Domingos, e por commissão ao reitor do collegio de Nossa Senhora do Rosario dos irlandezes, situados ao Corpo Santo. A pequena ruina, que lhe fez o terremoto, se acha reparada.

Calvario.—De Religiosas Observantes Franciscanas, que fundou no anno de 1617 defronte do palacio de Alcantara D. Violante de Noronha, mulher de Manoel Telles de Menezes. Totalmente ficou este mosteiro arruinado, e abatido, perecendo nas suas ruinas vinte e duas religiosas, quatro recolhidas, e seis serventes. As poucas, que escaparam, foram algumas para o mosteiro, que lhe fica defronte, chamado das Flamengas, e outras para as casas de seus parentes.

Nossa Senhora da Quietação. De Religiosas Descalças da primitiva Regra de Santa Clara, chamadas vulgarmente Flamengas; porque as fundadoras fugindo da perseguição dos Calvinistas dos Paizes baixos de Alemanha, vieram refugiar-se a este reino pelos annos de 1582, em tempo, que governava elrei Filippe II, o qual mandando-as recolher primeiramente no mosteiro da Madre de Deus, e depois na ermida de Nossa Senhora da Gloria, passaram ultimamente para este mosteiro de Alcantara no anno de 1586, em cujo tempo se tinha acabado de edificar por dispendio do mesmo rei. Não teve este mosteiro ruina consideravel, e a que padeceu, se acha reparada.

Ermidas—Nossa Senhora dos Afflictos, e Santo Christo. Na quinta do principal D. Lazaro Leitão, situada na Junqueira. Padeceu muito pouco pelo terremoto.

Santo Amaro. Na eminencia de um monte de excellente vista. Sobe-se por uma bem lançada escada de pedraria com espaçosos taboleiros. A construcção da igreja mostra antiguidade, e d'ella faz menção Christovão Rodrigues de Oliveira, que escreveu no anno de 1551. Foi uma das que escaparam felizmente ao terrivel destroço do terremoto. Defronte d'esta igreja, para a parte da marinha, existe um palacio dos excellentissimos Saldanhas, no qual havia um espaçoso jardim em terrapleno tão mistico da praia, que as aguas da visinha ribeira lhe estão pelas marés batendo nos muros. Compunha-se, alem da excellente horta, de copados arvoredos frutiferos, e silvestres quasi sempre frondosos. Toda esta viçosa, e verde formosura, se vio lastimosamente no dia do terremoto desfeita, e desfigurada; porque embravecidas, e alteradas as aguas do mar visinho, rompendo o freio das praias ao primeiro estremecimento da terra, avançaram, desfizeram, e salmouraram tudo em breves minutos; introduzindo-lhe dentro pasmosamente com a resaca das ondas grandissimos mastros de navio.

Nossa Senhora da Annunciação. Na deliciosa quinta, e palacio de Diogo de Mendoça Corte-Real. Tambem ficou intacta.

Santo Antonio. Na quinta de Antonio Joseph Diniz de Ayala no sitio de Oliveiras.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do duque de Cadaval no lugar de Pedrouços.

Nossa Senhora da Conceição. No lugar de Belem na travessa da Horta, instituida pelo padre Joseph da Silva de Carvalho, clerigo secular, e tio do administrador actual Joseph da Silva Pinto.

Nossa Senhora da Conceição. Na Fabrica da Polvora. Não padeceu ruina consideravel.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta, que foi do elegante, e erudito D. Francisco Manuel de Mello na ribeira de Alcantara. Ficou isenta de ruina.

Nossa Senhora da Graça. Na quinta de Joseph da Cunha de Araujo no lugar de Cazellas.

S. Joaquim, e Santa Anna. Na quinta do marquez de Abrantes em Alcantara. Esta ermida, que não padeceu com o terremoto o minimo abalo, ou ruina, está edificada segundo o gosto moderno da arquitectura. Consta de tres altares ornados com excellentes pinturas do nosso insigne lisbonense Francisco Vieira. Tem muitos, e preciosos paramentos summamente asseados, e taes que puderam bastantemente supprir a indigencia, em que se viu a Santa igreja patriarcal no principio da sua destruição, e incendio: porque estabelecendo-se aqui, como já dissemos, por benigno consentimento dos excellentissimos marquezes seus padroeiros, acharam os ministros da santa igreja commodo, e agazalho tão amplo, que os nossos maiores elogios não são bastantes para engrandecer a nobreza de animo, e piedade com que alli fomos recebidos.

S. João Bautista. Nas casas de João Jorge na Junqueira. Ficou sem damno, e sempre n'ella se celebrou.

Nossa Senhora da Nazareth. Na quinta de Gervasio do Couto na Pimenteira.

Nossa Senhora do Populo. Na quinta que foi do dezembargador Joseph Fiuza Correa em Alcantara. Não teve ruina.

Nossa Senhora do Livramento, e S. Joseph. Esta igreja se começou a erigir em Belem no sitio que fica entre a quinta do meio, e a quinta de cima, onde está o real palacio, lugar em que a magestade fidelissima de D. Joseph I em a funestissima noite de 3 de setembro de 1758 escapou milagrosamente de dous execrandos tiros de bacamarte, com que lhe queriam tirar a sua vida estimadissima varios socios conjurados para tão horrivel insulto. Agradecido a tão especial favor de Maria Santissima, e seu casto esposo S. Joseph, quiz sua magestade que ficasse tão efficaz patrocinio perpetuamente memoravel na erecção deste templo, cuja primeira pedra, que era de marmore branco, e de palmo

e meio em quadro, tinha em as duas faces oppostas as inscripções seguintes:

JOSEPHUS I
LUSITANIÆ REX
Fidelissimus
Deiparæ Liberatricis
Protectione
III. Nonas Setembris Anni MDCCLVIII
Hic inter densos globos plumbeos
Sospes evadens
Conjuratorum insidias
In eum
Gemina scloporum displosione
Irruentium
Templum hoc
In perpetuum tanti beneficii
Monumentum
Ædificari fecit

Da outra parte dizia assim:

✠

Hujus Templi in honorem
Dei, et Beatissimæ Virginis Mariæ
Liberatricis, ac ipsius Sponsi
Sancti Joseph dicandi
Lapidem hunc primum
In fundamentum
Ab ipso Rege delatum
Benedixit, ac imposuit
Emus D. Franciscus I
S. R. E. Cardinalis de Saldanha
Patriarcha Lisbonen.
Summo Pontifice Clemente XIII
Die III Septembris
Anno Domini M. DCC. LX
Post terræmotum V.

Esta pedra fundamental, que estava em uma padiola sobre uma credencia foi levada solemnemente por elrei assistido do senhor infante D. Pedro, o senhor D. João, e o marquez de Angeja, e depois que o patriarca lançou sobre ella a benção com toda a cerimonia conforme o pontifical romano, tornou elrei, e os mais senhores a caminhar com ella processionalmente assistido de toda a corte, e collegio dos principaes, e capella real, e chegando até o lugar do alicerse, n'elle se col-

locou a pedra, e alli lançou o esmoler mór doze medalhas, seis de ouro, e seis de prata de varios lotes. As maiores, que eram de ouro pezava cada uma 52$000 réis: as do lote mediano 39$000 réis: e as do ultimo lote 26$000. O seu feitio tambem era de tres qualidades, porque umas tinham de uma parte em perlil o retrato de sua magestade, e ao redor esta letra, *Joseph I Portugalliæ Rex*, e no reverso: *B. V. Mariæ Liberatrici, et S. Joseph Protectori suo accepti beneficii monumentum posuit on. Domini MDCCLX.* Outras tinham as imagens de Nossa Senhora do Livramento, e S. Joseph, e por baixo esta letra: *A' periculis cunctis libera nos*: e no reverso em relevo o frontispicio, que ha de ter a nova igreja, e ao redor: *Accepti beneficii hoc posuit monumentum*, e em baixo: *An. Dni MDCCLX.* As outras tinham de uma parte as armas reaes, e em circulo: *Josephus Portugalliæ, et Algarbiorum Rex anno regni sui X.* No reverso a planta da nova igreja, e em roda a seguinte letra: *In honorem B. V. M. Liberatricis, et S. Joseph fundavit Bethlem anno Domini MDCCLX.*

Constava esta freguezia, antes do terremoto, de seiscentos fogos. Presentemente se tem augmentado o seu numero, pelo muito povo, que para este sitio concorreu, onde se tem edificado innumeraveis barracas em o terreno baldio. As suas ruas são as seguintes:

Ruas, e travessas —Em Alcantara, rua Direita, rua da Cruz, e da Tapada: travessa das Fontainhas, dos Fornos, das Pedreiras, do Principe, do Quelhas costas. Em Belem, rua Direita, travessa das Brazias, ou de Manuel de Faria, do Ferreiro, da Horta, do Guarda mór, da Praça, do Serralheiro.

Freguezias confinantes —A de Santos, Santa Isabel, Senhora do Amparo em Benfica, S. Romão de Carnexide.

II— *Santo André*

Esta freguezia é das antigas da cidade, e foi do padroado real: porém elrei D. Diniz em o primeiro de agosto de 1286 fez doação d'elle a Ayres Martins, e a sua mulher Maria Esteves, attendendo não só aos merecimentos do dito Ayres Martins, que foi escrivão da Puridade, e seu vice-Chanceller, mas ás supplicas do bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães, que foi seu particular amigo. (1)

Passados alguns annos, vendo os padroeiros, que era muito tenue a renda, que a igreja tinha, e não menos a falta de ministros para o culto Divino, deixaram á mesma igreja o direito do padroado, e juntamente as fazendas, que possuiam na Azoya, freguezia de Santa Iria, para que houvessem mais dous capellães, ou raçoeiros, que com o reitor rezassem em coro as Horas Canonicas, e vivessem em communidade, determinando, que assim que vagasse algum beneficio, o podesse apresentar

(1) Brandão na Monarquia part. 3. liv. 16. cap. 61.

logo o reitor com o beneplacito dos mais raçoeiros: e falecendo o reitor, os ditos raçoeiros elegessem de entre si um d'elles no espaço de seis dias immediatos ao seu fallecimento: e não concordando na eleição dentro do dito tempo, ficaria devoluta ao reitor do convento de Santo Eloy d'esta cidade para o nomear dentro de outros seis dias: e não o fazendo, poderia então o prelado maior, ou o seu vigario geral eleger prior, com tanto que fosse sempre um dos taes raçoeiros. (1)

Esta formalidade de eleição ainda hoje se pratica, e d'ella ha exemplos antigos, e modernos. No anno do 1439 vagando o priorado d'esta igreja, e elegendo os beneficiados prior, como era costume, se oppoz o procurador da coroa d'elrei D. Affonso V, pretendendo, e allegando que ao rei tocava a apresentação, por ser igreja do seu padroado: e correndo litigio, obtiveram os beneficiados a sentença a seu favor, que se guarda no cartorio da igreja, e se confirmou por outra resolução da sagrada Rota em o primeiro de Fevereiro de 1602, a instancias do doutor Ambrosio Cardoso, prior d'esta paroquia.

O rendimento d'este priorado, e reitoria, tirando a terça do prelado, se regula uns annos por outros em quatrocentos até quinhentos mil rêis; advertindo, que esta renda é attendendo a dous beneficios, que por Bulla de Alexandre VI se annexaram ao priorado desde o anno de 1496. Ha n'esta igreja cinco beneficios, de que é donatario o mesmo prior, e rende cada um cem mil rêis. Antigamente não só dava o prior os beneficios, mas tambem collava n'elles aos beneficiados na presença de um Notario apostolico, de cujos actos ha no seu cartorio bastantes documentos. A negligencia, ou dissimulação de algum prior deixou perder esta regalia, em que se introduziram depois os prelados d'esta diocese.

Acham-se instituidas n'esta igreja cinco capellanias: a primeira, de que é capellão, e administrador o prior, instituiu Aires Martins, e sua mulher Maria Esteves, padroeiros, com o titulo de Santo Ambrosio, e com Missa quotidiana, que hoje se acha na esmola de tostão, mas tem casas de residencia. Junto ao altar d'esta capella estão sepultados a dita instituidora, e seus filhos; e da inscripção da mesma sepultura consta, que seu marido, e padroeiro Aires Martins, indo visitar os lugares santos de Jerusalem, morrera no caminho.

A segunda capella instituiu o beneficiado, que foi d'esta igreja, Martinho Domingues na capella de Nossa Senhora da Vida com a esmola ordinaria de seis vintens. São seus administradores, e donatarios o prior, e beneficiados. A terceira instituiu na mesma capella um prior, que foi d'esta igreja chamado Bartholomeu Vaz de Lemos, com obrigação de Missa cantada em todos os sabbados: anda a administração d'ella na casa, e morgado de João Pedro de Noronha Soares.

Instituiu a quarta capella Antonio Alvares Malheiros com Missa quo-

(1) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 73.

tidiana na capella de Nossa Senhora da Conceição de esmola de trinta e cinco mil rèis, que hoje se acha reduzida a meio annal de Missas, e é seu administrador Jeronymo Leite Malheiro Pacheco. A quinta é a do Senhor Jesus da Pobreza, e Almas, erecta ha pouco tempo por uma nova irmandade, que fabricou esta capella no vão, que servia de porta travessa da igreja, e tem um capellão, que lhe diz Missa todos os domingos, e dias santos do anno, a quem se dá cincoenta mil rèis.

A padroeira instituiu mais n'esta igreja sete mercieiras, que hoje se acham reduzidas a quatro por Bulla de Xisto V desde o anno de 1586. Tem casas em que vivem, e cada uma cincoenta e dous alqueires de trigo cada anno; duzentos e cincoenta rèis em dinheiro cada mez, dez tostões para manto, trezentos rèis para çapatos, dous tostões para o jantar da Pascoa, e outros dous para o do Natal, e um pote de azeite. Provè estas mercearias o prior em mulheres donzèllas honestas, e recolhidas, ou viuvas de bom procedimento, preferindo sempre as que tiverem tido bens de seu, e se acharem reduzidas a pobreza. Dispoz mais a padroeira, que no fim de Laudes, e Vesperas se lhe rezasse no coro um Responso; e em dia da Commemoração dos defuntos se distribuisse pelos pobres, e necessitados um saco de pão, a que tudo se tem dado cumprimento.

Com o lamentavel successo do terremoto passado cahiu todo o corpo da igreja até á porta, a qual ficando com as ruinas entulhada, a gente que estava dentro escapou toda felizmente, retirando-se pela serventia, que tem o prior para as casas da sua residencia. Ficou todavia livre a capella mór, o cruzeiro, a sacristia, e as duas capellas de Santo Ambrosio, e a da Senhora da Vida, que é imagem milagrosa, e de muita devoção, a qual passados tres dias foi tirada a todo o risco por certos devotos, que a foram collocar em um altar da igreja do Menino Deus, que está perto, para onde foi tambem conduzido o Divinissimo Sacramento. Alli esteve até que o prior mandando fazer á sua custa, e dos beneficiados uma decente accommodação de madeira dentro da mesma igreja paroquial, e na parte que não teve ruina, fez restituir outra vez o Sacramento, e a imagem da Senhora immaculada, collocando-a no altar mór, e deu principio aos Divinos officios em dia da Conceição da Virgem, no mesmo anno, com uma solemne Missa cantada em acção de graças. N'este estado se acha a igreja, e se vão continuando n'ella os officios ecclesiasticos com o decoro possivel.

Tem dentro do seu territorio.

Convento—Nossa Senhora da Graça. De religiosos eremitas de Santo Agostinho, templo de uma nobre, e magestosa fabrica, elevada sobre a eminencia de um sitio chamado em outro tempo Almofala, que ultimamente reedificara o veneravel fr. Luiz de Montoya no anno de 1556. O author da Corografia Portugueza no tom. 3. pag. 357, largamente o descreve. Entre todas as suas partes mais memoraveis, será sempre di-

gna de attenção a singular tribuna, com o seu preciosissimo cofre, deposito do Santissimo Sacramento. Prenda composta de muitas dadivas, para as quaes concorreram o arcebispo de Goa D. fr. Aleixo de Menezes, o de Hiponia D. fr. Antonio Botado, e Filippa de Vilhena, mulher do grande vice-rei da India Affonso de Albuquerque. Igual apreço se deve fazer da capella do Senhor dos Passos, cuja imagem de Christo com a Cruz ás costas, é da maior veneração, e respeito que tem esta corte, e talvez o reino. Merece tambem especial memoria a primorosa sacristia, na qual se fazia admiravel o mais rico, e decente deposito dos vasos, e reliquias sagradas, para cujo dispendio, e ornato contribuiu muito o precioso movel de Mendo de Foyos Pereira, secretario de estado delrei D. Pedro II. Não menos é attendivel a excellente biblioteca, onde se numera uma grande, e escolhida collecção de volumes de todas as faculdades, e bellas letras, impressos, e manuscritos.

Padeceu muito este edificio com o grande terremoto, especialmente a igreja. Apontaremos em summa as partes mais consideraveis da sua ruina. Sendo o coro della um dos melhores da corte, e estando os religiosos n'elle cantando Terça para se entrar á missa conventual, ao segundo Psalmo começou a abalar-se tudo com um vehementissimo tremor: sahiram os religiosos a toda a pressa, quando de improviso cahiu o tecto, e logo o plano com tanta violencia, que a imagem de um crucifixo, collocada junto ás grades do dito coro, se fez em pedaços, e se lhe foi achar a cabeça na capella mór, que é uma grande distancia. Aqui se destruiu totalmente não só todo o ornato do coro, mas tres admiraveis orgãos, que n'elle estavam, fazendo-se mais sensivel a perda do maior, por ser antigo, e por ter umas vozes suavissimas, a que talvez não igualasse outro algum da cidade.

Depois do coro cahiu a capella mór, mas ficou livre toda a sua grande tribuna, e n'ella o Santissimo Sacramento, que estava recluso no precioso e singular cofre. Logo cahiu o tecto do cruzeiro. e o da igreja com seus altissimos gigantes, exceptuando um, que com admiração de todos ficou sustido em uma pequena parte da sua base, dando nisso a inferir-se, que o movimento do terremoto fora provavelmente o de pulsação. Deve aqui notar-se, que sendo as paredes mestras da igreja fabricadas sem alicerses, conforme a santa idéa do veneravel Montoya, que nas Cruzes que mandou distribuir, e collocar pela ultima cimalha, dizia estava toda a firmeza d'aquella maquina, foi cousa prodigiosa, que nenhuma d'ellas teve agora ruina, ficando firmes como d'antes; excepto a parede do frontispicio, que sem embargo de ser mais forte, por ser feita posteriormente ao veneravel padre, se arruinou.

Quasi todas as capellas do corpo da igreja padeceram igual ruina com mais, ou menos damno. As duas collateraes do cruzeiro ficaram totalmente destruidas; porém as suas sagradas imagens com felicidade

se descobriram, e recuperaram. Eram ellas a sempre veneravel do Senhor dos Passos, que ficando dentro da sua tribuna opprimida com o pezo da parede, que sobre ella cahiu, foi extrahida pela nobre, e pia diligencia de alguns grandes da corte, suggeridos do empenho, e devoção do nosso monarca fidelissimo. A outra imagem era a prodigiosa da Senhora da Graça, cujo corpo sendo coberto de prata primorosamente lavrada em tempo, e por obsequio da infanta D. Maria, filha do senhor rei D. Manuel, se achou todo desfeito; porém a cabeça, e as mãos sem macula consideravel: devendo-se á piedade do illustrissimo monsenhor Joseph Francisco de Mendoça, que muito se preza de ser seu afilhado, a nova reforma do corpo da senhora, que hoje se vê caprichosamente estofado.

Estas duas imagens se acham já expostas á publica veneração dos fieis; participando tambem do mesmo culto a imagem veneranda, e prodigiosa do Santo Christo crucificado, que ao veneravel padre Montoya vieram offerecer dous mancebos quasi mysteriosamente. Esta descoberta de entre as ruinas sem lezão reputavel, por diligencia do excellentissimo bispo do Porto D. fr. Antonio de Sousa, se collocou em uma bem ornada capella, que elle lhe mandou edificar no antecoro, que de presente tem o convento, e depois se trasladou para a capella do Sacramento.

A nobilissima sacristia com o seu notavel Santuario tambem se arruinou, caindo não só o tecto, mas a parede, que a dividia da capella mór; e com esta o altar, em que se conservavam as mais preciosas reliquias. D'estas se acharam muitas em seus lugares: taes foram seis corpos de prata dos Santos Apostolos, e de Santo Agostinho, Santa Monica, os Santos Lenhos, a cabeça de Santa Christina, e outras nos seus cofres tambem de prata: entre estas se achou sem damno algum a cana de um braço do glorioso Martyr S. Vicente, que agora se faz mais estimavel, por ser a unica reliquia notavel, que existe do corpo do Santo, depois que no grande incendio, de que participou a basilica de Santa Maria, se reduziu lastimosamente a cinzas o tumulo, e o cofre, em que se achava depositado. Conservam os religiosos esta reliquia de tempo antiquissimo, e como testemunho certo, e invariavel da antiguidade do seu convento. (1)

Apparece tambem debaixo d'aquellas ruinas a grande e preciosa Cruz, donativo que fez a este convento o illustrissimo D. fr. Aleixo de Menezes; e sem embargo de se achar com bastantes quebras, e muitas

(1) Fundam-se na memoria da Trasladação do invicto Martyr, feita por Estevão, chantre da mesma Sé, e coetano, a qual se transcreve no Appendix da 3. p. da Monarq. Lusit. Escritur 25., onde se leem estas palavras: «Currunt igitur praenominati Regulares aliquid de Reliquiis pretiosi Martyris petituri.» D'onde se infere, que os taes religiosos eram Eremitas de Santo Agostinho: pois que entre elles se acha de tempo immemorial uma tal reliquia do Santo Martyr, que elles pediram com tanta efficacia, e justiça; e é crivel ser esta a que se lhes deu então.

de suas pedras preciosas, sacudidas d'ella com impulso da ruina, quasi todas se descobriram, excepto um diamante de maior grandeza, e algumas outras pedras mais miudas, que não appareceram. Acha-se tadavia tão rico, e veneravel instrumento da Redempção humana já concertado, e restituido á sua antiga fórma. Os ornamentos, e mais prata da sacristia tudo se salvou, ainda que esta pela maior parte bastantemente damnificada; porém aquelles se preservaram de todo o risco, por causa dos fortissimos caixões, em que se guardavam. O que se faz sensivel é destruir-se totalmente a maravilhosa pedra, que estava no meio da sacristia, onde se collocavam os calices; porque não so era estimavel pelo precioso da materia, mas pelo exquisito debuxo de seus marchetados, e embutidos: os calices porém supposto ficarem todos amassados, já se acham restituidos á sua antiga fórma, e dourados de novo.

O claustro grande, sendo todo fabricado de cantaria, padeceu grandissimo abalo em suas abobedas, e cahiu quasi toda a cimalha real, e os balaustres com seu corrimão, que formavam as varandas por cima d'ella. A formosa casa da livraria com suas estantes de grande custo, e o dormitorio do noviciado, que ficava por baixo, tudo se arruinou; porém o incansavel zelo, e desvelo do excellentissimo bispo do Porto, provincial, que então era, acodindo prompto ao desentulho, fez com que os livros não padecessem damno consideravel, e lhe destinou a casa da livraria velha, que fica por cima do capitulo, para sua mais segura residencia, mandando reedificar tambem o dormitorio do noviciado: fez examinar por architectos a torre dos sinos; mas por estarem todas as suas pedras gateadas de ferro, desenganaram os mestres que tinham a segurança precisa, posto que o sentimento, que fizeram as suas obras mortas, e adjacentes, causasse susto ao principio.

Em todo este lamentavel catastrofe ficaram comprehendidos dous religiosos, que estavam no confessionario, o padre M. fr. Marcos de Santo Antonio, e o definidor fr. Alberto de Brito. Vendo em fim os religiosos, que as suas forças não podiam chegar ao reparo, e reedificação de tão magnifico edificio; porque constando, que semelhante obra custara ao veneravel padre fr. Luiz de Montoya, em tempo que tudo era mais barato, sessenta mil cruzados, e agora seriam precisos mais de seiscentos, tomaram resolução de formar igreja na casa grande entre o claustro e portaria, a qual tem adornado com cinco altares, e sua quadratura, em que celebram os officios divinos com toda a decencia.

Ermida — O Senhor dos Passos. Na calçada, que vae para a Graça, a qual administra a irmandade do Santissimo da freguezia.

Constava esta freguezia antes do terremoto de cento, e quarenta fogos, e numerava setenta moradas de casas, em que habitavam quinhentas e cincoenta pessoas. Depois do terremoto acham-se duzentos e treze fogos, e setecentas cincoenta e sete pessoas. Este augmento é cau-

sado de algumas propriedades de casas, que de novo se fizeram junto ao sequeiro chamado da Graça. Distribuem-se pelas seguintes:

Ruas, e becos—Adro da igreja, rua Direita, rua dos Cegos, beco dos Froes, beco da Lage, calçada do Convento da Graça.

Freguezias confinantes. Santa Marinha, S. Thomé.

III—*Nossa Senhora dos Anjos*

É esta freguezia filial da de Santa Justa, que o cardeal arcebispo D. Henrique desanexou d'ella, por ser grande o seu districto, estabelecendo-a na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, que depois se ampliou com o dinheiro produzido de cinco por cento dos alugueres das casas existentes na mesma paroquia em tempo d'el-rei Filippe IV. O paroco tendo sómente titulo de cura, o eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida o collou em o predicamento de reitor, cuja reitoria lhe renderá setecentos e cincoenta mil reis.

N'esta igreja ha uma collegiada de onze capellães com sessenta e quatro mil réis de congrua annual cada um, e é seu donatario, e administrador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Ha mais a irmandade do Santissimo com dous capellães, a das Almas com quatorze, a de Nossa Senhora da Conceição com um: a confraria dos Anjos com um, e a de S. João Bautista com outro.

Por causa do terremoto ficou esta igreja arruinada, e assim o paroco transferiu o Sacramento para a ermida do dezembargador Alexandre Metello no Campo do Curral, onde existiu por alguns annos. A mesma destruição experimentaram muitas propriedades de todo este territorio; das quaes umas já estão reparadas, outras jazem na mesma ruina. Dentro dos limites d'esta paroquia desde as portas do paço da rainha, ou Bemposta até Arroyos, e dentro do olival de Nossa Senhora do Monte se fizeram de novo varios abarracamentos fabricados uns de madeira, e tabique, outros de pedra, e cal, para habitação de muita gente, que para alli veio fugindo ao incendio, e destroço do interior da cidade.

Estão edificados na circumferencia d'esta freguezia os seguintes:

Conventos—Nossa Senhora do Desterro. De religiosos Bernardos, fundado no anno de 1591, segundo consta de uma inscripção aberta em pedra, que se vê collocada no claustro velho, a qual transcreve o auctor do *Santuario Mariano em o tom.* 1. pag. 289. Ordinariamente assistem aqui poucos religiosos. No anno de 1750 foram levados a occupar este convento os doentes do hospital real, que em 10 de agosto do dito anno se viu reduzido a cinzas com um deploravel incendio. Fizeram-se as accommodações precisas para todos á custa da fazenda real, com que a grande piedade do fidelissimo rei D. Joseph I mandou benigno soccorrer o seu desamparo. Aqui estiveram até o anno de 1751, em que vol-

taram para a enfermaria de S. Camillo, que foi a que sómente escapou no sobredito hospital, e os religiosos se restituiram outra vez ao seu convento, que em todo este tempo haviam estado hospedados nos paços chamados do arcebispo a Santa Maria. Experimentou este edificio com o terremoto, a ruina da igreja, cujas abobedas totalmente se abateram. O convento posto que em partes arruinado, ainda se habita pelos religiosos.

Nossa Senhora de Penha de França. De religiosos eremitas de Santo Agostinho. Está edificado este convento na eminencia de um monte entre os mais altos da cidade, e no sitio chamado antigamente Cabeça de Alperche, d'onde com agradavel perspectiva se mostra aos olhos um dos mais formosos paineis, que a natureza póde pintar; porque olhando do alto para o fundo da campina dilatada, estão se vendo em todos os seus arredores copiosos arvoredos, quintas agradaveis. hortas amenas, e terras lavradias; e ao longe montes, e serras, que d'alli se avistam na distancia de mais de oito legnas.

Deve o seu principio ao zelo de um Antonio Simões, official de dourador, que no primeiro de agosto de 1603, fazendo doação aos religiosos da igreja da Senhora de Penha de França, que já existia desde o anno de 1597, elles com esmollas foram fazendo o convento, e o chegaram a concluir com os bens de Antonio Cavide, insigne bemfeitor da Ordem, e devotissimo da Senhora. Depois no anno de 1754 se renovou a igreja primorosamente tambem á custa de esmolas dos fieis. O Senado de Lisboa por voto, que fez em occasião de uma grande peste, que em outro tempo opprimia esta cidade, costuma ir de madrugada em procissão todos os annos a esta igreja em dia de Nossa Senhora das Neves. (1)

Achava-se cabalmente perfeito este sagrado edificio, e com a permanencia de cento e cincoenta e dous annos desde a sua primeira fundação, quando succedendo o fatal dia de todos os Santos, padeceu a sua igreja um destroço horrivel com o tremendo terremoto. Cahio primeiramente o coro; e foi alta providencia de Deus, que sendo tempo de se congregarem n'elle os religiosos para rezar, mandasse o prelado suspender n'aquella hora o toque do sino, em quanto se demoravam alguma cousa mais na igreja com a expedição das confissões dos fieis, que em grande numero havia alli concorrido. A verdade do successo fez ver depois, que aquella suspensão de minutos ao ingresso do coro, mais pareceu cautella cheia de vaticinio, que de acaso, para que n'aquelle lugar ninguem perecesse.

Outra differença de sorte experimentaram os que se achavam dentro da igreja, porque cahindo as suas abobedas de improviso, ficaram todos sepultados debaixo d'ellas. Conjectura-se, que seriam mais de tre-

(1) Santuar. Marian. tom. 1. pag. 119. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 421. Sousa no Agiolog. Lusitan. tom. 4. pag. 436.

zentos os mortos: o certo é, que pelo numero das sagradas Fórmas, que se achou menos nas Pyxides do Sacrario, se calculou depois terem commungado n'aquelle dia oitocentas pessoas. Aqui acabou entre ellas, ajudando á missa, o irmão leigo fr. André de Penha de França, natural de Chaves, de idade mais de setenta annos, e religioso, em quem resplandecia um conglebado de muitas virtudes. Acompanhou-o no mesmo fim o irmão Donato Joseph de Macedo. Igual saudade deixou o padre fr. Joseph de S. Joaquim, o qual dous mezes antes tendo dito a sua primeira missa nova, e n'aquelle dia havendo-a acabado de dizer, se achava dando graças a Deus na sua cella, que abatendo-se com elle, o sepultou.

Cahindo a capella mór, e a sua tribuna, ficou a imagem da veneranda, e milagrosa Senhora de Penha de França debaixo das suas ruinas: e acodindo logo os religiosos com muita gente no domingo seguinte para diligenciarem a sua extracção, se singularisou entre todos n'aquella empreza o gentil desembaraço de um valeroso sargento chamado Antonio Dias Panão, para o qual estava guardada a gloria de salvar d'aquellas ruinas o sagrado vulto da Senhora. Com incansavel diligencia descobriu elle a imagem, e recebendo-a logo com fervorosa devoção em seus braços, entoando louvores ao ceo, com immenso povo, que o seguia, a foi transferir, e collocar sobre o eirado de uma quinta proxima ao adro da igreja para ser vista de todos. Alli esteve a prodigiosa Senhora quasi um mez assistida dos religiosos, e de um extraordinario concurso do povo, que a todas as horas com perpetuos rogos, e incessantes lagrimas pediam a Deus pelos merecimentos de tão soberana Virgem a suspensão d'aquelle flagello.

Como os religiosos nunca se apartaram do convento, e ficaram na sua cerca administrando o remedio espiritual a muita gente, foram proseguindo na tarde da segunda feira o desentulho das ruinas; entre as quaes descobrindo o cofre do Sacramento, que se achou intacto, o levaram para a ermida da Senhora do Monteagudo, que fica pouco distante, com uma devota procissão. Logo na terça feira, continuando a empreza, descobriram felizmente vivo, de entre as ruinas, um homem chamado Filippe Neri, mestre pedreiro, que como estava ainda escrito no livro da vida, foi respeitado em todo aquello tempo da sua sepultura dos proprios instrumentos, que a outros serviram de morte

Na casa chamada de Profundis, dentro do convento, levantaram os religiosos um altar, onde collocaram o Sacrario. Depois com a possivel decencia fizeram uma barraca de madeira, em que despenderam quatrocentos mil réis, tudo de esmolas, e exposeram a veneranda imagem da Senhora. Porém concorrendo cada vez mais a piedade, e devoção, erigiram uma nova igreja de tabique, e de pedra, e cal, que tem importado doze mil cruzados, onde a Senhora é venerada, como sempre, pelos fieis com um culto, e fervor extraordinario.

Nossa Senhora da Conceição. Hospicio de religiosos capuchos da provincia da Conceição da Beira, e Minho, reedificado no anno de 1738 na estrada da Carreira dos Cavallos pela devoção, e dispendio do serenissimo infante D. Francisco, e ultimamente o serenissimo senhor infante D. Pedro o mandou reedificar de novo no anno de 1755 em todas as suas officinas, dormitorios, e cellas com generosidade verdadeiramente regia. Com o terremoto padeceu pequeno damno: porém os religiosos para se livrarem de todo o susto, rezaram alguns tempos na portaria, e mandaram renovar na parede do altar mór um pedaço de abobeda, que unicamente padecera.

Nossa Senhora da Nazareth. Collegio, e noviciado, que foi dos padres Jesuitas, que se destinavam para as missões da India, foi fundado no sitio de Arroyos em o anno de 1705. Foi pequena a ruina, que o terremoto causou a este edificio, que já se acha restaurada.

Ermidas—Santo Antonio. Na quinta dos Cyprestes, que é de Francisco Monteiro de Sousa.

Santo Antonio. Na quinta de Luiz Alvares de Andrade, acima de Arroyos.

Santa Barbara. Na quinta, que foi do desembargador Luiz Borges de Carvalho, e hoje é de D. Ignez Rosa de Moura. Não teve com o terremoto destroço algum, antes ficou tão intacta, que se abrigou n'ella a paroquia de S. Jorge.

Nossa Senhora da Conceição. Nas casas de D. Christovão Manuel de Vilhena a Arroyos. Tambem não padeceu ruina consideravel.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Pina.

Nossa Senhora da Conceição. No campo real da Bemposta. Foi erecta pela serenissima infanta de Portugal, e rainha de Grão Bretanha a senhora D. Catharina, estabelecendo n'esta igreja, e capella real uma collegiada com doze capellães cantores obrigados ao coro todos os dias, e com a congrua de oitenta mil réis cada um. É hoje seu donatario, e administrador o serenissimo senhor infante D. Pedro, por ter conseguido por sentença a grande casa do infantado, o qual em 11 de dezembro de 1758 accrescentou mais oito capellães com cem mil réis cada um de congrua, um thesoureiro, um moço de capella, cinco cantores, um organista, e um maceiro, e fez reduzir a igreja a fórma magnifica, e competente a uma regia collegiada.

S. Gonçalo. Ao poço dos Mouros, de que é administrador Jeronymo Pereira Continho.

Jesus, Maria, Joseph. No paço da Bemposta, de que é administrador João da Silva Furtado. Com o terremoto ficou arruinada bastantemente.

S. João Bautista. Na quinta da Cruz de Almada.

S. João Bautista. Na quinta, que hoje é do desembargador João Marques Bacalhão.

Nossa Senhora do Monte. Foi edificada no anno de 1243 por uma dona Susana. Os religiosos eremitas de Santo Agostinho logo nos principios da sua introducção n'esta cidade habitaram aqui, e foi este o segundo convento, que tiveram com o titulo de Erimitorio de S. Gens. Por justos motivos o desampararam, mas sempre ficaram conservando a sua administração, e é governada por um capellão, religioso do mesmo convento, eleito em capitulo.

Debaixo do alpendre d'esta igreja, em um angulo d'elle, permanece ainda a cadeira de S. Gens, que o illustrissimo D. Rodrigo da Cunha conjectura ter sido bispo de Lisboa. Esteve ella na primeira habitação d'estes religiosos eremitas na raiz do monte, na qual dizem se sentava aquelle santo prelado para pregar ao povo: foi transferida para o sitio onde agora se acha: e é maior a sua veneração, depois que a serenissima rainha D. Maria Anna de Austria lhe mandou pôr grades de ferro á roda na occasião, quando veio aqui no anno de 1723 sentar-se n'ella para ser bem succedida nos seus reaes partos, segundo a inveterada fé, que as matronas lisbonenses tem com a intercessão d'este Santo, experimentando quando estão proximas ao parto, o serem bem succedidas, se assim o executam.

Totalmente se arruinou esta ermida com o terremoto, falecendo debaixo de suas ruinas o ermitão Donato da Ordem, que tinha n'aquelle instante acabado de commungar, e se achou depois de joelhos com os braços em cruz. A sagrada imagem da senhora, que é perfeitissima, e titular da igreja, se achou debaixo das ruinas sem lesão consideravel, e logo o padre capellão regente, com adjutorio de muitos devotos, lhe fez edificar uma capella de madeira no mesmo sitio, e territorio da ermida, onde com a possivel decencia foi por algum tempo venerada, e com fervor se foi cuidando na reedificação do templo arruinado para onde depois se trasladou.

Nossa Senhora do Monteagudo. Existe no caminho de Penha de França. Foi edificada por Lourenço Pires de Carvalho, commissario da Bulla da Cruzada, no anno de 1693, e é hoje seu administrador o conde de Soure. Ficou intacta, e firme aos impulsos do terremoto.

Nossa Senhora da Nazareth. Nas Olarias.

Nossa Senhora do Populo. No palacio de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho em Arroyos.

Nossa Senhora dos Remedios. Na quinta de Manuel de Oliveira.

Santa Rosa. Em Arroyos no palacio do senhor de Murça. Não soffreu ruina alguma. Antes para esta ermida se foram refugiar algumas paroquias.

S. Vicente Ferrer. Ao forno do tijolo. Tambem não padeceu ruina.

Constava esta freguezia antes do terremoto de dous mil cento e quarenta fogos, agora numera em todo o seu districto, e habitantes em cosas, dous mil cento e dezasete fogos: e dispersos não só nos dou

abarracamentos, que acima dissemos dentro nos limites da freguezia, mas tambem nas outras alheias, que conforme a pastoral do eminentissimo cardeal patriarca, se reputam como proprias, duzentos noventa e tres fogos; que todos juntos vem a fazer o numero de dous mil quatrocentos e dez fogos, até o anno de 1757. Consta das seguintes:

Ruas—Arroyos, Santa Barbara, Bemposta grande, e pequena, Bombarda, Calçadas de Alvalade, de Santo André, do Conde de Pombeiro, do Monte, Caracol da Penha, Carreira dos Cavallos, Carreirinha, Cruz dos quatro caminhos, Cruz dos Ciganos, Estrada de Sacavem, Fontainha, Graça, Monteagudo, Olarias, Penha de França, Poço de Mouros, Rol, Rua Nova, Sol, Terreirinho, Travessa do Monte.

Becos—Almocreves, Cativos, João do Monte, Jordão, Imaginario.

Freguezias confinantes—Santo André, Santa Engracia, S. Lourenço, Senhora dos Olivaes, Senhora da Pena, S. Sebastião da Pedreira, Senhora do Soccorro.

IV — *S. Bartholomeu*

A maior antiguidade, que podêmos descobrir d'esta paroquia, é a que consta de uma escritura feita pelo bispo de Lisboa a D. Alvaro no anno de 1168, na qual se faz já menção da igreja de S. Bartholomeu, como bem adverte D. Rodrigo da Cunha. (1) Foi capella real delrei D. Diniz, quando vivia no palacio fronteiro da igreja, para a qual tinha passadiço, e tribuna: e querendo o bispo D. Domingos Jardo fundar o hospital de S. Paulo, hoje convento de Santo Eloy, no districto d'esta freguezia, elrei D. Diniz no anno de 1286 lhe fez mercê do padroado della para applicar ao hospital as suas rendas. (2)

De sorte, que o reitor de Santo Eloy, em quem recahiu o padroado por transferencia do bispo, é o que hoje apresenta a dita igreja, que renderá, uns annos por outros, seis centos mil réis. Reedificou-se o antigo edificio por diligencia do prior Manuel da Silva e Moura pelos annos de 1707, pouco mais, ou menos. (3)

Ha aqui tres beneficios, que apresenta, e colla o reitor do sobredito convento, e renderá cada um, entre frutos, anniversarios, e pé de altar, noventa mil réis. Ha mais tres capellanias: uma que instituiu João da Fonseca com obrigação de missa quotidiana, e de rezar no coro: outra que ordenou Maria de Alcaçova, mulher de Antão da Fonseca: outra de Francisco de Matos, que todas pelo seu tenue rendimento se não satisfazem, e vão para os legados não cumpridos. Houve aqui tambem outra capella, que instituiu o bispo do Algarve João Soares Alão no anno de 1308, de que se lembra o author da Monarquia Lusitana, liv. 18. c. 30. Ha mais na igreja duas confrarias, uma das Almas com a protecção

(1) Cunha Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 7. (2) Ibid. cap. 69. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 54. (3) Santuar. Marian. tom. 7. p. 136.

de S. Miguel: outra de Santo Antonio dos pobres, além da do Santissimo Sacramento.

Não lhe resultou a esta igreja pequeno prejuizo com o terremoto, e incendio memoravel: porque um lhe derruhou o tecto, e frontaria: e outro lhe destruiu as melhores tres capellas, que tinha: devorou a maior parte da sua prata, e dos seus ornamentos, e tirou a vida a quarenta e cinco pessoas d'esta paroquia; salvando-se todavia sem lesão alguma os ornatos, e mais fabrica pertencentes á milagrosa imagem da Senhora da Graça. Vendo-se n'este desamparo, e consternação o paroco d'esta igreja, como os seus freguezes se tinham hido abarracar em maior numero para o Campo de Santa Clara, quinta do Alcaide Fidalgo, Cardal, e Cruz dos quatro caminhos, determinou erigir uma barraca decente, posto que pobre, no Cardal da Graça, aonde existiu, sem faltar á administração dos Sacramentos.

Ha no seu districto os templos seguintes:

Convento — Santo Eloy. De conegos seculares de S. João Evangelista. Foi fundado pelo bispo D. Domingos Jardo no anno de 1286 com o titulo de Hospital de S. Paulo. Por morte do bispo ficou seu sobrinho Affonso Annes com o governo do dito hospital, e com o titulo de provedor; até que indo em decadencia a sua administração, recorrendo ao Papa Eugenio IV, o infante D. Pedro, que governava este reino pela minoridade de D. Affonso V, o deu a esta nobilissima congregação, do qual tomou posse D. Affonso Nogueira em 21 de abril de 1442. Foram os conegos d'esta veneravel congregação os que instituiram a primeira irmandade do Santissimo Sacramento, que houve em Lisboa. (1)

Com o grande, e insolito abalo do terremoto, padeceu esta igreja notavel destroço. Cahiram-lhe immediatamente as duas torres, uma chamada a torre velha, onde estavam os sinos, e relogio; e a outra chamada a torre nova, que ainda não tinha sinos, e existia por cima da porta da igreja. Logo lhe cahiu o tecto, e as suas paredes até as cimalhas das capellas, ficando os dous arcos da capella mór, e do coro em pé. Ao mesmo tempo cahiu tambem o tecto da sacristia, e uma parede, que ficava para a banda do pateo, e corria igual com a parede fronteira da capella mór, que toda se abateu.

N'este estrago conjectura-se, que acabaram a vida mais de noventa pessoas: e da communidade pereceram o reitor, e vice-reitor, o procurador geral, mais dous padres, um corista, e um leigo.

O convento só teve de ruina com o terremoto, cahir metade da parede do fronstispicio para a parte do Limoeiro: o mais resistiu firme; porém sobrevindo o fogo, ardeu todo o dormitorio, e livraria, que estava nas varandas do claustro; ficando todavia illesas do incendio a casa do cartorio, que tambem estava no mesmo claustro, e a igreja, e a sa-

(1) Santa Maria no Ceu Aberto na Terra liv. 1. p. 299. e liv. II. p. 437. Santuar. Mariano. tom. I p. 188.

cristia: mas não se poderam livrar da actividade das chammas os celeiros, adegas, refeitorio, e botica, que estavam por baixo do dormitorio.

Resolveram os padres n'este desamparo, hirem no mesmo dia buscar o abrigo de outro seu convento, que tem em o sitio de Xabregas junto á marinha; e passado algum tempo, o novo reitor, que elegeram, chamado Joseph da Cruz Ortigão, mandou fazer no claustro d'este convento arruinado uma barraca por modo de hospicio, e no andar de cima nove cellas. Fez mais uma capellinha com um só altar para se dizer Missa, e outras accommodações, e officinas, em que actualmente assiste com dous padres, e tres leigos.

Seminario—Santa Catharina. De collegiaes seculares, estabelecido pelo cardeal D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa. Eram governados por um reitor jesuita, e vice-reitor clerigo secular, que os acompanhava ao collegio de Santo Antão, onde hiam aprender as faculdades, que alli se ensinavam Tambem padeceu muito com o terremoto, e incendio, ficando em deploravel estado.

Constava esta freguezia antes do terremoto de cento e quarenta fogos, e de quinhentas pessoas: presentemente acha-se com cincoenta e um fogos, e cento e setenta pessoas: porque se arruinaram, e destruiram com o fogo mais de noventa e sete moradas de casas. As ruas estão quasi desertas, e são as seguintes:

Ruas—Amargura, Chão da Feira, Jerusalem, Lage, Passadiço, Portas de Alfofa, Seminario, Torre, Travessa do Chão da Feira.

Freguezias confinantes—Santa Cruz do Castello, S. Mamede, Santa Maria, Santiago.

V—*Santa Catharina*

Foi fundada esta igreja na eminencia de um monte, chamado antigamente do Pico, ou Belver, em 27 de maio de 1557 pela devoção de elrei D. João III, e da rainha D. Catharina sua mulher, intervindo o padre fr. Miguel de Valença da Ordem de S. Jeronymo. Deu a rainha para a sua fabrica a maior parte do gasto, e a dotou de muitos, e preciosos ornamentos. (1) Depois a instancias da mesma rainha foi erecta em paroquia com beneplacito do cabido da Sé metropolitana por escritura feita em 9 de outubro de 1559, desmembrando-se do territorio, que pertencia á paroquia dos Martyres, e começou a exercer as suas regalias desde o primeiro de janeiro de 1560. (2)

Assim a foi possuindo a dita rainha no seu real padroado, conservando porém sempre na sua administração a confraria antiga dos livreiros, (por serem ministros da sabedoria, de que esta Santa é protectora) os quaes se tinham mudado para esta nova igreja, da ermida de Santa Catharina de Ribamar, onde tiveram o seu primeiro estabelecimento,

(1) Brand. Monarq. Lusit liv. 18. cap. 46. Cardoso Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 715.
(2) Bayão Portug. Cuidad. liv. 1. cap. 20. Fr Apollin. Demonstraç. Histor. pag. 212.

desde o anno de 1460: até que a supplicas do livreiro da casa real, fez a rainha mercê do padroado ao dito officio, incorporado em irmandade no anno de 1567, com a obrigação de servir sempre de juiz um fidalgo da primeira grandeza, como até o presente se observa.

O paroco tem predicamento de cura, que a mesa da sobredita irmandade, como donataria, provê annualmente, e tambem tres coadjutores, e um thesoureiro, que são os ministros d'esta igreja, aos quaes confirma o prelado d'esta diocese. Ao cura renderá a paroquia seiscentos mil réis, só do que se chama pé de altar, porque não tem dizimos, e cada um dos coadjutores cento e sessenta mil réis, e o mesmo ao thesoureiro.

Tem esta igreja cinco irmandades, a do Santissimo, a das Almas, Santa Catharina, S. Joseph, S. Sebastião. Conta dezanove capellas, a saber: quatro da irmandade do Santissimo, das quaes uma é de sessenta mil réis, e as tres de cincoenta: dez da irmandade das Almas, todas de quarenta e oito mil réis: uma no altar de Nossa Senhora da Nazareth com sua confraria, e capellão com cincoenta mil réis: uma no altar do Santo Christo de esmola quotidiana de cento e vinte réis, a qual administra Bernardo de Almada, provedor da casa da India: duas que administra a irmandade da Congregação da Doutrina, e cada uma de cem mil réis, mas com obrigação de acompanhar o Santissimo; e uma que administra a irmandade de Santa Catharina com a congrua de cincoenta mil réis.

Experimentou esta paroquia bastante ruina com o terremoto: pois não só destruiu o seu impulso a igreja paroquial, e a dos religiosos de Jesus da Ordem Terceira, mas os palacios do conde de S. Lourenço, da condessa do Rio grande, de D. Joseph de Lancastro, de D. Joseph de Menezes, de D. Antonio Alvares da Cunha, e mais duzentas e quarenta e nove propriedades de casas de varios senhorios, e moradores: das quaes vinte e duas totalmente consumiu o incendio subsequentemente no terremoto.

N'este doloroso estado passou logo o paroco a estabelecer a freguezia na ermida do Espirito Santo do Recolhimento dos Cardaes: e porque esta não tinha commodidade opportuna para se recolherem n'ella as insignias da irmandade do Santissimo, foi abrigar-se tambem na barraca dos religiosos Terceiros, d'onde sahia o Santissimo por Viatico aos enfermos; conservando juntamente na dita ermida o Sacramento para as communhões quotidianas dos freguezes, e mais povo. Aqui permanecen até 23 de novembro de 1757, em cujo dia se transferiu para a antiga igreja paroquial, que se acha sufficientemente reedificada, e onde se fez em acção de graças um triduo festivo com toda a solemnidade.

No seu districto existem os conventos seguintes:

Conventos—Nossa Senhora de Jesus. De religiosos da Terceira Or-

dem de S. Francisco. Teve origem em uma ermida, em que habitava um ermitão no sitio dos Cardaes, e d'ella tomaram posse os religiosos no anno de 1595, onde fizeram hospicio. Depois no anno de 1615 a 30 de Julho se lançou a primeira pedra no edificio novo, em que se disse a primeira missa a 24 de fevereiro de 1623. (1) É templo grandioso com espaçosa área. Fabricou-lhe a capella mór o arcebispo de Lisboa D. João Manuel no anno de 1633, por cujo principio ficaram sendo padroeiros d'ella os condes de Atalaya, hoje marquezes de Tancos. A capella dos Terceiros seculares é attendivel: fórma quasi uma igreja separada com sete altares perfeitamente adornados.

Todo este sagrado templo ficou sujeito á lastimosa ruina, que lhe occasionaram os violentos impulsos do terremoto. Cahiu primeiramente a parede do oculo, que ficava ao Norte por cima da capella mór, e arruinando o seu tecto, que era de cantaria almofadada, despedaçou não só todo o retabulo de talha dourada, e todo o altar mór, mas a preciosa capella do Santissimo, que lhe ficava contigua. Os arcos de pedra, que sustentavam o tecto da igreja, e dividiam o cruzeiro, e o coro, se desfizeram, e levaram comsigo parte do ornato do mesmo coro, e offenderam outras partes da igreja, acabando de se arruinar tudo em a noite de 20 de janeiro de 1756, em que cahiu o tecto da igreja, e se perdeu o coro, que conforme os arquitectos de bom gosto, era o mais formoso, e regular, que havia na corte.

Arruinou-se tambem a casa do refeitorio magnifica, o dormitorio da parte do Sul, e o do Cardal, que fica ao Norte: o lanço do claustro immediato á igreja, e a enfermaria com as suas officinas. As sagradas imagens, que se veneravam n'este templo, e com elle participaram dos seus destroços, acham-se todavia pela maior parte já remediadas, e expostas á publica veneração por diligencia de varios devotos. Dentro da igreja morreram vinte e uma pessoas, a saber: dous homens, e dezanove mulheres. Dos religiosos foi só o P. prégador fr. Manuel da Madre de Deus com oitenta e cinco annos de idade, e sessenta e dous de professo, o que pereceu dentro do convento, porque nos estragos da rua Nova ficou sepultado fr. Manuel de S. Jeronymo Farto, commissario da corte.

Vendo-se os religiosos em tanta oppressão, e desarranjo, foram refugiar-se na capella de S. Francisco, que está na sua cerca, onde no dia seguinte 2 de novembro celebraram, e officiaram, transferindo para a dita capella o divinissimo Sacramento, que ficou sem perigo algum no seu sacrario. N'este lugar se conservaram muitos religiosos em corpo de communidade, reparados com pobre abrigo das inclemencias do tempo.

(1) Assim o refere Fr. Apollinar. da Conceição no Claustro Franciscan. pag. 66; porém Jorge Cardoso no Agiolog. tom. 1. pag. 87. diz, que os religiosos tomaram posse a 4 de Outubro de 1599 a quem segue D. Luiz de Lima na Geogr. Histor. tom. II. p. 131, e o Author do Santuar. Marian tom. 1. p. 308, e tom. 7. p. 109.

D'aqui sahiam a administrar os sacramentos aos moribundos, e a buscar os mortos para lhes dar decente sepultura. D'aqui soccoriam as necessidades do proximo, exercitando compassivos muitos actos de caridade com o attenuado povo, que em turbas se havia acolhido áquelle lugar.

Continuava o descommodo, e apertava o rigor do tempo; e assim foi preciso ao P. commissario visitador, e provincial mandar levantar, entre outras, uma decente barraca, onde se principiaram a celebrar os officios divinos com solemnidade, canto, e orgão na vespera da Natividade de Christo de 1755, e se continuaram até que novamente se restituiram á igreja, que se acha nobremente reedificada. Muito deve a communidade ao zelo dos RR. PP. fr. Manuel da Conceição Poiares, ex-definidor, e ministro local da casa, e ao commissario provincial, e visitador; porque um mandando desentulhar a igreja, e resgatar dos estragos das ruinas muitas excellentes pinturas, e thastes estimaveis, por não perecerem de todo; e o outro mandando restaurar varias porções do convento, o tem feito capaz, quanto é possivel, de habitarem n'elle os religiosos.

A grandiosa capella dos Terceiros, cujo tecto era de abobada, cahiu ao primeiro tremor, mas a tempo que todos os que estavam dentro haviam fugido para o pateo do Hospital, de sorte que não perigou ninguem: despedaçando a abobada o que continha a capella, e ficando tambem destruida a casa do despacho: porem tudo se acha restaurado excellentemente pelo zelo, e dispendio dos irmãos Terceiros.

Santissimo Sacramento.— De Religiosos Paulistas da Congregação da Serra de Ossa. Deve este convento a sua erecção ao grande zelo do P. M. Jubilado fr. Diogo da Ponte, que com o patrocinio delrei D. João IV lhe deu principio no anno de 1647 com uma grandezá, e magnificencia notavel. Com o terremoto participou de alguinas ruinas; porque cahiram as pyramides das duas torres, e varanda; abriu a abobada da igreja pelo meio quasi um palmo; cahiram até o meio as paredes das ultimas duas celias, que olham para o norte, e occidente, e padeceram sem destroço as paredes do novo dormitorio; porem não chegou o infortunio a tirar a vida neste lugar, mais que a uma mulher, que morreu da ferida de uma pedra, que lhe cahiu estando dentro do cruzeiro.

Obrigou esta fatalidade aos religiosos irem aquartelar-se na cerca em barracas, que a prompta providencia dos prelados mandou fazer, e com especialidade uma para se celebrarem nella os officios divinos, em quanto a igreja se não punha expedita: nesta diligencia se trabalhou com efficacia. O templo ficou com a vantagem de melhorar no esplendor, desafogo, e claridade: porque sobre as paredes antigas da igreja se accrescentaram na altura mais seis palmos, para se plantar sobre ellas vigamento, e formar o tecto de estuque. O convento porem se acha inteiramente não só reparado, mas habitado, e abastecido com o grande re-

forço de grossas linhas de ferro, que se introduziram por entre as paredes quasi em todas as cellas, e dormitorios.

Recolhimentos—Nossa Senhora do Carmo. É administrado pelo conde de S. Lourenço. Teve grande ruina, e as recolhidas foram quasi todas para o palacio, que foi do conde de Sabugosa na visinhança de Santo Amaro, o qual hoje possue o dito conde de S. Lourenço.

Espirito Santo—Foi fundado no anno de 1671 por D. Maria Borges, mulher nobre, para nelle viverem retiradas do mundo algumas mulheres graves. Desde o anno de 1680, que o administram os religiosos de Jesus da Terceira Ordem de S. Francisco. Padeceu pequena ruina com o terremoto, e a que teve, se acha recuperada.

Constava esta paroquia antes do terremoto de mil oitocentos e setenta e quatro fogos, pessoas de communhão oito mil duzentas e cincoenta e cinco. Acha-se presentemente com mil quatrocentos e sessenta e cinco fogos: e oito mil e vinte pessoas de communhão, e cento e quarenta menores, distribuidas pelas seguintes ruas, a maior parte desertas.

Ruas—Adro da Igreja, Almada, Arrochela, Bica grande, e pequena, Cabral, Caldeira, Calçada do Combro, Cardaes, Casas calidas, Conde, Convertidas, Cruz de pão, Direita, Era, Esperança, Ferreiros. Frontaria de S. Bento, Gaivotas, Igreja, João Braz, Lambaz, Marcos Marreiros, Parreiras, Paz, Peaes de S. Bento, Pedro Dias, Portugueza, rua Nova de S. Bento, Secretario, Sol, Terreirinho da Cruz, Valle, Valle das Chagas.

Becos, e travessas—Arcipreste, Carrasco, Benedicto, Bento da Silva, Esfolabodes, Judeu, Larangeiro, Marçal, Pascoa, Queimada, Rosa, Rua fresca, Siqueira.

Freguezias confinantes—Encarnação, Santa Isabel, Mercês, S. Paulo, Sanlos.

VI—*Chagas de Jesus*

Sem embargo de não ter esta freguezia territorio determinado, por ser sómente propria para os homens maritimos da carreira da India, e mais conquistas: com tudo como tem pia bautismal, e goza das regalias paroquiaes, a inclumos em o numero das freguezias da cidade.

Teve o seu principio de uma Irmandade das Chagas, que no convento da Santissima Trindade d'esta corte instituira fr. Diogo de Lisboa, ministro do mesmo convento; e por discordia, que houve entre a irmandade, e os religiosos, se separou d'elles, pedindo licença ao pontifice Paulo III para erigirem á sua custa uma igreja, que tivesse todas as insignias de paroquia, e faculdade para nomearem capellão, e ter um hospital, em que se curassem os feridos, e enfermos das armadas: allegando para isso os serviços, que os da dita irmandade, como homens navegantes, tinham feito á igreja nas armadas contra os infieis.

Concedeu-lhes benignamente Paulo III o que pediam, e pondo elles em execução a faculdade pontificia, deram ordem a fabricar a igreja no alto de um dos montes d'esta cidade para a parte do occidente, onde se disse a primeira missa em dia de Santo André do anno de 1542. O mesmo pontifice a annexou á igreja lateranense de Roma com varios privilegios, que Urbano VIII confirmou em 23 de outubro de 1623, depois de varias duvidas, que a irmandade teve com o Ordinario: sendo que a Bulla do Papa declara, que no que toca á isenção do Ordinario quer se guarde a forma do Concilio Tridentino, e em quanto ao Cura administrar os Sacramentos aos individuos d'esta irmandade, devia ser primeiramente approvado pelo prelado diocesano. (1)

É a dita irmandade padroeira, e administradora de todos os bens pertencentes a esta igreja, na qual tem cura, um thesoureiro, e tres capellães, cujo rendimento é incerto; pois se extrahe de todos os que embarcam nas náos de elrei, que fazem viagem para a India, e Brasil; e tambem das esmolas, que dão aos fieis á milagrosa Imagem da Senhora com o titulo da Piedade, que se venerava em um altar por debaixo da capella mór. (2)

Ficou esta igreja não só arruinada com o terremoto, mas destruida totalmente com o fogo, que pelas duas horas da tarde d'aquelle fatal dia do primeiro de novembro a devorou: nella perderam a vida tres mulheres, e um religioso xabregano, e ficaram outras algumas pessoas estropeadas. Perdeu a igreja os seus ornamentos, e a maior parte da sua prata; e nas ruinas da capella mór ficaram as sagradas pyxides, com o Sacramento, posto que dentro do sacrario, e as venerandas imagens da Senhora da Piedade, do Senhor morto, de S. João Evangelista, e Santa Maria Magdalena, que todas escaparam do incendio.

Socegado d'aquelle susto por alguns dias, recorreu o cuidadoso paroco d'esta igreja á diligencia de extrahir d'aquella miseravel ruina ao divinissimo Sacramento, o qual achando-se intacto, e as demais imagens da capella mór, foram conduzidas para o oratorio da quinta de Bento Gonçalves Forte, chamada a quinta nova a sete ilios, onde estiveram até 20 de junho de 1756, em que disposta, e erecta uma nova ermida de madeira, e frontal em o sitio dos Cardaes na Cotovia, se estabeleceo alli a paroquia, onde presentemente se acha, não se tendo feito mais reparo na antiga, que desentulhar-se, e demolir-se algumas paredes, que ameaçavam eminente ruina.

VII — *S. Christovão*

D'esta paroquia não darei noticia alguma, porque para eu publicar

(1) Fr. João Figueira Carpi in Chr. Ord. Sanct. Trinit. ad ann. 1193, e Fr. Pedro de Altuna in Chron. p. I. l. 2. p. 210., dizem, que o Conservador Apostolico desta graça são os Bispos do Algarve. (2) Fr. Agostinho de Santa Maria no Santuario Mariano t. I. p. 324.

o verdadeiro, e historico summario de todas as freguezias d'esta corte, segundo o actual estado, em que se achavam antes do terremoto, me vali de ordem superior para os reverendos parocos me participarem as informações veridicas, e competentes, o que elles executaram com acerto, e pontualidade.

Porem sendo repetidas as diligencias, que se fizeram, para que o R. Doutor Joaquim Salter de Mendoça, prior d'esta igreja, me communicasse as noticias da dita paroquia, se achou sempre nelle uma tal repugnancia, que me resolvi procural-o em 11 de maio de 1755, dizendo-lhe, que a impressão d'este tomo tinha chegado aos termos de parar por falta das noticias supplicadas. A isto me respondeu severo (sem mais informação da minha empreza) que não as dava, por quanto semilhantes obras eram inuteis, pois nellas se comettiam muitos erros, por não serem escritas, e authenticadas com documentos originaes.

D'esta sua reposta discreta, e prudente só terei o desengano, e a republica literaria póde ter bem fundada expectação, de que o mesmo R. Prior a illustrará com as memorias historicas da mencionada freguezia, as quaes só elle poderá compor com aquelle acerto, e formalidade, que se admira nas suas sentenças, e acordãos, por ser um ministro muito especialissimo da curia patriarcal, e ser a sua inteireza unicamente comparada, com a urbanissima attenção, e exacta pontualidade com que ouve as partes, e despacha os pretendentes.

VIII—*Nossa Senhora da Conceição*

Teve origem esta paroquia em tempo do Cardeal Arcebispo D. Henrique, o qual em 16 de janeiro de 1568 a erigiu, e incorporou na igreja da Real Collegiada da Conceição dos Freires da Ordem de Christo, tirando o computo dos seus fogos parte da freguezia de S. Julião, e parte da Magdalena. Alli se conservou até o anno de 1682, no qual por controversias, que houve entre o cura, e os beneficiados da Collegiada, por decreto de elrei D. Pedro II, e pastoral do arcebispo D. Luiz, se mudou para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, sita na Caldeiraria, freguezia de S. Nicolão, onde permaneceu até o anno de 1699.

Havia-se dado principio na rua Nova, chamada dos Ferros, a uma sumptuosa igreja desde 15 de junho de 1698 com o titulo de Nossa Senhora da Conceição, e com tanta diligencia, e fervor se trabalhou na fabrica, que logo no seguinte anno de 1699 se disse nella a primeira missa a 23 de agosto. Ordenou então o cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa, que para ella se transferisse o Santissimo Sacramento da ermida de Nossa Senhora da Victoria, onde estava. Assim se fez com uma solemnissima procissão em 13 de Setembro de 1699, levando o mesmo cardeal arcebispo a sagrada custodia com o Santissimo, acompanhando-o os conegos da cathedral, e todo o clero da cidade.

Estabelecida a paroquia em a nova igreja, se acabou esta de concluir, e aperfeiçoar no anno de 1730. O paroco até o anno de 1754 teve o predicamento de cura amovivel; porem o eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida, conferindo a dita igreja como prelado donatario em o seu gentil homem ecclesiastico Braz Joseph Rebello Leite, o collou com o titulo de Reitor, e lhe rende trezentos e cincoenta mil réis. Ao cura com a sua capella, e mais benesses, renderá cento e quarenta mil reis. Tem um thesoureiro, que apresenta a mesa do Santissimo, sem recorrer ao prelado, e leva a terça parte das offertas por costume assim introduzido.

Ha nesta igreja doze capellães com obrigação de coro, cujas capellas se levam por concurso, e são providos nellas, os que tem melhor voz, e sciencia de cantochão. Administra estas capellas a mesa do Santissimo, que dá a cada capellão oitenta mil réis, excepto um, que tem cem. Ha mais um ajudante do coro com trinta mil réis, e benesses da igreja. A irmandade do Santissimo tem nove capellães com diversa congrua: porque quatro tem sessenta mil réis cada um, tres recebe cada um cincoenta mil réis; um cincoenta e cinco, e outro trinta mil réis, e meio annual de missas de esmola de cento e cincoenta réis cada uma. A irmandade das Almas tem quinze capellães com cincoenta mil réis cada um. Tem mais tres irmandades, uma de Santa Anna, outra de Nossa Senhora do Rosario erecta no anno de 1715, com um capellão de oitenta mil réis, (1) e outra de Nossa Senhora Mãi dos Homens com seu capellão de sessenta mil réis.

Neste estado se conservava esta paroquia, quando succedendo o grande terremoto, o coro se abateu, e a frontaria da igreja algum tanto se abriu pelo meio de entre as duas torres, ficando tudo o mais em pé, com a perda porem de setenta e seis pessoas, que alli morreram. Havia o cura Joseph Frazão pouco antes sahido com o Santissimo debaixo do pallio, como é costume, para dar o sagrado Viatico a um enfermo, que habitava na rua da Tinturaria, e supportando com grande susto a violencia d'aquelle fatal fenomeno, vendo-se exposto ao urgente risco da vida no meio de ruas estreitas, cujos edificios ameaçavam manifestas ruinas com os amiudados tremores da terra, não podendo voltar para a sua igreja com o receio do perigo, se conduziu como poude para o terreiro do paço.

Alli mal accommodado, mas com a assistencia de vinte e cinco irmãos do Santissimo, que sempre o acompanharam zelosos, sacramentou mais de quatrocentas pessoas, que já em turbas desordenadas, e em tristes clamores tinham vindo buscar o desafogo d'aquella praça para evitar os estragos, em que viam perecer os amigos o os parentes. Informado porem, que sobre a primeira afflicção padeciam os moradores a violencia do fogo, que já sem haver quem o atalhasse, hia abrazando

(1) Vid. Liverzani Thesaur. Resol. sacr. Congreg. Concil. tom. I. pag. 400.

toda a freguezia, determinou procurar o abrigo da igreja dos Conegos Seculares de S. João Evangelista, chamada vulgarmente o Beato Antonio, que fica na distancia de meia legua pela marinha acima, onde com o Senhor sacramentado se recolheu, seriam quasi dez horas da noite, levando apoz si uma grande multidão de homens, mulheres, e meninos, em maior numero de tres mil almas, que, como gente arrancada de suas casas, e despedaçada dos seus beus, com vozes, e lagrimas hiam lamentando a sua perda, mas sempre louvando, e seguindo aquelle supremo Senhor, e Omnipotente, que sem resistencia pode fundar, e desfazer os reinos, e as cidades, esperando só nelle o remedio de tanto desarranjo.

Passados dez dias, ordenou o arcebispo vigario geral, que visto ficar livre de ruina a ermida de Santa Rosa de Lima, contigua ao palacio do Senhor de Murça Luiz Guedes de Miranda, situada ás Fontainhas, se transferisse para ella a freguezia, onde esteve até 4 de abril de 1756, em cujo dia passou a estabelecer-se no terreiro do Paço em uma barraca do frontal, que consta de tres altares, com a porta para o nascente: e aqui actualmente existe com o descommodo, que a estreiteza da habitação occasiona, e a sua indigencia permitte; tendo só a consolação de livrar do incendio os livros dos bautizados, recebimentos, confissão, e defuntos, com os mais, que pertenciam a esta freguezia, excepto o dos bautizados, que corriam desde março de 1754 até o dia do terremoto, que se queimaram na sacristia.

Não seria prodigio, mas pareceo mais que pura casualidade, o que agora referimos. Observou-se, que ficando totalmente destruidas no ambito d'esta paroquia as mais propriedades, só escapassem á vehemencia do terremoto, e voracidade das chammas aquellas casas da Tinturaria, onde, como temos dito, se havia recolhido o Santissimo Sacramento ao primeiro estremecimento da terra: as quaes desamparadas de seus inquilinos, a Providencia as defendeu de sorte no meio de tanto incendio, que até umas innocentes aves, ficando alli reclusas, e solitarias pelo espaço de cinco dias, testemunhando tão lastimoso espectaculo, se salvaram depois illezas com admiração universal.

Dentro do destricto d'esta paroquia existe a seguinte

Collegiada — Nossa Senhora da Conceição. Dos Freires da Ordem de Christo. A primeira fabrica da igreja tinha sido synagoga dos judeos, aos quaes em certos dias da semana lhes hia prégar o veneravel fr. Miguel de Contreras religioso trinitario. Depois elrei D. Manoel a mandou purificar, e consagrar em templo, mudando para aqui os freires da Ordem de Christo, em troco da ermida de Nossa Senhora do Restello, que era da dita Ordem, em o sitio de Belem, onde o mesmo rei havia fundado o sumptuosissimo convento, que alli se vê. (1) Dotou esta igreja o mesmo rei com rendas para sua subsistencia. Deu-lhe Regimento em

(1) Goes Chron. delrei D. Manoel part. 4. cap. 85. Santuar. Marian. tom. 1. p. 120. Sa Memor. Histor. part. 2. num. 358.

29 de janeiro de 1504, que approvou Julio II, eximindo-a, e ás pessoas d'ella do poder dos Ordinarios, sujeitando-os pleno jure a elrei, como administrador da Ordem de Christo.

Foram os ministros d'esta igreja accrescentados em diversos tempos, e ultimamente pelo senhor rei D. João V por consulta da Mesa da Consciencia em 28 de maio de 1733, na qual se manda dar ao vigario cento e sessenta mil réis, e moio e meio de trigo, ao thesoureiro oitenta mil réis, e meio moio de trigo; a cada beneficiado cento e seis mil réis, e um moio de trigo, aos moços do coro vinte e cinco mil réis a cada um, e alem d'estes ordenados repartem entre si outras certas distribuições. Supposto não padecer muito este templo com o terremoto, com tudo o incendio o abrazou de fórma, que d'elle se não vê mais que o esqueleto com toda a pedraria estalada, sendo que a torre não cahiu, nem desmentiu da nivelação. Elrei no sitio da capella mór mandou erigir uma barraca para os freires rezarem, e o corpo da igreja se mandou demolir por causa do novo plano regular da cidade.

Numerava esta freguezia antes do terremoto oitocentos e cincoenta fogos, e tres mil e quatrocentas pessoas. Presentemente se acha com oitenta e quatro fogos, e quatrocentas e trinta e oito almas. Os doze capellães cantores se reduziram a cinco. Os oito da irmandade do Santissimo se recopilaram a quatro, e os quinze da irmandade das Almas a dous. Aquellas ruas, e travessas, por onde se distribuiam os moradores, estão hoje tão confusas, e alteradas, que não se distinguem nellas mais que montes de pedras, e de caliça. Eram ellas as seguintes.

Ruas—Adro da Conceição, Corrieiria em parte, Gibitaria, S. João, Largo dos Carmelitas, Largo do poço da Fotea, Latoeiros, Mataporcos, Mercadores, Pateo da Rosa, Rua nova em parte, Tinturaria.

Becos, e Travessas—Chamiça, Coveiro, Feijão, Lavacabeças, Mena, Ourinol, Pasteleiro, Sardinha, Seguros, Tintes, Travessa da Conceição, e da Corrieiria,

Freguezias confinantes — S. Julião, Santa Maria Magdalena, S. Nicolão.

IX — *Santa Cruz do Castello*

É provavel, que o inclito, e santo rei D. Affonso Henriques fundasse esta igreja, logo depois que tomou Lisboa aos mouros. D'ella se faz menção naquella escritura do bispo D. Alvaro, que referimos acima na paroquia de S. Bartholomeu, em cuja antiguidade tambem esta deve coincidir. Tem o paroco predicamento de prior, que apresenta por concurso o prelado, e rende seiscentos e quarenta mil réis. Consta de cinco beneficios, que dá o papa, e rende cada um cento e setenta mil réis. Um d'elles tem dous aprestimos, ou pensões, com as quaes chega a render duzentos e setenta mil réis. Apresentam nesta igreja o visconde de Villa Nova da Cerveira, e o conde de Villa Nova, duas capellas,

cada uma de quarenta mil réis. A confraria das Almas tem só dous capellães, com cincoenta mil réis cada um.

Pelo terremoto se arruinou a igreja, mas o paroco teve a providencia de mandar fazer no mesmo adro uma ermida de madeira, com todos os commodos necessarios a uma freguezia, onde assiste ainda exercendo as obrigações paroquiaes. Os edificios de todo este elevado terreno padeceram tambem grandissima derrota: mais de quarenta e seis moradas de casas se arruinaram, e entre ellas o thesouro da tapeçaria, e roupas, as casas do conde de Santiago, o paço real, que hoje era dos alcaides móres de Lisboa, a Torre do Tombo, os quarteis dos quatro regimentos de infantaria da guarnição da corte, as torres chamadas de Ulysses, e algumas porções de muralhas, com as casas dos tenentes do Castello, que estas se acabaram de consumir com o fogo, perecendo lastimosamente nesta paroquia cincoenta e cinco pessoas.

Acham-se presentemente já reedificadas muitas moradas de casas de varios moradores, e supposto que os regimentos dos soldados, que neste castello se aquartelavam, passaram para varios sitios da cidade, onde se acham abarracados, ainda nos quarteis destruidos se accomodam mais de trezentos homens. Contém esta paroquia dentro do seu destricto.

Hospital—Nossa Senhora da Conceição. De Religiosos Hospitalarios de S. João de Deus. Foi fundado no anno de 1673, governando elrei D. Pedro II como principe regente. Curavam-se aqui os soldados enfermos, e os religiosos lhe assistiam com toda a caridade. Com o terremoto, e incendio geral se destruio tudo, e os religiosos passaram para o seu convento de S. João de Deus á Pampulha.

Recolhimento—Nossa Senhora da Encarnação. Para amparo, e abrigo de algumas orfans nobres, e pessoas honradas erigiram alguns religiosos, e homens de negocio desta corte um recolhimento, que sustentavam. Vendo elrei D. João III o bom fim, a que se dirigia acção tão pia, tomou este recolhimento debaixo da sua protecção no anno de 1543, dotando-o com rendas certas, e annuaes para sustentação de vinte e uma orfans honradas, filhas de ministros, e ainda fidalgas, cujos pais houvessem fallecido em serviço da coroa: ordenando, que de tres em tres annos se enviassem para a India, e Brasil algumas das ditas orfans com carta para os vice-reis, e governadores as casarem com a decencia possivel, preferindo-as nos provimentos de officios para seus dotes, e tiveram na India tanta estimação estas orfans, que uma chamada D. Maria foi rainha da Maldiva, porque o rei d'aquellas ilhas casou com ella em Goa no anno de 1548, (1) e soube ella muito bem reconhecer a criação, que teve no recolhimento, pois mandou para a igreja d'elle um frontal, e uma casulla, que para memoria ainda se conservava no anno de 1731.

(1) Santa Maria no Ceo aberto liv. 1. cap. 28. pag. 10. 15 e 1019.

A primeira habitação das orfans foi junto ao hospital real em umas casas contiguas á roda, ou beco dos engeitados, na Bitesga, e por occasião de um contagio, que houve na corte, as mandou mudar d'aquelle sitio elrei D. Sebastião para umas casas junto do Castello. O bom trato, recolhimento, e honra, com que viviam estas orfans, lhes fez adquirir tal nome, que muitas donzellas, e ainda vinvas, com as qualidades do Estatuto, procuravam recolher-se como porcionistas neste recolhimento; e assim cresceu tanto o numero, que já não cabiam, por cuja causa no anno de 1583 passaram para as casas do duque de Aveiro, que eram onde se fez o hospital dos soldados. No tempo de elrei D. João IV passaram para as casas, em que estavam antes do terremoto, e tinham sido de D. Fradique Manoel, e a superioridade do tal recolhimento, que tinha sua igreja com sacrario, e capellão, é da administração da Mesa da Consciencia. Desfez tudo o terremoto, e o incendio: passaram as recolhidas para diversas partes até se repararem as ruinas, e poderem restituir-se ao antigo domicilio.

Ermidas—O Espirito Santo. Dizem, que esta ermida fora fundada em tempo de elrei D. Manoel, pelos navegantes da carreira da India, logo nos principios do seu descubrimento. Tambem se arruinou com o terremoto.

S. Miguel. Vulgarmente chamada a ermida de Santa Barbara. (1) Padeceu a mesma ruina.

D'entro do castello, e limites d'esta freguezia existia o archivo real, ou cartorio de todo o reino, chamado Torre do Tombo, onde se conservam, e guardam as doações, leis, privilegios, e tudo, que costumam os reis mandar passar pela chancellaria do reino, para memoria dos vindouros. Do prologo do livro 8. da Estremadura, que está no mesmo archivo, mandado fazer por elrei D. Manuel, consta que os senhores reis seus antecessores haviam já constituido este cartorio em uma das torres de Lisboa, conforme se infere das palavras seguintes: «Por tanto hordenarom nossos antecessores neesta nossa muy nobre, e sempre leal cidade de Lisboa uma torre, em que para sempre esteveesse ho tombo, e a memoria de todas estas cousas, a qual assi hordenada, e sabida, foi avida por causa de tanta estima, e prudencia, nom soomente em nossos regnos, mas em outras partes, que alguns reis, duques, marquezes, condes, e prelados dos regnos de Castella, e de França, e de outros senhorios, mandarom poer na dita torre em guarda, e fieldade seus testamentos, escaynhos, permudações, e outros contrautos, e assi escrituras outras que memorias de suas cousas contem, etc.»

Porém elrei D. João III devia mandar fazer no anno de 1540 a casa n'este castello de S. Jorge, para se collocar o cartorio com melhor disposição, porque assim o dava a entender a inscrição latina, que estava sobre a porta, pela qual se entrava para a primeira casa dos ar-

(1) Vide o nosso Mappa de Portug. Tom 2. part. 3. pag. 230.

marios, tudo da primeira casa da torre, onde se escrevia, e dizia assim:

Sempiternæ memoriæ sacrum

Joannes III Rex Portugalliæ, et Algarbiorum, Mauritanicus, Lybicus, Æthiopicus, Arabicus Persicus, Indicus, cujus celsi animi virtus, pia mentis religio, summa prudentia, ac mirabilis, Divini cultus observantia, inter omnes ætatis suæ Principes summa cum laude incredibilis pacis arte floruere, Bibliothecam hanc in communem Reipublicæ utilitatem, ac perpetuum maiorum suorum Regum, æternique nominis sui monumentum fieri, ordinarique curavit. Ann. Domini MDXXXX ætatis suæ XXX VIII et Regni XVIII.

Regnante Petro II D. Antonio Alvares da Cunha Regii Archivi Custode Maximo, et Petro Semmedo Estaço ipsiusmet Archivi à secretis hæc inscriptio instaurata fuit. Ann. Domini MDCLXXXVII.

Na parede fronteira se achava em um quadro pintado um solho com a declaração no letreiro seguinte:

No anno de MCCCXXI junto a Montalvão no Tejo se tomou um solho da grandeza, que representa esta pintura, e pesou pelos pesos de Santarem XVII arrobas e meia, de que ha justificação neste Arquivo, que nelle mandou lançar D. Diniz, a quem se presentou, como consta da mesma justificação.

Esta justificação, e instrumento legal se guarda na gaveta das extravagantes, como diz o nosso chronista mór fr. Francisco Brandão no livro 19. da Monarquia Lusitana cap. 24., e accrescenta, que o tal solho tinha tão grande boca, que mettendo-lhe por ella um raposo, que os caçadores tinham morto, o lançava fóra com o sopro, e respiração. De comprido tinha dezasete palmos, e sete de grosso, e da cabeça pelo espinhaço até á cauda lhe contavam trinta escamas como conchas grandes.

O guarda mór actual d'este archivo Manuel da Maya, mestre de campo general, e engenheiro mór do reino, pessoa de um muito distincto zelo da patria, havia reformado este cartorio com louvavel fadiga: porém succedendo a funesta tragedia do espantoso terremoto, e arruinando, e destruindo o alto edificio, em que estava o cartorio, se pozeram os seus livros, e papeis em grande confusão: mas n'este apertado caso foi Manuel da Maya o restaurador do real archivo da Torre do Tombo, pois não só o livrou das primeiras ruinas, mas do segundo, e maior susto; porque faltando-lhe dezenove livros da chancellaria do senhor rei D. Affonso V, estes se foram descobrir em 28 de dezembro de 1755 com grave perigo de vidas, onde parecia impossivel, que o terremoto os podesse ter lançado; devendo-se á providencia, e actividade do

dito guarda mór a boa arrecadação do archivo; pois prompta, e interinamente o mandou recolher em uma casa de madeira com seu telhado, que fez erigir com parte dos destroços do mesmo edificio na Praça de armas do dito castello.

E, porque o edificio antigo se achava destruido, aberto, e prostrado, fez com que em 26, e 27 de agosto de 1757, por decreto de elrei se mudasse todo o cartorio da Torre do Tombo para dous quartos das casas chamadas dos bispos, contiguas ao convento de S. Bento da Saude, e com serventia para a rua, ou calçada publica da Estrella, que medeia entre o dito convento, e o das religiosas Francezinhas do Crucifixo. Consta esta acommodação de primeiro, e segundo pavimento alto, e baixo, ambos fechados de excellentes abobedas sem o receio do perigo do fogo: destinando-se o quarto alto para recolher os livros das chancellarias em casas separadas, ficando outras para se guardarem aquelles livros, e documentos, que na antiga torre estavam na casa chamada da coroa: e o quarto baixo fica para n'elle escreverem os officiaes d'este expediente.

Constava esta freguezia antes do terremoto de trezentos e vinte e dous fogos, agora se acha com duzentos e cincoenta e um distribuidos pelas seguintes

Ruas—Castello da parte de fóra, Cozinhas, Crasta, Espirito Santo, Flores, Hospital, largo de Santa Barbara, largo da igreja, e do Recolhimento, Mouraria, Praça de Armas, Rua Direita da Igreja para as portas do Castello, Rua Direita para o recolhimento, Rua Nova da Madeira.

Becos—Do Forno, Hospital, Penozinhos.

Freguezias confinantes—S. Bartholomeu, Santiago, S. Thomé.

X—*Nossa Senhora da Encarnação*

Querendo o cabido da antiga cathedral de Lisboa instituir uma nova paroquia, e desmembrar porção do territorio, que comprehendia a freguezia dos Martyres por ser muito extenso, se contratou com os italianos, para que a admittissem na sua igreja, fazendo-se d'este contrato um instrumento publico em 2 de Janeiro de 1551. Algumas memorias constituem este ajuste no anno de 1560; outras no de 1604, outras pouco depois do anno de 1523. O certo é que no anno de 1551 já existia na igreja do Loreto esta paroquia, como consta da relação de Christovão Rodrigues de Oliveira.

Aconteceu em 29 de Março de 1651 o deploravel incendio, que reduziu a cinzas toda aquella sumptuosa igreja: e passando a freguezia para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, como consta da escritura, que os italianos fizeram com o dezembargador Antonio Moniz de Carvalho, e sua mulher D. Isabel Soares de Albergaria, padroeiros da dita ermida, em 7 de maio de 1651: alli se conservou até o anno de 1670,

em que reedificada a dita igreja do Loreto,se restituiu outra vez para ella.(1)

Este regresso se fez com grande solemnidade em 7 de setembro de 1676. Sahiu a procissão da sobredita ermida, e discorrendo pelas principaes ruas do bairro alto acompanhada de todas as religiões da corte, que levavam andores com os seus Patriarcas, era conduzido pelo Nuncio D. Marcello Durazzo, arcebispo de Calcedonia, que no dia seguinte celebrou pontificalmente com a assistencia delrei. No segundo dia fez pontifical D. fr. Christovão de Moura, provisor do arcebispado de Lisboa: e no terceiro dia celebrou o arcediago de Bago D. João Mascarenhas, assistindo todos os conegos em corpo de cabido.

Alguns annos depois pertenderam os italianos conseguir o direito do padroado d'esta freguezia, sobre o qual tiveram litigio com o reverendo cabido, e durou até o anno de 1679, no qual se ordenou ao parocо Manuel Ferreira Lobato, consumisse na missa, que celebrasse na igreja do Loreto, todas as Fórmas, que estivessem no sacrario, e acabada ella, se passasse para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, onde havia no mesmo dia celebrado outro sacerdote, e consagrado Fórmas, para d'alli por diante se administrar o Santissimo Sacramento aos freguezes na dita ermida.

Determinara a condessa de Pontevel D. Elvira de Vilhena, viuva do primeiro conde de Pontevel Nuno da Cunha de Ataide, edificar á sua custa um templo a Nossa Senhora da Encarnação, e elegendo o sitio fronteiro á igreja do Loreto, deu principio á obra em 4 de junho de 1698, deitando no fundamento do edificio a primeira pedra com acto solemne o cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa, e concluindo-se a fabrica no anno de 1708, fez o cabido celebrar n'ella a primeira missa em 9 de setembro, cedendo o padroado da mesma igreja na dita condessa fundadora em sua vida sómente, a qual a dotou com tanta liberalidade, e com o verdadeiro fim do culto de Deus, que por fugir á minima vangloria, não quiz ter o gosto de entrar na igreja senão depois de morta, que foi em 30 de dezembro de 1718, onde jaz na sua capella mór. (2)

Concluido tão magestoso templo, se passou para elle o Santissimo Sacramento da ermida de Nossa Senhora do Alecrim em 8 de setembro de 1708, fazendo-se para esta transferencia uma procissão solemnissima, composta de muitos andores, e figuras a cavallo ricamente vestidas, e de um carro triunfante de soberba fabrica, e continuaram as festas na sobredita igreja nova por oito dias successivos com grande e geral applauso. (3)

(1) Persuadem-se alguns, que a primeira transferencia, que esta freguezia fizera depois de se queimar a igreja do Loreto, fora para o Convento da Santissima Trindade, e assim o affirma uma relação, Additamento, que modernamente se fez ao Sammario de Christovão Rodrigues de Oliveira, accrescentando mais, que estivera tambem no Recolhimento das Convertidas; porém além de ser isto muito duvidoso, como já ponderou Fr. Apollinario da Conceição na «Demonstração Historica» num 262 verifica-se o contrario pela Escritura, que allegamos, a qual se acha nas Notas do Tabellião Theodoro da Costa e Sousa.

(2) Sousa Histor. Geneal. tom. 12. part. 2 pag. 915. (3) Anno Histor. tom. 3. pag. 36.

Tem o paroco predicamento de cura; mas tem tres coadjutores com a mesma obrigação, e um thesoureiro, e todos apresentados annualmente pelo eminentissimo patriarca, a quem pertence *in solidum* o padroado d'esta igreja, a qual rende ao cura trezentos, e cincoenta mil réis; e a cada um dos coadjutores cento e dezaseis mil reis; e toda esta renda é procedida do que chamam pé de altar.

Não ha aqui beneficiados, mas tem a igreja doze capellães de coro, a saber: quatro que instituiu a condessa fundadora com esmolla de cem mil réis cada um, e meio annual de missas livres, com obrigação de acompanharem o Santissimo, quando sahir fóra: a mesa do Santissimo é que administra estas capellas: outros quatro capellães do coro instituiu D. Antonia Francisca de Mendoça, viuva de João Rebello de Campos, com a congrua de duzentos mil réis, e uma missa livre cada semana, e com a mesma obrigação.

Os outros quatro capellães tem capellas na mesma igreja, de que a mesa do Santissimo é administradora, uma das quaes instituiu o sobredito João Rebello de Campos com a congrua de oitenta mil réis, e uma missa livre cada semana; outra capella instituiu Luiz Salinas de Oliveira com cento e dez mil réis de congrua, e missa livre; as outras duas são instituidas pela mesa do Santissimo com a mesma obrigação de coro, e de acompanhar o sagrado Viatico, quando sahir fóra aos enfermos.

Ha mais as capellas seguintes. Duas que instituiu Estevão da Silva com setenta e cinco mil réis cada uma; duas que instituiu Maria Nunes da Silva com oitenta mil réis; uma que instituiu o padre Manuel de Sousa Caldeira com sessenta mil réis; uma que instituiu Maria Barbosa com cincoenta mil réis; outra que instituiu Marcos da Silva com sessenta mil réis: quatro de Nicolau Pereira com oitenta mil réis, e com a obrigação dos capellães confessarem na igreja, e acompanharem o Santissimo. De todas estas capellas é administradora a mesa do Santissimo Sacramento. Havia mais n'esta igreja seis irmandades: a do Santissimo, a das Almas, com seis capellães, cada um com cincoenta mil réis, e missa livre cada semana: a de S. João Bautista, a de S. Vicente Ferrer, a de Nossa Senhora dos Prazeres, a de Santo Antonio, que todas tinham seus capellães.

Tal era o estado d'esta paroquia até o tempo, em que succedendo o espantoso, e nunca visto terremoto, padeceu a igreja a destruição do seu coro, e a ruina de duas piramides da torre, que desabando sobre o adro, tiraram a vida a uma mulher, e a dous padres da mesma igreja, o padre Ivo, e o padre Manuel Pinto. Depois sobrevindo o fogo, este consumio tudo de sorte, que apenas se salvou o cartorio, menos os tres livros, que actualmente serviam para os assentos dos bautizados, recebimentos, e obitos, que se queimaram.

Cuidou logo o paroco em mudar o Sacramento para a igreja do

Loreto, d'onde em o mesmo dia se transferiu para a paroquial de Santa Isabel: e, porque haviam corrido para alli os sagrados vasos de outros templos, fez o reverendo coadjutor Vicente Ferreira Rolim erigir dentro do ambito das chamadas obras do conde de Tarouca, uma decente barraca, em que collocou o Santissimo para melhor expedição dos actos paroquiaes: d'aqui se passou para a parte de fóra, e levantou altar contiguo á parede do mesmo edificio, para melhor commodidade do povo. Porem, como aquelle sitio era summamente desabrido, e não havia reparos opportunos para resistir á inclemencia do tempo, convidado da piedade de Jorge Rodrigues mestre das reaes obras, que no sitio do Pombal havia feito uma barraca de madeira mais commoda, transferiu para ella o Santissimo no mez de fevereiro seguinte, e alli esteve até vespera de Ramos do mesmo anno de 1756, em cujo dia se mudou para a igreja do convento de S. Roque, onde existe na capella do mesmo Santo, que fica no corpo da igreja da parte da Epistola.

No districto d'esta freguezia se acham erectos os seguintes:

Conventos — S. Pedro de Alcantara. De religiosos arrabidos, cuja igreja foi fundada pelo primeiro marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes em 12 de agosto de 1680. No adro d'ella fez edificar o inquisidor geral D. fr. Verissimo de Alemcastre, uma capella dedicada aos Santos Martyres portuguezes, Verissimo, Maxima, e Julia, estabelecendo renda para quatro capellães clerigos seculares, com oitenta mil réis cada um, dos quaes é hoje donatario, e administrador o conde de Villa Nova. Defronte da igreja d'este convento, e no grande terrapleno, que alli se ampliou, se erigiu um publico chafariz de cantaria com cinco bicas de excellente agua, conduzida por canos desde o chafariz de Campolide, e começou a correr no dia 8 de Setembro de 1754.

Esta igreja, e convento padeceu grande ruina em o dia do terremoto; porque tudo que se diz convento da fundação, principiando do frontispicio da igreja, dormitorios, portaria, sacristia, casa de capitulo, menos o claustro, refeitorio, de profundis, e cosinha, tudo se prostrou, e destruiu com todos os livros e cousas pertencentes ao coro, e com a perda de bastantes pessoas. Acham-se presentemente accommodados os religiosos em varias cellas, e casas do mesmo convento da reedificação moderna: e a igreja no sitio, onde era a portaria do carro debaixo de uma grande abobeda, accrescentando-se uma barraca em um pateo, que faz capella, coro, e sacristia: e aqui se fazem os actos da communidade, e funcções ecclesiasticas, em quanto se não conclue a reedificação fundamental.

S. Roque. Casa professa, que foi dos religiosos da Companhia de Jesus, os quaes no anno de 1555 se estabeleceram n'este sitio por ordem de elrei D. João III, tomando posse de uma ermida de S. Roque aqui edificada desde o anno de 1506. Reedificou-se depois no anno de

1567. (1) Teve principio n'esta igreja em o ultimo de dezembro de 1718, a instancias do eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida, o solemne, e piissimo acto de acção de graças a Deus, que se costumava fazer todos os annos n'este mesmo dia com magnificencia, onde concorriam, e assistiam publicamente as pessoas reaes, com todos os grandes da corte, e se cantava o *Te Deum* a dous coros pelos melhores musicos, e instrumentos, alternando alguns versos devotissimamente todos os estudantes do collegio de Santo Antão, e o mais concurso do povo. Depois do terremoto cessou n'esta igreja o dito acto: porque se costuma fazer na capella regia do novo palacio, junto a Nossa Senhora da Ajuda, tambem com grande pompa, e assistencia das pessoas reaes.

Em 13 de Janeiro de 1751 foi a primeira vez, que se patenteou n'esta igreja de S. Roque a preciosa, e singular capella de S. João Baptista, onde se admiram uns excellentes quadros de obra mosaica, a qual o sempre memoravel, e fidelissimo rei D. João V mandou aqui collocar, tendo-se fabricado em Roma pelos melhores artifices, da mais fina, e preciosa pedraria, e ornada com os mais primorosos ornamentos, em cuja fabrica maravilhosa, dizem que se dispendera a importancia de dous milhões. O flagello do terremoto arruinou parte do frontispicio da igreja, e a torre: mas tudo se acha reparado.

Hospital—Nossa Senhora da Conceição. Dos clerigos pobres. Foi instituido em 12 de dezembro de 1651 pelo tenente general de artilheria Ruy Correa Lucas, e sua mulher D. Milicia da Silveira, para trezo clerigos pobres, que não sejam naturaes de Lisboa, e costumam vir a esta cidade a seus negocios. A igreja se começou a edificar em 18 de abril de 1722: tem sido administrado este hospicio em diversos tempos por Henrique Henriques de Miranda, Joseph Galvão de Lacerda, Rodrigo de Oliveira Zagalo, e ultimamente o é por Francisco Carneiro de Araujo, subordinado porém ao provedor dos residuos, e á Mesa da consciencia. Pelo terremoto padeceu sua ruina: mas esta se reparou de sorte, que a parede, e frontaria da rua ficou melhorada no seu projecto.

Collegio—Dos Cathecumenos. Para serem cathequizados, e instruidos na doutrina christã, e na crença da fé catholica os turcos, e quaesquer infieis, que vem a esta cidade, instituiu o cardeal rei D. Henrique este collegio no anno de 1579, a instancias do padre Pedro da Fonseca Jesuita. (2) Está na rua dos Calafates. Tem regimento, que se lhe fez no anno de 1608, que faz executar um reitor clerigo secular, e um provedor com titulo de superintendente, que depois de o haver sido vinte e cinco annos o bispo de Targa D. fr. Jeronymo de Gouvea, a Mesa da Consciencia encarregou depois esta superintendencia a um dos seus deputados.

Recolhimento — Nossa Senhora da Natividade. Das Convertidas. É

(1) Telles Chron. da Companhia part. 2. liv. 4. c. 25. Santuar. Marian tom.7. pag. 124.
(2) Telles Chron. da Comp. tom. 2. pag. 183.

casa pia, que instituiram os padres da Companhia de Jesus no anno de 1586, para mulheres governadas por uma regente, e dirigidas pelos mesmos padres. (1) Fez-lhe o terremoto gravissimo prejuizo, de fórma que as obrigou a passarem para o sitio da Fonte Santa, onde estiveram abarracadas até passarem para o sitio do Rego.

Ermida.—Nossa Senhora do Alecrim. Foi fundada no anno de 1641. Acha-se arruinada, e totalmente destruida com o terremoto e incendio.

Constava esta freguezia de dous mil e setenta e dous fogos; e de nove mil quinhentos e vinte tres habitadores. Hoje numera unicamente quatro mil pessoas. As ruas d'esta paroquia, como experimentaram os terriveis effeitos do incendio depois do terremoto, acham-se pela maior parte dezertas, e eram as seguintes:

Ruas—Atalaia, Barroca, Calafates, Chagas, Conde, Flores, Gaveas, Hospital das Chagas, largo de S. Roque, Lima, Loreto, Metáde, Moinho de vento, Mouros, Norte, Parreiras, Rosa das Partilhas, S. Roque, Sequeiro das Chagas, Teixeira, Trombeta.

Travessas—Agua de Flor, Ataide, Boa hora, Braz da Costa, Cara, Espera, Estrella, Ficis de Deus, Guarda mór, Horta secca, e pequena, S. Pedro de Alcantara, Poço da cidade, Queimada, Salgadeiras.

Freguezias continantes—Santa Catharina, S. Joseph, Martyres, Mercês, Sacramento.

XI—*Santa Engracia*

Inflamada do zelo, e caridade christã a serenissima infanta D. Maria, por se achar moradora no sitio do Campo de Santa Clara, e visinha ao convento da mesma Santa, fez desannexar da paroquia de Santo Estevão por Breve de 30 de agosto de 1568 do Papa Pio V, e consentimento do arcebispo eleito D. Jorge de Almeida em 2 de dezembro de 1569, uma grande porção dos moradores, que ficavam extra muros d'esta cidade, erigindo de novo um prior, cura, e beneficiados, que se denominaram da paroquia de Santa Engracia, cuja igreja se edificou por finta dos ditos freguezes dezannexados.

Dividiu então o arcebispo a renda d'esta igreja em nove partes, das quaes foram quatro para o reitor de Santo Estevão, tres para o de Santa Engracia, e as duas para dous coadjutores de ambas as paroquias. De oito beneficiados, que havia na igreja de Santo Estevão, separou tres para a nova igreja de consentimento d'elles, os quaes haviam de rezar n'ella em coro, e dizer as missas cantadas dos anniversarios, e capellas, que tinham em Santo Estevão, e as de semana, que lá lhe pertenciam. (2)

Presentemente consta de um paroco, o qual tem predicamento de

(1) Franco Imagem da Virtude tom. 1. liv. 2. pag. 397.

(2) Consta de umas memor. m. s. dos Arceb. de Lisboa extrahidas do Cartorio do Senado desta cidade, que tivemos na nossa mão, e tambem do liv. 21. p. 146 e 244 da Chancellaria delrei Filippe II.

prior apresentado pelo patriarca, e lhe rende quinhentos mil réis: tem mais um beneficiado coadjutor, com a congrua de cento e oitenta mil réis. Na igreja ha irmandade do Santissimo com dous capellães; a do Senhor da Via-Sacra, e Almas com quatro; a confraria de Nossa Senhora da Esperança, e a de Santo Antonio.

Em a noite tempestuosa de 15 de janeiro de 1630 se arrombou a porta do sacrario desta paroquial igreja, e delle usurparam as sagradas Fórmas. Causou grande horror, e sentimento este atrevido sacrilegio: fizeram-se exactas diligencias para se descobrir o perfido executor: achou-se um Simão Pires Solis, que por indicios foi condémnado, inda que aceleradamente a ser queimado vivo, cortadas primeiro as mãos. (1) D'este execrando roubo permittiu a Providencia do Altissimo, que se originasse para sua maior gloria accidental, a erecção de uma illustrissima irmandade da melhor fidalguia da corte, que com o numero de cem pessoas, e o nome reverente de escravos do Santissimo Sacramento o servem, e festejam todos os annos por tres dias successivos, assistindo elrei, e a capella patriarcal no primeiro, e ultimo d'elles.

Desde então determinou a fidalguia de Lisboa fazer uma nova igreja no mesmo sitio, transferindo-se a paroquia para a ermida da Senhora do Paraiso, e, porque o ambito d'esta ermida não é capaz de comprehender a multidão da nobreza, e pompa, que concorre n'aquelle tridao, se fazia a festa no grande templo de S. Vicente de Fóra, e depois do terremoto se faz na real capella de Nossa Senhora da Ajuda, em quanto se não conclue o insigne edificio da nova igreja, que depois de padecer fatal ruina estando quasi acabada, se edificou pela mesma nobreza outra de mais elegante fabrica no anno de 1682, cuja primeira pedra fundamental lançou nos seus alicerces com toda a cerimonia o Senhor rei D. Pedro II, a qual continha a seguinte inscripção:

Cum ineunte trigesimo supra milesimum sexcentesimum salutis anno ex D. Engratiæ Æde quidam nefarius homo per tenebras procellosæ noctis Sanctissimum Corpus Domini furatus esset, Nobilitas Lusitana in tanti sacrilegii expiationem centumvirale sodalitium constituit, et eodem in loco magnificum Templum propriis sumptibus construere decrevit, ut ubi impia manus sacrosanctam Eucharistiam temerare fuerat ausa, ibi à piis animis æternum colenda foret. At opere jam perfectioni proximo forté collapso, iterum Nobilitas Lusitana impellente, ac magnifice adjuvante Serenissimo Petro Portugalliæ Principe, et Moderatore, aliud Templum, sed elegantioris structuræ, erigere statuit, cujus primum fundamentorum lapidem idem Serenissimus Princeps

(1) Brito de Lemos no Abcedario Milit. p. 84. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 690. Anno Histor. tom. I. a 15. de janeiro.

pro insita Lusitanis Regibus pietate propria manu fecit. Ann. Dni. M. DC. LXXXII

Este magestoso templo, que é de figura orbicular, ainda se não terminou de todo; porque chegando até á cimalha real, houve entre os arquitectos receio de que sobrepondo-lhe as abobedas, padecessem as suas paredes outro lastimoso fracasso: e assim está, ha annos, em profundo esquecimento aguardando maior oportunidade de tempo á sua final perfeição.

Nem este edificio, nem a igreja paroquial padeceram com o terremoto ruina alguma: só a experimentaram os edificios grandes, e ordinarios do seu territorio, dos quaes uns se acham já reedificados, outros ainda jazem nas mesmas ruinas. Como o temor, e desamparo dos freguezes foi urgente, dos quaes morreram trinta, resolveram-se os que ficaram vivos occupar os terrenos baldios com barracas, e tendas de campanha no Campo de Santa Clara, no largo da portaria do carro da Graça, e seu Cardal, na Cruz dos quatro caminhos, no Olival de Penha de França, para onde concorreram no principio do lastimoso desastre.

Comprehende dentro dos seus limites os seguintes

Conventos—Santa Maria de Jesus de Xabregas. De religiosos franciscanos da santa provincia dos Algarves. Foi fundada por D. Guiomar de Castro, mulher de D. Alvaro Gonçalves de Ataide, primeiro conde de Atouguia no anno de 1455, por doação, que deste sitio lhe fez elrei D. Affonso V. No anno de 1460 em 17 de abril tomaram os religiosos posse com um acto solemnissimo, a que assistio o mesmo rei, e muita nobreza. Os religiosos fundadores, que no anno antecedente tinham vindo da Ilha Terceira, foram nove, dous sacerdotes, e sete leigos, e o prelado se chamava fr. Pedro da Zarça, frade leigo, porque n'aquelle tempo precediam as virtudes ás letras. Assistem n'este convento mais de cem frades ordinariamente, e n'elle está sepultado fr. André Cidade, pai do santo patriarca da hospitalidade de S. João de Deus, que tomando aqui o Serafico habito, em só dous annos, que viveu na religião, mereceu acabar com opinião de Santo em 11 de março de 1520. É muito celebrada na igreja d'este convento uma prodigiosa imagem de Nossa Senhora com o titulo de Mãi dos Homens, que fez collocar aqui o devotissimo, e religiosissimo padre fr. João de Nossa Senhora, missionario, e varão verdadeiramente apostolico dos nossos tempos.

Na geral destruição do terremoto padeceu este convento uma total ruina, assim na igreja, como nos seus dormitorios, e claustros, mas com a felicidade de que não morreu ninguem, e só cahiu a frontaria do dormitorio grande da parte do adro: porque o mais se demoliu para se reedificar de novo, como se vai fazendo, principiando a obra pelo dormitorio chamado dos prégadores. Vinte dias esteve a communidade posta na cerca ao rigor do tempo, e com limitado reparo, até que forman-

do dentro em uma casa terrea, que servia de celeiro, uma pobre igreja com quatro altares, alli celebraram os officios divinos até á festa dos Reis do anno de 1757, em cujo dia se mudaram para outra casa, que servia de enfermaria, onde erigiram nova igreja com sete altares, coro, e orgão para o culto Divino, e ainda aqui existem em accommodações de madeira.

Nossa Senhora dos Anjos. De Religiosos Barbadinhos missionarios italianos, de que já fallamos no tom. 2. part. 3. cap. 3 § 9 d'este nosso Mappa. Foi o dos bem livrados no terremoto.

Collegio—S. Francisco Xavier. Foi de Religiosos jesuitas, fundado por Jorge Fernandes de Villa Nova no anno de 1679, que deixou um riquissimo legado, para se ensinarem publicamente aos meninos as primeiras letras, e rudimentos da grammatica latina. Teve pequena ruina com o terremoto geral.

Mosteiros — Madre de Deus. De Religiosas Franciscanas Descalças da primeira Regra de Santa Clara. Foi fundado pela rainha D. Leonor em 23 de junho de 1509, e melhorado no edificio, e igreja por elrei D. João III. Venera-se aqui um precioso exemplar do Santo Sudario de Christo muito semelhante ao original, que está em Turim, e um grande thesouro de notaveis reliquias. A devotissima Imagem da Mãi de Deus, que na igreja d'este mosteiro se venera em sua capella da parte do Evangelho, é da maior perfeição, e respeito, que se conhece em todo o reino. (1) Merece tambem honrosa memoria a sacristia d'este templo, pelo primor, aceio, e bom gosto, com que está ornada por diligencia, e direcção do devoto padre Joseph Pacheco da Cunha clerigo secular.

Grande ruina experimentou a igreja d'este mosteiro, a qual quasi milagrosamente se susteve aos impetuosos abalos, com que a accommetteu o terremoto passado. Levaram as religiosas toda a força d'elle no coro, d'onde uma só sahio mal ferida na cabeça, que logo melhorou. Apearam-se meias paredes da capella mór, a parede do coro correspondente á igreja, e algumas officinas do interior da clausura, que tudo se acha quasi reparado com mão larga pela magnificencia da magestade fidelissima de elrei D. Joseph I.

Santos o Novo De Religiosas commendadeiras da Ordem de Santiago. Foi fundado por elrei D. João II em uma ermida da invocação de Nossa Senhora do Paraiso, situada entre o convento de Xabregas, e o mosteiro de Santa Clara, e para elle mandou o dito rei mudar as religiosas, que se conservavam no antigo mosteiro de Santos o velho, que hoje é igreja paroquial. Fez-se esta trasladação em 5 de setembro de 1490 (2) trazendo-se com religiosa pompa, e solemnidade os corpos dos

(1) Fr. Jeron de Belem Chron. Serafic. part. 3 liv. 13. cap. 8. p. 27. (2) Assim o escreve fr. Jeron. Romão na Hist. da Ord. Equestre de Santiag., e Garcia de Resende na Chron. de ElRei D. João 2.º cap. 11. Porem D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 18. n. 8., diz que a translação fora no anno 1475.

Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia, acampanhando as sagradas reliquias, e as religiosas o cabido da cathedral com toda a cleresia, e religiões. É este mosteiro de grande authoridade; porque se tratam as religiosas como senhoras, que são: e a sua commendadeira sempre é uma senhora de conhecida nobreza, e qualidade, que presentemente é D. Maria Rosa de Portugal desde o anno de 1743, em que foi nomeada depois da morte de seu marido o conde de Pombeiro D. Pedro de Castello-Branco da Cunha. Com o terremoto ficou este grande edificio arruinado por dentro, e incapaz de habitarem nelle as religiosas, as quaes mandaram fazer na sua cerca varias barracas, onde permanecem ainda.

Santa Clara. De religiosas Seraficas observantes da provincia chamada de Portugal. Foi fundada a igreja no anno de 1294 por uma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo nacional de Genova, mas cidadão honrado de Lisboa, posto que já no anno de 1292 existiam aqui religiosas. (1) D'este mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio chamado da benção, e o dos corredores, duas varandas, e algumas capellas, tudo mais, que em dormitorios, e casas particulares recolhia mais de seiscentas mulheres entre religiosas educandas, recolhidas, e criadas, ficou ou de todo abatido, ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O seu famoso templo, que era um monte de ouro, e na grandeza excedia a todos os dos mais mosteiros da corte, ficou totalmente prostrado, excepto a tribuna, e costas da capella mór, sepultando mais de quatrocentas pessoas, que estavam assistindo aos officios divinos. O coro de cima, que era um paraiso na terra, tambem se abateo, e servio de sepultura com suas ruinas a quasi todas as religiosas, que foram cincoenta e seis, além de oito educandas, uma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres criadas, e nove escravas, que por todas fazem cento e trinta e uma pessoas dentro do mosteiro, que pereceram nesta tragica fatalidade.

Santa Apollonia. De religiosas da primeira Regra de Santa Clara. Deu principio a este mosteiro uma beata de habito fechado, que professava a Regra de S. Francisco, e lhe chamavam Isabel da Madre de Deus, a qual tinha vindo de Villa Viçosa com a familia da serenissima casa de Bragança. Foi muito venerada da rainha D. Luiza, que a intitulava a sua Capuchinha. Recolheu-se esta serva de Deus em uma ermida de Santa Apollonia, que era dos confeiteiros, com o intuito de tratar da capella da Santa, e como era muito estimada da casa real, a levou comsigo a senhora D. Catharina para Inglaterra no anno de 1662, d'onde voltando depois no anno de 1693, tornou para a dita ermida, e com outras mais companheiras, especialmente uma, que chamavam Luiza da Assumpção, deu principio ao recolhimento por direcção do P. Fr. Amaro da Esperança commissario dos Terceiros de S. Francisco da Cidade.

Muito deveu este recolhimento na sua origem á casa real, porque

(1) Monarq. Lusit. liv. 17 cap. 19. Corograf. Portug tom. 3. p. 379 Fr. Apollin. Claustro Francisc. p. 133.

as melhores peças, e ornamentos de valor, imagens de santos, e seus ricos vestidos lh'os deu a serenissima rainha D. Luiza, e até o vestido, com que se recebeu a senhora rainha da Gram-Bretanha na Sé de Lisboa, lh'o mandou dar para vestidos de santos. Vivendo pois estas servas de Deus com grande exemplo, e edificação, houve por bem o Papa Clemente XI transformar o recolhimento em mosteiro, cujas recolhidas em 6 de fevereiro de 1718 professaram com grande solemnidade, e com obediencia ao ordinario diocesano. Ficou pouco arruinado este mosteiro, porem as religiosas se abarracaram no Forte a elle contiguo, e a piedade de certo devoto o tem mandado reedificar todo a fundamentis, com prompta, e liberal grandeza.

Recolhimento—Nossa Senhora dos Anjos. Foi instituido pelo excellentissimo principal D. Lazaro Leitão no anno de 1747 para recolhimento de viuvas nobres, e se estabeleceu no mesmo hospicio, que os religiosos Barbadinhos italianos largaram.

Ermidas — Santa Anna.

Senhora da Conceição. No Valle de Chellas.

Senhora da Conceição, e Santo Antonio no Caes dos Soldados.

S. João Bautista.

Madre de Deus. Na travessa do Cascão.

Senhora do Paraiso. Esta ermida serve de paroquia, e d'ella escrevem D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa pag. 260. O author da Corographia Portugueza tom. 3. pag. 366 e o do Santuario Mariano tom. 7. pag. 68.

S. Pedro de Alcantara. Junto a Santa Apollonia.

Senhora do Rosario da Restauração. Ao Grilo. Foi fundada esta ermida por D. Gastão Coutinho fidalgo da casa de sua magestade, e do seu conselho, instituindo-a por cabeça de morgado na quinta chamada do Grilo, cujos capellães, que são quatro, provê o administrador, mas com approvação, e beneplacito do geral dos Loyos, e de dous conegos, que para isto elege a communidade, e sem seu consentimento não se póde remover algum dos ditos capellães, como diz Santa Maria na Chronica intitulada *Ceo aberto na terra* liv. 2. pag. 493.

Senhora do Rosario. Em Villa Gallega.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil trezentos e trinta fogos: presentemente consta de mil duzentos e dez; em cujo numero sente a diminuição de cento e vinte. Experimenta mais a decadencia na qualidade de seus habitadores, que os mais opulentos desertaram, por ficarem distantes os tribunaes; vindo occupar as casas os hereges protestantes, que já passam de quatorze fogos, por se acharem agora mais proximas as alfandegas. Distribuem-se os moradores pelas seguintes

Ruas—Santa Apollonia, Bica do Çapato, Caes, Calçada dos Barbadinhos, Calçada do Forte, do Grilo, Cruz, Cruz da pedra, e dos quatro caminhos, Galé, Graça, Grilo, Paraiso, Penha, Piedade, Xabregas.

Becos, e Travessas—Arcipreste, Calçada de Santa Clara, e da Cruz, Campo de Santa Clara, Cascaes, Conde de Avintes, Era, Flores, Freiras, Lages, Meio, Mouros, Paraiso, Postigo do Arcebispo, de S. Vicente, Raposo, Santos, Valle de Chellas, Valle escuro, Veronica, Vibre, Zagallo.

Freguezias confinantes—Senhora dos Anjos, Santo Estevão, Senhora dos Olivaes. S. Vicente.

XII—*Santo Estevão*

A memoria mais fidedigna, que encontramos da antiguidade d'esta paroquia, é do anno de 1295, no qual a 18 de maio passou elrei D. Diniz provisão para ser collado nella em prior o mestre João, fisico da rainha D. Brites; e foi elle o ultimo, que obteve esta igreja, estando ainda no padroado real; porque a 8 de julho do mesmo anno fez o dito rei mercê d'elle ao bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães, para continuar em seus successores, (1) e d'esta sorte se incorporou na mitra, cujos prelados são presentemente seus donatarios.

O paroco tem predicamento de prior, que é provido por concurso, e se estima a sua renda em quatrocentos mil réis; sendo que d'estes ha de dar a quarta parte a um coadjutor. Ha aqui oito beneficios, que apresenta alternativamente a Sé Apostolica, e o prelado diocesano, e rende cada um cincoenta mil réis. As irmandades, que se acham aqui estabelecidas, são: a do Santissimo, que apresenta uma meia capella: a da Via-Sacra, que apresenta tres capellas, para o que tem propriedades vinculadas: a da Conceição, e Mãi dos Homens: a de Nossa Senhora da Atalaya, imagem antiga, e milagrosa, e que tem uma irmandade dos mareantes, e pescadores com seu capellão.

Aos insolitos abalos do terremoto cahiu nesta igreja uma imagem de pedra do Santo Patrono Protomartyr, que estava no frontispicio, e arruinou o coro com a sua queda, mas já se acha reedificado: apeou-se parte da torre, que ameaçava ruina, e com o temor de outra maior, passou a paroquia para a ermida de Nossa Senhora do Rosario no largo do sitio das Galés. Não consta que morresse na igreja pessoa alguma nesse dia; porem pelo destrito da freguezia, segundo o assento do livro dos obitos, não chegaram a quarenta: contém no seu territorio as seguintes

Ermidas — Senhor Jesus da Boa nova. Ás portas da Ribeira junto da Galé. É administrada por uma irmandade secular com o titulo de Via-Sacra. Tem para seu estabelecimento duzentos mil réis em uma propriedade mystica á dita ermida, a qual com o terremoto não padeceu destroço.

Nossa Senhora dos Remedios. Junto ao chafariz de dentro. Tem de rendimento oito mil cruzados, e é administrada pela irmandade do Espirito Santo, que se compõe dos navegantes, e pescadores de Alfama,

(1) Cunha Catalog. dos Bisp de Lisb. part. 2. cap. 77.

com seu juiz conservador, que é o corregedor do crime da corte. Tem tambem seu hospital para se curarem nelle os irmãos pobres. (1) Ficou arruinada com o terremoto, porem acha-se inteiramente reedificada.

Constava esta paroquia antes do terremoto de mil cento e vinte e nove fogos, e quatro mil trezentas e vinte cinco pessoas de communhão: presentemente numera oitocentos e setenta e oito fogos: e tres mil quatrocentas pessoas de communhão. Distribuem-se pelas seguintes

Ruas. Portas da Cruz. (2) Rua direita, dos Remedios, do Vigario.

Freguezias confinantes. Santa Engracia, S. Miguel, Salvador, S. Vicente.

XIII — *S. João da Praça*

A origem d'esta paroquia é antiga, porque já no anno de 1317 achamos, que o bispo de Lisboa D. fr. Estevão II collara nella em 28 de setembro ao prior, a quem elrei D. Diniz havia feito mercê como padroeiro da dita igreja. (3) A mesma mercê fez depois elrei D. Affonso IV a um capellão da capella real, como consta do livro dos padroados, que está na Torre do Tombo na casa da corôa fol. 14. vers. col. 1. O senhor rei D. Pedro II fez mercê d'este padroado a D. Pedro Joseph de Noronha, primeiro marquez de Angeja.

Rendia esta igreja ao prior antes do terremoto quatrocentos mil réis, e cada um dos quatro beneficios, que ha aqui, renderá pouco mais, ou menos cem mil réis. Sobre a apresentação d'estes beneficios litiga o procurador da corôa com os beneficiados, sem embargo de que se mostram muitas apresentações feitas pelos priores. Ha nesta igreja as irmandades e capellanias seguintes. A do Santissimo com uma capella de oitenta mil réis; a das Almas com dez capellães de cincoenta mil réis: a de S. João Bautista: a de Nossa Senhora da Encarnação, a qual só consta de cortadores, e apresenta dous capellães com sessenta mil réis cada um. Além d'estas estabeleceu aqui uma capella a Santa Catharina um Joseph Rodrigues de Figueiredo, que concorria com tudo que era preciso.

Com o geral fracasso do terremoto, e incendio, se arruinou, e queimou, ficando em deploravel estado: á vista do qual determinou a mesa com o paroco se collocasse o Santissimo em uma ermida existente na travessa da Veronica, em quanto se cuidava em melhor accommodação; o que depois se fez, erigindo uma decente ermida no caes de Santarem, onde existe. Numera trezentos fogos distribuidos pelas seguintes

Ruas. Adro da igreja, Santo Antonio na Ribeira, Arco do Chafariz,

(1) Santuar. Marian. tom. 1. p. 231. (2) Neste sitio fundou elrei D. Diniz no anno de 1290 a primeira Universidade que houve em Portugal, como diz o Chronista Brandão na Monarquia Lusitana part. 5. liv. 16. cap. 82 accrescentando, que póde este reino venerar esta Porta como solar das boas letras, e primeira habitação da sciencia, e que parece não quer Deus tenha Portugal nenhuma boa dita, que não seja apadrinhada de sua Cruz sagrada.

(3) Cunha Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. cap. 84 n. 7.

e do Conde de Coculim, e o de Jesus, Armazens, Atafonas, Barão, Caes de Santarem, largo da Botica, Marichal, Pasteleiro, Rua direita de S. João da Praça da parte esquerda, Tente lá, Varandas do conde de Vila-Flor.

Becos. Santo Antonio, Igreja, João Seco, Pardieiro, Silva.

Freguezias confinantes. S. Jorge, Santa Maria, S. Pedro.

XIV — *S. Jorge*

Coincide a antiguidade d'esta freguezia com a de S. Bartholomeu. Elrei D. Diniz a annexou á cadeira do mestre-escola da Sé, que nunca a apresentou, e sempre andou em concursos, e renuncias até o presente. O paroco tem predicamento de prior, cuja renda era estimada em seiscentos mil réis. Ha na igreja quatro beneficios, que servidos chegavam a duzentos mil réis cada um, e estes tem um aprestimo na Chamusca, em que não entra o prior, o qual rende a cada um vinte moedas. São estes beneficios da apresentação do prelado, e tambem de renuncia.

As capellas, que havia na igreja, eram a do Santissimo, instituida por Francisco de Lima, que a mesa apresenta com sessenta mil réis de congrua para o capellão; duas das Almas com cincoenta mil réis cada uma: mais uma do Menino Jesus, que era dos cegos. Defronte d'esta igreja houve antigamente um collegio, que o doutor Diogo Affonso Manga-ancha mandou fundar no anno de 1447, para dez collegiaes pobres. (1)

Ficou tambem destruida com o terremoto, e fogo, por cuja causa se transferiu para a ermida de Santa Barbara, para diante do Campo do Curral, e depois se tornou a estabelecer do modo possivel na mesma freguezia. Constava de cincoenta e oito fogos, e das ruas seguintes presentemente desertas.

Ruas. Parte da rua direita, que vai do largo da igreja para o Limoeiro da banda direita, parte do beco do Bogio, parte do beco do Alecrim do mesmo lado da igreja.

Freguezias confinantes. S. João da Praça, Santa Maria, S. Martinho.

XV — *S. Joseph*

O cardeal infante D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa desmembrou do territorio da freguezia de Santa Justa, por ser dilatado, a porção, que deu a esta de S. Joseph a 20 de novembro de 1567, erigindo a paroquial na ermida da mesma invocação, que os pedreiros, e carpinteiros haviam fundado á sua custa com licença do arcebispo D. Fernan-

(1) Leitão Ferreira Noticias Chronologic. num. 764.

do de 6 de julho de 1545 fora dos muros antigos de Lisboa, passando as portas de Santo Antão mil e quatrocentos passos andantes.

Ha pouco mais de cem annos, que a maior parte d'esta freguezia eram matos cerrados com algumas hortas, olivaes, e quintas, hoje está summamente povoado o seu destricto, que entre as paroquias da cidade é um dos mais aprazíveis, pois observado da Cotovia faz um prospecto agradavel todo o seu terreno.

Tem o paroco predicamento de vigario, posto que o cardeal arcebispo no alvará da fundação da freguezia, que vimos, lhe dá sómente o titulo de cura. É igreja da mitra, e rende mais de seiscentos mil réis. Tem um coadjutor, que a irmandade de S. Joseph apresenta, e o prelado approva, levando por isso a quarta parte de todos os benesses, e emolumentos da igreja, como expressamente o declara o mesmo alvará. Consta mais de um cura, a quem o vigario dá trinta mil réis, e de um thesoureiro, que apresenta o prelado, e costuma render perto de cem mil réis.

Na igreja ha as irmandades, e capellas seguintes. A de S. Joseph erecta pelos pedreiros, e carpinteiros no anno de 1532, como consta da inscripção, que está no frontispicio da mesma igreja, que logo transcreveremos. Esta irmandade tem a administração da capella mór, e da Senhora da Fé com sete capellães, a quem dão quarenta e oito mil réis a cada um. Ha mais a irmandade do Santissimo bastantemente opulenta, e foi erecta no anno de 1571, como consta do seu Compromisso, e administrava, e pagava a doze capellães de missa quotidiana, cujos instituidores são os seguintes.

O conde da Castanheira Simão Correa da Silva instituio duas de setenta mil réis cada uma. D. Marianna da Maia uma de oitenta mil réis. Joseph de Moraes, e sua mulher Isabel Martins outra de sessenta mil réis. Francisco Ribeiro da Fonseca tres de setenta mil réis. Barbara de Carrião duas de cem mil réis. Tem mais tres capellães, que dizem as missas pelos irmãos, e outras de legados, que deixaram Affonso Gonçalves, o padre Belchior do Rego Belliago, João de Carrião, Francisco Pires, e outros. Dá tambem esta irmandade do Ssntissimo um dote de oitenta mil réis cada anno, que deixou o P. Manoel Pereira.

Ha mais uma capella, que instituio Manoel Galvão de sessenta mil réis, e ha mais outras de sessenta e cinco mil réis instituidas pelo sargento mór de batalha Antonio de Sá de Almeida. A irmandade das Almas tem doze capellães com quarenta e quatro mil réis cada um, cuja congrua sahe toda das esmolas, que se tiram quotidianamente dos fieis com a bacia.

Com o terremoto passado padeceu esta igreja pequena ruina, ficando sómente o seu frontespicio algum tanto esquartejado, por cujo motivo a irmandade do Santissimo mandou fazer no campo da horta por detraz do palacio de Marco Antonio uma barraca de madeira, para on-

de se mudou o Sacramento, e se faziam as funções paroquiaes. Aqui esteve a freguezia até 22 de julho de 1757, em cujo dia se restituio por ordem de sua eminencia para a sua antiga igreja, a qual os pedreiros, e carpinteiros reformaram, e melhoraram, quanto a arquitectura da frontaria, onde fizeram esculpir estes dous padrões. O primeiro, que fica da banda do Evangelho, diz:

In. a. o.

Por causa do lamentavel terremoto do primeiro de novembro de 1755 se arruinou a frontaria d'esta igreja. A irmandade do Senhor S. Joseph, como Padroeira da mesma, a mandou levantar no estado em que se acha, no anno de 1757.

Ultra non commovebitur, lib. 1. Par. 17.9.

Debaixo d'este padrão estão gravadas na mesma pedra com primor os instrumentos do officio de pedreiro, nos quaes se lêem estas letras: *Hic est Faber.* Marc. 6. 3. *Joseph faber lapidarius.* Calmet. As letras *In. a. o.* que estão no principio, querem dizer *In anathema oblivionis*: isto é, para memoria perpetua da gratidão: cuja epigrafe é tirada do cap. 16. de Judith. v. 23.

O segundo padrão está da parte da Epistola, e diz:

M. S.

Na era de 1537 se principiou a Confraria do Senhor S. Joseph, que foi a primeira d'este Reino: e na era de 1546 a 7 de abril se tirou S. Joseph de Santa Justa para esta casa.

Possederunt filii Joseph. Josué. 16.4.

Debaixo d'esta inscripção se vêem insculpidas as ferramentas do officio de carpinteiro muito bem abertas, e sobre a serra se lê *Joseph faber lignarius.* Vers. Hebraica.

Comprehende esta paroquia dentro dos seus limites os templos seguintes:

Convento—Corpus Christi. De religiosos Carmelitas Descalços, erecto no anno de 1756 no principio da travessa fronteira ao palacio de D. Diniz de Almeida.

Hospicios—Brunos. É dos religiosos da Cartuxa de Laveiras, e está na estrada do Salitre, na rua da Palmeira. Foi principiado em uma horta, que lhes deu o bispo capellão mór D. Jorge de Ataide no anno de 1609, para dote de duas cellas, que estabeleceu no dito convento. Tem sua capellinha, onde diz missa o procurador, quando vem á cidade. A ruina, que padecen com o terremoto, se acha recuperada.

Carmelitas Calçados. Da provincia do Maranhão. Está na rua direita de Santa Martha, e foi fundado no anno de 1745.

Dominicos. Na igreja de Santa Joanna. Foi fundado em 25 de novembro de 1699, em uma quinta de D. Alvaro de Castro, sita a diante de Santa Martha, e a deixou em testamento para se estabelecer um collegio de missionarios da India. Pelo terremoto não padecen ruina alguma: e assim como aqui assistiam poucos religiosos, e as da Annunciada se considerassem na urgencia de abandonarem o seu mosteiro, mudaram-se para a cerca de Santa Joanna, accommodando-se em varias barracas, que mandaram erigir. Depois com animo de persistirem neste sitio, tem concorrido a grandeza de elrei com o dispendio de duzentos mil cruzados, para lhes fazer um mosteiro amplissimo, que ainda não está completo.

Mercenarios. Este hospicio foi fundado na rua do Passadiço no anno de 1747, e nas terras do desembargador Antonio de Macedo, que as deu para o tal edificio, sendo procurador geral o padre fr. André Pinto da Silva. A pequena ruina, que padecen, se acha remediada.

Mosteiros—Nossa Senhora da Annunciada. De religiosas Dominicas. Foi primeiramente habitado de religiosos de Santo Antão no anno do 1400. Trocaram este convento no anno de 1539 com o das freiras da Annunciada, que elrei D. Manoel havia fundado no anno de 1519 ao pé do Castello, junto á Mouraria; e assim as religiosas trouxeram comsigo a invocação da Annunciada para o convento dos frades de Santo Antão, e os frades levaram o nome do santo para o mosteiro, que ainda hoje conserva o de Santo Antão o Velho. Com o terremoto se arruinou bastantemente não só o mosteiro, mas a igreja, ficando nesta toda a sua abobeda aberta pelo meio até o arco da capella mór, e perecendo neste estrago dez religiosas; entre as quaes merece especial memoria a madre Soror Caetana da Encarnação, filha do II marquez de Tavora, de vida exemplarissima, e virtuosa: não menor lembrança deixaram da sua virtude as madres Soror Josefa Teresa, Soror Anna Felicia, e Soror Luiza Victoria, filha dos Barões da Ilha grande, e de vida inculpavel. Preoccupadas as mais religiosas do grande temor, que tambem a violencia do fogo já proximo as ameaçava, resolveram sahisse toda a communidade para uma horta alli contigua chamada do Cardador, onde estiveram até quarta feira ao jantar, em cujo dia se passaram para o convento de Santa Joanna, onde se conservam ainda em uma grande accommodação, que elrei lhes mandou fazer generosamente.

Defronte d'este mosteiro existia o palacio dos condes da Ericeira, hoje marquezes do Louriçal, fundado por Fernando Alvares de Andrade do conselho delrei D. João III no anno de 1533. Depois se accrescentaram dous novos quartos, que tudo comprehendia cento e vinte casas, dez pateos, jardins, e hortas, e lograva mais de duzentas pinturas, muitas d'ellas de Ticiano, Corregio, Rubens; e sobre tudo uma excellente livraria, que continha dezoito mil volumes impressos: mil collecções de papeis varios, a Historia do Imperador Carlos V, escrita pela sua pro-

pria mão, um livro de hervas, e plantas illuminadas com as suas naturaes cores, que foi de Mathias Corvino rei de Hungria, cartas de marear dos primeiros descubridores das nossas conquistas, e muitos volumes manuscritos em diversas materias pelos senhores da casa da Ericeira. Tudo isto devorou o incendio no mesmo dia do grande terremoto, reduzindo a cinzas em breves minutos tão preciosas, e irrecuperaveis alfaias.

Santa Martha. De religiosas de S. Francisco. Teve principio depois do anno de 1569 em um recolhimento de donzellas orfans, que por agencia do padre Antonio de Monserrate da Companhia de Jesus, elrei D. Sebastião estabeleceu para as filhas dos seus criados, que haviam morrido da grande peste succedida em Lisboa por aquelle tempo. Transformou-se em mosteiro no anno de 1580, lançando-se a primeira pedra a 6 de fevereiro, e no anno de 1583 se reduzio a clausura a instancias do padre Pedro da Fonseca jesuita, que lhe fez estatutos especiaes em ordem á sua conservação. É sujeito ao Ordinario. Alguma cousa padeceu com o terremoto, que obrigou ás religiosas abarracarem-se na sua cêrca, porem reparada a ruina, se acham já restituidas ás suas celtas. O grande palacio dos condes de Redondo contiguo a este mosteiro, para cuja capella mór tem uma magestosa tribuna, onde tivemos a honra de celebrar a nossa primeira missa em 7 de novembro de 1733, ficou izento dos horrorosos abalos do terremoto: antes serviram algumas das suas officinas de commodo, e abrigo aos pobres doentes, e miseraveis, a que os senhores d'esta casa mandaram assistir caritativamente por acção propria da sua innata piedade.

Ermidas—Nossa Senhora do Bom Successo. Na calçada do Lavre, que antigamente se chamava calçada de Damião de Aguiar. Foi edificada no anno de 1568 por João Rodrigues Torres. A Imagem da Senhora dizem, que appareceu sobre o bocal de um poço, que está debaixo da mesma capella. Permanece ainda aqui uma irmandade da Via-Sacra, que instituio o veneravel fr. Antonio das Chagas. Não padeceu ruina alguma, e nella residiu depois do terremoto a collegiada da Misericordia.

Nossa Senhora da Gloria. Foi edificada esta ermida por Fernão Paes, nobre cidadão do Porto, no anno de 1570. Depois a possuiram os condes da Castanheira, e hoje D. Luiz de Portugal. Nesta igreja estiveram hospedadas umas religiosas flamengas, que no anno de 1582 vieram para este reino desterradas, fugindo á herezia Lutherana, em tempo de elrei Filippe II, e depois de quatro annos, se passaram para o sitio de Alcantara, onde se edificou o mosteiro de Nossa Senhora da Quietação. Acha-se esta ermida arruinada por causa do terremoto.

S. Luiz Rei de França. Consta que a confraria de S. Luiz da nação franceza estivera na ermida de Nossa Senhora da Oliveira no anno de 1558. Começou-se a fazer a nova igreja de S. Luiz ás portas de Santo Antão no anno de 1563, a qual se concluio, e juntamente um hospital para agazalhar, e curar os doentes pobres da sua nação, no anno de

*

1572, e em cujo anno a 20 de agosto lhes concedeu licença o arcebispo D. Jorge de Almeida para se dizer nella missa, a qual se verificou a 25 dia do santo: e por ficarem izentos da matriz, se contrataram com o cura da igreja de S. Joseph, que então era Nuno Cabral Camello, em seiscentos réis cada anno. Também nos consta de documentos authenticos, que vimos, que a imagem do santo, e mais ornamentos estiveram na ermida de Nossa Senhora da Victoria. Tem a dita confraria, e o seu capellão muitos privilegios concedidos pelo Papa Paulo IV no anno de 1561. Fez a dita irmandade no anno de 1580 um concerto com Marcos Heitor, cosinheiro mór na caldeiraria, por este lhe fazer mercê de umas casas suas, sitas defronte da dita igreja, onde se fez o adro, com obrigação de lhe mandarem dizer cada semana uma missa rezada pela sua alma, e de sua mulher, com outras mais clausulas. A ruina, que teve com o terremoto, se acha recuperada.

Nossa Senhora da Pureza. Na calçada de S. Roque. Foi fundada no anno de 1581 por Manoel de Castro solicitador dos orfãos, e sua mulher Filippa Lourenço, e a dotaram de cem mil réis para a fabrica. Agora a administra o conde de Castello Melhor, que comprou o direito aos herdeiros em 18 de maio de 1711. Não padeceu ruina alguma, e nella existe a paroquia de S. Nicolão.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e cem fogos, e de cinco mil e seiscentas pessoas de communhão. Depois se tem augmentado, e povoado pelas terras da Cotovia, e algumas hortas mais de sessenta fogos, e se vão continuamente erigindo propriedades em grande numero com ruas, a que ainda se não sabe os nomes, sendo as antigas as seguintes:

Ruas. Calçada da Gloria, e do Lavre, Calçadinha de Santo Antonio, ou de Rilhafolles, Caridade, Carrião, Cazal das Moças, Cisterna, ou Santa Barbara, Condes, Direita, Esperança, Fé, Horta dos Ulmeiros, Largo de S. Luiz, Macedo, ou Oliveirinha, Metade, Palmeira, Passadiço, Praga, Pretas, Rua Nova da Gloria, Salitre, Telhal.

Becos. Mancebia, Siqueiro, Tem tem.

Travessas. Açougue, Cotovia, Despacho, Freiras, Melro, Parreiras, Passagem, Sem sahida.

Freguezias confinantes. Senhora da Encarnação, Santa Isabel, Santa Justa, Pena, S. Sebastião da Pedreira.

XVI — *Santa Isabel*

Crescendo excessivamente a povoação nos suburbios da cidade, e sitio de Campolide, determinou o eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida erigir uma nova paroquia, separando parte dos moradores das freguezias de Santos, e S. Sebastião da Pedreira, e parte da de Santa Catharina, e S. Joseph, e elegendo para esta erecção a er-

mida de Santo Ambrosio, que existia pouco acima do mosteiro de Trinas no sitio do Rato, nella disse missa a 14 de maio de 1741, collocando no sacrario o Santissimo Sacramento com grande solemnidade, ordenando que d'alli por diante se invocasse a freguezia com o titulo de Santa Isabel rainha de Portugal, e que os freguezes do territorio assignado reconhecessem por seu paroco ao reverendo Felisberto Leitão de Carvalho, a quem constituio no caracter de primeiro reitor d'ella.

No anno seguinte de 1742 a 4 de julho fez o mesmo eminentissimo Cardeal Patriarca fundar uma nova igreja para estabelecimento da parochia, cuja primeira pedra lançou nos fundamentos do edificio, com rito solemne, o excellentissimo principal Almeida seu sobrinho. Subio a obra de cantaria até a cimalha real, mas descobrindo-se no desenho alguns excessos, em que não se reparou no principio, e tambem por falta de cabedaes, esteve suspensa alguns annos: até que desejoso o magnanimo prelado de vêr concluido um templo, que elle havia principiado com gosto, entregou generosamente em 27 de outubro do anno de 1753 á Irmandade do Santissimo da dita paroquia toda a sua preciosa copa de prata, com cuja importantissima esmola se foi continuando a obra da igreja com fervor, emendando-se do primeiro risco o que foi possivel.

Rendia esta freguezia ao seu reitor mais de seiscentos mil réis, e depois do terremoto, quasi que rende outro tanto. Apresenta elle quatro curas para o ajudarem no ministerio, e tem um thesoureiro, que apresenta o prelado, e renderá mais de cento e cincoenta mil réis. Ha na igreja dezaseis capellas a saber: uma do Santissimo, outra de Nossa Senhora da Arrabida, e quatorze das Almas, de cincoenta mil réis cada uma. Ha mais uma Irmandade da Via-Sacra com o titulo do Senhor Jesus dos Afflictos.

Na lastimosa tragedia do terremoto foi esta paroquia a mais bem livrada: porque nem a Igreja, que ainda não está acabada, nem a em que reside a paroquia sentiram ruina alguma; nem consta, que em todo o districto da freguezia padecesse alguem. Só na rua da Cotovia desde as casas de D. Rodrigo até as obras do conde de Tarouca, e bairro do Pombal houve alguma derrota nos edificios; porem tudo reparavel, e já habitado.

Existem no districto d'esta freguezia os seguintes templos:

Conventos—S. Bento da Saude. De Monges Benedictinos. Foi erecto no anno de 1598 pelo seu geral fr. Balthazar de Braga a expensas da religião, como consta dos disticos latinos abertos em uma pedra, que se lêem por cima da portaria, que dá entrada para os claustros, que dizem:

Cui tantum sacratur opus, cui nobile Templum
Hæc Bene bis dicto dedicat Ordo Niger.
Qui parat expensas Monachum ditissima pulchrum
Pauperies propriis sumptibus fecit opus, etc.

O vulgo cuida que fora fundado pelo marquez de Castello-Rodrigo, o qual só tomou a capella mór á sua conta, e para seu jazigo; cujo contrato deslizeram os religiosos com os herdeiros do marquez, dando-lhe este convento dez mil cruzados no anno de 1718, sendo então abbade o padre fr. Bartholomeu de S. Jeronymo. É este edificio magnifico pela situação do terreno, e pela grandeza de todas as suas partes, que o compõem.

Do insolito, e geral estrago do terremoto ficou todo este sagrado edificio tão preservado ainda da menor ruina, que esteve em termos de se congregar no seu templo a nobilissima, e grande communidade da Santa Igreja Patriarcal, para nelle exercer as funções ecclesiasticas; e assim se mandou logo insinuar ao D. Abbade d'este convento por carta do secretario de estado o excellentissimo Sebastião Joseph de Carvalho e Mello, cuja copia é a seguinte:

«Tendo a incomparavel piedade de Elrei Nosso Senhor preferido a todos os grandes cuidados da conjunctura presente o de se restabelecerem logo, e sem perda de tempo os exercicios de Coro, e da Santa Igreja Patriarcal, em que se devem perennemente dar a Deus os infinitos louvores, que devemos á sua Divina misericordia, por nos preservar depois de uma tão grande calamidade as Reaes Pessoas de Suas Magestades com toda a Familia Real, e a uma tão grande parte das pessoas, que constituem todos os estados d'este Reino. E não se achando nem na Corte, nem nos seus suburbios outra Igreja com estado de substituir com a brevidade, que é indespensavel á Patriarcal, de que Deus foi servido privar-nos, se não for o Templo d'esse Mosteiro, que a Divina clemencia preservou dos estragos, a que se reduziram tantos outros: para que de todo não cessem os seus santos louvores, me manda Sua Magestade participar a V. Paternidade, que nesta extremosa urgencia, de acordo com o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca, tem assentado, em que nessa Igreja de S. Bento da Saude, e em algumas das casas, e officinas misticas a ella, que necessarias forem, se celebrem por ora, e em quanto o mesmo Senhor não der mais ampla providencia, que tem determinado, todos os Officios Divinos, que até o dia primeiro do corrente se celebravam na Santa Igreja Patriarcal: esperando que o zelo do serviço de Deus, e de Sua Magestade, que tanto tem resplandecido na Communidade, a que V. Paternidade reside, nesta occasião o fará cooperar para o dito effeito, de sorte que os exercicios da Cathedral se façam compativeis com os do Coro, que a mesma Communidade frequenta com tão exemplar observancia. Deus guarde a V. Paternidade. Paço de Belem a 17 de novembro de 1755.»

Esta determinação não teve effeito, porque a patriarcal foi para a ermida de S. Joaquim, em Alcantara, como temos dito; mas não deixou

tão vasto edificio de dar commodo dentro do seu ambito ao archivo real da Torre do Tombo, como já dissemos, e á academia militar, ou aula da fortificação, que se estabeleceu em uma casa situada no portico da igreja, para onde tem sua principal serventia opposta á portaria conventual do sobredito convento, cujo exercicio teve principio em outubro de 1757.

Nossa Senhora da Estrella. Dos mesmos monges benedictinos, fundado no anno de 1572 pelos seus reformadores. Serve de collegio aos taes religiosos. Padeceu fatal destroço com o terremoto; porem toda a sua grande ruina se acha quasi remediada.

Nossa Senhora da Assumpção. Noviciado, que foi dos religiosos jesuitas no sitio da Cotovia, fundado em 23 de abril de 1603 por Fernão Telles da Silva, governador da India e sua mulher D. Maria de Noronha. Experimentou este templo seu destroço, mas já se acha restabelecido, e n'elle fundado nobremente o novo collegio chamado dos Nobres.

Senhor Jesus da Boa Morte. Hospicio de Congregados, que fundou o irmão Antonio dos Santos no anno de 1736, e de quem já fallamos no tom. 2. part. 3. d'este nosso mappa cap. 3. § XIX. Não padeceu ruina alguma com o terremoto.

Mosteiro—Nossa Senhora dos Remedios. De religiosas Trinitarias, no sitio do Rato. Havia Manuel Gomes de Elvas fidalgo da casa de sua magestade em seu testamento, que fez em Lisboa a 29 de junho de 1620, instituido dous morgados de seus bens, de que hoje é administrador Luiz Joseph Correa de Lacerda, tenente coronel no regimento de Olivença, mandando que á custa dos seus bens se lizesse com a maior grandeza um mosteiro da Ordem, e invocação da Santissima Trindade, para o qual havia alcançado licença de elrei, e que se fundasse em o sitio de Campolide, chamado hoje o Rato, e que n'elle entrariam quarenta religiosas sem dote, as quaes seriam apresentadas pelos successores, e administradores dos referidos morgados por elle instituidos, como tambem dous capellães, para cujas despezas, e sustentação deixou fundo competente. Determinou mais que na capella mór se faria jazigo para os ditos administradores: e que o seu corpo fosse depositado na igreja de Nossa Senhora do Carmo d'esta corte, para que, quando estivesse acabada a igreja do mosteiro, fossem para ella trasladados os seus ossos. Depois que morreu o dito Manuel Gomes de Elvas, se deu principio á fundação do mosteiro, e chegando-se a concluir, houve entre os testamenteiros algum descuido, até que o zelo, e actividade do patriarca D. Thomaz de Almeida, fazendo que em o mez de junho de 1721 tivesse principio a clausura do mosteiro, n'elle entraram religiosas com apresentações do administrador. E, porque se reconheceu que as rendas applicadas ao dote do mosteiro não poderiam subsistir para a prompta sustentação das quarenta religiosas, como recommendava seu instituidor se reduziu ao numero de trinta; e mais seis conversas para o ministerio

particular do mosteiro, em cujo numero se conserva presentemente sujeito á jurisdicção do ordinario. Os ossos do instituidor até agora não se trasladaram por falta de noticias, que ha do lugar onde positivamente foi sepultado seu corpo na igreja do Carmo. A pequena ruina, que padeceu este mosteiro, e igreja pelo terremoto, logo se remediou.

Hospicio —Dos missionarios do Varatojo. Na rua da Conceição á Cotovia, por mercê d'elrei fidelissimo D. Joseph I desde o anno de 1760.

Ermidas—Santo Ambrosio. Presentemente serve de paroquia. Não experimentou ruina alguma.

Santa Anna. Na ribeira de Alcantara.

Senhora da Conceição. Na Fonte Santa.

Senhora da Conceição. Na quinta chamada do inferno.

S. João dos Bem Casados. Edificou-a Antonio Simões, official de dourador no anno de 1580.

Nossa Senhora Mãi dos Homens. Na quinta de Joseph Ribeiro escrivão dos armazens, fundada no anno de 1755.

S. Pedro. Fundada por um Pedro Marques no anno de 1621.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta chamada do Tenente coronel.

Nossa Senhora dos Prazeres. Na quinta dos condes da ilha, junto á ribeira de Alcantara, com quem o povo de Lisboa tem grande devoção.

Depois do terremoto se fundaram as ermidas, e templos seguintes:

Santa Anna. Defronte da igreja nova de Santa Isabel, fundada por D. Margarida.

Santo Antonio, e Nossa Senhora da Conceição. Na rua de S. João dos Bem-Casados. Foi fundada no anno de 1756 por D. Nuno, filho do duque de Cadaval.

Nossa Senhora da Piedade das Chagas. Aos Cardaes, de que já fallamos

A Santa igreja Patriarcal. No sitio das obras do conde de Tarouca, de que tambem ja fallamos.

S. Francisco de Borja. Residencia que foi dos procuradores Jesuitas da America, e Asia. Hoje serve de seminario da Patriarcal.

Senhor Jesus dos Afflictos. Na rua da Madre de Deus.

Santo Antonio. Na rua para baixo do Pombal, onde esteve a paroquia da Encarnação. Fabricou-se de madeira pelo mestre de obras Jorje Rodrigues de Carvalho, mas depois se extinguiu.

Santo Antonio. Onde esteve a misericordia na rua de S. Bento. É de Antonio Rodrigues Gil.

Menino Jesus. Em a rua chamada Campo de Ourique.

Nossa Senhora dos Milagres. Que fundou Manuel de Jesus na travessa dos ladrões.

Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo. No sitio das Aguas livres.

Convento de S. Francisco. Na quinta de D. Elena, hoje dos padres da Congregação do Oratorio ao Rato. Estes dous conventos não foram de muita presistencia, porque se fizeram para accommodação interina dos religiosos, que andavam sem abrigo por causa do terremoto, e incendio lhes destruir os seus conventos, para os quaes se recolheram depois de se fazerem promptos.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil quatrocentos e sessenta fogos, e de cinco mil seiscentos e vinte e seis pessoas de communhão. No anno de 1757 numerava dous mil quatrocentos e quinze fogos: e onze mil seiscentas e cincoenta e cinco pessoas de communhão. Todo este augmento accresceu a esta freguezia, pelos muitos edificios, que no seu terreno baldio se tem edificado, e vai continuando, de fórma, que será a paroquia mais populosa da cidade, e como bem diz no seu *Clamor Justificado* o reitor da Conceição, Braz Joseph Rebello Leite, d'ella se podem separar ovelhas para outras duas paroquias sufficientemente. As ruas que tem nome, são as seguintes.

Ruas—Almas, Santa Anna, Santo Antonio, Arrabida, S. Bento, Boa Morte, Senhora do Cabo, Campolide, Campo de Ourique, Cardaes, Conceição, Cotovia, Estrella, Fabrica, Fontesanta, Hortanavia, S. João dos Bemcasados, Santa Isabel, Largo do Rato, Madre de Deus, Senhora dos Milagres, Monte Olivete, Norte, Penha de França, Pombal, Prazeres, Santa Quiteria, Rato, Ribeira de Alcantara, Rua nova da Patriarcal, Salitre, Sol, Travessa dos cegos, Val de Pereiro.

Freguezias confinantes—Ajuda, Bemfica, Santa Catharina, Encarnação, S. Joseph, Mercês, Santos, S. Sebastião da Pedreira,

XVII—*S. Julião*

Entre as igrejas paroquiaes de Lisboa goza esta chamada em outro tempo S. Gião, de uma muito antiga, e honrosa origem; porque segundo a memoria de alguns escritores (1) já no anno de 1200 estava erecta em paroquia, sendo n'ella bautizado o Papa João XXI ou XXII, a quem chamaram Pedro Julião. Não consegue menor honra, e gloria em terem sido aqui purificados com a agua do bautismo o veneravel padre Affonso de Castro, que morreu martyr nas Molucas, e o veneravel mestre João Vicente, fundador da illustrissima Congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista. (2)

Reinando elrei D. Sancho II dizem que fora a antiga igreja sagrada pelo bispo D. Domingos Jardo no anno de 1241, e que elrei D. Diniz fizera doação do padroado d'ella ao cabido da Sè. Depois quando el-

(1) Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 324. Monarq lusit. liv. 75. cap. 13. da impressão accrescentada. (2) Idem Agiol. tom. 1. no 1. de janeiro. Santa Maria no Ceo Aberto liv. 3. c. 1.

rei D. Manuel mandou edificar á borda do Tejo o magestoso palacio, chamado Paços da Ribeira, como existente dentro dos limites d'esta paroquia, a honrou com tanta especialidade, que não só a mandou generosamente reedificar, (1) mas ordenou, que, quando fosse preciso aos enfermos do paço receber os Sacramentos, se administrasse tudo d'esta freguezia, não obstante haver sacrario na capella real de S. Thomé; e para salvar os privilegios do seu capellão mór, e poder livremente exercer estas funcções dentro de palacio o prior de S. Julião, lhe fez mercê de o condecorar com o titulo de capellão regio. (2)

Continuaram os augustissimos reis portuguezes em promover o culto d'esta igreja de tal fórma, que elrei D. Sebastião por seu embaixador Lourenço Pires de Tavora, alcançou do Papa Pio IV em 20 de outubro de 1560 um Breve, para que a confraria do Santissimo d'esta freguezia se annexasse á que existia em Roma na igreja do convento da Minerva, e lograsse os mesmos privilegios, e indulgencias, que são muitas, e podesse communical-as a outras confrarias de Portugal, e suas conquistas, logrando por este respeito o titulo de archi-confraria.

Não satisfeita a devoção d'este soberano monarca, para maior culto do Santissimo Sacramento d'esta paroquia, lhe fez a mercê de vinte arrobas de cera de quatro em quatro annos: e esta grandiosa esmolla, que se havia extincto com a introducção dos reis Filippes, renovou o felicissimo rei D. João IV, querendo juntamente ser admittido por confrade com o principe D. Theodosio, que no anno de 1644, foi eleito juiz da sobredita archi-confraria, ficando desde então por estylo elegerse para juiz perpetuo d'ella uma das pessoas reaes, as quaes costumavam mandar pagar todos os annos a esta paroquia oito mil réis pelas conhecenças, a que eram obrigados como seus paroquianos, as pessoas que viviam no paço; cujo pagamento por supplica do prior, e beneficiados, mandou o senhor rei D. Pedro II por decreto de 18 de julho de 1679, que se pagasse na folha da ucharia, como de facto se pagava.

Constituida porém a capella real em paroquia propria de toda a regia familia, por Breve de Clemente XI de 24 de agosto de 1709, e erigindo-se n'ella uma nova confraria do Santissimo Sacramento, mandou elrei D. João V por decreto de 27 de março de 1710, que as vinte arrobas de cera, que se costumavam dar á irmandade do Santissimo da freguezia de S. Julião, ficassem applicadas para a irmandade do Santissimo da sua real capella; retribuindo todavia a falta d'esta mercê com uma vantajosa esmola.

Consta esta paroquia de um prior, que o eminentissimo patriarca apresenta, cujo rendimento de fructos certos, e incertos importava cada anno, pouco mais ou menos, em seiscentos mil réis. Tem seis beneficiados de alternativa com o pontifice, e prelado, e com obrigação de

(1) Goes Chron. delrei D. Manuel part. 4 cap. 85. Mariz Dialog. 4. cap. 19.
(2) Almeid. nas Notas ao Codex Titulor S. L. E. tom. 1 num. 4. pag. 25

coro de manhã, e tarde; rende cada um cento e cincoenta mil réis. Tem mais dous curas, que apresenta o prior, e dous thesoureiros, um da igreja com rendimento pingue, e outro da irmandade do Santissimo, que ella apresenta, e juntamente é seu capellão.

A archi-confraria do Santissimo foi opulenta, e se prezava de ter o movel mais precioso, de ricos ornamentos para o culto divino (1) Provia, e administrava vinte e tres capellas de varios instituidores, a saber: tres de oitenta mil réis, quatro de sessenta, oito de cincoenta, duas de quarenta e seis, duas de quarenta, uma de trinta. Mais duas capellas de missa quotidiana, que a mesma irmandade instituiu com cincoenta mil réis cada uma pelas almas de seus irmãos, e com Breve de Benedicto XIV para que os altares d'esta igreja, onde as ditas missas se dissessem, fossem privilegiados *pro interim*. Instituiu n'esta igreja a madre Soror Maria Tereza de S. Lourenço uma capella, para depois de sua morte ser administrada por esta irmandade, com a esmola de mil e duzentos réis cada missa.

Havia uma sacristia da irmandade do Santissimo, por cima da qual estava a casa do despacho, e outra em que se guardavam os ornamentos. Tambem tinha dous carneiros, ou jazigos, para deposito dos defuntos, um antigo nos degrãos da capella mór, outro á porta da igreja. No altar mór estavam es imagens de S. Julião, e de Santa Basiliza, de cuja irmandade é juiz perpetuo o marquez de Abrantes. Estavam mais outras duas imagens de S. Pedro, e S. Paulo, que mandou fazer a irmandade dos Clerigos, que aqui estabeleceram o prior, e beneficiados no anno de 1652.

Das capellas, que estavam da parte do Evangelho, era a primeira a dos Alemães com o titulo de S. Bartholomeu, que tinha na igreja a setima parte, por ser no principio ermida de Santa Barbara, cuja imagem conservavam no mesmo altar, que era dos bombardeiros, e por concederem estabelecer-se n'ella freguezia, ficaram conservando a dita setima parte com grandes privilegios. Tinha sacristia por baixo da capella, e sua porta, que era a travessa da igreja. Apresentava cinco capellães, o primeiro com obrigação de ser confessor, e lhe rendia cem mil réis, e a cada um dos quatro cincoenta mil réis.

A segunda capella era de S. Sebastião, que estava abaixo da porta travessa, e ainda entrava na dita setima parte, e com irmandade, que era dos sapateiros de vaca, de que sempre o juiz havia de ser Alemão. A terceira capella era do Senhor Jesus Crucificado, imagem veneravel, tinha sacristia propria com irmandade dos mercadores, sirgueiros, e vestimenteiros, e seu capellão, a quem davam sessenta mil réis.

(1) Macedo nas Flores de Hespanha cap. 9. excle. 9. Veja-se a Relação da solemne Procissão do Corpo de Deus, que esta Irmandade fez a 2 de Setembro de 1582, e se imprimiu novamente na officina de Joseph Antonio da Silva no anno de 1731, e Jorge Cardoso no Agiol. Lusit tom. 3 p. 324., que como filho desta Paroquia escreve muitas grandezas d'ella.

Da parte da Epistola estava a capella de Nossa Senhora das Candeas, e por estar unida, e incorporada ao cabido de S. João Lateranense em Roma, gozava dos seus privilegios. A sua irmandade era dos alfaiates de medida, com dous capellães perpetuos de cincoenta mil réis. Seguia-se a capella de Santa Catharina dos alfaiates da calcetaria com seu capellão: a de Santa Anna, dos Tanoeiros: a de Santo Eloy, dos ourives do ouro, com seu capellão de sessenta mil réis, e pelas missas do Natal lhe davam uma moeda de ouro: a de Santiago, que é dos sembreireiros, com seu capellão; e todas estas capellas com privilegio real, para que não possa nenhum dos officios, que lhes pertence, entrar na casa dos Vinte quatro, sem primeiro terem servido estas irmandades. A das Almas apresentava trinta e quatro capellães, cujo rendimento, que era de cincoenta mil réis cada uma, sahia todo das esmolas, que se pedia com a bacia. A de Santo Antonio com seu capellão de cincoenta mil réis.

Acontecendo em o primeiro de novembro o tragico infortunio do terremoto, se arruinou a igreja, e veio toda ao chão, perecendo em suas ruinas algumas pessoas, e entre ellas alguns ministros ecclesiasticos da mesma igreja, causando fim não menos lastimoso o incendio successivo; porque reduzio a cinzas toda a opulencia d'este famoso templo, escapando unicamente do fogo, posto que debaixo do entulho, a casa do despacho da irmandade de Nossa Senhora das Candeas, e a fabrica, e capella da confraria de Santo Antonio. N'esta urgencia, e desamparo tomou o paroco a providente resolução de mandar erigir no terreiro do Paço uma barraca de madeira, onde permanecen exercitando as funções paroquiaes até 8 de janeiro de 1758, em cujo dia se transferiu para o antigo sitio da igreja, dentro de cujo ambito se edificou outra de frontal muito decente, que consta de cinco altares, para o qual concorreram, prior, beneficiados, e alguns devotos com suas esmolas amplissimas.

Dentro dos limites d'esta freguezia se comprehende o seguinte.

Convento —Nossa Senhora da Boa Hora. De religiosos Agostinhos Descalços. Está fundado no fundo da rua nova de Almada, e no sitio chamado em outro tempo as Fangas da farinha. Houvera aqui antigamente um pateo de comedias contiguo ao palacio dos senhores de Barbacena, e correndo o anno de 1633, vindo refugiar-se a Lisboa os religiosos dominicos irlandezes, perseguidos dos hereges de Inglaterra, Luiz de Castro do Rio lhes fez mercê d'aquelle terreno para n'elle fundarem religiosa habitação, onde estiveram até o anno de 1658, no qual se passaram para o sitio do Corpo Santo, onde a rainha D. Luiza de Gusmão lhes havia fundado convento mais amplo. Devoluta a primeira habitação dos Dominicos irlandezes, vieram occupal-a os Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri em 16 de julho de 1668, e aqui permaneceram até o anno de 1674, em cujo anno, vespera da Assumpção da

Senhora, com solemne procissão se mudaram para a igreja do Espirito Santo chamado da Pedreira, que fica na mesma rua um pouco mais acima. Até que finalmente os religiosos Agostinhos descalços vieram a ser os ultimos habitadores d'esta casa, da qual tomaram posse no mesmo anno de 1674 por mercê da rainha D. Luiza, e consentimento do visconde de Barbacena Jorge Furtado de Mendoça, primeiro padroeiro deste convento. (1) Com o terremoto, e incendio ficou totalmente destruido, e os seus religiosos passaram para uma barraca de madeira, que a providencia do seu vigario geral fez erigir no sitio de Belem. Presentemente se acham alguns religiosos occupando o antigo sitio, e da portaria do carro fizeram igreja onde rezam.

Ermida —Nossa Senhora da Oliveira. Estava no adro d'esta igreja paroquial, e a mandaram fazer Pedro Esteves, e sua mulher Clara Giraldes naturaes de Guimarães. (2) Passou ao dominio dos Lavapeixes da ribeira, os quaes, como pobres, não podendo reedificar a ermida, que se havia arruinado, renunciaram todo o dominio, e posse d'ella no prior, e beneficiados de S. Julião: e estes depois no anno de 1646 venderam o chão da ermida aos confeiteiros por setenta mil réis, para a reedificarem, como fizeram, e com o direito de poderem apresentar capellão, o qual presidiria em todas as funcções, que se fizessem na dita ermida, sem que a igreja o encontrasse em cousa alguma; para o que se obrigaram os confeiteiros a dar-lhe como foro, ou censo cada anno seis mil réis; e das festas, que pertencem á casa, sendo com vesperas, mil e duzentos réis, e sendo só Missa, seis tostões, entrando o capellão igualmente com o dito prior, e beneficiados em todas as offertas das festas, que pertencem á dita ermida. A esta destruiu, e desfez o incendio totalmente, perecendo n'ella o seu capellão mór.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fogos, e de pessoas de communhão sete mil e dezeseis. Presentemente numera em varias partes da cidade abarracadas mil setecentas, e dezanove pessoas. As ruas, de que se compunha esta freguezia, posto que se acham todas confuzas, e destruidas, e não para se ver, mas sim para se chorar, eram as seguintes:

Ruas—Adro da Igreja, Arco dos Barretes, Arco dos Prégos, Baluarte, Bocanegra, Calçada de S. Francisco, (3) Calcetaria, Canal de Flandes, Confeitaria, (4) Corrilho, Crucifixo, Esteiras, Fangas da Farinha,

(1) Santuar. Mariano. tom. 1. p. 226. e tom. 7. p. 131. (2) Corograf. Portug tom. 1. p. 86. Santuar. Mariano. tom. 1. p. 57. e tom. 7. p. 148. (3) Esta calçada se começou a reedificar por novo, e nobre desenho em Março de 1754, fundando-se de pedraria lavrada, e elevando-se desde a boca da Calcetaria nivelada com a esquina da Capella mór da Patriarcal até o palacio, que foi do conde da Ribeira aos Martyres. O grande terremoto arruinou tudo antes de se concluir. (4) N'esta rua existia um famoso nicho por modo de Oratorio, em que estava collocada a imagem de Maria Santissima com o titulo da Oliveira, que floresceu em muitos milagres, mas o incendio consumiu tudo de fórma, que se lhe não divisam os vestigios da sua situação, conservando-se todavia a Imagem da Senhora em uma barraca no terreiro do Paço por pia actividade de alguns devotos.

Ferraria, Fornos, Louceiras, Manilhas, Mercadores, Ourives, Painel do Anjo, Parreirinha do Espirito Santo, Parreirinha detraz da Igreja, Passadiço, Passarinhos, Porta travessa, Rua nova do Almada, Rua nova dos Ferros. (1) Salvagens, Tronco, Varandas do Terreiro do Paço.

Becos — Memo, Gaspar das náos, Jardim, João de Deus, Lages, Loureiro, Vidro.

Travessas — Da rua das Esteiras, da rua dos Ourives, do Tronco.

Com as reaes obras desde o anno de 1714 se havia supprimido muita parte d'esta freguezia, extinguindo-se-lhe as ruas do arco do Ouro, Tanoaria, Largo da Patriarcal, Trahuqueta, Calçada antiga de S. Francisco, Beco das Cruzes, Torrinha, e outras; porém o fatal incendio de 1755 a fez reduzir á ultima decadencia, vendo-se destruida de templo, de casas, de ruas, e de freguezes.

Freguezias confinantes — Conceição, Magdalena, Martyres, S. Nicolau.

XVIII—*Santa Justa, e Rufina*

Uma das tres freguezias primitivas, que formou, e instituiu n'esta cidade o bispo D. Gilberto, logo que o inclyto D. Affonso Henriques a conquistou aos mouros, foi a de Santa Justa: (2) e segundo consta das nossas Historias (3) correndo o anno de 1173, a primeira igreja, para onde foi conduzido o sagrado corpo do invicto martyr S. Vicente, assim que chegou do Promontorio sacro do Algarve a este porto, foi para esta de Santa Justa, (4) para cuja lembrança permanecia na porta principal da igreja um nicho de pedra da parte do Evangelho com a imagem do santo. (5)

Com desconfiança se deve trazer á memoria n'este logar a especial noticia, que nos offerece fr. Appollinario da Conceição na Demonstração Historica num. 204., copiada de um livro m. s. intitulado «Antiguidades de Lisboa,» composto por Antonio Coelho Gasco, o qual affirma, que n'aquelle tempo o deão da Sé chamado Ribeiro, com beneplacito dos mais conegos desannexaram de si uma conesia para a darem a D. Moniz, que então era o prior d'esta paroquia, em gratificação de lhes

(1) Por baixo da ermida de Nossa Senhora da Oliveira estava um chafariz com grande tanque, a que chamavam dos Cavallos, por causa de dous, que alli havia de bronze, como diz Duarte Nunes Chron. de elrei D. Fernando, pag. 205. Esta rua, que era tão populosa, se vê deserta, e já confusa, e extincta com o novo plano da cidade. (2) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2 cap. 2. (3) Monarquia Lusit. liv. II. cap. 23. Galv. Chron. de elrei D. Affons. Henriq. cap. 44. (4) E' fama, que n'aquella occasião vieram desembarcar com a sagrada reliquia a esta Igreja, onde chegava o mar com braço navegavel: mas isto parece não convir de boa vontade o nosso Chronista Fr. Antonio Brandão no logar acima allegado: onde diz, que no valle, que ficava entre o Castello, e a Igreja dos Martyres, houvera grandes escaramuças na tomada de Lisboa, o que não podia ser, se o terreno estivesse coberto de agua.

(5) «Tandem adplicuisse» (falla Resende do corpo de S. Vicente) «Olisiponi juxta fanum Divarum Justae, et Rufinae, quo loci porta Urbis etiam nunc est Sancti Vicentii adpellata, Eo enim usque mare tunc erat, quod paulatim postea propulsum ampliandae Urbi locum reliquit: Resende in epist. ad Rebedum pag. 164

não querer embaraçar a transferencia do veneravel corpo de S. Vicente para a metropoli; e que estando os priores de Santa Justa na posse d'este decoroso predicamento mais de cento e oitenta annos, se levantara o cabido com a conesia, desmembrando-a da promessa e direito antigo dos priores, constituindo-a doutoral; porém com tanta infelicidade, que os conegos n'ella providos d'alli por diante morriam sem duvida de algum desastre, o que se observou em muitos casos successivos até o anno de 1609, interpretando tão infeliz derrota a ser castigo do Santo; como querendo se conservasse n'esta paroquia a memoria do seu primeiro deposito, com a distincta honra do seu prior. Mas como esta noticia é fundada no solitario testemunho de um só author, e com algumas circunstancias, que debilitam o seu credito, por isso dizemos, que se deve ler com desconfiança.

Tem o paroco d'esta igreja predicamento de prior, e não de vigario, que em juizo contencioso obteve por sentença no anno de 1752 o prior Alexandre Ferreira Freire contra os beneficiados. É igreja de concurso, e do padroado ecclesiastico, posto que antigamente foi do padroado real, que elrei D. Diniz transferiu no anno de 1305 aos religiosos de S. Vicente de Fóra. (1) Estima-se o seu rendimento em seiscentos mil réis, e ha na igreja oito beneficios de duzentos mil réis cada um; seis dos quaes são do padroado ecclesiastico com alternativa com o papa, dous do padroado real, por se lhe annexarem no anno de 1550 os frutos de uma commenda, e se unirem para repartirem pro rata entre os beneficiados toda a maça da terça beneficial, ficando das duas, que restam, uma para a coroa, e outra para a mitra.

Das irmandades aqui estabelecidas, é antiquissima, e exemplar a dos clerigos chamados Ricos, não só pelos muitos bens espirituaes de que goza, mas pelos muitos fóros e propriedades de que foi possuidora com o titulo da Santissima Trindade, á qual deu principio no anno de 1247 o padre Pedro Domingues estabelecendo-a na Sé. Depois passou para a paroquial de Santiago, e d'ahi para a da Magdalena d'onde veio para Santa Justa. Assim consta do prologo do seu compromisso approvado pelo arcebispo D. Miguel de Castro a 11 de fevereiro de 1593. O senhor patriarca D. Thomaz de Almeida confirmou o additamento de varios capitulos em 14 de setembro de 1731.

A irmandade do Santissimo era muito rica, e copiosa. D'ella era juiz perpetuo o duque de Cadaval. Constava de outras irmandades, como a das Almas, com quinze capellães de cincoenta mil réis cada um, de Santa Justa, que é dos oleiros, de S. Marçal dos pasteleiros, de Santa Cicilia dos musicos, e outras confrarias, que todas faziam suas festas com esplendor.

Resistiu fortemente este templo aos violentos abalos do terremoto,

(1) Monarquia Lusitan. liv. 18. cap. 21.

de fórma que n'elle se cantou missa conventual, e houve sermão no mesmo dia de todos os Santos, e assim permaneceu estavel até á noite; mas vendo o prior no dia seguinte, que o incendio já implacavel acommettia por quatro partes atrevidamente a igreja, deu ordem primeiro que tudo a pôr em salvo o Santissimo Sacramento, e pegando nos dous vasos sagrados, que estavam no sacrario, um da sua paroquia, e o outro da de S. Nicolau, que alli se havia recolhido já pela ruina do seu templo, se encaminhou processionalmente para a visinha praça do Rocio.

Era espectaculo verdadeiramente lastimoso vêr o enleio, a confusão, e a ancia com que homens, e mulheres vinham por fugir do fogo, e das ruinas buscar atropeladamente o valhaconto d'aquella praça; porém o que mais fazia mover a lagrimas, era ver-se uma piedosa comitiva de pessoas devotas atraz do Sacramento, as quaes não se lembrando de salvarem as proprias alfaias das suas casas, tomaram zelosamente a seu cargo, livrarem sobre seus hombros os ornamentos, e imagens sacras d'esta igreja, para que não experimentassem o desacato sacrilego de tamanho incendio.

Com prompta diligencia se erigiu na dita praça um tabernaculo, ou barraca, ainda que humilde, decente, defronte da igreja do hospital, em que se collocaram as sagradas pyxides, e d'aqui se deu o Viatico a innumeravel copia de catholicos feridos perigosamente nas ruinas, que desde o terreiro do Paço, e Ribeira, e mais partes eram conduzidos por caridade áquelle theatro tragico do Rocio. Aproveitaram-se do mesmo tabernaculo para recolherem n'elle o Santissimo da igreja do hospital real, e do hospicio, ou enfermaria dos religiosos arrabidos alli existentes.

Dous mezes e meio esteve a freguezia em barraca na sobredita praça, administrando-se n'ella os Sacramentos, e fazendo-se todas as funções paroquiaes: porém crescendo a inundação das agoas do inverno, se transferiu o Sacramento para a ermida de S. Camillo, sita no palacio, que foi do marquez de Cascaes ao Borratem, onde esteve até vespera de Ramos do anno de 1757, em cujo dia se mudou para a sua antiga igreja, dentro da qual se fez uma accommodação, que custou mais de cinco mil cruzados, onde existiu algum tempo, até que se mandou deitar a baixo por causa do novo plano da cidade.

No ambito d'esta paroquia se comprehendem os templos seguintes.

Convento—S. Domingos. De religiosos da Ordem dos prégadores. Foi primeiramente fundado por elrei D. Sancho II, o qual em outubro de 1241, lançou a primeira pedra nos alicerces. Depois no anno de 1249 lhe mandou fazer a igreja elrei D. Affonso III, e o dormitorio elrei D. Manuel. A maior parte do convento foi fabricado pela industria dos priores d'elle, que ajudados de pessoas particulares, e devotas, foram mudando, e melhorando conforme a necessidade dos tempos, e ca-

bedal, com que se achavam. Assim vimos no anno de 1724, que por actividade do provincial fr. Antonio do Sacramento se reduziu ao moderno todo o corpo da igreja antiga, emendando-se a desigualdade das capellas, pois as que ficavam em a nave da parte do Evangelho, eram fundas, e escuras, e as da parte da Epistola estavam quasi todas á face da parede, e com desigualdade, umas mais altas do que outras. Ultimamente no anno de 1748 se fabricou a capella mór de excellente pedraria lavrada pelo desenho, e risco do insigne João Federico Ludovici, e concluida pelo celebre Belino de Padua, cuja obra custou mais de cem mil cruzados, para a qual havia concorrido a generosa piedade de elrei D. João V, com a esmola de vinte e dous mil cruzados, além de outros adjutorios precisos, que mandou fazer promptos dos seus armazens reaes.

Todo este sagrado edificio padeceu muito com o grande terremoto, pois ao primeiro impulso d'elle cahiu o oculo do frontispicio da igreja, que matou bastante numero de gente, que vinha fugindo para o adro. Cahiu logo a tribuna da capella da Senhora do Rosario, e a de S. Domingos, a torre do sino, fazendo precipitar tudo que achou por diante; grandes porções das paredes dos dormitorios, e capella do noviciado, e da grande casa da livraria, e parte das paredes do dormitorio de cima, que olhava para o Rocio.

N'este deploravel estado poz o terremoto ao convento: mas pegando no mesmo dia o fogo de uma vela, que estava na tribuna da capella da Senhora da Defensão, em uma cortina, d'aqui se communicou o incendio á mesma tribuna, igreja, e convento, fazendo em cinzas tudo, que não estava debaixo de abobedas: escapando sómente do fogo o noviciado, e o dormitorio junto a elle; sendo que este ficou tão arruinado com o terremoto, que foi preciso fazer novos arcos na horta, e novas paredes, assim da parte do hospital, como da parte do Norte.

Consummiu o fogo na igreja todas as sagradas imagens; sendo entre ellas de perda sensivel a do Senhor Jesus crucificado, muito antiga, e de grande veneração, a da Senhora do Rosario, e a formosissima das Virtudes; salvaram-se porém com grande trabalho os cofres, em que estava o Santissimo Sacramento na capella mór, que ficou illeza, e na do Senhor dos Passos, e o relicario, que com o Sacramento envolto em um corporal estava em continuo lausperene no lado da sobredita imagem do Senhor Jesus.

Com a mesma fatalidade se abrazaram no coro junto á capella mór os excellentes quadros, com que se ornavam as paredes, e eram todos do punho do nosso insigne Bento Coelho: todos os livros, que serviam n'esse dia no coro, que eram de estampa em pergaminho com uma bem lavrada estante de páu santo, que tinha sido da Basilica de Santa Maria, sendo ainda cathedral. Queimaram-se outros originaes de admiraveis pinturas, um precioso ornamento de veludo bordado de ouro alto com

as armas do Santo Officio, que servia para a festa de S. Pedro Martyr, toda a armação da igreja, que era de damasco carmezim com galões de ouro, uma estante grande de prata, que servia no coro nas festas mais solemnes, e havia custado dez mil cruzados, um throno magestoso de prata, que tinha quatro mil marcos lavrada, e assentada em xarão, para n'elle se expor em Quinta feira santa o Santissimo Sacramento em um grande cofre de prata, que tinha dado o eminentissimo Cardeal da Cunha, todos os paramentos ricos da irmandade dos Passos, que serviam na sua procissão, todas as alampadas de prata da igreja, que eram vinte, e entre estas duas da capella do Senhor dos Passos, que tinham custado perto de dez mil cruzados: tambem devorou o fogo a ermida de Nossa Senhora da Escada com todas as suas veneraveis imagens, a qual estava por cima da igreja sobre a nave da parte do Evangelho.

Entre as perdas, e prejuizos, que padeceu este convento, foi muito penoso para todos a da grande copia de livros, que o fogo consummiu, sem deixar um só nas suas duas famosas bibliothecas. Existiam estas no fim do dormitorio de cima, e constava a maior de uma formosa casa com seis janellas para o Nascente, e Poente, e tinha cento e dous palmos e meio de comprido, quarenta e sete e meio de largo, e vinte e oito de altura. Para vencer, e occupar esta, corria por cima das primeiras estantes uma varanda, para onde se subia por uma escada occulta mettida por entre a parede. Nas estantes debaixo, que eram quarenta e tres, se continham tres mil oitocentos e quarenta e cinco volumes: e nas de cima, que tinha quarenta e seis estantes, se numeravam cinco mil novecentos e quarenta e tres livros. Eram todos encadernados em pasta dourada, e de todas as faculdades distribuidos methodicamente, franqueando-se a sua lição a todas as pessoas de fóra em qualquer hora do dia: para o que além do bibliothecario mór, havia um leigo destinado a facultar este ministerio, com sua tença estabelecida pelo memoravel zelo do religiosissimo padre frei Manuel Guilherme.

Na outra casa da livraria chamada pequena, contigua a esta, se guardavam livros muito raros, e particulares manuscritos, e entre estes os originaes dos commentarios sobre a sagrada Escritura do padre fr. Francisco Foreiro, e do padre fr. Francisco de Bovadilha, o original da chronica do padre fr. Luiz de Cacegas, que escreveu a Historia da provincia de Portugal, o original do Tratado do Purgatorio do padre fr. Manuel Homem: as Postillas do doutor infeliz Antonio Homem: um tomo de sermões da propria letra do veneravel fr. João de Vasconcellos: os manuscritos do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, cura que foi da igreja do Loreto, e eram cento e quatro volumes entre grandes, e pequenos, cheios de muitas noticias adquiridas pelo seu incansavel estudo: e outros muitos mais, que faziam o computo de cinco mil e quinhentos volumes, os quaes unidos com os da casa grande formavam o numero de quinze mil cento e oitenta e oito corpos de livros.

Seguiu a mesma infelicidade a famosa botica d'este convento, ardendo com toda a sua fabrica. A sacristia porém, supposto padecer sua ruina com o terremoto, que lhe rachou em varias partes a abobeda, com tudo o fogo lhe não entrou dentro, sem embargo de lhe queimar a porta porque intrepidamente a defendeu da voracidade das chammas o irmão: converso fr. Diogo do Rosario, que no estado ainda de secular servia n'este tempo na sacristia, salvando-se por sua intrepida actividade toda a prata, e ricos ornamentos, que estavam n'ella guardados, expondo-se elle a perder a vida entre as lavaredas, não só para salvar a sacristia, mas para recolher o frontal rico bordado de ouro, que estava no altar mór, em que já o fogo tinha pegado, e toda a prata da banqueta do mesmo altar, executando tudo com zelo grande, sem ter quem o ajudasse, porque todos se haviam retirado do convento amedrontados.

N'este estrago falleceram o padre presentado fr. Manuel dos Santos excellente prégador, que estava para prégar n'aquelle dia, o padre fr. Joseph de Castello Branco, filho dos condes de Pombeiro, e o padre fr. Antonio Joseph Cesar organista, um official da botica, e dous criados do convento, ficando muitos outros religiosos mal tratados, e feridos. Parte d'elles se foram logo refugiar para o convento de Santa Joanna, outros para o de S. Domingos de Bemfica, e outros para o de Santarem. O prior, que então era fr. João Franco, ficou com alguns religiosos no Rocio guardando o cartorio, e sepultando mortos no adro.

Quando o fogo deu lugar, se recolheram estes poucos para o convento, e passados dous mezes começaram a tirar o entulho, demolir as paredes arruinadas, e no dormitorio, que cáe para o Rocio, fizeram algumas accommodações, e, quando chegou o triduo das quarenta horas, em um lanço do claustro fizeram igreja, expozeram o Santissimo, e tiveram sermões; da mesma sorte celebraram os officios da Semana santa, e pela Pascoa do Espirito Santo, servindo já de igreja a casa do capitulo, n'elle se fez a festa das Justiças com assistencia do regedor.

Demolindo as paredes do dormitorio de cima, reformaram os dormitorios de baixo, e o que cáe para a parte do hospital o estenderam pelo dormitorio, que era do noviciado. Fizeram da parte da adega casa de botica com porta para o claustro. Fizeram uma casa de livraria, que já tem guarnecido com bastantes livros facultativos, e de Historia. Serve-lhe de igreja a casa do capitulo, e um lanço do claustro, a casa de profundis de refeitorio, o antecoro de aula de Theologia, e a casa da portaria de aula para os collegiaes clerigos do collegio de Nossa Senhora da Escada, e finalmente se acham com accommodações para noventa religiosos.

Hospicios—Santo Antonio. De religiosos capuchos da provincia da Piedade, existente no palacio do duque do Cadaval, para a parte do Rocio, em que principiaram a residir desde o anno de 1640. Arruinou-se com o terremoto.

S. Camillo de Lelis. De clerigos regulares ministros de enfermos, erecto no anno de 1754 na ermida de S. Matheus, que ficou perdendo este titulo com a introducção dos ditos religiosos, aos quaes se uniram por decreto pontificio, e regio os congregados da Tomina, para assistirem a agonisar os moribundos do hospital real, occupando para este effeito parte do palacio, que foi do marquez de Cascaes, cujas casas mandou comprar o fidelissimo rei D. Joseph I, para se incorporarem á enfermaria, que escapou do incendio succedido em 10 de agosto de 1750, que abrasou o dito hospital. Esta ermida de S. Matheus foi titular do morgado, e grande casa de Monsanto. D. Luiz de Castro, senhor d'ella, alcançou do papa Paulo III uma Bulla passada em Roma a 29 de abril de 1541, pela qual lhe concedeu faculdade para comprar a Christovão de Magalhães escrivão da camara de Lisboa, um espaço so predio, situado nas visinhanças do Poço do Borratem, foreiro em vidas á paroquial de S. Nicolau, e unil-o ao morgado de sua casa, e fazer no dito predio accommodação para tres capellães, e vinte mercieiros, que se occupavam na ermida sobredita de S. Matheus. Hoje tudo vemos extincto. O terremoto arruinou alguma cousa a ermida; porém está reparado, a melhorado todo o damno.

N. Senhora da Conceição. De religiosos Arrabidos junto ao hospital real, fundado no anno de 1542.

Ermidas—Nossa Senhora do Amparo. Existia debaixo dos arcos do Rocio, onde havia uma enfermaria para pessoas incuraveis, que a Irmandade da Misericordia administrava. Consumio tudo o incendio. Depois por aviso do conde de Oeiras de 19 de junho de 1759 se cortou, e abriu por este meio uma rua de quarenta palmos de largo até a rua dos Caes, separando o convento de S. Domingos do Hospital real.

Nossa Senhora da Escada. Era igreja antiga, e que conservava sua memoria desde o Bispo D. Gilberto. Estava contigua ao adro do convento de S. Domingos, e com tribuna regia para a sua igreja. Tambem o terremoto, e incendio a arruinou, e consumio.

Nossa Senhora da Graça. Na chamada Hortinha do Hospital. Padeceu a mesma desgraça.

Hospital real. Este hospital intitulado de todos os Santos, foi fundado por elrei D. João II, que lançou a primeira pedra no edificio a 15 de maio de 1492. Elrei D. Manoel o acabou, e alcançou Breve de Alexandre VI no anno de 1501, que começa; «Ferentes in desideriis cordis nostri, ut hospitalia, etc., para incorporar nelle todos os mais hospitaes, que se achavam dispersos por differentes partes do reino, mandando fabricar juntamente todas as casas, que faziam face para a praça do Rocio desde a rua da Bitesga, até o convento de S. Domingos. O grandioso edificio da igreja padeceu um fatal incendio em 27 de outubro de 1601, e em 10 de agosto de 1750 lhe succedeu outro, que o reduzio totalmente a cinzas; ficando unicamente da igreja a admiravel

fachada do seu portico, taboleiro, e escadas, e das enfermarias a de S. Camillo. (1)

Fez-se mais sensivel esta desgraça, porque havia bem pouco tempo, que se tinha concluido inteiramente a reedificação do dito hospital em templo, enfermarias, e casas do Rocio com grande dispendio, para o qual concorrera não só a incomparavel piedade de elrei D. João V, mas a grande somma de dinheiro, que se lhe applicou da testamentaria de um Francisco Pinheiro, por Bulla de Benedicto XIV, e assim se reduzio todo o hospital á enfermaria de S. Camillo, que para maior commodo dos doentes se alargou para o palacio do marquez de Cascaes.

Succedendo porém o espantoso incendio no dia de todos os Santos, depois do memoravel terremoto, experimentou este hospital a extrema destruição. Os enfermos, que escaparam, foram trazidos para baixo das cabanas do Rocio, onde estiveram quasi tres semanas miseravelmente expostos ao rigor do tempo. Depois se passaram para umas cocheiras do conde de Castello Melhor, fronteiras ao palacio do conde de Povolide. Hoje acham-se restituidos ao mesmo hospital, por se terem nelle feito muitas enfermarias, por ordem, e despeza real.

No territorio d'esta freguezia existe o tribunal do Santo officio nos Paços chamados dos Estáos, que mandou fazer o infante D. Pedro, filho de elrei D. João I, quando governava este reino, destinando-o para se apozentarem n'elle os embaixadores. (2) Sobre a palavra Estáos ha varias interpretações. O padre Fonseca (3) diz, que se chamou este palacio dos Estáos, por serem os seus alicerces fundados sobre estacas de pinho, a respeito de ser o solo de area todo inundado de agua. O P. D. Rafael Bluteau (4) diz, que se deriva da palavra stallum, que na baixa latinidade queria dizer: «locus ubi quis stat;» ou do francez Estau, que vale o mesmo, que corte de açougue, e poderia ser que no Rocio houvesse antigamente açougue no lugar, onde se fizeram os taes paços. Joseph Soares da Silva (5) diz, que Estáos se deriva da palavra franceza Estau, que significa uma tenda pequena portatil, ou fixa, em que se mostram os generos, que se vendem; porque no pateo d'este palacio se vendiam como na capella, varias mercadorias.

Nenhum d'estes authores alcançou a genuina intelligencia da palavra Estáos, a qual parece, que só se entende pelo que se lê na Chronica de Elrei D. Affonso V, cap. 8, composta por Duarte Nunes, onde diz: «No tempo das cortes entre outras liberdades, que o infante em nome de elrei concedeu ao povo de Lisboa, foi que naquella cidade não hou-

(1) Tratão do Hospital Real Christovão Rodrigues de Oliveira no seu Summario pag. 60. da impressão moderna. F. Nicol. de Oliv. nas Grandez. de Lisboa fol. 118. D. Francisco de Herrera na Vida do Ven. Obregon, pag 148. Costa na Corograf. Port. tom. 3. pag. 395. Ann. Histor. tom. 2. pag. 86. Oliveira Freire Descripç. Corograf. de Portug. pag. 78.

(2) Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 26 Nun. Chron. de El-rei D. João I. cap. 101.

(3) Fonsec. Evora Glorios. n. 92. (4) Blut. no Supplem. verb. Estáos. (5) Silva Vida de El-rei D. João I. liv. 1. cap. 72. pag. 367.

vesse aposentadorias, e que se fizessem os Estáos no Rocio, em que elrei podesse alojar a sua corte.... Pelo qual beneficio quizeram os cidadãos ordenar uma estatua de marmore ao infante sobre os mesmos Estáos, que elle mandou edificar; e perguntando ao infante, com que fórma, e postura queria, que se fabricasse, elle com rosto tristonho lh'o defendeu, etc.» Confirma-se isto com um alvará passado em Almeirim a 13 de outubro de 1440, que se achava no cartorio da serenissima casa de Bragança no maço 9.º n. 1, que nos communicou o excellentissimo Manoel da Maya, e dizia: «Nós Elrei fazemos saber a bos Vereadores, Procurador, e homens bons da nossa mui nobre, e mui leal Cidade de Lisboa, que nas Cortes, que em essa Cidade fizemos, foi acordado segundo sabees, que nos bairros dos Senhores ácerca dos paaços que em essa Cidade tivessem, fossem feitos Estáos, em que os seus podessem pousar por seus dinheiros; e por quanto o Conde de Ourem mei primo hi tem seus paaços como sabees, porem vos mandamos, que logo mandees fazer os ditos Estáos no dito seu bairro o mais acerca dos seus paaços, que bem poderdes em tal guisa, que os seus abastadamente em elles possão pouzar, etc.» Ficou este palacio totalmente arruinado, e destruido com o terremoto, e o tribunal mandou fazer no meio do Rocio uma accommodação interina de madeira em quanto se reedificava o antigo, que já se acha expedito pelo que toca sómente ao tribunal.

Constava esta paroquia antes do terremoto de mil novecentos e quarenta fogos, e de oito mil pessoas de communhão: presentemente numera duas mil novecentas e setenta e seis pessoas, distribuidas pelas seguintes ruas, das quaes consumio totalmente o fogo as que vão aqui assinaladas com asteriscos.

Ruas. Adro, Albardeiros, Alemos, Arcas *, Arco de João Correa, Arcos do Rocio, (1) Balthazar de Faria, Barroca, Bitesga *, Borratem, Calçada de Santa Anna, Carreiros, Corredor *, Crespa *, Cutellaria *, Nossa Senhora da Escada, Fontainhas, Hospital Real, e de S. Lazaro, (2) Inquisição, Lagar do Cebo *, Magalhães, Mendanha *, Mestre Gonçalo *, Mou-

(1) Por baixo destes arcos, que eram vinte e cinco de pedraria com sua abobeda, cujo solo parte pertencia ao Senado, parte aos Religiosos Dominicos, e que occupavam o comprimento do Rocio desde a Bitesga até o adro de S. Domingos, existiam quasi duzentas logeas portateis por uma, e outra parte, onde se vendia panno de linho, chitas, colchas, meias, fitas, rendas, e outros muitos generos de semelhante mercadoria, as quaes tendas recolhiam todas as noites para armazens certos homens de ganhar chamados mariolas, a quem pagava cada tendeiro por mez seis tostões, uns por outros, e vinha a importar na roda do anno quatrocentos e vinte mil reis. Hoje fizeram logeas em que se vendem varios generos. Estava a grande, e espaçosa praça do Rocio que tem mais de quatrocentos passos de comprido, e duzentos de largo, cercada de nobres edificios, e do famoso Templo do Hospital Real com o ornato de um vistoso chafariz; e pouco antes do fatal terremoto se tinha feito nella o primeiro combate de touros (ainda que mal presagiado pelo povo) a 22 de julho de 1755, havendo já succedido na mesma praça, e no anno de 1647 outro semelhante festejo, como se prova da Relação, que imprimio Antonio Barbosa Bacelar. Hoje porém se vê reduzida a um prospecto muito differente.

(2) Esta rua, onde existe uma Ermida com um Hospital, não está nos limites desta Paroquia, mas sim no territorio da Freguezia de Nossa Senhora do Soccorro; porem ficou pertencendo á de Santa Justa pela renda, que o Senado lhe paga

raria, Nuno Alvares, Pocinho d'entre as hortas *, S. Pedro Martyr, Porta nova, Praça da palha *, Valverde *, Vinagres.

Becos. Alemo, Bonete, Calçada de S. Christovão, D. Carlos, Comedia * Crasta * Cristaleiras * Farinhas, Ferro, Forno, Frades *, (1) Ligeiro, Mezes, Pato, Povoas, Regedor, Resende *, Tarouca.

Freguezias confinantes. S. Christovão, S. Joseph, S. Lourenço, S. Nicolão, Senhora da Pena, Senhora do Soccorro.

XIX — *Nossa Senhora do Loreto*

Não tem esta freguezia determinado territorio, pois sendo estabelecida para os individuos da nação italiana dispersos, e residentes por toda Lisboa, transcende o seu exercicio paroquial por um limite interminavel. Foi erecta a primeira igreja em uma ermida da invocação de Santo Antonio, que os Confrades italianos ampliaram por concessão do Papa Leão X, e de elrei D. Manoel pelos annos de 1517, annexando-se depois ao Cabido Lateranense por breve, que o dito cabido lhe passou em 20 de abril de 1518, confirmado pelo mesmo Pontifice Leão X, e por Clemente VII em 1523, e ultimamente por Benedicto XIII em 6 de abril de 1726.

A primeira vez que se abriu esta igreja na sua primeira edificação, foi em 8 de janeiro de 1522, reinando já elrei D. João III, que lhe concedeu o uso da muralha antigada cidade, junto á qual está edificada fóra das portas, que se chamam de Santa Catharina. E no anno de 1573 recorreram os italianos a elrei D. Sebastião, representando-lhe, que para a dita igreja ficar perfeita, conforme a planta, era necessario derribar-se uma torre, que servia de fortaleza da cidade, a cujo requerimento deferiu elrei, como pediam, debaixo de certas condições, a que os italianos se obrigaram por escritura de 24 de abril de 1577.

Vendo-se os Confrades italianos com a igreja feita, e annexa ao Cabido Lateranense, determinaram instituil-a paroquia nacional isenta. Queixou-se o Cabido Metropolitano de Lisboa ao Papa Paulo III, o qual commettendo a causa ao tribunal da Rota, sentenciou este, que os taes Confrades não podiam instituir paroquia no destricto da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres sem consentimento do Cabido de Lisboa, e que os privilegios Lateranenses não lhe podiam valer, senão em quanto a graças espirituaes. Passados porem cinco annos, movido a piedade o Cabido da Cathedral lisbonense, permittiu, que na dita igreja de Nossa Senhora do Loreto se erigisse uma paroquia, renunciando os italianos todos os privilegios presentes, e futuros, que fossem contra a jurisdi-

(1) Neste beco existia um Hospicio dos Religiosos de Belem, o qual devia ser antigo, pois Christovão Rodrigues de Oliveira no seu Summario, que imprimio no anno de 1551, faz memoria delle. O fogo totalmente o converteu em monte de pedras.

ção ordinaria, de cujo contrato se fez um instrumento publico em 2 de janeiro de 1551.

Succedeu queimar-se esta igreja quarta feira da semana de Lazaro em 29 de março de 1651 com a perda de mais de quatrocentos mil cruzados, podendo-se apenas salvar o cofre do Santissimo Sacramento, que se transferiu para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, e a 17 de abril do dito anno em dia de Nossa Senhora dos Prazeres se começou a desentulhar a igreja para a nova reedificação, cuja obra durou vinte e cinco annos, ficando um templo acabado com todo o asseio, e magestade em fabrica, adorno, e pinturas.

Com este motivo alcançaram os ditos italianos em agosto de 1664 um monitorio do cardeal Colona arcipreste da sacrosanta Basilica Lateranense, e juiz ordinario privativo das suas causas, em que annularam a mencionada transacção, ou composição entre o Cabido metropolitano de Lisboa, e elles italianos, por ser feita sem consentimento do Cabido lateranense, sobre cuja causa tinham os italianos abrido já uma sentença na Legacia em 23 de novembro de 1662, em que se julgou extincto o sobredicto contrato com o incendio, e ruina da mesma igreja, não passando a novamente reedificada a sujeição, e obrigação, que tinha a primeira ao Cabido de Lisboa, por força do contrato.

Mas não obstante isto, consta que depois da sua reedificação fôra esta igreja visitada pelo cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa em 25 de agosto de 1677, e ultimamente em 29 de outubro de 1725 pelo doutor Manoel Lopes Simões, ministro então da curia patriarcal, e depois bispo de Portalegre, conforme a ordem do eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida.

É administrada esta igreja por um provedor, escrivão, thesoureiro, e mais votantes italianos, que se elegem annualmente na primeira Dominga de setembro. Apresenta a mesa um cura, que lhes administra os Sacramentos em qualquer paroquia, em que habitem; e quando morrem, os vai buscar para a sepultura com estola, cruz, e tumba propria da nação, ao qual dão sufficiente ordenado com casas junto da igreja, para morar elle, e o thesoureiro.

Ha nella dezaseis capellães com obrigação de coro, e missa quotidiana, dos quaes oito foram instituidos por Francisco André Carrega, negociante genovez, que falleceu em 6 de junho de 1676, e estabeleceu renda para subsistencia de quatro estudantes servirem na sacristia: outros quatro capellães instituio Nicolão Micon, tambem contratador genovez, que falleceu em 22 de abril de 1675. Foram estes dous italianos os principaes motores da reedificação da igreja, cujos retratos originaes se conservavam nas paredes da sacristia, na qual os corpos dos sobreditos estão sepultados.

Cesar Ghersi, que falleceu em 28 de março de 1697, e seu irmão João Thomaz Ghersi, fallecido em o primeiro de janeiro de 1700, ambos

testamenteiros dos mencionados reedificadores, instituiram mais tres capellães; e Mathias Thomaz Ghersi, que morreu em 7 de março de 1705 instituio outro, que fazem os dezaseis capellães do coro, os quaes por terem diversidade nos ordenados, determinou a mesa no anno de 1720, sendo então provedor Thomaz Caetano Medici, e thesoureiro Pedro Franco Olivieri, que cada capellão do coro tivesse de ordenado cem mil rs., e que a um d'elles se lhe désse cento e vinte mil réis, com obrigação de ensinar grammatica aos estudantes da sacristia, que tambem augmentaram ao numero de sete com ordenado mais avantajado.

Tem esta igreja mais oito capellães de missa quotidiana, e de varios instituidores; uma de oitenta mil réis, que instituio o desembargador Paulo Joseph de Andrade; outra de sessenta e quatro mil réis, instituida por João André Cambiaso, negociante genovez. As outras foram instituidas, tres por Antonio da Silva, que falleceu em 20 de dezembro de 1679 com cincoenta mil réis a cada capellão, e com varias esmolas para pobres, e viuvas honestas; duas que instituio o doutor Clemente Felix de cincoenta mil réis cada uma, e outra de missa quotidiana por vivos, e defuntos. Paga mais a mesa cem mil réis a um organista, e a um mestre de capella, e musicos para domingos, e dias santos differentes ordenados. Resplandece tambem aqui uma irmandade de clerigos com grande asseio, e grandeza em todas as suas funções.

Com o violento accidente do terremoto proximo passado, não foi esta igreja a que experimentou ruina consideravel, sem embargo de serem grandes os abalos, a que resistiu. Cairam sómente algumas pyramides, e pedras da sua famosa torre, e frontispicio sem prejuiso de pessoa alguma. Esta grande fortaleza animou gente innumeravel a buscarem o refugio d'este sagrado asylo, onde passaram o dia, e toda a noite do sabbado primeiro de novembro, até a domingo seguinte em clamores a Deus.

No meio de tanta consternação, e sustos, assistiram sempre com estremada constancia, e valor o paroco d'esta igreja João da Costa Machado, e o seu thesoureiro o beneficiado Clemente da Fonseca, os quaes depois de fazerem o officio, e obrigação de bons ministros ecclesiasticos, confessando, e dando a communhão a um grande numero de pessoas, vendo que no domingo de tarde se vinha aproximando o fogo, tiveram o vigilante acordo de pôr em salvo os livros da paroquia, e os vasos sagrados do divinissimo Sacramento, que estavam nos sacrarios d'esta igreja, dous que lhe pertenciam, dous do convento de Nossa Senhora da Boa-hora, um da freguezia do Santissimo Sacramento, e outro da paroquial da Encarnação, que todos se tinham acolhido á sombra d'este templo, pegando o padre cura em quatro, e o padre thesoureiro em dous, com sobrepelizes, e estolas sahiram no domingo quasi noite, e os foram collocar na igreja da freguezia de Santa Isabel, que fica mais de dous mil passos distante, obrando em tudo quanto correspondia ao desempe-

nho do seu caracter, e fazendo d'este modo memoravel o seu espirito, vigilancia, e zelo.

Porem a felicidade, que concedeu a este templo o impulso do terremoto, lhe não outorgou o triste infortunio do incendio; porque communicando-se na segunda feira 3 de novembro pelos telhados do palacio, que foi do secretario de guerra João Pereira da Cunha Ferraz, e hoje era da mesma igreja, e a ella contiguo, não só a abrazou, mas consumio toda a prata, que nella havia, todas as alampadas, e especialmente a grande, que estava no cruzeiro, que pezava onze arrobas, os muitos, e ricos ornamentos, os singulares quadros de bellas pinturas, que ornavam as capellas, fazendo o mesmo incendio estalar com a força das suas chammas as primorosas estatuas dos sagrados Apostolos, os jaspes, e a pedraria das famosas columnas dos altares, e de toda a igreja.

Viu-se todavia, que a violencia do fogo respeitara o sagrado vulto da Senhora do Loreto, imagem de cedro, feita em Italia, a qual estando no altar mór, cahiu para detraz d'elle, e alli se preservou intacta, participando da mesma fortuna os veneraveis ossos do martyr S. Justino, com outras reliquias, que se guardavam em uma caixa de madeira dourada no concavo do mesmo altar. Tambem a ambula dos santos oleos escapou das chammas, queimando-se o armario, onde estava junto á pia bautismal.

O que fez maior admiração foi, communicar-se o incendio á grande casa do despacho da irmandade dos italianos, e devorar alli muita prata, e um riquissimo ornamento inteiro de lhama branca recamado de ouro, e matizes, que poucos annos antes se havia mandado fabricar a Genova: consumir, e abrazar uma grande porta de angelim da casa do cartorio, e thesouro da mesma igreja, e não entrar na casa nem uma pequena fulha, salvando-se prodigiosamente tudo quanto estava dentro d'ella; porem calculando-se pelo grosso a perda, que o incendio causou a esta igreja, se reputa em mais de quinhentos mil cruzados.

Como a sacristia, e um grande corredor chamado Via-Sacra ficaram sem damno algum, determinaram os italianos se lizesse nella a igreja, e assim no vão do altar, que havia na mesma sacristia, se abriu uma porta para a rua larga de S. Roque, e na parede fronteira se fez o altar mór, onde se collocou o sacrario, e a imagem da Senhora, e no concavo os ossos de S. Justino martyr, no altar collateral da parte do Evangelho se collocou a imagem do Santo Christo milagroso, que se venerava em um dos pulpitos, e o tinha livrado do incendio o padre Pedro Francisco Caneva, capellão da mesma igreja, levando-o para sua casa; no altar da parte da Epistola se collocou a imagem de Santo Antonio, que tambem livrou um devoto, levando-a para a ermida da quinta do desembargador Joseph Simões Barbosa, no sitio de Palma. A' entrada da igreja da parte esquerda no vão de uma porta se poz a pia de bautizar, e se fizeram grades de madeira pintada á roda dos altares. O cor-

redor, ou via-sacra, que fica detrás do altar mór, se dividiu, e na parte, que corresponde immediata ao mesmo altar se formou coro, onde rezam os padres capellães.

Principiaram a celebrar-se os officios divinos nesta igreja nova no dia 5 de junho de 1756, e se continúa a rezar no coro de manhã, e de tarde pelos capellães, que sendo antes dezaseis, são agora quatorze, porque se suspenderam duas capellanias, por falta dos rendimentos hipothecados em propriedades, que se queimaram, e havendo tambem na dita igreja, como dissemos, oito capellanias de missa quotidiana sem obrigação de coro, pela mesma causa se suspenderam tres, uma de cem mil réis, e as duas de cincoenta e tres cada uma. Neste estado se acha esta igreja, em cuja reedificação se cuida com diligencia.

XX—*S. Lourenço*

A memoria mais authentica da antiguidade d'esta paroquia, é um padrão de pedra com letras antigas, que se acha nesta igreja, do qual consta, que o bispo de Lisboa D. Matheus na era de 1309, que corresponde aos annos de Christo 1271, erguera com suas mãos na dita igreja um altar á honra da Virgem Santa Victoria a rogos de Vicente Martins vigario de elrei, e Alvaro de Lisboa, que o edificaram. O certo é, que desde o seu principio até agora foi esta igreja sem contradição alguma do padroado dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, como administradores do morgado dos Nogueiras, e capella de Santa Anna aqui instituida, como se póde vêr em D. Rodrigo da Cunha. (1)

Rendia o priorado quatrocentos mil réis, e cada beneficiado dos quatro, que aqui ha, e apresenta o mesmo padroeiro, rende cem mil réis. As capellas, que ha nesta igreja, são ás seguintes: tres que apresentam os sobreditos padroeiros, como administradores do morgado de Santa Anna, e tem de congrua quarenta mil réis cada um. Apresentam mais outra, que se acha reduzida a cento e noventa e cinco missas: apresentavam mais duas, que se acham reduzidas a uma só de duzentas e dezaseis missas. Ha outra capella de Santa Victoria, que administrava D. Antonio da Silveira de lote de oitenta mil réis, que nunca se satisfez. Ha outra de Santa Catharina com obrigação de coro, que administra uma D. Isabel Josefa, assistente em Tilheiras. Administram os priores outra capella de oitenta mil réis com obrigação de coro. A Irmandade do Santissimo provê, e administra quatro, e a Irmandade das Almas tres de cincoenta mil réis cada uma.

Padeceu esta igreja com o terremoto bastantemente, porque ao seu abalo cahiu o coro, e quasi metade do tecto da igreja desde a porta principal, deixando todavia illeza a capella mór, e não perecendo nesta ruina pessoa alguma. Serenado o violento fracasso, se mudou logo o Sa-

(1) Cunha nos Bispos do Lisbôa part. 2. cap. 92.

cramento para a igreja do menino Deus, e dentro da cerca do visconde de Villa Nova da Cerveira se eregiu um altar, em que se celebraram os officios divinos por alguns dias, em quanto por ordem do dito visconde se reparou, e ornou com muita decencia uma das salas do seu palacio, para onde veiu em procissão o Sacramento, e em que ainda se celebram todas as funções pertencentes ao culto divino.

Dentro do destricto d'esta paroquia está

Mosteiro—Nossa Senhora do Rosario. De religiosas Dominicas. Foi fundado no anno de 1519 por Luiz de Brito, e sua segunda mulher D. Joanna de Ataide, segundo consta de uma inscripção sepulchral, que está defronte da porta, e diz:

> Aqui jaz o senhor Luiz de Brito Nogueira, senhor dos morgados de S. Lourenço de Lisboa, e senhor dos morgados de Santo Estevão em a cidade de Beja, o qual senhor foi tão bom cavalleiro em seu tempo, que o não houve melhor; e com elle jaz sua mulher D. Joanna de Ataide de Sousa, a qual com seu consentimento fez este mosteiro, a que deixou toda sua fazenda, porque não tinha filho, nem filha, e elle dito senhor deixou sua terça, porque tinha filhos de outra mulher, que herdavam seus morgados. Era 1523.

Pela vehemencia do terremoto memoravel cahiu o tecto da igreja, e ficaram as paredes do coro, da torre, e de alguns dormitorios com suas ruinas, as quaes facilmente se podem reparar; os muros do convento da parte do Castello cahiram, mas já se acham levantados. As pessoas, que morreram neste estrago, foram uma religiosa, uma secular, uma criada, e uma escrava. Com o repentino temor d'este incidente, se viram obrigadas as religiosas romper a clausura, e parte d'ellas foram como poderam para casa de seus pais, e parentes, outras se recolheram em uma barraca na quinta dos religiosos Dominicos a Arroios. Hoje se acham restituidas ao seu mosteiro mais de trinta e nove religi sas, além de seculares, e criadas.

Numerava esta freguezia antes do terremoto cento e cincoenta fogos, e seiscentas e cincoenta pessoas de communhão. Presentemente consta de cento e quarenta e tres fogos, e quatrocentas e oitenta e duas pessoas, distribuidas pelas seguintes

Ruas, e Becos — Rua direita de S. Lourenço, Rua nova das Farinhas, Beco das Atafonas, da Cruz, do Poço do Borratem, da Rosa.

Freguezias confinantes — Senhora dos Anjos, S. Christovão, Santa Justa.

XXI — *S. Mamede*

Conforme escreve D. Rodrigo da Cunha, (1) parece que se estabeleceu esta paroquia em tempo do bispo D. fr. Estevão II, pois da vida d'este prelado consta, que achando-se em Avinhão em 16 de maio de 1312, commetera a Martim Mattheus, e a Pedro de Formão a instituição d'esta igreja, que então se fundava; porem de uma escritura, que se achava no seu cartorio, a qual viu, e examinou Jorge Cardoso (2) se infere, que esta freguezia já estava erecta no anno de 1220, em cujo anno instituio nesta igreja Maria Pires, mulher de Pedro Martins de Bulhão irmão do nosso gloriosissimo patricio Santo Antonio, uma missa cantada em sua vida todas as sextas feiras á honra da Santa Cruz, por quatro soldos de esmola. Quasi da mesma antiguidade era o nobre sepulchro de pedra, em que por tradição constante jazia o pai do Bemaventurado Santo Antonio, a qual sepultura estava collocada debaixo de um arco junto aos degráos do adro d'esta igreja, segundo o antigo uso d'aquelles tempos; e ficou da parte de dentro da sacristia, que aqui se fez no anno de 1665, conforme se lembra o mesmo Jorge Cardoso.

É esta igreja do padroado real, cujo priorado era de lotação de duzentos e cincoenta mil réis, e cada beneficio dos quatro, que ha aqui, e apresenta o prior, é de trinta mil réis. Tem sete capellanias; uma do Santissimo de setenta mil réis; duas das Almas de cincoenta mil réis; uma que instituio a condessa de Valladares de quarenta e oito mil réis; outra do Correio mór de cincoenta mil réis; e outra de João Ribeiro, instituida na capella do Senhor Jesus, com a congrua de trinta mil réis.

Experimentou este templo uma grande derrota, porque o incendio geral não só o reduzio a cinzas, mas todas as suas alfaias, e livros, que lhe pertenciam, em cujo fracasso morreram quarenta pessoas pouco mais, ou menos; fazendo mais deploravel perda a extinção quasi total de todas as propriedades dos seus limites paroquiaes. Neste desamparo se foi acolher o paroco á igreja de S. Christovão, d'aqui passou para a de S. Patricio na calçada de S. Crispim, onde existe ainda exercendo a sua obrigação nas poucas ovelhas, que lhe restaram, esperando augmento no rebanho, segundo a nova divisão das paroquias, que medita o vigilante, e piissimo prelado.

Dentro do territorio d'esta freguezia se comprehende o seguinte:

Collegio — S. Patricio. Foi fundado por Antonio Fernandes Ximenes, que nelle instituio uma cadeira de Theologia moral, deixando rendas sufficientes aos religiosos Carmelitas Descalços para este ministerio, porem os religiosos Jesuitas lhe compraram todo o direito, que a elle tinham, e se meteram de posse no anno de 1605. Padeceu tambem com o terremoto, e incendio, e se acha reparado.

(1) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 84.
(2) Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 675.

Ermida — S. Crispim, e S. Crispiniano. Está junto das portas da Alfofa, e é administrada por uma grande Irmandade, que se compõe do officio de Çapateiro. Teve ruina, mas acha-se recuperada.

Constava esta freguezia antes do terremoto de trezentos fogos, e mil trezentas e setenta pessoas de communhão. Presentemente se acha com doze fogos, e sessenta freguezes pouco mais, ou menos; porque os mais que escaparam, foram assistir para outras freguezias. As ruas eram as seguintes, todas pela maior parte destruidas, e deshabitadas, não ficando d'ellas mais que os nomes, e as ruinas.

Ruas—Adro da Igreja, Arco da Piedade, Arco da Rosa, Calçada de S. Crispim, Costa, Costa do Castello, Detraz da Igreja, Largo do Correio, Largo do forno, Lista, Muro do Correio, Passadiço, Pedras negras, Rua direita, Sete Cotovelos, Terreirinho de Ximenes.

Becos — Esmeralda, Namorados.

Freguezias confinantes —S. Christovão, Santa Maria, Santa Maria Magdalena, S. Nicolao.

XXII — *Santa Maria*

Teve para si Miguel Leitão de Andrade, (1) que esta igreja fora mandada edificar pelo imperador Constantino, ou por sua mãi Santa Elena, persuadido da antiga construcção do edificio fabricado interiormente com grande numero de columnas, e varandas á maneira do insigne templo de Santa Sofia em Constantinopla erecto pelo mesmo imperador. Outros creram, que tinha sido a mesquita maior dos mouros, e que elrei D. Affonso Henriques, quando ultimamente lhes ganhou Lisboa, a mandara purificar pelo bispo D. Gilberto. (2)

Porem de escrituras authenticas se mostra, e de outros testemunhos authoritativos, (3) que aquelle primeiro manarca portuguez fabricara este templo desde os alicerses para cabeça, e residencia metropolitica, dedicando-o ao culto de Maria Santissima, onde logo estabeleceu, e collocou por bispo a D. Gilberto, e este nomeou conegos, ordenando-lhes vivessem em commum, e em quanto se não fazia dormitorio junto á claustra

(1) Leitão nas Miscellaneas pag. 56. Convêm no mesmo o A. da Corograf. Port. tom. 3. pag. 342 (2) Garibal tom. 4. lib. 31. cap. 12. Marinho Antiguid. de Lisb. liv. 4. c. 26. De la Clede Histoir. de Portug. tom. 2. liv. 6. p. 102. Cunha nos Ilisp. de Lisb. part. 2. cap. 2. n. 7.

(3) Consta da memoria, que o Mestre Estevão, Chantre naquelle tempo de Lisboa, fez da Trasladação, e milagres de S. Vicente, a qual se vê transcripta no tom. 3. da Monarq. Lusit. no Appendice do fim, Escritura 25., onde fallando de el rei D. Affonso I. diz: «Gaudet et insuper Ecclesiam, quam ipse ad honorem Dei, et memoriam B. Virginis Mariæ constituit, et dicavit, manuque propria, suniptuque fundatam ædificavit, et beneficiis amplioribus, etc.» Esta mesma Relação verteo em Portuguez o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha na 2 parte do Catalogo dos Bispos de Lisboa cap 9. Confirma-se mais o sobredito com o livro velho chamado dos Obitos da mesma Se, que allega Jorge Cardoso no tom. 3. do Agiologio Lusitano p. 674., e o A. do Santuar. Mariau tom. 7. pag. 27., de que tambem faz memoria Brandão na Monarquia Lusit. liv. 10. cap. 30 O mesmo segue Paes Viegas nos Principios de Portugal p. 181.

da mesma Sé. lhes assignou elrei trinta moradas de casas na rua, que ainda hoje chamavam dos conegos. (1)

Tinham já passado cento e noventa e sete annos, quando no anno de 1344 um espantoso terremoto arruinou a capella mór, e esteve em grande perigo o templo todo. Acudio logo elrei D. Affonso IV ao seu remedio, mandando-a reedificar com magnificencia, e liberalidade, elegendo-a para seu deposito, e da rainha D. Brites sua mulher, onde jazem em primorosos mausoléos ao lado do Evangelho levantados do pavimento. Jazem mais com elle a infanta D. Brites, bisneta dos mesmos reis, e filha primogenita de elrei D. João I. (2)

A capella mór, que ainda hoje se vê, posto que tão desfigurada, não é a mesma que fez edificar elrei D. Affonso IV, porque abrindo esta com um grande terremoto succedido em 24 de agosto de 1356, dia de S. Bartholomeu, e augmentando-lhe depois muito mais perigo, e ruina a violencia de um raio, que sobre ella cahiu, tornou outra vez a ser reedificada por elrei D. João I, o qual mandou então collocar aqui os tumulos dos ditos reis, que segundo dá a entender Ruy de Pina, ainda não estavam alli até este anno. (3) Tem elles na face, que se deixa ainda vêr esculpidos alguns martyrios do glorioso S. Vicente, e por cima tinha uma figura da Fama com buzina na mão, a qual trombeta fora despojo da batalha do Salado, conforme os versos, que se liam em tarja dourada.

Hæc Tuba, quam Mauris Alphonsus nomine quartus
Abstulit, ut fama primus in orbe foret.
Dum resonat Regem, partumque à Rege triumphum,
Alphonsum ad famam surgere, voce jubet.

Em correspondencia d'estes tumulos estava da parte da epistola o altar do glorioso martyr S. Vicente nosso padroeiro, cujo preciosissimo corpo trasladado do promontorio sacro do Algarve ao porto de Lisboa, foi collocado nesta igreja em 15 de setembro de 1173. Com o tempo se desvaneceu a noticia do lugar positivo, até que passados annos se descobriu casualmente em 13 de janeiro de 1614, sendo arcebispo D. Miguel de Castro, por cuja causa se fizeram na Sé grandiosas festas, que duraram desde 14 de março até 16 de setembro. (4)

Constituida neste grande templo a cathedral de Lisboa pelo bispo D. Gilberto no anno de 1150 com a formalidade, e numero de conegos,

(1) D. Nicol. Chron. dos Conegos Regr. liv. 3. c. 8. Severim de Faria nos Disc. var. Discurs. 4. p. 163. Adverte bem D. Rodrigo da Cunha na Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. c. 2. n. 3., que neste modo de vivor houvera variedade conforme os Prelados, e moitas vezes segundo o voto dos mesmos Conegos. (2) Cunha nos Bispos de Lisb. part. 2. cap. 88. Monarq. Lusit. part. 7. liv. 10. cap. 5. (3) Apod. Monarq. Lusit. part. 7. liv. 7. c. 9. e liv. 10. cap. 22. n. 3. (4) Assim o diz D. Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica de Lisboa part. 2. cap. 14. n. 7. porem devia outra vez occultarse o cofre; porque passados setenta e oito annos, no de 1692 se descobrirão, como vimos na Vida do Arcebispo D. Luiz de Sousa pag. 231.

prebendas, e tudo que pertencia ao coro, foram sempre os nossos soberanos reis, pontifices, e prelados não só conservando, mas exaltando o seu culto com privilegios, rendas, e dignidades, em cujo estado se conservou até o reinado felicissimo de elrei D. João V, em o qual tempo, achando-se esta cathedral em Sé vacante pela morte do seu ultimo arcebispo D. João de Sousa, se dividiu o arcebispado em duas dioceses por virtude da Bulla Aurea de Clemente XI de 7 de novembro de 1716, ficando esta Sé com o titulo de Arcebispado Oriental, constituindo-se o seu Cabido de oito dignidades, a saber, Deão, Chantre, Arcediago de Lisboa, Thesoureiro mór, Arcediago de Santarem, Mestre Escola, Arcediago da terceira cadeira, Arcipreste, vinte Conegos, quatro meios Conegos, doze Quartanarios, dez Bachareis, e varios Capellães.

Depois pela Bulla Salvatoris nostri de Benedicto XIV, expedida aos 13 de dezembro de 1740 se aboliu o titulo de Sé, e se condecorou com o nome honorario de Santa Maria: extinguindo-se juntamente não só a dignidade archiepiscopal, que se unio ao novo patriarcado, e metropoli de Lisboa erecto na antiga capella real, mas ficaram supprimidas, e extinctas para sempre todas as suas dignidades, canonicatos, meias prebendas, e quartanarias, removendo elrei por virtude do mesmo motu proprio a cada um dos conegos, que actualmente existiam, de seus canonicatos, e prebendas: compensando lhes porem todo o prejuizo, que lhes resultava, em outras honras, e equivalentes do seu real thesouro; como foram aos dignidades, e conegos o habito de Christo, e a cada um dos meios conegos o de Santiago: e aos quartanarios o de Aviz, com tenças proporcionadas á sua grandeza; expedindo um decreto ao Conselho da Fazenda em 12 de novembro de 1742, para todos serem pagos por mezadas pelo thesoureiro da casa da Moeda, e na sua falta pela Thesouraria da Alfandega do Tabaco. Os quaes conegos em sabbado 17 de novembro de 1742, foi o ultimo dia, que rezaram em coro, expirando então o seu titulo, habito, e residencia totalmente. Exporemos em breve mappa os ultimos conegos, que existiam na Sé velha, com o rendimento de seus beneficios, e compensação que se lhes deu por virtude do tal decreto.

DIGNIDADES

	Renda	*Compensa*	*Accrescimo*
Estevão de Barros Pereira	1:658$347	1:790$000	131$653
Antonio Miguel Aires	1:310$263	1:410$000	99$737
João Sinel de Cordes	1:161$864	1:290$000	125$136
Antonio Joseph Reison	695$350	790$000	194$650
Joseph Antunes da Costa	1:310$130	1:400$000	89$870

Conegos

Antonio de Castro Alvelos	1:215$830	1:290$000	74$170
Antonio Alvares Cotrim	1:233$810	1:310$000	76$190
Thomé Estoff Ferreira	1:175$663	1:260$000	84$337
João Chrysostomo da Silva	1:168$200	1:250$000	81$800
João Guilherme Nobel	1:183$650	1:270$000	86$350
João Pimenta e Antas	1:202$755	1:280$000	77$245
Francisco Carneiro de Figueiroa	1:233$945	1:310$000	76$055
Silvestre de Sousa Soares	1:265$140	1:350$000	84$860
Manoel Gomes de Faria	1:267$450	1:340$000	72$560
Filippe Neri Xavier	1:159$758	1:240$000	80$242
Manoel de Aguiar	1:205$818	1:280$000	74$182
Manoel Gomes Monteiro	597$909	670$000	72$090
Manoel de Oliveira da Mata	1:195$780	1:280$000	84$220
Rafael Monteiro da Silva	1:155$770	1:230$000	74$230

Meios conegos

Manoel de Sousa Rocha	592$714	620$000	27$286
Clemente Botelho	557$914	580$000	22$086
Miguel Joseph	575$901	600$000	24$099

Quartanarios

Luiz do Azevedo	280$472	290$000	9$528
Manoel de Paiva Reis	280$472	290$000	9$528
Antonio Alvares	280$472	290$000	9$528
Joseph Gonçalves Vilella	280$054	290$000	9$946
Joseph de Lima Ribeiro	280$054	290$000	9$946
Martinho de Figueiredo	280$054	290$000	9$946
Antonio Barreto	279$850	290$000	10$150
André Machado	279$850	290$000	10$150
Manoel de Moraes Cabral	279$850	290$000	10$150

Supprimidas as dignidades, canonicatos, e quartanarias da igreja de Santa Maria, e extincto o seu antigo Cabido, se erigiu no mesmo templo uma nova Basilica por virtude das Bullas *Ea quæ providentiæ* de Benedicto XIV, passada em 14 de julho de 1741, e da Salvatoris nostri do mesmo pontifice, ficando os conegos novamente erectos, e os mais ministros subordinados ao patriarca, e o direito do padroado competindo ao rei. Teve principio esta Basilica patriarcal de Santa Maria em 18 de novembro de 1742, e consta dos seguintes ministros.

Um presidente com habitos prelaticios, cujo lugar não tem collação,

e se intitula officio, o qual foi concedido por Benedicto XIV, em Bulla de Motu proprio, passada em Roma aos 17 de agosto de 1754, e aceita em Lisboa por Monsenhor Bernardes em 8 de outubro do dito anno, e por elle sentenciada em 12 do dito mez. Tem de rendimento annual o de uma conesia, que o papa Benedicto XIV supprimiu, e lhe applicou.

Vinte e sete conegos, que tem de rendimento cada um oitocentos mil réis.

Vinte beneficiados, com quatrocentos mil réis.

Dezoito clerigos beneficiados, com duzentos mil réis.

Dez padres bachareis, com cem mil réis.

Seis padres capellães providos em seis capellas, que instituio na mesma igreja o arcebispo D. Miguel de Castro, com obrigação de coro, e canto de orgão, e de vinte e seis missas sómente por mez cada capellão. Tem cada um d'elles cento e quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta réis.

Dous padres capellães providos em duas capellas, que instituio o conego doutoral João de Azevedo com as mesmas obrigações. Tem cada um cento cincoenta e oito mil setecentos e cincoenta réis.

Quatro padres capellães com cento e vinte tres mil réis, providos em quatro capellas, que instituio Antonio Gonçalves Prégo com obrigação de coro.

Seis moços de coro do numero, a que vulgarmente chamam meninos do coro, dos quaes o mais antigo tem trinta mil réis, e os outros vinte e seis mil réis cada um.

Oito moços, ou meninos do coro extranumerarios, cada um com dezoito mil réis.

Dous mestres de ceremonias, um, a que chamam o primeiro, tem vinte mil réis; o outro seis mil réis.

Seis contraltos; dous com cento e vinte mil réis cada um: dous com oitenta mil réis; um com oitenta e dous mil réis, e outro com cincoenta mil réis.

Tres tenores: dous com cento e vinte mil réis, e um com cem mil réis.

Tres contrabaixos com cem mil réis cada um.

Dous organistas; um com oitenta mil réis, e dous moios de trigo; outro com sessenta mil réis, e um moio de trigo.

Um mestre de musica com cem mil réis, e dous moios de trigo.

Um mestre da classe da solfa com cincoenta mil réis.

Tres cursores, ou custodios do coro, que não tem ordenado estabelecido.

Consta mais de uma camera para o governo interior, e economico da dita igreja, sua fabrica, e sacristia, em cuja administração se occupam:

Tres camerarios, que é o presidente um, e dous conegos providos

todos os annos pelo prelado, a quem toca privativamente o governo todo, e tem cada um oitenta mil réis.

Um secretario, que é um beneficiado provido todos os annos pelo mesmo prelado, e tem sessenta mil réis.

Um porteiro, que é um dos cursores com vinte mil réis

Dous letrados com setenta mil réis cada um.

Um procurador, que cobra os fóros, com quatrocentos mil réis, cujo officio provê o prelado.

Tres procuradores para as causas, e mais dependencias, dos quaes um tem sessenta mil réis, e os dous trinta cada um.

Um escrivão dos emprazamentos com duzentos mil réis, cujo officio dá o prelado.

Um védor da sacristia, que é um conego, e tem livre do coro o tempo, que precisar para o serviço da igreja.

Um thesoureiro da fazenda, que é um beneficiado com o tempo livre do coro, que fôr preciso.

Um fabriqueiro, que é um conego, com a mesma liberdade, e todos tres providos pelo prelado.

Um thesoureiro, que mora dentro da mesma igreja, e tem cento e vinte mil réis.

Um altareiro com cento e dez mil réis.

Dous moços da limpeza da igreja, que tem cada um por dia um tostão, quinze alqueires de trigo, e oito mil réis para vestiaria cada anno.

Um sineiro com cincoenta mil réis, e os sinaes livres.

Um armador com sessenta mil réis.

Um mestre de latim com quarenta mil réis.

Considerada esta igreja como paroquia, sempre foi administrada por um cura, até que o eminentissimo prelado D. Thomaz de Almeida o collou com o titulo de reitor. Rende quatrocentos mil réis. Consta mais de um cura com a congrua ad libitum do reitor: de um prioste, que é um dos bachareis, o qual tem trinta e nove dias livres, e trinta mil réis de ordenado: de um escrivão do priostado, que tambem é um dos bachareis, e tem nove dias livres, e um capão: de um contador do priorado, que tambem é um dos bachareis com os mesmos nove dias livres.

Existiam nesta freguezia as Irmandades seguintes. A Irmandade do Santissimo Sacramento, que apresentava nove capellas de varios instituidores, e de varias congruas. A Irmandade das Almas com sete capellães de cincoenta mil réis cada um. A Irmandade da Senhora da Piedade, que é dos calafates com seu capellão só para os sabbados, domingos, e dias santos com vinte mil réis de congrua. A Irmandade de Santo Aleixo com seu capellão de domingos, e dias santos, com cento e cincoenta réis de esmola por cada missa. A Irmandade do Senhor Jesus da Boa Sentença com duas capellas de cincoenta mil réis cada uma. A Irmandade de Jesus Maria José, que é dos correios com seu capellão de domingos, e dias

*

santos, que tem de esmola por cada missa cento e cincoenta réis.

Havia mais nesta igreja a confraria de Santa Anna, que lhe fazia novena, e festa no seu dia, e tratava do ornato da sua capella. Outra confraria da mesma Santa em uma capella no cruzeiro da igreja, que era dos officiaes da casa da Moeda, os quaes lhe faziam festa no seu dia. A confraria de foreiros de Santo Amaro. A confraria de foreiros da Senhora a Grande. A confraria de Santo Antonio, que é dos meninos do coro, os quaes concorrem para o gasto dos dias da sua Trezena, e os conegos para os gastos da festa do dia, e da sua trasladação.

As capellas aqui estabelecidas são as seguintes:

Uma de missa quotidiana, que instituio o arcebispo D. Affonso Furtado de Mendoça, com obrigação de confessar, a qual administra a camera, e provê o prelado: tem de congrua setenta mil réis.

Duas de missa quotidiana, instituidas pelo quartanario Manoel da Silva, que administra a camera, com quarenta mil réis cada uma.

Uma de missa quotidiana, cuja administração está incorporada na fabrica, e provê o prelado: rende cincoenta mil réis.

Uma de missa quotidiana, que instituio o arcebispo D. Jorge de Almeida, de quarenta e seis mil réis, que administra a camera, e provê o prelado.

Uma com obrigação de duzentas e cincoenta missas, que instituio Maria Machada, e rende trinta mil réis, a qual tambem a camera a administra.

Uma com obrigação de cento e sessenta e seis missas, instituida pelo conego Pantaleão Rodrigues Pacheco, que administra a camera, e a dá o prelado, rende vinte mil réis.

Além das sobreditas capellas, tem a camera a administração de outras antiquissimas, as quaes por falta de renda se acham reduzidas por Breves Apostolicos ao numero de duas mil e oitenta e oito missas, que todos os annos se mandam dizer. Ha mais estabelecidas nesta igreja as capellas seguintes:

Duas capellas de S. Sebastião pertencentes á cadeira de Mafra supprimida, as quaes provê o prelado, e rende cada uma cincoenta mil rs.

Uma de S. Bartholomeu, que rende cincoenta mil réis. Esta capella tinha quatro mercieiros, com quatro mil e oitocentos réis cada um.

Uma de S. Pedro, com obrigação de sessenta e duas missas, as quaes cumprem os bachareis, a quem anda annexa pelo rendimento de um moio de trigo, vinte alqueires de cevada, e tres mil réis para a cêra do altar. Esta capella foi antigamente chamada do Santo Lenho, na qual estão enterrados Ruy Figueira, e seu pai João Gomes de la Higuera, e se deu depois ao bispo de Bona D. Pedro Fernandes, que lhe fez picar as cinco folhas de figueira, que tinham as ditas sepulturas.

Uma de S. Lourenço com obrigação de tres missas sómente em cada semana, e rende quarenta e quatro mil réis.

Duas de Nossa Senhora da Conceição de missa quotidiana, que administra a casa de Jeronymo Leite de Vasconcellos Pereira Malheiro, e rende cada uma quarenta e dous mil réis. Pertence a estas capellas uma merciaria, que renderá quinze mil réis.

Uma de S. Manços de duzentas Missas, e as quartas feiras do anno; é administrada pelo mesmo.

Havia a capella chamada a Missa de S. Vicente, que quotidianamente celebravam os bachareis por alternativa no altar, onde estava o seu corpo, com o privilegio de ser a propria do santo em qualquer dia, ou festividade do anno sem excepção alguma. Constava esta Missa de algumas orações, que não ha nas outras Missas: era de um só padre; porém cantada a canto chão pelos meninos do coro, tocando-se em todo o tempo do Canon uma roda de campainhas, que estava na claustra por detraz da capella do santo, e se observava indispensavelmente. No seu oitavario era a missa de tres padres, cantada a canto de orgão pelos mesmos meninos do coro, e tudo se fazia por uso antiquissimo.

Ha mais dez capellas, que instituiu elrei D. Affonso IV no anno de 1335, com obrigação de Missa quotidiana, e de dizerem os capellães em o coro o officio Divino rezado ao mesmo tempo, que os conegos o fazem cantado, o que elles executavam na capella de S. Ildefonso. O capellão mór tem de renda cento e seis mil réis, e um moio de trigo; e cada capellão cento, e seis mil réis, e medico, cirurgião, e botica, quando estão doentes, e tudo administra a Mesa da Consciencia.

Pertencem a estas capellas vinte e quatro mercieiras, doze para homens, e doze para mulheres com obrigação de assistirem de manhã, e de tarde aos mesmos officios Divinos. Tem cada um de mezada mil e duzentos réis, e pelo Natal tres mil réis, e outro tanto pelo S. João: tem mais um pote de azeite de tres em tres mezes, e quarenta e oito alqueires de trigo. As mercieiras tem de mezada cada uma dez tostões, e tres mil réis pelo Natal, e outro tanto pelo S. João, vinte canadas de azeite, e quarenta e oito alqueires de trigo. Para vivenda, e recolhimento d'estes mercieiros mandou o mesmo rei D. Affonso IV edificar um hospicio com divisão (1) junto do mar, o qual por tradições achamos que fôra no sitio, em que se edificaram as casas dos senhores de Bellas, até ás que foram dos marquezes de Gouvea, defronte do campo chamado das Cebolas na Ribeira. Achava-se este hospital dos doze mercieiros antes do terremoto em umas casas defronte da porta do Senado da camara nas costas da igreja de Santo Antonio, as quaes casas foram muito antecedentemente recolhimento de donzeilas orfãs pelos annos de 1594. (2) E as doze mercieiras assistiam em umas casas na rua dos Conegos defronte da porta travessa da Basilica de Santa Maria da parte do Norte.

(1) Consta da Provisão do anno de 1429 no liv. dos Testamentos fol. 38. vers. da Mesa da Consciencia. (2) Oliveira Grandez. de Lisboa pag. 71.

Não foi pequeno o damno, que occasionou a este antiquissimo templo o horrido incidente do grande terremoto: pois com o seu impulso extraordinario cahiu a cupula, e fabrica exterior do Zimborio sobre a nave do meio da igreja, e rompendo-lhe a sua fortissima abobeda, veio descançar no plano da mesma nave. Ao mesmo tempo cahiu a torre da parte do mar, em que estava o relogio, a qual com alguns sinos se fez em pedaços. Dentro da igreja cahiu a imagem de Nossa Senhora, que estava no altar mór, e se lhe separou a cabeça do corpo, a qual se foi achar depois nos suburbios d'esta corte em casa de uma mulher. O mesmo estrago experimentou a imagem do Crucifixo, que estava no coro de cima, e o magnifico orgão no corpo da igreja.

O incendio furiosamente successivo ainda lhe causou maiores prejuizos: sendo irreparavel o desfazer não só o cofre, em que estava recluso o corpo do glorioso martyr S. Vicente, mas o mesmo corpo, de que se acharam depois no seu altar pequenas reliquias dispersas, e queimadas. Queimaram-se tambem todas as imagens sagradas, retabulos, e ornamentos da mesma igreja. Sómente as chammas, que accommetteram o altar da Senhora chamada a Grande, refrearam a sua voracidade para com a veneranda imagem, e todo o seu ornato corporal, e sitial do seu nicho. O fogo fez mais ruina em umas partes da igreja, que em outras. e assim n'elle se vê estalado mais o tecto da nave da banda da terra, que da parte do mar: o mesmo se observa em outras capellas interiores do claustro, experimentando total ruina, e irreparavel o seu antiquissimo cartorio, que todo se reduziu a cinzas, havendo bem pouco tempo, que o havia posto em uma expedita arrumação a diligencia do engenheiro mór Manuel da Maya. Não chegou este flagello á sacristia: e por isso escaparam os ornamentos, e alfaias d'esta Basilica.

Entre as ruinas pereceram algumas pessoas, especialmente no adro com o precipicio da torre: taes foram o beneficiado Francisco de Sales de Freitas, e mais outro, que lhe ignoramos o nome, alguns meninos do coro, e o Custodio d'elle Antonio Francisco. O conego Ludovici padeceu a infelicidade de lhe cairem algumas pedras da mesma torre, porém não morreu logo, mas d'ahi a poucas horas. Ao beneficiado Lucas dos Santos lhe succedeu o mesmo. Dispersos, e afflictos os ministros d'esta igreja, não achavam lugar opportuno para exercerem os actos do coro, e mais officios Divinos. N'esta urgencia se foram recolher em uma ermida ao Cardal da Graça, onde rezaram um só dia: logo se passaram para uma proxima barraca, em que rezaram sete dias, mas por ser pobre, e indecente, lhe assinou o eminentissimo cardeal patriarca a igreja do Senhor Jesus da Boa Morte, onde se armou quadratura em 21 de dezembro, em cujo dia repetindo a terra um grande tremor, embaraçou com o susto não se executar a ordem do prelado, o qual resolveu se estabelecessem na barraca da freguezia de S. Josephi, o que fizeram desde 24 do dito mez de dezembro até 16 de julho de 1757, em cujo dia

passaram para a igreja do Menino Deus, e d'alli se transferiram para a de S. Roque, onde presentemente residem.

Os capellães das capellas de elrei D. Affonso IV, que existiam n'esta Basilica, e tinham hido por ordem do eminentissimo prelado em fevereiro de 1756 para a ermida de S. Vicente Ferrer, situada ás Olarias, se acham presentemente restituidos a uma capella junto da sua antiga, que escapou do estrago n'esta mesma Basilica.

No districto d'esta paroquia existem os seguintes templos.

Igrejas, e ermidas—Santo Antonio. Ordenou elrei D. João II no seu testamento, que se fizesse uma igreja a Santo Antonio no mesmo lugar, e sitio, onde nasceu em Lisboa, para o que lhe deixou mil justos de ouro, que importava em seis centos mil réis, dizendo, que queria fosse a fabrica igual no gosto, e na riqueza. Cumpriu esta clausula primorosamente elrei D. Manuel, e assim se deve a erecção d'este edificio á piedade d'estes dous monarcas: ao que attendendo o engenho do architecto, fabricou o rotulo, que servia de grinalda ao arco da porta principal com letras de pedra formadas de troncos de arvores, e varios bichos esculpidos, que vinham a dizer: *Joannes II Emmanuel I Reges hoc opus construxerunt.* (1) Tudo se verifica de uns padrões, ou disticos latinos esculpidos em pedra na capella mór da parte da Epistola, e do Evangelho, e com mais clareza se comprova de um letreiro, que estava em uma pedra dourada por baixo da tribuna da camara, o qual transcreve Antonio Coelho Gasco no livro m. s. das Antiguidades de Lisboa cap. 35, o qual é o seguinte:

«O muito alto, e muito poderoso rei D. João II d'este nome, mandou em seu testamento passar esta capella do bemaventurado Santo Antonio da Sé, donde estava. E que n'este lugar, que foi a propria casa, donde nasceu, á sua honra se edificasse, por ser tanta razão, que aonde a Nosso Senhor aprouve, que tão bemaventurado Santo nascesse, espirito de tanta santidade, e digno de tanta veneração, assim como natural d'esta cidade intercessor d'ella, e dos reis d'este reino fosse venerado. E por ficar encommendado o cumprimento do testamento ao muito alto, e muito poderoso rei D. Manuel o primeiro d'este nome, a mandou fazer para louvor de Deus, e memoria das graças, que este reino sempre lhe deve, pola mercê que fez no desejado nascimento do muito alto, e muito excellente principe D. Sebastião a 20 de janeiro de 1554, que é o dia em que se celebra a festa do bemaventurado S. Sebastião, ordenou que Francisco Correa, que então era vereador, e servia de provedor d'esta capella do bemaventurado Santo Antonio, antes de entrar á Missa do dia, o sacerdote que a houver de dizer levantasse em canto solemne o hymno *Te Deum laudamus*, para que todos que ouvirem,

(1) Sousa Histor. Genealog. tom. 3. p. 138. Goes Chron. de elrei D. Manoel part. 4. cap. 85. Cardoso no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 775.

venham a saber a razão d'esta nova extraordinaria solemnidade, e sabida tão obrigatoria causa, como foi para sempre para estes reinos a memoria de tão grande beneficio, e por elle graças a Deus peçam por intercessor o glorioso Santo Antonio a vida, e saude do principe nosso senhor, com muitos, e muitos perpetuos annos de elrei, e da rainha nossa senhora para seus serviços.»

Esta inscripção me persuado ser apocrifo o que dizem se lê no officio, e historia da conquista de Tangere escrita por um certo Alvaro, cujo appellido se ignora, no qual se affirma, que elrei D. Affonso V mandara collocar no templo de Santo Antonio d'esta cidade umas portas de bronze, que fizera conduzir de Tangere: d'onde se infere que já no tempo de elrei D. Affonso V estava feito o templo do Santo: o que é contra o que dizem os nossos historiadores, e consta do mencionado letreiro. Refere isto a Bibliotheca do abbade Barbosa no tom. 4. pag. 10. accrescentando mais para confirmar o pouco credito que se deve dar a esta noticia, dizer: que o dito livro se conservava na livraria do senhor infante D. Pedro, o que tal não ha, nem antes, nem depois do terremoto: porque assim o examinei com exacção

Estabeleceu-se n'esta igreja uma collegiada, que consta de um capellão mór, que tem de ordenado trinta mil réis para casas; sessenta mil réis para uma mula; vinte mil e seis centos para barrete, e sobrepeliz; e sessenta mil réis pela capella dos irmãos cidadãos vivos, e defuntos; e por superintendente do coro trinta mil réis, que tudo faz a somma de trezentos e doze mil réis. E elle só obrigado a ir ao coro nos dias classicos; e em quanto capellão mór, é provido pelo Senado; quanto ao mais é provido pela Mesa. Consta o coro alem do superintendente, de dezanove capellães cantores, dos quaes seis tem cento e vinte mil réis, que instituiu a piedade de elrei D. João V, tres tem noventa mil réis, e dez tem oitenta mil réis. O presidente do coro, que é um dos tres capellães, tem mais vinte mil réis, e o mesmo tem o regente do mesmo coro. O primeiro Prioste, e escrivão do coro tem cincoenta mil réis, e o segundo Prioste dous mil e quinhentos réis. Ha mais quatro meninos da capella numerarios, que tem cada um cincoenta e cinco mil réis, e tres supranumerarios com vinte mil réis. Tem esta casa, e igreja mais de vinte mil cruzados de renda, que a mesa administra com muito zelo.

Com o repentino assalto do terremoto, e incendio ficou este grandioso templo arruinado, e mais que tudo consummido, e desfigurado o famoso embutido das suas pedras, de que o corpo todo, e tecto da igreja era formado primorosamente. Porém observou-se como prodigio, que a voracidade das chammas, abrazando os retabulos, e tudo que estava mystico a tribuna do Santo, não offenderam a sua veneranda imagem, nem ousaram entrar dentro, trocando o furor em respeito, segundo con-

jectura a piedade, e devoção. Fez-se na igreja um sufficiente commodo para o exercicio do coro, e mais officios Divinos, em quanto se cuida na reedificação fundamental.

Nossa Senhora da Caridade—Foi edificada esta ermida pelos irmãos da Caridade no anno de 1747, junto á Basilica de Santa Maria da parte do mar. Padeceu bastante ruina.

Nossa Senhora da Consolação—Ficava esta ermida, ou capella por cima da porta da cidade chamada a porta do Ferro, ou arco da Consolação, e n'ella mandava a irmandade da Misericordia dizer uma Missa quando havia padecente, para que este adorasse ao Senhor no tempo, que por alli passava para o supplicio. Acha-se presentemente destruida com o terremoto, e incendio: e depois se mandou demolir o arco, e se extinguiu totalmente a sua existencia. Junto da escada, que subia para a tal capella, estava um marmore romano a modo de um marco pequeno com seu frizo, e uma inscripção, que dizia:

Esculapio
Aug.
Sacrum
Cultor. Larum
Maliæ, et Malio
li M. Cossituo
Macrinus donavit.

O qual vem a dizer: «Este templo é consagrado a Esculapio Augusto. Marco Cossituo Macrino o deu graciosamente a Malia, e Maliole amadores dos Deuzes Lares.» Lembra-se d'este marmore Antonio Coelho Gasco nas «Antiguidades de Lisboa cap. 50.

Senhor Jesus dos Desamparados, e Nossa Senhora do Rosario — Principiou a fundar-se de novo esta ermidinha no anno de 1755 em a rua das Canastras, e no mesmo sitio, onde havia estado uma casa de Oração, que se havia abrazado com o fracasso de um incendio: porém com o terremoto, e fogo do anno de 1755 se consumiu de todo.

Nossa Senhora da Misericordia — Fundou este sumptuoso templo elrei D. Manuel, e se concluiu governando elrei D. João III no anno de 1534. Estabeleceu-se aqui uma nobilissima irmandade, que na opinião ainda dos estrangeiros é de summo respeito. (1) Instituiu-a no claustro da antiga cathedral o veneravel fr. Miguel de Contreras, religioso trinitario natural de Segovia, com approvação da rainha D. Leonor mulher de elrei D. João II no anno de 1498. Compondo-lhe o mesmo veneravel

(1) Gil Gonçalv. de Avila nas Grandez. de Madrid lib. 4. apud Maced. nas Flor. de Espina cap. 9. excel. 9. n 2. Mervelu Memoires instructifs pour un Voyageur tom 2. p 141 D. Franc. de Herrera na Vida do B. Obregon p. 151. Carlos. Agiol. Lusit. tom 1. p. 284. Santuar. Marian. tom. 1. p. 64.

padre um compromisso fundado em tanto zelo do proximo, que parece foi inspirado por Deus. Foi-se extendendo a irmandade por todo o reino, até que concluida esta igreja da Misericordia, se transferiu para ella em 25 de março de 1534 com uma procissão solemnissima: e para se conservar a memoria do fundador, se fez um assento no anno de 1575 em que a Mesa mandou se pintasse sempre nas bandeiras da casa a copia, e retrato do sobredito religioso no mesmo habito da sua Ordem com estas letras F. M. I, que querem dizer fr. Miguel Instituidor.

Começou esta irmandade por cem irmãos, cincoenta nobres, e cincoenta mecanicos: depois se alargou o indulto a seiscentos. Compõe-se de um provedor, que sempre é cavalheiro, dos quaes expende um catalogo D. Antonio Caetano de Sousa no tom. 4. do Agiolog. pag. 26. desde D. Pedro de Moura, que foi o primeiro até D. Pedro de Almeida marquez de Alorna: tem mais um escrivão, um recebedor das esmolas, dous mordomos dos presos, seis visitadores, e outros mais irmãos competentes para o seu governo; mas todos eleitos por votos em dia da visitação de Nossa Senhora a 2 de julho.

É o instituto d'esta irmandade acodir ás necessidades do proximo, casar orfãs, curar enfermos, sustentar, e visitar viuvas pobres, passar cartas de guia, ou de recomendação para commodo dos peregrinos enterrar os defuntos, defender as causas dos presos, sustental-os, e livral-os dos carceres, acompanhar os justiçados até o patibulo, e finalmente concorrer para todo o exercicio, que for obra de caridade, e misericordia; dispendendo em todos estes actos grande somma de dinheiro, para que tambem concorre muito a piedade dos catholicos, que a tem enriquecido com muitos legados, passando a renda d'esta santa casa de cem mil cruzados cada anno.

Tem ella cinco actos publicos, em que devem assistir todos os irmãos sem falta. I. No dia da Visitação de Nossa Senhora á eleição annual, e á festa. II. Em dia de S. Lourenço para a eleição dos seis visitadores. III. Em dia de todos os Santos de tarde para a trasladação dos ossos dos padecentes, que morreram enforcados. IV. Em dia de S. Martinho Bispo para o officio solemne dos irmãos defuntos. V. Em a noite de Quinta feira santa para a procissão com que visitam as igrejas. Antigamente se fazia esta procissão com muita solemnidade, e penitencia. Referiremos o que achamos ácerca d'isto em uma fidedigna relação d'aquelle tempo.

«Partem da igreja os irmãos em anoitecendo, e vão pela rua nova «ter a S. Francisco, e d'alli passam á Trindade, e descem ao Carmo, e «d'alli vão a S. Domingos, e tornam pelo Rocio, pela Praça da Palha, «rua das Arcas, Correaria até á Sé, e da Sé tornam á Misericordia, gas«tando n'isto até á meia noite, e ás vezes até a uma hora. Os irmãos «serão sempre duzentos e cincoenta, até trezentos, e todos vão vestidos

«com suas vestimentas pretas, e postos em ordem de procissão com suas «velas nas mãos.

«Diante d'elles vão oitocentos, novecentos, até mil homens, e mu-«lheres disciplinando-se, os quaes todos vão vestidos de vestimentas «pretas, e assim homens, como mulheres, se ferem com as disciplinas, «que tiram muito sangue; e esta procissão vai repartida em tres, ou «quatro estancias, e entre uma, e outra um retabulo, ou Christo posto «na Cruz, e no meio vão dez, ou doze irmãos com suas varas regen-«do-os, e metendo-os em ordem.

«Entre estes disciplinantes vão muitos homens com barras de fer-«ro, e cruzes de páu grandes, e pedras ás costas: e para claridade da «gente levam cincoenta faroes de fogo, em que se gastam dous mil no-«velos de fiado de tomentos engraxados em borras de azeite, e cebo «para darem bom lume, os quaes faroes vão postos em hasteas muito «compridas, e altas; e levam trinta lanternas muito grandes metidas «tambem em hasteas com velas dentro acezas; e os irmãos, que regem, «trazem nas mãos quantidade de velas para tanto que faltar proverem «de outras: levam mais trinta homens com bacias nas mãos cheias de «vinho cozido, e os disciplinantes molham, e lavam n'elle as disciplinas, «porque lhe apertam as carnes. Da mesma maneira vão dez, ou doze «homens com caixas de marmelada feita em fatias, as quaes mandam «muitas pessoas fidalgas, e devotas, que dão aos penitentes; e levam ou-«tras de confeitado, e de cidrão para os que enfraquecerem soccorrem-«lhe com um bocado: e vão outros tantos homens com quartas de agua, «e pucaros nas mãos dando agua aos que tem d'ella necessidade. E tan-«to que chegam á casa da Misericordia estão fisicos, que expremem as «chagas dos penitentes, e lh'as lavam com vinho para isso confeiciona-«do, e os apertam, e vestem, e se vão curados para suas casas.

Recolhimento — Aos lados da igreja se fundaram dous magnificos recolhimentos de donzellas orfãs, que ainda que separados, tinham communicação um com outro, e com tribunas para a igreja. A Mesa da Misericordia o administra, e provê cincoenta e oito lugares para orfãs, dos quaes quarenta foram instituidos por Manuel Rodrigues da Costa, fidalgo, e commendador da Ordem de Christo, que falleceu em junho de 1684, deixando para cada orfã cem mil réis de dote. Os outros lugares são da casa. Havia finalmente nesta igreja por detraz do altar mór um coro, em que rezavam sessenta capellães as Horas Canonicas.

Succedendo o grande terremoto do primeiro de novembro, cahiu do cruzeiro da igreja uma porção de abobeda, e um campanario, que ficava por cima da porta da banda do terreiro; de cujo precipicio, e ruina morreram algumas pessoas. Ficou o padre thesoureiro na sacristia todo o sabado até quasi noite, e as orfãs até esse tempo se conservavam no recolhimento; mas vendo que os tremores continuavam, se resolveram a sahir, e foram para a horta da Bica do Sapato em companhia de um

homem do azul, que era o porteiro, e do padre thesoureiro, que com grande enleio, sem se lembrar de mais nada, deixando as portas da igreja, e da sacristia abertas, expoz á maior ruina toda a sua fabrica, assim de ornamentos, que havia muitos, e excellentes, por se acharem de proximo reformados; como de prata, de que apenas por diligencia dos officiaes da justiça se livraram algumas alampadas, podendo livrar-se tudo com muito socego de ladrões, e do incendio, porque este não entrou na igreja da Misericordia, senão pelas nove horas da manhã do domingo seguinte.

Abrazou-se finalmente o recolhimento, e demoliu-se com o incendio a igreja, ficando todavia isenta a capella do Santissimo, onde esteve ao desamparo cinco, ou seis dias, em que duron o fogo. Tambem ficou illeso o retabolo da capella do Santo Christo dos padecentes, que já a este tempo haviam livrado a veneravel imagem, posto que até agora ainda se não restituiu, nem a instancias de censuras, que para este fim, e de outras mais cousas se tem publicado. Ficou da mesma sorte reduzida a cinzas a casa do despacho, secretaria, e cartorio, sem que ficasse cousa alguma. Abrazou-se a sagrada reliquia do braço de Santa Anna, que estava em um oratorio na casa da Mesa, ficando consumida dentro do mesmo relicario de prata; cujas cinzas, e dous ossinhos, que mostravam ser de dedos, se conservam ainda no mesmo relicario, que se mandou guardar com toda a decencia.

Passados alguns dias se ordenou, que os padres continuassem na capella do Sacramento a exercer os actos do coro, o que fizeram em turmas, e assim continuaram até o dia de S. Thomé do mesmo anno, em que por medo do tremor de terra, que então houve, se passaram para a barraca da freguezia de S. Joseph, onde só um dia rezaram; porque aproveitando-se o eminentissimo prelado da mesma barraca, mandou ir para ella a communidade da Basilica de Santa Maria, e os padres capellães da Misericordia passaram para a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo na calçada do Lavre, e aqui rezaram até setembro do anno de 1756. Depois com racionavel motivo foram para a ermida de S. Pedro de Val de Pereiro, onde estiveram alguns dias. Ultimamente se transferiram para a ermida de S. Vicente Ferrer ás Olarias, onde actualmente existem.

As orfãs porém não se achando bem accommodadas na Bica do Sapato, para cujo sitio se haviam refugiado, passaram para Belem, e aqui experimentando maior descommodo, se lhe alugou as casas de Diogo Liberato na rua dos Anjos defronte da travessa do Desterro, onde permaneceram até o S. João de 1756, em cujo dia se mudaram para umas casas nobres do desembargador Filippe Ribeiro da Silva, contiguas á ermida de S. Vicente Ferrer, das quaes passaram para a calçada de S. André, accommodando-se nas casas, que desoccuparam os engeitados, pela passagem que estes fizeram para o collegio de Santo Antão, pelo Natal

do anno de 1762: e aqui presentemente se acham mais bem accommodadas.

N'este meio tempo fazia tambem a Mesa diligencia pela sua accommodação; porque supposto não faltavam avisos da secretaria de estado, para se darem á misericordia os materiaes, que fossem precisos, era tal a desordem, e confusão d'aquelles primeiros dias, que não se podia pôr cousa alguma em execução; até que se resolveu em fazer os actos da Mesa em uma barraca de panno, e taboas velhas, que estava na rua de S. Bento, a qual era de Antonio Rodrigues Gil mestre carpinteiro, e irmão da Misericordia; e reformando-se esta pelo tempo adiante com mais largueza, alli assistiu a Mesa até o S. João de 1756; porque uma accommodação, que intentou fazer na Cotovia, não teve effeito; depois se passou para as casas de Diogo Liberto, d'onde tinham sahido as recolhidas; e ultimamente se estabeleceu a Mesa nas casas, que alugou junto da ermida de S. Vicente Ferrer ás Olarias.

S. Sebastião. Existiu primeiramente esta ermida na rua da Padaria, onde foi fundada no anno de 1471, conforme affirma Christovão Rodrigues de Oliveira no seu summario; porém com a ultima reedificação, que se lhe fez, tinha a porta para a parte da Misericordia, e era administrada pelo tribunal de saude. Com o terremoto, e incendio se demoliu de sorte, que não se conhece o sitio onde existia.

Numerava esta paroquia oitocentos e noventa e seis fogos, e quatro mil e duzentas e cincoenta e cinco pessoas de communhão. Hoje está reduzida a uma deploravel decadencia: vendo-se deserta, e arruinada uma grande parte das suas ruas, que eram as seguintes

Ruas—Albuquerque, Almargem, Arco da Consolação, e de S. Francisco, Barão, Calçadinha da Graça, e de Quebracostas, Campo das Cebolas, Canastras, Conegos. Cruzes da Sé, Direita de Santo Antonio, Detraz de Santo Antonio, João Fogaça, S. João da Praça, S. Jorge, Largo do Aljube, e da Basilica, e das Cruzes da Sé, e do Senhor de Bellas, Meio da Ribeira, Mercearias dos homens, e das mulheres, Parreirinha, Passadiço da Ribeira, Pateo de Santo Antonio, e da Audiencia, Portas do Ferro, e do Mar.

Becos—Abreu, Alecrim, Aljube, Amada, Armazens. Bogio, Grinalda, Jasmim, Leão, Mel, Merceeiras, Perola, Seixo da parte de baixo, e da parte de cima.

Freguezias confinantes—S. Bartholomeu, S. João da Praça, S. Jorge, S. Mamede, Santa Maria Magdalena.

XXIII—*Santa Maria Magdalena*

Não obstante haver padecido esta igreja por varias vezes alguns contratempos, como foram os incendios succedidos no anno de 1369, em

tempo de elrei D. Fernando, e de elrei D. Manuel (1) os terriveis effeitos da peste do anno de 1560, e o memoravel estrago do furacão de vento no anno de 1600, cujos successos arruinaram, e consumiram a maior parte dos documentos do seu cartorio: todavia conservava-se ainda n'elle um livro antiquissimo, que vimos, pelo qual constava, que era de 1202, que corresponde aos annos de Christo de 1164, falecera D. Fuas, prior desta igreja, e lhe deixara as terras, e herdade do Murganhal com um encargo de anniversario, o qual ainda se fazia a 13 de setembro.

Continuam as memorias d'esta paroquia ainda pelos annos de 1237, pois segundo refere o chronista mór fr. Francisco Brandão, (2) por esse tempo reinando D. Sancho II, consta de uma escritura, que João Annes, e Ouroona Richardes pagavam ás religiosas de Chellas o foro de umas casas, que estavam sitas na freguezia da Magdalena junto ao Paço dos navios de elrei: *Quas habemus in Paroquia Sanctæ Mariæ Magdalenæ circa Palatium navigiorum Regis.*

A' vista desta antiguidade tiveram alguns para si, que a causa de pertencerem os irmãos do Santissimo desta paroquia hombrear nos actos publicos processionaes com os da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, era respeitando a igual primazia das suas origens, e crecções: o que não póde ser, porque a dos Martyres é sem controversia mais antiga. A razão fundamental desta igual concurrencia procede da tradição, que ha de serem os irmãos do Santissimo da Magdalena os primeiros, que nesta cidade introduziram as oppas, ou capas vermelhas, sem embargo, que não falta quem lhes refuta esta primeira invenção. (3)

Sempre foi esta igreja do padroado real, como consta do censual da mitra feito pelo arcebispo D. Fernando de Menezes no anno de 1547, que vimos: e de um contrato celebrado no anno de 1352, sendo bispo de Lisboa D. Theobaldo, em que com authoridade regia, sendo prior, ou reitor o mestre João Fogaça, se dividiram os frutos desta igreja entre o prior, e beneficiados, que até aquelle tempo viviam juntos em umas casas misticas á igreja. Presentemente é do padroado das Serenissimas rainhas, e era reputado o seu rendimento até o dia do terremoto em seiscentos mil réis.

Ha nesta igreja cinco beneficios de cem mil réis cada um, que apresenta, e colla o mesmo prior. Havia mais de quarenta capellães obrigados a dizer Missa nesta igreja todos os dias. Constava ella de onze altares. O altar mór era administrado pela irmandade do Santissimo, a qual com toda a grandeza em as festas, que celebrava, dava bem a entender o seu zelo, e obsequio; apresentando, e administrando vinte e uma capellas de differentes ordenados.

No altar da parte do Evangelho, e mais proximo á capella mór, que era de Santa Anna, se havia collocado no anno de 1715 a sagrada, e an-

(1) Duarte Nunes Chronic dos Reis de Portug. pagt mihi 165.
(2) Monarq Lusit. liv. 16. cap. 12. (3) Fr. Apollinar. na Demonstr. Histor. num. 151.

tiquissima imagem do Senhor Jesus dos Perdões, na qual o zelo do padre Pedro de Oliveira instituiu uma nobre congregação, e em todas as primeiras sextas feiras dos mezes se expunha o Santissimo no lado da mesma imagem com muitas indulgencias. Participava esta irmandade de uma especial sacristia ornada com um bom numero de reliquias: entre as quaes se distinguia a do Santo Lenho, e um osso de Santa Catharina que deu o bispo de Tagaste D. Manuel da Silva Francez, seu primeiro protector.

Seguia-se a capella de Santa Luzia, que em algum tempo festejavam os correeiros. No outro altar immediato, que era de S. Christovão, estava collocada a bella imagem do Menino Jesus com o titulo de Bom Pastor, e a de S. Tude: a cujos simulacros festejavam devotos particulares solemnissimamente. O altar, que se seguia, era dos Santos Apostolos, Simão, e Judas, onde tambem se venerava uma imagem da Senhora Santa Anna. O ultimo altar proximo á porta era o de S. Clemente.

Da parte da Epistola era o primeiro o de Nossa Senhora das Candeas: o segundo o de S. Miguel, e Almas com vinte capellães de cincoenta mil réis cada um, extrahida toda esta renda das esmolas da bacia: o terceiro de S. Cosme, e S. Damião, a quem festejavam os professores da Medicina. O quarto S. Eloy, cujo culto corria por conta dos ourives da prata. O quinto, e ultimo era de S. Sebastião o mais antigo d'esta igreja, e a quem festejavam os alfaiates da rua do Principe.

N'este florentissimo estado se achava tão veneravel paroquia, quando resistindo victorioso o seu templo ao incidente do terremoto, não poude todavia escapar ao incendio successivo, que tudo reduziu n'elle ao ultimo estrago, e destruição: livrando-se unicamente o Santissimo Sacramento por diligencia do paroco João Pinto da Cruz, que sem algum ornato, mas como fugindo apressadamente de tão violento inimigo, se foi refugiar abraçado com a sagrada Pyxide em a igreja de Santa Appellonia, d'onde veio depois agregar-se á freguezia de S. Julião em uma pobre barraca no Terreiro do Paço, d'onde passou para a freguezia de S. Martinho, em que ainda existe. Pereceram n'este horrivel fracasso cento e trinta e nove pessoas.

Achavam-se erectas no territorio d'esta paroquia as seguintes:

Ermidas—Nossa Senhora da Assumpção. Era uma pequena ermida, que estava no meio da rua dos Ourives da prata, a qual elles fabricaram á sua custa no anno de 1697, e a tinham muito bem ornada. O fogo a consumiu de sorte, que não permanece d'ella, nem sinal onde esteve.

Nossa Senhora de Belem. Era um hospital, ou Albergaria, chamada Hospital dos Palmeiros fundado no anno de 1330, segundo se colligia de um letreiro, que estava por cima da porta. (1) Tambem o incendio totalmente o consumiu.

(1) Veja-se o Summario de Christovão Rodrigues de Oliveira, e a Corograf. de Port. 3. p. 433. e o Santuar. Marian. tom. 7. p. 141.

Constava esta freguezia antes do terremoto de oitocentos fogos, e tres mil setecentas pessoas de communhão: hoje acha-se com quatro fogos, e quatrocentas e trinta e quatro pessoas dispersas por varias barracas, porque as ruas totalmente se extinguiram com a ruina dos edificios: eram ellas as seguintes

Ruas—Arco do Caranguejo, Arco de D. Thereza, Armazens, Caes da Pedra, (1) Calçada do Correio, Calçada detraz da Igreja, Carneçarias, Celleiros, Confeitaria, Correaria, Escada de pedra, Fancaria, D. Gil e Annes, Hospital dos Palmeiros, Louceiras, D. Mafalda, Padaria, (2) Pedras negras, Pelourinho, (3) Porta de ferro, Porta do Terreiro, Portagem, Principe, Rua nova da parte dos Livreiros, Rua nova da parte dos Mercadores, Rua da prata, Terreiro do Paço, (4) Travessa dos Armazens, Veropezo.

Becos—Açougue, Cura, Espera rapaz, Martim alho.

Freguezias confinantes—Nossa Senhora da Conceição, S. Julião, S. Mamede, Santa Maria, S. Nicolau.

(1) Este Caes, que ultimamente se havia ampliado, e rocdificado com toda a fortaleza experimentou uma total submersão em o fatal dia do terremoto tragando-o o mar com tão exquisito furor, e nelle a muitas pessoas, que por muitos dias se lhe não pode conhecer fundo do seu abatimento. (2) Nesta rua, que era habitada de officiaes de Sapateiro, houve no meio d'ella da parte direita, indo da Misericordia para Santa Maria, umas casas chamadas o Paço dos Tabelliães, onde como em Tribunal assistiam Notarios publicos, que faziam Escrituras, e outros instrumentos de compras, e vendas, etc. Da origem deste qua-i Tribunal não se acha memoria; e o que sabemos é, que pelo desconcerto dos tempos se foram em nossos dias inteiramente exonerando desta obrigação alguns dos ditos Tabelliães, e os poucos, que ficaram residindo no dito Paço alcançaram de elrei D. João V a faculdade, que lhe supplicaram de servirem os Officios em suas casas: por cujo motivo ficando devoluto o tal domicilio, o pediu ao sobredito Monarca Felix Joseph de Carvalho Moço da Prata, e Escrivão da Ouvidoria da Alfandega, o qual lh'o concedeu por um Aviso, que o Secretario de Estado Marco Antonio de Azevedo escreveu em 24 de abril de 1719 ao Desembargador Francisco da Cunha Rego, Vereador mais antigo da Camara de Lisboa. (3) N'este sitio havia antigamente o costume de assistirem varios homens com suas mesas para escrever cartas, e petições ás pessoas, que tinham d'ellas necessidade. Lembra-se disto Damião de Goes na Descripção de Lisboa, que publicou na lingua Latina em o anno de 1551, onde diz: «E' regione hujus portorii forum quod veteris pali» (isto é, Pelourinho velho) «vocatur, apparet, in quo semper non pauci homines mensis assistentes reperies, quos notarios, vel librarios vocare possimus, nullis tamen Civitatis ministeriis obligatos. Hi omnes ex hoc vitae genere sibi alimentum supeditant, quod omnium accedentium, mentesque suas explicantium sensum assequantur, ordineque in eodem ipso loco subita schedis, scribant, patentibusque data pro ratione materiae pretio tradant; in tantum ut literas, epistolasque amatorias, elogia, orationes, epitaphia, carmina, laudes, parentalia, petitiones, syngrapha, et cujuscumque generis alia, quae ab eis postulareris, ad ea habeant dispositum scribendi stilum, quod nullibi in totius Europae urbibus fieri vidi.» O mesmo affirma Christovão Rodrigues de Oliveira, como se lê no seu Summario impresso no anno de 1551.

(4) Uma das maiores praças, que tinha Lisboa era este espaço terrapleno, em o qual a vista de palacio real, e outros illustres edificios da parte da terra com a variedade das muitas embarcações grandes, e pequenas no mar visinho, formavam uma bella perspectiva. Desfigurou tudo o terrivel incendio successivo ao terremoto, reduzindo a cinzas quanto encerrava tão famoso palacio; e sobre tudo com perda irreparavel a preciosissima, e vasta Bibliotheca regia cheia de innumeraveis corpos de livros rarissimos, e codices m. s. O palacio se tem demolido, para se projectar outro artefacto, e formar uma nobilissima praça de Commercio, com varias accommodações para os tribunaes.

XXIV—*Santa Marinha*

De uma inscripção, que está sobre a porta principal d'esta igreja da parte do Evangelho, consta ter sido sagrada aos 12 de dezembro de 1222, (1) e este é o documento mais certo da sua antiguidade. Foi ella do padroado real, que elrei D. Diniz deu a Pedro Salgado: hoje acha-se na Ordem de Christo. O seu prior é de collação ordinaria, e tem alternativa com Roma, reputa-se o seu rendimento em setecentos mil réis, por lhe andar annexa a capella, que aqui instituiu o sobredito Pedro Salgado. (2) Ha na igreja cinco beneficios com obrigação de coro, que apresenta o prelado, e rende cada um oitenta mil réis.

As capellas aqui estabelecidas são as seguintes, uma do mencionado Pedro Salgado de Missa quotidiana com quarenta mil réis; estabeleceu mais o mesmo instituidor tres mercieiras com a congrua de doze alqueires de trigo a cada uma, quinhentos réis em dinheiro, e casas para morarem. No anno de 1621, instituiu aqui outra capella o desembargador Carlos Brandão Pereira de Missa quotidiana com a congrua de cezasete mil e quinhentos réis cada anno, a qual se não satisfaz, e vai para os legados não cumpridos. Ha mais outra capella de Missa quotidiana com uma livre cada semana, instituida pelo fisico mór do reino Manuel Pereira da Costa com a congrua de cincoenta mil réis. Foi muito pequeno o prejuizo, ou quasi nada, que esta igreja experimentou no dia do grande terremoto. Constava antes d'elle de duzentos fogos distribuidos pelas seguintes

Ruas, e becos—Adro da Igreja, Calçada da Graça, e de Santa Monica, Beco do Agulheiro, e das Cabras, largo da Igreja, e de Santa Monica, rua Direita, e da Oliveirinha, e do Tijolo, Terreirinho, Travessa de Santa Monica.

Freguezias confinantes—Santo André, S. Thomé, S. Vicente.

XXV—*S. Martinho*

A fundação d'esta paroquia é reputada entre as antigas da cidade, porque já desde o anno de 1168, achamos em escrituras memorias d'ella. (3) Na mesma igreja existe um authentico documento da sua antiguidade, pois entre a capella de S. Francisco, e o cunhal do arco do coro está um nicho, que foi feito para confessionario, no qual se lê em uma pedra a inscripção seguinte.

XIII. K. Februarij. IHN̄VS Ramirus Hu. Eccæ Priorus Prefectus
Obijt E. M. CC. XXI.

(1) Corograf. Port. tom. 3. pag. 363. (2) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 19. (3) Vide Cunha no Catalogo dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 7. n. 4.

Quer dizer. *Decimo tertio Kalendas Februarii Hieronymus Ramirus hujus Ecclesiæ Priorus Præfectus obiit æra* 1221. De cujo monumento se collige, que no anno de Christo de 1183, a que corresponde a data da era de 1221, lograva esta igreja a preeminencia de priorado. Tambem consta, que no primeiro de maio de 1191, assistira o prior d'esta igreja ao Synodo, que na cathedral fizera o bispo D. Sueiro Annes. (1)

Com o tempo se arruinou o primeiro edificio, e querendo o conde de Villa Nova D. Gregorio de Castello Branco correr com o dispendio da sua reedificação, lhe lançou solemnemente a primeira pedra nos fundamentos da nova igreja a 11 de novembro de 1634, sendo então prior d'ella o doutor Simão Torrezão Coelho deputado do Santo Officio, e lente da Universidade. Da memoria d'esta reedificação consta, que a primeira pedra fundamental se collocara n'aquella parte, em que se levantou o cunhal da igreja, sobre que está fabricado o arco do passadiço, que vai das casas do conde para a tribuna, e que a dita pedra está coberta com outra, a qual tem gravada a seguinte inscripção.

✠

I H S.

Anno à Christo nato MDCXXXIV, sedente ad Ecclesiæ Romanæ clavum Urbano VIII. P. M. Imperante Philippo Hispaniarum 4 et 3. hujus nominis Lusitaniæ Rege, Ecclesiam istam D. Martino Turonen. Episcopo, et pauperum patri dicatam, temporum injuriis, jam ac vetustate labentem, avita pietate, et regia magnificentia, propriis impensis iterum à primis erexit fundamentis, et in elegantiorem faciem, quam quondam habuerat, restituere curavit D. D. Gregorius à Castelbranco, Comes Villæ Novæ, Sortelliæ, et Goesiæ domus Dymnasta, Regijque corporis Custos maximus. XI. q. Novembr. die eidem Sanctiss. Præsuli sacro, primum istum lapidem jecit.

São as serenissimas rainhas donatarias d'esta igreja, cujo padroado se reputa render quatrocentos mil réis, pouco mais, ou menos, porque se extrahem da quarta parte dos dizimos de Barcarena, e Alverca. Pelo novo Regimento da Casa da Supplicação se manda dar ao paroco d'esta freguezia trinta mil réis em gratificação, e reconhecimento do trabalho, que tem com os prezos das cadeas do Limoeiro. Ha na igreja quatro beneficios, que apresenta o prior, os quaes são quatro aprestimos, ou prestimonios, que tem os beneficiados separados do monte grande; tres dos quaes rende cada um oitenta mil réis, e o outro quarenta mil réis, que os podem comer inteiramente em casa, se não querem residir; porém residindo, tem além do grosso do seu beneficio noventa alqueires de

(1) D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. cap. 11. pag. 145.

trigo, e uma pipa de vinho cada um, fóra o que rende o pé de altar pro rata.

As capellas, que ha nesta igreja, são estas: uma de missa quotidiana, e com a obrigação de se rezar um nocturno a 3 de novembro pela alma de D. Lopo de Castellobranco, de que é administrador o conde de Villa Nova, mas não se satisfaz, por ser de tenue esmola. Outra de quarenta mil réis, e de missa quotidiana pela alma de D. Antonio de Castellobranco, a qual administra o conde de Valladares, e se satisfaz. Outra de cem missas de esmola ordinaria ditas no altar da Senhora da Piedade pela alma de João de Loredo. Ha outra de ambulatoria, que se reduzio a seis mezes de missas, instituida por Marianna Preta de Negreiros, que tem de congrua não mais que vinte e cinco mil réis, pagos como juro na thesouraria do Tabaco.

Padeceu esta igreja suas ruinas com o espantoso terremoto, abrindo-se, e cahindo aos seus impulsos algumas porções das abobedas, e paredes, e precipitando-se um dos sinos da sua torre, que se fez em pedaços. Arruinaram-se tambem algumas casas pertencentes á Mesa Prioral d'esta igreja, e outras mais da propria freguezia, e com especialidade as cadeas da cidade, e da corte, d'onde os prezos sahiram francamente, e a casa da relação experimentaram horrivel destroço. Nesta ruina falleceram á porta da igreja sete pessoas, entre as quaes ficou incluso Paulo Farinha sargento mór engenheiro, cuja capacidade, e intelligencia nas materias mathematicas era digna de estimação; participando sua mulher, e uma criada da mesma violenta morte, com que alli foram acommetidas.

Passado um mez, em que a maior perturbação dos animos se havia algum tanto serenado, foi esta freguezia situar-se na ermida de Santa Barbara ás Fontainhas, onde esteve por espaço de nove mezes na companhia da de S. Jorge, em a qual ermida ambos os priores exercitaram por turnos os officios divinos, com uma alternada harmonia até setembro de 1756, em cujo tempo, e dia do Santissimo Nome de Maria, se restituio a esta antiga igreja de S. Martinho já reparada o seu prior Rodrigo Joseph Dourado de Mariz Sarmento, celebrando nella em acção de graças pontificalmente o excellentissimo principal Portugal.

Constava esta freguezia antes do terremoto de trinta fogos, e perto de trezentas pessoas de communhão. Os mesmos conserva ainda hoje, experimentando somente a diminuição nas pessoas do Limoeiro, por ficar desfeita, e totalmente inhabitavel a cadea da cidade. Esta cadea, ou carcere de malfeitores, chamada Limoeiro, e a Casa da Supplicação alli contigua foi obra sumptuosa, que mandou fazer elrei D. Manoel, e segundo escreve a chronista mór Fr. Francisco Brandão, aqui habitaram as commendadeiras de Santos pelos annos de 1405, quando estes paços eram do infante D. Duarte, filho de elrei D. João I, (1)

(1) Goes Chron. de ElRei D. Manoel part. 1. cap. 85. Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 57.

Ruas — É muito pequena a extensão d'esta paroquia, porque não passa do beco do Bogio, que é uma rua, ou travessa, que fica logo abaixo da igreja indo para a de S. Jorge, e acaba no fim da cadea até a chancellaria exclusive. Tem mais nos seus limites o pateo chamado do Carrasco, que fica para a parte esquerda da igreja.

Freguezias confinantes — S. Jorge, Santiago.

XXVI — *Nossa Senhora dos Martyres*

A primeira fundação d'esta igreja se deve aos cavalleiros estrangeiros, que ajudaram ao famoso heroe D. Affonso Henriques na expugnação de Lisboa pelos annos de 1147. Havia o inclito rei mandado benzer este sitio pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar, que o acompanhou nesta guerra, para servir de cemiterio decente aos corpos dos que morriam na conquista d'esta cidade, e logo aquelles cavalleiros fizeram erigir nelle uma ermida, onde collocaram a imagem de Nossa Senhora, (1) que haviam trazido na armada: e, porque se reputavam por martyres os que acabavam a vida derramando seu sangue nesta empreza, se chamou d'elles a Senhora, e o templo, ao qual depois de conquistada a cidade ampliou mais o mesmo rei.

Por esta indubitavel origem sem contradição alguma goza esta igreja da primazia entre as mais paroquias da corte, corroborando não pouco esta preeminencia não só conservar-se nella a primeira pia bautismal com a inscripção, posto que renovada no anno de 1602, de se ter alli bautizado o primeiro christão d'esta cidade, mas de estar de posse de tempo immemoravel de fazer com solemne procissão a festa do Santissimo Sacramento na vespera do Corpo de Deus, primeiro que nenhuma outra freguezia da cidade.

Foi esta igreja sagrada, como consta da sua dedicação celebrada a 13 de maio, de que faz memoria o Martyrologio Lusitano, e por tres vezes tem sido reformada a sua architectura. A primeira no anno de 1598, em cuja obra, que durou quatro annos, se gastaram cinco mil cruzados extrahidos de uma finta, que se lançou por todos os seus freguezes. A segunda no anno de 1710, em que se despenderam mais cincoenta mil cruzados. A terceira se concluio no anno de 1750 com o dispendio de mais de cem mil cruzados, procedidos de esmolas particulares, ficando d'esta ultima vez reedificada na ultima perfeição, especialmente na magnificencia interior do templo, sem duvida um dos melhores da corte.

O rendimento do paroco é todo extrahido do chamado pé de altar,

(1) Por intervenção d'esta sagrada Imagem obrou Deus muitos milagres, o que dá a entender Camões no Soneto 50 da addição das Rimas apud Faria p. 351. Veja-se tambem o Santuar. Mariano tom. 1. e a Fr. Appollinar. da Conceição, que no livro intitulado «Demonstração Historica» tratou largamente d'esta paroquia.

que importava quinhentos mil réis cada anno, dos quaes levava o dito paroco metade, e a outra metade se repartia por tres coadjutores. O eminentissimo patriarca apresenta o paroco com titulo de cura, e este apresenta o thesoureiro, que terá de congrua cem mil réis. Não tem beneficiados esta igreja, mas tem coro, onde rezam todos os dias as Horas Canonicas, que teve principio em Quarta feira maior do anno de 1733. Consta de nove capellães cantores, que apresenta, e administra a Irmandade do Santissimo com a congrua de cem mil réis uns, e cento e vinte outros.

Tem esta igreja varias capellanias de differentes instituidores, que administra, e apresenta a mesma irmandade do Santissimo, a saber: sete de sessenta mil réis pelas almas de Duarte Teixeira, e de João Vanganipe, e do Conego Manoel da Silva Cardoso: uma de cem mil réis pela alma de Guilherme Cabral Botelho: uma de oitenta mil réis por Manoel dos Santos: duas capellas, e meio annal de missas de setenta mil réis por Gonçalo Dias de Aguiar. A Irmandade das Almas com doze capellães de cincoenta mil réis cada um extrahidos do rendimento, e peditorio da bacia. Além d'estes capellães apresenta, e administra a mesma irmandade oito capellas de varios instituidores, que são quatro de setenta mil réis, tres de sessenta, e uma de cincoenta. Na mesma capella, ou altar das Almas instituio Martim Gonçalves de Souto tres capellas de cincoenta mil réis, que administra, e provê a mesa da Misericordia, e no altar de Nossa Senhora da Piedade instituio Manoel da Costa Calheiros tres capellanias de oitenta mil réis, que administra a Irmandade do Santissimo.

Além d'estas capellanias dispendia a Irmandade do Santissimo grosso cabedal em muitas obras pias. Em esmolas a freguezes necessitados tres mil cruzados cada anno. Dotava annualmente a doze donzellas com cem mil réis a cada uma; e dava mais seis dotes de cincoenta mil réis cada um a moças donzellas, dous em dia de S. João Bautista; dous em dia de Santo André, um em dia de Santa Barbara, e outro em dia da Senhora dos Martyres. Em fim é tal a caridade dos Irmãos do Santissimo d'esta primacial paroquia, que sendo o seu rendimento nove contos e quinhentos mil réis pouco mais, ou menos, sempre a despeza excedia todos os annos ordinariamente a receita.

A maior parte d'esta opulencia se destruio com o fatal terremoto, porque este a arruinou, e o incendio acabou de destruir não só a igreja paroquial, mas templos, e propriedades, que havia em todo o ambito da sua freguezia: sepultando-se entre as ruinas, e as chammas, o que não é possivel reduzir-se a calculo. Apenas escaparam dez familias no pateo de dentro chamado dos coches em o palacio do paço do Duque. Aqui se faz deploravel a grande perda do cartorio da serenissima casa de Bragança, que não havia muito tempo estava reduzido á mais distincta arrumação pela excellente idéa do mestre de campo general, e seu guarda mór Manoel da Maia.

Passado o dia do terremoto foi esta paroquia refugiar-se em uma barraca, que por modo de ermida com o titulo de Nossa Senhora da Conceição se havia levantado na quinta das casas, em que residem os reverendos doutores Ignacio Barbosa Machado, e seu irmão Diogo Barbosa em o sitio de Relhafolles, e alli esteve até vespera de Natal, em cujo dia se transferiu para a ermida de Nossa Senhora dos Martyres sita ao Rego nas casas dos herdeiros de Jacinto Dias Braga, onde se cantaram a primeira vez matinas da festividade do Natal: aqui estiveram expostos á publica veneração, ainda que em pobre deposito, os veneraveis ossos, e reliquias dos santos martyres, que padeceram por Christo na expugnação de Lisboa, e a quem as chaminas unicamente perdoaram. Depois passou a freguezia a estabelecer-se na ermida de S. Pedro Gonçalves ao Corpo Santo em o meio da Quaresma de 1756, onde presentemente se acha.

Dentro dos seus limites se comprehende o

Convento—S. Francisco. Chamado da Cidade. Foi fundado pelo S. Fr. Zacharias, governando elrei D. Affonso II no anno de 1217, e ampliado por outros monarcas portuguezes. Tem padecido varias ruinas por causa de incendios, como foram o de junho de 1707, e o de 30 de novembro de 1741, que reduzio a cinzas o convento. Achava-se elle já recuperado desde os alicerces em tudo, que tocava da parte do nascente, e do norte, e se hia continuando da parte do poente: tendo-se gasto na obra até o anno de 1755, em que succedeu o terremeto, mais de seiscentos mil cruzados, extrahidos não só da consignação regia, que eram cem mil cruzados em dez annos, que lhes concedeu o fidelissimo rei D. João V, e lhes continuou o fidelissimo senhor D. Joseph I; mais de duzentos mil cruzados de esmolas do Brasil; quarenta e tres, que deu a Santa Casa de Jerusalem; dezoito, que se tirou na corte, e cinco do bispado do Porto.

D'esta sorte se hia restabelecendo um dos maiores edificios sagrados, que tinha Lisboa, porque a igreja era formosissima Constava de tres naves formadas com doze columnas de notavel altura. Era o seu coro muito alegre, espaçoso, e nobilissimo, e tinha o tecto de abobeda pintado de excellente architectura pelo famoso Baccarelli. Ornavam a igreja muitas capellas, algumas de grande custo, e nellas se dava culto a muitas imagens de Jesus Christo, e de Maria Santissima; d'esta eram mais de onze, tendo todas suas irmandades, que tratavam d'ellas com exemplar devoção; excedendo a todas a da Ordem Terceira, de que eram irmãos todas as pessoas reaes, e quasi toda a fidalguia da corte, e innumeravel gente de todos os estados: dizem que em alguns annos chegou a numerar vinte mil irmãos, e render sessenta mil cruzados.

Achava-se nesta conformidade tão grande templo, e convento, em que assistiam duzentos religiosos, e elle com a duração de quinhentos e trinta e oito annos desde a sua primeira fundação, promettendo quasi

eterna permanencia, segundo a fortaleza, com que hia reedificado; porem o formidavel terremoto destruio, e abateu totalmente o coro, igreja, capella mór, as varandas do claustro grande junto da igreja, e os seus arcos, que se conservavam na reedificação, e sobrevindo logo o vehemente incendio converteu em cinzas a maior parte do convento, e igreja com todos os viveres da communidade, toda a sua livraria, que constava de mais de nove mil volumes, todas as suas alfaias, as muitas, e preciosas da veneravel Ordem Terceira, as da celebre, e antiga Irmandade da Madre de Deus, e sua excellente capella, a de todas as mais irmandades, e se presume, que derreteu a maior parte da prata, pois até agora não tem apparecido mais que um calix, e um thuribulo. Sendo o mais sensivel d'este fracasso a morte de quasi seiscentas pessoas, e doze religiosos, que pereceram dentro da igreja, e convento, porque, como a ruina foi subitanea, não deu lugar a que muita gente, que estava dentro podesse toda por-se em salvo.

Da obra nova ainda ficou livre a quadra, em que está o Hospicio da Terra Santa para a parte do sul, que consta de tres dormitorios, e de espaçosas casas de officinas: aqui ficaram poucos religiosos, porque os mais se passaram para o sitio de Campolide, onde fizeram logo uma pobre barraca de lona, para se abrigarem das inclemencias do tempo, e nella a primeira vez, que rezaram, foi em vespera da Conceição da Senhora no mesmo anno: porém, como estavam alli padecendo muitos incommodos, se resolveram transferir-se para o sitio do Rato, e na quinta de D. Helena, hoje dos padres da Congregação de S. Filippe Neri, erigiram com o adjutorio de varias esmolas uma ermida de madeira com tres altares, e seu coro, onde em vespera de Natal do dito anno deram principio aos divinos officios, e á erecção de um conventinho com as accommodações possiveis, em que existiram até que se transferiram para o sitio antigo do seu convento, que em agosto do anno de 1757 se principiou a desentulhar.

Hospicio—Dos Missionarios do Varatojo. Teve principio no anno de 1685 por mercê de elrei D. Pedro II, e existia na Cordoaria nova. Ficou totalmente destruido com o terremoto, e fogo. Elrei D. Joseph I lhe fez mercê para hospicio de dous quartos das casas que foram dos padres da Companhia na rua da Conceição á Cotovia.

Recolhimento — De meninas pobres. Foi estabelecido no anno de 1746 por Ignez de Jesus Maria na rua do Ferregial; viviam de esmolas, e andavam vestidas no habito de Nossa Senhora do Carmo. Destruiu-se com o terremoto, e incendio.

Ermida — Nossa Senhora da Graça. Existia nos paços da serenissima casa de Bragança. Foi reedificada no anno de 1712, e nella se faziam duas festas cada anno: a primeira em 4 de outubro, e a segunda no dia oitavo da Conceição, cujo obsequio lhe tributavam os academicos da Academia Real da Historia. Tambem o fogo lhe não perdoou, reduzin-

do-a a cinzas; devendo-se com razão lamentar entre as grandes perdas, que neste infortunio padeceu Lisboa, não só a ruina d'este amplissimo palacio, mas o importante thesouro de alhaias preciosas, que os monarcas portuguezes alli conservavam.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fogos, e quasi sete mil pessoas. Depois no anno de 1756 se desobrigaram nella como freguezes duas mil e duzentas e oitenta e oito pessoas de communhão: e na Quaresma do anno de 1757 se desobrigaram mil e trezentas e cincoenta e cinco pessoas. Repartiam-se pelas seguintes

Ruas — Ametade, Arco de D. Francisco, Barroca, Boa viagem, Cabides, Calçadinha, que vai para o Corpo Santo, Cheado, Commendadeira, Cordoaria Nova, e Velha, Corte Real, Cruzes de S. Francisco, Cubertos, Cura, Direita dos Martyres, Direita das portas de Santa Catharina, Ferregial, Figueira, Fontainhas, Fundição, Luiz de Castro, Manga, Oliveirinha, Oiteiro, Paço do Duque, Pelada, Parreirinha, Picadeiro das portas de Santa Catharina, Pocinho, Saco, Sobre o Muro, Terreiro de S. Francisco.

Becos — Amendoeira, Cancello de cima, e de baixo, Cortezia, Forno da Rocha, Manga, Pelada, Pedro Rodrigues. Quasi todas estas ruas se vêem desertas, e confundidas.

Freguezias confinantes — Nossa Senhora da Encarnação, S. Julião, S. Nicolão, S. Paulo, Sacramento.

XXVII — *Nossa Senhora das Mercês*

Estando a santa igreja de Lisboa em Sé vacante pela morte de seu arcebispo D. Rodrigo da Cunha, concedeu o reverendo Cabido licença no anno de 1652 ao desembargador do paço Paulo de Carvalho, para que se pudesse estabelecer em igreja paroquial uma ermida sita na rua Formosa, e dedicada a Nossa Senhora das Mercês, junto da qual havia um recolhimento de mulheres devotas, que depois se extinguio; a qual ermida elle reedificara com grandeza, annexando-a em cabeça de um morgado, que instituira. (1) Permittio-lhe o mesmo Cabido privilegio de poder, como padroeiro, apresentar cura, coadjutor, e thesoureiro, cuja regalia herdam seus successores, de quem é hoje seu sobrinho o illustrissimo, e excellentissimo conde de Oeiras Sebastião Joseph de Carvalho e Mello, secretario de estado de elrei fidelissimo dos negocios do Reino.

Tem o paroco predicamento de cura, e de renda mais de trezentos mil réis: ao coadjutor renderá cento e vinte mil réis, e ao thesoureiro setenta mil réis. Consta de duas Irmandades; a do Santissimo Sacramento, que apresenta oito capellas de missa quotidiana, duas de sessenta mil réis, uma de cincoenta, e as outras de quarenta. A Irmandade das

1) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 91.

Almas tem um capellão de missa quotidiana com a congrua de cincoenta mil rêis. As outras capellas aqui instituidas são estas: uma pela alma do primeiro padroeiro de sessenta mil rêis: outra que instituio o padre Caetano Lopes Prior, que foi da igreja da Magdalena, com a congrua de sessenta mil réis: outra que instituio D. Antonia Maria do Amaral de cincoenta mil rêis, e missa quotidiana, da qual é hoje seu administrador Caetano Joseph da Silva Sena.

Nesta paroquial igreja com o memoravel terremoto se arruinou a tribuna da capella mór, a frontaria da igreja, a torre dos sinos, quebrando-se todos os que nella estavam, e com o seu precipicio ficou destruido o coro, e uma nobilissima casa da tribuna, que alli tem o padroeiro. Padeceram tambem consideravel ruina mais de setenta propriedades de casas dentro dos limites d'esta paroquia, das quaes a maior parte se acham restabelecidas, em cuja destruição perderam a vida mais de noventa pessoas. Obrigou este aperto ao paroco transferir o Santissimo para a ermida da Ascensão de Christo, sita na calçada do Combro, que ficou livre, e aqui esteve, em quanto a igreja paroquial se acabou de reedificar das ruinas, tornando a mudar-se para ella o Santissimo Sacramento com uma solemnissima procissão a 22 de maio de 1757, onde permanece.

Os sagrados edificios, que se acham erectos dentro do territorio d'esta freguezia, são os seguintes:

Convento—Nossa Senhora da Divina Providencia. De Clerigos Regulares de S. Caetano. É casa, que fundou o padre D. Antonio Ardizone desde o anno de 1650 por concessão de elrei D. João IV, e se foi augmentando mais com a piedade, e grandeza do senhor rei D. Pedro II, que concedendo-lhe faculdade para maior edificio, se lhe deu principio em 7 de abril de 1698, lançando-lhe a primeira pedra o cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa, a qual igreja se não acabou. Todo este sagrado edificio padeceu bastante ruina com o terremoto, por cujo motivo passou a maior parte dos religiosos para a sua quinta do Campo Grande, e outros para as casas dos seus parentes: porém a dispendio do padre D. Luiz Caetano de Lima se reparou a igreja, e o convento de fórma, que os religiosos se restituiram a elle pela Quaresma de 1757.

Collegio—S. Pedro, e S. Paulo. Foi fundado no anno de 1632 por D. Pedro Coutinho fidalgo de grande zelo pela fé de Christo, pois o instituio para seminario de inglezes catholicos romanos, os quaes aprendem aqui filosofia, e theologia dogmatica para confutar os hereges nas missões de Inglaterra, e outros paizes hereticos. É seu protector o inquisidor geral. A ruina, que padeceu com o terremoto, se acha já recuperada.

Mosteiro—Nossa Senhora da Conceição. De Carmelitas Descalças Fundou-o no sitio dos Cardaes D. Luiza de Tavora, commendadeira do mosteiro de Santos pelos annos de 1681. Teve grande ruina pelo terre-

moto este mosteiro, e assim as religiosas mandaram erigir barracas na sua cerca, onde ainda se conservam, em quanto se repara o mosteiro, e igreja.

Hospicios —Nossa Senhora dos Anjos. Está situado na travessa do Oratorio, e é de missionarios de Brancanes desde o anno de 1717, porém fundado com melhor accommodação no anno de 1725. Pequeno prejuizo padeceu com o terremoto.

Nossa Senhora do Carmo. De Religiosos Carmelitas da Provincia de Pernambuco.

Nossa Senhora da Conceição. De Religiosos Franciscanos do Rio de Janeiro, situado na travessa da Estrella, e estabelecido no anno de 1703.

Nossa Senhora da Conceição. Existente na rua do Carvalho de Religiosos Franciscanos da Ilha da Madeira. Todos estes tres hospicios se acham restituidos da pequena perda, que tiveram com o terremoto.

Ermidas — Nossa Senhora da Ajuda, e Santos Fieis de Deus. Foi fundada no anno de 1551 por um Affonso Braz, e depois addicta á archiconfraria do hospital de Santo Espirito em Roma. D'esta ermida escreve fr. Agostinho de Santa Maria no Santuar. Mariano tom. 7. p. 26.

Ascensão de Christo. Foi fundada no anno de 1500 por um Antonio Simões de Pina. Ficou livre dos terriveis effeitos do terremoto.

Nossa Senhora do Carmo. Erecta na rua Formosa, de que é padroeiro Manoel de Sampaio e Pina. Tambem o terremoto lhe não fez damno algum.

Constava esta freguezia antes do terremoto de oitocentos e quarenta fogos; presentemente se acha com diminuição, e tem as seguintes

Ruas—S. Boaventura, Caetanos, Calçada do Combro, Cardaes, Carvalho, Cruz de Páo, Horta do Cabra, e do Conde de Soure, Jesus, Moinho do vento, Rosa das Partilhas, metade sómente, rua Formosa, Vinha.

Becos, e travessas — André Valente, Beco das Freiras, Conde de Soure. Fieis de Deus, Inglezes, Oratorio.

Freguezias confinantes—Santa Catharina, Nossa Senhora da Encarnação, Santa Isabel.

XXVIII—*S. Miguel*

Da origem, e antiguidade d'esta paroquia não achamos outro documento mais que a memoria, que Christovão Rodrigues de Oliveira faz d'ella no seu Summario impresso no anno de 1551, por onde se prova a sua anterior existencia. O padre Antonio Carvalho no tom. 3. da Corografia diz, que se reedificara á fundamentis no anno de 1674, por estar ameaçando ruina o edificio antigo. É igreja do padroado real, e o seu paroco tem o predicamento de prior com a lotação de trezentos mil réis. Ha nella quatro beneficios com obrigação de coro, os quaes apresenta o mesmo prior, e rende cada um setenta até oitenta mil réis. Consta das Irmandades seguintes: a do Santissimo Sacramento, que

apresenta uma capella de sessenta mil réis, a das Almas, que antes do terremoto apresentava treze capellas de cincoenta mil réis cada uma; a do Senhor Jesus da Pobreza. Tem cinco confrarias, a saber; a da Senhora Santa Anna; a da Senhora das Candeas, que algum tempo se intitulou dos Milagres pelos muitos, em que resplandecia; a de Santo Antonio, e a de S. Sebastião.

Não ficou esta igreja isenta dos estragos, que lhe causou o grande e repentino terremoto; porque arruinando-se o tecto, que ficava sobre o coro, o prostrou, com tudo o que comprehendia: tambem o precipicio das suas duas torres não só fez estremecer as paredes do lado esquerdo, mas quasi as de toda a igreja. Este estrago obrigou a que se estabelecesse a paroquia em umas casas fronteiras ao Campo da Lã, d'onde se restituiu para a sua igreja depois de reparada quanto foi possivel.

Constava antes do terremoto de oitocentos e setenta fogos; e de tres mil e setecentas pessoas de communhão. Depois experimentou a diminuição de ametade, porque as melhores propriedades de casas, que estavam no ambito d'esta freguezia, ficaram summamente arruinadas, e seus inquilinos, e donos passaram para outros territorios; e para estas ruinas pobremente reparadas vieram assistir gentes humildes, e pela maior parte homens de ganhar com a utilidade, que tem dos novos armazens da Alfandega, onde lidam. As ruas, inda que algumas destruidas, são as seguintes:

Ruas — Adiça, Banda da Praia, Castello Picão, Chafariz de Dentro, Figueira, Largo do Adro, Pateo do Almotacé, Pateo das Canas, Rigueira, rua Direita de cima, e de baixo.

Becos — Alcaçarias, (1) Alegrete, Alfama, (2) Azinhal, Bicha, Cardosa, Cativo, Cego, Corvina, Santa Elena, Formosa, Mel, Mexias, Mortos, Pocinho, Terreirinho do Mestre Leal.

Freguezias confinantes — Santo Estevão, S. Pedro, Salvador.

XXIX — *S. Nicolau*

A igreja, e notavel freguezia de S. Nicolau é uma das antigas de Lisboa, pois consta não só por tradição, mas pela Historia ecclesiastica d'esta diocese, que o bispo D. Matheus a mandara de novo erigir no anno de 1280, posto que n'este tempo se achava ausente em Italia. (3) E sendo certo que elrei D. João I no anno de 1430 annexara a renda

(1) Existem aqui os banhos chamados das Alcaçarias de grande utilidade, não só para quem os aluga, mas para remediar varios achaques, de que falla Miranda na Aquilegio Medicinal cap. 1. § 27. (2) O P. D. Rafael Bluteau no Vocab. Portug. diz que este é o bairro mais antigo de Lisboa. O nome é arabigo, que quer dizer banho de agua quente, conforme explica João de Barros nas antiguidades do Minho cap. 2. E porque em Alfama ha grande copia de aguas calidas, e já as havia em tempo dos mouros, por isso chamaram a este sitio «Alfama» que corresponde ás Thermas dos gregos. Os curiosos podem vêr a Duarte Nunes na Descripção de Portugal cap. 12. pag. 34. (3) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2 cap. 51.

dos frutos d'esta igreja á Universidade de Lisboa, (1) bem se infere, que ja antecedentemente estava estabelecida, e que era do padroado real.

Passados tempos foi preciso reedificar-se, (2) e assim se transferiu o seu sacrario para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, que estava dentro dos seus limites, onde permaneceu até 8 de agosto de 1627, em cujo dia se restituiu solemnemente para a sua igreja reedificada, a qual se acabou de rebocar no anno de 1650, como consta da inscripção de uma pequena pedra, que estava collocada na parede da parte de fora da mesma igreja nas costas da capella de S. Bartholomeu, cujo letreiro dizia:

«Aos 8 de Agosto de 1627 se passou o Santissimo Sacramento de Nossa Senhora da Victoria para esta Igreja de S. Nicolau, e se rebocou com o dinheiro, que o Procurador, e o Thesoureiro do Reino alcançaram da finta passada d'esta Igreja 1650.»

É hoje esta igreja do padroado das serenissimas rainhas, e n'ella tem havido alguns priores muito estimaveis pelas suas virtudes, como foi o reverendo prior João Pissarro, que fallecendo a 6 de maio de 1660 com sinaes de predestinado, ainda vive a memoria das suas virtuosas acções em toda Lisboa. Rendia este priorado antes do terremoto um conto quatrocentos e quarenta mil réis, de que ao prior não pertencia tudo, por tocar á Universidade de Coimbra uma terça parte, por lhe ser annexa. Apresenta o mesmo prior dez beneficios, que respectivé aos frutos renderá cada um cincoenta mil réis certos. Consta o coro, além dos beneficiados, de seis capellães cantores com differentes ordenados. A irmandade do Santissimo apresentava vinte e seis capellanias tambem de congruas diversas; e a das Almas apresentava quatorze capellas de quarenta e oito mil réis cada uma.

Entre as mais irmandades, que se achavam aqui estabelecidas, era veneravel por antiga a de Nossa Senhora das Mercês: porque trazendo sua origem de uma romagem, que certos devotos affervorados com o exemplo da festa instituida em Alemquer pela rainha Santa Isabel, faziam todos os annos indo de Lisboa á igreja da Merciana com um cirio; no anno de 1431 não querendo admittil-os os mordomos da Merciana por causa da peste, que então affligia Lisboa, os taes confrades voltando descontentes, estabeleceram a mesma confraria em S. Nicolau com

(1) Leitão Ferreira Notic. Chronolog da Univ. de Coimbr. num. 1231.

(2) Nas ruinas da Igreja velha se acharam algumas antigas Inscripções em pedras, como refere Luiz Marinho de Azevedo, e transcreve uma no cap. 8. do liv. 3. das Antig. de Lisboa: e dellas se mostra haver neste sitio Templo erecto á Deusa Tethis por voto dos marinheiros, e barqueiros Lisbonenses no tempo da gentilidade, como bem se persuade o mencionado Francisco Leitão Ferreira.

o novo titulo de Nossa Senhora das Mercês, e fazendo o seu compromisso, não só lh'o approvou o Nuncio Jeronymo Riceno chamado Cabeça de ferro aos 27 de janeiro de 1538, mas lhes deu faculdade para erigirem capella com adro, e sino. Este compromisso foi depois confirmado por D. Jorge de Almeida em 28 de agosto de 1565, o qual compromisso nós vimos, e começava: «Considerando quão grandes, e maravilhosas são as obras de Nosso Redemptor, e Salvador, etc.» No anno de 1728 se agregou esta irmandade á archi-confraria de Santo Adrião de Roma, para participar das muitas graças, e indulgencias, que os Summos Pontifices lhe tem concedido.

No infausto dia do grande terremoto experimentou esta igreja uma total, e horrorosa destruição, e com o incendio subsequente a perda de todo o seu movel preciosissimo; e para que a lastima fosse mais sensivel, morreram n'esta tragedia dentro dos limites d'esta paroquia perto de quatro mil pessoas. Ficando d'esta sorte a freguezia arruinada, deserta, e inhabitavel: passou o seu paroco a estabelecer-se na ermida de Nossa Senhora da Pureza na Calçada da Gloria, onde actualmente existe; havendo estado os primeiros dous mezes depois da fatalidade, unida com a paroquia de Santa Justa em a barraca do Rocio.

Dentro do seu territorio se achavam erectos os seguintes:

Conventos—Corpus Christi. De religiosos Carmelitas descalços. Foi fundado no anno de 1648, lançando-lhe a primeira pedra fundamental em 28 de setembro o arcebispo eleito de Lisboa D. Manuel da Cunha. E este mesmo lugar, que a aleivosia do traidor Domingos Leite, dirigido pela obediencia castelhana, havia escolhido para tirar n'elle a vida a elrei D. João IV, converteu a piedade da serenissima rainha D. Luiza sua mulher em templo consagrado a Deus, a Maria Santissima, ao Anjo Custodio, a S. Jorge, á Rainha Santa Isabel, e ao bemaventurado portuguez Santo Antonio em agradecimento de livrar milagrosamente a elrei d'aquelle intentado parricidio. No anno de 1661, entregou a mesma serenissima rainha esta igreja, e convento aos religiosos carmelitas. O terremoto, e incendio memoravel poz todo este sagrado edificio na ultima miseria, transformando em cinzas, o que n'elle havia, sendo a perda mais para sentir, a da procuradoria geral, onde se conservavam os titulos, padrões, e escrituras originaes de todos os conventos da provincia, com outros muitos papeis de grande importancia de varias pessoas d'esta corte, e reino. Vendo-se n'este aperto os religiosos, determinaram ir para o Campo do Curral, onde armaram uma decente barraca, e sua ermidinha, e aqui estiveram até a Quaresma do anno de 1757, em que foram habitar para um novo convento, e igreja, que erigiram á fundamentis na freguezia de S. Joseph, no principio da rua chamada do Passadiço.

Espirito Santo. Dos padres da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri. O templo foi reedificação mandada fazer por elrei D. Manuel

pelos annos de 1514, pois o antigo, segundo consta de uma escritura, que allega o author da Corografia Portugueza no tom. 3. pag. 445, já estava erecto no anno de 1279. Para aqui se mudaram os Congregados vespera da Assumpção da Senhora em 14 de agosto de 1674, havendo permanecido na rua nova de Almada no sitio chamado as Fangas da Farinha, onde o veneravel padre Bartholomeu do Quental seu fundador havia instituido a Congregação em 16 de julho de 1668.

Floreciam aqui estes sabios congregados no pratico beneficio da educação literaria, em que se destinaram a ensinar publicamente a grammatica, filosofia, e theologia, com grandes esperanças de promover estas faculdades, segundo o abreviado systema do seu novo methodo: porém sobrevindo por Divina permissão o terremoto, e furioso incendio, templo, e convento se reduziram a cinzas com tudo quanto occupavam, e com a morte de quatro padres congregados, e outras pessoas, que morreram na igreja, reputando-se entre as mais perdas, por notavel a de uma preciosissima custodia de diamantes, e a grande collecção de estimaveis reliquias, que se veneravam no altar de Jesus Maria Joseph, e a da immensa copia de livros escritos em louvor da Mãi de Deus, que formavam uma singular, e distincta Bibliotheca Marianna. Os padres depois do infortunio passaram para o seu regio convento das Necessidades, situado junto a Alcantara, onde exercitam o mesmo magisterio com grande applauso dos doutos.

Ermidas—Ascensão de Christo. Estava no largo do Valverde, e era administrada por trinta pessoas circumvisinhas. Foi erecta no anno de 1655, segundo consta de um letreiro, que ainda se lia por cima da porta travessa. Tinha seu capellão com casas contiguas para morar, e quarenta mil réis de ordenado. Junto d'esta ermida tivemos o nosso nascimento, em que vimos a primeira luz do mundo aos 2 de fevereiro de 1701. Esta memoria, que muitos terão por escusada, nos desculpa o amor da patria, o qual sempre nos faz guardar no interior uma plena satisfação, e lembrança dos primeiros objectos, que conhecemos. Hoje porém nos serve de magoa a sua deploravel ruina.

Nossa Senhora da Palma. Ficava por detraz da igreja de S. Nicolau. Da sua primeira fundação se lembra Christovão Rodrigues de Oliveira no seu Summario. Reedificou-se no anno de 1717, mas pelo terremoto teve sua ruina, e depois total extinção com o novo plano da cidade.

Nossa Senhora da Victoria. Foi fundada no anno de 1556, como constava da inscripção gravada em uma pedra sobre a porta da igreja. Fabricou-se não só com o producto de certas propriedades, que lhes deixou Margarida Lourenço, mas com varias esmolas, que adquiriram os officiaes da caldeiraria seus administradores, e com as rendas de um hospital chamado de Santa Anna situado ás Fangas da Farinha, que incorporaram, e uniram á ermida, com a mesma obrigação de curarem

os enfermos. Tambem padeceu bastante ruina com o terremoto, e fogo, e depois totalmente se extinguio com o plano da cidade.

Hospital—Na Calçadinha chamada do Carmo, que pertencia aos limites desta freguezia, estava um sumptuoso hospital, em que se curavam com muita caridade, grandeza, e asseio os irmãos da veneravel Ordem Terceira do Carmo. Era neste genero uma das obras magnificas da Corte, em que os irmãos gastaram mais de cem mil cruzados, para que muito concorreo o grande zelo do seu padre commissario fr. Joseph de Jesus Maria, que lhe deu principio no anno de 1704. Acha-se presentemente irreparavel não só pelas ruinas, que lhe causou o terremoto, e incendio passado, mas com a erecção da nova muralha, que elrei mandou fazer para amparar a igreja do Carmo.

Constava esta freguezia antes da infausta tragedia, de dous mil trezentos e vinte e cinco fógos: e pessoas de communhão nove mil e oitocentas e quatorze. Acha-se agora com quinhentos e setenta e cinco fógos, e com mil e quinhentas e vinte pessoas de communhão, dispersos, e abbarracados por varias freguezias da corte. As ruas de que constava, todas estão destruidas, confusas, e inhabitaveis, mas para que se não perca de todo a sua memoria, eram as seguintes:

Ruas—Arcas, Arco de Jesus, Barreiro, Cabreiros, Cabriteiras, Calçada de Payo de Novaes, Calçado velho, Caracol do Carmo, Chancudo, Crasta, Crucifixo, Cutelaria, Douradores, Espingardeiros, Espirito Santo, Esteiras, Lagar do Cebo, Mestre Gonçalo, Mudas, Odreiros, Pedras negras, Pichellaria, Pinovai, Poço do Chão, Quebracostas, Solteiros, Serralharia, Sombreireria, Forneiros, Valverde.

Becos — Atafonas, Cardim, Carrança, Carretão, Desnarigada, Formosinha, Freira, Lamirante, Luzia, Manquinho, Mezes, Misarada, Moças, Namorados, Pocinho, Refrigerio, Regalada, Rolim, Sardim, Seirão, Silvestre.

Pateos—Almas, Esnoga, Valentim Lobo.

Freguezias confinantes—Senhora da Conceição, S. Julião, Santa Justa, S. Mamede, Santa Maria Magdalena, Senhora dos Martyres, Santissimo Sacramento.

XXX—*Santa Igreja Patriarcal*

Foi constituida a capella real em paroquia desde 24 de agosto de 1709 por Breve do Papa Clemente XI, que começa «Piis Catholicorum Regum votis: (1) e considerada esta igreja com semelhante regalia, consta de um cura, que o eminentissimo cardeal patriarca apresenta como capellão mór, o qual tem de ordenado trezentos mil réis, e de um coadjutor provido pelo mesmo prelado com a congrua de cento e cincoenta mil réis.

(1) Codex Titul. S. L. E. P. tom 1. pag. 2. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 43.

Pertence ao dito cura administrar os Sacramentos a todas as pessoas, que servirem, e residirem no palacio de elrei, ou sejam seus criados, ou familias, e criados dos mesmos criados, com tanto que todos tenham sua residencia no mesmo palacio, e posto que tambem lhe pertença o direito referido pelo que respeita ás proprias pessoas dos criados de elrei dispersos pela corte; se não extende ás familias d'estes, e seus criados, que só são paroquianos da freguezia, onde habitam, como tudo consta de um acordão da Relação ecclesiastica de 15 de Dezembro de 1757 explicando a sobredita Bulla. Tambem são freguezes d'esta paroquia todos os ministros, e pessoas, que servem a santa igreja Patriarcal, e capella real: e antes do terremoto lhe pertenciam os habitadores nos Cubertos da Ribeira das Náos, que eram mais de quatrocentas pessoas, por terem sua residencia dentro dos muros do paço.

A Irmandade do Santissimo Sacramento aqui estabelecida em novembro de 1709 pelo fidelissimo rei D. João V, o qual se constituio por juiz perpetuo, e a todos os seus criados elegeu para irmãos do Santissimo, provê duas capellas, uma de cento e vinte mil réis, e outra de cem: provê mais tres acolytos, o primeiro com oitenta mil réis, o segundo com setenta, e o terceiro com sessenta.

Ha aqui outra Irmandade da Senhora das sete Dores, erecta com anthoridade de Innocencio XIII aos 7 de maio de 1723 por supplicas da augustissima rainha D. Maria Anna de Austria, a qual consta de muitas indulgencias, e graças concedidas aos seus confrades. (1) Teve origem esta irmandade na devoção, e affecto, com que o padre Bernardo Pinto dos Santos capellão do Santissimo d'esta igreja, começou a venerar desde o anno de 1716 a milagrosa imagem de Maria Santissima pintada em um singular quadro pelo insigne Alberto Dureiro, em que se via morto o Author da Vida, e a piedosa Senhora lastimada. (2) Existia este quadro em um altar dedicado á mesma Senhora com o titulo da Piedade, onde havia uma preciosa cruz de cristal de roca da altura de dous palmos e meio muito bem obrada, e metida em um sacrario com seus vidros. A todos os fieis, que venerassem esta cruz, que foi feita em Roma, havia o Papa Benedicto XIII concedido no anno de 1727 muitas indulgencias. (3)

Existia mais n'esta igreja um copioso, e estimavel santuario de innumeraveis reliquias de Santos distribuidas por todos os dias do anno. Era tambem obra romana de especial attenção a pia bautismal, não só pelo exquisito, e diverso genero de pedras, de que era fabricada, mas pelo bom gosto de todo o artefacto, com grades de bronze dourado de excellente lavor, que a cercavam, e um estimadissimo quadro do bautismo de Christo, feito em Roma pelo notavel Agostinho Mastucci no anno de 1745. A estas, e outras innumeraveis preciosidades, que ornavam, e

(1) Codex Titul S. P. E. L. tom. 1. pag. 384. (2) Santuar. Marian. tom. 7 pag. 158. (3) Codex ibid pag 397.

continha esta santa igreja, consumiu o fatal incendio de fórma, que bem nos podemos lamentar com Isaias. (*) Não se salvou d'ella senão alguma prata derretida, da qual se tem fundido mais de trinta mil marcos. Hoje se acha estabelecida nas chamadas obras do conde de Tarouca em o sitio da Côtovia, como já temos dito.

XXXI—*S Paulo*

Se houvermos de dar credito a uns versos, que em fórma de inscripção collocados sobre a porta d'esta igreja, e abertos em pedra, diziam assim:

Numen adest intus, Paulo maiora canamus,
Regia dum mirum numera pandit opus
Æra salutis habet bis septem sæcula Phœbi,
Bis sex annorum si tamen excipias.

havemos de affirmar, que fora erecta no anno de 1412. (1) Porém da relação de Christovão Rodrigues de Oliveira consta, que no anno de 1551 não havia ainda tal paroquia, nem igreja, e que a memoria mais antiga, que ha d'ella é desde o anno de 1572, de que faz menção Jorge Braunio no Mappa de Lisboa; e assim com certeza se não pode fixar época verdadeira da sua primeira origem.

O paroco tem o predicamento de vigario, e lhe rendia seiscentos mil réis a igreja, de quem é donatario o eminentissimo patriarca. Ha aqui um coadjutor, que apresenta o mesmo prelado, e tem de congrua a quarta parte do rendimento da igreja. A irmandade do Santissimo apresentava dez capellas, das quaes a maior era de sessenta e cinco mil réis. A irmandade das Almas provia dezaseis de cincoenta mil réis cada uma. Havia mais a irmandade de Nossa Senhora da Piedade com quatro capellães de cincoenta mil réis cada um; a irmandade de Nossa Senhora da Boa-Viagem, que era dos soldados da Junta com seu capelião, a quem dava sessenta mil réis.

Arruinou-se com o grande terremoto a igreja, onde morreram mais de sessenta pessoas, e entre ellas dous sacerdotes da mesma igreja. Succedendo immediatamente o fogo, este acabou de destruir o templo, e tudo mais, que n'elle se comprehendia. Escapou unicamente o Santissimo Sacramento, que foi levado para a igreja de S. João Nepomuceno, onde esteve um só dia; no domingo seguinte á noite passou para a igreja paroquial de Santa Isabel, e d'ahi voltou outra vez para o templo de S. João Nepomuceno, até que fazendo-se uma igreja de madeira

(*) «Domus sanctificationis nostrae, et gloriae nostrae ubi laudaverunt te patres nostri, facta est in combustionem ignis, et omnia desiderabilia nostra versa sunt in ruinas. Isai. 64. (1) Assim se persuadiu o author do Santuar. Marian. tom. 1. pag. 493. mas o author da Demonstração Historica o reprova com razão em o num. 266.

junto da antiga, se restituiu a ella vespera do Corpo de Deus da mesma paroquia em o anno de 1757.

Existem dentro dos limites d'esta freguezia os seguintes templos.

Collegio—Nossa Senhora do Rosario. De religiosos Dominicos irlandezes. Foi fundado no anno de 1659 pela serenissima rainha D. Luiza de Gusmão. (1) Padeceu esta igreja, e convento grande ruina com o terremoto do primeiro de novembro memoravel. Um religioso irlandez, que se achava n'esse tempo dando a communhão, animou fortemente aos fieis, e desembaraçando-se intrepido d'entre as ruinas, prevendo maior perigo, não largando das mãos a sagrada Pixide, com ella caminhou até á igreja paroquial de Santa Isabel, acompanhado de innumeravel povo, que a altas vozes hia implorando a misericordia do todo Poderoso. Depois se restituiu para uma decente ermida, que se fez no seu antigo convento, onde era portaria, em quanto se não cuida em maior commodo.

Hospicio—S. João Nepomuceno, e Santa Anna. De religiosos Carmelitas descalços de Alemanha. Foi fundado no anno de 1737 pela serenissima rainha D. Maria Anna de Austria, por industria do padre Fernando Maria de Santo Antonio, missionario apostolico alemão da mesma Ordem. Dotou-o, e enriqueceo-o a serenissima fundadora com sufficientes rendas, e alfaias no anno de 1752. Jaz aqui seu corpo. (2) Teve esta igreja pequena ruina, de que está recuperada.

Ermida—Nossa Senhora da Graça, e S. Pedro Gonçalves. É ermida antiga. Os homens maritimos festejam com muita solemnidade a imagem de S. Pedro Gonçalves, que aqui se venera, sahindo d'esta ermida em dia de Nossa Senhora dos Prazeres com o Santo debaixo do Palio, e correndo as hortas, e ruas da cidade com grande folia. Não padeceu ruina alguma esta ermida com os abalos do terremoto.

Constava esta paroquia de mil fogos, e quatro mil pessoas. Depois do terremoto experimentou alguma diminuição de habitadores, mas hoje se vai recuperando, posto que bastantes propriedades estejam nas mesmas ruinas. Numerava as seguintes

Ruas—Adro da Igreja, Bica grande, e dos olhos, Boa-vista, Casa da Moeda, (3) Casas novas, Calçada da Paciencia, e de Salvador Correa, Cocheiras da praia, Defronte da Igreja, e da Moeda, Direita para

(1) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 81 e 131. Corograf. Port. tom. 3. pag. 488.

(2) P. Joseph Ritter in vita Mariae Annae Regin. Portug. pag. 385. e 217.

(3) Para esta casa da Moeda, que é onde se lavra o dinheiro, e se deposita todo o que vem das Conquistas, costuma ir sempre uma companhia de infanteria com seus officiaes para sua guarda: porem no dia do terremoto de 1755 succedeu preocupar tal medo aos soldados da dita guarda, que a desampararam, ficando só o tenente, que era Bartholomeu de Sousa Mexia, com o sargento, e tres soldados, portando-se com tal valor, que trabalhou o possivel para que nem lhe chegasse o fogo, nem os ladrões, que o acommetteram varias vezes com pretextos fingidos. Esta acção verdadeiramente honrosa lhe fez merecer o agrado de Elrei, que logo o nomeou capitão da primeira companhia que vagasse; e sobre tudo merece que fique perpetuamente memoravel até no pequeno brado da nossa penna.

a Cruz de Catequefarás, e para a rua de cima, e para o Corpo Santo, Detraz da Capella mór, Dentro do Forte, Fóra do Forte, Gaivotas, Largo do Corpo Santo, Pateo do Conde da Ilha, e do Elvas, Portas do Pó, Praia de S. Paulo, Remolares, rua de cima.

Becos—Apostolos, Assucar, Caes do Rocha, Carvalha, Carvão, Esfolabodes, Estopa, Francisco André, Junta, Sampaio, Taboas, Tibau.

Freguezias confinantes — Santa Catharina, Encarnação, Martyres, Santos.

XXXII—*S. Pedro*

Na historia ecclesiastica de Lisboa escrita pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha, achamos duas memorias quasi repugnantes sobre a origem d'esta igreja; porque na vida do bispo D. Soeiro Anes cap. 18. diz, que no anno de 1191 dera este prelado á fabrica da Sé a igreja de S. Pedro de Alfama. E na vida do bispo D. Vasco Martins cap. 90., affirma que este prelado estando em Santarem, commettera em 21 de abril de 1344 a D. Diogo seu vigario geral a instituição da igreja de S. Pedro, de Alfama. D'onde parece se deve inferir, que esta igreja, ou tivera duas instituições; ou que a segunda fora reformação da primeira; mas de qualquer sorte, sempre ella é antiquissima, e hoje do padroado das serenissimas rainhas.

Consta de um prior, e dous beneficiados, que apresenta, e colla o mesmo prior; a este renderá a igreja duzentos mil réis, e a cada um dos beneficiados, sessenta mil réis. A irmandade do Santissimo apresentava onze capellas de varios instituidores, e differentes congruas. A irmandade da Santa Cruz, e Almas, provia tres de cincoenta mil réis; e a irmandade do Senhor Jesus dos afflictos uma de quarenta e quatro mil réis. As outras irmandades, e confrarias aqui erectas, como a da Senhora da Luz, do Soccorro, e de Santa Anna, e Santo Antonio, festejavam os seus patronos solemnemente em seus dias.

Experimentou com o soberbo terremoto esta igreja a sua total ruina, ficando sómente em pé a parede da parte do Evangelho ao Norte, com a capella da irmandade da Santa Cruz, e Almas, em cujo estrago morreram mais de cem pessoas de ambos os sexos. A mesma destruição padeceram quasi todas as propriedades d'esta paroquia, porque constando ella de cento e oito, só seis ficaram capazes de serem habitadas. Á vista d'este fatal catastrofe se foram refugiar os habitantes nos campos, e suburbios da cidade, fabricando abrigos, e barracas para se recolherem em varias situações.

Vendo-se o vigilante paroco Joseph Xavier em tão lamentavel desarranjo, recorreu ao compassivo monarca o senhor D. Joseph, o qual lhe mandou dar um armazem ao Chafariz de Elrei para n'elle erigir o sagrado tabernaculo, e administrar os Sacramentos ao povo. Mandou logo o paroco ornar a casa com toda a decencia, e fazendo conduzir para

ella o mais precioso movel, que poude salvar, e sobre tudo os sagrados vasos (depois que a todo o risco, e sobresalto consumiu as Fórmas) alli se estabeleceu desde vespera de Natal de 1755. Porém sendo precisa a casa, ou armazem para se continuar a planta da nova alfandega, mandou elrei, que a junta da mesa do Bem Commum, e Commercio, fizesse a decente accommodação para a paroquia. Esta se fez exactamente na antiga igreja, com toda a promptidão, grandeza, e segurança, para a qual se transferiu o Sacramento com uma procissão solemnissima em 19 de março dia do Senhor S. Joseph do anno de 1757. Dentro do seu districto existe a seguinte

Ermida—Nossa Senhora do Rosario. Está situada no Campo da Lã com sua irmandade, que festeja a Senhora em 15 de agosto com muita grandeza.

Numerava esta freguezia antes do terremoto, trezentos e cincoenta e dous fogos, e mil e quinhentas pessoas de ambos os sexos. Presentemente se acham nas propriedades reedificadas cento e cincoenta fogos, e n'elles setecentas pessoas. As suas ruas eram as seguintes:

Ruas, e becos—Adiça rua em subida até á porta do Sol, Galé, Judearia, rua Direita de S. Pedro para o Chafariz, Beco de Alfama, e d'este até o Chafariz de Elrei, (1) Beco do Fogão, do Guedes, das Lavandeiras, do Prior.

Freguezias confinantes—S. João da Praça, S. Miguel.

XXXIII—*Nossa Senhora da Pena*

A primeira instituição d'esta freguezia foi estabelecida na igreja do mosteiro de Santa Anna de religiosas Terceiras de S. Francisco, intitulando-se então por esse motivo paroquia de Santa Anna. Suppõe-se que seria erecta pelo cardeal arcebispo D. Henrique, desmembrando-a de Santa Justa, pois a memoria mais antiga da sua existencia é constar, que fora visitada pelo arcebispo D. Jorge de Almeida no anno de 1570.

Depois por justas causas unindo-se alguns freguezes com os irmãos do Santissimo, passaram a freguezia para uma igreja, que se andava fazendo, dedicada a Nossa Senhora da Pena, mudando para ella o Sacramento com solemne procissão em 25 de março de 1705. (2) E caprichando em concluir o sagrado edificio, o aperfeiçoaram de fórma, que era um dos templos excellentes, e em que gastaram grosso cabedal.

(1) Corre com bastante affluencia este chafariz por seis bicas de bronze, e é a sua agua moderadamente quente. Damião de Goes na Descripção de Lisboa, intitulada «Olisipo,» impressa no anno de 1552, diz, que não vira outra agua melhor, nem ainda igual. «Hic autem saporis, et splendoris, et habitatis præ-tanta omnium fontium, quos unquam me videre memminerim, aquam, aut æquat, aut superat.» Pelas mesmas palavras diz o mesmo Jorge Braunio no tom. 1 «Civit. Orb terrar.» Luiz Mendes de Vasconcellos no tratado do Sitio de Lisboa p. 130., diz, que esta agua tem a propriedade de fazer boas vozes, e bom carão. Duarte Nunes approva o mesmo no cap. 12. da Descripção de Portugal. Veja-se o Aquilegio Medicinal cap. 2.

(2) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 147.

O paroco tem o predicamento de cura, que não é collado, mas annualmente o apresenta o eminentissimo patriarca. O seu rendimento se extrahe do chamado pé de altar, que se reputava uns annos por outros em quatrocentos mil réis. Ao thesoureiro, que tambem é da apresentação do prelado, render-lhe-hia cento e cincoenta mil réis. A irmandade do Santissimo apresentava treze capellas de varios instituidores, e congruas differentes a saber: duas de setenta e dous mil e quinhentos réis cada uma, que instituiu Maria Luiza de Bulhão com o rendimento na alfandega d'esta cidade, e no almoxarifado da casa das carnes, mas com a obrigação de serem confessores os capellães. Sete de sessenta mil réis cada uma, que instituiram o capellão mór João do Rego Barros, Pedro Jorge, Manuel Dias Vicente, e outros mais; uma de cincoenta mil réis, que a mesma irmandade do Santissimo instituiu pelos irmãos vivos, e defuntos; duas de quarenta mil réis, que instituiram Catharina Pereira, e D. Anna de Menezes; e uma de trinta mil réis instituida por Antonio Antunes, que se acha reduzida a seis mezes. A irmandade das Almas apresentava oito capellas de quarenta e cinco mil réis cada uma, e missa livre cada semana, e a irmandade da Senhora da Pena tem seu capellão, a quem dá cincoenta mil réis.

Ficou esta igreja totalmente derrotada com o espantoso terremoto, porque aos seus primeiros impulsos cahiram logo os remates das torres do frontespicio, que sepultaram a algumas pessoas, que vinham fugindo para o adro; e abatendo-se immediatamente o tecto pintado de admiravel arquitectura pelo nosso portuguez Antonio Lobo, tirou a vida a muitas pessoas, que estavam na igreja, experimentando outras muitas a mesma fatalidade nas ruinas de varias casas em os limites d'esta paroquia.

Neste desamparo lamentavel se foi valer o paroco, e abrigar-se em uma ermida, que fica á entrada da portaria do carro do Collegio de Santo Antão, que foi dos Padres Jesuitas, para onde mudou o Sacramento, e alli esteve parte do mez de novembro do fatal anno de 1755, exercendo os actos paroquiaes, e depois se transferiu para a igreja do Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação, e Carmo no sitio de Rilhafolles, e d'ahi para a ermida de Alexandre Metello, da qual passou para a freguezia que se acha reedificada.

Ha no territorio d'esta freguezia as seguintes casas religiosas.

Conventos — Santo Antonio dos Capuchos.—De Religiosos Franciscanos da provincia de Santo Antonio. Foi fundada a igreja em 15 de fevereiro de 1570, e se disse nella a primeira missa no anno de 1579. (1) Floreceu aqui neste ultimo seculo fr. João de S. Diogo chamado vulgarmente fr. João Peccador, varão de raras virtudes, singular penitencia, e continua oração, com espirito profetico; falleceu santamente em o anno de 1690. O seu corpo existe inteiro.

O prejuizo, que padeceu este convento, e templo com o terremo-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 187. Carvalho Corograf. Port. tom. 3. p. 411.

to, foi cair a abobeda do corpo da igreja, que sepultou dez mulheres, e um homem: arruinou-se tambem a capella chamada do Bispo, a capella do Santo Christo da Cerca, e a celebre capellinha do famoso presepio tambem experimentou sua ruina. O susto, e receio de maior fracasso obrigou aos religiosos levantar na cerca para a parte do norte uma barraca, e nella formaram uma decente igreja, em que celebraram os officios divinos até 14 de março de 1758, em cujo dia se mudaram para a sua antiga igreja reedificada, e em muita parte melhorada a dispendio de varias esmolas, em que se distinguio a generosa liberalidade do conde de Povolide seu padroeiro na reedificação da capella mór.

S. Vicente de Paulo. Dos padres da Congregação da Missão, de quem já fallamos no tomo 2. part. 3. d'este nosso Mappa cap. 3. § 21. Experimentou pequena ruina com o terremoto.

Mosteiros—Santa Anna. De Religiosas Terceiras Franciscanas com obediencia á provincia de Portugal. Foi fundado no anno de 1561 por ordem da rainha D. Catharina, em uma antiga ermida de Santa Anna, d'onde tomou o nome, sendo as suas fundadoras vinte e quatro recolhidas chamadas as Penitentes da Paixão de Christo, que existiam no Castello. (1) Apresenta elrei neste mosteiro vinte lugares, como consta de um alvará de elrei D. Sebastião, que vimos, feito em 24 de setembro de 1577, e a rainha apresenta tambem dous lugares (2) instituidos pela serenissima rainha D. Catharina.

Cahiu a igreja com o terremoto, e do mosteiro dous dormitorios, um que ficava para a banda da portaria, e outro para a calçada do Lavre; cahiram mais tres varandas do claustro, e varias casas, e officinas, ficando sepultadas nestas ruinas cinco religiosas, cinco seculares, cinco criadas, e uma educanda; além de outras, que ficaram estropeadas. Persuadidas, e afflictas as religiosas com este formidavel assombro, sahiram da clausura, e foram para a cerca do collegio de Santo Antão, onde estiveram no sabbado, e no domingo, em cujo dia se mudaram para a quinta da Bemposta do serenissimo infante D. Pedro, que lhe mandou fazer barracas promptissimamente, e aqui estiveram até vespera de S. João de 1756, em que se recolheram para o seu mosteiro reparado no summamente preciso, em cujos coros rezam, e exercitam todas as suas funções regulares.

Nossa Senhora da Encarnação. De Religiosas Commendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz. Foi este mosteiro mandado edificar pela infanta D. Maria, filha delrei D. Manoel, e nelle entraram a 15 de setembro de 1630 as primeiras religiosas fundadoras, que eram D. Luiza de Noronha, e Maria da Purificação do mosteiro da Esperança, e D. Antonia da Silva de Odivellas, por Breve de Paulo V, ás quaes se transfe-

(1) Fr. Apolinar. no Claustro Franciscan. p. 133. Corograf. Portug. tom. 3. p. 416. Agiolog Lusit. tom. 2. p. 271. Christovão Rodrig. de Oliveira no Summario de Lisboa p. 85 da impressão moderna. (2) Soled. Histor. Serafica part. 4. p. 525

riram desde a ermida de S. Mattheus, e palacio da casa de Cascaes, sito ao Borratem, onde haviam estado esperando por emprestimo, que se acabasse este mosteiro desde agosto de 1614. (1) A tenção da infanta não foi edificar mosteiro para Religiosas Commendadeiras da Ordem Militar de Aviz; o Papa Paulo V é que fez a commutação a supplicas de elrei D. Filippe II. (2) Estão estas religiosas subordinadas ao tribunal da Mesa da Consciencia. No anno de 1734 a 10 de agosto, padeceu este mosteiro um terrivel incendio, que destruio uma grande parte do seu edificio. Passaram as religiosas para o mosteiro das Commendadeiras de Santos, onde estiveram hospedadas, até que se reedificou o seu mosteiro sumptuosamente por ordem de elrei D. João V, e se restituiram para elle.

Succedendo porem o infausto, e formidavel tremor de terra, fez este estremecer, e abalar todo o mosteiro de sorte, que supposto o não precipitasse, lhe causou bastantes ruinas; e deixando-o incapaz de se habitar, foram as religiosas, que todas são senhoras nobilissimas, abrigar-se cheias de sustos, na cerca do collegio de Santo Antão, onde cada uma á sua custa fez o seu abarracamento, e alli estiveram até 15 de março de 1758, em cujo dia por ordem de elrei fidelissimo D. Joseph foram conduzidas em coches da casa real para o seu antigo mosteiro, que o mesmo senhor com incomparavel piedade lhe mandou concertar do melhor modo, que foi possivel, em quanto se cuida em reedificação mais ampliada.

Recolhimento — Nossa Senhora da Encarnação, e Carmo. Está no sitio de Rilhafolles, e lhe deu principio uma devota mulher, chamada Isabel Francisca no anno de 1704, dirigida pelo padre Alvaro Cienfuegos Jesuita, que depois foi cardeal, e tinha vindo a Lisboa por confessor de Carlos III. Foram-se aggregando outras devotas, e tão affectas ao recolhimento, que em vespera de Natal de 1738 começaram a rezar em coro o officio de Nossa Senhora, e em 24 de março de 1740 obtiveram licença do eminentissimo cardeal patriarca para se vestirem com o habito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de que actualmente usam. De fórma se foram applicando á perfeição religiosa, que pela Pascoa de 1742 deram principio a rezar coralmente as Horas Canonicas, e com tanta regularidade o executam, que parece o seu coro, e canto de uma communidade mais observante da perfeição do culto divino. Resplandece este não menos no asseio da sua igreja, que benzendo-se em 6 de dezembro de 1746, e collocando-se nella a 4 de fevereiro de 1748 o divinissimo Sacramento com grande festividade, em cujo dia fez pontifical o arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa, se celebram nella todas as suas festas com singular decóro, e grandeza. Persuadido o Papa Benedicto XIV da grande edificação, com que estas Recolhidas vivem, lhes fez a graça em janeiro de 1758 de poderem trazer véo pre-

(1) Cardos. no Agiol Lusit. tom. 2. pag. 297. (2) Lima Geograf. Hist. 2. pag. 151.

to, como se fossem religiosas professas; as quaes pelas virtudes preclaras, em que solidamente cultivam o espirito, servem de vivos exemplares da perfeição religiosa. O pequeno damno, que lhes causou o terremoto, se acha restaurado.

Ermidas—Senhor Jesus da Salvação. É uma ermidinha na calçada de Santa Anna junto ao muro das Religiosas Commendadeiras, a qual é administrada por uma confraria da Via-Sacra.

S. Lazaro. Nesta ermida está um hospital, que pertence á freguezia de Santa Justa.

Nossa Senhora da Salvação. Fica junto ao cemiterio, onde se enterram os pobres doentes, que fallecem no hospital real.

Via-Sacra. Está contigua ao palacio do desembargador Alexandre Metello de Sousa no Campo do Curral. Nenhuma d'estas quatro ermidas sentio os effeitos do terremoto. Depois d'este se edificaram algumas ermidas de frontal em o mesmo campo, e são ás seguintes:

Senhora da Caridade. Que erigiram os irmãos do mesmo titulo, por se haver destruido a que tinham feito junto á Basilica de Santa Maria.

O Senhor da Paz.

A Senhora do Rosario.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e trezentos e trinta e seis fogos, e de cinco mil e sessenta e seis pessoas de communhão. Depois do terremoto com as pessoas que se abarracaram no campo chegou ao numero de mil quatrocentos e trinta e dous fogos. As ruas são as seguintes:

Ruas—Santa Anna, Santo Antonio, Campo do Curral, Carreira dos Cavallos, Casas dos Bernardos, Casas da Misericordia, Cemiterio, Cruz, Encarnação, S. Lazaro, Martim Vaz, Monho de Vento, Mosteiro de Santa Anna, Muro dos Apostolos, Portaria do carro do Collegio, Recolhimento, Rilhafolles.

Freguezias confinantes — Anjos, S. Joseph, Santa Justa, S. Sebastião da Pedreira, Soccorro.

XXXIV—*Santissimo Sacramento*

Teve esta freguezia o seu principio na jgreja do Convento da Santissima Trindade, estabelecendo-a o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida pelos annos de 1584 na primeira capella da mão direita a quem entrava na igreja, e desmembrando-a da freguezia de S. Nicolao, e Martyres. (1) Depois no anno de 1664, desavindo-se com os religiosos os irmãos do Santissimo, se passaram para a igreja das Convertidas, onde estiveram pouco tempo, e os bautismos se faziam na paroquial dos Martyres com licença do cabido. (2)

(1) Cunha nos Bisp de Lisb. part. 2. cap. 83. de cuja authoridade se prova, que esta freguezia não foi separada de S. Julião, como affirma Leitão Ferreira nas Noticias Chronologicas num. 1233 (2) Fr. Apolin. na Demonstração Histor. num. 167.

Havia-se dado principio a uma nova igreja já com o titulo do Santissimo Sacramento para servir de paroquia no sitio fronteiro ao palacio do marquez de Arronches, lançando-se a primeira pedra no edificio a 26 de novembro de 1667, e estando feita grande parte, se demoliu por embargos do mesmo marquez, até que o conde de Valladares offerecendo liberalmente terreno proprio defronte de seu palacio para fundamento da igreja, se começou esta a fabricar-se no anno de 1671, e concluindo-se no de 1685, para ella se transferiu o Santissimo Sacramento solemnemente em a Dominga da Quinquagesima desde a igreja do Carmo. (1)

O paroco, que tinha o predicamento de cura, hoje tem o de reitor, a que a elevou o eminentissimo cardeal patriarca D. Thomaz de Almeida, como donatario d'esta igreja, a qual rendia quatrocentos mil rèis; e ao thesoureiro, que apresentam alternativamente o paroco, e a Irmandade do Santissimo, lhe rendia cento e vinte mil rèis. Apresentava a sobredita Irmandade nove capellas, quatro de esmola de sessenta mil rèis com obrigação de confessar, e acompanhar o Santissimo, uma de cem mil rèis com obrigação de coro, para quando se estabelecesse: outra de oitenta mil rèis com a mesma obrigação; e duas de ambulatorias. Esta mesma Irmandade se achava muito opulenta, e possuia riquissimos ornamentos, e muitas peças, e cofres de prata, e estimadissimas reliquias. (2) A Irmandade de S. Miguel, e Almas apresentava quatro capellães, um com cincoenta mil rèis, os outros com quarenta mil rèis, e missa livre.

Em o tremendo dia do terremoto, e memoravel incendio padeceu esta igreja uma total derrota; porque o templo se arruinou, sepultando setenta e cinco pessoas, e todo o movel da igreja se reduziu a cinzas, reputando-se a sua perda em mais de duzentos mil cruzados, pois só escapou a sagrada pyxide com o Santissimo Sacramento. Com o susto d'este lastimoso successo passou logo o paroco o Sacramento para a ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Cathecumenos, refugiada, e erecta no telheiro de aguas livres, onde esteve tres mezes: depois se mudou para o mosteiro das Religiosas Trinas ao Rato, onde permaneceu até se transferir para a nova accomodação, que se fez mistica á mesma igreja.

Dentro do ambito d'esta paroquia existem os seguintes

Conventos—Nossa Senhora do Carmo. De Religiosos Carmelitas Calçados. Foi este edificio verdadeiramente magnifico fundado no anno de 1389 pelo virtuoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e começaram

(1) Corograf. Portug. tom. 3. p. 458. (2) Entre estas reliquias, conforme a noticia, que nos mandou o rev. reitor desta paroquia Manoel Luiz Ribeiro, existia o calix, em que Christo Nosso Senhor consagrou seu preciosissimo sangue, e fora dadiva do bispo do Porto D. Fr. Joseph de Evora, quando veio de Roma no anno de 1741, porem sempre nos causou muita duvida, pois na Vida de Christo p. 429 deixámos provado, que esta reliquia se conserva na cathedral de Valença.

os religiosos, que vieram da villa de Moura, a exercer aqui os actos de communidade no anno de 1397. D'esta sagrada fabrica faz uma exacta descripção o seu grande chronista fr. Joseph Pereira de Santa Anna. (1) Mas sendo esta obra tão estimavel pela sua grandeza, fortaleza, e arquitectura, muito mais o era pelas muitas, e importantes alfaias, que serviam ao adorno, e veneração. Tudo se perdeu fatalmente com o soberbo terremoto, e immediato incendio em o primeiro de novembro infausto; acabando a vida em tão lamentavel tragedia quatorze religiosos, que é perda para mais sentir-se.

Nesta desordem, e confusão procurou a maior parte da communidade o refugio no sitio da Cotovia dentro das obras do conde de Tarouca; porem espalhando-se uma voz vaga, que o incendio hia chegando ao Castello, e que pegando facilmente no armazem da polvora, acabaria de desbaratar, e arrazar horrendamente a cidade; compellidos d'este pavor, buscaram maior distancia, indo para o Campo Grande com a veneranda Imagem da Senhora do Carmo, que foi a que se poude salvar, e o Santissimo Sacramento, onde armando tendas de campanha, alli estiveram abarracados até vespera de Natal do mesmo anno, em cujo dia passaram para o terreno contiguo ao arco das Aguas Livres acima do Rato, onde haviam mandado fabricar uma ermida com accomodação decente para os mesmos religiosos. Mas como não parecesse justo ao zeloso provincial desamparar o antigo sitio do sagrado Convento, nem a companhia do venerando corpo do virtuoso condestavel, dispoz á custa de grande dispendio, e trabalho, que entre a portaria regular do convento, e a do carro se ereguisse nova igreja, e proporcionados commodos, para onde com a brevidade opportuna se estabeleceram.

Santissima Trindade. De Religiosos Trinitarios. A primeira fundação d'este Convento foi, segundo escreve D. Rodrigo da Cunha, (2) no anno de 1294; dando-lhe a cidade liberalmente aos primeiros fundadores, que vieram de Santarem, o sitio em que se inchia uma ermida de Santa Catharina, que-lhes servia de igreja, em quanto se edificava o novo convento. Cresceu este á custa das esmolas dos fieis, e particularmente da rainha Santa Isabel, a qual mandou lavrar nelle uma especial capella com o titulo da Conceição da Senhora, que foi a primeira neste Reino dedicada a tão soberano mysterio, de que era devotissima. (3) Depois no anno de 1560 se melhorou o edificio com grandeza, e magestade, pois só no templo se numeravam duzentos e trinta e um palmos de comprido; e cento e vinte e dous de largo, cento e quarenta e oito de altura, com grande numero de amplissimas capellas. Escapou felizmente a igreja do fatal incendio, que em 22 de setembro de 1708 devoron a maior parte d'este convento. (4)

(1) Pereira Chron. do Carmo tom. 1. part. 4. c. 1. Veja se tambem Jorge Cardoso no Agiol. tom 3. p. 213. (2) Cunha Histor Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 83 (3) Monarq. Lusit. liv. 19 c. 23 Corograf. Port. tom. 3 p. 460. (4) Anno Historic. tom. 3. pag. 87

Achava-se elle quasi na ultima perfeição reputado entre os magnificos da corte, quando aos violentos impulsos do sempre memoravel tremor de terra cedendo a grandeza do edificio, em breves minutos se vio prostrado, e reduzido a uma montanha de confusa penedia; acabando de transformar tudo em cinzas o implacavel incendio, que immediatamente lhe succedeu. Consumiram-se nesta lamentavel desgraça mais de cem imagens de vulto, que ornavam os dezoito altares da igreja. Eram a maior parte d'ellas especialissimas, e devotas: a do Santo Christo crucificado com o titulo de milagroso; o Santo Christo do Coro; o Senhor morto; o Senhor dos Passos; a Senhora da Conceição, a Senhora da Salvação, e outras muitas, escapando unicamente o Senhor Resgatado, posto que debaixo de ruinas.

Não ficou sendo menos deploravel a perda de innumeraveis reliquias, que occupavam, e enchiam quatro altares, entre as quaes eram preciosas as de dous corpos inteiros de S. Liberato, e S. Bono: um Santo Lenho de meio palmo de alto, e um dedo polegar de largo: um espinho da corôa do Senhor, e o Sudario santo tocado no verdadeiro, que se venera em Turim. Fez crescer o augmento da perda a destruição da espaçosa sacristia com as suas estimadissimas, e custosas alfaias: onze custodias, tres cofres, um de valor de cinco mil cruzados, cento e dous castiçaes de pé alto, vinte e uma corôas, vinte e dous resplandores, em que entrava um de ouro cravado de diamantes, trinta e duas alampadas, das quaes duas da capella mór custaram seis contos de réis, dezanove cruzes, entre as quaes havia duas, que tinham custado seis mil cruzados, seis ciriais de excessiva grandeza, e valor, e outras muitas peças de prata, que não referimos, por ser mais memoravel a perda dos dous famosissimos orgãos da igreja, e do coro magnifico, os quaes haviam custado perto de cincoenta mil cruzados.

Entre estas perdas será tambem muito sensivel, e quasi irrecuperavel a grande collecção de livros, que comprehendia a famosa, e estimavel Bibliotheca d'este convento, que pela sua raridade estava avaliada em duzentos mil cruzados: e por evitar palavras, todo o convento com a sua elevada torre se reduzio a terra, e a cinzas, não ficando em rigor nem ainda paredes, porque alguma, que em pé se sustenta, será preciso demolir-se.

Ficaram sepultados debaixo das ruinas quinze religiosos, de que faremos memoria: o padre prégador geral fr. Luiz de Salazar, de noventa annos de idade, e perfeito religioso, estava dizendo missa no altar de Santa Anna. O prégador geral fr. João de S. Felix, de setenta e seis annos, excellente prégador, e ornado com as prendas de insigne compositor de musica, e destro do orgão, e rebecão. O padre presentado Fr. Joseph de Gouvea, duas vezes ministro do Livramento, e de cincoenta e oito annos de idade, religioso muito cheio de zelo, e de temor de Deus, estava dizendo missa na capella do Resgate. O padre mestre Fr. Manoel

de Santo Thomaz, de cincoenta annos de idade, e de grande ornamento da religião, muito exemplar, muito abstinente, singular theologo, e letrado, prompto em todas as materias, em que o consultavam, incansavel no confessionario, e em exercer os actos da communidade. O padre Fr. Antonio de Almeida, actual procurador geral da provincia, religioso de cincoenta e um annos, e que tinha servido varios empregos na religião, estava confessando. O padre Fr. Thomaz de S. Joseph, de cincoenta e cinco annos, bom theologo, prégador, e de vida exemplar, pereceo indo da sacristia para a igreja. O padre Fr. Vicente Ferreira, de cincoenta e cinco annos, que tinha sido prelado em Lagos, e Setubal, estava confessando. O padre Fr. Joseph da Expectação de exemplar procedimento, e bom prégador O padre Fr. Manoel Ferreira, de trinta e dous annos, muito exemplar, e applicado á lição dos livros: tinha acabado de celebrar missa, e recolhendo-se á sua cella para recordar um sermão, que havia de pregar no dia seguinte, cahio a torre sobre elle, e se achou depois meio queimado em um lanço das varandas. O padre Fr. Domingos de Santa Anna, cantor mór do convento, de trinta e dous annos, excellente musico, e destrissimo em tocar rebecão, e sobre tudo de vida muito ajustada, pereceo estando dizendo missa na capella da Conceição. O padre fr. Joseph Cabral, de trinta e um annos, prégador com boa aceitação, cahio do coro, e veio morrer na igreja. O padre Fr. Felix de Sousa, estudante theologo de vinte e quatro annos, mas muito pacifico, e de grandes esperanças, estava dando a commonhão, quando succedendo o repentino incidente do terremoto, fechando o vaso das sagradas Particulas, as quiz salvar fugindo para a sacristia, onde pereceu, e junto a ella se desenterrou depois de muitos mezes com o sagrado vaso unido a seu peito. O padre Fr. Bernardo de S. Luiz, estudante theologo. O padre Fr. Joaquim de Santa Anna, organista, e musico de excellente voz. Fr. Giraldo da Luz, religioso leigo de cincoenta annos, e sineiro muito zeloso, e exacto na sua obrigação, cahiu com a torre, que o sepultou.

Os mais religiosos, que escaparam, sem se vencerem do temor, que lhes representava o excesso d'esta tragedia, não desampararam todavia o convento, antes vendo que no pateo da porta do carro lhes ficara um palheiro velho ainda coberto, alli seis, ou sete pobremente se accommodaram, e os outros foram para o seu convento de Nossa Senhora do Livramento, junto a Alcantara. Cuidaram logo em fazer no dito pateo uma igreja, abrindo-lhe porta para a rua, e a tem ornado com seis capellas, e com varias imagens; collocando em um dos altares o Senhor Resgatado, que salvaram illeso d'entre as ruinas. Em um celeiro, que alli estava no mesmo pateo menos arruinado, fizeram seus cubiculos, onde habitaram mais de vinte religiosos, para melhor celebrarem os divinos officios.

Numerava esta freguezia antes do terremoto seiscentos e quarenta e dous fogos, e tres mil e quatrocentas pessoas. Depois do terremoto,

como se queimou quasi toda a freguezia, numera presentemente situadas em barracas dispersas, mil e cem pessoas; e é esta uma das paroquias, que ficou bem destruida: as suas ruas, que hoje se vêem quasi solitarias, e confusas, eram as seguintes:

Ruas—Adro da Igreja, Arco de D. Manoel, Calçadinha do Carmo, Chiado, Condeça, Gallegos, Oliveira, Portaria do carro do Carmo, e da Trindade, Postigo de S. Roque.

Becos, e Travessas—André Soares, Arcebispo, Cruz, Estevão Galhardo, Forno, largo do Carmo, Lavandeira, Loreto, Marqueza, Pasteleiro, Ricardo, Salema, Secretario de Guerra.

Freguezias confinantes—Encarnação, Martyres, S. Nicolão.

XXXV—*Salvador*

Com a prodigiosa invenção da santa imagem de um Crucifixo, que neste sitio se descobriu logo nos principios de Lisboa conquistada, se erigiu uma ermida com o titulo de Santo Salvador da Matta, á qual concorria muita gente pelos grandes prodigios, que Deus obrava por intervenção d'esta veneranda imagem. A devoção continua do povo, e o concurso dos fieis moveram ao prelado diocesano, a que erigisse na ermida uma paroquia: quem elle fosse, e em que anno se estabeleceu, não se sabe com certeza: só achamos, que o bispo do Porto D. João Esteves de Azambuja, que depois foi o segundo arcebispo de Lisboa, constituira esta igreja em priorado com beneficiados, annexando-lhe a igreja de Bemfica, de quem recebiam as duas partes dos dizimos, e a Sé a terceira parte, ficando todavia a apresentação d'este priorado incorporada no padroado da corôa.

Depois no anno de 1391 obteve o mesmo prelado de elrei D. João I a mercê do padroado d'esta igreja para si, e seus descendentes; e no mesmo anno alcançou de Bonifacio IX um Breve, que começa: «Ad ea, quæ Divini cultus augmentum», (1) para fundar na dita igreja um mosteiro de religiosas Dominicas, e poder-lhe annexar as rendas, e direito, que ao prior, e beneficiados da sobredita paroquia pertenciam; de tal fórma, que vagando os ditos beneficios a prioreza, e freiras do mosteiro podessem tomar posse das rendas, e convertel-as em seus usos: e para administrar os sacramentos aos freguezes, elle se obrigou a constituir um vigario, deputando-lhe ordenado competente para sua sustentação. E sem embargo, que depois de começada a obra houveram duvidas com o diocesano de Lisboa, que dizia ser em prejuizo das rendas episcopaes; fez-se composição, pela qual o bispo do Porto, prioreza, e freiras largaram ao prelado de Lisboa a terceira parte dos dizimos da igreja do Salvador em 29 de julho de 1393.

Tem o paroco d'esta freguezia titulo de vigario, que apresentam os

(1) Refere Soror Maria do Baptista no livro da Fundação d'este Mosteiro, pag. 22.

condes dos Arcos, como descendentes de João Esteves alcaide mór de Lisboa, chamado o Privado, e irmão do sobredito arcebispo D. João Esteves de Azambuja, posto que os condes usam hoje do appellido de Noronha. Rende a vigairaria duzentos e cincoenta mil réis. Ha mais dous capellães apresentados pelo dito conde, os quaes entram nas offertas com o vigario, e com as freiras, que levam metade. As Irmandades aqui estabelecidas, são a do Santissimo Sacramento, que por voto das religiosas, e não por solemnidade de Corpo de Deus, faz todos os annos uma pomposa procissão com o Santissimo na primeira Dominga depois da Ascensão do Senhor. (1) A da Senhora dos Remedios imagem muito milagrosa. (2) A da Senhora do Rosario, e a da Senhora da Assumpção.

Ha nesta paroquia o seguinte

Mosteiro — S. Salvador. De Religiosas Dominicanas. Foi fundado pelo arcebispo de Lisboa D. João Esteves de Azambuja no anno de 1391, cujo corpo jaz no coro de cima com seu epitafio, que transcreve D. Rodrigo da Cunha. (3) Para effeito d'esta instituição reduzio por Breve de Bonifacio IX, que acima allegamos, as rendas da paroquia aqui existente a uma vigairaria, e com os frutos remanecentes estabeleceu renda fixa para as religiosas, fazendo que ellas professassem a regra de S. Domingos, sendo antecedentemente umas mulheres, que faziam vida penitente, e solitaria, a quem chamavam naquelles tempos Emparedadas, e viviam neste sitio em um pobre recolhimento. A rainha D. Leonor, mulher de elrei D. João II lhe acabou o edificio no anno de 1478.

O corpo da igreja d'este mosteiro, onde está estabelecida a paroquia inteiramente se arruinou com o terremoto de fórma, que será impossivel reparar-se, sem a levantarem por toda a parte desde os alicerces. Retirou-se o Santissimo para a igreja do Menino Deus, onde esteve dous mezes, e se recolheu para a casa, que era da grade das religiosas onde interinamente está ainda, tolerando sómente com a necessidade do tempo a menor decencia do lugar. Das religiosas morreram doze professas, uma noviça leiga, duas seculares, e uma criada. As mais que ficaram, sahiram da clausura, e umas foram para o Cardal da Graça, e se aposentaram na quinta do alcaide fidalgo, outras estiveram no Campo Grande em casa do desembargador Francisco Lopes de Carvalho. Passados alguns mezes, se foram recolhendo para o mosteiro, onde se acham já mais de oitenta exercendo os actos da communidade.

Constava esta freguezia de duzentos e sessenta e seis fogos, e mil e cincoenta pessoas de communhão. Hoje terá menos setenta fogos distribuidos pelas seguintes

Ruas, e becos — Beco do Gracez, que ficou destruido, Calçadinha

(1) Fr. Apollinario na Demonstração Historica num. 161. (2) Santuario Mariano tom 5. p. 65. (3) Cunha nos Bispos do Porto part. 2. na addição ao cap. 23 diz, que este arcebispo fallecera, segundo consta do seu epitafio, a 23 de janeiro de 1413, dous annos menos do que dissemos a pag. 125 guiados pela authoridade do mesmo D. Rodrigo da Cunha.

das Escolas geraes, Castello Picão, Largo da Igreja, tambem destruido, Loureiro, Rigueira. Travessa das Cruzes.

Freguezias confinantes —Santo Estevão, S. Miguel, Santiago, S. Thomé, S. Vicente.

XXXVI—*Santiago*

O documento mais verdadeiro, que se conserva no cartorio d'esta igreja, por onde se possa inferir a sua antiguidade, é uma composição, que o prior, e beneficiados fizeram entre si no anno de 1337. No de 1371 ha memoria da sua existencia, porque tambem se conserva a de seu prior João de Soure vigario geral do bispo Agapito Colona, de que se lembra a historia ecclesiastica de Lisboa. (1) Continuam as memorias até o anno de 1551, em que Christovão Rodrigues de Oliveira faz d'ella menção no seu Summario: e desde o anno de 1555 é o tempo d'onde começam a correr os assentos no livro mais antigo dos bautizados, que tem esta igreja, na qual todavia se conserva a tradição de ser erecta pelo primeiro bispo de Lisboa D. Gilberto. (2) No seu adro existia collocada uma pedra antiquissima em que se ha:

Asclepo Clicini
Decimi

Da qual se lembra Cardoso no Agiologio tom. 2. pag. 31. E era memoria que os moradores de Lisboa dedicaram ao presente Asclepo pelos annos 300 de Christo.

Participa o paroco do honorifico titulo de prior, e como igreja do padroado real é apresentada por elrei. Rende-lhe duzentos e cincoenta mil réis, e cada um dos tres beneficios, que aqui ha, e apresenta o prior, renderá oitenta mil réis, servindo-o. As capellas, que ha n'esta igreja são cinco, a saber: uma que instituiu o conego magistral Nuno da Cunha Deça com oitenta mil réis de congrua, e com obrigação de rezar o capellão no coro com os beneficiados, os quaes com o prior, são os que a apresentam: outra que deixou o prior d'esta igreja André Franco com a congrua de cincoenta mil réis, de que são administradores os filhos de Joseph de Sousa Carneiro: outra que instituiu Pedro Nunes da Costa Gentil com a esmola de cincoenta mil réis: outra de sessenta mil réis, que apresentam os cirieiros da irmandade aqui erecta de Nossa Senhora a Franca: (3) outra de cento e cincoenta réis cada Missa, que instituiu Balthasar Pinto, mas é só meio annal, e são seus administradores os herdeiros de Dionisio de Oliveira, escrivão que foi da chancellaria da corte.

(1) Cunha Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 103. n. 2. (2) Corograf. Portug. tom. 3 pag. 350. (3) Santuar. Mariau. tom. 1. pag. 336.

A pequena ruina que padeceu se acha reparada. Tem dentro do seu districto as seguintes

Ermidas—S. Braz. Vulgarmente chamada Santa Luzia, é igreja isenta, por ser commenda da religião militar de Malta. O pequeno damno, que experimentou com o terremoto, se acha recuperado.

S. Filippe, e Santiago. Antigamente lhe chamavam Hospital dos Castelhanos. Administra-a Rodrigo Antonio de Figueiredo, que depois de a possuir, lhe ficou chamando Ermida do Amparo, por causa de uma imagem da Senhora com este titulo. Tem um altar, que pertence á irmandade da Senhora Mãi dos Homens de Xabregas, por sahir d'esta ermida o Terço, e a irmandade, quando vai acompanhar os irmãos, que fallecem. Tem mais outro altar do Senhor Jesus com o titulo de Reformador de Lisboa, que os senhores d'esta casa querem pôr em cabeça de morgado.

Constava esta freguezia de cento e vinte fogos, distribuidos pelas seguintes

Ruas — Rua que vai do Limoeiro para as portas do Sol, rua que vai da igreja de S. Braz para o Chão da Feira, Rua da Lagem, de uma parte sómente, porque da outra pertence á freguezia de S. Bartholomeu, Rua do Funil: Passadiço, que vai para os Loyos, sómente de uma parte, Rua larga, que vai da igreja para os Loyos.

Freguezias confinantes—S. Bartholomeu, Santa Cruz, S. Martinho, S. Thomé.

XXXVII—*Santos*

Serve esta igreja do maior padrão da antiguidade, que tem o Christianismo em Lisboa; porque neste sitio grangearam a coroa do Martyrio os gloriosissimos tres irmãos Verissimo, Maxima, e Julia na perseguição do imperador Diocleciano pelos annos de Christo 303. (1) Aqui lhe deram os Christãos sepultura, e lhe ergueram certo genero de altar, ou ermida; e os Santos como protectores nacionaes d'esta cidade a defenderam milagrosamente de um cerco apertado, que lhe poseram depois os barbaros alanos. (2)

Occupada Lisboa pelos mouros, uma das igrejas, que elles deixaram intacta aos christãos para celebrarem os seus officios, foi esta, em que estavam sepultados os veneraveis corpos dos martyres invictos, a quem pela fama dos prodigios, que Deus obrava por sua intercessão, lhes tinham respeito os proprios sarracenos; e quando elrei D. Affonso Henriques houve de lhes conquistar ultimamente Lisboa, se viram estes santos visivelmente auxiliar o exercito christão contra os arabes: por cujo motivo aquelle inclito heroe, tanto que se viu victorioso, melhorou a an-

(1) Assim o diz Baronio nas Notas ao Martyrologio Romano em o primeiro de Outubro.
(2) Monarq. Lusit. liv. 5. cap. 23.

liga ermida, fazendo erigir no mesmo lugar um templo mais amplo, dedicando-o ao nome trino dos Santosgloriosos martyres. (1)

Passado pouco tempo, depois que a Ordem da Cavallaria de Santiago começou a florescer, e augmentar-se em Portugal, tratou elrei D Sancho I de lhe fundar um convento, onde houvessem religiosos da mesma Ordem, para administrarem os Sacramentos aos cavalleiros, que andavam na guerra, e servisse de sepultura aos que morressem no reino, e assim o fez edificar junto d'esta ermida no anno de 1192 sendo então mestre da Ordem D. Sancho Fernandes, e prior do convento D. Christovão. (2)

Aqui viveram os religiosos até o tempo de elrei D. Affonso III, no qual ganhando-se aos mouros a villa de Alcacer do Sal, passaram para ella os sacerdotes d'este convento de Lisboa. (3) e com esta mudança elle se converteu em mosteiro de religiosas da mesma Ordem, occupando-o as mulheres, e filhas dos commendadores. (4) e alli perseveraram por muitos tempos onde houveram senhoras nobilissimas, e religiosissimas, até que no anno de 1490 se passaram para o novo mosteiro de Santos, que lhes mandou edificar elrei D. João II transferindo-se juntamente com as religiosas os corpos dos veneraveis martyres com uma solemnissima procissão.

Ficando esta igreja desoccupada, a elegeu o cardeal Henrique, sendo arcebispo de Lisboa no anno de 1566 para paroquia, (5) desmembrando-a da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres. (6) As casas, e mais aposentos ficaram vagos para as commendadeiras por morte de elrei D. Sebastião; e parecendo a estas senhoras mais util ao mosteiro de Santos o Novo, venderem o dito sitio, se contrataram com D. Luiz de Lancastre commendador mór da Ordem de Aviz, e lh'o venderam por dez mil cruzados; mas, porque a dita venda foi feita sem consentimento do grão mestre da Ordem, lh'a annulou D. Manuel de Seabra bispo deão da capella real, indo no anno de 1593 visitar o mosteiro de Santos o Novo por ordem de elrei Filippe II.

Consta a paroquia de um vigario do padroado da mitra, ao qual rende um conto de réis: não tem beneficio algum: ha porèm doze capellas com obrigação de missa quotidiana, e de rezarem no coro o Officio Divino, a cada um dos quaes rende hoje oitenta mil réis pela diminuição do juro, porque antigamente rendia cem mil réis: administra, e provê estas capellas a Irmandade do Santissimo em concurso. E

(1) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 18. num. 7. (2) Fr. Jeron. Roman. histor. da Caval. de Santiago m. s. cap. 4. (3) Fr. Jeronymo Roman. acima allegado, diz que a primeira mudança, que esta Ordem fizera de Lisboa, fora para Mertola, e depois para Alcacer; porém o Chronista mór fr. Antonio Brandão no liv. 11. cap. 25. da Monarquia Lusitana o emenda, a quem seguimos. (4) Fr. Francisco Brandão na Monarq. liv. 17 c. 37. affirma, que as Commendadeiras, e Freiras d'esta Ordem estiveram primeiro na villa da Arruda, donde vieram para este Mosteiro de Santos o Velho (5) Consta de um assento, que se acha no principio do primeiro livro dos baptizados desta paroquia. (6) Fr. Apolinar. na Demonstração Histor. num. 265.

tambem administradora a mesma irmandade de mais cinco capellas, das quaes tres são de sessenta mil réis, e duas de cincoenta com obrigação de Missa quotidiana.

A irmandade de Nossa Senhora da Piedade administra, e provê tres capellas, das quaes uma é de sessenta mil réis de Missa quotidiana, e com obrigação de se dizer ás onze horas nos domingos, e dias santos de guarda: as outras duas são de cincoenta mil réis com obrigação de acompanharem todas as sextas feiras do anno a Via-sacra. A irmandade das Almas administra, e provê seis capellas de cincoenta mil réis cada uma com obrigação de Missa quotidiana, sendo uma dita do madrugada. Ha mais uma capella de cincoenta mil réis, que administra e provê a irmandade dos Santos Martyres.

Não foi muito o prejuizo, que o horroroso terremoto causou a esta igreja, porque sómente sentio alguma ruina no coro facilmente reparavel: porém não obstante, foi tal o susto n'aquelles primeiros dias, que por cautella de maior estrago, mandou o providente paroco se mudasse o Santissimo para uma ermida, ou barracaa das casas de D. Rodrigo de Noronha, contigua ao convento dos Padres Marianos. Depois se recolheu para a sua propria igreja, onde exercita os actos paroquiaes. Dentro do territorio d'esta freguezia existem os seguintes

Conventos—S. Francisco de Paula. De religiosos Minimos. Foi fundado com o titulo de Hospicio no anno de 1719 á custa de esmolas, que tirou fr. Ascenso Vaquero, religioso leigo da mesma Ordem, e da provincia de Andaluzia, pessoa que conhecemos de estremada sinceridade, e virtude. No anno de 1753 por decreto de elrei fidelissimo se começou nova fabrica com o titulo de convento, e se acha muito adiantada com os auxilios da serenissima rainha D. Maria Anna Victoria sua protectora. Foi um dos edificios mais bem livrados das violencias do terremoto.

S. João de Deus. De religiosos Hospitalarios. Fundou-o no anno de 1629 D. Antonio Mascarenhas deão da capella real, deputado da Mesa da Consciencia, e commissario da Bulla da Cruzada. Estes religiosos administram aqui um hospital, que o mesmo fundador estabeleceu para clerigos pobres. Tambem o terremoto espantoso não fez impressão, que prejudicasse a este convento.

Nossa Senhora do Livramento. De religiosos da Santissima Trindade, no sitio de Alcantara. A primeira fundação d'este convento é do anno de 1679. A segunda, que agora existe, se deve ao zelo, e dispendio de fr. Jeronymo de Jesus religioso da mesma Ordem, que fez concluir a fabrica no anno de 1698. (1) Com o terremoto experimentou não muita ruina, mas sem embargo disso, se mandou logo apontoar: e como a rainha nossa senhora é devotissima da sagrada Imagem, que alli se venera de Maria Santissima com o titulo do Livramento, ordenou se fizes-

(1) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 331.

se promptamente na cerca uma igreja de madeira, onde se celebraram os Officios Divinos, e os religiosos estiveram abarracados em aposentos, e cubiculos tambem de madeira, em quanto se não poz expedito o convento.

Nossa Senhora das Necessidades. Dos Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri. Foi edificado na eminencia, que domina a ribeira de Alcantara, junto de uma ermida da Senhora, feita com as esmolas dos fieis, como publica o letreiro, que está na porta da mesma ermida, cuja inscripção foi estipulada entre a irmandade dos homens do mar, que as procurou, e Anna de Gouvea de Vasconcellos sobrinha do famoso Francisco Valasco, que o permittiu, por ser senhoria do dito sitio no anno de 1613. Sendo ultimamente senhor d'esta ermida, e de uma quinta a ella contigua Balthasar Pereira do Lago, elrei D. João V lh'a comprou no anno de 1743, mandando reedifical-a de novo, e fundar este sumptuosissimo edificio para habitação dos padres congregados, os quaes tomaram posse delle nas primeiras vesperas da Ascensão de Christo em 6 de maio de 1750.

Compõe-se este regio artefacto de excellentes cellas, vastos dormitorios, e primorosas officinas: de uma diliciosa, e dilatada cerca, onde os jardins ornados com immensa copia de flores, e grande numero de estatuas, e bustos, bellas fontes de pedraria, compridos passeios, e bem ordenadas ruas povoadas de arvores diversas, formam primorosamente o sitio mais agradavel, que se vê em Lisboa, sendo antes agreste por natureza. Muito conduz para ennobrecer a magestade desta obra o palacio real, que a um dos seus lados mandou tambem traçar, e erigir o mesmo soberano com tribunas para a igreja, e onde hoje habita o serenissimo infante D. Manuel. Grandemente illustra tambem esta regia casa o admiravel collegio estabelecido pelo mesmo rei fidelissimo, para se ensinarem n'elle não só as primeiras letras, mas todas as mais artes, e sciencias, as quaes os doutos congregados vincularam de tal sorte com a virtude, que tem idoneos mestres para cultivar os seus alumnos em grande credito do seu novo methodo. Logram mais um rico movel de numerosos, e selectos livros, e uma bem trabalhada collecção de maquinas, e instrumentos para todas as experiencias de seu curso fisico, a cujas lições recorrem em dias determinados não só a nobreza, e litteratos da corte, mas as pessoas reaes, que muitas vezes tem assistido ás operações fisicas, e mathematicas d'este collegio.

Ficou a igreja isenta, e livre dos perigosos impulsos do grande terremoto; o convento porem escapou da ultima ruina, a que está exposta a sua elevada construcção por causa da prevista vigilancia do insigne Caetano Thomaz, que na fundação mandou segurar com linhas de ferro todo o edificio, e agora para o seu reparo arbitrou o dito arquitecto quarenta mil cruzados. Os congregados todavia se abarracaram na cerca, onde tambem o serenissimo infante D. Manuel mandou fazer para si uma decente accommodação de madeira.

*

Nossa Senhora da Porciuncula. De religiosos Capuchos francezes da provincia da Bertanha, chamados vulgarmente os Barbadinhos. Estabeleceram-se no anno de 1648 em umas casas, de que lhe fez doação D. Maria de Guadalupe duqueza de Aveiro. Não experimentou fracasso, nem ruina com o fatal terremoto.

Nossa Senhora dos Remedios. De religiosos Carmelitas descalços. Foi fundado no anno de 1606, e para elle se passaram os religiosos com uma devota procissão em 3 de maio de 1611 desde umas casas, em que habitavam defronte da igreja de S. Crispim. Faz d'esta igreja, e convento uma exacta descripção o author da Corografia Portugueza tom. 3. pag. 522. A ruina que esta igreja, e convento padeceu com o terremoto, se acha recuperada.

Mosteiros—Santo Alberto. De religiosas Carmelitas Descalças. Fundou o no anno de 1584 o cardeal Alberto. Com o terremoto ficou tão arruinado, que todas as religiosas estiveram bastante tempo abarracadas na quinta do Provedor dos armazens a S. Sebastião da Pedreira. Depois se retiraram para o palacio do conde da Ribeira á Junqueira, e d'ahi foram para o seu mosteiro, onde estiveram abarracadas na cerca, em quanto se não concertou.

Santa Brigida. De religiosas vulgarmente chamadas Inglezinhas; porque as primeiras fundadoras, que foram quinze, vieram expulsas de Inglaterra, fugindo á herezia de Henrique VIII, e chegando a Lisboa no anno de 1594, se estabeleceram no bairro de Mocambo, e com esmolas fizeram sua igreja, que a 17 de agosto de 1651 se queimou, e se passaram para o mosteiro da Esperança, onde estiveram hospedadas sete mezes, até que se recolheram em umas casas da mesma visinhança, em quanto se não fez o novo mosteiro, e igreja, para cujo dispendio concurreu Ruy Correa Lucas, e sua mulher D. Milicia da Silveira. (1) O prejuizo, que lhe occasionou o terremoto, se vai reparando.

Santo Crucifixo. De religiosas Capuchas chamadas Francezas da primeira Regra de Santa Clara. Vieram as fundadoras de Pariz em companhia da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya sua padroeira, a qual lhes erigiu o mosteiro defronte de S. Bento, que o povoaram desde o anno de 1667. Foi primeiramente da obediencia dos Nuncios deste reino, depois por Bulla de Clemente XII, ficou sujeito ao ordinario em 23 de abril de 1739. (2) Os abalos do grande terremoto não lhe causaram ruina consideravel: as religiosas porém se abarracaram na sua cerca, em quanto se não repararam os prejuizos.

Nossa Senhora da Esperança. De religiosas Franciscanas, que fundou D. Isabel de Mendanha, fidalga illustre, no anno de 1530, e entraram a povoal-o no anno de 1536. (3) Padeceu a igreja com o forte terre-

1. Corograf. Portug. tom. 3 p. 516. Ann. Histor. tom. 2. p. 537. (2) Fr. Apollinar. no Claustro Franciscano pag. 161. Corograf. Port. tom. 3. p. 515. (3) Cordos. no Agiologio Lus. 1. pag. 13.

moto bastante ruina em as abobedas, que foi preciso apeal-as por evitar maior estrago; o mesmo experimentaram algumas porções do mosteiro. Assustadas as religiosas com tão urgente motivo, se foram abarracar para a sua cerca, onde existiram algum tempo em companhia das religiosas de Santa Clara, que se vieram aqui recolher, em quanto se não acabava um sumptuoso mosteiro, que o compassivo, e fidelissimo senhor rei D. Joseph I tem mandado edificar contiguo a este da Esperança, para n'elle se clausurarem as duas communidades de Santa Clara, e Calvario, que ficaram totalmente desaccommodadas.

Nossa Senhora da Nazareth. De religiosas Recolletas de S. Bernardo. Principiou em um recolhimento de mulheres penitentes, o qual se converteu em mosteiro no anno de 1654 por diligencia do padre fr. Vivaldo de Vasconcellos monge Bernardo. Teve este mosteiro inteira destruição com o grande terremoto; por cuja causa toda a communidade se retirou para o da Esperança, em cuja cerca estiveram abarracadas as religiosas até 25 de maio de 1756, em que se foram clausurar na quinta chamada dos Louros, situada no Campo pequeno, a qual elrei lhes comprou por vinte mil cruzados.

Sacramento. De religiosas Dominicas. Foi fundado pelo conde de Vimioso D. Luiz de Portugal, e sua mulher D. Joanna de Castro no anno de 1612. Estão as religiosas sujeitas ao Geral da Ordem. O damno que lhe causou o terremoto, está quasi reparado.

Nossa Senhora da Soledade. De religiosas Trinas Recoletas. Foi fundado pelo illustre Flamengo Cornelio Wandali, sobrinho do primeiro bispo de Gandavo D. Cornelio Jansenio em o anno de 1657. Começou-se a povoar em o de 1661, vindo as fundadoras do mosteiro do Calvario. Não foi consideravel a ruina, que este mosteiro experimentou em o dia do terremoto fatal: todavia as religiosas com o susto foram para a Portella, e estiveram abarracadas na quinta chamada do Meio milhão, d'onde se restituiram para o seu mosteiro em 8 de janeiro de 1757.

Ermidas.—Nossa Senhora da Conceição. Sita na rua do Acipreste nas casas de Joseph Machado Pinto, contratador que foi do tabaco: parece ser a mesma, a que o author da Corografia Portugueza dá o titulo da Senhora da Caridade.

Nossa Senhora da Conceição. Sita nos quarteis de Alcantara, a qual ornam, e festejam os soldados da dita praça de armas.

Nossa Senhora de Monserrate. Na rua larga de S. Bento nas casas de D. Antonio de Menezes.

Senhor Jesus da Via-Sacra. Contigua á igreja do mosteiro da Esperança. Foi erecta pelos irmãos da Via-Sacra, pouco antes do terremoto. Depois se começou a dizer n'ella missa, e hoje é da invocação do Espirito Santo, onde os naturaes das ilhas fazem todos os annos grande festa. As ermidas, que se erigiram nesta freguezia depois do terremoto, são as seguintes:

Senhor Jesus dos Navegantes. Na rua, que de novo se fez, chamada do Quelhas para diante do convento da Estrella: principiou de madeira, hoje se acha fabricada de cantaria lavrada.

Senhora da Lapa. Cuja imagem, que é perfeita, mandou fazer o padre Angelo de Siqueira, clerigo secular, e missionario apostolico Junto d'esta ermida está um recolhimento chamado das Orfãs desamparadas, erecto pela exemplar piedade de monsenhor Brandão, prelado da Santa igreja patriarcal, que chegou n'elle a recolher, e sustentar caritativamente mais de sessenta meninas, que andavam dispersas, e expostas aos desarranjos, e perigos, que occasionara o formidavel terremoto. Porém eleito em bispo do Funchal, e transferindo-se para o convento do seu rebanho em o anno de 1757, ficou monsenhor Sampaio substituindo a conservação das ditas orfãs, que presentemente são só treze.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e oitocentos fogos, e pessoas de communhão oito mil cento e cincoenta. Presentemente se tem augmentado muito com a construcção de novos edificios, e propriedades, que formam largas, e espaçosas ruas, das quaes a maior parte ainda não tem nome, sendo das antigas as seguintes

Ruas—Arcipreste, S. Alberto, Amoreira, Santa Anna, Barbadinhos, Bellavista, da Mesquitella. S. Bento, S. Bento das Trinas, Bernardas, Boavista, Caetano Palha, Calçada de S. Bento, Campo das Trinas, Casas novas das Necessidades, Cura, Esperança, Ferreiros, Fresca, Gaivotas, Guarda mór, Janellas Verdes, Inglezinhas, S. João de Deus, Madres, Maudragoa, Marianos, Mercatudo, Olival, Palha, Pampulha, Pé de Ferro, Pescadores, Poço dos Negros, Poiaes de S. Bento. Sacramento, Silva, Torre da Polvora.

Travessas—Atafona, Castello Picão, Conde de Obidos, Doutor, Inglezinhas, Isabeis, Oliveira, Pastelleiro, Praia. (1)

Freguezias confinantes—Nossa Senhora da Ajuda, Santa Catharina, Santa Isabel, S. Paulo.

(1) E' muito para reparar o milagre continuo, que testefica a gloriosa memoria do martyrio dos Santos Verissimo, Maxima, e Julia, achando-se por todas as praias confiuas a esta igreja umas pedrinhas roliças salpicadas de sangue, e com uma Cruz nellas impressa, das quaes conservamos algumas, e sao tidas em grande estimação pelos devotos. Lembra-se dellas um Hymno antigo, que refere fr. Agostinho de Sansa Maria na Historia Tripartita, onde se lê em uma Estrofe, fallando dos Santos Martyres.

Fracti sunt laqueis, saxa per aspera
Exculpsit fluidas sanguis imaginem
Non vi, nec manibus, sed cruce fulgida
Testantur lapides fidem.

E o Alferes Francisco de Segura no Romanceiro dos Reis de Portugal parl. 1. Rom. 26.

Ay en ti pedras redondas,
de las quales Plinio escrive
cerca de Santos el viejo,
que una Cruz a todos cue.

Que metidas en la massa,
si es que brevidad se pide,
sasonan al punto el pan,
y dellas suelen servirse.

XXXVIII—*S. Sebastião da Pedreira*

Reinando elrei D. João IV, e estando a santa igreja de Lisboa em Sé vacante, se estabeleceu esta paroquia pelos annos pouco mais ou menos de 1652, edificando-se a igreja á custa dos freguezes, e junto de uma antiga ermida com a mesma invocação, que era dos carpinteiros da rua das Arcas, onde costumava assistir desde que veio da India o patriarca de Alexandria D. João Bermudes, o qual fallecendo no anno de 1570, e mandando-se alli sepultar, foram depois seus ossos transferidos por ordem de D. Filippa de Tavora sua sobrinha, para o cruzeiro da capella mór da nova igreja, onde presentemente jazem em sepultura raza com as suas armas esculpidas sobre a campa, e com a humilde inscripção: «Sepultura do Patriarca Da Lexandria Dom João Bermudes. (1)

Tem o paroco predicamento de vigario, que apresenta o eminentissimo patriarca, e lhe rende trezentos e cincoenta mil réis. Existem n'esta igreja quatro irmandades: a do Santissimo, que apresenta tres capellas uma de setenta e tres mil réis, e as duas de sessenta cada uma. Possue uma casa de despacho das mais nobres, e asseadas, que tem a corte, com um precioso movel de todos os paramentos preciosos para o culto divino: a das Almas, que administra, e provê oito capellas, seis de sessenta mil réis cada uma, e duas de cincoenta: a de S. Sebastião, que apresenta, e provê uma capella de cincoenta mil réis: e a do Senhor Jesus da Via-Sacra com seu deposito, e oratorio separado pouco mais abaixo da igreja. Ficou intacta esta igreja paroquial dos horriveis impulsos do terremoto.

Dentro dos limites d'esta paroquia está incluso o seguinte

Convento—Santa Rita. De religiosos Agostinhos Descalços. Existem na estrada de Andaluz, e tomaram d'elle posse os religiosos em 2 de abril de 1749. Foi muito pequeno o damno, que lhe causou o terremoto.

Ermidas—Santa Anna. Em Sete Rios na quinta de D. Antonio Ignacio da Silveira.

Santo Antonio. Na Cruz da Pedra.

Santo Antonio. Na quinta de Manoel Alvares Lousa, onde chamam o Pinhal.

Santo Antonio. Na quinta que foi do duque de Aveiro.

Nossa Senhora do Cabo. Na rua Direita, e nas casas de Fernando Antonio Prêgo.

Nossa Senhora do Carmo. Ao Rego na quinta dos herdeiros de Antonio Furtado de Mendoça.

(1) Deste patriarca escreve o P. Joseph Cassani tom. 7. pag. 318 na continuação dos Varões illustres de Nieremberg. Cardos. Agiolog. tom. 2. p. 362. Ann. Histor. tom. I. p. 531. e Brandão na Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 15.

Nossa Senhora do Carmo. Na quinta de Antonio das Neves Collaço ás Picoas.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta de Rodrigo Ximenes.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta dos Louros. Esta quinta comprou elrei fidelissimo D. José I por vinte mil cruzados para nella se clausurarem as religiosas Bernardas em 25 de maio de 1756.

S. João Bautista. Em Palhavã na quinta, e palacio, que foi do conde Sarzedas, e onde habitaram os senhores D. Antonio, e D. Gaspar arcebispo de Braga, e D. Joseph que foi inquisidor geral, filhos declarados de elrei D. João V. Supposto não padecer esta ermida, nem o palacio ruina consideravel, os senhores se abarracaram no seu jardim com a maior parte da sua familia, mandando tambem apontoar o edificio para maior segurança d'elle.

S. João Bautista. Na quinta das Larangeiras.

Nossa Senhora dos Martyres. Na rua da Piedade ao Rego, e na quinta dos herdeiros de Jacinto Dias Braga.

Nossa Senhora da Piedade. Em Campolide na quinta, que possuem os padres Congregados do oratorio. Todas estas ermidas padeceram pouca ruina.

Constava esta freguezia antes do terremoto de duas mil e cem pessoas de communhão: presentemente se lhe tem augmentado o numero, e se distribuem pelas seguintes.

Ruas — Convalecença, S. Francisco Xavier, Palhavã, Pidade, Rua nova nas Picoas, Rua direita, do Rebello, Sete Rios, Travessa, que vai para a Carreira dos Cavallos.

Freguezias confinantes—Senhora dos Anjos, Bemfica, Santa Isabel, S. Joseph, Pena, Santos Reis do Campo Grande.

XXXIX—*Nossa Senhora do Soccorro*

E' esta Paroquia filial da de Santa Justa donde se desmembrou em tempo do arcebispo D. Miguel de Castro, collocando-se na igreja de S. Sebastião da Mouraria, que era dos artilheiros pelos annos de 1596, e se começou a intitular freguezia de S. Sebastião da Mouraria. Foi-se augmentando o numero dos freguezes, e parecendo pequena a ermida, determinaram fabricar outro maior templo, para cujo edificio concorreo com o maior gasto Agostinho Franco de Mesquita, e sua mulher D. Anna da Cunha, que como padroeiros da capella mór jazem alli sepultados. Com tanto fervor se diligenciou a obra da nova igreja, que em 29 de setembro de 1646, foi nella collocado o Santissimo Sacramento, vindo em procissão da sobredita ermida, donde tambem se transferio a imagem da Senhora do Soccorro, que deu titulo ao novo templo, e paroquia. (1)

(1) Corograf. Portug. tom. 3 pag. 103 Santuar. Marian. tom. 1. pag. 370.

Logo nos seus principios tiveram os parocos predicamento de Curas, depois se intitularam vigarios, que hoje conservam, sendo da collação ordinaria, cujo rendimento extrahido dos direitos paroquiaes chega a seiscentos mil reis. Administra, e apresenta a irmandade do Santissimo seis capellas de missa quotidiana, tres das quaes rendem sessenta mil reis cada uma, e as outras tres são de cincoenta. A irmandade das almas com a invocação de Santo André apresenta dezaseis capellães de missa quotidiana com cincoenta mil reis de congrua.

Ha mais nesta igreja duas capellas instituidas pelos padroeiros, que apresenta a mesa da misericordia desta cidade com a congrua de trinta e cinco mil reis, e casas para morar o capellão junto á capella mór da igreja, onde tambem estão casas para habitarem tres Mercieiras com obrigação de ouvirem as ditas missas, e se lhes dá em dinheiro a cada uma quatorze mil e quatrocentos reis, e se lhes assiste com medico, e botica nas doenças. O Paroco tem casas com os ditos capellães com obrigação de tomar conta da residencia das mercieiras.

No dia memoravel do grande terremoto se arruinou, e ficou por terra a capella mór, e o cruzeiro da igreja, como tambem as capellas do Santo Christo, Nossa Senhora do Soccorro a velha, e a de Santo Antonio, e o mais que permaneceo em pé, ficou summamente estremecido, e arruinado. Não morreram neste estrago mais que quatro pessoas, que foram o padre Joseph Formão capellão das almas, e tres mulheres. Cuidou-se logo em transportar o Sacramento para a ermida de Nossa Senhora da Conceição, que está na segunda portaria do collegio que foi de Santo Antão, de donde passou para a mesma antiga igreja.

No seu destricto se acham situados os seguintes.

Collegios — Santo Antão. Foi este collegio de Jesuitas fundado no anno de 1579, com adjutorio do Cardeal D. Henrique, em cujo magnifico edificio se lançou a primeira pedra a onze de Maio. Concluido elle, vieram os padres habital-o, vendendo aos religiosos gracianos a antiga residencia, ou primeiro collegio, que possuhiam no bairro da Mouraria. Compunha-se esta grandiosa fabrica de um magestoso templo de pedraria, para cujo dispendio concorreo a grande liberalidade da condessa de Linhares D. Filippa de Sá, a qual escolheo para seu jazigo a capella mór, primorosamente obrada. Nesta igreja se disse a primeira missa no anno de 1632, em dia de Santo Ignacio, a quem se dedicou, com toda a solemnidade. (1) O collegio se compunha de varios Cathedraticos Jesuitas, que ensinavam publicamente as artes, e faculdades, distribuidos por diversas classes, e aulas, onde a instrucção dos estudantes se fazia gratuita.

Via-se este convento, e collegio sumptuosissimamente renovado, e augmentado em primorosa sacristia, excellentes torres, espaçosos dormitorios, e em todas as mais partes, que ornão um magnifico artefacto;

(1) Cardoso no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 425.

tudo por actividade do padre João Bautista Carbone, Jesuita Napolitano, a quem elrei D. João V, muito estimava, o qual sendo reitor do dito collegio falleceu aqui a 5 de abril de 1750: quando succedendo o terrivel Melhecoro do espantoso terremoto, se precipitou o zimborio da igreja, ficando esta em muitas partes arruinadissima, e uma das suas torres: o mesmo estrago experimentou o convento, principalmente o dormitorio, que cahia para a parte das Classes; perecendo nesta fatalidade tres religiosos, que eram o padre Marcello Leitão, e dous cathedraticos, além de outras vinte pessoas seculares. Foram logo os padres refugiar-se na sua cerca, na qual se abrigou tambem innumeravel povo, e fazendo varios abarracamentos para seu commodo, e uma igreja de madeira, alli se conservaram, em quanto não foram expulsos de todo.

Santo Antão o Velho. Chamado vulgarmente o collegiuho. De religiosos eremitas de Santo Agostinho, situado na raiz do Castello, no bairro da Mouraria. Foi a primeira habitação, que os padres Jesuitas tiveram neste reino, e onde assistio S. Francisco Xavier, antes que fosse allumiar o Oriente com as luzes do Evangelho. Dizem alguns, que fora morada dos Templarios, outros affirmam, (1) que fora mesquita dos Mouros, e que a rainha D. Leonor mulher de elrei D. João II, a mandara purificar, e erigir nelle o mosteiro de religiosas dominicas, que depois passaram para o sitio da Annunciada, por troca, que fizeram com os padres de Santo Antão abbade, e estes com os Jesuitas, os quaes ultimamente o venderam aos religiosos gracianos aos 28 de abril de 1594, que até hoje o possuem, e habitam como collegio, onde ha estudos de Theologia, em que lêem quatro mestres, que regem as quatro cadeiras, e daqui sahem muitos operarios para as missões, que a religião manda para o estado da India. Padeceo este collegio grande estrago no dia do terremoto, pois todo elle ficou arruinado, e a sua igreja cahio toda por terra, excepto a capella mór, e ficando debaixo do entulho sete mulheres, todas escaparam, posto que mal tratadas, e feridas. Os religiosos se abarracaram na sua cerca, onde fizeram uma capellinha para os Officios Divinos, em quanto se não reedificava o collegio, e a igreja.

Jesus. Este collegio é dos meninos Orfãos, situado na rua da Mouraria. Teve sua primeira fundação pela rainha D. Brites, mulher de elrei D. Affonso III., e mãi de elrei D. Diniz, o qual collegio doton depois a rainha D. Catharina, mulher de elrei D. João III. (2) Pelo regimento, com que se governa este collegio feito em 20 de agosto de 1615, consta ser instituido no anno de 1549, a instancias do padre Pedro Domenec, natural de Catalunha, Conego de Barcelona, e capellão do dito rei, por Breve, que passou o Nuncio deste reino D. João Arcebispo Sepontino, no qual Breve se involvia não só o titulo da invocação,

(1) Cardoso no Agiolog. Lusit. tom 1. p. 105. e tom. 2 p. 424. Santuar. Mariau. tom. 1. p. 118. (2) Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 9.

que era o da Senhora de Monserrate, mas se nomeava uma tal confraria do menino Jesus, donde talvez nasceria o chamar-se o collegio de Jesus. A instituição só dá faculdade para aceitarem não mais que trinta Orfãos desamparados, preferindo sempre os naturaes de Lisboa, e seu arcebispado. (1) Ultimamente se havia reedificado todo este collegio desde os alicerses por ordem, e dispendio do fidelissimo rei, e Senhor D. Joseph, e concluido no anno de 1754, como consta da inscripção de um padrão gravada em pedra, que está no pateo, ou portaria. Com o terremoto padeceu sua ruina, cahindo uma porção de parede para a parte, que confina com a rua de João de Oiteiro: estalaram, e abriram varias abobedas, e paredes, mas tudo facilmente reparavel. Ninguem pereceo nas ruinas, nem no collegio, porque se foram logo abarracar na cerca. Presentemente assistem aqui poucos collegiaes por falta de rendas sufficientes. Tem um Provedor, ou Conservador, que hoje anda em um dos deputados da Mesa da Consciencia: tem mais um reitor clerigo, um vice-reitor, e um mestre de Latim.

Ermida—Nossa Senhora da Saude. Foi esta ermida erecta, e dedicada pelos artilheiros a S. Sebastião: e collocando-se nella a imagem de Nossa Senhora da Saude em 20 de abril de 1662, em cujo dia sahio com solemne procissão da igreja dos meninos orfãos, onde havia estado noventa e tres annos, desde então se começou a intitular a ermida de Nossa Senhora da Saude. (2) Arruinou-se com o terremoto: porém já se acha reparada, e se diz nella missa. Fronteiro da igreja dos meninos orfãos está um nicho, onde se venera uma imagem do nosso glorioso Patricio Santo Antonio, com quem os Lisbonenses tem grande devoção.

Constava esta freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fógos, hoje só se acha com oitocentos e quarenta distribuidos pelas seguintes.

Ruas—Amoreira, Calçada do Collegio, Canos, Capellão, Carreirinha, Cavalleiros, Collegio, Colleginho, Detrás de S. Domingos, Entre as hortas, João de Oiteiro, Largo da Igreja, S. Lazaro, Livreiros, Mouraria, Parreiras, Paço do Bemformoso, Rua nova da Palma, Sima, Suja, Tendas, S. Vicente.

Becos — Amoreira, Barbaleda, Cozinheiro, Crasto, Jasmim, Mello, Tres Engenhos.

Freguezias confinantes—Anjos, Santa Justa, Pena.

XL—*S. Thomé*

Supposto não poder averiguar-se a verdadeira origem desta igreja é sem duvida, que ella goza de uma grande antiguidade. Do primeiro livro dos privilegios, e mercês de reis, o principes fol. 25.. que se con-

(1) Faria Asia Portug. tom. 2. p. 288. Cardos. Agiolog. tom. 3. p. 874. Oliveira Grandez. de Lisb. pag. 68. (2) Santuar. Marian. tom. 1. pag. 264.

servava no cartorio de Santa Maria, constava que elrei D. Diniz com a rainha Santa Isabel fizera doação ao mosteiro de Alcobaça do Padroado da igreja de S. Thomé pelos annos de 1320. Consta mais, que no anno de 1414, mandara a Universidade então existente em Lisboa, tomar posse desta igreja, que tinha vagado por morte de seu prior Gomes João. (1) Dos tempos mais chegados a nós temos memorias da sua existencia no anno de 1551, segundo o summario, que então imprimio Christovão Rodrigues de Oliveira. E na sacristia desta igreja existe uma sepultura de Affonso Gomes Abreu, e sua mulher Maria Antunes, que fallecêu aos 11 de janeiro de 1591.

É este priorado de concurso, e da apresentação ordinaria, da lotação de trezentos mil reis, liquidos, depois de tirada a terça em todos os fructos, excepto offertas, capellas, e Laudemios, que paga á universidade de Coimbra. Tem cinco beneficios, que apresenta o prelado, e rende cada um oitenta mil rêis. Instituio aqui o padre Henrique Fernandes Homem uma capella de cento e cincoenta mil rêis, que administra, e provê em concurso a Ordem Terceira da Graça. A irmandade das almas provê tres capellas de cincoenta mil réis cada uma. Ha mais a irmandade do Senhor Jesus do Penedo com sua capellão.

Fez o terremoto estremecer, e causar alguma ruina nesta igreja, mas não derrubou senão algum estuque, e pintura da abobeda da capella mór, e azulejos do coro, tendo a felicidade de não morrer pessoa alguma dentro da igreja, posto que pereceram no mesmo dia trinta e nove paroquianos em outras partes diversas. A imagem do Senhor Jesus do Penedo, que era de barro mas muito antiga, e feita na India, caindo do altar, e capella em que estava, se fez em pedaços: mas os irmãos da sua irmandade mandaram fazer outra da mesma grandeza, que se collocou solemnemente no mesmo altar em 3 de maio de 1757. Os actos paroquiaes se fizeram ao principio na mesma igreja, da qual se mudou o Santissimo para a do menino Deus onde esteve até dia de S. Bartholomeu do anno de 1762, em que se transferio para a sua propria igreja.

Dentro dos limites desta freguezia existe o seguinte

Hospicio—Menino Deus. É este um recolhimento de Mantelatas da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas onde tambem ha hospital para enfermos da mesma Ordem. Teve principio a sua fundação no anno de 1710; porém a 4 de julho de 1711, lhe lançon a primeira pedra no edificio a Magestade de elrei D. João V, concorrendo com grande esmola para continuação da obra. A Ordem Terceira se obrigou por uma escritura a pagar todos os annos setenta mil réis ao prior, e beneficiados desta paroquia pela falta da regalia das festas, que a mesma Ordem executa com os religiosos neste Hospicio, e por poderem sepultar na sua igreja os Terceiros. Ficou esta igreja livre do perigo, e para

(1) Leitão Ferreira. Notic. Chronolog. n. 387. pag. 256.

elle foram os conegos, e mais Basilica de Santa Maria residir: sendo a primeira vez, que exerceram os actos ecclesiasticos dia do Anjo Custodio do anno de 1757, havendo antecedentemente estado na barraca da freguezia de S. Joseph. As enfermarias porém deste hospicio, e a casa do despacho da Ordem Terceira ficaram muito arruinadas.

Constava esta paroquia antes do terremoto de duzentos e setenta e cinco fogos; hoje numera duzentos e cincoenta existentes em casas: e em barracas quarenta e tres: pessoas de communhão neste presente anno, são novecentas e oitenta e nove, distribuidas pelas seguintes

Ruas—Adro da Igreja, Calçada do Menino Deus, Calçadinha detrás da Igreja, Calçadinha de S. Thomé, Cego, Escolas Geraes, Hospital do Menino Deus, Portas do Sol, Portaria do Salvador, Rigueira.

Becos—Era, Funil, Maldonado, Norte, Oliveirinha.

Freguezias confinantes—Santo André, Santa Cruz do Castello, Santa Marinha, Salvador, Santiago, S. Vicente.

XLI—*S. Vicente*

Estabeleceu-se esta paroquia dentro do insigne, e sumptuoso templo de S. Vicente de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que apresentam o Cura, sobre a qual jurisdição houve grandes demandas com a mitra, que vieram finalmente a resolver-se no anno de 1541, em que julgou o arcebispo D. Fernando de Vasconcellos ser a paroquia do convento de S. Vicente isenta de jurisdição ordinaria, que o papa Paulo III, confirmou aos 12 de junho no anno oitavo de seu pontificado. (1)

Rende esta igreja ao Cura duzentos e cincoenta mil réis certos, e a irmandade do Santissimo apresenta quatro capellas de quarenta e cinco mil réis cada uma, e missa livre. A das almas provê duas da mesma congrua. Ha mais as irmandades de Nossa Senhora das Necessidades, e a de Nossa Senhora do Pilar, que não tem capellães. Comprehende o seguinte

Convento—S. Vicente. De Conegos Regulares de Santo Agostinho. Foi fundado primeiramente pelo veneravel heroe D. Affonso Henriques para jazigo dos cavalleiros alemães, que morriam na expugnação de Lisboa, lançando-lhe elle mesmo a primeira pedra fundamental aos 21 de novembro de 1147. (2) Entre aquelles illustres cavalleiros, que então morreram, resplandeceo em prodigios um chamado Henrique, natural de Colonia, de cuja sepultura rebentou, e se produzio uma palmeira, que com o seu contacto dava saude aos enfermos. (3) Depois foi esta igreja, e convento reedificado magnificamente por elrei Filippe II., cuja

(1) Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 4. num. 7. Sousa Histor. Genealog. tom. 12. liv. 13. p. 130. (2) D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2 cap. 3 num. 3. (3) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 33. n. 8. Marinho de Azev. Antig. de Lisboa liv. 1. cap. 28.

primeira pedra lhe lançou o cardeal Alberto em 25 de agosto de 1582, estando presente o dito rei, o qual mandara demolir uma igreja, que elrei D. Sebastião havia começado a fundar á borda do Tejo na ponta do Terreiro do Paço junto á Alfandega, collocando nos seus alicerses a primeira pedra em março de 1571, e havendo-se trabalhado nella alguns annos, com o parecer de muitas pessoas prudentes, que observaram incongruencias naquelle sitio para o culto Divino, elrei Filippe a mandou desfazer, e applicar a mesma consignação, e materiaes para a igreja de S. Vicente de Fóra, onde pelos frizos da cimalha real ha flechas aspadas, que bem mostram ser pedras do templo demolido, pois que elrei D Sebastião o fundava com o intuito de o dedicar ao invicto Martyr S. Sebastião, para ser cabeça de huma nova ordem militar, intitulada da Flecha, que meditava instituir. (1) Passados vinte e tres annos, que se gastaram nesta ultima fabrica, se collocou na sua igreja o Santissimo Sacramento em 18 de maio de 1605. (2) É todo este edificio magnifico, e de primorosa arquitectura; cujo tecto da sua nobilissima portaria foi pintado pelo famoso Bacarelli com a delineação, e regras de admiravel perspectiva.

Aos violentos impulsos do terremoto estremeceo todo este grande edificio, e se prostou logo cahindo no meio da igreja o seu formoso, e admiravel zimborio, e muitas pyramides, que por ornato o cercavam: a mesma ruina padeceo o convento, em o dormitorio de cima da porte do Nascente com outras porções da sua fabrica, mas sem o infortunio de perecer nelle mais que uma, ou duas pessoas; porém na freguezia morreram mais de cincoenta e sete, e se arruinaram muitas propriedades de casas em todo o seu ambito, em que entrou o palacio do conde de Val de Reis, o de D. Josefa Helena, o de D. Diogo de Napoles, o em que morava Pedro Jansen, o de Ruy Vaz de Siqueira, o de Joseph Galvão de Lacerda, e outros mais: de que alguns já se repararam: outros jazem nas mesmas ruinas. Transferiram-se logo os religiosos para a sua cerca, onde se abarracaram: não deixando com tudo de exercitar exemplarmente a virtude da caridade para com o povo afflicto, e desamparado, que se foram valer do seu abrigo, e piedade. Tem-se feito alguns reparos no convento mais precisos.

Mosteiro—Santa Monica. De Religiosas de Santo Agostinho. Foi fundado no anno de 1586, por D. Maria de Abranches, senhora illustre, filha de Alvaro de Abranches capitão mór de Azamor: a qual no primeiro de janeiro do sobredito anno lhe lançou a primeira pedra fundamental com suas proprias mãos; e começou a povoar-se de religiosas desde onze de outubro do mesmo anno. (3) Arruinou-se, e destruio-se neste mosteiro com o extraordinario terremoto a porção mais moderna do seu edificio, fundindo-se perto de cento e sessenta commodos, que estavam perfeita-

(1) Faria nas Rim. de Cam. Oitav. 3. p. 119. Santuar. Marian. tom. 1. p. 217.
(2) Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 1 n. 7. (3) Anno Historic. tom. 1. p. 16.

mente acabados: nestes estragos pereceram sete religiosas; entre as quaes se faziam distinctas na pratica das virtudes Soror Magdalena de Christo, Soror Perpetua das Brotas, e Soror Maria Leocadia: morreram tambem duas seculares, duas criadas, e uma negra, e na igreja se prostrou, e destruio totalmente a capella mór com a morte de algumas pessoas.

Este successo tão espantoso motivou a toda a communidade, que constava de cento e noventa e duas religiosas, alêm de muitas seculares, educandas, e criadas, que por todas faziam o numero de trezentas pessoas, a irem refugiar-se para a cerca: e sahindo pelas oito horas da noite com grande trabalho, alli passaram até o domingo pela manhã cheias de sustos, e afflições: daqui se mudaram para a quinta contigua chamada do Abelha, e fazendo erigir promptamente um altar, nelle se celebrou missa para cumprirem com o preceito, e rezaram o Officio Divino. Passaram neste sitio todo aquelle dia, e noite calamitosamente sem abrigo algum, até que a mesma necessidade lhes fez lembrar o refugio da quinta da mitra, que o eminentissimo patriarca possue em Marvilla. Com esta determinação se pozeram ao caminho processionalmente, e nelle gastaram desde as oito horas da manhã do dia terceiro de novembro até ás cinco horas da tarde do mesmo dia, em que chegaram muito quebrantadas de forças mas não de animo. Accommodaram-se em algumas casas do palacio, que lhes mandou franquear sua eminencia, onde existiram exercitando recta, e exemplarmente as suas obrigações religiosas, em quanto se não restituiram para o seu antigo domicilio.

Hospicio — Nosso Senhor Jesus Christo. De religiosos Thomaristas da Ordem de Christo. Arruinou-se com o terremoto.

Constava esta freguezia de quinhentos e quarenta e quatro fógos; hoje se acha com diminuição de cincoenta pouco mais ou menos, distribuidos pelas seguintes

Ruas—Adro de Santo Estevão, Adro da Graça, Alfurja, Arco de S. Vicente, Atafonas, Cruz de Santa Elena, Cruz do Mão, Escolas Geraes, (1) Loureiro, Marco Salgado, Monsinhos, Oiteiro da Amendoeira, e da Fundição, Pateo da Atafona, Tijolo, Tilheiro de S. Vicente, S. Vicente, Vigario.

Becos, e Travessas — Amador, Beguinas, Clerigos, Corretor, Mó, Travessa das Bruxas, e de Santa Marinha, e de Santa Monica.

(1) Nesta rua, que sobe para o Convento de S. Vicente de Fóra, se conservam nmas casas com o nome de Escolas Geraes, onde estiveram os Estudos publicos na segunda mudança, que elrei D. Manuel no anno de 1503 mandou dispor em forma de Universidade, para alli se ensinarem as Sciencias. Depois passaram estas casas a varios possuidores; e antes do terremoto as possuhia o Capitão mor do Sardoal Francisco Xavier de Mendoça, e habitava nellas Monsenhor Amaral. Com o terremoto se arruinaram grandemente. Os curiosos podem ler a fr. Francisco Brandão na 5 parte da Monarquia Lusitana liv. 16 cap. 82, e ao beneficiado Francisco Leitão Ferreira nas Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra num. 930.

Freguezias confinantes — Santa Engracia, Santo Estevão, Santa Marinha, Salvador, S. Thomé.

CAPITULO III

Igrejas Paroquiaes no Termo de Lisboa

O que chamamos Termo de Lisboa terá quando muito o espaço de nove legoas de comprido, se contarmos de Oeiras até Santiago dos Velhos; e de largo pouco mais de tres leguas. Luiz Mendes de Vasconcelos configurou maior extensão em todo o seu ambito, porque diz que terá dez leguas de comprido, contando de Torres até Cascaes, e cinco de largo. (1) O certo é que todo este circuito é um terreno muito povoado, alegre, e fertil, por onde antigamente os serenissimos reis de Portugal tinham suas casas de recreação, e regalo, convidados da bondade do sitio, que por todas as partes merece ser buscado, e habitado. (2) Hoje bem póde livremente chamar-se uma cidade continuada, cujos habitadores, e colonos são muito aptos para a lida do campo, e não menos as mulheres, as quaes são assistidas de um animo tão varonil, que metem em grande admiração aos estrangeiros. (3) Compoem-se de trinta e tres freguezias repartidas pelos lugares seguintes. (4)

I — *Ameixoeira*

Affasta-se este lugar de Lisboa pouco mais de uma legua para o Norte. Está em um sitio elevado que o faz ser alegre, e lograr um ar salutifero. É terra de elrei, e consta de setenta visinhos subordinados nas sausas Civeis, e Crimes ao Corregedor do bairro de S. Paulo de Lisboa. A paroquia é dedicada a Nossa Senhora com o titulo da Incarnação, cuja imagem é antiquissima, e por ella obra Deos muitos milagres. Foi achada entre um funchal, donde em outro tempo foi invocada com este titulo, que conservou até o anno de 1541. (5) O edificio da igreja é antes do anno de 1500; porque no de 1664, se começou a reedificar á custa de elrei, e tambem de esmolas particulares.

Era esta igreja annexa á freguezia do Lumiar; porém no anno de 1536, se desmembrou della, para se estabelecer nova, e distincta paroquia, obtendo para isso Breve do Nuncio apostolico, que on era Marcos

(1) Vasconcel. no Sitio de Lisb. p. 193. (2) Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 23. E Damião de Goes na Descripção de Lisboa que compoz em Latim, disse: «Quo excursu crebra villarum suburbanarum ædificia, mira elegantia, et amœnitate constructa, licet cernere.

(3) Cùm passim in Lusitania videantur mulieres adeo generosae, ac robustae; cujusmodi ventilant Olisiponem ex pagis, et vicinis circumvicinis, quae gentes exteras non minus Christiano pudore, quam masculo robore in stuporem fui adducunt.» Disse o P. Bento Fernandes tom 2. in Genes cap. 24 sect. 3 n. 10 (4) O P. Santa Maria no Ceo aberto pag 193 diz que o Termo de Lisboa comprehende cincoenta e nove Paroquias: devia figurar-lhe maior extensão. (5) Santuar. Marian tom. 1. pag. 123.

Vigerio, ou Pompeyo Zambucari, cuja isenção foi depois confirmada por varias Bullas Pontificias, que se guardam no cartorio da igreja. O Paroco até o anno de 1726, teve o titulo de cura, hoje é collado no de reitor, que apresenta a mesa da confraria da Senhora, e lhe renderá cem mil reis. Ha na igreja tres irmandades, a do Santissimo com muitas indulgencias, e da Senhora do Rosario incorporada na do Santissimo, e a das Almas.

Foi este sitio habitado pelos Romanos, como consta da inscripção aqui achada no anno de 1720. (1) Depois os Mouros lizeram grandes tulhas, ou covas para recolherem os seus fructos, das quaes pelo tempo adiante se serviram tambem os Templarios, a que se seguiram os cavalleiros da Ordem de Christo.

No destricto desta freguezia ha as seguintes

Ermidas—Santo Antonio. Na quinta de Manoel de Foyos de Sousa, que edificou seu pai o Doutor Luiz de Foyos de Sousa Vereador da Camera de Lisboa no anno de 1684.

S. Bento. Na quinta do doutor Antonio Falcão de Serpa Sotomayor, e edificada no anno de 1631 por Bento Rodrigues Taveira.

S. Gonçalo de Amarante. Na quinta de Luiz Francisco Pimentel cosmografo mór do reino, o qual a tem reformado, e augmentado com grande asseio.

Havia mais a ermida de Jesus Maria Joseph nas casas do morgado que instituio o conego da Sé de Evora Joseph Pinto de Amaral, e outra de Santo André; mas ambas se acham profanadas, e destruidas. O que ainda permanece, é junto da paroquia uma albergaria, ou hospital para agazalhar peregrinos, administrado pelos confrades de Nossa Senhora.

II—*S. Antão do Tojal*

Chamam vulgarmente a este lugar Santo Antonio do Tojal, que dista de Lisboa tres leguas para o norte, junto á estrada que conduz para Vialonga. Está elle situado em planicie cercada de montes, e o terreno pela maior parte coberto de olivaes, que o fazem algum tanto melancolico. A igreja paroquial dedicada a Santo Antão é da mitra, e antiquissima, pois nella se conserva ainda um antifonario com missa propria do santo, de tempo immemoravel: e já o bispo de Lisboa D. Domingos Jardo no seu testamento, que fez em 19 de dezembro de 1291, faz memoria da sua quinta de Pero Viegas, que, como diz D. Rodrigo da Cunha, (2) é a de Santo Antonio do Tojal; sitio de que os prelados de Lisboa sempre fizeram muito caso.

O arcebispo D. Fernando de Vasconcellos devia fundar maior igreja augmentando a obra com palacio, e jardim, e mandando lavrar na

(1) Cardoso no Diccionar Geograf. tom. 1. p. 413.
(2) Cunha na Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 69. n. 7.

torre da igreja em uma das faces, que hoje olha para o chafariz, o anno em que fizera a obra, que foi no de 1554. (1) Ultimamente o eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida a mandou reedificar toda, reduzindo-a a um magestoso templo com um nobilissimo frontispicio, ao qual ornam algumas estatuas de santos feitas na Italia de fino jaspe, fazendo collocar na torre harmoniosos sinos, e na praça, e estrada chafarizes de excellente agua, que em beneficio publico fez conduzir de longe por aqueducto custoso de muitos arcos.

O paroco tendo antecedentemente o titulo de vigario, o senhor D. Thomaz primeiro Patriarca de Lisboa o collou no de prior em o anno de 1734, a quem rende quatrocentos mil réis, e o primeiro, que obteve este caracter, foi o reverendo doutor Feliz Dantas Barbosa, irmão do excellentissimo arcebispo de Lacedemonia, que presentemente reside na sobredita igreja com exemplar zelo do culto divino.

Ha na igreja uma collegiada, que o mesmo eminentissimo Patriarca estabeleceu no anno de 1730, e consta de dous beneficiados com cem mil réis cada um, e de quatorze capellães cantores de escolhidas, e excellentes vozes, dos quaes oito tem cento e vinte mil réis, casas pagas, e as missas livres: quatro tem cento e vinte mil réis, e as missas cativas, e d'estes quatro ha dous, que pelas suas vozes serem melhores tem mais cada anno trinta e oito mil e quatrocentos réis cada um.

Consta mais de quatorze capellanias, das quaes nove são capellães os mesmos cantores, e rendem cento e vinte mil réis; uma de oitenta mil réis annexa ao cantor mais antigo, que chamam Primicerio, mas não tem obrigação de coro. Ha outra capella instituida em Nossa Senhora do Rosario que rende cincoenta mil réis, e administra o guarda reposta Antonio da Cunha. A Irmandade das Almas provê, e administra duas, uma de cincoenta mil réis, e outra de vinte mil réis para domingos, e dias santos. A Irmandade dos Passos provê outra com obrigação de dizer o capellão missa todas as sextas feiras do anno, a quem dá seis mil trezentos e sessenta réis. Tem mais esta igreja quatro confrarias, Santo Antão, Santo Antonio, S. João Bautista, Nossa Senhora do Rosario; e quatro Irmandades, a do Santissimo, a do Senhor dos Passos, a das Almas, e a da Ordem Terceira instituida na ermida do Espirito Santo. Dentro dos seus limites se incluem as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora da Apresentação. Na grandiosa quinta do desembargador Gonçalo Joseph da Silveira Preto em Pinteos.

Nossa Senhora do Carmo. Na quinta das Carrafoiças.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta dos padres Loyos em Pero Viegas.

Espirito Santo. No sitio mais desafogado que tem este lugar.

S. João Bautista. Na quinta do Valle, ou do Lago.

S. Roque. Junto a ponte do rio chamado das Gallinhas, de cuja

(1) Dissemos na Vida d'este Prelado cap. 2. §. 11 d'este tomo.

ermida, e santo já fallamos no tomo 2. parte 3. d'este Mappa cap. 7. §. 3.

Além d'estas casas pias ha o nobilissimo palacio junto da igreja paroquial, que o mesmo primeiro eminentissimo patriarca D. Thomaz reduzio a melhor policia, accrescentando-o, e augmentando-o com generosa liberalidade, e enriquecendo-o de excellentes adornos proprios de um principe. Com este mesmo animo dispoz se formasse um delicioso, e dilatado jardim junto ao palacio que o domina, repartindo o plano em formosissimos quadros ennobrecidos com bellas estatuas de porfido. Alli se vêem entre o matizado das plantas os buxos, e as murtas sempre verdes fingir varias figuras, que a arte com prolixa, mas admiravel cultura as obriga representar. Vêem-se muitas fórmas de fontes, de flôres, e de arvores exquisitas, mas estereis, que só por fruto dão sombra aos que passeam por suas dilatadas ruas. Servem de remate ao principal quadro do jardim, em fórma cylindrica, dous viveiros de pombos domesticos, que na variedade de suas côres, e copiosos giros que fazem pelo ar, e pelo campo, augmentam a recreação aos olhos. É fabrica certamente vistosa; á qual concorrem muitas pessoas de differentes partes só para lograrem a formosura de um theatro magnifico, e de tão aprasivel amenidade onde o verão, e o inverno

Não lhe impede gozar de abril eterno.

Numera este lugar perto de mil pessoas repartidas pelos sitios, e aldeas de Santo Antonio das lebres, Manjoeira, Murteira, Pinteos, etc. subordinados á correição do ministro do bairro da Ribeira d'esta cidade.

III — *Appellação*

Dista de Lisboa duas leguas para o norte, e meia do rio de Sacavem que lhe serve de grande conveniencia. O sitio é baixo, cercado de montes, porem ameno, e sadio. A igreja paroquial é dedicada a Nossa Senhora da Encarnação, que hoje está novamente reedificada ao moderno, e foi fundada por Bartholomeu de Oliveira Botelho, commendador da Ordem de Christo, no anno de 1594 onde jaz, e sua mulher. No anno seguinte foi erecta em paroquia pelo arcebispo D. Miguel de Castro, sendo antecedentemente os seus muradores sujeitos no espiritual á freguezia de Unhos, d'onde se desmembraram.

Tem o paroco titulo de cura, que apresenta ad nutum Jorge de Mesquita da Silva Mascarenhas descendente do fundador, e rende cincoenta mil réis. Ha na igreja quatro capellanias: uma que instituio Miguel da Paz com quarenta mil réis: outra que instituio o dezembargador Francisco da Fonseca Sisnel com sessenta mil réis, que apresenta o senado da camera de Lisboa: outra que instituio o fundador, e apresenta o padroeiro: outra das Almas com cincoenta mil réis, cuja Irmandade tem

muitos privilegios concedidos pelo Papa Innocencio XII. Consta o lugar de cincoenta moradores sujeitos ao corregedor da repartição do bairro alto. Tem no seu limite as seguintes

Ermidas—Santo Amaro. Na quinta de Antonio de Abreu do Rego, irmão de monsenhor Soares.

Santo Antonio. Na quinta que possue D. Ursula, irmã de Joseph Pinheiro de Azevedo thesoureiro das despezas do conselho da fazenda.

IV—*Arranhol*

Está situado este lugar em um monte distante da cidade cinco leguas para o norte. A igreja paroquial está fóra do povoado, e é da invocação de S. Lourenço, cujo paroco tem só o titulo de cura, a quem o prior de S. Christovão de Lisboa apresenta annualmente com a congrua de um moio de trigo, trinta alqueires de cevada, uma pipa de vinho, e quatro mil e quinhentos réis em dinheiro. Consta este lugar de trinta fogos sujeitos ao corregedor da Mouraria, e ha no seu destricto as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora da Ajuda. Está fóra do povoado, e tem seu ermitão, que apresenta o mesmo prior de S. Christovão.

Nossa Senhora da Encarnação. Está na aldêa chamada Algobellas, que se compõe de dezasete visinhos.

V—*Barcarena, ou Barquerena*

Pelas raizes de varios montes, cujos cimos guarnecem bastantes moinhos de vento, está situada a povoação d'este lugar affastada de Lisboa duas leguas para o noroeste. É a sua paroquia titular de S. Pedro, cujo paroco, que tem o predicamento de cura, é apresentado pelo prior de S. Martinho de Lisboa annualmente, e renderá o curato duzentos mil réis. Ha nesta igreja tres Irmandades, a do Santissimo, a de Nossa Senhora do Rosario, e a das Almas.

Consta a freguezia de duzentos e sessenta visinhos, repartidos pelos casaes de Caruncho, Leão, Lecea, Queluz, Ribeira, Serra de cabanas, Telaide, Torcena, Valejas. A maior parte d'estes lugares fertiliza abundantemente a ribeira chamada de Barcarena, que neste sitio dá exercicio á fabrica real da polvora reedificada no anno de 1729 por Antonio Cremer. Estão todos estes moradores sujeitos ao corregedor de S. Paulo para a decisão das suas causas. Ha no seu destricto as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora do Amparo. No lugar do Leão, ou Layão.

Santo Antonio. Na quinta de Francisco Leitão de Faria no lugar de Trosena.

Santa Barbara. Na quinta que foi de Domingos Pires Bandeira no lugar de Telaide.

S. Bento. No lugar de Valejas.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta de Antonio Luiz Sinel de Cordes.

Senhor Jesus Rei dos Reis. Na quinta de Joseph de Brito de Miranda.

S. Miguel. No lugar da Serra de Cabanas.

S. Sebastião. No lugar de Barcarena.

Nossa Senhora do Soccorro.

Confina esta freguezia com a de S. Romão de Carnexide, com a de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica, com a de Nossa Senhora da Misericordia de Bellas, com a de S. Domingos de Ranna, com a de Rio de Mouro, com a da Purificação de Oeiras.

VI — *Bemfica*

Na estrada, que conduz para a villa de Cintra, fica este lugar apartado de Lisboa pouco mais de uma legua para o norte, e por estar em sitio aprazivel, e ameno, grangeou o nome que lhe deram. A sua igreja paroquial tem por orago a Nossa Senhora do Amparo, que apresentam as religiosas do mosteiro do Salvador, as quaes recebem os dizimos, e ao cura renderá trezentos mil réis. Hoje se acha a igreja nobremente reedificada com esmolas não só do povo, mas da pia generosidade de elrei, para a qual tem concorrido.

Consta a freguezia de trezentos e cincoenta visinhos repartidos por estes lugares: Adeão de baixo, e de cima, Alfarrobeira, Alfornel, Alfragide, Barcal, Bomnome, Brandoa, Buraca, Burrel, Calhao, Calhariz, Caranque, Casal das Cruzes, e do Mercador, e da Serra, Castellos de cima, e de baixo, Correa, Cruz da pedra, Cruzes, Estrada da Luz, Falgueira, Feteira, Granja, Junqueira, Lage, Louro, Maia, Mira, Monsanto, Montijo, Montinel, Noidel, Oiteiro, Paian, Pinheiro, Penedo, Porcalhota, Preza, Reboleira, Salgado, Salrego, Saraiva, Serra, Tojal, Val de Teresa, Venda nova, Vinteira.

Dentro dos seus limites existem os seguintes

Conventos—S. Domingos. De religiosos Dominicos. Foi fundado por elrei D. João I em uma casa de recreação, que tinha neste lugar, intervindo para se erigir este convento o grande jurisconsulto João das Regras, que jaz aqui sepultado. Tomaram os religiosos posse do convento em 22 de maio de 1399. A igreja, que hoje se vê, foi reedificada no anno de 1630 pelo memoravel padre fr. João de Vasconcellos, sendo alli prior.

Santo Antonio. De religiosos Capuchos no sitio da Cruz da pedra, a que chamam a Convalescença, que com este titulo começou no anno de 1640, e passou a Guardiania no de 1720, e ultimamente foi reedificado no de 1746.

Ermidas—Santa Anna. Na quinta de Mauricio da Costa.

Santo Antonio. Na Porcalhota, e na quinta que foi de Lourenço Luiz Galvão estribeiro menor de elrei.

Santo Antonio. Nas casas que foram de Fernão Joseph da Gama.

Santo Antonio. Na quinta da Costa em Payan.

Nossa Senhora da Assumpção. Na quinta que foi do desembargador Antonio de Basto Pereira no lugar de Noidel.

Nossa Senhora da Assumpção. Na quinta que foi de João Pedro Ludovici.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do secretario de estado, que foi, Diogo de Mendoça Corte Real.

Espirito Santo. Em Bemfica.

Familia Sacra. Na quinta que foi de D. Affonso Manoel de Menezes.

S. Francisco. Na quinta do Oiteiro.

Jesus Maria Joseph. Na quinta do Caminha em Calhariz.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta de Antonio Xavier Leitão escrivão dos Moedeiros.

Nossa Senhora da Saude. Em Calhariz.

Nossa Senhora . . . Na quinta de Joseph de Oliveira em Montijo.

Nossa Senhora . . . No Pinheiro.

Nossa Senhora . , . No lugar da Brandoa.

No districto d'esta freguezia está a grande, e famosa quinta do marquez de Fronteira, cuja poetica descripção se póde vêr nas Horas successivas de Aleixo Collotes de Jantillet. Confina esta freguezia com a de S. Sebastião da Pedreira, com a de Nossa Senhora da Ajuda, com a de S. Romão de Carnaxide, com a de S. Lourenço de Carnide, com a do nome de Jesus de Odivellas, com a de Bellas, com a de Barcarena.

VII — *Bucellas*

Na distancia de quatro leguas para o norte está fundado este lugar em sitio baixo, e cercado de montes; porèm aprazivel, onde se produzem as melhores cerejas, e onde existe uma grande fabrica de serrar pedras. A paroquia é dedicada a Nossa Senhora da Purificação, e é templo que indica magestade, porque alèm de ser espaçoso, e elevado, estriba-se em oito columnas, e tem uma bem lançada escada por onde se sobe para o coro. A capella mór foi sagrada pelo seu prior D. Jorge de Ataide, sendo então bispo de Viseu, em 23 de janeiro de 1569, como consta da inscripção que se lê no altar mór. O priorado é pingue, e renderá quatro mil cruzados, e cada um dos quatro beneficios, que tem a igreja, oitenta mil réis, e tudo da apresentação da serenissima casa do infantado.

Ha no adro d'esta igreja um famoso marmore romano de dez palmos de alto, com uma carapuça quadrada com sua moldura ao redor, e lhe chamam a Memoria: tem esta inscripção:

D. M.
L. P. J. L. F. Tus-
sia: Edo: Ann.
XXVIII.

Quer dizer: «Este tumulo é consagrado aos Deuses das almas. Aqui jaz Lucio Publio filho muito amado de Julio Lucio, e de Tussia Edomicilia, que morreu de vinte e oito annos. (1)

Consta esta paroquia de tres Irmandades, a do Santissimo, a de Nossa Senhora do Rosario, e a das Almas. Em toda a freguezia haverá quatrocentos visinhos, distribuidos por varios casaes, e lugares sujeitos ao corregedor do bairro do Rocio; e no seu destricto se incluem as seguintes

Ermidas — Santa Anna. Em Villa nova.

Nossa Senhora da Boa morte. Na quinta do capitão Nicoláo Cardoso.

Nossa Senhora da Encarnação. Na quinta do excellentissimo duque de Lafões no sitio da Romeira.

Espirito Santo. No adro da mesma igreja paroquial, junto da qual ha uma albergaria para peregrinos,

Santa Maria Magdalena. — Nossa Senhora da Paciencia. — Nossa Senhora da Paz. — Nossa Senhora da Piedade. — S. Sebastião.

VIII — *Camarate*

Fica este lugar distante de Lisboa duas pequenas leguas para o norte em sitio desigual composto de montes, e valles. mas povoado de muitas quintas, e vinhas, onde ha excellentes frutas. Tem a paroquia o titulo de Santiago, e o seu paroco o de cura, que apresentam os freguezes desde o anno de 1511, em que se desanexaram da sujeição paroquial de Sacavem, e lhe rende noventa mil réis. Ha na igreja tres Irmandades, a do Santissimo, a de Nossa Senhora do Rosario, e a das Almas. Compõe-se a povoação de cento e noventa visinhos subordinados ao corregedor do bairro do Castello. Dentro dos seus limites está edificado o seguinte

Convento — Nossa Senhora do Soccorro. De religiosos Carmelitas calçados. Foi primeiramente uma ermida, que edificara o santo Condestavel na quinta de que lhe fez mercê elrei D. João I da qual tomando posse os religiosos, se estabeleceu nella uma Vigairaria da Ordem no anno de 1602; e no capitulo que se celebrou na convento da Vidigueira a 26 de abril de 1608, se fez priorado este convento, e foi o seu primeiro prior Fr. Sebastião da Silva, religioso de grande exemplo, e virtude. (2)

(1) Ref. Antonio Coelho Gasco nas Antiguidades de Lisboa cap. 49. (2) Carvalho na Corograf. Port. tom. 3. pag. 618. Sant. Marian. tom. 7. pag. 187. Sá nas Memor. Historic. tom. 1 pag. 482. num. 705.

Ermidas—S. Joseph. Na quinta de Antonio Salter de Mendoça em Val de Freiras.

S. Pedro Apostolo. Na entrada do lugar.

IX — *Campo grande*

Na distancia de tres quartos de legua affastado de Lisboa para o norte se vê este grande, e espaçoso terreno, em sitio alto, lavado dos ventos, e por isso salutifero, cercado de quintas, hortas, e palacios, que em toda a sua circunferencia terá um quarto de legua, por cuja longitude alcançou o nome de Campo grande, tendo antigamente o de Alvalade, que se fez famoso pela reconciliação, e ajuste de paz que a rainha Santa Isabel no anno de 1323 fez celebrar neste sitio entre seu marido elrei D. Diniz, e seu filho o infante D. Affonso, que ambos estavam dispostos combater-se em rigorosa batalha. (1) Ainda se acha d'isto memoria em um cruzeiro de pedra á entrada do Campo.

A igreja paroquial é dedicada aos santos Reis Magos, cujo paroco apresentam os freguezes, e tem de congrua vinte e oito mil réis além do que lhe rende o pé de altar. Consta de tres Irmandades, a do Santissimo, a da Senhora do Rosario, e a das Almas. Numera novecentos fogos subordinados ao corregedor do bairro Alto para a decisão das suas causas. Dentro do seu destricto se acham erectas as seguintes

Ermidas—Santa Anna. Na quinta do doutor Leal.

Santo Antonio.

S. Caetano. Dos padres Theatinos no mesmo Campo.

Nossa Senhora da Conceição.—Jesus Maria Joseph.— S. João Baptista.— Nossa Senhora das Mercês.

Nossa Senhora dos Milagres. Na quinta do Ceboleiro.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta da condessa de Mesquitella.

Nossa Senhora da Nazareth. Em Palma.

Os Santos Reis. Na quinta do Ferro.

X — *Carnaxide*

Em situação fragosa, e na distancia de duas leguas de Lisboa para o poente está este lugar, cuja igreja matriz é dedicada a S. Romão, na qual apresenta cura o prior de Santa Cruz do Castello d'esta cidade, o qual tem de congrua um moio de trigo, uma pipa de vinho, e o que rende o pé de altar. Tem duas Irmandades, a do Santissimo, e a das Almas, e consta de trezentos visinhos subordinados ao corregedor de S. Paulo, e distribuidos pelos lugares de Algez, Alfragide, Barronhos, Jamor, Ninha a Pastora, Ninha a velha, Outorella, Quejas, Romeiras. No seu destricto se acham erectos os seguintes

(1) Monarq. Lusit. liv. 19. cap. 36. e na part. 7. liv. 4. cap. 13.

Conventos—Nossa Senhora da Boa Viagem. De religiosos Arrabidos. Fica legua e meia affastado de Lisboa para a parte da foz do Tejo, e fundado á borda d'elle desde o anno de 1618.

Santa Catharina de Ribamar. Dos ditos religiosos Arrabidos, e pouco distante do da Senhora da Boa Viagem; porem fundado sobre a elevação de um monte sobranceiro ao mesmo rio, desde o anno de 1551. No de 1634 se ampliou o edificio com titulo de Guardiania. O cardeal arcebispo D. Luiz de Sousa reedificou a igreja primorosamente, de que hoje é padroeira a casa do duque de Lafões, como herdeira da casa de Arronches.

S. Joseph de Ribamar. De religiosos tambem Arrabidos. Foi fundado defronte da Torre velha no anno de 1559 por D Francisco de Gusmão, e sua mulher D. Joanna, e goza hoje o seu padroado o excellentissimo marquez de Valença. Existe neste convento o estimavel quadro do Senhor S. Joseph com a tradição de ser vera effigie, e retrato do santo, como dissemos na sua Vida.

Ermidas — Santo Antonio. Na quinta do Rodisio.

Nossa Senhora do Cabo. Na aldea de Algés. A Imagem da Senhora é milagrosa, e concorre a visital-a muita gente em romaria.

Nossa Senhora da Conceição. No lugar de Outorella.

Nossa Senhora da Graça. Na quinta dos religiosos da Graça.

S. João Baptista. No lugar de Ninha a Pastora.

S. Joaquim. No lugar de Quejas.

Nossa Senhora do Rosario. No lugar de Ninha a Velha.

Nossa Senhora do Rosario, e S. Gonçalo. Na quinta do conego Manoel Gomes Monteiro.

Nossa Senhora da Salvação. No convento de Santa Catharina.

Nossa Senhora da Saude. Na quinta dos Grillos.

Confina esta freguezia com a da igreja da Ajuda, com a de Barcarena, com a de Oeiras, e com a de Benfica.

XI — *Carnide*

Está situada esta povoação em uma campina, que participa de bons ares, affastada de Lisboa uma legua para a parte do noroeste. É a sua igreja paroquial dedicada a S. Lourenço, e o paroco é vigario collado, que apresentam os religiosos de Nossa Senhora da Luz da Ordem de Christo, ao qual rende oitenta mil réis. Tem tres Irmandades, a do Santissimo, a da Senhora do Rosario, e a das Almas. Numera duzentos e vinte visinhos sujeitos ao corregedor de S. Paulo, e se incluem no seu destricto os seguintes

Conventos—S. João da Cruz. De Carmelitas Descalços. Foi fundado pela senhora D. Maria filha illegitima de elrei D. João IV no anno de 1681.

Nossa Senhora da Luz. De religiosos da Ordem Militar de Christo. Fundou-se este convento em uma antiga ermida, que no anno de 1463 haviam erecto á Senhora da Luz os visinhos d'este lugar, e o devoto Pedro Martins tambem d'aqui natural, para memoria do milagre, e beneficio que a Senhora lhe fez de o livrar do captiveiro de mouros, onde estava prezo, trazendo-o prodigiosamente a Portugal com as mesmas cadeas, que muito tempo estiveram collocadas na ermida velha. Elrei D. João III no anno de 1545 deu esta ermida aos religiosos da Ordem de Christo para fundarem o convento, cuja capella mór mandou fazer no anno de 1575 a senhora infanta D. Maria filha de elrei D. Manoel, com sumptuosa, e magestosa arquitectura, e alli está sepultada. (1)

Mosteiros—Nossa Senhora da Conceição. De religiosas Recoletas de Nossa Senhora da Conceição. Foi fundado por Nuno Barreto Fuzeiro, e sua mulher D. Maria Pimenta no anno de 1694, e as religiosas entraram em dia de Nossa Senhora dos Prazeres de 1699.

Santa Teresa. De religiosas Carmelitas Descalças. Foi fundado no anno de 1642 pela senhora Michaella Margarida filha do imperador Rodolfo II, em um terreno que foi do correio mór Antonio Gomes da Mata. (2) A senhora D. Maria filha de elrei D. João IV não só se educou neste mosteiro desde o anno de 1649, mas o reedificou, e mandou sepultar-se nelle no coro debaixo.

Hospital—Fundou este Hospital a serenissima infanta D. Maria, filha de elrei D. Manoel, com uma liberalidade regia não só no material do edificio, que é regular, concluido no anno de 1618, mas no formal, e fundo, com que o dotou para a sua subsistencia. É administrado pelos religiosos de Nossa Senhora da Luz, e sujeito ao tribunal da Mesa da Consciencia. (3)

Ermidas—Nossa Senhora da Assumpção. Na quinta de Joseph Falcão de Gamboa.

Espirito Santo. — S. Sebastião.

XII — *Charneca*

Pouco mais de uma legua para o norte se affasta de Lisboa este lugar, cuja paroquia é dedicada a S. Bartholomeu, e em cuja vespera, e dia se costuma fazer na sua praça uma feira franca. O cura é apresentado annualmente pelo prior do Lumiar. É este lugar de cento e trinta visinhos sujeitos á correição de Alfama, e comprehende as seguintes

Ermidas—Santa Anna. Na quinta de Balthazar da Silva.

Santo Antonio. — Santa Luzia.

Nossa Senhora dos Remedios. Na quinta nova.

(1) Fr. Roque do Soveral na Histor. da Senhora da Luz P. Telles na Chron. da Comp. p. 2. l. 5. c. 51 Far. na Europ. Port. t. 3, p. 3. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 175. Carvalho na Corograf. tom. 3. p. 643. Santuar. Mariau. tom. 1. pag. 98. (2) Lima Geograf. Histor. tom. 2 p. 166. (3) Santuar. Mariau t. 1. p 103. Oliveir. Grandez. de Lisboa p. 84.

Nossa Senhora da Saude. Na quinta da Granja, que possue Domingos de Oliveira Braga, thesoureiro que foi do senhor infante D. Antonio. É ermida novamente reedificada com primor, e se disse nella a primeira missa em dia do Santissimo Nome de Maria do anno de 1749.

S. Sebastião.

XIII — *Santo Estevão das Galés*

Fica este lugar ao poente de Lisboa na distancia de quatro leguas, em sitio elevado, e lhe deu nome o santo a quem é dedicada a igreja matriz, a qual se desmembrou da de Santa Maria de Loures. Apresentam os freguezes ao cura, a quem rende cento e sessenta mil réis com o pé de altar. Consta de cem visinhos subordinados ao corregedor da Rua nova.

XIV— *Fanhões*

Existe este lugar affastado de Lisboa tres leguas para o norte, e a sua paroquia é dedicada a S. Saturnino advogado dos meninos quebrados. Desmembrou-se da freguezia de Santo Antão do Tojal; mas sempre lhe ficou de alguma sorte subordinada, pois em dia da procissão do Corpo de Deus da freguezia de Santo Antão é obrigado a ir o procurador da Irmandade do Santissimo de Fanhões assistir com a sua cruz na Igreja de Santo Antão, como tambem no dia do santo: nem na paroquia de S. Saturnino se podem cantar missas, ou fazer quaesquer festividades, sem se dar parte ao prior de Santo Antão do Tojal. O cura de Fanhões é apresentado pelos freguezes, e lhe rende perto de duzentos mil réis. Tem a igreja dous capellães das Almas com cincoenta mil réis cada um. Consta de cento e quarenta fogos subordinados ao juiz do crime da Ribeira, e no seu limite se acha erecta a

Ermida—S. Julião. Na Cabeça de Montachique.

XV — *Frielas*

Junto ao rio, que corre de Sacavem, distante de Lisboa duas leguas para o norte, está fundada esta povoação nas margens de uns montes, porem com alegre vista. Houve antigamente aqui uns grandiosos paços que elrei D. Diniz no anno de 1313 honrou, erigindo nelles uma capella de Santa Catharina com seu capellão de missa quotidiana, e com obrigação de rezar nella as Horas Canonicas todos os dias. Depois deu estes paços elrei D. Fernando aos religiosos de S. Jeronymo no anno de 1378. Hoje se acham desfeitos, e arruinados. (1)

A igreja paroquial é dedicada a S. Julião, e Santa Basiliza, e é igreja antiga, pois já no anno de 1191 o bispo de Lisboa D. Soeiro Anes, na divisão que fez das igrejas do bispo, e Cabido, entre as que reservou para si, foi uma a de Frielas, que antecedentemente pertencia

(1) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 46.

á fabrica da Sé. (1) O paroco tem o titulo de prior, que apresenta a abbadessa do real mosteiro de Odiveltas, ao qual rende trezentos mil réis. Numeram-se na povoação trezentos visinhos, a maior parte d'elles pescadores, sujeitos ao juiz do crime do bairro da Sé. Está no seu districto a

Ermida—Nossa Senhora do Monte. Edificada no cimo de um monte de admiravel vista, e na quinta da Ramada, Reguengo de Sacavem, a que deu principio Lopo de Abreu no anno de 1579, e passados vinte annos a reedificou: porém no anno de 1686 a augmentou muito mais Miguel de Sousa Ferreira, e a acabou de aperfeiçoar seu filho Manoel de Sousa Soares no anno de 1699: o que tudo consta de uma inscripção, que está por baixo do pulpito. O author do Santuario Mariano fr. Agostinho de Santa Maria applaude summamente esta ermida, e diz que no aceio, e adorno é das mais attendiveis, que ha no termo de Lisboa. (2) Tambem o jurisconsulto Manoel Alvares Pegas falla honorificamente d'esta quinta. (3)

XVI—*Granja de Alpriate*

Dista esta povoação de Lisboa para o nordeste tres leguas, e jaz em um ameno valle. A sua paroquial igreja é dedicada a S. Sebastião, commenda da Ordem de Christo, de quem é commendador o conde de Valladares. Foi annexa a Santa Iria da Azoya, que pela distancia, e discommodo, que dava aos moradores da Granja, estabeleceram freguezia separada na dita igreja de S. Sebastião, a qual, segundo as memorias de alguns, dizem que fora sagrada, e por antiga se foi arruinando, desorte, que se lhe mandou tirar o sacrario, e só alguns dias celebravam nella missa. Deve-se o seu restabelecimento ao reverendo padre Francisco de Sousa da Costa, o qual entrando alli por capellão começou com tanta efficacia, e zelo, a cuidar da reforma, e culto da igreja, que com esmolas a reduzio ao esplendor com que hoje se vê, obtendo do eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida faculdade para nova erecção de sacrario, e alcançando do povo a congrua de quarenta mil réis para sua subsistencia, e casas onde reside, que com uma capella, que tambem serve, terá de renda cem mil réis. Com este dispendio, e beneficio ficou o povo na posse de apresentar o capellão, bem contra vontade do commendador. Consta de cento e trinta visinhos subordinados ao juiz do crime da Ribeira. Ha aqui uma nobre quinta do monteiro mór, e no seu districto existem as seguintes

Ermidas—A Degolação de S. João Bautista. Na quinta chamada do Herdeiro.

Nossa Senhora da Nazareth. Na quinta chamada do Carlos.

(1) Cunha nas Bisp. de Lish. part. 2. c. 18. n. 6. (2) Sant. Marian. tom. 1. p. 372.
(3) Pegas. Res. ug. Forens part. 2. cap. 9. n. 265.

XVII—*S. João da Talha*

Duas legoas e meia para o Norte, se affasta de Lisboa esta povoação, cuja igreja paroquial, que deu o nome á terra, é vigairaria que apresenta a Universidade de Coimbra desde o anno de 1388, em que o prior de Sacavem dimittiu de si este lugar a quem pertencia, por lhe ficar livre a sua igreja. Consta de trezentos vizinhos sujeitos á correição do Limoeiro. No seu districto ha a seguinte

Ermida—Santa Catharina. No lugar de Budel, onde se vêem ainda as ruinas de uma antiga torre.

XVIII—*Santa Iria*

Quasi na mesma distancia de duas leguas e meia de Lisboa está situada esta povoação, cuja igreja matriz é um Curato, que apresenta o prior de Santo André d esta cidade, d'onde teve origem o padroado, ficando elle por esta causa conservando o titulo de reitor de Santa Iria. Tem o cura de congrua um moio de trigo, uma pipa de vinho, e com os mais beneses lhe renderá tudo duzentos mil rèis. Consta de duzentos visinhos sujeitos ao corregedor do bairro do Limoeiro. Existe nos seus limites o

Convento—Nossa Senhora da Conceição. De religiosos arrabidos, que foi primeiro habitado pelos padres Jeronymos, e despovoando-o, tomaram d'elle posse os religiosos da provincia da Arrabida no anno de 1584, e entre os seus conventos é um dos perfeitissimos.

Ermida—Santa Maria Magdalena. Existe no lugar da Povoa chamada de D. Martinho, onde os moradores contribuem para a congrua de um capellão, que lhes diz missa nos dias de preceito, quando não podem ir ouvil-a á matriz de Santa Iria.

XIX—*S. Julião do Tojal*

Com pouca distancia de Santo Antão do Tojal para o Norte fica este pequeno lugar, cujo paroco tem o titulo de cura apresentado annualmente pelo prior dos conegos regrantes de Fóra, ao qual dão um moio de trigo, uma pipa de vinho, seis cantaros de azeite, e dez mil rèis em dinheiro, além do que lhe rende o pé de altar. Consta de cem visinhos sujeitos ao Juiz do Crime da Ribeira. Ha no seu districto as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora da Apresentação. Na quinta da Ponte, uma das mais pingues do sitio, que instituiu Joseph Felix Rebello escrivão no conselho da fazenda.

Nossa Senhora do Carmo. No lugar do Zambujal.

Espirito Santo. Defronte da Matriz.

S. Sebastião. Fica esta ermida na estrada que vai para Vialonga, e pouco mais para cima de um poço publico chamado de Santa Clara. Os moradores do Tojal teem grande fé com a imagem do Santo, que se venera n'esta ermida.

Nossa Senhora do Soccorro. Na quinta chamada antigamente do Arraes, que hoje possuem os religiosos Vicentes. É das mais dilatadas, fructiferas, e rendosas, que ha no termo de Lisboa, onde os padres tem gasto muitos mil cruzados com grandeza verdadeiramente regia, não só na cultura do dilatado terreno de que consta, casas, e officinas; mas na conducta do rio Trancão, que a ferteliza perenemente a pezar de outras quintas circumvisinhas, que tambem se utilisavam das suas aguas.

XX—*Loures*

Ao Norte de Lisboa na distancia de duas leguas está situada esta povoação em lugar alto, e alegre. A matriz é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e é freguezia antiga, pois d'ella ha memoria antes do anno de 1250, em tempo do bispo de Lisboa D. Aires Vasques. (1) O paroco tem titulo de vigario, e numera novecentos visinhos distribuidos pelos lugares de Alvogas, Barro, Calvos, Canessas, Covão, Codiceira, Granja, Marnotas, Mealhada, Montemór, Murteira, Palhaes, Pinheiro, Ponte de Frielas, Ponte de Lousa, Tojalinho, Val de Nogueira, subordinados ao corregedor da Rua nova. Incluem-se nos seus limites o seguinte

Convento—Espirito Santo. De religiosos arrabidos, situado na ladeira de um oiteiro alegre, proximo ao lugar da Mealhada, e duas leguas distante de Lisboa. Teve seu principio no anno de 1575, em que o fundou Luiz de Castro dos Rios. (2)

Ermidas—Santa Anna. No lugar de Alvogas.

Nossa Senhora da Conceição. Na quinta da Promealha.

Nossa Senhora dos Enfermos. No lugar de Canessas, e na quinta chamada dos Fetaes, onde concorre muita gente em romaria, por ser a imagem da Senhora milagrosa. D'ella escreve o author do Santuario Mariano em o tom. 7. pag. 193.

S. Joaquim, e Santa Anna.

Santa Luzia. Na ponte de Lousa.

Nossa Senhora dos Prazeres. Em Palhaes, na quinta que hoje possue o conde de Castello Melhor.

Nossa Senhora do Rosario. No sitio da Paradella, na quinta que foi de Antonio Wamplate.

Nossa Senhora da Rotunda. No lugar que chamam a dos Calvos, na quinta do conde de Valladares.

Nossa Senhora da Saude. Na dilatada eminencia de um monte no

(1) Cunha Histor. Eccles. de Lisboa pag. 164. (2) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 272.

lugar de Montemór, á qual concorre muita gente de romagem no primeiro domingo de setembro.

S. Sebastião.

XXI—*Lousa*

Este lugar que fica duas leguas e meia para o norte de Lisboa, tem a sua paroquia dedicada ao Apostolo S. Pedro. Os freguezes apresentam o paroco, que tem titulo de cura, a que dão cento e vinte mil réis. Compõe-se de duzentos visinhos sujeitos ao corregedor da Rua nova, e tem nos seus limites as seguintes

Ermidas—O Espirito Santo—S. Julião.

XXII—*Lumiar*

O sitio em que está fundada a igreja paroquial d'esta povoação, dedicada ao glorioso precursor S. João Bautista, e S. Matheus, dista de Lisboa pouco mais de uma legua para o norte, em terreno plano, alegre, e de bons ares. N'este lugar teve elrei D. Affonso III uma casa de campo, á qual chamavam o Paço; e depois pela possuir Affonso Sanches, filho bastardo de elrei D. Diniz, chamaram o Paço de Affonso Sanches.

Em uma terra da sobredita quinta fundou de novo o bispo de Lisboa D. Matheus, estando em Unhos, esta igreja, e a erigiu em paroquia a 2 de abril de 1276, cujo padroado doou D. Theresa, senhora de Albuquerque, viuva já então do dito D. Affonso Sanches, ao mosteiro de Odivellas em 21 de agosto de 1334, (1) por cuja doação apresenta a abbadessa o priorado, que rende quinhentos mil réis, e dous beneficios que alli ha. Consta a paroquia de quatrocentos visinhos, e do seguinte

Convento—Nossa Senhora da porta do Ceo. De religiosos Franciscanos da provincia de Portugal no sitio de Telheiras, fundado por um principe da Asia chamado D. João senhor de Candia, o qual passando a este reino, e instruido na fé por estes religiosos, lhes edificou o convento no anno de 1633, onde depois de fallecer em Lisboa no anno de 1642, se começou a estabelecer a communidade. Jaz o fundador em elevada sepultura de marmore, que elle fez erigir ao lado da capella mor. (2)

Ermidas—Espirito Santo—S. Sebastião.

XXIII—*Milharado*

Quatro leguas ao norte dista este lugar de Lisboa. É a sua igreja paroquial dedicada ao Archanjo S. Miguel, e tem por paroco um cura, que annualmente apresentam o prior, e beneficiados da freguezia de S. Nicolau de Lisboa. Consta de trezentos visinhos distribuidos pelos luga-

(1) Brand. na Monarq. Lusit. liv. 17. c. 23. (2) Soledade. no tom. 5. da Histor. Serafic. num. 892.

res da Bituaria, Canas, Charneca, Castelpicão, Cartexaria, Cachoeira, Ceiceira grande, e pequena, Jurumelo, Pousada, Povoa da Gallega, Prizinheira, Rolia, Sobreira. Inclue-se no seu districto a seguinte

Ermida—Nossa Senhora da Victoria. No lugar da Cartexaria. Foi fundada no anno de 1550 por João Lopes lavrador, e sua mulher Filippa Gonçalves.

XXIV— *Odivellas*

O val de Odivellas está quasi duas legoas de Lisboa para o norte. A paroquia é dedicada ao Menino Jesus, e os freguezes apresentam o parocо annualmente com o predicamento de cura. Consta de trezentos visinhos repartidos pelos lugares da Barrosa, Bica, Moreira, Pombaes, Porto, Frigache, etc. subordinados á correição do bairro Alto. Comprehende o seu limite o seguinte

Mosteiro—S. Diniz. De religiosas Bernardas. Está situado em uma planicie, que cercam tres montes visinhos, junto a um dos quaes, que fica para o Occidente, corre um pequeno rio, o qual entrando na cerca do mosteiro, e regando o seu jardim de Val de flores, sáe a fertelizar algumas quintas d'aquelles contornos, e a encorporar-se com outro pequeno riacho, que corre ao pé do monte da Senhora da Luz, e ambos se vão recolher no esteiro do mar junto a Friellas

Foi edificado este mosteiro por elrei D. Diniz, que lhe lançou a primeira pedra com grande solemnidade em 27 de fevereiro de 1295, e se veio a concluir com todas as suas officinas no anno de 1305. Por muitos titulos, e circumstancias é digno de attenção este mosteiro pela grandeza do templo; pelo assèio, e adorno de suas capellas; pela magestade e apparato do culto divino: pela opulencia, com que o dotou o rei seu fundador; pelo grande numero de religiosas, e suas admiraveis vozes, que tanto encarece, e applaudia no seu tempo Luiz Mendes de Vasconcellos: (1) e finalmente por outros muitos argumentos, com que poucas igrejas, e communidades se lhe podem igualar.

Honra muito esta casa o regio monumento de elrei D. Diniz, o qual jaz na igreja junto da porta da sacristia em sepultura de pedra elevada de bom lavor, e cercada de grades de ferro com o retrato do seu corpo em cima esculpido em marmore; e em uma das bazes, sobre que assenta a sepultura, se vê a effigie de um usso, debaixo do qual está a figura de um homem cravando-lhe um punhal, que tudo allude ao caso milagroso que se conta na vida do sobredito rei. (2)

Ermida—Senhor Jesus Roubado. Principiou esta ermida em um cruzeiro de pedra, que o devoto Antonio dos Santos erigiu no anno de 1744 em o mesmo sitio, em que foi achada a sagrada Pyxide, roubada do sacrario da freguezia de Odivellas no anno de 1671. Depois con-

(1) Vasconcel Sitio de Lisboa pag. 210. (2) Brandão na Monarq. Lusit. liv. 17 c. 21. Coutta na Hist. Eccles. de Lisb part. 2 cap. 82.

muaram os devotos a concorrer de fórma, que é hoje um dos santuarios muito frequentado dos fieis; e se entre os confrades houvera melhor economia, poderam ter feito um formoso templo, mais amplo, e com melhor formalidade.

XXV—*Oeiras*

Supposto que o lugar de Oeiras fosse erigido em villa a 7 de junho de 1759 por mercê do fidelissimo rei D. Joseph I da qual o mesmo senhor creou conde de juro, e herdade a Sebastião Joseph de Carvalho seu secretario de estado, como da ponte para cá pertence ao termo de Lisboa, me pareceu conveniente fallar d'este sitio.

Está elle affastado da cidade tres legoas ao poente, e o faz muito fertil, e appetecivel um rio que lhe passa pelo meio, fazendo trabalhar muitas azenhas. A sua igreja paroquial, que ha pouco se reedificou por actividade de Antonio Rebello thezoureiro geral da Bulla da Cruzada, tem o titulo da Senhora da Purificação, e o paroco o nome de cura, apresentado pelo prior, e beneficiados de S. Lourenço de Lisboa. Compõe-se de quatrocentos visinhos distribuidos pelos lugares de Arieiro, Barril, Cacilhas, Casal da Medrosa, Ceirogato, Espargal, Espargueira, Feitoria de S. Gião, Lage, Laveiras, Murgalhal, Paço de Arcos, Porto Salvo, Terrugem, Villa de Bussaco, Villa Fria. No seu districto existe o seguinte

Convento—Vallis Misericordiæ. De religiosos monges Cartuxos de S. Bruno, de quem já fallamos no tom. 2. part. 3. d'este mappa cap. 3. § 7. A sua igreja achei que fora fundada no anno de 1614, segundo consta da inscripção seguinte:

Ann. Dni 1614 *die* 8 *de Decembr.*
Ego Hier. Isat. et Tingit. Eps.
Ad honorem B. Mariæ Virginis
Primum hunc lapide benedixi
In alma Carthusiæ Vallis Misericordiæ
Sedente S. P. Paulo 5. *Pont. Max.*
Et Philippo 2. *Portug. et Hisp. Rege.*

Dentro dos seus limites existem as seguintes

Ermidas—Nossa Senhora dos Anjos. Na quinta do Forneiro.
Santo Antonio. Em Laveiras.
Santo Antonio. Na quinta da Boiça.
S. Bartholomeu. Na quinta do Barril.
Nossa Senhora do Bom Successo. Na quinta da Ponte.
Nossa Senhora da Conceição. No lugar de Cachias.
Nossa Senhora da Conceição. Na Feitoria.
Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Reguengo.

Nossa Senhora do Egypto.
Senhor Jesus dos Navegantes. Em Paço de Arcos.
S. João Baptista. No Forte das Maias.
S. João Baptista. Na quinta do Jardim.
S. João Nepomuceno. Na quinta da Medrosa.
S. Joseph. Na quinta da Costa.
S. Lourenço. Na Cabeça seca.
Madre de Deus. Em Villa Fria.
Nossa Senhora da Penha de França. Na quinta dos Valles.
S. Pedro. Em Cacilhas.
Nossa Senhora da Piedade. Na quinta do Conto.
Nossa Senhora da Piedade. Na quinta do Quintão.
Nossa Senhora do Porto Salvo. No lugar de Caspolima.

Na fortaleza de S. Julião ha uma igreja paroquial com o titulo de Santa Barbara. O paroco tem o predicamento de cura, que apresenta o provedor dos armazens, e consta de cem visinhos, além das companhias do presidio, e artilheiros.

XXVI — *Olivaes*

Prolonga se de Lisboa este sitio o espaço de legua e meia para o nordeste, e n'elle ha uma parochia, cuja igreja é dedicada a Nossa Senhora com o titulo dos Olivaes, por apparecer milagrosamente a sua imagem no tronco de uma oliveira n'este mesmo sitio. A freguezia é antiquissima, pois consta que o seu prior offerecera a igreja para habitação dos primeiros congregados dos conegos seculares de S. João Evangelista no anno de 1420. Depois no anno de 1483 o cardeal arcebispo D. Jorge da Costa a uniu á capella de Nossa Senhora da Assumpção do convento de Santo Eloy, cujo reitor percebe os dizimos d'esta freguezia, e apresenta um vigario com a congrua de cem mil réis. Consta a parochia de novecentos visinhos subordinados ao corregedor de Alfama, e tem no seu destricto os seguintes

Concentos—S. Bento. De conegos seculares de S. João Evangelista, a que o vulgo chama S. Bento dos Loyos. Está fundado este convento nas margens do Tejo meia legua para o oriente de Lisboa. Havia D. Estevão de Aguiar D. abbade de Alcobaça edificado alli uma ermida ao grande patriarca S. Bento (e foi a primeira casa que o Santo teve em Lisboa) com o designio de formar alli um collegio, ou hospicio para a sua Ordem: porém sobrevieram-lhe embaraços, que lhe impediram os seus projectos. Governava então o reino elrei D. Affonso V com a serenissima senhora D. Isabel sua mulher, a qual sendo summamente affeiçoada ao sagrado Evangelista, tratou de lhe edificar um convento, cuja idéa lhe embaraçou a morte.

Fazendo porém testamento, mandou se edificasse o convento, para

o que deixou oito mil coroas de ouro, e que depois de acabado se entregasse aos bons homens de Villar, e que fosse cabeça da congregação. Deu logo elrei cumprimento a esta vontade da rainha; e mandando pedir a ermida ao D. Abbade a entregou aos padres, que tomaram posse d'ella no anno de 1455, e logo se começou a fundar a nova casa, e juntamente a ser cabeça da congregação, a qual no anno de 1461 por Breve de Pio II se começou a denominar dos conegos seculares de S. João Evangelista, cujo convento principiou a governar o padre João Rodrigues.

Com os tempos se foi consumindo a primeira fabrica, até que o veneravel padre Antonio da Conceição lhe deu principio no anno de 1600 com sete tostões, que lhe haviam dado de esmola. A capella mór correu por conta de D. Joanna de Noronha, filha dos condes de Linhares. (1)

Nossa Senhora da Conceição de Monte Olivete. De religiosos Agostinhos Descalços. É fundação da rainha D. Luiza mulher de elrei D. João IV, e lhe lançou a primeira pedra no edificio elrei D. Affonso VI em 15 de maio de 1666, (2) assistindo a este solemne acto toda a corte, e communidade de Nossa Senhora da Graça. Em 23 de outubro de 1683 padecen a igreja, e convento um incendio, que em duas horas consumiu grande parte da sua primeira fabrica.

S. Cornelio. De religiosos arrabidos. Foi fundado para convalescença no anno de 1674 pelo sargento mór João Borges de Moraes, em uma ermida de Nossa Senhora da Estrella; depois passou a convento no anno de 1718. Não sabemos o fundamento que houve para os devotos que concorrem a esta igreja, offerecerem ao santo certos corninhos, ou de cera, ou de prata; acção, que como já dissemos em outra parte, e bem reparou o douto Feijó, (3) involve um culto irrisorio, que a prudencia politica muitas vezes costuma tolerar ao povo material, e rude.

Mosteiros—Santo Agostinho. De religiosas agostinhas descalças. Foi fundado no sitio do Grillo pela rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, mulher de elrei D. João IV, e lhe deu principio em 2 de abril de 1663, sendo a primeira fundadora a veneravel madre sor Maria da Presentação, que veio com outras cinco religiosas do mosteiro de Santa Monica de Lisboa. (4)

Nossa Senhora da Conceição. De religiosas de Santa Brigida. Está fundado no sitio de Marvilla pelo arcediago de Lisboa Fernando Cabral em 18 de março de 1660. N'este sitio renovou o primeiro patriarca de Lisboa D. Thomaz de Almeida o antigo palacio, e quinta da mitra, enriquecendo-o de nobilissimo ornato, e com especialidade duas grandes

(1) S. Maria no Ceo aberto liv. 1. cap. 6. e liv. 2. cap. 25. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 273. Carv. na Corograf. tom. 3. p. 593. (2) Santuar. Marian. tom. 1. p. 477.
(3) Feijo no Theatro Critico tom. 7. disc. 8. n. 25 (4) Santuar. Marian. tom. 7. pag. 10.

sólas, em que mandou collocar os verdadeiros retratos de todos os excellentissimos arcebispos de Lisboa em quadros renovados pelo excellente pincel do insigne Francisco Vieira, por ordem do senhor rei D. João V. Direi a disposição com que alli estão collocados, que não é chronologica, e ensinuarei os caprichos pitorescos do mesmo artifice com que os illustrou.

O primeiro retrato da primeira sala não tem nome. Fatal descuido!

O segundo retrato é de D. Antonio de Mendoça, filho do primeiro conde de Val de Reis, e decimo oitavo arcebispo. Como elle vinculou toda a sua fazenda na casa de Val de Reis, fingiu lhe Vieira no mesmo quadro um painel pendurado, que representa Eneas com o pae ás costas, e um mote na moldura, que diz: *Pius in Parentem.*

O terceiro é do cardeal D. Luiz de Sousa, decimo nono arcebispo. Tem uma inscripção dos seus titulos honorificos em um dobrado, e fingido papel encostado a um grande copo de crystal com as suas armas expressadas á imitação dos vidres de Alemanha, e é o que o retrato tem do pincel de Vieira. Mostra o tal copo estar cheio de agua.

O quadro e de Rodrigo da Cunha, decimo setimo arcebispo. Este retrato é antigo, foi retocado por Vieira, que lhe accrescentou uma livraria, cujos titulos dos livros são os que o mesmo arcebispo compoz. Tem estes disticos, que dizem:

Invida naturae portuit tibi tollere vitam
Mors, vitam Famæ tollere non potuit.
Vivit adhuc, spiratque simul tua Præsul imago.
Vivit in his libris, spirat in hac tabula.

O quinto é de D. Jorge da Costa, chamado o cardeal Alpedrinha, e oitavo arcebispo. Está encostado a um bofete, em que tem um livro aberto, onde se vê a estampa do paralytico com a cama ás costas, a quem Christo disse: *Tolle grabatum tuum*; e allude á fugida occulta, que o cardeal arcebispo fez para Roma, por contradições que teve com o principe D. João, que succedeu no reinado a elrei D. Affonso V. Em cima do bofete se vê um globo, onde se divisa uma roda de navalhas, em lembrança do que devia á infanta D. Catharina, empreza de que sempre usou. As suas armas proprias estão em um supposto retracto do mesmo cardeal arcebispo, expressadas na moldura no canto do painel.

O sexto é D. João Manoel, decimo sexto arcebispo, e vice-rei de portugal.

O setimo é D. Affonso Furtado de Mendoça, decimo quinto arcebispo.

O oitavo é D. Miguel de Castro, decimo quarto. Deste arcebispo não se achou em todo portugal outro retrato mais que um feito depois d'elle morto, com os olhos fechados, e deitado: e dizendo elrei a Vieira,

que era preciso resuscital-o, elle o expressou com a mão esquerda no peito, e com a direita apontando para um relogio, que mostrava em duas aberturas adequadas o numero do dia, e o nome do mez em que fallecera, e no termo inferior do dito relogio o anno: e para significar que o tal relogio alli cessara, fez-lhe o apontador cahido no bufete: e para dar satisfação á ordem do rei, figurou lhe no fundo um medalhão pendurado com a resurreição de Lazaro, e um letreiro na moldura, que diz: *Veni foras.*

O nono é D. Jorge de Almeida, decimo terceiro arcebispo.

O decimo é o cardeal rei D. Henrique, duodecimo arcebispo. Está elle figurado em um jardim solitario em acto pensativo, com um maço de papeis nas mãos, e estas encruzadas. Ao lado direito uma estatua de bronze, que representa a Lusitania, com a sua lança cahida, e a figura disposta de modo, que está sem cabeça, porque juntamente fica cortada com a moldura para dissimular o conceito. Junto do pedestal da dita figura está uma planta de cardo seco com dous caracoes pegados. Da parte esquerda está um bufete de pedra avermelhada, e sobre este livro grande fechado, que tem no lombo escrito um letreiro, que diz: Reino de Portugal. Sobre o dito livro está uma coroa de louro, e sobre ella uma coroa real, e um coelho, simbolo de Hespanha, que desde um canto puxa pela laurea, e tomba a dita coroa regia.

O undecimo é D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, undecimo arcebispo. Tem na fingida parede do seu quarto pendurado um Agnus Dei de Paulo III., que foi o pontifice, que creou arcebispo.

O duodecimo é o cardeal infante D. Affonso, decimo arcebispo. Está expressado de modo, que mostra por meio de jeroglificos, estimar, e favorecer mais fervorosamente a Theologia, que a Filosofia.

O decimo terceiro é D. Martinho Vaz da Costa, irmão do Alpedrinha, neno arcebispo. Mostra elle estar lendo umas conclusões, em que se vê na dedicatoria o seu nome: e em uma urna Indiana, as suas armas. Esta é a serie confusa dos arcebispos de Lisboa, que naquellas duas salas se vêem collocados, podendo estar por melhor ordem, e completos com os mais retratos que faltam.

O mesmo eminentissimo prelado mandando fazer á borda da praia uma calçada magestosa, servio com esta grande obra de utilidade ao bem commum, a que o seu nobre espirito muito attendia.

S. Felis, e Santa Adrião De religiosas conegas regrantes de Santo Agostinho. Está fundado este mosteiro no fim de um Valle, que chamam de Chellas, muito fresco, e aprazivel por causa das muitas hortas, e quintas, que o cercam, affastando-se de Lisboa, meia legua pelo Tejo acima quasi de meio dia para o Norte. É fundação antiquissima, e dizem alguns, (1) que no tempo da gentilidade habitaram nelle Virgens Vestaes, o que é muito duvidoso.

(1) Luiz Marinho Antiguid. de Lisboa liv. 2. cap. 1.

Depois no principio da christandade se edificou templos, dedicando-o aos gloriosos Martyres S. Felis, e Santo Adrião, que em diversos tempos, e por varios casos vieram aportar a este sitio, onde então chegava o mar pelo valle de Xabregas. Permaneceo este templo no imperio, e sujeição dos Arabes, mas não consta se na maior furia, e perseguição delles conseguio a mesma liberdade. O que se tem por mais certo é que as reliquias dos santos se esconderam pelos christãos, o que recuperada Lisboa ultimamente pelo invicto rei D. Affonso Henriques, se descobriram, e a igreja se renovou.

Logo nos principios desta restauração fez elrei D. Sancho I., no mez de agosto de 1192, mercê desta igreja a certos religiosos, cuja ordem se ignora. Depois no reinado de elrei D. Affonso III, no anno de 1271, consta que já havia religiosas, mas que ordem professassem, é ponto controverso; porque o chronista fr. Luiz de Sousa pertende fossem dominicas: e o chronista mór fr. Antonio Brandão é de parecer, que sempre foram conegas regrantes. (1) Ultimamente foi esta igreja aperfeiçoada no anno de 1690, e é o seu mosteiro subordinado ao prelado Diocesano.

Ermidas—Santo Antonio. Na quinta da Concha.
Santo Antonio. No Braço de prata.
S. Bento. Na quinta dos Padres Loyos.
Bom Pastor. Na rua nova.
Nossa Senhora do Carmo. No Condado.
Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Bizato.
Nossa Senhora da Conceição. Na quinta do Marquez de Marialva.
Nossa Senhora da Conceição. Em Cabo ruivo.
Nossa Senhora da Conceição. No sitio do Candieiro.
Jesus Maria Joseph. Na quinta dos Mozinhos.
Jesus Maria Joseph. Em Marvilla.
S. João Bautista. Na Panasqueira.
Madre de Deus. Em Alfundão.
Madre de Deus. No Cabeço.
Nossa Senhora das Mercês. Na Bella vista.
Nossa Senhora da Piedade. Dos Padres Trinos.
Nossa Senhora da Purificação. Na quinta da Flamenga.

XXVII — *Povoa*

Este lugar, que dista de Lisboa pouco mais de legua e meia, consta de uma freguezia, cuja igreja é dedicada a Santo Adrião, a qual se desannexou da paroquia de Loures pelo descommodo que experimentavam os freguezes moradores neste lugar, especialmente no tempo de inverno;

(1) Sousa Chron. de S. Doming. liv. 1. cap 13. e 14. Brand. na Monarq. Lusit. liv. 10 cap 35. Veja-se a D. Rodrig. da Cunha no Catal. dos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 38. n. 6

e assim estabelecendo congrua ao Paroco, são elles os que o apresentam com titulo de cura, e com uma capella, que tem annexa, lhe renderá o Curato duzentos mil réis. Tem setenta fogos, e perto de quatrocentas pessoas. No seu destricto existe a

Ermida — Nossa Senhora do Bom Successo.

XXVIII — *S. Quintino*

Distante de Lisboa cinco leguas para o Norte se vê este lugar em sitio alto. A sua igreja Matriz é dedicada a Nossa Senhora da Piedade, cujo Paroco tem o titulo de Vigario. Ha no seu destricto duas

Ermidas—Espirito Santo. — Nossa Senhora da Fé.

XXIX — *Sacavem*

Nas margens de um vistoso rio, que desemboca no Tejo duas leguas distante do Oriente de Lisboa, está edificada esta povoação em lugar fertil não só pelo terreno, mas pelo bom commodo do porto. A sua paroquia é antiga, pois desde o anno de 1191, temos d'ella memoria. (1) e é dedicada a Nossa Senhora da Purificação, sendo o seu padroado da real casa de Bragança, que apresenta o prior, e este a seis beneficiados. Consta de novocentos visinhos sejeitos á Correição de Alfama. Incluem-se no seu destricto os seguintes templos.

Mosteiro — Nossa Senhora dos Martyres. De religiosas capuchas da primeira Regra de Santa Clara. Foi fundado no anno de 1577, por Miguel de Moura secretario de estado, escrivão da puridade de elrei D. Sebastião, e sua mulher Brites da Costa, no sitio onde estava uma antiga ermida com o mesmo titulo da Senhora dos Martyres, a qual havia erigido elrei D. Affonso Henriques para memoria de uma milagrosa batalha, que alli alcançara dos Mouros. (2)

Ermidas — Espirito Santo.

S. Joseph. Na quinta Conde de Alvor.

Nossa Senhora Madre de Deus. Na quinta da Francelha, que possue Estevão da Costa Solano, Thesoureiro que foi da Alfandega d'esta Cidade.

Nossa Senhora da Saude.

S. Sebastião. Na quinta do Visconde.

Nossa Senhora da Victoria.

No braço de mar, que por aqui entra, existe hoje uma barca chamada da carreira, que por invenção engenhosa de Bento de Moura fa-

(1) Cunha na Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. c. 18. n 6. (2) Brand. na Monarq. Lusit liv. 10. cap. 27. Far. tom 3. da Europ. pag. 14. Marinho de Azev. nas Antig de Lisboa iv. 4. cap. 24 Cardos. no Agiolog. tom. 1. p. 451. e tom. 2. p. 309. Leitão nas Miscellan. dialog. 2 pag. 34. Santuar. Marian tom. 1. p. 128. Barbosa Bibliot. tom. 3. p, 478.

cilita muito a passagem de uma para outra parte. Antigamente havia uma ponte de que se lembra Francisco Dolanda, como refiro no Roteiro Terrestre; a qual depois que caliu, nunca mais se levantou por incuria dos portuguezes, segundo bem deplora o author do Santuario Mariano. (1)

XXX—*Santiago dos Velhos*

Neste pequeno lugar, que fica uma legua para diante de Bucellas, ha uma freguezia, que consta de noventa fogos, com um cura que o povo apresenta. A invocação da Matriz deu nome ao lugar.

XXXI—*Sapataria*

Jaz em um sitio baixo, e na distancia de quatro leguas e meia para o Norte. A sua Matriz é consagrada a Nossa Senhora da Purificação, e o seu cura é apresentado pelo Prior de S. Julião da Cidade, e lhe rende oitenta mil réis. Consta de quatrocentos visinhos repartidos pelos lugares seguintes: Bica, Bouço, Casalcochim, Gallegos, Gudeis, Limões, Malforno, Moita, Moitellas, Molhados, Sarreira, Silveira. Contêm no seus limites estas

Ermidas—Nossa Senhora do Desterro.—Espirito Santo.—S. Giraldo.—Nossa Senhora da Guia.—S. Martinho.—Nossa Senhora da Salvação.—S. Sebastião.

XXXII—*Via-Longa*

Estabeleceu-se esta povoação, a que muitos intitulam Villa-Longa, em sitio alto, e alegre affastado de Lisboa tres leguas ao Norte. A sua paroquia dedicada a Nossa Senhora da Assumpção é annexa á paroquial de Santo André da cidade, e o cura de Via-Longa paga á de santo André oito mil réis por conta das offertas; porque no anno de 1390, os moradores de Via-Longa fizeram á sua custa uma ermida, e pediram licença ao prelado, que então era D. João Annes, para terem capellão, que lhes administrasse os Sacramentos sem prejuizo dos direitos paroquiaes de Santo André.

Depois no anno de 1440, tornaram a supplicar os moradores ao prelado diocesano lhes concedesse poderem ter cura separado com a condição de se repartirem as offertas entre o prior de Santo André de Lisboa, e o cura de Via-Longa, o qual seria apresentado pelo dito prior, e os beneficiados. Sobre isto houveram varias demandas, e o que presentemente se observa é dar o cura de Via-Longa oito mil réis ao prior de Santo André, e o povo daquelle lugar apresentar o cura, a quem rende o curato trezentos mil réis. Consta a freguezia de seiscentos visinhos, e comprehende nos seus limites os templos seguintes.

(1) Santuar. Mar. t. 1. p. 129. Veja-se tambem a Monarq. Lus. l. 19. c. 27.

Convento—Nossa Senhora do Amparo. De religiosos capuchos. Intitula-se este convento a casa nova da Capucha, e está fundado em uma baixa do lugar da Verdelha, cuja erecção se deve a Pedro de Alcaçova Carneiro primeiro conde da Idanha a nova, e Vedor da fazenda de elrei D. João III, do qual convento tomaram posse os religiosos no anno de 1553. (1)

Mosteiro — Nossa Senhora dos Poderes. De religiosas observantes claristas. Foi a sua fundadora D. Brites de Castello-Branco, filha de Heitor Mendes Valente Alcaide mór de Terena, a qual obteve Breve de Pio IV, no anno de 1561, para esta fundação, e o mesmo pontifice declarou na Bulla, que fosse o mosteiro dedicado a Nossa Senhora dos Poderes, não obstante pedir a instituidora o titulo para a Senhora da Incarnação. Até o anno de 1574, estiveram as religiosas subordinadas ao prelado diocesano: porém no seguinte deram obediencia á provincia de Portugal, e no mesmo anno se transformaram de terceiras em religiosas de Santa Clara, cuja regra observam. (2)

Ermidas—Nossa Senhora da Graça. Na quinta, e palacio do conde de Val de Reis. É uma das ermidas nobres, e das mais asseadas que temos visto.

Nossa Senhora das Mercês. Na quinta do duque de Cadaval no sitio da Alfarrobeira. Aqui succedeu aquella deploravel batalha de 20 de maio de 1449, em que morreu o infante D. Pedro filho de elrei D. João I.

XXXIII—*Unhos*

Está fundado este lugar junto do rio de Sacavem na distancia de duas leguas de Lisboa para o Norte. A sua igreja, não obstante dizer o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, (3) que fora erecta no anno pouco mais, ou menos de 1277, pelo bispo D. Mattheus, consta de uma carta original de elrei D. Affonso III., que existe no cartorio desta igreja, que já no anno de 1257, estava estabelecida.

É ella do padroado da serenissima casa de Bragança, e rende ao paroco quatrocentos mil réis com o beneficio que lhe é annexo. Permaneceo com o titulo de Vigairaria até os principios do seculo decimo sexto, em que sendo provido pelo senhor D. Jayme I, do nome, e IV Duque de Bragança o Padre D. Gonçalo Fernando conego regular de Santo Agostinho, teve a denominação de prior, com a qual foram collados todos os seus successores; os quaes apresentam dous beneficios de oitenta mil réis cada um. Compõe-se este lugar de duzentos visinhos subordinados á correição de Alfama. Dentro dos seus limites ha as seguintes

(1) Carvalho na Corograf. Port. tom. 3. p. 396. Claustr. Francisc pag. 47. Santuar. Marian. tom. 1. p. 435. (2) Cardos. no Agiol. Lus tom. 1. p. 201. e tom. 2. p. 223. Soledade tom. 5. Hist. Seraf liv. 1. cap. 19. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 438. (3) Cunha Catalog. dos Bisp. de Lisboa pag. 179.

Ermidas—Nossa Senhora da Esperança. Na quinta da Malvazia. Foi fundada por D. Brites de Velasco, e se celebrou nella a primeira missa no anno de 1599.

Nossa Senhora da Nazareth. No lugar do Catejal. É imagem milagrosa, com quem os moradores de Lisboa tem muita devoção. (1)

Nossa Senhora do Populo. Na quinta da Bouça contigua ao lugar de Unhos.

S. Sebastião. Situada no arrebaldo deste lugar. Foi fundada pelos annos de 1531.

Nas Antiguidades de Lsboa, que escreveu Antonio Coelho Gasco, se lembra elle no cap. 50, de vêr na igreja de Unhos uma pedra de sepultura Romana, cujo cippo dizia assim :

Julius | *Italicus* | *Augus-*
Tal | *H. S. E.*

Isto é: Aqui está enterrado Julio Italico Sacerdote de Augusto.

(1) Santuar. Marian. tom. 1. pag. 473.

SUMMARIO

DOS CAPITULOS E MATERIAS QUE CONTE'M ESTE TOMO

Capitulo I. Explicação das Taboas topograficas, em que se comprehendem as principaes povoações da provincia da Estremadura, 4.
Cap. II. Da cidade de Lisboa. 32.
§. I. Sitio, clima, e origem da dita cidade, 32, 54.
§. II. Nações varias, que a dominaram, 37.
§. III. Fortificação antiga, e moderna, 46.
§. IV. Multidão de seus habitadores, 51.
§. V. Novo plano regular da cidade, 55.
§. VI. Catalogo de seus prelados, 57.

Bispos certos

Paulo, 58.
Goma, ou Gomarelo, 59.
Viarico, idem
Neufridio, 60.
Cesario, idem.
Thedorico, idem.
Ara, idem.
Landerico, 61.

Bispos em tempo de reis portuguezes

D. Gilberto, 61.
D. Alvaro, 62.
D. Soeiro I, idem.
D. Soeiro Viegas II, 63.
D. Payo, 64.
D. João I, idem.
D. Aires Vaz, idem.
D. Matheus, 65.
D. Estevão Annes de Vasconcellos, idem.
D. Domingos Jardo, idem.
D. João Martins Soalhães, 66.
D. Fr. Estevão II, idem.
D. Gonçalo Pereira, 67.
D. João Affonso de Brito, idem.
D. Vasco Martins, 68.
D. Estevão Annes III, idem.
D. Theobaldo, idem.
D. Reginaldo, idem.
D. Lourenço Rodrigues, 69.
D. Pedro Gomes Barroso, idem.
D. Fernando, idem.
D. Vasco II, idem.
D. Agapito Colona, 70.
D. João de Ais, idem.
D. Martinho, idem.
D. João Annes, 71.
Mappa geral de todos os bispos, 71.

Arcebispos

1.º D. João Annes, 72.
2.º D. João Esteves d'Azambuja, cardeal, 73.
3.º D. Diogo Alvares, 74.
4.º D. Pedro de Noronha, idem.
5.º D. Luiz Coutinho, 75.
6.º D. Jayme, cardeal, 76.
7.º D. Affonso Nogueira, 77.
8.º D. Jorge da Costa, cardeal, 78.
9.º D. Martinho da Costa, 79.
10.º D. Affonso infante, e cardeal, 79
11.º D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 81.

12.º D. Henrique cardeal, e rei, 82.
13.º D. Jorge de Almeida, 84.
14.º D. Miguel de Castro, idem.
15.º D. Affonso Furtado de Mendoça, 85.
16.º D. João Manoel, 86.
17.º D. Rodrigo da Cunha, 87.
18.º D. Antonio de Mendoça, 88.
19.º D. Luiz de Sousa, cardeal, 88.
20.º D. João de Sousa, 90.

Patriarcas

1.º D. Thomaz de Almeida, cardeal, 91.
2.º D. Joseph Manoel, cardeal, 93.
3.º D. Francisco de Saldanha, cardeal, 94.
Mappa chronologico dos arcebispos, e patriarcas de Lisboa, 95.
§. VI. Da capella real, e santa igreja patriarcal de Lisboa, 95.
§. VII. Igrejas paroquiaes dentro da cidade, 120.

Paroquias

1.ª Nossa Senhora da Ajuda, 121.
2.ª Santo André, 128.
3.ª Nossa Senhora dos Anjos, 134.
4.ª S. Bartholomeu, 139.
5.ª Santa Catharina, 141.
6.ª Chagas de Jesus, 145.
7.ª S. Christovão, 146.
8.ª Senhora da Conceição, 147.
9.ª Santa Cruz do Castello, 150.
10.ª Senhora da Encarnação, 154.
11.ª Santa Engracia, 159.
12.ª Santo Estevão, 165.
13.ª S. João da Praça, 166.
14.ª S. Jorge, 167.
15.ª S. Joseph, idem.
16.ª Santa Isabel, 172.
17.ª S. Julião, 177.
18.ª Santa Justa, 182.
19.ª Senhora do Loreto, 191.
20.ª S. Lourenço, 195.
21.ª S. Mamede, 197.
22.ª Santa Maria, 198.
23.ª Santa Maria Magdalena, 213.
24.ª Santa Marinha, 217.
25.ª S. Martinho, idem.
26.ª Senhora dos Martyres, 220.
27.ª Senhora das Mercês, 224.
28.ª S. Miguel, 226.
29.ª S. Nicolão, 227.
30.ª Patriarcal, 231.
31.ª S. Paulo, 233.
32.ª S. Pedro, 235.
33.ª Senhora da Pena, 236.
34.ª Santissimo Sacramento, 240.
35.ª Salvador, 245.
36.ª Santiago, 247.
37.ª Santos, 248.
38.ª S. Sebastião, 255.
39.ª Senhora do Soccorro, 256.
40.ª S. Thomé, 259.
41.ª S. Vicente, 261.

Conventos, hospicios, e collegios

Nossa Senhora dos Anjos, 162, 226.
Santo Antão, collegio que foi de jesuitas, 257.
— o Velho, collegio de Agostinhos calçados, 258.
Santo Antonio dos Capuchos, 277.
—da Cruz da Pedra, 255.
—Hospicio de Piedosos, 187.
Assumpção na Cotovia, 176.
Senhora de Belem. De Religiosos Jeronymos, 124.
S. Bento, 173.
Boa Hora. De Agostinhos Descalços, 180.
—Morte. De Congregados da Caridade, 175.
Brunos, 169.

S. Camillo de Lellis, 188.
Senhora do Carmo, 241.
—Carmelitas do Maranhão, 169.
—De Pernambuco, 226.
Conceição. De Religiosos Capuchos, 137.
—Da Ilha da Madeira, 226.
—De Religiosos Arrabidos, 188.
—De Religiosos Hospitalarios, 151.
Collegio dos Cathecumenos, 158.
Corpo Santo. De Dominicos Irlandezes. 234.
Corpus Christi. De Carmelitas descalços, 229.
Cotovia. Vide Assumpção.
Senhora do Desterro. De Religiosos Bernardos, 134.
S. Domingos. 184.
Santo Eloy, 140.
Espirito Santo. De Congregados do Oratorio, 229.
Estrella. De Monges Benedictinos, 293.
S. Francisco da Cidade, 222.
—de Borja, 176.
—de Paula, 250.
—Xavier, 162.
Senhora da Graça. De Religiosos Agostinhos calçados, 130.
Hospicio de Clerigos pobres, 158.
Jesus. De Religiosos Terceiros Franciscanos, 142.
—Collegio de Meninos Orfãos, 258.
—De Religiosos Thomaristas, 263.
S. João de Deus. De Religiosos Hospitalarios, 250.
—Nepomuceno. Carmelitas descalços alemães, 234.
Santa Joanna. 170.
Senhora do Livramento. De Religiosos Trinitarios, 259.
Senhora da Nazareth. Collegio que foi de Jesuitas, 137.
Mercenarios, 170.
Senhora das Necessidades. Real casa dos Congregados do Oratorio, 251
S. Patricio. Collegio que foi de Jesuitas, 197.
Paulistas, 144.
S. Pedro de Alcantara. Religiosos Arrabidos, 157.
S. Pedro, e S. Paulo. 225.
Senhora da Penha de França. De Agostinhos calçados, 135.
Senhora da Porciuncula. Capuchinos francezes, 252.
Divina Providencia. De Clerigos Regulares, 225.
Senhora dos Remedios. De Carmelitas descalços, 252.
Santa Rita. De Agostinhos descalços, 255.
S. Roque. Casa professa que foi de Jesuitas, 157.
S. do Rosario. Vide Corpo Santo.
Santissimo Sacramento de Religiosos Paulistas. Vide Paulistas.
Santissima Trindade, 242.
Varatojo, 176, 223.
S. Vicente. De Conegos Regulares, 261.
—de Paulo. 238.
Xabregas. De Religiosos Franciscanos, 161.

Mosteiros, e recolhimentos

Santo Alberto de Carmelitas descalças, 252.
Senhora dos Anjos. Recolhimento, 164.
Santa Anna. De religiosas Franciscanas, 233.
Annunciada. De religiosas Dominicas, 170.
Santa Apollonia. De religiosas Franciscanas, 163.
Bom Successo. De religiosas Domi-

nicas, 124.
Santa Brigida, 252.
Calvario, 125.
Senhora do Carmo. Recolhimento, 145
Santa Clara. Religiosas Franciscanas, 163.
Conceição. Carmelitas descalças, 225
Santo Crucifixo, 252.
Encarnação. De Commendadeiras de Aviz. 151.
—Recolhimento do Castello, 151.
—Recolhimento em Rilhafolles, 239
Esperança. Religiosas Franciscanas, 252.
Espirito Santo. Recolhimento, 145.
Flamengas. Vide Senhora da Quietação.
Francezinhas. Vide Santo Crucifixo.
Senhora da Lapa Recolhimento de Orfãs desamparadas, 254.
Madre de Deus. Religiosas Franciscanas, 162.
Santa Martha. De Religiosas Franciscanas, 171.
Menino Deus. Terceiras Mantelatas, 269.
Meninas pobres, 223.
Misericordia, 211.
Santa Monica. Religiosas Agostinhas descalças, 262.
Senhora da Natividade. Recolhimento de convertidas, 158.
Senhora da Nazareth. Religiosas Bernardas, 253.
Senhora da Quietação. Religiosas Claristas descalças, 125.
Senhora dos Remedios. Religiosas Trinas, 175.
Senhora do Rosario. Religiosas Dominicas, 196.
Sacramento. Religiosas Dominicas, 253.
Salvador. Religiosas Dominicas, 246
Santos o Novo. Commendadeiras de Santiago, 162.
Senhora da Soledade, 253.

Igrejas, collegiadas, seminarios, ermidas, e hospitaes

Nossa Senhora dos Afflictos, 125.
Senhora da Ajuda, e Santos Fieis de Deus, 226.
—do Alecrim, 159.
Santo Amaro, 125.
Santo Ambrosio, 176.
Senhora do Amparo, 188.
Santa Anna, 164, 176, 255.
Santo Antonio, 126, 137, 176, 207, 255.
Senhora da Annunciação, 126.
Ascensão de Christo, 226, 230.
Senhora da Assumpção, 215.
Santa Barbara, 137.
Senhora de Belem, 215.
—do Bom Successo, 171.
S. Braz, 247.
Senhora do Cabo, 255.
—da Caridade, 209, 240.
—do Carmo, 145, 226, 177, 255.
Santa Catharina, Seminario, 141.
Senhora da Conceição. Collegiada, 149. Ermidas, 126, 137, 164, 176, 253. idem.
—da Consolação, 209.
S. Crispim, e Crispiniano, 198.
Senhora da Escada, 188.
Espirito Santo, 145, 152.
S. Filippe, e Santiago, 247.
S. Francisco, 176.
—de Borja, idem.
Senhora da Gloria, 171.
S. Gonçalo, 137.
Senhora da Graça, 126, 188, 223.
Hospital do Carmo, 231.
—de Todos os Santos, 188.
Jesus Maria Joseph, 137.

Senhora dos Afflictos, 176.
—dos Benicasados, idem.
—da Boanova, 165.
—dos Desamparados, 209.
—dos Navegantes, 254.
—da Salvação, 240.
—da Via Sacra, 240, 253.
S. João Bautista, 126, 137, 164, 256.
S. Joaquim, e Santa Anna, 126.
Senhora da Lapa, 254.
S. Lazaro, 240.
Senhora do Livramento, e S. Joseph, 126.
S. Luiz Rei de França, 171.
Senhora Madre de Deus, 164.
—Mãi dos Homens, 176.
—dos Martyres, 256.
—do Menino Jesus, 176.
S. Miguel, 152.
Senhora dos Milagres, 176.
—da Misericordia, 209.
—de Monserrate, 253.
—do Monte, 138.
—do Monte agudo, idem.
—da Nazareth, 126, 138.
—da Oliveira, 181.
—da Palma, 230.
—do Paraiso, 164.
—da Paz, 240.
—da Piedade, 174, 256.
—do Populo, 126, 138.
—dos Prazeres, 176.
—da Pureza, 172.
Senhor dos Passos, 133.
S. Pedro, 176.
—de Alcantara, 164.
—Gonçalves, 234.
Senhora dos Remedios, 138, 165.
Santa Rosa, 138.
Senhora do Rosario, 164, 236, 240.
—da Salvação, 240.
—da Saude, 259.
S. Sebastião, 213.
Senhora da Victoria, 230.
S. Vicente Ferrer, 138.

CAP. III. Igrejas parochiaes no Termo de Lisboa, 264.

Paroquias

1.ª Ameixoeira, 264.
2.ª Santo Antão do Tojal, 265.
3.ª Appellação, 267.
4.ª Arranhoi, 268.
5.ª Barcarena, idem.
6.ª Benfica, 269.
7.ª Bucellas, 270.
8.ª Camarate, 271.
9.ª Campo grande, 272.
10.ª Carnaxide, idem.
11.ª Carnide, 273.
12.ª Charneca, 274.
13.ª Santo Estevão das Gallés, 275.
14.ª Fanhões, idem.
15.ª Friellas, idem.
16.ª Granjá de Alpriate, 276.
17.ª S. João da Talha, 277.
18.ª Santa Iria, idem.
19.ª S. Julião do Tojal, idem.
20.ª Loures, 278.
21.ª Lousa, 279.
22.ª Lumiar, idem.
23.ª Milharado, idem.
24.ª Odivellas, 280.
25.ª Oeiras, 281.
26.ª Olivaes, 282.
27.ª Povoa, 286.
28.ª S. Quintino, 287.
29.ª Sacavem, idem.
30.ª Santiago dos Velhos, 288.
31.ª Sapataria, idem.
32.ª Via-Longa, idem.
33.ª Unhos, 289.

Conventos, e mosteiros do Termo

S. Domingos de Benfica, 269.

Santo Antonio da Cruz de pedra, idem.
Nossa Senhora do Soccorro de Camarate, 271.
Nossa Senhora da Boa Viagem, 273.
Santa Catharina de Riba mar. idem.
S. Joseph de Riba mar, idem.
S. João da Cruz de Carnide. idem.
Nossa Senhora da Conceição de Carnide, 274.
Santa Teresa. idem.
Nossa Senhora da Conceição de Santa Iria. 277.
Espirito Santo de Louros, 278.
Nossa Senhora da Porta do Ceo do Lumiar, 279.
S. Diniz de Odivellas, 280.
Vallis Misericordiæ de Oeiras, 281.
S. Bento dos Olivaes, 282.
Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, 283.
S. Cornelio, idem.
Santo Agostinho, idem.
Nossa Senhora da Conceição, idem.
S. Felix. e Santo Adrião, 285.
Nossa Senhora dos Martyres de Sacavem, 287.
Nossa Senhora do Amparo de Via-Longa, 289.
Nossa Senhora dos Poderes de Via-Longa, idem.

ROTEIRO TERRESTRE

DE

PORTUGAL

Em que se ensinam por jornadas, e summarios não só os caminhos, e as distancias, que ha de Lisboa para as principaes terras das provincias deste reino, mas as derrotas por travessia de umas a outras povoações d'elle.

INTRODUCÇÃO

Este roteiro, que pelo assumpto havia de servir de complemento ao nosso Mappa de Portugal, apparece agora com antecipação depois da quinta parte d'elle a instancias da curiosidade. Eu já havia reflectido ser summamente importante o conhecimento das estradas com as distancias, que entre si guardam os lugares, por onde se discorre, não só para o bom commodo dos viajores, segurança das expedições militares, (1) e facil conducta dos generos concernentes ao commercio reciproco, mas sobre tudo para o soccorro, que contribue á verdadeira posição, e noticia local das terras, que é a baze da Geografia, e uma das principaes luzes da historia. (2)

Confesso porém, que desde que emprendi esta obra preoccupou bastantemente o cuidado o poder satisfazel-a nesta parte pela falta, que tinhamos desta instrucção; e sendo-me quasi impossivel poder indagar isto pessoalmente, como era preciso, de algum modo o consegui, valendo-me da intervenção de meus amigos Antonio Daniel, tenente do correio mór deste reino, e de Manoel Gomes Rebello, official antigo do mesmo expediente, os quaes mandando pedir a todos os correios assistentes das provincias os itinerarios, que dos seus destritos havia até Lisboa, os mais d'elles, informando-se de pessoas práticas, remetteram

(1) «Primum itineraria omnium regionum, in quibus bellum geritur, plenissime debere habere per scripta, ita ut locorum intervalla non solum passuum numero, sed etiam viarum qualitates perdiscat.» Vegecio lib 3. de Re militari cap. 6 (2) «Est autem itinerum notitia non tantum mercatoribus necessaria, qui per varias regiones peregrinantur, sed exactiori locorum descriptioni plurimum inservit, et totius Geographiae fundamentum est, Simlerus in praefat. Itiner. Antonini.» E mais para diante: «Afferi etiam Itinerum cognitio multum lucis Historiarum lectioni.» Veja-se Mons. D. Audiffret no Pref. da Geogr. tom. 1. e ao P. Segurana 1. p. do Norte Critico disc. 2. §. 5.

relações provavelmente bem averiguadas, de que formei o presente roteiro com a melhor formalidade, e exacção, que foi possivel; sem embargo de que em algumas partes vai diminuto, não só por falta de noticias, e algumas indigestas, mas por ser esta uma empreza verdadeiramente desigual ao meu talento, e mais propria de pulso superior.

A verdade é, que parte deste projecto não só foi já intentado, mas posto em execução por elrei Filippe IV, desde o anno de 1638, quando governava este reino; porque desejando saber as distancias, que havia de umas a outras terras d'elle, passou um decreto, para que os corregedores das comarcas fizessem tirar com individuação o calculo destas medidas pelas terras da sua alçada, encarregando a diligencia ao duque de Villa Hermosa. As listas, ou relações originaes, que se remetteram a Madrid, me communicou já ha tempos o erudito fr. Francisco de Santa Maria, religioso Augustiniano, que a morte nos usurpou tão depressa, as quaes em dous volumes de folha existem presentemente na insigne livraria do convento de N. Senhora da Graça desta corte, e d'ellas me aproveitei quanto a alguns summarios sómente: porém estão defeituosas, e incompletas; porque embaraçando-se com outras averiguações, deixam em muitas de corresponder as respostas aos interrogatorios.

Tambem o laborioso, e diligente padre Antonio Carvalho da Costa (1) promettêo um roteiro breve de Lisboa para as principaes povoações do reino; mas sem duvida ficou só na promessa, pois não me consta que alguem o visse; de sorte, que esta minha idéa, officiosa em beneficio publico do reino, sem mais interesse, que o seu proprio lustre, bem póde merecer o titulo de primeiro itinerario, que até agora se tem visto disposto para o nosso particular Paiz.

N'elle, depois de dar uma breve noticia das vias militares, que no tempo dos Romanos discorriam pelas nossas terras, e de algumas pontes, que atravessavam pelos nossos rios (memoria, que achei não ser impropria do assumpto presente) entro a delinear o itinerario moderno, constituindo a cidade, e corte, de Lisboa, centro de todos os roteiros, que distribuo para as principaes povoações das provincias e destas faço produzir, e derivar outras Vias por travessia, que servem como ramos, que vão pegar nos lugares circumvizinhos mais notaveis. E porque não foi possivel demarcar por jornadas, e mansões todos os interval-os, que ha de uns a outros sitios, reduzi alguns a compendios, ou summarios: fazendo porém muito pelos orientar, ou ajustar á melhor arrumação, com que umas terras se correm com outras, regulando-me para isso pelo Mappa de João Bautista Homanno. Não sei todavia se acertei em todos os rumos.

O ponto central, que elegi para d'elle lançar os roteiros para as mais partes, pareceu-me ser adequado, e util para a clareza. Lisboa, como corte do reino portuguez, é o coração da sua monarquia, não tanto

(1) Na Corograf. Portug. t. 3. no princip. do liv. 2.

pela vantajem do felicissimo sitio, em que está, quanto pela grande capacidade, e conveniencia do commercio, que tem; onde á maneira do coração nos corpos viventes, que é o principal fundamento, que vivifica todos os seus membros, assim Lisboa com uma facil, e continua distribuição communica, e reparte a substancia vital dos cabedaes a todas as partes mais remotas das suas Comarcas; ou já pelas veas dos portos, e trajectos dos rios, ou pelas vias das estradas, por meio das quaes recebe tambem com reciproca affluencia a fertilidade, e regalo dos frutos, que todas as terras deste continente lhe estão tributando, como a princeza.

Em nenhum tempo melhor que no pacifico, e fausto reinado d'elrei D. João V, se verificou toda esta felicidade, pois a effeitos de seu heroico espirito sempre pio, augusto, e providente, vimos as ruas, e as praças de Lisboa mais largas, e as estradas, que nos conduzem a ella, mais espaçosas. Observou Tibullo, (1) que os moradores dos suburbios de Roma cantavam louvores a Marco Messalla, porque havia mandado reedificar os caminhos Tusculano, e Albano, pelos quaes voltavam seguros para as suas terras, ainda que fossem de noite, sem perplexidade alguma:

. . . . . Hic glarea dura
Sternitur; hic apta jungitur arte silex.
Te canit agricola, è magna cum venerit urbe
Serus, inoffensum retuleritque pedem.

Porém a incomparavel providencia de sua magestade, eximindo de todos estes descommodos a seus vassallos, perpetuou os seus louvores: porque mandou ampliar os caminhos, e desimpedir as estradas, fez facilitar a communicação dessa fertilidade, e multiplicou juntamente as occasiões, de que podessem todos com suavidade vir lograr a miudo os mimos da corte, e gozar da magestosa presença de um monarca verdadeiro Tito, igualmente benefico, soberano, e affavel. É o que por este motivo cantou um nosso poeta grande imitador dos antigos. (2)

Agora um dos pontos principaes, que neste assumpto se faz preciso advertir, é sobre o calculo das leguas. Neste reino não ha medida certa itineraria, e por isso encontramos pelas provincias tanta irregularidade neste particular: pois vemos que as leguas da Estremadura pela maior parte são pequenas, as do Alemtejo maior, e as de Tras os Montes, e Algarve demasiadamente compridas: donde disse bem o padre

(1) Tibul. l. 1. eleg. 7. ad. fim. (2) D. Luiz de Lima part. 2. epigr. 60.
Hic augusta patent, spatiosaque strata viarum,
Teque jubente, cita jungitur arte filex.
Urbs tua sic, populis sedet undique pervia Princeps,
Quique et inoffensum fertque, refertque pedem,
Obice jam dempto properat, gestitque viator;
Sicque datur citius Principis ore frui.

*

Argote, (1) que entre as leguas portuguezas apenas se acham duas, que convenham no comprimento: e tudo nasce, porque vulgarmente se medem as leguas por estimativa.

No systema do engenheiro mór (2) de computar-se a legua por uma hora de caminho a passo cheio, e ordinario, dando a cada legua trez mil passos geometricos, e a cada passo geometrico cinco pès geometricos, que fazem quasi sete palmos de craveira. Não quizera metter agora ao leitor em prolixas averiguações deste ponto, que póde ver em outros authores mais de espaço; (3) só é bem que saiba ter-se observado ordinariamente, que um postilhão, ou correio, indo a pé, caminha em vinte e quatro horas de verão quatorze leguas, e de inverno treze; e indo pela posta, anda nas vinte e quatro horas trinta leguas.

Da medida do pè horario, que se determina mediante as vibrações de um pendulo, quando se praticasse universalmente, diz Pedro Du-Val, (4) que resultariam certas as distancias itinerarias em toda a parte; e já hoje alguns geografos peritos usam deste engenhoso instrumento para regularem sem fallencia as leguas, e interval-os progressivos. (5) Porèm em quanto se não observa geralmente, ou não se tomam outras precauções para esta medida, me foi preciso accommodar na assinação das leguas com a vulgar estimativa do Paiz, praticada entre os caminhantes, que mais cursam as estradas; e por isso advirto, que entre nós não merecem muito credito os Itinerarios de Cherubim Stella, João Maria Vidari, e D. Pedro Ponton: não só porque erram os nomes das nossas terras nas poucas viagens, que por este reino descrevem, mas tambem, porque não acertam na medida actual, que ha entre terra, e terra.

Nesta, e nas mais noticias, que pertencem ao nosso reino, são ordinariamente miseraveis os Authores Estrangeiros: (6) porque ou seja por malicia, ou ignorancia, umas vezes escrevem o que não se deve dizer, outras dizem o que não é: e deste defeito fiquei summamente estimulado, quando li no tomo xv, do «Estado presente da Europa» o que seu author escreve modernamente de Portugal. Elle diz o que nunca houve: mistura o antigo com o moderno sem o separar: erra os nomes das pessoas conspicuas, e pouco acerta com a época dos tempos: de uma particularidade tira conclusões universaes para informar ao mundo dos nossos costumes; em fim omitto muitas patranhas, que o author refere, porque não é este o lugar para criticas. E assim tornando á falta das medidas itinerarias, parece-me que se evitaria este inconveniente, se se abraçasse o arbitrio de mandar collocar

(1) Argote nas Antig. da Chancel. de Braga p. 202. (2) Manoel de Azev. Fort. no Modo de fazer as Cartas Geograf. pag. 4. (3) Clouerio na Geograf. Fort. no Engenh. Portug. c. 2. l. 1 c. 6. Fr Hern. de Brit. na Monarq. Portug. p. 2. l. 5. c. 11. Barreir na Corograf. fol. 61. (4) Du Val Trat. do Uso do Globo, e do Mappa. (5) D. Jorge. Juan. nas Observ. Astronomic. feit por ordem do rei Filippe V, l. 8. c 1. ha pouco impresso.

(6) Quod siqui exteri res Lusitanas attigerunt, pauci ii sane sunt admodum, idque adeo dubia plerumque fide fecerunt, ut sæpe tota errent via. Melch. in Præfat. ad libr. Osorii de Reb. Emman.

nas entradas, e sahidas das povoações do reino, e de espaço a espaço por todos os caminhos mais frequentados cruzeiros de pedra, em os lados de cujas bazes estivessem numeradas as distancias das leguas, ou dos passos, que ha de um a outro lugar, calculados todos por uma medida certa.

Imitariamos nisto louvavelmente aos Romanos, que assim o usaram para guia dos passageiros por todas as terras do seu Imperio em columnas altas, e grossas: e já elrei D. João V, com advertida providencia fez dar principio a este bem commum, mandando pôr no caminho real de Mafra padrões com letras gravadas em lingua vulgar, que declaram a separação das estradas, e a distancia, que ha d'alli até ás mais proximas povoações.

Parece-me que tenho dado aos leitores a razão, que basta para penetrarem não só os fundamentos da minha idéa, e o caracter da obra, mas poder merecer-lhes tambem a desculpa dos defeitos d'ella, para que talvez concorreram muitos accidentes inevitaveis, os quaes poderá emendar o tempo com a diligencia, que applicar outro qualquer zeloso do bem publico em o desempenho deste projecto.

Passemos agora a dar uma noticia previa, e summaria das vias militares, e pontos, que havia neste reino em tempo dos Romanos. É de saber, que a maior obra publica, mais magnifica, e mais util, que os Romanos fabricaram por todas as terras do seu dominio, foi a das vias militares, ou calçadas, e estradas reaes. Discorriam ellas desde os ultimos fins do Occidente, que era a Lusitania, até além de Babilonia Oriental, e de Norte a Sul desde a Escocia até Africa. Com esta continuada progressão, e serie de caminho hiam parar todos como em centro no meio da praça de Roma junto ao Colisseo, onde estava uma baliza, ou meta, que se chamava *Umbilicus Urbis*.

Nas Taboas Geograficas de Peutinger, que vem no fim do tratado dontissimo, que deste assumpto compoz Nicolão Bergier, (1) se observa, que as taes estradas estavam lançadas pelas terras do Imperio Romano da mesma fórma, que vemos descriptos os rumos, ou linhas nas cartas de marear, pelos diversos ramos, que enlaçavam, e faziam pegar uns caminhos com outros caminhos, até pararem nas povoações, a que se dirigiam. A este fim rompiam por entre penhascos, e rochedos, circulavam montanhas, e valles, atravessavam ribeiras, e rios por cima de magestosas pontes, procurando sempre nesta obra verdadeiramente regia a fortaleza d'ella, e a commodidade dos passageiros, que em qualquer tempo, e a qualquer hora, ou fossem a pé, ou a cavallo, nunca achavam embaraço algum.

Eram as estradas pela maior parte espaçosas, cujo pavimento compunham pelo meio pedras pretas, a que chamavam *Silice*, e guarneciam as ourellas outra casta de pedrinhas mais miudas, como cascalho, a que

(1) Apud Bergier tom. 2. Histoire des grands Chemins de l'Empire, in fine.

chamavam *Glarea*, todas perfeitamente unidas umas ás outras; de cuja construcção, arquitectura, e asseio tinham cuidado diversos magistrados, e personagens, a quem os imperadores davam este officio, e superintendencia com o honroso titulo de *Triumviri viarum curandarum*, cujo cargo ainda hoje existe em Roma, restituido á sua antiga magestade por Martinho V, e augmentado por outros Summos Pontifices. (1)

Pelas margens destas estradas se viam collocados de quarto a quarto de legua não só certos poyaes de pedra, para d'elles se montarem a cavallo os passageiros, mas columnas altas, e grossas, em que estava gravado em latim o numero das milhas, que tinham andado, e as que lhe faltavam andar d'alli para diante. De todas estas medidas, e distancias bem calculadas mandaram os imperadores compor um itinerario, de que se extrahiu o Codice, que hoje existe, chamado de Antonino, (2) do qual injustamente faz pouco caso o padre Larramendi, como se póde vêr no *Diario de los Literatos de Espana* tom. 2. pag. 16.

Deste itinerario, principiado por Julio Cesar, continuado por Octaviano, publicado por um dos imperadores Antoninos, e aperfeiçoado por Theodosio o Maior, se aproveitavam não só os postilhões para saber onde haviam de pernoitar, e mudar de cavallo, mas servia muito para a jornada dos Pretores, Presidentes, e Legados, que com os seus ministros passavam de Roma a visitar as suas provincias, e conventos Juridicos, e sobre tudo para a marcha das tropas, a cujos cabos se dava sempre um destes itinerarios, ou roteiros para por elle se governarem nas marchas, e saber por onde haviam de ir, e onde haviam de aquartelar-se. (3)

Da magnificencia destas obras Romanas participou o nosso reino em muitas partes d'elle, de que apenas hoje se vêem as suas ruinas. Quanto ás pontes, a que permanece com menos lesão, é a do Tamega, rio, que passa por dentro da Villa de Chaves, e consta de dezaseis arcos, que occupam o comprimento de noventa e dous passos geometricos, tendo de alto trinta e dous palmos craveiros, e de largo vinte e seis, incluindo a grossura do parapeito. (4) E é cousa para reparar, que semelhante edificio se conserve ainda tão fixo ha tantos annos.

Havia tambem a ponte, que os romanos edificaram sobre o rio de Sacavem, cujos vestigios ainda permaneciam no anno de 1570, pois d'elles se lembra o curioso Francisco Dolanda no cap. 7 do seu singular tratado da «Fabrica, que fallece á cidade de Lisboa;» cujo livro, porque

(1) Jacob Cobelli in Notitia Cardinalatus c. 15. Congregat. 16. pag. 96. (2) Plutarc. in vita C. Gracchi Muratori tom. 8. Scriptor. Italic. pag. 474. (3) S. Ambrosio super. Ps. 118. Moles, qui ingreditur iter, viandi ordinem non ipse disponit sibi... sed Itinerarium ab Imperatore accipit, et custodit illud, praescripto incedit ordine, rectaque via conficit iter, ut inveniat commeatuum parata sibi subsidia, etc. O mesmo dizem Zurita, e André Schott no Prefacio do Itinerar. de Antonino: Ducibus vero, militibusque, ac Proconsulibus, et Praetoribus in Provincias proficiscentibus compositum apparet Itinerarium, ne aberrarent á via, etc. Vegecio De Re militar l. 3. c. 6. (4) Monarch. Lusitan. apud. Argote nas Memor de Braga t. 1. l. 2. c. 3 n. 462.

nunca se imprimiu, é visto de bem poucos. E supposto que o reverendo doutor Ignacio Barbosa Machado o allega no seu eruditissimo Tratado Historico-Juridico do «Aqueducto de Lisboa,» é só pela informação, que nós lhe communicámos, e elle poude adquirir da primeira parte do nosso «Mappa de Portugal.» No lugar citado diz pois o tal author, fallando com elrei D. Sebastião: «A primeira das pontes foi sobre o rio de Sacavem, como se vêem claros, e manifestos o começo, e o fim, e esta deve V. Alteza mandar reedificar, porque é proveitosa muito, e tambem para passar por ella a Corte, seu o rodeio de ir ao Tojal.»

Outra ponte fizeram os romanos sobre o rio Tejo em Santarem, de que o mencionado Francisco Dolanda diz, que ainda se conserva alguma memoria nas junqueiras, onde chamam a Terruja, palavra derivada do francez (quando estes occuparam Santarem no tempo de Carlos Magno) de «Torre roxa,» porque era o pégão da ponte de tijolo vermelho, como testifica o mesmo author. Assim de Abrantes, onde diz que estavam os pégões, e montes de pedra, havia outra ponte magnifica; para reedificar as quaes traz o allegado Francisco Dolanda dous desenhos muito bons.

Porém deixando a noticia de outras pontes, e tornando ás vias militares, que os Romanos fabricaram em nossas terras, d'ellas farei aqui resumida lembrança, segundo as expõe o Itinerario de Antonino, aproveitando-me do que ácerca d'este assumpto escreveram o mestre André de Resende nas «Antiguidades da Lusitania,» e o exacto Argote nas «Memorias do Arcebispado de Braga,» e os commentadores de Antonino, accrescentando tambem alguns reparos meus.

§ I—*Da primeira via militar, que de Lisboa sahia para Merida*

Equa bona, Coina 12 mil passos, ou 3 leguas.

Cetobriga, Setubal 12 mil passos.

Ciciliana. Mais depressa me atrevera a dizer, que esta povoação era, onde hoje está Agualva, duas leguas de Setubal, que fazem os 8 mil passos, que lhe dá Antonino, do que Alcaçovas, como querem alguns, pois está muito mais affastada. Resende de Equa-bona passa logo a Ciciliana.

Malceca, Marateca 16 mil passos.

Vasconcellos nos «Escolios a Resende» emenda a distancia d'estes 16 mil passos em 8 mil sómente.

Salacia, Alcacer do sal 12 passos.—Ebora, Evora 44 mil passos.

Estas quarenta e quatro milhas, que o Itinerario de Antonino conta de Alcacere a Evora, fazem onze leguas; mas como bem adverte Gaspar Barreiros na «Corografia pag. 63 v.» comprehendem-se nas nove grandes, que hoje contam os caminhantes de um a outro sitio mencionado.

De Evora passava ao Guadiana, e se mettia em Castella até Merida; mas é de advertir, que o Itinerario de Antonino, conforme o Codice Blandiniano, assigna a este caminho 161 mil passos. O exemplar de Zu-

rita, chamado Napolitano. lhe dá 177 mil. Resende augmenta-o a 203 mil passos, e Vasconcellos a 212 mil.

§ II—*Da segunda via militar para Merida*

Aritio-Pretorio, Benavente, ou Salvaterra 38 mil passos.

Abelterio, Alter do Chão 28 mil passos.

Admira-me achar em todos os Codices do Itinerario de Antonino as vinte e oito milhas de distancia, que são sete leguas entre Benavente, ou Salvaterra, e Alter do Chão; sendo que hoje contamos dezoito leguas de um lugar a outro.

Matusaro, Ponte de Sor 24 mil passos.

Vasconcellos nos «Escolios de Resende l. 3. pag. 249» primeiro põe esta estancia de Matusaro, e depois a de Alter: e parece que assim deve ser, segundo vemos em quasi todos os Mappas, a situação d'estas terras, regulando direitamente a via militar; porém no Mappa antigo de Abrahão Ortelio está primeiro Abelterium, e depois Matusarum.

Ad Septem Aras, Assumar 48 mil passos.

Conforme a arrumação do Mappa de Ortelio, bem se regula o progresso, que descreve o Itinerario de Antonino; porque de Matusarum ao sitio chamado Ad Septem Aras contar-se-hiam as oito milhas; mas se Matusaro é a Ponte de Sor, e Ad Septem Aras a villa de Assumar, devemos dizer, que ou a conta dos 8 mil passos, que lhe dá o Itinerario, está errada, porque devem ser mais, ou que a mudança feita por Vasconcellos está racionavel.

Budua, 12 mil passos.

D'aqui passava a Plagiaria, e se mettia em Merida.

§ III — *Da terceira via militar para Merida*

Jerabrica, Alemquer 30 mil passos. —Scalabin, Santarem 32 mil.— Tubucci, Abrantes 32 mil.— Fraxinum, Alpalhão 32 mil.— Medobriga, Aramenha 30 mil.—Ad Septem Aras, Assumar 14 mil.

D'aqui passava a Plagiaria, e d'ahi se mettia em Merida.

§ IV—*Da via militar, que sahia de Lisboa para Braga*

Jerabrica, Alemquer 30 mil passos.—Scalabin, Santarem 32 mil.— Cellium, Ceice 32 mil.— Conimbrica, Condeixa a Velha 34 mil.— Eminio, Agueda 40 mil.—Talabrica, Aveiro 10 mil.—Langobrica, Feira 18 mil.—Calem, Porto 13 mil.—Bracara, Braga 35 mil.

Esta estrada, como bem adverte o padre Argote tom. 2. l. 3. cap. 9. das «Memorias de Braga,» era quasi a mesma, que ainda hoje se pratica; posto que em algumas partes se difference da romana.

§ V—*Da primeira via militar, que de Braga sahia para Astorga*

Salacia, Salamonde 20 mil passos.— Presidio, Cedeçoso do Arco

26 mil.—Caladuno, Ciada 26 mil.— Ad Aquas, Chaves 18 mil.— Pinetum, Val de Telhas 20 mil.— Roboretum. D'aqui para diante sahe fóra de Portugal.

A maior parte d'esta estrada discorria por cima de montanhas, mas por planicies commodas, e para fugir de más passagens, fazia alguns rodeios, d'onde procede não concordar o Itinerario de Antonino nas distancias, que assina a esta via militar com a estrada actual, que hoje se pratica, porque de Braga a Chaves contamos quinze leguas, e o Itinerario da estrada romana conta vinte e duas e meia. Os curiosos, se quizerem, podem vêr a descripção d'esta estrada real no tom. 2. das «Memorias de Braga» do padre Argote, que com especial miudeza a descreve desde pag. 571 até 594.

§ VI—*Da segunda via militar para Astorga*

Aquis Celenis, Fão 165 estadios.—Vico Spacorum, Foz do rio Ancora 195 estadios.—Duo Pontes, Rio de Vigo 150 estadios.

Esta estrada parte d'ella era terrestre, e parte maritima, porque sahindo de Braga, se encaminhava para o rio Cavado, e alli se embarcavam os passageiros, e caminhavam até Aquas Celenas, e por isso estas distancias maritimas se descreviam por estadios.

§ VII—*Da terceira via militar para Astorga*

Salaniana, junto de Viana 21 mil passos.—Aquis Originis, já cahia fóra dos limites de Portugal.

Esta via militar romana, a que hoje chamam a Geira, era uma das mais soberbas estradas, que os romanos fabricaram. Trata d'ella com individuação o padre Argote tom. 2. alleg. 1. 3. cap. 10 e 11.

§ VIII— *Da quarta via militar para Astorga*

Limia, Ponte de Lima 19 mil passos.—Tude, Tuy 24 mil.

§ IX—*Da via militar, que corria de Xerez para Beja*

Balsa, Tavira 21 mil passos.—Ossonoba, Estombar 16 mil.—Aranni, 60 mil.—Rarapia 32 mil.—Ebora, Evora 44 mil.—Serpa, Serpa 13 mil.—Finis, Paimogo 20 mil.—Aruci, Moura 22 mil.—Pace Julia, Beja 30 mil.

A ordem, com que as terras d'esta via estão lançadas no Itinerario de Antonino, está perturbada, como bem advertem os seus expositores, talvez por vicio dos copistas.

De todas estas estradas reaes, ou grandes caminhos, que os imperadores romanos mandaram fazer em Portugal, não existem mais, que umas pequenas memorias em alguns padrões, porque o tempo tudo arruina, e consome, (1) e cada vez mais, pois já hoje não ha memoria da

(1) Resend. de Antiquit Lusit. lib. 3.

via militar, que sahia de Lisboa para Sacavem, e d'aqui discorria até Roma, como Francisco Dolanda observou no anno de 1570, e o escreve no curioso Tratado, que referi acima cap. 7, por estas formaes palavras.

«E não pudera eu crer esta cousa, se quando parti de Lisboa, indo a Roma, logo em Sacavem não achara a via romana, e a ponte quebrada no rio, e nas charnecas de Montargil, alli onde chamam as Mestas, as calçadas de Silice, e em Castella nos barcos d'Alconete, e na antigualha de Capara, e depois em Aragão, Lerida, e Catalonha, e depois em França na cidade de Nimes, onde está o famosissimo Anfiteatro, e memorias dos antigos, e depois em o Fôro de Julio em Provença, em Antibo, e nos Alpes, e por toda a Liguria, e Toscana, sempre achando a mesma calçada, que achei, sahindo de Lisboa, até entrar em Roma.» Porém deixadas estas deploraveis ruinas, passemos ao nosso principal assumpto.

—

DIVISÃO I

Roteiro de Lisboa para as principaes povoações da Provincia da Estremadura

Esta provincia, que, se attendermos á etymologia rigorosa do seu nome, impropriamente conserva, e explica o que tem, porque a sua extrema não é o rio Douro, mas o Mondego, e o Tejo, comprehende-se dentro dos limites de quarenta leguas em todo o seu comprimento, e nas vinte da sua maior largura. É a parte do reino, que fica mais sobranceira, e debruçada para a costa do mar Oceano, que a provê de muito, e saboroso peixe; em tudo o mais é fertil, rica, habitada, cultivada, e capaz das marchas de exercitos; e ainda que tenha algumas terras asperas, são pouco fragosas. Divide-se presentemente em nove comarcas, que vem a ser: Lisboa, Torres Vedras, Alenquer, Leiria, Thomar, Ourem, Santarem, Setubal, e Abrantes. Para as suas principaes povoações deremos os roteiros por jornadas, e as distancias por summarios, e na fórma seguinte:

CAPITULO I

Summario das distancias, que ha de Lisboa aos lugares, e povoações do seu Termo

De Lisboa a

Adeão de cima 1 leg. e 1 q. Adeão de baixo 1 e 1 q. Ado Baco 4 e meia. Alcantara meia. Alfarrobeira 1. Alfornel 1. Alfragide 1 e meia.

De Lisboa a

Algobellas 4 e meia. Alpriate 3. Alvogas 2. N. S. da Ajuda 1. Santo Amaro 3 q. Ameixoeira 1 e 1 q. S. Antonio do Tojal 3. B. Antonio 1. Appellação 2. Arieiro 2. Arranhol 5. Arroios 1 q.

Barçal 1. Barcarena 2. Barril 2 e meia. Barro 2. Barrosa 1 e meia. Barronhos 2. Belem 1. Bemfica 1. Bemposta 4 e 1 q. Bica 1 e meia. Bituaria 4. Boa viagem 2. Bom Successo 1 e 1 q. Bucellas 4. Bucicos 3 e meia. Buraças 1 e 1 q. Burrel 1 e 1 q.

Cabeça de Montach. 3. Calhariz 1. A dos Calvos 3. Calhao 3 q. Camarate 2. Campo grande 1. Campo pequeno meia. Campolide meia. Canessas 2 e meia. A dos Caons 2. Caranque. Carnide 1 e 1 q. Carnexide 2. Cartexaria 4. Carvalhal 4 e meia. Caruncho 2. Castellos 1. Castejal 2 e 1 q Caxoeira 4. Cazainhos 3. Cazal cochim 4 e meia. Cazellas meia. Caxias 1 e meia. Ceiceira grande 4. Ceiceira pequena 4. Ceirogato 2 e meia. Charneca 1 e 1 q. Charneca do Milhar 4. Chellas meia. Codiceira 2 e meia. A dos Comundos 4 e meia. Convalença 3 q. S. Cornelio 1.

Espargueira 3. Espragal 3 e 1 q. S. Estevão das Galés 4.

Filagueira 1. Fanagueira 1. Fanhões 3. Feteira 1 e 1 q. Freixeiras. Freixial 4 e 1 q. Frielas 2 e meia.

A dos Gallegos 4 e meia. A dos Gudeis 4 e meia. Granja de Alpriate 3. Grillo 3 q.

S. João dos Montes. S. João da Talha 2 e meia. S. Joseph. de Riham. 1 e meia Jamor 2. Santa Iria 2 e meia. S. Julião do Tojal 2 e meia. Junqueira 3 q. Jurumello 4.

Laranjeiras meia. Lage 2 e 1 q. Leão 2. Lecea 2. Laveiras 2 e 1 q. A dos Limões 4 e meia. Loures 2. Loural 4 e meia. Louro 1. Loureiceira 4 e meia. Louza 2 e meia. Lumiar 1 e meia. N. S. da Luz 1.

Maia 1 e 1 q. Malforno 4 e meia. Marnotas 2 e meia. Marvilla 3 q. Mato 4 e meia. Mealhada 1 e 3 q. Melessas 2 e meia. Milharado 4. Mira 1. A dos Molhados 4 e meia. Moita 4 e meia. Moitellas 4 e meia. Monsanto meia. Montinel 1 e 1 q. Morzinheira 4 e meia. Murgalhal 2 e 1 q. Murtal. Murteira 2.

Ninha a postora 2. Ninha a velha 2. Noidel 1.

Odivellas 1 e meia. Oeiras 3. Olivaes 1 e meia. Oliveiras meia. Outorella 2. Outeiro 1. Outeiro das Doudas 4 e meia.

Paço d'arcos 2 e meia. Palhavã meia. Panasqueira 1. Pedrouços 1 e 1. q. Penedo 1. Pero negro 4 e meia. Pimenteira meia. Pinheiro 1. Pinteos 2 e 3 q. Poço do Bispo 3 quart. Pombaes 1 e meia. Porcalhota 1 e meia. Portella 1. Povoa de S. Adrião 1 e meia. Povoa da Gallega 4. Povoa de S. Martinho 3. Pouzada 4. Porto salvo 1 e meia. Preza 1. Prizinheira 4.

Queluz 2. S. Quintino 5.

De Lisboa a

Reboleira 1 e meia. Reis 3 quart. Ribeira de baixo 2. Ribeira de cima 2. A da Rolia 4. Ribas 3. Rego meia. S. Romão. Romeiras 2.

Sete rios meia. Sacavem 2. Santiago dos velhos 5. Sapataria 4 e meia. Sarreira 4 e meia. Silveira 4 e meia.

Terrugem 2 e meia. Tilheiras 1. Tojal 3. Tojalinho 2. Torcena 2. Torneiro 2 e 1 q. Torre da Bizoeira 3. Trigache 1 e meia.

Valejos 2. Via longa 3. Verdelha 3. Villa verde 4 e meia. Vinteira 1 e meia. Villa de rei 4 e 1. q.

Unhos 2 e meia.

Xabregas meia. Xamboeira 4 e 1 q.

Outros muitos sitios de varios nomes tem o termo da cidade de Lisboa, que pelos occuparem poucos moradores, não se faz aqui menção d'elles.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a villa de Torres Vedras, em que se contam sete leguas ao Norte

De Lisboa ao Lumiar 1. Do Lumiar a Loures 1. A' Cabeça de Montachique 1. A' Povoa 1. A' Enxara dos Cavalleiros 1. A' Cadreceira 1. A Torres Vedras 1.

§ I—*Roteiros traversos de Torres Vedras para as principaes terras circumvisinhas, e primeiramente para a villa das Caldas, em que se contam seis leguas ao Norte.*

De Torres ao Ramalhal 1. Do Ramalhal a S. Gião 1. A N. S. da Misericordia 1. A' Roliça 1 A' Villa de Obidos 1. A's Caldas 1.

§ II—*Roteiro de Torres Vedras para a villa de Mafra, em que se contam tres leguas ao Sudueste*

De Torres a Azueira 1. Da Azueira ao Gradil 1. A Mafra 1.

§ III—*Roteiro de Torres Vedras para a villa de Alemquer, em que se contam quatro leguas ao Leste*

De Torres á Serra de S. Gião 1. A' Ald. Galeg. da Mercian 1. A' Espiçandeira 1. A Alemquer 1.

§ IV—*Roteiro de Torres Vedras, para a villa de Peniche, em que se contam quatro leguas ao Noroeste*

De Torres ás pont. de Vill. Fac. 1. Lourinhã 1. Cruz da Lagoa 1. Peniche 1.

§ V—*Roteiro de Torres Vedras para a villa da Ericeira, em que se contam tres leguas ao Oeste*

De Torres á Ponte do Rol 1. A' Labogeira 1. A' Ericeira 1.

§ VI—*Roteiro de Torres Vedras para a villa do* Cadaval, *em que se contam quatro leguas ao Nordeste*

De Torres ao Ramalhal 1. Cabeça de Bombarral 1. Venda de Fernão da Cunha 1. Cadaval 1.

§ VII—*Roteiro de Torres Vedros para a villa da* Alhandra, *em que se contam cinco leguas ao Sueste*

De Torres á Ribaldeira 1. Aos Chãos de estira corda 1. Arruda 1. Alhandra 2.

O mesmo é para Alverca; e dos Chãos de estira corda se divide o caminho para Villa Franca, Povos, e Castanheira, e d'alli para qualquer d'estas villas fazem duas leguas.

§ VIII—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Mafra, *em que se contam seis leguas ao Noroeste*

De Lisboa a Loures 2. A' Cabeça de Montachique 1. Ao Pinheiro da Seiceira 1. A' Abrunheira 1. A Mafra 1.

No tempo de verão se vai tambem por Odivellas.

§ IX—*Summario das distancias, que ha de Torres Vedras ás terras da sua correição*

De Torres Vedras a

Alhandra 4 para o Suest. Alverca 4 para o Suest. Arruda 3 para Lest. Bellas 6 para Sud.

Cadaval 4 para Nord. Cascaes 8 para Sud. Castanheira 5 para Lest. Chileiros 3 para Sud. Collares 7 para Sud.

Enxar. dos Cavall. 2 para Suest. Ericeira 3 para Sud.

Lourinhã 3 para Nort.—Mafra 3 para Sud.—Povos 4 para Suest.—Sobr. demont. agr. 2 para Suest.

Villa Franca 5 para Suest. Villa Verde 3 para Nord.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para a villa de Alemquer, *em que se contam oito leguas ao Norte*

De Lisboa ao Campo grande 1. Do Campo grande a Bucellas 4. De Bucellas a Alemquer 3.

Por outro caminho

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem a Alverca 2. De Alverca á Castanheira 4. Da Castanheira a Alemquer 2.

§ I—*Summario das distancias que ha da Villa de Alemquer ás terras principaes da sua correição*

De Alemquer a

Aldea Galleg. da Merc. 2 Nort.
Caldas 6 Nort. Chamusca 7 Lest. Cintra 9 Sud.
Obidos 5 Nort.—Selir do Porto 7 Nort.—Ulme 7 Nord.

§ II—*Summario das distancias, que ha da villa de Alemquer não só aos lugares do seu termo mas á villa de Torres Vedras*

De Alemquer a		T. Vedr.	De Alemquer a		T. Vedr.
Santa Anna	meia.	3 e m.	Labrugeira	1 e m.	2 e m.
Abrigada	1	3 e m.	Mata do Pereir.	1 e m.	2 e m.
Antas	1 e q.	3 e m.	Mato	1	3
Aparel	1 e m.	3 e m.	Meca	1	4
Atoug. das Cabr.	1 e m.	4 e m.	Memvezinho	1 e m.	3
Azedia	1	3	Moinh. do vent.	1	3
Bairo	1	4 e m.	Moita	1	4
Bafuaria	1	3	Monsaravia	1 e m.	3
Cabau. do Cham.	1	3 e m.	Monte de leg.	1 e m.	5
— de Torres.	1 e m.	3 e m.	Montongil	1	3 e m.
Cachoeiras	2	4	Olhavo	1 e q.	3
Cadafaes	1	4	Ota de cima	1	5
Canados	meia.	3 e m.	— de baixo	1	5
Carneiros	1	3	Palaios	1 e m.	2 e m.
Carnota	1		Palhacana	1 e m.	
Carregado	1	5	Pancos	1 q.	3 e 3 q
Camarnal	meia.	4 e m.	Paul	1	
Carvalhal	meia.	3 e m.	Penados	1 e m.	3
Casaes	1	4 e m.	Pedra do ouro	meia.	4
Corsoaria	1		Pent. firm. da vet.	2	2 e m.
Espiçandeira	1 e m.	3 e m.	— da mata	1	3 e m.
Estrabeiro	1	3 e m.	Pereiro	1 e m.	2 e m.
Folhandal	meia.	3 e m.	Pipa	1	3
Gataria	1	3	Porcariça	1 e q.	3
Gavinheira	1	3	Porto	1 q.	3 e 3 q
Guizandaria	1	3	Prateiro	1	3

De Alemquer a		T. Vedr.	De Alemquer a		T. Vedr.
A dos Quentes	2		Tojal	1 e m.	3
Santa Quiteria	1		Torre derrub.	meia.	4
Refugidos	meia.	4	Val de Figueir.	meia.	3 e m.
Ribafria	1 e m.	2 e m.	Valverde	1 e m.	3
Serra	1	4	Ventosa	2	
Silv. da Mach.	1	3 e m.	Villa Nova da Rainha	1	3
— do Pinto	1	3			
Sopo	1	3			

§ III—*Roteiro de Lisboa para a villa das* Caldas, *em que se contam quatorze leguas ao Norte*

De Lisboa a Loures 2. A' Cabeça de Montachique 1. Povoa 1. Enxára dos Cavalleiros 1. Mata da Guerra 1. Torres 2. S. Gião 2. Azambujeira 2. Obidos 1. Caldas 1.

Pelas estradas de Runa fazem só treze leguas, que é, passada a Mata da Guerra, tomar a estrada da mão direita, ir a Runa, e sahir á Bugalheira, e assim se evita uma legua.

Por outro caminho, indo pelas villas

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem a Alverca 2. Alhandra 1. Villa Franca 1. Povos 1. Castanheira 1. Moinho novo 1. Ota 1. Cercal 2. Sancheira 2. Caldas 1.

Esta jornada tambem se faz pelo Tejo acima até Villa Nova da Rainha, em que se contam nove leguas, e d'ahi se segue a mesma viagem.

§ IV—*Roteiros traversos das Caldas para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para a cidade de* Leiria, *em que se contam nove leguas ao Nordeste.*

Das Caldas a Selir do Mato 1. A Charnais 1. Valbom 1. Alcobaça 1. Aljubarrota 1. Cruz da legua 1. Batalha 1. Leiria 2.

§ V—*Roteiro das Caldas para* Santarem, *em que se contam sete leguas ao Leste*

Das Caldas á Fanadia 1. Á Mata d'Albergaria 1. Rio Maior 1. Escusa 1. Malhaqueijo 1. Pero Filho 1. Santarem 1.

§ VI—*Roteiro das Caldas para* Peniche, *em que se contam quatro leguas ao Oeste*

Das Caldas a Obidos 1. Ao Furadouro 1. Á Atouguia 1. A Peniche 1.

CAPITULO IV

Roteiro de Lisboa para a cidade de Leiria, *em que se contam vinte e tres leguas ao Norte*

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem até Ota 8. De Ota a Tagarro 2. A' Venda da Agua 1. A' venda da palhoça 1. A' Venda da Costa 1. Aos Candieiros 1. Ao Moliano 2. A' Venda dos Carvalhos 2. A S. Jorge 1. A Leiria 2.

Esta jornada ordinariamente se reputa por vinte e duas leguas, e assim se paga, por serem pequenas as leguas das villas. Note-se que nesta estrada desde a Venda da Costa até á Venda dos Carvalhos é má a passagem, por ser pelo pé da serra; não fallando no Moinho Novo, e no Carregado, que em tempo de inverno é trabalhoso.

§ I—*Roteiro de Leiria para* Coimbra, *em que se contam doze leguas ao Norte*

De Leiria á Vend. dos Machad. 1. D'aqui á Venda do Gallego 1. A' Venda da Boiça 1. A' Venda Nova 1. A' Villa do Pombal 1. A' Villa da Redinha 2. A Porto Qualheiro 1. Ao Cartaxo 1. A Condeixa 1. A Coimbra 2.

Tem alguns ribeiros arrebatados no tempo de inverno.

§ II—*Summario das distancias, que ha de Leiria para as terras da sua correição, e algumas mais circumvizinhas*

De Leiria a

Alcobaça 5 Sud. Alfeizerão 7 Sud. Aljubarrota 4 Sud. Alpedriz 3 Sud. Alvorninha 8 Sud. Atouguia 12 Oest. Batalha 2 Sud. Santa Catharina 3 Sud. Cellas 6 Sud. Coz 3 Sud. Ega 9 Nort. Evora de Alcob. 5 Sud. S. Martinho 7 Sud. Maiorga 4 Sud. Obidos 10 Sud. Ourem 4 Lest. Pederneira 5 Sud. Peniche 11 Sud. Pombal 5 Nord. Porto de mós 3 Sud. Povoa de Mont. 2 e meia. Redinha 7 Nort. Selir do mato 8 Sud. Soure 6 Nort. Turquel 6 Sud.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a villa de Thomar, *em que se contam vinte e duas leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Santarem 14. A' Cruz da entrad. 1. D'ahi a Alviella 1. Depois á Azinhaga 1. A' Gollegã 1. Ponte de Pedra 1. Val de Tancos 1. Guerreira 1. A Thomar 1.

Pelo caminho de Pernes, em que se contam as mesmas vinte e duas leguas, mas é peior estrada.

De Lisboa a Santarem 14. A Pernes 3. A' Zibreira 1. A Torres Novas 1. Ao pé de cão 1. A Paialvo 1. A Thomar 1.

§ I — *Roteiros traversos de Thomar para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para* Abrantes, *em que se contam quatro leguas ao Sueste*

De Thomar a S. Pedro 1. Dahi a Martinchel 1. Á Amoreira 1. A Abrantes 1.

A mesma jornada por Punhete, em que se contam cinco leguas com passagem no Zezere.

De Thomar á Guerreira 1. Ao Monte do Seixo 1. A Punhete 1. Ao Campo da Amoreira 1. A Abrantes 1.

§ II — *Roteiro de Thomar para* Leiria, *em que se contam sete leguas ao Noroeste*

De Thomar a Val dos Ovos 1. A Alcochete 1. Á Aldea da Cruz 1. Ao Homem morto 1. A Sete rios 1. A Leiria 2.

A mesma jornada por Gondomarias, em que se contam as mesmas sete leguas, é peior estrada.

De Thomar a Val dos Ovos 1. Alcochete 1. Pinheiro 1. Gondomarias 1. Sete rios 1. Leiria 2.

§ III — *Roteiro de Thomar a* Coimbra, *indo por Alvaiazere, por onde costuma ir o correio, em que se contam treze leguas ao Norte*

De Thomar á Venda Nova 1. A Ceras 1. Ao Pereiro 1. Alvaiazere 1. Venda das Papas 1. Venda do Negro 1. Anciam 1. Junqueira 1. Rabaçal 1. Fonte cuberta 1. Alcabideque 1. Venda do Cego 1. A Coimbra 1.

A mesma jornada pela Perucha, em que se contam as mesmas treze leguas; mas é estrada melhor para o tempo de verão, que de inverno.

De Thomar a Val dos Ovos 1. A Chão de maçans 1. A rio de couros 1. A Perucha 1. Ao Arneiro 1. A' Pulga 1. A Ancião 1.

Daqui para diante corre a mesma estrada, como no roteiro acima.

A mesma jornada, indo pelo Cabasso, em que se contam as mesmas treze leguas, e é peior caminho, a saber:

De Thomar á Venda Nova 1. Ao Pereiro 2. Ao Cabasso 1. A' Venda do Barqueiro 1. A' Tojeira 1. A' Venda das Figueiras 1. A's Vendas dos Moinhos 1. Ao Pastor 1. A Pudentes 1. A Chão de Lamas 1. A Coimbra 1.

§ IV — *Roteiro de Thomar para* Castello-Branco, *por Villa de Rei, em que se contam quinze leguas ao Nordeste*

De Thomar ás vend. dos Reis 2. Daqui á Barca 1. A' Villa de Rei 1. A Cardigos 2. A' Cortiçada 2. A' Sobreira 1. A Monte gordo 2. A Sarzedas 1. A Castello-Branco 3.

Para todas estas terras vai correio.

§ V—*Roteiro de Thomar para* Ourem, *em que se contam tres leguas ao Noroeste*

De Thomar ao Val dos Ovos 1. A Chão de Maçans 1. A Ourem 1.

§ VI — *Summario das distancias, que ha de Thomar ás Villas da sua Correição*

De Thomar a

Abiul 5 Nor. Aguas Bellas 2 Lest. Aguda 5. Alváres 10 Lest. Alvaro 12 Lest. Amendoa 4 Lest. Arêga 5 Nort. Assinceira 1 e m. Lest. Atalaya 3 Sul.

Chão de conce 6.

Dornes 3 e m. Nort.

Ferreira 2 e m. Suest. Figueiró dos Vin. 6 Nort.

Maçans de cima. 5 Nort. Mação 7 Suest.

Pampilhosa 12 Nord. Paio de Pelle 3 Sul. Pedrogão grande 8 Nort. Pias 3 Nort. Ponte do Sor 10 Suest. Punhete 3 Suest. Pussos 4 Nort.

Sardoal 5 Suest. Sovereira formosa 7 Nord.

Tancos 3 Sul

Villa de Rei 4 Suest.

§ VII — *Roteiro de Lisboa para* Figueiró dos Vinhos, *em que se contam vinte e oito leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Santarem 14. De Santar. ao Borrado. 1 e m.

A' Ponte d'Alviella meia. A' Ponte d'Almonda 1. A' Golegã 1. A' Atalaya 1. A' Assinceira 1 e m. A' Garreira meia A Thomar 1. Ao Pintado 1. A Seras e Frexo 1. Ao Pereiro 1. Ao Rego da murta meia. A Cabaços meia. A' Arega 1. A Figueiró 1.

Esta jornada tambem se faz embarcando-se em Lisboa, e caminhando até Tancos, em que se contam dezanove leguas, e dahi pela Assinceira se segue a mesma derrota.

CAPITULO VI

Roteiro de Lisboa para a villa de Abrantes, *em que se contam vinte e tres leguas ao Nordeste*

De Lisboa até Santarem 14. De Santarem ás Barrocas 1.

A' Ponte d'Alviella 1. A' Ponte d'Almonda 1. A' Golegã 1. A' Cardiga 1. A Tancos 1. A Punhete 1. A Abrantes 2.

Entre Tancos, e Punhete passa o rio Zezere, que tem barca sempre de verão, e de inverno.

§ I—*Roteiros traversos de Abrantes para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para* Castello-Branco, *em que se contam quatorze leguas ao Nordeste*

De Abrantes ao Penascoso 3. Do Penascoso ao Mação 1.
A's Vendas Novas 2. Ao Perdigão 3. Aos Amarellos 3. A Castello-Branco 2.

§ II—*Roteiro de Abrantes para a cidade de* Evora, *em que se contam dezoito leguas ao Sul*

De Abrantes ao Azedo 2. Do Azedo á Ponte do Sor 3.
A' Galvea 2. A Santa Margarida 2. A Cabeção 2. A Pavia 1. A Arrayolos 3. A Evora 3.

Por outra estrada

De Abrantes ao Azedo 2. A' Ponte do Sor 3. A' Galvea 2. A Avis 2. Á Casa branca 2. Ao Vimieiro 2. A Santa Justa 2. A Evora 3.

§ III—*Roteiro de Abrantes para a villa de* Estremoz, *em que se contam quinze leguas ao Sueste*

De Abrantes ao Azedo 2. Dahi á Ponte de Sor 3. A Benavilla 3. Ao Ervedal 2. Ao Cano 2. A Estremoz 3.
Na Ponte do Sor ha uma ribeira, que de inverno admitte passagem em barca para qualquer parte; as outras ribeiras tem pontes.

§ IV—*Roteiro de Abrantes para a cidade de* Portalegre, *em que se contam doze leguas ao Leste*

De Abrantes á Casa branca 3. Dahi ao Gavião 1. A Tolosa 3. A Gafete 1. A Alagoa 2. A Portalegre 2.

CAPITULO VII

Roteiro de Lisboa para a villa de Santarem, *em que se contam quatorze leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem á Povoa 1. A Alverca 1. A Alhandra 1. A Villa Franca 1. A Povos 1. A' Castanheira 1. A Villa-Nova 1. A' Azambuja 1. Ao Cartaxo 2. A Santarem 2.

§ I — *Roteiro de Santarem para Coimbra, em que se contam vinte e tres leguas ao Norte*

De Santarem a Tremes 3. De Tremes a Abrahão 2. A Porto de Mós 3. A Leiria 3. De Leiria aos Machados 1. Ao Pombal 4. A' Redinha 2. A Porto Coelheiro 1. A' Condexa 2. A Coimbra 2.

*

Por outro caminho, em que se contam vinte e uma leguas, a saber:

De Santarem á Golegã 4. A Paialvo 3. A chão de maçãs 2. A's Cacharias 1. Ao Pombal 4.

Daqui para diante se segue a mesma derrota.

§ II—*Summario das distancias, que ha da villa de Santarem ás villas da sua correição*

De Santarem á

Alcanede 4 para Nor. Alcoentre 4 para Poent. Almerim 1 para Suest. Aveiras de cima 4 para Sud. Aveiras de baixo 3 e m. a Sud. Azambuja 4 para Sul. Azambujeira 2 para Poent.

Erra 7 para Sud.—Golegã 4 para Nord.—Lamarosa 6 para Suest.

Monte argil 7 a Lessuest. Mugem 2 para Sul.

Salvaterr. de Mag. 4 para Sul. — Torres Novas 5 para Nord.

§ III—*Summario das distancias que ha da villa de Santarem a alguns lugares do seu Termo*

De Santarem a

Adovagar 3. Agua Peneira 2. Albergaria 2. Alcaidaria 2. Alcanhoins 1. Alcobacinha 1 e m. Alcoentrinho 3. Alforzomel 2. Almoster 2. Alpiarça 1. Aramenha 1. Arrifana 3. Arrezario 2. Arneiro dos Borralh. 1 e meia. Arruda 3. Atalaya 2. Azinhaga 3. Azinheira 3 e meia. Azoia debaixo 1. Azoia de cima 3. Alfouvres 2.

Bairro falcão 2. Bompalreu 2 e meia.

Cabanas 1 e meia. Calla 3. Caparota 2. Carrapateira 2. Carrigueira 4. Carvalho 2. Cartaxo 2. Casal de Santa Maria 2. Casal do Paul 1 e meia. Casaes 1 e meia. Casaes de S. Braz 3. Casaes dos Cardiaes 1 e meia. Casaes de Porto mão 1. Caxalinhos 2. Chouto 4. Corredoira 2. Correas 3. Casevel 3. Chamusca 3. Comeira 3. Curutello 1.

Detrás da Serra 5. D. Belida 2. D. Constança 3.

Eireira 3.—D. Fernando 1 e meia. — Fontainhas meia. Fonte da Pedra 2.

Grainho 1. Gucherre 2.

S. João da Ribeira 3. Joaninho 2.

Lamarosa 3. Lobo morto 4. Louriceira 2. Lourosa 3.

Maçussa 3. Malhaqueijo 2. Marmelheira 3. Monchão 2. Monsarias 1 e meia.

Nabaes 2. — Oiteiro da Vargea 1.

Pero filho 1. Pé da Serra 5. Pimenteira 1. Pombal 2 e meia. Pontêvel 3. Porto de Mugem 2. Pousas 3. Povoa dos Gallegos 1 e meia. Povoa Nova 1 e meia. Povoa de trez 3. Povoa do Baixinho 1 e meia.

De Santarem a

Ribeira de S. João 3. Ribeira de Mugem 3. Ribeira de Pernes 3. Rio Maior 4. Romeira 1 e meia.

Senterra 3. Soudos 1 e meia. Sourisso 3.

Tanquinhos 6. Torre do Bispo 2 Tojosa 2. Topineira 3. Tremes 3. Vallada 3. Valle 1. Val de Figueira 1 e meia. Val de Donzellas 1. Val de Cavallos 2. Val de Pinta 3 Vaqueiros 4. Ventozella 3. Verdelho 2. Villa gateira 1. Vil. Nova d'Almost. 3. Vitureira 2. Virtudes 3 e meia. — Ulme 3.

§ IV—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Torres-Novas, *em que se contam dezanove leguas ao Nordeste*

De Lisboa a Sacavem 2. De Sacavem á Povoa 1. Da Povoa a Alverca 1.

E daqui pela mesma estrada, que assinámos até Santarem, e de Santarem a Torres-Novas, que fazem cinco leguas.

Por outro caminho, em que se contam vinte leguas.

De Lisboa a Loures 2. De Loures ao Trocifal 4. A Torres Vedras 1. Ao Ramalhal 2. A Martim Joannes 1. A' quinta de D. Durão 1. A' Venda da Pia 1. A Rio maior 1. A Alcanede 3. A Torres Novas 4.

§ V—*Summario das distancias que ha da villa de Torres Novas para algumas terras circumvizinhas*

De Torres-Novas a

Abrantes 5 Sueste. Aceisseira 2 Lest. Atalaya 1 Nord. Golegã 1 Sul. Leiria 7 Nort. Porto de Mós 4 Noroest. Punhete 3 Sueste. Ourem 3 Nort. Santarem 5 Suduest. Tancos 2 Sueste. Thomar 3. Nordest. Ulme 4 Sul.

CAPITULO VIII

Roteiro de Lisboa para Setubal, *em que se contam seis leguas ao Sul*

De Lisboa á Moita por mar 3. Dahi aos Olhos da agua 1. Dahi a Palmella 1. A Setubal 1.

Por outro caminho

De Lisb. a Alhos Vedr. por mar 2 e m. Dahi aos Olhos da agua 1 e m. Dahi a Setubal 2.

Por outro caminho

De Lisb. ao Barreir. por mar 2. Dahi a S. Anton. da Charneca 1. A' Barra cheia 1. A Palmella 1. A Setubal 1.

Por outro caminho

De Lisb. a Coina por mar 3. Dahi a Azeitão 1 e m. Dahi a Setubal 1 e m.

Por outro caminho

De Lisboa ao Seixal por mar 2. Dahi a Coina 1. De Coina a Setubal 3.

Por outro caminho

De Lisboa a Cassilhas por mar 1. Dahi ao rio do Judeo 1 e m. Dahi a Coina 1 e m. Dahi a Setubal 3.

§ I—*Roteiro de Setubal para* Monte-mór o Novo, *em que se contam onze leguas ao Nascente*

De Setub. a Aguas de Moura 3. Dahi á Landeira 1. A Cabrella 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2.

Por outro caminho

De Setubal ao Espilra 4 e m. Dahi ás Vendas Novas 2 e m. Dahi ás Silveiras 2. A Monte-mór 2.

§ II—*Roteiro de Setubal para* Alcacer do Sal, *em que se contam sete leguas ao Sueste*

De Setub. a Aguas de Moura 3. A Palma 2. A Albergue 1. Alcacer 1.

§ III—*Summario das distancias, que ha de Setubal ás villas da sua Correição*

De Setubal a

Alcacer do Sal 7 Sul. Alcochete 4. Nort. Aldea Gallega 4 Nort. Alhos Vedros 3 Nort. Almada 6 Noroest. Azeitão 1 e m. Nort. Barreiro 4 Noroest. Cabrella 7. Camora Correa 8 Nordest. Canha 7 Lest. Cezimbra 4 Oest. Coina 3 Noroest. Grandola 12. Lavradio 4 Noroest. Moita 3 Nort. Palmella 1 Nordest.

—

DIVISÃO II

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da Provincia do Alemtejo

Chama-se esta provincia Alemtejo, ou Transtagana, por ficar da outra parte do rio Tejo a respeito da cidade de Lisboa. Divide-se dos rei-

nos de Castella, especialmente da sua Estremadura, pela parte do nascente, e por este lado tem de comprimento quarenta leguas, contando desde Mertola a Montalvão. Pela banda do sul confina com a provincia, e reino do Algarve, de quem o separa a Serra de Monchique, logrando por esta raia só vinte leguas pouco mais, ou menos de largura. Ao poente lhe fica o mar Oceano servindo de margem, e pelo norte o aparta o Tejo da Beira, e Estremadura portugueza.

É a mais plana entre as outras provincias do reino, de menos montes, e poucos rios, mas de grandes charnecas; abundante de pão, caça, e vinho, e por isso com grande commodidade para sustentar exercito moderado, tendo servido por varias vezes o seu terreno de theatro da guerra, de que procede conservar lugares, e praças de armas muito bem fortificadas. Tambem é a provincia, por onde se póde caminhar por postas, e a que tem melhores estalagens, e mais bem providas para commodo dos passageiros. Consta de oito comarcas, para as quaes daremos roteiros utilissimos.

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a cidade de Evora, *em que se contam vinte leguas ao Sueste*

De Lisboa a Aldea Gallega 3. D'ahi aos Pégões 5. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór o Novo 2. A Patalim 2 e m. A Evora 2 e m.

§ I — *Roteiros traversos de Evora para outras povoações circumvizinhas, e primeiramente para a* Moita, *em que se contam dezoito leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. A' Cabrella 2. A Aguas de Moura 3. A' Moita 6.

§ II — *Roteiro de Evora para* Alhos Vedros, *em que se contam dezoito leguas e meia ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. A Aguas de Moura 5. A Alhos Vedros 6 e m.

§ III — *Roteiro de Evora para o Lavradio, em que se contam doze leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. A's Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Aguas de Moura 3. Ao Lavradio 7.

§ IV — *Roteiro de Evora para o* Barreiro, *em que se contam dezanove leguas e meia ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. A's Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Aguas de Moura 3. Ao Barreiro 7 e m.

§ V—*Roteiro de Evora para* Cacilhas, *em que se contam vinte e uma leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Aguas de Moura 3. A Palmella 3. A Cacilhas 6.

§ VI—*Roteiro de Evora para* Almada, *em que se contam vinte e duas leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5.

E d'ahi segue a mesma estrada até Palmella, que fazem quinze leguas; e de Palmella até Almada, que fazem sete, e por todas as vinte e duas.

§ VII—*Roteiro de Evora para* Setubal, *em que se contam dezaseis leguas ao Poente*

De Evora a Monte-mór 5. D'ahi ás Silveiras 2. D'ahi a Setubal 9.

§ VIII—*Roteiro de Evora para* Alcacer do Sal, *em que se contam nove leguas ao Poente*

De Evora á Torre da Gesteir. 2. A Santiago do Escoiral 2. A Rio Mourinho 2 e m. A Alcacer do Sal 2 e m.

§ IX—*Roteiro de Evora para* Garvão, *em que se contam dezoito leguas ao Sul*

De Evora a Aguiar 4. D'ahi a Viana 1. A Villa Nova 1. A Ferreira d'Aves 3. Aos Longueiros 2. A Aljustrel 2. A' Defeza 3. A Garvão 2.

Nesta jornada entre os Longueiros, e Aljustrel se tem de passar a ribeira chamada do Roxo.

§ X—*Roteiro de Evora para* Mertola, *em que se contam vinte leguas ao Sul*

De Evora a Aguiar 4. A Agua de Peixes 2. A Villa Ruiva 1. A' Cuba 1. A Beja 3. Ao Valcovo 8. A Mertola 1.

Nesta derrota se passam algumas ribeiras, e rios, o Garavia, o Tegrès, e o Cobres.

§ XI—*Roteiro de Evora para* Serpa, *em que se contam doze leguas ao Sul*

De Evora á Torre dos Coelheir. 3. A Benalvergue 2. A' Vidigueira 2. A Serpa 5.

Passam-se nesta jornada as ribeiras Morteira, e de Peixes.

§ XII—*Roteiro de Evora para* Moura, *em que se contam onze leguas ao sueste*

De Evora a S. Mig. do Machede 1. A Monte de trigo 3. A Amieira 2. A Alqueva 1. Ao rio Guadiana 2. A Moura 2.

§ XIII—*Roteiro de Evora para* Mourão, *em que se contam nove leguas ao nascente*

De Evora á Vendinha 3. D'ahi ao Reguengo 1. D'ahi ao Mourão 3. Passa-se por aqui o rio Guadiana, que divide as duas villas Monsarás, e Mourão fronteiras, e uma legua distantes.

§ XIV—*Roteiro de Evora para* Elvas, *em que se contam doze leguas ao nordeste*

De Evora a Evora Monte 4. A Estremoz 2. A Elvas 6.

§ XV—*Roteiro de Evora para* Olivença, *em que se contam doze leguas ao nascente*

De Evora ao Alandroal 7. A Jurumenha 3. A Olivença 2.

§ XVI—*Roteiro de Evora para* Campo-maior, *em que se contam quatorze leguas ao nordeste*

De Evora a Estremoz 6. A Campo-maior 8.

§ XVII—*Roteiro de Evora para* Portalegre, *em que se contam quatorze leguas ao nordeste*

De Evora a Souzel 7. A Fronteira 2. A Portalegre 5.

§ XVIII—*Roteiro de Evora para a* Ponte do Sor, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

De Evora ao Vimieiro 5. A Avis 4. A' Ponte do Sor 5.

§ XIX—*Roteiro de Evora para* Tancos, *em que se contam dezanove leguas ao norte*

De Evora a Arraiolos 3. A Pavia 3. A Cabeção 1. A Montargil 3. A Tancos 9.

§ XX—*Roteiro de Evora para* Santarem, *em que se contam doze leguas ao noroeste*

De Evora a Monte-mór 5. A Lavre 3. A Coruche 4.

§ XXI—*Roteiro de Evora para* Benavente, *em que se contam dezasete leguas ao noroeste*

De Evora a Monte-mór 5. A's Silveiras 2. A's Vendas Novas 2. A Benavente 8.

§ XXII— *Roteiro de Evora para* Coruche, *em que se contam doze leguas ao noroeste*

De Evora a Monte-mór 5. A Lavre 3. A Coruche 4.

§ XXIII—*Roteiro de Evora para* Marvão, *em que se contam dezaseis leguas ao nordeste*

De Evora a Souzel 7. Á Fronteira 2. A Portalegre 5. A Marvão 2.

§ XXIV—*Summario das distancias, que ha de Evora ás villas da sua correição*

De Evora a

Aguias 7 Noroest. Alcaçovas 5 Sudnest. Canal 6 Lesnord. Estremoz 6 Nordest. Lavre 8 Poente. Monte-mór 5 Noroest. Montouto 5 Nascente. Pavia 6 Noroest. Viana 5 Sul. Vimieiro 5 Nordest.

§ XXV— *Summario das distancias, que ha de Evora a outras povoações*

De Evora a

Alvito 6 Sul. Alter do Chão 11 Nort. Alter Pedroso 11 Nort. Azeitão 16 e m. Poent.

Beja 9 Sul. Benavilla 8. Nort. Borba 8 Nord.

Cabeço de vide 11 Nord.

Erra 12 Noroest. Erveilal 7 Nort. Fronteira 9 Nordest. Monçarás 9 Nascent. Moura 7 Nort. Portel 6 Suest. Redondo 5 Nordest. Torrão 7 Sudnest. Veiros 8 Nordest. Villa de Frades 7 Sul. Villa Viçosa 8 Nordest.

§ XXVI—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Estremoz, *em que se contam vinte e uma leguas ao Nascente*

De Lisboa aos Pégões 3. A Vendas Novas 3. A Monte-mór 4. A Arrayolos 3. A' Venda do Duque 3. A Estremoz 3.

§ XXVII — *Roteiro de Estremoz para* Portalegre, *em que se contam oito leguas ao Norte*

De Estremoz a Veiros 2. A Monforte 2. A Portalegre 4.

§ XXVIII—*Roteiro de Estremoz para a villa de* Moura, *em que se contam treze leguas ao Sul*

De Estremoz ao Alandroal 3. A Terena 1. A Monçarás 3. A Mourão 1. A Moura 5.

§ XXIX—*Roteiro de Lisboa a* Monte-mór o Novo, *em que se contam quinze leguas*

De Lisboa a Aldea Galega 3. Aos Pégões 5. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2.

§ XXX—*Roteiro de Monte-mór a* Elvas, *em que se contam quinze leguas*

De Monte-mór a Arrayolos 3. A' Venda do Duque 3. A Estremoz 3. A Elvas 6.

§ XXXI—*Roteiro de Monte-mór a* Béja, *em que se contam doze leguas*

De Montem. a Sant. do Escoir. 2. A Vianna 4. A Alvito 1. A Béja 5.

§ XXXII—*Roteiro de Monte-mór a* Evora, *em que se contam cinco leguas*

De Monte-mór a Patalim 2 e m. A Evora 2 e m.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para Béja, *em que se contam vinte e duas leguas ao sueste*

De Lisboa á Moita 3. D'ahi á Palhota 2. A Aguas de Moura 3. A Porto Carvalho 2. A Rio Mourinho 2. Ao Torrão 3. A Alfundão 4. A Béja 3.

Por outro caminho, que seguem os almocreves

De Lisboa á Moita 3. A' Palhota 2. A Aguas de Moura 3. A Palma 2. A Alberge 1. A Porto de Lama 2. A' Palhota 2. A' Quint. de D. Rodrig. 1 e m. A Odivellas 3. A Alfundão 1 e m. A Béja 3.

Por outro caminho, que seguem os estafetas

De Lisboa a Aldea Gallega 3. D'ahi ás Rilvas 2. Aos Pégões 3. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2. A. S. Braz 4. A Viana 2. A Alvito 1. A Beja 5.

Por outro caminho, que seguem as carruagens

De Lisb. a Aldea Gallega 3. D'ahi até ás Silveiras 10. A Santiago do Escoiral 3. A S. Braz 3. A Viana 2. A Agua de Peixes meia. A Villa Ruiva 1. A' Cuba 1 e m. A Béja 3.

§ I—*Summario das distancias, que ha da cidade de Beja ás villas da sua Correição*

De Beja a

Agua de Peixes 4. Nort. Albergaria 4 Nort. Alvito.

Beringel 1 Nort.—Faro 3 Nort. Ferreira 3. Poent. Ficalho 8 Nasc. Moura 7 Nasc.—Odemira 14 Poent. Oriola 5 Nort.

Portel.—Serpa 4. Suest.—Torrão 7 Nort.

Vidigueira 4 Nord. Villa de Frades 4 em. Nord. Villa Alva 4 em. Nort. Villa Ruiva 5 Nort. Villa-Nov. de Alv. 6 Nort.

§ II—Roteiro *de Lisboa para a villa de* Odemira, *em que se contam vinte e sete leguas ao sul*

De Lisboa á Moita por mar 3. Da Moita a Setubal 3. A' Comporta por mar 3. A Melides por charneca 6. A. Santiago de Cacem 3.

Este transito, que é de charneca, e arêas, tem tambem duas ribeiras pequenas, que passar.

De Santiago ao Cercal 4. Do Cercal a Odemira 5.

Estas cinco leguas do Cercal a Odemira é caminho de serra, porèm soffrivel; e ha um ribeiro, em que entra a maré, que de inverno tem suas enchentes. Toda esta derrota é a ordinaria.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3. A Marateca 5. A Aguas de Moura 2.

Aqui se passa uma ribeira grande.

De Aguas de Moura á Palma 2.

Neste caminho, supposto ser de charneca, ha tambem outra grande ribeira.

De Palma a Alcacer 2.

Ha aqui outra ribeira.

De Alcacer á Grandola 4.

Estas quatro leguas todas são de charneca.

De Grandola a Odemira 11.

Entre o espaço destas onze leguas ha cinco ribeiras, que passar: uma tem ponte, as mais são caudalosas de inverno, e não tem ponte.

§ III—Roteiro *de Lisboa a* Messejana, *em que se contam vinte e uma leguas*

De Lisboa á Moita 3. A Palhota 2. A Aguas de Moura 3. A Palma 2. A Alberges 1. A Alcacer do Sal. 1. A Val de juizo, ou Arcão 1. A Niza 3. Bairros 1. Alvallade 2. Messejana 2.

Em todas estas terras ha soffriveis estalagens.

Por outro caminho

De Lisboa pela mesma estrada até Alberges 11. A Val de Reis meia. A Porto de Lama meia. Quinta de D. Rodrigo 2. Agua do poço 1. Figueira dos Cavalleiros. 2. A Messejana 4.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3. A Palmella 2. Setubal 1. Comporta por mar 3. Grandola 6. Alvalade 5. Messejana 2.

O correio vai a Messejana, que dista seis leguas grandes com duas ribeiras, de que uma chamada a Douroana, é caudalosa de inverno. Por Garvão se evita por ter duas pontes, porém é mais distante. De Messejana passa o correio a Beja, em que ha uma ribeira grande, e caudalosa, outra mais pequena, e são seis leguas; de sorte que dista Odemira de Beja doze leguas, ficando-lhe o Campo de Ourique, e sua comarca de permeio.

As villas de Campo de Ourique, com quem ha mais communicação, são estas :

Garvão que dista de Odemira 4. De Garvão a Ourique 2. De Ourique a Almodovar 3. De Almodovar á de Collos 4. A Sines 9.

Com o reino do Algarve ha tambem communicação, por ser Odemira a ultima da Provincia do Alemtejo. D'ella dista Lagos onze leguas sem embaraço dos rios, por haver barcos certos, e promptos.

§ IV—*Roteiro de Lisboa para* Alvito, *em que se contam dezoito leguas ao sueste*

De Lisboa á Moita 3. D'ahi a Aguas de Moura 5. A Porto Carvalho 2. A's Alcaçovas 5. A Villa Nova 2. A Alvito 1.

Por outro caminho, que é indo por Monte-mór, por onde vai o estafeta, e são vinte e duas leguas.

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Aos Pégões 5. A's Silveiras 5. A Monte-mór 2. A Viana 6. A Alvito 1.

Por outro caminho se contam vinte leguas, indo por Palma.

De Lisboa á Moita 3. A Aguas de Moura 5. A Palma 2. A Alcacer 2. Ao Torrão 5. A Alvito 3.

§ V— *Summario das distancias, que ha de Alvito ás terras principaes circumvizinhas*

De Alvito a

Aguiar 2 Nort. Alcacer 8 Noroest. Beringel 3 Sul. Cuba 3 Sul. Evora 6 Nordest. Ferreira 3 Suduest. Portel 4 Nascent. Torrão 3 Poent. Viana 1 Nort. Villalva 1 Suest. Vidigueira 3 Suest.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para Villa-Viçosa, *em que se contam vinte e seis leguas e meia ao nascente*

De Lisboa até Monte-mór 15. Dahi a Arrayolos 3. A' Venda do Duque 3. Estremoz 3. A Villa-Viçosa 2 e m.

Por outro caminho

De Lisboa a Monte-mór 15. A Evora 5. A' Venda do Redondo 4. A Villa-Viçosa 4.

§ I — *Roteiros traversos de Villa-Viçosa para algumas terras circumvizinhas, e principalmente para* Portalegre, *em que se contam oito leguas ao norte*

De Villa-Viçosa a Monforte 4. A Portalegre 4.

§ II—*Roteiro de Villa-Viçosa para* Olivença, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

De Villa-Viçosa ao Forte 1 e m. A Jurumenha 1 e m. A Olivença 2.

§ III—*Roteiro de Villa-viçosa a* Mourão, *em que se contam seis leguas ao sul*

Ds Villa-viçosa ao Alandroal 1. D'ahi a Terena 1. A Monçarás 3. A Mourão 1.

§ IV— *Summario das distancias, que ha de Villa-viçosa ás terras de sua correição*

De Villa-viçosa a

Alter do Chão 7 Noroest. Arraiolos 8 Poente. Borba m. Poent. Chancellaria 10 Noroest. Evora-Monte 4 Poent. Monçarás 5 Sul. Monforte 4 Nort. Portel 9 Suduest. Sousel 4 Noroest. Villa-Boim 3 Nordest. Villa Fernand. 3 e m. Nort.

§ V — *Roteiro de Lisboa para* Arraiolos, *em que se contam dezoito leguas ao nascente*

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Aos Pégões 5. A's Vendas Novas 3. A's Silveiras 2. A Monte-mór 2. A Arraiolos 3.

Por outro caminho

De Lisboa a Aldea Gallega 3. A Rilva 1. A Canha 4. A Lavre 4. A Arraiolos 5.

Por outro caminho

De Lisboa a Escaroupim 12. A N. S. da Gloria 2. A Coruche 2. A N. S. das Brotas 5. A Arraiolos 3.

§ VI—*Roteiro traverso de Arraiolos para* Tancos, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

De Arraiolos a Pavia 3. A Cabeção 1. A Montargil 3. A Tancos 7.

§ VII — *Roteiro de Arrayolos para* Elvas, *em que se contam doze leguas ao Nordeste*

De Arrayolos a Estremoz 6. A Elvas 6.

§ VIII—*Summario das distancias, que ha de Arrayolos a outras terras circumvizinhas*

De Arrayolos a

Aguias 3 Nort. Avis 6 Nort.—Coruche 8 Noroest.—Evora-Monte 4 Nascent.—Monte-mór 3 Pocnt.—Pavia 3 Nort.—Vimieiro 2 Nordest.

CAPITULO IV

Roteiro de Lisboa para a cidade de Elvas, *em que se contam trinta leguas ao nascente*

De Lisboa até Monte-mór o Novo 15. Dahi a Arraiolos 3. A' Venda do Duque 3. A Estremoz 3. A Alcaraviça 2. A Elvas 4.

§ I—*Summario das distancias, que ha de Elvas ás villas da sua Correição*

De Elvas a

Barbacena 2 Noroest.—Campo-Maior 3. Nort. — Mourão 8 Sul.—Olivença 4 Sul. Ouguella 4 Nort. Terena 5 Suduest.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a cidade de Portalegre, *em que se contam trinta leguas ao nascente*

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Dahi até Arraiolos 15. De Arraiolos ao Vimieiro 2. A Souzel 3. A Fronteira 2. A Portalegre 5.

Por segundo caminho, em que se contam trinta e duas leguas.

De Lisboa a Aldea Gallega 3. Dahi a Arraiolos 15. Dahi a Estremoz 6. A Monforte 4. A Portalegre 4.

Por terceiro caminho

De Lisboa a Escaroupim 11. A' Ponte de Sor 12. A' Chancellaria 3. Ao Crato 2. A Portalegre 4.

Por quarto caminho mais obliquo

De Lisboa até Santarem 14, e de Santarem á Gollegã 5. A Tancos 2. A Punhete 1. A Abrantes 2. A' Casa branca 3. Ao Gavião 1. A Gafete 4. A Portalegre 4.

§ I — *Roteiro de Portalegre a* Elvas, *em que se contam oito leguas ao sueste*

De Portalegre a Assumar 3. A Aldea de Santa Olaia 2. A Elvas 3.

§ II—*Roteiro de Portalegre a* Campo Maior, *em que se contam oito leguas ao sueste*

De Portalegre a Arronches 4. A Campo Maior 4.

§ III—*Summario das distancias, que ha de Portalegre para as villas da sua correição*

De Portalegre a

Alegrete 2 Sul. Alpalhão 4 Noroest. Arronches 4 Sul. Assumar 3 Sul. Arez 6 Poent.
Castello de Vide 2 Nordest.
Marvão 2 Nordest. Meadas 5 Nascent. Montalvão 6 Noroest.
Niza 6 Noroest. Povoa 4 Nort. Villa Flor 6 Noroest.

CAPITULO VI

Roteiro de Lisboa para o Crato, *em que se contam vinte e oito leguas ao nascente*

De Lisboa a Escaroupim 11.
Dahi segue-se a mesma derrota pela estrada, que fica apontada no terceiro caminho de Portalegre.

§ I—*Summario das distancias, que ha da villa do Crato ás villas da sua correição*

Do Crato a

Alvaro 15. Amieira 4. Nort.—Belver 5 Nornor.
Cardigos 9 Nort. Carvoeiro 7 Nort. Certã 12 Nort. Cortiçada. *Vid.* Proença a Nov.
Envendos 6 Nort. — Gáfete 2 Nort. Gavião 5 Noroest. — Olleiros 14 Nort.
Pedrogão pequen. 10 Nort. Proença a Nova 9 Nort.
Tolosa 3 Nort. — Villa-Nova de Cardig. *ut sup.* Villa-Nova de São João de Gáfete, *ut supra.*
Da Villa de Alvaro só pertence ao Priorado do Crato a jurisdição Ecclesiastica.
Da Villa de Cardigos só lhe pertence a jurisdição secular.

CAPITULO VII

Roteiro de Lisboa para a villa de Ourique, *em que se contam vinte e cinco leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, a Palmella 2, a Setubal 1, á Comporta 3, a Grandola 6, a Alvalede 5, a Ourique 5.

§ I—*Roteiro de Lisboa para* Messejana, *em que se contam vinte e uma leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, Dahi á Palhota 2, a Aguas de Moura 3, a Palma 2, a Alberges 1, a Alcacer do Sal 1, a Val de Guizio 1, a Nisa 3. aos Bairros 2, a Alvalade 1, a Messejana 2.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3, dahi até Alberges 8, de Alberges a Val de Rei m., a Porto de Lama m., á Quinta de D. Rodrigo 2, a Agua do passo 1, á Figueira dos Cavalleiros 2, a Messejana 4.

§ II—*Summario das distancias, que ha de Ourique ás villas da sua correição*

De Ourique a

Aljustrel 4 nort. Almodovar 3 sul. Alvalade 4 nort. Castro Verde 2 nord. Collos 4 poent. Entradas 4 nord. Garvão 2 poent. Mertola 8 nasc. Messejana 4 nort. Padrões 4 nasc. Panoias 3 nort. Santiago de Cacem 8 nor. Sines 9 poent. Villa Nova de Mil fontes 8 poent.

—

DIVISÃO III

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da provincia da Beira

Já disse na 1.ª Parte do «Mappa de Portugal», que esta Provincia se chama Beira, por ser antigamente habitada dos povos Berones, segundo affirma fr. Bernardo de Brito. Fica no coração do reino; e das partes, em que elle se divide, é ella a maior porção, grandemente montuosa, e com alguns rios arrebatados. Dão-lhe os geografos trinta e seis leguas de compido, e outras tantas de largo, pouco mais, ou menos. Para commodidade dos passageiros é o terreno fertil, e em partes ameno; posto que em algumas estalajens não se experimente tão bom tratamento, como em outras Provincias.

Os francezes, e italianos, costumados á delicia dos seus paizes, e abundancia das ostarias, são os mais queixosos, quando chegam a transitar, ou girar por estas partes; e assim recommendam nas instrucções,

que fazem para os viajores, levem comsigo aquella provisão, que fôr possivel, por não experimentarem a penuria das estalajens da Beira. Em algumas assim é, em outras não, porque em toda a parte ha um bocado de mão caminho, e é necessario attender ao estylo dos paizes, e á frequencia dos passageiros.

CAPITULO I

Roteiro de *Lisboa para a cidade de* Coimbra, *em que se contam trinta e quatro leguas ao norte*

De Lisboa a Sacavem 2, de Sacavem á Povoa 1, a Alverca 1, a Alhandra 1, a Villa Franca 1, a Povos 1, á Castanheira 1, a Villa Nova 1, Azambuja 1, Cartaxo 2, Santarem 2, Lagar 1, Ponte d'Alviella 1, Almonda 1, Gollegã 1, Espraganal 1, Lamarosa 1, Paialvo 1, S. Lourenço 1, Chão de Maçans 1, Rio de Couros 1, Perucha 1, Arneiro 1, Gaita 1, Ancião 1, Junqueira 1, Rabaçal 1, Fonte Cuberta 1, Alcabedeque 1, Venda do Cego 1, Coimbra 1.

Por outro caminho, que se aparta na Castanheira, e é melhor para tempo de inverno, e nesta jornada contam-se vinte e seis leguas da Castanheira por diante, a saber:

De Lisboa á Castanheira 8, da Castanheira ao Moinho Novo 1, a Ota 2, a Tagarro 2, á Venda da Costa 3, ao Laranjo 2, aos Carvalhos 2, á Batalha 2, a Leiria 2, ao Pombal 2, á Redinha 2, a Porto Coelheiro 2, a Condeixa 2, a Coimbra 2.

§ I — Roteiros *traversos de Coimbra para algumas terras principaes circumvizinhas, e primeiramente para* Aveiro, *em que se contam nove leguas ao noroeste*

De Coimbra aos Fornos 1, dahi aos Marcos 1, a Mortede 1, á Venda Nova 1, a Samel 1, a Mamarosa 1, a Palhaça 1, ao Salgueiro 1, a Aveiro 1.

§ II—Roteiro *de Coimbra para o* Porto, *em que se contam dezoito leguas ao norte*

De Coimbra aos Fornos 1, dahi ao Carquejo 1, á Mealhada 1, a Pedreira 1, a Avelans 1, a Aguada 1, ao Sardão 1, ao Vouga 1, a Albergaria Nova 1, a Albergaria Velha 1, ao Pinheiro 1, a Oliveira de Azemeis 1, a Santo Antonio 1, a Souto redondo 1, a Grijó 1, aos Carvalhos 1, ao Porto 2.

§ III—Roteiro *de Coimbra para* Viseu, *em que se contam treze leguas ao nordeste*

De Coimbra a Eiras 1, a Botão 1, ao Galhano 1, a S. Antonio do Cantaro 1, a Freirigo 1, ao Barril 1, ao Criz 1, ao Casal de Maria 1, a S. Joaninho 1, a Tondella 1, á Sabugosa 1, a Fail 1, a Viseu 1.

§ IV—*Roteiro de Coimbra para a* Guarda, *em que se contam vinte e duas leguas ao nascente*

De Coimbra ás Torres 1, aos Carvalhos 1, a Algacia 1, a Santo André 1, á Ponte de Murcella 1, aos Poços 1, á Moita 1, á Venda do Valle 1, á Venda do Porco 1, a Galizes 1, á Chamusca 1, a Torrozelo 1, á Maceira 1, a Pinhancos 1, a Vinhó 1, a Sampayo 1, á Villa Cortez 1, a Cortiçó 1, a Celorico 1, á Lagiosa 1, á Faia 1, á Guarda 1.

§ V—*Roteiro de Coimbra para o porto de* Figueira, *em que se contam sete leguas ao poente*

De Coimbra a Faveiro 1, á Pereira 1, a S. Barão 1, a Monte-mór 1, a Maiorca 1, ao Minhoto 1, á Figueira 1.

Para Buarcos são oito leguas, seguindo a mesma derrota.

§ VI—*Roteiro de Coimbra para a* Lapa, *em que se contam dezanove leguas ao nordeste*

De Coimbra a Eiras 1, ao Botão 1, ao Galhano 1, a Mortagua 3, a Brida 1, a S. Joaninho 2, a Tondella 1, á Sabugosa 1, a Fail 1, a Viseu 1, a Cavernais 1 e m., á Pedrosa 1, ás Fontainhas 1, ao Oiteiro de Ferreira 1 e m. á Lapa 1.

§ VII—*Summario das distancias, que ha da Lapa a algumas terras principaes circumvizinhas*

Da Lapa a

Armamar 5, Cernancelhe 1, Cerolico 5, Freixo de Nemão 6, Guarda 9, Lamego 6, Leomil 2.

Penella da Beira 4, Pesqueira 7, Pinhel 8, Ranhados 4.

Torre de Moncorvo 10. Trancoso 4, Trevões 5.

Villa Nova de Foscôa 8, Villa Real 9.

§ VIII—*Summario das distancias, que ha de Coimbra ás villas de sua correição*

De Coimbra a

Alvayazere 8 sul. Ançã 2 sul. Ancião 6 sul. Arganil 7 nascent. Avó 9 nascente.

Bobadella 12 nascent. Botão 2 nordest. Buarcos 8 poent.

Cantanhede 4 noroest. Carvalho 4 sul. Celevisa 6 nascent. Cernaxe dos alhos 2 sul. Coja 8 nascent. S. Comba Dão 6 nordest.

Esgueira 8 e m. nort. Fajão 9 nascent. Goes 5 nascent.

Mira 7 noroest. Mirand. do Corvo 4 suest.

Pena Cova 3 nort. Pereira 2 poent. Podentes 3 nasc. Pombalinho 4 sul. Pombeiro 5 nasc. Pov. de S. Christin. 2 e m. nort.

*

De Coimbra a

Rabaçal 3 nort. Redondos 6 sul. Tentugal 2 poent.

Vacariça 3 nort. Villa Nova d'Anços 4 poent. Villa Nova de Monç. 1 nort.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para as villas de Esgueira, *e* Aveiro, *em que se contam quarenta e duas leguas ao norte, indo passar a barca no campo de Coimbra*

De Lisboa á Castanheira 8, ao Carregado 1, ao Moinho novo 1, a Ota 1, a Tagarro 2, á Venda d'Agua 2, á Palhota 1, á Venda da Costa 1, aos Candieiros 1, ao Boliano 2, aos Carvalhos 1, a S. Jorge 1, á Cortiça 1, a Leiria 1, aos Machados 1, aos Crespos 3, á Almagreira 2, ás Casas Velhas 1, a Villa Nova d'Anços 1, a Fermozelhe 1, a Pereira 1, a Tentugal 1, a Villa Nova 1, a Cantanhede 1, á Camarneira 1, á Mamarosa 1, á Palhaça 1, ao Salgueiro 1, a Esgueira meia, a Aveiro meia.

Por outro caminho já fica assinado no § 1. do cap. 1. d'esta Divisão III.

§ I—*Roteiro traverso de Aveiro para o* Porto, *em que se contam dez leguas ao norte*

De Aveiro a Ovar por barco 5, de Ovar a Cortegaça 1, a Paramos 1, ao Corvo 1, ao Chamorro 1, ao Porto 1.

Por outro caminho, para quem não quer ir embarcado.

De Aveiro a Angeja 1, a Salreu 1, a Santiaes 1, a Vanca 1, á Ponte Nova 1, a Cortegaça 1, a Paramos 1, ao Corvo 1, ao Chamorro 1, ao Porto 1.

Advirta-se, que ainda que não se vá ao Porto pelo rio, sempre em Angeja se passa a barca em tempo de inverno.

§ II—*Roteiro de Aveiro para* Viseu, *em que se contam onze leguas ao nascente*

De Aveiro a Eixo 1, á Palhaça 1, á Arrancada 1, á dos Ferreiros 1, a Cabeça de cão 1, á Urgueira 1, a Monte tezo 1, á Portella 1, a S. Miguel de Oiteiro 1, á Cruz alta 1, a Viseu 1.

§ III—*Roteiro de Aveiro para* Vousella, *em que se contam nove leguas ao nascente*

De Aveiro á Palhaça 2, á Arrancada 1, á dos Ferreiros 1, ás Talhadas 1, ás Bemfeitas 1, a Ponte fóra 1, a Santiaguinho 1, a Vousella 1.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para a cidade de Viseu, *em que se contam quarenta e sete leguas ao nordeste*

Este itinerario já fica explicado acima na derrota de Coimbra, e dahi para Viseu, e assim é superfluo repetil-o.

§ I—*Roteiro traverso de Viseu para* Lamego, *em que se contam nove leguas ao norte*

De Viseu ao Campo 1, á Ponte do Almargem 1, a Rio de Mel 1, a Mamouros 1, ao Crasto 1, á Senhora da Ouvida 1, a Bigorne 1, á Cruz da Cam. 1, a Lamego 1.

§ II—*Roteiro de Viseu para a* Guarda, *em que se contam dez leguas ao nascente*

De Viseu a Fagilde 1, a Quintella 1, ás Chans 1, a Fornos 1, a Figueiró 1, a Cerolico 1, a Lagiosa 1, ao Porto de Carne 1, a Cabadoide 1, á Guarda 1.

§ III—*Summario das distancias, que ha de Viseu ás villas, e concelhos, da sua correição*

De Viseu a

Alva 3 nasc. Azere 5 sul. Azurara 2 suest.
Banho 3 noroe. Barreiro 1. sul. Bésteiros 3 sul. Bohadella 7 sul.
Canas de Sabugosa 2 sul. Canas de Senhorim 3 sul. Candosa 5 sul. Coja 8 sul. Currellos 4 sul.—Enfias 6 nasc.
Ferreira d'Aves 4 nasc. Folhadal 3 e m. sul.
Gafanhão 4 nort. Guardão 4 poent. Gulfar 4 nasc.
Lafões 3 noroe. Lagares 5 noroe.
Moens 3 nort. Mortagua 7 sul. Mourás 3 e m. sul.
Nogueira 7.—Oliv. do Conde 5 sul. Oliv. de Frades 4 noroe. Oliv. do Hospital 6 sul. Ovoa 6 sul.
Penalva d'Alva 8 suest. Penalva do Castell. 3 suest. Persellada 6. Pinheir. de Azere 6 sul. Povolide 2 m. nort.
Ranhados 1 q. nasc. Reriz 5 nort.
Sabugosa 2 poent. S. João de Areas 5. S. João do Monte 5. Sandomil 7 sul. Santa Comba Dão 5 poent. S. Pedro do Sul 3 noroe. Satam 3 nasc. Senhorim 2. Silvares 5 sul. Sinde 5 sul.
Taboa 6 sul. Tavares 3 m. nasc. Trapa 4 noroe. Treixedo 4 suest.
Vide de Foz de Piodão. Villa-Cova de Sub. 8 suest. Villa do Sul 4 nort.

CAPITULO IV

Roteiro de Lisboa para a cidade de Lamego, *em que se contam cincoenta e cinco leguas ao nordeste*

Esta derrota se faz indo de Lisboa até Santarem, onde se contam quatorze leguas. De Santarem para Coimbra, que fazem vinte leguas. E de Coimbra para Lamego, em que se completam vinte e uma leguas, da maneira seguinte:

De Lisboa até Coimbra 34. de Coimbra aos Fornos 1, á Mealhada 2, Avelans 1, Sardão 2, Aguada 1, á dos Ferreiros 1, ás Talhadas 1, Ponte fóra 2, Santiaguinho 1, Vousella 1, S. Pedro do Sul 1, Cobertinha 1, a Alva 1, Castro Dairo 1, Collo de pito 1, Bigorne 1, Povoa 1, Lamego 1.

§ I—*Roteiro traverso de Lamego para a Moimenta da Beira, em que se contam quatro leguas ao nascente*

De Lamego a Ferreirim 1, dahi á Granja Nova 1, ao Sarzedo 1, á Moimenta 1.

§ II—*Roteiro de Lamego para a* Lapa, *em que se contam seis leguas*

De Lamego a Mós 1, a Mondim 1, a Alvite 1, á Lamosa 2, a Lapa 1.

§ III—*Roteiro de Lamego para* Villa-Real, *em que se contam quatro leguas ao nordeste*

De Lamego ao Pezo da Reg. 1, dahi a Santa Martha 1. á Comieira 1, a Villa-Real 1.

§ IV—*Roteiro de Lamego para o* Porto, *em que se contam quatorze leguas ao poente*

De Lamego a Santiaguinho 1, dahi a Mezamfrio 1, Teixeira 1, Carrasqueira 1, Giesta 1, Canavezes 1, Arrifana 2, Fonte Sagrada 1, Baltar 1, Ponte Ferreira 1, Vallongo 1, Venda-Nova 1, Porto 1.

§ V—*Roteiro de Lamego para* Braga, *em que se contam quatorze leguas ao Noroeste*

De Lamego a Santiaguinho 1, dahi a Mezamfrio 1, a Teixeira 1, ao Carneiro 1, á Ovelha 1, Amarante 1, Lixa 1. Deveza da Escorva 1, Pombeiro 1, Venda da Serra 1, Guimarães 1, Estalagem do Rio 1, aos Quatro Irmãos 1, a Braga 1.

§ VI — *Summario das distancias, que ha de Lamego ás villas e concelhos da sua correição*

De Lamego a

Alvarenga 7 sudueste. Arcos 4 e m. nasc. Arégos 4 poent. Armamar 2 e m. nasc. Arouca 8 poente.

Barcos 5 nasc. Barqueiros 2 m. noroe. Britiande 1 sueste.

Cabril 6 poente. Caria 5 nascent. Castello 3 e m. nasc. Castrodairo 4 suduest. Chavães 4 e m. nasc. S. Christ. da Nog. 5 m. poent. S. Cosmado 3 nascente.—Ermida 5 poente.

Ferreiros 5 poente. Fontello 2 nordeste. Fragoas 4 nascente.

Goujoim 3 nascente. Granja do Fedo 4 nascente.

Lalim 2 sueste. Lazarim 2 e m. nasc. Leomil 3 nascente. Longa. Lumiares 2 nascente.

S. Mart. de Mour. 2 poente. Moiment. da Beir. 4 nascente. Mondim 2 nascente. Mossão 5 poente. —Nagosa 4 e m. nascente.

Paiva 8. Parada do Bispo 2 nordeste. Parada de Ester 5. Passó 2 nascente. Pendilhe 4 sul. Pera e Peva 4 nascente. Pezo da Regoa 2 norte. Pinheiros.

Resende 3 poente. Ribellas 1 e m. sul.

Sandó m. nordeste. Santins 6 poente. Sinfães 5 poente. Sever 2 nascente.

Taboaço 5 nascente. Tarouca 2 sueste. Teixeira 3 poente. Tendães 5 poente.

Valdigem 1 nordeste. Varzea da Serra 3 sul.—Ucanha 1 e m. nasc. Villa Cova 4 sul. Villa Seca 3 nascente.

§ VII—*Roteiro de Lisboa para a villa da* Moimenta da Beira, *em que se contam cincoenta e quatro leguas ao nordeste*

Esta derrota se divide em quatro jornadas. Primeira de Lisboa até Santarem, que fazem quatorze leguas. Segunda de Santarem a Coimbra, em que contam vinte leguas. Terceira de Coimbra a Viseu, em que ha treze leguas. Estas tres jornadas já estão assinadas: resta só declarar o caminho, que vai de Viseu para a Moimenta da Beira, em que se numeram sete leguas, da maneira seguinte:

De Lisboa a Viseu 47, de Viseu a Cavernaes 1, dahi á Pedrosa 1, Fontainhas 1, Lamas 1, Segões 1, Granja de Paiva 1, Moimenta 1.

Por outro caminho indo por Thomar.

De Lisboa a Thomar 21, dahi ao Pintado 1, Ceras 1, Pereiro 1, Cabaços 1, Vendas de Maria 1, Vendas dos Moinhos 1, Espinhal 1, Corvo 2, Foz d'Arouce 2, S. Miguel 1, Cortiça 1, Sampaio 1, Pinheiro d'Azere 1, Santa Comba 1, Fonte do Salgueiro 1, Viseu 4, Moimenta 7.

§ VIII—*Roteiros traversos da Moimenta da Beira para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para* Villa-Real, *em que se contam oito leguas ao norte*

Da Moimenta a Contim 1, a Gonjim 1, Villa Seca 1, Folgosa 1, Galafulla, passando o Douro 1, Villa Real 3.

§ IX—*Roteiro de Moimenta da Beira para* S. João da Pesqueira, *em que se contam seis leguas ao norte*

Da Moimenta a Guedieiros 1, dahi a Paredes da Beira 1, dahi á villa de Trovões 1, a S. João da Pesqueira 3.

§ X—*Roteiro da Moimenta para* Braga, *em que se contam dezassete leguas ao noroeste*

Da Moimenta a Teixeira 7, dahi ao Carneiro 1, Amarante 2, Lixa 1, Deveza da Escorva 1, Venda da Serra 1, Guimarães 1, á Barca 1, aos Quatro Irmãos 1, a Braga 1.

§ XI—*Roteiro da Moimenta para o* Porto, *em que se contam vinte leguas ao noroeste*

Da Moimenta ao Sarzedo 1, do Sarzedo á Granja Nova 1, a Ferreirim 1, Lamego 1 q., Santiaguinho 1, Mezamfrio 1, Teixeira 1, Carrasqueira 1, Fonte do mel 1, Venda da Giesta 1, Canavezes 1, aos Quatro Irmãos 1, ao Castro 1, Arrifana de Sousa 1, Paredes 1, Baltar 1, Ponte Ferreira 1, Vallongo 1, Venda-Nova 1, Porto 1.

§ XII—*Roteiro da Moimenta a* Torre do Moncorvo, *em que se contam nove leguas ao norte*

Da Moimenta á Fonte Arcada 1, dahi a Chinzendo 1, a Penedono 1, Villa de Ranhados 1, Sedavim 1, Sevadelhe 1, Freixo de Nemão 1, Barca do Pocinho 1, á Torre do Moncorvo, passando o rio Douro 1.

§ XIII—*Roteiro da Moimenta para a Praça de* Almeida, *em que se contam doze leguas ao nascente*

De Moimenta á Villa da Rua 1, Villa da Ponte 1, Sarzeda 1, Torrinha 1, Moreirinhas 1, Côtimos 1, Santa Eufemia 1, Valbom 1, Pinhel 1, Pereiro 1, Valverdinho 1, Almeida 1.

§ XIV—*Roteiro da Moimenta para a villa de* Trancoso, *em que se contam seis leguas ao poente*

Da Moimenta á Villa da Rua 1, ao Garajal 1, Ponte do Abbade 1, Bem vende 1, Rio de Mel 1, Trancoso 1.

§ XV—*Summario das distancias, que ha da Moimenta da Beira para algumas povoações mais principaes*

Da Moimenta a

Ao Convento de Caria m., ao Convento de Salzeda 2, ao Convento de S. João de Tarouca 2, ao Convento de Tabosa m., á Lapa 2, a Sernancelhe 2, a Leomil m.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a villa de Pinhel, *em que se contam cincoenta e cinco leguas e meia ao nordeste*

De Lisboa a Santarem 14, de Santarem a Thomar 8, de Thomar á Venda Nova 1, Ceras 1, Pereiros 1, Cabaços 1, Barqueiro 1, Vendas de Maria meia, Venda dos Moinhos 1 e m. Espinhal 1, Corvo 2, Foz d'Arouce 2, S. Miguel de Poiares 1, Ponte da Murcella 1, Cortiça 1, Moita 1, Venda do Valle 1, Venda do Porco 1, Galizes 1, Chamusca 1, Caragoça 1, Torrezello meia, Maceira 1, Pinhanços 1, Vinhó 1, Sampaio meia, a Villa Cortez 1, a Carrapichana meia, a Cortiçó 1, Celorico 1, Baraçal 1, Souro Pires 3, a Pinhel 1.

Por outro caminho, indo por Coimbra, se contam cincoenta e sete leguas, e por Leiria fazem cincoenta e nove e meia; mas esta estrada serve para quando os campos vão cheios de agua em tempo de inverno.

§ I—*Roteiro de Pinhel para a* Guarda *em que se contam cinco leguas ao sul*

De Pinhel a Aldea Nova 1, dahi ás Freixedas 1, dahi ao Carvalhal 1, dahi a Repoulla 1, dahi á Guarda 1.

§ II—*Roteiro de Pinhel para* Trancoso, *em que se contam quatro leguas ao poente*

De Pinhel a Valbom 1, á Povoa 1, ao Amial 1, A Trancoso 1.

§ III—*Roteiro de Pinhel para a praça de* Almeida, *em que se contam tres leguas ao nascente*

De Pinhel ao Pereiro 1, do Pereiro a Valverde 1, de Valverde a Almeida 1.

§ IV—*Roteiro de Pinhel para* Castello-Rodrigo, *em que se contam tres leguas ao nordeste*

De Pinhel a Villar-Torpim 2, d'ahi a Castello-Rodrigo 1.

§ V—*Roteiro de Pinhel para* Celorico, *em que se contam cinco leguas a sudueste*

De Pinhel a Souro Pires 1, ao Baraçal 3, a Celorico 1.

§ VI—*Summario das distancias, que ha de Pinhel ás villas da sua correição*

De Pinhel a

Aguiar da Beira 7 noroe. Alfayates 8 suest. Algodres 4 norte. Almeida 3 nasc. Almendra 5 nort.

Carapito 5 noroe. Castanheira 11 noroe. Casteição 5. Castello-Bom 6 suest. Castello-Mendo 4 suest. Castello Rodrigo 3. nord. Cedavim 6 noroe.

Ervedosa 10 noroe. Escalhão 4 nord.

Figueiró da Granja 8. Fonte Arcada 8 noroe. Fornos.

Guilheiro 7 noroe.—Horta 6 noroe.—S. João da Pesqueir. 10 norte.

Lamegal 2 poent. Langroiva 3 norte.

Marialva 4 norte Matança 7. Meda 6 noroe. Moreira 4 poent. Muxagata 5 norte.—Nemão 6 nord.

Paradella 10. Paredes 9 noroe. Pena-Verde 6 noroe. Penedono 7 noroe. Penella 7, Ponte. Povoa 7.

Ranhados 6. Reigada 2 nasc.

Sinço Villas 2 nasc. Sernancelhe 8 noroe. Sindim 10 noroe. Soutello 10. Souto 6 e meia.

Tavora 11 noroe. Touça 6 noroe. Trancoso 4 poente. Trovões 8 noroe.

Valença do Douro 11 noroe. Val de Coelha 4 nasc. Val-longo 8. Varzeas 9 noroe. Veloso. Villa-Nov. de Fosc. 6. nort. Villar Maior 6 Sul.

§ VII—*Roteiro de Lisboa para a villa de* Trancoso, *em que se contam cincoenta e quatro leguas ao nordeste*

De Lisboa a Thomar 22, a Ceras 2, aos Pereiros 1, Cabassos 1, venda de Maria 1, venda das Figueiras 1, Espinhal 1, Corvo 2, foz d'Arouce 2, S. Miguel de Poyares 1, Ponte da Morcella 1, Sobreira 1, Poços 1, Moita 1, venda do Valle 1, Venda do Porco 1, Galizes 1, Chamusca 2, Caragoça 1, Maceira 1, Pinhanços 1, Vinhó 1, Cortiçó, passando por Villa-Cortez, e Sampayo 2, Carrapichana 1, Celorico 2, Frontilhuro 1, Fiães 1, Trancoso 1.

Por outro caminho, que segue o correio, indo por Viseu.

De Viseu a Povolide 1 e m., a Roriz 1, Esmolfe 1, Sezures 1, Forninhos 1, Penaverde 1, Casaes do monte 1, venda do Cego 1, Trancoso 1.

§ VIII—*Roteiro de Trancoso para* Lamego, *em que se contam dez leguas ao noroeste*

De Trancoso a Bem-vend. 1, d'ahi á ponte do Abbade 1, á Lapa 1 e m. Lamosa meia, Ariz meia, Alvite 1 e m. Mondim 1, Villa meã 1, Britiande 1, Lamego 1.

§ IX — *Roteiro de Trancoso para* Almeida, *em que se contam sete leguas ao nascente*

De Trancos. á Povoa delRei 2, d'ahi a Val bom 1, Pinhel 1, Pereiro 1, Valverde 1, Almeida 1.

§ X—*Roteiro de Trancoso para a* Torre do Moncorvo, *em que se contam dez leguas ao nordeste*

De Trancoso á Moreira 1, d'ahi ao Carvalhal 1 e m., ao Convento dos Villar. 1 e m., á Meda 1 e m., fonte Longa 1 e m. Freixo de Nemão 1, Santo Amaro 1, á Barca do Douro 1, á Torre do Moncorvo 1.

Por outro caminho

De Trancoso a Valcovo 1, Rabaçal 1, Venda da Barriga 2, Marvão 1, barca do Douro 1 e m., torre do Moncorvo 1.

§ XI—*Roteiro de Trancoso á* Guarda, *em que se contam cinco leguas ao sueste*

De Trancoso aos Carnicaes, ou á Fonte de Cal 1, Baraçal 1, ponte do Ladrão 1, Cabadoide 1, Guarda 1.

CAPITULO VI

Roteiro de Lisboa para a cidade da Guarda, *em que se contam cincoenta e tres leguas ao nordeste*

De Lisboa a Thomar 22, de Thomar a Seras 2, Pereiro 1, Cabaços 1, Venda de Maria 1, Venda dos Moinhos 2, Espinhal 1, Venda do Corvo 2, Foz d'Arouce 2, S. Miguel 1, Ponte da Morcella 1, Cortiça 1, Moita 1, Venda do Valle 1, Venda do Porco 1, Venda Nova 1, Chamusca 1, Torrozello 1, Maceira 1, Pinhanços, 1, Vinhó 1, Carrapichana 2, Cortiçó 1, Celorico 1, Lagiosa 1, Cabadoide 1, Guarda 1.

Por outro caminho, indo pela estrada de Abrantes, em que se contam cincoenta e uma leguas.

De Lisboa a Abrantes 23, d'ahi a S. Domingos 3, á Palhota 2, Cardigos 1, Cortiçada 1, Sobreira formosa 1, Monte gordo 1, Sarzedas 1, Juncal 2, Tinalhas 1, Soalheiro 2, Atalaya 1, Quartão 1. Capinha 2, Peraboa 1, Caria 1, Belmonte 1, Vendas da Vella 2, Guarda 2.

§ I — *Roteiros traversos da cidade da Guarda para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a cidade do* Porto, *em que se contam vinte e seis leguas ao noroeste*

Da Guarda á Ponte do Ladr. 2, d'ahi á Quinta dos Vermelh. 1, Maceira 2, Antas 1, Souto de Vida 1, Castendo 1, Bacim 1, Cavernaes 1, Lustosa 2, S. Pedro do Sul 2, Trapa 1, Ponte dos Ovos 1, Manhouce 1, Gestoso 1, Marujal 1, Africana 1, Cabeçais 1, S. Vicente 1, Terreiro 1, Carvalhos 1, Porto 2.

Os rios principaes, que se atravessam nesta jornada, são: o Mondego, o Vouga, e o Paiva.

§ II — *Roteiro da Guarda para* Lamego, *em que se contam quatorze leguas ao noroeste*

Da Guarda a Cabadoide 1, á Ponte do Ladrão 1, Forno telheiro 1, Aldeia Nova 1, Cariz 1, Eirado 1, Aguiar da Beira 1, Quintella 1, Alvito 2, Mondim 1, Britiande 1, Lamego 1.

§ III — *Roteiro da Guarda para a Praça de* Almeida, *em que se contam seis leguas ao nordeste*

Da Guarda a João Bragal 1, Urgeira 1, Pinzio 1, Freixo 1, Aldea-Nova 1, Almeida 1.

§ IV — *Roteiro da Guarda para a* Torre do Moncorvo, *em que se contam doze leguas ao norte*

Da guarda ao Recamondo 1, Avelans da Ribeira 1, Alverca 1, Cerejo 1, Cótimos 1, Coriscada 2, Venda da Barriga 1, Marvão 1, Villa-Nova de Foscoa 1, ao Douro 1, á Torre do Moncorvo 1.

§ V — *Roteiro da Guarda para* Castello-Branco, *em que se contam quatorze leguas ao Sul*

Da Guarda ás Vend. da Vella 2, Belmonte 2, Caria 1, Peraboa 1, Capinha 1, Quartão 2, Atalaia 1, Lardosa 1, Alcains 1, Castello-Branco 1.

§ VI — *Roteiro da Guarda para a* Covilhã, *em que se contam seis leguas ao sudueste*

Da Guarda ás Vend. da Vella 2, a Belmonte 2, Teixoso 1, á Covilhã 1.

§ VII — *Roteiro da Guarda para a villa do* Fundão, *em que se contam nove leguas ao sudueste*

Da Guarda ás Vend. da Vella 2, Belmonte 2, Caria 1, Ferro 1, Fundão 4.

§ VIII — *Roteiro da Guarda para a villa do* Sabugal, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

Da Guarda a Panoyas 1, Adão 1, Pega 1, Val Mourisco 1, Sabugal 1.

§ IX — *Roteiro da Guarda para a villa de* Manteigas, *em que se contam seis leguas ao poente*

Da Guarda á Curujeira 1, Famelicão 1, Valhelhas 1, Val de Moreira 1, Sameiro 1, Manteigas 1.

§ X — *Roteiro da Guarda para a praça, e villa de* Penamacor, *em que se contam nove leguas ao sul*

Da Guarda a Panoias 1, a Santa Anna 1, a Pousa foles 1, Aguas Bellas 1, Urgeira 1, Val de lobo 1, Meimoa 1, Santo André 1, Penamacor 1.

§ XI — *Roteiro da Guarda para a praça, e villa de* Alfaiates, *em que se contam seis leguas ao nascente*

Da Guarda a Villa Mendo 2, Marmeleiro 1, Rapoula de Coa 1, Nave 1, Alfaiates 1.

§ XII — *Roteiro da Guarda para a villa de* Villar-Maior, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

Da Guarda á Villa Fernando 2, ao Monte Margarida 1, Ponte de Siqueiros 1, Villar-Maior 1.

§ XIII — *Roteiro da Guarda para a villa de* Linhares, *e dahi até á villa de* Cea, *em que se contam sete leguas ao poente*

Da Guarda á Misarella 1, Prados 1, Linhares 1, Villa de Mello 1, Villa de Gouvea 1, Villa de Santa Marinha 1, Villa de Cea 1.

§ XIV — *Roteiro de Lisboa para a villa de* Cea, *em que se contam quarenta e quatro leguas ao nordeste*

Esta derrota faz-se partindo de Lisboa para Thomar, até onde se contam vinte e duas leguas. De Thomar segue as mesmas estradas do caminho, que vai para Pinhel; mas chega sómente a Torrozello, e dahi á villa de Cea, que é uma legua. Esta derrota é mais breve, e direita por esta estrada, que pela de Coimbra, em que se contam quarenta e seis leguas, ou pela de Leiria, em que ha quarenta e sete leguas.

§ XV — *Roteiro de Lisboa para a villa de* Gouvea, *em que se contam quarenta e oito leguas ao nordeste, indo pela estrada de carruagens*

De Lisboa á Castanheira 8, dahi a Ota 2, Espinhaço de Cão 1, Rio Maior 1, Truquel 1, Alcobaça 2, Aljubarrota 1, S. Jorge 1, Batalha 1,

Leiria 2. Venda dos Machados 1, Venda do Gallego 1, Pombal 1, Venda do Diabo 1, Redmha 1, Condexa 3. Cernache 1, Cruz dos Moroissos 1, Coimbra 1, Mealhada 3, Mortagua 2. Ponte do Criz 1, S. Comba Dão 1, Cancella 1, Guarita 1, Carregal 1, Oliveira do Conde 1, Ervedal 2, Seixo 1, Lagarinhos 2, Gouvea 1.

Por outro caminho, que ordinariamente seguem os almocreves, e pessoas que vão a cavallo.

De Lisboa a Santarem 14, a Val de Figueira 1, Ponte de Alviella 1, Ponte de Almonda 1. Gollegã 1, Atalaya 1, Cenceira 1, Guerreira 1, Thomar 1, Pintado 1, Seras 1, Pereiro 1, Cabaços 1, Vendas de Maria 1, Venda dos Moinhos 1, Venda do Pastor 1, Villa-Flor, ou Barrocas do Corvo 1, Corvo 1, Foz d'Arouce 1, Venda Nova 2, Ponte da Murcella 1, Sobreira 1, Poços 1, Valle 1, Venda do Porco 1, Galizes 1, Chamusca 1, Torrozello 1, Maceira 1, Santa Comba 1, Lagarinhos 1, Gouvea 1.

§ XVI — *Roteiro traverso de Gouvea para a cidade de* Viseu, *em que se contam seis leguas ao norte*

De Gouvea ás Contensas 2, Mesquitella 1, Mangualde 1, Tagilde 1, Viseu 2.

§ XVII — *Roteiro de Gouvea para a praça de* Almeida, *em que se contam doze leguas ao nordeste*

De Gouvea a Villa Cortez 1, Carrapichana 1, Cortiçó 1. Celorico 1, Maçal 1, Baraçal 1, Soilo Pires 1, Pinhel 1, Pereiro 1, Carvalhal 1, Valverdinho 1, Almeida 1.

§ XVIII—*Summario das distancias, que ha da Guarda ás villas da sua correição*

Da Guarda a

Açores 2 norte. Alvoco da Serra 9 sudnest. Baraçal 3 noroest.

Cabra 5 noroest. Castro-Verde 6 poente. Cea 6 poente. Celorico 3 noroest. Codeceiro 2 susudue. Covilhã 7 susudue. Folgozinho 4 poent.

Forno Telheiro 3 noroest. Gouvea 5 poent. Jarmello 3 sul.

Lagos da Beira 10 poente. Linhares 3 noroest. Loriga 8 suduest. Lourosa 10 poente.

Manteigas 6 poente. Santa Marinha 5 poente. Mello 5 poente. Mesquitella 4 poente. Midões 9 poente. Mosteiro 8 noroest.

Oliveirinha 11 noroest. Seixo. S. Romão 7 poente. Torrozello 9 sul.

Vallazim 8 poente. Valhelhas 3 susudue. Villa-Cova a Coelheira 9 susudue.

CAPITULO VII

Roteiro de Lisboa para a villa de Castello-Branco, *em que se contam trinta e sete leguas ao nordeste*

De Lisboa até Abrantes 23, de Abrantes a Mação 4, Venda Nova 2, Perdigão 3, Cernadas 2, Castello Branco 3.

§ I—*Roteiro de Castello Branco á* Covilhã, *em que se contam onze leguas ao norte*

De Castello Branco a Alcains 3, Alpedrinha 3, Composta 1, Fundão 1, Covilhã 3.

§ II—*Summario das distancias, que ha de Castello Branco ás villas da sua correição*

De Castello-Branco a

Alpedrinha 5 norte. Atalaya 4 nordest.

Belmonte 11 nordest. Bemposta 6 nascent. Castello-Novo 5 norte. Idanha a Velha 7 nascent. Idanha a Nova 5 nascent. Monsanto 7 nascent.

Penagarcia 9 nascent. Penamacor 8 nordest. Proença a Velha 6 nordest. Rosmaninhal 6 sueste.

Sabugal 11 nordest. Salvat. do Estrem. 8 nascent. Sarzedas 3 poent. Segura 7 nascent. Sortelha 10 nascent. Touro 12 nascent.

S. Vicente 5 norte. Villa-Velha de Rodão 5 sul. Zibreira 10 nascent.

—

DIVISÃO IV

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações da Provincia do Minho

A porção do reino mais povoada, e mais fertil é a do Minho, que, segundo os melhores geografos, tem dezoito leguas de comprido, e doze de largo na maior extensão de nascente a poente. O rio Minho separa esta provincia de Galiza pela banda do norte, pela do sul confina ella com a Beira, ao nascente a divide a serra do Marão da provincia de Tras-os-Montes, e da parte do poente lhe serve de moldura o Oceano. É cortada de sete rios caudalosos, dos quaes seis vão desembocar ao mar, o Douro, Leça, Ave, Neiva, Lima, e Minho, além de infinitos outros rios, que entram nos capitaes, que para commodo dos passageiros estão sujeitos a mais de duzentas pontes de cantaria lavrada, e outras de pedra tosca, e madeira.

As estradas por todo, ou quasi todo o ambito d'esta provincia, tem

todas as circumstancias, que fazem agradavel o caminho aos viajores, e lhes facilita, e suaviza quaesquer difficuldades, ou aspereza, que possam encontrar. Consta de seis comarcas, para as quaes daremos os roteiros seguintes:

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a villa de Guimarães, *em que se contam sessenta leguas ao norte*

Esta derrota é quasi a mesma, que havemos assinar no caminho de Braga, e por isso deixamos de o fazer aqui.

§ 1—*Summario das distancias, que ha de Guimarães aos coutos, villas, e concelhos da sua correição*

De Guimarães a

Abbadim 5 nord. Aguiar Penha 10 nasc. Amarante 5 nasc. Athei 6 nasc.

Cabeceiras de Basto 5 nasc. Canavezes 5. Cepães. Cerolico de Basto 5 nasc. S. Cruz de Riba Tam. 4.

Felgueiras 2 nasc. Fonte Arcada.

Gestaço 5. Gouvea de Riba Tam. 5.—Hermello 7.

Jalles 12. S. João de Rei 3.

Lagiosa. Lanhoso 3 nort. Lousada 3 nord.

Mancellos. Meimedo. Mondim 6. Monte alegre 12. Monte longo 2 nort. Moreira de Rei.

Ovelha 6. — Parada de Bouro. Pedraido. Pombeiro 4. Pousadella.

Refoios de Basto. Ribeira de Pena 8. Ribeira de Soás 4. Roças 5 nort. Ruivaes 6.—Serva 7.

Taboado. Thmias 6. Tibães 3 nort. Travanca.

Vieira 3 nord. Villa-Boa de Roda 4 nord. Villa-Cahiz 5. Vimieiro 4 noro.—Unhão 2 sul.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a cidade de Braga, *em que se contam sessenta leguas ao norte*

De Lisboa ao Porto 52, do Porto á ponte de Leça 1, ao Castelejo 1, a Carriça 1, Barca da trofa 1, Villa Nova de Famelicão 1, Santiago da Cruz 1, a Tabosa 1, a Braga 1.

§ 1—*Roteiro traverso de Braga a* Chaves, *em que se contam quinze leguas ao nordeste*

De Braga ao Carvalho Déste 1, ao Pinheiro 1, Pardieiros 1, Pene-

do 1, Salamonde 1, Ruivaes 1, Campos 1, Venda Nova 1, Venda da Serra 1, Alturas 1, Carvalhelhos 1, Boticas 1, Casas Novas 1, Chaves 1.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para Viana, *em que se contam sessenta e duas leguas ao norte*

Reparte-se esta derrota em quatro viagens. A primeira, partindo de Lisboa, se vai até Santarem, onde fazem quatorze leguas. Dahi para Coimbra, em que se contam vinte leguas. De Coimbra ao Porto dezoito, e do Porto até Vianna dez, da maneira seguinte:

De Lisboa até á cidade do Porto 52, do Porto ao Senhor do Padrão 1, á Moreira 1, á Magdalena 1, Casal de Pedro 1, Rates 1, á terra Negra 1, Barca de Lago 1, Redemoinhos 1, Viana 2.

§ I—*Roteiro traverso da distancia, que ha de Viana até* Melgaço, *em que se contam doze leguas ao norte*

De Viana a Caminha 3, de Caminha a Villa-Nova 2, a Valença 2, Monção 2, Melgaço 3.

§ II—*Roteiro de Viana para* Braga, *em que se contam seis leguas ao nascente*

De Viana á Senhor. das Neves 1, ás Boticas 1, Ponte de Anhel 1, á Senhora do Bom despacho 1, á Ponte de Prado 1, a Braga 1.

CAPITULO IV

Roteiro de Lisboa para a villa de Barcellos, *em que se contam sessenta leguas ao norte*

De Lisb. até á Cidad. do Port. 52, do Porto ao Padrão 1, ao Convento da Moreira 1, a Lameira 1, aos Nove Irmãos m.

O Espaço d'esta legua é perigoso de inverno pelos grandes atoleiros, que ha.

Á Magdalena m., ao Casal de Pedro 1, Ponte de Arcos m. Ponte da mulher morta m.

Neste transito, que é junto da Villa de Rates, ha uma ribeira, que passar.

Cacabaya 1 e m. Barcellos meia.

De Cacabaya a Barcellos ha outro ribeiro, que de inverno é de má passagem.

§ I — *Summario das distancias, que ha de Barcellos ás terras principaes circumvizinhas*

De Barcellos a

Braga 3.—Esposende 2.
Fão 2. Fralães 2. Guimarães 4. Ponte de Lima 5. Porto 7.
Rates 2. Vianna 4. Villa do Conde 3. Villa Nova de Famelicão 3.

CAPITULO V

Roteiro de Lisboa para a cidade do Porto, *em que se contam cincoenta e duas leguas ao norte*

De Lisboa até Coimbra 34, de Coimbra aos Fornos 1. Carquejo 1. Mealhada 1, Pedreira 1, Avelans 1, Aguada 1, Sardão 1, Ponte da Vouga 1, Albergaria Velha 1, Albergaria Nova 1, Pinheiro da Bemposta 1. Oliveira de Azemeis 1, S. João da Madeira 1, Souto Redondo 1, Grejo 1, Carvalhos 1, Rechoussa 1, Porto 1.

§ I— *Summario das distancias, que ha da cidade do Porto ás villas e concelhos circumvizinhos*

Do Porto a

Aguiar de Sousa 3. Arrifana de Sousa 6. Avintes 2. Azurara 4.
Bayão 9. Bem Viver 6.
Gaya 3. Gondomar meia. S. João da Foz meia.
Maya 4. Melres 4. Matozinhos 1. Pena fiel 6. Refoyos 4.
Porto Carreiro 6. Povoa de Varzim 4. Soalhães 8. Tibães 8.
Villa do Conde 4. Vimieiro 8.

§ II—*Roteiro do Porto a* Ponte de Lima *pela estrada de Barcellos, em que se contam doze leguas ao norte*

Do Porto ao Padrão da legua 1, dahi á Moreira 1, Magdalena 1, Casal de Pedro 1, Carvalho 2, Barcellos 1, Senhora da Portella 1. Senhora Apparecida 1, Portella de Santo Estevão 2, Ponte de Lima 1.

Pela estrada de Braga ha treze leguas.

Do Porto á Ponte de Leça 1, Castellejo 1. Carriça 1, Trofa 1, Villa Nova de Famelicão 1, Santiago da Cruz 1, Tebosa 1, Braga 1, Prado 1, Moure 1, Aguães 1, Ponte Nova 1, Ponte de Lima 1.

—

DIVISÃO V

Roteiro de Lisboa para as principaes povoações da Provincia de Traz os Montes

Como seja preciso para haver de entrar nesta Provincia subir os montes do Marão, e as serranias do Gerez, dahi veio chamar-se esta região a Provincia de Traz os Montes, que assim se considera respectivamente á do Minho. O seu ambito occupa mais de cento e trinta leguas, conforme o calculo de João Salgado de Araujo, e quasi que todo elle é de fórma quadrada; por isso advirto, que em todos os Mappas d'este reino, illuminados por estrangeiros, se accrescenta erradamente a esta Provincia toda a comarca de Pinhel, que pertence á Beira.

É aspero o seu terreno, e por essa causa as suas leguas são reputadas por maiores, ainda que as distancias sejam de menos passos. Reparte-se em quatro comarcas, cujos roteiros são os que se seguem.

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a villa da Torre do Moncorvo, *em que se contam sessenta e tres leguas ao nordeste, que se reputam por sessenta e sete*

De Lisboa a Santarem 14, de Santarem a Thomar 8.

De Thomar segue o mesmo caminho, que assinámos de Lisboa para Trancoso até Celorico, que fazem trinta; e dahi se aparta caminhando para S. Martinho, que são 3.

De S. Martinho ao Rabaçal 2, do Rabaçal a Marvão 3, de Marvão ao Pocinho 2, dahi a Torre do Moncorvo 1.

Nesta derrota se passam algumas vinte ribeiras, que quasi todas tem ponte, o Douro particularmente, e em todas as mansões ha estalagens.

§ I— *Roteiros traversos da villa de Moncorvo para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a cidade de* Bragança, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

Do Moncorvo á Portella 1, Junqueira 1, Santa Comba 1, Trindade 1, Bornes 1, Val bem feito 1, Grijó 1, Val de Prados 1, Quintella 1, Fernande 1, Sortes 1. Bragança 1.

Por este caminho ha boas estalagens, e onze ribeiras, que se passam sem perigo, uma das quaes se chama a Villariça, que é indo da Junqueira para Santa Comba.

§ II—*Roteiro de Moncorvo para* Freixo de Espadacinta, *em que se contam cinco leguas ao nascente*

Da Torre a Mós 2, de Mós a Freixo 3.

§ III—*Roteiro de Moncorvo para a cidade de* Miranda, *em que se contam treze leguas ao nordeste*

Da Torre a Carviçaes 2, ao Mogadouro 4, a Villadella 2, a Sindim 3, a Miranda 2.

§ IV—*Roteiro de Moncorvo para* Chaves, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

Da Torre á Portella 1, a Villa-Flor 2, Meirelles 1, Frechas 2, Mirandella 1, Eixes 1, Rio Torto 1, Val Passos 1, Ervões 1, S. Lourenço 2, Chaves 1.

§ V—*Roteiro de Moncorvo para* Villa-Real, *em que se contam quatorze leguas ao noroeste*

Da Torre a Villa-Flor 3. Abreiro 2. Monte febres 2 e m, Murça 1 e m. Parafita 2. Justes 1. Villa-Real 2.

§ VI—*Summario das distancias, que ha da villa da Torre de Moncorvo as terras da sua correição*

Da Torre de Moncorvo a

Abreiro 5 norn. Agua Revez 9 poent. Alfandega da Fé 4 nort. Anciães 4 poent.

Castro Vicente 5 nort. Chacim 7 nort. Cortiços 7 norn.

Frechas 5 nort. Frexiel 4 noro. Freix. de Espadacint. 5 suest.

Lamos de Orellhão 6 noro. Linhares 5 poent.

Mirandella 6 nort. Monforte de rio liv. 12 norn. Mós 2, e m. poent. Murça de Panoya 8 poent.

Nuzellos 9 nort.—Pinhovello 8 nord.

Sampayo 3 nort. Sezulfe 8 nort.

Torre de D. Chama 9 noro.—Valdasnes 6 nort. Villas-Boas 4 nort. Villa-Flor 3 norn. Villarinho da Castan. 3 poent.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a cidade de Miranda, *em que se contam setenta e seis leguas ao nordeste, que se reputam por oitenta*

Faz-se esta derrota pelo mesmo caminho, que assinámos de Lisboa para a Torre do Moncorvo, e d'ahi para Miranda, como já fica dito.

§ I—*Summario das distancias, que ha da cidade de Miranda ás villas da sua correição*

De Miranda a

Algozo 4 oessud. Azinhoso 7 sul.

Bemposta 5 sul.—Frieira 6 norte.—Mogadouro 7 sudue.—Penas de Royas 7.—Rebordainhos 8 norte.—Sanseriz.

Val de Passó 13 norte. Villarseco da Loba 17 norte. Vimioso 3 oesnor. Vinhaes 13 nornor.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para a cidade de Bragança, *em que se contam setenta e cinco leguas ao nordeste*

É esta viagem pela mesma derrota, que fica assinada para a Torre de Moncorvo, e d'ahi para Bragança; porém indo por outras terras, se evita uma legua; da maneira seguinte.

Do Moncorvo á Portella 1, a Santa Comba 2, Burga 1, Bornes 1, Val bem feito 1, Fernande 2, Quintella de Lampaças 1, Bidoido 2, Rebordãos 1, Bragança 1.

§ I—*Roteiro de Bragança para* Chaves, *em que se contam doze leguas ao poente, pela estrada dos correios*

De Bragança a Grandais 1, Castrellos 1, Villa-Verde 1, Vinhaes 1.

Até aqui se tem de passar os rios Baceiro, e Tuella.

Sobreiró 1, Val Passos, ou a Curopos 1, Val d'Armeiro 1, Villartam 1.

Aqui se passa o rio Rabaçal

Lebução 1, Monforte 1, Fayões 1, Chaves 1.

Estas doze leguas é no tempo de verão, que de inverno é preciso rodear tres leguas, por passarem as aguas dos rios acima na ponte de Val de Telhas.

§ II—*Roteiro de Bragança para* Miranda, *em que se contam nove leguas ao sul*

De Bragança á Villa de Outeiro 3, d'ahi a Vimioso 3, d'ahi a Miranda 3.

Por outro caminho

De Bragança a Rio frio 2, Paradinha 1, Quinta de Val de pena 1, S, Joanico 2, Malhadas 2, Miranda 1.

CAPITULO IV

Roteiro de Lisboa para Villa Real, *em que se contam cincoenta e nove leguas ao norte*

Faz-se esta jornada pela derrota de Lamego, até onde se contam 55.

De Lameg. ao Pezo da Regoa 1, Santa Martha 1, á Comieira 1, a Villa-Real 1.

Por outro caminho, indo pela estrada do Porto.

De Lisboa ao Porto 52, do Porto á Venda Nova 1, a Val longo 1, Baltar 2, Arrifana 2, Villa meã 2, Amarante 2, Ovelha 1, Campeam 2, Arabães 1, Villa-Real 1.

§ I—*Roteiro traverso de Villa-Real para a* Torre de Moncorvo, *em que se contam onze leguas ao sueste*

De Villa-Real a Alvites 1, Justes 1, Parafita 1, Cadaval 1, Murça 1, Abreiro 1, Villas-Boas 1, Villa Flor 1, Carrascal 1, Moncorvo 2.

§ II—*Roteiro de Villa-Real para* Chaves, *em que se contam nove leguas ao norte*

De Villa-Real a Escariz 1, Amezio 1, Villa Pouca 2, Sobroso 2, Villa-Verde de Oura 1, Chaves 2.

§ III—*Roteiro de Villa-Real para* Mirandella, *em que se contam dez leguas ao nascente*

De Villa-Real a Alvites 1, Justes 1, Parafita 1, Cadaval 1, Murça 1, Palheiros 1, Franco 1, Lamas 1, Mirandella 2.

§ IV—*Roteiro de Villa-Real para* Amarante, Guimarães, *e* Braga, *que todas lhe ficam ao noroeste*

De Villa-Real a Arabães 1, a Campeam 1, Ovelha 2, Amarante 1, de Amarante a Lixa 1, a Caramos 1, Pombeiro 1, Guimarães 1, do Guimar. aos Quat. Irmãos 2. a Braga. 1.

—

DIVISÃO IV

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações do Reino, e Provincia do Algarve

Sem embargo de ser montuosa esta provincia, é todavia fertil. Tem dezaseis leguas de fronteira com Andaluzia apartada pelo Guadiana, que se não vadêa. Attendendo á aspereza da maior parte das suas estradas, se reputam as leguas por cincoenta em qualquer viagem desta provincia, ou seja pouca, ou muita a distancia que se caminha.

Os productos deste reino, que consistem em excellentes vinhos, uvas, e figos passados, amendoas, e em muitos generos de peixes gostosos, servem grandemente ao commercio, e contrato não só das nações do Norte, que os conduzem daqui ás suas terras, mas aos proprios nacionaes, que por transporte vem com elles fertilizar as mais provincias

do reino, obrigando-os este interesse a transitar com mais frequencia pelas terras desta região.

CAPITULO I

Roteiro de Lisboa para a cidade de Faro, *em que se contam trinta e nove leguas ao sueste, as quaes se reputam, è costumam pagar-se por cincoenta*

De Lisboa á Moita 3, Aguas de Moura 5, Alberges 3, Quinta de D. Rodrigo 4, Figueira dos Cavalleiros 3, Aljustrel 4, Castro 3, Sembrana 3 e m., Amexial 3 e m., S. Braz 5, Faro 2.

Por outro caminho

De Lisboa a Aldea Gallega 3, A Montemór o Novo 12, a Viana 6, Alvito 1, Bèja 5, Entradas 5, Crasto 2, Almodovar 3, Loulè 9, Faro 2.

§ 1 — *Summario das distancias, que ha de Faro ás terras do seu Termo*

De Faro a

Alagoa 7. Alcantarilha 5. Alferce 6. Algos 4. Alportel 2. Alvor 7. Ameixoeira grande 8. Ameixoeirinha 7.

Santa Barbara 2. S. Braz 2. S. Bartholomeu 6.

Estombar 6. Estoi 2.

Monchique 11.—Nexe 2.—Olhão 1.

Pera 5. Pixão 2—Quelfez 2.

S. João da Venda 1. Silves 7.

CAPITULO II

Roteiro de Lisboa para a cidade de Lagos, *em que se contam trinta e sete leguas ao sul*

De Lisboa á Moita por mar 3, Setubal 3, Comporta 3, Melides 6, Santo André 2, Villa-Vova de mil fontes 7, Odeseixas 6, Aljesur 2, Bensafrim 4, Lagos 1.

Quem não quer ir á Comporta, onde o barco é incerto, póde logo da Moita tomar o caminho seguinte.

Da Moita á Palhota 2, a Aguas de Moura 3, Alcacer do Sal 4, Melides 6.

Daqui continúa a estrada para diante, como fica dito acima.

§ 1—*Roteiros traversos de Lagos para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para* Faro, *em que se contam onze leguas ao nascente*

De Lagos a Alvor 1, dahi a Villanova de Portimão 1, ao Lugar da Alagoa 1, ao Lugar de Porxes 1, ao Lugar de Pera 1, á Estalagem da Nora 2, á Quinta da Quarteira 1, a S. Lourenço do Almancil 2, a Faro 1.

§ II—*Roteiro de Lagos para* Silves, *em que se contam quatro leguas ao nordeste*

De Lagos a Villa-Nova de Portimão 2, dahi a Silves pelo rio, ou por terra 2.

§ III—*Roteiro de Lagos para* Sagres, *em que se contam sete leguas ao sudueste*

De Lagos até á Villa do Bispo 5, dahi a Sagres 2.

§ IV—*Roteiro de Lagos para* Albufeira, *em que se contam seis leguas ao nascente*

De Lagos ao lugar de Pera 5, dahi a Albufeira 1.

§ V—*Roteiro de Lagos para* Loulé, *em que se contam dez leguas ao nascente*

De Lagos á Quinta da Quart. 8, dahi a Loulé 2.

§ VI—*Roteiro de Lagos para* Tavira, *em que se contam quinze leguas ao nascente*

De Lagos até Loulé 10, dahi a Tavira 5.
Por Faro são dezaseis leguas.

§ VII—*Roteiro de Lagos para* Castro-Marim, *em que se contam vinte leguas ao nascente*

De Lagos a Tavira 16, dahi a Castro-Marim 4.
Indo por Loulé são dezanove.

§ VIII— *Roteiro de Lagos para* Alcoutim, *em que se contam vinte e seis leguas ao nordeste*

De Lagos a Castro-Marim 20, dahi a Alcoutim pelo Guadiana, ou pela serra 6.

§ IX—*Roteiro de Lagos para a villa do* Bispo, *em que se contam cinco leguas ao sul*

De Lagos ao lugar de Budes 2, dahi ao lugar da Figueira 1, ao lugar da Rapozeira 1, á Villa do Bispo 1.

§ X—*Roteiro de Lagos para a cidade de* Beja, *em que se contam vinte e tres leguas ao nordeste*

De Lagos ao lugar de Odeseix. 7, á villa de Odemira 4, á Aldea de Santa Luzia 4, á Messejana 2, a Aljustrel 1, a Beja 5.

Por outro caminho mais breve, indo pela serra.
De Lagos ao lugar de Monchique 5, á Estalagem da Palhota 1, á

Igreja de Santa Clara m., a S. Martinho das Amoreiras m., a Gravão 1, Panoyas 1, Messejana 1, Aljustrel 1, Beja 5.

§ XI—*Roteiro de Lagos para a villa de* Ourique, *em que se contam quatorze leguas ao norte*

De Lagos a S. Martinho das Amoreiras 12, dahi a Ourique 2.

§ XII—*Roteiro de Lagos para* Evora, *em que se contam vinte e nove leguas ao nordeste*

De Lagos até Messejana 15, dahi a villa de Ferreira 4, Alvito 4, Aguiar 2, Evora 4.

§ XIII—*Roteiro de Lagos para a* Vidigueira, e villa de Frades, *em que se contam vinte e tres leguas ao nordeste*

De Lagos a Aljustrel 16, á aldea do Ervedel 2, Beringel 2, Cuba 2, Vidigueira ou Villa de Frades 1.

§ XIV—*Roteiro de Lisboa para* Albufeira, *em que se contam trinta e seis leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, Aguas de Moura 5, Palma 2, Alcacere do Sal 3, Val de Guizos 1, Bairros 4, Alvalade 2, Val de Santiago 3, S. Martinho 2, Santa Clara 3, S. Marcos 3, S. Bartholomeu 2, Albufeira 3.

Nesta jornada se passam seis ribeiras.

Por Lagos ha 35 leguas e meia, a saber:

De Lisboa a Setubal 6, á Comporta m., a Melides 5, a Villa-Nova de mil font. 6, Odeseixes 6, a Aljesur 1, a Lagos 5, a Alvor 1, a Villa-Nova de Portim. 1, á Albufeira 4.

Por esta jornada não ha ribeiras que passar.

Pelo serro do Malhão ha 38 leguas, a saber:

De Lisboa á Moita 3, a Aguas de Moita 5, a Palma 2, á Figueira 8, a Aljustrel 4, a Crasto 3, a Almodovar 3, ao Serro do Malhão 5, á Albufeira 5.

Tem esta jornada nove ribeiras que passar.

As terras principaes, e circumvizinhas a esta villa, contando de Albufeira até Castro Marim, são estas:

De Albufeira a Loulé 3, de Loulé a Faro 2, a Tavira 5, a Castro-Marim 3.

E contando de Albufeira até Lagos.

De Albufeira a Villa-Nova 4, a Alvor 1, a Lagos 1, á Villa do Bispo 5.

§ XV—*Roteiro de Lisboa para a Villa de* Loulé, *em que se contam trinta e sete leguas ao sul*

De Lisboa á Moita 3, dahi á Palhota 2, Aguas de Moura 3, Palma

2, Alberges 1, Val de Reis m., Porto de Lama m., Porto delRei 2, Quinta de D. Rodrigo 1, Figueira dos Cavalleiros 3, Aljustrel 4, Castro 3, Almodovar 3, Corte Figueira 3, Loulé 6.

Por outro caminho mais breve

De Lisboa á Moita 3, Setubal 3, Santiago de Cacem 10, Panoyas 5, Ourique 3, Corte Figueira 6, Loulé 6.

§ XVI — *Roteiro de Lisboa para* Villa-Nova de Portimão, *em que se contam trinta e oito leguas ao sul*

De Lisboa a Setubal 6. de Setubal á Comporta 3, Melides 6, Santo André 2, Villa-Nova de mil fontes 7, Odeseixas 6, Alsezur 2, Villa-Nova de Portimão 6.

Por outro caminho

De Lisboa á Moita 3. Aguas de Moira 5, Alcacer do Sal 5, Bairos 8, Val de Santiago 7, Palhota 6, Monchique 4, Villa-Nova de Portimão 4.

CAPITULO III

Roteiro de Lisboa para a cidade de Tavira, *em que se contam quarenta e uma leguas ao sul, e se reputam por cincoenta*

De Lisboa á Moita 3, á Palhota 2, Aguas de Moira 3, Palma 2, Alberges 1, Porto da Lama 1, Porto Delrei 2, Quinta de D. Rodrigo 1, Figueira 2, Aljustrel 4, Entradas 2, S. Marcos 2, S. João 2, S. Sebastião 1, á dos Caros 2, á dos Vargens 1, aos Giões 1, Zambujal 2, Tavira 7.

Por outro caminho, indo pela estrada de cima

De Lisboa á Moita 3, da Moita segue a mesma estrada até Aljustrel em que ha 19, de Aljustrel a Crasto 3, ao Ameixial 7, a S. Braz 5, a Tavira 4.

§ I—*Summario das distancias, que ha de Tavira ás terras da sua correição*

De Faro a

Alcoutim 9 nordest. Alte 8 noroest. Ameixial 9. Arenilha 4. Azinhal 5 nordest. Azor 7.

Benafins 7. Boliqueime 8 poent. Cacella 2 nascent. Cachoupo 5 noroest. Santa Catharina 2 nort. Castro-Marim 1 nordest. Conceição 1. Do deleite 6 nort. Fuzeta 2. Giões 9 nort. Loulé 6 poent Luz 1. Martim longo 9 nort. Moncarapacho 2 sul. Pereiros 7 nort. Sellir 8 poent. Vaqueiro 6.

§ II— *Varios roteiros por travessia na viagem do Algarve*

De Lisboa a Lagos 50, de Lagos a Villa-Nova de Portimão 3, daqui a Silves 2, á Alagoa 3, á Albofeira 3, a Faro 2, a Tavira 5, a Castro Marim 5.

§ III —*Outra travessia*

De Lisboa a Sagres 50, de Sagres a Lagos 7, de Lagos a Villa-Nova 3, daqui á Alagoa 2, da Alagoa a Albufeira 3, da Albufeira a Silves 3, de Silves a Loulé 6, de Loulé a Faro 2, de Faro a Tavira 5, de Tavira a Castro Marim 5, daqui a Alcoutim 6, daqui a Mertola 5, de Mertola para Lisboa 34.

§ IV— *Outra travessia*

De Sagres a Lagos 7, de Lagos a Villa-Nova 3, daqui a Silves 2, de Silves á Alagoa 3, daqui á Albufeira 3, daqui a Loulé 3, daqui a Faro 2, daqui a Tavira 5, de Tavira a Lisboa 40.

Distancias de Lisboa ás principaes terras de Portugal

de Lisboa a

Abrantes 23. Aguas Bellas 20. Alcacer do Sal 14. Alcobaça 18. Alcochete 3. Alcoentre 11. Aldea Gallega 3. Aldea da Merciana 9. Alegrete 38. Alemquer 7. Alfayates. Alhandra 5. Alhos Vedros 3. Aljubarrota 18. Almada 1. Almeida 60. Almeirim 15. Alter do Chão 30. Alverca 4. Alvor. Alvorninha 13. Amarante 62. Angeja 40. Arrayolos 18. Arega. Arruda 6. Assumar. Atalaya 19. Atouguia 10. Aveiro 43. Avintes. Aviz 25. Azambuja 10. Azeitão 7.

Barbacena. Barcellos 59. Barreiro 2. Batalha 20. Beja 24. Bellas 1 e m. Benavente 9. Boarcos 39. Borba 26. Braga 60. Bragança 77. Bucellas 4.

Cadaval 12. Caldas 14. Çamora 7. Campo Maior 33. Carnota 9. Cascaes 5. Castanheira 8. Castello-Branco 40. Castello de Vide 32. Castello-Melhor. Castro Daire. Castro Marim 50. Cea. Celorico 50. Certã. Cezimbra 6. Chacim. Chamusca 18. Chaves 68. Chileiros. Cintra 5. Coimbra 34. Coina 3. Collares 6. Coruche 14. Covilhã 15. Coz 19. Crato 28.

Ega. Elvas 30. Enxara dos Cavalleiros 5. Ericeira 7. Escaroupim 11. Esgueira 35. Estremoz 24. Evora 20.

Faro 50. Feira 48. Figueiró dos Vinhos 28. Freixo de Espadacinta.

Galveas. Gaviam 28. Gollegã 18. Gouvea 51. Guimarães 60. Guarda 54. Jerumenha 29.

Lafões. Lagos 37. Lamego 55. Lavradio 2. Leiria 22. Loulé 50. Lourinhã 10.

Mafra 6. Mação. Mayorga. Mertola 34. Messejana 21. Miranda 79.

De Lisboa a

Moita 3. Moncorvo 67. Monsanto. Monte-mór o Novo 15. Monte-mór o Velho 36. Moura 30. Mourão 26. Mugem 12.

Nazareth 20. Niza 16.

Obidos 14. Oeiras 3. Olivença 34. Ourem 25. Ourique 25. Ota 11.

Palmella 5. Pampilhosa. Pederneira 18. Pégões 8. Pedrogão pequeno 32. Penamacor 50. Peniche 12. Perucha 25. Pernes 18. Pias. Pinhel 55. Pombal 28. Portalegre 32. Porto 52. Porto de Mós 19. Povos 7. Punhete 21.

Rabaçal 30. Rates. Redinha 28. Redondo.

Salvaterra de Magos 10. Sampayo. Sandomil. Santarem 14. Santiago de Cacem 22. Sardoal 24. Serpa 30. Setubal 6. Silveiras 13. Silves 50. Sines 20. Sobral 6. Soure 30.

Tagarro 12. Tancos 20. Tarouca 54. Tavira 50. Tentugal 35. Thomar 22. Tibães. Torrão 18. Torres Novas 19. Torres Vedras 7. Trancoso 55.

Vallada 12. Valladares 76. Valença do Minho 70. Valença da Beira. Varatojo 7. Viana do Alemtejo 21. Viana do Minho 62. Vendas Novas 11. Vidigueira 25. Villa do Conde 37. Vialonga 3. Villa Flor. Villa Franca 6. Villa Nova da Cerveira 76. Villa Real 71. Villa Verde 9. Villa Viçosa 26 e m. Villar Maior. Vimieiro 21. Viseu 47. Ulme 16. Unhão. Unhos 2.

FIM

Hic labor extremus, longarum hæc meta viarum.
Hinc me digressum vestris Deus appulit oris.
(Æneid, l. 3.)

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NO ARMAZEM DE LIVROS, RUA AUREA, 132—134

Panorama, collecção completa de 15 vol. 15000 réis, encadernados..... 20000
Illustração Luso-Brazileira, 3 vol. completos, 7200 réis, encadernados..... 8400
Elucidario das palavras, termos e frases, por Santa Roza de Viterbo, 2 vol in fol. a 2 col.. 4000
Chronica da Companhia de Jesus, pelo padre Simão de Vasconcellos, 2 vol em 4.°... 1800
Trabalhos de Jesus, por Fr. Thomé de Jesus, 2 vol. em 4.°..... 1800
Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. em 4.°..... 7200
Historia Insulana, pelo padre Antonio Cordeiro, 2 vol. em 4.°..... 2000
Origem e Ortografia da lingua portugueza, por Duarte Nunes do Leão, 1 vol..... 500
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, 3 vol..... 720
Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos..... 1000
Mappa de Portugal, por j. Baptista de Castro, continuado até o presente, 4 vol. em 4.°.. 3600
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens, por Josefiine Neuville, 2 vol. 1200
Diccionario aristocratico que contém todos os Alvarás de fidalgos da casa real, etc etc. extrahido dos livros do registo das mercês existentes no Archivo publico do Rio de Janeiro desde 1808 até setembro de 1822, 1 vol. 8.° 400
A Conquista de Lisboa, romance historico, por Carlos Pinto d'Almeida..... 500
A Cruz pelas riquezas, romance historico, orginal, pelo mesmo..... 500

M. M. BARBOSA DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas, e annotadas por I. F da Silva, e precedidas d'um estudo biographico sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol..... 4320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2880

LIMA LEITÃO

Naturesa das cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para versão portugueza, 2 vol. 8.°.... 800
Medicina Legal por Sedillot. 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.° fr... 1200

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol.... 1800

REBELLO DA SILVA

Fastos da igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado 2 vol..... 960
A Mocidade de D. João V c. d. em 5 actos 480
Othello ou o mouro de Veneza, d. em 5 actos, imitação, 1 vol. 8.° fr..... 300

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos 360
Homem de ouro, d. em 3 actos..... 300
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos, 400
Pedro, d. em 5 actos, 2.ª edição, 1. vol. 400
A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos.... 480
Alva estrella, d em 5. actos..... 300
Canticos, 1 vol. 8.° fr..... 720

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 720
Lições para maridos, c. em 3 actos..... 400

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da rainha D. Maria II (completa) 3 vol. in fol..... 4500
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos, 7 quadros..... 300
Minhas Lembranças, poesias..... 500

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas, 3 vol. com 126 estampas lithographadas..... 3000

F. SOARES FRANCO

Sermões, 6 vol. 8.° contendo 74 sermões 2880
Memorias da mocidade.—I—Rosas e espinhos do amor. Chronicas de Coimbra. Dever ou crime.—II—As duas costureiras. Um casamento á congreve.—2 vol. 1000
Folhas da vida. Poesias. 1 vol..... 600

ANTONIO DE SERPA

Dallila, d. em 4 actos e 6 quadros..... 400
Casamento e despacho, c. em 3 actos... 320

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 4.ª edição correcta 1 vol..... 600
Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos..... 360
Como se sobe ao poder, c. em 3 actos.. 400
O sapateiro d'escada, c. em 1 acto..... 160
A domadora de ferns, c. em 1 acto..... 160

A. CEZAR DE LAGERDA

Um risco, c. em 2 actos..... 160

Scenas de familia, c. em 2 actos..... 320
A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240
A Probidade, c. em 2 actos e um prologo. 300
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos.. 360
Uma lição de florete, c. d. em 3 actos. 180
Trabalho e honra, c. em 3 actos..... 300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos 300
Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos..... 300
O Chaile de cachemira, c. em 1 acto ... 120
E perigoso ser rico, c. em 1 acto. 160
As joias de familia, c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, um vol..... 500
Abel e Caim, c. em 3 actos..... 240
Uma victima, d. em 3 actos..... 160
Dôr e amor, c. d. em 3 actos..... 200

J. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, c. em 3 actos... 240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto 80
O homem põe, e Deus dispõe, c. em 2 actos 120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... 100
Cada louco com sua mania, c. em um acto. 100

E. BIESTER

Um quadro da vida, d. em cinco actos. 480
A Redempção, c. d. em 3 actos..... 360
Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea..... 200
As Obras de Horacio, imitação, c. 1 acto 120
Um Homem de consciencia, c. em 2 actos. 160
O maestro Favilla, d. em 3 actos..... 160

I. M. FEIJOO

Camões do Rocio, c. em 3 actos.. 300
A Torre do Corvo, d. em quatro actos.. 400
Carlos ou a familia de um avarento, c. em quatro actos..... 240
Pedro Cem, c. em cinco actos..... 300
Remechido, o guerrilheiro, d. em 3 actos. 300

ALFREDO HOGAN

As Brazileiras, c. d. em 3. actos..... 300
Ninguem julgue pelas apparencias. c. d. em 3 actos..... 360
Os dissipadores c. em 4 actos..... 400
E melhor não experimentar c. em um acto 200
Memorias do coração, romance 240
Duas mulheres da epocha, romance.... 240
A irmã da caridade c. em 2 actos..... 160
O marido no prego, c. em 1 acto..... 160
Ha não ha tolos! c. em 1 acto 80
Não desprezes sem saber, c. em 1 acto.. 120
O colono, c. d. em 3 actos..... 160
Segredos do coração, c. d. em 3 actos.. 200
O juizo do mundo, c. d. em 3 actos.... 240
A mascara social, c. d. em 3 actos..... 200
A pelle do leão, c. d. em 3 actos..... 200
A roda da fortuna, c. d. em 3 actos.... 160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 act 200
O dia 1.º de dezembro de 1640, c. heroi-em em 3 actos 200
O ultimo dia dos jesuitas em Portugal drama original historico portuguez, em 8 quadros 4 actos o um epilogo..... 200
Pilatos no Credo, c. em 1 acto..... 80

J. CESAR MACHADO E ALFREDO HOGAN

A vida em Lisboa, c. d. em 4. actos.... 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

J. C. DOS SANTOS

O segredo d'uma familia, c. em 5 actos 240
O pai prodigo, c. em 3 actos..... 200
O homem das cautellas, c. em 2. actos.. 200
Gil Braz de Santilhana, c. em 3 actos... 180
Maria ou o irmão e a irmã, c. em 3 act. 200
Uma chavena de chá, c. em 1 acto.... 120
Convido o coronel !!! c. em um acto ... 100
Herança d'um tio russo, c. em 3 actos.. 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, um vol..... 360
Os maedeiros falsos, c. em tres actos.. 160
Dois cães a um osso, c. em um acto... 100
Não envenenes tua mulher qui proquo em um acto..... 120
Scenas intimas, c. d. em um acto..... 100
Brios militares, c. d. em um acto..... 160

JOAQUIM AUGUSTO D'OLIVEIRA

A cerca de Carlos Magno, peça magica de grandes espectaculos, em 4 actos um prologo e 21 quadros, formado sobre a lenda=Les quatre fils Aymon..... 320
A costureira, c. em um acto..... 100
Erros da mocidade, comedia em 3 actos 160
A Ave do Paraiso, comedia magica em 20 quadros formando tres actos..... 360
O paraiso perdido, ou a creação e o Diluvio, peça biblica em um prologo, tres actos, e um epilogo, formando 21 quadros..... 360

MANOEL ODORICO MENDES

Opusculo Acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu author no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

JULIO CEZAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, comedia em um acto..... 140
O capitão Bitterlin, comedia em um act. 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãi dos escravos, d em 4 actos..... 200
Como se descobrem mazellas, c. em 1 acto 120
Trovoadas de maio, comedia em um act. 160
Os dois pescadores, comedia em um act. 80
Nem todo o mato é oregãos, comedia em um acto..... 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte d. em 3 actos..... 220
O Arrependimento salva, drama em 3 act. 100

Fernando, c. d. em 4 actos..... 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do sincire, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um bico em Verso, scena comica..... 60
O principe escarlate, tragedia burlesca em tres actos em verso..... 180
Um homem que tem cabeça, c. em 1 act. 100
Ultimos momentos d'um Judas, entre-acto tragico burlesco..... 80
Morte de renhaunhau, destempero tragico carnavalesco Poesia comica..... 40

JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS

O segredo d'uma esmola, c. d. em 2. act. 180
As duas paixões, c. em 1 acto...*..... 120
Deus nos livre do mulheres, c. em 1 acto ornada de coplas..... 120
Sciencia aos trambulhões, c. em 2 actos 100
Enganos e loucuras, farça lyrica em 1 acto, ornada de musica..... 120

J. A. DE MACEDO

A creação, poema, 1fol 120

ERNESTO MARECOS

As Primeiras Inspirações, poesias, 1 vol. 600
Juca, a Matumbolla—Lenda..... 160
Juramentos bem cumpridos, romance.. 600
Contos e recordações, 1 vol..... 500
As confidencias..... 400
Savitri, lenda indiana..... 140

CASEMIRO D'ABREU

As Primaveras, poesias, um vol. contendo todas as obras d'este auctor..... 400
O Camões e o Jau, scena dram..... 100

MANOEL MARIA PORTELLA

Ensaios poeticos, 1 vol. (poesias)..... 400

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Cirurgia e Medicina, um vol..... 380
Addições ao Manual do Tabellião, um vol. 200
Mentor da mocidade..... 120
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França 120
Anjo, mulher e Demonio, c. d. em 2 act. 200
Amor e amizade, c. em um acto..... 80
Amor virgem n'uma peccadora, c. 1 acto 160
A Cruz, drama 5 actos..... 320
29 ou honra e gloria, c. de costumes militares, em tres actos..... 360
Tudo no mundo é comedia, c. em 3 act. 200
A conversão d'um agiota, c. em 2 actos.. 160
Graziella, d. em um acto..... 100
Os dois irmãos, d. em 4. actos..... 200
Guia do povo para escolher uma medicina, um vol..... 400
Dois contos por dia, um acto..... 160
O prestigiador 2 actos..... 300
O amor e o dever, 2 actos..... 240
A vingança, c. um acto..... 80
Que é o destino, c. um acto 100

Duvidas do coração, c. um acto..... 120
Trevas e luz, c. dois actos..... 300
Honra e deshonra, c. um acto..... 160
Os dois proscriptos ou a Restauração de Portugal em 1640..... 360
Amor e dever (do Rio de Janeiro)..... 200
Vicio em doutrina, c. em 4 actos..... 300

OBRAS QUE TEM DE SORTIMENTO

Um livro por C. C. Branco, 1 vol..... 360
Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes por Peixoto 1 vol 300
Reportorio comentado sobre os foraes e doações regias por Ferrão 2 vol 2000
Elementos da arte militar por Camara Leme 1 vol..... 1500
Exceptos historicos e collecção dos documentos relativos á guerra denominada da Peninsula por Chavy 1.° parto ... 1200
Catalogo dos manuscriptos da Bibliotcca Publica Eborense por Rivara 1 vol in fol. 1500
Relatorio sobre a fabricação e administração da polvora por conta do Estado 1 vol com um mappa..... 500
O defensor da religião em disputas com os incredulos 6 vol..... 1200
Medicina e Cirurgia Clinica positiva por Manoel da Rocha 1 vol..... 360
Justa acclamação do serenissimo rei de Portugal D. João 4.° pelo Dr. Francisco Vellasco de Gouvêa 1 vol..... 720
Coróa poctica no consorcio de D. Luiz e D. Maria de Saboya 200
Viagem da corveta D. João 1.° á capital do Japão por Marjues..... 500
O verme roedor das sociedades modernas pelo Padre Gaume..... 360
Nem um nem outro. Romance 3 vol.... 720
Concelho dos dez em Veneza ou a machina infernal com estampas..... 400
Paraphrase da epistola aos Pisões denominada arte poetica de Horacio annotada por D Gastão da Camara Coutinho.. 300
Julio Gerard. Caça ao leão com estampas 700
Poesias de F. E. Lione..... 240
Historia dos 3 dias de Fevereiro de 1848 por Peletan..... 180
Tentativas poeticas 300
Ao partido liberal, por A. Herculano... 250
O rei do mundo, ou historia do dinheiro, por Emilio Souvestre 3 vol..... 1200
Moral universal ou deveres do homem, pelo Barão d'Holbach 3 vol..... 1380
Resoluções do conselho d'estado, por José Silvestre Ribeiro, 3 col 1 a 9 e 12 a 16 e uma col. vol. 9, 12 a 16 cada vol. 500
Jeronymo Pathourot em procura d'uma posição social 500
O monge de Levis, traduzido do francez por Manoel Martins da Cunha..... 400
Formulario dos escrivães de primeira instancia, por Sousa Duarte..... 500
Dito dos tabelliães, pelo mesmo..... 500

DP 520 C3 1870

Castro, João Baptista de
Mappa de Portugal
3. ed. rev. e accrescentada

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 07 07 07 006 8